

LEON URIS

TRINDADE



O ROMANCE DA IRLANDA

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais*

***lutando por dinheiro e poder, então  
nossa sociedade poderá enfim evoluir a  
um novo nível."***





LEON  
URIS

TRINDADE  
O ROMANCE DA IRLANDA

Tradução de Pinheiro de Lemos

2ª EDIÇÃO



**EDITORA RECORD**





**IRLANDA**  
PROVÍNCIAS E CONDADOS  
ANTES DE 1922





# IRLANDA

OCEANO ATLÂNTICO

CANAL DO NORTE

MAR DA IRLANDA

CANAL DE S. JORGE



**Primeira Parte**

**- Ballyutogue -**



**1**

## **MAIO DE 1885**

Lembro-me com a maior clareza do primeiro grande choque de minha vida. Ouvei um grito na casa vizinha e corri para lá, onde tudo me era conhecido como em minha casa. Os meninos da família Larkin, Conor, Liam e Brigid, rodeavam um canto,

onde num colchão de galhos de abeto se achava deitado o velho Kilty. As crianças estavam boquiabertas de susto.

Aproximei-me de Conor, que disse: — Vovô morreu.

Finola, a mãe das crianças, que estava com uma gravidez de oito meses, ajoelhou-se com a cabeça encostada ao coração do velho. Era a primeira vez que eu via uma pessoa morta. Era um morto ossudo e cor de cera, deitado com a boca aberta sem um só dente e os olhos vidrados voltados para mim. Olhei para ele, também, até que senti os olhos quase a saltar das órbitas.

Foi esse um terrível momento de revelação para mim. Como as outras crianças, eu pensava que o velho Kilty possuía os segredos dos seres

sobrenaturais e viveria para sempre. Essa ideia era reforçada pelo fato de que ele era o único sobrevivente da Grande Fome, além de ser um herói do Levante dos Fenianos de 67, os quais tinham sido presos e tremendamente torturados pelo que haviam feito.

Eu tinha onze anos nessa ocasião. Kilty fora caduco desde que eu o conhecia. Vivia encolhido ao pé do fogo, murmurando coisas que ninguém entendia. Era um velho querido, mais velho do que o tempo, mas ninguém jamais pensara a sério na possibilidade de que ele viesse a morrer.

A pequena Brigid começou a chorar.

— Silêncio! — disse energicamente a mãe. — Só podem chorar depois que o avô estiver bem preparado. A casa está

cercada de maus espíritos, que esperam o momento de atacar, e os choros darão a eles coragem de entrar e tirar de nós a alma de Kilty.

Finola levantou-se com alguma dificuldade e entrou logo numa atividade febril. Abriu todas as portas e janelas para que os maus espíritos pudessem sair e apressou-se em cobrir o espelho para esconder a imagem do morto.

— Liam, você tem de ir espalhar a notícia. Vá até ao estábulo e aos cortiços e diga ao gado e às abelhas que Kilty Larkin morreu. Se não fizer isso, os espíritos maus levarão a alma dele.

Torceu as mãos e disse num lamento: — Oh, Kilty, que bom homem você era!

Depois, voltou-se para mim: — Seamus!

— Pronto — disse eu.

— Vá chamar sua mãe. Vou precisar das mãos fortes dela para me ajudar a preparar o velho. Conor!

Conor não respondeu. Estava olhando para o avô. A mãe o sacudiu pelos ombros.

— Pronto, Mamãe.

— Vá até à turfeira chamar seu pai.

Brigid tinha caído de joelhos e estava fazendo repetidamente o sinal da cruz.

— Levante-se e venha-me ajudar, Brigid — ordenou Finola, porque cuidar dos cadáveres era um serviço para mulheres.

Liam foi o primeiro que saiu na direção do estábulo. Vi-o pela meia-porta falando com as vacas dos Larkins, enquanto Conor recuava lentamente, sem

tirar os olhos do avô.

Ao chegarmos lá fora, bati-lhe de leve no braço.

— Se você passar antes por minha casa, irei com você até à turfeira chamar seu pai.

Pulamos o muro de pedra que separa nossas casas. Minha mãe, Mairead O'Neill, como todas as mães de Ballyutogue, ficará para sempre em nossa lembrança curvada eternamente sobre o fogão. Quando entramos, ela estava levantando a grande panela de cobre por meio de uma corrente com roldana sobre o fogo de turfa.

— Bom dia, Sra. O'Neill — disse Conor. — Acho que, infelizmente, estamos com um problema.

— Kilty Larkin morreu — disse eu.

— Foi mesmo? — murmurou minha mãe e se benzeu.

— E é natural que a Sra. Larkin esteja precisando de sua ajuda para prepará-lo.

Minha mãe já tinha tirado o avental.

— Conor, você vai dormir aqui esta noite, com seu irmão e sua irmã — disse ela.

— Eu estava querendo ficar no velório — disse ele.

— Isso é com seu pai e com sua mãe. Vocês estão levando sal nos bolsos?

— Oh! A confusão foi tanta que nós nos esquecemos.

Mamãe foi até o grande pote de sal que ficava ao lado do fogão e tirou uma pitada de sal para meu bolso, outra para o bolso de Conor e uma para ela, a fim de

afastar os maus espíritos.

— Vou até à turfeira com Conor — disse eu, saindo atrás dele.

— Não se esqueçam de contar tudo às abelhas e às vacas — gritou ela.

— Liam já está tratando disso.

Nossa aldeia começava a uma elevação de noventa metros acima do estuário do Foyle e nossos campos subiam para as montanhas por mais cento e cinquenta metros e eram todos divididos em pequenos lotes.

Alguns dos lotes eram pouco maiores que nosso melhor quarto e poucas pessoas podiam saber ao certo qual era o que pertencia a cada qual. Cada lote era cercado por um muro e os muros formavam uma verdadeira teia de aranha de pedra na encosta.

Conor corria como se fosse empurrado pelo vento. Só foi parar e tomar fôlego depois que pulou o derradeiro muro. Sentou-se suarento, trêmulo e querendo chorar.

— Vovô — murmurou ele com a voz incerta.

Conor Larkin tinha doze anos, e era meu melhor amigo e meu ídolo.

Por isso, eu queria achar palavras de consolo para dizer, mas não pude pensar em nada.

Desde que me entendi por gente, minha vida tinha sido relacionada com os Larkins. Eu era o caçula de minha família, o fundo da panela.

Minhas irmãs eram todas crescidas e já estavam casadas. Eamon, meu irmão mais velho, tinha emigrado para os

Estados Unidos e era bombeiro em Baltimore. O outro irmão, Colm, tinha dezenove anos, sendo oito anos mais velho do que eu quando Kilty morreu.

Conor e eu esperamos um pouco, porque raramente o tempo se mostrava tão bonito e a vista tão esplêndida como naquele dia.

Ballyutogue, nome que significa “lugar de dificuldades”, fica situada grandiosamente no lado leste de Inishowen, vários quilômetros ao norte de Derry, no condado de Donegal.

De onde estávamos, podíamos ver tudo... todas as terras roubadas que então pertenciam a Arthur Hubble, o Conde de Foyle. A vista cintilava tanto naquele dia que podíamos avistar tudo do estuário do Foyle ao condado de Derry e seguir a

costa para cima e para baixo de Muff até Merville. Logo abaixo de nós, à beira do estuário ficava a vila e dos dois lados da igreja via-se a longa simetria retangular dos verdes campos protestantes, cada um deles com uma bem construída casa de pedra de dois andares e teto de ardósia.

A Aldeia Alta, onde nós, católicos, vivíamos, ficava na “charneca”, com o seu louco labirinto de muros de pedra como uma colcha de retalhos a subir para as ásperas montanhas.

Conor mordia os lábios para conter as lágrimas.

— Acha que ele já está no purgatório? — perguntei.

Conor sacudiu a cabeça para dizer que não sabia. Depois, cavou a terra e arrancou uma pedra que jogou ladeira

abaixo. Joguei também uma pedra, porque fazia em geral tudo o que Conor fazia.

— Vamos, Pequeno — disse ele e virou-se para continuar pela ladeira na direção das turfeiras da montanha.

Era quase uma hora quando chegamos. O gerente da turfeira nos encaminhou para o lugar onde Tomas Larkin e meu pai, Fergus O'Neill, estavam empilhando turfa. Nesse ponto, era já bem funda a escavação da turfeira. Turmas de quatro homens trabalhavam lá dentro com a precisão de máquinas, cavando e cortando os tijolos que eram içados por meio de roldanas e amontoados até ficarem da altura de pequenas casas, para secar. Quando a água acabava de escorrer dos tijolos semanas depois, tinham eles perdido grande parte do seu peso e

estavam prontos para o fogo. Os tijolos secos eram carregados numa fila de carros de burros e levados para um depósito na vila.

Nossa gente ganhava quinze por cento da turfa em paga do trabalho na turfeira e o resto ia para Derry, a fim de alimentar as fornalhas das fábricas do Conde, ou era vendido para as fazendas, as oficinas e as casas dos protestantes. Conor já trabalhava de vez em quando na turfeira e eu dentro de um ano mais ou menos estaria trabalhando ao lado dele durante a temporada de empilhamento da turfa seca em maio.

Tomas Larkin não foi difícil de encontrar, pois era bem mais alto de que meu pai, que cavava ao lado dele. Era uma bela estampa de homem.

Logo que viu Conor, largou as ferramentas e fez com as mãos um largo aceno. Sentiu imediatamente, porém, a agitação do filho.

— Vovô — gritou Conor, correndo para os braços do pai.

— Sim, sim — disse Larkin, suspirando profundamente.

Sentou-se no chão e fez Conor sentar-se no seu colo. Eu invejava muito os Larkins. Tinha muito amor por meu pai, é claro, por minha mãe, por Colm e por minhas irmãs, mas não me lembrava de jamais ter sido abraçado por nenhum deles. As famílias de Ballyutogue não eram muito dadas a exteriorização de sentimentos, exceto os Larkins. Nisso eram diferentes.

A notícia se espalhou pela turfeira

quase num sussurro e, uma por uma, as ferramentas foram depositadas no chão e os homens passaram diante de Tomas e de Conor tirando os bonés, depois do que começaram a descer a montanha.

A caminhada de volta foi triste e silenciosa. Conor segurava com força à mão do pai e ambos iam com os dentes cerrados. Decorreu um tempo enorme até chegarmos à encruzilhada onde Conor e eu esperávamos todos os dias pela manhã a entrega do leite. Ali, a noventa metros de altura, começava a Aldeia Alta com a estrada principal que descia para a vila de Ballyutogue e o estuário. Lá embaixo, havia uma vila do Ulster protestante, bem arrumada, quadrada e sólida, com alguns negociantes, usinas de linho e de farinha de trigo, a fábrica de laticínio e as

residências. Na praça, o “diamond”, no centro da vila, o quartel da Real Polícia Irlandesa e as repartições da Coroa atestavam a onipresença de Sua Majestade Britânica. Todas aquelas terras lá embaixo, a vila e as granjas protestantes, tinham sido terras dos O’Neills, apropriadas pelos antepassados de Lorde Hubble e povoadas por escoceses importados ou distribuídas como prêmios aos soldados do exército de Oliver Cromwell.

Na encruzilhada, ficava o único negociante católico próspero, Dooley McCluskey, proprietário de um bar e de uma pequena hospedaria. Os protestantes eram intransigentes na defesa da temperança e não sujariam as mãos na exploração de um estabelecimento dessa

ordem. Entretanto, o bar de McCluskey estava fora das vistas dos seus iracundos pregadores e das esposas presbiterianas de lábios finos e contraídos. E nós já tínhamos visto presbiterianos partidários da temperança tão bêbados que podiam ser pendurados para dormir na corda de roupa.

Quase, tudo que os católicos bebiam eram *poteen*, uma espécie de uísque destilado em alambiques ilegais que podiam ser quebrados e removidos em questão de minutos antes que chegassem os agentes fiscais e a Real Polícia Irlandesa. A distribuição era feita numa taverna escondida num estábulo convertido dentro da nossa aldeia. A tradição em Ballyutogue e muitos outros lugares de Inishowen era que a fabricação

e a venda de *poteen* eram reservadas às viúvas que não tinham outros meios de vida.

Defronte de McCluskey, do outro lado da estrada, ficava o nosso segundo e poderoso estabelecimento, a igreja de S. Colombano, dedicada ao santo fundador de Derry e missionário no outro lado do mar, que convertera ao cristianismo havia séculos milhares de pagãos ingleses e escoceses. Cerca de metade dos lugares santos em Donegal e Derry tinha o nome dele.

Quem olhava para S. Colombano pensava que nós estávamos no auge da prosperidade. Ora, S. Colombano tinha uma vez e meia o tamanho e duas vezes mais a beleza das Casas do Senhor protestantes da vila. Para quem passava

pelas nossas casas sombrias, parecia uma antevisão do paraíso. Era de admirar como e por que gente que se alimentava de batatas e arenque salgado pudera levantar tão grandioso monumento ao Onipotente.

Durante algumas gerações, tinham-nos proibido de render culto a Deus à nossa maneira tradicional. Leis penais decretadas pelos ingleses nos forçavam a ouvir missa secretamente em grutas ou em lugares ocultos nas alturas. Quando a religião foi emancipada no começo do século XIX, a Madre Igreja atirou-se a uma febre de construção, embora isso mantivesse os camponeses num estado de negra pobreza.

O Padre Lynch (Deus abençoe o condado de Tipperary, que nos deu o

padre) administrava a freguesia como um anjo vingador. A primeira coisa que aprendi, depois do nome de minha mãe e de meu pai, foi o terrível poder que tinha o-padre. Era total, pois abrangia a infalibilidade sacerdotal e a posse dos nossos pensamentos mais pessoais. Nada podia ser escondido sob pena de uma interminável série de castigos. Tínhamos tanta necessidade de um homem letrado, que soubesse pelo menos ler e escrever, quanto mais de quem representasse um caminho místico para o além, que o povo da aldeia lhe atribuiu a posição de um barão soberano.

Para o bem ou para o mal, o Padre Lynch nos dava um Vago sonho a que nos podíamos apegar, para aliviar o sofrimento de nossa triste existência.

Descobri o significado do medo ao receber o peso de sua cólera por desobedecer às regras de sua autocracia. O sortimento de coisas censuráveis do ponto de vista sagrado de que dispunha o Padre Lynch era insondável, completamente inesgotável.

Kilty Larkin, o morto, fora excomungado por haver participado do Levante dos Fenianos, em 1867. Em vista disso, seu filho Tomas raramente punha o pé na igreja de S. Colombano. Era preciso ser um homem poderoso para desafiar a Igreja em nossa existência fechada, mas ele era poderoso e, mais ainda, parecia um chefe sem coroa. O padre não gostava disso porque não podia haver dois chefes na mesma paróquia.

Posso dizer que a missa dos domingos

era um espetáculo lamentável.

Mais de metade dos homens da aldeia ficavam encostados à parede de pedra defronte da igreja como gado prestes a ser tangido pela rampa do matadouro, esperando aflitos um perdão que nunca vinha.

No último momento possível, entravam arrastando-se, como uma fila de cachorros surrados, e enchiam os últimos dois ou três bancos. Caíam de joelhos, benziam-se, batiam nos peitos com o intuito único de expiação por mais uma semana. Transpiravam em grupo, odiando a tarefa que lhes era imposta, mas apostados em não criar caso com seus vizinhos ou com o padre.

Dooley McCluskey nunca deixava de chegar ao seu estabelecimento à frente de

todos depois da missa, para esperar os homens que chegavam de roldão, desesperadamente necessitados de um gole.

Descendo da turfeira e dos pastos comuns, tínhamos de passar pela igreja. Houve um grande silêncio, pois tentamos passar furtivamente, esperando que o padre estivesse ocupado com um pouco de meditação solitária. Alguns homens pularam o muro, escondendo-se atrás dele para passarem agachados pelas valas. Poucos puderam passar até que o novo coadjutor, Padre Cluny, entrasse em cena.

De uma posição estratégica que impedia a fuga, o Padre Lynch fez sinal ao Padre Cluny, que então começou a tocar as ave-marias... *dong, dong, dong...* e nós caímos de joelhos como árvores

derrubadas, enquanto o Padre Lynch fazia os fugitivos se mostrarem como um bando de codornas... *dong, dong, dong...* e o Padre Lynch apareceu como um caniço fino, fechado e carrancudo, a resmungar... “o Anjo do Senhor anunciou a Maria” ... e nós respondemos num murmúrio inaudível... ”E ela concebeu por obra e graça do Espírito Santo” ”...Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois entre as mulheres...”

Todos olharam de esguelha com o coração abater e com a boca seca como o chão de uma gaiola de passarinho, enquanto Tomas Larkin em desafio se encaminhava para o bar de Dooley McCluskey. Dizia-se que McCluskey era tão forreta que preferia descascar uma batata sem tirá-la do bolso a dar um só

pedaço a outra pessoa. Apesar disso, achava conveniente viver às boas com Tom Larkin e oferecer-lhe um gole à noite, porque Tomas podia acabar com as brigas e fazer com que lhe pagassem os prejuízos muito melhor que a polícia.

Na noite da morte de Kilty, os homens seguiram para a aldeia depois de outra batalha perdida na hora das ave-marias. Tomas emergiu do bar de McCluskey, em companhia de Conor, quando eu estava limpando os joelhos. O Padre Cluny, recém-saído do seminário de Maynooth, no condado de Kildare, subiu nervosamente o caminho da igreja em direção a nós. Era razoavelmente simpático para um padre e sua presença significativa de que tínhamos alguém que nos ensinasse a ler e escrever.

Era um pouco pesado, já muito corpulento em consequência de sua alimentação de alguns quilos de batatas por dia e de muito pouco exercício físico, e já então dera para imitar alguns gestos do Padre Lynch.

Aproximou-se de nós com as mãos nos bolsos da batina e nos cumprimentou com uma espécie de piedoso gesto papal.

— Eu e o Padre Lynch sentimos muito o que aconteceu.

— Muito agradecido — respondeu Tomas.

— Podemos conversar um pouco?

— Pois não.

O Padre Cluny arqueou as sobrancelhas para dar a entender que a conversa era particular e Tomas indicou da mesma maneira que não ia mandar-nos

embora. O padre pareceu ter perdido o ânimo de repente e procurou tomar fôlego com uma série de profundos suspiros.

— Há uma coisa que tem de saber. Nos seus últimos momentos de vida, seu amado pai teve súbitas apreensões. Desejou cancelar a excomunhão da Santa Madre Igreja e procurou absolvição.

— Kilty? Absolvição? Não está no seu juízo perfeito, Padre.

— Não, estou-lhe dizendo a verdade. O Padre Lynch oficiou pessoalmente o ritual há menos de uma semana.

— Pode falar, mas eu sei que Kilty preferiria ter tomado veneno de cobra. Por que o Padre Lynch não veio ele mesmo dizer-me essa blasfêmia?

O coadjutor começou a suar por todos

os poros.

— Sabendo das relações entre os dois, achei melhor que eu mesmo lhe desse a notícia.

— Mas eu não acredito — disse Tomas, virando-se e começando a andar, enquanto o Padre Cluny ficava a gesticular e a murmurar coisas, — É verdade, Papai — disse então Conor.

Tomas interrompeu os passos e virou-se, espantado.

— É verdade — tornou a dizer Conor.

— Agora, acho que está dizendo a verdade.

— Para o bem da aldeia e de sua família e em sinal de respeito pelos mortos, peço que não intervenha quando trouxermos Kilty para a igreja e celebrarmos uma missa de corpo presente.

— Missa de corpo presente para Kilty?

— Ele voltou para a Igreja com livre e espontânea vontade e seus desejos devem ser respeitados.

— Mas que é que me está dizendo? Como uma coisa dessa podia ter acontecido?

— Quando fui dar aulas aos garotos em sua casa, fiquei conhecendo Kilty. Depois das aulas, ficava conversando com ele, conversando só, veja bem, sem nada de suspeito. Ao contrário, isso parecia atenuar a aflição em que ele estava. Há uma semana, sentindo que o fim estava próximo, ele experimentou uma necessidade invencível de confessar-se...

— Não estou acreditando em nada disso, Padre Cluny. O senhor foi mandado

numa missão definida por aquela dor de cabeça de homem que é o Padre Lynch e, sem dúvida, com as instigações e as bênçãos de minha mulher... que encheu o pobre velho de medo...

— Deus é meu juiz — murmurou o Padre Cluny, ficando muito vermelho e recuando um pouco. — Deus é meu juiz. Pode dizer o que quiser, mas meu dever é claro quando um homem suplica absolvição.

Depois, era uma alma imortal que eu estava procurando salvar.

— Eu sei — murmurou Tomas. — Tudo isso é uma grande sujeira...

alfinetar o velho com insinuações do inferno e com todo o seu santo palavreado até roubar o homem da única dignidade que ainda lhe restava.

— Não foi assim, não, Papai — disse Conor, intervindo com energia.

— Houve momentos até o fim em que Vovô viu tudo com muita clareza.

Disse a ele que o senhor ficaria furioso, mas ele insistiu na absolvição — “Conor”, disse ele, “não é muito provável, mas pode haver uma vida depois da morte e eu não quero que ela seja como a vida que eu tive antes de morrer”. Vovô disse que não queria arriscar-se a sofrer outra vez como tinha sofrido na Terra.

— Por que você não me disse nada? Metendo-se numa danada conspiração às minhas costas!

— Ora, Papai, nós sabíamos que o senhor tentaria impedir tudo.

— E impediria mesmo! Já se viu

aproveitarem-se de um velho doente e caduco.

— Caduco ou não, Vovô tinha direito às suas últimas vontades.

— E você ficou contra seu pai!

— Não, Papai. Fiquei do lado de Kilty.

Houve um silêncio apavorante. Já disse que Tomas Larkin era excepcionalmente alto. Nunca esquecerei o olhar que ele lançou sucessivamente a cada um de nós, O que havia em seu rosto não era raiva, nem ódio, mas absoluto desprezo. Era o desprezo que um homem forte pode ter pelos fracos. Deixou-nos e começou a subir a ladeira, enquanto Conor corria atrás dele.

— Papai!

— Pode ir para casa, Conor — disse

ele calmamente.

— Papai!

— Vá para casa, Conor. Preciso ficar sozinho.

## 2

Kilty Larkin estava muito bem preparado na melhor sala. Não havia no condado de Donegal ninguém que se comparasse a minha mãe, Mairead, para lavar, barbear e preparar um defunto para o velório. Ela era, ainda, á parteira da Aldeia Alta, tendo assistido o nascimento de todos os filhos dos Larkins. Parecia passar metade de suas noites trazendo gente nova ao mundo. Antes que o médico protestante chegasse à vila, ela era muitas vezes chamada para casas protestantes a fim de ajudar partos difíceis.

Quando chegamos à casa, a cama de Kilty estava sendo queimada no quintal como uma providência a mais para afastar

os espíritos maus.

Estendido dentro da casa numa tábua colocada sobre quatro cadeiras, fora coberto piedosamente com um bom lençol de linho, à exceção do rosto, das mãos e dos dois dedões do pé, que estavam amarrados juntos para que ele não voltasse como alma penada. Algumas velas tremiam perto da cabeça e um par novo de botas estava junto aos seus pés para ajudá-lo a caminhar pelo purgatório. Os olhos haviam sido fechados e descansavam.

Tinha no peito um crucifixo novo de pedra lavrada e entre os seus dedos viam-se as contas de um terço.

Nunca se vira Kilty rezar em vida, mas ele certamente parecia o próprio S. Colombano, assim estendido e belo.

As mulheres da aldeia e os velhos que não podiam mais trabalhar foram os primeiros a chegar e Finola recebeu-os à porta.

— Sinto muito a sua tristeza.

— É uma grande perda.

— Talvez ele estivesse morto há mais de um ano e o diabo não soubesse.

— Como vai, querida?

— Vou rompendo— dizia Finola.

Aproximando-se do defunto, as pessoas proferiam exclamações diante do bom trabalho que minha mãe e Finola tinham feito.

— Nunca o vi tão parecido consigo mesmo!

Ajoelhavam-se, murmuravam uma breve prece e depois passavam para os cantos da sala. Brigid enchera dezenas de

pequenos cachimbos de barro com um fumo que tinha qualidades sobrenaturais numa ocasião como aquela e os oferecia juntamente com um vaso de rapé para apressar a viagem e a ressurreição de Kilty.

Tinham sido mortos três carneiros e um imenso ensopado fervia na grande panela. Doze formas de pão de batata estavam no forno. Nossa cozinha tinha também entrado em ação, pois ia haver muita gente.

Havia muitas comidas que evitávamos porque faziam os mais velhos lembrarem-se de sua pobreza durante a Grande Fome, principalmente o queijo, mas num velório havia sempre queijo, servido com fartura em tigelas de madeira. Finola, a correr, atendia aos que chegavam, levava-os até o

fogo e dirigia-se aos convidados, instando para que comessem.

Quando se serviam de queijo, as pessoas diziam: — Comeremos esta comida com uma colher de pesar.

Todos os lavradores da montanha viviam em várias fases de pobreza, mas os Larkins, graças à sua coragem e a homens mais fortes, tinham tido sempre mais do que os outros. Pelos nossos padrões, a riqueza se media pela quantidade de manteiga que a pessoa podia passar no pão. Havia uma pequena turfeira logo depois da primeira fila de muros de pedra, onde alguns subterrâneos tinham sido construídos para armazenar manteiga e impedi-la de ficar rançosa. Liam chegou com dois grandes baldes de manteiga, mostrando que não se

poupariam despesas naquele velório.

Finola tinha o dom mágico de bater manteiga, de acordo exatamente com as suas especificações, e o seu segredo de adicionar o leite desnatado para não deixar que a manteiga embolorasse era considerado um segredo que lhe fora dado por seres sobrenaturais. A manteiga dela era veludosa, rica, cremosa, macia, abundante e invariavelmente lisa.

Ora, ao lado do fato que já revelei de ser Conor meu melhor amigo é meu ídolo, um dos prêmios de andar pela casa dos Larkins era todos os dias uma fatia de pão com manteiga.

— Não tenha medo da manteiga — dizia Finola e passara tanta manteiga que havia mais manteiga do que pão. A quantidade era maior do que a da

argamassa que os protestantes colocavam entre as pedras de suas casas.

Vendo Liam entrar com os dois enormes baldes, pensei que a hora era boa para ajoelhar-me aos pés de Kilty e rezar algumas ave-marias. No momento em que acabei as minhas preces, um burro pertencente às viúvas que faziam *poteen* foi levado até à sala, com cestos cheios de garrafas da bebida. O ensopado estava engrossando até o ponto e a sala nadava dentro da fumaça dos cachimbos, quando quem chegou senão Dooley McCluskey, o lendário pão-duro, ainda de avental e chapéu-coco, com os olhos sempre apertados de tanto vigiar no escuro para que ninguém deixasse de pagar um drinque. E nem queiram saber! Dooley McCluskey chegou com uma dúzia de

garrafas de uísque, tudo legal, com os selos do governo e tudo mais, o que, vindo daquele homem de mão fechada, era uma das maiores homenagens que se podiam prestar a Kilty Larkin. Havia já tanta gente que mal se podia passar uma palhinha entre as pessoas, que transbordavam para o estábulo e o quintal.

De repente, o barulho lá fora parou e o silêncio rolou como uma onda através da casa quando Tomas Larkin apareceu. Não olhou para um lado nem para o outro e não respondeu às condolências que murmuravam à sua passagem. Os visitantes se separaram como as águas bíblicas do Dilúvio quando ele se aproximou do pai e parou ao lado dele.

Como se sabia que Kilty procurara absolvição, uma terrível tensão invadiu a

sala. Iria Tomas cair de joelhos ou quebrar tudo? Bem... ele se sentou ao lado de Kilty, pousando a mão nas mãos do pai com toda a delicadeza e todos deram um suspiro simultâneo de alívio. Conor chegou junto dele e os dois sorriam tristemente um para o outro...

— Sim— murmurou Tomas. — Sim...

Dooley McCluskey tirou o chapéu, pondo-o sobre o coração e estendeu-lhe uma garrafa de uísque, que Tomas bebeu quase pela metade de uma só vez. Depois, aceitou um cachimbo de Brigid, acariciou-lhe a cabeça e retirou-se para um canto.

A sala toda voltou a respirar.

Foi o sinal para Finola começar a lamentação. Deu um grito horrendo, que fez estremecer a sala, caiu de joelhos e

rastejou para o morto.

— Kilty, Kilty, eu sabia que você ia deixar agente, porque vi a *banshee* (\*) ontem à noite com estes meus olhos!

(\*) *Banshee*, espírito feminino que, segundo uma crença irlandesa, anuncia a morte de uma pessoa da família.

Bem, isso ajustava as coisas. Houve um murmúrio amedrontado.

— Foi mesmo?

— Onde, querida?

— Vou dizer — murmurou Finola, ainda apavorada pelo trágico acontecimento. — Eu ia para os lados do estábulo, levando comida para as galinhas, quando olhei para o velho Kilty e vi o céu escurecer como no dia em que o velho Declan O'Neill se despediu da

gente...

Houve um universal murmúrio de lembrança com numerosos sinais da cruz e uma magnética aproximação para a mulher que se lamentava.

— Já que estava tão escuro, voltei para pegar a lanterna. Depois, fiquei resfriada por um sopro gelado e tive medo de que isso fizesse algum mal ao filho que estou carregando na barriga. A lanterna se apagou e eu tentei acendê-la seis vezes; e todas elas a luz se apagou, mergulhando tudo na escuridão.

Jesus! Havia silêncio na sala, as pessoas tinham as mãos úmidas de suor e as bocas tão secas que as línguas estavam coladas aos dentes.

— Então — disse ela, gemendo — uma luz apareceu. Virei-me muito devagar

e vi uma claridade do outro lado do estábulo. Com medo de chegar mais perto, não pude ver o corpo, mas o rosto estava coberto por uma mortalha...

— Ave Maria! — disse alguém.

— Os cabelos eram compridos e pretos, misturados com madeixas vermelhas. Na mortalha havia manchas de sangue e de lágrimas.

— A *banshee* de Dooreen O'Neill! Claro! E foi a mesmíssima coisa que eu vi quando meu querido Caley morreu! — exclamou uma das viúvas que fabricavam *poteen*.

Houve uma erupção de gritos e choros, mas Finola dominou tudo com a sua voz.

— A *banshee* deu uma risada e então começou a chamar: “Kilty! Kilty!”

Kilty!” As mesmo tempo que falava, estendia as mãos para mim... De repente, desapareceu, entrando pelo chão...

— Foi mesmo o sinal!

— Kilty! — exclamou Finola. — Bondoso Kilty Larkin! Deus ama você, querido Kilty... Oh, você se afastou de nós, doce Kilty!

Chorando, ela beijou os pés do morto.

— Vovô! — exclamou Liam e logo os quatro, Finola e os três filhos, prorromperam na mais descontrolada manifestação de pesar, enquanto Tomas continuava calmamente no seu canto a beber o uísque que lhe dera McCluskey. Finola se lamentava com tal fervor que poderia fazer inveja a um trovão, agarrando o linho que cobria o corpo de Kilty e gritando numa angústia incoerente.

Liam ficou extremamente nervoso e gritou até que começou a ter convulsões. O pai tomou-o nos braços, sentou-o no seu colo e envolveu-o nos braços possantes até que as convulsões se transformaram em soluços.

Finola se lamentou até que toda a casa ficou em febre... Ela era considerada a maior carpideira de toda a costa deste de Inishowen e os seus lamentos pelos mortos eram tão vigorosos que ela era chamada para quase todos os velórios. Desde a morte dos pais, ela não tinha tido parentes próximos para lamentar durante muitos anos e se estava superando naquele momento, empenhada em mandar Kilty para o além num resplendor de glória.

Conor e Brigid logo ficaram exaustos de gritar e foram fazer companhia a Liam

no colo do pai. Finola continuou nas  
vascas da sua estranha agonia. Como eu  
era bem pequeno e o colo de Tomas bem  
grande, lá me encarapitei também.

Empolgadas pelo frenesi de Finola,  
algumas mulheres, animadas pelo *poteen*,  
entre elas minha mãe, ficaram de joelhos e  
começaram a encher a casa de mais gritos  
do que os que se ouviam de dias mil  
cabeças de gado num dia de feira em  
Derry.

O rosto de Finola estava tão branco  
quanto as paredes caiadas da casa do  
padre. Os cabelos dela estavam tão  
emaranhados como se fossem um punhado  
de algas. As lágrimas lhe corriam pelo  
rosto, pingavam do nariz e do queixo,  
descendo pelos cantos dos lábios, ao  
mesmo tempo que ela suava como se

estivesse sendo cozida na panela grande. A barriga com o filho tremia tão convulsivamente que eu cheguei a ter medo de que a criança fosse nascer aos pés do defunto.

— Vocês já viram bastante de seu primeiro velório — disse Tomas aos filhos. — Agora vão todos para a casa de Seamus e tratem de dormir.

Houve um protesto de Conor, mas Tomas imediatamente o dominou e nós fomos mandados para minha casa com ordem de não voltar.

Com meus outros irmãos ausentes, eu tinha de dividir o lugar onde dormia apenas com Colm, que ficaria acordado atrás das pequenas durante toda aquela noite. Nós tínhamos um espaço onde as galinhas dormem à noite, empoleiradas

acima de um grande colchão macio de galhos de abeto, que chegava bem para nós quatro. Acomodamo-nos bem juntos uns dos outros. Embora Conor fosse meu melhor amigo, eu procurava sempre ficar perto de Brigid quando dormíamos juntos, porque, apesar de eu ser amigo de Conor, tinha para Brigid um sentimento diferente que já naquele tempo reconhecia. Eu desconfiava de que querer ficar com o corpo encostado ao de Brigid tinha alguma relação com os pecados para os quais o Padre Lynch nos chamava a atenção. Mas eu fingia não saber que era pecado porque era muito bom. De qualquer maneira, Liam e Brigid logo pegaram no sono, mas Conor e eu ficamos conversando.

— Conor?

— Hem?

— Está dormindo?

— Não.

— Que é que está acontecendo agora?

— Não sei mesmo.

— Está com sono?

— Não. Sinto a cabeça rodar.

Ao fim de algum tempo, tornei a perguntar: — Está dormindo, Conor?

— Não.

— Você acha que seu pai ia-se zangar se nós voltássemos e nos escondêssemos no sótão de sua casa? O que eu estou pensando é que Kilty era seu único avô vivo e eu sei que ele havia de querer que você estivesse no velório dele.

Houve um silêncio de contemplação para pesar os prós e os contras.

Depois, Conor disse as palavras

mágicas: — Vamos, Pequeno.

Saímos de minha casa com o maior cuidado e pulamos o muro tão ligeiros como ladrões de gado nas terras do Conde. Mas a casa estava tão barulhenta que ninguém teria notado nossa chegada ainda que fôssemos dois touros furiosos. Conor encostou a escada à janela aberta do sótão e nós subimos, mergulhando no feno, cobrindo-nos com ele e esperando que a respiração se acalmasse.

O sótão era o dormitório dos garotos da família Larkin. Além da janela, havia duas outras aberturas que davam para a casa. Uma escada descia por um alçapão para o melhor quarto da casa. Do outro lado, uma escada descia para o estábulo onde ficavam os bois, os cavalos e as galinhas. Os Larkins faziam os porcos

dormirem do lado de fora. Do sótão, tínhamos uma vista esplêndida de tudo o que estava acontecendo.

As pesadas lamentações tinham cessado por enquanto. Os velhos estavam pelos cantos fumando os cachimbos de barro, jogando cartas ou contando histórias. Havia ainda alguns garotos presentes, que andavam de um lado para outro, botando pimenta nos bules de chá e nos jarros de fumo, provocando acessos de espirros, enquanto do lado de fora os rapazes e as moças solteiras se escondiam nas sombras para brincadeiras de beijos e casamentos simulados. Havia um grupo de mal-educados que eram muito grosseiros para procurar a companhia das moças e se divertiam jogando água uns nos outros. Bem perto do morto, um grupo de homens

mais velhos fazia uma competição de destreza. Cada um deles segurava um cabo de vassoura com as duas mãos e pulava sobre ele para a frente e para trás. Bem em frente deles, do outro lado do defunto, uma dúzia de mulheres estava de joelhos em preces e lamentações. A briga com a água tomou proporções alarmantes com o acréscimo de batatas como projéteis, as quais iam cair no chão perigosamente perto das mulheres que rezavam. Do lado de fora, Donall MacDevitt, um primo de Finola que morava na aldeia vizinha, passou um vidro de éter de mão em mão num grupo que levantava pesos e pulava um muro. Em questão de minutos, estavam todos embriagados, cambaleando loucamente, rindo como maníacos e tentando voar

como se fossem pássaros, esborrachando-se no chão sem sentir coisa alguma. Alguém apareceu com um violino, outro apanhou uma gaita de foles e quem não cantava músicas revolucionárias começou a bater os pés no ritmo, enquanto as viúvas mexiam as suas beberagens com olhares alarmantes para o lado dos solteirões. Havia conversas sobre todos os assuntos suscetíveis de conversa, que eram quase todos os assuntos imagináveis... Era sem dúvida um grande velório.

Se Kilty não estivesse morto, estaria impando de orgulho. Mas podia-se apostar que ele estava fazendo um figurão junto de S. Pedro e de todos os anjos por ter tantos amigos queridos.

— Psiu! — sussurrou Conor, dando-

me uma cotovelada. Alguém estava subindo a escada do lado de fora. Escondemo-nos no feno, deixando apenas de fora o nariz para respirar e os olhos para ver. Vimos então Billy O’Kane ajudando Bridie O’Doherty a subir. No mesmo instante, começaram a conversar e a rir e ele passou as mãos por dentro das saias dela. Eu e Conor tivemos de fazer força para não rir. Então, de repente, Billy e Bridie interromperam os seus abraços e se esconderam, pois mais alguém vinha subindo a escada. E aí apareceram Maggie O’Donnelly e meu irmão Colm. Entraram no sótão e começaram imediatamente com os seus carinhos.

Felizmente, o velório era território defeso ao Padre Lynch e ao Padre Cluny, mas era de crer que estivessem por perto,

colhendo provas de indecência, nudez, linguagem obscena, aspiração de éter, beijos ou coisa pior... e tudo mais que constava do enorme catálogo que tinham de pecados carnavais.

O Padre Lynch ia ao ponto de proibir que rapazes e moças caminhassem no mesmo lado da estrada juntos, pairando sempre como uma ave de olhos penetrantes acima de todas as reuniões, à espreita de pessoas de sexos diferentes que se tocassem, trocassem olhares, e palavra que até sabia o que as pessoas estavam pensando. O seu bastão de abrunheiro fazia muito galo nas cabeças de casais que se escondiam nas medas de feno de Ballyutogue e era desfechado como o raio de Deus.

Foi muito bom que ele não estivesse

na casa de Tomas Larkin naquela noite, pois aquele sótão estava ficando extremamente lotado. A graça que estávamos achando em tudo aquilo virou medo quando vimos as coisas que aquelas pessoas estavam fazendo umas com as outras. Quando as coisas estavam ficando mais interessantes, sucedeu um fato horrível. O

feno me fez cócegas no nariz e eu não pude deixar de dar um estrondoso espirro. Muitas cabeças se levantaram através do sótão.

— Jesus!

— Santa Mãe de Deus!

— Se disser alguma coisa ao padre matarei você, Seamus! — disse meu irmão Colm.

Foram todos saindo do sótão como se

este estivesse pegando fogo.

Mas o divertimento continuou pouco depois quando nossa atenção foi atraída para o estábulo, onde Dinny O'Kane e Bertie MacDevitt estavam lutando, com socos que lhes raspavam as cabeças acompanhados de gemidos. Os socos tinham pouca pontaria e menos força, mas as vacas estavam ficando nervosas e isso azedaria o leite durante uma semana.

Era apenas uma questão de tempo para que aquela luta ocorresse, pois havia inimizade entre os O'Kanes e os MacDevitts por traição histórica.

Aqueles dois tinham feito uma sociedade que não podia deixar de terminar em desastre. Um dia, quando sentiam disposições fraternais um pelo outro, resolveram comprar um cavalo

juntos. O animal tinha de ser comprado no princípio da primavera para arar os campos e seria vendido depois da última colheita para sustentar as famílias durante o inverno.

Por conseguinte, a compra e venda de um cavalo era um negócio muito sério.

A fim de pagar a sua metade do cavalo, Dinny O'Kane atravessou o mar e foi trabalhar nos cais de Liverpool durante a temporada de embarque de gado. Para pagar a sua parte, Bertie MacDevitt fez a colheita das plantações de Dinny.

Pensando que sabiam tudo sobre cavalos, trataram de embrulhar um cigano que vendia cavalos na feira de Carndonagh e voltaram para casa rindo a não mais poder.

Entretanto, Dinny sentiu que saíra perdendo no negócio porque tivera de ir trabalhar na Inglaterra e, pior ainda, porque Bertie teve direito a começar a usar o cavalo quando eles tiraram a sorte, jogando uma moeda para o ar.

Sabem o que aconteceu? O pangaré, mal acabou de arar as terras de Bertie, teve uma coisa e morreu do coração. Daí por diante, as complicações se tornaram monumentais.

Naquela noite, os dois cambaleavam por dentro do estábulo mais atordoados pelo *poteen* que pelos socos que trocavam. Os outros O'Kanes e MacDevitts entraram na batalha e também os O-Neills ficaram do lado dos O'Kanes e os O'Dohertys se mostraram favoráveis aos MacDevitts. A briga estava tomando

proporções épicas quando surgiu o pacificador na pessoa de Tomas Larkin. Parecia tão grande como os dois contendores juntos. Passou o braço direito pela cintura de Bertie e levantou-o do chão, enquanto com o outro braço mantinha Dinny à distância.

— Calma, calma — dizia Tomas.

Os dois combatentes continuaram a esmurrar o vento, tendo o cuidado de não atingir Tomas, ao mesmo tempo que vociferavam coisas horríveis um para o outro.

— Se vocês não pararem, vou bater as cabeças de todos — disse Tomas, pois ainda havia algumas escaramuças pelos cantos do estábulo.

— Muito bem! Vou entregar o caso ao Padre Lynch.

As hostilidades cessaram como por encanto. Tomas e os seus gladiadores sentaram-se no feno, procurando recuperar o fôlego e olhar os ferimentos.

— Aceitarei o que Tomas decidir, se você aceitar também — disse Dinny, ofegante.

— Posso aceitar, mas é só por amor à paz e em respeito à memória do morto — disse Bertie — porque você é um patife...

— Ora, vamos... — murmurou Tomas.

— Então? — perguntou Dinny.

— Então... está bem...

Tomas sacudiu a cabeça.

— Isso é um problema que só podia ser resolvido pelo Rei Salomão e me está dando voltas à cabeça. Há aí alguma coisa de beber capaz de iluminar meus pensamentos?

Tomou um estupendo gole e depois limpou a boca dando um “ah”.

— Na minha opinião, quando há uma sociedade, os lucros e os prejuízos devem ser divididos.

— Que foi que eu disse? — exclamou Dinny, aproximando o punho do nariz de Bertie.

— Calem a boca até que eu acabe — disse Tomas. — Dinny, eu lhe emprestarei meu cavalo para arar seus campos, sob a condição de que Bertie o ajude na sua colheita.

— Mas nós não temos cavalo para vender depois, Tomas!

— Isso acontece porque vocês foram para a feira com a cabeça cheia de trampolinagens, dispostos a lograr o cigano...

— Mas...

— Mas...

— Essa é minha decisão, companheiros. Se seguirem o meu conselho, vou tomar providências para que todos na aldeia contribuam com uma parte de suas colheitas para que vocês dois possam passar o inverno. Mas têm de se comprometer comigo a nunca mais terem ideia de comprar cavalos juntos, pois vocês não sabem nem onde fica a traseira de um cavalo, ainda que a bosta lhes esteja caindo aos pés.

Depois de realizar esse milagre de santo, Tomas levantou-se, fez Bertie e Dinny levantarem-se e disse que seria bom que os dois apertassem as mãos diante dele...

— Vão começar a rezar o terço.

As demonstrações comunais de pesar tinham perdido a sua energia e, estimulados pelo éter, pela bebida e pela exuberância, todos achavam que já era tempo de cair de joelhos e rezar. Finola rastejou mais uma vez para junto do corpo de Kilty e, nesse momento senti um aperto no estômago.

Isso me acontecia sempre que rezavam o terço.

Se não me for permitida a entrada no céu, será por causa do terço.

Embora eu tentasse livrar-me dos meus maus pensamentos, sabia que Deus conhecia tudo, inclusive os meus sentimentos mais secretos, sabia que as horas de maior tortura de minha vida eram as que se passavam na recitação do terço e é um fato estabelecido que ninguém

jamais rezará o terço sobre o meu cadáver.

Limpei as palhas de feno do corpo enquanto ficava de joelhos e dava suspiros de angústia.

— Você não precisa rezar, Seamus — disse Conor.

Eu estava muito apavorado e não me atrevia a deixar de rezar.

— Podemos fingir que estamos dormindo. Talvez seja melhor até voltar para sua casa.

— Não — disse eu, num gemido. — De qualquer maneira, Deus ficaria sabendo.

— Não vá vomitar — advertiu-me Conor.

Fiz o sinal da cruz.

“Creio em Deus Pai Todo-Poderoso,

Criador do Céu e da Terra. Creio em Jesus Cristo, um só seu Filho, concebido por obra e graça do Espírito Santo. Nasceu de Maria Virgem, padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos.

Foi crucificado, morto e sepultado, no terceiro dia ressurgiu dos mortos...”

Acabei esta parte antes de todos, para que pudesse ganhar um pouco de fôlego. Lá embaixo, as velas lutaram por um último alento de vida, estendendo sombras loucas no rosto gasto e lustroso de Kilty Larkin. Lá fora, o vento vinha do mar e passava de tal maneira pelo sótão que eu sabia que o mau tempo não podia deixar de vir logo atrás. Com o barulho do vento, meu estômago ficou mais embrulhado ainda e eu tive de fechar os olhos e ranger os dentes. Rezei com os dentes cerrados...

Um sinal da cruz, quatro pai-nossos, seis glórias-ao-pai, cinco mistérios dolorosos e cinquenta e três ave-marias...

— O primeiro mistério doloroso — gemeu Finola. — A agonia no Horto.

Todos estavam cansados lá embaixo, com as caras angulosas, ossudas, apergaminhadas. Faziam um ensaio para a própria morte, cedendo em dolorosa fraqueza a foice do mistério que pairava a vida inteira acima dos seus pescoços... eram por demais simples e cansados para protestar... eram apavorados demais para procurar a verdade...

sucumbiam em silêncio porque sem isso... que é que restava para se acreditar?

Cinco minutos... dez minutos... levar a mão ao coração, curvar a cabeça... rezar, rezar, rezar. Quem sabia mais o que

estavam dizendo?

Quem jamais tinha sabido a não ser o padre, a quem não se faziam perguntas?

Eu estava determinado a proceder bem naquela noite pela alma de Kilty Larkin e concentrei-me até que a cabeça me começou a doer, pensando na agonia do doce Jesus. Procurei sentir-lhe a dor porque isso era o que eu tinha de fazer e o motivo de tudo era que Jesus era tão bom e eu era um pecador. Ia sentir o suor salgado e o peso da cruz. O sangue ia escorrer da minha coroa e esguichar dos meus pulsos, como jamais tinha acontecido.

Oh, merda, meu estômago estava piorando e Conor ia ficar zangado.

Lá fora o céu estava ficando escuro como ficara no dia em que crucificaram

Nosso Senhor Jesus Cristo e agora Deus estava olhando para a casa dos Larkins e olhando para mim porque sabia que eu detestava o rosário. Estava ficando com medo de sentimentos que eu não podia esconder, pois Deus estava olhando para mim e, por isso, tentei uma vez mais sentir o sofrimento de Jesus.

“Pai Nosso que estais no céu...”

“Ave Maria, cheia de graça...”

Quantas vezes já? Eu achava que eram trinta e quatro, mas não tinha feito a conta porque é pecado. Tem-se obrigação de gostar do rosário.

“Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo...”

Vinte minutos... vinte horas... vinte e três minutos... curvar a cabeça... bater no coração... às vezes tudo isso se confunde

e não é tão ruim assim.

Uma vez por semana pelo menos, eu vomitava durante o terço.

Quanto mais procurava pensar em Jesus e no seu sofrimento, mais vomitava. Não sabia ao certo o que fazer.

Trinta minutos... quarenta minutos... quarenta anos no deserto...

— Como você está pálido, Seamus! Vai vomitar?

— Vou ver... se não vomito...

— Pare de rezar.

— Tenho de acabar, Conor. Estamos no ato de contrição e, se eu rezar direito, talvez Deus não me castigue...

— Por que Deus iria castigar você?

— Por não gostar do rosário...

— Não tenha medo. Meu pai diz que Deus nunca fez o rosário coisa nenhuma.

Depois, Ele nem escuta.

Conor me assustava ao falar assim.

— Não diga mais nada, Conor. Quando eu me confessar, terei de dizer que ouvi você dizer isso.

— Meu pai também diz que Deus tem mais o que fazer e não vai ficar prestando atenção para ver se a pessoa reza ou não o rosário.

Cobri as orelhas com as mãos para não ouvir mais o que ele dizia.

“Ó meu Salvador, arrependo-me de todo o coração de Vós ter ofendido, porque sois infinitamente bom e o pecado Vós desagrada.

Detesto todos os pecados de minha vida...”

Conor pegou-me as mãos e afastou-as dos ouvidos.

— Que pecados são esses? Você tem apenas onze anos, Seamus!

Corri de perto dele, mergulhei no feno e prendi a respiração, ao mesmo tempo que procurava tampar os ouvidos com toda a minha força.

“Detesto todos os pecados de minha vida”, continuei a rezar com delirante fervor, “e desejo ser perdoado deles graças aos méritos de Vosso Precioso Sangue. Lavai minha alma da mancha do pecado para que eu possa, purificado de corpo e alma, aproximar-me do Santíssimo Sacramento do Altar...”

Quando Conor me puxou do feno, eu estava soluçando e gemendo e ele me abraçou como pouco antes fora abraçado no colo do pai.

— Calma, Pequeno... Vou tomar conta

de você.

Na sala, a gente se levantava cheia de cansaço e muitos começavam a sair para as suas casas, deixando a família e os amigos mais íntimos para continuar o velório.

### 3

Eu ainda estava tremendo da minha última calamidade com o rosário, quando a brigada da chuva veio do mar em passo de carga e atacou a casa.

Os Larkins tinham fugido para Donegal no começo do século e, oitenta e cinco anos depois, ainda não tinham perdido o costume do condado de Ármagh, de cobrir de palha as suas casas em camadas onduladas, ao passo que nós usávamos o expediente mais simples de amarrá-la a caibros que se projetavam das paredes. Fosse qual fosse a força de um aguaceiro, nunca uma gota de água atravessara o telhado dos Larkins. Estávamos, pois, contentes como ratos

num celeiro depois da colheita e começamos a dormir profundamente, quando uma confusão na sala nos fez correr novamente para o alçapão.

Nada menos que Daddo Friel, o primeiro contador de histórias de Inishowen tinha chegado. Conor e eu sabíamos muito pouco do mundo que ficava além de nossa vizinhança imediata. Tínhamos ouvido algumas coisas nas feiras com os ciganos errantes ou então quando os nossos voltavam de algum trabalho “do outro lado da água”, na Inglaterra. A única coisa que tínhamos para ler era um volume esfarrapado do catecismo.

A presença de um *skanachie*, ou contador de histórias, era um grande acontecimento para nós, pois era ele que

acendia as chamas dos sonhos infantis. Daddo Friel era um exemplar muito festejado daquela raça especial, capaz de falar com clareza de fatos que tinham ocorrido centenas de anos antes.

Era coxo, quase cego do olho direito e não enxergava muito melhor do outro. Tomas levou-o até onde estava Kilty. Ele tocou o corpo com as mãos peritas e delicadas.

— Era um bom rapaz... era um bom rapaz... — murmurou ele e duas lágrimas lhe correram pelas faces cavadas.

— Faça-o tirar essas roupas molhadas, Tomas — disse Finola. — Ele está ensopado.

Em poucos momentos, o fogo de turfa foi renovado e o velho Daddo sentou-se confortavelmente e foi aquecido por um

copo de *poteen* atrás do outro. Quando se espalhou a notícia de sua presença, a sala ficou mais cheia de gente. Todos esperavam o que ele ia dizer, e ele o fez numa voz clara que lhe desmentia a idade.

Daddo sempre começava as suas recordações pessoais falando do ano de 1803, que fora o ano em que ele nascera. A data fora imortalizada pela morte na forca de Robert Emmet, por tentativa de insurreição. Emmet enfrentara corajosamente os ingleses, fazendo do banco dos réus um discurso inspirado e imortal. Podia-se até pensar, ouvindo Daddo recitar o discurso, que ele estivera presente na sala do tribunal em vez de estar mamando nos peitos da mãe.

De Emmet, ele passou a falar no grande nome mágico de Daniel

O'Connell, contando das vezes em que ele e Kilty tinham andado até cem léguas para ouvir o “libertador” falar em reuniões imensas de mais de um milhão de pessoas. Desde que Daddo era um *shanachie* de qualidade, ninguém nunca pensou em pôr em dúvida as distâncias ou o tamanho das multidões.

Falou depois no Levante dos Fenianos de 1867 e do tempo de um ano e quatro meses que ele e Kilty tinham passado na prisão de Derry, torturados desde o amanhecer até ao anoitecer. As afrontas que Daddo deixava de dispensar aos ingleses eram reservadas à Igreja que os excomungara a ambos.

Quando Daddo começou a atacar a Igreja Católica e todos os bispos, todo o mundo ficou nervoso, inclusive eu, que já

ouvira heresias demais naquele dia. Mas Daddo tinha visto os dois lados daqueles oitenta anos e, quando um homem chega a essa idade, tem de ser ouvido com respeito.

Embora ele estivesse em plena glória e fosse empolgar os que o ouviam durante mais algumas horas, não pude mais lutar contra o sono. A voz dele e o barulho da chuva se misturaram e meus olhos começaram a ficar tremendamente pesados.

Quando acordei, era dia claro. Conor tinha pegado no sono à beira do alçapão procurando ouvir até à última palavra. Fui até à janela. Lá fora, fazia um mau tempo verdadeiramente do Ulster. O vento soprava com tanta força que a chuva caía quase horizontalmente. Na sala, havia uma

confusão de corpos estendidos. Uns se encolhiam diante do fogo, outros estavam deitados nas mesas, nas cadeiras ou encostados às paredes. O

estábulo achava-se também atopeçado de convidados, que se amontoavam nos compartimentos vazios.

Tomas Larkin estava sentado imóvel ao lado de Kilty, com os olhos tão vermelhos quanto os de uma cavala salgada.

Senti de repente um baque no coração ao perceber que tinham tirado as três escadas do sótão e que, portanto, estávamos presos lá em cima.

Acordei Conor e lhe contei em voz baixa o que tinha acontecido. Ficamos esperando. Podia ser que Tomas saísse da sala e nos desse uma chance de descer

sem que ninguém nos visse. Finola aproximou-se tanto dele que a barriga enorme tocou as costas de Tomas. Ela alisou os cabelos do marido.

Eu admirava muito esse gosto que os Larkins tinham de tocar, uns nos outros.

— Tempo horrível — disse Tomas sem levantar a vista.

— Está aborrecido comigo por causa da absolvição de Kilty?

— Talvez não. Posso dizer que é o que eu devia ter esperado. E o que está feito está feito.

— E não se aborreça também com o Padre Lynch... Não adianta nada e além disso, Tomas, o padre não é tão duro assim...

— Não? O que há nele de menos duro são os dentes.

— Escute, Tomas, não vá fazer uma  
cena na hora da missa!

Ele olhou para ela, sorriu e lhe bateu  
na mão.

— Fique descansada.

Finola deu um suspiro de alívio e  
depois levou a mão à barriga.

— Está impossível hoje. Acho que  
quer nascer antes do tempo.

Escute, é preciso cuidar do seu  
aspecto. Tenho visto defuntos mais  
apresentáveis do que você num velório.  
Vou aquecer a água do suadouro para  
você...

— Não, não me vai sair de casa com  
esta chuva...

Nesse momento, olhou para o sótão e  
nos viu.

— Muito bem! Desçam daí os dois.

Apanhados em flagrante, dependuramo-nos da borda do alçapão e nos deixamos cair na sala com um baque, depois do que nos levantamos e ficamos rigidamente à espera.

— Se estou bem lembrado — disse Tomas — vocês dois receberam ordem de ir dormir na casa vizinha, não foi?

— Foi, Papai — disse Conor.

— E então?

— Não estávamos com sono...

— Mas o terço sem dúvida alguma nos fez adormecer — acrescentei prontamente.

— Vão acender o suadouro — ordenou ele — e, se o fogo não estiver bem quente, conheço dois garotos que vão levar a maior surra de sua vida.

Corremos para fora, exultantes com o

perdão. O suadouro era uma pequena construção de pedra redonda com a forma de uma colmeia de abelhas e possuía em geral por algumas famílias. Era usado para produzir intenso calor e assim aliviar os dores do reumatismo, que afligia comumente as pessoas no tempo úmido.

Amontoamos uma boa quantidade de palha no poço do fogo, colocamos em cima uma dúzia de tijolos de turfa e depois uma grade de ferro e cobrimos tudo com uma camada de pedras do rio. A palha logo pegou fogo na turfa, transformando o lugar num verdadeiro forno. Tomas Larkin entrou nu, curvou-se para sentar-se num banco baixo e se livrou dos seus males gemendo enquanto nós abanávamos o fogo furiosamente até a turfa ficar bem vermelha. Quando aquilo

estava tão quente que até o diabo poderia cozinhar lá dentro, pegamos um balde de água, tossindo e suando para Tomas ver o trabalho que estávamos tendo. Derramamos a água em cima das pedras, desprendendo com isso uma fumaça crepitante e um calor tão intenso que as nossas unhas quase se derreteram. Tomas bebeu *poteen* e souo como se fosse o degelo da primavera. Depois, saiu de rastos pela estreita abertura e se jogou no tanque gelado que ficava em frente ao suadouro, batendo no peito.

— Formidável! Muito bom! — gritou ele.

Vendo a fumaça, alguns vizinhos que estavam em condições semelhantes ou piores, foram-se chegando para uma assadura comunal.

O segundo dia do velório começou com a chegada de gente de aldeias distantes. À tarde, o vento havia tangido o mau tempo para os lados da Escócia, deixando uma fila irregular de nuvens rápidas que permitiam provocantes aberturas de sol.

A placidez foi interrompida pela chegada à encruzilhada de um *sidecar* puxado por um esplêndido e avantajado pônei de Connemara. Foi comboiado na estrada da aldeia por um grupo de crianças barulhentas, algumas delas trepadas no carro. Parou diante da casa dos Larkins, causando muito movimento. Muitas mãos solícitas ajudaram Kevin O'Garvey a descer do carro. O guarda e protetor dos rendeiros tinha vindo pessoalmente de Derry para render as

suas últimas homenagens a Kilty Larkin.

## 4

De vez em quando, minha mãe terminava uma dissertação com as palavras: — Seamus, meu querido, quando você estiver velho bastante para criar barba, talvez venha a ser a metade do homem que é Kevin O'Garvey.

Olhando para ele, não se dava nada pela sua importância. Era da altura de meu pai, que era o homem mais baixo da aldeia, e parecia ainda menor por causa da barriga. Não havia nem sombra de cabelo no alto da cabeça. O que se via era uma franja rala em forma de ferradura de

cabelos grisalhos espetados que logo pulavam para o alto quando ele tirava o chapéu-coco. Os olhos eram fracos e viviam sumidos por trás de óculos de vidros grossos. Um fraque de bom *tweed* destacava-o em matéria de roupas mas, quando se olhava de perto, via-se que a gola de veludo já estava puída e que havia uma aparência geral de desleixo em tudo mais.

Kevin O'Garvey era nosso campeão, chefe da Liga Rural dos Condados de Donegal e Derry, e tinha levantado dos rendeiros o ônus da servidão.

Quando a Liga começou a conquistar muitos direitos para nós, foi naturalmente declarada ilegal, e no tempo em que o próprio Charles Stewart Parnell foi preso em Kilmainham, em Dublin, Kevin

O'Garvey foi internado na prisão de Derry. O lugar não lhe era desconhecido. Já fora hóspede da Coroa duas vezes por sua filiação aos Fenianos, a organização secreta dos republicanos, Para Kevin O'Garvey chegar a ser Kevin O'Garvey, as coisas não tinham sido fáceis. Começara a vida como enjeitado, o que representa uma morte para muitas crianças. Sobreviveu para ser criado no mais terrível orfanato do Ulster. Aos sete anos, foi arrendado, como era comum no caso de órfãos, para trabalhar numa granja agregada às propriedades de Lorde Hubble, onde ganhava um salário de escravidão. Aos nove anos, estava cumprindo pena numa escola correcional, acusado de roubo, embriaguez e insultos à Coroa.

Passou a viver da escola correcional para o asilo dos vagabundos, e estava bem a caminho de tornar-se incorrigível quando o destino interveio. O'Garvey foi mandado sob livramento condicional a um advogado protestante em Ballymoney, uma pequena vila que tinha ganho alguma prosperidade por ser um centro ferroviário para as minas de ferro.

Trabalhando numa estrebaria, ele começou uma carreira de sucesso.

Aprendeu por si mesmo a ler e a escrever à luz de velas, o que lhe estragou permanentemente a vista. Era tão inteligente que o advogado levou-o para o seu escritório e dentro em pouco ele estava minutando arrazoados da melhor qualidade. Kevin continuou até se tomar um dos raros advogados católicos do

Ulster, voltando a Derry e dedicando a vida à melhoria dos rendeiros e dos moradores dos bairros pobres.

A lei era coisa para nós tão estranha quanto os ritos das tribos africanas. Embora vivêssemos sob o seu império e fôssemos manobrados e prejudicados por ela, nós a julgávamos uma força grandiosa e mística além da nossa compreensão. Tudo o que era relacionado com a lei — a Coroa, os tribunais e os soldados que liam os decretos — era arrogante e nos forçava a um jogo com regras que éramos forçados a aceitar e numa linguagem que não compreendíamos. Sabíamos muito pouco sobre os nossos direitos e absolutamente nada sobre a possibilidade de invocarmos a lei. A lei era uma arma nas mãos de Lorde Hubble e dos

protestantes, e nós não tínhamos qualquer chance de defesa contra os juízes vestidos como príncipes ou contra os seus documentos cobertos de selos.

Foi então que apareceu Kevin O'Garvey para ler as leis deles e reduzi-las à expressão mais simples. Os ingleses tiveram um choque ao ver aparecer alguém para defender os rendeiros dentro das regras que eles haviam estabelecido. Depois de confundir os advogados do outro lado, ele torceu os tribunais à vontade, virando pelo avesso e manobrando contra eles as suas regras mesquinhas. Pode dizer-se que foi uma espinha atravessada na garganta deles. Tentaram quase tudo, suborno, perseguição e afinal cadeia, mas começaram a acontecer coisas estranhas

sempre que ele era levado para trás das grades, como quando o pavilhão de caça do Conde se incendiou misteriosamente. As autoridades não gostavam de que tivéssemos conhecimento das suas leis ou acesso a elas.

Mas gostavam ainda menos de qualquer interferência com Kevin O'Garvey.

Depois das homenagens aos Larkins e ao velho Kilty, ele foi cercado pelo povo e escutou intermináveis desgraças com interminável paciência.

Na segunda noite do velório, Conor e eu chegamos à conclusão de que não seria prudente tentar a raiva de Tomas pela segunda vez em tão pouco tempo e fomos para meu estábulo a fim de dormir um pouco antes que a reza do terço

começasse. Liam e Brigid estavam já mortos para o mundo e meu irmão Colm, arrasado pela bebida, pelo éter e pelas suas correrias da véspera com as pequenas, estava deitado com a boca aberta como um filhote de passarinho quando pede comida e roncava com tanta força que chegamos a pensar que acordaria Kilty da morte.

Havia vozes na sala e uma curiosidade muito natural nos levou até à meia-porta para espiar. Lá estavam sentados em torno do fogo e fumando os seus cachimbos Fergus, Tomas, Daddo Friel e Kevin O'Garvey. Era a reunião mais importante que se podia ver em Ballyutogue. Conor e eu conversamos em voz baixa, nervosamente. Com toda a certeza, era uma reunião secreta para

tratar de assuntos republicanos.

De repente, como se os olhos pudessem ver através das paredes de pedra, Tomas abriu a porta e nos fez rolar para dentro da sala.

— Parece que esses garotos vão morrer de falta de sono — disse ele.

— Tenho certeza de que estão apenas seguindo o seu exemplo — disse então Kevin.

Sabendo que não iríamos mais dormir, Tomas olhou para Kevin, e este fez um gesto para afirmar que não fazia mal que nós ficássemos. Era na verdade uma grande honra para nós. Por outro lado, nada que dissesse respeito à causa republicana era jamais escondido de nós. Nossos primeiros heróis foram fugitivos da Coroa que eram escondidos na aldeia e

transferidos depois para outro esconderijo.

— Vá buscar uma garrafa das viúvas — disse Tomas a Conor. Em seguida, me apontou um canto: — Vá para aquele canto e procure fazer-se menor do que você já é.

Quando Conor voltou, ficamos juntos e observamos atentamente todas as fumaças que tiravam dos cachimbos e todos os olhares que lançavam para o fogo, A garrafa circulou de mão em mão. Cada qual tomava um gole e dava um grande suspiro irlandês de remorso.

— Kilty morreu em má hora — disse Kevin. — Mesmo doente como era, não deixava de ser um símbolo.

— É verdade — disse meu pai. — Não veremos mais ninguém como ele.

— Você terá de ocupar o lugar dele, Tomas — disse Kevin.

Tomas sacudiu a cabeça.

— Não estou disposto a assumir os encargos de Kilty.

— Você já começou a fazer isso desde o dia em que ele teve o primeiro ataque. Quer você queira, quer não, todos se voltarão agora para você. Você poderá fechar sua porta aos outros, como eu não tenho podido.

— É o destino dos Larkins — disse Daddo.

— Não sei — disse Tomas, — Uma coisa é resolver as pequenas questões de aldeia. Mas empreender a guerra de Kilty com os ingleses, isso não é para mim.

— É preciso, Tomas. Estamos entrando numa era nova. Pela primeira

vez em setecentos anos, o rendeiro tem o direito de votar e cabe a você vigiar para que ninguém por aqui deixe de fazê-lo.

— Está escolhendo o homem errado — disse Tomas.

— Uma nova atmosfera envolve a Inglaterra. Há em toda parte uma tendência à reforma.

— Devem ter sabido afinal da revolução que houve na França no século passado — murmurou Tomas.

— Gladstone é de uma massa diferente da aristocracia — continuou Kevin.

— Gladstone, uma ova! — exclamou Tomas. — Tire o verniz da pele dele e encontrará um inglês cuspidor e escarrador, com o coração todo inglês. Ainda não nasceu um inglês capaz de compreender

que nós somos alguma coisa mais que uma raça de macacos. O que o maldito Parlamento deles nos tem dado não passa de uma miséria disfarçada...

— Pare com essa conversa vazia — atalhou Daddo. — Não vê que Kevin está querendo dizer-nos alguma coisa?

Nunca deixou de me espantar o modo como Daddo, quase cego e velho como era, podia perceber a disposição de uma pessoa pelo tom e pelo tremor da voz ou até pela extensão das pausas entre os pensamentos.

Tinha razão mais uma vez, pois o que testemunhamos foi Kevin O'Garvey num dos seus raros momentos de hesitação.

— Que é que você está querendo dizer, Kevin? — perguntou Daddo.

— Vou candidatar-me à Câmara dos

Comuns por Donegal Leste nas próximas eleições.

Ora, podia-se até pensar que os maus espíritos que estavam rondando pela sala à espera de uma oportunidade de tomar conta da alma de Kilty tinham mudado de ideia, transformando todo o mundo em pedra.

Foi uma surpresa para todos. Kevin ficou enervado com o som de sua própria voz. A garrafa tornou a passar de mão em mão, silenciosa mas rapidamente. Conor e eu ficamos quase roxos de tanto prendermos o fôlego na tensão que sentíamos.

— Jesus! — murmurou afinal meu pai.

Tomas foi o primeiro a recuperar o equilíbrio e deu um assobio, dizendo depois: — E de supor que Lorde Hubble

financiará a sua campanha eleitoral e que todos os protestantes e pró-ingleses levarão você carregado em charola até Londres, enquanto o Major Hamilton Walby, que ocupa a cadeira há trinta anos, estará à espera para limpar a cadeira e dar-lhe as boas-vindas.

— Nunca pensei que possa vencer sem luta, mas nós temos votos suficientes, caso vocês todos queiram trabalhar.

— E ainda que você supere o Major Walby, o Conde e toda essa turma — prosseguiu Tomas no papel de advogado do diabo — já pensou na Santa Madre Igreja?

— Não pensei muito ainda nisso — respondeu Kevin.

— Pois eu vejo tudo tão claro como o mar em noite de lua cheia. De ponta a

ponta de Inishowen, haverá aquele velho sentimento republicano que procurará levar O'Garvey aos Comuns. No mesmo instante, o Conde estará tamborilando nervosamente na mesa com os dedos e calculando que talvez os rendeiros tenham votos suficientes. É preciso agir depressa e diretamente. O Conde e alguns outros lordes com o mesmo problema irão fazer uma pequena visita de cortesia ao nosso Cardeal, em Armagh.

“Ah, Eminência, nós louvamos a contínua emancipação e o melhoramento da Igreja Católica. Essa ascensão não deve de modo algum ser desviada ou interrompida”. Irão derramar boa vontade sobre o Cardeal como se ele fosse o próprio libertador, Daniel O'Connell. “Temos pensado muito, Eminência, nas

grandes providências que vamos tomar...  
nova legislação em benefício da Igreja...  
uma nova universidade... novos  
privilégios...

novas subvenções... e maiores  
contribuições para as obras pias da Igreja.

Sabemos que é essa a intenção do  
governo de Sua Majestade. Entretanto,  
esse programa pode ser prejudicado pelos  
fenianos ateus que procuram abrir  
caminho para o Parlamento e Vossa  
Eminência bem sabe o que isso  
significaria para a Santa Madre Igreja.  
Fenianos... Os mesmos homens que a  
Igreja excomungou! Seria uma pena,  
Eminência, ver perder-se tudo o que já foi  
ganho. Sugerimos respeitosamente uma  
palavra aos bispos, a fim de abrir-lhes os  
olhos”. E o Padre Lynch e todos os outros

como ele estarão condenando você de todos os púlpitos de Donegal. Será que você vai ter votos suficientes para vencer Jesus, Maria e todos os santos?

O rosto de meu pai estava muito vermelho e eu tentei dominar o meu estômago. Nunca tinha ouvido tantos insultos ao Senhor em dois dias seguidos. Tomas tinha-se exaltado a ponto de estar cheio de raiva, mas Kevin e Daddo estavam em guerra havia tantos anos que nem se abalavam mais. Poucos homens, inclusive o padre, podiam repreender Tomas Larkin.

Kevin era um e Daddo, outro, e ele estava no momento entre os dois. Meu pai achou um jeito de fugir da discussão, sacudindo a cabeça diante das consequências do que tinha ouvido. Kevin

encheu o cachimbo de novo com uma lentidão deliberada, dando tempo a que Tomas se acalmasse.

— Se a sua gaita de foles já perdeu todo o vento — disse afinal Kevin — vou dizer quais são os nossos objetivos. Parnell calcula que pode levar um Partido Irlandês ao Parlamento Britânico, num total de setenta cadeiras. Pensem bem! Com setenta cadeiras, poderíamos sem dúvida alguma estabelecer o equilíbrio de forças entre os conservadores e os liberais. O preço que ele exigirá para a cooperação com os liberais de Gladstone será a lei de *Home Rule* (Autonomia) para a Irlanda.

— Você está contando muito com Parnell — exclamou Tomas. — No fundo, Parnell é um protestante rico, um

proprietário. Sabe dizer, é certo, coisas bonitas, mas apenas nos está usando e à nossa miséria para chegar ao poder.

Não se podia dizer que Kevin tivesse encarado Tontas, pois era muito mais baixo, mas ficou vermelho de raiva.

— Eu lhe agradeceria muito, Tomas Larkin, se calasse essa boca!

Parnell tem feito mais por este país do que todos os padres juntos!

— Bem, isso não quer dizer nada...

— Vou-lhe dizer de uma vez por todas quem é Charles Stewart Parnell, para que nunca mais se esqueça disso. Ele é irlandês.

— Como eram Smith O'Brien e Isaac Butt — disse Daddo. — Foram eles que passaram muitas horas orientando a mim e a Kilty na Jovem Irlanda e na Líga Rural.

Eram protestantes também... E não vamos falar de Wolfe Tone e de Robert Emmet, que foi executado em Dublin no mesmo ano em que eu nasci. Foi enforcado e esquartejado e seu sangue empapou a calçada. Era protestante, mas era irlandês.

— Deus o proteja, Kevin — disse Tomas, adotando um tom conciliatório, de fria lógica e apreciação realista. — Não há um pingo de senso em toda essa coisa. Está-se metendo num jogo sujo e nos apresenta uma ilusão imunda. Vamos que você consiga ir estrondosamente para Londres, no final do seu sonho, com mais setenta membros do Parlamento e que vocês consigam de Gladstone a aprovação de uma Lei de Autonomia... Quero agora que me diga honestamente uma coisa: a Câmara dos Lordes vetará a lei? Sim ou

não?

— Isso não é o essencial.

— Que é então o essencial?

— Continuar a guerra num novo campo de batalha, dar os primeiros passos num caminho que nos é aberto.

— Vocês têm tantas chances de serem ouvidos com justiça nas câmaras deles quanto têm de ganhar o jogo da vermelhinha com os trampolineiros da feira de Derry.

— Espere aí — disse Daddo com uma voz que mostrava sinais de cansaço. — Kevin tem de lutar ao seu jeito como todos nós lutamos antes dele ao nosso jeito. Ou você está querendo dizer a Kevin que todas as lutas dele até agora e todos os direitos que ele já conquistou não valem nada?

— Não seria capaz de dizer uma coisa-dessas a Kevin O'Garvey, mas posso dizer isto. Feitas as contas, só há uma coisa que Lorde Hubble e a coroa compreendem... E deixar de pagar as rendas, roubar o seu gado, matar os seus usurários, boicotar os seus campos quando ele precisar do nosso trabalho... Nada de jogos de salão com essa gente. Não serão as leis deles que vão tornar a nossa vida suportável, mas apenas os nossos métodos consagrados pelo tempo.

— Até hoje, os métodos deles têm sido muito mais eficazes do que esses nossos métodos consagrados pelo tempo — retorquiu Kevin. — Há um pecado em tudo isso, Tomas, e esse pecado é você dizer que eu devo deixar de lutar.

Um silêncio incerto caiu sobre a sala.

Meu pai pôs mais turfa no fogo, enquanto os outros três ficaram mais ou menos suspensos no ar com os seus pensamentos. Tomas deu alguns passos que lhe aumentaram a insatisfação. Depois, começou a puxar os cabelos e a dar socos na palma da mão em sinal de frustração. Os outros se aproximaram do fogo à espera de suas últimas palavras. Por fim, ele parou, abriu os braços como se quisesse abarcar a todos e depois moveu as mãos, como se estivesse tirando os pensamentos do ar.

---

Vivemos consumidos por duas fantasias irlandesas.

Submetemo-nos como povo a uma fantasia de Cristo que nos embotou o espírito a ponto de não podermos pensar

por nós mesmos e vivermos de joelhos confessando a nossa culpa a um Deus aterrorizante, a quem não nos é permitido conhecer com intimidade. Podemos apenas perpetuar um mito vagamente definido e indiscutido de uma terra que fica além das montanhas. Depois, há a fantasia republicana que nos enche de uma coragem falsa e infantil e nos faz blasonar de nossa virilidade nas tavernas, dizendo uns para os outros que homens bravos nós somos.

Glorificamos proezas que nunca existiram e nos alimentamos com o salitre republicano à espera de uma libertação que nunca vamos ver.

Nunca! Pelo amor de Deus, vamos enfrentar o que é real. Jamais conseguimos livrar-nos de nossas

fantasias para olhar para dentro de nós mesmos e dizer: “É isto que nós somos. Os campos são reais. As rendas são reais. À morte de Kilty é real como foi o seu sofrimento em vida”. Não, temos de nos cobrir com os molhos da fantasia, imaginar espíritos pairando por toda parte, o sorriso de Maria e suas promessas de uma outra vida, e as fugas da cadeia que nunca se verificam. Você pode viver de fantasias, Daddo, porque é um *shanachie*.

— O problema — respondeu o velho — é que a maioria não é como Tomas Larkin. Despoje das suas fantasias a maioria dos homens e das mulheres e eles não conseguirão suportar a triste vida. Um sonho não passa de um pouco de *poteen* para aliviar a dor. E isso é tão ruim

assim?

Quer dizer, Tomas, que seu filho Conor que está ali não poderá ter alguns sonhos seus?

Tomas se aproximou de nós temerosamente.

— Vivo dizendo a Conor que eu não sou filho de Kilty, mas apenas seu sucessor. Vivo dizendo que a única coisa importante para o pai dele é cuidar bem das suas terras, pagar as suas dívidas, alimentar seus filhos e transmitir os seus campos em boas condições. Complique-se com fantasias irlandesas, garoto, e elas acabarão por esmagar-lhe o peito como uma gigantesca pedra que rolasse da montanha e viesse cair em cima da casa.

Eu olhava aqueles quatro rostos cansados e pensava que bastava uma

faísca para incendiá-los, mas eles se haviam despojado mutuamente de suas fantasias irlandesas e, ainda quando Tomas disse a Kevin que iria apoiá-lo, não houve regozijo com isso.

— Pode contar com a minha piedade — disse Tomas — porque no dia em que a Autonomia se tornar uma ameaça, você terá sem dúvida uma realidade. Multidões de ingleses exaltados de ódio e com sede de nosso sangue. Está certo, Daddo?

Os olhos cegos do velho se voltaram nebulosamente para o infinito. E as lágrimas da realidade caíram.

# 5

Meu pai e Tomas saíram para levar Kevin O'Garvey. A casa dos Larkins ainda estava cheia de gente no velório e nos disseram que levássemos Daddo para dormir diante da lareira de nossa casa. Conor apanhou outra garrafa de *poteen* das viúvas, enquanto eu fazia uma cama de feno que cobri com a preciosa colcha de penas de ganso de Mamãe, que a comprara, com o dinheiro da venda de ovos, a um cigano na feira de Muff, antes de eu nascer. Soprei o fogo até que Conor voltou e colocou a garrafa nas mãos de Daddo.

— Seu pai foi o maior de todos os sonhadores, diga ele o que disser —

declarou Daddo a Conor. — Conheci Tomas desde que deu o primeiro choro de recém-nascido, pode-se dizer. Ele não tinha nem metade do tamanho de Seamus quando eu e Kilty o levamos através de Donegal para ouvir Daniel O'Connell.

Mais uma boa dose de *poteen* desceu por sua goela antiga, por um caminho que já devia ter sido aberto por muitas canadas.

— Ajudem-me a deitar — disse ele.

Conor e eu o levamos para a cama, enquanto as juntas dele estalavam como se estivessem mal soldadas. Encostamo-lo na parede e apagamos a lanterna, deixando em seu lugar apenas a luz fraca do fogo de turfa. Ser pequeno tinha as suas vantagens. Acomodei-me junto dele e Conor puxou um tamborete.

— Foi o maior de todos os sonhadores — repetiu ele, desatando os panos que lhe envolviam as mãos e revelando uma massa de nós dos dedos inchados pelo reumatismo. Passou *poteen* neles, esfregando-os e gemia toda vez que tentava dobrar os dedos.

— Tomas é tanto um Larkin quanto era Kilty, ainda que os jeitos dos dois fossem diferentes. Conheci todos os Larkins, Conheci seu bisavô, Ronan, e os irmãos dele, seus tios-avós. A família veio para Inishowen, procedente de Armagh, pouco antes de meu nascimento... Foi no ano de 1803, o mesmo ano em que Emraet foi enforcado em Dublin.

Ficamos devidamente empolgados pelo encantamento, enquanto o velho *shanachie* subia num filamento de

devaneio com os seus pensamentos cabriolando como gnomos irrequietos. Tendo apenas nós dois, Conor e eu, como seus honrados ouvintes, escavou aquele momento no tempo para começar a odisseia dos Larkins.

Ao fim do século XVII, os irlandeses tinham dissipado a sua energia empenhando-se numa dúzia de rebeliões contra o domínio inglês. O clã O'Neill era o que tinha dado mais trabalho, pois se levantara no mínimo três vezes só no século XVII. Quase todas as terras deles tinham sido confiscadas pela aristocracia britânica, que os desapossou e substituiu-os com a importação de dezenas de milhares de escoceses. O Ulster foi organizado em forma de colônia para

proteger a Coroa dos católicos locais.

Oliver Cromwell levou ao auge a matança dos irlandeses e, depois de esmagar mais um levante dos Neills, tomou a terra que ainda restava na região em torno de Inishowen e Ballyutogue, para distribuir em forma de pagamento pelos seus oficiais e soldados. Quando Cromwell acabou com o seu trabalho, os católicos possuíam menos de cinco por cento de sua terra e quase todos foram banidos para oeste do rio Shannon... para o inferno ou para Connaught.

A fim de quebrar qualquer futuro espírito de rebelião e assegurar as suas conquistas, um Parlamento em Dublin, dominado pelos protestantes ingleses, aprovou um conjunto de leis penais destinadas a reduzir os católicos ao

estado de escravos, destituídos de direitos humanos.

Nenhum católico podia possuir terras.

Nenhum católico podia votar.

Nenhum católico podia exercer cargos públicos.

Nenhum católico podia trabalhar no serviço público.

Nenhum católico podia possuir uma arma.

Nenhum católico podia ter bens superiores a cinco libras.

Nenhum católico podia ser educado fora da Irlanda.

Nenhum católico podia receber mais de um terço do valor de suas colheitas.

Nenhum católico podia exercer a profissão de advogado, médico, negociante ou qualquer outra profissão

liberal.

A religião católica era de um modo geral proibida, não podendo formar novos padres, ao mesmo tempo que os padres educados no estrangeiro eram proibidos.

Todos os católicos eram obrigados a pagar um dízimo à Igreja Protestante Anglicana.

Isso deu origem às missas secretas. Os padres que voltavam do continente eram caçados, enforcados e esquartejados nas praças das vilas do Ulster.

Conor roubou uma fumaça do cachimbo que encheu e acendeu para Daddo.

— A hora mais negra da Inglaterra — disse Daddo. E citou, como se as tivesse ouvido pessoalmente, as palavras de

Edmund Burke. — “O código penal foi um instrumento para o empobrecimento e a degradação da própria natureza humana do irlandês, tão ruim quanto qualquer coisa inventada pelo espírito perverso do homem”. — Daddo tirou uma cachimbada e deu um suspiro. — Foram esses os seus pensamentos. Mas ainda há mais. Um presidente da Câmara dos Lordes decretou uma vez que não era presunção legal a existência de qualquer pessoa que fosse católica e irlandesa. Em resumo, agiram tão bem que o mais miserável mendigo de Londres não trocaria de lugar com um lavrador irlandês.

Daddo levantou a garrafa de *poteen* diante do rosto, como se de fato pudesse vê-la.

— Espantam-se de que a gente beba

tanto, como se não fosse essa a única maneira de combater a loucura total diante das coisas que nos impuseram. Mas, rapazes, mesmo nos nossos momentos mais difíceis, conservamos viva a velha língua, nunca cessamos de escrever música e poesia e nos apegamos à nossa religião tão ardentemente quanto nos apegamos à garrafa... Como sabem, servi de professor irregular para os pais de vocês.

Grande parte da emigração escocesa para o Ulster foi uma fuga da perseguição religiosa inglesa. Os presbiterianos logo se viram sujeitos a muitos dispositivos do código penal como “não anglicanos” inferiores.

Isso determinou um êxodo de

escoceses e irlandeses para o Novo Mundo, onde eles se tornaram uma das raças básicas do movimento pioneiro norte-americano, como soldados do

Exército Revolucionário, antepassados de muitos americanos importantes, inclusive vários presidentes, e a espinha dorsal do nascente Canadá.

Os presbiterianos que ficaram no Ulster eram de espírito liberal e em muitos aspectos parecidos com os católicos sofredores. Estavam entre os primeiros republicanos.

Para se defenderem das injustiças dos proprietários das terras, organizaram-se em bandos para combater os aristocratas e os seus agentes. Os seus grupos atacavam à noite, empenhados em infundir medo nos opressores e em manter as rendas e os

direitos dentro das limitações humanas.

Para os fins do século XVIII, uma transformação dramática tinha ocorrido no Parlamento de Dublin. Inspirados pelos princípios da Revolução Francesa, os seus participantes, na sua maioria protestantes da camada superior da classe média, inclusive descendentes de Cromwell, começaram a considerar-se irlandeses em primeiro lugar. Não obedecendo mais às ordens da Coroa, procuravam a sua própria libertação da Inglaterra. Animado por um espírito de reforma, o Parlamento de Dublin começou a atenuar e revogar o vil código penal. Por volta de 1790, os católicos tiveram permissão para licitar em leilões de terras.

Tão grande era a fome de terra que os

católicos se lançaram sofregamente aos leilões, mandando às favas a cautela e a realidade, dispostos a empenharem até a alma para adquirir terra. Começaram a oferecer preços melhores que os presbiterianos, de modo que a posição privilegiada destes ficou solapada. Isso gerou um sentimento de cólera, medo e pânico, a tal ponto que os bandos organizados que tinham agido contra os proprietários começaram a agir contra a nova ameaça — os católicos locais que procuravam recuperar as suas terras.

Os defensores católicos reagiram aos ataques um por um e cometeram alguns por conta própria. O Ulster se tornou um campo de batalha entre os camponeses católicos famintos por terra e os camponeses presbiterianos

entrincheirados nos seus privilégios.

— Foi mais ou menos nessa época que os Larkins de Armagh entraram em cena — disse Daddo. — Seu bisavô, Ronan, era o chefe dos Defensores católicos naquele condado. No ano de 1795, houve luta entre os bandos organizados de católicos e presbiterianos. Travou-se perto da vila de Armagh, num lugar denominado Diamond, uma batalha encarniçada.

Trinta dos nossos homens morreram, inclusive dois irmãos Larkin. Ronan não tinha participado da luta, mas chegou em socorro de nossas tropas e só lhe coube verificar a vitória dos adversários.

“Tão doce lhes foi a vitória que os presbiterianos a compararam à vitória do

Rei Guilherme de Orange sobre James, em Boyne, cem anos antes, e deram a seu bando o nome de Sociedade de Orange, nome que sempre nos fez desde então tremer de raiva.

“E assim nos separamos para sempre de nossos ex-irmãos presbiterianos. A aristocracia britânica serviu-se amplamente deles para aplicar o velho princípio de dividir para dominar.

A aliança para a libertação irlandesa era muito estranha. A frente intelectual e política era chefiada pela maioria anglicana, a que se uniam, no campo, os camponeses católicos. Essas duas facções se uniam sem coesão sob a bandeira dos Irlandeses Unidos. O chefe era um incorrigível sonhador e individualista,

Theobald Wolfe Tone, que renunciara à sua classe.

Milhares de irlandeses, remanescentes dos exércitos derrotados, tinham historicamente fugido para as acolhedoras praias da França. A Paris do fim do século XVIII estava impregnada do ópio da rebelião. Wolfe Tone advogou ali a causa irlandesa. A França Católica tinha certa afinidade com a Irlanda Católica, o que foi suficiente para que ela se tornasse uma relutante aliada, nas vésperas da insurreição de 1798, dos Irlandeses Unidos.

A emancipação dos católicos era um objetivo dos Irlandeses Unidos.

Depois das guerras dos camponeses pelas terras, os presbiterianos tinham verdadeiro pavor do ressurgimento dos

católicos. Quando a insurreição aumentou, milhares deles, pertencentes à Sociedade de Orange, apoiaram a Coroa, entrando para a milícia, e trataram de perseguir os católicos com rancores assassinos de vingança.

No Sul da Irlanda, houve uma efêmera vitória rebelde em Wexford. A rebelião se extinguiu dentro em breve, depois que uma invasão apoiada pela França falhou em consequência de um temporal que desbaratou a frota. Dois anos depois, em 1798, uma força francesa desembarcou, mas foi cercada e capturada.

— No Ulster, os presbiterianos da milícia britânica entregaram-se a uma orgia de sangue tão revoltante que um comandante inglês renunciou ao posto, de

tão enojado. Todas as praças nas vilas do Ulster ficaram vermelhas com o sangue que escorria dos pelourinhos em que se açoitavam os homens — disse Daddo, começando a destacar as ações sangrentas da Sociedade de Orange entre as forças inglesas. — Os açoites para forçar a revelação dos nomes dos Defensores e dos Irlandeses Unidos deixavam as vítimas estropiadas pelo resto da vida. Lorde Cornwallis, que tinha aprendido a perder revoluções nas colônias americanas, estava tomando providências para que nunca mais tivesse de entregar a sua espada. O frenesi de esmagamento dos católicos aumentou com a chegada de regimentos galeses e dos alemães de Hesse, que estavam determinados a não se deixarem superar em carnificina pelos

presbiterianos.

Eu sentia no coração e no estômago todo o horror do que Daddo contava sobre o esmagamento do levante. Daddo cantarolou uma música, mas sua voz era tão desafinada que a princípio não entendemos nada.

Depois, reconhecemos uma das canções que os protestantes cantavam quando comemoravam o Doze de Julho.

Pobres meeiros, sabem que estão perdidos.

Pois já ouviram o bater dos tambores protestantes.

Em honra de Guilherme levantamos esta bandeira E logo as cores de Orange fizeram baixar o trapo verde.

Curvem-se, meeiros, curvem-se.

— Quando tudo acabou, Wolfe Tone fora capturado e se suicidara na prisão. Dizem que cinquenta mil homens foram mortos. Não no campo de batalha, mas assassinados a sangue-frio. Ronan Larkin e seus irmãos fugiram e foram esconder-se nas montanhas de Mourne.

Uma ordem nova e permanente surgira do conflito. Os presbiterianos se separaram para sempre dos católicos. Provaram o seu valor e a sua lealdade à Coroa e estabeleceram no Ulster o princípio da fidelidade fanática à monarquia inglesa. A tragédia de tudo é que os dois grupos de camponeses tinham sido arrastados a um conflito sectário e nenhum deles ganhara nada com isso. Só a

aristocracia britânica, que antes de tudo havia roubado as terras, saíra lucrando.

— Ronan foi traído por um delator. Nunca se esqueçam, rapazes, de que os delatores são a verdadeira desgraça da vida irlandesa. Tenham sempre cuidado com eles, enquanto viverem. Ele foi levado das montanhas para a vila de Armagh e para o pelourinho da praça.

Açoitaram-no tão impiedosamente com o gato-de-nove-rabos que os ossos do corpo começaram a aparecer por baixo da carne despedaçada. Depois, derramaram-lhe na cabeça alcatrão a ferver.

— Jesus! — exclamei.

Conor nunca dizia coisa alguma quando estava com raiva. Apertava os

olhos e todo ele ficava numa tensão extrema.

— Deixaram-no ali quase morto — continuou Daddo. — Pretendiam voltar na manhã seguinte para completar o castigo. Tinha de ser esquartejado e depois decapitado. A cabeça seria espetada na ponta de uma lança para servir de exemplo aos irlandeses rebeldes.

Durante a noite, o resto do seu bando, inclusive os seus dois irmãos sobreviventes entraram na vila, dominaram os milicianos que estavam de guarda, puseram-no num carro e foram-se embora. Não sei como, mas ele conseguiu sobreviver.

Os três irmãos Larkin chegaram por caminhos secretos a Inishowen e

Ballyutogue, em 1800. Não havia boa terra à disposição e eles arrendaram lotes a mais de duzentos metros de altura, tão dentro da charneca que pouco mais havia senão pedra. Quebraram a pedra para fazer muros e limparam os lotes. Carregaram para lá terra arável, que cada homem levava em dois baldes de cada vez. Misturaram essa terra com algas, até que ela se tornou fértil. Enquanto isso, sobreviveram pescando furtivamente no Foyle, infringindo os direitos de pesca de Lorde Hubble e chegando a ser os pescadores mais hábeis da região. No segundo ano, conseguiram uma colheita e, daí por diante, foram aumentando o tamanho de suas terras graças a um trabalho verdadeiramente monumental.

— Ronan nunca mais foi um homem como era antes dos açoites e só gerou três filhos, todos homens. Kilty foi o mais velho. Ah, foi um grande sujeito... Já nasceu lutando.

Daddo foi tomado de uma súbita explosão de entusiasmo que nos envolveu também. Enquanto Kilty estava estendido na casa vizinha na última noite de seu velório, a lenda de sua vida começava a ser criada por um *shanachie* encarquilhado que bebia o calor do fogo em companhia de dois garotos como nós. Eu iria ouvir através da vida as proezas de Kilty Larkin, mas nunca mais sentiria o que senti naquele primeiro momento de revelação.

— Já ouviram certamente dizer que só os porcos podem ver o vento, mas eu lhes

estou dizendo que Kilty Larkin também podia vê-lo. Vinha e voltava como o vento, atacando como uma foice invisível, e nunca podiam tocar nele.

“Quando Kilty tomou posse da terra, depois da morte de Ronan, tinha já algumas ideias na cabeça. Por isso mesmo, recusou-se a pagar o dízimo à Igreja Anglicana. A polícia chegou, um punhado de irlandeses traidores que eles eram, e cobraram o dízimo nas suas colheitas. Logo depois disso, o comandante do destacamento da polícia desapareceu misteriosamente e foi pescado dois dias depois na Ponta de Dunagree. Foi o sinal de que um novo dia tinha raiado.

Durante anos, nenhum rendeiro consertava a sua casa ou tratava de

melhorar os séus campos porque sua renda era automaticamente aumentada, com a alegação de que a terra crescera de valor. Kilty estudou as granjas protestantes lá embaixo, calculando que as mesmas usassem processos melhores. Adotou o que lhe pareceu conveniente e embelezou a casa de moradia também, separando os porcos e as galinhas da casa principal e caindo as paredes e as cercas. Como era de esperar, o agente dobrou a sua renda.

Essa espécie de opressão dos proprietários gerou diretamente uma guerra local. A polícia não tinha de lutar com um bando desorganizado de gente que arrebatava cercas, mas com um grupo treinado e audacioso que sabia a melhor maneira de causar prejuízos. A primeira

proeza foi um golpe de mestre de Kilty na organização de um boicote da colheita, nos campos do Conde de Foyle. Tinham importado da Escócia trabalhadores e a colheita era realizada sob a proteção das armas da polícia.

Os campos do conde eram muito extensos e a polícia tinha de dispersar-se muito. Antes que chegassem tropas do Exército para reforçá-la, os

trabalhadores importados foram devidamente aterrorizados, as colheitas, queimadas, e os delatores, assassinados. Os prejuízos de Lorde Hubble subiram a alguns milhares.

As represálias tomaram a forma de despejos, rendas aumentadas e açoites públicos.

— Foi na véspera de 11 de julho em

1843 que Kilty se elevou a um momento épico — disse Daddo com uma voz que se tornara quase modulada como um canto. — Os protestantes estavam todos bêbados até à menina dos olhos, comemorando as festas do Rei Guilherme. Kilty fez um belo serviço de despistamento. Um delator de quem ele suspeitava recebeu informações falsas a respeito de um ataque ao castelo do Conde, na Mansão Hubble. Os outros acreditaram nisso e deslocaram polícia e soldados para o castelo, deixando a estrada de Derry inteiramente livre.

“Coisa assim nunca se viu desde o velho ataque celta de gado de Cooley até hoje. Eu... eu mesmo... ia nessa noite ao lado de Kilty e a lua cheia iluminava o caminho.

“Os currais em Derry, perto do cais, estavam abarrotados de gado, que esperava o embarque para a Inglaterra. Atacamos com tanto ímpeto que os cordões de meus sapatos se partiram, abrimos os currais e afugentamos o gado. Dentro de uma hora, tínhamos jogado duas mil das melhores cabeças de gado de Lorde Hubble dentro do Foyle, onde se afogaram. Depois, desaparecemos como o vento.

“O delator que deu aos seus senhores informações incorretas teve um destino terrível nas mãos deles. Outros delatores passaram a pensar duas vezes antes de dar informações. Todos eles sabiam que tudo era obra de Kilty Larkin, mas tinham medo de prendê-lo e mais medo ainda de deixá-lo em liberdade.

Daddo começou a rir com a lembrança do fato, sem dúvida realçado em seu espírito pela passagem do tempo.

— Kilty foi o primeiro rendeiro a sentar-se e empreender negociações. E foi ele que acabou com o dízimo. Notem bem que isso aconteceu antes de qualquer dessas ligas protetoras que por aí existem.

Era um grande sujeito. Anos depois, eu e Kilty nos tornamos fenianos. O

movimento nunca foi grande coisa e nós fomos excomungados por isso, como Ronan e seus irmãos tinham sido por pertencerem ao movimento dos Irlandeses Unidos.

Começou a divagar...

— A Igreja sempre passou manteiga no seu pão com os restos da Inglaterra...

Daddo teve sede e parou a fim de

beber, mas já estava cansado e os pensamentos mágicos se dispersavam...

— Que grande golpe foi aquele...  
Conor...

Conor saiu do banco e se ajoelhou diante do *shanachie*, que lhe tocou o rosto e os cabelos, com uma espécie de riso.

— A sombra de Kilty sempre foi uma carga pesada para seu pai, mas ele tem sonhos próprios, como você também tem. Foi a fome que matou os sonhos de seu pai. Não importa o que fôssemos antes, nunca mais fomos os mesmos depois da fome e ainda não passamos um dia sem ter medo dela... Conor...

— Pronto, Daddo.

— Tomas talvez seja atingido pela loucura esta noite. Senti que ela estava chegando. Todos os Larkins têm a

loucura... Ronan... Kilty... e seu pai também. Vai passar por ela esta noite.

Conor levantou-se com os olhos já voltados para além da casa, à procura do pai.

Conor pulou o muro que separava as duas casas e logo ouviu o murmúrio do rosário. Abriu a porta. A sala estava cheia de gente ajoelhada. Todos batiam no peito cadenciadamente com rezas aos santos que certamente tudo observavam de um lugar de glória desconhecido.

Conor recuou em silêncio. A noite estava cheia de estrelas como nunca, e ele desceu pelo caminho passando por uma dúzia de casas até chegará taverna.

Estava tudo escuro na taverna e não se ouvia qualquer barulho lá dentro. Conor

abriu a porta e sentiu um cheiro forte de uísque.

— Papai.

Ninguém respondeu e ele entrou, procurando a vela, que conseguiu acender.

Tomas Larkin estava atirado sobre um barril, todo encolhido como um touro derrotado, parecendo tão cego quanto Daddo Friel e sem tomar conhecimento da presença de outra pessoa. Conor se aproximou dele.

— Papai.

Tomas levantou a vista, mas não deu mostras de ter reconhecido o filho.

— Kilty — murmurou ele com a voz estrangulada de horror — as batatas estão pretas. Apodreceram diante dos meus olhos. Que é que vamos fazer, Kilty?

— Papai, sou eu, Conor. O senhor

teve apenas um pesadelo.

— Deus nos proteja. Vamos morrer.  
Vamos todos morrer.

## 6

Os campos católicos de Ballyutogue estavam tranquilos numa manhã de maio quando os sinos de S. Colombano dobravam por Kilty Larkin.

O caixão foi levantado das quatro cadeiras em que estava apoiado, as quais foram então derrubadas de acordo com o costume que também determinava que o caixão saísse da casa com os pés para a frente.

Finola teve de ficar em casa porque uma mulher grávida poderia perder o filho se comparecesse a um enterro e tivesse a maldição do morto.

Desde que não havia outros Larkins adultos além de Tomas, os amigos e

vizinhos se revezaram carregando o caixão nos ombros, de poucos em poucos metros. Tomas vinha logo atrás, com as mãos e a testa encostadas no caixão de Kilty. Os filhos caminhavam ao lado dele. Atrás de Tomas, havia uma dúzia de homens que levavam pás nas mãos e, depois deles, toda a aldeia formava o cortejo.

O Padre Lynch aproximou-se com paramentos pretos para ofícios fúnebres que lhe tinham sido bordados, como os outros paramentos que ele usava, pelas mulheres da aldeia. Entoando cânticos e esparzindo água benta, ele seguiu à frente de todos para a igreja.

Tomas ficou de lado quando o caixão transpôs os portões do cemitério anexo à igreja e deixou passar o cortejo. Um

sentimento de altercação iminente tomou corpo e cresceu quando o padre e seu coadjutor tentaram encher á igreja de gente e fechar as portas. Conor fez Brigid e Liam entrarem e voltou para onde estava o pai, imóvel junto ao portão.

— Não vou entrar — disse Tomas. —  
Vá-me chamar no bar de McCluskey quando acabar a missa. Vou dizer adeus a Kilty junto à sepultura.

O Padre Lynch encaminhou-se para Tomas com o rosto fechado.

Conor foi mandado embora, indo colocar-se junto à porta da igreja, onde alguns homens da aldeia esperavam, cheios de curiosidade mas a respeitosa distância.

— Estamos à sua espera — disse o Padre Lynch por entre dentes a Tomas.

— Não... Não vou assistir a essa missa.

— Perdeu o juízo?

— Estou fazendo o que Kilty faria se estivesse no seu juízo perfeito.

Aqui está o seu dinheiro da missa.

A mão bem treinada do padre recebeu o dinheiro com a rapidez de uma cobra que dá o bote e chegou um pouco mais perto.

— Tomas Larkin, o pecado que você vai cometer é grave e perigoso. Se não entrar, não vou celebrar a missa.

— Neste caso — replicou Tom com voz mansa, — o seu pecado será tão grave quanto o meu. Sei que é uma decepção para a sua pessoa depois de ter esperado tanto tempo pela doce vitória de ver Kilty e Tomas Larkin lá dentro ao mesmo

tempo, um morto e o outro a rezar pela sua alma imortal. Mas Deus não sabe quem nós somos, pois temos padres que nem ao menos sabem rezar em língua irlandesa, o que mostra como eles são ingleses.

— Você nunca subirá tanto que chegue a ver o purgatório. Agora, entre e vá tirar o caixão dele de minha igreja.

— Está bem...

O Padre Lynch apressou-se em agarrá-lo pelo braço.

— Não, espere. Isso não adianta. Se você entrar, celebrarei a missa de graça, contanto que não diga a ninguém.

— Não, vou buscá-lo. De qualquer maneira, ele será mais feliz dormindo nas montanhas.

O padre sabia que a fé do seu povo era ilimitada. Todos obedeciam

mansamente. Mas ao lado dessa fé havia alguma coisa ainda mais poderosa, que era a memória deles. Todos sabiam que Kilty tinha recebido absolvição. O padre nunca tivera a sua autoridade desafiada e via-se num dilema. Além disso, estava tomado de um acesso de medo e começou a suar frio.

Os homens se aproximaram. O padre podia sentir-lhes às respirações ofegantes.

— Em consideração pela alma que partiu — disse ele em voz bastante alta para ser ouvido — e pela paz e tranquilidade de sua esposa e filhos inocentes...

— E para não desmoralizar o padre — disse Tomas, interrompendo-o e afastando-se.

— Como representante de Jesus

Cristo, condeno-o, Tomas Larkin, a eterna danação nesta vida e para sempre depois. Nunca me venhas pedir rastejando absolvição, porque eu não a darei.

Os homens da aldeia tiveram um sobressalto de horror.

Tomas voltou lentamente, abanando a cabeça.

— Ah, Padre, o senhor é um importuno — disse ele e, dando as costas, foi para o bar de McCluskey.

O zangado sacerdote voltou lentamente para os seus assustados fiéis, que se retiraram para a igreja, cheios de pasmo. Fazendo força para recuperar o domínio de si mesmo, começou a rezar pelo momento, dias, meses ou anos depois, em que Tomas Larkin chegasse choroso e prostrado, a suplicar perdão.

Avançando pela nave, convenceu-se de que era um homem misericordioso, capaz de perdoar e que não se comprazia na vingança, mas, apesar disso, rezou por aquele momento. E depois, resolvendo ficar com a última palavra, achou que não devia celebrar uma missa muito demorada por Kilty, nem ir até à sepultura para dizer algumas palavras especiais. Meteu o dinheiro no bolso, subiu os degraus e voltou-se para os fiéis, que caíram todos ao mesmo tempo de joelhos, como se fossem atingidos por um só tiro.

Não era falta de respeito de Dooley McCluskey pelo morto. Se fosse um enterro qualquer, ele teria fechado o seu bar até depois da missa.

Entretanto, a morte de Kilty trouxera da vila uma grande delegação de protestantes. E muitos deles não podiam entrar em S. Colombano, do mesmo modo que um bom católico não poria os pés na igreja de Santo André, dos presbiterianos, ou na de S. Jorge, dos anglicanos. Afinal de contas, não era possível deixar os homens ali parados. Além disso, ele dera algumas garrafas de presente para o velório e tinha de compensar o seu prejuízo.

Quando Tomas ajustou os olhos ao bar de teto baixo, os protestantes tiraram o chapéu e o cumprimentaram. Um por um, apresentaram condolência constrangidamente. Luke Hanna, capataz da fábrica de linho, que tinha anos de trato com Kilty e Tomas, falou em nome de todos. Fez elogios que Kilty nunca ouvira em toda a sua vida. Tinham sido adversários, mas adversários que podiam proclamar o bar como um santuário comum e beber sem quaisquer formalidades.

As palavras de Luke Hanna foram uma mistura do alívio sentido pela morte do velho patife e de tristeza pelo desaparecimento de um homem tão poderoso.

— Vi a sua discussão com o Padre

Lynch — disse Luke, oferecendo um uísque a Tomas.

— Ah, aquele homem é azedo como ruibarbo.

— Está em dificuldades com ele?

— Não. Só receio é a reação de minha mulher.

Todos ofereceram drinques a Tomas, com grande satisfação de Dooley McCluskey, e Tomas já estava começando a mostrar os efeitos, quando Conor apareceu.

— Já vão cavar a sepultura, Papai.

Tomas limpou a boca com as costas da mão, arrotou ruidosamente e seguiu o filho.

O Padre Lynch tinha abolido alguns dos mais macabros costumes dos enterros, como o de mergulhar a mão do morto num

balde de leite para fazer aumentar o creme. Entretanto, restaurara uma detestada tradição de separar homens e mulheres, enterrando cada sexo numa parte própria do cemitério. O padre deixara as preces finais e as aspersões de água benta à beira da sepultura aos cuidados do Padre Cluny, pois não queria ter outra discussão com Tomas.

Enquanto os homens se revezavam em cavar a sepultura, muitos outros se espalhavam pelo cemitério para visitar as sepulturas de parentes, limpá-las de matos e fumar cachimbo. Algumas mulheres faziam lamentações em volta do caixão, mas não nos terríveis tons do velório.

Era um choro lírico e uma suave intuição do ritmo das preces umas das outras, de modo que tudo se harmonizava

na criação de uma melodia primitiva.

Depois que Tomas chegou, o caixão foi depositado na terra e coberto.

Cada um passou diante do caixão e colocou uma pedra em cima dele até que se formou um pequeno montão de pedras ou *cairn*. Em grupos de dois e três, os homens se dirigiram para o bar de McCluskey e as mulheres voltaram para a aldeia.

Fergus O'Neill equilibrou-se com as pernas cruzadas sobre o *cairn* de Kilty. Bertie MacDevitt se postou ao lado dele tocando flauta, com os lábios ainda inchados da sua briga com Dinny O'Kane. Fergus recitou então os seus versos.

Tora-lu, tora-lu, Vou ficar aqui até à noite.

Um soldado do Verde morreu,  
Chorem, pois, por Kilty Larkin.

Tora-lu, tora-lu, Era um Feniano  
cintilante, Acabou com o odiado dízimo,  
Deus te ama, Kilty Larkin.

Tora-lu, tora-lu, Os vizinhos todos  
embarcavam Mas com toda a fome, ele  
guardou suas terras, Adeus para sempre,  
Kilty Larkin.

Depois de mais quinze estrofes, o  
poema terminou. Com o correr dos anos,  
ganharia mais cem estrofes. Kilty tinha  
recebido o prêmio do herói de um canto  
em sua honra. Fergus e Tomas ficaram e  
Bertie tocou até que seus lábios doeram  
tanto que ele não pôde continuar. Por fim,

Conor, com Liam e Brigid, saiu e voltou para casa, deixando Tomas sozinho junto ao *cairn* do pai até que a noite caiu sobre Ballyutogue.

Já bem tarde da noite, Conor abriu a porta do bar de McCluskey. Só estavam ainda de pé o pai dele e Luke Hanna, bem como mais dois protestantes e McCluskey, que tomava nota de cada dose servida. Conor puxou o pai pelo paletó. Os olhos de Tomas pareciam poças vermelhas e Conor teve a impressão de que ele estava de novo a caminho do seu acesso.

— Vou levá-lo para casa, Papai.

— Vá-se embora daqui! — berrou Tomas.

— Mas eu tenho de saber quando o senhor vai para casa.

— Quando eu acabar de beber, está aí.

— Vou esperar.

— Será que eu não posso apreciar meus drinques sem ter um fedelho a montar guarda?

— Vou-me sentar num canto e não abrirei a boca.

— Acho que está precisando é de uma surra.

— Tenho de esperar. Prometi a Mamãe que o levaria para casa.

Tomas levantou o braço como se fosse bater no filho, mas Conor ficou onde estava, sem qualquer receio, antes com um sinal evidente de desgosto. Tomas baixou o braço, gemeu, resmungou, coçou a cabeça e o queixo e acabou não resistindo ao olhar de Conor.

— Ah, Cristo! — murmurou ele,

largando o copo e saindo com o filho.

Aspirou fundo nos pulmões o ar frio da noite e apoiou-se em Conor.

Seguiam em silêncio, tendo apenas por companhia o sussurro do vento e os cheiros dos campos.

— Sua mãe soube da minha conversa com o Padre Lynch?

— Soube.

— Posso imaginar a cara com que ela está agora. É capaz de azedar o creme por quase quinze dias.

Parou antes de chegar à casa e deu pequenos muxoxos de pena seguidos por fundos suspiros irlandeses.

— Escute, meu filho. Por que não vai dizer à sua mãe que eu fiquei desacordado no bar? É isso. Fiquei desacordado e Fergus me pegou e me levou para dormir

na casa dele.

— Mamãe não vai acreditar nisso. Todo o mundo sabe da sua resistência à bebida.

— Acha que não vai dar certo?

— Não.

— Então, vamos ficar sentados no estábulo, até que minha cabeça pare de rodar.

Tomas se arrastou pelas paredes, recomendando às vacas que fizessem silêncio. Depois, jogou-se no feno, enquanto Conor acendia a lanterna.

— Tudo vai dar certo, Papai. O senhor não fez nada demais.

— Você é um bom rapaz, Conor. Um dia, ainda escreverão cantos em sua honra.

— Por que não vai para a cama?

— Ainda não estou em condições de enfrentar isso.

Tomas esfregou a cabeça com força para afastar os círculos elétricos de confusão que lhe percorriam o organismo, curvando-lhe o corpo, provocando-lhe náuseas, fazendo-lhe latejar a cabeça, enevoando-lhe a visão e baralhando-lhe as palavras.

— Papai, eu sabia como o senhor amava Kilty. Eu também sentirei a mesma coisa no dia em que o senhor se for.

Tomas se deitou no feno e agitou os braços em agonia.

— E eu farei você viver como Kilty fez comigo... Meu Deus! Meu Deus!

A respiração dele era arfante e o gado estava ficando nervoso.

— Kilty! — exclamou ele. — Kilty!

Os soluços do pai cortavam o coração de Conor. Chorou, vendo o gigantesco homem abalado e emitindo sons como Conor nunca tinha ouvido. Por fim, começou a soltar pequenas frases pungentes, — Não adianta, Kilty. As batatas ficaram pretas... Vamos morrer... vamos morrer...

## 8

— Que belo espetáculo! — exclamou Finola, entrando no estábulo.

— Ele está passando mal — disse Conor.

— Não resta a menor dúvida — disse ela, aproximando-se para olhar melhor. — Tenho visto melhores caras de gente arrasada.

— Não está fingindo, Mamãe. Está completamente destruído.

— Ah, tenho de fazer penitência pelas tolices dele até o dia de Todos os Santos. É melhor você ficar aqui e tomar cuidado para ele não ficar sufocado. Se fizer muito barulho, jogue-lhe um balde de água na cara — disse ela, saindo.

— Conor.

Olhou para o sótão, onde Liam tinha metido a cabeça pela abertura, enquanto Brigid esfregava os olhos.

— Papai já voltou?

— Já.

Liam desceu a escada e olhou para o pai.

— Parece que alguém deu uma boa surra nele.

— Ele está apenas descansando.

— Vou ficar com você — disse Liam.

— Podemos-nos revezar tomando conta dele — acrescentou, encantado com a ideia de ser o protetor do pai.

— Tomo conta dele sozinho. Volte e vá dormir.

Liam se aborreceu com o que era indiscutivelmente uma ordem.

— Eu devia ficar também.

— Volte!

Liam pensou por um momento em resistir, mas se retirou sem protesto, aceitando a autoridade do irmão Conor diminuiu a luz da lanterna e arrumou um lugar para ficar. As mãos de Tomas se abriam e fechavam como se quisessem agarrar o feno, contorcendo-se um pouco.

Murmurava coisas incoerentes.

Conor ficou sentado, cochilando de vez em quando, mas acordava sempre que o pai fazia algum movimento. Tomas estava seguindo um caminho de torturas, mas ninguém podia ajudá-lo.

De repente, estranho e completo silêncio envolveu o estábulo, a tal ponto que Conor ouviu alta apropriada respiração. Veio depois uma rápida arremetida do

vento que entrou pelo estábulo, fazendo o garoto estremecer e apagando a lanterna, com o que tudo mergulhou em completa escuridão. Conor tateou em volta e as vacas mugiram inquietamente como se uma pessoa estranha tivesse entrado ali.

Uma luz inexplicável, que parecia mais uma irradiação, surgiu num canto do estábulo, precisamente no local onde Finola vira a *banshee*.

Conor sentiu o coração empolgado pelo medo.

A luz tremia incertamente como se estivesse procurando um lugar para sair.

— Quem está aí? — perguntou Conor com voz trêmula.

— Apenas eu — foi a resposta.

Conor sentiu a boca seca. Reconhecia a voz vagamente, mas não estava com

calma para pensar direito nas coisas. Rastejou de quatro para ver melhor e, nesse momento, a luz emergiu livremente, mostrando o vulto de um homem.

— Quem... é... você?

A resposta foi um riso sardônico.

— Alguma coisa muito estranha está acontecendo — murmurou Conor, levantando-se e pensando em fugir. Mas isso seria abandonar o pai.

Talvez pudesse dar um grito. Uma figura translúcida se aproximou.

— Olhe bem, Conor.

O garoto colocou-se resolutamente entre a sombra que avançava e seu pai prostrado, com um vislumbre de reconhecimento. Era alguém que ele conhecia, sem dúvida, mas não podia de modo algum identificar. Via os contornos

de um homem robusto, vestido para o trabalho nos campos, de braços musculosos e com uma basta cabeleira negra. Foi na cabeleira que Conor se fixou, porque tinha visto uma do mesmo feitio, mas toda branca e na cabeça de um homem velho e encarquilhado.

O fantasma sorriu, mostrando dentes grandes e sadios. Não, não podia ser o mesmo homem, porque aquele em quem ele estava pensando não tinha mais um só dente na boca.

— Sei que mudei um pouco, mas ainda assim você devia me reconhecer.

A voz, a voz!

— Daddo?

— Você é um bom menino.

Conor estendeu a mão e colocou-a diante do rosto do homem.

— Para que está fazendo isso?

— Pode-me ver?

— Claro que posso vê-lo.

— Mas você é quase cego.

— Ah, isso... Não se esqueça de que, quando você me viu pela última vez, eu era quarenta anos mais velho.

— Mas foi na noite passada!

— Escute, para continuarmos a nossa conversa, você tem de aceitar certos fatos como, por exemplo, a minha presença. Nem sempre fui fraco e cego. Kilty também não. Infelizmente, você só se lembra de nós na velhice.

Há quarenta anos, éramos bem desempenados. É verdade que eu nunca me pude comparar com Kilty. Ele quebrava pedras nas mãos com a maior facilidade.

Conor recuou desconfiado à medida que o homem avançava. Poderia de fato ser Daddo quando era mais moço. Quanto mais o olhava, maiores eram as semelhanças. Daddo agarrou não se sabia onde um jarro de *poteen* e tomou um bom gole. Abanou a cabeça ao olhar para Tomas Larkin e ofereceu o jarro a Conor. O garoto quase ficou engasgado ao beber, mas ao mesmo tempo ficou satisfeito de ser tratado como um homem.

— Algum dia ele já lhe falou da Grande Fome?

— Não. Só de passagem...

Como a maior parte dos garotos, só ouvira falar da fome fragmentariamente, nas histórias dos *shanachies*, nas coisas que se contavam ao pé do fogo numa noite de inverno. Frases sobre a fome, comida

do tempo da fome, medo da fome... eram coisas frouxamente pendentes de fios misteriosos, Quando a conversa sobre a fome tomava incremento, Tomas Larkin a encerrava invariavelmente. Mais de meio século tinha passado, mas as recordações e os efeitos ainda estavam presentes nas casas e nos campos de Ballyutogue.

— Vivemos com uma porção de salas dentro de nós — disse Daddo. — A sala principal é aberta à família e aos amigos e nela mostramos o que temos de melhor. Outro aposento é mais particular. É o quarto onde dormimos, e poucas pessoas têm acesso a ele. Mas há outro quarto no qual não deixamos entrar ninguém, nem mesmo nossa mulher e nossos filhos, porque é um lugar onde guardamos os nossos pensamentos mais íntimos que não

podemos dividir com ninguém. Há ainda outro quarto, tão escondido que nem nós entramos nele. É onde trancamos todos os mistérios que não podemos resolver e todas as dores e tristezas que desejamos esquecer. Quando Kilty morreu, abriu o último desses quartos dentro de Tomas Larkin e toda a amargura desapareceu.

Conor olhou para o pai, que parecia mais sossegado. Considerava a aparição de Daddo coisa sobrenatural e continuava alerta. Daddo não parecia ter más intenções, mas a situação exigia cautela.

— Tomas tinha mais ou menos a sua idade no tempo da Grande Fome e era muito parecido com você. Kilty e eu éramos muito amigos. Eu morava nessa época na aldeia vizinha e o acompanhava como seu ajudante de maior confiança.

Tinha conhecimento de tudo o que acontecia. Para compreender tudo, entretanto, é preciso saber do que estava sucedendo naquele tempo...

Depois de esmagar o levante dos Irlandeses Unidos de Wolfe Tone em 1798, os ingleses estavam decididos a não ter mais de enfrentar novos parlamentos de Dublin com tendências à libertação da Irlanda.

Com esse intuito, William Pitt, o Primeiro-Ministro inglês, engendrou um Ato de União com a finalidade única de total eliminação política dos irlandeses.

Cornwallis, o Vice-Rei da Irlanda, iniciou uma campanha de chicanas ignóbeis para forçar o Parlamento de Dublin e fechar-se depois de quinhentos

anos de funcionamento. Depois disso, a Cruz de S. Patrício foi acrescentada à Cruz inglesa de S. Jorge e à Cruz escocesa de Santo André, tudo arrumado numa bandeira única que passou a ser conhecida como a Union Jack e a ser desfraldada no chamado Reino Unido.

Em troca de sua participação nesses planos, os bispos irlandeses tiveram a sua lealdade comprada pelos ingleses com promessas de emancipação dos católicos.

Foi criado um grande seminário em Maynooth sob as vistas e a supervisão dos ingleses, para estabelecer uma versão inglesa do catolicismo, que acabaria por dominar a antiga versão celta e normanda.

O Ato de União foi um casamento forçado. Com a extinção do Parlamento de Dublin, qualquer oportunidade de orientar

os destinos da Irlanda foi tirada das mãos dos irlandeses. Uma pequena delegação irlandesa com poucos votos se perdeu na imensidão de Westminster. A Inglaterra pôde então dominar a Irlanda por intermédio de servidores da Coroa, situados no infame Castelo de Dublin.

Depois de um quarto de século de vigência do Ato de União, o primeiro católico irlandês pôde ocupar uma cadeira em Westminster. Só a personalidade gigantesca de Daniel O'Connell pôde conseguir isso.

Quando ele dominava a luta política irlandesa, os objetivos da emancipação pareciam realizáveis. O'Connell dedicou então a vida a outro objetivo, a revogação do Ato de União... ao divórcio da Inglaterra. Isso não ia ser conseguido.

— Como vê — disse Daddo — as próximas eleições são da maior importância. Nos oitenta e cinco anos deste século, temos lutado pela Autonomia, pelo Parlamento de Dublin e pela extinção do Ato de União.

Conor assentiu e perguntou: — Por que as colheitas falharam?

— Isso tinha de acontecer mais cedo ou mais tarde — disse Daddo, levantando-se e andando um pouco. O movimento lhe era necessário porque ele nunca deixava de ficar exaltado quando falava no assunto.

— Todo o belo palavreado não nos serviu de nada — disse ele. — Os meeiros da Irlanda continuaram a ser os mais miseráveis camponeses do mundo e, para cúmulo de nossas desgraças, a Igreja

estava inclinada a ajudar as tentativas britânicas de anglicizar-nos. Não se rezava mais na língua velha. Nas escolas e nos livros, não se falava mais na história ou nas lendas da Irlanda. Foram os *shanachies* e os professores irregulares como meu pai que, repetindo suas histórias de aldeia em aldeia e dando lições sempre que possível, salvaram a nossa cultura.

Daddo parou de andar de repente e a tristeza do que dizia o dominou, marejando-lhe os olhos. Sentou-se e continuou a falar numa voz sem inflexões.

— Colhíamos as batatas em setembro, como acontece agora. Quando o ano era muito bom, ainda nos conseguíamos arranjar, mas os meses difíceis eram sempre para nós os do verão, quando a

comida rareava. Os que ainda tinham alguns objetos tratavam de empenhá-los. Os outros ficavam cada vez mais endividados com os usurários. Nunca estávamos longe da ameaça da fome e assim, junto com a renda, o dízimo que tínhamos de pagar à igreja anglicana e a ausência de quaisquer direitos humanos, o gado e os porcos tinham melhor tratamento, pois éramos menos que animais aos olhos dos ingleses.

“A Irlanda em 1800 era um país de oito milhões de habitantes. Dois ou três milhões não tinham nem terras, nem emprego e vagavam a esmo, arrancando o que pudessem da gente do campo. Quando iam para as cidades, não encontravam trabalho, pois os ingleses não instalavam fábricas, portos, casas de negócio,

estradas ou escolas... salvo para os protestantes do Ulster. As cidades eram verdadeiros montões de imundície, atravancadas por centenas de milhares de mendigos, velhos e moços, cuja única expectativa era a desgraça final do asilo. Foi essa a Irlanda que os ingleses criaram.

Os dois ficaram durante algum tempo em silêncio. Conor tentava assimilar o que ouvia e Daddo pensava na véspera da catástrofe.

— Quando eu era garoto, as pessoas se casavam na mocidade. Os casais se contentavam com alguma terra tirada da propriedade da família.

Assim, as propriedades foram ficando cada vez menores até que não havia uma só em todo Inishowen que tivesse mais de

seis hectares.

“A base da tênue linha de subsistência passara a ser a batata. Toda uma família podia manter-se com pouca terra, e o único instrumento necessário era uma pá para cavar a terra. Um homem comum comia de três a cinco quilos de batatas por dia. Com as cascas se alimentavam as galinhas e os porcos. Com isso e com a turfa para produzir calor, tínhamos os elementos de sobrevivência.

“Quando a população foi-se tornando maior ao passo que as propriedades diminuían, o solo ficou esgotado. A dependência total de uma só lavoura era um risco de catástrofe.

“Tomas Larkin, que está ali deitado, teve o espirito esmagado pela fome, do mesmo modo que o povo irlandês era

esmagado.

## SETEMBRO DE 1845

— Papai! Tio Aidan! Tio Cathal!

Kilty Larkin e seus dois irmãos, que cavavam as últimas batatas em suas terras cansadas, interromperam o trabalho e viraram-se para ver o jovem Tomas, que subia a ladeira, gesticulando e gritando:

— Papai! Tio Aidan! Tio Cathal!

Kilty jogou um punhado de batatas no grande cesto colocado no “sidecar” e se encaminhou para os limites de sua terra, que ficava bem no alto. Os três irmãos consumiam uma boa porção de chão no seu sustento, tão grandes eram. Quando

enxugou a testa suarenta, o vento lhe agitou os cabelos, fazendo-o parecer um Moisés de barba ruiva. O filho dele tropeçou nos últimos metros.

— Calma, Tomas! Mais devagar.

— Mamãe está chamando todos lá embaixo, depressa!

— Que é que está havendo? — perguntou Cathal.

— Está acontecendo uma coisa esquisita com as batatas.

— Não pode ser. Estavam bem boas ontem.

Tomas abanou a cabeça e mordeu o lábio inferior para não chorar.

— Que foi que houve? — perguntou Kilty.

— As batatas começaram a ficar pretas diante dos olhos da gente.

Os irmãos se olharam espantados. Depois, viraram-se e começaram a descer, quase correndo. Havia já um pequeno ajuntamento de mulheres e velhos quando chegaram ao grande depósito de pedra e turfa usado para guardar as safras. Ali estavam Mary, mulher de Kilty, Jenny, mulher de Aidan, e Siobhan, mulher de Cathal.

Kilty se aproximou de Mary. Ela estava com o rosto contorcido de medo quando agarrou o braço dele e apontou sem dizer uma palavra para o depósito. Ele entrou em companhia dos irmãos. As grandes tulhas cheias de batatas exalavam um forte cheiro de ranço. Kilty tirou um punhado de batatas e olhou-as na semi-escuridão do depósito. Estavam pretas e se desmanchavam numa massa esponjosa

entre os seus dedos. Meteu as mãos mais no fundo das tulhas. Todas estavam estragadas por todo o depósito.

— Mãe de Deus! — exclamou Aidan.

— Fale baixo, pelo amor de Deus! — disse Kilty.

Os três se reuniram para conversar em voz baixa.

— Que é que você acha? — perguntou Cathal.

— Palavra que eu não sei — disse Kilty.

— Acha que pode ser a luz? — perguntou Aidan.

— Já disse que não sei — declarou Kilty. — Nunca vi nada de parecido.

— Lembro-me de que Papai contava que isso aconteceu uma vez em Armagh. As batatas eram arrancadas e pareciam

boas, más no dia seguinte estavam estragadas.

— Deixe ver — disse Kilty. — Cathal, saia daqui, tão calmamente quanto possível, levando um saco. Separe algumas galinhas e um leitão num cercado e dê-lhes essas batatas para comer.

— Está certo.

— Agora, vamos sair e não façam cara feia, pelo amor de Deus!

Logo que os três saíram, apareceram outros homens das vizinhanças, todos dizendo que o mesmo tinha acontecido nos seus depósitos de batatas. Quando a quantidade de gente aumentou e a confusão se tornou maior, todos os olhos começaram a voltar-se para Kilty. Ele se conservou quase alheio ao caso, falando com voz tranquila, e no momento todos

pareceram calmos. Só Mary, casada com ele havia quinze anos, sabia ler o desespero que havia por trás daquela aparência impassível.

Daí a poucas horas, Cathal teve uma resposta. Os animais que tinham comido as batatas enegrecidas estavam mortos. Kilty despachou seus irmãos e Tomas para o norte, até Moville, para o interior, até às montanhas de Glencaw, e para o sul, até Muff, a fim de convocar os chefes titulares dos clãs. Quando todos chegaram, já noite fechada, a igreja estava cheia de mulheres chorosas que rezavam e de homens calados e apavorados.

A reunião se realizou numa antiga fortaleza normanda abandonada fora da aldeia, com a presença também de todos os homens de Ballyutogue. Daddo Friel

foi o primeiro a falar para declarar que em sua aldeia de Crockadaw as batatas tinham começado a apodrecer no dia anterior.

Depois de um longo momento de completo silêncio, houve uma explosão de gritos confusos. Kilty assumiu então a direção, dominando uma onda crescente de medo.

— Quando nós nos separarmos, quero que cada um examine a situação com exatidão e mande-me dizer o que pode fazer para atravessar o inverno e reiniciar as plantações na primavera, Quando eu tiver todas as informações, formarei com Daddo uma comissão de duas pessoas e irei a Derry para falar pessoalmente com o agente principal das terras, MacAdam Rankin.

— Não será muito o que aquele cachorro gorducho poderá fazer por nós.

— Vou pedir que todos se calem. Todos nós já tivemos as nossas divergências com MacAdam Rankin, mas nunca tivemos de enfrentar a perda total do nosso alimento básico. O próprio Rankin terá de compreender que o Conde não terá nenhum lucro se todos nós morrermos de fome.

Tudo isso parecia lógico. O Conde de Foyle tinha meeiros para poder ganhar dinheiro e manter a sua fortuna. Teria de reagir de maneira a salvar a sua galinha dos ovos de ouro.

— Comuniquem-me as suas absolutas necessidades — disse Kilty — e eu e Daddo pleitearemos o bastante para que nos salvemos. Enquanto isso, não façam

empréstimos de espécie alguma com os agiotas e não se deixem vencer pelo pânico.

Fortificados pela energia granítica de Kilty, todos saíram cheios de esperança.

Os Larkins compreendiam três famílias, num total de vinte pessoas.

Kilty era o mais velho, filho fiel de Ronan, que lutara no levante de 1798 e fizera uma terra sáfara dar pela primeira vez uma colheita. Ele e Mary tinham quatro filhos, três rapazes e uma meninazinha. O mais velho era Tomas com quatorze anos. Tomas era grande e forte como todos os Larkins, mas vagava e sonhava, passando quase todas as horas do dia junto do *shanachie* e dos professores itinerantes.

Cathal, o irmão do meio, vivia

aborrecido com a ausência de um herdeiro masculino, pois tinha quatro filhas, a mais velha com dezessete, e ainda não casara nenhuma.

O último era Aidan com seis rapazes, de nove anos para baixo.

Eram muito unidos e essa união lhes deu força na crise que atravessavam. O conselho da família discutiu as coisas com calma segurança. O problema imediato era comida suficiente para atravessar o inverno depois das rendas. Havia bastante de sua parte das safras para passar o inverno, mas, quando chegasse a primavera, não haveria dinheiro para comprar sementes e para enfrentar outras despesas.

Foi decidido que um deles teria de atravessar o mar e ir para a Inglaterra,

onde trabalharia nos portos ou em colheitas tardias. Kilty era quem poderia ganhar mais dinheiro e era o indicado em todos os sentidos.

Aidan não tinha substituto para trabalhar no campo em seu lugar e o mesmo podia dizer-se de Cathal. Duas de suas filhas poderiam ajudá-lo, mas não seriam capazes de fazer tudo sozinhas, se ele se fosse.

O jovem Tomas estava quase em condições de fazer o trabalho de um homem, se deixasse de andar nas nuvens. Kilty lhe falou na importância e na responsabilidade de ser o chefe da casa durante a sua ausência e o rapaz se declarou disposto a agir de conformidade com isso.

De um modo geral, os Larkins

pareciam em boas condições para enfrentar a crise, com um pouco mais de trabalho apenas. Mas chegaram as notícias dos vizinhos e das outras aldeias e as perspectivas para eles pareciam mais negras.

Armados com uma detalhada relação das necessidades dos reдеiros dentro das terras do Conde de Foyle, Daddo Friel e Kilty partiram para Derry, a fim de procurar MacAdam Rankin.

Tinham a esperança de enfrentar a situação com o adiamento dos pagamentos. Convenceriam Rankin a deixar os reдеiros conservarem um certo número de animais e outras plantações para lhes servirem de alimento em lugar de batatas.

Os reдеiros católicos de Inishowen e

nove condes de Foyle tinham tido sangrentas lutas durante dois séculos e meio, mas tudo isso era coisa do passado. As leis penais estavam havia muito abolidas e um espírito de reforma e de conciliação vinha da Inglaterra. Já fazia mais de dois anos que Kilty não empreendia assaltos noturnos. As negociações não eram mais uma coisa fora do comum.

Kilty e Daddo estavam otimistas. Afinal de contas, estavam no ano de 1845 e iam tratar com homens civilizados.

# 10

Tomas rolou o corpo no chão, abalando o ar com um estrondoso ronco que interrompeu a narração de Daddo. O *shanachie* aproveitou a pausa para fortalecer-se com *poteen* e mais uma vez estendeu o jarro a Conor. Este ainda tinha o estômago embrulhado do seu último gole e respeitosa­mente recusou. Tomas agitou-se muito, mas afinal se deitou de bruços e o ronco passou a ser um simples assobio.

— Que aconteceu quando você e Kilty foram a Derry procurar o agente?

— Falamos com ele, sim. MacAdam Rankin.

— Rankin? Do mesmo clã que ainda

administra as terras?

— Sim, a mesma família. Mas MacAdam era diferente. Era capaz de tirar sangue do vento, Muita gente confiava nele, o que prova como o homem era hábil. Argumentava-se que, afinal de contas, ele concordara em pagar nossos dízimos dois anos antes de Kilty ter deixado de efetuar assaltos noturnos.

— Que foi que ele disse?

— Suou sangue por todos os poros para nos ser agradável. Assegurou que estava profundamente contristado com o que sucedia. Disse que se tinha comunicado com o Conde, pedindo-lhe que voltasse ao Ulster e solicitasse a ajuda do governo. Mas, enquanto fazia toda essa demonstração de simpatia, estava tomando as medidas dos nossos

caixões, pois sabia desde muito tempo o que gostaria de fazer com todos os rendeiros.

Daddo sacudiu a cabeça como se ainda não acreditasse na perfídia de Mac Adam.

— Enquanto falava conosco, aparentando a maior sinceridade, fazia planos para que fôssemos encontrar-nos antes do tempo com Jesus e com Maria. Conor, se você pode guardar uma coisa na cabeça, nunca se sente para entrar em negociações com essa gente. Têm mais truques do que um cigano e um sentimento de honra indigno de uma porca.

“Mac Adam tinha um irmão mais velho, Owen, uma triste mistura de homem, incapaz de administrar as terras, que vivia por ali como um carrasco

sempre disposto. Havia também um sobrinho, Glendon, que vivia sonhando com o dia em que tomaria conta do posto. Era uma turma desgraçada, restos de parição de três gerações de agentes dos condes.

Satânicos, simplesmente satânicos...

Durante esses meses, o Conde de Foyle, Lorde Morris Hubble, e Lady Beatrice estavam em Daars, o solar que tinham no sul, perto de Kinsale.

Daars tinha um pouco de renome como a mais elegante estância para vários oficiais de marinha reformados de alta patente e um punhado de aristocratas nômades.

A notícia da praga que dera nas batatas dominava quase todas as

conversas. De fato, algumas partidas prematuras de Kinsale haviam quase arruinado a temporada de iatismo.

Respondendo às indagações de Lorde Hubble, MacAdam Rankin tinha assegurado que tudo estava em ordem na Mansão Hubble. O agente sugeria algumas providências acautelatórias. De qualquer maneira, disse Rankin na sua carta, não havia necessidade para o Conde de sujeitar-se a tão longa viagem de carruagem.

A família Rankin estava a serviço dos condes como agentes da propriedade havia quase um século. Durante os dez anos em que MacAdam estava à frente da administração, ganhara um âmbito maior de confiança e autoridade. Era uma combinação que dava a Lorde Morris e a

Lady Beatrice mais tempo e liberdade de dedicarem-se aos prazeres sociais de Daars e de Londres.

O Conde respondeu à carta de Rankin, dando-lhe autorização para executar as propostas formuladas e anunciando que tomaria passagem num vapor a sair de Queenstown para Londonderry daí a várias semanas.

Embora Rankin tivesse adiado uma solução quando falara com Kilty, pacificando os rendeiros católicos, a sua maior preocupação era que o pânico se generalizasse e gerasse atividades subversivas.

Owen, o irmão mais velho, foi despachado para o Castelo de Dublin com algumas solicitações específicas. Os condes tinham amigos e contatos dentro

do governo havia algumas gerações e ele tinha certeza de ser prontamente atendido.

O jovem Glendon viajou para Londres a fim de, em companhia de outros agentes e de alguns aristocratas, dar conhecimento da sua opinião ao governo.

Rankin pôs os seus advogados em ação para prepararem uma quantidade de documentos legais para ter à mão quando fosse preciso agir contra os católicos.

O apoio maior com que contava o Conde vinha da grande população de protestantes leais em Ballyutogue e nos seus arredores, cuja permanência datava de cerca de duzentos anos. Os presbiterianos tinham chegado da Escócia como colonos e os anglicanos mais tarde haviam tomado posse das suas terras em pagamento de serviços prestados a

Cromwell. Apesar disso, viviam isolados da massa dos protestantes do Ulster e isso lhes dava a impressão de que viviam cercados pelos seus vizinhos hostis no alto da charneca.

A anatomia do medo protestante foi um instrumento útil nas mãos de MacAdam Rankin, pois podia facilmente levá-los à febre da ação. A perda da safra de batatas deu ao astuto agente uma oportunidade que ele não iria desprezar.

— Aconteceu — disse Daddo que a praga das batatas foi uma das poucas coisas de natureza não sectária e deu nas batatas dos protestantes também. Embora nunca tivessem tido de sofrer os nossos problemas e a nossa pobreza, ficaram em situação bem difícil. MacAdam apareceu

nos seus locais de reunião e nas suas igrejas, dizendo que o Conde lhes daria apoio até ao fim e ao mesmo tempo dizendo que eles deviam esperar o pior dos rendeiros católicos. Nunca houve muita necessidade de convencer os protestantes disso. Ainda falavam e tinham medo dos horrores de um levante católico ocorrido dois séculos antes.

“Para ajustar tudo, Owen Rankin voltou do Castelo de Dublin com a permissão para reorganizar a Milícia de Donegal Leste. Era sem dúvida um belo grupo. Tratava-se de uma unidade da reserva da milícia que tinha açoitado, matado, arrasado e torturado mais que todos os outros batalhões do Ulster do tempo de Cromwell até ao levante dos Irlandeses Unidos. No seu isolamento, os

seus receios tinham-se transformado num frenesi sádico.

“Em troca do apoio do Conde, MacAdam sugeriu que todos os homens válidos tomassem armas para proteger as suas terras e os seus privilégios.

Foram buscar a velha bandeira, espanaram-na e hastearam-na no quartel de Ballyutogue, junto com muita zoada de clarins, tambores e canções de ódio, para que nenhum católico deixasse de ver qual era a intenção.

— Desculpe interrompê-lo — disse Conor, — Não o estou contestando, mas como é que o senhor podia saber do que estava acontecendo no Castelo de Dublin ou nas reuniões dos homens de Orange?

Daddo parou no meio do estábulo, a princípio surpreso e depois irritado.

— Está duvidando da veracidade do que eu digo, Conor?

— A bem dizer, não — respondeu Conor — mas tudo isso está ficando um pouco estranho. O senhor está quarenta anos mais moço do que realmente é e está tão transparente que eu posso ver o outro lado do estábulo através de seu corpo. E me fala de coisas que não poderia de jeito nenhum saber...

— Basta! — exclamou Daddo, levantando imperiosamente a mão. — Julga que eu me daria ao trabalho de passar quase a noite inteira aqui, se eu não quisesse que você ficasse sabendo? Além disso, um *skanachie* tem meios próprios de saber das coisas...

— Por intermédio dos gnomos?

— Não lhe vou contar os meus

segredos, mas não quero dar a confiança do meu coração a uma pessoa que duvida. Não leve a mal, mas vou-me embora...

Nisso, a imagem dele começou a desvanecer-se diante dos olhos de Conor.

— Não se vá embora! — exclamou Conor. — Por favor, fique.

Daddo interrompeu o desaparecimento de sua imagem e disse: — Há coisas que você não pode pôr em dúvida, como o que está vendo e ouvindo agora.

— Ora, Papai e Kilty sempre me disseram que duvidasse de tudo, principalmente dos milagres alegados pelo padre. Mas, palavra de honra, Daddo, nunca quis comparar um *skanachie* com um simples padre...

— Bem, agora você está pensando com inteligência e eu vou continuar —

disse Daddo, retomando o fio da conversa.

“Quando estive em Dublin, Owen Rankin obteve ordem oficial de aumentar o efetivo da polícia. Ora, a polícia era a maldição de nossa vida.

Nunca houve terra suficiente para todos os nossos filhos e alguns deles eram forçados a entrar para aquele grupo de demônios a fim de ganhar a vida. Odiávamos a polícia porque a Coroa se servia dela para oprimir o nosso povo. A praga forneceu um incentivo perfeito ao recrutamento.

Centenas de famílias nas últimas extremidades foram dizimadas. Um pequeno prêmio por ocasião do alistamento, o salário e os subornos que ganhava a polícia, além da leve esperança

de proteção por ter um filho alistado concorreram para dar-lhe o tamanho de um pequeno exército. Era uma situação ideal para os ingleses. Dispunham de católicos para cometer as suas sujeiras.

“Já então, Kilty percebeu o jogo de MacAdam. No passado, ele tinha conseguido unir-nos, mas as coisas tinham passado a ser diferentes.

Nunca um povo se viu mais aterrorizado. E, então, todas as esperanças de um levante terminaram quando algum delator infame e traidor revelou os esconderijos de nossas armas. O pânico invadiu todas as casas. Os agiotas andavam por todos os cantos e os mais desesperados se entregavam nas mãos deles, contraindo empréstimos a juros absurdos. Enquanto isso, alguns iam

engrossar as fileiras da polícia e centenas de homens atravessavam o mar para ir procurar trabalho na Inglaterra.

Os ingleses iniciaram uma série de medidas para congelar os preços na Irlanda. Além disso, levantaram a tarifa protecionista sobre a importação do trigo e mandaram para a Irlanda grandes remessas de milho, mas a maior parte delas foi cair nas mãos dos especuladores.

Estavam em vigor havia muitos anos na Irlanda leis dos pobres baseadas na internação em asilos para combater o desemprego crônico.

Mas, embora os asilos fossem parte integrante da vida na Inglaterra, eram particularmente repugnantes aos

irlandeses, que, por sua existência comunal, viam a internação num asilo como tão sedutora quanto uma sentença de morte.

Outros planos compreendiam obras públicas em grande escala, principalmente construção de estradas.

O que faltava era uma política centralizada, uma suprema decisão em favor da Irlanda. A própria Inglaterra se debatia naquela época numa convulsão social, provocada pelo sistema de classes imoral que se seguira à Revolução Industrial.

Que importância tinham os problemas dos irlandeses?

Na melhor das hipóteses, eram considerados um povo exótico, uma raça indolente, mentirosa, ignorante, bêbada e

ingrata, certamente indigna de viver no mesmo plano dos civilizados ingleses a quem eram desleais.

Enquanto p destino da Irlanda era ponderado, os colonizadores que tinham malbaratado a terra exerciam então todas as pressões possíveis para salvar a própria pele.

Depois de um longo silêncio, Conor foi até junto do pai para certificar-se de que o mesmo respirava, tão sossegado estava ele.

— Não se preocupe — disse Daddo.  
— Ele já passou pelo pior.

— É verdade — disse Conor, bocejando.

— Está com sono também?

— Não; Quero ouvir tudo.

— Venha então, para junto de mim. Não quero altear muito a voz.

Conor se aproximou por sobre o feno e acomodou-se aos pés de Daddo.

— Quando seu bisavô, Ronan Larkin, chegou a Ballyutogue vindo de Armagh, em 1800, a Inglaterra estava empenhada em guerras que tinham devastado muitos dos campos da Europa e as necessidades do exército eram muito grandes. Todo palmo de terra na Irlanda foi dedicado à cultura do trigo, pois era isso que dava dinheiro. Com isso, grande parte das pastagens se arruinou.

“Depois de Warteloo, a procura de trigo caiu e as propriedades ganharam cada vez menos. As terras da aristocracia se estragaram, Muitos dos nobres estavam vivendo acima das suas posses e alguns

tinham contraído consideráveis dívidas de jogo. As propriedades estavam oneradas e hipotecadas até ao fundo.

“Mac Adam Rankin e seus colegas viviam da percentagem sobre o que arrecadavam e tinham de extrair dinheiro até à última gota. A maior desgraça da Irlanda tem sido o proprietário das terras e, no momento da praga, os proprietários chegaram à sua hora mais triste. A questão que o governo inglês tinha de enfrentar não era a sobrevivência do povo que a Inglaterra havia conquistado, mas a sobrevivência da aristocracia que tinha plantado em nosso solo.

“Tirando a perda das batatas, as safras tinham sido boas naquele ano e havia comida de sobra no país para alimentar a todos nós, desde que se deixasse ficar

tudo na Irlanda, mas a aristocracia em dificuldades tinha de vender no estrangeiro.

O governo adotou uma política de *laissez faire*... Os negócios tinham de correr como de costume sem interferência oficial. O inverno viu o rendeiro quase morto, com as suas tulhas cheias de alimentos podres. Os agentes ativaram as arrecadações e, em breve, os currais de Londonderry e de outros portos irlandeses regurgitavam de bois para serem exportados para a Inglaterra.

Os primeiros frios chegaram violentamente, enrolando as folhas e depois desfolhando as bétulas e escurecendo as montanhas. Ballyutogue tiritava. Foi nessa ocasião que, afinal,

Morris Hubble, Nono Conde de Foyle,  
desembarcou em Londonderry.

# 11

Os Hubbles pareciam esquecer de ano para ano que o Mar da Irlanda pode ser tão difícil e desagradável quanto as estradas irlandesas. Não houve boas maneiras, frases espirituosas e atenções que atenuassem o enjoo da Condessa. Desmaiou a bordo e foi levada para a Mansão Hubble, onde se retirou imediatamente para os seus aposentos, declarando-se indisposta.

A visita anual do Conde de Foyle era um acontecimento importante em Inishowen. Além das atividades normais, com o dilúvio habitual de festas, convites sociais e pedidos de audiências, as circunstâncias de tensão do ano criaram

uma agitação acima do comum.

Quando ele se estava acomodando, distribuindo as coisas e dando a Lady Beatrice uma oportunidade de recuperação, o jovem Arthur chegou de Harrow para as festas com dois colegas. Seria uma oportunidade para dar novos rumos ao seu relacionamento com o filho.

Depois de três filhas, o nascimento já tardio de Arthur fora um abençoado alívio, pois a linha da sucessão estava assegurada. Desde tenra idade, o menino mostrou uma fragilidade pouco comum num Hubble. Não era exatamente um orgulho para o pai. Na verdade, Arthur era uma decepção tamanha que Lorde Morris às vezes duvidava de que o filho tivesse um dia energia para governar a família.

Morris passou alguns anos tentando na sua frustração incutir virilidade no filho. Os jogos violentos deram alguma esperança. Mas, quando o pai exerceu mais pressão, o filho abandonou tudo e foi refugiar-se ao lado da mãe e das irmãs. O lacerante sarcasmo do Conde só servia para fazer Arthur retrair-se ainda mais. Antes dos oito anos, gaguejava e sofria de ataques de dispneia, que aumentavam quando ele voltava para a Mansão Hubble e se via diante da figura imponente do pai.

Mas era impossível haver outros filhos. Diante dessa realidade, Morris Hubble, que se julgava um homem esclarecido, resolveu viver em paz. O que ele desejava num filho e o que lhe fora dado eram coisas inteiramente diferentes. Começou a abafar as suas reclamações,

até que não emitiu mais que suspiros e sorrisos de desdém disfarçados. Mas, embora os sinais externos de descontentamento fossem dominados, a falta de agressividade física do rapaz, a sua gagueira, a constante atitude de defesa e a decidida beleza nunca deixavam de dar ao Conde um aperto no estômago.

Quando nada, Arthur mostrava boa inteligência e parecia ir muito bem na escola. Como o único filho, seria o único herdeiro e tinha o título de Visconde Coleraine. Adotando o afastamento como a melhor maneira possível de coexistência, Morris ficara satisfeito de que Arthur tivesse chegado com os amigos. Dessa maneira, os encontros de pai com filho seriam reduzidos ao mínimo.

A ala residencial da Mansão Hubble começou a encher-se com a chegada sucessiva das três filhas com os maridos e meia dúzia de netos.

As filhas tinham-se casado com inteligência. Embora a família Hubble estivesse estabelecida em Inishowen havia mais de duzentos e cinquenta anos, Lorde Morris e todos os seus antecessores tinham considerado o condado um pedaço de terra inglesa e a identidade deles como totalmente inglesa. Tinham de assumir responsabilidades numa terra que não era bem uma colônia, mas não deixava de ser uma colônia. O Ulster, sede da riqueza e do poder da família, pouca lealdade pessoal merecia, porque permanecia como uma terra estranha e a Irlanda era como se fosse outro planeta. Manter a

presença da Inglaterra no Ulster era o que importava e duas das filhas tinham sido meticulosamente unidas a gente de sua própria classe no jogo da autopetuação. Beatrice tinha cuidadosamente conseguido afastá-las das tentações da corte inglesa.

No caso da filha do meio, Lady Beverly, um casamento inteligente fora efetuado com uma rica família de escoceses do Ulster, que tinham prosperado sensacionalmente graças a algumas usinas de linho em Belfast. Na Inglaterra, a família do marido de Beverly seria considerada de classe inferior, mas ali na Irlanda as alianças com elementos escoceses não eram tratadas como grande queda de status. A Revolução Industrial estava criando grandes fortunas novas e

era preciso levar em conta não só as realidades do presente, mas também as realidades da separação física em que viviam da mãe-pátria. Dentro de poucos anos, o marido de Beverly seria enobrecido e até um título de lorde não estava fora de cogitações.

A chegada das filhas e dos netos era exatamente o antídoto de que Lady Beatrice precisava para sair do quarto e começar a conversar.

Morris Hubble tinha sido elevado de Visconde Coleraine a Conde de Foyle cerca de dez anos antes, tendo herdado uma casa sobrecarregada de dívidas contraídas por seu pai em consequência das suas despesas com jogo e com mulheres. O velho morrera ao sol das Índias, nos braços de uma amante

extremamente jovem, bela e preta. Tinha vivido em grande estilo e morrera de uma doença inconfessável, cujas dores eram removidas por meio de uma cortina celestial de ópio.

Uma das primeiras providências de Morris Hubble tinha sido afastar Owen Rankin da administração de suas propriedades, substituindo-o pelo irmão mais moço. MacAdam, que era uma cabeça de primeira ordem. O

fato encheu de ressentimento Owen, que, aliás, parecia viver permanentemente ressentido. Com essa substituição, a prosperidade do condado se transformou dramaticamente.

Lorde Morris continuou a prosperar e foi o primeiro em sua linha a adotar novos métodos de relacionamento com os

rendeiros. Os O'Neills e seus tradicionais aliados, cujas terras haviam sido tomadas para formar o condado, continuavam a ser o clã mais belicoso da Irlanda. A situação piorou muito com o isolamento da sede do condado em Inishowen. A violência dos rendeiros se tornara um fato comum da vida e foi claramente demonstrada quando Kilty Larkin jogou duas mil cabeças de gado de Hubble no Foyle.

Mostrar o chicote não parecia impressionar muito os rendeiros. As reformas rurais se espalhavam pela Europa na esteira da Revolução Francesa e algumas de suas ideias acabaram chegando às Ilhas Britânicas.

Uma idade racional despontava e Lorde Morris preferiu entrar em negociações, ganhando com isso

considerável respeito e um período de paz quando concordou em pagar o dízimo dos rendeiros. Na realidade, MacAdam Rankin cobrou todo o dinheiro dos dízimos indiretamente, graças a uma arteira manipulação do montante das rendas.

Embora investisse MacAdam de maiores responsabilidades à medida que o tempo passava, Lorde Hubble continuava a controlar os seus negócios escrupulosamente. Apesar dos estreitos laços que os uniam, o Conde mantinha a sua autoridade e exigia documentação e prova de todas as atividades de MacAdam. Tinha o costume de não consultar sobre os seus negócios ninguém senão MacAdam, em reuniões que às vezes duravam muitas horas.

Enquanto as prolongadas maratonas se efetuavam, Lorde Morris conferia conscienciosamente os pesados livros de escrituração, formulando de vez em quando perguntas, cujas respostas o administrador parecia ter sempre na ponta da língua.

Morris parecia à vontade na grande biblioteca, que era dividida em belas filas de livros eternamente arrumados. Os livros tinham sido encadernados e tratados por duas gerações de artesãos importados de Florença, que viviam na mansão. A biblioteca tinha a fama de ser a maior que existia no deserto cultural encontrado até os limites de Dublin.

Atrás da mesa de pau-rosa, havia um vitral que mostrava as armas dos Hubbles com a Mão Vermelha do Ulster e um grifo

mítico de três cabeças com a divisa latinizada: “Mais Uma Carga Pela Glória do Rei”. Do outro lado da sala de quinze metros, havia um imenso retrato a óleo do libertador britânico da Irlanda, o Rei Guilherme de Orange, pintado pelo artista da corte do período, Sir Godfrey Kneller. De acordo com a tradição do Ulster, ele substituíra a Rainha Maria por um cavalo branco. O quadro tinha sido milagrosamente salvo quando uma ala do primitivo castelo fora arrasada durante um dos levantes camponeses.

Embora beirasse os sessenta anos, o Conde ainda apresentava uma bela figura de oficial de fuzileiros, vestido com um elegante fraque listrado e um colete de seda chinesa. Nas pernas firmes e longas, usava perneiras de couro branco. Os

cabelos, sem uma só mecha grisalha, eram uma massa anelada até à gola, com suíças aparadas à altura dos lábios. O

único sinal da passagem dos anos era a luneta de vez em quando necessária para ler alguns dos papéis em letra miúda.

Em contraste, Mac Adam Rankin era um homem pequeno e ativo, vestido com um terno sem passar e um tanto inclinado à austeridade escocesa.

Quatro malas de vime estavam ao lado da mesa com os livros e registros necessários. Depois que o último livro de escrituração foi examinado, os dois homens se olharam num silêncio, interrompido apenas pelo bater das colheres nas xícaras de chá. A luz que entrava pela janela sob os vitrais tinha decaído um pouco. Lorde Morris tirou do

bolso a sua tabaqueira cravejada de brilhantes e tomou uma pitada de rapé.

— Qual foi a causa da praga? — perguntou ele afinal.

MacAdam mudou de posição na cadeira para aliviar as costas que doíam e encolheu os ombros.

— A Comissão Peel diz que se trata de uma espécie de cogumelo. Tem havido pragas nas batatas, na Europa e nos Estados Unidos, nestes últimos anos, mas nunca tiveram tamanha extensão. Minha impressão é que a causa de tudo devem ter sido as fortes chuvas que caíram antes da colheita.

Morris bateu o punho na mesa várias vezes. Depois, levantou-se e foi jogar-se no banco da janela sob os vitrais, olhando sombriamente para fora.

— É como um campo armado — disse com aborrecimento.

— É sempre como um campo armado, de uma maneira ou de outra — ponderou Rankin, levantando-se também para andar um pouco e limpando os olhos avermelhados.

— Eu tinha tido a esperança de que o derramamento de sangue em Iníshowen fosse uma coisa do passado.

— O bom Deus sabe que o senhor fez mais do que lhe cabia para impedir violências.

Lorde Morris começou a passear com as mãos para as costas.

Atravessou toda a extensão da biblioteca e parou diante da lareira e do retrato do rei.

— Espero que compreenda que me

senti na obrigação de aumentar as nossas forças policiais por medida de precaução.

— Mas podemos confiar na polícia? Noventa por cento dos homens são católicos.

— Obedecerão às ordens que receberem — disse MacAdam. — Além disso, no estado atual das coisas, qualquer deles denunciaria a própria mãe em troca de alguns *shillings*. A prova é que já descobrimos quase todos os esconderijos de armas graças a informações dos delatores. Desta vez, Kilty Larkin não fará mais levantes.

Quando os dois homens se foram aproximando do problema central, sentaram-se mais confortavelmente diante da lareira, medindo cada assunto como uma sondagem ansiosa para a tremenda

decisão que os esperava. Rankin disse que graças a Deus os portos continuavam abertos, pois isso lhes permitia fazer embarques de mercadorias para vender na Inglaterra. Acrescentou que, se não fosse isso, mais de metade das propriedades do Ulster já teria ido à garra.

— Quais são os últimos planos do governo? — perguntou Lorde Morris. — Quer dizer, em relação aos rendeiros?

— Construção de estradas. Se for possível fazê-los trabalhar, é claro.

Fala-se também em distribuição gratuita de sopa.

— Até que ponto acha que a fome chegará, Sr. Rankin?

— *M'lord*, minha experiência me ensina que eles devem ter roubado boa parte das colheitas para esconder nas

montanhas.

— E se, apesar disso, a fome se tornar generalizada?

— Bem, eu acho que neste caso a responsabilidade é do governo.

— Sr. Rankin, nas petições que me foram dirigidas, não há uma em que se pede permissão para pescar no lago entre Carrowkeel e Drung?

Mac Adam tinha esperado que a petição passasse despercebida. Nos pontos de seu rosto em que não havia cabelos apareceram manchas vermelhas. Lorde Morris se havia levantado e estava sob o retrato de Guilherme de Orange, como se ambos esperassem a resposta.

— Então? — disse Lorde Morris.

— É uma coisa que eu não posso recomendar — respondeu o agente.

— Nem mesmo na hipótese de uma severa escassez de víveres?

— *M'lord*, temos aldeias de protestantes leais, ali situadas há duzentos anos, justamente para proteger os direitos de pesca da propriedade.

— Não há bastante para todos no caso de fome geral, Sr. Rankin?

— Não à custa dos súditos leais.

Quando Mac Adam Rankin se levantou, a sua natureza sofreu uma transformação e ele deixou de ser um empregado dócil para transformar-se num homem dominado de repente pela cólera dos justos.

Tinha lágrimas nos olhos, quando disse, espetando no ar o indicador gordo: — Essa gente habita a ilha há dois mil anos. E não têm tradição de espécie

alguma como marinheiros, construtores de barcos, exploradores ou pescadores. Estavam aqui havia mil anos amontoando pedras sem argamassa, até que nós ensinamos como era que se fazia. Meus avôs maternos foram trazidos para Inishowen para pregar o verdadeiro evangelho e ensinar a língua do Rei. Mas eles rejeitaram o verdadeiro Deus, preferindo esconder-se em cavernas e realizar os seus rituais pagãos. Deus sabe que nós procuramos convertê-los, mas eles rejeitaram o Senhor! Não se pode dar caráter a homens que são a pura preguiça!

A sua voz estridente acabou repercutindo nos seus próprios ouvidos e ele parou para retomar o fôlego, um pouco espantado da explosão que tivera.

— O caso, Sr. Rankin, bem pode ser

uma questão de vida ou morte.

— É uma questão de vida ou morte, *m'lord*. Para eles ou para nós. Se deixarmos essa gente descer para o Foyle e construir cabanas de pesca, nunca mais nos livraremos deles. Continuarão a ter filhos como moscas.

Dentro de dez anos, o Foyle não terá mais peixes, do mesmo modo que a terra não pode mais dar nada.

MacAdam atravessou toda a extensão da biblioteca até à mala que não fora aberta e tirou de lá um mapa que abriu em cima da mesa. Lorde Morris reconheceu-o no mesmo instante como um mapa dos confusos arrendamentos dos rendeiros católicos. Grandes trechos do mapa se distinguiam por uma cor mais escura.

— A solução está numa simples

palavra na qual vimos falando há anos — disse MacAdam. — Essa palavra é “consolidação”. Se pudermos tirar os rendeiros dessas áreas sombreadas, teremos a conversão imediata de alguns milhares de hectares de terras de lavoura precária em ricas pastagens, sem a sobrecarga de bocas para alimentar, salvo as do gado.

Não haverá guerras de dízimos, nem levantes, nem a peleja das arrecadações, nem destilarias clandestinas, nem idolatria. Só pastagens e milhares de cabeças de gado engordando para um mercado garantido na Inglaterra!

Sem que fosse preciso dizer mais uma palavra, Lorde Morris sabia que o resto da mala continha ordens de despejo que só necessitavam de sua assinatura. A

tristeza se lhe espalhou pelo rosto quando ele tornou a sentar-se à mesa.

— Que vai ser dessa gente? — perguntou ele.

— Que vai ser dessa gente, *m'lord*? Despojaram a terra com a sua ignorância e com os seus hábitos de ter muitos filhos. E perderam qualquer direito à nossa misericórdia em vista de sua rejeição de Deus e da Rainha.

Todos os acessórios da aristocracia deixaram subitamente o Conde e ele perguntou: — Isso representa exatamente quantas pessoas?

— Vinte por cento dos rendeiros para começar. Na primavera, haverá mais. *M'lord*, isso não me dá nenhuma satisfação. Acontece que os números não mentem. O excesso de população é tão

grande que dentro de alguns anos todo palmo de terra disponível estará plantado com batatas só para alimentar essa gente. É por isso que as rendas vêm caindo de ano para ano. Temos de considerar a praga uma bênção disfarçada, uma mensagem do Onipotente para que a terra seja salva para aqueles que a merecem.

MacAdam era um homem pragmático e a sua explosão de zelo religioso parecia bem deslocada. Entretanto, a Irlanda, particularmente o Ulster, tinha o seu pragmatismo centralizado na Bíblia e na espada. A crença absoluta que tinham de que a sua interpretação de Deus e da palavra de Deus era a única verdadeira, a crença absoluta nas suas certezas, a sua piedade por meio da devoção, tudo isso era típico do presbiteriano do Ulster, e

MacAdam estava sendo absolutamente sincero, embora fosse um empedernido homem de negócios.

Por um momento, passou pela cabeça de Lorde Morris a ideia de convocar uma reunião dos proprietários territoriais para fechar os portos e alimentar o povo. A ideia foi abandonada com a mesma rapidez com que surgiu. A Irlanda estava à beira da falência e qualquer medida dessas resultaria na execução de numerosas hipotecas. As notas do Conde exigiam o pagamento de vários milhares de libras que não poderiam ser pagas se não houvesse remessas de safras e de gado para a Inglaterra.

— Sempre teve autoridade para assinar essas notificações de despejo, Sr. Rankin.

— Não me incomodo com notificações de despejo que surgem na ordem natural das coisas, m'lord, mas não posso assumir a responsabilidade num caso como este. É uma decisão básica, que afeta o curso de sua própria vida, e, afinal, o senhor representa a Coroa aqui.

Basta que assine e eu farei o resto.

— Muito obrigado, Sr. Rankin — disse Lorde Morris com voz áspera. — Mandarei chamá-lo quando for preciso.

MacAdam fez uma leve reverência.

— Muito obrigado, m'lord.

Morris Hubble foi acometido de violenta dor de cabeça, enquanto estava ali a olhar para o infinito, mordendo o punho. Um criado entrou e sem fazer barulho acendeu as velas da sala. As

chamas rebrilharam no mogno das estantes. Morris deu alguns passos pela sala, tomado de um sofrimento mudo e com olhos esgazeados. Procurou uma palavra de consolo nos livros da estante e sua mão foi dar misticamente num volume de Alexander Pope. A luz da vela caiu sobre a página e ele leu com uma voz angustiada:

A religião cora e vela o seu fogo sagrado.

A moralidade, sem saber, se extingue.

Nenhuma chama brilha, pública ou privada, Não há mais centelha humana, nem relance divino!

Teu temível império se restaura, Caos,  
A luz morre diante da tua palavra que não cria.

Tua mão, grande Anarca, deixa a

cortina cair E a treva universal tudo sepulta.

Depois de uma breve eternidade, Morris tirou a primeira fornada de notificações de despejo, tudo devidamente amarrado com fitas vermelhas.

Desatou as fitas e pegou o primeiro documento. A mão lhe tremia tanto que ele teve de pousar o papel em cima da mesa para poder ler. Descrevia um pequeno arrendamento patético de cinco hectares divididos em nove pedaços de terra espalhados pelas montanhas. O homem chamava-se Grady MacGilligan. Devia ser desdentado, com os olhos permanentemente vermelhos de bebida e malcheiroso. Tudo era fácil de imaginar: a casa, a mulher desleixada, passando com

uma vaca diante do fogo, uma penna chorosa de crianças, os crucifixos e a sala cheia de galinhas.

Morris tirou a caneta de um suporte e molhou a pena no tinteiro. Logo que a pena começou a arranhar o papel, ergueu os olhos, assustado.

— Que diabo!

O jovem Arthur estava diante de sua mesa.

— Que veio fazer aqui?

O rosto do rapaz ficou vermelho.

— D-d-desculpe, Papai. Bati m-m-mas o senhor não respondeu.

— Está bem. Que é que você quer?

— S-s-só queria p-p-pegar um 1-1-livro.

Nesse instante, Lady Beatrice apareceu.

— Ah, você está aí. Vimos o Sr. Rankin sair. Todo o mundo está na sala. Brooke vai ler alguns capítulos do novo livro de Dickens, *A Vida e as Aventuras de Martin Chuzzlewit*.

— Será que não há nada melhor para ler para os nossos netos do que os livros desse maldito radical?

Beatrice arqueou as sobrancelhas enquanto Morris procurava controlar-se.

— Desculpe. Tenho muito que fazer esta noite. Não esperem por mim.

Farei depois uma refeição ligeira aqui mesmo.

— Está bem.

— Mais uma coisa, Beatrice — disse ele quando ela já ia chegando à porta, — Houve uma mudança de planos. Vamos deixar a Mansão Hubble dentro de quinze

dias. Mande alguns dos empregados à frente para abrirem a nossa casa em Londres. Passaremos algum tempo sem voltar à Irlanda.

— Está falando sério, Morris?

— Não... discuta comigo... Lady Beatrice. Não... discuta comigo.

Ela ficou no mesmo lugar, inteiramente perplexa e, ao fim de algum tempo, rodou nos calcanhares.

— Conversaremos depois, quando estiver mais delicado — disse ela e saiu, batendo a porta.

Arthur se aproximou da mesa.

— P-p-papai, há alguma coisa que eu p-p-possa...

— Não, não há, meu filho. Procure compreender algum dia... e seja generoso.

# 12

Tomas dormiu tranquilamente durante duas horas. Enquanto isso, Daddo falara tanto que estava de goela seca. Entornara tantas vezes o jarro de *poteen* que também já estava ficando com um pouco de sono.

Espreguiçou-se, limpou as roupas das palhinhas do feno e se encaminhou com um passo incerto para a porta do estábulo. A noite estava tranquila e uma viração bem suave soprava das montanhas. Tirou um balde de água do poço, molhou o rosto e então foi sentar-se num lugar junto à parede que muitas gerações de Larkins tinham alisado.

Conor acompanhou-o até ao poço e depois à parede.

— Você sabia que há uma estrela para cada irlandês, homem ou mulher, que tem de atravessar o mar? — perguntou Daddo.

— Não, não sabia disso.

— Eu também não sabia. Fui eu que imaginei isso. Mas deve haver. Foi aqui que eu esperei, neste mesmo lugar, enquanto Kilty se despedia de Mary e dos irmãos. Quando a licença de pescar foi negada e as nossas armas foram descobertas, ficamos apavorados. Sabíamos que daí a dias, semanas no máximo, os despejos começariam. Era superior às forças de Kilty ficar e assistir a isso.

“Saíram todos da casa, Mary, Kilty, Aidan, Cathal e seu pai Tomas, e foram até à encruzilhada como se estivessem acompanhando um enterro, engolindo o

choro. Kilty parou, enchendo-se de toda a coragem, e disse: “Daqui vocês não passarão”.

“Tomas era mais ou menos de sua idade naquele tempo, talvez um pouco mais velho. Perguntou se podia ir conosco até a praça de Ballyutogue. Kilty disse que sim e pegou na mão dele. Quase chegando à vila, tivemos de sair da estrada para dar passagem a duas carruagens que foram parar diante da igreja anglicana. A praça estava coalhada de gente à espera da chegada do Conde. Paramos para olhar e então Hubble e o filho, esse mesmo magrelo que é o Conde atualmente, passou bem perto de nós.

Por um estranho instante, Kilty e o Conde se encararam. Depois, ele desapareceu na igreja, seguido pelo resto

do povo.

“O tempo não nos falhou. Caiu uma chuvarada com trovões capazes de arrebentar pedras. Era como se todo irlandês no céu estivesse chorando por nós.

“Chegamos à Inglaterra num navio que transportava gado e tivemos um pouco de trabalho na descarga do mesmo em Liverpool. Mas foi só. O

único trabalho que encontramos foi o de lixeiro para trabalhar nos esgotos de Liverpool. Assim, passávamos o dia embaixo de Liverpool, abrindo os canais de lama e sujeira. Ora, seu avô sempre foi ligeiro e bom com os punhos e logo arranjou um lugar para manter a paz à noite, num turbulento bar do bairro irlandês de Liverpool.

“Há quarenta anos, como você me vê agora, eu tinha uma voz que chegava a atrair os pássaros. E certas baladas minhas faziam um anjo chorar. Enquanto Kilty mantinha a ordem, eu cantava ou contava histórias em troca de alguns *pence*. Com o trabalho nos esgotos e no bar, conseguíamos economizar algumas libras, mandando o dinheiro sempre que era possível por intermédio de padres que viajavam para a Irlanda.

“Os salários melhores que ganhamos foi na primavera, ceifando o trigo de inverno, quando o trabalhador é pago pelo trabalho que faz. O

tamanho de Kilty sempre chamava a atenção dos capatazes quando procurávamos trabalho. Era um trabalho estafante que cansava ao fim do dia

qualquer homem normal, mas Kilty, pensando em Mary e nos filhos, ceifava quase o dobro de um homem normal todos os dias. Havia necessidade de duas turmas de apanhadores para darem vazão ao trabalho que ele fazia. Nós dois vivíamos com menos de seis *pence* por dia e dormíamos ao relento para não ter de pagar quarto.

“Quando a colheita do trigo de inverno acabou, milhares de irlandeses estavam chegando à Inglaterra, desesperadamente à procura de trabalho. Todos nos olhavam como se fôssemos uma praga.

Daddo fez uma pausa e sacudiu a cabeça como se não pudesse acreditar no que havia acontecido quarenta anos antes.

— Estávamos tão aflitos que

concebemos um plano verdadeiramente maluco. Seguíamos as feiras e, enquanto eu arranjava os fregueses, Kilty aceitava todos os desafiantes para uma luta de boxe sem luvas, com bolsa total para o vencedor. Talvez você tenha estranhado que as mãos de Kilty fossem tão tortas ou que o rosto dele fosse todo marcado de cicatrizes.

Tudo isso foi o resultado de mais de cem lutas que ele disputou. Muitas vezes, a luta durava três ou quatro horas. Perdia alguns dentes e ficava tão ensanguentado que era difícil distinguir-lhe as feições. Perdeu algumas lutas, é verdade, mas era preciso que ele estivesse inconsciente para tirá-lo do ringue.

— Oh, Vovô... — murmurou Conor.

Daddo terminou a sua história e olhou

por muito tempo para a terra cansada.

— Mil oitocentos e quarenta e seis — disse ele. — Foi o ano em que Deus abandonou a Irlanda. A praga atacou de novo e todas as batatas se perderam.

Os despejos se efetuaram com metódica repetição. Quatro ou cinco vezes por semana, uma pequena legião da polícia desfilava em Ballyutogue atrás de Owen Rankin, que cuidava de tudo com fanático prazer, enquanto seu irmão MacAdam continuava a unir os lotes sombreados no seu mapa.

A polícia tomava posição em volta da casa da vítima. Um destacamento entrava e botava a família para fora. Choros e rogos iam bater em ouvidos surdos, A resistência provocava pronta e impiedosa subjugação.

Owen Rankin lia os textos legais que avisavam que ia haver um ato em nome da Rainha, em relação ao qual não devia haver qualquer interferência. Em seguida, lia a notificação de despejo. O homem, sua mulher e seus parentes e filhos olhavam tudo em impotente horror, enquanto a casa era derrubada de modo a tomá-la inabitável, depois do que tocavam fogo no que podia ser queimado. Os desgraçados eram jogados dentro de um carro com o que ainda lhes restava e se deixavam levar amontoados e atordoados, enquanto a polícia tornava a entrar em formatura e marchava para outra casa e, depois, mais outra.

Owen Rankin leu os textos legais e as notificações de despejo diante de dez, vinte, cem, mil casas, com o eco das

demolições reverberando através de Irlanda dezenas de milhares de vezes. As casas ainda intactas ficavam repletas de refugiados desabrigados. Quando estas eram derrubadas, centenas de milhares de pessoas saíam para as estradas, ao deus-dará, andando pelas montanhas em busca de comida como uma matilha de animais.

— Kilty conseguiu manter sua família viva. Aidan era o irmão mais moço, com a maior família e as terras de pior qualidade. Ainda que toda a família trabalhasse nas terras, logo se tornou evidente que Aidan ia de mal a pior. Noites seguidas, falaram sobre o caso e os aconselharam a dividir a família entre Mary e Cathal, desistindo de sua terra. Estava sacrificando os outros que faziam tudo para mantê-lo e as chances de todos

melhorariam se ele assim procedesse.

“Aidan e sua mulher Jenny não concordaram e, um belo dia, um pelotão de polícia cercou a casa deles e Owen Rankin começou a ler os textos legais. Era um momento particularmente doce para os Rankins que havia anos nutriam desejos de vingança dos Larkins. Bem... Owen não chegou a acabar a leitura porque Aidan perdeu a cabeça, foi buscar um mosquete que tinha escondido e fez voar a cabeça de Owen pelos ares.

“Aidan e Jenny resistiram à polícia durante três horas, até que ele foi morto e ela ficou ferida. A polícia entrou na casa e ela e os seis garotinhos foram levados, depois do que derrubaram a casa.

— Que foi que aconteceu com ela, Daddo?

— Foram levados todos para Derry e ela teve de comparecer perante um juiz. Foi acusada de ser cúmplice do assassinato de Owen Rankin e de haver resistido à polícia de Sua Majestade.

O inverno de 1847 viu a triste repetição de chuvas geladas e torrenciais. A fome teve a fatal aliança da doença.

O jovem Tomas assumiu a responsabilidade de saber o que fora feito de sua Tia Jenny e de seus filhinhos. A caminhada para Derry era de trinta quilômetros. Multidões de camponeses magros, andrajosos e despejados, com as mulheres e os filhos, trabalhavam em projetos de obras públicas mediante alguns *pence* por dia, arrastando-se, tremendo sob o frio e a chuva e construindo estradas sem destino certo.

MacAdam Rankin tinha obtido uma grande verba do governo e mandou as suas turmas de trabalhadores levantarem altos muros de pedra para fechar os campos e as áreas de pesca do Conde. Muros de fome.

Enquanto as turmas trabalhavam, os capatazes ingleses acusavam os trabalhadores de inúteis porque não estavam cuidando das terras deles.

Quando Tomas se aproximou de Derry, viu os campos abertos cheios de milhares de mendigos. Eram velhos, mulheres de quarenta anos e crianças de quatro e cinco anos. Tinham sido expulsos de Derry por outros mendigos já instalados lá e que tinham passado a ganhar algum dinheiro impedindo a população de mendigos de crescer.

A lei dos pobres e os asilos de mendicidade sempre tinham sido detestados pelos irlandeses, que viam nos cavernosos estabelecimentos a perda total da esperança e da dignidade. Foi o primeiro lugar onde Tomas fez a sua busca. O asilo estava tomado por uma multidão de esqueletos humanos alucinados, rastejando e lutando para chegar às grandes vasilhas onde recebiam uma comida que não se dava a porcos. Havia no asilo centenas de pessoas que não se moviam mais, aguardando apenas a morte ao fim da sua longa agonia.

O rapaz passou de fila em fila, de colchão em colchão, durante horas, numa procura inútil. Percorreu Derry também sem resultado durante quatro dias, até que a fome se fez sentir. Num gesto de

desespero, foi procurar um velho padre que não trabalhava mais e que havia conhecido seu avô Ronan no condado de Armagh. O padre conseguiu apurar que Jenny fora levada para o calabouço depois de condenada. As crianças tinham sido mandadas para um orfanato.

Por mais três dias, Tomas foi repellido da porta da prisão, mas persistiu até que um dos carcereiros lhe prometeu apurar o que pudesse.

Disse-lhe depois que sua tia Jenny fora encontrada morta na prisão, quatro dias depois de ter chegado lá. Ninguém sabia como ela morreria e não dava a menor importância a isso. Sendo profundamente religiosa, era de duvidar que ela se tivesse suicidado. Fora talvez tristeza, talvez os seus ferimentos... talvez

outra coisa.

A procura das crianças foi ainda mais aterrorizante, pois se havia alguma coisa mais temida do que o asilo de velhos era o orfanato. O velho padre levou Tomas para sua casa e, depois de outra semana angustiada, obteve permissão para que ele entrasse no orfanato. Centenas e centenas de crianças estavam estendidas no chão, cobertas de andrajos, num ambiente fedorento, úmido e mal iluminado. As crianças tinham a pele inflamada e sangrenta, em fases adiantadas de escorbuto, pragas de toda espécie e febre. As pessoas que ali trabalhavam não estavam mais em seu juízo perfeito, exaustas de tanto serviço. Um cheiro horrível de morte se misturava com monólogos a um Deus que evidentemente

não ouvia. Não foi possível encontrar os filhos de Aidan e Jenny Larkin, nem saber nada deles.

Tomas voltou para Ballyutogue. Dezenas de mortos encontravam-se estendidos à beira da estrada. O inverno estava ainda pela metade. A vida comunal, que tinha sido a chave da sobrevivência no passado, fora destruída pelos despejos, que haviam também destruído a vida.

Os homens das aldeias, cujo orgulho não lhes permitia morrer diante dos vizinhos, iam para o alto das montanhas ou para as grutas das turfeiras e ali esperavam o fim. Logo que o marido atravessava o mar ou morria, a morte chegava sem demora para o resto da família.

Deitavam-se em sua tremenda agonia, juntos uns dos outros, cobertos com os trapos que ainda lhes restavam.. a mãe, os filhos, todos imóveis e gemendo, com a pele esticada em cima dos ossos e o corpo inchado coberto de feridas malcheirosas. Muitas vezes, um ou mais ficavam mortos durante dias ao lado dos outros que ainda não tinham morrido.

A única solução era a emigração para aqueles que conseguiam arrumar o dinheiro da passagem. Embora os irlandeses fossem cidadãos britânicos segundo as leis promulgadas pelos ingleses, o povo da Inglaterra era hostil aos irlandeses e preferia vê-los longe de lá.

As autoridades inglesas encaminhavam os fugitivos irlandeses

para o Canadá e para os Estados Unidos de qualquer maneira e em qualquer estado. Navios de gado foram aproveitados no serviço de passageiros e, assim, centenas de milhares de pessoas saíram da Irlanda. Foi o início da mais lacerante de todas as tragédias irlandesas, essa exportação em massa do que a Irlanda tinha de melhor, da maior riqueza da Irlanda, o seu povo.

— Eu e Kilty estávamos passando tempos bem difíceis na Inglaterra. A comunicação era quase impossível. Os poucos padres disponíveis passavam quase o dia inteiro escrevendo cartas, mas receber alguma carta da Irlanda era uma verdadeira batalha. Por fim, Kilty recebeu uma mensagem em que lhe diziam que

voltasse para casa.

“A situação ficou ainda mais terrível para os Larkins. Decidiram afinal que o resto do dinheiro que tinham serviria para comprar passagem para Cathal e sua família para os Estados Unidos. Três dias antes da data marcada para a partida, descobriu-se que o navio era fictício e que o dinheiro da passagem tinha sido roubado por alguns agiotas.

"Mac Adam Rankin, que estava ansioso por concluir a sua tarefa, fretou um navio e ofereceu passagem gratuita, num esforço para afastar das terras o resto dos rendeiros. Quase todos os navios empregados na travessia eram pouco menos que cemitérios flutuantes, mas o fretado por Mac Adam foi o pior deles. Metade dos passageiros morreram na

viagem, inclusive as duas filhas mais novas de Cathal.”

Daddo foi de novo até à porta do estábulo e apontou Tomas, que dormia sobre o feno.

— Seu pai, que está ali, viu morrerem, um por um, os irmãos, a irmã e, por fim, a mãe, e enterrou todos sozinho. Todos morreram com a boca verde, como aconteceu a muitas pessoas do nosso povo. As bocas ficavam verdes de comer mato.

“E então foi atacado de febre. O rapaz acendeu um fogo de turfa, juntou algumas raízes e bagas dos matos e ficou esperando o seu fim. Foi assim que Kilty o encontrou.

# 13

Daddo e Conor voltaram para o estábulo quando a primeira luz do dia clareava o esteiro, A voz de Daddo estava bem cansada da tristeza e da extensão das coisas que dizia. Depois que se acomodou, fez Conor sentar-se e descansar a cabeça no seu colo e, passando a mão levemente nos cabelos do garoto, tratou de chegar ao fim da sua história antes que a plena luz do dia surgisse e o fizesse desaparecer.

— Quando Kilty chegou ao fim de sua tristeza, tratou de sobreviver com o único filho que lhe restava, seu pai, Tomas. Pouco a pouco, errando e acertando, chegaram a conhecer todas as plantas

comestíveis que cresciam em estado selvagem no alto das montanhas. Num dia de sorte, pegavam um coelho ou roubavam comida dos protestantes, embora estes estivessem armados como para uma guerra. Não tardou que Kilty compreendesse que, apesar de tudo, não sobreviveriam se não pudessem pescar no Foyle.

“Um frágil barco de couro, um *curragh*, ficava escondido nos matos perto das Três Árvores. À noite, íamos no mais completo silêncio para uma das ilhas rochosas que ficam entre o Castelo Vermelho e o Castelo Branco.

A navegação para lá era tão perigosa quanto a de S. Brendan quando tentou encontrar o caminho do Novo Mundo, Muitas vezes remei à noite com eles.

Depois da tortura da travessia, com o pavor de sermos descobertos a cada instante, quase nos arrebentávamos por completo, tentando aproximar-nos dos rochedos... subíamos nas grandes ondas e então éramos atirados para a frente com a velocidade de uma bala. O chão de pedra era tão escorregadio como o catarro de um nariz. Levávamos o *curragh* para a ilha e nos escondíamos nas pedras mal o dia amanhecia.

“Andávamos quase o tempo todo e fazíamos tudo que tínhamos de fazer deitados de barriga para baixo para que as patrulhas da polícia não nos vissem. Tirávamos mariscos das pedras, fazíamos armadilhas para as lagostas e pescávamos durante o dia com linhas feitas de crinas de cavalo.

Quando os santos permitiam, apanhávamos uma gaivota ou uma ave migratória. Nos dias de pouca sorte, eram só os mariscos e algumas algas comestíveis.

Daddo deu um longo suspiro.

— Oh, Conor, só me lembro durante quase três anos das algas e dos mariscos. Comida de fome. Ainda hoje, sinto o gosto disso na boca.

Enchíamos a barriga enquanto estávamos na ilha para que pudéssemos levar o resto para os vizinhos. Esperávamos a proteção da noite deitados entre os rochedos. Quando havia ventos e marés fortes, tudo se tornava um pesadelo. Muitas vezes, passávamos o dia inteiro agarrados uns aos outros para impedir que uma onda mais forte levasse algum de nós

e ficávamos encharcados dos pés à cabeça, levando uma surra incessante das ondas violentas. Quando a noite misericordiosa caía, voltávamos no barquinho, atirados de um lado para outro como sementes ao vento.

Com a cabeça no colo de Daddo, Conor não podia mais conter as lágrimas que tinham querido brotar-lhe dos olhos durante toda a noite e passaram a se derramar quando o *shanachie* chegava ao fim da sua história.

— Nos Estados Unidos, Cathal com sua mulher Siobhan e as duas filhas sobreviventes foram viver numa favela de irlandeses perto de uma estrada de ferro. As mulheres trabalhavam como criadas nas casas de luxo de Boston, ganhando cinquenta centavos de dólar por dia. Os

patrões delas não eram muito diferentes da nossa aristocracia. Cathal fazia o que tinha para fazer. As estradas de ferro pagavam um dólar por dia e quase tudo o que a família ganhava era mandado para a Irlanda a fim de manter os parentes vivos. Foram os homens que fugiram da fome na Irlanda que construíram as estradas de ferro e os canais do Novo Mundo.

Os ingleses se cansaram da fome na Irlanda na quarta vez consecutiva em que as safras se perderam e o socorro quase chegou ao fim. As portas da Inglaterra foram quase fechadas na cara dos irlandeses.

No quinto ano da Grande Fome, a Irlanda tivera um milhão de mortos pela fome e pela doença e perdera mais um

milhão de homens com a emigração. Os felizardos que conseguiram chegar aos Estados Unidos fizeram com que continuassem a existir os que tinham ficado na Irlanda. O

povo americano doou generosamente milhões de dólares ao socorro irlandês.

— Cathal nunca mais voltou à Irlanda. Quando um homem deixa a pátria dá todo o seu amor à nova terra, pois a que deixara era impregnada de amargura. É claro que nunca deixava de haver canções sentimentais, acompanhadas de lágrimas de crocodilo, e que sempre se usava a cor verde nos desfiles uma vez por ano... mas nunca se pensava em voltar.

“Houve um tempo em tudo isso em que até MacAdam Rankin e os outros da sua laia compreenderam que tinha sido

excessivo o número de bons lavradores a deixar a terra. Os que tinham sobrevivido puderam aumentar os seus bens e houve modificações nas leis, que passaram a permitir a compra de terras.

“É isso que você tem de compreender para saber o que significam esses treze hectares de terras de propriedade dos Larkins e o orgulho que seu pai tem disso...

A luz do sol entrou no estábulo, aproximando-se pouco a pouco dos compartimentos das vacas e do rosto de Conor. O calor e a luz acordaram-no de um profundo sono. Sentou-se no chão. Não via mais nem Daddo, nem Tomas. Levantou-se, com a cabeça um tanto confusa.

— Ah, já acordou? — disse Finola,

do banco em que tirava leite das vacas. —  
Pensei que nunca mais ia acordar, —  
Onde está papai?

— Foi para as turfeiras. Já estava bem na hora de que ele começasse a trabalhar de novo.

Conor saiu para o pátio, com olhos atarantados. Lavou o rosto, correu para o muro, saltou-o e entrou na casa dos O'Neills.

— Daddo! — exclamou ele.

O velho estava sentado à mesa, comendo um prato de mingau.

— Daddo!

— Posso ser cego, mas não sou surdo. Por que está gritando tanto o meu nome?

— Sou eu, Conor.

— Deus lhe dê um bom dia, Conor.

Conor sentou-se à mesa defronte dele

e começou a olhá-lo detidamente. Sem dúvida alguma, não era o mesmo homem com quem ele havia falado tanto naquela noite. Quem estava ali era simplesmente o velho Daddo.

— Daddo... onde foi que esteve ontem à noite?

— Em lugar nenhum. Estava dormindo.

— Não foi a nenhum lugar especial?

— Estou muito velho para andar zanzando por aí. Além disso, ainda estou muito sentido com a morte de Kilty.

— O senhor... não sei mais o que vou dizer... Mas vou-lhe perguntar uma coisa: algum dia já cantou baladas?

— Bem, falavam muito na boa qualidade de minha voz. Com certeza, alguém lhe falou nisso.

— E... o senhor foi com Kilty para a Inglaterra por ocasião da Grande Fome?

— Claro que fui. Não há quem não saiba disso.

— E roubaram peixe das ilhas do Conde?

— Quase todos por aqui fizeram isso. Mas posso saber por que tantas perguntas?

Conor colocou a cabeça entre as mãos, tentando coordenar as coisas.

— É que estou numa confusão...

— Confusão por quê?

— Acho que estou misturando tudo. Histórias, sonhos e coisas...

— Compreendo — disse Daddo. — Teve uma visita dos espíritos durante a noite?

— Parecia uma coisa tão real!

— Foi uma visita dos espíritos, então. Mas, às vezes, Conor, nós sabemos muitos fragmentos das coisas e só precisamos de um espírito para juntar e encaixar tudo nos seus lugares. Foi o que aconteceu. Você, com certeza, tem esse dom sobrenatural e pode algum dia vir a ser um *shanachie* como eu.

Conor olhou para a porta e fez prontamente com as pernas o mesmo trajeto que os olhos haviam feito.

— Adeus, Daddo! Boa viagem quando voltar para sua casa!

Depois, saiu a correr furiosamente até à encruzilhada e chegou ao cemitério, onde entrou reverentemente. A sepultura de Kilty ainda estava coberta de flores e cachimbos de barro. Conor ajoelhou-se e persignou-se.

— Oh, Vovô, que grande homem o senhor foi. Eu vou ser um Larkin de que o senhor ainda terá orgulho um desses dias!

Conor não deixou de correr um só instante até alcançar os homens que marchavam para as turfeiras, com seu pai, como sempre, à frente de todos eles.

— Papai! Papai!

Vendo o filho, Tomas ficou cheio de alegria.

— Calma, Conor. Por que corre sempre tanto desse jeito?

— Posso trabalhar com o senhor nas turfeiras hoje?

Tomas passou o braço pelos ombros do filho e continuou a andar com ele.

— Claro que pode. Será ótimo!

# **Segunda Parte**

**- A Carta de Orange -**

BAÍA DE BELFAST

JUVA DA  
CROAZA

HOLYWOOD

ESTADIO DOS  
BOLECEANERS

OFICINAS WEEED

ESTRADA DE HOLYWOOD



**BELFAST**  
E  
**OFICINAS WEEED**

CALÇ. MUSHAYE

AV. DA  
BANHA

EST. S. MARLAND  
& WOLFF

BELFAST  
LESTE

BELFAST

# 1

## JUNHO DE 1885

O Major Hamilton Walby, Membro do Parlamento e detentor de mais alguns títulos, era um estouro de homem. Desmentindo os seus sessenta e três anos, montava o seu puro-sangue branco erecto na sela, inspecionando os seus domínios

num trote rápido como se estivesse sempre na iminência de disparar numa carga de cavalaria.

Era *squire* da vila e do distrito de Lettermacduff e se vangloriava orgulhosamente de que aquela era a comunidade mais anglicizada do Condado de Donegal. Quase todos os seus constituintes eram herdeiros dos despojos de guerra de Cromwell.

O primeiro Walby a chegar à Irlanda fora Isaiah, que em 1649 ganhara algum renome como oficial de Cromwell. O Capitão Isaiah se distinguira por ocasião do massacre de Drogheda, no qual alguns milhares de católicos, sem exceção de mulheres e crianças, tinham sido trucidados em santa vingança. Os assassinatos de Drogheda tinham sido

santificados pelo próprio Oliver Cromwell, que os declarou “um justo julgamento de Deus sobre miseráveis bárbaros”. Nos trezentos e tantos anos que se seguiram, essa opinião sobre os irlandeses não se modificara nas sucessivas gerações de Walbys.

Como um prêmio, o Capitão Isaiah Walby tinha recebido uma doação de mil hectares de terras usurpadas do clã O’Neill e uma carta da Coroa para o distrito de Lettermacduff. Isaiah povoou o distrito com soldados do seu regimento, distribuindo lotes de terras e, depois de novos confiscos, vendeu terras a ingleses dignos ao preço de três *pence* por acre (cerca de quarta parte de um hectare).

O Major Hamilton Walby, que era o atual *squire*, continuava uma ininterrupta

tradição da família de serviço à Coroa. Comprou uma comissão no exército e os privilégios acessórios à patente. Nos Fuzileiros do Ulster, teve o seu primeiro contato com a ação na supressão da Revolta dos Cipayos, na Índia. Foi uma campanha particularmente sangrenta, tanto da parte dos rebeldes quanto da parte da Coroa, a tal ponto que o velho Isaiiah poderia ter-se orgulhado dela. O processo de execuções se tornou sinistro e altamente engenhoso. Os Fuzileiros do Ulster, sucessores da famosa Milícia, estavam dispostos a não se deixar sobrepujar por ela. Os rebeldes cipayos condenados eram levados para o campo de paradas em grande pompa, ao som da música de velhas marchas de Orange ou do Ulster. Depois da praxe da leitura da

sentença, o cipaio condenado era amarrado à boca de um canhão, o qual era então disparado. Esse método de execução tornou-se tão popular que foi literalmente roubado por outros regimentos até tornar-se uma punição universal.

O distrito de Lettermacduff se revelou o mais próspero dos estabelecimentos, parecendo um trecho transplantado da Inglaterra, além de não haver na Irlanda propriedade que fosse mais leal à Coroa. Os Walbys ganharam uma modesta fortuna com o linho. Por sua vez, cada novo *squire* se tornava uma coluna da comunidade.

Antes do Ato de União, a família tinha feito parte do parlamento de maioria inglesa de Dublin durante os séculos XVII

e XVIII. Depois da União, a cadeira de Donegal Leste na Câmara dos Comuns em Westminster tornou-se uma propriedade da família. Só o Major Walby já servia ali havia mais de trinta anos. Com os Walbys nos Comuns e os Hubbles na Câmara dos Lordes, o bem-estar político dos estabelecimentos leais estava perfeitamente atendido. Foi então que se teve a notícia insolente de que Kevin O'Garvey, feniano e homem da Liga Rural, ia disputar a cadeira do squire.

Enraivecido pela tremenda audácia, Hamilton Walby ficou tão furioso que o seu médico assistente receou que ele fosse ter um ataque de apoplexia. Durante uma semana, o seu rosto raramente deixou de ter uns tons arroxeados. Por fim, passou a uma calma mais ou menos entrecortada,

quando seu genro e confidente mais íntimo, A. J. Pitkin, chegou do Castelo de Dublin com notícias tranquilizadoras. Eram tantos os novos eleitores qualificados para as próximas eleições que muitos distritos seriam submetidos a uma revisão e uma comissão da Coroa faria as alterações de limites necessárias. A coisa não fora dita abertamente, mas certos distritos como o Donegal Leste de Walby seriam reajustados com um pouco de esforço.

O Major Walby, com Pitkin ao seu lado, foi convidado para reuniões a portas fechadas da comissão, para dar a sua opinião sobre o assunto. Com a ajuda de amigos seus dentro do Castelo, Walby traçou novos limites para o distrito que assegurariam uma maioria leal e a sua

continuação na cadeira. Com a adoção das propostas, os limites de Donegal Leste eram inteiramente reformados, de modo que a partir do núcleo central corredores de terra se alongavam pelo interior para alcançar os mais remotos bolsões de população protestante. Ao mesmo tempo, numerosas vilas e aldeias católicas, que tinham sido sempre integradas no distrito, eram retiradas, para que os seus votos não fossem contados.

Sem realizar audiências públicas e sem tomar em consideração as propostas de O'Garvey, a comissão encerrou as suas sessões e mandou as suas conclusões pelo correio. Donegal Leste ficara com um formato monstruoso que lembrava o de um polvo. A comissão não justificou a sua decisão, da qual não cabia recurso.

Tranquilizado pelo fato de que o Castelo tinha ficado ao lado dele, como devia ficar, Hamilton Walby contentou-se em inspecionar o seu distrito e apreciar o seu famoso jardim de rosas do Ulster.

Até então, poucos rendeiros em Donegal Leste acreditavam que Kevin O'Garvey tivesse alguma chance. Entretanto, em lugar dos resultados desejados, a alteração evidentemente fraudulenta dos limites do distrito teve um forte efeito contrário. Desafiando os entraves da idade, Daddo Friel fazia propaganda da candidatura de O'Garvey de aldeia em aldeia e Tomas Larkin lhe seguia os passos. Quando as notícias dessa atividade chegaram aos ouvidos do *squire*, ele ficou irritado e depois inquieto.

— Isso se está tornando uma coisa positivamente intolerável — disse ele a A. J. Pitkin, depois de receber a alarmante notícia de um comício com mais de cem rendeiros presentes bem dentro de seu distrito. — Pensei que havíamos resolvido tudo com os novos limites, Pitkin. O que é que essa gente pensa que está fazendo?

— Parece até — disse Pitkin, depois do duplo pigarro que lhe era habitual — que pensam que podem ganhar.

— É impossível. Tudo foi feito com o maior cuidado. Você estava lá comigo. Fizemos o que nós queríamos.

Atwell Pitkin gaguejou de uma maneira que significava que seriam de esperar notícias bem desagradáveis. A. J. era um bom sujeito, mas não era o mais

firme dos homens. Fora escolhido para casar-se com Heather Walby porque era perito no seu conhecimento das leis e da contabilidade. O

*squire* arqueou as sobrancelhas e fulminou o genro com o seu mais autoritário desprazer militar.

Pitkin disse, numa voz què a confusão tornava um pouco estridente: — Temos uma pequena dúvida de que a nossa maioria seja líquida.

— O quê? — gritou Walby, dando um soco na mesa que fez uma xícara saltar.

— Calma, Major! Olhe a sua pressão! Eu quero (soco na mesa) saber (soco na mesa) O QUE É QUE ESTÁ ACONTECENDO!

Depois de enxugar o suor da testa, Pitkin recobrou a calma e tentou conter a

raiva turbilhonante que se desencadeava diante dele.

— Tive uma sombra de dúvida e tratei de conferir as listas de rendeiros fornecidas pelo Conde, bem como os registros públicos disponíveis. Como sabe, os católicos são extremamente negligentes quando se trata de registrar nascimentos e óbitos. Todos nós sabemos disso, não sabemos?

O sobrolho do Major estava tão franzido que até parecia que ia juntar-se com o seu bigode.

— Continue, Pitkin.

— A verdade é que com as idas e vindas dessa gente e com os seus hábitos desregrados de procriação, não podemos ter certeza do número exato deles.

O rosto de Hamilton Walby estava

ficando novamente daquela cor alarmante. Disse aos gritos que Pitkin devia voltar ao Castelo de Dublin e reabrir a questão dos limites do distrito junto à comissão. Pitkin deixou então cair a outra bomba.

— Para dizer a verdade, entrei, em contato com a comissão imediatamente, Major.

— E então?

— Disseram que é melhor deixar as coisas no pé em que estão.

— Que é que está dizendo?

— Disse que eles foram de opinião que é melhor deixar as coisas como estão.

— Disseram-lhe isso no Castelo?

— Bem, Major, parece que a única maneira que temos de aumentar os limites para incluir mais elementos leais é estender-nos até aos arredores de

Londonderry. O problema é que em Londonderry estão estendendo os limites na direção de Ballyutogue com a mesma intenção. Diante disso, essas coisas podem chegar aos ouvidos dos liberais e eles talvez venham à Irlanda para investigar as... irregularidades.

— Irregularidades? Que irregularidades? A culpa de toda essa confusão é deles mesmos, desses malditos liberais, com a sua mania de reformas. É o fim do Império, estou-lhe dizendo!

Depois da sua explosão, Hamilton Walby começou a tomar providências com fria diligência, como sempre fazia. Pitkin recebeu ordem de solicitar uma audiência ao bispo católico, Gerald Nugent.

Seguindo uma política de cunho prático, Lorde Hubble costumava fazer

generosas doações às obras pias do Bispo e essa política tinha todo o apoio do Major. Não era preciso lembrar nem ao Bispo Nugent nem ao Cardeal em Armagh que a legislação favorável à Igreja estava nas mãos de Walby e de Hubble. O apoio a essa legislação só poderia existir enquanto houvesse um entendimento amigável.

Os pedidos de Pitkin foram duplos. O Bispo se mostrou muito cooperativo. Era preciso haver um recenseamento exato e a melhor maneira de obtê-lo era por intermédio dos padres das paróquias do Bispo.

Depois, seria bom que esses mesmos padres recebessem instruções para dizer aos paroquianos de maneira categórica que qualquer ligação com os fenianos

seria considerada pecaminosa.

O recenseamento não demorou muito e, apesar das deformações monstruosas impostas ao distrito, continha totais que davam o que pensar. A diferença entre católicos e protestantes em condições de votar no distrito era apenas de cem votos. A. J. tentou tranquilizar o Major com o argumento de que os católicos teriam muito pouco interesse em ir votar.

Além disso, as recomendações do Bispo Nugent já teriam atingido a todos eles, por intermédio dos párocos, quando chegasse o dia das eleições.

— Não há quem não saiba que essa gente só faz o que os padres mandam — acrescentou Pitkin, como argumento conclusivo.

Hamilton Walby não tinha tanta

certeza assim, mas se lembrava dos seus velhos tempos entre os Fuzileiros do Ulster que não se pode ceder diante do inimigo. Ninguém iria forçá-lo a qualquer mudança de atitude.

Continuaria como de costume, aparecendo em algumas feiras e fazendo visitas perfunctórias à comunidade anglicana do distrito. Contudo, ainda que aparentasse uma obstinada displicência, não podia livrar-se completamente do sentimento de que o bem de família, que era a sua cadeira na Câmara dos Comuns, estava em perigo. Deus não havia de permitir que ele fosse o primeiro Walby a perder a cadeira depois do Ato de União.

Houve um momento crítico na feira de Bunrana. Era uma grande feira, a que compareciam quase todos os habitantes da

península de Inishowen. Embora a região fosse predominantemente católica, a feira atraía muitos lavradores presbiterianos de Ballyutogue. Enquanto o Major se entregava à sua habitual tendência a julgar flores e cavalos, Kevin resolveu promover um comício na extremidade da feira.

A curiosidade em torno do feniano e membro da Liga Rural levou muitos presbiterianos para as proximidades da plataforma do orador, que estava fortemente protegido por uma guarda de homens de Tomas Larkin.

Esperavam-se dificuldades porque a polícia se recusara a dar proteção, alegando que a licença de falar concedida a Kevin não estava em ordem.

Apesar da possibilidade de

desordens, Kevin resolveu realizar o comício, pois sabia que as suas oportunidades de falar a um público protestante seriam limitadas.

Encaminhou-se para a plataforma, cercado por uma escolta de rendeiros fortes, muitos dos quais tinham tomado parte nos ataques noturnos, e parecia ainda menor do que todos eles. Essa imagem desapareceu quando ele começou a falar e entrou diretamente no âmago dos problemas que afetavam todos os lavradores da região. Disse que era participante de Liga Rural e advogado, conhecendo por isso todos os truques dos agentes e dos proprietários. Os truques usados contra os protestantes eram muito mais sutis do que os que afligiam os rendeiros católicos. Podia-se falar, por

exemplo, na manipulação dos preços do linho, que tirava dinheiro dos bolsos de todos os que o estavam ouvindo.

Quaisquer ideias de oposição ou perturbação se dissolveram em profunda atenção quando O'Garvey desafiou Hamilton Walby a subir à plataforma e explicar por que ele fornecia dinheiro aos agiotas para fazerem empréstimos aos lavradores a juros absurdos. Depois de endividar centenas de lavradores protestantes com os preços que pagava pelo linho, Walby mandava os seus agentes fazerem os empréstimos e, quando estes não eram pagos no vencimento, muitas terras de protestantes eram anexadas às propriedades do Major.

Quando Walby soube do discurso de O'Garvey, as suas legiões ficaram ainda

mais abaladas ao ver o Major e os homens que o cercavam saírem a galope da feira.

As acusações não tinham sido contestadas e os legalistas estavam num dilema.

Luke Hanna, um homem mais ou menos da idade do Major, tinha administrado a fábrica de linho de Lorde Hubble durante vinte anos. A. J.

Pitkin levou Luke ao perfumado esplendor do roseiral do Major, mas teve de repente os seus passos barrados por dois tipos intratáveis, os dois cachorros *terriers* do Major. Walby levantou os olhos da sua jardinagem, acalmou os cachorros, deixou as ferramentas de lado e tirou as luvas.

— Foi muito bom ter vindo, Hanna.

Os três se encaminharam para o pavilhão do jardim. Walby sabia que Hanna praticava a temperança apenas durante parte do tempo e ordenou bebidas de natureza substancial. Um dos cachorros pulou para o colo do Major e ficou olhando para Hanna e rosnando a cada um dos seus movimentos.

— Pedi que viesse até aqui, Hanna, porque desejava fazer algumas sondagens. Como sabe, as próximas eleições têm alguns aspectos novos.

Hanna ergueu as mãos num gesto de recusa.

— Bem sabe que eu não sou político.

— É verdade, mas é diácono em sua igreja e grão-mestre na sua Loja de Orange. Está por isso a par do que as

peessoas estão dizendo e pensando.

— Que é exatamente o que deseja saber, *Squire*?

— Bem... se há murmúrios de descontentamento ou coisas assim.

— Posso ser franco?

— Creio que a franqueza está na ordem do dia. Que é que acha, Pitkin?

— Franqueza, sem dúvida alguma, Walby arqueou as sobrancelhas e afagou o cachorro até que ele parou de rosnar.

— O pessoal está pensando que já é tempo de que o senhor entre em ação, Major.

— Entre em ação? Quer explicar-se?

— Bem, houve aquele caso na feira de Buncrana. Foram formuladas acusações bem graves, *Squire*. Talvez fosse melhor que as tivesse contestado.

— Tolice! Você certamente não ia esperar que eu travasse um bate-boca com um bando de desordeiros. Esperava?

Hanna encolheu os ombros e tomou um gole de bebida.

— Escute aqui, Hanna! — disse Pitkin, indignado. — É claro que ninguém vai acreditar nas mentiras daquele feniano!

— O que acontece é o seguinte. Nada disso faz qualquer diferença para os nossos homens. Nada do que Kevin O'Garvey disser poderá desviar um voto que seja. Os nossos homens são leais até ao fim. Mas estão começando a pensar que devia haver também alguma lealdade de sua parte, Major.

Walby e o cachorro rosnaram no mesmo ritmo. Pitkin e ele tinham discutido

a possibilidade de contratarem homens de Orange para perturbarem os comícios de O'Garvey. Parecia um pouco arriscado, pois tinham de ficar a salvo de qualquer coisa que provocasse observação externa. Uma desordem poderia atrair os jornalistas e então o país inteiro ficaria sabendo da alteração arbitrária dos limites do distrito.

— Não está certamente insinuando que o Major não tem representado bem no Parlamento os direitos dos súditos leais? — exclamou Pitkin.

— Ora, deixe ver se eu consigo explicar — replicou Luke Hanna. — Temos apoiado o Major sem tugar nem mugir. Mas as coisas mudaram e agora o Major talvez precise de nós como nós precisamos dele. O que eu quero dizer é o

seguinte. O senhor nunca se saiu dos seus cuidados para fazer-nos algum elogio. Creio que terá de levar a sério no futuro a sua associação conosco. Só porque não somos anglicanos, isso não quer dizer que não sejamos bons e leais protestantes.

— Compreendo — disse Walby.

Luke conseguiu dissimular a sua satisfação. Ia ser uma penosa retribuição para o Major, que teria de sair do seu pequeno distrito encantado e solicitar os votos dos homens que ele tinha passado a vida toda a desprezar. Sem dúvida, eles eram leais e eram protestantes, mas Luke sabia que o *squire* os considerava dissidentes. Quem não fosse anglicano era um dissidente, um inferior.

— A melhor maneira de influenciar a nossa gente é por intermédio dos

pregadores, que nunca deixam o nosso povo esquecer o seu dever para com a Coroa, tanto na Igreja quanto na Ordem de Orange. Na minha opinião, o senhor devia participar neste ano das festas do Doze de Julho e das comemorações dos Jovens Aprendizes. Bastaria estar presente, compreende o que eu quero dizer?

Quando convinha aos seus fins, Hamilton Walby podia ficar lívido.

Por outro lado, possuía um espírito extremamente ágil, capaz de avaliar as coisas de maneira rápida e clara. Ficou calmo, porque o que Luke lhe dizia era inteiramente claro.

— Não acha que, por falta de contatos pessoais no passado, os seus amigos podem julgar a minha presença súbita, digamos um pouco transparente demais?

— Não. Pensarão que afinal reconheceu a importância política deles — respondeu Luke. — Julgarão isso um aspecto da nova ordem política.

Sentindo o descontentamento de seu dono, o cachorro rosnou e teve de descer do colo em consequência disso. Walby não gostava nada daquela aliança incongruente. E se ele se negasse a ser um idiota e a desfilar com os trajes ridículos deles? Que aconteceria? Iriam votar em quem? No feniano?

Como se Luke lhe estivesse lendo os pensamentos, sorriu e desfechou o golpe: — Se não quiser sair e marchar com os homens, eles poderão escolher um candidato próprio.

Tendo obtido essa resposta, o Major voltou-se para Pitkin e ordenou-lhe, em

verdadeiro estilo militar, que organizasse um programa de aparições públicas.

— Como eu disse logo que cheguei — declarou Luke — não sou político, mas acho que o senhor deve também levar em conta o fato de que a sua circunscrição eleitoral se expandiu.

— Estará por acaso sugerindo, Hanna, que o *squire* deva ir misturar-se com os católicos?

— Não será levar a democracia longe demais? — perguntou Walby.

— Mal ou bem, eles têm o voto — respondeu Hanna. — Acho que seria uma grande demonstração de personalidade da sua parte enfrentá-los de homem para homem e fazê-los saber que é um homem de convicções.

— Mas eles não têm a menor ideia do

que seja um jogo limpo — disse Pitkin. —  
Metem os pés pelas mãos.

— Sou forçado a discordar — disse  
Hanna. — Tenho tratado com eles toda a  
minha vida e nunca tive problemas.

— Nunca, meu caro senhor, nunca! —  
exclamou Hamilton Walby.

— Apoiado — declarou Pitkin.

“Nunca” se resumiu em três dias de  
angústia.

As novas exigências para praticar a  
igualdade pela primeira vez na vida eram  
perturbadoras.

Os presbiterianos havia algumas  
gerações pleiteavam um *status* de  
igualdade com os anglicanos. A história  
era muito clara quanto a esse ponto. No  
começo da colonização do Ulster, os  
presbiterianos tinham vivido coligados

com os católicos. Voltaram-se para a Coroa quando isso lhes foi conveniente e desde então tinham tentado, forçar uma aliança com os anglicanos.

Walby detestava a zelosa natureza evangélica da Igreja Presbiteriana, julgando-a grosseira, pomposa, degradante e altamente imaginosa. O

*squire* tinha procurado sempre estar na Inglaterra por ocasião das marchas de verão, evitando assim toda aquela turbulência orangista.

Apesar das suas falhas, Walby podia racionalizar que eles eram aceitáveis. Eram agora perfeitamente leais. Eram britânicos, por assim dizer. Eram protestantes. De uma ordem inferior, é claro, mas protestantes apesar de tudo. Uma acomodação com eles era necessária

para conservar as propriedades irlandesas a salvo para a Coroa. Donegal Leste era a sua parte pessoal de dever e de responsabilidade.

Enquanto se podia conviver com a coisa presbiteriana, a coisa católica era incompreensível. Até então, uma visita ao bispo deles tinha bastado. Aquela gente da igreja sabia fazer o jogo. Mas agora ele se via diante da repulsiva perspectiva de solicitar votos católicos para voltar a uma cadeira nos Comuns que era sua e exclusivamente sua.

Poucos pensamentos e frases mal-humoradas sobre Gladstone e os liberais deixaram de passar pela cabeça e pelos lábios de Walby. Aquela gente estava conspirando para destruir o Império. Desde quando um colonizador dava aos

nativos o direito de voto? Tinha sido ridículo de sobra formular o Ato de União, que permitia aos católicos irlandeses entrarem no Parlamento Britânico. Todos sabiam que Parnell e seus sequazes estavam empenhados em destruir o Ato de União e impor a Autonomia. O que, entre o céu e a terra, podia ser mais devastador do que um parlamento em Dublin, composto de fenianos que não tinham nem o direito, nem a capacidade de se governarem?

Através de toda essa angústia, um ideal predominava. O indizível desastre cobriria de vergonha eterna o nome da família se ele perdesse a cadeira. As coisas ainda estavam muito no ar, mas um bom oficial avalia as suas baixas, rearticula as suas forças e ataca.

Depois disso, a angústia terminou.

As badaladas do ângelus começaram a soar e os homens que estavam na encruzilhada caíram de joelhos como se tivesse havido uma descarga de bacamarte.

Tomas olhou para a luz já fracamente acesa no bar de Dooley McCluskey e o cheiro do lugar, quando lá chegou, lhe pareceu puro céu depois de um dia nos campos. McCluskey serviu a dose noturna habitual de Tomas e colocou-a no balcão.

— Como vão as coisas, Dooley?

— Mal, Tomas. Parece que estou cheio de nós nas tripas.

Apontou então para um canto escuro do bar, onde Luke Hanna estava sentado sozinho com uma garrafa.

— Olá, Luke. Que é que está fazendo por aqui a estas horas?

— Estava à sua espera. — Encheu de novo o copo de Tomas. — Vá tomando isto.

— *Sláinte*.

— *Sláinte* — disse Luke, retribuindo a saudação.

Em seguida, sacudiu a cabeça como se não acreditasse bem no que ia dizer: — O *squire* quer realizar um comício político com os homens de sua aldeia.

— Não brinque comigo, Luke.

— Não estou brincando.

— Sério?

— Sério!

Dooley, que costumava ser a alma da discipulação, deu um assobio.

— Jesus! — disse Tomas. — Quase

que só vemos Hamilton Walby por aqui quando ele passa galopando atrás das pobres raposas. Será que ele pensa que vai mesmo ganhar votos por aqui?

Luke coçou o queixo.

— A coisa é essa, Tomas. Você sabe qual é a minha posição e eu sei qual é a sua. Pode não dar resultado algum. Mas, por outro lado, que mal pode haver? Desde que a nova lei exige certas acomodações, estas devem ser combinadas pacificamente.

— É compreensível — disse Tomas. — É de esperar que o *squire* esteja disposto a conceder a mesma gentileza a Kevin O'Garvey.

— Ah, eu sabia que você ia dizer isso. Tomas, tudo isso é coisa nova e não há muita coisa que Hamilton Walby e o

peçoal dele possa aceitar de uma vez. Não seja intransigente, Tomas. Deixe o homem realizar o seu comício aqui e depois se vai ver o que é possível fazer.

Tomas encolheu os ombros.

— Por que não? Diga ao *squire* que ele será bem recebido.

Dooley McCluskey fez então um sincero apelo para que o comício se realizasse na encruzilhada sob o velho carvalho conhecido como a “árvore dos enforcados”. Seria um local muito melhor do que a torre normanda, pois numa reunião daquele tamanho e daquela natureza não podia deixar de haver muita sede.

Luke e Tomas cuspiram nas mãos e as apertaram para fechar o trato e saíram.

— Como é que você foi-se misturar

com o *squire*? — perguntou Tomas.

Luke ajeitou o cinto e aspirou o ar frio da tarde.

— Pouco importa o homem que vá para Westminster, Walby ou O'Garvey, não é mesmo, Tomas? Nós dois sabemos que tudo é um jogo de palavras. Enquanto formos vivos, não vai haver Autonomia coisa nenhuma, pelo menos enquanto houver uma Câmara dos Lordes em Londres com o direito de veto. Vou continuar na fábrica seis dias por semana e você estará trabalhando nos seus campos. Nada vai mudar para nós.

Tomas tinha falado a Kevin sobre as cruéis decepções que o esperavam. Ele e Luke Hanna sabiam das realidades.

— É essa a verdade, Luke, a pura verdade — disse Tomas.

## 2

Sir Frederick Weed martelava os seus passos com uma tenacidade atribuída às suas grandes máquinas marítimas. Os homens que o acompanhavam seguiam em passo acelerado para alcançá-lo quando ele chegou ao ponto médio da sua inspeção quinzenal. A principal doca seca ficava bem no centro do extenso monólito industrial, onde ele desapareceu no porão de um navio que estava sofrendo reparos.

A inspeção tinha-se tornado de certo modo uma coisa fixa com consultas rápidas e decisões imediatas com os engenheiros e capatazes.

Havia um fluxo de ordens e memorandos transmitidos ao seu

assistente Kendrick e a um grupo de secretários, que transpiravam, aflitos, apesar do frio que fazia.

Do porão, ele passou para a nova fábrica ampliada das máquinas marítimas, um mastodonte de mais de um hectare de superfície coberta.

Sir Frederick confiava muito no seu conceito de uma máquina de tríplice expansão projetada para aumentar as pressões das caldeiras que permitiam aos seus navios de dupla hélice velocidades de mais de dezoito nós. Inédito! Mas estava-se numa idade de coisas inéditas e os seus arquitetos já estavam planejando navios de dez mil toneladas!

Weed conhecia muitos dos seus milhares de empregados pelo primeiro nome. Enquanto se movia pelos estaleiros,

fingia camaradagem, numa política de confraternização constante que o fazia dar ouvidos “sinceramente” a queixas ou sugestões, acompanhando tudo de pancadas nas costas, apertos de mãos e palavras de falso estímulo. O corpo robusto, que lhe ficara da prática do atletismo em outros tempos, dava-lhe uma figura de respeito e o charuto aceso fumegava como se fosse o fumo de uma chama eterna.

Saindo da fábrica das máquinas marítimas, o grupo dirigiu-se para o Canal do Rei Guilherme, que dividia pelo meio o estabelecimento. Sir Frederick nunca deixava de parar no meio da alta ponte. Dali podia ver tudo — os diques secos, as docas, as grandes estruturas cobertas em que se fabricavam as chapas de aço, as

fundições, as serrarias, os depósitos, as oficinas auxiliares, as fábricas. Do lado sul do Canal, as quatro chaminés da sua usina siderúrgica se erguiam para o céu e eram talvez o ponto de referência mais destacado de Belfast. Depois, as novas oficinas das locomotivas. Tudo o que se referia às Oficinas de Navios e de Ferro Weed, se concentrava poderosamente na baía de Belfast. O Canal do Rei Guilherme fora construído com uma artéria entre o rio Lagan e a ilha da Coroa. Completamente dragado, estendia-se pelos mil hectares de fábricas, parques e campos de jogos, tudo marcado com o nome Weed. Era tudo tão imponente e grandioso como o conjunto Haland & Wolff, no Canal Vitória, cerca de um quilômetro ao sul.

Sir Frederick admirava a vista do alto da ponte, — Belo, danadamente belo — murmurou ele.

Nos dois lados do canal parecia que se comemorava o aniversário da Rainha Vitória, tamanha era a profusão de *Union Jacks*, Mãos Vermelhas do Ulster, festões e estandartes. Por assim dizer, o aniversário da Rainha Vitória era comemorado diariamente, pois além das Oficinas Weed erguia-se a monotonia de tijolos vermelhos que se chamava Belfast Leste e era o mais leal baluarte protestante em todo o Império.

Quarenta lojas de Orange diferentes eram contadas nas Oficinas, como a dos Rebitadores, dos Caldeireiros, dos Almojarifes, dos Marceneiros, dos Encanadores, dos Cocheiros, dos

Construtores Navais, dos Carpinteiros. Havia até uma loja de diretores presidida pelo próprio Sir Frederick para dar orientação a todas as outras. Dos 9.640 empregados, 9.217 eram protestantes de Belfast Leste e do Shankill. Destes, 8.500 faziam parte da Ordem Leal de Orange.

A usina siderúrgica ostentava fornos Siemens-Martin com capacidade suficiente para produzir tudo aquilo de que os estaleiros ou a fábrica de locomotivas necessitassem e mais grande parte dos trilhos e de outras necessidades de aço da Irlanda.

Além da usina de laminação, Sir Frederick tinha criado um departamento de pesquisa, pois se estava no auge da expansão de navios e estradas de ferro.

Metas infinitas eram ultrapassadas em pouco tempo.

Novos planos e iniciativas em matéria de máquinas, cascos e caldeiras ampliavam indizivelmente os transportes marítimos mundiais. O zénite não estava ainda à vista. Ninguém podia acusar Sir Frederick Weed por falta de ideias. Ele era o homem que fizera de Belfast um centro de construções navais de classe internacional, e as suas indústrias ferroviárias não estavam numa categoria muito inferior.

A Revolução Industrial com propulsão a vapor achava a sua última expressão num transbordamento do gênio britânico. Uma grande exposição industrial para mostrar ao mundo as mercadorias inglesas foi inspirada pelo Príncipe Alberto e

realizada no Palácio de Cristal do Hyde Park, em 1851. O adjetivo "vitoriano" para identificar a era nasceu então e tudo ficou preparado para uma época de progresso sem precedentes. O

próprio Palácio de Cristal foi uma obra-prima da tecnologia vitoriana e marcou o primeiro uso importante das estruturas pré-fabricadas.

À medida que o vapor ia revelando novos segredos, uma plethora de avanços desceu como uma avalanche dos cérebros dos titãs inventivos do tempo. Martelos mecânicos, pás mecânicas, martelos-pilões, tudo isso movido a vapor, hidráulica a vapor e guindastes. Ferramentas de alta velocidade movidas a vapor eram postas nas mãos dos construtores do mundo e máquinas

agrícolas de propulsão a vapor eram colocadas na terra. Turbinas a vapor de alta velocidade impeliam navios gigantescos através dos mares, enquanto outras turbinas a vapor geravam energia em estações terrestres. Novos métodos de purificação do ferro abriram o caminho para a fabricação e a tubulação do aço que foi empregado em vigas para edifícios e pontes de grandeza nunca sonhada. Arquitetos e engenheiros acrescentaram novas maravilhas ao cais do Tâmis e ao complexo portuário de Liverpool.

O vapor gerou a revolução dos transportes que fez a Inglaterra expandir-se das suas restrições insulares para a classe de potência mundial com navios e trilhos para corresponder aos seus

estadistas e seus canhões. O Foguete, a primeira máquina a vapor moderna, abriu caminho em terra correspondente ao domínio dos mares.

Uma parte do leão da tonelagem marítima ostentava a Union Jack e todos continentes hospedavam turmas de trabalhadores ingleses cuja atividade espantava o mundo na construção de estradas de ferro e canais.

Flamejante símbolo da época era sambar Kingdom Brunel, que construía a Grande Estrada de Ferro do Oeste e mais umas vinte e cinco, lançara o primeiro túnel submarino, criara a estrada de ferro de bitola larga, lançara o primeiro navio revestido de chapas de aço e o primeiro vapor transatlântico, seguido por uma flotilha dos maiores e mais rápidos

barcos conhecidos, fora o iniciador do telégrafo ferroviário, o pai da propulsão a jato, construía túneis, aquedutos, cais, diques secos, pontes ferroviárias e pontes de suspensão de impressionante audácia. Brunel, o “Pequeno Gigante”, inspirou com as suas exigências dezenas de invenções que transformaram o mundo.

Thomas Brassey acabou de cingir o mundo em trilhos britânicos, construindo uma exótica relação de linhas na Índia, na Noruega, no Canadá, na França, na Argentina, na Itália, na Polónia, na Austrália e na Ilha Maurício, além da Calcutá—Ganges, da Varsóvia—Galati e da Viena—Trieste.

Estes e outros eram os homens da Rainha.

Entre eles se destacava Frederick

Murdoch Weed. Jovem ainda, este escocês coroara-se de louros como arquiteto naval e engenheiro marítimo nos grandes estaleiros de Clydebank.

Intrigado com a série de inovações introduzidas pela Guerra Civil americana, atravessou o mar para fazer seus estudos e ficou particularmente fascinado pela rápida transformação dos navios chapeados de ferro nos furadores do bloqueio de aço construídos pela Confederação.

O seu cérebro tornou-se uma fonte de ideias, mas ele se sentia constantemente frustrado pelas limitações do estabelecimento em Glasgow, Liverpool e Newcastle. Alongou os olhos pelo Mar da Irlanda e ficou satisfeito com o que viu. Tinha sempre havido uma indústria de

construções navais pequena mas substancial perto de Belfast, Harland & Wolff tinham fundado ali estaleiros que prosperaram. Isso tomava mais agradável a ideia de cortar os laços que o uniam à ilha materna. A Empresa Municipal de Belfast estava constantemente expandindo e recuperando terra à foz do rio Lagan para esse fim e havia ali um excelente núcleo de construtores navais peritos, emigrados da Escócia.

Começando com um capital de alguns milhares de libras, Weed comprou um pequeno estaleiro de cerca de três hectares na recém recuperada Ilha da Coroa. Atirou-se à empresa com a mesma fúria que havia marcado os seus dias de glória como um grande jogador de rúgbi.

O primeiro golpe de audácia se

verificou quando ele duplicou o comprimento dos vapores e veleiros transatlânticos sem lhes aumentar a largura. No começo, as suas estruturas compridas e estreitas foram chamadas zombeteiramente os “caixões de defunto de Weed”. Nunca mais zombaram dele. Inovando com uma superestrutura de ferro acima do convés e um desenho único de casco abaixo da linha-d’água, fez navios que não só eram mais estáveis, mas também os mais rápidos de todos.

Enquanto as encomendas choviam, a Ilha da Coroa continuou a recuperar terras e a duplicar e triplicar o seu tamanho. Weed convertia os navios de ferro em aço com resultados espetaculares. O seu gênio em formar ligas de aço e pré-fabricação manteve-o bem à frente. Em 1878, no ano

em que ele foi galardoado com o título de cavaleiro, tinha criado a sua fábrica de máquinas marítimas e a sua usina siderúrgica e se tornara o maior empregador na província do Ulster. Arrebanhava sistematicamente os melhores talentos do Clyde em engenharia e construções em todos os níveis. O declínio de Liverpool como centro de construções navais prontamente se refletiu no crescimento de Belfast. A média e o núcleo da sua força de trabalho estavam fortemente implantados em Belfast Leste, que ele chamava frequentemente “a segunda colônia do Ulster”.

A parada final na visita de inspeção foi o departamento de pesquisas e projetos. Depois de uma rápida passagem

pela sua extensão repleta de arquitetos, cientistas e desenhistas, Weed ficou sozinho com o chefe do departamento, Walter Littlejohn, destacado metalúrgico.

O maior problema que enfrentavam os construtores navais tinha sido apenas tocado. A parte mais dispendiosa e demorada do processamento dos navios metálicos era a moldagem e o rebitamento à mão de cada chapa. Havia quase três anos, Walter Littlejohn e alguns elementos do seu pessoal dedicavam-se à mania de Sir Frederick por descobrir um método de soldar navios sem rebites.

A mais recente série de experiências tinha terminado poucos dias antes do mesmo padrão habitual de insucesso. Mais de sessenta novas ligas tinham sido testadas no esforço de conseguir um aço

mais forte. As melhores fórmulas foram incorporadas e empregadas no casco de um navio experimental de cem toneladas. Fora ele então rebocado para a Ilha Rathlin, onde o Canal do Norte corre impetuosamente entre a Irlanda e a Escócia. O barco fora ancorado numa enseada exposta e, durante dois meses cheios de ansiedade, sofrera pesados embates. Depois disso, se desagregara como os anteriores.

Sir Frederick passou os olhos pelo relatório de Littlejohn. Limpou as cinzas do charuto que tinham caído em cima dele e disse com os olhos marejados: — Que diabo, Littlejohn, pensei que desta vez íamos conseguir.

Walter Littlejohn estava cansado e desanimado e isso o fazia parecer mais

pálido do que de costume. Os seus lábios finos se perdiam entre as pontas de um bigode caído. Encolheu os ombros ante o olhar interrogativo de Weed.

— É a mesma história de sempre, Sir Frederick. O aço se mostrou muito quebradiço sem os rebites, cedendo num ponto mais baixo. Isso quer dizer que as nossas técnicas de soldagem ainda não são bastante adiantadas.

— Pensei que íamos conseguir tudo com o novo maçarico.

— As propriedades do acetileno ainda são duvidosas. Talvez se pudéssemos conseguir um maçarico mais aperfeiçoado...

— Talvez, talvez, talvez — disse Sir Frederick. — Talvez, se o cachorro não tivesse parado para fazer cocô, pudesse

pegar o coelho.

Littlejohn ficou um instante pensativo enquanto Weed tornava a correr os olhos pelo relatório.

— Quem sabe se uma percentagem mais alta de níquel e de manganês... Que é que você acha?

Littlejohn tirou os óculos, esfregou os olhos e deixou o espírito ficar deliberadamente vazio.

— Então, então?

O cientista ergueu as mãos para o ar num gesto de desânimo.

Estava na hora do soco na mesa.

— Eu sei que há uma maneira de fazer isso. Não posso mais tolerar essa maldita frustração.

— A pressa é inimiga da perfeição — murmurou Littlejohn.

— Pelo amor de Deus, Littlejohn! Estamos em 1885. Todo o Clyde já tem notícia do nosso projeto. Algum patife pode chegar lá antes da gente.

Littlejohn coçou a cabeça.

— As ligas do aço ainda são um campo de pesquisa inteiramente novo — disse ele pela milésima vez ao touro furioso que o atacava. — A não ser que alguém acidentalmente misture os materiais convenientes e crie uma fórmula miraculosa, estamos ainda a uns dez anos de distância de encontrar o grau de dureza final do aço. E, ainda depois de encontrarmos isso, teremos mais alguns anos até conseguir um desenho de casco conveniente e métodos de fusão próprios.

Weed sacudiu a mão sob o nariz de Littlejohn.

— Se algum filho da puta conseguiu isso antes de mim, serei capaz de morrer. Quero ver este maldito navio mais do que sempre quis qualquer coisa na vida.

— Continuaremos a fazer o máximo — murmurou Littlejohn.

O *brougham* de Sir Frederick estava esperando à porta do departamento de pesquisa e o levou ao passo cadenciado do cavalo ao edifício central de administração, onde ele mergulhou num período final de trabalho.

O último papel que Kendrick lhe colocou em cima da mesa reacendeu a sua raiva. Uma comissão especial da Câmara dos Comuns tinha concluído um estudo sobre o problema cada vez mais grave dos detritos nos centros industriais e de mineração do Reino Unido. A conclusão

do estudo dizia que Belfast era o que havia de pior nas Ilhas Britânicas. O ar ali tinha atingido níveis perigosos de poluição e punha em risco a vida das pessoas, atacando-as de doenças respiratórias. Além disso, os detritos industriais, principalmente da usina siderúrgica de Weed, lançados na baía de Belfast estavam deteriorando gravemente a água. O advogado de Sir Frederick queria a opinião dele a fim de anexá-la ao voto em separado da minoria.

Weed pegou a pena e escreveu “Bosta Pura” na capa do relatório.

Kendrick entrou com o chá numa bandeja e, ao limpar de papéis a mesa de Sir Frederick, olhou em silêncio para o relatório da comissão.

— Devolva isso — ordenou Weed.

— Não vai fazer comentários?

— Está bem. Tome nota do que eu vou ditar: “Trata-se da mesma espécie de imbecilidade que outra comissão especial tentou maquinar há vinte anos em relação às fábricas de linho. É uma desprezível ação de intimidação dos liberais para impedir o progresso, conjugada com uma velha conspiração para barrar o desenvolvimento de Belfast. Se querem mesmo acabar com a sujeira, comecem pelas cidades do Midland. O

progresso de Belfast não será de modo algum prejudicado ou interrompido pelas chicanas políticas, *etc. etc.*

Foi até à janela. Não se avistava Belfast através da neblina.

— Estamos poluindo o ar e a água, não é? Que é que eles querem que o povo

daqui faça? Que morra de fome?

O apito das seis horas fez-se ouvir. Milhares de operários começaram a sair para o pátio. Eram legiões de homens sujos de graxa e de fuligem, que marchavam com os seus bonés de tweed em ritmo irregular a caminho das casas melancólicas de tijolos vermelhos estendidas em filas. Sir Frederick acenava com a cabeça para os homens que passavam e levavam a mão ao boné. Quando a passagem dos operários ainda ia em meio, ele voltou à sua mesa.

— A que horas chega o trem do Brigadeiro Swan? — perguntou ele.

— Às sete e meia.

— Muito bem. Mande uma carruagem esperá-lo. Depois, irei vê-lo no hotel.

— Está bem, Sir — disse Kendrick e

saiu da sala.

Tomando uma xícara de chá reforçado com conhaque, Sir Frederick deixou arrefecerem pouco a pouco os ardores do seu espírito febril e começou a pensar na nova extensão do seu império.

Quando vários anos antes tomara a decisão de ter a sua usina siderúrgica própria, comprara algumas minas de ferro no centro e no norte do Ulster. Começou assim a envolver-se com as estradas de ferro de bitola estreita que trafegavam nas minas. A fascinação pelos trens o levava a bitolas padronizadas e, depois, ao planejamento e à construção de um protótipo de locomotiva que criara fama com o nome de Expresso da Mão Vermelha. •

Olhava inquietamente para os pontos

terminais do centro do Ulster da sua linha Belfast & Portrush até que se tornou uma obsessão para ele possuir a primeira estrada de ferro que atravessasse todo o Ulster. De Belfast a Sligo. Depois disso, quem sabia?

Weed designou o seu braço direito, o Brigadeiro Maxwell Swan, para testar as coisas. Arthur Hubble, o Conde de Foyle, controlava algumas pequenas linhas a oeste. Uma investigação junto a Glendon Rankin, que administrava os negócios do Conde, encontrara uma reação sem compromissos mas simpática. Maxwell Swan fora mandado para Londonderry a fim de entrar em negociações.

Sir Frederick olhou para o relógio. Swan estaria de volta a Belfast dentro de pouco mais de uma hora. O entusiasmo

que sentia se expandiu num acesso de riso. Toda a energia do seu cérebro se concentrava na ideia de cortar a fita inaugural.

**SIR FREDERICK WEED INVADE O OESTE DO ULSTER!**

### 3

Como Sir Frederick Weed continuava o seu namoro com as estradas de ferro, a aquisição de uma frota de vagões particulares se fez imperiosa.

Reconhecidamente americanófilo, tinha por muito tempo adorado os vagões Palace de George Pullman e o trabalho opulento de Webster Wagner. Manning Fitch, que projetava os camarotes de luxo nos vapores de Weed, foi mandado para os Estados Unidos, comissionado e licenciado para estudar os vagões e fazer

plantas e projetos. Os vagões particulares de Weed eram feitos diretamente nas suas oficinas. Além do carro dos diretores, havia o vagão pessoal de Sir Frederick, que era escanda-losamente luxuoso, um carro usado para transportar a sua equipe de rúgbi na sua excursão anual pela Inglaterra, e três carros menores. Com uma máquina do Expresso da Mão Vermelha à frente, o trem era a capitânia terrestre do comandante-em-chefe.

O trem passou por Templepatrick em direção a Monkstown, onde as terras onduladas e verdes começavam a ficar planas perto do mar e se apresentavam repletas de casas e de gente, mostrando que se estava chegando aos arredores de Belfast.

Só havia um passageiro a bordo, O

homem que viajava no esplendor de mogno e couro do vagão dos diretores da Belfast & Portruch de Sir Frederick era o Brigadeiro Maxwell Swan, reformado. O que fazia a sua aparência de outro modo medíocre tão notável era a cabeça calva e inteiramente raspada, onde brilhavam dois olhos azuis penetrantes e sempre luminosos.

Swan, um homem do Ulster, tinha sido reformado no Exército depois de vinte e cinco anos de serviço ativo, ainda antes dos cinquenta anos de idade. Era uma figura algo misteriosa que se movimentara em silêncio pelos cantos potencialmente agitados do Império. O seu papel tinha sido descobrir insurreições iminentes para sufocá-las no nascedouro. Os seus movimentos eram secretos quando ele

agia por trás dos bastidores no Motim Indiano, nas guerras maoris da Nova Zelândia, em Pequim e nos territórios africanos para dar o golpe final nos achanti.

Os últimos anos de serviço de Swan à Coroa foram passados no Castelo de Dublin, onde ele se revelou um mestre no emprego do delator para penetrar nas sociedades secretas e rebeldes. As suas operações de repressão eram impiedosas, infalíveis e decisivas. Não era de admirar que Sir Frederick se tivesse apoderado dele logo que se reformara e o tivesse encarregado das questões com os operários.

Um princípio divino do Ulster era deixar a sua classe operária dez anos mais atrasada do que a da Inglaterra. Swan

sustentava um combate mortífero contra os sindicalistas invasores e outros agitadores e construíra uma extensa rede de espionagem da qual ninguém podia fugir.

Tudo era mais simples em Belfast. Toda a força de trabalho vivia encravada em Belfast Leste e no Shankill, onde a existência tribal era quase totalmente ritualizada pela Ordem de Orange e pela Reforma.

Poucos homens podiam resistir à raiva do Grão-Mestre de Orange, do pregador e dos seus vizinhos, se se recusasse a filiar-se.

Usando a Ordem de Orange como a sua base de poder, o Grão-Mestre era investido de poderes especiais de contratar e despedir, como acontecia a muitos pregadores. Foi Swan que animou

Sir Frederick a apoiar a Ordem de Orange e até a ingressar na mesma mediante a formação de uma loja dos “cavalheiros”.

Enquanto a Ordem de Orange exercia vigilância, os ministros incutiam a noção de que o povo do Ulster era uma raça especial, dotada das duplas virtudes da religião e do trabalho e tinha sido escolhida para fazer a obra de Deus na Irlanda. Os pais passavam aos filhos os seus chapéus da Ordem de Orange e compravam lugares de aprendizes para assegurar a continuação da família. Era muito pouco o que de pensamento intelectual, ideias liberais, curiosidade ou contentamento se deixava penetrar nos baluartes duplamente protegidos de Belfast Leste e do Shankill.

Quando sinais de problemas surgiam

nessas áreas, um plano simples era usado repetidamente com um êxito que não falhava. O medo dos católicos, dos pagãos que eram contra Deus, dos preguiçosos era mantido a comprimir-lhes as veias dos pulsos como uma lâmina de navalha. A lealdade, lealdade à Ordem de Orange, lealdade à religião protestante, lealdade à Coroa, lealdade anti-sindical, tudo isso era recompensado com a permanência no emprego, de que a subsistência dependia. O desvio dessa lealdade total era uma ameaça de que o lugar do trabalhador poderia ser tomado pelos católicos.

Swan mostrou a todo o Ulster como se podia aplicar o princípio fundamental de dividir para dominar, mantendo os trabalhadores protestantes e católicos

separados e com ódio uns dos outros. Ele era inflexível e a sua ação, metódica. Generosos donativos para as causas corretas eram friamente eficazes. As suas turmas especiais e pacificadoras de expugilistas, desordeiros, delatores, detetives e espiões eram não menos eficazes. A paz reinava nas Oficinas Marítimas e Siderúrgicas Weed, e Belfast continuava muitos anos atrás da sindicalização das Midlands, da Inglaterra.

Maxwell Swan subiu rapidamente até ser um dispositivo permanente ao lado de Sir Frederick. Sempre uma figura em segundo plano fazia o trabalho escuso que permitia a Frederick Murdoch Weed criar uma imagem pública de caridade e espírito gregário.

A baía encapelada de Belfast apareceu em Newtonabbey. O trem seguiu pela costa rumo aos subúrbios do norte, retardando a marcha na estrutura do porto, onde o cheiro do fumo, do café e das fibras de cânhamo pairava pungente e firme. Quando o Expresso da Mão Vermelha entrou na Estrada de York, Swan teve diante de si uma vista das chaminés das Oficinas Weed do outro lado de um conglomerado de canais, cais, depósitos e fábricas.

Fechou a mala, abotoou a capa e saltou diretamente do vagão particular para uma carruagem que o esperava do lado da plataforma. O

Hotel Antrim era uma joia isolada entre as hospedarias mais ou menos desleixadas de Belfast. Localizado em

Victoria Street, a algumas quadras de Donegal Square e da Casa do Linho, estava no coração das atividades culturais, oficiais e comerciais de Belfast.

Sir Frederick havia comprado o hotel como parte do ativo da Estrada de Ferro Belfast & Portrush e o remodelara seguindo um padrão de luxo que não tinha igual na Irlanda. Todo o quarto andar fora reservado para a sua residência na cidade e continha suítes para hospedar diretores das empresas marítimas e ferroviárias em visita, dignitários, aristocracia e nobreza.

Os seus alojamentos pessoais consistiam em dez peças decoradas com sobras da sua residência principal, Rathweed Hall, nas Montanhas de Holywood.

Weed deixou-se ficar na sala de estar,

tomando um drinque forte, enquanto o seu mordomo apanhava em silêncio o paletó, a gravata, o chapéu, as luvas, a bengala e os sapatos que ele jogara para o lado, substituindo tudo por um *smoking jacket* e sandálias. Ao terceiro drinque, sua filha Caroline apareceu de vestido de noite e cheia de joias.

Ah, Caroline! Weed sorriu externa e internamente. Caroline era sua alegria e seu infortúnio. Era a descendente única do viúvo Weed. Tinha-se tornado esplendidamente bela aos vinte e oito anos de idade, mas tinha sido um empreendimento monumental levá-la até lá.

Quando a mãe morrera, alguns anos antes, Caroline tinha iniciado uma vida dissipada no continente, a qual terminara

num casamento desastroso e breve. Derrotado nos seus esforços para dominá-la e frustrado nos seus desejos de vê-la bem casada para produzir herdeiros, Sir Frederick acalentara durante algum tempo a ideia de casar-se pela segunda vez. Não podia, porém, atravessar a ponte a essa altura, pois o amor que tinha pela filha o impedia.

Durante a anulação do casamento, ela voltara para Belfast e de algum modo se acalmara, mostrando boas disposições e indicando que, afinal de contas, ela poderia ser da velha cepa dos Weeds. Ele queria o futuro nas mãos dela e dos filhos que ela tivesse. Caroline continuava a ser independente e um tanto desregrada, mas desenvolveu um senso agudo dos negócios e cada vez que via as quatro chaminés das

oficinas da janela do Antrim poucas dúvidas poderia haver de quais fossem as suas ambições. Sir Frederick ainda estava nervoso quanto à questão dos herdeiros, mas esse era um terreno em que era preciso pisar com muito cuidado.

Os dois trocaram carinhos. Naquela noite, ia haver um espetáculo de uma *troupe* de balé russo. Era um acontecimento para Belfast e se efetivara em grande parte sob o patrocínio de Caroline. Esses meandros culturais aborreciam Sir Frederick, a menos que houvesse um caso de atenção pessoal e um pouco de interesse no relacionamento com uma atriz ou uma cantora. Só patrocinava a cultura porque Caroline adorava o Teatro e isso, além de dar-lhe preeminência social, a fazia ficar em

Belfast.

— Quem é o felizardo esta noite? — perguntou ele.

— O Marquês de Monaghan. Pai, mãe, duas filhas e aquele filho.

— Oh, essa gente.

— Você vem conosco, Freddie?

— Não, tenho de ficar estudando — disse ele, piscando o olho. — Estou esperando o Brigadeiro, de volta de Londonderry. Fica zangada, se eu não for?

— Claro que não — respondeu ela, enfiando a luva comprida ao mesmo tempo que fazia uma inspeção final no espelho, — Tem qualquer ideia do que Max conseguiu?

— Não e estou ansioso. Ele esteve ausente quase a semana toda.

— Ora, isso só pode indicar que

foram boas as negociações.

— É de esperar, é de esperar.

Weed se levantou da cadeira lentamente, pois os uísques que tomara tinham produzido algum efeito, e fez um carinho no rosto da filha.

— Espere por mim acordado, ouviu, Freddie? Sei que vou ter dor de cabeça vinte minutos depois de cair o pano. Estou louca para saber o que foi que aconteceu. Ah, sim, recepção amanhã à noite em Rathweed Hall. Há duas senhoras na *troupe* a quem você deve gostar de dar alguma atenção antes que tudo vá para Dublin.

— Bailarinas? São quase todas muito magras.

Outro uísque fez a cabeça de Sir Frederick descambar para o peito dentro

de uma grande banheira de mármore, enquanto o mordomo ficava ao lado dele para impedi-lo de escorregar abaixo da linha-d'água. Uma batida seca na porta do banheiro fê-lo arregalar os olhos. Maxwell Swan entrou, enquanto Sir Frederick se banhava com água fria para tirar a moleza do corpo.

O Brigadeiro sentou-se junto à banheira, firmou os pés e inclinou a cadeira para trás, enquanto tomava um xerez.

— Então, Max? Quando é que vamos cortar a fita em Londonderry?

— Convém tomar um drinque.

Uma troca de olhares contou tudo a Weed.

— Que foi que não deu certo?

— Quase tudo.

— Que diabo! Deixe-me sair daqui!

Levantou-se da banheira como uma baleia que sobe à superfície e, coberto por uma toalha, foi para o quarto, onde se sentou num sofá e se inclinou para a frente, fitando o seu assistente.

Swan procurou um ponto de partida.

— Apuramos previamente que Glendon Rankin estava administrando as propriedades Hubble por processos bem arcaicos. Apuramos também que Lorde Arthur raramente põe o pé no Ulster e que, portanto, Rankin era o homem com quem tínhamos de negociar, pois dispunha da autoridade necessária para fechar negócio conosco.

— Sei, sei.

— Sabíamos que Lorde Arthur estaria de acordo com as propostas de Rankin e

assim por diante.

— Sei, sei...

— Bem, Sir Frederick, houve uma coisa imprevista. Roger, o filho de Lorde Arthur, se meteu nas negociações até à raiz dos cabelos.

— O Visconde Coleraine? Epa! Eu pensei que ele estivesse servindo em algum lugar... Índia ou China...

— Ao contrário. O jovem Hubble já deixou o serviço militar há dois ou três anos e se tem tornado extremamente ativo. Posso até dizer que está pronto a tomar conta de tudo com armas e bagagens.

— Hubble? Roger Hubble? Um fedelhozinho enfezado, é assim que me lembro dele. Escute aqui, não é moço demais?

— É evidente que não o vê já há

algum tempo.

— Se não me engano, há uns cinco ou seis anos. Que idade ele deve ter agora?

— Uns trinta anos.

— Criou cabeça, hem?

— Astuto como Disraeli. Até o fim do ano, mandará Glendon Rankin ir pentear macacos.

— Muito interessante — murmurou Weed. — Sabe que os Hubbles têm essa horrível família Rankin à frente dos seus negócios há várias gerações?

— É exatamente isso. Roger Hubble está extremamente empenhado em transformar as propriedades da família de um feudo medieval em algo mais de acordo com o novo plano econômico das coisas. Disse logo de saída que não pode continuar a ter na renda das terras a sua

fonte principal de receita. Quer tratar sem demora de várias outras atividades, linho, mineração, indústrias. Ao mesmo tempo, fiquei muito impressionado com as consolidações que fez na terra, convertendo grandes extensões para a cultura do linho e a criação do gado.

— Quer saber de uma coisa, Max? Hoje à noite, Caroline foi assistir a um espetáculo de balé com o velho Monaghan. Aquele velho imbecil está determinado a manter-se, hipotecando até o último pedaço de terra. Só vai parar quando estiver na miséria, — Bem, o jovem Hubble já sentiu o fim das propriedades rurais.

— Tratou então diretamente com ele?

— Nos primeiros dois dias, correu tudo como se fosse por intermédio de

Glendon Rankin, Roger Hubble estava apenas procurando ver o que era que nós queríamos, sem fazer comentários e sem assumir compromissos.

Depois disso, conversamos os dois como se Rankin não estivesse presente.

Sir Frederick tateou com as mãos por baixo da toalha até libertá-las e poder levar uma chama à ponta do seu charuto.

— Você diz que ele é astuto.

— Muito.

— Por que relutou então em vender aqueles trechos ferroviários que não significam mais coisa alguma? Deve saber muito bem que aquilo tudo tem tão pouco valor para ele quanto para mim e que seria ótimo negócio para ele ver-se livre daquele peso morto.

— Ele está completamente

desconfiado dos seus motivos.

Isso acertou em cheio. Weed vestiu um robe e voltou-se para as portas envidraçadas do quarto.

— Com os diabos, Max! Quero essa estrada de ferro através do Ulster mais do que já quis qualquer coisa na vida.

O Brigadeiro não mostrou reação sensível ante aquela variação de um velho tema. Antes disso, Weed quisera construir um navio de doze mil toneladas mais do que qualquer coisa na vida, antes disso um navio soldado e, antes deste, uma locomotiva capaz de fazer oitenta quilômetros por hora...

Voltou-se para Swan.

— Volte para Londonderry e ofereça o dobro. Se eles recusarem, vai haver guerra!

— Não vai dar certo, Sir Frederick.

— Conversa. Dinheiro de sobra sempre dá certo.

— Ele tem uma preocupação dominante — disse Swan — Disseme que não quer ervas daninhas (weeds) alastrando-se pelo Oeste...

— Arranco os ovos daquele patife!

Maxwell Swan coçou a nuca lisa como se um mosquito o estivesse atacando e esperou que o seu chefe repetisse a ameaça de guerra e castração, Quando os quadros na parede deixaram de tremer, Sir Frederick compreendeu que Hubble o havia bloqueado. Houve um angustioso intervalo de realidade, durante o qual ele procurou a ajuda pragmática de seu assistente.

— O único caminho que me ocorre é

uma aliança — disse Swan.

O sorriso no rosto de Weed se modificou de azedo para malicioso.

— Compreendo... Vamos admitir o jovem Hubble e depois lhe daremos uma rasteira.

Swan sacudiu a cabeça.

— Não. Ele é muito esperto. Se o senhor aceitar uma fusão, terá de contar com ela como permanente.

Se havia alguma coisa estranha na alma de Sir Frederick era a sua independência como fonte única e exclusiva de poder pessoal. O

Brigadeiro sabia disso. A sugestão devia ter partido de outra série de avaliações.

— Sabe que está falando contra os meus princípios, Max?

— Sei disso. E não é absolutamente isso que eu estou sugerindo.

Hubble está intrigado com o seu interesse. Deixei a questão em aberto. Ele irá dentro em breve a Daars para ver o pai. Será uma boa ideia convidá-lo para passar por Belfast no caminho.

Sir Frederick havia muito compreendera o brilho especial nos olhos de Swan.

— Que é que há nessa sua cabeça arteira, Max?

Swan conseguiu apresentar o que podia ser considerado um sorriso.

— Caroline e Roger Hubble — disse ele.

# 4

Que dia importante foi aquele em que o Major Hamilton Walby apareceu na encruzilhada para falar aos rendeiros! Era a primeira vez em seiscentos anos de ocupação e domínio da Inglaterra que os aldeões de Ballyutogue iam ter uma reunião democrática.

Era também o meu décimo segundo aniversário, o que significava que, por alguns meses ao menos, eu seria da mesma idade de Conor, até que ele fizesse treze anos.

A árvore dos enforcados era de fato um local apropriado para o grande acontecimento. Ninguém sabia o número exato das pessoas que tinham sido ali

enforcadas. Podiam ter sido cem ou mil, mas a árvore havia ficado como um símbolo constante da presença da Coroa e dos séculos de opressão.

Os nossos homens eram enforcados aos magotes quando a conquista de Elizabete derrubou-o poderoso clã O'Neill. Foram enforcados em número ainda maior pelo antepassado do Major, Isaiah Walby, durante as guerras de Cromwell. Foram enforcados na guerra Jacobita contra Guilherme de Orange. Foram enforcados em tempos penais por praticarem a religião católica e durante as guerras camponesas, e pela selvagem Milícia durante o levante dos Irlandeses Unidos de Wolfe Tone. Noto de passagem que a Milícia iniciou flagelações, decapitações, azeite fervente e cabeças

espetadas em lanças nesse mesmo lugar. Depois, foram os fenianos. Os nossos homens também foram enforcados de tempos em tempos por outros atos de deslealdade como resistência à polícia que tinha ido despejá-los ou roubo das próprias lavouras para não morrerem de fome.

Todos os anos se discutia se a árvore dos enforcados devia ser derrubada ou não. Não morríamos de sentimentalismo pelo velho carvalho, mas era a única árvore decente que restava na região. Daddo Friel falava de um tempo em que tinha havido muitos carvalhos por ali e uma camada de húmus no solo de quase um metro de profundidade. Mas a grande floresta de Inishowen fora derrubada e a madeira, usada para construir os navios

com que os ingleses resistiram à Invencível Armada dos espanhóis. Dado diz que os ingleses só não levaram as pedras, pois, se tivessem algum valor, seriam também levadas.

Os Larkins, cuja voz em geral prevalecia nesses assuntos, eram de opinião que a árvore dos enforcados devia ser conservada, como um constante lembrete de quem nós éramos — como se nós já não soubéssemos — de modo que, para o bem ou para o mal, ela continuou a dar sombra às nossas duas mais poderosas instituições — a igreja de S.

Colombano e o bar de Dooley McCluskey.

O Major chegou no cavalo mais bonito que eu já vi. Era uma figura

espetacular, vestido numa casaca vermelha, chapéu alto e botas que brilhavam. Veio sozinho como se quisesse dizer-nos que era valente e cheio de convicções. Estavam presentes várias centenas de rendeiros, maltrapilhos em comparação com ele, e o Padre Lynch recebeu-o cheio de medidas como se estivesse recebendo o próprio Papa.

Tomas e meu pai levaram o Major para apresentações e apertos de mão, mas na verdade nós o víamos e ele nos via como se fôssemos criaturas de outro planeta. Graças às palavras de Tomas antes de começar tudo, todos nós compreendíamos que aquela reunião tinha de correr na mais perfeita ordem. Era uma coisa tranquila, como num domingo depois da missa, com alguns dos homens

no bar, outros visitando parentes no cemitério e outros sentados com as costas no muro, jogando pedras e moedas para o ar. Havia algumas mulheres em segundo plano, mas ficavam de longe, pois política é assunto de homens.

Conor e eu tomamos lugar junto a um palanque construído para a ocasião. Quando o comício começou, houve um lento movimento de aproximação na direção do orador. Depois, a aproximação se tornou maior porque era difícil perceber as palavras do Major. Era de esperar que um homem que estudara no Trinity College em Dublin soubesse falar melhor a sua língua.

“Estamos entrando numa esplêndida era nova”, disse o Major, “que começou no início deste século, quando a cruz de S.

Patrício foi unida às cruzes de S. André e de S. Jorge para formar a Union Jack que nós tão gloriosamente saudamos. O Reino Unido nos marcou como um só povo sob um só rei”.

*Eu tinha apenas doze anos quando Hamilton Walby disse isso. Mas, com o devido respeito, já era velho bastante para compreender, diante dessas palavras iniciais, que o dia ia ser difícil para ambos os lados. Não estávamos unidos coisa nenhuma, mas separados por planetas, estrelas, vias-lácteas e universos.*

“O Ato de União que nos fez um Reino Unido trouxe para a Irlanda a magnífica tradição britânica...”

*Ora, o que estávamos dizendo durante os doze anos de minha vida, e*

*mais de quinhentos anos antes, é que nunca podíamos julgar uma grande honra ser considerados britânicos.*

*“Um tempo em que a maior série de reformas e leis democráticas já promovidas por um Parlamento...”*

*O que você não sabe é que os irlandeses tinham uma sociedade democrática antes do ano de 1171 sob o sistema celta de ordem quando vocês, ingleses, vieram nos dar um ar de sua graça. E não sabe que uma aristocracia inglesa atrasada reprimiu quaisquer noções de liberdade, ainda depois que as ideias da Revolução Francesa se espalharam pela Europa e a libertaram.*

*“... agora, esse sistema incomparável de justiça foi plenamente ampliado para proteger todos os súditos de Sua*

Majestade.”

*Como fechar as portas quando os irlandeses tentaram fugir para a Inglaterra durante a Fome. Ah, conhecemos bem os frutos da justiça inglesa, como as leis penais, os despejos das nossas terras e o dízimo à Igreja Anglicana, para só citar alguns.*

”... graças a uma série de oportunidades sociais nunca dantes oferecidas ao cidadão comum...”

*Asilos de mendigos, trabalho infantil, prisão por dívidas, emigração em navios que eram ataúdes flutuantes.*

“... como extensas obras públicas...”

*Construção de muros de fome, de estradas que não iam a lugar algum.*

“Dentro do Ato de União, foi restabelecida plena liberdade religiosa...”

*Depois de nos ter sido negada durante séculos e restituída numa versão anglicizada, despojada de toda a sua majestade e de todo o seu esplendor gaêlicos. ... escolas.*

*Inacessíveis aos recursos de qualquer rendeiro desta aldeia e onde não se ensina a língua irlandesa, a história, a vida dos mártires ou o folclore da Irlanda.*

*“... expressão política total”.*

*Ganha com o sangue de Daniel O’Connell. Trinta anos depois foi prometida pela legislação inglesa. O que temos é distritos de limites absurdos e um eleitorado das classes privilegiadas.*

*“É claro que isso é apenas um esboço rápido do passado. O que interessa a mim e a todos nós é a continuação da reforma*

agrária. Devo dizer que sou intransigentemente favorável a uma legislação que dê a todos e a cada um de nós o direito de comprar terras próprias em quantidade ilimitada”.

*Juro que pensei ouvir Kilty e Ronan Larkin gemerem dentro das suas sepulturas. Era um choque sem dúvida ver aquele homem no palanque falar para nós sem compreender que não era nenhuma vantagem comprar terras que nos tinham sido roubadas... a não ser na cabeça de um ladrão de cavalos...*

“O importante, meus senhores, é manter a união acima de tudo. Sem os mercados ingleses, onde iríamos vender? Não gozaríamos das tarifas privilegiadas e dos regulamentos comerciais a que temos direito como súditos britânicos...

Não nos poderia acontecer maior catástrofe.”

*Na verdade, Major, que maior catástrofe poderia suceder aos irlandeses que viver como homens livres em sua terra?*

“Para onde mandaríamos nosso gado e nosso linho? Para onde, de fato, sem navios ingleses para transportar os nossos produtos e sem a Marinha Inglesa para proteger os nossos interesses? É assim que recebeis os benefícios da cultura mais adiantada do mundo e recebereis benefícios ainda maiores no futuro imediato. A vossa Igreja está inteiramente de acordo. O vosso pastor, vosso guia espiritual é muito claro a esse respeito, **MUITO CLARO MESMO!**

“Votar é uma grave responsabilidade.

A questão que se nos apresenta é a seguinte: Devemos continuar a prosperar em ordem ou devemos arriscar-nos ao caos e à tragédia, sonhando com a Autonomia? Todos os benefícios, todos os lucros positivos da cidadania britânica, toda a glória do Império, todo o esplêndido futuro.;, todas essas coisas nada valem?

Afirmo que é tempo de todos nós, britânicos, nos unirmos e tomarmos posição juntos. Só vos peço uma coisa, para que possais votar de consciência tranquila, consultai vosso padre...”

O Major Hamilton Walby concluiu as suas palavras. Olhava para uma massa de rostos trancados em tristeza. Não houve depois grosseria, nem raiva, nem aplausos. Tomas perguntou se alguém

queria fazer alguma pergunta. Não, ninguém queria. Num instante, os homens se retiraram em silêncio, parecendo um pouco mais cansados quando se dirigiam pela estrada para os seus campos.

Dentro de um momento, só havia ali, sob a árvore dos enforcados, Conor e eu, com o Padre Lynch e o Major. Os dentes dele estavam cerrados de raiva quando dali saiu e montou no seu belo cavalo. Olhou furiosamente para a estrada, onde os homens estavam subindo para a charneca. Tenho certeza de que o olhar era o mesmo que ele tivera em outras ocasiões, quando marchava à frente dos seus Fuzileiros Irlandeses para atacar alguns nativos ingratos em outros pontos do Império.

Murmurou alguma coisa ininteligível,

esporeou o cavalo e saiu a galope.

O tambor lambeg era uma invenção escocesa que dava um ressoar ensurdecedor e horrendo. Destinava-se a enfraquecer a coragem do inimigo que o ouvisse. Os lambegs eram monstruosos. Tinham um metro e meio de diâmetro e sessenta centímetros de grossura e o couro do tambor se batia com pesadas varas de bambu amarradas por tiras de couro aos pulsos da pessoa.

Trazia pinturas de alguma vitória protestante sobre os rendeiros, uma glorificação do Rei Billy ou um retrato em memória de um irmão falecido. Nenhuma loja de Orange deixava de ter os seus lambegs. A Loja Temperança Total, de Ballyutogue, não era exceção.

Havia um fenômeno em nosso lugar que se verificava todas as tardes, mais ou menos na hora das ave-marias. Alguns diziam que era coisa dos gnomos, pois não havia outra explicação lógica. Uma súbita calma caía sobre tudo, seguida por um estranho vento contrário que soprava da aldeia e nos trazia de lá até os menores sons. Nessa hora da tarde, os tambores de Orange podiam fazer tremer as pedras até uma distância de três quilômetros.

RA TA PLÀ! RA TA PLÃ!

Conor e eu íamos esperar na encruzilhada nossos pais que desciam dos campos. Os lambegs pareciam tocar incessantemente.

Nós quatro olhávamos para a aldeia.

— Quanto mais alto batem os tambores, mais amedrontados estão —

disse Tomas.

— É verdade — disse meu pai.

— Vocês sabem, garotos, eles batem os tambores para provar a si mesmos e aos outros que não têm medo e que nós devemos ter.

— Não estou compreendendo, Tomas Larkin — disse eu.

— É mesmo, Papai — disse Conor. — Por que é que eles vão ter medo?

A polícia está do lado deles.

— Quem mete medo a eles é Kevin O'Garvey. A simples ideia da igualdade os assusta.

Dizia-se que o *squire* não dava muita importância à Ordem de Orange, mas isso devia ter sido antes do encontro conosco. Logo que se afastara da árvore dos enforcados, passava quase todo o tempo

nas lojas de Orange de todo o distrito. Deviam estar com medo, pois estavam caindo nos braços uns dos outros.

E às vozes entusiásticas nos chegavam com os ventos do entardecer.

*Bandeira velha mas bela De cores resplandecentes.*

*Foi levantada em Derry, Aughrim, Enniskillen e no Boyne.*

*Meu pai usou-a em moço Nos tempos que já lá vão.*

*No dia Doze usarei com orgulho A faixa que meu pai usou.*

*Dong! Dong! Dong!* tocava o ângelus. *Dong! Dong! Dong!* Eu e meu pai ficamos reverentemente de joelhos enquanto Tomas se dirigia para o bar de Dooley

McCluskey e Conor lançava os olhos para a praça de Ballyutogue.

"O Anjo do Senhor anunciou a Maria".

"E ela concebeu por obra e graça do Espírito Santo. Ave Maria..."

RA TA PLÃ! RA TA PLÃ!

*Os protestantes são leais e verdadeiros, De coração firme na guerra e mãos firmes também, Os protestantes são leais até ao fim E fiéis e pacíficos depois do perigo...*

"Derrama, nós Te suplicamos, Senhor, Tua graça em nossos corações para que nós, redimidos pela encarnação de Cristo Teu Filho..."

RA TA PLÃ! RA TA PLÃ!

*Orange lembra o Rei Guilherme E  
nossos pais que com ele marcharam E  
lutaram pela nossa gloriosa libertação  
Nas encostas verdejantes do Boyne.*

“... pela mensagem de um anjo,  
possamos pela paixão e pela cruz ser  
levados à glória de Sua ressurreição por  
intercessão do mesmo Cristo Nosso  
Senhor”.

**RA TA PLÃ! RA TA PLÃ!**

*Para trás, ó cães papistas!*

*Vamos vencer ou morrer...*

*“Amém”.*

*Amém.*

O Brigadeiro Swan bateu uma vez da porta do seu escritório, que ficava ao lado, entrou e depositou o relatório na mesa de Sir Frederick.

— Epa! Andou depressa — disse Weed. — Não me diga como foi que conseguiu. Não quero saber.

— Não direi.

Weed esfregou as mãos com prazer e cortou a fita vermelha com uma tesoura de prata.

MUITO CONFIDENCIAL: ATIVO,  
HOLDINGS, LUCROS E VALOR  
LÍQUIDO

DAS EMPRESAS FOYLE LTDA., A.  
HUBBLE — CONDE DE FOYLE, R.

## HUBBLE — DIRETOR PRINCIPAL E HERDEIRO.

— Como conseguiu isso? — perguntou Weed.

— Alguns meios infalíveis. Dois contatos principais, um homem no Castelo de Dublin, outro na Renda Interna. Um descontente, um empregado antigo recém-demitido pelo escritório de Rankin.

— Ótimo.

— Creio que encontrará tudo o que deseja nas últimas quatro páginas.

Sir Frederick equilibrou os óculos no nariz e se curvou sobre o relatório.

### Bens Territoriais

Dez mil seiscentos hectares de serras e pastagens. Rebanhos calculados em

3.300

cabeças com embarque anual médio para a Inglaterra de 1.500 cabeças.

Mil hectares de cultura do linho.

Oitocentos e oitenta hectares de bosques e terrenos de caça e de recreio, de jardins, cultivados ou não, adjacentes à Mansão Hubble.

Estuário pesqueiro público principal, Lago Foyle & Rio Foyle.

### Terras Arrendadas

Trinta e seis mil hectares arrendados pelo prazo de 30 anos a rendeiros católicos.

Desde que Roger Hubble começou a participar ativamente das Empresas Foyle, está em andamento um plano

secreto para reduzir e estabilizar as terras arrendadas a rendeiros católicos em 20.000 hectares. É essa a extensão considerada necessária para manter os objetivos agrícolas da propriedade. As terras restantes serão vendidas aos católicos mais produtivos ou anexadas às terras de pastagem do condado.

a. Todas as granjas marginais e oneradas serão executadas, compradas ou de outras forma eliminadas. Isso reduzirá a superpopulação e extirpará as “famílias mais fracas” de católicos. Grande parte das terras têm sido mal cultivadas em primeiro lugar para alimentar famílias consideráveis e não têm feito contribuições importantes ao plano agrícola do condado. A conversão dessas terras em pastagens permitirá ao condado

aumentar os seus rebanhos, que são o seu maior sustentáculo econômico.

b. As terras restantes dos católicos serão melhoradas e entrosadas para criar uma fonte de matérias-primas que se articule com as empresas do condado.

Diante da grita liberalismo e da reforma agrária predominante em Westminster e em vista dos agitadores católicos, Roger Hubble tem procedido com grande cuidado e habilidade. Ele próprio calcula que só ao fim de dez anos poderá concretizar os seus objetivos em matéria de terras. As velhas táticas de derrubada das casas foram substituídas por manobras complexas e legais muito sutis, uma técnica na qual parece distinguir-se Roger Hubble.

Oito mil hectares arrendados a  
rendeiros protestantes.

Trata-se de uma população estável e  
desejável, 90 por cento de presbiterianos,  
em grande parte descendentes dos  
imigrantes colonizadores de 1600. As  
suas granjas são maiores e as suas terras,  
mais produtivas. Em vista do isolamento  
geográfico do condado, essa população  
leal é considerada uma necessidade.

Há ainda cerca de 15,000 hectares de  
proprietários livres que datam da era de  
Cromwell. Estes são 90 por cento  
anglicanos. O distrito e a vila de  
Lettermacduff têm como squire uma  
pessoa da família Walby. As granjas são  
de 250 hectares, têm enorme prosperidade  
e a população é estável, laboriosa e leal.

A produção está inteiramente de acordo com a orientação do condado.

Quando aldeias costeiras com proprietários livres de uma população mista anglicana e presbiteriana. Foram criadas para proteger os direitos de pesca do condado dos pescadores furtivos católicos. O condado recebe uma taxa anual pela cessão dos direitos de pesca aos protestantes no estuário do rio Foyle.

Outras Propriedades Imobiliárias  
Mansão Hubble Daars, casa de verão,  
Kinsale, condado de Cork.

Residência na cidade, Hubble Square,  
Londres W.L.

Cerca de 4.000 hectares em  
Warwickshire, Inglaterra. Cultura de trigo  
principalmente na base da meação.

Extensas propriedades relacionadas com interesses mineiros no condado de Powys, em Gales (os números exatos não puderam ser obtidos).

Hubble Square, Londres W. 1. Esta excelente propriedade em Londres foi desenvolvida no começo do século XVIII por Erskine Hubble, sexto Conde de Foyle. Cerca de metade das sessenta casas da praça foram construídas pela família mediante contratos de arrendamento pelo prazo de 100 anos das casas construídas particularmente.

Propriedades Industriais, Posse Plena, Tradicionais Indústrias de Fiação e Tecelagem de Linho, Ballyutogue. Fiação de Lã de Londonderry.

Indústrias de Pesca Foyle.

Aquisições recentes, Plena Posse A Pequena Linha do Norte (Portrush, Coleraine & Limavady).

Fábrica de Camisas Witherspoon & McNab, Londonderry. Uma das três maiores do Reino Unido.

Doles & Doles, Destilaria, Milford.

Loja de Departamentos Norton, Uverpool.

Cristais Limavady.

## Principais Acionistas

Estaleiros de Londonderry, Londonderry, Dique Seco Caw & Train, Oficinas de Máquinas e Fundição, Londonderry.

Linha de Vapores L & L. A

Londonderry & Liverpool opera com oito navios de passageiros e cargueiros nas classes de 800 a 4.000 toneladas, inclusive dois navios transatlânticos. A linha transporta cerca de 50 por cento da tonelagem de exportação e importação de Londonderry.

A Linha Donegal (Londonderry a Sllgo).

A Linha L.C. & D. (Londonderry, Claudy & Dungiven).

### Acionistas ou Sociedades

Minas do Condado de Tyrone, Pedreiras de Inishowen, Minas de Cavan, Zinco e Chumbo do Canadá Ltda.

Os Hubbles exercem tradicionalmente cargos de diretoria em várias instituições

bancárias e numerosas organizações de tipo fiduciário em Londonderry e muitos pontos da Irlanda. Tanto quanto pudemos saber, a família não tem ônus importantes.

Numerosos empréstimos bancários são da natureza de financiamento de aquisições ou expansão de capital. Embora as reservas em dinheiro sejam limitadas, o movimento de dinheiro é grande. As diversificações de Roger Hubble diminuíram muito a pressão da tradicional dependência das rendas da terra. As atividades marginais ou que dão prejuízo como a Estrada de Ferro L.C. & D. ou a Cristais Lhnavady são mais que compensadas pelos lucros da Witherspoon & McNab, etc.

Com Roger Hubble, as Empresas Foyle se transformaram pouco a pouco de

estáticas em móveis. O condado deve ser considerado em sólidas condições financeiras.

É muito difícil chegar a um total exato, mas os melhores cálculos indicam, num cômputo de todos os bens e atividades, um ativo líquido entre dois milhões e meio e três milhões de libras. A renda líquida para a família, depois de pagos os impostos, empréstimos e novos investimentos, é da ordem de 200.000 libras por ano. Resumindo, Roger Hubble adotou critérios completamente modernos.

Poder-se-ia julgar superficialmente que ele foi precipitado demais com as suas reformas, mas é evidente que vinha pensando em tudo havia muito tempo e, quando assumiu a direção, não hesitou em cortar todo o peso morto. É de crer que no

futuro o crescimento industrial e a redução das terras ocupadas pelos rendeiros tenham um ritmo muito mais lento”.

Sir Frederick limpou as cinzas do charuto que tinham caído sobre o relatório e olhou sorridente para Swan.

— Bem, nada como uma velha família. Devem ter sido todos muito espertos para conseguir tanto naquela região abandonada.

— Parece que Morris Hubble tomou a iniciativa na Irlanda de executar hipotecas e despejos durante a Grande Fome a fim de ter dinheiro para financiar os agiotas. Calcula-se que estes, agindo pelo Conde, se apoderaram de mais de 500.000 hectares a troco de quase nada. Depois

que as conseqüências da Fome se dissiparam, o Conde revendeu tudo com um lucro de cem por cento.

— A Fome, foi? E o que se chama transformar uma catástrofe num triunfo. E parece que esse Roger é um rebento da velha cepa. Max, mande-lhe um convite bem cordial para vir fazer-nos uma visita quando estiver a caminho de Daars. Não, não. Eu mesmo farei o convite.

Podiam contar-se nos dedos da mão as pessoas a quem Frederick Murdoch Weed não conseguia intimidar e ainda sobrariam três dedos. Uma dessas pessoas era Maxwell Swan; outra era Caroline Weed. Não havia mais ninguém. A domesticação de Caroline tinha sido uma tarefa inacabada para Sir Frederick.

A mãe dela, Lívia, fora uma criatura

delicada que dificilmente se poderia imaginar casada com o impetuoso Frederick Weed. Entretanto, o marido a adorava. Tinha morrido oito anos antes, durante uma epidemia de gripe, deixando a família sem um herdeiro.

Caroline tinha nessa ocasião vinte anos. Fora educada no continente, era deliciosamente mimada e já havia formado uma pequena pirâmide com os ossos dos pretendentes rejeitados. Embora tivesse herdado a beleza da mãe, o que predominava nela era o apetite de viver e a independência do pai.

Sir Frederick procurou compensar a perda da esposa, tentando transformar Caroline em hostess e companheira e conseguir o casamento que produzisse os desejados herdeiros.

Caroline se rebelou olímpicamente, fugindo para a França e indo enterrar-se numa mansarda boêmia. O pai jurou três vezes que ela iria morrer pobre, arrependeu-se três vezes e três vezes atravessou a Mancha para uma busca e uma captura, que se estenderam por três anos e só serviram para que ele renovasse o juramento de deixá-la morrer na miséria.

Estavam as coisas nesse pé e Sir Frederick pensava a sério em se casar de novo para ter um filho, quando o destino interveio na pessoa de Marco de Valenti, encantador mas arruinado fidalgo italiano à procura de americanas ou inglesas ricas. O vagabundo aristocrático despertou a fantasia de Caroline em Florença. Seguiu-se uma breve e estonteante conquista.

Caroline foi convencida a converter-se ao catolicismo num ritual duvidosamente oficiado por um jovem padre com uma fraqueza mundana por dinheiro. Mal saiu do altar em que fizera o seu juramento, passou para outro altar, onde se casou. Tudo isso aconteceu no espaço de uma semana.

O que a encantara no homem desapareceu quase imediatamente. Ele se revelou vaidoso e chato e a sua esbelteza era anulada por uma onipresente aura de alho. Caroline fugiu do leito nupcial.

Tendo vivido muitos anos na pobreza mais negra, Marco de Valenti não foi fácil de dissuadir. Caroline fugiu para a Suíça, seguida nos calcanhares pelo noivo desprezado que batia no peito e na testa, ao mesmo tempo em que produzia uma

cortina sinfônica de gesticulação.

Caroline conseguiu desvencilhar-se dele em St. Moritz e despachou um telegrama desesperado que dizia apenas “Socorra, Papai”, depois do que se trancou no quarto e ensaiou uma cena altamente dramática, durante a qual pediria perdão e mostraria o coração sangrando.

O pai chegou, entusiasmado pela vitória, e fez um inventário dos prejuízos. O Conde Marco de Valenti era um camarada persistente que teve de ser mantido a distância com um fogo de barragem de libras esterlinas. Sir Frederick, que nunca deixava de explorar as suas vantagens, concordou em salvar Caroline, mas estabeleceu condições bem firmes. Em troca de ver-se livre da

confusão em que se enredara, Caroline teria de voltar para o Ulster, retomar os seus deveres de senhora do Rathweed Hall, escolher um marido conveniente de raça britânica e encerrar de uma vez por todas aquelas andanças continentais.

Num ataque de nervos glorioso e final, Caroline Weed despojou a sua suíte no hotel de reposteiros, armários, vasos e outros acessórios na importância de quatrocentas libras, sendo a devastação acompanhada de uma linguagem nunca dantes ouvida naquele hotel de luxo. O espetáculo foi assistido por Sir Frederick que, durante todo o tempo, riu a não mais poder.

Caroline voltou chumbada a Rathweed Hall e entrou num período prolongado de penitência. Desligá-la de Marco de

Valenti não foi coisa tão fácil quanto a princípio parecia. No particular da conversão de Caroline à fé católica, o conde se revelou o menos nobre de todos os romanos. Era preciso não só atender ao apetite pecuniário de Marco, mas também preservar o anonimato do nome de Weed em todo o caso. Teria muitas repercussões desfavoráveis na atmosfera fechada dos círculos orangistas e anglicanos do Ulster saber-se que a filha de Weed se casara com um papista.

O Brigadeiro recebeu extensas ordens para obter uma anulação tranquila do casamento. Havia imensos obstáculos no caminho e só era possível contorná-los ou superá-los de acordo com as regras do Vaticano.

Swan passou pelos escalões

inferiores, indo diretamente ao Cardeal da Irlanda. Dali, um rastro de pagamentos se estendeu até Roma, onde ele contratou o melhor advogado canônico naquela cidade santa, o qual encaminhou uma petição direta ao Tribunal da Cúria. O Tribunal procurou então conseguir uma decisão da Rota, que conhecia da dissolução dos casamentos para o Vaticano.

Embora com a bolsa aberta e bons contatos, os jogos de palavras teológicos se prolongaram por quase três anos até que o caso de Caroline foi apresentado à Sagrada Rota. Dentro de quaisquer padrões, o tempo era ainda considerado de uma rapidez excepcional. Swan não descansara.

Caroline teve de enfrentar uma

extrema humilhação. Foi convocada a ir a Roma e comparecer diante de um grupo de padres da Sagrada Rota. Foi interrogada durante dias e dias sobre os menores aspectos das suas relações com Valenti. Todas as expressões sexuais, todos os desvios e todas as perversões foram desenterrados. Nenhuma intimidade pôde ser protegida sob pena da rejeição da petição. Foi interrogada até à exaustão por espíritos que funcionavam em acerados labirintos e armadilhas. Não foi poupada mortificação pessoal alguma.

Por fim, Caroline alegou ignorância da importância e das finalidades do casamento, disse que mentira para poder casar-se, afirmou que tivera reservas secretas, de modo que os seus votos tinham sido proferidos desonestamente e

acabou confessando que nunca tivera a intenção de ter filhos.

Três anos e vinte mil libras depois, a anulação foi concedida e ela foi misericordiosamente excomungada da Igreja Católica. Depois desse processo de humilhação, Caroline se humanizou. O trabalho de Swan foi tão bom que apenas vagos rumores circularam do que havia acontecido, rumores esses que logo morreram quando Caroline se tornou um símbolo de cultura, caridade e alegria em Belfast.

A moça se tornara uma mulher. Ela e o pai aceitavam as fraquezas um do outro com uma compreensão tácita. Os novos casos de Caroline eram passados na maior discrição na sua amada Paris, em companhia de artistas, escritores e

músicos.

Caroline e Sir Frederick gozavam a rara oportunidade da companhia um do outro no Hotel Antrim, sem nenhum compromisso social ou de negócios para aquela noite. Depois do jantar, foram para a sala de bilhar.

— Carambola ou sinuca, Freddie?

— Carambola. Cinco libras por partida de cem pontos é muito alto para você?

— Valeu.

Caroline logo percebeu que o pai não estava interessado no jogo.

Ganhou fácil duas partidas e se adiantou bem na terceira. Depois que ela errou uma tacada, ele passou giz no taco e se aproximou da mesa. Fez uma carambola fácil e, quando ia prosseguir,

ela o interrompeu, dizendo: — Você e Max estão planejando exilar-me para Londonderry, não é?

Ele quase rasgou o pano com o taco.

— Não é nada disso. Só lhe peço é que seja gentil com o Visconde Coleraine enquanto ele estiver aqui. Se conseguirmos fazê-lo mudar de ideia, posso ter uma estrada de ferro de ponta a ponta do Ulster e você sabe quanto eu quero isso.

— Freddie, você é tão mentiroso que não tem jeito... Vamos ver como vou jogar essa bola...

— Você me fez errar a tacada de propósito.

— Parece que estou sempre fazendo você errar um jogo de sua predileção.

— Largue esse taco que eu não quero

mais jogar.

— Primeiro, pague o que deve. Já perdeu duas partidas.

Sir Frederick pagou, viu a filha guardar o dinheiro e disse: — Escute, Caroline... sou um homem de bom senso.

— Freddie, você é o homem mais absurdo de toda a Europa.

— Para dizer a verdade, creio que o Visconde Coleraine me passou vagamente pela cabeça.

— Pois que ele vá passando e desapareça vagamente...

— Antes que você parta a todo vapor, quero pedir-lhe que pense bem no assunto. Isso não quer dizer senão que deve examinar o rapaz.

— Já pensei no caso, mas sempre que começo a um vislumbre de possibilidade,

vem-me à lembrança aquele mausoléu pré-histórico, horrível e grotesco que é a Mansão Hubble. Estivemos lá há dez anos e eu ainda sinto o cheiro de mofo. Como foi que você teve coragem de pensar em me condenar a um lugar assim, Freddie?

— Passe por cima da mansão.

— E vou passar por cima do resto também? Londonderry? Roger Hubble? Todo o oeste é para mim um vazio cultural, um pesadelo! E de Roger Hubble só me lembro que é um moço enfatuado que bufa quando ri.

Sir Frederick deu um suspiro profundo.

— Por que tenho de ser eternamente frustrado pelo fato de sua pobre, frágil e querida mãe não ter tido mais filhos?

— Pare com essa cantiga, Freddie.

— Não lhe estou pedindo que se apaixone por ele, está entendendo?

Case-se com o cachorro, produza alguns herdeiros e depois vá para Paris e viva na orgia com todos os boêmios da cidade até ficar bem velha.

— Você é um homem baixo, sujo e desprezível.

— Está dizendo asneiras.

Ela saiu batendo a porta e o pai a seguiu pelo corredor e até o quarto antes que ela pudesse trancar-se.

— Pelo amor de Deus, Freddie, nada de ataques de coração, de dizer que estamos ambos ficando velhos, de lágrimas, de lamentações em torno de Mamãe, ameaças de pobreza e aquela tolice de que é a coisa que você mais deseja na vida.

Weed encolheu os ombros e fez uma cara confrangida.

— A verdade é que eu desejo isso como nunca desejei outra coisa na vida.

— Está bem — disse Caroline. — Estou quase acreditando em você.

— Perdoe-me por dizer isso, Caroline, mas há ocasiões em que realmente lamento que Valenti não tivesse ficado com você o tempo suficiente para gerar um filho. É por isso que de vez em quando sou tomado de profunda depressão. Você é tudo para mim, Caroline, tudo mesmo. O que é meu é seu e quero que depois pertença a seus filhos. Há algum erro nisso? Por favor, não me force a casar-me de novo.

Abriu a porta para sair do quarto.

— Freddie.

— Sim, querida...

— Que faria você se eu me casasse e fosse infeliz?

— Não é uma pergunta honesta essa sua.

— Mas eu a estou fazendo.

— Se você continuar irredutível, rejeitando os seus pretendentes antes até de conhecê-los, não terei outro jeito senão iniciar outra família.

Mas como você pode fazer um casamento feliz ou infeliz com alguém a quem se nega a conhecer? Para responder à sua pergunta, só temos de levar em conta duas coisas: lealdade recíproca e o senso de continuidade da família. Creio que, se você tiver pela frente um mau casamento, poderei pedir-lhe que o tolere o tempo suficiente para assegurar a descendência.

Depois, poderá ir procurar o seu prazer como e onde bem quiser.

— Bem, você está sendo sensato e eu só posso esperar que seja sempre assim, Você teve a indecência de criar um império e depositar as suas riquezas aos meus pés. Por que deveriam os seus instintos ser mais fracos do que o de um salmão nadando rio acima ou de uma loba que atravessa a tundra para ter os seus filhotes?

Weed tocou o ombro dela e Caroline encostou o rosto na mão dele.

— Quem sabe? — murmurou ela, — Talvez eu consiga tolerar Hubble e aquela casa horrível não seja tão... Sabe que mais, Freddie? Saia daqui depressa!

## 6

Rathweed Hall se ostentava em opulência no alto de um pico nas Montanhas de Holywood, logo depois de Belfast Leste. A casa era isolada dessa vista desagradável por um magnífico bosque heterogêneo de pinheiros, amieiros, teixos e choupos. A construção principal era situada de modo a permitir um corredor de visibilidade até às Oficinas Weed e, em seguida, à baía de Belfast.

Não era tão grande como a maioria das mansões. Tinha de trinta a quarenta peças, dependendo da maneira de contar, e ficava no centro de um modesto terreno de cento e vinte hectares de colinas e

florestas.

Apesar disso, não tinha rival na Irlanda e era muitas vezes comparada aos pequenos palácios do Loire, na França.

Desdenhando as filigranas, as madeiras escuras, a falta de leveza e o exagero que marcavam a decoração vitoriana, Lady Livia e depois Caroline tinham escancarado tudo ao ar e à luz, usando os produtos requintados de artesãos importados de meia dúzia de culturas.

Livia estabeleceu o toque italiano da casa em mármore branco do Paonazzetto, com veios delicados e faixas róseas e purpúreas, num esplendor que se afirmava como único em todo o Ulster. O andar térreo, os corredores, as escadarias, os salões e as colunas eram todos em

*paonazzetto*, que mudavam de tom dramaticamente nos *breccias* mais escuros e nos *vertes anticos* das principais suítes dos andares superiores.

O que poderia ter sido uma predominância do mármore era quebrado por centenas de metros quadrados de tapetes da Savonnerie, cada qual feito para contrabalançar determinada área. O grande salão de estar era coberto por um tapete “polonês” de nove metros por vinte, com fios de ouro e prata, executado na Pérsia.

Todos os tetos, portas e muitas das paredes do segundo e do terceiro andar eram esculpidos em frisos azulados com tons de alabastro, segundo a escola dos Irmãos Francini, os quais contavam com continuidade toda a mitologia da Escócia

e da Irlanda.

Um conjunto original de murais em papel de Cole fora encomendado para mostrar paisagens do Ulster. Cobriam as paredes nas peças menos importantes, quartos de crianças, armaria, sala de bilhar, saleta de café, salas de jogos, sala de fumar e biblioteca. As cenas eram executadas em gravuras em madeira. Depois da impressão feita para Rathweed Hall, as matrizes foram destruídas.

Caroline acrescentou o toque francês. Para estofar a grande coleção de móveis Chippendale originais, convenceu François Bony, o principal projetista de Paris em seu tempo, para ir procurar no Extremo Oriente damascos chineses e raros brocados dos períodos mongol e manchu.

Entre uma variedade empolgante de espelhos dourados venezianos, havia uma série ainda mais empolgante e aparentemente interminável de tapeçarias de Gobelin, Karcher e Boucher. Tudo era selecionado para infundir um sentimento de suave euforia, em cada vaso grego, cada candelabro isolado, cada artefato. A única parte da casa que se afastava dessa intenção de leveza eram os aposentos pessoais de Sir Frederick com os seus pesados móveis vienenses.

De acordo com uma tradição consagrada pelo tempo, poucos aristocratas gastavam o seu dinheiro na Irlanda. Sir Frederick rendeu tributo à terra que adotara na forma de três dúzias de candelabros de cristal de Cork. O do vestíbulo principal pesava mais de uma

tonelada e era suspenso de vigas especiais de aço escondidas, que tinham sido fabricadas nas Oficinas. A louça era de Limoges num aparelho formal para setenta pessoas e o grosso da prataria era de Garrard, segundo um modelo especial.

Não havia, porém, um jardim formal, nem estrebarias além das usadas para os transportes, nem retrato da Rainha, nem capela, nem mastro de bandeira, nem brasão, o que constituía uma demonstração deliberada de esnobismo às avessas.

Logo que Sir Frederick chegara ao Ulster e inaugurara o primeiro e modesto dique seco dos seus estaleiros, resolveu que ia ter um quadro de Turner que mostrasse um navio, no seu escritório. As finanças não eram fáceis naquele tempo e

o quadro que ele particularmente desejava era muito caro. Um bom dinheiro ganho no jogo lhe permitiu comprar Vapor em Água Rasa, que foi o quadro inaugural do que viria a ser a mais famosa coleção de arte particular do Ulster. Mais tarde, quando o seu interesse compreendeu também as estradas de ferro, outro Turner foi adquirido.

Tinha o título de Estrada de Ferro em Tempestade de Neve e foi um dos primeiros quadros a óleo feitos de um trem.

A arte gerou arte com o habitual zelo de Weed. Incursões em Veneza e na Espanha fizeram irromper-lhe na vida Hieronymus Bosch e Goya. Em bizarro contraste com as linhas simples e as sutilezas da casa, apareceu ali uma legião

de corpos nus torturados, figuras satânicas, monstros nas vascas das perversões, missas negras, sátiras grotescas em que apareciam semi-homens e semianimais. O *Jardim de Espinhos* de Bosch e *O Ferido* de Goya se destacavam na inestimável galeria. O seu maior golpe, que lhe destacou o nome como colecionador, foi a descoberta de seis esboços originais que Goya usara na sua série de oitenta desenhos, *Los Caprichos*.

Lady Livia se queixou de que a casa estava em guerra consigo mesmo e começava a parecer um asilo de loucos. A gentil rebelião da mulher foi desprezada até quando ela estava em seu leito de morte e nessa ocasião ele lhe prometeu consertar tudo. Sir Frederick cumpriu a promessa e levantou a primeira das

notáveis construções anexas a Rathweed Hall, um pequeno museu para abrigar a maior parte de sua coleção.

O prédio, por si mesmo uma obra-prima, era magnanimamente franqueado ao público no aniversário da Rainha e em muitas outras ocasiões durante o ano.

A francofilia de Caroline produziu um novo surto de arte. Durante as suas idas e vindas em Paris, ela foi arrebatada tanto pela nova escola de arte quanto pelos artistas. Eles eram seus amigos e ela muitas vezes lhes serviu de modelo. Foi amante de mais de um. Eram desconhecidos e os trabalhos deles, vendidos por preços mínimos. Quase sempre, Caroline tinha o direito de escolher antes que eles fossem leiloados no Hotel Drouet por algumas centenas de

francos. Sir Frederick não quis saber desse "lixo"

e se negou a pendurar os quadros na sua galeria. Assim, nos aposentos pessoais de Caroline, acumularam-se Manets, Monets, Sisleys e Pissarros.

Um camarada chamado Degas utilizou-a como modelo para uma dúzia de esculturas da *Dançarina Ágil*. Outro, de nome Renoir, pintou-a duas vezes em *Moça na Floresta* e *A Senhora Inglesa*, que ela adquiriu posando para o outro. O mais sério de seus amantes, Claude Moreau, pintou-a nua numa apaixonada efusão de óleos, desenhos e aquarelas.

Só quando um colega das construções navais, Gustave Caillebotte, procurou Sir Frederick e lhe propôs comprar toda a coleção de Caroline por um preço

obsceno, foi que ele tomou conhecimento dos quadros. A proposta despertou as suas desconfianças e uma investigação lhe mostrou que aquela arte de Paris poderia ter algum valor. Pendurou o quadro que

Renoir fizera de Caroline (um dos poucos modelos esbeltos do pintor) numa parede da galeria e passou a admirá-lo demoradamente. Por fim, declarou um dia que ia dedicar todo um corredor da galeria ao “lixo francês” de Caroline.

Levando tudo em consideração, poder-se-ia pensar que Rathweed Hall fosse o resultado do trabalho de toda uma vida. Mas com o irrequieto Frederick Weed não foi assim. Com os seus agentes vasculhando o mundo e um exército de peritos e artesãos em ação, tudo foi completado num prazo quase bíblico de

sete anos.

Roger Hubble, Visconde Coleraine e herdeiro do condado de Foyle, chegou à toca. As raposas entraram imediatamente em ação, mas era difícil dizer quem estava caçando ou quem era caçado.

Roger Hubble possuía todos os atributos esperados. Tinha traços ingleses ruivos, corados e bem aceitáveis. Um pouco alto e um pouco magro demais, tinha um ar levemente desengonçado que parecia dar-lhe um encanto juvenil. Era simpático sem dúvida, com um mínimo de hábitos irritantes. Por exemplo, era muito dado a mostrar os dentes num sorriso fixo e fazia alguns movimentos bruscos de corpo em ocasiões em que devia estar imóvel. Tirando isso, tinha maneiras

aceitáveis. O que Caroline e Sir Frederick viram foi um homem excessivamente comum, sem nenhuma das qualidades especiais que Maxwell Swan percebera. Uma polidez superficial e certa insatisfação prevaleceram no primeiro dia.

Roger ficou devidamente impressionado com Rathweed Hall, com as Oficinas Weed e com o domínio que Weed exercia sobre Belfast. Ficou totalmente indiferente durante um jantar dado em sua honra no Patrician Club e, se Caroline tinha feito vibrar nele alguma fibra amorosa, não deu disso a menor demonstração.

Foi precisamente essa falta de decisão que começou a intrigar tanto o pai quanto a filha. Era evidente que alguma coisa se

estava armando por trás dos parados olhos claros de Hubble. Sir Frederick preferia homens como ele, capazes de agir abertamente. Roger parecia estar fazendo avaliações e julgamentos sem nada revelar. Uma ou duas vezes, Caroline notou uma expressão breve de alarmante intensidade, que parecia em desacordo com a sua personalidade. Mas, logo depois, ele pareceu voltar ao que era, um homem decente e medíocre. Havia, entretanto, uma ponta de enigma suficiente para fazer prosseguir a aventura.

No segundo dia, Sir Frederick convidou Roger a acompanhá-lo numa visita ao seu campo de provas ferroviárias na península de Newtownards.

Uma das grandes capacidades de

Weed era a de vendedor perito. A máquina do Expresso da Mão Vermelha estava atraindo considerável atenção fora da Irlanda. Dentro do seu programa de vendas, ele promovia uma excursão anual da sua equipe de rúgbi pelas Midlands inglesas e a transportava num trem particular pilotado pelo último modelo da Mão Vermelha.

As estradas de ferro atravessavam, como os vapores, um surto de progresso, e a Inglaterra liderava o mundo, à exceção dos Estados Unidos. A linha experimental da Inglaterra, a Liverpool & Manchester, tinha feito pequenas encomendas às Oficinas Weed e, ainda que uma grande encomenda da linha pudesse conferir grande prestígio, Sir Frederick tinha coisa mais importante em vista. A Inglaterra e o

continente contavam a extensão de suas estradas de ferro em dezenas de quilômetros. As dos Estados Unidos e do Canadá se contavam em centenas e milhares de quilômetros.

Daí a um ano, ia realizar-se a maior feira industrial até então vista.

Seria em Chicago, o centro ferroviário dos Estados Unidos. Sir Frederick estava determinado a comparecer e desafiar Baldwin e todas as grandes fábricas de locomotivas americanas, querendo participar dos negócios.

Havia um difícil problema, que exigia uma locomotiva capaz de fundir dois conceitos ferroviários diferentes. A locomotiva britânica normal era menor e mais apurada, sendo feita para percorrer pequenas distâncias. As partes funcionais

da locomotiva inglesa eram cobertas, de uma precisão maior e exigiam rigorosa manutenção. As pessoas e as propriedades eram compactas na Inglaterra, de modo que a linha das estradas de ferro era meticulosamente controlada por meio de cercas. Os trilhos eram solidamente assentados e por isso as locomotivas podiam entrar em desvios e curvas a toda velocidade e com maior segurança, tanto assim que nem tinham faróis.

As distâncias americanas eram, ao contrário, refletidas no grande tamanho das locomotivas. Os trens muitas vezes percorriam, nos espaços abertos do Oeste, centenas de quilômetros sem uma parada. Por isso, a linha era exposta, os trilhos não eram assentados com muito cuidado e

a manutenção não era muito rigorosa.

Era o Golias americano de longo alcance e grande velocidade contra a joia inglesa.

A locomotiva Mão Vermelha era um ensaio de conciliação. O seu tamanho era médio, mas com suficiente precisão para as estradas inglesas e com resistência bastante para os longos percursos. A Mão Vermelha tivera um êxito espetacular no interior da Austrália, o que dava aos homens de Weed esperança de que pudesse vencer as planícies americanas e canadenses.

Vender era uma coisa que os americanos compreendiam. Sir Frederick sabia que a chave de tudo era a velocidade. Estava empenhado em levar a

Chicago uma locomotiva que tivesse estabelecido um recorde, quebrando a barreira dos 150 quilômetros.

Isso parecia ao alcance da mão. O projeto básico, uma máquina do tipo Pacife a princípio construída para a Nova Zelândia, fora modificado com sucesso por Littlejohn. O *truck* piloto de quatro rodas e os jogos de rodas posteriores equilibravam delicadamente quarenta metros e sessenta toneladas de esbelteza. Os seus seis jogos de rodas de tração tinham dois metros de diâmetro com o curso do êmbolo meticulosamente aumentado de trinta e cinco para quarenta centímetros, ainda um pouco mais do que o curso das maiores máquinas americanas.

Os tanques superiores tinham sido tirados da locomotiva e substituídos por

um tanque de água no tênder com a capacidade de dez mil litros além de seis toneladas de carvão. Isso era também metade do carvão e da água pelos padrões americanos.

O que tornava a máquina uma concorrente viável era a fórmula composta, dois usos do vapor mediante a reciclagem de um duplo cilindro, coisa que os americanos não podiam igualar.

Era assim possível à Mão Vermelha percorrer as mesmas distâncias das máquinas americanas, puxando as mesmas cargas com metade do gasto de carvão e de água e com uma velocidade maior.

Littlejohn cedeu com relutância a algumas absurdas exigências americanas. Algumas das partes móveis ficaram expostas para que os maquinistas

pudessem lubrificá-las. Válvulas e controles foram deslocados para que o maquinista pudesse ficar do lado direito da máquina. Littlejohn não compreendia por que os americanos insistiam em dirigir do lado errado. Parecia uma idiotice, mas era preciso respeitar as idiosincrasias alheias.

Três experiências anteriores tinham produzido novas modificações, de modo que a Mão Vermelha 367 já estava fazendo regularmente 140

quilômetros por hora na reta Greyabbey—Portaferry, sob a brilhante direção do maquinista Cockburn e do foguista Henry Hogg.

As coisas se estavam tornando angustiosamente urgentes.

O grupo se reuniu no ponto de partida

do local das experiências. Sir Frederick deu volta à sua criação em companhia da turma da máquina e de Littlejohn. Falou com o maquinista Cockburn com o ar confidencial de um treinador que dá instruções a um jóquei. Uma comunicação final de quem sabia das coisas, votos de felicidade, e ele se dirigiu para a torre de observação. De sua plataforma podia ver-se a maior parte da linha de cinco quilômetros a ser cronometrada. Um sistema de comunicações telegráficas ligava à torre o ponto de partida e o de chegada. O silêncio intolerável só era quebrado pela tecla que bateu para anunciar primeiro uma demora e, depois, que a corrida tinha começado. Todos levaram binóculos e telescópios aos olhos. Rolos rítmicos de fumaça por entre

as árvores distantes anunciavam o assalto ao recorde.

— Lá vem!

A primeira das cinco corridas foi iniciada e quando a Mão Vermelha atingiu a linha de partida a hora foi cuidadosamente anotada nos relógios com ponteiros de segundos.

A máquina apareceu numa pequena curva e então seguiu pela reta.

Quando passou em frente à torre, esta estremeceu ante o impacto de ferro sobre ferro. Uma nuvem preta de fuligem subiu, atacando os pulmões dos espectadores, que tinham os ouvidos cobertos para protegê-los do barulho ensurdecador. A Mão Vermelha pareceu precipitar-se contra a final barreira do tempo, e afinal desapareceu.

Um silêncio aflito se seguiu até ser de novo quebrado pela tecla do telégrafo que Sir Frederick conseguiu ler imediatamente, ao lado do telegrafista.

— Cento e quarenta e seis quilômetros e dois décimos.

Houve desânimo, seguido por uma inquieta renovação da esperança com o reinício da viagem de volta. Cento e quarenta e cinco e três décimos.

Depressão.

Seria na terceira corrida que a máquina quebraria o recorde. Até o calmo Littlejohn agarrou-se ao parapeito com os lábios secos e o coração acelerado, porque era visível que aquela corrida seria extraordinária. Sir Frederick mascava um charuto à passagem da Mão Vermelha. Moveu-se nervosamente para

obter confirmação do telégrafo. Cento e quarenta e oito quilômetros.

Todos gritaram desapontados quando ele levantou os braços e soltou uma imprecação. Um abatimento geral se manifestou e o círculo em torno de Sir Frederick se alargou a fim de dar-lhe espaço para gesticular.

Fechou-se ele num pequeno compartimento do vagão executivo, na viagem de volta para as Oficinas. Sem dizer uma palavra a ninguém, saltou logo que o trem parou e bateu a porta do seu escritório. Depois de esperar dez minutos que ele se acalmasse, o Brigadeiro Swan arriscou-se a entrar.

— Aquele cachorro! — exclamou Weed ao vê-lo. — Estávamos quase conseguindo, mas Cockburn teve medo. É

um coração de cadela. Bastava que ele abrisse as válvulas meia volta, um quarto de volta. Patife covarde e miserável! Não há mais homens hoje em dia! Quero o pedido de demissão dos dois imediatamente!

Swan colocou duas folhas de papel diante de Sir Frederick.

— Que é isso?

— Os pedidos de demissão dos dois. Tanto Cockburn quanto Henry Hogg não querem mais trabalhar aqui.

Weed rasgou as duas folhas de papel e jogou-as na cesta.

— Não, eles não vão livrar-se de mim com tanta facilidade! Quero ouvir as explicações de Cockburn. Como é que ele justifica o seu fracasso?

— Não justifica mesmo. Diz que abriu

tudo o que a máquina podia dar.

— Vê lá se eu vou acreditar.

— Diz ele que a máquina não pode andar mais depressa. Afirma que passou de todos os limites hoje.

— É claro que não pode andar mais depressa. Eu disse aquele imbecil de Littlejohn que aumentasse o curso do êmbulo. Só uns centimetrozinhos a mais. Foi o que disse desde o momento em que vi o projeto há seis meses. Foi o que eu disse, Deus me serve de testemunha. Onde foi que Littlejohn se meteu?

— Ele prefere passar um dia ou dois sem vê-lo.

— É assim, hem? Traz também o pedido de demissão dele?

— Não, não trago, mas ele me pediu que lhe dissesse, se você mencionasse o

aumento do curso do êmbolo, que o trem explodiria em pedaços por todo o condado. Acha ele que foi uma sorte que isso não tivesse acontecido na terceira corrida.

— Conversa fiada! Não consigo senão conversa fiada! Escute, Max, tome alguma providência sobre Cockburn e Hogg. Gratificação, palmadinhas nas costas. Mande-os para a cabana de pesca. É tempo de salmão. Diga a Littlejohn e ao pessoal dele que vamos nos encontrar amanhã bem cedo. Se não pudermos modificar a 367, teremos de tratar de outra vida. O tempo agora está contra nós.

Swan assentiu e já ia saindo da sala.

— Ah! Já me ia esquecendo. O seu hóspede está trocando pernas em meu escritório.

— Oh, Hubble. Eu também me esqueci dele. Mande-o entrar.

Sentou-se à sua mesa e estudou as especificações da 367 pela milésima vez, procurando desesperadamente um meio de dar-lhe mais um empurrão. Não queria àquela altura começar tudo de novo. Roger Hubble entrou e mostrou duas fileiras de dentes compreensivos.

“Se ele me disser ‘pouca sorte’, vou estourar!” pensou Weed.

— Sinto muito a falta de sorte — disse Roger.

— Ahn — resmungou Sir Frederick.

Levantou-se e começou a andar pelo escritório a fim de acalmar-se.

Nunca aprendera muito a conter-se e, embora Swan lhe tivesse recomendado que não usasse de aspereza para com

Hubble, dois dias de indecisão e o insucesso das experiências com a 367 faziam-no ficar com os nervos à flor da pele.

Roger estava sentado perto de uma janela a olhar para o pátio, quando Weed parou e se voltou para ele de repente.

— Por que você não me quer vender a Linha Donegal e aquela insignificante L. C. & D.?

Roger recebeu isso calmamente e em silêncio.

— Não leva a mal se conversarmos um pouco sobre o assunto? — continuou Weed.

— Creio que temos de conversar, quer eu leve a mal, quer não leve.

Weed foi até à sua mesa e procurou a pasta indicada.

— Escute, Hubble, as duas linhas são mal administradas e o material rodante está em péssimas condições. Oferecemos três vezes mais do que aquelas linhas valem e, além disso, vamos livrá-la de empresas deficitárias que devem ser uma dor de cabeça para você.

— Creio que eu disse de maneira bem clara ao Brigadeiro que as linhas não estão à venda.

— Só lhe posso dizer é que isso é um contratempo. Mesmo numa base de sociedade, estou disposto a enterrar milhares de libras para recuperar essas linhas. Parece-me que devia levar em conta o interesse daquela parte do Ulster. Estou fazendo isso pelo bem do Oeste, sabe disso?

Roger saiu sem pressa da janela para

a mesa, sentou-se diante de Sir Frederick, esticou as pernas e assumiu um ar de dúvida. Procurou encarar Sir Frederick. Os dois homens sustentaram firmemente o olhar um do outro.

— É mesmo? — perguntou Roger.

— Sem dúvida alguma. Qualquer criança em idade escolar pode ver que o Oeste só pode ser beneficiado por uma estrada de ferro que atravessasse todo o Ulster.

— Que é justamente o que o senhor deseja...

Uma das mãos gordas de Sir Frederick coçou as costas da outra mão gorda.

— Tenho a impressão de que não está acreditando, Lorde Roger.

Estará por acaso pondo em dúvida os

meus motivos?

— Claro que estou — disse o outro, levantando-se e voltando para a janela.

As primeiras sugestões de Maxwell Swan sobre a personalidade de Roger Hubble começavam a ser compreendidas por Weed. Tinha realmente muito sangue-frio.

— Que está exatamente sugerindo?

— Que o seu interesse pelo Oeste do Ulster é uma coisa absolutamente alheia ao seu pensamento. Pura conversa fiada.

Weed não dissimulou o choque, mas conteve a sua raiva.

— Faça o favor de continuar — disse ele.

— Pois não — disse Roger. — Compreenda que uma das nossas tragédias aqui na Irlanda é o fato de que a

Inglaterra, à exceção de Belfast, não investiu um *shilling* aqui em industrialização. Nós nos tornamos uma terra de feudos medievais em decadência. À nossa maneira modesta, somos em Londonderry o centro comercial natural do Oeste. Nossa indústria débil e nosso porto funcionam como terminal ferroviário, centro de distribuição e tudo mais para toda a população até Galway. O que teremos de enfrentar com uma estrada de ferro através do Ulster é uma tentativa clara de saquear Londonderry, destruir a sua função natural, roubar-lhe os meios de vida e reduzi-la a simples dependência de Belfast.

— Escute aqui, o seu atrevimento só pode ser comparado à sua imaginação — disse Sir Frederick, tentando mostrar-se

indignado, mas numa posição inteiramente defensiva como de alguém surpreendido em flagrante.

— Não vamos discutir isso, está bem, Sir Frederick? Nós ambos sabemos que uma das primeiras coisas que o senhor fará, se uma linha através do Ulster se tornar uma realidade, será oferecer fretes marítimos mais baratos do que os nossos. Tomará providências para que seja mais barato levar todas as mercadorias por via marítima para Belfast, de onde serão levadas de trem para Londonderry. A primeira coisa a desaparecer serão as nossas linhas de navegação em Londonderry, pois Belfast controlará todo o movimento de fretes. O nosso porto ficará abandonado e a pequena concorrência que podemos fazer com os

nossos estaleiros em breve desaparecerá. Belfast substituirá as nossas funções naturais com navios Weed e trens Mão Vermelha.

O apito vespertino fez-se ouvir então, logo seguido pelo movimento em massa dos operários. Dessa vez, Sir Frederick não foi para sua posição habitual junto à janela a fim de receber as homenagens das suas legiões.

— Aí está a razão de tudo — disse Roger, apontando para os operários que passavam. — Belfast é o coração da Irlanda protestante, Londonderry é o interior. Para manter uma posição inexpugnável, Belfast tem de monopolizar os empregos e a indústria. Não pode permitir que Londonderry ou a Irlanda católica desviem qualquer porção da

prosperidade. Tudo faz parte de um plano de Belfast para açambarcar tudo, portos, estradas de ferro, fábricas. Quando tiverem destruído qualquer possibilidade de competição com a sua ilimitada avidez e nos reduzirem à dependência, teremos de viver das nossas migalhas.

Compreende o meu ponto de vista, não compreende, Sir Frederick?

O que Sir Frederick compreendia era que estava num confronto direto com um homem tão impiedoso quanto ele.

— A sua tese é absurda e inteiramente destituída de mérito — disse ele.

— Talvez — disse Roger. — Vamos dizer que as minhas suspeitas sejam absolutamente infundadas. Posso depois convencer-me de que fiz uma suposição errada, não posso?

— O problema com vocês, do Oeste, é serem um pouco delirantes.

Deixam-se levar por fantasias.

— É claro que ficamos nervosos em nosso isolamento. Mas, depois das próximas eleições, a gente de Belfast não estará mais tão disposta a deixar Londonderry de lado.

Deixar o Oeste de lado fazia, há muito, parte dos planos.

— Não sei se estou entendendo bem — disse Weed cautelosamente.

Parnell vai ganhar essas eleições a todo pano. Ambos sabemos disso.

Pode ser até que percamos a cadeira da Câmara dos Comuns dentro do condado. Quando Parnell e a banda do Papa marcharem para Westminster, ele vai dar alguns nós parlamentares.

— Sem dúvida, ele é muito hábil e posso dizer que eu gostaria bem de que ele trabalhasse para mim.

— Quais são então os seus planos, Sir Frederick?

— Estamos já pensando no que deve acontecer depois das eleições. A vitória de Parnell, mais que qualquer outra coisa, promoverá a unidade de todos os elementos protestantes num receio comum da Autonomia. Já começamos a organizar o Partido de Conservação da União. Será um caminho.

— E com isso vão estender um muro em torno do Ulster?

— Exatamente. A realidade pura e simples é que as três províncias do Sul da Irlanda estão perdidas. De acordo com a sua definição, decaíram dentro de um

sistema agrário superado. O Sul está cheio de católicos.

— Neste caso — disse Roger — o jogo é não deixar que Parnell tome conta do Ulster, certo?

— Exatamente. Estamos fazendo preparativos para que os pregadores gravem o R da Reforma na testa de todos os recém-nascidos. Confiamos no apoio dos nossos piedosos irmãos presbiterianos da Escócia. Torceremos o pescoço de Westminster, — Como? — perguntou Roger. — Como?

— Proclamando que o Império começa e termina aqui no Ulster. Se se perder o Ulster, perder-se-á tudo. Forçaremos uma união permanente com a Inglaterra...

— Ainda que isso implique a

separação do Ulster da Irlanda?

— Não é isso o que quer ouvir, Lord Roger?

— Quero saber é como pretendem conservar o Ulster. Estamos ainda em minoria em relação aos católicos, não estamos?

Weed estava nervoso. Sabia muito bem aonde é que Roger Hubble queria chegar, — Posso dizer o que tem em vista, Sir Frederick?

— Tenha a bondade...

— Está pronto a reduzir a superfície do Ulster, não é? Está pensando num Ulster em que os protestantes não estejam em minoria diante dos católicos e isso significa abrir mão do Oeste.

— Não sei se estamos dispostos a abrir mão de alguma coisa — disse Weed.

— Mas isso lhe passou pelo espírito, a separação do Oeste, não passou?

— Claro que sim. Uma pequena comunidade protestante isolada não se poderia manter entre nativos hostis. É essa uma das razões pelas quais estamos procurando estabelecer rapidamente a preeminência de Belfast...

antes da queda. Temos de lançar os limites de um Ulster viável, que poderemos manter.

— E Londonderry será então sacrificada?

— Para que haja um Ulster viável, pode ser necessário.

— Neste caso, Sir Frederick disse Roger sem hesitação — deve estar preparado para comparecer perante uma reunião de grão-mestres de Orange e

dizer-lhes que sua cidade santa, Londonderry, foi cancelada pelo próprio Sir Frederick... e por motivos comerciais. Que é que acha que eles vão pensar do bom Sir Frederick?

— Que é que quer dizer com isso? — perguntou Weed sem poder mais conter um assomo de cólera.

— Pode-se dizer a um judeu que não vá a Jerusalém e a um maometano que não pode ir a Meca, mas Deus proteja quem disser aos homens de Orange que não podem desfilar em torno dos muros de Derry.

Frederick Weed empalideceu diante do homem que havia subestimado tanto. Experimentou uma estranha sensação que curiosamente identificou como medo. Sabia pelo fogo ansioso e zeloso daqueles

olhos claros que ele seria capaz de levá-lo até aos seus próprios distritos de Orange.

— Está tentando fazer chantagem conosco para que conservemos Londonderry?

— Claro que estou. Estão-se unindo com a Inglaterra para a própria salvação, e nós queremos unir-nos a vocês pelo mesmo motivo. Vocês têm alguns pontos valiosos: baluarte do Império, lealdade, importância industrial. Temos também um ponto valioso. Somos a cidade santa de Londonderry, sem a qual não pode haver um Ulster viável. Vocês fazem chantagem com a Inglaterra para uma união e nós fazemos chantagem com vocês.

— Não tem meias-medidas, não é, Hubble? — disse Weed.

Roger abandonou o seu jeito sério de repente e mostrou uma despreocupação juvenil. Meteu as mãos nos bolsos e se levantou com um suspiro.

— Tudo isso faz parte do Ulster e o Ulster faz parte da Inglaterra. O

que estamos planejando é um futuro em que uma província irlandesa será separada da Irlanda, seja qual for o método, seja qual for o pretexto...

ameaças à nossa pátria, ódio religioso, seja o que for.

Roger perguntou a Sir Frederick se podia servir-se de um charuto. O

charuto tinha uma cinta especial com o nome de Sir Frederick, mas ele sabia que a marca era Villar y Villar, Barquinero Havanas ou talvez Exceptionales Rothschild. Cortou as pontas, acendeu o

charuto e soprou a fumaça pensativamente.

— Todos estamos juntos nisso, sabe? Belfast, Londonderry, todos juntos.

Weed não respondeu, mas sabia que Roger Hubble tinha entrado para aquele grupo de elite, de que agora faziam parte três pessoas, que ele não podia intimidar.

Um jantar sem cerimônia contava com a presença de duas dúzias de amigos de Sir Frederick, colegas da indústria e aristocratas da sua loja dos “cavalheiros” da Ordem de Orange. Havia um número igual de diretores e engenheiros das Oficinas Weed. Caroline, a única mulher, era a *hostess*.

O jantar se realizava na Sunhouse, uma das celebradas construções de Rathweed Hall. Era uma cópia em escala de um para oito do grande Palácio de Cristal, onde se havia realizado trinta e cinco anos antes a exposição industrial de Londres.

A Sunhouse tinha um pequeno teatro,

onde a falecida Livia e depois Caroline realizavam concertos, espetáculos de declamação, conferências e apresentações teatrais. Sir Frederick, de vez em quando, promovia ali encontros de boxe ou luta livre. O local servia também como uma loja de Orange, a mais pretensiosa do Ulster, para o grupo de “cavalheiros” de Weed.

As conversas à mesa de Sir Frederick se haviam concentrado em amargos comentários sobre as próximas eleições, os quais se reduziam todos a uma questão única, a questão irlandesa.

A velha cólera exaltava Ellery Chillingham, Marquês de Monaghan, e Thurlow Ives, o maior proprietário de teares mecânicos em Belfast. Uma caricatura foi passada de mão em mão

mostrando “Paddy”, o anarquista irlandês, uma criatura simiesca, que instigava Parnell a apunhalar a Britânia, que por sua vez protegia uma frágil e chorosa Hibérnia. Isso manteve o tom azedo das conversas... A venalidade liberal de Gladstone... os agitadores papistas atrevendo-se a candidatar-se ao Parlamento... pesados impostos sobre a indústria de Belfast caso a Autonomia se tomasse uma realidade... Parnell devia ter ficado na prisão... Onde já se vira dar a nativos o direito de voto... mais uma lei rural e as propriedades irlandesas estariam perdidas... e tudo isso sob a orientação de Roma...

— Se não podemos controlar a ralé irlandesa aqui em nossas ilhas — disse Lord Monaghan com a sua voz asmática

— como poderemos controlá-la na Índia e em outros lugares? Para mim, a frente de batalha é aqui, e é aqui que devemos resistir.

— Apoiado, apoiado — disse Thurslow, batendo num copo com uma colher.

Sir Frederick falava muito pouco e isso era estranho da parte dele.

Roger observava com curiosidade essa atitude.

— Muito bom esse *chutney* — disse Ives a Caroline. — Peça a seu cozinheiro que mande a receita para Martha.

— Os ingredientes são apenas mangas e Bengal Club de Harrod's — disse Caroline.

Weed se tornou mais calado e pensativo enquanto Lord Monaghan se

lançava num novo ataque a Parnell.

Depois do jantar, os convivas se transferiram para o salão principal, uma estrutura conversível em teatro sob a grande cúpula de vidro. Tinham armado um ringue de boxe no centro, cercado de cadeiras para os convidados. A fumaça dos cigarros e charutos criou uma atmosfera esportiva enquanto se servia conhaque. O espetáculo ia apresentar uma turma de pugilistas da Jamaica a caminho de Londres, os quais iam enfrentar alguns amadores locais. Caroline sentou-se entre o pai e Roger, numa cadeira perto do ringue e acendeu um pequeno charuto. Roger conteve o seu pesar.

A primeira luta foi anunciada. Dois pesos-leves demonstraram grande perícia pugilística, acertando socos um no outro

sem causar grandes danos durante os seis assaltos marcados, Na segunda luta, o homem da Jamaica recebeu um pesado castigo e o seu sangue chegou a salpicar a mesa. Recuperou-se um pouco diante dos aplausos, mas teve de sair carregado do ringue ao fim dos dez assaltos. Roger se sentia muito mais fascinado pela presença de Caroline do que pelas lutas. Na luta final, não tirava os olhos dela. O último pugilista da Jamaica era um vigoroso peso-pesado bem moreno, que entrou no ringue com o corpo luzidio de suor, exibindo músculos magníficos. Os olhos pretos ficavam no fundo das faces morenas e fuzilavam mortiferamente.

Depois da apresentação, saudou o público nas quatro direções do ringue. Depois, olhou diretamente para Caroline,

que lhe respondeu ao olhar. Curvou a cabeça para ela, expandindo o peito e franzindo ligeiramente os lábios. Caroline observou com atenção cada contato das luvas, cada respiração profunda, cada pequeno salto na ponta dos pés enquanto as regras eram explicadas. O seu adversário era um pugilista amador bem conhecido em Belfast, um estivador com algumas vitórias no seu cartel e o corpo cheio de tatuagens.

O preto e o branco se enfrentaram, entrando em *clinch* e resfolegando ante o impacto dos socos. Caroline apertou os olhos até que pareceu numa espécie de transe, enquanto os homens lutavam acima dela, suor misturado a suor, empenhando-se bravamente para evitar o aniquilamento. O rosto dela se contraía sempre

que o preto era atingido, quando fazia um esgar, quando o sangue começou a escorrer-lhe do nariz e quando revirou os olhos a um golpe feliz do adversário. Mas a respiração dele se acelerou e ele retomou a luta e atacou.

Tudo acabou de repente quando o homem de Belfast se descuidou da guarda e permitiu um direto que quase o decapitou, fazendo-o cair à lona numa espécie de movimento retardado. Aplausos, gritos e o preto deu a volta pelo ringue, cumprimentando, confuso, de rosto inchado e retorcido. O seu último cumprimento foi de desdém num orgásmico instante na direção de Caroline. Roger Hubble estava fascinado.

— Um drinque para dormir? — perguntou Sir Frederick, trancando-se no

seu escritório com Roger.

— Boa ideia.

— Belo esporte esse — disse Sir Frederick. — Creio que o grande negro vai fazer sucesso em Londres. Saúde.

— Saúde.

— Francamente, gostava mais das velhas regras de Londres, quando não havia luvas e a luta só acabava com o nocaute de um deles.

Queensberry transformou um esporte para homens num brinquedo de crianças.

Roger pensou que Caroline também preferia, sem dúvida, o boxe de acordo com as regras de Londres.

— Devo dizer-lhe, Sir Frederick, que notei que ficou muito pensativo, hoje, quando se estavam discutindo as eleições.

— Lord Monaghan é um velho idiota.

Ele e todos os outros preferem adotar uma atitude desdenhosa e dividem a nossa força, apoiando candidatos em lugares onde não têm possibilidade alguma de vencer. Está agindo do mesmo modo em relação às suas danadas terras. Não querem olhar honestamente para o que está acontecendo. Vão acordar de repente depois das eleições.

Durante quase toda a sua vida, Frederick Weed tinha falado com as pessoas de uma posição de superioridade. Achava bem difícil, portanto, dizer as coisas a alguém que o tratava sem medo e em pé de igualdade.

— Roger — disse ele com voz pausada — pensei muito na nossa conversa de ontem, a respeito da inclusão de Londonderry no plano do Ulster. Eu

gostaria de ir fazer-lhe uma visita, olhar as coisas e descobrir meios de cooperação entre nós.

— Seria um prazer para mim.

— O Partido da União está começando e poderia muito bem incluir algumas ideias novas sobre o Oeste no seu programa básico.

Roger assentiu, aceitando modestamente a sua vitória.

— Vamos supor que eu me convide a visitar a Mansão Hubble no Dia dos Aprendizes. Há um pregador realmente inspirado por lá? Um homem capaz de lançar as vistas para o futuro e de dominar uma congregação a ponto de fazê-la chorar?

— Não, não temos nada disso. Sólidos presbiterianos e sólidos

anglicanos.

— Eu tenho o homem que serve, Oliver Cromwell MacIvor. Despertará os sentimentos corretos. É um homem arrasador do alto de um púlpito.

Por que não providencia para que ele pregue na catedral?

— O batismo do Oeste? — perguntou Roger, sorrindo.

— Mais ou menos.

— Está bem. Mas tenho uma condição.

— Qual é?

— Que leve Caroline em sua companhia.

— Creio que é melhor que providencie sobre isso diretamente — disse Sir Frederick.

O museu de Rathweed Hall ficava logo depois do terraço principal e era um edifício quadrado com um pátio central aberto. Cada corredor tinha quarenta metros de comprimento e era coberto por um arco ogival envidraçado para deixar passar a luz natural. O piso era diferente em cada corredor e tinha sido feito pela Cerâmica Doulton, de Londres. Ao fim de cada corredor, havia um vitral que se baseava em velhos temas de Bosch.

Roger ficou espantado com o conhecimento profundo que tinha Caroline da coleção de arte do pai. Quase tudo a respeito dela era impressionante, até o que era chocante. Isso aborrecia Roger. Como se podia tratar uma mulher tão inteligente quanto o homem? Tinha o sentimento desagradável de que Caroline

nunca abandonava a sua posição de mando, exercia um controle constante sobre tudo e fazia o que muito bem queria. O baluarte parecia por demais ameaçador para ser tomado de assalto.

Chegaram ao corredor do museu em que estava a coleção de impressionistas franceses de Caroline, no momento em que o sol do Ulster fazia um excepcional aparecimento.

— Está sentindo o sol? — perguntou Caroline. — Vamo-nos sentar no pátio e deixar o melhor para o fim. A luz ali será muito bela dentro de dez minutos.

— De acordo — respondeu Roger.

Chegaram ao pátio interno, passando por uma enorme porta de bronze. No pátio, havia uma grande fonte trazida de um castelo em ruínas da Lombardia e

remodelada numa série de tanques cheios de reflexos em mosaicos de ouro e prata. O jardim estava povoado de cópias imaculadas da estatuária grega.

A fonte convidava aos devaneios. Roger dividiu o tempo entre contemplar encantadamente os movimentos da água e observar a linda criatura de cabelos castanhos sentada ao lado dele no banco de mármore.

Pensou que teria de partir no dia seguinte para Daars a fim de ver o pai e que, se tinha de dar início a alguma coisa, o momento era aquele.

— Escute, aqui, Caroline. Já estudei a sua posição financeira e você decerto já estudou a minha. Tenho certeza de que estamos bem impressionados um com o outro. Acha que devemos insistir em que

haja mais alguma coisa entre nós ou desistir?

— Desde que eu vivo com Freddie, sou uma pessoa habituada a manifestações intempestivas. Devo-lhe dizer, porém, que Freddie está mais impressionado com você do que eu.

— Espero que essa situação seja temporária. Sabe que você intimida tremendamente as pessoas? Faz todos os homens sentirem-se incapazes?

— Quase todos.

— Com certeza, isso é um esporte para você.

Ele colocou as mãos para trás e começou a passear em torno dos tanques. Caroline compreendeu que ele estava prestes a fugir dela como todos os outros. Não o achava excepcionalmente

interessante ou provocante, mas não gostaria que ele fugisse. Isso iria angustiar Freddie e tal coisa não devia acontecer. Teoricamente, Roger era um dos melhores partidos possíveis para ela. Mas, na prática, ele tinha de ser tão trabalhado, que só no jogo real do casamento ela poderia saber se ele era mesmo capaz. Levantou-se e aproximou-se dele.

— Fiquei muito feliz de que tivesse vindo e gostaria de continuar com a sua amizade — disse ela.

Roger considerou isso uma amabilidade sem sentido.

— Caroline, a situação que se criou entre nós representa um grave problema para mim. Não tenho a menor noção do que devo fazer para despertar o seu interesse. — Alisou os cabelos para trás e

abriu os braços num gesto de frustração. — Deve compreender uma coisa. Passei a maior parte dos meus trinta e dois anos em internatos de rapazes, em equipes esportivas masculinas, em clubes de homens, nas fileiras do regimento.

Não sou homossexual, veja bem, mas durante esse longo convívio em vestiários deixei-me governar pelo axioma de que a prática dos esportes e um bom banho frio resolvem qualquer ereção. Minha experiência com mulheres até hoje tem sido limitada e transcorreu em condições mais ou menos sórdidas.

— Uma confissão encantadora — disse Caroline.

— Não me considero incapaz de um bom desempenho, posso assegurar-lhe. Com toda a franqueza, o que eu quero

dizer é que nunca pensei muito em sexo até o momento em que a conheci. Compreendo, porém, que isso é muito importante para você.

— Que é exatamente o que você quer dizer, Roger?

— Você tem tido suas experiências aqui e ali, não é verdade?

— Bem, fui casada por um breve período e tenho, além disso, recebido atenções que retribuí. Há rumores sobre tudo isso naturalmente.

Que é que você gostaria de saber, Roger?

— Ora, dizem que você tem uma certa predileção por estrangeiros...

— Os boatos são bem fundados e correspondem à verdade — disse ela.

Roger ficou vermelho e gaguejou.

— Escute, que importância tem o sexo para você, Roger?

— Creio que será bem importante, desde que comece bem — disse ele com voz exaltada, — Desde que deixei o regimento, vivo assoberbado de trabalho, procurando pôr os negócios em ordem.

Caroline achou muito interessante a sinceridade de Roger. Tomou-o pela mão e levou-o de novo para o museu e para a galeria dos impressionistas franceses, parando diante de cada artista para dar-lhe uma breve explicação.

Roger parou diante do pequeno quadro em que havia a placa *A Senhora Inglesa* e comparou-a com a mulher do quadro, olhando para uma e para outra como se estivesse fazendo uma descoberta única.

— Notável quadro! Muito belo. Quem é esse Renoir?

— Um bom amigo. Que foi que você ouviu dizer sobre a minha predileção por estrangeiros, Roger?

— Pouca coisa, na verdade. Presume-se que você tenha tido vários amantes... franceses.... artistas...

— Considera isso vulgar?

— Não. Cada pessoa é dona do seu passado. Para lhe dizer a verdade, sempre invejei meu pai e sua amante.

— Clara Townsend-Trowbridge?

— Sim, Clara.

— Que é que o atrai nela?

— O fato de que ela seja uma atriz, a vida dos dois numa espécie de pecado, e o lindo colo que ela tem. Gosto do relacionamento público dos dois, com

todos os acessórios de segredo. Um excita o outro, É um espetáculo bom de contemplar.

— Neste caso, não considera as pessoas que são iguais a mim como uma mercadoria usada e depreciada?

— Ao contrário, penso que não pode haver coisa que deprima mais do que o envolvimento com uma virgem, de corpo ou de espírito. O problema para mim é saber como pode um homem recém-saído do regimento enfrentar uma mulher capaz de fazer dele gato e sapato? — continuou a olhar para o quadro com as mãos em movimento e perguntou: — Conheceu bem esses homens?

— Muito. De vez em quando, eu era a única pessoa que podia fornecer-lhes telas e tintas.

— Devem ter adorado você como modelo.

— Diziam que amavam meu esbelto corpo inglês. Quer vê-lo?

— Seu corpo?

— Em alguns quadros.

Roger jogou as mãos para as costas e riu.

— Creio que não haveria inconveniente.

— Venha.

Roger Hubble nunca tinha visto um quarto tão deliciosamente branco ou sensual, nem lhe sentira o perfume. Era todo feito de um mármore que parecia nuvem com transparências de *voile* e paredes de espelhos. A pouca distância, uma grade ladrilhada mostrava uma banheira embutida no chão ao lado de uma

bateria de óleos e perfumes. Murmurou uma palavra de encantado elogio e foi atraído para uma parede de nus feitos por um homem de talento que evidentemente amava o modelo. As poses não tinham qualquer reserva e mostravam um panorama sedutor de carnalidade.

— Gosta dos quadros?

— Gostar é pouco. São arrasadores.

— Claude Moreau — disse ela.

— Amou-o muito?

— Era um cachorro abjeto.

Roger se aproximou, quase tocando nos quadros. Virou-se então para ela, que estava no centro do quarto em toda a sua flexível magnificência.

Caroline puxou os cordões da blusa e desabotoou-a com deliberada lentidão.

— Talvez queira ver se Moreau fez

um retrato exato da realidade...

Roger baixou os olhos e sacudiu desesperadamente as mãos.

— Está zombando de mim, Caroline. Sabe que não posso enfrentá-la e está-se divertindo à minha custa. Não tem o direito de fazer uma coisa dessas.

— Levante os olhos, Roger, e diga-me o que está vendo.

Roger olhou. Ela estava nua até a cintura.

— Não quer tocar em mim?

— Posso não ser um amante impetuoso como o seu francês, mas não sou seu palhaço. Não posso deixar que me trate como um cachorrinho que ainda não foi ensinado. Quando eu quiser você, terá de ser à minha maneira comum!

Caroline sorriu para disfarçar a

humilhação.

— Ora, vá tomar seu banho frio, pelo amor de Deus! — murmurou ela.

Sir Frederick insistiu em que Roger continuasse a viagem para Kinsale no seu vagão particular, num gesto de repercussões inconfundíveis.

Combinaram encontrar-se daí a seis semanas na Mansão Hubble, por ocasião das comemorações dos Aprendizes de Londonderry. Sir Frederick levaria o seu ministro para presidir os ofícios religiosos na catedral protestante. O tempo seria também aproveitado para estudar alguns assuntos de mútuo interesse.

O vagão particular era precisamente o que se poderia esperar de Frederick

Weed. Feito de acordo com os modelos de George Pullman nos Estados Unidos, tinha características que o tomavam uma extensão ferroviária de Rathweed Hall. Além dos salões de estar e de jantar, o vagão tinha um pequeno escritório, dois quartos com suítes, uma cozinha e um salão especial reservado para as senhoras.

Roger ficou desconcertado em pleno esplendor depois de despedir-se com um abraço de Sir Frederick. Embora Roger estivesse satisfeito com a situação em relação a Weed, sentia-se decerto decepcionado quanto a Caroline. Nunca se deixara ser dominado por uma mulher, nunca desejara ardentemente qualquer mulher, nem quisera ter ligação mesmo breve com uma mulher a quem ele não

pudesse dominar.

— Olá, Roger.

Conseguiu assumir um ar de indiferença quando Caroline entrou pela outra porta do vagão.

— Incomoda-se de ter uma companheira de viagem até Dublin? Estou com uma lista de compras que não tem mais tamanho.

Roger conteve o impulso de tomá-la nos braços. Seria exatamente o que ela esperava para tratá-lo como um idiota. Fez um gesto que indicava que, afinal de contas, o trem era do pai dela.

Num instante, a bagagem foi embarcada e o trem partiu da Estação Vitória, entrando na ostentação do Sudoeste de Belfast. Depois de uma breve parada em Lisburn, tomou o rumo da

costa.

— Olhe que posso ser convencida a ir para Kinsale com você — disse Caroline em dado momento.

Roger dissimulou a sua surpresa e o seu prazer e reagiu com uma atitude deliberadamente fria.

— Que falta de sorte! — disse ele. — Acontece que tenho alguém à minha espera em Daars. Francamente, preferia você. Mas talvez você possa visitar a Mansão Hubble com Sir Frederick em agosto.

Caroline sentiu a repulsa tão bem manobrada. Era impossível saber se ele estava dizendo a verdade ou usando de um truque. De qualquer maneira, ficava sabendo o que o pai dela já sabia. Não podia subestimar o homem.

DAARS, KINSALE, CONDADO DE CORK, JULHO DE 1885.

— A carruagem de Lorde Arthur acaba de chegar ao pé da ladeira.

— Obrigada, Cronin — disse Clara. — Tomaremos chá no apartamento de Sua Graça.

Clara foi para a varanda e ficou observando a carruagem galgar a íngreme subida. Daars ficava no alto do maior pico de Summer Cove, Os seus jardins e terrenos desciam pela encosta, apresentando uma vista esplêndida, que mostrava a curva da baía até Kinsale. Dali podia ver-se, depois de Forte Charles, o mar aberto, onde uma porção

de velas enfunadas corria para a proteção da baía, ante a iminência de um temporal.

Momentos depois, Arthur Hubble, Décimo Conde de Foyle, desviou a carruagem da estrada principal para a entrada lateral, onde dois cavaleiros se incumbiram do animal e ajudaram o Conde a descer.

— Chegou cedo — disse Clara. — Foi bom o passeio de barco?

Lorde Hubble pôs as mãos para trás, levantou o queixo barbado e subiu a escada da varanda.

— Muito vento e pouco prazer — disse ele, passando por ela.

Clara esperou que ele descansasse.

— Recebemos o telegrama, querido. Roger chegará hoje de Dublin no Expresso de Cork. Deve chegar a tempo

para o jantar.

Arthur resmungou o seu descontentamento. Clara sabia que ele gostava do filho e que as visitas deste eram muito espaçadas, mas que sempre havia ansiedade nessas ocasiões. Arthur não gostava das decisões do filho em matéria de negócios. Além disso, a visita de Roger naquela época do ano significava que ele vinha buscar o pai a fim de levá-lo para a Mansão Hubble, no Dia dos Aprendizes. Esses fatos produziam uma volta da gagueira. Felizmente, Roger ia chegar a Daars sozinho, sem trazer consigo aquele horrível Glendon Rankin. O agente passara a segundo plano desde que Roger deixara o serviço militar e cravara os dentes nos negócios do Conde. Embora

Rankin não viesse, mandara uma carta, a qual aumentara ainda mais a tensão.

Cronin preparou o serviço de chá e depois colocou numa mesa um pequeno estojo de barba, retirando-se a seguir. Clara amarrou uma toalha em torno do pescoço de Arthur e cuidadosamente aparou-lhe e penteou-lhe a barba, numa perícia adquirida durante os anos em que trabalhara no teatro.

O Conde abriu a gaveta da mesa e releu a carta de Rankin. Começava ela com tortuosa história da dedicação da família Rankin ao condado e não deixava de mencionar o sacrifício de seu tio, Owen, que fora morto no campo da honra quando despejava um rendeiro recalcitrante. A carta continuava para dizer que Lorde Roger tinha sido um

acréscimo favorável à firma. Depois, expressava; em palavras cuidadosamente escolhidas, o receio de que a tendência de Roger de abandonar as terras em benefício da industrialização podia ser uma temeridade.

A separação entre filho e agente era de princípios e cada vez se tornava maior. Roger trazia mais ideias para consideráveis investimentos novos.

“A razão pela qual os produtos de linho são objeto de tão grande procura é o fato de que o algodão não recuperou totalmente seus mercados depois do colapso sofrido durante a Guerra Civil americana.

Mas, Lorde Hubble, o algodão está melhorando e a indústria do linho pode entrar em depressão da noite para o dia. É

perigoso continuar a vender boas terras para entregar-se a tal espécie de especulação”.

Rankin lamentava em seguida as ideias radicais de reforma agrária que dominavam a Europa, mas insistia em dizer que os seus princípios não podiam aplicar-se à Irlanda. Sem alguém que lhes dissesse o que deviam fazer, os lavradores católicos criariam simplesmente o caos.

A carta terminava com o coração de Rankin inteiramente aberto e ensanguentado. Um prognóstico tristonho se baseava na tese de que, quanto mais o condado se envolvesse com fábricas, maiores seriam os riscos de calamidade total. As cidades estavam cheias de católicos desempregados que viviam em

condições capazes de gerar epidemias e crimes, ao mesmo tempo em que favoreciam as ideologias papistas e anarquistas.

As cidades pediriam a participação de Hubble nos insondáveis problemas de escolas, hospitais, asilos e obras de caridade. Por que, argumentava Rankin, o condado terá de ser envolvido nessa praga de batata urbana?

Lorde Arthur gemeu ante a perspectiva miserável dos próximos dias e tornou a guardar a carta na gaveta.

Clara aplicou-lhe uma loção no rosto e friccionou-lhe a cabeça. Esse instante de puro prazer superou a previsão dos aborrecimentos. Depois, um pouco de brilhantina na barba para realçá-la e um pente e o espelho.

O Conde contemplou com satisfação o resultado final.

Uma remessa de uma semana do *Times* tinha chegado. Eles leram, comentaram as notícias, mas isso não conseguiu dissipar o ar de infelicidade de Arthur.

— Artie.

— Que é, meu anjo?

— Há algum meio de dissuadir Roger de levar-nos para a Mansão Hubble no mês que vem? Você se mostrou firme quanto a isso há dois anos e não aconteceu nada.

Clara tinha acertado em cheio na verdadeira causa do descontentamento do Conde e ele enterrou ainda mais o rosto na leitura do jornal.

— Aquilo lá é um lugar tão triste! — continuou ela. — Eu, na verdade, não

gosto de ficar lá escondida como a idiota da família. Aquela gente é terrivelmente hipócrita. Parece até que você é a única pessoa da Câmara dos Lordes que vive em companhia da amante.

— C-C-C-Ciara.

— Não, Artie, não é preciso gaguejar. Já lhe digo isso há muitos anos.

— Mas não estou declamando Shakespeare num p-p-palco de Londres e posso g-g-gaguejar quando tiver vontade.

— É a única coisa sobre que discutimos. Fazem com que eu me sinta uma prostituta. A Mansão é escura, sinistra e bolorenta como aqueles homens do Ulster que me tratam como uma prostituta.

— Não quero espetáculos, sim?

— Não direi mais nem uma palavra

— disse ela, levantando-se. Era normalmente mais alta do que ele e parecia ainda mais quando ele estava sentado. — Mas não compreendo por que você tem de se vestir como um palhaço, com aquele chapéu ridículo e aquela gola de Orange. Você fica parecendo um cômico barato de algum *music hall* do Soho. Com efeito, trata-se da Loja da Temperança Total de Ballyutogue e ali está você, o Conde de Foyle, com um sorriso parado, desfilando em companhia daqueles labregos sujos, de desordeiros brutos e de seus pregadores cheios de espinhas.

— J-J-J-á acabou?

— Não vou dizer mais nada.

— Acontece que aquele lugar sinistro, bolorento e hipócrita é que paga os seus

hábitos dispendiosos, minha cara.

— Ora, não me aborreça, Artie.

— Uma vez por ano, sou chamado para uma pequena cerimônia no lugar que paga todas as nossas passagens. Neste ano, a situação política exige mais do que nunca a minha presença. Algum maldito feniano está disputando a cadeira do velho Walby. Você simplesmente não tem o direito de fazer uma guerra anual por uma coisa tão simples.

— Se é tão simples assim, por que é que você fica um farrapo humano sempre que Roger está para chegar?

O pequeno Lorde Hubble se levantou da cadeira, com os lábios trêmulos e todo coberto de suores. Tentou dizer alguma coisa, mas não conseguiu e se encaminhou

com passo incerto para a sala contígua, onde ficou olhando a baía sem vê-la. Tinha estado uma vez diante de seu pai naquela terrível biblioteca da Mansão Hubble e os olhos do pai estavam parados e vermelhos, enquanto ao lado dele havia uma mala cheia de notificações de despejo executadas...

Arthur Hubble tinha passado a vida a evitar escrúpulos de consciência a respeito de muros de fome, navios fatais, despejos e fome, mas nunca deixou que esses escrúpulos dominassem o seu irredutível comodismo.

Aceitara havia muito o fato de que não tinha ânimo para dirigir o condado. Foi ele o único dos condes em toda a família que não serviu num regimento, nem trabalhou no serviço público ou colonial.

Casou-se cedo e deixou a mulher grávida quando teve de ir para a Marinha. Quando a saúde de seu pai, Morris, começou a falhar, entregou tudo nas mãos de MacAdam Rankin e depois de Glendon Rankin.

Quando Roger cresceu, Arthur passou-lhe desde cedo as responsabilidades para que ele pudesse entregar-se sem estorvo aos seus prazeres. O que ele deixara totalmente de calcular fora o zelo de Roger, zelo esse que podia comparar-se ao do avô. Roger estava assumindo o controle de tudo com absoluto desprezo pelo passado que ligava o condado à terra. Agora, Roger o estava forçando a tomar terríveis decisões que ele evitara com tanto êxito.

— Desculpe, Artie — disse Clara,

aproximando-se dele.

— Você tem toda a razão, Clara. Ninguém me vai forçar a ir ao Ulster.

Vou resistir firmemente.

Ela se aconchegou a ele para confortá-lo, sabendo que o pequeno lorde não estava dizendo a verdade, mas fazendo-o sentir que no momento ele fora suficientemente bravo.

Roger tinha tido a esperança de alguns dias de passeios de barco e de pesca antes de tratar de negócios, mas logo percebeu que isso era impossível. Arthur só conseguia superar o filho no golfe. Quando Arthur conseguiu uma vitória logo no primeiro dia, Roger compreendeu que não podia mais adiar coisa alguma.

Um passeio a cavalo foi sugerido na

hora do *breakfast* e Arthur sabia que esse era o sinal para uma conversa de pai com filho. Morris, o pai dele, usava os passeios a cavalo para as conversas de pai com filho. Agora, estava acontecendo o mesmo com Roger. A diferença era que Roger estava tomando o papel do pai e Arthur era de novo o filho. Ao saírem de Daars, Arthur compreendeu que ia ouvir um sermão e preparou-se da melhor maneira para isso.

Ao sul de Summer Cove, galoparam pelos campos cobertos de uma vegetação amarela. Em Rinncurran, os penhascos e a ponta se cobriram com as paredes e a hera do Forte Charles, onde havia uma estreita passagem para o alto mar. O forte fora construído no mesmo local de um antigo castelo e ampliado por vários donos

através das gerações. Uma parte ainda era usada como alojamento de uma guarnição inglesa.

Lorde Arthur foi reconhecido e cerimoniosamente cumprimentado ao passar pelo portão. Pai e filho levaram os cavalos para um quartel abandonado, soltaram-nos num cercado e subiram para um muro sobre o promontório no antigo perímetro externo. Esperando colocar Roger numa posição defensiva, Arthur passou ao filho a carta de Glendon Rankin.

Roger leu-a e devolveu-a ao pai.

— Creio que chegou a hora do velho Rankin — disse Roger ao pai. — Pretendia mesmo falar-lhe sobre o afastamento dele.

Arthur levou um choque.

— Acho que não devemos ter tanta pressa assim... É claro que hoje dependo muito de você, mas é preciso tempo, muito tempo para compreender todas as minúcias, e a família Rankin faz isso há mais de um século.

— Glendon Rankin não tem sequer a mais vaga noção das coisas que estão acontecendo hoje em dia — replicou Roger.

O que eu estou dizendo, Roger, é que quando você estiver inteiramente a par do que acontece nas Empresas Foyle, a sua participação aumentará correspondentemente. Mas, ainda assim, não podemos abrir mão da experiência de um século da família Rankin.

Roger desprezou todas as notas de cautela do pai.

— Houve três grandes leis de reformas nos últimos dez anos. Depois das eleições, vai haver uma loucura total de reformas. Glendon Rankin não é senão um cobrador de rendas. Não tem jeito algum de enfrentar as novas leis ou a Reforma Agrária e não pode continuar a forçar o caminho com métodos antiquados.

— Ora, Roger, é muito cedo ainda para que você já saiba de tudo.

Roger explicou a sua ideia de controlar tudo, da plantação das sementes ao linho tecido para ser transportado em navios Hubble e vendidos em lojas Hubble. Era uma ideia que se aplicava também à lã, ao gado e às minas. Estava-se livrando de milhares de hectares de terras de baixa renda para transformar

tudo em pastagens. Do lado industrial, Londonderry era ideal porque ali havia um desemprego crônico e os salários eram os mais baixos das Ilhas Britânicas.

O que Roger estava explicando ficava em grande parte alheio à compreensão de seu pai. Além disso, Arthur soubera da amizade nascente do filho com Frederick Weed e tinha muitos receios. Sabia que Weed era truculento e sem escrúpulos. A evidente ingenuidade de Roger em relação a Weed era alarmante.

Lorde Arthur bateu com o chicote na mão aberta e deu mais alguns passos junto ao muro.

— O caminho que você está seguindo é cheio de perigos, Roger.

— Temos de acabar com o sistema de arrendamento das terras ou naufragar com

ele. É essa a realidade.

— Francamente, Roger, fico cada vez mais aflito com certos aspectos sociais de todo esse movimento.

— Não estou compreendendo.

— Estamos chegando ao fim de um século em que vimos uma grande dose de... como direi?... de esclarecimento. Tenho lido muito ultimamente sobre algumas filosofias que nos chegam do continente. A Revolução Industrial tem indiscutivelmente um aspecto sombrio. Não se trata apenas do que Rankin diz sobre os vícios e males da urbanização. Sinceramente, não me agrada o sinistro espectro da contratação de crianças, órfãos e mulheres para o trabalho nas fábricas, que contribuem diretamente para a sordidez das cidades.

Arthur se sentiu bem depois de dizer isso. Era uma declaração corajosa que refletia uma posição de consciência social. Observou o espanto na fisionomia do filho com uma ponta de contentamento. É bom colocá-lo no seu lugar, pensou Arthur. Anda muito arrogante e não faz mal cortar-lhe as asas.

— Sabe o que é que eu penso, Papai?

— Sobre quê?

— Sobre os seus escrúpulos e todo o seu esclarecimento social. Penso que o senhor é um completo hipócrita.

— Como?

— Disse que o senhor é um completo hipócrita. A nossa fortuna se baseia numa colonização sem piedade, na apropriação de terras e na exploração dos trabalhadores mais baratos do mundo.

Qual é o preço que o senhor imagina para um menino pastor católico de nove anos? Sabe quanto ganha uma camponesa por todo o trabalho que faz com o linho em casa?

— Mas há uma diferença, Roger.

— Qual é a diferença?

— A terra e os camponeses estão integrados numa vida natural que existe há séculos. Seja quem for o proprietário da terra, o camponês é o mesmo em toda parte. As fábricas e as cidades são artificiais e os vícios que acarretam são artificiais também. Rankin nisso tem razão.

— Meu Deus! Não acredito no que estou ouvindo. Está procurando esclarecimento. Está bem. Acho que devo esclarecê-lo sobre os registros da

propriedade. Faz alguma ideia do que eles contêm?

— Rankin sempre representou os interesses do condado...

— O senhor não sabe, porque sempre fugiu desses livros como da peste. O fato de ter designado um administrador não o absolve de todas as sujeiras que ele cometeu em seu nome.

— P-P-Proíbo que continue com essa discussão...

— Proíbe, é? Pois não vai sair daqui enquanto não ouvir tudo. O

dinheiro que recebe e a sua avidez nos encostaram à parede desde o momento em que se tornou o Conde de Foyle. Extravagâncias em cima de extravagâncias. Duas cocheiras de corridas de cavalos inúteis, uma vila no

Sul da França, as indecentes excursões de compras de Clara, seus iates de dez mil libras, de onde é que sai tudo isso? Só as suas contas de alfaiate dariam para vestir metade da população de Londonderry. Mas tudo isso está certo porque o senhor não quer saber de onde é que Glendon Rankin tira o dinheiro que lhe manda. Tira o dinheiro da pele de seus rendeiros, esta é que é a verdade. Por dez libras de sementes que ele vende na primavera, recebe cinquenta no outono. Por todo contrato de arrendamento vencido, arranca o dinheiro por fora, para a reforma. Está associado a todo agiota de Donegal e cobra juros escorchantes, além de especular com o preço das safras. Tem ideia de quantas pessoas foram despejadas desde que o senhor assumiu o

título? Sabe quantas notificações Glendon assinou em seu nome? Mas há mais coisas, Papai, muito mais.

Arthur levantou o chicote. Mas Roger aparou a pancada com o braço.

— Não seja ridículo, Papai. O senhor bate como uma mulher.

Arthur começou a tremer e o filho agarrou-o para gritar-lhe no rosto.

— O senhor não é melhor do que eu ou do que seu pai, o Conde da Fome, a quem o senhor despreza.

— Já ac-c-cabou?

— Não. A partir de hoje, vou dirigir as empresas e encarregar-me de tudo. Receberá o seu dinheiro, mas não se meterá em nada. Ou será assim ou poderá ir para o inferno com Glendon Rankin!

— Roger! — exclamou Arthur,

pegando desesperadamente as mãos do filho. — Você não pode estar falando a sério, meu filho!

Roger afastou firmemente as mãos do pai e disse: — Estou e exijo que tudo seja feito por escrito.

— Meu filho... fazendo chantagem comigo.

— Não é chantagem. Estou pronto a afastar-me imediatamente das empresas, na certeza de que Glendon Rankin o levará à falência dentro de três anos.

— Está bem... Está bem... — murmurou Arthur. — Vou pensar e depois lhe darei a resposta.

— Não, meu pai. Passou a vida toda na indolência, evitando a realidade. Tem de me dar a sua resposta neste momento.

— Estou surpreso, verdadeiramente

desorientado.

— Não devia estar. Tudo isso se vem precipitando quando me lançou no fogo antes do tempo. Foi o senhor que me forçou a isso para manter as preocupações longe da sua porta.

Um clarim do forte fez-se ouvir, sobressaltando ainda mais o Conde.

Ouviram-se também os ecos da voz de um sargento que bradava ordens.

Roger continuou imperturbável, sem tripudiar, nem blefar. Tinha sido uma cirurgia rápida e decisiva. A pouca luta que havia em Arthur se havia dissipado. Falou quase num sussurro.

— E agora que é que eu vou dizer a Glendon Rankin?

— Um simples documento com a sua assinatura bastará. Pode deixar o resto

comigo.

— Muito bem — disse Arthur, como um homem que se liberta de uma armadilha e quer respirar de novo.

— Ainda há outra coisa, Papai.

Arthur voltou-se.

— A situação política está sombria. Quando eu estive em Belfast, perguntaram-me se o senhor poderia comparecer às comemorações do Doze de Julho. Aceitei em seu nome.

— Não tinha o direito de fazer isso.

— Eu disse que a situação política é sombria.

— Ir a Londonderry e à Mansão Hubble já é demais. Não vou às comemorações do Doze de Julho em Belfast há quinze anos. Além disso, que é que eu vou ficar fazendo durante um mês

até o Dia dos Aprendizizes em Londonderry?

— Hamilton Walby está em graves dificuldades. A sua presença durante o mês é necessária.

No último gesto de independência que iria ter diante do filho, Arthur Hubble reagiu com a raiva de que era capaz. Roger sabia que o protesto se baseava no fato de que ele iria perder o melhor da temporada social de Kinsale e teria de suportar a reação irada de Clara.

— Não posso sujeitar-me a passar um mês ouvindo batidas de tambores, discursos asnáticos e hinos históricos. Não... vou!

Depois de dizer isso, desceu os degraus gastos do cercado e montou no seu cavalo.

Roger acompanhou-o, abrindo o portão.

— Partiremos daqui depois de amanhã — disse ele. — Telegrafei para Mamãe em Londres. Pará salvar as aparências, será melhor que os dois compareçam juntos a todas as cerimônias durante esse período. Mamãe irá esperar-nos em Belfast. Pode sugerir a Clara uma viagem a Paris ou à Itália.

Roger esporeou então o seu animal, deixando o pai e o seu cavalo imóveis.

## 9

Ao fim de tudo, Lord Arthur acompanhou o filho sem causar mais problemas.

Em Belfast, no dia Doze de Julho, desfilou numa longa fila de carruagens abertas em que iam aristocratas de origem britânica, numa deliberada afirmação dos laços que ligavam o Ulster à mãe-pátria. Milhares de homens de Orange de centenas de lojas marcharam, com dezenas de bandas, até ao Campo de Finaghy, onde um clima sinistro se instalou e a Belfast protestante se exaltou mais uma vez a um ponto próximo dos distúrbios.

A volta a Belfast foi uma amarga

decepção para Roger, que tinha previsto uma renovação do seu suave combate com Caroline. Soube que ela viajara para Paris e a ideia de que ela estivesse solta entre os Claudes Moreaus aborreceu-o profundamente.

Depois das comemorações do glorioso Doze de Julho, os Hubbles se retiraram para o seu covil, nos arredores de Londonderry, onde trataram de melhorar a posição de Hamilton Walby e de despedir Glendon Rankin.

Rankin recebeu a notícia de exoneração sob a forma de uma carta seca e impessoal. Teria assegurada uma pensão razoável enquanto vivesse e poderia morar numa propriedade de verão do Conde na Escócia.

Exílio, sem dúvida alguma. Era a

mesma espécie de tática que ele tantas vezes empregara para livrar o condado de inimigos e rendeiros indesejáveis.

Rankin sabia como seria o resto. Muitos crimes e arbitrariedades contra os rendeiros seriam desenterrados do passado, sendo-lhe atribuída a culpa, num esforço para purificar os registros do condado. Depois que ele partisse, circulariam rumores sobre fraudes cometidas por ele. Roger Hubble faria então publicamente uma declaração magnânima de que não desejava desmoralizar a família que servira tão bem o condado e deixaria o assunto morrer sem qualquer investigação. Glendon Rankin, que servira tantas vezes de carrasco, sabia que a vítima não tinha qualquer chance, ainda quando a vítima

fosse ele próprio. No fim, afastou-se também calmamente.

A presença de Lord Arthur na Mansão Hubble, a sua ajuda a Hamilton Walby e à conservação da união com a Inglaterra eram objetos dos comentários de todos os protestantes. A aproximação do Dia dos Aprendizes, a hospitalidade e as barracas de campanha se ergueram nos terrenos da Mansão Hubble e Londonderry preparou tudo para renovar a batalha pelo Ulster. As correntes submarinas do ardor do verão fervilharam na superfície de profundos poços de justa cólera para jorrar no mais sagrado dia de Orange.

Quatro dias antes do grande acontecimento, a região de Inishowen foi flagelada por uma tempestade de três dias,

que parecia indicar que o Onipotente se apercebera pessoalmente da situação no Ulster e estava trovejando a sua aprovação. A Mansão Hubble se trancou sob o temporal, enquanto raios e trovões reviviam todas as histórias de fantasmas conhecidas sobre o castelo.

Lord Roger trabalhava na biblioteca, indiferente ao fragor da tempestade, e levantou a cabeça quando bateram à porta.

— Entre.

Era seu pai, que se aproximava, visivelmente inquieto.

— Que é, Papai?

— Chegou aí uma pessoa.

— Quem?

— Diz que é o Reverendo MacIvor.

— MacIvor? Não me lembro de ninguém com esse nome.

— É melhor ir vê-lo. É um sujeito muito esquisito.

Roger foi com o pai até ao vestíbulo principal da Mansão. Viu então um homem bem baixo parado no centro. Lá fora, uma nova descarga da trovoada fez tremer a velha estrutura da Mansão. O homem estava vestido com o traje clerical cinza dos presbiterianos. Embora escoltado por um criado armado de guarda-chuva, mostrava em sua pessoa os efeitos da chuva. Tinha um rosto liso de criança e lábios finos. Nos seus olhos, porém, fuzilava um desafio constante.

— Meu filho, o Visconde Coleraine — disse Arthur.

— Oliver Cromwell MacIvor — disse o pregador numa voz retumbante de barítono que não correspondia muito à sua

baixa estatura.

— Não sei se me recordo — disse Roger. — Veio com alguma das lojas de Orange?

— Devia ter vindo com Sir Frederick Weed. Mas cheguei mais cedo.

— É verdade, perdoe-me — disse Roger.

— Tinha de cuidar de alguns trabalhos do Senhor no caminho e vim separadamente.

— Está muito bem, Reverendo. Pai, o Reverendo foi convidado a pedido de Sir Frederick Weed. Deve pregar na Catedral. Onde está sua bagagem?

— Isso foi providenciado já.

— Já jantou?

MacIvor teve um estranho sorriso.

— Quando se está a serviço do

Senhor, isso é às vezes esquecido.

— Neste caso, por que não vai secar-se lá em cima? Mandarei levar-lhe alguma coisa para comer. O fogo está aceso e tudo será muito confortável.

Posso depois ir procurá-lo?

— Como queira — disse o homem, seguindo um criado pela escada acima.

Meia hora depois, Roger parou diante da porta do apartamento do pregador e bateu. Um gemido baixo, ininteligível se elevava e caía lá dentro nos intervalos da tempestade. Bateu de novo e não houve outra vez resposta alguma. Um som estertoroso e horrível fez Roger empurrar a porta e entrar.

Oliver Cromwell MacIvor estava sentado no chão diante da lareira, balançando-se para a frente e para trás

como um velho judeu em prece e o ronco em sua garganta ia de um gemido sufocado a um gorgolejo.

— Está sentindo alguma coisa? — perguntou Roger.

A resposta foi incompreensível. Roger aproximou-se para ver melhor o rosto do pregador. Borbulhava de suor e os olhos estavam revirados, mostrando o branco das escleróticas.

— Reverendo MacIvor!

O homem foi arrancado do seu transe e se levantou de um salto.

— Quem foi que lhe disse que viesse até aqui? Interrompeu-me! Saia!

Saia!

Roger recuou, cheio de espanto.

— Não... espere — disse MacIvor, indo tropegamente para uma cadeira. —

Perdoe-me. — Olhou para cima e as lágrimas lhe corriam dos olhos. — Sabe o que é sentir e ouvir a voz do Senhor? Não, não pode saber... Ninguém sabe... Não leve amai, mas peço que se retire...

Depois que Roger saiu, Oliver Cromwell MacIvor foi calmamente para a pia de água, lavou bem o rosto e em seguida começou a comer com apetite da bandeja que lhe tinham levado, encantado com o seu desempenho.

Os terríveis tambores lambegressoavam de aldeia em aldeia como as mensagens tribais no continente negro. Homens de Orange de saio escocês se postavam diante das Casas de Orange nas vilas, aldeias e povoados, bombardeando tudo com o barulho. Durante a época das

marchas, que durava todo o verão, nenhum lugar ficava imune da batida dos tambores, nem distante demais dos passos de dança dos homens que marchavam.

Tinham chegado a Belfast às centenas de milhares no Doze de Julho para comemorar sua vitória sobre os católicos no rio Boyne, em 1690. A temporada de marchas atingia o seu apogeu na cidade santa de Londonderry, onde veneravam o seu salvador, Guilherme de Orange.

Chegavam de trem de Coleraine, do condado de Tyrone, do condado de Donegal e do condado de Fermanagh, bem como de Dublin. Vinham em barcos especialmente fretados de Belfast e dos condados de Down e de Antrim, do Canadá, da Inglaterra e da Escócia, onde os homens de Orange de Glasgow eram os

mais fanáticos de todos.

Londonderry estava de novo sitiada, dessa vez pelos herdeiros dos seus antigos defensores. Quando as casas de todos os irmãos ficaram cheias, acampamentos que lembravam antigos regimentos em barracas ocuparam as montanhas do distrito de Waterside e os terrenos da Mansão Hubble.

Em todas as casas das famílias leais, a Union Jack estava hasteada ao lado da Mão Vermelha do Ulster. Centenas de arcos tinham sido levantados nas principais ruas das cidades e nas praças das vilas. Os arcos traziam guirlandas de flores e os retratos do amado Rei Billy e da amada Rainha Vitória, com cartazes em que se lia: “Deus Proteja o Império”, “Deus Proteja o Ulster”, “Lembrem-se de

1690” e “Deus Salve a Nossa Rainha”.

Os clãs faziam a sua peregrinação até à cidade santa para alegrar-se, no dia sagrado, com vitórias antigas sobre os papistas e os rendeiros no rio Boyne e em Enniskillen, Aughrim, no Diamond e em Dolly’s Brae. E

agora, no *sanctum sanctorum*, os muros de Derry.

Na costa leste de Inishowen, nos dois lados do rio Foyle, as fogueiras avermelhavam o céu. Em Londonderry, por volta de Irish Street, do Waterside e da velha cidade murada, os protestantes repetiam interminavelmente os seus cânticos e por um *penny* um bom homem de Orange podia dar um pontapé no Papa em efígie, em benefício de uma obra de caridade.

Na iminência de uma eleição em que os nativos tinham o direito de votar, a renovação anual das paixões protestantes tomava o ar de uma guerra santa.

# 10

Fiquei radiante de contentamento quando meu pai me disse que eu iria a Derry com ele para uma reunião de todos os candidatos do Partido Irlandês dos três condados. Tomei o caminho habitual, saindo para o pátio e pulando o muro para a casa dos Larkins. As vozes de Tomas e Finola, que discutiam me fizeram parar antes de chegar ao estábulo deles.

— É um tempo bem errado este para chamar você a Derry com todos aqueles homens de Orange prontos para estourarem em violência — dizia Finola.

— Na minha opinião, Kevin O'Garvey convocou essa reunião de propósito — disse Tomas. — Quer que a

gente sinta de perto a disposição dos protestantes neste ano.

— E já não sabemos qual é a disposição deles? Esses malditos tambores batem agora o dia inteiro e metade da noite. E podemos ouvir as horríveis coisas que cantam no bar. É quase um perigo ir à igreja... coisa que você naturalmente desconhece.

— É preciso repetir isso?

— E como se não bastasse a sua ida a Derry, ainda está querendo levar Conor, não é?

— Ele vai ouvir os tambores pelo resto da vida, mulher. Quanto mais cedo aprender o que significam eles, melhor.

— E Liam não vai também ouvi-los? Acha que é justo levar Conor e deixar Liam, já que você insiste em levar

crianças para Derry? Por que vai deixar Liam?

— Alguém tem de ficar aqui para fazer o trabalho. Conor tem privilégios porque é o mais velho.

— Diga isso a Liam. Ele está aborrecido e tem toda a razão. Já é a terceira vez neste verão que você sai com Conor e deixa Liam aqui.

— Já falou que chegasse! — disse Tomas, num tom que indicava o fim da conversa.

Embora Conor fosse meu melhor amigo, eu sabia que Finola tinha razão. Liam sempre era deixado de lado por Tomas e se afligia com isso.

Conor, por sua vez, não se sentia bem com os privilégios que recebia. Mais de uma vez tentara convencer o pai, mas

Tomas era irredutível. Não era preciso dizer quem era o seu favorito.

Deixei passar um tempo conveniente e entrei na sala deles com a notícia de que eu também iria a Derry. A notícia foi recebida com frieza.

Ao fim de algum tempo, Tomas disse a mim e a Conor que fôssemos atrelar os cavalos ao grande carro comunal. Era um carro de quatro rodas que servia para o transporte das colheitas e era usado de vez em quando para transportar pessoas. Não era exatamente uma carruagem de luxo, mas nos levaria até Derry.

Daddo Friel, que estava viajando pelo distrito a fazer campanha para Kevin O'Garvey e estava hospedado em casa dos Larkins, ia fazer também a viagem a Derry. Tomas saiu com ele da porta da

casa, levantou-o nos braços até o carro, onde Conor e eu o acomodamos sobre o feno. Ficamos bem junto do querido velho, pois era um prazer viajar com ele por tão grande distância e ouvi-lo responder a todas as nossas perguntas.

Meu pai jogou dentro do carro um saco de comida e depois subiu para a boleia ao lado de Tomas. Os dois se voltaram então para as mulheres, que estavam com a cara tão triste como se estivéssemos fazendo a viagem final para a árvore dos enforcados. Minha mãe e meu pai não eram muito dados a demonstrações públicas, mas os Larkins sempre se abraçavam e beijavam antes de uma viagem. Dessa vez, Tomas limitou-se a dar adeus.

Soltou o freio e pôs os cavalos em

movimento.

Três noites antes, a polícia tinha dado uma batida na destilaria de *poteen* das viúvas e a destruíra, fechando ao mesmo tempo a taverna da aldeia. Por isso, tivemos de parar no bar de Dooley McCluskey para ter algumas garrafas de uísque legal durante a viagem. A encruzilhada estava cheia de gente. Havia ali não só os homens de temperança da vila, mas também alguns homens de fora que faziam as comemorações de Orange.

Tomas parou o carro à sombra da árvore dos enforcados, enquanto meu pai descia e se dirigia para o bar.

— Seamus — disse Tomas.

— Pronto — disse eu.

— É melhor saltar também e cuidar de seu pai. Com essa gente toda por aí, é

melhor não facilitar.

O bar estava impregnado do cheiro de fumo, cerveja e uísque, tudo proibido pelo pessoal da temperança, mas muitos irmãos não estavam mais no seu juízo perfeito. Encolhi-me junto à porta, enquanto meu pai baixinho entrava no bar, sem olhar nem para a direita, nem para a esquerda.

Dooley McCluskey parecia em êxtase diante da rapidez com que estava faturando. Meu pai bateu nervosamente com os dedos no balcão, procurando chamar a atenção de Dooley.

— Vamos precisar de seis garrafas, Dooley. Metade na conta de Tomas e metade na minha.

McCluskey não gostava de vender fiado e nunca deixava de fazer objeções. Mas, vendo que era para Tomas Larkin,

botou de má vontade as seis garrafas em cima do balcão. Papai não ia poder levar tudo de uma vez e eu entrei para ajudá-lo.

— Olá, *Paddy* (Irlandês) — disse uma voz às costas de meu pai.

Mau, mau, pensei eu. O homem que falara era um desconhecido que vira o tamanho de meu pai e chegara à conclusão de que ele não constituía uma grande ameaça.

— Escute, *Paddy*, vi você chegar. Se andar bem devagar, pode-se encontrar com você mesmo, do outro lado.

Dooley ficou muito nervoso e empurrou as garrafas na direção de meu pai. Houve então silêncio no bar e todos ficaram olhando para o pobre Fergus.

— Tantas garrafas! Parece que ele gosta de beber...

— Deixe-o, Malcolm, Não há gordura nele nem para fritar um ovo.

— Se não fossem as orelhas, o chapéu lhe desceria até os ombros.

— Soube que está criando barba porque o irmão dele levou a navalha para os Estados Unidos.

— Cuidado! Não vá cair com essas garrafas todas, *Paddy*.

Meu pai me entregou duas garrafas e pegou as outras quatro, fingindo que não estava ouvindo. Mas o homem chamado Malcolm lhe barrou o caminho, logo seguido de outros. Esgueirei-me para a porta.

— Deus salve o Rei Billy e mande para o inferno o Papa! Está certo ou não está, *Paddy*? — disse o homem.

— Saia da minha frente — disse meu

pai em voz baixa.

— Está bem. Mas, primeiro, tem de rezar uma ave-maria.

O bar estava em silêncio. Dooley McCluskey e meu pai se benzeram.

Malcolm se aproximou, disposto a tudo. Estava bêbado e era bem grande e implicante, o que constituía uma combinação perigosa. Nesse momento, senti alguém por trás de mim. Graças a Deus, era Tomas Larkin. O bloqueio humano diante de meu pai se desfez e só o tal Malcolm ficou ainda ali por alguns momentos. Meu pai passou por ele e saiu, sem que ninguém o molestasse. Um murmúrio de descontentamento surgiu na sala em face da covardia de Malcolm. Este sungou as calças e se encaminhou para Tomas, — Pare com isso, Irmão

Malcolm — disse nesse momento Luke Hanna.

— Não diga nada, Luke — disse Tomas. — Eu gostaria de ficar conhecendo seu irmão.

Entretanto, o irmão Malcolm pareceu muito feliz de ser dissuadido.

Resmungou e saiu na direção do balcão. Quando Tomas o seguiu, Luke se lhe atravessou no caminho.

— Deixe para lá, Tomas — disse ele.

Tomas Larkin lançou um olhar pela sala com a devastadora expressão de desprezo que ele sabia ter.

— Vamos para fora — disse ele a Luke.

— Está bem.

Luke seguiu Tomas por alguns passos e disse: — Desculpe, Tomas.

— Você poderia ter impedido isso.

— Não se zangue, Tomas. São como crianças e estão com vontade de brincar. Eu não deixaria que nada de grave acontecesse.

— Eu sei como eles são — disse Tomas.

— Malcolm não é um mau rapaz. Em casa, é cordato como eu.

— Talvez. Talvez todos eles sejam boas pessoas. Mas, quando se reúnem e botam aquela maldita faixa, são como um bando de animais.

— Espere um pouco...

— Um bando de animais ferozes e perigosos.

Aqueles dois eram amigos a maior parte do tempo. Ao menos, tinham aprendido a conviver um com o outro.

Mas os dois se sentiam ofendidos.

Foi meu pai quem levou Tomas, deixando Luke Hanna sozinho e magoado sob a árvore dos enforcados.

Adormeci profundamente e cheguei a Derry ainda atordoado.

Tambores e fogueiras quebravam a escuridão e o silêncio da noite.

Tínhamos passado pelas linhas inimigas nas colinas em torno da cidade.

Todos os clãs escoceses estavam nos seus acampamentos, ansiosos pela batalha do dia seguinte. Nossas tribos se achavam na planície, onde estávamos reunidos com lanças e arqueiros vestidos de peles. Nosso rei, com dois cães-lobos pela correia, convocou os chefes para um fogo do conselho a fim de serem tomadas

providências para repelir os usurpadores.

# 11

Embora a casa de Kevin O'Garvey, no Bogside, fosse muito boa, Teresa O'Garvey cultivava tradicionalmente batatas na parte da frente e criava porcos e galinhas nos fundos. A plantação de batatas, um resquício dos tempos da Grande Fome, era uma espécie de reserva de segurança. Os animais eram criados porque havia sempre quem pagasse com eles os honorários de advocacia de Kevin.

Havia um andar construído acima do estábulo. O mesmo servia como hospedaria para um fluxo constante de

homens da Liga Rural que vinham do interior. Foi ali que dormimos.

A consciência exaltada de que estávamos em Derry nos fez acordar antes que os galos começassem a cantar. Nossos pais e Daddo Friel já tinham saído. Vestimos as roupas, tocamos o rosto com um pouco de água na bomba e fomos para a cozinha, onde uma dezena de visitantes já se reunia para tomar mingau com bolos de aveia.

Tomas nos tinha dito que procurássemos divertir-nos durante o dia, pois eles tinham muito que fazer, mas nos ordenou severamente que nos afastássemos das comemorações do Dia dos Aprendizes. Saíamos da casa de O'Garvey, levando nos bolsos dois *pence* cada um e empenhados em resolver o

problema de gastar essa fabulosa soma na padaria ou na casa de balas. Enquanto seguíamos junto à parede às voltas com o dilema, ouvimos música e isso nos atraiu até à coluna levantada em honra do ministro protestante Walker, que salvara Derry do Rei James, durante o cerco. Era fácil ver pelo jeito de Conor o que era que lhe estava passando pela cabeça.

— Sei em que é que você está pensando — disse eu. — Nossos pais vão ficar furiosos. E aquilo ali é muito perigoso.

— Se quiser, pode ficar aqui — disse Conor. — Até logo.

— Espere aí que eu vou com você, Conor.

Eu, na verdade, não queria ir, mas ficar ali sem Conor era impossível.

Jesus, Maria, José e Patrício, o coração me batia descompassadamente, enquanto nós subíamos Bishop Street de Fora e eu me benzia de dez em dez passos. Conor parou por um momento ao chegar à Porta do Bispo e eu pensei que algum milagre poderia fazê-lo mudar de ideia. Mas não fez.

— Procure agir como um protestante — disse ele.

— Como? Veja a cor de meus cabelos. Cortarão todos, se me pegarem.

— Não faz mal que perca os cabelos, contanto que não perca a cabeça.

Entramos pela terra proibida, chegando a Bishop Street de Dentro.

Vimos então mais Union Jacks e bandeiras do Ulster do que jamais pensáramos que existissem. Metendo as

mãos nos bolsos de uma maneira que me pareceu perfeitamente natural, tentei acentuar a minha despreocupação assobiando, mas os lábios estavam lamentavelmente secos. Minha coragem aumentava de minuto a minuto juntamente com a minha convicção de que ninguém nos ia atacar. Corremos até ao alto das muralhas e de lá contemplamos um turbilhão de atividade. De repente, a multidão irrompeu por Bishop Street, atravessou a praça e chegou à Porta Shipquay, que era a que ficava mais perto do rio Foyle.

— Veja, Conor! — exclamei, indicando a ponte.

— Jesus! Jesus! — disse ele.

Estávamos no melhor ponto de observação de toda a Derry e ficamos de

olhos arregalados.

Uma escura massa de gente vinha da Ponte Carlisle com a banda a tocar o hino *Avante Soldados Cristãos*. Depois da banda, vinha uma fila de carruagens douradas, que traziam as autoridades e os aristocratas.

Reconheci Lord Hubble e o filho e o Major Hamilton Walby. As carruagens eram seguidas de legiões de homens de Orange muito arrogantes com os seus chapéus-coco, roupas pretas e guarda-chuvas pretos enrolados, o que combinava tudo com as bocas pretas que gritavam. Esse mar escuro era pontilhado de lírios de Orange em honra da Ordem de Orange ou cravos *sweet william* em honra do Rei Billy, que eles usavam em raminhos nas fitas dos chapéus, nas golas dos casacos

ou nas faixas. Estas diziam se eles eram homens cor de púrpura, pretos, escarlates ou azuis. No peito de muitos havia fitas coloridas que indicavam serviço militar prestado à Rainha.

Seguiram-se bandas e mais bandas. Cheguei a contar setenta. Bandas de flautas e tambores, gaitas de foles e acordeões precediam a bandeira de cada loja. Embora não soubéssemos ler muito bem, conseguimos perceber os nomes de algumas. Havia a Loja Oliver Cromwell, a Defensores de Derry, a Filhos do Rei Guilherme, a dos Verdadeiros Azuis de Coleraine, a dos Fiéis Padeiros de Belfast, a dos Leais Estivadores de Londonderry, os Ilustres Combatentes de Enniskillen, a dos Homens do Império e, certamente, a Temperança Total de

Ballyutogue. E em outras bandeiras e nos dísticos pintados nos tambores, lia-se: “A Fé dos Nossos Pais”, “Lembre-se do Boyne”, “À Memória Gloriosa, Amada e Venerada do Bom Rei Billy”.

Sentíamos os olhos arderem e a cabeça doer de ler tanta coisa, mas, ao fim de uma hora, não precisamos olhar mais nada, pois a mesma coisa se repetia indefinidamente.

Havia um pregador à frente de cada loja. Ao lado dele, outro homem levava uma almofada de veludo e nela havia uma Bíblia dentro de uma caixa de vidro, tendo no alto uma coroa. Ao lado do homem que levava a Bíblia, outro homem trazia uma espada desembainhada e muito bem polida. E ainda diziam que nós é que éramos os cristãos loucos.

Continuavam a atravessar a ponte, desciam Foyle Street à beira do rio e subiam o morro, passando então pela praça onde havia um palanque com todas as autoridades. Depois da praça, houve uma separação e alguns deles subiram os degraus das muralhas até que se formou uma verdadeira multidão lá em cima. Estavam tão apertados que não se podiam mover, mas continuavam a subir, batendo os pés ruidosamente nas escadas.

Estavam acima das cabanas pobres do Bogside.

Metade cantava uma coisa e metade outra, o que dava uma tremenda confusão discordante. Conor e eu estávamos encolhidos perto de um lugar onde vinte daqueles enormes tambores batiam sem parar. Os homens pareciam alucinados.

As correias de couro lhes cortavam a carne e os tambores já estavam manchados com o sangue deles.

*Faz pouco, pouco tempo, Duzentos anos apenas, Que os rebeldes não se atrevem A vir aos muros de Derry.*

*Quando James e seus rebeldes Chegaram à Porta do Bispo, Com a espada e o coração Nós os fizemos fugir.*

*Correu sangue como um ri Em muitas noites de inverno.*

*O Senhor nos ajudava, Ao nosso lado na luta.*

*Resistimos nobremente, Decididos a morrer Ou alcançar a vitória Para erguer a Carmesim.*

Com assobios, assuadas e gritos

enquanto os tambores não cessavam, começaram a jogar moedas de cobre sobre as casas do Bogside.

Comecei a tremer tanto que Conor teve de cobrir-me com os braços.

— Porcos papistas!

— Abaixo Parnell!

— Nada de Autonomia!

— O Papa que vá para o inferno!

Se querem saber, eu já estava farto de protestantes por aquele dia.

Minha única vontade era descer das muralhas e ir para a segurança do Bogside, mas Conor Larkin parecia hipnotizado pelo crescente delírio e me arrastou pela mão por ali fora. Os homens de Orange se dispersaram em pequenos grupos desorganizados, alguns nas muralhas, outros nas ruas, onde

dançavam e cantavam loucamente.

Houve um movimento em direção à Catedral Anglicana, para onde se dirigiam todos os dignitários do palanque, com uma escolta da polícia.

— Veja! — disse Conor, — Lá está de novo o Conde de Foyle e toda aquela gente.

— Vamo-nos embora por favor, Conor!

Mas Conor se estava aproximando da Catedral, como se ela fosse um gigantesco ímã e isso representava um grande perigo. O pátio já estava cheio de homens importantes que tiravam o chapéu alto para as senhoras, apertavam-se as mãos solenemente e entravam na igreja.

— Vamos entrar — disse Conor.

Agarrei a balaustrada de ferro e

passei o braço por ela, — Vamos, Pequeno — disse ele. — Vamo-nos esconder.

Vendo que ele queria mesmo entrar, agarrei-me com mais força à barra de ferro.

— Escute, Seamus, depois que chegarmos à torre, ninguém nos verá e nós poderemos ver toda a Catedral lá de cima.

— Conor, você bem sabe que é um pecado mortal entrar num lugar desses. Depois de tudo que já fizemos hoje, vamos passar no mínimo dez mil anos no purgatório.

Ele me largou e se encaminhou para a torre sozinho. Por motivos que desconheço absolutamente, corri para junto dele. Ele sorriu e me tocou as costelas com o cotovelo, enquanto

marchávamos para o desconhecido.

O serviço foi resmungado num inglês indiferente. Lord Arthur Hubble estava sentado atrás do altar numa fileira de cadeiras de diáconos, ocupadas naquele dia pela aristocracia, pelos militares e pelas autoridades do governo. Arthur mostrava uma aparência plácida, em contraste com os seus sentimentos. Aquele mês terrível em breve passaria e ele poderia fugir do pesadelo do Ulster para onde estava Clara.

Olhou para Roger, sentado no banco da família. O filho tinha resolvido de todo o caso Rankin e tinha-se lançado numa aventura que aterrava Arthur. Ao lado dele, Frederick Weed, o rabugento e poderoso homem de negócios, também tinha o ar de um gato contente.

Arthur se moveu inquietamente na sua espécie de trono. Ao seu lado, o Reverendo O. C. MacIvor respirava ofegantemente, aumentando o seu desconforto. A ideia de levar aquela pessoa à Catedral lhe parecia extremamente vulgar.

MacIvor sentia a inquietação de Lord Hubble. Apesar de seu rosto enganosamente angélico, procurava sempre fazer as pessoas que o cercavam agitarem-se nervosamente. Estudava as pessoas presentes à Catedral como um lobo prestes a atacar.

Chamava-se realmente Enoch MacIvor, mas mudara o nome, como mudava tudo, para servir à sua causa. Naquele dia, ia dar o passo decisivo e, se estava nervoso, não o demonstrava

absolutamente. Sorriu brevemente e inclinou a cabeça para o seu protetor, Sir Frederick, que ali estava entre os poderosos e os ricos.

Agora tudo iria mudar e ele iria servir esse poder e essa riqueza até quando isso lhe fosse conveniente. Tinham-se acabado para ele os sermões em barracas batidas pelo vento em que se arrecadavam magras moedas, os espetáculos forjados de “jesuítas arrependidos” levados a Belfast, os estratagemas de encenar falsas missas negras para aterrorizar o seu rebanho, os truques das curas milagrosas, os raptos de meninos católicos que tinham visto a luz por intermédio dele, as viúvas enganadas, os seus falsos diplomas de Teologia. Daquele dia em diante, só pregaria em belas igrejas e aqueles graúdos todos

aprenderiam a respeitá-lo ou melhor, a temê-lo.

Estão olhando para mim, pensou ele, e estão estranhando que eu tenha alguma coisa para dizer-lhes. Bem, não perdem por esperar, meus queridos.

— Vou ceder o púlpito hoje para a mensagem do Dia dos Aprendizes ao Irmão Oliver Cromwell MacIvor, que veio especialmente de Belfast para esta importante ocasião — disse o bispo anglicano e, em seguida, se retirou do púlpito.

Oliver Cromwell MacIvor levantou-se. O seu tamanho e a sua aparência juvenil provocaram um murmúrio de surpresa. Avançou ele lenta e deliberadamente para o seu destino. Frederick Murdoch Weed levantou

rapidamente o polegar, bateu nos ombros de Roger e piscou os olhos.

O traje de MacIvor era de um corte severo, no estilo de cem anos antes, de um frugal pregador escocês, impregnado do zelo e da piedade da Reforma. Percorreu com os olhos o seu público, manobrando-o com gestos teatrais. Quando toda a atenção se concentrara nele, começou a trovejar...

— O satanismo domina! — A sua voz ressoou, rolando em ondas sobre a congregação, espantando a todos. — A história nos mostra um ciclo repetido de satanismo e de renascimento da fé... de satanismo e de renascimento. Desde a grande Reforma, tem havido uma luta constante contra o mal e, sempre que somos levados à beira do abismo, os

anjos têm vindo salvar-nos e restabelecer a pureza de nossa terra.

As dúvidas se dissiparam. Proferia as palavras com deliberada entonação, com um acento que era inteiramente uma invenção de O.C.

MacIvor. Com grande força, fez uso de um fascinante folclore, opondo o bem da Reforma ao mal católico, no jogo de reis e rainhas em luta pelo trono inglês. Roger pensou que havia muito pedantismo em tudo aquilo, mas teve surpresa com a maneira pela qual ele conseguia empolgar a assistência.

— Quando os demônios do Vaticano tentaram mergulhar-nos nas trevas, Oliver Cromwell jorrou como uma grande fonte de santidade e purificou a terra eivada de pecado.

MacIvor desceu do púlpito, caminhando de um lado para outro diante do altar, voltando-se para os dignitários, torcendo as mãos e inclinando a cabeça em sinal de humildade pessoal, invocando a raiva celeste, abrandando-se para tomar todos os presentes como amigos e iguais e, logo depois, repelindo-os... Deixou a todos na incerteza... Iria atacar ou ser brando? Louvaria ou condenaria? Tudo parecia ao alcance dos seus poderes, um poder excepcional, que podia atrair, triturar e acalmar.

— Onde Roma tem o poder, o ar cheira mal e há depravação nas ruas.

Roma é uma cloaca! O papado significa a noite eterna, a destruição da democracia e da liberdade!

A voz dele desceu das alturas,

quebrando-se numa suavidade que forçou todo o mundo a apurar o ouvido. Nesses trechos quase sussurrados, Oliver Cromwell Maclvor deixava escapar fragmentos de confidências, segundo os quais ele tinha um relacionamento especial com o Senhor e a sua pessoa era o melhor, talvez o único, caminho de alcançar a redenção. Toda a sua longa aprendizagem vocal e dramática e a sua excursão por um circuito evangélico no Sul dos Estados Unidos produziam naquele momento os resultados desejados.

— Agora, amigos — disse ele em voz bem mansa na quietude das minhas meditações, tenho pedido uma orientação e em certos momentos recebi comunicações inconfundíveis. Sei de uma coisa, meus amigos. Sei por que estão

aqui. Sabem porventura por que estão aqui? Julgam que é um acidente?

Fez uma pausa e apontou para alguém no meio da Catedral.

— Sabe?

Apontou então para Roger Hubble, — Sabe?

Tanto Roger quanto o Bispo ficaram vermelhos. MacIvor esmurrou o púlpito agora que tinha selecionado entre eles um homem poderoso.

— Deus me falou esta noite e me revelou que este é o seu povo eleito.

E Deus me disse que ordenasse a este seu povo que salvasse a sua mais nobre criação, a Reforma! Erguei-vos, guerreiros de Deus, erguei-vos!

Lágrimas chegaram aos olhos de Oliver Cromwell MacIvor.

— Como Deus escolheu bem o campo de batalha! O cerco de Derry em 1689 não foi um momento vão da história. Deus trouxe para dentro dos muros de Derry protestantes simples, honestos, laboriosos e piedosos, gente da Reforma, e disse: "Esta é minha causa". Deus fez aqueles treze santificados aprendizes fecharem a porta no rosto do exército papista. E

dentro dessas sagradas muralhas ensanguentadas, filhos morreram nos braços das mães, mães morreram nos braços dos maridos e velhos nos braços dos moços. Milhares dos nossos amados ancestrais morreram ante o cruel e inumano ataque papista. Os jovens, angélicos de alma e puros de coração, levantavam os olhos para Deus e suas últimas palavras eram em louvor de Deus.

Apesar da traição do apóstata Lundy, que entrou em negociações com o inimigo, eles se recusaram à capitulação. Apesar da fome, apesar da crueldade do vento e da chuva... eles sabiam que tinham de resistir e lutar a batalha de Deus. E Deus olhou para eles e disse: "Sim, sois meus e eu sou vosso". E foi Deus que quebrou o bloqueio dos troncos no rio, terminando o cerco e libertando seu povo!

Pela primeira vez naquela venerável igreja, houve palmas e gente que dava saltos no ar.

— E mais tarde, meus amigos — continuou MacIvor, navegando nas ondas do entusiasmo que ele mesmo criara — no Boyne, onde o apóstata James e sua turba papista se encolhiam à espera da batalha, nosso amado Rei Guilherme, ferido na

mão direita, empunhou a espada com a esquerda e num corcel de alabastro embrenhou-se sem medo nas fileiras inimigas.

James, trêmulo e acovardado, deu as costas e fugiu com toda a sua turba, terminando para sempre o domínio de Roma!

— Aleluia!

— Viva o Rei Billy!

— Lembrem-se das muralhas de Derry!

— Jesus! Eu vejo... *Jesus!*

A gritaria se elevou de todos os cantos da igreja até que ele, levantando as mãos, fez parar tudo de súbito. Censurou então os recuos do povo e o abandono em que tinham deixado o seu antigo encargo.

Orquestrou então uma censura que

transformou os gritos de aleluia em soluços e gemidos. Era chegado o momento em que ele, MacIvor, os levaria de novo para o caminho da retidão. Os Hubbles, pai e filho, estavam envergonhados com o domínio que o homem exercia sobre todos eles.

MacIvor preparou-se para o momento supremo de sua grande ária.

— Somos os herdeiros das magníficas vitórias de Boyne e Derry.

Nossa liberdade, nossos costumes protestantes decentes e limpos, nossa posição privilegiada, nosso Parlamento, tudo isso foi santificado pelas sagradas águas do Boyne! Deus abençoe nosso salvador Guilherme de Orange, que nos legou liberdade... justiça... e santidade... Glória, Glória, Glória!

— Salvai-me, Jesus!

— Estou de volta, Pai!

— Aleluia!

— Deus abençoe o Irmão MacIvor!

Enquanto os gritos e as exclamações reboavam pela Catedral, O. C.

MacIvor subia e descia pelo centro da nave dando bênçãos, tocando em mãos que se estendiam e gritando banalidades, até que voltou para o púlpito e abriu as mãos como para abranger nelas todos os filhos que acabava de ganhar.

— Rezemos — disse ele, com grande alívio para o Bispo.

O rebanho se levantou lentamente e de pernas bambas, em torvelinhos de medo e adoração. O sangue justo dos homens fervia enquanto as flores de papel dos chapéus das mulheres tremiam quando

elas baixavam as cabeças.

— Visitai-nos agora, Senhor. Vós me prometestes. Somos Vosso povo e estamos terrivelmente inquietos. A nuvem negra do papismo desceu de novo sobre o nosso amado Ulster. No mesmo momento em que aqui estamos para Vos pedir pela nossa democracia, pela nossa liberdade, pelos nossos modestos costumes cristãos e por nossa amada Rainha, agentes do Papa planejam a nossa extinção até aqui nesta nossa sagrada cidade de Londonderry. Senhor, abençoai os soldados cristãos e dai-lhes forças para a imortal batalha contra os males satânicos dos ímpios papistas... Amém, amém.

Conor e eu tínhamos ouvido tudo. Havia uma abertura na torre que dava bem

para o coro. Ficamos ali encolhidos e de vez em quando arriscávamos uma olhada. Afinal, resolvemos sair e descemos os degraus da torre, com todo o cuidado para que os degraus não estalassem.

Devagar, devagar, em torno da torre, chegamos afinal embaixo. Peguei a maçaneta. A porta fora trancada! Nossa Senhora! Conor experimentou e viu que estava mesmo trancada. Havia outra porta, mas nós tínhamos certeza de que ela levava para o interior da Catedral, logo atrás do altar.

— Vamos esperar até que todo o mundo saia da igreja — disse eu.

— Não adianta. Eles podem fechar a outra também e, neste caso, vamos morrer na torre.

— Estou com medo!

Ter medo não resolve nada. É muito melhor usar a cabeça.

*Meus olhos viram a glória Da chegada do Senhor.*

*Ele treme nas folhagens Onde as vinhas da ira estão.*

— Sei que podem cantar a glória de nosso Deus com mais entusiasmo!

— gritava aquele terrível pregador. — Cantem para que Ele possa ouvi-los!

Cantem para que Ele possa vir até ao Ulster a fim de nos salvar! Cantem, cantem, irmãos!

— Conor — disse eu — prefiro esperar e ver se encontramos alguma saída depois.

— É possível — disse Conor — mas

como poderemos encontrar a saída no escuro?

— Sabe que estou com medo, Conor?

A decisão foi tomada independentemente de nós quando um zelador curioso, que devia ter ouvido as nossas vozes, abriu a porta da torre. Era um homenzarrão. Devia ter mais de dois metros de altura e nos bloqueava totalmente o caminho.

— Vamos correr! — disse Conor, abrindo a outra porta. E ali estávamos como cordeiros de sacrifícios num altar anglicano.

*Glória, glória, aleluia!*

*Glória, glória, aleluia! Glória,  
glória, aleluia!*

*Sua verdade vem chegando...*

A voz do pregador pareceu fazer estremecer a igreja.

— Lá em cima, estio cantando melhor do que aqui embaixo! Como é?

Vão permitir isso, meus irmãos! Cantem, cantem todos!

Nesse momento, fomos esbarrar nele e, antes que alguém pudesse saber o que estava acontecendo, descemos pelo altar abaixo e as mulheres gritavam como se fôssemos dois ratos a correr por uma cozinha. Conor desceu pelo centro da nave e eu ia colado aos seus calcanhares.

— Agarrem esses dois!

Um velho sacristão ou o que fosse lá, com uma faixa laranja, surgiu bem à nossa frente. Conor Larkin curvou o corpo e deu-lhe uma cabeçada na barriga que o fez

cambalear e arfar desesperadamente encostado à porta. Passamos por ele, descemos o vestíbulo e os degraus da entrada.

— Procure ser natural — disse Conor.

Conseguimos ainda avançar alguns passos, mas dentro em pouco a multidão que estava na igreja se fechou sobre nós, gritando como se tivéssemos roubados os castiçais de ouro da Catedral. Fugimos como estrelas cadentes do verão pelo céu do norte, ziguezagueando entre os grupos de bêbados e festeiros. Felizmente, os reflexos deles não eram tão rápidos quanto os nossos. Chegamos à Porta do Bispo em vertiginosa velocidade, pondo distância entre nós e a turba da Catedral. Graças a Deus, a partir daí, o caminho era de descida.

Tropecei! Bati o rosto com toda força no chão e, quando quis levantar-me senti a cabeça rodar e não tive fôlego nem para gritar o nome de Conor, Tentei andar de gatinhas e tive o pavor de ver Conor desaparecer.

— Cachorrinho papista sujo!

Encolhi-me da melhor maneira. Pensei que ia quebrar todas as costelas de tanto pontapé que levava. Devo ter caído a fio comprido porque olhei para cima e vi um homem que se curvava para mim dando socos e me sacudindo ao mesmo tempo. No momento em que eu estava pensando que nunca iria crescer para ter uma barba, avistei Conor que tinha uma grande pedra na mão. Jogou a pedra e os socos pararam porque o homem caiu desacordado ao meu lado.

Conor me ajudou a levantar. Vi então o homem. Estava com o; rosto cavado para dentro e escorria-lhe sangue da boca e do nariz. Conor me amparou e eu tentei fugir mancando.

Vinha muita gente gritando atrás de nós e algumas pedras vinham bater aos nossos pés. Conor caiu. Tinha levado uma pedrada nas costas.

Foi a minha vez de ajudá-lo a levantar-se e continuamos a correr tropeadamente com os nossos perseguidores cada vez mais perto... Oh, Deus! Mãe! Papai! Vamos morrer, Conor...

E então um milagre aconteceu! De repente, a multidão parou e começou a recuar. Vi que estavam jogando pedras nela. Mas eram boas pedras católicas do

Bogside que nos protegiam! Não tínhamos tempo a perder e corremos para lá.

Ofegantes e chorosos, fomos acolhidos pela comunidade e tratamos de entrar numa casa para recuperar-nos, beber água e arranjar uma boa história para contar a nossos pais. Eu não sabia o que podíamos dizer.

Estávamos ambos ensanguentados e com as roupas em frangalhos.

Pensamos em fugir e depois escrever uma carta. Talvez pudéssemos emigrar para Boston. Acho que ficamos ali durante uma hora até um padre chegar e nos levar para a casa de Kevin O'Garvey.

Ficamos diante de Tomas quase tão apavorados como quando tínhamos fugido da Catedral.

— Uns garotos descobriram que nós

tínhamos dinheiro no bolso e um grupo deles...

— Deviam ser uns dez ou doze.

— Alguns bem crescidos.

— Vieram atrás de nós com cacetes...

— E facas.

— Um deles tinha até uma pistola.

— Têm certeza de que foi isso o que aconteceu? — perguntou Tomas.

Conor baixou a cabeça e murmurou alguma coisa.

— Que foi que você disse, Conor?

Conor repetiu mas, ainda assim, o pai não o compreendeu.

— Quer repetir tudo de modo que eu possa ouvi-lo?

— Entramos na catedral protestante — disse Conor e nós dois começamos a chorar.

— Muito bem. Vão buscar duas varas, voltem e baixem as calças.

Obedecemos, inclinamo-nos sem as calças e esperamos. Tomas parecia ainda pior do que era, como sempre acontecia quando estava zangado. Segurou a vara e se aproximou. Creio que, dessa vez, até Conor estava rezando, — Estão arrependidos? — perguntou Tomas.

— Estou, sim — disse eu. — Estou mais arrependido do que nunca!

— E você, Conor Larkin?

— Não, Papai. Só fiquei triste porque a igreja deles é muito cheia de maldade.

Podia ouvir-se o suspiro do homem por todo o Bogside. Depois, Tomas jogou a vara para o lado e se sentou no feno, combatendo as lágrimas com uma estrondosa gargalhada.

— Vocês parecem apavorados. Abotoem essas calças e venham cá.

Não creio que coisa alguma me tenha parecido mais agradável e quente do que ficar sentado no colo de Tomas Larkin com o seu grande braço passado por mim.

— Ah, agora vocês sabem. Àquela turma lá de cima é tão ruim que é capaz até de fazer um homem voltar à fé católica.

Na Catedral, o Reverendo Oliver Cromwell MacIvor deblaterava contra a profanação da igreja pelos dois pequenos demônios papistas.

Exasperando a congregação até o delírio, levou-a para fora da igreja, indo à frente a cantar com sua voz retumbante de barítono *Avante, Soldados Cristãos*. A

multidão o seguia a cantar com raiva. MacIvor levou todos até à praça e ali oficiou um serviço ao ar livre, com uma oratória em que aludia ao fogo do inferno, e onde as suas palavras eram como os espetos dos demônios vingativos. A multidão tornou-se uma turba alucinada e começou a reclamar o sangue papista. Saíram da praça à procura de um lugar onde pudessem dar vazão à sua raiva, primeiro correndo a esmo e, depois, tomando iradamente a direção do Bogside.

# 12

Meu pai entrou correndo no estábulo de O'Garvey, a gritar agitado que os protestantes tinham enlouquecido. Tomas e Fergus foram encarregados de ir fazer a comunicação ao Comitê de Defesa do Bogside, que tinha sido mobilizado para o Dia dos Aprendizes. Conor e eu teríamos de ir até ao centro do Bogside, onde haveria mais segurança. Só então tomamos conhecimento da agitação que havia lá fora.

— Vou com meu pai — disse Conor.

Fergus O'Neill era talvez o homem mais gentil que vivia em Inishowen. Pela primeira vez em minha vida, vi Papai gritar com alguém.

— Você irá para um lugar seguro com Seamus! Chega de fazer tolices no dia de hoje! Vão andando, vocês dois!

Conor não saiu do lugar. A resposta estava escrita em seu rosto, que era uma máscara de completa obstinação.

— E nada de tomar as dores dele, Tomas! Não vou deixar esse garoto quebrar a cabeça por aí para depois eu ter de dar explicações a Finola.

— Espere aí, Fergus, eu...

— Não, não e não! Ninguém me vai convencer do contrário!

— Você terá de amarrá-lo e levá-lo daqui — disse Tomas. — Não vou dar ordem a um filho meu de acovardar-se e fugir numa hora destas!

Vendo que os dois estavam contra ele, meu pai atirou-se em cima do feno e pôs

as mãos na cabeça.

— Mairead bem me pediu que não trouxesse os garotos para Derry. E

eu prometi a Finola por todos os santos que não deixaria nada de mal acontecer. Não se esqueça, Tomas, de que há uma multidão lá fora disposta a nos linchar.

— A multidão estará sempre à nossa procura, Fergus. Se Conor não a enfrentar hoje, ela estará aí amanhã também.

Meu pai torceu as mãos desesperadamente.

— Tire esse peso então de cima dos meus ombros, Tomas. Eu assumi a responsabilidade e depois vou ter de viver com aquelas duas mulheres.

— Eu vou com meu pai — tornou a dizer Conor.

— Oh, Jesus! — murmurou meu pai.

Eu nunca me distingui pela coragem, exceto nas ocasiões em que Conor estava comigo. Não me agradava a ideia de desobedecer a meu pai e de enfrentar aquela multidão alucinada de protestantes... mas há momentos em que um menino tem de proceder como um homem. Se eu o deixasse naquela ocasião, como poderia depois viver perto de Conor?

Entendem o que eu quero dizer, não entendem? Fechei os olhos, cerrei os punhos e exclamei: — Se me levarem para um lugar seguro, vou fugir para ficar ao lado de Conor. Sei jogar pedras tão bem quanto qualquer outro garoto de Ballyutogue. Perguntem a Conor.

Nesse momento, Kevin O'Garvey

falou.

— Convém irem logo falar com o Comitê de Defesa. A coisa está ficando feia lá fora e é preciso deixar esses garotos em segurança.

Houve silêncio durante muito tempo.

— Santos e mártires — disse afinal meu pai, — É só o que conseguimos produzir neste país, santos e mártires. Deus nos proteja, Tomas, se o que estamos fazendo estiver errado.

— Eu sei — disse Tomas.

— É melhor irmos todos juntos — disse meu pai. — O Comitê de Defesa fica em William Street.

Sáímos do estábulo juntos, como tínhamos vivido o tempo todo.

William Street ficava fora dos muros da cidade e era uma artéria principal de

ligação entre o Bogside e o centro comercial da cidade, perto do cais. O Comitê de Defesa sabia por experiência que William Street era sempre uma via de acesso a Bogside quando havia distúrbios. Fomos mandados para a esquina de William e Rosville, onde uma barricada improvisada de carretas viradas e trastes velhos estava sendo armada.

Conor e eu nos unimos a um grupo de garotos que juntavam pedras soltas e que depois começaram a tirar as pedras do calçamento. Ao mesmo tempo, Tomas e Fergus trabalhavam a algumas quadras de distância evacuando os velhos em várias ruas. Eram pessoas fracas e incapazes de defender-se. Tradicionalmente, eram as primeiras vítimas.

Bowie Moran, um veterano no

Bogside de meia dúzia de ataques, era o comandante de nossa barricada e dava ordens como um general da Coroa.

Quando nossos pais voltaram, a nossa muralha parecia imensa e a pilha de pedras que havíamos juntado estava bem alta. Havia algumas dezenas de homens e garotos, muitos armados de cacetes, e a impressão geral era de que estávamos em segurança.

Por um instante, houve um murmúrio quando alguns contingentes da polícia chegaram a William Street.

— Não confiem nisso — disse Bowie. — Vão desaparecer como as tetas de um porco quando a luta começar.

Em dado momento, senti o coração pequeno. A negra massa de humanidade que tínhamos visto horas antes estava

desembocando impetuosamente do Strand e enchia a rua de um passeio ao outro. Como Bowie Moran tinha dito, não se via mais um só polícia. A gritaria que fazia aquela gente era ainda menos humana do que as suas comemorações anteriores. Muitos dos homens carregavam cabos de machados ou aduelas de barril com grandes pregos na ponta. Arrebentavam as vitrinas, puxavam as mercadorias para o meio da rua e tocavam fogo em tudo.

Aproximavam-se da nossa barricada, sem que nenhum dos lados atacasse. Primeiro, invadiram as casas evacuadas, arrombando as portas.

Dentro em breve, a fumaça dos incêndios empestava o ar. Alguns dos nossos homens queriam sair da barricada e ir atacá-los, mas Bowie os conteve.

Disse que a polícia estava justamente esperando de emboscada para prender os nossos homens que se desgarrassem.

Ao anoitecer, todas as lojas católicas nas vizinhanças de William Street estavam em ruínas e todo um quarteirão de trinta casas tinha-se incendiado por completo. Depois de atacar essas propriedades sem defesa, voltaram-se contra a barricada e avançaram, jogando pedras e gritando.

— Morte aos cães papistas!

— Abaixo os rendeiros!

— Abaixo o Papa!

— Morte aos traidores!

A essa altura, para dizer a verdade, mijeí nas calças e desejei que Fergus tivesse convencido Tomas a tirar-nos dali mais cedo. Era como...

bem, como se fosse uma espécie de

sonho... Ondas e ondas de homens avançavam e nos bombardeavam.

— Bombas de garrafa! — gritou Bowie.

Tudo o que era combustível na barricada ficou em chamas e nós recuamos um pouco, tossindo e tentando apagar o fogo. Uma fuzilaria de pedras caiu bem no meio de nós! Corri para meu pai que tinha caído e fiz força para levantá-lo. Fui tomado de verdadeiro terror quando vi Tomas Larkin estendido no chão com o sangue a escorrer-lhe da cabeça. A onda negra já estava no alto da barricada e as pedras se cruzaram no ar de um lado e do outro. Alguns homens puxaram meu pai e Tomas para um ponto mais seguro. Quando os homens de Orange penetraram em nossa barricada,

foram recebidos com tijolos. Havia sangue na rua por todos os lados e viam-se homens que corriam com as mãos na cabeça, gemiam, caíam ou lutavam desvairadamente.

Conor estava ao lado de Bowie, lutando como dez homens, e devo dizer que também eu não estava fazendo má figura com as pedras que jogava. O inimigo foi repellido, mas voltou a atacar.

Tomas Larkin, embora estivesse quase morto, foi para a frente e começou a agarrar protestantes pela cabeça e a derrubá-los do outro lado.

Parecia demente e nos contagiou a todos, pois pulamos a barricada e começamos a perseguir os inimigos pela rua afora. Havia dezenas deles estendidos pelos passeios, feridos. Os protestantes se

reagruparam e atacaram de novo, o que nos obrigou a voltar para trás da barricada.

Fomos salvos por um pelotão do Comitê de Defesa que era perito em atiradeiras e infligiu terríveis danos ao inimigo.

Embora a nossa posição não sofresse mais um ataque em massa, ouvíamos o barulho de vidros quebrados, acompanhado de gritos até que a escuridão nos trouxe uma nova espécie de terror. A noite passou com exasperante lentidão, cheia de insultos e ataques fortuitos dos homens de Orange. Do alto das muralhas de Derry, descia uma torrente de pedras e archotes acesos sobre Bogside, incendiando mais algumas ruas de cabanas.

Os protestantes conseguiram fazer penetrações momentâneas em outras barricadas, mas o pelotão volante de homens com atiradeiras não lhes deu sossego.

Durante toda a noite, soldados ingleses tinham ficado nos seus quartéis do outro lado do rio. Foram ainda mais inúteis do que a polícia.

Os soldados só se movimentaram ao romper do dia, quando foi evidente que o Comitê de Defesa do Bogside havia repellido o ataque dos homens de Orange. Parece que ninguém tinha esperado isso. Quando as autoridades contaram as baixas, apuraram que eram maiores do lado protestante e a brincadeira foi encerrada.

A William Street estava juncada até à

altura dos tornozelos de vidros quebrados e destroços e o estado de outras ruas que levavam ao Bogside era pior ainda. Oitenta casas tinham sido incendiadas. Os católicos tinham cinco mortos e centenas de feridos. O exército e a polícia interditaram o Bogside e assim ficaram certos de que ninguém sairia dali para ir atacar os bairros protestantes.

O mais triste de tudo era a cara de nossos pais. Tinham-nos levado a Derry para mostrar-nos o ódio dos homens de Orange, mas não tinham esperado aquilo. Estavam confessando que aquele era o nosso legado, o desmoronamento de todos os sonhos, que era a realidade fundamental da Irlanda.

Quanto a Conor e a mim, foi nesse momento que perdemos para sempre a

nossa inocência.

# 13

A reação aos sermões do Reverendo MacIvor foi irresistível, tanto na Catedral quanto depois, numa reunião de incitamento ao ar livre, na praça.

Tudo isso constituiu a injeção estimulante necessária em face da crescente ameaça dos rendeiros, a reafirmação da antiga causa e o toque de clarim de convocação para uma cruzada.

MacIvor era um fundamentalista intransigente, um pregador cheio de ardor e entusiasmo, um eleito de Deus, um santo homem. O Major Hamilton Walby, que tinha outrora desdenhado essa espécie de evangelismo, percebeu o impacto de sua inspiração e compreendeu que tudo

poderia ser transformado num importante trunfo político, desesperadamente necessário. Walby implorou a MacIvor que ficasse no distrito para realizar mais algumas reuniões. O. C. MacIvor concordou, pois estava tratando de fazer empréstimos espirituais para serem no futuro cobrados com altos juros.

Na ocasião em que os distúrbios começaram, as famílias Hubble e Weed estavam em segurança na Mansão. Lorde Arthur partiu para Daars nessa mesma noite a toda pressa.

Durante dois dias antes das comemorações do Dia dos Aprendizes, Lorde Roger e Sir Frederick tinham estudado as linhas gerais de um plano para ligar Londonderry a Belfast, caso o Ulster no futuro se separasse da Irlanda,

Essas ideias foram aceitas como um caminho para posteriores negociações.

Então, uma certa frieza se estabeleceu entre eles. Roger se aborrecera evidentemente com a ausência de Caroline. A ideia de que ela estivesse a divertir-se em Paris era irritante. A irritação chegou ao máximo com os acontecimentos extremamente desagradáveis do Dia dos Aprendizes e Weed tivera grande participação na orquestração deles.

Sir Frederick sentiu que as suas delicadas conversações com Roger podiam naufragar e resolveu pegar o touro à unha antes de voltar para Belfast.

Uma hora antes da partida, estava na sua suíte à espera de uma abertura. Roger não lhe dava essa abertura e o tempo

estava correndo.

— Escute aqui — disse Weed. — Tenho a impressão de que alguma coisa o está aborrecendo e não quero sair daqui sem a certeza de que o nosso entendimento é perfeito.

— Não há nada, nada mesmo — disse Roger.

— Deixe disso. É claro que não está satisfeito com alguma coisa. É por causa de Caroline?

— Nada disso — apressou-se em dizer Roger.

— Que é então?

— Acho melhor sermos francos para que possamos continuar o nosso diálogo. Estou inquieto com esse pregador que o senhor trouxe para cá e alarmado com os distúrbios que ele provocou.

Weed sorriu.

— Se eu estivesse no seu lugar, não me aborreceria com isso. Deve ouvir os elogios que lhe estão fazendo.

— É justamente isso que mais me aflige. Há motivo de regozijo por tanta violência.

— O povo está entusiasmado, Roger. Ouviu o que queria ouvir e já não se sente tão abandonado.

Roger sacudiu a cabeça.

— Isso tudo dá muito que pensar. Estão tratando o homem como se fosse um Messias. Deus do Céu, onde foi que encontrou essa horrível criatura?

— Sabe como é em Belfast — disse Weed. — Qualquer pessoa com dons oratórios e dez libras na mão pode arrendar uma tenda e ser aprovado como

batista, presbiteriano, metodista ou o que for em questão de alguns meses.

— O homem incitou o povo a graves desordens — disse Roger.

— Foi lamentável. Roger, não quero parecer presunçoso, mas você agora está dando os primeiros passos em matéria de política. Como você nem sabe, o estado de espírito aqui na província ainda está incubado, isolado e estéril. Você já sentiu a necessidade de participar da luta para salvar o Ulster, mas não creio que compreenda que nesta altura dos tempos não podemos mais apelar para os militares toda vez que temos problemas. Gladstone e todo esse horrível liberalismo modificaram tudo.

Temos de depender das massas populares, por mais repugnante que isso

possa ser. Nossa base de poder é a unidade protestante, a Ordem de Orange, se assim quiser. O que falta em cultura e complexidade ao nosso bom povo do Ulster sobra em piedade presuntiva. É uma espécie de mentalidade simples que tem de ser mantida em contentamento com algumas migalhas do Jesus antigo espalhadas na sua alimentação diária.

MacIvor, por mais repulsivo que lhe possa parecer como a mim me parece, sabe dizer exatamente o que o povo quer ouvir e não há melhor maneira de manter este povo unificado do que colocá-lo num estado de justa indignação... o Santo Graal... a cruzada... e todas essas incoerências.

Um criado entrou para dizer que o trem particular de Sir Frederick estava

entrando num desvio perto da Mansão, Roger mandou o homem sair e, depois, passou a mão pelos cabelos irritado.

— Pode ser que essas coisas deem resultado em Belfast, mas não posso concordar com o emprego deliberado da violência, aqui.

Sir Frederick levantou-se da sua cadeira e encaminhou-se para Roger, colocando a mão no ombro dele.

— Queira ou não queira, os homens como Oliver Cromwell MacIvor são as armas mais poderosas do nosso arsenal.

Roger olhou-o com evidente ansiedade.

— Por acaso já pensou no que aconteceria se Oliver Cromwell MacIvor resolvesse tomar conta de tudo?

Weed riu.

— Não há perigo. Ele está completamente sob meu controle, completamente vigiado e sabe muito bem disso.

— Por enquanto, talvez. O senhor mesmo acha que ele é um demônio astucioso, ambicioso, impiedoso e inteligente. Observei-o atentamente durante três dias. Ele nos odeia. Até há dois dias, ele não sabia que caminho ia tomar para chegar à Mansão Hubble ou à Catedral de Londonderry. Odeia-nos porque sabe que não nos deixamos enganar por ele, nem por sua lengalenga e sabe também que só o usamos para servir aos nossos fins. Mas tenho certeza de que no fundo daquele cérebro retorcido, negro e mesquinho há a vontade de ganhar o jogo por inteiro e tomar conta de tudo.

— Está sendo um pouco dramático, não acha? Feitas as contas, ele não passa de um agitador com talento. Se algum dia houver necessidade de uma escolha, o povo terá bastante bom senso para ficar conosco. O

povo sabe de que lado estão os seus interesses.

— E acha que realmente o povo tem bom senso? — perguntou Roger.

— Ouviu as imbecilidades em que o povo pode acreditar. Faz medo até pensar no apelo hipnótico que ele tem sobre o povo e que poderia ser voltado contra nós.

— Meu caro Roger, asseguro-lhe que nunca chegará o dia em que os militares e os industriais não possam controlar um MacIvor. Só o usaremos enquanto ele

servir aos nossos fins.

— Quero também assegurar-lhe com a mesma seriedade que, depois que ele se firmar no poder, o senhor vai achá-lo muito perigoso. Ele terá o povo nas mãos e nós nada poderemos fazer. O senhor o favorece atualmente porque acha que assim serve à causa do Ulster. Francamente, acho que está brincando com fogo.

Sir Frederick fez florir o seu mais cordial sorriso.

— É claro que estou brincando com fogo. Que é a vida do Ulster senão isso?

Roger continuou nervoso até que os criados chegaram para levar a bagagem de Sir Frederick. Weed jogou o charuto na lareira.

— A colonização não é uma empresa

fácil, mas veja o que temos em jogo na Irlanda. Vai desistir ou fazer o que é necessário?

— Ainda que o preço seja muito alto? Estamos conscientemente fazendo uma aliança repugnante atrás de outra com alucinados como MacIvor a fim de perpetuar um mito arcaico da Reforma para controlar a massa e estamos deliberadamente usando o ódio e a violência como armas políticas.

— Ora — disse Weed — viemos fazendo isso há séculos, — E vamos criando uma raça mongoloide. E isso que me assusta...

esses homens do Ulster com o seu delirante fervor religioso. Isso é contrário ao bom senso.

— Ora, tudo aqui é contrário ao bom

senso — disse Frederick Murdoch Weed. — Se é isso o que temos de fazer, não hesitemos, a menos que você tenha outro meio de conservar o condado como parte do Ulster e o Ulster como parte da Inglaterra.

Roger abriu os braços.

— Às vezes, penso que nos estamos pouco a pouco estrangulando nos véus de nossa própria intriga.

Seguiram pelo comprido corredor e desceram as escadas. Sir Frederick agradeceu ao pessoal que o tinha servido, cumprimentou o mordomo e o chefe das cozinhas, deixando um envelope em sinal de seu agradecimento.

— Precisamos de você no partido — disse Weed. — Espero que continue a manter contato conosco.

— Para manter a união... pode contar comigo.

— Não se preocupe muito com os distúrbios, Roger. Afinal de contas, é um nobre esporte enquanto eles acreditarem que o sangue é derramado numa causa justa. Que mal há nisso?

— Boa viagem — disse Roger, fazendo sinal para o cocheiro.

Viu a carruagem passar por entre as longas filas de choupos e sair pelo portão principal.

# 14

Tenho visto muitas batatas com melhor cara do que tínhamos Conor, eu e nossos pais. Estávamos com o corpo dolorido e cheio de contusões.

Nem Conor, nem eu podíamos levantar o braço direito da força que tínhamos feito para jogar as pedras. Os dias seguintes foram cheios de trabalho. Foi preciso desarmar as barricadas, limpar tudo e levar os desabrigados para abrigos comunais, onde eram socorridos. Foi um tempo de lágrimas e de raiva. Realizaram-se funerais de mártires para os cinco católicos assassinados. O Bogside em peso acompanhou os caixões, com trágica solenidade e discursos inflamados.

Havia soldados ingleses por toda parte e homens de Orange nos observavam enquanto remexíamos as cinzas numa calma tentativa. De Bishop Street de Fora a Iniscarn Road e de William Street a Brandywell, os rapazes do Comitê de Defesa do Bogside guarneciam todo o perímetro.

A reunião que tinha sido o motivo de nossa ida a Derry fora adiada em vista dos distúrbios, o que era uma boa coisa, pois nós quatro não estávamos em condições de enfrentar as mulheres em casa.

O velho Hospital Real, que ficara famoso ao tempo da Grande Fome, entre Bligh Lane e Stanley's Walk, estivera muito tempo abandonado até que a falta de um auditório decente no Bogside levou um

consórcio de organizações a empreender a sua remodelação. Recebeu o nome de Salão Celta e se tornou um centro da vida comunal, servindo de sede ao Partido Irlandês e à Liga Rural. O auditório era pequeno, não comportando mais que algumas centenas de pessoas, mas que espetáculo! Havia festões e bandeiras verdes com harpas douradas, e até uma pequena banda tocava um pouco desafinadamente as músicas do tempo dos levantes.

Conor e eu chegamos cedo, guardando cadeiras na primeira fila para que pudéssemos sentar-nos aos pés de nossos pais. O espírito que nos tinha defendido com tanto êxito duas noites antes se propagou infecciosamente. Kevin O'Garvey presidia a reunião com todos os

candidatos atrás dele. Quando cada um dos candidatos era apresentado, de Denegal, de Tyrone ou do condado de Derry, havia aclamações, a banda tocava e eles falavam com grande otimismo sobre as eleições. Havia relatórios oficiais dos comitês eleitorais, anúncios de futuros comícios e recolhimento de contribuições.

As coisas estavam muito animadas quando Kevin O'Garvey fez a apresentação do orador principal, um homem que tinha vindo de Dublin, chamava-se Michael Roche e estava elegantemente vestido. Dizia-se que era um elemento de categoria do partido e amigo íntimo e confidente de Parnell. Embora fosse católico, era evidentemente muito diferente dos habitantes do Bogside

e dos rendeiros de Ballyutogue. Os Roches eram uma velha e aristocrática família normanda que estivera entre os grandes condes irlandeses mas, quando ele falou, foi a nossa língua que nós ouvimos.

Incisivo, convincente, e numa voz que podia ser ouvida até à última fila, ele proclamou: — Vamos ganhar de sessenta a sessenta e cinco cadeiras e, desta vez não vamos ser jogados de lado como parentes pobres. O Partido da Autonomia da Irlanda será o fiel da balança entre os conservadores e os liberais de Gladstone e fiquem sabendo que vamos fazer o partido que estiver no poder pagar o devido preço pelo nosso apoio!

As suas palavras animaram a assistência e houve algumas interrupções

de aplausos.

— Se notarem o feitio de meu nariz e o jeito de minha voz, ficarão sabendo que eu sou apenas um *paddy*. Não se iludam com as roupas e com o nome... Sou tanto um *mick* (irlandês) quanto qualquer homem presente nesta sala e não tremo absolutamente diante de qualquer inglês, seja ele quem for. Afirmo, com base na minha experiência em Westminster, que nenhum inglês realmente chegará a compreender-nos, mas, apesar de tudo, Gladstone é o melhor cachorro da matilha. Gladstone está ciente da realidade da Autonomia. Não seremos mais um povo miserável e estranho, desprezado pelos conselhos e ministros de Sua Majestade. Sob a liderança de Charles Stewart Parnell, seremos os donos de nossos

destinos!

A verdade é que ele fez o nosso sangue ferver e foi animado por todos nós. Michael Roche enumerou o que havíamos conseguido por intermédio da Liga Rural e na nossa incessante luta contra a Coroa. Depois, exortou a legião maltrapilha diante dele a duplicar e triplicar os seus esforços no futuro imediato. Quando ele finalmente se sentou, foi aplaudido de pé.

Quando Kevin conseguiu restabelecer a ordem, deu a palavra a quem quisesse fazer perguntas. Parecia que Michael Roche sabia das respostas antes mesmo que as perguntas fossem feitas, tão inteligente ele era.

Quando tudo estava chegando ao fim, Tomas Larkin se levantou.

Houve completo silêncio porque a sua

figura era imponente, a gala era pequena e todos sabiam da sua atuação na barricada de William Street.

— Há ainda uma pergunta, que tem ficado sem resposta desde o princípio — disse Tomas. — É uma pergunta a que eu não sei responder e que, quando me é feita, é sempre desesperada. Ainda que consigamos uma Lei de Autonomia para a Irlanda, que é que pode impedir a Câmara dos Lordes de vetá-la?

— Vou responder a isso! — disse alguém nas últimas cadeiras da sala.

As cabeças se voltaram. Havia outro elegante ali. Michael Roche subiu a uma cadeira e pediu atenção.

— Senhores, muita atenção! Recebi hoje de manhã em meu hotel um telegrama de Parnell, que falava de sua preocupação

com os distúrbios que tinham ocorrido aqui. Acrescentava ele que viria a Derry logo que lhe fosse humanamente possível. Senhores! Tenho a imensa satisfação e a grande honra de apresentar meu melhor amigo, o homem para quem a Irlanda apelou e que atendeu a esse apelo. Apresento o nosso chefe...

Charles... Stewart... Parnell!

Santa Mãe, nunca pensei que um dia chegasse a vê-lo. Ali vinha ele caminhando pelo centro da sala, sereno e calmo como Jesus andando sobre as águas. Erecto! Alto! Tranquilo! Belo! Era belo como o próprio Jesus! Todos tinham subido nas cadeiras e gritavam com toda a força dos seus pulmões, enquanto, ele continuava a caminhar calmamente como se estivesse dando um passeio num dia de

domingo, a apertar as mãos que se entendiam para ele, agradecendo como um rei, o maior dos nossos chefes, exaltado pelos seus guerreiros, sem mostrar qualquer emoção.

Quando ele já estava no meio da sala, tendo à frente algumas pessoas que lhe abriam caminho, os gritos se haviam articulado.

“Parnell! Parnell! Parnell!”

Era um poderoso coro, que fazia estremecer a sala e subia diretamente para o céu. Ele subiu à plataforma e agradeceu as homenagens, que continuaram com o mesmo entusiasmo.

Parnell levantou as mãos pedindo silêncio e, no mesmo instante, podia ouvir-se até um suspiro na sala.

— Quem foi que fez a pergunta? —

perguntou ele num jeito bem inglês.

— Tomas Larkin, de Ballyutogue.

— Filho de Kilty?

— Sim.

— É uma honra para mim conhecê-lo

— disse Parnell.

Quem podia acreditar que Charles Stewart Parnell estivesse tão perto de mim que eu podia estender a mão e tocá-lo e que ele se dissesse honrado em conhecer Tomas?

— Vou dizer o seguinte a você, Tomas, e a todos os que já tiveram a mesma dúvida. Não estamos travando uma batalha de um só dia. A nossa luta não pode terminar com a aprovação de uma lei. Estamos numa guerra e essa guerra só terminará quando a Irlanda conseguir total independência. Houve batalhas travadas

por Wolfe Tone e O'Connell, batalhas pela terra e pela liberdade religiosa. Autonomia é a guerra de hoje, a estratégia de hoje nessa guerra. O que vamos conseguir nas próximas eleições é fazer da Irlanda e da questão irlandesa o ponto mais importante da política britânica. Faremos uso de todas as táticas parlamentares à nossa disposição e nos aproveitaremos plenamente da atual onda de liberalismo. Um veto, dois ou três dos Lordes só servirão para adiar, mas não paralisarão decerto a campanha pela Autonomia!

Isso era sem dúvida suficientemente claro para que até eu compreendesse. Parnell falava calma e objetivamente sobre toda espécie de problemas que lhe fossem apresentados. A sua determinação

lógica e tranquila era contagiosa. Conor tinha-o escutado de boca aberta como um filhote de águia com fome. Quando a sessão foi encerrada, foi ele o primeiro a chegar aonde estava Parnell e, embora houvesse muito movimento em torno dele, aconteceu uma coisa mágica ali diante dos meus olhos. Conor Larkin e Charles Stewart Parnell pareciam estar sozinhos na sala e falavam um com o outro sem palavras, parecendo haver uma comunhão bem profunda entre eles. Parnell estendeu a mão e apertou a mão de Conor e este fez uma careta de dor. Foi então que Parnell viu os ferimentos e as contusões. Compreendeu imediatamente.

— Você é filho de Tomas Larkin?

— Sou. E meu nome é Conor.

— Estou hospedado na Casa Donegal.

Por que não aparece, daqui a uma hora, digamos, para conversarmos um pouco?

— Não poderia fazer isso sem meu amigo Seamus.

— E claro que estou falando nos dois.

Eu estava tão nervoso que quase vomitei quando estávamos chegando perto da Casa Donegal. O vestíbulo estava cheio de gente, políticos, pedintes, visitantes, mas Michael Roche estava à nossa espera e nos fez passar à frente de todo o mundo, levando-nos à sala de Charles Stewart Parnell.

E ali estávamos sozinhos diante dele. Tive ímpetos de cair de joelhos e rezar, mas fiquei junto a Conor e tratei de responder corretamente às perguntas dele. Ele e Conor falaram durante quase dez minutos, a meu ver interminavelmente. Por

fim, Parnell apanhou alguma coisa em cima da mesa.

— Gostaria que ficasse com este livro, Conor, e de que o lesse junto com Seamus.

Conor passou a língua pelos lábios e tentou ler o título da capa.

Sacudiu então a cabeça e disse: — Não adianta me dar esse livro.

— Bem, você pretende saber ler algum dia, não é mesmo?

— Claro que sim, Sr. Parnell.

— Guarde-o para essa época. Chama-se *Os Direitos do Homem* e foi escrito por um americano chamado Thomas Paine. Há nele algumas ideias importantes que você deve conhecer.

Deixou o livro nas mãos de Conor e este baixou os olhos em que havia

lágrimas.

— Por que está perdendo tempo com um ninguém como eu, Sr.

Parnell?

Charles Stewart Parnell tocou o rosto de Conor, primeiro com uma das mãos, depois com a outra.

— É esse um dos nossos maiores problemas aqui na Irlanda. Há muito tempo que todos nós sentimos que não somos ninguém. Mas você é alguém, Conor Larkin... Está-me entendendo?

— Estou — disse ele.

Quando Conor ia saindo da sala, não pude resistir ao impulso que me fez correr até Parnell. Abracei-o e disse: — Deus o proteja, Sr. Parnell.

Ficamos acordados até tarde naquela noite, pensando naquela visita, não

querendo esquecer-nos dela. Conor folheava o livro, tentando descobrir palavras que já conhecesse.

Tarde da noite, Tomas veio ver como iam os nossos ferimentos e acomodar-nos. Estava triste. Tinha levado Conor a Derry para desiludi-lo, para mostrar-lhe as tristes realidades. Mas os olhos de Conor brilhavam.

Aquele brilho não se amorteceria pelo resto da vida e seu pai estava seriamente preocupado.

# 15

Sir Frederick bateu na porta com o castão da bengala. Caroline abriu pressurosamente. O calor do seu abraço revelou como estava satisfeita com a chegada do pai. Os tempos estão mudados, pensou ele. Nos velhos tempos, ele teria de vasculhar toda a Margem Esquerda, indo acabar num horrível quarto andar de um prédio sem elevador. Embora o apartamento do Ritz em que ela estava nessa ocasião estivesse mais de acordo com a posição de Caroline, não se podia dizer que condissesse com o seu antigo espírito boêmio. Estava pálida e parecia extremamente nervosa.

Caroline não pedira, nem deixara de

pedir que o pai fosse até Paris.

Os subtons e as entrelinhas tinham sido suficientes para levá-lo a fazer a viagem. Depois de instalar-se numa suíte, no mesmo andar do hotel e de satisfazer um desejo jamais saciado pela cozinha francesa, encaminhou-se lentamente para o núcleo do descontentamento da filha.

— Achou bons quadros, Caroline?

— Estão ficando raros, sabe? Toda a escola impressionista está sendo vitimada pelo próprio sucesso. Há agora muitos imitadores da pior espécie.

Os preços dos Corot e dos Ingres estão simplesmente escandalosos.

Weed começou a sondar mais profundamente com muitos rodeios.

— Tem-se divertido muito?

Caroline ficou irritada.

— É claro que não e você sabe muito bem disso.

— Que é que há, Caroline?

Ela foi até às portas envidraçadas, abriu-as e saiu para a varanda. O

pai a seguiu. O esplendor da Praça Vendôme e da sua colunata se lhe ostentou diante dos olhos.

— Não posso acreditar que todos os artistas tenham de repente abandonado Paris — murmurou Weed.

— Parece que todos ficaram mais velhos e eu também. Tenho achado os moços intoleráveis, pretensiosos, gabando-se de uma virilidade que ainda não conseguiram e talvez nunca vão conseguir. São, além disso, péssimos no amor. Os requintes não podem ser substituídos pela carga de cavalaria. Até

o fiel Claude Moreau passa agora a vida em hediondos cafés, que outrora me pareceram maravilhosos, a falar sobre coisas que me pareciam em outros tempos sensacionais ou espirituosas. A subida até à sua mansarda é interminável, a cama é muito dura e a água, muito fria. Por outro lado, Claude sofre de gota e mantém o pé enfaixado e suspenso numa cadeira. E ele não deixa de nutrir a doença com um consumo constante de vinho tinto barato. Tornou-se um mísero alcoólatra. Oh, Freddy, tenho sofrido tanto!

Uniram-se num profundo suspiro.

— Que é que devemos fazer, na sua opinião? — perguntou ele.

— Fugir de tudo isso, é claro.

Uma rajada de vento frio os fez voltar para a sala. As primeiras palavras de

capitulação da filha lhe despertaram uma espécie de prazer indireto, embora ele soubesse que um dos aspectos mais fortes do seu amor por ela era o respeito e a admiração pela sua independência. Na verdade, ver a filha assim derrotada lhe dava pena.

— Creio que levei toda a minha vida tentando fugir de você — disse Caroline. — Enquanto pude justificar isso, ainda que muitas vezes a justificação fosse absurda, tudo foi muito divertido. É estranho ver até que ponto todos os excessos e dissipações podem ser racionalizados. O

que me está acontecendo agora é um súbito descontentamento da vida que até aqui levei. Não sinto mais prazer em rodar loucamente no carrossel, nem em

provocar sua ira. Parece que chegou o tempo de ganhar minha passagem para outro tipo de vida e tudo indica Roger Hubble como o melhor caminho para isso.

Weed afrouxou o laço da gravata e desabotoou o colarinho, — Disse uma vez que concordaria com tudo o que você quisesse, mas não com uma coisa que a torne infeliz.

— Não é Roger Hubble que me faz infeliz, mas a ideia de que ele simboliza o fim das loucuras, a transição e a maioria de Caroline Weed.

— Julga que poderá entender-se com ele?

— Se eu me casar com ele, Freddie, será para fazer o casamento dar certo.

— Bem, creio que chegamos ao fim de um jogo que de certo modo me agradou.

Detesto dizer isso, mas houve momentos em que foi muito divertido. Gostaria de poder dizer que me sinto muito satisfeito com a sua decisão.

— Freddie, quero ganhar o direito de ter o que vou ter. A ideia é que é um pouco chocante.

— Uma vez que tudo esteja acertado, você saberá que sua decisão é justa. Hubble é um homem excepcional.

— Quer saber de uma coisa? Ele me assusta um pouco. Durante todo o tempo em que faz coisas sem importância, fica a observar-me e me deixa fazer meus jogos ridículos.

— Compreendo o que você quer dizer. O Brigadeiro compreendeu-o logo de início. Está sempre à espera dos outros, mais adiante na estrada.

Creio que no futuro nós ambos vamos precisar de Roger. Ele tem uns toques muito sutis de reserva e de delicadeza nas suas negociações, sabe compreender os tempos que estamos vivendo e tem olhos penetrantes sobre o futuro. Está sempre fazendo planos em silêncio. Não investe furiosamente contra as coisas, mas com calma, prudência e segurança. O

homem vai ser um elemento decisivo nos destinos do Ulster.

Ficaram pensando nisso e foram tomar chá.

— Agora que estou para atravessar o Rubicão — disse Caroline — posso até ficar ansiosa pela oportunidade.

— Muito bem! — disse Sir Frederick. — Mas vamos esperar um pouco, está bem?

A viagem para a Mansão Hubble foi ostensivamente arrumada para concluir formalmente as negociações que se tinham realizado entre Lord Roger e o Brigadeiro Maxwell Swan. O Dique Seco, Fundação e Oficinas Caw & Train era uma empresa modesta que atendia ao reaparelhamento e reparo dos navios que trafegavam entre Londonderry e o Noroeste da Irlanda, servindo às vezes a barcos que tinham enfrentado alguma tempestade. Sir Frederick fez uma oferta generosa pela compra dos interesses dos outros sócios, menos de Roger, o que os tornaria sócios com igualdade de direitos. A transação previa a modernização de Caw & Train que, como toda indústria de Londonderry, estava antiquada.

A compra da metade de um dique seco por Weed era mais simbólica do que prática. O gesto dava uma indicação de que Sir Frederick e os outros industriais de Belfast reconheciam o direito de Londonderry a seus próprios mercados. Além disso, constituía uma afirmação tácita de que Londonderry passara a estar unida a Belfast em qualquer plano político para o Ulster. Isso significava uma assinalada vitória para Roger Hubble e criava uma atmosfera que permitiria futuras sociedades entre as duas partes da província.

Logo que a assinatura do contrato foi formalizada, os dois começaram a pensar na possibilidade de estabelecer em Londonderry um abrigo moderno de locomotivas e uma oficina para reparos.

Isso indicava uma possível fusão de estradas de ferro numa linha de ponta a ponta do Ulster.

Embora tudo fosse feito com muita sutileza, as intenções eram muito claras e foram acentuadas pela presença de Caroline Weed. Roger recebeu isso com tranquilidade. Tudo o que havia abaixo da superfície foi tratado por ele com muitas reservas. Era a primeira vez que o pai e a filha tinham sido assim manobrados. Roger não se vangloriou disso, nem se aproveitou da situação para conseguir maiores vantagens.

A Mansão Hubble e Londonderry se apresentaram a Caroline com uma aceitabilidade apenas marginal. O castelo continha a mesma coleção de relíquias bolorentas de que ela se lembrava de

alguns anos antes. Haveria necessidade de muitas despesas e de muitos anos para tornar aquilo habitável, na sua opinião. Além disso, nada na terra poderia afastar Londonderry das províncias. Se o Ulster era um deserto cultural, Londonderry era a fornalha no chão do deserto. Representava, na verdade, alguma espécie de desafio. Remodelar a Mansão Hubble poderia ter seus aspectos agradáveis e civilizar Londonderry poderia também ser um prazer. Caroline aceitou pouco a pouco a situação, sem qualquer ideia de voltar atrás. O que surgiu como um obstáculo imprevisto foi uma falta de reação total da parte de Roger. Continuou a ser um dono-de-casa encantador, mas fechado. Caroline viu bem que ela é que tinha de ser a parte agressora.

Numa tarde, ela vagueava pelo Salão Comprido, uma parte do primitivo castelo que sobrevivera razoavelmente intacta aos incêndios e aos saques. O Salão Comprido era uma enorme caverna com vigas expostas de uma bravura quase gótica. A sua história estava traçada em grandes quadros que mostravam toda a linha da família.

— Afinal a encontro — disse Roger da outra extremidade. — Como foi que conseguiu entrar aqui?

— A porta estava aberta. Começou a chover e Freddie me ensinou desde menina que é perigoso tomar chuva.

Roger olhou para o salão úmido e sombrio.

— Parece que isto aqui precisa de um bocado de limpeza. Não creio que alguém

tenha entrado aqui desde que meu pai deixou de viver na Mansão.

— Essa gente aí chega a intimidar — disse Caroline, apontando os retratos que se estendiam por uma das paredes de cinquenta metros, que tinham dado ao salão seu nome.

— Parece uma galeria de homens procurados pela polícia — disse Roger.

Deu alguns passos e parou diante de Calvert Hubble, primeiro Conde de Foyle e patriarca da dinastia.

— Nada era pequeno em relação a Lorde Calvert — disse Roger. — Quando a principal esquadra de Elisabete aportou a Kinsale para concluir a conquista dos celtas recalcitrantes e dos normandos traidores, Calvert avançou numa longa arremetida pela costa até o estuário de

Foyle, tomando posse de todas as terras que percorreu.

Roger se balançou na ponta dos pés, enchendo o ar de gestos que Caroline tinha chegado a apreciar.

— Calvert recebeu o título de barão pelos seus serviços, o que só serviu para aguçar-lhe o apetite. O seu espírito fértil procurou convencer o Rei de que o Ulster devia ser colonizado. Comprando terra por baixo preço, estabeleceu um condado e vendeu velhos distritos completos com aldeias por quinhentas libras. Por mil libras, podia conseguir-se terra que dava para um baronato. Uma boa granja das terras do clã O'Neill tinha o preço fixo de cinco libras. Era uma oportunidade muito boa para ser desprezada e atraiu milhares de escoceses leais.

“Esse ambicioso que está vendo aí no quadro logo possuiu patentes de terras dos dois lados do rio Foyle, controlou os direitos de pesca no estuário e cobrou um tributo por todo o navio que entrasse em Londonderry ou de lá saísse. Marchando sempre para leste, Lorde Calvert criou o título de Visconde Coleraine, que eu uso com algumas apreensões.

O título se destinava aos herdeiros masculinos e se arrogava o direito sobre Coleraine e a foz do Bann como parte do condado. Foi aí que ele esbarrou nos Chichesters, que estavam apossando de terras de leste para oeste, como ele fazia de oeste para leste. Dizem que Lorde Calvert espumou de raiva no dia em que foram concedidos a Chichester os direitos de pesca no Bann e no Lago Neagh.

Parecia um lobisomem.

Caroline riu tanto que por um instante chegou a parecer o pai.

— Sem se deixar vencer pelo contratempo — disse Roger — Calvert continuou. A fim de assegurar a defesa do condado, convenceu o Rei a arrendar a cidade de Derry às corporações de Londres. A Sociedade Irlandesa foi então criada e a cidade foi chamada de Londonderry, um nome que a gente do lugar ainda não reconhece. Como administrador da primeira colônia inglesa, Lorde Calvert controlou todos os assuntos comerciais, agrícolas, militares, políticos e financeiros até morrer bem cedo, com quarenta e quatro anos de idade de bebida e mulheres.

— Tenho a impressão de que você

está querepdo escandalizar-me.

— Palavra que não — disse Roger, andando mais um pouco. — A verdade é que eu fui até generoso com Calvert. Veja aqui este retrato. É esse o meu candidato pessoal ao título de Huffee dos Hubbles. Trata-se de Sidney, o terceiro conde. Vendo essa atitude enérgica e nobre, é difícil acreditar que tenha sido um velho asmático e, apesar disso, um assombroso general. Foi o homem que Cromwell designou para o Oeste do Ulster e que, nessa capacidade, executou três dos mais famosos massacres da história da Irlanda. Como não havia dinheiro no tesouro inglês para custear as loucuras de Cromwell, os católicos foram deportados para oeste do rio Shannon e quase um milhão e meio de hectares das suas terras

foram confiscados. Lorde Sidney ficou com grande parte dessas terras. Distribuiu uma boa porção delas como pagamento aos soldados de Cromwell e assim criou um exército particular dentro do seu condado. A milícia que se originou desses soldados ganhou terrível fama e não sem razão.

O resto da família era composto de homens menores em graus variáveis. Chegaram à entrada de frente do Salão Comprido, que estava trancada desde muitos anos.

— Meu avô, Lorde Morris, o Conde da Fome, e meu pai, Lorde Arthur, o único Hubble fardado de oficial de marinha.

Caroline aproximou-se de uma grade de ferro trabalhado que cobria quase todo o vestíbulo de entrada.

— Isto é magnífico e devia ser restaurado — disse Caroline.

— Nunca pensei muito nisso — disse Roger.

Ela tocou na rude, olhou para a sua altura e disse: — Talvez eu possa fazer isso para você.

— Compreendo — disse Roger, um tanto confuso.

— Roger, você me disse uma vez que não fazia a menor ideia de como podia seduzir-me. Estou agora na mesma posição em relação a você. Com as suas evasões, você é um perpétuo enigma. Agora, que tem os Weeds comendo em sua mão, que pretende fazer?

Roger Hubble corou, evitou o olhar dela e se sentou numa cadeira de espaldar alto que parecia um trono.

— Se quer saber da verdade — disse ele — tenho pensado muito nisso.

— E a que conclusão chegou?

— Você é incrivelmente mimada, voluntariosa e dominadora e eu não quero passar o resto da vida jogando esgrima com você. Não quero olhar para seus olhos e ficar imaginando as coisas que você está arquitetando na cabeça. Para citar o bom Sir Frederick, posso muito bem viver sem complicações femininas em torno de mim. Não quero ter acessos de raiva sempre que você olhar os músculos suarentos de um trabalhador seminu.

Não me quero tomar um acrobata de alcova em competição e com receio de um bando de libertinos e sedutores desconhecidos.

A velha Caroline reagiu, levantando altivamente a cabeça, — Fique sabendo então que eu não quero seu danado título e não quero passar o resto de minha vida fazendo esta monstruosidade digna de ser habitada por seres humanos. E, por outro lado, não vejo nada de extraordinário em você!

— Tem toda a razão, Caroline. Nada aqui é tão atraente assim.

— E em Londonderry?

— Tem também razão quanto a Londonderry. Você não nasceu para viver exilada nas colônias. Deve ter notado que não há aqui um só retrato das mulheres que se casaram com os Hubbles. Todas elas foram escolhidas pelas suas qualidades de docilidade e possibilidades de criar filhos. Quanto a mim, creio que

me daria muito melhor com alguma criatura mais simples, calma e obediente.

— Imundo cachorro! — gritou ela e sacudiu a grade de ferro à procura de uma saída.

— Acho que teremos de sair pela outra porta — disse ele.

— Cachorro! — exclamou ela, passando por ele.

O salão era muito grande, tão grande que houve tempo para que a humildade, uma qualidade que sempre tinha fugido aos Weeds, chegasse até ela. Retardou o passo e ficou, trêmula de ansiedade, esperando que ele a alcançasse.

— Não sei que espécie de mulher você pensa que eu sou — disse ela com voz incerta. — Mas eu nunca me casaria sem dar todo o meu amor a meu marido.

— E muito decente de sua parte dizer isso, Caroline, mas eu sou muito convencional e não poderia jamais tolerar os casos extraconjugais de minha mulher. Pensando bem, sou um bocado antiquado.

— Você não é nada disso, Roger. É você quem manda em tudo.

— Ora, isso é apenas porque sou forçado pelas circunstâncias. Mas a verdade é que não me dá vontade de ser Baptista para qualquer Katherine.

*A Megera Domada* não é o meu tema favorito na obra de Shakespeare.

Ela estendeu as mãos, agarrou-lhe os braços e colou o corpo agradavelmente ao dele.

— Vamos experimentar e ver se dá certo — disse ela. — Não vê que me está provocando terrivelmente?

Os olhos claros de Roger se anuviaram e se entregaram pela primeira vez desde que ela o conhecia.

— Estou inteiramente de acordo com isso — murmurou ele, ofegantemente.

O pavilhão de caça dos Hubbles, Knockduff, ficava numa posição belíssima nas Montanhas de Urris, do outro lado de Inishowen, entre as pontas de Lenan e Dunree, com a vista soberba do esteiro de Swilly.

Apesar de todas as suas incertezas a respeito da sua capacidade de amar Caroline, Roger Hubble era apenas humano. No fim, nem ele queria deixá-la ir... nem ela estava disposta a separar-se dele. Toda a essência da relação entre os dois se tornou silenciosa, mas plenamente compreendida como a fusão de duas

forças que se respeitavam inteiramente uma à outra e não relutavam em submeter-se às respectivas áreas de superioridade.

Era preciso adorar, ampliar e absorver a força um do outro, sem ressentimentos, nem ataques. O que cimentou tudo foi uma espécie de medo. Desde que tinham ido tão longe e descobriam juntos esse medo de perderem-se reciprocamente, isso acabou com toda espécie de jogos entre eles para sempre.

Como um presente de casamento ao sogro, Lorde Roger fundiu as suas linhas ferroviárias com as de Sir Frederick, criando a primeira estrada de ferro através do Ulster, enquanto a Viscondessa Caroline entrava no domínio dos Hubbles para iniciar o seu reinado.

# 16

Víamos com insegurança aproximar-se o tempo das colheitas. As eleições pairavam sobre nós, compactas e ameaçadoras. Os boatos circulavam rápidos como relâmpagos no céu do verão e vinham pejados de ameaças. Dizia-se que os preços da lã, dos cereais e do gado iam cair de todo, que havia impostos pesados sobre todos os lucros comerciais e que seriam decretadas novas tarifas ainda mais extorsivas sobre os produtos irlandeses. Falava-se também no aumento das rendas e em despejos.

Enquanto o Padre Lynch e outros agentes de Deus e da Coroa continuavam a atacar os ímpios fenianos, o Major

Hamilton Walby virava um demagogo do tipo do Reverendo O. C. MacIvor. O problema do Major era que, quanto mais zangado ele ficava, mais as suas palavras se tomavam incompreensíveis. O tom baixo da sua campanha tinha degenerado num exercício de fanatismo. Autonomia, Kevin O'Garvey e Parnell tornaram-se as piores blasfêmias do seu vocabulário.

A colheita era sempre um tempo de ansiedade, pois significava a avaliação do trabalho do ano e punha termo às dúvidas sobre a maneira como passaríamos o inverno. O que Hamilton Walby fez foi incutir-nos o medo das represálias que se seguiriam a uma vitória do Partido Irlandês.

A Real Polícia Irlandesa, que pagava uma miséria aos pobres rapazes do campo

e tinha estabelecido o suborno e a delação como meios de vida, encontrou em Hamilton Walby e Roger Hubble patrões muito generosos naquele tempo. Vivíamos com uma corda no pescoço com a descoberta de sediciosos verdadeiros ou imaginários e outras prisões de natureza política.

Estávamos abalados. Homens como Tomas Larkin e Daddo Friel tinham muito que fazer para manter a unidade. Quando as eleições se aproximaram, uma terrível ameaça pairou sobre todos nós com a prática do “arresto”. Era um costume que tinha caído em desuso havia muito tempo e subitamente reaparecia. O arresto consistia na apreensão do gado e das ferramentas de um homem se ele estava atrasado com a renda ou com os

empréstimos. A polícia agia apenas de acordo com a palavra do proprietário, quase sempre sem qualquer forma de processo. Quando tomava a um homem o seu gado e as suas ferramentas, ele se via obrigado a contrair um empréstimo com o agiota a juros escorchantes a fim de pagar os atrasados e continuar a viver. Quase sempre, o gado apreendido era levado para currais especiais, distante da casa do rendeiro. Durante o tempo do arresto, o gado não era alimentado, de modo que, quando era levado de novo para a sua aldeia, estava tão magro, que os cereais usados para tornar a engordá-lo tiravam qualquer possibilidade de lucro com os animais.

Kevin O'Garvey e a Liga Rural levaram mais de duas semanas numa

batalha judiciária para conseguir a decretação da ilegalidade do arresto, mas por esse tempo a mensagem do outro lado era bem clara e o prejuízo já era grande.

Veio em seguida a notificação de que todos os pontos de votação em nosso distrito seriam localizados nas praças das vilas ou no centro de zonas de densa população protestante. Nos velhos tempos, os proprietários usavam cédulas coloridas para controlar os votos dos eleitores, e ai do rendeiro que votasse contra a sua vontade! Ainda que, naquelas eleições, não houvesse cédulas coloridas, forçar-nos a votar no meio de gente hostil vinha a dar quase na mesma coisa.

Uma semana antes da eleição, tentaram uma intimidação final.

Espalharam por todas as comunidades

católicas cartazes em que se ofereciam algumas centenas de empregados temporários de uma semana de duração nas pedreiras e na construção de estradas, estradas de ferro e canais. A intenção era contratar apenas os homens que fossem eleitores. O

período de trabalho os deixaria ausentes de suas aldeias no dia das eleições. Nossos homens seriam levados para Sligo e Meath, embora nesses lugares houvesse centenas de homens desempregados.

Isso tudo fazia parte do plano de afastar do distrito mais de quinhentos votos, o que seria bastante para assegurar a vitória de Hamilton Walby. Só um idiota poderia deixar de ver esse suborno disfarçado, mas a nossa situação

econômica era de tal ordem que poucos homens seriam capazes de resistir. O nosso povo calculava que Walby de uma maneira ou de outra roubaria as eleições, de modo que se podia tranquilamente pegar aquele trabalho extra. Era uma repetição em pequena escala do que havia acontecido em 1800, quando os ingleses subornaram o Parlamento de Dublin para dissolver-se e aprovar a Lei de União com a Inglaterra. Naquela época, isso fora feito com a criação de novos pariatos irlandeses na Câmara dos Lordes e de novas cadeiras sem importância na Câmara dos Comuns. O suborno dessa vez não era tão avultado, mas na essência a sujeira era a mesma.

Só havia uma maneira de combater isso. Tomas Larkin, Daddo e todos os

chefes do Partido Irlandês se reuniram e tomaram a decisão de que qualquer homem que se apresentasse para aquele trabalho teria de enfrentar um ostracismo total. Se Hamilton Walby ia buscar as suas táticas no passado, nós também podíamos fazer isso, indo ainda mais longe. O

ostracismo era a arma maior de que dispúnhamos contra o nosso povo. O

castigo dos traidores por meio de um boicote comunal dentro de nossa estrutura de vida fechada era uma provação a que poucos homens podiam resistir. Podia representar uma sentença perpétua de silêncio total da parte de todos os vizinhos.

Era essa a atmosfera às vésperas das primeiras eleições livres que se iam realizar em Ballyutogue depois de séculos

de domínio inglês.

Conor e eu fomos para a praça, na caminhada talvez mais longa e solitária de toda a nossa vida. A tensão era avassaladora. Sabíamos que o Major e os homens de Orange não nos iam entregar o posto de boa vontade e estávamos preparados para tudo. Todos os outros homens da Aldeia Alta estavam na encruzilhada para ver se Tomas conseguiria passar. O medo pesava sobre todos. Nosso povo estava confuso em relação a todo o processo de votação, como se fosse um peso a mais que ninguém queria carregar.

Ainda na noite anterior, Tomas tinha dito que lhe haviam oferecido dobrar a extensão de suas terras com boas terras gratuitas e livres de dívidas. Creio que

ele só contou isso para que se soubesse que era ele quem mais ia perder, se votasse.

Quando nós três chegamos, a praça parecia uma reunião de Orange sem tambores. Um silêncio horrível e penetrante nos recebeu e todos os que ali estavam nos olharam cheios de ódio. O local de votação ficava na sala do juiz, do outro lado da praça, naquela mesma sala em que se tinha dispensado um arremedo de justiça aos rendeiros havia mais de duzentos anos. Esperamos até que o sino tocasse, indicando a hora em que a votação ia começar. Atravessamos então a praça.

Foi estranho ver Luke Hanna aproximar-se de nós. Tinha sido sempre um homem sensato, mas, afinal de contas,

era um Grão-Mestre e não podia deixar de ser fiel à sua gente. Ele e Tomas se encararam pelo que parecia uma eternidade. Luke estava surpreso e era evidente que não esperava que Tomas aparecesse. O suborno fora rejeitado e isso era uma coisa em que ele não podia acreditar. Ele e o Major tinham calculado erradamente que afinal tinham acertado com o preço de Tomas.

— Que é que você quer, Luke?

— Convém pensar nas desvantagens do que vai fazer, para o bem do seu próprio povo, Tomas.

— Saia da minha frente, Luke!

Luke Hanna entrou em pânico, sabendo que teria de afastar Tomas de qualquer maneira para que os outros voltassem também para a aldeia como

carneiros. Uma briga não era possível, pois haveria inquérito depois e muita coisa tinha de ser escondida.

— Não vamos comprar linho este ano — disse Luke. — E nenhum dos seus amigos terá trabalho como boiadeiro ou no cais.

Luke perdeu o ânimo sob o olhar de Tomas. Recuou um pouco, mas tornou a agarrá-lo quando ele já ia passando.

— Não seja louco, Tomas. Já organizaram um plano para tomar um terço das terras de vocês. Se seu povo votar hoje, o plano será executado e o culpado de tudo será você, se entrar aí.

Ao redor da praça, os homens de Orange se aproximaram lentamente como uma turba de linchamento. Tomas olhou-os, quase sorrindo.

— Não há praga que destrua os nossos campos pior do que a praga humana que nos veio do outro lado do Mar da Irlanda. Por que vocês não declaram guerra à própria ignorância?

Foram essas as palavras de Tomas Larkin quando entrou na sala do magistrado, assinou o nome e pediu a sua cédula para votar. Conor e eu vimo-lo depositar a cédula na urna. Depois, saiu e ficou ao lado da porta, de braços cruzados, olhando a multidão furiosa, como o homem mais calmo e mais forte que já viveu.

Os outros chegaram então da encruzilhada. Meu pai, Fergus, Billy O’Kane e Grady Mulligan. Chegaram primeiro em grupos de dois e três e, depois, chegaram às dúzias, atravessaram

a praça e entraram na sala de votação.

Só daí a dias os resultados seriam conhecidos. Tudo correu bem em Ballyutogue, embora em outros lugares tivesse havido conflitos.

Fechamo-nos em nossas casas para passar o inverno. Apesar da ameaça de falta de trabalho, havia a habitual procura de emprego de todos os anos do outro lado do mar e os que estavam no fio de navalha da sobrevivência fizeram a fatigante viagem.

A tempestade que caiu na noite em que chegou a notícia foi média, nem pior, nem melhor que um aguaceiro normal de novembro. Cerca de uma dúzia de mulheres, inclusive minha mãe, se reunia em casa dos Larkins para bordar o linho

já pronto, tarefa noturna que rendia mais algum dinheiro. Trabalhavam juntas em grande quantidade para economizar a luz das velas.

Tomas e Fergus remendaram alguns arreios durante algum tempo e, depois, foram jogar *glink*, num tabuleiro feito em casa. Só havia um livro de estudo para Conor e para mim, o catecismo naturalmente, que nós líamos pela milionésima vez.

De repente, houve um barulho do lado de fora que sobrepujou o fragor da tempestade. Fui o primeiro a chegar à porta. Era a carruagem de Kevin O'Garvey com metade dos habitantes da aldeia atrás dela a gritar como endemoninhados Kevin entrou pela sala adentro, todo molhado e arquejante, tendo

feito a viagem toda a noite a partir de Derry para nos dar a notícia, rindo e chorando ao mesmo tempo, de que tínhamos vencido!

Não podem calcular o entusiasmo que tomou conta de todos, seguido depois de bebidas em profusão. Nunca se soube de um velório como o que fizemos naquela noite pelo Major Hamilton Walby, *squire* de Lettermacduff.

Em novembro daquele ano de 1885, Kevin O'Garvey foi eleito para o Parlamento Britânico, sendo um dos oitenta e seis candidatos eleitos pelo Partido Irlandês. A questão da liberdade da Irlanda, depois de séculos de ocupação britânica, não seria mais abafada.

A estrela de Parnell tinha chegado ao

zénite. O homem distante que falava mais alto quando escutava, o homem de aparência impassível que chorava intimamente diante das injustiças, o tímido cuja força moral era poderosamente evidente, o protestante que lutava pela causa católica, o proprietário territorial de origem inglesa que chefiava os que não tinham terras, o gênio educado em Cambridge que pudera unir e controlar uma coligação de ingovernáveis irlandeses, Charles Stewart Parnell, era de fato o rei sem coroa da Irlanda.

A vitória de Parnell desencadeou inflamada reação na comunidade protestante do Ulster, mais ou menos dentro das linhas previstas por Frederick Weed. Fizera ele bem os seus preparativos para unificar os elementos divergentes. Com o núcleo de um Partido da União já formado por ele e por algumas centenas de aristocratas nas lojas de cavalheiros, o movimento explodiu nas salas de Orange da província.

A Sociedade de Orange preparou-se para preencher o seu papel predestinado. Caíra, do seu florescimento durante as guerras camponesas de um século antes, em pleno descrédito. O procedimento

rude de homens rudes tinha merecido a reprovação dos aristocratas e do governo.

Entretanto, através de sua história cheia de altos e baixos, o espírito do organismo, que visava à degradação dos nativos católicos, impregnou a comunidade protestante.

Embora às vezes legalmente proibida, a Sociedade de Orange continuava a prosperar ativamente sob o tênue disfarce de sociedades beneficentes e clubes de bebidas. No decorrer do século XIX, o ódio sectário tornou-se uma característica permanente da vida no Ulster, e a Sociedade de Orange transformou a sua imagem desmoralizada de um bando de desordeiros num baluarte da Reforma contra os papistas.

Capítulos secretos formaram-se entre

os militares britânicos, ao mesmo tempo em que a expansão legal se espalhava pela Inglaterra, pelo Canadá e pela Escócia. A respeitabilidade foi conseguida mediante um afluxo de pregadores e aristocratas ingleses. Os proprietários e industriais outrora arrogantes viam a velha ordem passar e não podiam mais chamar os militares para conter brutalmente os nativos. Havia necessidade de um novo centro de poder, que viesse das massas populares, e a Ordem de Orange era feita de encomenda para fornecê-lo. Dela partiu o braço político, o partido destinado a preservar a união com a Inglaterra, que reunia todos os elementos protestantes sob uma só bandeira.

Sir Frederick correu para Londres

depois das eleições para conseguir apoio.

Dentro da tempestade que crescia, vinha surgindo Lorde Randolph Churchill. Weed convenceu-o a fazer uma excursão pela província e desembarcou com ele em Larme, no começo de 1886. O jovem Churchill, imperialista ultraconservador convicto, com pouco mais de trinta anos, odiava Gladstone e todo o seu liberalismo. Tinha ainda ódio de sobra para Parnell, o anarquista irlandês, que estava jogando com os dois partidos ingleses em vista dos seus próprios fins.

O aristocrata brilhante mas grandemente instável calculou que, se pudesse promover a derrota de uma lei de autonomia para a Irlanda, o governo de Gladstone cairia. Isso levaria de novo ao poder o seu Partido Conservador e, além

disso, sepultaria por muitos anos as aspirações de Parnell.

O centro da motivação de Churchill era uma impiedosa e implacável ambição pessoal. Para isso, calculou inteligentemente que era a carta de Orange que devia ser jogada. Devia, portanto, viajar pelo Ulster e martelar as velhas paranoias protestantes numa comunidade que estava cambaleante e exasperada com a esmagadora vitória de Parnell. O Ulster protestante abriu-lhe os braços.

Caroline escolheu o isolamento ainda selvagem e místico da península de Bere, no sudoeste da Irlanda, para ali passar a lua-de-mel, desprezando as convenções de Veneza, da Espanha e de outros lugares semelhantes. A região era ocultamente

selvagem, além mesmo das visões que tinha dela. Roger reconheceu que, graças a Caroline, lhe fora aberta uma porta que ele julgara que ficaria fechada por toda a vida. Apressou-se em colher a experiência, expor-se e até em tentar descobertas próprias.

O caminho estava aberto para longos períodos de conversas, de agradáveis análises, e isso por sua vez propiciava aventuras conjuntas mais profundas e mais audaciosas.

O idílio deles foi temporariamente interrompido pela chegada inoportuna de Sir Frederick. Depois de murmurar as suas desculpas, declarou que a situação era tão premente que eles deviam voltar para Londonderry para cuidar das coisas a oeste, enquanto ele excursionava a leste

com Churchill. Em compensação pela sua intromissão, prometia mandá-los depois para um lugar exótico na África no Norte, um lugar capaz de atender às mais eróticas fantasias, de que a própria Caroline não fazia a menor ideia.

A cruzada de Churchill deu resultados além de todas as expectativas.

Comícios gigantescos na Casa do Ulster, em Belfast, e em todos os condados de leste inflamaram paixões prestes a explodir. Na Inglaterra, os sentimentos favoráveis à causa do homem do Ulster aumentaram.

Elementos firmes do Partido Liberal, que eram favoráveis à Autonomia para a Irlanda, deixaram-se abalar e as hostes compactas do partido vacilaram. Churchill procurou fazer valer as

vantagens alcançadas. A sua saída de Belfast marcou o início de três dias de ataques às zonas católicas da cidade.

Deslocando-se para o interior no trem particular de Weed, Lorde Randolph encontrou uma fórmula mágica em Lurgan, graças a um grito de guerra que ele repetiu a multidões entusiásticas em Portador, Armagh e Dungannon.

“A Autonomia não poderá assaltar-vos como um ladrão dentro da noite”, repetia ele para as massas protestantes. “Posso afiançar que nesta hora sombria não hão de faltar-vos centenas de milhares de mãos e de corações ingleses que se unirão a este povo e com ele partilharão o seu destino. Digo com orgulho, humildade e resolução: O ULSTER TEM O DIREITO DE LUTAR!”

Quando a campanha de Churchill chegou ao auge, o slogan “O Ulster Tem o Direito de Lutar” aparecia em todos os jornais do Reino Unido.

Roger alcançou a excursão a tempo de participar de um comício em Ballymena. A habilidade pessoal de Churchill tinha galvanizado todas as camadas sociais, dos homens comuns aos fidalgos. Depois do comício, Roger se reuniu com seu sogro e com Churchill no castelo de Lorde Taggart-Royce, Barão de Ballymena, e fez um apelo para que o comício final se realizasse nas muralhas de Derry. Era, afinal de contas, o símbolo mais sagrado da presença de Orange, dos protestantes e da Coroa, e não poderia haver melhor lugar para um final triunfante. Parecia lógico e Churchill concordou.

— Temos certos problemas lá — disse Roger, depois de atendido no seu primeiro pedido. — População dispersa, falta de comunicações e sentimento de isolamento...

— Creio que é o que se chama de mentalidade de cerco... — disse Sir Frederick.

— Exatamente — disse Roger. — Gostaria que se fizesse uma demonstração empolgante de nossa determinação de conservar o Oeste.

Seria conveniente fazer uma reunião preliminar na Mansão Hubble antes do comício principal. Poderíamos reunir os chefes dos três condados para que eles se organizem e incrementem tudo.

Churchill tinha-se habituado a confiar na opinião de Sir Frederick e lançou-lhe

um olhar interrogativo. Weed ficou mais uma vez impressionado com a astúcia de seu genro. Seria quase uma proeza reunir todos os homens de prestígio na Mansão Hubble e de um golpe ver Roger assumir a liderança política do Oeste do Ulster. Roger alcançaria em pouco tempo o que ele levara anos para conseguir em Belfast.

Muito bem, rapaz, pensou Weed, está sendo mais esperto do que eu, mas vou cobrar um preço por isso. Com uma baforada do charuto, elaborou a resposta: — Deixando de lado os legítimos interesses de Roger, a ideia é acertada. O Oeste precisa, sem dúvida, de uma base de poder e de um chefe de prestígio para o novo Partido Unionista. Sem entrar em considerações de família, Roger e Caroline são as pessoas indicadas para

desempenhar esse papel.

Os ambiciosos se conheciam entre si. Chegara o tempo das reservas mútuas.

— Numa coisa eu insisto — disse Sir Frederick. — Para assegurar o êxito de nossas reuniões, eu gostaria que o Reverendo O. C. MacIvor fosse um dos principais oradores.

Pela primeira vez desde o seu relacionamento, Sir Frederick viu Roger fazer cara feia e ficou satisfeito com isso.

— É um homem um pouco verboso demais — disse Churchill — mas consegue lançar uma espécie de magia sobre o público.

— Sim, ele tomou parte em excelentes comícios. Que é que dizem?

— Para mim, está certo — disse Lorde Randolph.

— Roger?

— Está bem... Está bem... — disse Roger.

A Viscondessa Caroline mergulhou nos preparativos, embora o funcionamento da Mansão Hubble ainda lhe fosse estranho. Reuniu o exército necessário de cozinheiros, criados, jardineiros, carpinteiros, pintores e cavalaria. A Mansão e particularmente o Salão Comprido foram preparados, tanto quanto a premência de tempo permitia. As barracas para alojamento e recepções foram reparadas e um comboio de víveres chegou de Belfast juntamente com uma orquestra, cantores e atores.

Roger preparou-se para o seu novo papel, deixando de lado a sua longa

aversão pela Sociedade de Orange. Convites na forma de intimações veladas foram mandados para os grão-mestres dos três condados. Num golpe magistral, Roger fez de todos os ministros protestantes membros automáticos do novo Partido Unionista e também eles foram aconselhados a comparecer.

Enquanto os preparativos continuavam a toda velocidade, o Visconde e a Viscondessa Coleraine foram até Cookstown para escoltar pessoalmente Lorde Randolph até ao Oeste.

Depois de “Deus Salve a Rainha” e da inovação por um ministro, o Visconde Hubble se dirigiu quase com timidez da mesa principal para a tribuna, diante de uma assistência de seiscentas pessoas.

Acima deles, uma grande Union Jack se estendia de um lado a outro do teto. Mais atrás, havia uma gigantesca bandeira do Ulster. Atrás de Roger, um grande cartaz: “O Ulster Tem o Direito de Lutar”.

Sir Frederick observou todos os preparativos com uma ponta de inveja. A velocidade e o objetivo da associação de Roger e de sua filha tinham-nos levado a uma posição de elevado destaque. As atividades iniciais da nova viscondessa tinham deslumbrado completamente a carrancuda coleção de homens do Ulster.

Mas Sir Frederick não fazia ideia do golpe que o genro tinha de reserva. Lorde Roger subira à tribuna quase com timidez e deu uma acolhida formal aos presentes, quase como se dissesse: “O dia de hoje é grande para o homem comum, porque

estamos empenhados em tudo isso juntos”.

Quando Roger começou a enumerar os saques e assaltos que a Mansão Hubble tinha sofrido através dos séculos, Weed viu que ele estava apresentando os seus direitos à liderança com base na longa permanência de sua família. Até aí, tudo bem. Surgiu então a primeira surpresa de Roger. Declarou calmamente que fora ideia de Lorde Randolph realizar a mais importante reunião de sua excursão no histórico Salão Comprido.

Atribuindo exagerada importância à Mansão Hubble, ele se estava insinuando como o centro do universo do Oeste do Ulster.

Embora todos estivessem ali reunidos para um objetivo comum, Roger não deixava pairar qualquer dúvida de que ele

e os outros fidalgos eram os pais, protetores e líderes das massas protestantes.

— Ofereceram-me e eu humildemente aceito a honra de assumir a liderança dos unionistas no Oeste.

Nem Churchill tivera a ideia de realizar o comício ali, nem ninguém lhe oferecera um lugar na diretoria do Partido Unionista, mas ninguém ia quebrar a unidade da reunião, contestando a audaciosa arremetida de Lorde Roger para o poder e tudo se passou sem incidentes.

Entretanto, Sir Frederick não sabia se Roger e Caroline estavam juntos nesse golpe e até que ponto eles poderiam ir, se assim se dispusessem.

— Tenho o grande prazer de

apresentar o primeiro dos oradores, que falará sobre a separação econômica da Inglaterra. O orador não precisa certamente de apresentação para mim porque é meu sogro, nem para nenhum dos presentes porque quem no Ulster não conhece Sir Frederick Murdoch Weed?

Quando Roger terminou, Sir Frederick apagou o seu charuto e tomou um último gole do seu copo, que continha gim e não água, bem à vista de numerosos ministros partidários da temperança. Encolheu os ombros e marchou para a tribuna. Dissimulando o seu pesar pelo golpe de Roger e apertando a mão deste para simbolizar a unidade do Leste e do Oeste do Ulster, da riqueza, do poder e do prestígio dos dois comandantes do barco.

— Não devemos ter qualquer espécie

de ilusões sobre as consequências da Autonomia — começou ele. — Seria um golpe de morte na superioridade protestante na Irlanda. Chegamos ao Ulster, vossos antepassados e eu — continuou, identificando-se com o homem comum, como Roger fizera antes dele — e criamos um verdadeiro Paraíso do barro mais desprezível. Basta olhar para a ignorância e a sordidez das outras três províncias da Irlanda para ver o que fizemos aqui. Agora, essa mesma gente atrasada, sob a chefia de Parnell, seus políticos de cervejaria e da banda de pancadaria do Papa, tem a desfaçatez de dizer que eles, que são incapazes de governar-se, vão governar o Ulster!

— Nunca!

— Não nos renderemos!

— O Ulster lutará!

— Deus salve o Ulster!

Metade da assistência se levantou, mas Frederick Murdoch Weed fez sinal para que todos se sentassem.

— A vida que temos, a vossa e a minha — continuou ele — foi criada graças a uma inteligência superior, uma tradição de trabalho árduo, de lealdade e de objetivos definidos. Mas a força estrangeira que está em Dublin se prepara para dar-nos um golpe de morte!

Roger ergueu os olhos e viu sua mulher radiosa e bela numa das pequenas portas laterais. Sorriram um para o outro, indicando a mútua aprovação do grande acontecimento. De instante a instante, o poder de ambos crescia e o primeiro doce sabor da glória em comum era

emocionante.

— Podem, por um momento que seja, imaginar — trovejava Sir Frederick — o que seria o Parlamento de Dublin nas mãos dos camponeses irlandeses? Os mercados comerciais, os privilégios de comércio, as concessões tarifárias de que agora desfrutamos como súditos do Reino Unido desapareceriam da noite para o dia e entraríamos em competição direta com a Inglaterra!

“Pensem agora nessa gente, no seu Parlamento de Dublin, lançando os olhos para a riqueza do Ulster. Quem pensam que será sobrecarregado de impostos até ficar exausto? Seremos nós! Nós, no Ulster, pagaremos pela manutenção das três miseráveis províncias!

Os homens que estavam no Salão

Comprido se mostraram alarmados.

As terminações nervosas de todos vibraram, o suor lhes molhou as fronte e os lenços que apareceram poderiam em outro lugar ser tomados por bandeiras brancas de capitulação. Mas não no Salão Comprido.

— Com um Parlamento em Dublin, não haverá segurança para qualquer granja ou propriedade. A terra pela qual os nossos avós deram o seu sangue seria tomada, em consequência de leis iníquas, para ficar num estado de permanente servidão. A Autonomia modificaria de tal maneira os distritos eleitorais que o Ulster protestante seria politicamente impotente. A Autonomia significaria que nenhum protestante leal seria empregado num governo que em compensação estaria

abarroado de milhares deles, sangrando o Tesouro e as listas de socorro com o dinheiro que pagaríamos de impostos. Nós, nossas esposas e nossos filhos ficaríamos à mercê da polícia deles. Ficaríamos à mercê do sistema jurídico deles e não é preciso dizer que espécie de proteção e de justiça se poderia esperar deles. É esse o Ulster que nossos antepassados sonharam quando aqui chegaram e tentaram iluminar os pagãos?

Sir Frederick fez uma pausa para acalmar o seu impeto, enxugar o suor da testa e olhar para as suas notas. Agora, pensou ele, vou deixá-los levar uma verdadeira surra.

A sua voz caiu de um acento tonitruante para um sussurro quase confidencial.

— Como um homem que emprega milhares de nossos compatriotas leais, tenho-me debatido muitas vezes nos horrores de um constante pesadelo. Dias depois que houver a Autonomia, o Parlamento de Dublin aprovará leis de paridade para substituir os protestantes leais em todas as fábricas da província. Homens decentes, leais, tementes a Deus seriam recompensados por muitas gerações de respeito, honestidade e obediência, indo parar na sarjeta. Antes de ver essa visão de pesadelo concretizada, eu fecharia todas as minhas empresas, estaleiros e Oficinas.

Esclareci essa minha posição sem qualquer disfarce a todos componentes do partido de Gladstone. O Ulster Democrático deve ficar livre, com a ajuda

de Deus e de nossa nobre Rainha!

O Dr. MacIvor orava em silêncio para indicar que estava em comunicação exclusiva com o além, com as mãos postas e meneando a cabeça ao que lhe dizia a voz do alto. Na realidade, estava ganhando tempo e melhorando a sua posição. Sir Frederick tinha empolgado muito a assistência.

— Nosso grande benfeitor, Sir Frederick Weed, já disse o que vai acontecer com vossas terras e vossos empregos. Mas eu vou dizer o que vai acontecer às vossas almas, Ó Deus! Não nos abandones! Estamos sozinhos, dentro da noite e no meio de selvagens hostis!

— Amém!

— Salva-nos, Jesus!

Maxilares e punhos se cerraram.

Suores novos vieram cobrir os antigos.

— A Autonomia — exclamou o pregador — significa o domínio de Roma!

Repetiu a frase três vezes, para que todos a ouvissem.

— E o domínio de Roma quer dizer que o primeiro ato de um Parlamento de Dublin infestado de papistas será decretar um dízimo que todos vós tereis de pagar do vosso suor e do vosso trabalho honesto para os cofres da Igreja Católica. Um dízimo para os tesouros escondidos nos porões do Vaticano. Um dízimo para a construção de luxuosas catedrais por toda a extensão do Ulster protestante! Um dízimo para pagar o ouro e a prata das vestes sacerdotais!

Continuou a traçar um quadro de horror de escolas que teriam como

professores padres e freiras, de universidades ocupadas pelos jesuítas, de crianças protestantes forçadas a ajoelharem-se em rituais pagãos. Fez descrições vívidas de Roma, a mulher escarlate que devoraria a carne dos protestantes, até deixar a assistência transida.

Lorde Randolph Churchill nunca ouvira coisa alguma que se comparasse àqueles três discursos. Compreendia que tinha vindo à Mansão Hubble e a Londonderry para dar realce aos jugos de poder de Hubble e Weed. Tinha sido duramente castigado por uma trinca de homens fortes do Ulster. Embora eles se estivessem usando uns aos outros visando à própria ambição pessoal, resolveu ter cuidado com aquela gente e não deixar

que a Coroa fosse explorada tão abertamente. Não eram cavalheiros de maneira alguma e não se podia saber a que extremos iriam para que a sua provinciazinha continuasse a ser britânica. Enquanto olhava a assistência, ocorreu-lhe a ideia apavorante de que poderiam trazer para ali todo o Exército da Inglaterra para salvarem-se, sob a máscara da lealdade.

Lorde Randolph agradeceu aos promotores da reunião e, compreendendo que a sala estava esvaziada de toda a emoção, procurou dar às suas palavras um cunho de branda sinceridade.

— Cheguei ao Ulster com o coração entristecido, mas volto para a Inglaterra sentindo um grande conforto. Causa-me tristeza ver os homens do Ulster

exercitando-se nos campos à noite com fuzis de madeira, preparando-se para a defesa do seu Deus, da sua Rainha e da sua liberdade. Mas sinto-me reconfortado de saber que dezenas ou, melhor, centenas de oficiais ingleses se comprometeram comigo a vir colocar-se à vossa frente, no campo de batalha, se for necessário!

“É meu mais profundo desejo que o eco de nossas vozes seja ouvido em todos os cantos da Inglaterra e que os gradstonianos possam meditar bem na gravidade e nas consequências da aprovação de uma lei tão funesta quanto a Autonomia. E peço a Deus que vossos filhos e meus queridos filhos, Winston e Jack, nunca tenham de arcar na vida com o peso de um problema irlandês.

Enquanto Lorde Roger e Sir Frederick se rejubilavam com o seu triunfo, Lorde Randolph, muito inglês, falando com solenidade verdadeiramente inglesa, comoveu a sala até às lágrimas de puro patriotismo.

— Parnell levou homens repugnantes para o recinto sagrado de Westminster. Homens que são estranhos de maneiras como se fossem chineses ou negros. Homens que lhe são completamente devotados e que estão empenhados na destruição do Império Britânico. Vós, bravos camaradas do Ulster, estais no baluarte mais avançado da nossa grande aventura imperial e não podeis falhar. Encarrego-vos de defender esse baluarte como soubestes defender as muralhas de Derry. Há duas Irlandas em espírito, em

religião e em realidade. A Irlanda que é leal à Coroa deve ficar no Império! — Levantou a mão como se erguesse uma taça para um brinde e concluiu com um toque de poesia. — Navega, nau do Estado... navega, grande União... deve o Ulster separar-se da Inglaterra? Pelo Deus que nos criou, nunca!

O impacto da atuação de Lorde Randolph Churchill no Ulster repercutiu através da Inglaterra. A imprensa iniciou uma campanha virulenta contra a traição de Parnell, enquanto a Câmara dos Lordes cerrava fileiras para vetar qualquer tentativa referente à Autonomia. Os sitiados homens de Orange encontraram aliados ardorosos na Inglaterra e irmãos zelosos na Escócia presbiteriana, O

sentimento antiirlandês, que vivia sempre perto da superfície, irrompeu na Inglaterra, e a indignação pública cresceu ante a ideia de que os súditos ingleses leais do Ulster estavam a ponto de serem vendidos aos bestiais irlandeses.

Os homens de Orange agravaram a ameaça, de modo que a possibilidade de uma guerra civil na Irlanda aumentou as pressões.

A unidade do Partido Liberal foi quebrada. No fim, noventa partidários de Gladstone passaram para o outro lado a fim de votar com os conservadores contra uma Lei de Autonomia já muito diluída. A contagem final foi de 341 votos contra 311.

O governo de Gladstone caiu, Randolph Churchill, o principal arquiteto

dessa queda, foi recompensado com o posto de Chanceler do Erário e líder dos conservadores na Câmara dos Comuns.

A carta de Orange fora jogada.

# **Terceira Parte**

**- A Casa do Pastoreio -**



CANAL DO NORTE

ULSTER

OCEANO ATLANTICO

CONNAUGHT

LEINSTER



# 1

## **JUNHO DE 1885**

Oito dias depois do enterro de Kilty Larkin, Tomas apareceu de madrugada na casa dos O'Neills com seus três filhos.

— Chegou a hora de Finola — disse ele.

Mairead, que tinha na cabeça um calendário para mais de duas dúzias de mulheres grávidas, franziu a testa.

— Ela está mais de um mês adiantada. Deve ter sido a confusão do velório de Kilty.

Fergus levou as crianças para onde tinham de dormir, em nosso estábulo, e acomodou-as. Depois, pegou suas roupas.

— Vou ficar com você — disse ele a Tomas, como tinha dito em todas as outras ocasiões.

Pegou o tabuleiro de *glink* e foi para a outra casa, logo depois da mulher.

A medida que as horas passavam, Tomas ficava mais inquieto. Fatos desagradáveis do passado eram lembrados a cada grito agudo que vinha do quarto. Mairead costumava entrar e

sair fazendo comentários, mas naquela madrugada não arredou o pé lá de dentro. Ao amanhecer, os dois homens cochilaram e depois dormiram a sono solto. Tomas foi acordado por uma sacudidela violenta.

— Tomas... Tomas... — dizia Mairead.

— Hem? Que é?

— Não quero assustar você, mas há problemas. Acho melhor mandar chamar o Dr. Cruikshank na vila.

A raridade do pedido de uma parteira que assistira o nascimento de muitas dúzias de crianças sem a ajuda de ninguém fez Tomas pôr-se imediatamente de pé.

— Que é que há?

— A criança não se está apresentando direito. Talvez seja o cordão do umbigo

que está em volta do pescoço. Se forçarmos, a criança pode morrer estrangulada e não vai aguentar mais muito tempo.

Conor foi encarregado de ir chamar o medico. Montou em pêlo no velho cavalo do arado e galopou da Aldeia Alta por entre as neblinas da manhã. Os cascos do animal ressoaram nas pedras da praça e Conor parou diante da casa de Ian Cruikshank, amarrou o animal e bateu na porta com a aldraba. A mulher do médico abriu a porta.

— Ê minha mãe. Ela está tendo dificuldades com o nascimento da criança e Mairead O'Neill me mandou vir chamar o doutor.

— Que é? — perguntou Ian Cruikshank do alto da escada.

— Uma das crianças católicas da Aldeia Alta. Como é seu nome, meu filho?

— Conor Larkin. Meu pai é Tomas e minha mãe é Finola.

— Está bem — disse o médico lá de cima. — Vá até à cocheira, Conor, e sele a égua preta.

— Oh, Deus o abençoe, Doutor — disse Mairead, levando o médico para o quarto.

Liam e Brigid ficaram apavorados com a presença do médico.

— Mamãe vai ficar boa? — perguntou Brigid com voz chorosa.

— Claro que vai ficar — disse Tomas. — Já tivemos esses pequenos problemas de outras vezes. Não é nada de grave. Volte para a cozinha dos O'Neills e prepare alguma coisa para nós comermos.

As más notícias em Ballyutogue não precisavam de ser vistas, ouvidas, nem cheiradas. Espalhavam-se com o vento e, dentro em pouco, alguns vizinhos cercavam apreensivamente a casa de Tomas. Algumas mulheres tentavam confortar Tomas, contando as coisas horríveis por que tinham passado por ocasião dos seus partos.

Os gritos dentro do quarto se intensificaram. Tomas fez sair todo o mundo da casa, exceto Fergus, e enquanto este rezava, caiu num torpor.

Durante três anos depois do casamento, Finola tinha sido estéril.

Embora fosse difícil sustentar os filhos, eles davam a medida da riqueza de um agricultor e não podia haver maior desgraça para uma mulher do que a

maldição da esterilidade.

Finola passava quase todos os momentos rezando, pedindo a Deus que lhe concedesse a bênção da gravidez. Consultara a velha da aldeia, que entendia de sortilégios e lhe recomendou descascar varas de freixo, abrir batatas na lareira, passar corretamente o sal e todos os outros rituais destinados não só a ter filhos mas também a impedir que os trasgos o trocassem por um filho deles.

Ao fim do segundo ano, Finola viajou para quatro poços sagrados diferentes e, em outra ocasião, dormiu duas noites numa gruta que se dizia ter servido de refúgio a Santa Brígida, quando então fez a promessa de dar o nome da santa a sua primeira filha.

O primeiro filho nasceu morto.

No terceiro ano de casamento, Finola fez a penosa peregrinação a Crough Patrick, viajando duzentos e cinquenta quilômetros até à montanha sagrada, no condado de Mayo. Juntou-se a milhares de devotos na subida por uma noite inteira ao alto da montanha, onde S. Patrício tinha livrado a Irlanda das cobras.

A subida fora feita de pés descalços em companhia de camponeses, freiras, mendigos e padres, que procuravam graças ou alívio dos seus sofrimentos, reafirmando a extensão de sua fé. Cambaleando pelo caminho e parando para rezar nas estações, chegou ao alto quando amanhecia, com os pés sangrando e repetindo desesperadamente a sua súplica por filhos.

Finola Larkin foi recompensada por

um milagre, o nascimento sadio de Conor. Liam e Brigid vieram logo em seguida, mas depois houve alguns abortos e ainda um natimorto.

O dia já ia alto quando o afogueado Cruikshank saiu do quarto.

— Você tem mais um filho — disse o médico.

Tomas escutou atentamente, mas não ouviu coisa alguma. Teve medo.

— Por que é que ele não chora?

— Porque é muito pequeno e está muito cansado.

— E minha mulher?

— Também está muito cansada. Gostaria de ter uma conversa com você.

— Tome um pouco de chá. Deve estar com fome.

— O chá será ótimo e talvez um gole

de uísque.

— Venha, Doutor.

Fergus já estava com a panela no fogo. Preparou tudo e desapareceu.

Depois de lavar as mãos e o rosto, o Dr. Cruikshank sentou-se num banco ao lado de Tomas diante da lareira e mexeu a sua xícara de chá.

— O garoto está com problemas — disse ele.

— Que é que há, Doutor?

— Chegou antes do tempo, como sabe, e com muitas dificuldades.

Tem água nos pulmões. Mairead O'Neill já está aquecendo algumas pedras para colocar debaixo dele. Mantenha todo o mundo fora de casa, até as crianças.

— Quais são as chances?

— Bem fracas. Talvez seja bom

mandar chamar o padre para ministrar os sacramentos.

Tomas fechou a cara.

— Eles sempre entram no quarto da gente de uma maneira ou de outra. Estão presentes na noite do casamento, depois de terem enchido a cabeça das pobres mulheres de medo e de culpa. Fazem uso de tudo menos da cabeça. Até no leito de morte, o medo vem antes do amor. O

medo entra de tal modo no útero de uma mulher que é preciso purgar os pecados de uma criança de um dia de idade.

— Não é melhor deixar seus sentimentos pessoais de lado? Sua mulher passou por uma provação terrível. Que será do seu casamento se você lhe negar isso?

Tomas levantou-se, meteu as mãos nos bolsos e olhou sombriamente para as mulheres de lenço preto à cabeça que estavam do lado de fora.

— Que é que vai fazer? — perguntou o Dr. Cruikshank.

— Vou mandar chamar o danado do padre. Não se pode fugir disso.

— Foi até à porta, abriu-a e chamou: — Conor!

O filho estava perto. Tomas o fez entrar e trancou a porta.

— Passe pelo estábulo sem dizer nada a ninguém. Vá chamar o Padre Lynch.

— Mãe? — perguntou Conor, estremecendo.

— A criança.

Tomas colocou um novo tijolo de turfa na lareira que não estava precisando disso

e falou em mandar um cordeiro assado em pagamento ao médico.

— Quero fazer-lhe algumas perguntas sobre a saúde de sua mulher — disse Cruikshank. — É a primeira vez que ela tem essas dificuldades?

— Todos os partos dela são difíceis. Perdeu quatro filhos por aborto e dois nasceram mortos.

— Algum dia ela consultou um médico sobre si e seu estado?

— Médico? Até o senhor chegar, só havia médico em Derry. A única coisa que temos aqui de sobra é padres e o conselho que eles sabem dar é rezar.

— Creio que os problemas dela não podem ser remediados com rezas.

— Que está querendo dizer?

— Notou se ela fica excepcionalmente

inchada quando está grávida?

Especialmente nos tornozelos e em torno dos olhos?

Tomas assentiu.

Ian Cruikshank aproximou-se do fogo.

— Tivemos um grave problema aqui hoje, Tomas. Acho que devemos falar sobre isso. — Estendeu o seu copo de uísque para que Tomas o enchesse de novo e continuou: — Como sabe, tenho vindo à Aldeia Alta em numerosas ocasiões. Houve um caso especial, há algum tempo, de um parto em que se tratava de salvar a criança ou salvar a mãe. A mulher pediu alucinadamente que eu mandasse chamar o Padre Lynch. Tomas, o padre me forçou a salvar a criança e deixar a mãe morrer por motivos religiosos. A mulher era mãe de

cinco filhos. Não tive outro recurso, pois ele ficou rondando perto de mim. Sabe de quem estou falando?

— Meara O'Malley?

— Sim. Meara O'Malley.

— Jesus! Eu não sabia... Pobrezinha...

— Tivemos uma situação semelhante hoje aqui. Sua mulher de nada sabe a esse respeito. Quando compreendi o que estava acontecendo, afastei-me dela por alguns momentos e disse a Mairead O'Neill que tinha de ser Finola ou a criança. Na verdade, ela já havia pressentido isso e concordou comigo em que tínhamos de salvar a mãe, prometendo guardar o segredo até à sepultura.

Tomas escondeu o rosto entre as mãos, enquanto o médico procurava consolá-lo.

— Outra coisa, Tomas. Ela não pode mais ter filhos. Do contrário, morrerá.

As mãos imensas de Tomas afastaram as mantas que cobriam o recém-nascido. Parecia um passarinho, todo roxo e tentando respirar.

— Veja o pequenino Dary — murmurou ele. — Daqui a pouco, será mais uma pá trabalhando na turfeira.

A mulher, com o rosto muito branco, os olhos avermelhados e os cabelos desgrenhados, olhou-o desvairadamente e exclamou: — Nunca!

Tomas tomou-lhe a mão e beijou-a.

— Finola, meu bem, o garoto está em perigo, mas tenho certeza de que havemos de salvá-lo. Tão certo como eu estar aqui ao seu lado, ainda havemos de vê-lo fazer

a barba. Mas agora, acho que ele é um problema, e não faria mal batizá-lo e dar-lhe os sacramentos.

Finola chorou perdidamente, recusando o consolo do marido.

— Estamos pagando pelos pecados que você trouxe para esta casa — exclamou ela entre gemidos. — Há uma maldição sobre nós por causa das suas blasfêmias contra a Igreja. Deus nos está castigando!

Quando Tomas deixou cair a cabeça, desolado, ouviu a porta ranger.

Levantou os olhos. O Padre Lynch, assumindo a sua atitude mais sombria, entrava no quarto. A gravidade da situação o fez dissimular o sorriso pela vitória que Deus tinha alcançado sobre Tomas Larkin.

## 2

Muito pouco havia que pudesse ser feito para melhorar o exterior da Mansão Hubble, todo em pedra cinzenta, mas a renovação do interior foi atacada com típico fervor Weed. Depois de um minucioso inventário que durou dois meses, tudo o que podia ser dispensado foi removido para museus, asilos e igrejas e recebido com satisfação. A ala sul, que continha a maior parte das instalações de serviço, foi atacada com o mesmo ardor com que os exércitos de James II haviam atacado durante a guerra. Ficou reduzida apenas a um arcabouço, com todas as madeiras apodrecidas e rebocos velhos removidos.

Depois de um resmungo inicial de aflição, Lorde Roger se acomodou e começou a apreciar a atividade reinante na casa, como apreciava tudo o que se referia a sua mulher. Caroline estava revelando toda a capacidade de organização e de comando do pai, acrescentando a isso um gosto impecável. Até as despesas com as reformas foram atenuadas graças ao número crescente de fusões com as empresas de Sir Frederick, o qual demonstrava com isso um tangível reconhecimento pela felicidade da filha.

E Caroline escolheu três dos melhores arquitetos da firma que construía Rathweed Hall e contratou-os por prazo indefinido, com uma porção de subordinados de talento. Um novo plano-piloto foi traçado para a ala sul. Começou

então a trabalhar uma multidão de operários, artífices, artesãos, artistas, decoradores e agentes de compras que percorriam Londres e o continente à procura de móveis, artefatos e obras de arte.

A ala sul foi dotada de uma nova cozinha de proporções monstruosas, projetada pelo melhor arquiteto naval de Sir Frederick, como um protótipo do que havia de melhor nas linhas transatlânticas de Weed.

Além da cozinha, a ala sul devia dispor ainda de cavalariças modernas, cocheiras, sala de arreios, boxes, estufa, depósito de lenha, depósito de carvão, galinheiro, sala das pratas, padaria, quatro despensas, sala de defumação, duas salas de refrigeração, escritório do

mordomo, copa do mordomo, copa do submordomo, sala de bagagens, leiteria, sala de linhos, adega, depósito de licores, uma caldeira gigantesca e uma sala de maquinismos, também de construção marítima.

Foi construída uma seção de manutenção com oficinas de marcenaria, estofamento, cortinas, carruagens, ferreiro, marmorista, estúdios de arte e uma sala de costura que empregava doze costureiras. O

restante da ala sul continha vinte suítes e quartos para empregados de categoria como o cozinheiro-chefe, o superintendente dos coches e o encarregado da manutenção. Os outros empregados que moravam na Mansão estavam espalhados nas proximidades dos

aposentos dos donos da casa. Os demais, num total de cento e cinquenta pessoas, compreendendo jardineiros, guarda-caças, vigilantes, cavaliários e outros ou moravam em casas separadas, espalhadas pela propriedade, ou residiam em Ballyutogue.

Enquanto o trabalho na ala sul prosseguia em plena força, Caroline contratou Victor Lessaux, discípulo de Viollet-le-Duc, que tinha sido um mestre na restauração de castelos e monumentos antigos. Lessaux foi encarregado de restaurar o Salão Comprido em toda a sua glória e ele por sua vez importou homens peritos nos trabalhos em pedra, madeira e vitrais. A grade de ferro parcialmente destruída na entrada do vestíbulo era a restauração mais difícil. Lessaux

convenceu Lady Caroline de que a grade devia ficar para o fim, quando o trabalho no salão estivesse terminado. Ela concordou a contragosto, compreendendo que a grade constituía um enigma para o mestre francês, e resolveu dar-lhe tempo para resolver o mistério.

Os arquitetos e decoradores traçaram planos para todas as suítes, remodelando os principais aposentos na ala norte, além de cerca de trinta salas na ala central, entre as quais os principais salões, o jardim de inverno, a sala de música, a sala de jogos e o salão de jantar. A biblioteca foi a única área que permaneceu intacta.

Foram testados os mais novos materiais de construção. Instalou-se aquecimento central, coisa até então

desconhecida naquela parte do Ulster, com o complemento de água quente. Num golpe de imaginação e de audácia, que deixou Sir Frederick boquiaberto, Caroline mandou instalar eletricidade, com um gerador na própria Mansão. Era a primeira vez que se iluminava uma casa a eletricidade em toda a Irlanda.

Os serviços de casa e a cozinha sempre tinham sido inferiores, pois não havia uma senhora na Mansão, depois que Lorde Arthur se retirara para Daars. Todo o pessoal foi treinado de novo por peritos vindos de Londres e a cozinha ficou a cargo de um *chef* importado de Paris, com dois assistentes.

Ao mesmo tempo que tomava conhecimento da anêmica vida cultural de Londonderry, Caroline apressava Lessaux

nos trabalhos de restauração do Salão Comprido. Arrendou em Londonderry um teatro abandonado, remodelou-o e contratou uma série de concertos, peças de teatro, conferências e até espetáculos de variedades. Todas as *troupes* e os virtuosos que se exibiam em Belfast e Dublin passaram a ir também a Londonderry. Muitas vezes eram realizados espetáculos particulares no Salão Comprido.

Uma noite, Caroline mostrou a Roger os projetos de aposentos para crianças, o que era uma maneira de anunciar que estava grávida. Depois dos enjoos matinais do início, ela floresceu como se estivesse cumprindo a sagrada missão de trazer um messias no seu corpo. Diante do seu passado dissipado, poder-se-ia pensar

que a ideia da maternidade não lhe poderia trazer tamanha sensação de orgulho e realização. Adorava o que lhe estava acontecendo. Não dizia nada disso a Roger, mas sentia que pela primeira vez estava em igualdade de condições com o pai, pois fazia alguma coisa dentro do seu corpo que Sir Frederick com todo o seu poder não era capaz de realizar.

Roger aceitou a gravidez da esposa sem grande alvoroço. Era uma coisa natural, que tinha de acontecer no seu devido tempo. Sir Frederick é que não coube em si de contente e ficou exaltadíssimo. As primeiras demonstrações de alegria foram substituídas por acessos periódicos de receios pela saúde da filha. Essa preocupação obrigava-o a fazer visitas

quinzenais à Mansão Hubble, disfarçando-as a pretexto de negócios, mas sem enganar ninguém.

As preocupações de Sir Frederick se agravaram ao ver que a filha continuava a trabalhar sem descanso já no sexto mês de gravidez. Na sua última visita, foi encontrar os aposentos de Caroline transformados em escritórios e cheios de plantas, materiais, listas de preços, contas e homens que falavam alto. Caroline usava óculos de lentes grossas, examinando e conferindo tudo, e não dava muita atenção ao pai. Mas Sir Frederick, que não era homem para esconder a sua irritação, falou tanto que ela afinal teve de parar e escutá-lo.

— Muito bem, Freddie, pode falar.

Ele tirou um charuto, mas pensou no

estado dela e tornou a guardá-lo. Caroline tirou o charuto do bolso dele, cortou-lhe a ponta, acendeu-o e entregou-o ao pai.

— Não devia ter feito isso, Caroline.

— Por quê?

— Pode fazer mal ao garoto.

— Conversa, Freddie.

Ele resmungou, criando coragem para falar.

— Conversei há algum tempo com o Dr. Chadwick, a quem encontrei por acaso no clube. Ele me perguntou por você... e eu naturalmente falei no seu estado. Ele também acha que essa sua atividade exagerada pode ser prejudicial.

Roger chegou nesse momento e beijou o rosto da mulher. Parecia que Sir Frederick tinha pouco apoio para a sua argumentação, pois Caroline nunca se

mostrara em melhor estado de saúde.

— Dentro de algumas semanas, você estará entrando no seu sétimo mês. Não pode estar subindo escadas de dez metros de altura e rastejar por esses túneis quando estão assentando canos! Você não acha, Roger?

— Até agora, parece que ela se vem dando muito bem com isso — respondeu Roger. Teria gostado de acrescentar que a gravidez havia tirado da cabeça de sua mulher a lembrança das coisas eróticas e que seria bom que ela ficasse assim indefinidamente.

Weed notou a troca de olhares afetuosos entre os dois.

— Vocês dois são impossíveis — disse ele e, usando de um velho truque, que era formular uma pergunta de tal

maneira que só podia haver uma resposta, acrescentou: — De qualquer maneira, dentro em pouco, você irá para uma boa clínica em Londres. Pedi ao Dr. Chadwick que escolhesse a melhor...

— Freddie... — murmurou Caroline.

— Em todo caso, é evidente que você irá na fase final para Londres.

— Meu filho vai nascer aqui, na Mansão Hubble — disse Caroline, com calma decisão.

Mas... mas... vocês dois ficaram loucos! Roger, você não pode permitir que ela o domine assim!

— Parece que eu tenho tanto sucesso em governar Caroline quanto o senhor. Por outro lado, a ideia não me desagradava. Dez gerações de condes e viscondes foram pais de cerca de cinquenta filhos e

este será o primeiro a nascer em solo irlandês.

— Não aceito essa tolice sentimental. Caroline tem quase trinta anos e não é uma dessas católicas que não fazem outra coisa senão ter filhos.

— O médico diz que sou sólida como a libra esterlina.

— Médico? Que médico? Isso é outra coisa que quero discutir com vocês. Que espécie de médico vocês podem ter por aqui?

— Ian Cruikshank, um homem bem competente — respondeu Roger.

— Cruikshank?

— Tem grande experiência, Freddie. Já assistiu o nascimento de quase todos os bebês deste lado de Inishowen.

— Nunca ouvi falar nesse tal

Cruikshank... Já fizeram investigações sobre a escola em que se formou, onde prestou serviço militar e quais são os seus clubes? Onde é que ele clinica?

— Em Ballyutogue.

— Em Ballyutogue? Será que ouvi bem?

— Ouviu, Freddie.

— Um médico de aldeia cuidando do nascimento do meu neto?

O rosto de Sir Frederick ficou alterado como se ele fosse ter um ataque. Roger deu ânimo a sua mulher, apertando-lhe o ombro. As raivas de Sir Frederick tinham uma parte de simulação e uma parte de realidade.

Continuou a parecer arrasado.

— Vão insistir nessa loucura?

— A criança vai nascer aqui —

repetiu ela.

Sir Frederick estava inteiramente confuso. Nada havia que ele pudesse fazer naquela situação. Não podia comprar, por mais dinheiro que gastasse, os desejos alheios, nem havia ameaças com que pudesse modificá-los.

— Vou mandar buscar em Dublin, não, em Londres, alguns homens competentes para verem se esse tal Cruikshank faz corretamente o seu dever.

— Freddie, Freddie, ele provavelmente atende a mais partos difíceis numa semana do que Chadwick já atendeu em toda a sua vida.

— Está vendo? É exatamente isso que eu quero dizer. Vai ser um parto difícil.

— Nada disso. Estou dizendo apenas que o homem é competente em qualquer

situação.

— Escutem, e quem é que vai ajudá-lo?

Roger e Caroline se olharam por um instante. Roger bateu no ombro da mulher para tranquilizá-la e disse: — Uma parteira.

— Vocês não acham que já foram longe demais com todas essas asneiras?

— Freddie, por favor...

— Não voltarei mais aqui — disse ele, dando um soco na mesa para dar mais força às suas palavras — enquanto vocês não estiverem procedendo de maneira mais sensata. Quanto a você, Hubble, só lhe posso dizer que estou escandalizado e decepcionado. Qualquer desastre que acontecer em consequência dessas loucuras recairá sobre sua cabeça!

Sir Frederick saiu, deixando atrás de si, como um rastro de sua raiva, algumas portas batidas. Roger fez menção de segui-lo.

— Não faça isso — disse Caroline. — Ele está agora a todo pano e não adianta falar com ele. Deixe-o bater com a cabeça pelas paredes. Ele vai voltar.

Roger retrucou, aflito: — É o primeiro neto dele. Vou tentar acalmá-lo.

— Não — disse ela categoricamente.

— Escute, você ainda vai ficar tão preocupada quanto ele por causa disso.

Caroline em silêncio tornou a pôr os óculos e prosseguiu no exame dos seus papéis. Roger olhou na direção por onde Weed tinha partido.

Estava entre dois dos temperamentos mais obstinados e inflexíveis de todo o

Ulster. Um passo mais e ele podia ser obliterado no fogo cruzado de amor e ódio dos dois.

Os dois últimos meses da gravidez de Caroline passaram sem que nem ela, nem o pai cedessem. Roger, na luta, sentiu-se posto de lado, quase como se fosse um estranho. As paixões dos Weeds eram inabaláveis.

Tratava de negócios com Sir Frederick, mas somente por intermédio do Brigadeiro Swan. Houve sossego na Mansão Hubble, enquanto pai e filha se deixavam consumir pela própria teimosia. Pela primeira vez, nenhum deles sabia como resolver o impasse e falar primeiro ou mesmo mandar um sinal. Ciclos de silêncio se transformavam em ciclos de tensão à medida que a época do parto se

aproximava. Uma ou duas vezes, Roger decidiu ir a Belfast e quebrar o gelo, mas os ultimatos de Caroline foram imperiosos.

A noite que começou com uma leve mas identificável cãibra não tardou a tornar-se cheia de dores. Quando estas passaram a ser mais frequentes, Roger mandou chamar o Dr. Cruikshank. Depois, foi com ela para um apartamento especialmente preparado. Algumas horas passaram, durante as quais Roger ficou ao lado dela e marcava o tempo decorrido entre as contrações.

— Vai ficar junto comigo, Roger? — perguntou ela.

— Enquanto aguentar, vou e, quando sair, será apenas para ficar no quarto ao lado.

Continuou a calar o seu aborrecimento pelo fato de Cruikshank ainda não ter chegado.

— Roger, sabe que você é um homem maravilhoso? Estou muito satisfeita com tudo o que nos aconteceu e adoro você.

— Ora, Condessa. Aposto que diz isso a todos os homens.

— Você parece um meninozinho tímido quando nós fazemos as nossas brincadeiras. Neste último mês, pensei numa porção de coisas admiráveis para fazermos quando tudo isto acabar... Por alguma razão que não sei explicar... você me excita o tempo todo... inglês danado...

— Caroline, tenha modos — E acrescentou num sussurro: — Há empregados entrando e saindo...

— Creio que todos já desconfiaram de

que há alguma coisa entre mim e você — disse ela, pegando a mão dele, colocando-a entre as pernas e dizendo que deviam amar-se mais uma vez naquele momento. Roger ficou muito vermelho, como ela sabia que ia ficar. Ela começou a rir e de repente contraiu o rosto de dor. Aquela última contração parecia pior do que todas as anteriores.

Roger olhou para o relógio e então deu um suspiro de alívio ao ouvir um rumor de passos no corredor.

O Dr. Cruikshank entrou em companhia de uma mulher baixa e gorda que Roger, pelo traje e pelas maneiras, identificou como católica, provavelmente mulher de um rendeiro.

— Desculpe, *m'lord* — disse o médico — mas tive um caso urgente na

pedreira.

Roger arqueou as sobrancelhas, transmitindo a mensagem tácita: "Que poderia ter havido na pedreira que fosse mais importante do que a Viscondessa?"

Cruikshank sentiu isso quando lavava as mãos e disse: — Tive de amputar. Desmoronamento. Um pobre-diabo perdeu as duas pernas.

O médico transmitiu também sua mensagem tácita no sentido de que, se tivessem sido tomadas medidas de segurança corretas, não teria havido desmoronamento.

Em seguida, o médico se aproximou da cama.

— Como vamos, Lady Caroline?

Ela sorriu.

— Qual é o intervalo entre as dores?

— Um pouco menos de sete minutos

— disse Roger.

Cruikshank tirou um estetoscópio da mala e colocou-a na barriga e depois no coração de Caroline.

— Temos ainda um bocado de tempo. Esta é Mairead O'Neill. Já trouxe sozinha muitas centenas de bebês ao mundo. A Sra. O'Neill foi a melhor parteira com quem já trabalhei.

Caroline assentiu para dizer que compreendia por que ele fizera a escolha, mas afora isso não cumprimentou, nem perguntou nada. Mairead foi assim posta no seu lugar, mesmo numa situação como aquela, mas isso pouco lhe importava. Só estranhava era a ausência de perguntas, como as que sempre faziam as mulheres

no primeiro parto.

Caroline sentiu que uma dor estava chegando. Quando a dor chegou, ela retesou o corpo e o suor lhe brotou dos poros, mas não deu o menor grito, olhando para a parteira, como se quisesse dizer: “Não me vai ouvir gritar porque eu sou de uma raça mais forte do que qualquer mulher que você já conheceu e eu lhe mostrarei a minha coragem”.

Mairead enxugou o rosto de Caroline tomou-lhe o pulso.

— Seria melhor para todos nós e para a senhora também se relaxasse um pouco, *m'lady*. Isso facilitaria muito as coisas.

Depois que outra série de dores a deixou sem produzir um só grito que fosse, Mairead olhou para ela com compaixão. Falou-lhe de uma maneira que

os outros não pudessem ouvir.

— Não está provando, nem ganhando nada com o seu procedimento.

Todas nós somos iguais neste momento. Grite, minha filha.

— Não posso... — murmurou Caroline. — Não posso...

O médico chamou Roger.

— A Sra. O'Neill vai preparar sua mulher. É melhor esperar lá fora, Lorde Roger.

— Combinamos que eu ficaria até quando me fosse possível.

Ian Cruikshank resmungou. Estranho, mas muito gentil. Era um casal bem teimoso aquele, mas muito unido. Coçou a cabeça, tentando pensar na causa, mas concordou.

— Está bem, mas saia da frente.

A noite caiu lá fora e, mesmo quando as dores chegaram a níveis cruciantes, Caroline continuou a não querer gritar. Na sétima hora do trabalho de parto, Mairead chamou o médico que dormitava.

— Está na hora.

Roger estava ao lado da cama, segurando a mão dela.

— Faça força, *m'lady*... Faça força... assim...

— Freddie! — gritou Caroline no momento do nascimento de Jeremy.

— Freddie! Freddie! Papai! Papai!

### 3

Tendo chegado à mais terrível decisão de sua vida, Finola estava disposta a ter a coragem de ir até ao fim e sofrer todas as humilhações que fossem necessárias, porque, aos seus olhos, eram enormes os seus pecados.

O presbitério do padre era a melhor casa da Aldeia Alta, como devia ser dentro da tradição da Igreja. Não era como as casas dos rendeiros, sendo mais parecida com as grandiosas casas de dois andares que os protestantes mais destacados possuíam em Ballyutogue. A viúva O'Donnelly, que era a governanta do padre, abriu a porta para Finola e levou-a para uma pequena sala, cujos

móveis tinham sido comprados dois anos antes pelos paroquianos.

— Como vai o pequeno Dary? — perguntou o Padre Lynch, querendo saber do garotinho.

— Nunca se viu uma coisa assim — disse ela, expandindo-se no seu tema favorito. — Vai-se criar, graças a Deus. Será talvez um pouco delicado, mas gozará saúde, que eu cuidarei disso. Agradeço muito à Santa Virgem por ter-lhe poupado a vida.

O Padre Lynch aceitou a gratidão dela em nome da Virgem.

— E você, Finola? Qual é o assunto urgente que a traz aqui?

Ela torceu nos dedos o fino lenço de linho e lutou para manter a calma.

— Tenho um peso terrível na

consciência, Padre. O que lhe vou dizer já devia ter dito em confissão há muitos e muitos anos.

O Padre Lynch fechou o rosto e esperou.

— Padre — disse ela, baixando os olhos e com a voz trêmula de vergonha — sou casada há vinte anos com Tomas Larkin e tenho pecado durante todo esse tempo. — Balbuciou e então disse num arranco: — Sempre gozei os prazeres da carne.

O padre se levantou, levou as mãos às costas e levantou o rosto para o alto.

— Compreendo — disse ele. — Quer ter a bondade de ampliar o que disse?

— Quase sempre apreciei o ato sexual — disse ela num sussurro.

— Isso não é natural, sabe?

— Sei.

— Que é exatamente o que goza?

— Tudo — disse ela num gemido.

O Padre Lynch aproximou a cadeira e quase encostou o rosto ao de Finola.

— O que me contou é extremamente grave. Para que eu possa aconselhá-la como convém, deve expurgar-se de tudo neste momento. Está pronta?

— Sim... estou pronta.

— Olhe para mim, Finola.

Ela o olhou pelo canto dos olhos, vermelha de vergonha.

— Agora, conte-me tudo, ponto por ponto.

Era degradante, mas era preciso, a fim de que as portas do céu pudessem abrir-se para ela. Confessou um prazer atrás do outro, elevando uma montanha de deboche

e pecados mortais como ele nunca tinha visto nos seus trinta e cinco anos como agente de Deus. A mulher apreciava tudo! Nudez, beliscões, palmadas, dentadas, lambeduras, beijos, esfregões que chegavam até aos órgãos repreensíveis. Parecia não haver nada que os dois não tivessem feito, até provarem um ao outro! Quando Finola chegou ao fim, começou a soluçar. O Padre Lynch estava muito pálido.

— Esses atos antinaturais são inspirados por Satanás!

— Eu sabia que alguma coisa devia estar errada, Padre, mas desde que queríamos ter filhos e eu não podia deixar de gostar do que sentia, pensei que não fosse prazer, mas uma espécie de sensação abençoada que me permitia ficar

grávida.

— É uma maldição. Conheço muitas mulheres que tiveram essas mesmas sensações carnis, mas nada de tão profano como o que você acabou de contar.

— Qual é a causa disso, Padre?

— É Deus constantemente a lembrarnos do pecado original na forma de uma mulher. O que é muito grave é que você não tenha confessado isso até hoje. Ao menos, orou para que essas sensações desaparecessem?

— Com muita sinceridade, não. Fingia não saber o que eram.

— Quando nada, você ainda tem bastante fé para buscar a expiação.

— A expiação é apenas parte do problema, Padre Lynch. Tudo chegou a um

ponto difícil por ocasião do nascimento do pequeno Dary. Como sabe, o parto foi muito difícil. O Dr. Cruikshank avisou a Tomas e depois a mim que seria fatal para mim ter ainda um filho.

Aquele maldito Cruikshank! pensou o padre. Está sempre interferindo com a obra de Deus, enchendo de tolices a cabeça das mulheres. Mas, apesar de todo o seu poder, não era prudente desafiar o médico. Se ele desse o conselho de desprezar as advertências do médico e a mulher morresse, as repercussões seriam terríveis.

— Eu sei que isso significa a violação de um dever sagrado — disse Finola — e estou disposta a arriscar-me às consequências, mas Tomas leva a sério tudo o que o médico disse. Oh, Padre! Eu

sei que Deus nos está punindo pelo que Tomas fez por ocasião da morte de Kilty...

— Qual é o problema então?

— Agora que minha saúde voltou, nós dois queremos muito ser marido e mulher de novo, embora saibamos que não podemos mais ter filhos.

O padre se sentiu insultado. Depois de tudo o que ela tinha dito, queria ainda acumular os seus pecados. A sua cólera cresceu assim como a sua determinação de exorcismar o demônio que se tinha apossado daquela alma.

— Você já cometeu pecados demais, tentando ludibriar Deus, ao experimentar os prazeres da carne e continuando a ter sensações carnis através dos anos sem confessá-las. E é um grande pecado abandonar o seu dever para com Deus e

deixar de ter filhos a conselho de um protestante, mas não pode haver pecado mortal mais grave do que desejar o sexo só pelo sexo.

— Que é que eu vou fazer, Padre? Tomas e eu somos agora como estranhos um para o outro.

— Diga-me a verdade. Ainda dormem na mesma cama?

— Dormimos, sim e isso é o pior de tudo — disse ela por entre lágrimas. — Ficamos deitados lado a lado, sem nos tocarmos, sabendo que nunca vamos ter sexo. Ele fica na taverna até tarde da noite e, quando chega a casa, atira-se na cama e dorme como uma pedra, bêbado. De manhã, quase não dizemos mais uma palavra entre nós.

Finola rangeu os dentes, tentando

forçar as palavras que ainda tinha para dizer, mas elas não saíram. Bem sabia que havia períodos sem perigo em que a mulher podia ter sexo com o marido sem que houvesse gravidez e queria pedir ao padre que lhe permitisse essas ocasiões. Sabia, porém, agora que ele jamais concordaria com isso, pois estava indignado com ela.

— Ajude-me, Padre! — exclamou ela, caindo de joelhos.

Ele pairou acima de sua vítima e então apontou o dedo ossudo.

— Você só tem esses desejos antinaturais e perversos porque negligenciou os seus deveres religiosos. Em lugar de ceder à tentação, deveria ter-se confessado durante anos. Deveria ter fortalecido a sua alma, enchendo-a dos

sofrimentos, da bondade e da misericórdia de Jesus e Maria. Você ofendeu profundamente a Deus!

Finola Larkin soluçava.

— Mas você tem sorte, mulher, pois a Igreja é cheia de perdão para os pecadores. Está pronta a submeter-se aos poderes de redenção sobrenaturais de Deus?

— Farei tudo!

— O seu caso é excepcional e eu tenho de meditar para encontrar uma orientação. Vou elaborar uma penitência apropriada para você por meio de preces e ofertas à Igreja. Jura cumprir tudo fielmente?

— Juro, Padre.

— Graças a essa devoção, você acabará tendo a força para viver com

Tomas da única maneira possível... como irmãos. Nunca mais cederá aos desejos sexuais dele, pois então esse pecado seria definitivo... Será isso ou o inferno! Estou esperando a sua resposta!

— Sim... Prometo.

— Muito bem — disse o padre. — Já que o seu pecado é tão grande, não me quero arriscar a não lhe dar uma penitência suficiente. Deve concordar em dar um de seus filhos à Igreja. Tenho certeza de que, depois disso, Deus olhará favoravelmente para o seu caso e lhe concederá absolvição na terra e menos tempo no purgatório.

— Tomas não vai gostar de ter um filho padre...

— Essa será sua maior tarefa, Finola Larkin. Você terá de trazer aquele homem

de volta à Igreja de joelhos.

— Ele talvez prefira morrer, Padre.

— Se você cumprir com o seu dever, não. Nunca deve deixá-lo esquecer que foram os pecados dele, a devassidão dele que a puseram nessa situação. No fim, quando ele tiver voltado à Igreja, terá também a força necessária para viver sem desejos libidinosos e tratar você como uma irmã.

Sem estender a mão para ajudá-la a levantar-se, ele se encaminhou para a porta.

— Vou meditar agora. Depois, mandarei chamá-la e lhe direi qual é a penitência.

# 4

No outono do ano de 1886, houve um grande acontecimento em minha vida com a abertura de uma escola nacional para as crianças das aldeias. O Padre Lynch não recebeu bem o fato, que considerava uma intrusão nos seus domínios, mas foi forçado a se calar porque o Bispo Nugent não queria ofender os ingleses. Não tinha, porém, de se preocupar porque quase ninguém na Aldeia Alta estava pensando em frequentar a escola. Não só as circunstâncias econômicas eram adversas a isso, mas também a tradicional sede de conhecimento dos irlandeses tinha diminuído muito depois da Grande Fome.

Nossos pais haviam recebido a

instrução que tinham de professores como o pai de Daddo Friel e o próprio Daddo, que iam de aldeia em aldeia, dando aulas no campo. Eram em parte poetas, em parte sábios celtas e só em parte professores regulares, com a missão de manter a língua e o folclore antigos vivos. Quando desapareceram de cena, a língua irlandesa desapareceu com eles em nossa parte do país.

A única instrução que Conor e eu recebemos foi uma aula por semana do Padre Cluny, o coadjutor, e das mãos dele não era possível saírem grandes letrados.

Eu era o resto da panela, o caçula da turma. A posição tinha suas vantagens. Além de pastorear no verão, eu em geral nada tinha para fazer nas terras da granja e era mimado por minha mãe. Não havia

qualquer razão para que eu não frequentasse a escola nacional, salvo a de ser metido num covil de protestantes, mas eu insisti até que meus pais cederam.

Conor nada tinha dito sobre a escola, mas não podia haver dúvida do que ele estava pensando. Quando lhe dei a boa notícia a meu respeito, ele resolveu agir também do seu lado. Fomos adiante da encruzilhada, onde os campos começavam e esperamos toda a tarde. Conor sentou-se com as costas apoiadas no muro de pedra, mais nervoso e incerto do que em todas as outras vezes que tinha esperado ali pelo pai.

Havia alguns meses que Conor tinha deixado de esperar o pai ali à tarde. Alguma coisa muito estranha estava acontecendo com os Larkins.

Tomas vivia muito irritado com os filhos e todos sabiam que ele cada vez bebia mais. Muita gente pensava que ele ainda estava pesaroso com a morte de Kilty, mas isso havia acontecido mais de um ano antes.

Quando ele desceu das montanhas naquela tarde, um sorriso lhe apareceu no rosto ao ver Conor à espera dele, como em outros tempos.

— Podemos conversar, Papai?

— Claro. Depois que eu chegar a casa e me lavar.

— Gostaria de falar agora mesmo.

— Bem, se é tão importante assim — disse Tomas, sentando-se no muro — pode dizer o que é.

— Seamus vai para a nova escola nacional.

— Sei disso. Fergus e eu conversamos sobre isso.

— Bem, eu estava esperando que, como nós e a família O'Neill sempre fazemos as coisas juntos, eu pudesse ir para escola com Seamus.

Sorri para mostrar que esse era também o meu desejo, mas não passei disso. Tinha notado a cautela de Conor, que em geral entrava nos assuntos sem preparação e sem rodeios.

— Não se trata de atrelar dois cavalos no mesmo arado — disse Tomas. — Neste caso, deve haver uma decisão completamente separada e independente de cada família. Os O'Neills estão numa situação diferente.

Seamus tem um irmão mais velho para ajudar Fergus. Mas eu tenho necessidade

de você na granja.

— Conversei sobre isso com Liam. Ele não quer ir à escola. É quase tão grande quanto eu e pode fazer muito do meu trabalho. Prometo fazer a minha parte sem reclamar.

— Você não tinha o direito de discutir esse assunto sem eu saber.

— Não foi assim, Papai. Liam quer fazer as minhas tarefas. Leva o tempo todo pedindo que eu deixe as coisas para ele e se sente muito feliz quando está com o senhor nos campos.

Tomas desceu lentamente do muro, pensando. Sabia como Conor podia ser insistente e eu calculava que ele não queria chegar a uma decisão que fosse uma ordem. A pretensão de Conor parecia natural...

— Não sou contra as escolas, veja bem — disse Tomas. — Mas acontece que você não precisa de muita escola e o que já sabe chega e sobra.

— Mas eu não sei nada, a não ser catecismo — replicou Conor.

— E que é que você pensa que vão ensinar na tal escola? — perguntou Tomas, zangado. — Eles nada sabem sobre a Irlanda e se interessam ainda menos. Você irá aprender história inglesa, leis inglesas, vai fazer continência à Union Jack e cantar *God Save the Queen*. Não lhe vão contar a lenda de Finn MacCool ou o Assalto do Gado de Cooley. Só estão criando essas escolas nacionais para fazer dos irlandeses bons súditos britânicos.

— Mas, Papai, quero aprender a ler

para que eu possa ler o que eu quiser, e quero também aprender somas e multiplicações e saber como foram feitos os céus e os mares. Juro que vou fechar os ouvidos quando estiverem ensinando coisas inglesas.

— Não, meu filho, isso não é bom — murmurou Tomas e tentou seguir o seu caminho, mas Conor tomou-lhe a frente.

— Mãe disse...

— Sua mãe tem a língua cheia de vinagre. É capaz de começar uma briga numa casa vazia — disse Tomas. Deu alguns passos e então falou com a voz repassada de emoção: — Conor, você não vai precisar de instrução. A sua vida já está arrumada. Você vai ficar com a granja.

Tomas tinha dado a Conor o que tinha

de mais precioso, a sua terra.

Desde a Grande Fome, era ilegal dividir as granjas em granjas menores. O título de arrendamento ou de posse tinha de ser passado intacto a um só herdeiro. Quase sempre, essa herança era retida pelo pai como um instrumento de chantagem e a competição entre os filhos podia ser renhida. Em geral, o pai retardava uma decisão até ao último instante, quando se via na iminência da morte ou da emigração de seus filhos.

— Eu disse que a granja será sua — repetiu Tomas.

Conor ficou imóvel e calado. Senti naquele instante que alguma coisa terrível estava acontecendo entre os dois.

— Não faz mal, Conor — disse Tomas, esquecendo a sua mágoa. — Você

vai acordar amanhã sabendo a importância disso e cantará de alegria.

Estendeu a mão para o filho como eu o vira fazer cem vezes e esperei que Conor retribuísse essa afeição. Não houve nada. Tomas fechou a cara e pareceu ter envelhecido de repente. Seguiu o seu caminho e em dado momento se voltou para o filho e disse num assomo de raiva: — E chega de Padre Cluny também! Não quero mais que nenhum celibatário ensine meus filhos!

E desapareceu no bar de Dooley McCluskey.

# 5

Éramos seis os garotos católicos das aldeias no primeiro dia da escola nacional e não tivemos dificuldade em encontrar-nos. Quando as cerimônias de inauguração foram realizadas no pátio à sombra da Union Jack, aproximamo-nos trêmulos uns dos outros. Entramos para uma sala nova, que ainda cheirava a tinta e a verniz e estava cheia de garotos protestantes, bem vestidos e bem calçados. Fomos para os fundos da sala e nos amontoamos sob um grande retrato da Rainha Vitória, depois do que ficamos esperando a chegada temida do professor.

Um homem alto, magro e de aparência frágil surgiu diante de nós como um bispo

que fosse anunciar a nossa condenação eterna. Tive a impressão de que meu coração saltara do peito quando ele bateu com uma régua na mesa para pedir silêncio.

— Meu nome é Andrew Ingram — disse ele. — Sou de Edimburgo, na Escócia. Dentro de poucos dias, espero conhecer o nome de todos. Ensinei numa escola nacional no País de Gales durante cinco anos e pedi a minha transferência para a Irlanda, quando soube que havia vagas aqui. Nunca me esqueci da beleza do Donegal durante umas férias que aqui passei em garoto e, sendo escocês, gosto de pescar.

Bem, o homem, obviamente, não era do campo e me parecia muito delicado em comparação com os descendentes de

Cromwell, os homens do Ulster e os rendeiros. Não decorreram muitos minutos sem que ele fosse experimentado por Sandy Hanna, neto de Luke, que era o garoto mais alto e mais forte da escola. Sandy parecia muito indicado para resistir a umas pancadas da vara de freixo do Sr. Ingram quando começou a passar o lápis pela sua lousa com o som que parecia a afinação de uma gaita de foles.

O professor deixou de falar, entre os risos da classe, e olhou para Sandy Hanna.

— Você aí.

Sandy não tomou conhecimento dele e continuou a arranhar a lousa.

O professor desceu pela sala de aula e chegou diante dele. Nós não nos atrevíamos a respirar, muito menos a

mover-nos.

— Como é seu nome?

— Sandyhanna — respondeu ele, como se o nome fosse uma palavra só.

Houve mais risos, o que era uma forma de aplauso para Sandy.

— Sandy, tenha a bondade de ficar de pé quando estiver falando comigo.

Sandy se levantou. Era quase tão alto quanto o professor e tinha ombros largos de tanto trabalhar no campo, jogando feno.

— Meta a sua camisa para dentro das calças — disse o professor.

Sandy fez um gesto que na realidade não teve qualquer efeito sobre a sua camisa e cruzou os braços em desafio. O Sr. Ingram sorriu. Eu estava começando a suspeitar de que as maneiras delicadas dele eram enganosas e, portanto, muito

suspeitas. Deu as costas a Sandy e falou para o resto da sala.

— Fico satisfeito de ter esta oportunidade, logo no início do nosso relacionamento, de explicar algumas regras simples. Depois que todos as compreendermos, e você em especial, Sandy, vamo-nos entender muito bem e não haverá mais problemas.

Ele era calmo e frio e, a essa altura, Sandy já devia estar percebendo isso. O professor se aproximou lenta e deliberadamente dele. Sandy estava ficando nervoso, mas tinha tomado posição e não podia recuar. Enquanto o professor o olhava dos pés à cabeça, ele mudou o peso do corpo de um pé para o outro, contendo a respiração.

— Não acredito em castigos

corporais, nem em humilhações, pois gostaria de presumir que todos nós vamos proceder como pessoas educadas.

Era inteiramente surpreendente aquele professor, mas tinha toda a nossa atenção. Sandy tinha visivelmente encolhido como um homem que recebe uma condenação do padre diante de toda a aldeia.

— Sandy, você vai pedir desculpas aos seus colegas e prometer que vai proceder direito. Do contrário... pode ir para sua casa e só voltar quando estiver disposto a se comportar como uma pessoa educada.

Eu tinha a impressão de que Sandy queria muito pedir desculpas, mas não sabia sair da posição que assumira.

— Não fiz nada para pedir desculpas a ninguém — disse ele sem muita

convicção.

O Sr. Ingram deu-lhe as costas, voltou para a sua mesa e disse na mesma voz calma que até então usara: — Saia da sala.

Sandy não se moveu. Era isso. Todos os olhos dos garotos estavam cravados nos dois quando o professor voltou com deliberada tranquilidade. O que vimos todos foi mais rápido do que a vara do Padre Lynch. Agarrou a mão de Sandy Hanna e, num movimento digno de Finn MacCool, rodou-lhe o corpo e prendeu-o numa chave de braço, que prendia também o pulso e o polegar. Sandy deu um grito e o professor o fez sair pela porta afóra, como se fosse, uma bala de canhão!

Ficamos completamente hipnotizados pelo que tinha acontecido.

Tudo estava acabado para Sandy Hanna, que se deixou ficar no pátio chorando e, depois, voltou à sala para pedir as desculpas mais completas que era possível ouvir.

Depois disso, nunca tivemos muitos problemas com a disciplina.

Cada um de nós se levantou por sua vez, dando o nome e a aldeia em que morávamos, enquanto os olhos do Sr. Ingram se voltavam para nós seis, os

trêmulos papistas, que nos tínhamos identificado reveladoramente como O'Neill, O'Kane, O'Connor, O'Doherty, O'Bannon e O'Toole.

— Há mais uma regra que todos têm de compreender claramente. Nós todos aqui formamos uma só família.

Depois, suprimindo os “O” e os

“Mac” do começo dos nossos nomes, nos fez sentar a todos por ordem alfabética.

Não sei se vou conseguir explicar bem os meus sentimentos em relação ao Sr. Ingram. No pouco tempo que eu já tinha vivido e na maior parte da minha vida depois, parecia haver sempre alguém que sentia a necessidade de pisar-nos. Isso acontecia com os homens de Orange, os agentes das terras, os agiotas, o pessoal da polícia e até com os nossos padres católicos. O Sr. Andrew Ingram foi a primeira pessoa em minha vida, à exceção de Charles Stewart Parnell, que me tratou como um igual e como um ser humano importante.

Quase todos os garotos protestantes tinham tido alguma instrução.

Nós, católicos, estávamos bem

atrasados em relação a eles. Não se podem contar as horas extraordinárias que ele levou tentando ajudar-nos. Dentro em breve, todas as pequenas estavam apaixonadas por ele e, como eu disse, nunca mais houve problemas com os garotos. Ganhara as suas esporas de cavaleiro no País de Gales, ensinando os filhos dos mineiros de carvão, que não eram propriamente uma turma fácil.

Poucos meses depois de sua chegada, houve rumores e reclamações contra ele da parte dos ministros protestantes do distrito e dos grão-mestres das lojas de Orange. Não gostavam de alguns dos livros que ele usava no ensino, pois julgavam esses livros repletos de ideias erradas.

Não lhes agradava também o fato de

que ele gastasse tempo demais em poesia e em ciências naturais, sem ensinar suficientemente história inglesa e religião protestante.

Circularam boatos sujos de que ele tivera de deixar o País de Gales porque fizera mal a uma moça. Outros boatos diziam que ele gostava de garotos e que por isso é que era professor. Uma tempestade se formava sobre a cabeça dele e algumas reuniões foram convocadas. Saiu de tudo com o seu jeito habitual de calma dignidade. Nas duas vezes em que foi chamado à junta escolar, fez calar os homens que o interpelavam com a extensão dos seus conhecimentos, exibindo uma intimidade com a Bíblia que estarreceu e silenciou os pregadores.

O Sr. Ingram era muito estimado pelos

alunos e tinha aconselhado muitos deles na solução dos seus problemas pessoais. Tinha criado em torno de sua pessoa um santuário neutro onde a compaixão e a razão predominavam num lugar que não conhecia bem nem uma coisa, nem outra. Causava-nos verdadeiro pavor a ideia de que pudéssemos perdê-lo.

Então, o Senhor mandou um anjo na pessoa de Lady Caroline Hubbie, que o convidou para ir à Mansão ensinar os filhos dos operários estrangeiros. Depois que se soube que o Sr. Ingram comparecia a peças e concertos no Salão Comprido e que chegara a fazer uma conferência sobre poesia ali, a oposição a ele cessou... graças a Deus.

Eu me lembrava de tudo o que

aprendia na escola nacional porque, depois de aprender as coisas para mim, ensinava tudo a Conor. Ele esperava por mim todos os dias na encruzilhada e, enquanto eu ainda tinha tudo bem guardado na cabeça, íamos para a velha torre normanda e repassávamos tudo. Além das matérias do estudo, eu lhe contava tudo o que tinha acontecido na aula e ele chegou a conhecer a maioria dos garotos pela descrição que eu fazia deles.

Ao fim de algum tempo, Conor passou a esperar-me mais embaixo na estrada, na forja do ferreiro Josiah Lambe. A forja era uma fonte de encantamento com os seus poços de fogo mágicos silhuetando a figura do musculoso Lambe quando ele batia o ferro e as faíscas voavam na

execução de fórmulas secretas que lhe tinham sido comunicadas pelos trasgos.

Na vida de aldeia, o ferreiro ocupava um lugar de importância logo abaixo do padre. Lambe poderia ter exatamente essa importância se não fosse protestante. A Aldeia Alta perdera o seu ferreiro, que emigrara durante a Grande Fome. Nessa ocasião, o pai de Josiah Lambe, que trabalhava para os protestantes, começou a trabalhar também para os católicos. Por uma espécie de lei não-escrita, contratava um católico como assistente e outro como aprendiz, continuando assim a trabalhar para as duas comunidades.

Lambe corria com Conor da ferraria vinte vezes, mas ele voltava sempre e aconteceu um dia que o aprendiz fora trabalhar como ajudante do ferreiro em

Clonmany. Fui encontrar Conor tocando o fole com o pé.

Uma semana depois, já sabia fazer pregos e cravos. Estava tão entusiasmado com isso que até parecia que tudo tinha saído de dentro dele.

Elogiei-o depois de examinar os produtos do seu trabalho. Tomas não gostou dessa atividade do filho, mas, do ponto de vista prático, era difícil para ele opor-se. Liam já era capaz de trabalhar o dia inteiro nos campos e o dinheiro que Conor estava começando a ganhar era muito importante para a família, de modo que ele concordou em que o filho fosse o novo aprendiz de Lambe.

Um dia, no fim do outono, não tivemos aula. Não era dia de algum santo, de uma festa como o Natal ou mesmo de um

feriado inglês, mas um dia santo exclusivamente no Ulster protestante. Encontrei-me com Conor na forja e fui até à vila com ele para fazer algumas entregas. Depois, Conor levou o cavalo para a casa do Sr. Lambe, guardou-o na estrebaria e nós dois tomamos o caminho de volta à Aldeia Alta. Quando chegamos aos arredores da vila, ouvimos hinos serem cantados na igreja presbiteriana.

— Os protestantes estão dando graças pela sua colheita — disse eu. — Por isso é que não houve aula hoje.

— Estão agradecendo o quê? — perguntou Conor.

— Palavra que eu não sei.

— Não compreendo isso. Quando chega o tempo da colheita, nossos pais ficam nervosos com a renda que têm de

pagar e com a chegada do inverno.

— Isso o professor não me explicou.

— Está ouvindo como cantam? Vamos espiar mais de perto?

— Nada disso, Conor! A última vez que entramos numa igreja protestante, quase fomos mortos.

— Vamos, Pequeno — disse ele, subindo os degraus na ponta dos pés.

Depois de ver que os caminhos de fuga estavam abertos e que não teríamos dificuldade em escapar se houvesse alguma coisa, segui-o até a janela da frente e espiamos com cuidado. O que vi lá dentro me causou espanto. Dos dois lados do altar, estavam amontoados pães e espigas de trigo. Havia rabanetes, repolhos, abóboras, cenouras e cebolas, tudo brilhante de limpeza e cestas cheias

de nozes. Havia grandes maçãs suculentas, tomates enormes, morangos e todas as espécies de comida que raramente víamos e jamais comíamos. Abaixo do altar, havia um porco e alguns cordeiros e perus preparados como para irem para a mesa num banquete. O pregador com os braços abertos estava louvando a Deus pela farta colheita e todos cantavam o seu contentamento.

— Vamo-nos embora — disse Conor de repente.

Ele meteu as mãos nos bolsos e nós caminhamos pela estrada. Conor caminhava em silêncio, o que indicava que ele estava ou imerso em seus pensamentos ou aborrecido, ou ambas as coisas ao mesmo tempo.

— Talvez o Deus dele seja melhor do

que o nosso — murmurei.

— Nada disso. A terra que eles roubaram é que é melhor.

Caminhei meio passo atrás dele até que chegamos à escola. Conor parou. Tinha lágrimas nos olhos e os músculos do rosto se contraíam com os maxilares cerrados.

— É melhor explodir logo, Conor!

— Explodir coisa nenhuma!

— Está-se vendo em sua cara que você está louco porque não pode vir à escola e eu não vou mais ficar com você, se continuar assim.

— Então pode muito bem ir para o inferno!

— Eh, Conor! Eu sei de um jeito secreto de entrar na escola.

Na verdade, não era tão secreto assim.

O Sr. Ingram sempre deixava a porta dos fundos sem trancar. Conor me acompanhou meio desconfiado, mas com os olhos ansiosos ao ver as carteiras e o quadro-negro cheio de problemas de aritmética.

— É aqui que eu me sento — disse eu — e logo ao meu lado fica a menina de quem eu lhe falei, que me traz maçãs, bolos de mel e uma porção de coisas para comer.

Conor correu a mão pelo alto de minha carteira, depois sentou-se no meu lugar e aprumou o corpo, juntando as mãos como se estivesse esperando que o professor fosse chamá-lo.

— Alô.

Conor assustou-se e deu um salto ao ver o Sr. Ingram sair da sala ao lado, onde

tinha o seu escritório.

— Bom dia, Professor Ingram — disse eu. — Estávamos passando e meu melhor amigo, Conor Larkin, quis ver minha carteira.

— Muito prazer, Conor. Meu nome é Andrew Ingram.

Conor apertou-lhe a mão com um pouco de timidez. O Sr. Ingram não precisava perguntar por que ele não estava frequentando a escola. Tinha já procurado todos os padres do distrito para pedir-lhes que recomendassem aos seus paroquianos que mandassem os filhos à escola, mas tivera muito pouco êxito.

— Conor sabe ler e escrever — disse eu, cheio de satisfação.

— É com prazer que ouço isso —

disse o Sr. Ingram.

— Seamus tem-me ensinado tudo o que aprende.

— Compreendo. Só lhe posso dizer é que tem um bom professor.

Seamus é um dos meus melhores alunos. Dentro em pouco, estará no meu lugar.

— Não se preocupe com isso, Sr. Ingram. Só faço isso porque Conor é o meu melhor amigo.

— Fico muito contente com isso, Seamus. Uma das melhores coisas que podem acontecer a um professor é produzir missionários. Há alguma chance de que você possa vir à escola, Conor?

— Infelizmente, sou muito ocupado. Trabalho como aprendiz do ferreiro, Sr. Lambe, e ainda ajudo meu pai nos

trabalhos do campo. Além disso, meu pai não simpatiza muito com a escola... — Tentei dar uma cotovelada em Conor para ele ficar calado, mas ele continuou. — Diz ele que não se ensina nada de irlandês aqui.

— Compreendo — disse o Sr. Ingram, sem se mostrar irritado.

Ainda que Conor estivesse querendo aparentar importância, não pôde deixar de olhar para as estantes que iam do chão ao teto por uma parede inteira da sala. A vista dos livros dissipou a sua demonstração de orgulho, pois o seu desejo foi logo evidente.

— E se eu lhe emprestar um livro, Conor?

— Qual deles?

— Vejamos... Talvez eu possa

encontrar alguma coisa irlandesa nestes domínios da Rainha. Aqui está um. *A Tradição dos Bardos do Período Medieval Irlandês.*

— De que é que trata?

— Desculpe, pensei que soubesse tudo sobre a Irlanda. Ê sobre os poetas irlandeses da corte durante a Idade Média. Penso que, antes de conhecer os revolucionários, poderia construir uma base de história irlandesa antiga. É uma história muito rica, sabe? Quer tentar? Não é muito difícil.

— Muito bem — disse Conor, aceitando o livro. — Pode ter certeza de que vou devolvê-lo.

— Não há pressa. A porta está sempre aberta. Quando o trouxer, pode escolher outro, à vontade. Basta deixar uma nota

em cima de minha mesa.

A porta estava aberta de verdade! Conor passou diante dos volumes, passeando com os olhos em festa por aquela verdadeira maravilha, muito embora não pudesse compreender metade dos títulos. Olhava como se fosse em sonho, com a mão irresistivelmente atraída para a lombada dos livros.

— Se tiverem tempo — disse o Sr. Ingram — uma hora por semana pelo menos, vocês dois podem passar por aqui depois das aulas para conversarmos sobre o que tiverem lido. Às vezes, quando se lê sozinho, as coisas se tornam complexas e confusas e precisam de um pouco de explicação.

— Está muito bem.

— Neste caso, eu também poderei

dizer se Seamus está com suas lições em dia e talvez eu até lhe passe alguns deveres.

Conor foi até à porta, mas não pôde sair. Voltou para onde estava o Sr. Ingram e procurou falar, mas a emoção lhe embargava a voz.

— Muito, muito obrigado — disse ele finalmente e saiu correndo.

Conor Larkin parecia ter um toque mágico nas mãos. Desde que me entendi por gente, vi-o fazer brinquedos de palha para as crianças da aldeia e vestimentas de palha para casamentos e outras festas. Fazia belas esculturas de madeira e cruzes de Santa Brígida para afastar os maus espíritos e outros amuletos para manter as casas e os estábulos a salvo de incêndios, duendes e estragos. Fazia linhas de pesca

e redes de crina de cavalo e também gaiolas de borboletas, e era quase tão bom quanto Tomas em consertar móveis e ferramentas agrícolas.

Todo esse talento floresceu na forja do Sr. Lambe. Não só estava forjando relhas de arado, pás e dobradiças, mas também ferrava cavalos.

Dentro em pouco, estava tão avançado na feitura de rodas e em trabalhos decorativos com o ferro que o Sr. Lambe de vez em quando coçava a cabeça. Os cabos que fazia para as ferramentas da lareira tinham belos feitios e as suas trempes eram melhores até do que as que podiam encontrar-se em Derry. Tudo o que Conor fazia tinha o seu toque especial e eram felizes as pessoas que recebiam dele um presente de utensílios ou um par

de castiçais no dia de seu aniversário.

Conor não ficava diante da bigorna a bater como o Sr. Lambe.

Movia-se à maneira graciosa dos mestres de dança de Inishowen e moldava o metal como um artista numa tela ou o poeta que fala a um pássaro. Era a glória de Josiah Lambe incentivar Conor, muito embora o discípulo já estivesse alcançando o mestre.

Ao vê-lo florescer na tenda do ferreiro, compreendi que ele realmente não queria trabalhar na granja dos Larkins. Não dizia isso abertamente para não ofender o pai. Na verdade, ia-se afastando da família ao adquirir perícia na forja e ao dedicar ao estudo todos os seus momentos de folga.

Em compensação, Liam estava sempre

ao lado de Tomas no campo, na turfeira, arando a terra, cavando os canteiros das batatas. Liam Larkin trazia a terra no sangue, mas Tomas não podia ver isso em virtude do grande amor que tinha a Conor.

O que era triste em tudo isso era que Conor e Tomas continuavam a ser amigos como sempre, mas mal se falavam. Eram dois temperamentos fortes que quase deliberadamente ofendiam um ao outro pelo silêncio e encaminhavam-se para um ponto em que as coisas se tornariam irremediáveis.

# 6

O Sr. Ingram pediu a todos os que tivessem um parente emigrado da Irlanda que levantassem a mão. Todas as mãos se levantaram.

Quase todos os parentes emigrados estavam na América do Norte.

Nós, os seis garotos católicos, tínhamos parentes que viviam em cidades grandes como Boston ou Baltimore. Na sua maioria, os protestantes tinham emigrado antes, espalhando-se pelos Estados Unidos e muitos pelo Canadá. O Sr. Ingram nos deu como um dever importante escrever uma carta longa e minuciosa a um parente emigrado, falando de nós e de nossa vida.

Não me lembro de meu irmão Eamon, que partiu antes que eu tivesse idade bastante para conhecê-lo. A única fotografia que tínhamos dele mostrava-o com outros bombeiros num piquenique num parque, mas não era possível distingui-lo bem. Não tínhamos muitas notícias dele, talvez apenas uma vez por ano. Lembro-me especialmente de uma carta dele em que mandava dizer que tinha mudado o nome de Eamon para a sua versão americana de Ed. Ê claro que ele mandava sempre um pacote de presentes pelo Natal e, quando meu avô morreu, Ed mandou dinheiro para uma boa sepultura, de acordo com o costume. No cemitério de S. Colombano, podia-se sempre dizer quais os mortos que tinham parentes nos Estados Unidos.

Lembro-me de ter começado minha carta sentado perto do fogo e olhando para minha mãe. Percebi pela primeira vez como ela estava ficando velha. Trabalhava um pouco encurvada, pois já não podia andar com o corpo levantado de verdade. Avivava constantemente o fogo para conservá-lo aceso e apaziguar os espíritos, pois é sabido que, quando o fogo morre dentro de uma casa, esta não tarda a cair. Durante a Grande Fome, os vizinhos mantinham o fogo aceso na casa dos que tinham emigrado, para que eles encontrassem a casa aquecida quando terminassem o seu exílio e voltassem para a Irlanda. Ê claro que nunca voltaram, o fogo morreu e as casas caíram. Foi assim que comecei a minha carta.

Todas as mulheres de Ballyutogue

envelheciam antes do tempo.

Havia tanta coisa a fazer em casa, nos campos e no estábulo que elas trabalhavam como escravas de manhã à noite. Eram elas que guardavam os costumes e traziam vidas novas ao mundo. No caso de minha mãe, ela ajudara a trazer centenas de vidas. Quando lhe perguntei quantos bebês ela tinha partejado, minha mãe teve um sorriso meio desdentado e disse: — Não sei fazer uma conta tão grande. Se eu tivesse um filho na escola como você quando comecei, podia saber agora.

Era preciso cuidar também dos novos animais que nasciam no estábulo, da passagem das vacas diante do fogo para dar sorte, da colocação de cruces de Santa Brígida e galhos de sorveira para afastar

os maus espíritos, da deposição de um grilo no cabo de uma foice e da mistura de cinzas com as sementes novas para dar sorte. Talvez as mulheres como minha mãe não soubessem ler, nem escrever, nem contar, mas certamente sabiam muitas coisas, para guardar as velhas crenças, ajudar as vidas novas e conservar as velhas.

Quando a noite chegava e os homens iam beber na taverna ou jogar *glink*, as mulheres se reuniam numa casa e ficavam em volta da lareira, alumiadas por uma vela ou uma lanterna, e faziam trabalhos de renda e bordado no linho para a fábrica do Conde. Ficavam sempre com os olhos vermelhos do esforço feito, mas o pouco dinheiro que ganhavam era sempre muito necessário.

Trabalhando tantas horas e tendo tantos filhos, não era de admirar que ficassem de cabelos brancos, perdessem os dentes e curvassem as costas de cansaço antes do tempo. Para aquelas mulheres pouca alegria havia. Até o prazer do namoro quando eram jovens e o júbilo do dia do casamento passavam muito depressa.

O único recurso era mergulhar mais profundamente nos contos de fadas de sua fé, que prometiam uma vida futura com um longo repouso e o fim do sofrimento. Muitas delas, que não se deixavam absorver nas fantasias de Jesus e Maria, acabavam encontrando o caminho da loucura.

Depois da colheita feita e da renda paga, havia um tempo em que nada se

fazia, pois a terra era muito pobre para ser cultivada durante os meses de inverno. Só havia necessidade de ir buscar forragem para alimentar o gado e dormir. Era no inverno que se faziam os bebês e estes nasciam no ano seguinte, juntamente com as batatas.

Havia pequenos intervalos de interesse durante aqueles longos dias tempestuosos de inverno, quando surgia a movimentação de um casamento ou de um velório. A noiva era raptada simbolicamente pelo marido, que chegava audaciosamente a cavalo e a levava. Havia depois a invasão dos homens de palha, que apareciam na festa de casamento, disfarçados em marinheiros salvos de um naufrágio. Mas a música do casamento logo se amortecia com a

chegada do primeiro filho e se transformava em eterna monotonia com a chegada do segundo, do terceiro, do quarto. E continuavam a chegar, porque deixar de ter filhos equivalia a um ostracismo do sonho da vida futura com Jesus e Maria.

Nós, os jovens, tínhamos um *ceilidh* quinzenal da aldeia e íamos cantar e dançar na torre normanda. Metade dos rapazes da aldeia podia cantar em qualquer coro de anjos e os outros tinham o mesmo talento no toque das gaitas de foles. O Padre Lynch fazia severas restrições a todas as reuniões a que estavam presentes pessoas de ambos os sexos e rondava por perto para vigiar a observância da vontade de Deus. Mas, por mais que ele fizesse, não podia afastar

de todo o Diabo.

Outras reuniões de natureza mais vigorosa realizavam-se na taverna e no bar, onde os cantos e as histórias cheiravam a insurreição e os poetas se empenhavam em gentil combate.

O inverno em Inishowen era de tempestades sobre tempestades e de uma tempestade entre duas tempestades, o que tornava tudo mais difícil para os homens, que tinham menos que fazer que as mulheres. Tomas Larkin não tinha mãos a medir para impedir que as brigas de família explodissem, à medida que os temperamentos se tornavam mais irritados.

Só Conor e eu parecíamos estar passando bem. Eu me sentia tão feliz na escola de Andrew Ingram quanto Conor

estava na forja de Josiah Lambe. Era para ele um tempo de muito trabalho, durante o qual consertava ferramentas velhas e fazia novas, ao mesmo tempo que atendia às encomendas para a pedreira.

A primavera parecia sempre salvar Ballytogue na última hora. Já no primeiro dia de março, os homens estavam andando de um lado para outro pelas suas terras, escavando o solo para ver se o mesmo estava suficientemente firme e sempre lançando as vistas para os lados do mar a fim de ver se o tempo se manteria firme. Os presságios eram bons quando arávamos a terra no dia de S. Patrício, a 17 de março, e quando as primeiras leiras de batatas já estavam plantadas pela Sexta-Feira Santa.

Tomas Larkin se encarregava da maior

parte das decisões sobre a organização do trabalho comunal e para a união de esforços nas tarefas conjuntas. Era ele que iniciava os trabalhos do ano. Dizia “em nome de Deus”, cuspiam no vento e jogava um pouco de feno ao ar para afastar as tempestades. Virava depois os cavalos para o lado propício e abria na terra o primeiro sulco.

Tomas, meu pai, meu irmão, Colm, e depois Liam pegavam as suas pás longas e finas e cavavam os canteiros das batatas. Eu ia levar água para eles. Os canteiros eram cavados à mão, numa série de trincheiras e elevações, destinadas a fazer pleno uso da encosta da montanha, mas tomando cuidado com o escoamento da água para impedir o apodrecimento e, ao mesmo tempo, assegurar que fossem

retidos o húmus e as folhas mortas que vinham com a chuva e serviam de adubo. Não havia arado que pudesse substituir o trabalho humano e cada leira mostrava uma característica e uma técnica ligeiramente pessoais.

Quando a leira estava pronta, eu fazia a sementeira com minha mãe, e Finola trabalhava com Brigid. A sementeira era trabalho para mulheres e crianças. Eu era suficientemente novo para trabalhar com a pá, mas ainda não bastante para me envergonhar de trabalhar com as mulheres. Usava-se um arcaico instrumento de madeira chamado *gugger*, que depositava as sementes no fundo das covas. As mulheres semeavam e as crianças vinham depois, cobrindo as covas com pequenos garfos.

*Quatro sementes numa cova, Uma para a gralha, Outra para o corvo, Uma para apodrecer E outra para crescer.*

As outras culturas seguiam-se, uma após outra, e quando o verão chegava, era a nós que cabia, aos garotos mais novos da família, ir para as montanhas pastorear os animais.

Mairead e Finola vigiavam de perto o animal místico que era o porco, o único em todo o mundo dotado pelos espíritos com a capacidade de ver o vento. Era o porco que pagava a renda e o seu peso, a sua saúde e o tamanho de suas ninhadas eram causa das maiores preocupações.

Com as plantações feitas, os homens iam então para as turfeiras para extrair

turfa durante os meses secos que principiavam em maio, cortando e secando a turfa e recebendo parte para uso próprio. Esse tempo do ano trazia sempre uma tensão. O mês seguinte era junho, que marcava o início dos meses azuis, quando todas as nossas superstições e preces entravam em ação. A comida e as forragens já estavam escasseando por essa época do ano. Quando chegava o mês de julho, toda a comunidade prendia a respiração. No dia Doze de Julho, por ocasião das comemorações de Orange, havia a primeira ceifa do feno, logo seguida pelas outras colheitas — trigo, cevada e aveia, nesta ordem.

No bendito mês de outubro, escavavam-se as batatas e, embora a Fome estivesse já trinta e cinco anos para

trás, ninguém a esquecia. Se as batatas ainda estavam boas uma semana depois de colhidas, todos davam um suspiro de alívio.

Pouco depois, muitos dos homens estavam levando carneiros e gado para Derry ou atravessando o mar para conseguir trabalho nas docas de Liverpool ou em outros serviços braçais na Inglaterra. Se tudo corresse bem, se uma catástrofe natural não tivesse sobrevindo, se os homens em excesso da família se tivessem casado, emigrado ou transferido para a cidade, se a comida e as forragens chegassem durante os meses azuis e não houvesse necessidade de contrair grandes empréstimos, o lavrador podia olhar com esperança o ano seguinte. A tênue linha de sobrevivência era tão frágil que não havia

necessidade de uma grande catástrofe para arrasar-nos. Bastavam pequenos contratempos que nunca deixavam de verificar-se: perda de algumas cabeças de gado, doenças, perda parcial das safras ou algum outro assalto inesperado em nossos escassos recursos, que sempre nos colocavam em posição de lutar para equilibrar as coisas. Só havia realmente equilíbrio para qualquer de nós quando chegava a hora da visita final ao cemitério de S. Colombano.

Quando os Rankins deixaram de administrar a propriedade e tudo ficou sob o controle direto do Visconde Coleraine, tivemos a impressão de que um grande peso nos fora tirado dos ombros. É claro que estávamos inteiramente errados.

O linho tinha sido uma boa cultura,

plantado comunalmente em vários campos. Luke Hanna fez saber então que os Hubbles deixariam de comprar linho, pois iriam fazer vastas plantações e o que faltasse seria fornecido pelos protestantes. Queria ele que transformássemos em pastagens as nossas terras de linho e aumentássemos os nossos rebanhos, mas no intervalo o nosso prejuízo seria catastrófico. Além disso, a criação de gado seria muito mais arriscada do que o linho.

O Visconde Coleraine não estava muito tempo à frente dos negócios para sentir os efeitos de um boicote. Quando velhos rumores de descontentamento e raiva se espalharam pelo condado, Kevin O'Garvey, falando em nome da Liga Rural, fez ver ao Visconde que era

preciso encontrar novos meios de compensar os nossos prejuízos. Cumpre fazer justiça ao Visconde. Percebeu imediatamente a situação e conseguiu verbas do governo para projetos de estradas e aumentou os empregos nas pedreiras, dando por fim à Aldeia Alta um contrato para a colheita e preparação dos campos de linho dele.

Era um trabalho sujo, terrível, detestável. Os talos tinham de ser arrancados à mão e nós, garotos, repassávamos tudo, para arrancar o que tivesse escapado às vistas dos homens. Ao fim do dia, as costas doíam tanto que se tinha de esperar uma hora ou mais para aprumar de novo o corpo.

Depois de arrumar os talos em feixes amarrados, íamos colocá-los em tanques

artificiais para que o miolo apodrecesse. Tudo ficava dentro da água quinze dias e, quando o miolo apodrecia, o fedor era tanto que fazia um espírito mau fugir para o outro lado do mar. Vinha então o serviço para crianças, que me convenceu de que eu nunca seria um lavrador. Tínhamos de entrar naqueles tanques pútridos e malcheirosos que, além do mais, se tinham tornado escorregadios, tirar os talos, sacudi-los e espalhá-los no chão, um a um, para secar. Para mim, era pior do que rezar o rosário.

Depois, os homens levantavam medas e casas de dois andares de altura com os talos para completar a secagem, depois do que os carros de Luke Hanna iam buscar tudo e levar para a fábrica, a fim de ser fiado, tecido e branqueado no linho final.

Só mencionei a colheita do linho em vista do mau cheiro, de que ainda me lembro perfeitamente.

Havia reuniões religiosas e festas tradicionais, durante as quais tínhamos uma chance de fugir dos olhos penetrantes do Padre Lynch e de dançar agarrando bem o par, de jogar, de apostar, de beber, de namorar e de brigar. Eram as peregrinações aos lugares santos e eu não gostava muito disso, embora nossas mães levassem a coisa a sério e nos forçassem a acompanhá-las. Santa Brígida e S. Colombano eram importantes no Donegal, mas, como no resto da Irlanda, S. Patrício era o mais importante.

Daddo Friel dizia que alguns dos rituais que praticávamos como católicos

eram tão velhos que realmente tinham começado com os sacerdotes druidas dos celtas. Assim acontecia com a peregrinação à montanha de Croagh Patrick, na qual os devotos subiam descalços um dos mais altos picos da Irlanda. Só três pessoas em Ballyutogue tinham feito a penosa ascensão. Uma delas era Finola que, como se sabia, fora recompensada com o nascimento de Conor.

Conor e eu ficávamos ansiosos na manhã da feira mensal, em geral realizadas no dia de um santo. No dia da feira, que se efetuava em Muff, Moville, Bunrana ou Guldaff, nós lá chegávamos tão alvoroçados como jovens valentões de Derry.

Havia barracas de roupas usadas da

Escócia, e de utensílios agrícolas e de cozinha, bem como rapazes à procura de pequenas e de brigas. Às vezes, havia também corridas de cavalos, brigas de galos ilegais e grupos errantes de bardos, atores, cantores de baladas e contadores de histórias, além de pilhas de fazendas, de brinquedos, de cestas e de homens que faziam jogos de azar.

Conor e eu tínhamos sempre uma transação importante para fazer na feira, como a de comprar um par de sapatos de segunda mão. Enchíamos os bolsos e amuletos no dia da feira e sempre descobríamos um cigano para ler nossa mão sem esquecer as mais terríveis profecias, depois de termos cruzado as palmas da mão com moedas. Os ciganos nos diziam o que podíamos esperar e o

que devíamos evitar. Os ciganos, quando não estavam lendo a mão, procuravam vender cavalos, enquanto as mulheres e os filhos andavam para cima e para baixo pela feira à procura de esmolas.

Daddo Friel tinha dito a Conor e a mim que os ciganos não eram verdadeiramente ciganos, mas irlandeses como nós que tinham começado a vaguear pelas estradas algumas gerações antes, depois que as suas casas caíram e eles se viram na miséria após as derrotas nos levantes ou em seguida às fomes. Uma vez por ano, eles acampavam com os seus carros na encruzilhada, perto da árvore dos enforcados. Nós lhes dávamos boa acolhida e, em retribuição, eles raramente roubavam alguma coisa.

Julgávamos em Ballyutogue que dava

sorte ser bom com eles. Faziam os consertos nos objetos de estanho e de lata, reparavam os alambiques de *poteen* e levantavam acampamento. O Dr. Ian Cruikshank tinha anualmente um Dia dos Ciganos, no qual examinava todos eles de graça e ainda os abastecia de remédios.

No segundo dia da feira, todas as brigas e questões de famílias ou de clãs surgidas no dia anterior podiam explodir. A multidão aumentava e a polícia também. Os pacificadores como Tomas Larkin eram chamados quase a cada instante. Às vezes, a pacificação não adiantava e as brigas mais animadas davam assunto para as conversas do inverno seguinte nas rodas da taverna.

Os negócios de compra e venda nas feiras eram da maior importância.

Podíamos na primavera estar à procura de um bom cavalo e as mulheres queriam comprar panos com o que tinham ganho na venda de ovos. No fim da primavera, vendia-se gado e a primeira lã tosquiada dos carneiros a fim de fazer o primeiro dos dois pagamentos da renda. As feiras do outono eram muito mais importantes. Ter para vender uma boa vaca ou um carneiro excepcional podia significar a diferença entre um ano de aperturas e um ano relativamente desafogado. Havia a última venda anual do gado que não estava compreendido no contrato com o proprietário e nós nos alugávamos para levar os animais ao porto, a fim de poder entrar com o segundo pagamento da renda, nos fins de outubro.

Lembro-me do Primeiro de Maio com

as suas fogueiras e das festas da Noite de São João, quando se ficava esperando o primeiro canto do cuco, que anunciaria uma boa colheita. A Véspera do Dia de Todos os Santos era a melhor de todas as festas, pois as batatas já tinham sido colhidas, a renda já estava paga e o campo se achava cheio de espíritos, fadas, gnomos e cavaleiros sem cabeça.

E então o inverno voltava.

Entre todas as coisas de que eu me lembro de Ballytogue, nada me faz maior bem ao coração do que um acontecimento anual que só chegou a ser instituído em consequência da fome. Nos meses azuis do meio do verão, quando estávamos à espera da primeira colheita, era bem possível passar fome. Depois da Grande

Fome, Kilty Larkin conseguira dos Hubbles permissão para colher as algas do mar.

Toda a população da aldeia — homens, mulheres e crianças — ia para a costa e armava habitações provisórias, numa aldeia de pescadores abandonada da praia.

Daddo Friel disse-nos que antes da fome os colhedores de algas trabalhavam nus, o que era ao mesmo tempo prático e agradável.

Entretanto, os padres acharam de abençoar o empreendimento e nós tivemos de preservar a moral. Dai por diante, só os nossos pés ficavam nus.

Quando Conor e eu ficamos mais velhos, tivemos permissão de usar as facas, as foices e as enxadas

especialmente afiadas para a coleta das algas. Muitos rolos de corda eram preparados na praia. Quando a maré estava baixa, saíamos nos nossos *curraghs* até onde estavam os lençóis de algas do alto mar, levando uma jangada entre dois barcos.

Do mesmo modo que trabalhavam lado a lado no campo durante a vida, Tomas e Fergus trabalhavam em *curraghs* juntos para cortar as algas e empilhá-las na jangada. Colm trabalhava com Papai e Liam, Conor e eu fazíamos um bom trabalho ao lado de Tomas. Em breve, as jangadas estavam correndo para a praia e voltando. As pilhas de algas eram amarradas e levadas à mão sobre a areia fofa até um terreno mais firme, onde as rodas dos carros não se enterrassem com

o peso das algas. Nos carros e nos cestos para serem levados em lombo de burro as algas eram transportadas para um longo muro de pedra, onde eram sacudidas e espalhadas para secar. Antes de Kilty ficar inválido, era ele o encarregado dessa parte da operação. Kilty e outras pessoas da aldeia percorriam as algas, para separar milhares de mexilhões e outros mariscos e selecionar as algas segundo a sua qualidade e futuro uso.

Ao mesmo tempo, minha mãe, Finola e Brigid entravam na água até à cintura para apanhar as algas atiradas pelas tempestades, cortá-las e ir até à praia com o que podiam levar nos braços, voltando depois.

Se a maré baixa chegava durante a noite, todos trabalhavam à luz das

lanternas. Quando a coleta da beira da praia tinha terminado e o mar estava calmo, saíamos com nossos pais nas turmas de dezesseis *curraghs*, que saíam para água mais profunda, e cortávamos um lençol inteiro de algas, que levávamos para a praia como uma baleia encharcada.

Parte dos direitos de coleta das algas incluía a apanha de moluscos.

Durante a noite, grupos de rapazes e moças procuravam mexilhões e ostras. Era a parte de que eu e Conor mais gostávamos, pois escolhíamos de antemão as pequenas que deviam fazer-nos companhia. Em determinado ano, houve Alanna, a primeira que beijei, e Lissy... fizemos mais do que isso. Havia Brendt O'Malley, que fazia quase tudo, a tal ponto que eu até a tinha em comum com

Conor. O Padre Lynch e o Padre Cluny tentaram fiscalizar a apanha de mariscos. Mas nós tínhamos meios engenhosos e aperfeiçoados de despistá-los. A apanha de moluscos era a melhor parte da coleta de algas, mas as confissões depois se prolongavam durante semanas.

Separar as algas era uma tarefa árdua e pouco limpa. Parte delas era usada para a alimentação dos animais, um pouco para fazer iodo e ainda alguma servia de adubo. Havia algas comestíveis, que minha mãe misturava com as batatas, e outro tipo que podia ser batido como geléia para engrossar o leite e a manteiga.

Fogueiras ardiam ao longo da costa para queimar as algas e fazer sabão e descorante, enquanto outras algas eram imersas na água para conservar os

mariscos. As conchas eram trituradas e transformadas em cal. Algumas semanas depois, nossas casas ostentavam todas pintura nova.

Depois de procurar mariscos com as moças, a comida era o melhor.

Os que tinham sobrevivido à Grande Fome tinham ainda na boca o gosto amargo das algas e dos mariscos. Era tradicional abominar a comida da fome e essa aversão ficou conosco por toda a vida, mas nos meses azuis isso podia representar a diferença entre uma barriga cheia e uma barriga vazia. Além disso, não tendo vivido no tempo da Grande Fome, eu não me importava com o cheiro dos grandes caldeirões em que os mariscos eram cozidos.

As algas eram escorregadias, a água

em que eram imersas ficava suja e pegajosa e o cheiro quando se queimavam era tão ruim quanto o do linho apodrecido. Era a espécie mais baixa do trabalho que fazíamos, mas quando recordo as noites passadas à luz das lanternas e dormindo na areia com as pequenas, vejo que foi também o nosso primeiro passo no mundo de amor dos homens e das mulheres.

Fazíamos muitas coisas juntos em Ballyutogue. Rezávamos juntos e trabalhávamos nos campos juntos. As alegrias dos nascimentos, as lágrimas dos casamentos e os gemidos de angústia nas mortes, tudo isso era em comum. Mas nada em minha vida era tão caro como a apanha das algas.

Escrevi muito sobre essas coisas a

meu irmão Ed. Eu sabia que ele tinha conhecido tudo isso em garoto, mas, desde que estava havia tanto tempo nos Estados Unidos, podia ter esquecido, e eu achei que ele gostaria de se lembrar de tudo.

Meu irmão Ed respondeu dizendo que tinha ficado muito contente com minha carta e sentia orgulho de que eu estivesse estudando. Dizia ele que o saber era uma coisa muito importante, principalmente se eu estivesse com ideias de emigrar. No fim, Ed me pedia que lhe escrevesse mais cartas e me dizia que, se eu quisesse, ele me mandaria alguns livros dos Estados Unidos. Bem, isso era a mesma coisa que perguntar ao bêbado da aldeia se queria *poteen*, pois os livros eram mais raros em Ballyutogue do que o sol no inverno.

Conor e eu falamos muito sobre o assunto, pois receber a espécie de livros que nós queríamos não seria tão fácil

assim. Logo que um pacote chegava dos Estados Unidos para alguém, todo o mundo na aldeia ficava sabendo disso. Dez minutos depois, o Padre Lynch aparecia para saber de que se tratava. No meu caso, ele reclamaria os livros, tocaria fogo neles e faria um furibundo sermão no domingo.

Em vista disso, Conor e eu elaboramos um plano desesperado. Conor não ficou muito satisfeito com a ideia, mas acabou por aceitá-la, porque a tentação dos livros era muito grande.

Conor visitava o Sr. Ingram regularmente de quinze em quinze dias e tinha lido já alguns dos antigos escritores irlandeses como Edmund Burke sobre a Revolução Francesa, Oliver Goldsmith e as Viagens de Gulliver de Jonathan Swift.

Na realidade, Conor lia mais que qualquer outra pessoa em Ballyutogue tirando o Sr. Ingram.

Fomos até à escola num dia em que sabíamos que ele estava sozinho e certamente corrigindo provas em sua sala. Sorriu ao ver-nos e deixou as provas de lado.

— Alô, rapazes. Que é que há?

— Um assunto muito importante, Sr. Ingram — disse eu, entregando-lhe a carta de Ed. — Leia o último parágrafo.

— Muito bem! Livros dos Estados Unidos. Será uma grande riqueza para você, Seamus.

— Precisamos de sua ajuda para sugerir o que Ed deve mandar — disse eu.

— Será um prazer para mim.

— Mas há um pequeno problema —

disse eu. — Se chegar algum embrulho endereçado a mim, quase no mesmo instante o Padre Lynch estará batendo em minha porta.

— Não há quase nada que tenhamos permissão para ler — disse Conor.

— Compreendo. Temos então de descobrir um meio de impedir que isso aconteça — disse o Sr. Ingram, sorrindo. — Ou vocês já pensaram em alguma coisa?

Nós dois coçamos a cabeça tentando explorar ao máximo as nossas limitadas capacidades de mentirosos.

— Não sabemos... — disse eu afinal.

— Escutem. E se Ed mandasse os livros para mim?

— Seria ótimo! — exclamei. — Por que foi que não pensamos nisso antes?

Mas, veja lá, Professor, não queremos criar problemas para o senhor.

— Que espécie de problemas poderia haver?

— O Padre Lynch ficaria furioso se descobrisse a coisa.

— Parece que todos os ministros protestantes do distrito estão contra mim. Posso passar agora para os padres católicos. Conseguiria assim unanimidade.

Conor estava agindo de maneira estranha desde a nossa chegada à escola e eu tinha a impressão de que ele ia estragar tudo.

— Não podemos fazer isso — disse ele afinal. — Se o Padre Lynch descobrir, nunca mais deixará nenhum menino católico vir à escola e nós não podemos

ser responsáveis por isso.

— Tenho de discordar de você, Conor — disse o Sr. Ingram. — Se ele fizer isso, a responsabilidade será dele e não de vocês dois.

— Mas isso seria uma coisa errada — disse Conor.

— A única coisa errada é submeter-se à tirania. Vocês têm o direito de saber tudo o que quiserem.

— Não tenho.

— Tem, sim. Nasceu com esse direito e não deve desistir dele com facilidade.

— Há outro problema — disse Conor. — Se os homens de Orange souberem, poderão tirá-lo daqui.

— Parece que temos um bocado de problemas — disse Andrew Ingram. — Felizmente, eles não fazem a menor ideia

do que há dentro das capas de um livro. Desconfio de que vocês querem livros sobre a Irlanda.

Conor e eu nos entreolhamos.

— Para dizer a verdade... — comecei eu e não concluí meu pensamento.

Ele se recostou na cadeira e sorriu.

— Será que vocês estão pensando em literatura da insurreição?

— Não, nada disso — murmurei.

— É isso exatamente o que nós queremos — disse Conor.

— Combinado então.

Acho que ficamos os dois ali atarantados. O Sr. Ingram voltou a corrigir as suas provas e, depois, olhou para nós.

— Mais alguma coisa?

Sacudimos a cabeça.

— Tenham então a bondade de fechar

a porta quando saírem.

Entrando numa terrível conspiração conosco, o Sr. Ingram escreveu diretamente para Ed e, no fim da primavera, quatro preciosos livros chegaram dos Estados Unidos, inclusive a autobiografia de Theobald Wolfe Tone e *O Nascer da Lua*, uma coletânea de canções e escritos revolucionários.

Tomas tivera alguns contratemplos com as suas safras e com a sua criação de porcos. As finanças da família ficaram apertadas e o emprego de Conor na ferraria se tornou mais importante do que nunca. Apesar disso, a preocupação de Tomas com o fato de Conor cada vez mais se afastar da terra e da casa muito o preocupava. Liam estava fazendo quase

todas as tarefas que deviam ser dele, de modo que Conor passava o tempo todo ou trabalhando na ferraria ou lendo à luz de uma vela. Assim, se tornava um estranho dentro de casa.

Era tradicional o filho mais novo (no caso, Liam) ir para as montanhas no verão a fim de pastorear os animais, enquanto o filho mais velho ficava trabalhando no campo com o pai. Havia, portanto, um problema e eu estava presente na noite em que Tomas chegou a uma decisão.

— Vou ficar com Liam na granja comigo — declarou ele de repente. — Você, Conor, irá para as montanhas com o gado.

Conor mostrou-se espantado.

— Por quê?

— Porque você já mostrou que é mais

do que inútil aqui.

— E o meu emprego na ferraria, Papai?

— Já falei com Josiah Lambe. Está disposto a aceitar você numa base de meio expediente quando voltar das pastagens, pois sabe que você trabalhou no campo antes de ir para a ferraria. A não ser assim, desista por completo de ser ferreiro.

Tomas estava sendo áspero como eu nunca o vira. Era evidente que Conor era mandado para o purgatório como castigo. Não podia haver dúvida de que as palavras do pai eram definitivas. Conor ficou ali parado, muito pálido, com o seu mundo arrasado, inclusive pela ameaça de perder também o emprego. Tomas tinha calculado que isso o amedrontaria ao

ponto de fazê-lo entrar na linha.

— Tudo está bem claro, Conor?

— Está, sim — disse Conor, levantando-se da mesa e saindo de casa.

Fui alcançá-lo na estrada e peguei-o pelo braço.

— Deixe-me! — exclamou ele.

— Será que não está vendo, Conor?

— Estou vendo, sim. Estou vendo tudo o que ele está tentando fazer.

— Oh, Conor, às vezes chego a pensar que você tem menos inteligência do que um homem de Orange. Então você não vê que estamos com quatro livros novos e mais o que quisermos escolher da biblioteca do Sr. Ingram e com todo o verão lá em cima à nossa vontade? Poderemos ler quanto quisermos sem ninguém nos aborrecer e sem nenhuma

necessidade de nos escondermos!

— É verdade! E eu que não havia pensado nisso... Vamos procurar o Sr. Ingram amanhã e escolher o resto dos livros — disse ele, abraçando-me cheio de alegria.

Éramos os dois garotos mais felizes de Inishowen quando arrumamos o carro do burro com provisões, fingindo que estávamos tristes e escondendo bem nossos livros, pois Tomas iria levar-nos até à casa do pastoreio, lá em cima.

Conor e Tomas saíram de Ballyutogue a cavalo, tangendo os bois e os carneiros vigiados pelos cachorros que corriam formando um grande círculo. Eu ia atrás de tudo com o carro. Viajamos para o interior na direção do oeste. Passamos pelo círculo de turfeiras, entrando na

região em que o terreno ondulado começa a tornar-se montanhoso. Levaríamos três dias na viagem, se tudo corresse bem.

Não creio que Tomas e Conor tivessem trocado mais que meia dúzia de palavras até o terceiro dia, quando chegamos ao sopé do Crocknamaddy e começamos a subir para a casa do pastoreio, que ficava numa cumeada entre dois picos, o Slieve Sneigh e o Slieve Main, à altura de quinhentos metros. Nosso grupo subiu sob a vigilante escolta de gaviões e águias douradas, que voavam em círculos.

A casa do pastoreio ficava à sombra de um belo grupo de lariços, diante de um regato que descia do Slieve Sneigh. Era uma pequena construção circular de cerca de cinco metros de diâmetro, feita à

maneira de uma colmeia, com as pedras amontoadas em ressalto sem argamassa e coberta por um teto de terra. Havia, anexo à casa, um subterrâneo que servia de depósito.

Afugentamos os morcegos que tinham feito ninho lá dentro e então descarregamos a roupa de cama, panelas e frigideiras, uma batedeira de manteiga, ferramentas, algumas armadilhas e material de pesca, velas, alguns sacos de batatas, feijão seco e aveia. Havia sempre bastante turfa que sobrara do ano anterior para acender o fogo e conservá-lo aceso até que pudéssemos cortar e secar mais turfa.

Enquanto Tomas acendia o fogo, marchamos cento e setenta e quatro passos ao lado do regato até chegar a uma

espessa moita de tojos e cavamos para encontrar um esconderijo de armas. Encontramos todas as armas limpas e secas, bem embrulhadas e lubrificadas. Escolhi uma carabina e Conor, que atirava melhor do que eu, ficou com um fuzil de pequeno calibre. Embrulhamos o resto das armas com o maior cuidado e tomamos a guardá-las no esconderijo. Quando escureceu, peamos os cavalos, limpamos as armas, comemos e fomos dormir bem cansados.

Pela manhã, Tomas inspecionou o campo conosco. A relva era bem espessa e entremeada de flores silvestres. Ao lado do regato, moitas de fetos, tojos e urzes eram excelentes para os carneiros. Alguns tanques cavados à mão e renovados cada ano pareciam cheios de peixe.

Havia uma dúzia ou mais de construções em minas, espalhadas pelo campo. Quando éramos pequenos, Daddo Friel nos dissera que ali tinham morado gnomos que dantes eram anjos e tinham sido expulsos do céu por excesso de travessuras. Mais tarde, quando já éramos mais crescidos, disse que ali devia ter sido um acampamento de Finn MacCool. Por fim, acabou identificando tudo como ruínas das invasões dos *vikings*. O mais provável é que não fossem mais que as casas de pastoreio de nossos antepassados.

Nossa casa estava em boas condições, reclamando apenas alguns dias de trabalho no teto. Conor e eu fomos a uma pequena turfeira de superfície nas vizinhanças e a examinamos. Estava com

um pouco de água e nós calculamos que, depois dos reparos na casa, o mais urgente seria extrair a turfa do verão para secar.

Quando voltamos, Tomas estava com os cavalos amarrados atrás do carro com o burro atrelado, pronto para voltar para Ballyutogue. Quando fomos falar com ele, vimos que estava com o rosto contorcido de raiva.

Todos os nossos livros, os quatro dos Estados Unidos e quatro que o professor nos havia emprestado, estavam à vista dentro do carro.

Arregalamos os olhos de horror!

— Pensaram então que, depois de cinquenta anos como lavrador, eu não ia saber o peso certo de um saco de feijão? — perguntou ele.

Estávamos muito assustados para defender no momento o nosso mundo despedaçado.

— Por que fizeram isso pelas minhas costas?

Conor ficou então calmo, como sempre ficava quando as coisas estavam difíceis.

— Julguei que não ia compreender, nem aceitar.

— O que eu compreendo é que você anda com a cabeça nas estrelas quando há problemas de sobra aqui embaixo.

— Talvez nas estrelas é que esteja a solução dos problemas...

— Aonde é que acha que esse caminho vai levar você, Conor? Nunca levou nenhum de nós senão à árvore dos enforcados. Está errado, meu filho, e

preparando para você mesmo um inferno na terra. É melhor passar o tempo aqui pensando numa porção de coisas antes de voltar para casa.

Tomas subiu ao carro, bateu na anca do burro e começou a rolar.

Conor se apressou um pouco e pegou o burro pela brida.

— Quando chegar a casa, pode mandar Liam para cá, porque eu vou-me embora.

Tomas desceu do carro no mesmo instante. Bateu com as costas da mão no rosto de Conor, fazendo-o cair no chão. Corri para Conor e protegi-o com o corpo para que ele não apanhasse de novo. Tomas se erguia diante de nós cheio de raiva e Conor olhava para ele com o sangue a escorrer da boca e do nariz. Juro

que um era tão temível quanto o outro.

Tomas Larkin foi o primeiro que cedeu. Voltou para o carro, ficou ali parado bem uns três minutos e, afinal, pegou os livros e jogou-os no chão.

— Papai! — gritou Conor, correndo para ele e abraçando-o. Dessa vez, foi Tomas quem se manteve como se fosse de pedra. Por fim, livrou-se dos braços do filho e subiu ao carro.

— Não atirem à toa. Só apertem o gatilho quando tiverem certeza de que vão matar. Não gastem todas as munições na primeira semana.

Voltarei no outono.

Depois disso, saiu.

## 8

Depois de consertar a casa e extrair a turfa, tratamos das provisões.

Haveria um abastecimento interminável de leite fresco do rebanho, que podíamos deixar coalhar ou bater para misturar com as batatas. Podíamos também fazer queijos simples com o leite das ovelhas. Corríamos o campo como habitantes da Idade da Pedra, colhendo sacos de cogumelos que cresciam na terra úmida sob as coníferas. Três ou quatro variedades de bagas da charneca podiam ser comidas quando misturadas com creme e milhares de caramujos comestíveis eram encontrados na beira dos tanques. Depois de descascar as

vagens dos tojos, tratamos de pescar.

Pescamos trutas e pardelhas até de meio metro. Preparamos e salgamos os primeiros peixes para guardar, na previsão dos dias em que eles não estivessem mais mordendo a isca, e deixamos as espinhas e as tripas secando ao sol para atrair bichos que pudessem servir de isca.

Conor preparou armadilhas para lebres e esquilos vermelhos, que também caçamos com algum sucesso com as espingardas. Depois que o subterrâneo estava bem abastecido, entregamo-nos à leitura dos nossos livros em companhia das gralhas, das pegas e dos corvos que limpavam o campo e foram ficando tão amigos que dentro em pouco estavam comendo em nossas mãos.

Ao amanhecer, fazíamos apressadamente as nossas tarefas para que pudéssemos ler. À medida que o verão avançava, a luz permanecia mais tempo no céu. Dormíamos de vez em quando entre as caçadas, as pescarias e a ordenha do leite, deixando as conversas para as horas de escuridão, a fim de economizarmos as velas. Creio que houve pouco de que não falássemos durante aquele verão. Os livros nos enchiam de sonhos e aspirações. Num minuto, lutávamos e morríamos pela liberdade da Irlanda e, no momento seguinte, viajávamos por terras místicas além de Ballyutoque.

De vez em quando, tínhamos a companhia de ciganos migratórios ou de outros pastores em pastagens mais baixas. Um ou outro fugitivo aparecia e

descansava um dia conosco. Nenhum deles era um tipo transviado de criminoso e o abrigo que lhe dávamos era coisa comum.

Estávamos em segurança com nossos cachorros e nossas armas e raramente um fugitivo fazia alguma coisa errada, pois isso equivaleria a destruir o antigo costume do santuário. Diziam-se sempre combatentes da liberdade irlandesa que tinham cometido algum pequeno crime contra a Coroa, embora só Deus soubesse o motivo pelo qual estavam sendo realmente procurados. Dávamos comida a esses homens, deixávamos que descansassem o dia inteiro e depois os encaminhávamos para as casas de pastoreio mais próximas e seguras no Crocknamaddy.

Havia um grande assunto de crescente interesse para nós. Era o que se referia a coisas de natureza sexual. A coisa que mais lamentávamos perder naquele ano era a apanha dos sargaços, pois ambos tínhamos a ideia de progredir em nosso conhecimento com a ajuda de Brendt O'Malley. Havia tanta coisa que nós não sabíamos que tivemos a ideia de procurar na volta o Sr. Ingram e pedir-lhe livros sobre o assunto. Conor calculava que ele devia ser livre de preconceitos a esse respeito.

Deve ter sido perto do São João quando ele chegou pois o céu ficava claro quase todo o tempo e nós estávamos lendo tanto que passávamos quase o tempo todo cochilando com as nossas linhas de pesca nas mãos.

Os cachorros latiram, avisando-nos da presença de estranhos. Fomos para o posto de observação e avistamos no horizonte duas pessoas a cavalo, arrastando dois burros de carga com provisões. Quando chegaram mais perto, nossos corações pularam de alegria. Era Andrew Ingram, sim, num dos cavalos, e nós corremos ao encontro dele para cumprimentá-lo.

Com o maior espanto para nós, a pessoa que vinha no outro cavalo era uma mulher.

Fomos apresentados a Enid Lockhart, que era professora da escola nacional de Muff. Dissimulando da melhor maneira o nosso espanto, apertamos a mão dela, como se o fato da presença dela ali não tivesse a menor importância. O Sr. Ingram

disse que só queria alguns dias de boa pescaria. Que sorte a dele!

Uma casa de pastoreio a cerca de um quilômetro da nossa estava em condições aceitáveis. Corremos para lá a fim de arrumá-la para ele e para a moça, o que foi feito em pouco tempo. Depois, quando os ajudávamos a abrir as malas, o Sr. Ingram nos fez a melhor das surpresas, na forma de mais seis livros. Nunca mais me esquecerei deles. Eram eles *Os Chefes Confederados*, que falava do levante de 1641, *A História da Irlanda*, de John Mitchel e *A História da Rebelião Irlandesa de 1798*. Havia também *A Vida e os Tempos* de Daniel O'Connell e *A Vida de Lord Edward Fitzgerald*, de Thomas Moore. O último livro era na verdade para Conor, que ficou todo

trêmulo quando leu o título. Era uma tradução em inglês da grande epopéia celta, *O Assalto do Gado de Cooley*, que fazia parte das histórias fenianas de Finn MacCool, da Rainha Maeve e de Cuchullain, um vibrante drama também conhecido como a Odisséia irlandesa, e com as palavras mais magníficas que já foram produzidas no Ulster.

— Muito bem — disse Ingram, vendo os nossos olhos arregalados. — Isso deve manter aceso o velho fogo da insurreição. Parece que há uma livraria inteiramente dedicada a livros fenianos que o irmão Ed descobriu.

*O Assalto do Gado* é um presente meu, comprado em Dublin. — Ainda estávamos deslumbrados, quando ele abriu um saco do qual saíram dois

cadernos e uma dúzia de lápis. — Parece uma boa ideia anotar alguns pensamentos enquanto vocês prosseguem nas leituras. Enid terá prazer em mostrar-lhes como podem fazer esboços corretos.

Consegui afinal achar voz para agradecer-lhe, mas Conor permaneceu numa espécie de deslumbramento eufórico. Pegou minha carabina, disse que voltaria daí a pouco e saiu com os cachorros. Voltou algum tempo depois trazendo um faisão de pescoço rajado de bom tamanho. Era a sua maneira especial de agradecer ao Sr. Ingram.

Enid Lockhart revelou-se uma cozinheira fantástica, sendo capaz de fazer coisas de que nossas mães nem tinham ouvido falar. Recheou o faisão com uma farinha feita disto e daquilo e mais

caramujos e cogumelos, encharcando tudo de rum, assando tudo num espeto.

Tínhamos alguns ovos que tiramos de um ninho de águia dourada, bagas, creme e chá que podia ser fortalecido com *poteen*, conseguido de um dos ciganos passados por ali. Ninguém disse uma palavra sobre o fato de termos *poteen*.

Enid Lockhart era uma moça muito bonita, isto é, para quem gostava de frágeis tipos protestantes. Parecia de espírito tão arejado quanto Ingram, pois foi ela quem sugeriu que o *poteen* iria bem na comida, se tivéssemos algum. Do contrário, nunca teríamos aparecido com o vidro diante dela. De qualquer maneira, os dois estavam procedendo de tal jeito que não era difícil adivinhar que pensavam em casamento.

Creio que Conor e eu tínhamos orgulho do fato de que houvesse um laço tácito a unir-nos. Casais solteiros não iam passear a sós nas montanhas, mesmo quando se tratava de protestantes. Se tal coisa transpirasse, despertaria as iras hipócritas de todos os pregadores de Inishowen. O fato de que eles confiassem em nós, sem sequer dar-nos instruções, fazia com que nos sentíssemos muito íntimos e nós dois sabíamos que Ingram tinha um lugar especial dentro do coração para os seus dois papistas.

Ingram encheu o cachimbo e ficou olhando para o campo, que se enchia dos tons violáceos e purpúreos do sol em declínio.

— Quem toca flauta? — perguntou Enid Lockhart ao ver o instrumento.

— Eu. Quem me ensinou foi meu pai, Fergus, que é o poeta da aldeia.

— Quer tocar?

Tudo estava tranquilo, apenas uma leve brisa agitava a urze, e o som de minha flauta se fundia com os ruídos ocasionais dos animais e dos cachorros. Fiquei sinceramente impressionado com a música que estava fazendo, pois ela nunca me parecera tão bela. Depois de mim, Conor cantou uma velha canção de pastores, tão suave e tão bela quanto a terra que nos cercava.

— Tudo muito bonito — disse Enid.

— A música e a canção.

— Sempre tive a ideia de que, quando chegarmos ao céu, acharemos o lugar muito agradável — disse Ingram. — Nossas necessidades e misérias terrenas

estarão encerradas para sempre. Entretanto, é preciso levar em conta que, com os bilhões de almas que por lá existem, a administração do lugar não deve ser fácil.

— E eu nunca pensei nisso — disse eu.

— Por exemplo, o movimento das almas no purgatório. Alguém deve manter um registro de todas e vigiá-las constantemente para saber as que ainda devem ficar e as que já podem sair. Com certeza, cada qual será designado para uma espécie de serviço que lhe agrade, mas a organização de tudo isso tem de ser tremenda. Afinal de contas, depois de uma permanência de seis ou sete séculos, até o contentamento pode ser um pouco monótono.

Era evidente que não tínhamos ouvido essa avaliação do céu da parte do Padre Lynch e supúnhamos que tudo lá em cima acontecia por mágica.

Essa dissertação realista de Ingram sobre os problemas administrativos do céu era certamente uma revelação.

— O que eu quero dizer — continuou ele — é que a natureza humana precisa de momentos de tumulto em contraste com os momentos de paz, para realmente compreender e apreciar os últimos. O que nos aconteceu aqui ainda há pouco foi um momento de paz. Aqui e agora, estivemos no paraíso. Concordam?

— Sim, foi o paraíso — murmurou Conor.

— O que nos confunde é a crença de que céu e paraíso são a mesma coisa.

Quando somos capazes de gozar momentos de paraíso aqui, devemos alegrar-nos porque pode ser que não encontremos o paraíso no céu.

— Bravo! — disse Enid.

— Tem razão — disse eu. — O céu não pode ser melhor do que isto.

Depois disso, tornei a tocar a flauta e todos nós executamos algumas canções escocesas, tendo à frente o Sr. Ingram.

Conor parou à beira do regato e jogou uma pedra na direção do tanque do outro lado.

— Vai achar boas pardelhas para pescar ali, especialmente no dia de hoje, em que há nuvens.

Ingram esfregou as mãos. Era um homem que ainda estava no paraíso.

— Vou-lhe mostrar como um escocês pesca, garoto!

— À vontade. Já tenho visto em matéria de pesca golpes de sorte em que é difícil acreditar.

— Vai-se arrepender de suas palavras quando olhar para o meu cesto.

— Bem, trate de pescar bastante para o nosso jantar. Vou cuidar da vida agora. Até logo.

— Conor!

— Sim?

— Não acha melhor termos uma conversa?

Conor deu um suspiro.

— Acho, sim. — Sentou-se na margem, deixando os pés penderem acima da água. — Meu pai lhe disse onde nós estávamos, não disse?

— Disse, sim — murmurou Ingram, sentando-se ao lado dele e preparando o seu caniço.

— Que foi mais que ele lhe disse?

— Muitas coisas, principalmente que você é um lavrador.

— Tenho sido tão feliz na forja e com meus livros! Por que é que tenho de me sentir culpado por isso? E por que, em nome de Deus, tenho de viver sob a ameaça de perder tanto uma coisa quanto a outra?

— Não sabe a resposta, Conor?

—•Que foi que disse a meu pai, Sr. Ingram?

— Disse-lhe que o fato de um homem ser lavrador não quer dizer que deva excluir de sua vida a luz e a beleza que pode haver nos livros. Um lavrador tem o

mesmo direito de qualquer outra pessoa de enriquecer o espírito.

— Conheceu meu irmão Liam?

— Fiz questão disso.

— Liam é um bom rapaz. Só deseja na vida a terra e seguir o caminho de meu pai. Meu pai sabe o que Liam quer e o que eu quero. Nós dois seríamos felizes se ele fizesse o que é óbvio.

— E ele sabe disso?

— Talvez finja não saber. Por que, Sr. Ingram?

O professor sacudiu a cabeça.

— Ele considera livros e ideias como uma ameaça que acabará por levar você de Ballyutogue. Ele está apavorado com a perspectiva de que você se envolva demais na causa da liberdade da Irlanda. Para ele, é um caminho certo para o

sofrimento e a morte e ele não quer que desapareça a dinastia Larkin. Todos eles têm sido homens fortes, um após outro, a espécie de líderes que Liam nunca poderá ser.

— Mas não posso continuar a linha como ferreiro?

— Não. Ele dá infinito valor à terra e, como camponês irlandês, isso é mais profundo do que a própria vida. Conor, todos os pais com quem tenho falado têm-me dito que amam todos os seus filhos exatamente da mesma forma. Os pais acreditam nisso, mas não é verdade. Seu pai ama você mais que aos outros. Como você sabe, as pessoas que deixam a Irlanda são a tragédia da vida irlandesa. Vendo você com livros e com um ofício, seu pai se alarma porque a transmissão da

terra é a única maneira que ele conhece de fechar o ciclo de sua vida.

— Sr. Ingram, gosto muito de meu pai, mas... mas...

O professor passou o braço pelos ombros de Conor.

— Em muitos lugares, muitos pais chegam a compreender que os filhos vão achar o seu próprio caminho. Podem não gostar da ideia, mas acabam conformando-se com ela.

— Mas meu pai nunca se conformará, não é isso que quer dizer?

— Não pode conformar-se, do mesmo modo que não pode deixar de respirar.

— E que é que eu devo fazer?

— Bem, você e eu somos ambos de origem celta. Sabemos que gente de nossa espécie pode passar até cem anos sem

falar com outra pessoa.

No fim, vai ter de enfrentar seu pai e expor a sua decisão com toda a clareza.

— Não posso fazer isso, Sr. Ingram.

Está bem, garoto, pensou Andrew Ingram. Fique com isso guardado dentro do peito meses e anos. Um dia, você explodirá e, quando isso acontecer, vão ser muitas as tristezas.

— Conor?

— Hem?

— Está dormindo?

— Não, desde que você me acordou para perguntar isso.

— Já sei o que é que eu vou fazer.

— Com quê?

— Com o caderno que o Sr. Ingram me deu. Vou escrever a minha versão da história da Irlanda.

— Ótimo. Agora, vá dormir.

— Que é que você vai fazer com o seu caderno?

— Ainda não resolvi.

— Deixe de mentira. Vi você escrevendo nele. Que é que está escrevendo?

Conor não respondeu e eu tornei a perguntar.

— Poemas — disse finalmente.

— Posso vê-los?

— Talvez depois. E não procure olhar sem eu saber, senão vou-me aborrecer. Agora, trate de dormir, está bem?

— Conor?

— Que é?

— Ela é bem bonita.

— Quem?

— Enid Lockhart.

— Sem dúvida alguma.

— Já pensou algum dia, Conor, o que é a gente ser padre?

— Que ideia, Seamus!

— Minha mãe vive a me fazer sugestões sobre isso. Penso que foi por isso que ela me deixou ir para a escola nacional. Afinal de contas, diz ela, que é que eu vou fazer de minha vida? Colm vai ficar com a terra. E aqui estou eu sabendo ler e escrever “igualzinho a um padre”. Diz ela que eu seria a pessoa mais importante da aldeia, talvez de toda a paróquia, sendo a única pessoa que sabe ler e escrever. E, se eu algum dia chegar a bispo, será como se eu tiver um condado. Basta que eu diga o que cada um deve fazer e todos obedecem. Para que serve toda sua educação, diz ela, senão para

isso?

— Minha mãe diz que Dary vai ser padre — disse Conor.

— É mesmo? Seu pai não vai gostar.

— Ele não vai ter nada de dizer sobre aquele menino.

— Por que diz isso?

— Dary é muito agarrado a ela. Tem dois anos de idade e já se ajoelha junto com ela. Aprendeu a rezar antes de começar a falar.

— Compreendo — disse eu. — Sua mãe uma vez quase me quebrou a cabeça só porque gritei com Dary.

— Mamãe o defende de todo o jeito. Dorme até na cama com ele. Eu é que nunca daria para padre. Gosto muito de mulher.

— Deve ser uma coisa muito boa a

gente ir com mulher para a cama.

Do contrário, não seria um pecado tão grande. Eu estava esperando poder fazer alguma coisa com Brendt O'Malley este ano, nas algas.

— Você seria um louco se fizesse isso — disse Conor.

— Por quê?

— Ela está sempre se confessando.

— É verdade. Eu não havia pensado nisso. Pensando bem, não deve ser grande coisa. Nunca ouvi falar de ninguém que gostasse disso depois do casamento ou, de qualquer modo, depois do primeiro filho.

— Minha mãe e meu pai sempre gostaram — disse Conor.

— Conversa sua.

— É verdade.

— Como é que você sabe?

— Mesmo com a porta fechada no sótão, há buracos por onde se pode olhar. Sempre riam muito quando estavam fazendo isso e se beijavam, dizendo as palavras mais idiotas.

— Sêrio?

— Sêrio! E faziam isso três e até quatro vezes por semana.

— Palavra de honra?

— Estou-lhe dizendo. Eu sempre sabia depois do jantar quando eles estavam com disposição. Meu pai ficava atrás de minha mãe perto do fogo, dando palmadas e beliscões nela, enquanto ela ria. Não havia nem dúvida...

— Lá em casa não é certamente assim. Eu podia ouvir meu pai e minha mãe no estábulo e não era nada disso. Papai ficava gemendo e Mamãe se queixava de

certas dores e dizia a ele que se apressasse. Não me lembro de que eles tivessem tido prazer com isso. Tomas e Finola tiveram prazer apesar de todos os filhos e tudo mais?

— Bem, depois que Dary nasceu, não. Não se lembra de que foi preciso chamar o Dr. Cruikshank?

— Claro que me lembro. Todas as mulheres se reuniram em torno da casa e disseram que Finola não ia escapar. Fiquei com muito medo naquele dia.

— Creio que houve alguma coisa dentro dela — disse Conor — porque, depois disso, nunca mais fizeram nada. Mas antes de Dary nascer transmitiam um para o outro as mesmas mensagens secretas que o professor e Enid transmitem.

— E você acha que eles estão fazendo isso? — perguntei, atônito.

— Ainda duvida? Basta olhar para eles.

Era demais para a minha compreensão... fazer aquilo sem pecado.

— Talvez os protestantes possam gozar isso por alguma razão que eu desconheço.

— Todo o mundo pode — disse Conor.

O verão passou muito depressa e nossos corações diminuíram com os dias. Era tempo de sair dali. O gado tinha engordado e havia mais uma dúzia de bezerros, sem perda de uma só rês. Os carneiros estavam cheios de lã como as grandes nuvens brancas que passavam no

alto do céu.

Liam subiu com o carro e com os cavalos para pegar-nos. Guardamos as armas, tiramos as redes do regato, levantamos acampamento e apagamos o fogo. Descemos do Slieve Main quase com lágrimas nos olhos.

Eu tinha acabado o meu caderno sobre a história da Irlanda e pretendia dá-lo ao Sr. Ingram de presente. Em nossa última noite, Conor me deixou ler um dos seus poemas.

### *O CAMPO MÁGICO*

*Subi a um campo cheio de magia,  
Onde há luz a brilhar o dia inteiro.*

*Vivi então num círculo encantado,  
Sempre esperando os gritos da banshee .*

*A voz do encarcerado Wolfe Tone  
Pude escutar com nítida clareza, A  
convocar todos os seus filhos Das  
lareiras, estábulos e charruas.*

*Olho então para o meu campo  
encantado, Onde nascem os tojos  
densamente, Ali onde ninguém os pode  
ver.*

*Seria tudo truque dos espíritos?*

*Desci por fim daquele campo mágico  
Para os prados na hora da colheita, Mas  
ainda ouço a voz de Wolfe Tone Para um  
levante quando a lua nasce.*

*Conor Larkin, 1887, anos*

*Quando atravessamos o Rio Crana,  
olhamos para ver pela última vez o lugar*

onde o mundo exterior se abriu para nós e tomamos conhecimento de nossa tragédia irlandesa. Foi também um lugar em que o tempo parou naquele momento em que chegamos ao paraíso.

## 9

As estações chegaram e passaram, umas atrás das outras. Nada mudou muito, salvo o cansaço cada vez maior das pessoas condenadas a marcar passo incessantemente no círculo estreito da luta e da inutilidade dos esforços. O andar se tornava mais tardo e as preces mais fervorosas para o sono final que os engolfava a todos. Eram cada vez mais numerosos os “velórios americanos”, pois quando filhos e filhas emigravam, parentes e vizinhos se reuniam para chorá-los como choravam os mortos, porque, uma vez que saíssem da Irlanda, nunca mais voltavam.

O casamento do Sr. Ingram com Enid

Lockhart não foi surpresa.

Conor e eu fomos convidados para o casamento e para a recepção. Não comparecemos por motivos óbvios, mas assistimos à cerimônia do lado de fora da igreja. Uma recepção foi realizada depois na Mansão Hubble, pois Ingram se tornara um grande favorito de Lady Caroline. Vimos todos entrarem pelos portões principais. Devo reconhecer que Lady Caroline foi a mulher mais bonita que eu já tinha visto. Quando os recém-casados voltaram da sua lua-de-mel na Escócia, Conor e eu fomos visitá-los. Conor levou o mais belo par de suportes para livros de ferro trabalhado que se poderia desejar e os ofereceu como um presente de casamento em nome de nós dois. Creio que o Sr. Ingram ficou sinceramente

comovido. Não nos perguntou por que não tínhamos ido ao casamento. Ele sabia. Havia entre nós muitas coisas que nunca eram traduzidas em palavras, porque eram compreendidas.

— Eu gostaria de dar-lhes alguma coisa também — disse ele. — Enid tem muitas Bíblias de família e, por isso, gostaria de que ficassem com a minha.

Conor e eu olhamos incertamente a Bíblia quando ele a deixou em cima da mesa porque, para nós, aquilo era o pior contrabando imaginável.

— Os camponeses da Escócia são muito pobres e trabalham muito — disse o Sr. Ingram. — As coisas para eles nunca foram tão difíceis quanto têm sido para vocês, mas a vida deles não é nenhum piquenique.

Correu as mãos pelos suportes de livros de Conor e sorriu. Depois, botou as mãos para as costas, como eu já o vira fazer tantas vezes na sala de aula.

— Na minha família, ninguém sabia ler muito bem, a não ser a Bíblia.

Todas as noites, antes de irmos dormir, havia um momento de alegria especial. Nós nos reuníamos em torno de meu pai diante do fogo e ele lia a Bíblia. A tradição do pai dele era tão profunda que ele e quase todos os outros podiam recitá-la de cor. É essa a fonte de nossa língua.

Voltou-se da janela e continuou: — Cheguei a aprender que não é uma língua tão rica quanto a de vocês, mas não é tão pobre assim.. Vejam, eu já estou falando um pouco do jeito de vocês. Gostaria de

poder aprender a Bíblia na língua de vocês.

Acontece, meus amigos, que não há maneira mais bela de usar as palavras e exprimir os pensamentos.

Conor afirmou com um gesto que compreendia. Eu estava ao lado dele quando ele abriu a Bíblia. Era muito velha e cada filho que a herdara inscrevera nela seu nome. De Adair Ingram havia mais de duzentos anos até chegar a Andrew.

— É uma grande honra para nós — disse eu — mas penso que não a merecemos.

— Quero que você e Conor tenham a Bíblia em particular porque acredito que vocês têm um dom das fadas com as palavras. Apesar do Padre Lynch, querem aceitá-la dentro do espírito do saber?

Conor e eu quase morremos de pesar quando Andrew Ingram e sua querida mulher deixaram Ballyutogue. Por indicação de Lady Caroline, fora nomeado para dirigir a maior escola de Derry.

Desde que voltamos da casa do pastoreio, Conor e Tomas entraram numa temporada de silêncio. Conor teve permissão para voltar para a ferraria de Lambe e estudava mais que nunca, mas era um jogo sujo que eles dois estavam jogando. Tomas continuava a fingir que Conor ia ficar em Ballyutogue e tomar posse da granja e Conor nunca chegava abertamente para dizer nada em contrário.

O silêncio dos dois foi finalmente interrompido pela notícia de que Daddo Friel tinha morrido. Daddo palmilhava as

estradas havia anos sem conta mas, apesar de tudo, sua morte foi uma grande tristeza. Juntamente com o Sr. Ingram, ele fora o grande mestre de nossas vidas. Fomos até à sua aldeia de Crockadaw para o que devia ser o último grande velório em Inishowen.

Kevin O'Garvey veio de Derry e proferiu um elogio fúnebre capaz de fazer levantar da sepultura o velho feniano. A noite foi cheia de muitas histórias de Daddo e o círculo de seus amigos mais chegados chorou enquanto tomava o seu *poteen*.

Na manhã do segundo dia, Kevin não se pôde mais conter e falou da sua angústia diante das dissensões políticas que ameaçavam a estrutura do Partido Irlandês. Charles Stewart Parnell fora

afastado da liderança e Kevin, estando entre gente sua, deu largas ao coração que extravasava de amargura.

Os inimigos de Parnell eram havia muito uma alcatéia de chacais em torno do grande homem. Anos antes, tinham-no atirado naquele santuário dos mártires irlandeses, que era a Prisão de Kilmainham, quando a Liga Rural fora declarada ilegal. Os ingleses acabaram vencidos nesse ponto e tiveram de declarar a legalidade da Liga.

Depois disso, Parnell foi acusado de cumplicidade no assassinato do Primeiro-Secretário Inglês em Dublin. Só no tribunal, depois de interrogado, Richard Piggot se descontrolara e confessara que a carta que acusava Parnell era falsa. Depois disso, Piggot fugiu para a Espanha

e suicidou-se.

Logo que Parnell dominava uma tempestade política, os ingleses o atacavam de novo. Foi afinal destruído mediante a exumação de um caso antigo. No começo da sua carreira, o Capitão W. H. O'Shea fora um companheiro de confiança de Parnell. O'Shea vivia havia muito separado de sua mulher, Kitty. Ela foi viver com Parnell e, no correr dos anos, deu-lhe três filhos, um dos quais morreu. Só depois de Kitty O'Shea viver durante dez anos com Parnell, o marido entendeu de requerer divórcio e de indicar Parnell como cúmplice de adultério, num ato de pura vingança.

Depois de decretado o divórcio, que não foi contestado, Parnell casou-se com Kitty, mas os portões da ira se haviam

escancarado.

A princípio, o Partido Irlandês e o povo tinham-no apoiado. Mas, dentro em breve, de todos os púlpitos católicos choveram imprecações contra os adúlteros e é bem de ver que o nosso Padre Lynch não se deixou ficar atrás. Enquanto os bispos vociferavam e o escândalo ganhava ímpeto, Gladstone, o resplandecente cavalheiro liberal, pediu que Parnell deixasse a chefia do Partido Irlandês em troca da apresentação de outra lei da Autonomia.

Os parlamentares do Partido Irlandês reuniram-se numa sala em Westminster. Na batalha que então se travou, Kevin O'Garvey esteve entre os vinte e seis que ficaram leais a Parnell. Entre os chefes da oposição que o derrubou estava o mesmo

Michael Roche, que outrora nos falara na Sala Celta, em Derry.

Parnell voltara à Irlanda com Kevin O'Garvey e fizera uma inútil tentativa de recuperar o controle. No velório de Daddo Friel, Kevin nos confiou que Parnell estava exausto depois de quatorze anos de guerra contínua. A saúde do chefe o preocupava muito.

— Está quase entrevado de reumatismo e muito abatido com a derrota. Pedi-lhe que descansasse, mas não me quis ouvir.

Ouvir tais coisas era de atemorizar. Para Conor e para mim, Parnell era como um deus. Tomas alimentava a amargura de Kevin, dizendo várias vezes que a liberdade era uma miragem e que o único fim lógico de tudo era a árvore dos

enforcados. Ê claro que eu sabia que essas palavras eram dirigidas a Conor.

Kevin foi chamado do cemitério no momento em que estavam depositando na sepultura o corpo de Daddo Friel. Quem o procurava era um estafeta com um telegrama que, quase sempre, trazia alguma notícia de morte. Procuramos Kevin desesperadamente logo que pudemos sair do cemitério, mas só fomos encontrá-lo perto da aldeia, banhado em lágrimas e a soluçar.

— Parnell morreu!

Saberíamos depois que ele tinha caído de cama durante uma visita breve à Inglaterra. Kitty estava ao lado dele. O corpo fora trasladado para Dublin, onde os líderes irlandeses são profanados em vida, mas exaltados depois de mortos. As

demonstrações de pesar genuínas e hipócritas nunca foram igualadas até ele ser enterrado perto de Daniel O'Connell. Isso aconteceu no ano de 1894. Parnell nos deixou aos quarenta e cinco anos de idade.

O magnífico Partido Irlandês, que ele havia forjado e que veio a ser uma ameaça para os ingleses, estava fragmentado e submetido às exigências inglesas. Com Parnell, tinham desaparecido muitas das aspirações irlandesas. O que parecia ter-se esvaziado em Conor e em mim se esvaziou no povo irlandês. O grande impulso para a liberdade sofreu súbita e confusa paralisação. Éramos rendeiros de novo, expostos ao frio com o nariz apertado de encontro às vidraças, com fome...

esperando...

esperando... esperando...

# 10

— Vim o mais depressa que pude — disse Roger. Como está ele?

— É câncer, Roger — disse Clara calmamente, pondo em jogo todo o seu talento cênico para os ritos finais. — Tem acessos terríveis de dor. De qualquer maneira, você tem de saber que ele está desenganado.

— Por que não mandou dizer-me antes, pelo amor de Deus?

— Arthur sempre gostou de mascarar a realidade e fingir que o que existe não existe. Agora, nada mais disso tem importância.

O aspecto do pai era terrível. Roger fingiu que era tranquilizador vê-lo melhor

do que ele tinha esperado. Lorde Arthur estava recostado numa porção de travesseiros, fumava um cigarro e tinha na mão um cálice de conhaque.

— Clara acabou de aparar-me os cabelos para sua chegada. Pelo menos você não terá de pagar, além de tudo mais, as minhas contas de cabeleireiro.

— Não acho graça nenhuma nisso, Papai.

— Tem de perdoar o meu senso de humor, que tornei a encontrar. Ele às vezes se torna tremendamente diabólico.

— Agora, escute. O senhor vai ficar bom.

— Roger, esta maldita coisa é horrível, simplesmente horrível. Vamos deixar de lado toda a ficção de que eu possa escapar disto com vida.

Diga-me uma coisa: como estão Caroline e os garotos?

— Caroline está muito preocupada com o senhor. Está de volta da Inglaterra neste momento. Virá para cá logo que puder pegar os meninos.

Sir Frederick vai mandar o seu trem particular para que possamos levá-lo para a Mansão.

— Não irei. E desta vez não irei mesmo.

— Tenho de insistir, Papai.

— Se Caroline pode ter filhos em cima da mesa da cozinha na Mansão Hubble, eu também tenho o direito de morrer em Daars. Não tenha receio, meu caro. Você dentro em breve terá o cadáver para todas as cerimônias necessárias. Mas, Roger, nada de bandas de Orange,

por mais importante que isso seja para os interesses da família. Não quero ser enterrado na cripta da família com os compassos da música de Orange nos ouvidos.

Prefiro coisa mais distinta, como a banda da guarnição de Belfast tocando uma velha marcha fúnebre do regimento. Talvez Caroline possa arrumar uma orquestra de câmara. Ela tem muito gosto. Prefiro que você deixe tudo nas mãos dela...

— Já falou demais, Papai.

— Não lhe falei do meu senso de humor?

Roger rangeu os dentes e contraiu os músculos do rosto, compreendendo que era inútil discutir e achando um tanto mórbida a conversa do pai.

— Roger, nós dois conseguimos tolerar-nos todos esses anos. Isso mostra boa educação de parte a parte. — Gemeu e sacudiu na mão o cigarro. — Jogue esta coisa fora.

— Há alguma coisa que eu possa fazer para atenuar a dor?

— Não. Já estou bem dopado. Clara chegou a me arranjar um cachimbo de ópio com um dos seus velhos amigos do teatro. Ajuda muito.

Ouvi dizer que você e Caroline fumam ópio no Continente. Mulher formidável, Caroline. E os chineses são terrivelmente civilizados. Deixam os velhos num canto quando sentem essa coisa, dão-lhes um cachimbo e deixam que eles se vão pouco a pouco. Como estão os meninos?

Depois das palavras iniciais, Lorde

Arthur começou a divagar. Era com dificuldade que abria os olhos.

— Pensa-se muito, deitado como eu estou. Sabe o que era que eu faria se fosse você?

— Que era?

— Venderia tudo e sairia da Irlanda. Deus sabe quantos pequenos Parnells se estão criando nas sarjetas de Dublin. O estranho povo desta ilha já está bem refeito da fome e pode ter certeza de que em suas casas imundas a rebelião está fervendo...

Depois, Arthur se cansou e murmurou algumas frases semicoerentes enquanto o filho o velava. Ele e Clara tomaram chá juntos em silêncio.

Depois, ela foi descansar por insistência dele.

Arthur recuperou a consciência com um gemido no meio da noite.

— Estou aqui — disse Roger.

— Roger?

— Sim.

— Foi muito gentil em ter vindo. Como vão as crianças?

— Muito bem, Papai. Estão vindo para Daars.

— Muito bem. Sabe, Roger, tenho pensado muito nestes últimos dias.

Vem aí o novo século e deve trazer uma insurreição dessa gente. Você deve sair do Ulster.

— É o nosso lar, Papai...

— É mesmo? Já foi algum dia?

Roger foi até junto da cama do pai e disse, como se estivesse falando consigo mesmo: — Em todos os empreendimentos,

o que é preciso ver é se os resultados compensam os riscos. Creio que a colonização é um jogo muito arriscado, como a pesca do tubarão aqui em Kinsale. Francamente, acho que não temos de nos queixar dos resultados.

— Muito bem. Baluarte do Império e tudo mais. Mas eu sinto... que a Coroa vai-nos abandonar... não irá para onde nós vamos...

— Não se preocupe com isso...

— No fim... pode ser que não queiram ir... para onde o Ulster os vai levar...

Outro acesso de dor convulsionou-o. Roger tomou a mão emaciada do pai, espantando-se de que estivesse tão úmida e fria.

— Deixo-lhe — murmurou Arthur — o legado dos colonizadores.

Depois de trezentos anos de dedicação à mãe-pátria com todos os sentimentos de inferioridade que se tem quando se olha para trás... às vezes com ânimo... às vezes em desafio... mas sempre como estranhos...

Somos como estranhos para os que nos mandaram para cá... Somos estranhos para aqueles cujas terras usurpamos e a quem exploramos... E

agora... somos estranhos até para nós mesmos...

Roger puxou a corda da campainha para chamar alguém. A porta se abriu prontamente, como se soubessem.

O fim chegou misericordiosamente rápido.

Depois de tomar as providências para o funeral, Roger, Caroline e seus filhos prepararam-se para acompanhar o corpo de volta ao Ulster.

— Sinto muito — disse Roger a Clara. — Mas terá de dizer adeus a Papai aqui.

— Eu sei. Nunca me senti bem na Mansão Hubble. Daars foi o nosso lar. De qualquer maneira, vou sair daqui dentro de uma semana ou duas.

— É claro que não há pressa. Quais são seus planos? Posso ajudá-la, Clara?

Ela encolheu os ombros.

— Para onde vai?

— Para onde vão as velhas prostitutas.

— Não fale assim. Há muitos legados para você, de acordo com a vontade de

Papai. Creio que achará tudo muito generoso.

— Em pagamento por serviços prestados...

— Eu sei quanto os dois se amaram e eu nunca lamentei o relacionamento entre você e Papai. Por favor...

O impacto da solidão iminente, o sentimento de abandono e a ideia de ter de ficar até ao fim da vida afastada de tudo atingiam-na. Reagiu como uma pessoa profundamente ferida, sem disfarces.

— Algumas das horas mais divertidas que passei com seu pai foi imaginando maneiras de torturá-lo, Roger. De vez em quando, desde que conheceu Caroline, parece quase humano, mas nós sabemos que isso não é verdade, Roger.

Roger a ouvia sem qualquer espécie

de emoção.

— Seu pai às vezes ficava pensando em quem era o pior dos Hubbles, se você, ele ou o pai dele. Ele detestava ser como era, mas era muito fraco para mudar. O pai dele viu-se de repente diante de uma situação para a qual não concorrera, a fome. Reagiu cruelmente pela própria sobrevivência. Mas você, Roger, planeja fria e cuidadosamente o que vai acontecer daqui a vinte anos. Você é o calculista, o criador de uma nova era de tragédia. Posso-lhe dizer que Arthur invejava a sua energia e a sua habilidade. Costumava dizer: “Ele é uma maravilha. Consegue esconder toda a sua crueldade sob uma máscara de afabilidade inglesa”.

— Sim — disse Roger — estou vendo como você se divertia com Papai.

— Bem, você e o Ulster merecem um ao outro — disse ela. — Não posso pensar em maldição maior. Agora, saia e deixe-nos o pouco tempo que nos resta.

Roger foi até à porta e abriu-a.

— Roger! Meu Deus! Desculpe...

— Ora, não se pode negar a uma velha prostituta a sua fala de despedida. Está de acordo com as regras — disse ele e saiu.

Os Hubbles de luto voltaram com os restos de Lorde Arthur para a terra dos seus antepassados. A principal cerimônia pública foi realizada na Prefeitura de Londonderry, símbolo quase gótico da presença e do poder da Coroa. Tudo parecia Londres, até no relógio de quatro faces, imitação do Big Ben. A Rainha mandou um representante para prestar homenagem a um dos seus grandes condes

da Irlanda.

Numa cerimônia simples mas marcante, logo depois do funeral, Roger Hubble foi declarado o Décimo Primeiro Conde de Foyle, ao mesmo tempo que Jeremy, seu filho mais velho, era nomeado Visconde Coleraine.

Dois anos depois do veto da segunda lei da Autonomia pela Câmara dos Lordes, houve outra morte digna de nota. Lorde Randolph Churchill, que pretendia ser o criador de uma nova espécie de conservantismo imperial, desapareceu do mundo. Tendo sido o orador que jogou a carta de Orange e maquinou a queda de um governo de Gladstone, fora premiado a princípio com altos cargos, mas a sua instabilidade inicial degenerou em

debilidade e depois em loucura. Morreu louco aos quarenta e seis anos, de sífilis.

# 11

## 1895

Quando completei vinte e um anos, os Larkins se haviam estabilizado naquele padrão muito comum em que a afeição entre os pais é substituída pela indiferença. Um sentimento ávido de posse de Finola por Dary se estendia além de todos os limites da normalidade e da razão. Finola passara a ser como a maioria das mães de Ballyutogue que tinham perdido em relação ao amor quaisquer sensações físicas e esotéricas. O seu lar se tornara como todos os outros: o marido era tratado como se vivesse

numa pensão e os filhos eram quase fidalgos.

Dary parecia cada vez mais prestes a cumprir a profecia de Conor de que ia ser padre. Uma mulher que não se lembra mais dos prazeres da carne deixa de compreender que qualquer pessoa os deseje ou lhes sinta a falta. Essas mulheres pareciam mais dispostas a encaminhar um filho para uma vida de celibato, que estava dentro da mais pura tradição irlandesa.

Dary era o filho predileto, resguardado e munido de antolhos que só lhe permitiam olhar na direção do seminário. Em 1895, quando tinha dez anos de idade, já se estava entregando a uma extensa série de comportamentos sacerdotais. Finola fazia tudo para

encorajá-lo e só faltava chamá-lo de “Padre”.

Tomas perdeu a vontade de combater essa obsessão da mulher e deu-lhe ampla liberdade a esse respeito. De vez em quando, tinha estranhas manifestações de hostilidade a Dary, mas continuava muito orgulhoso e não pedia desculpas depois.

Só Conor mantinha um equilíbrio precário dentro da família. Ocupou o vácuo deixado por Tomas e tornou-se um substituto do pai em relação a Dary. Sem dar atenção às súplicas de Finola, Conor saía com o irmão para caçar e pescar, fazendo com ele longas caminhadas e mantendo longas conversas. Muitas vezes, durante grande parte do dia, carregava o irmão nos ombros. Ao mesmo tempo, Conor compreendia o dilema de Tomas e

impedia o pai de descambar. Se não fosse Conor, a casa dos Larkins teria chegado ao estado bem irlandês da guerra de família.

Dary continuou frágil e, apesar de todos os mimos da mãe, se tornou um garoto simpático. Era gentil, com uma inteligência pronta e um grande poder de persuasão, que faziam dele um líder sobre garotos maiores e mais fortes. Era o *shanachie*, o contador de histórias, e todos na aldeia se alegravam com Finola de que ele fosse uma criança especial.

Em vista do seu tamanho, Dary chegou a certas compreensões a respeito de si mesmo. Desde que soube que ia ser padre, sentiu que a primeira coisa necessária para ser um bom padre seria a capacidade de suportar dor e mortificação como

Cristo havia suportado. Podia derrotar inimigos maiores com a arma da compaixão. A habilidade que tinha de sofrer mais castigos do que qualquer pessoa poderia imaginar e de nunca derramar lágrimas amedrontava os possíveis atormentadores. Dary era realmente filho de Tomas Larkin em mais sentidos do que Tomas percebia.

Conor e eu fomos caindo na “irmandade” dos solteiros que bebiam, uma instituição na vida depois da Grande Fome. Os homens mais velhos, casados e solteiros, que bebiam conosco tinham em grande parte desistido da vida.

Os que eram de nossa idade estavam apenas fazendo tempo. Alguns herdariam a terra dos pais. Outros emigrariam ou partiriam para a cidade... ou desistiam

também da vida. Os rapazes sem possibilidades de herdar terras não tinham grande vontade de envolver-se com as moças, nem eram particularmente atraentes como futuros maridos. Os encargos do casamento eram considerados coisa decisiva. Namorar as moças sem intenção de casamento era um pecado e, por isso, namorávamos pouco.

Quase todas as moças só aceitavam as atenções de um rapaz com a ideia de casamento. Desde que o relacionamento normal com o outro sexo estava fora do nosso alcance pela ação da Igreja e em vista da situação econômica da terra, achávamos consolo na “irmandade” dos bebedores.

Liam era um rapaz bom e simples que aceitava sem rancor o seu estado de

homem sem terra. Não tendo a simpatia, a inteligência ou a energia do irmão mais velho e do pai, mas apenas um pouco da vivacidade mental do irmão menor, aproximava-se o momento em que ele tinha de tomar uma decisão, pois já estava perto dos vinte anos e teria de partir ou de ficar e estiolar-se. Com sua limitada capacidade, Liam estava cada vez mais confuso e indeciso. As terras desconhecidas lhe davam pavor, mas o exemplo vivo dos que tinham ficado era igualmente apavorante.

Os fracos de Ballyutogue, que não tinham a coragem de emigrar, encaravam a possibilidade de ficar solteiros pelo resto da vida. Na melhor das hipóteses, podiam fazer um casamento tardio. Tínhamos na aldeia um bom complemento de solteirões

e solteironas que nunca amaram, nem se casaram, e viviam errando pelos estábulos e sótãos para ganhar alguns níqueis ajudando nas granjas. Desde que nossas aldeias se enchiam de gente dessa espécie e os fortes partiam, nossa raça ia ficando mais fraca.

Apesar da situação difícil de tanta gente e de tantos homens sem terra, o Padre Lynch insistia na necessidade de mais filhos e pregava que era melhor viver na pobreza da Irlanda do que emigrar para lugares onde iríamos “viver entre pagãos, negros e chineses”.

Liam Larkin se encaminhou para o seu momento da verdade como um moço amedrontado.

Brigid e as moças estavam ainda em pior situação, pois quase não tinham

escolha e o seu destino era selado. Competiam duramente para encontrar marido, muito embora o casamento fosse uma sentença de servidão perpétua e constante gravidez, mas que mais podia ser? Podiam ser solteironas e viver como batatas secas ou podiam entrar para o convento e ser freiras. A emigração era muito mais difícil para uma moça.

A chance de uma vida plena e rica parecia não existir para elas. Com o martelo da castidade e persegui-las desde o berço, o medo de cometer o mais mortal dos pecados pairava sobre elas como um abutre à aproximação da morte. Brigid e suas amigas não podiam ter o consolo da bebida, dos esportes ou das caminhadas, que se permitiam aos rapazes.

Como eram longos os dias para elas

entre os risos, como eram longas as noites sem prazer!

Brigid Larkin não era uma beleza, mas sendo filha de Finola e de Tomas não podia deixar de ter alguns traços simpáticos. Parecia contente em procurar um rapaz que tivesse terra e não fosse deixar Ballyutogue. O

nome Larkin significava um dote decente, de modo que suas chances na competição da procura de marido eram muito boas.

Conor! Que homem ele se tornara! Não ficava atrás de ninguém em matéria de aparência. Cresceu alto e desempenado como o pai e, embora pudesse beber mais do que qualquer outro rapaz e vencer qualquer deles numa luta, sua verdadeira força estava na sua brandura. Ouviam-se

os anjos chorarem quando ele cantava. Havia música nos seus poemas, que só eu e Dary conhecíamos, pois ele não era homem de ostentações.

A ferraria de Josiah Lambe tinha à porta uma constante fila de moças, que queriam consertar objetos que não estavam nem quebrados. Havia até moças protestantes de olho em Conor. Este nunca se decidia por qualquer delas, pois tinha sempre os olhos voltados para além do horizonte.

Tornou-se um mestre-ferreiro igual ao Sr. Lambe e desde que o velho ferreiro estava ficando alquebrado, era sobre ele que recaía quase toda a responsabilidade pela ferraria. Josiah Lambe tinha a infelicidade de ser pai de quatro filhas, todas elas já casadas com bons

lavradores, e todo o mundo dizia que Conor é quem ia ficar com a forja. Os dois estavam ligados pelo laço especial que une os homens que trabalham lado a lado com ferro.

Nós nos encontrávamos à noite na taverna ou no bar com os outros solteiros para jogar cartas e apostar nas corridas de cachorros da vila ou em qualquer coisa em que houvesse jogo. Quando chegaram de Armagh, os Larkins tinham trazido o esporte do boliche de estrada e, depois que Tomas se afastou das canchas, Conor se tornou o campeão incontestado do lançamento da bola de ferro de quase um quilo pela cancha que corria pela estrada da Aldeia Alta para a vila. Apostávamos nisso com invasores ansiosos por disputar a coroa de Conor.

Conor Larkin era nosso líder. Todos compreendiam que havia tomado o lugar de Tomas, mas ele não pensava assim. Era um homem bem diferente do pai nos passeios comigo e com Dary pelas montanhas, quando nos lia os seus novos poemas. Fazia já oito anos do verão que tínhamos passado na casa do pastoreio, mas os nossos corações nunca tinham saído de lá. A terrível batalha de vontades entre Conor e Tomas prosseguia com o mesmo vigor. Tomas tinha envelhecido um pouco, mas continuava a ser a figura dominante entre nós, como fora Kilty.

Abandonara um pouco a bebida e tratava de ser um pensionista de Finola, cada vez mais apegada aos filhos e que desafiava as moças a se aproximarem deles, que eram os bens mais preciosos de

que podia orgulhar-se uma mãe irlandesa.

Foi logo depois da colheita do trigo que a terrível carta nos chegou às mãos. Era do presidente da Associação Beneficente dos Bombeiros de Baltimore e comunicava que Ed tinha morrido em serviço. Com o correr dos anos, ele se tornara um parente querido e eu não me podia conformar com o fato de que nunca mais iria vê-lo. Ed me deixara uma apólice de seguro de 1.500 dólares, com a condição de que eu usasse o dinheiro para a minha educação. A morte dele significava a minha libertação.

Minha herança foi o acontecimento do ano em Ballyutogue. Bem podem imaginar-se os conselhos que me davam. O Padre Lynch veio procurar-me com uma

cara de pá torta e um coração cheio de lágrimas.

Com uma voz que podia fazer coalhar o leite, insistiu em que eu desse um donativo liberal à Igreja (isto é, a ele próprio), pois isso me poria numa situação muito favorável junto ao Onipotente. A pressão se tornou tremenda, pois minha mãe incentivava a intenção do Padre Lynch de me levar para o seminário.

O dinheiro era mais que suficiente para custear meus estudos na universidade, que eu desejava cursar e que eu pensara que nunca chegaria a ver. Conor me pediu que eu resistisse. Graças a Deus, ainda havia em mim bastante da energia dos Larkins para me permitir manter a minha posição. As coisas

estavam ainda numa fase de monumental discussão quando Kevin O'Garvey mandou dizer que o dinheiro e os papéis tinham chegado. Havia bastante calor para me tirar a pele de cima dos ossos, mas eu desafiei pela primeira vez meus pais desde os distúrbios em Bogside e anunciei: — Vou a Derry consultar o Sr. Ingram.

Depois disso, o pranto e os gemidos foram tantos que aquilo até parecia um velório.

— Para que é que você quer educação senão para ser padre? — perguntou minha mãe.

— Pretendo ser professor e talvez também escritor.

Pronto! Tinha dito tudo.

— E o Padre Lynch?

— O Padre Lynch fecha os espíritos e o que quero é abri-los.

Minha mãe levou as mãos aos ouvidos para não ouvir mais essas coisas e meu pai coçou tanto a cabeça que eu pensei que fosse perder os cabelos. Ainda depois que eu parti para Derry, iam ambos para S.

Colombano a fim de rezar por minha alma imortal.

O Sr. Ingram era diretor da maior escola de Derry e ele e Enid já tinham dois filhos. Nunca tive tanto orgulho como o de ver, ao entrarem sua sala, os suportes de livros que lhe tínhamos dado de presente em cima de sua mesa.

A escolha de escolas era extremamente limitada. O Trinity College, em Dublin, era um sonho inatingível. Era

uma instituição sectária havia séculos e, ainda que, como católico, eu pudesse ser admitido, isso era proibido pelos bispos, sob pena de excomunhão. O Sr. Ingram me aconselhou um novo estabelecimento católico em Dublin dirigido por jesuítas, mas me disse que o currículo era muito restrito para estudos não-religiosos.

— Parece que a única solução é o Queen's College.

As perspectivas eram aterradoras. Ele me submeteu a uma série de provas que duraram quase o dia inteiro e, depois que ele as avaliou, fui para a casa dele. Era evidente pela cara de preocupação dele e da mulher que os resultados não tinham sido bons.

— Você continua a ser bom em Inglês e Literatura, mas nas outras matérias vai

precisar de estudar muito para galgar o exame de admissão.

Sabendo de sua capacidade de estudos, acho que deve preparar-se para quatro ou cinco meses de trabalhos forçados.

Senti toda a alegria fugir de mim. Isso significava pagar professores e tudo mais.

— E quanto é que tudo isso me pode custar?

— Você ainda toca flauta? — perguntou Enid.

— Ainda.

— Tocar duas vezes por noite é muito?

— Não, mas não estou compreendendo...

— Tenho vontade de ensinar desde que passei a viver em casa com as duas

crianças — disse ela. — Temos no sótão um quarto esplêndido, bem bom para estudar durante o dia e sonhar à noite. Podemos prepará-lo para o exame de admissão sem grande esforço para nós. Portanto, vá buscar as suas coisas em casa e mãos à obra!

Mordi a língua, fiz tudo o que pude, mas acabei chorando. Quando pude falar, disse que eles iam sentir orgulho de mim.

— Já sentimos muitas vezes — disse o Sr. Ingram.

A irmandade dos bebedores, virgens todos à exceção de Conor, que já tinha conhecido algumas moças protestantes, se reuniu para dar-me as despedidas no bar de Dooley McCluskey. Recomendaram-me que não partisse o coração das moças

de Derry, quando fosse para Belfast. Eu...

Seamus, O'Neill, o primeiro estudante de universidade em toda a história de Ballyutogue. Ganhe um milhão e compre todas as propriedades de Lorde Hubble...

Estavam todos muito alegres... Só Conor estava sofrendo...

As costas me doíam de tantos abraços e os vivas zumbiam em meus ouvidos. McCluskey ofereceu uma rodada por conta da casa, o que era uma raridade espantosa, e depois apontou para o relógio. A diligência de Derry estava para passar pela praça da vila...

McCluskey prendeu todos no bar para que Conor e eu pudéssemos caminhar até à praça sozinhos.

Andamos em silêncio e ficamos esperando na praça. Pouco depois, a

diligência chegou...

— Adeus, Pequeno — disse Conor, dando-me um abraço afetuoso.

Jamais esquecerei Conor Larkin ali de pé na praça, com as mãos nos bolsos, enquanto a diligência seguia viagem.. Tinha o boné de banda à cabeça e olhava para o horizonte, o horizonte para onde eu estava indo...

# 12

Liam entrou na forja quase na hora de Conor sair. O irmão fez-lhe um aceno com a mão, tirou do fogo um pedaço de metal incandescente, colocou-o na bigorna e daí a pouco tratou de batê-lo para dar-lhe a forma de uma cavadeira no feitio de concha, preferido pela maioria dos lavradores de Ballyutogue. Ordenou ao aprendiz que amortecesse o fogo e limpasse a oficina, tirou o seu pesado avental de couro e bateu nas costas de Liam.

Quando saíram, Conor lavou o rosto no poço e arrumou-se. Liam viu o rosto do irmão abrir-se num sorriso depois que abriu o envelope que ele lhe entregou.

— Bom garoto — disse ele. — Seamus passou no exame de admissão do Queen's College e já se mudou para a casa do tio Conan, em Belfast. Quando for para casa, passarei pela casa deles para ler isto para Fergus e Mairead.

Guardou a carta no bolso e, quando já ia saindo, Liam pegou-o pelo braço e o fez parar.

— Estive em Derry ontem — disse Liam nervosamente. — Recebi um chamado de Kevin.

— Que era que ele queria?

Liam deixou-se cair numa pedra ao lado do eixo de uma roda. Baixou a cabeça e mordeu os lábios.

— Que era que ele queria? — tornou a perguntar Conor, sentindo algum problema.

— Lembra-se de quando eu fui a Derry para o leilão especial de lãs no ano passado?

— Lembro-me, sim.

— Pois bem, fui procurar Kevin nessa ocasião.

— Para quê? — perguntou Conor apreensivamente.

— Sobre emigração. Ele ficou de ver o assunto para mim.

Conor reagiu como um coelho colhido numa armadilha, com um sobressalto de medo que lhe tolheu a voz. Arregalou os olhos enquanto Liam apanhava um punhado de pedrinhas e começava a jogá-las, uma por uma, na estrada.

— Vou partir dentro de alguns dias — disse ele.

— Por que foi que guardou segredo

disso? — perguntou Conor.

— Não era bem um segredo. Todos sabem que eu tenho de emigrar. O

que houve foi que uma hora eu queria e outra hora não queria. Não podia chegar a uma decisão, Conor. Sempre estive confuso.

Conor sentia-se angustiado, mas bateu nos ombros do irmão num gesto de compreensão. O peso da notícia lhe caía sobre o espírito como uma bigorna, arrasando tudo.

— Para onde é que você vai, Liam?

— Para a Nova Zelândia.

— Para a Nova Zelândia? Não pode ser! É longe demais!

— Que importa que seja longe ou perto?

— É uma loucura, rapaz. Não temos

dinheiro para mandar você para lá. É impossível, impossível! Cancele tudo e então conversaremos.

— Não posso. Já assinei um contrato, segundo o qual eles adiantarão o dinheiro de minha passagem. Há grandes fazendas no sul do país, onde precisam de pastores de carneiros, lavradores e vaqueiros. Levarei dois anos para pagar a passagem, mas depois tudo o que eu fizer será meu.

Ouvi dizer que a terra por lá é barata e assim, depois de alguns anos, poderei comprar um pedaço de terra meu.

— Não, não e não! — exclamou Conor. — Tudo isso deve ser um plano diabólico, como o dos navios da fome. Não vou deixar você entrar numa armadilha dessas. Quando o pegarem lá, você passará o resto da vida pagando a

passagem. Em resumo, você não pode ir, Liam!

— Não, Conor. O plano é correto. Kevin me assegurou. Foi organizado por um grupo de imigrantes irlandeses que ganharam dinheiro lá e tudo é fiscalizado pela Igreja. Kevin já mandou três rapazes de Derry e nenhum deles se queixou até agora.

Conor sentia-se derrotado, mas sabia que tinha de acalmar-se. Só havia uma solução e ele sabia qual era.

— Nova Zelândia... — murmurou por entre dentes.

— É onde terei mais chances, Conor.

— Nova Zelândia... — repetiu Conor, como se fossem aquelas as palavras mais feias da língua. — Escute, Liam, vou-lhe dizer as coisas diretamente. Não quero

que você vá. Tenho o meu ofício e estou ganhando já bastante para viver. Você ficaria se Papai concordasse em passar a terra para você?

— Agora, quem está sendo louco é você. Tem de saber que nunca me senti aborrecido porque a terra de direito é sua.

— E se Papai concordasse?

— Ele nunca vai concordar. Eu sei.

— Se ele concordar, você ficará?

— Fico, sim — murmurou Liam, como se estivesse sonhando. — Foi o que eu sempre quis. Santa Mãe de Deus, posso dizer que conheço cada punhado daquela terra e cada pedra daqueles muros. Treme só de pensar que vou deixar tudo isso. Nunca lhe quis dizer isso, porque não queria alimentar falsas esperanças, mas há umas pequenas que estão olhando para

mim e eu poderia interessar-me por uma delas se... De que é que estamos falando, Conor? Tomas nunca vai concordar e você deve saber que eu não tenho o menor ressentimento de você.

Conor agarrou ansiosamente os braços do irmão.

— Vamos falar com Papai, Liam. Ele tem de ver a verdade.

Liam recuou.

— Você é que terá de falar. Eu nunca poderia enfrentar Papai com essa conversa.

— Está bem. Vou falar.

Havia uma hora favorável para Tomas entrar em casa. Era depois que se rezava o terço e antes que o jantar fosse servido. Quando Finola, Brigid e Dary terminaram o terço, os outros entraram. Como de

hábito, o jantar transcorreu em silêncio.

— Vai bordar esta noite, Brigid? — perguntou Conor quando ela tirava a mesa.

— Não pretendo.

— Vá visitar uma amiga e leve Dary.

— Para quê? — replicou Brigid.

Brigid levou um susto quando Conor deu um soco na mesa que quase a partiu. Ela nunca o vira agir dessa maneira. Todos se entreolharam, pois era evidente que ia haver uma batalha muito grave.

— Vamos, Dary — disse Brigid. — Temos de deixar o campo livre para a briga.

Ela bateu a porta deliberadamente e os três homens se sentaram em silêncio, enquanto Finola se agitava nervosamente em torno do fogo.

— Liam vai partir para a Nova Zelândia na semana que vem — começou Conor.

— A Virgem Maria nos proteja! — exclamou Finola.

— Silêncio, Mamãe! — disse Conor. Inclinou-se sobre a mesa e quase encostou o rosto no rosto do pai. — Papai, eu gostaria de que pedisse a Liam que ficasse.

Tomas tomou um gole de chá.

— Sou um mestre-ferreiro e não vou trabalhar na granja. Diga a Liam que o senhor quer ele fique com a terra.

Tomas acabou de tomar o chá e pousou a xícara em cima da mesa, voltando os olhos, ora para um filho, ora para outro.

— Você não pode tomar decisões que

me cabe tomar.

— O senhor também não pode tomar decisões que me cabe tomar!

— Conor, você está apenas triste por ver seu irmão partir. Isso faz parte de nossa vida na verdade, mas ninguém se habitua ao fato, por mais frequente que ele seja. Você não sabe quantas noites já passei acordado, excogitando um meio de ficar com vocês dois em casa. Mas, infelizmente, não é assim que as coisas acontecem na Irlanda, e assim continuará a ser enquanto formos rendeiros em nossa própria terra.

— Seja cordato, Tomas — disse Finola. — Você pode atender. Se quer seus dois filhos em casa, isso é possível. Seja cordato, Tomas...

— Quem é que não é cordato nesta

casa? Será você, que sufoca Dary e impede o garoto até de respirar?

— Dary não tem nada que ver com isso! — exclamou Conor.

Tomas se levantou e falou, sacudindo o punho fechado diante da mulher.

— Ele é frágil porque você quer que ele seja assim! Cale a boca, mulher, ou saia daqui! Isso é entre mim e meus filhos!

Finola se encolheu num canto, soluçando. Tomas deu um suspiro e se aproximou de Liam, batendo-lhe no ombro.

— Você mesmo compreende que tem de ser assim, Liam. Sentirei muito a sua falta.

Liam deu um soco na mesa.

— Vai sentir muito a minha falta? Está mentindo, Papai! O senhor gosta é de

Conor! Por isso é que eu tenho de ir para o fim do mundo... O

senhor gosta é de Conor! Mentiroso! Mentiroso!

Subiu correndo a escada do sótão e Conor foi atrás dele.

— Deixe-o! — ordenou Tomas.

Conor desceu os degraus que já havia subido. Do alto do sótão vinham os angustiados soluços de Liam.

Chegando diante do pai, Conor exclamou: — Não quero a sua maldita terra!

Tomas estendeu as mãos para ele, mas Conor se desvencilhou dele.

— Tudo o que fiz foi por sua causa, Conor... Deve ficar, deve ficar... O

ruim que se conhece é melhor do que o ruim que não se conhece.

— E o ruim que Liam ainda não conhece?

— Isso é lá com ele. Ele tem de enfrentar o que vier. Ah, Conor, meu filho, você é o Larkin da família, o Larkin que se há de elevar aos olhos de todos!

— Está enganado Papai! O senhor criou um Conor que nunca existiu!

Eu não quero ser esse Conor! Eu sou eu. Não sou Kilty, nem Tomas! Eu sou eu e quero viver!

— Você tem de escutar. Tudo o que fiz foi por sua causa.

Os soluços de Liam estavam mais fracos enquanto ele apertava desesperadamente nas mãos o feno do sótão. Embaixo, os dois gigantes que estendiam a sombra pela sua vida continuavam a derramar veneno um sobre

o outro.

Naquela mesma noite, Conor Larkin saiu de casa, sem sequer olhar para trás quando chegou à encruzilhada. Parou por um momento diante da ferraria de Josiah Lambe, lutando por dominar o espírito torturado.

— Conor! — Era a voz de Dary dentro da escuridão. — Conor!

Conor voltou-se rapidamente e continuou a caminhar.

— Conor!

Ele parou e escutou enquanto o irmão corria para ele. Os braços do garoto cingiram-no pelos joelhos. Conor carregou-o nos braços como o havia feito mil vezes e acomodou-o entre os seus braços fortes. Depois, desceu-o delicadamente para o chão e sacudiu a

cabeça para mostrar que não conseguia falar. Dary fez sinal de que compreendia e Conor seguiu o seu caminho.

Dary entrou em casa. O seu aspecto revelou tudo a Tomas e a Finola.

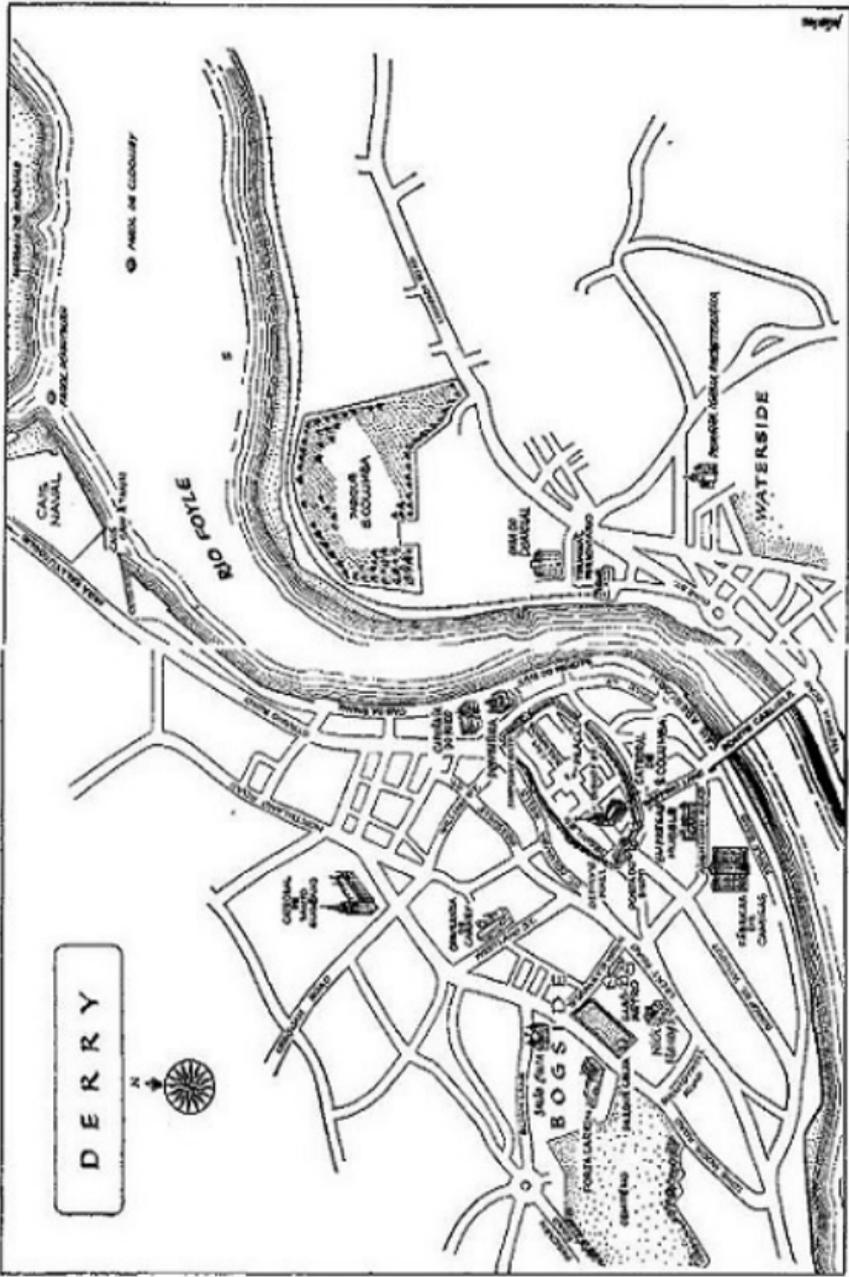
— Acho melhor pedir a Liam para não partir — disse Finola.

— Não — disse Tomas. — Não seria justo para Liam. Ele tem de partir.

Sabe muito bem que não lhe posso pedir que fique... porque quando Conor voltar... tudo tem de estar preparado para ele... quando Conor voltar...

# **Quarta Parte**

**- Bogside -**



# 1

— Quem é? — perguntou Kevin O'Garvey da janela do andar de cima.

— Conor, Conor Larkin.

Dentro de um momento, Kevin abriu a porta de sua bela casa nova de Creggan Road, em Derry, e levantou a lanterna.

— É você mesmo, Conor Larkin? Às

três da madrugada e com uma cara de quem enfrentou o Juízo Final?

Um homem de olhos vermelhos e barba grande seguiu Kevin até à sala, onde se jogou numa cadeira, baixou a cabeça e, com os braços entre as pernas, olhou vagamente para o tapete. Teresa O'Garvey apareceu, abotoando o robe. Olhou para Conor e disse ao marido: — Traga-o para a cozinha.

A grande panela de ensopado fervia sempre a fogo brando no fogão dos O'Garveys, pois não se podia saber quem ia chegar e a que horas. Ela serviu a Conor uma boa tigela de ensopado e meio pão.

— Forre o estômago com isso — disse ela.

Comida            quente            lhe            desceu

deliciosamente pela goela. Conor tossiu e engoliu, tremendo de fome, e murmurou que não comia há três dias ou talvez há quatro ou cinco. Tinha vagueado pelos campos, dormindo onde calhava. Três tigelas depois, a comida assentou no estômago e Conor contou fragmentadamente a sua história, sentado à mesa da cozinha.

Kevin olhou para a mulher como a pedir-lhe que se retirasse.

— Deus de misericórdia — murmurou ela, deixando a cozinha.

Kevin começou a fazer chá e disse: — Isso não podia deixar de acontecer. Há anos que vocês se vêm maltratando uns aos outros.

— Sempre achei que Papai teria de ver as coisas com clareza mais cedo ou

mais tarde. Sempre achei que ele iria mudar de ideia e pedir a Liam que ficasse. Nesses dias, em que vaguei pelos campos, pensei mais de mil vezes em voltar e tentar convencê-lo, mas sabia que não adiantaria nada. Seria o mesmo que falar com as paredes. Quer conversar com ele, Kevin?

O'Garvey tirou os óculos, serviu açúcar no chá e esfregou os olhos.

— Tem de ir conversar com ele antes da partida de Liam. Vai?

— Não sei, Conor... Já pensou que as coisas poderão ser melhores para você longe de Ballyutogue?

Conor assentiu. Sentia um pouco de vergonha, mas já havia pensado nisso.

— As coisas poderiam resolver-se para Liam, mas não se resolveriam para

Conor Larkin, Eu sei. Nunca tive dúvida de que você sairia de lá. Só não sabia quando.

— Isso é que é o pior de tudo — murmurou Conor. — Sei que você tem razão e que eu não posso voltar.

— Não pode, de fato. Liam partirá daqui a alguns dias. Você o acompanhará?

— Ninguém me tirará da Irlanda!

— Escute, você já tomou a decisão. Não vamos mais pensar no caso esta noite. Você sabe onde é que fica o quarto por cima do estábulo.

— Sei.

— Não há pressa. Tenho de ir a Londres para uma sessão da Câmara dos Comuns. Fique aqui e arrume as suas ideias pelo menos até que eu volte. Promete-me isso?

Conor disse que sim e o cansaço o dominou de tal maneira que o seu passo até ao quarto acima do estábulo foi incerto. Tomou a lanterna antes de subir a escada e murmurou: — Obrigado.

— Não tem nada que agradecer.

— Magoei meu pai profundamente...

Da janela de seu quarto, Teresa ficou olhando até que a luz no estábulo se apagou.

— Pobre rapaz — murmurou ela.

Kevin passeava de um lado para outro do quarto.

— Eu já devia estar acostumado a vê-los partir de vez em quando. Que povo miserável somos nós para mandar embora todos os anos milhares de rapazes e de moças, deixando aqui os fracos e abrindo mão da nossa melhor riqueza? Quantos

mais podemos dar-nos ao luxo de perder?

— Você está divagando, Kevin. Sempre foi muito amigo dos Larkins.

— É verdade, mas isso não prejudica o que eu estou dizendo, Teresa.

Parnell... — Fez uma pausa triste ao mencionar o nome. — Parnell e eu falávamos sobre isso durante horas. Tudo se torna mais grave quando há o risco de perder um homem como Conor.

— Talvez possamos conseguir que ele fique por aqui.

— Temos de conseguir. De um jeito ou de outro, teremos de ajudá-lo.

E Conor não é dos que se deixam vencer facilmente.

— Venha dormir.

Kevin deitou-se, mas continuou a olhar para o teto. Teresa inclinou-se e

tirou-lhe os óculos, que colocou na mesa de cabeceira.

— Gostaria de que Parnell ainda estivesse vivo. Naquele tempo, havia esperança...

Liam saiu da Capitania do Porto. Conor esperava num canto. Pegou a mala surrada de vime de Liam e os dois andaram juntos durante algum tempo.

— Todos os papéis estão em ordem?

— Estão.

— Vamos ver.

Conor abriu o grande envelope com documentos cheios de carimbos, selos e fitas.

— Por quantos lugares você vai passar, Liam! Rabat, Túnis, Alexandria, Canal de Suez, Âden, Bombaim, Ceilão, Jacarta, Perth, Melbourne e Wellington.

— De muitos desses lugares não ouvi nem falar. Mas você já, não, Conor?

— De certo modo, já. Seamus e eu lemos alguns livros que falavam neles. São lugares exóticos e você vai conhecê-los, vê-los e senti-los. Que aventura fantástica tudo isso vai ser para você, Liam!

— Que é que você sabe sobre a Nova Zelândia? — perguntou Liam com voz trêmula.

— Estudamos mais a Austrália. Mas fui à biblioteca aqui. Não fiquei sabendo muita coisa, a não ser que a terra é muito bonita. E que viagem magnífica! Você é um homem de sorte, Liam!

Dobraram a esquina e pararam ao ver um velho cargueiro enferrujado, o *Nova Scotia*, atracado ao cais. Liam sentiu um

começo de náusea, suou frio e fechou os olhos.

Conor bateu-lhe no ombro para confortá-lo, mas Liam não deu mostras de ter sentido o carinho. Apegava-se desesperadamente à esperança vã de que Tomas aparecesse de repente ali no cais e o chamasse.

— Estou com tanto medo! — murmurou Liam.

— Ora, você só está sentindo isso porque vai enfrentar uma coisa nova e desconhecida. Dez minutos depois de começar a viagem, terá perdido o medo e, depois de dois meses a bordo, estará a ponto de conquistar a Nova Zelândia e ninguém mais o segurará.

Liam se voltou e, pela primeira vez, se atirou nos braços de Conor, tremendo

dos pés à cabeça e murmurando coisas incoerentes.

— Coragem! — disse Conor. — Você não é o primeiro irlandês que embarca para o desconhecido.

Sacudiu-o com energia e depois delicadamente algumas vezes.

Depois, Liam se afastou dele e voltou-se para o navio, vacilando. Passou a língua nos lábios, respirou fundo e iniciou a sua caminhada para o exílio como se estivesse flutuando... Mostrou os seus papéis e embarcou.

Teresa e Kevin estavam lá como tinham estado havia muitos anos por ocasião da partida de muitos navios. Teresa tinha levado uma cesta, como tinha levado através dos anos, com alimentos salgados e secos para completar a comida

de bordo. As palavras de despedida de Liam tinham sido incertas como sempre.

— Não tenho raiva de Papai e não tenho raiva de você.

— Deus o proteja, Liam.

— E também a você, Conor. Talvez você aqui precise mais da proteção de Deus que eu lá.

Quando Kevin partiu para Westminster, Conor começou a procurar emprego.

— Seu nome?

— Conor Larkin.

— Vou pôr o seu nome na lista.

Foi aos estaleiros, ao dique seco e aos fabricantes de carruagens, percorrendo os cais de Bunrana Road a Letterkenny Road. Foi ao pátio ferroviário além da ponte e parou em todas as cocheiras e

oficinas em que viu uma forja.

— Seu nome?

— Larkin.

— Sinto muito, mas não há vaga.

— Mas eu estou vendo que falta um homem na oficina.

— Já lhe disse que não há vaga.

Certo de que sua perícia como mestre-ferreiro seria evidente logo que ele começasse a trabalhar, ofereceu-se para trabalhar como aprendiz. Mas disseram-lhe que o lugar de aprendiz tinha de ser comprado, que o preço era alto e que, de qualquer maneira, não havia lugar algum disponível.

Dentro de uma quinzena, o sistema vigente em Derry revelou-se em toda a sua hediondez. O dique seco de Caw & Train era o maior empregador de ferreiros

e trabalhadores em ferro. A empresa venciam automaticamente e sem competição todas as concorrências municipais e quase todos os serviços particulares. Era essa a ordem de coisas estabelecida. As forjas menores recebiam subcontratos enquanto obedecessem às ordens recebidas. Todas as oficinas de Caw & Train e até os seus menores satélites eram de propriedade protestante e tinham pessoal protestante. Os únicos ferreiros católicos tinham pequenas oficinas em bairros católicos, mal ganhavam para comer e nunca recebiam subcontratos de Caw & Train. Os maiores empregadores católicos, uma fábrica de cerveja, com serviços próprios de ferreiro e de carros, mantinham as pequenas oficinas abertas.

Se algum homem tinha nome católico,

ficava automaticamente impedido de encontrar serviço nos altos escalões. Se o nome não era evidentemente católico, procedia-se a uma sindicância junto à sua igreja, à escola em que estudara e à loja de Orange, o que prontamente lhe estabelecia a religião. O sistema de Derry se estendia até à venda dos lugares de aprendizes por um preço tão alto que poucas famílias católicas podiam pagar. Quando podiam, alegava-se a falta de vagas.

Depois de esgotar todas as possibilidades no seu ofício, Conor procurou outras espécies de trabalho. Derry tinha muitas tecelagens e fábricas de camisas, mas quase todas só empregavam mulheres e crianças.

O escalão mais baixo do sistema de

Derry tornou-se muito claro. Os únicos empregos que havia para católicos eram os de trabalhadores braçais. As indústrias de construção tinham longas listas de gente que esperava. Até os católicos empregados tinham de fazer toda a família, mulheres e crianças, trabalhar nas usinas e fábricas para que se pudessem manter.

O que restava eram empregos de porteiros, lixeiros, trabalhadores em esgotos, criados e enfermeiros em asilos de velhos ou de loucos. Quarenta por cento dos católicos da cidade estavam desempregados. Cada oportunidade de emprego atraía no mínimo cinquenta pessoas. Havia serviços extraordinários como alguns dias de trabalho na descarga de gado nas docas ou na construção de um

ramal ferroviário, mas Conor não queria concorrer com homens que tinham família para sustentar.

Era esse o sistema de Derry na concepção de Roger Hubble. Trabalho feminino e infantil barato e um vasto mercado de desempregados, dando condições para que os produtos do Ulster concorressem pelo seu baixo preço com os da Inglaterra. Enquanto o Ulster ficasse sob o domínio da Coroa e recebesse concessões comerciais privilegiadas, a sua indústria seria amplamente beneficiada. Ainda que o mercado de trabalho fosse reduzido pela emigração, o Bispo Nugent e os ditames da Igreja faziam com que Derry tivesse o mais alto índice de natalidade das Ilhas Britânicas e da Europa. A sordidez do sistema de

Derry levava prontamente à estagnação do Bogside, à letargia ou à dor da emigração.

Cada novo dia parecia o prolongamento do anterior para Conor, que voltava cada vez mais desanimado ao quarto em cima do estábulo.

Procurava o conforto da biblioteca, mas era incapaz de concentrar-se e o seu frequente aparecimento ali era recebido com vibrações hostis. A biblioteca não era lugar para desocupados e fez-se sentir que ele ali não era tolerado.

Uma tempestade no mar danificou dois navios, que entraram no porto com urgente necessidade de reparos. Durante quinze dias, Conor pôde trabalhar em turnos de dezesseis horas e demonstrou uma perícia igual à de todos e superior à de muitos ferreiros regulares. Houve reclamações

em torno da presença de um papista naquele baluarte protestante, mas o tamanho dele impedia que as reclamações se tornassem muito pessoais e, de qualquer maneira, todos sabiam que o emprego dele era temporário.

Dentro do pátio, Conor compreendeu a fina baixeza final do sistema de Derry. Era evidente que havia muito trabalho e os ferreiros eram escassos, mas o trabalho era reservado exclusivamente aos elementos leais em pagamento pela sua lealdade e ele foi dispensado de repente quando chegou um grupo de ferreiros emprestados pelas Oficinas Weed de Belfast.

A indignação de Conor levou-o quase ao ponto de ruptura apenas dois meses depois da sua chegada. Uma reação mista

de alívio e apreensão invadiu-o quando Josiah Lambe apareceu subitamente em Derry.

Josiah Lambe era um homem muito simples que tinha trabalhado com os católicos. Na mocidade, abandonara a noção populista de que o Ulster tinha de ser um campo de batalha da Reforma. Embora a sua devoção presbiteriana fosse comedida, a sua verdadeira religião era o seu ofício de ferreiro. Nunca usara uma faixa de Orange.

Quando se aproximou a hora em que ele devia encerrar as suas atividades, falou-se muito em que Conor Larkin tomaria conta da forja.

Tivera esperança de retirar-se da oficina com uma renda suficiente para passar o resto da vida, mas desde que

Conor estava fora de cogitações, não podia resignar-se a vender a forja a um estranho. Josiah fez a viagem a Derry, procurou Conor e entrou diretamente no assunto, oferecendo-lhe a oficina. Esclareceu que Conor poderia levar algum tempo para pagar-lhe e, ainda assim, viver muito bem. A transação seria simples, pois o velho ferreiro era um homem sem complicações.

Depois das coisas desagradáveis que lhe haviam acontecido em Derry, Conor teve doces visões da vida pacífica da forja abaixo da encruzilhada e do convívio com velhos amigos. Mas, até nesse momento de confusão, sentiu em si mesmo um obstáculo intransponível à sua volta.

— Por que não consulta algum amigo

em quem você confie? — perguntou o velho Lambe.

— Kevin ainda está em Londres. Acorda todos os dias e vai dormir à noite às voltas com problemas de outras pessoas. Não precisa da sobrecarga dos meus.

— Não estou falando em O'Garvey, embora saiba que ele é um homem excelente. Não poderá ser objetivo, ainda mais tratando-se do seu caso.

— Acha então que devo procurar um padre?

— Nada disso, meu filho. Um padre seria ainda pior. Mas você tem um bom amigo em Derry, que talvez esteja sentido porque você ainda não foi vê-lo.

Conor desviou o olhar com um sentimento de culpa.

— Será que você tem medo de ir falar com Andrew Ingram?

— Já tive vontade de ir procurá-lo muitas vezes. Acontece que em Ballyutogue os Larkins valiam alguma coisa, mas aqui sou apenas um zero, desempregado no Bogside.

— Você nunca foi um zero aos olhos de Andrew Ingram, como nunca foi, nem será aos meus. Pensa que ele não sabe por que você ainda não foi procurá-lo? Não se sente um pouco envergonhado?

— Estou envergonhado, de fato.

— Ele me disse: “Conor tem de dar mais valor à minha amizade”.

— Tem razão, Josiah. Não fui procurá-lo com medo de que ele me dissesse a verdade.

Enid Ingram fez as crianças saírem do escritório de Andrew e fechou a porta depois de sair.

— Grandes garotos — disse Conor.  
— Seamus me escreveu sobre eles muitas vezes.

— Seamus também falou a eles de você. Sabe que tem muito prestígio aqui em casa, Conor?

— Seamus vai indo muito bem em Queen's College, não é?

Ingram sorriu.

— Todos nós que conhecemos Seamus não poderíamos esperar outra coisa dele.

— E eu?

Andrew Ingram encheu o cachimbo com uma lentidão em que havia uma ponta de tristeza e que lhe parecia acentuar os tons grisalhos das têmporas e as primeiras

rugas da velhice. Olhou o homem robusto que tinha à sua frente demoradamente, e isso era muito estranho, pois o conhecia bem.

— Certas pessoas são destinadas a certas coisas — disse ele. — Dou graças a Deus de ter descoberto desde cedo o estreito quadro que me era destinado e de me haver conformado com ele. Há um livro sobre todos nós desde o momento em que nascemos. Se pudéssemos abrir esse livro, saberíamos o que nos está reservado. O problema é que levamos quase a vida inteira para compreender o que deveríamos saber desde o início.

— Que está reservado para mim?

— Bem, uma coisa é certa, Conor. Você não vai voltar para Ballyutogue.

— Acho que já sei disso. Mas também

ninguém me vai tirar de minha terra.

— Sei infelizmente disso.

— Infelizmente, Sr. Ingram? Só porque não posso tolerar a injustiça?

— Digo infelizmente, porque você vai passar o resto da vida tentando fazer alguma coisa para remediar esse estado de coisas. Não há mal algum em combater a injustiça. Mas eu estou querendo dizer-lhe uma coisa que seu pai tentou em vão dizer...

— Como assim?

— Enquanto essas vozes lhe ressoarem aos ouvidos, você nunca terá paz.

Conor levantou-se e abriu os braços, como para dizer que tudo isso não tinha sentido.

— Não sei o que leu no meu livro,

mas está enganado.

— Estou mesmo?

— Como pode saber?

— Conor, há um momento na vida de cada homem em que ele se torna completamente vivo. Torna-se vivo como em nenhum outro momento e pode iluminar o próprio céu com a sua vivacidade. É claro que algumas pessoas não têm essa capacidade e outras só parecem encontrá-la no ato sexual. Esse fragmento, esse instante de chispa elétrica é realmente a pessoa, sua alma, seu ser. Sinto às vezes isso em mim quando me vejo diante de um bom ator que representa Shakespeare. Sinto-me transformado, único, completo. Somos amigos, Conor, e posso-lhe dizer que já vi esse momento muitas vezes em você.

Conor empalideceu.

— Está proferindo uma sentença a meu respeito, Sr. Ingram?

— Não, mas se você compreender e aceitar o que eu estou dizendo, tudo será mais fácil.

— Diga-me o que lê no meu livro, Sr. Ingram... Pode falar.

— Leio que Conor Larkin, de Ballyutogue, se uniu a um pequeno grupo de irmãos porque realmente não podia fazer outra coisa.

Reuniam-se em qualquer sala pobre e escondida. No começo, Conor Larkin deixava-se entusiasmar com os slogans e com a convicção da justiça da causa que defendia. Depois, quando os golpes e as desilusões se multiplicaram, os slogans se tornaram sombras sem qualquer

substância e, ao fim de tudo, pouca coisa mudou, apesar de todos os esforços dele.

— Deve estar delirando. Tais coisas não podem ter sido escritas para mim!

Andrew Ingram não procurou responder desde logo. O cachimbo se apagou e ele o deixou em cima da mesa com os olhos úmidos.

— No dia em que Seamus foi matricular-se no Queen's College, Enid e eu passamos quase a noite inteira conversando sobre o que ia ser dos nossos dois papistas rebeldes. Marquei um livro em minha estante nessa noite e disse: “Talvez Conor venha procurar-me um dia e pergunte sobre a situação dele”. Quer ver esse livro, Conor?

— O livro da verdade?

Ingram levantou-se e pegou um livro

na estante. Havia uma marca entre as páginas. Ingram abriu o livro e leu com a sua voz quente e cheia:

*“Vastas forças de espíritos armados  
Que o detestavam e a mim preferiam  
Opondo a seu poder outro poder, Numa  
dúbia batalha pelo céu, Abalando-lhe o  
trono. Ah, pouco importa.*

*A derrota. Nem tudo foi derrota.*

*Ainda nos resta a vontade invencível,  
Um zelo de vingança e de ódio eterno,  
De coragem jamais amortecida.*

*Que pode haver mais para  
derrotar?”*

Entregou a Conor o volume do *Paraíso Perdido* e, quando Conor o abriu, viu escrito na folha de rosto: “A meu querido aluno, Conor Larkin, soldado

numa dúbia batalha”.

## 2

Desde o momento em que Liam e Conor partiram, o espírito de Finola ficou agitado, porque a transmissão da terra era um assunto que tinha de ser bem ponderado. Tomas não aceitava a possibilidade de que Conor não fosse voltar, mas Finola sabia disso com certeza. Aos seus olhos, os dois filhos tinham saído de casa para sempre. Dary estava bem a caminho de ser padre. Passava grande parte do seu tempo ajudando missa e, em geral, não se afastava muito da igreja.

Desse modo, Brigid podia ser considerada a única herdeira. Sem beleza, religiosa e trabalhadora, Brigid tinha

dezessete anos e era objeto de muitos planos e discussões da parte das mães da aldeia. Havia muitos rapazes disponíveis em Ballyutogue que iam herdar terras e não encontrariam oportunidade muito melhor do que se casar com o nome e o dote de uma Larkin.

Somando tudo, a solução sempre parecia ser Colm, o irmão mais velho de Seamus e que, com quase trinta anos, estava na idade exata entre os jovens solteiros em fila por uma granja. Era perfeitamente claro para Finola que a união de Colm e de Brigid juntaria as duas terras e seria a coroação de toda uma vida de bons vizinhos. A superfície total seria bem grande e faria dos dois um dos casais católicos mais prósperos do distrito.

Entretanto, o assunto era muito delicado, mesmo entre amigas íntimas como eram Finola e Mairead. Esta estava vigilante e pronta a arrancar os olhos de qualquer moça que lhe quisesse arrebatara o seu Colm.

Se a tradição fosse seguida, Mairead preferiria que ele ficasse solteiro, ainda que Fergus a deixasse viúva, morrendo antes dela. A ideia de ter outra mulher em sua cozinha era uma coisa que nem lhe passava pela cabeça. Apesar disso, Finola sabia que Mairead tinha sentimentos profundos e maternais por sua filha e, no caso de viuvez, continuaria a haver as duas casas e tudo poderia ser arrumado para que não houvesse conflito entre as duas mulheres na casa de Mairead. Finola tratou do assunto

cautelosamente. Descobriu com alegria que sua cara amiga já havia pensado no caso, exatamente como ela queria.

Fergus e Tomas sabiam o que se passava na cabeça de suas mulheres.

Na verdade, não havia necessidade de muita inteligência para calcular o que elas estavam arrumando. Os dois homens aprovaram tacitamente a combinação. Tomas limitava-se a deixar em aberto a possibilidade da volta de Conor.

Tudo parecia estar-se encaminhando em perfeita ordem, à exceção de um pequeno detalhe. Brigid, doce e inocente moça, nada sabia dessas manobras e, portanto, entregue a si mesma, tinha deixado germinar na cabeça algumas ideias próprias.

Fazia quase dois anos que, estando

Liam no campo, Conor na forja e Dary afastado pela mãe de qualquer trabalho, era Brigid quem fazia diariamente a ordenha das vacas e levava o leite para a encruzilhada, a fim de ali ser arrecadado. Ali, sob a árvore dos enforcados, encontrava-se com Myles McCracken, que fazia a mesma coisa. Os McCrackens tinham a granja menor, mais pobre, mais pedregosa e situada mais no alto da charneca de toda Ballyutogue. Entretanto, a nobreza não prejudicava a boa aparência de Myles e ele de certo modo lembrava a Brigid seu irmão Conor.

Os olhos dos dois começaram a procurar-se por ocasião dos encontros diários e, ao fim de algum tempo, ambos começaram a chegar à encruzilhada cada vez mais cedo, sem combinar coisa

alguma, mas para que pudessem ficar mais tempo juntos. As conversas começaram com intermitências e nelas nada era revelado dos seus verdadeiros sentimentos. Sabiam sempre quando o outro iria a uma feira ou a um *ceilidhe* e, quando havia um velório ou um casamento, isso significava que podiam passar horas juntos, mas ainda sem relacionar isso com as suas verdadeiras e crescentes emoções.

Finola, que vivia alerta, achou estranha a ansiedade de Brigid em ir para a encruzilhada todas as manhãs. Um dia, seguiu-a até à igreja de S.

Colombano, onde acendeu uma vela na intenção de seus filhos ausentes.

Colocando-se depois disso num bom posto de observação ao lado do

confessionário, pôde ver a árvore dos enforcados e teve confirmadas as suas suspeitas. Olhavam um para o outro como bezerros desmamados.

Myles McCracken era o pior que poderia acontecer. A família era tão pobre que tinha de contar as migalhas que atirava aos pássaros. Myles era o quarto entre sete filhos e não ia herdar nem uma casca de batata.

— É preciso termos uma conversa com Brigid — disse Finola a Tomas nessa mesma noite. — Está na hora de fazer um bom arranjo para ela.

Tomas resmungou o seu assentimento.

— Com toda a certeza, você já sabe com quem tem de ser feito esse arranjo, não é mesmo?

— Se seus olhos pudessem ver além

do copo, saberia que Colm O'Neill é candidato à mão dela.

— Com certeza, você e Mairead já tomaram as providências preliminares, não?

— É claro que não pode haver um casamento melhor em toda Ballyutogue — retrucou ela.

— Não está pensando decerto em unir as granjas, está?

Finola sabia que tinha de agir com muito cuidado, porque unir as granjas significava a aceitação do fato de que Conor não ia voltar, coisa que Tomas nunca admitiria.

— Nada disso, Tomas. Estou apenas levando em consideração o fato de que os dois formam um bom casal e se têm conhecido durante toda a vida. Está de

acordo ou não?

Tomas deixou cair os braços.

— Que é que eu vou fazer? Gostaria apenas de que Colm fosse diferente. Brigid se interessa mesmo por ele?

— Que é que o interesse dela tem que ver com o casamento?

— Bem, isso teve importância quando nos conhecemos, Finola.

Talvez a lembrança o tivesse emocionado quando ele disse isso, mas ela, de sua parte, dissimulou qualquer sentimento, servindo o chá sem qualquer mostra de emoção e continuando a falar do caso.

— Se quer saber de quem ela gosta, vou-lhe dizer. É de Myles McCracken.

— O altão?

— Esse mesmo. Ê um McCracken

cuspidado e escarrado. A família toda é alta e magra como um espeto só.

Disso Tomas não gostou também. Vinha lutando com muitas dúvidas desde que seus filhos tinham partido e não queria mais enfrentar decisões difíceis. Myles McCracken equivalia a problemas.

Por mais ingênua que fosse, Brigid não podia deixar de sentir as vibrações em torno dela. As visitas de Colm em três noites seguidas a enervaram. Era um velho amigo sem dúvida, o mais velho que ela tinha, mas Colm nunca seria outra coisa para ela senão um amigo. Agora, estava fazendo entradas manhosas e, assim, punha em perigo até a amizade entre eles.

Brigid queria muito bem a seu irmão Conor, mas sabia no fundo do coração que

ele nunca mais ia voltar e começou a alimentar desejos próprios em relação à granja. A sua providência inicial foi uma decisão silenciosa. Sentindo em torno dela o clima de conspiração que se avolumava, resolveu tomar posição contra Colm O'Neill.

Os moços de Ballyutogue tratavam de esconder-se dos olhos dos pais e dos olhos do Padre Lynch, fazendo as tarefas uns dos outros e servindo de vigias nos pontos de encontro. As ruínas da velha torre normanda ofereciam uma vista perfeita de todos os caminhos e um único vigia podia alertar dezenas de namorados com um simples assobio.

Myles esperava junto à ponte do regato que passava pela torre. Ela atravessou a ponte e os dois se deram as

mãos e se beijaram no rosto, o que era um pecado bem pequeno. Perderam-se então no bosque de choupos.

— Tive saudades de você, Brigid.

— Também tive saudades de você.

— Quando vi sua mãe aparecer na encruzilhada com o leite nestes últimos três dias, compreendi que ela estava ficando desconfiada.

— Nada disso — disse Brigid, mentindo. — É que eu estou fazendo o trabalho mais pesado porque ela está com dor nas costas.

— É bom que ela não desconfie de nada.

— Myles, quero que você me beije!

— Claro — disse ele, beijando-lhe o rosto.

— Não, quero que me beije na boca.

— Na boca?

— Sim e quero que me abrace enquanto me estiver beijando.

Myles recuou, assustado.

— Meu Deus! Você perdeu a cabeça?  
É uma coisa muito perigosa!

Poderemos ter uma porção de problemas.

— Não. Conversei com Abbey O'Malley. Brendt, irmã dela, fez isso muitas vezes antes de se casar. Beijou até Conor e Seamus.

— E se acontecer alguma coisa?

— Que é que pode acontecer?

— Bem, você sabe.

— Uma mulher não fica grávida com um beijo.

— Mas muita coisa pode acontecer.

— Você quer ou não quer, Myles?

— Você está-me assustando com essas coisas, Brigid Larkin...

Ela passou os braços pelo pescoço dele, aproximou-se e beijou-o vigorosamente na boca.

— Santa Mãe de Deus! — exclamou ele, atônito, sentando-se numa pedra.

— Não gostou, Myles?

— Como não gostei? Foi a maior coisa que já me aconteceu!

— Então vamo-nos beijar mais.

Em tempo relativamente curto, aprenderam o jeito. Myles não cabia em si e tocava com as mãos os cabelos de Brigid, as faces, os ombros e até, uma ou duas vezes, se atreveu a roçar os seios. Experimentavam sensações na garganta e no estômago. Começaram a emitir pequenos gritos roucos e a transpirar. Foi

Brigid que teve medo e afastou-se. Ficaram então um diante do outro, ofegantes e maravilhosamente confusos.

— Está furiosa comigo, Brigid?

— Nunca soube que podia haver alguma coisa parecida com isso mesmo rezar à Virgem.

Myles rodava por perto e batia os pés.

— Devemos estar loucos.

— Acha que fomos longe demais? — perguntou Brigid.

— Não, isso não. Estou falando em namorar a sério. Não podemos fazer isso. Não há nada que eu possa fazer por você neste mundo.

— Escute o que eu vou dizer, Myles McCracken. É melhor não ficarmos assim agitados no futuro, mas quero continuar a ver você.

— Para quê? Somos tão pobres que não lhe posso dar nem a sujeira de meu pescoço. Precisamos dela para adubar o solo.

— Quer-me ver ou não quer? — perguntou Brigid.

Ele baixou a cabeça. Por um instante, a vida parecia ter fugido dele.

Por fim, levantou os olhos, suspirou e disse: — Quero.

Brigid correu para a ponte, passou pela torre e só foi parar ao chegar a casa, toda ofegante.

— Chegou tarde — disse a mãe. — A manteiga não se bate por si mesma.

Brigid ficou um pouco de lado para esconder a falta de fôlego e o rosto vermelho.

— Vou tratar disso — declarou ela,

dirigindo-se para o estábulo.

— Brigid! — chamou Tomas.

Brigid parou.

— Colm virá fazer-lhe uma visita esta noite. Ele pretende sair a passeio com você no domingo, depois da missa.

Não podia haver engano quanto ao que isso representava.

— Não estou muito bem, papai. Estou sentindo dor de garganta. Acho melhor ir descansar um pouco.

— E eu acho que deve dar um pouco mais de atenção a Colm O'Neill — disse Finola.

Brigid voltou-se e, sem pensar no que fazia, disse as primeiras palavras de desafio a seus pais durante toda a sua vida.

— Se gosta tanto de Colm, dê-lhe a

atenção que ele merecer.

Depois de dizer isso, ficou paralisada com o som da própria voz.

— Não fale com sua mãe assim — disse Tomas.

— Deve saber que há um arranjo em andamento — disse Finola.

— Não quero saber disso! — exclamou ela e correu para o estábulo.

Finola agarrou uma vassoura, mas Tomas barrou-lhe o caminho.

— É por causa daquele tal Myles McCracken! Ele nunca há de pôr os pés dentro desta casa! Ordene a ela que acabe com isso!

Tomas sentiu o coração pequeno ante a ideia de outra desastrosa interferência com seus filhos.

— Não permitirei que essa menina

nos desafie! Prefiro metê-la num convento! — gritou Finola.

Tomas sacudiu a cabeça e disse brandamente: — Não.

— Vou falar com o Padre Lynch e obrigá-los a confessar o que estão fazendo às escondidas.

— Não, Finola, você não vai fazer nada disso. Deixe-a namorar à vontade. Não fará mal nenhum.

— Você está louco, Tomas? — O silêncio dele confundia mais do que as suas palavras de cólera. — Sabe quantas moças se casam e sobem ao altar já com um filho na barriga? Ê isso que você quer?

Ele levantou um rosto em que os olhos estavam cheios de recordações.

— Quero que Brigid conheça o

sentimento do amor, ao menos uma vez e por algum tempo. Talvez seja bom para ela saber mais tarde na vida que houve um dia um rapaz desesperadamente apaixonado por ela. Nada paga isso, mulher, nada paga isso.

### 3

Quando Kevin O'Garvey foi eleito pela primeira vez para a Câmara dos Comuns, alugou um quarto na pensão de Midge Murphy, em Jamaica Koad, num dos bairros irlandeses de Londres, perto dos penetrantes aromas e das rodas estridentes das Docas Comerciais do Surrey. A distância para o Parlamento sob o Tâmbisa era pequena.

Pouco mudara em sua maneira de viver durante os seus dez primeiros anos de Westminster. Passou a ocupar o melhor quarto da pensão e a receber certos privilégios condizentes com a sua posição.

Midge era uma mulher da ilha de

Aram, cuja amizade não era fácil e que governava rigidamente a pensão, fazendo a vida da mesma concentrar-se na cozinha. Poucas visitas eram permitidas, salvo na hora das refeições, e ainda mais raras as que podiam ficar depois disso. Só Kevin tinha o direito de permanecer na cozinha. Depois da comida, ele usava um compartimento perto da despensa como seu escritório.

Afora isso, as coisas continuavam as mesmas. À noite, Kevin ocupava um reservado nos fundos do bar de Clancy, a algumas quadras da pensão.

O bar se enchia da energia dos trabalhadores irlandeses das docas e uma fila interminável de conterrâneos ia pedir a ajuda de Kevin. Depois da morte de Parnell, o Partido irlandês perdera muito

da sua força e O'Garvey era um dos poucos deputados eminentes que permaneciam nas suas fileiras.

A Câmara dos Comuns elegera uma missão quando as misérias da Revolução Industrial fizeram extravasar a cloaca dos abusos. A necessidade de uma legislação de reforma era urgente e a comissão foi encarregada de investigar as condições do trabalho nas zonas industriais.

Desde o início, O'Garvey foi a figura dominante da comissão e colocou o Ulster na lista de investigações.

As primeiras audiências se tinham realizado nas Midlands da Inglaterra, na área Bradford-Leeds. O'Garvey foi escolhido para redigir o relatório e sabia-se que as conclusões seriam arrasadoras.

Havia apreensão na comunidade industrial do Ulster em torno das iminentes investigações. Houve então um rumor alarmante de que O'Garvey escolhera a fábrica de camisas Witherspoon & McNab, em Londonderry, como seu principal objetivo.

Trabalhando até tarde da noite no seu relatório, Kevin cancelara a sua habitual sessão noturna no bar de Clancy. Poucos dias antes de ser completado o relatório, um dos homens de Clancy apareceu na cozinha de Midge Murphy.

— Há um camarada elegante à sua procura — disse ele, entregando um envelope a Kevin.

Dentro do envelope estava o cartão de visita do Brigadeiro Maxwell Swan. Kevin esperava uma visita dos alarmados

industriais do Ulster e Swan devia ser o agente deles. Swan estaria particularmente interessado em afastar a comissão de Witherspoon & McNab, porque ele estava dividindo nessa época o seu tempo entre Belfast e Derry, fazendo funcionar nas Empresas Hubble um sistema de espionagem do trabalho como o que organizara para Sir Frederick Weed.

Kevin juntou o seu trabalho, foi guardá-lo no quarto, vestiu o velho paletó de *tweed* e se encaminhou para o bar de Clancy. A carruagem do Brigadeiro estava encostada ao passeio.

Quando ele entrou, o tom das conversas diminuiu excepcionalmente, numa evidente curiosidade em torno do homem calvo e de porte militar que esperava no reservado de Kevin. Todos

se aproximaram do balcão, ansiosos por lobrigar alguma coisa pelo espelho do fundo.

Swan sugeriu que uma conversa confidencial seria melhor em outro lugar em um momento depois, os dois saíram na carruagem, que parou no vizinho parque de Southwark. Depois, seguiram a pé pela beira do parque dentro do ar úmido e nevoento da noite. Chegaram a um banco do parque e se sentaram.

— Parece que não podemos ser ouvidos agora por nossos mútuos informantes — disse Kevin.

Swan descansou as mãos no castão da bengala e olhou vagamente para o eterno nevoeiro que se adensava.

— Temos de lembrar-nos de vez em quando de que Lorde Roger é um dos seus

constituintes e tem o mesmo direito de fazer-lhe pedidos e externar as suas opiniões que tem qualquer pessoa.

— É verdade — disse Kevin. — Mas não costumo receber meus constituintes nos bancos dos parques.

Swan sorriu friamente e tocou o chapéu com a bengala à guisa de cumprimento.

— É evidente que estamos preocupados com a próxima visita de sua comissão ao Ulster.

Prosseguiu então para expor uma elaborada argumentação. A indústria do Ulster tinha feito pesados investimentos e apostara tudo nos teares mecânicos do linho. Como os Estados Unidos estavam já plenamente recuperados da Guerra Civil, o algodão fazia de novo

concorrência direta ao linho. O mercado do linho era frágil e qualquer coisa que o prejudicasse punha em perigo o próprio Ulster. Uma investigação na fábrica de camisas de Witherspoon & McNab, que era a maior do Reino Unido, poderia ter repercussões-fatais sobre toda a indústria do linho.

— Julgamos que é do interesse do Ulster que a comissão se afaste de Belfast e Londonderry, bem como da indústria do linho.

— O que está dizendo é tolice, Swan. Têm receio é de que se tornem conhecidas as suas atividades ignóbeis. Nada mais.

Swan tinha suspeitado da intransigência de O'Garvey.

— Permita-me que acentue alguns pontos práticos — disse ele, mudando de

rumo. — Em primeiro lugar, Witherspoom & McNab empregam mais de mil mulheres católicas. São os maiores empregadores de Londonderry e, juntamente com outras fábricas de camisas, são a espinha dorsal da economia.

— Até aí, tudo correto — disse Kevin.

— Segundo ponto. Essa fábrica é a maior fonte de rendimento de Lorde Roger. Estamos empenhados numa luta insana para fazer rentáveis os nossos investimentos nos teares mecânicos. Qualquer investigação com legislação correspondente reduziria os lucros a uma operação marginal que nos obrigaria a fechar as portas. A economia de Londonderry entraria em colapso e

haveria crise.

Kevin O'Garvey sacudiu a cabeça e riu.

— Ê claro que não acredito no que está dizendo. Sabe muito bem que investigamos seis fábricas em Bradford-Leeds e os proprietários de todas elas nos disseram a mesma coisa. Deixem-nos explorar os operários ao máximo ou fecharemos as portas. Vá cantar noutra freguesia, meu caro.

Enquanto houver a possibilidade de um penny de lucro, vocês estarão em atividade.

— E se eu lhe apresentar números que mostram que não podemos ter pesadas despesas de capital e continuar em atividade?

— Fechem então. Não têm direito a

funcionar na base da exploração dos empregados. As condições em Bradford-Leeds eram suficientemente repulsivas, mas não se comparam nem de longe às tecelagens de linho imundas, ensurdecedoras, geradoras de tuberculose e de reumatismo. O

que realmente me apavora é o prédio de Weatherspoon & McNab. Aquilo é mais ou menos uma bomba sem luz de sete andares. Vocês não têm o direito de fazer camisas, com monogramas de sangue humano. Só isso.

Mawxell Swan continuou perfeitamente impassível e disse: — Agora, já expulsemos os nossos pontos de vista. Vamos examinar alguns aspectos práticos.

Kevin sabia que estava tratando com

um homem frio, que ainda não tinha começado a fazer uso de sua munição. A perícia de Swan em dominar as ameaças das organizações sindicais tinha a eficiência de um carrasco.

Olhando para Swan, Kevin tinha de dominar a sua raiva.

— Muito bem — continuou Swan. — A sua comissão chega a Londonderry e efetua as suas investigações. Um terrível relatório é então apresentado com propostas para uma legislação corretiva. Segundo a sua opinião, que faríamos nós nesse intervalo?

— Ameaçarão fechar as portas até que o blefe deixe de dar resultado.

Ameaçarão então os operários para que deixem de prestar depoimento.

— Mais ou menos isso. Lutaremos

palmo a palmo. Qualquer lei que consigam fazer transitar pela Câmara dos Comuns só será aprovada depois de dois ou três anos de árdua e amarga batalha. Em tais circunstâncias, será uma coisa diluída, quase inócua, que poderemos contornar à vontade. Por outras palavras, faremos o impossível para proteger os nossos bens.

— Oh, Senhor, que plano indecente Hubble e Weed estabeleceram em Derry. Tudo é nitidamente dividido em duas camadas. Na camada do alto há bons empregos para manter uma população leal na sua sagrada cidade.

Na camada inferior seres humanos recebem um tratamento como se fossem cabeças de gado. Em vez de instalarem indústrias novas num lugar onde há

milhares de desempregados, conservam todos na miséria e os deixam a rojar-se como cães famintos a tal ponto que eles se dispõem a trabalhar como escravos nas suas arapucas mortíferas por alguns níqueis.

— É uma maneira um tanto exagerada de ver as coisas, O'Garvey. Há uma ordem em vigor, um sistema há muito estabelecido. Os herdeiros desse sistema não podem abrir mão de tudo. Crê realmente que o Bogside não será o mesmo Bogside daqui a cinquenta anos? Acredita que algumas leis mirradas vão de fato modificar as coisas?

— Era isso que se dizia da Liga Rural — replicou Kevin. — Não passei a minha vida em vão porque conseguimos mudar o sistema vigente na terra e mudaremos

também o sistema de suas imundas fábricas.

— Ainda vai ver isso? — perguntou Swan.

— Isso pouco importa.

Swan jogou o charuto no chão e começou a espetá-lo com a ponteira da bengala.

— E se tivesse uma oportunidade de mudar as coisas desde já no Bogside?

Kevin ficou cheio de tensão.

— Devo continuar?

— Não estou à venda, se é isso o que está querendo apurar.

— Que ideia! Eu não seria bastante louco a ponto de querer suborná-lo.

— Por que não? A sua gente já tentou subornar todos os homens do Partido Irlandês e não sem alguns assinalados

êxitos.

Swan esboçou um sorriso e perguntou:  
— Posso continuar?

— Pode, mas eu também posso a certa altura levantar-me e dar-lhe as costas.

— Você, Frank Carney e o Padre Patrick McShane fundaram há alguns anos uma Associação do Bogside, destinada a financiar pequenas indústrias e coisas dessa ordem. A Associação fracassou.

— Fracassou porque vocês lutaram contra nós com medo da concorrência católica.

— Fosse por que fosse. Suponha agora que a associação fosse financiada de novo e que se chegasse a um acordo mediante o qual novas empresas pudessem ser patrocinadas na comunidade católica. Suponha mais que seja possível

comprar, digamos, cinquenta lugares de aprendizes por ano com a existência de vagas assegurada. Que espécie de efeito teria isso sobre o Bogside? Qual é a maior necessidade de vocês?

Orgulho? Dignidade? Trabalho para os homens?

Kevin O'Garvey estava atônito. Tinha esperado quase qualquer coisa para afastar a comissão de Londonderry, mas não aquilo. O Bogside, o berço do desespero, onde os homens se rebojavam sem esperança e nada se fazia para reduzir a pobreza ou criar o amor-próprio. O que Maxwell Swan tinha diabolicamente elaborado fora uma migalha de esperança.

Entretanto, com que urgência era essa migalha necessária?

Qual era a alternativa? Kevin sabia que teria anos de luta renhida em que precisaria de empenhar a sua pessoa e o seu enfraquecido partido contra um sistema poderoso que se estendia até aos tribunais de justiça.

Se ele participasse da luta pela reforma industrial, o desfecho da sua campanha no Bogside seria deslocado para além dos seus anos de vida.

Era ou não era suborno receber dinheiro para dar esperança onde não havia esperança? Qual era o preço? Sabia que as abominações como a fábrica de Weatherspoon & McNab continuariam, a despeito do que ele fizesse. A sua luta na Liga Rural era uma luta antiga que tinha mantido a Irlanda num banho de sangue durante séculos. Tinha tido de pagar bem

caro pelos seus êxitos. A guerra pela reforma industrial seria ainda mais encarniçada. Na verdade, poderia um homem fazer muito mais do que dar um raio de esperança ao seu povo desesperado?

Swan tinha, sem dúvida, todas as soluções. Depois de pagas todas as dívidas da Associação do Bogside, haveria durante vários anos dinheiro às escondidas para manter pequenas indústrias e comprar lugares de aprendiz. Por que, em nome de Deus, tinha esse apoio de basear-se no sofrimento humano? Por que o preço tinha de ser a manutenção de mulheres e crianças num trabalho inumano? Por quê? Porque era onde estavam os lucros. Porque era esse o sistema de Derry, o sistema do Ulster, no

qual a simples sugestão de ajuda aos católicos não era permitida. Tudo tinha de ser mantido a todo custo em segredo.

Kevin O'Garvey se torturou durante três semanas, alternadamente dilacerado pelas visões da sordidez das usinas e os aspectos alucinantes da fábrica de camisas. Essas visões lutavam com as cenas de desespero no Bogside, que lhe atormentavam a alma em todos os dias de sua vida. Que era que tinha mais força? A esperança... a esperança imediata!

A Comissão Especial de Relações Industriais da Câmara dos Comuns viajou para o Ulster, por proposta de Kevin O'Garvey, do Partido Irlandês.

Nem Belfast, nem Londonderry foram visitadas. A comissão se dirigiu para a cidade industrial de Ballyomalley, uma

cidade experimental avançada, fundada por quakers. Encontraram ali as melhores condições de trabalho e de vida de toda a província e Ballyomalley passou a ser citada como um exemplo do espírito progressista do Ulster.

## 4

A Sala Celta era um oásis no pântano estagnado do Bogside, com as atividades que dela emanavam e os campos de recreação próximos. A Associação Gaélica de Atletismo revivia os velhos esportes celtas, e, com isso, o orgulho nacional se ramificou pela Irlanda além de todas as expectativas. O Bogside, em particular, não tinha sido um lugar de que os irlandeses se pudessem orgulhar. O hóquei e o futebol gaélicos atraíam todos os domingos assistências compactas aos poeirentos campos de jogos.

Vários anos depois da AGA, uma organização urbana e sofisticada, a Liga Gaélica, foi fundada para lutar pelo

renascimento da língua e da cultura antigas.

As organizações eram legais, mas não havia quem não soubesse que a AGA e a Liga Gaélica eram disfarces de atividades republicanas que floresciam no clima de descontentamento. A glorificação que faziam da história irlandesa e dos dissidentes irlandeses era contrária ao esforço secular dos britânicos de anglicizar a colônia. Esses surtos de nacionalismo irlandês eram considerados perigosos pela Coroa como fonte de futuros agitadores fenianos, e suas atividades bem como seus elementos mais destacados viviam sob vigilância.

Não era de admirar, portanto, que a frequente presença de Conor na escassa biblioteca da Liga fosse recebida a

princípio com desconfiança.

Um desconhecido musculoso como ele bem podia fazer parte de uma turma especial da polícia ou do Castelo de Dublin e ter sido incumbido de infiltrar-se nas suas fileiras. Era preciso ter um cuidado constante com os delatores, essa lepra da vida irlandesa.

Conor tinha esgotado todas as possibilidades de conseguir emprego e queria sair de Derry. Teresa O'Garvey percebeu isso e comunicou-se com o marido em Londres. Kevin, por sua vez, escreveu a Conor, recordando-lhe a sua promessa de esperá-lo até que ele voltasse de Londres. Enquanto esperava, Conor gravitou para os lugares onde homens ociosos se reuniam para conversas ociosas. Eram homens como

ele de bolsos vazios, para quem até uma cerveja seria um luxo inusitado.

Depois da sua visita diária à biblioteca da Liga Gaélica, ficava nos campos de jogos, a olhar os treinos. A regularidade de sua presença determinou as habituais investigações de proteção e só então descobriram que ele morava na casa de Kevin O'Garvey. Depois disso, foi aceito com sinais de reconhecimento.

— Olá, grandão.

— Olá.

— Precisamos de um homem para o treino. Quer jogar no meio-campo?

— Não conheço bem o jogo.

— Já jogou futebol?

— Poucas vezes.

— Para um treino serve.

Conor tinha jogado um pouco de

futebol *association*, esporte que os escoceses haviam levado para o Ulster, e alguns jogos de futebol gaélico.

Era sem dúvida bastante forte e corria bem. Um ponto essencial do jogo gaélico exigia força bruta dentro de um grupo de homens, quando era preciso agarrar a bola e segurá-la com firmeza. Dizia-se que o jogo era tão velho quanto S. Patrício e era bem possível que o padroeiro da Irlanda tivesse pensado em Conor como um meio-campo ideal. Como muitos rapazes do campo, ele fora capaz de saltar agilmente muros de pedra desde que aprendera a andar e com as suas mãos de ferreiro e toda a sua força ele era uma boa matéria-prima para a prática do esporte.

Logo que Conor entrou em campo, um jogador de camisa azul surgiu à frente

dele com a bola. O homem parou, fez um despistamento com as pernas e com o corpo, e então dançou para passar por ele. Conor se desequilibrou com a manobra, mas conseguiu agarrar o homem da camisa azul pelo pé e o atirou, no chão numa obstrução pouco técnica, mas eficiente. O jogador foi para um lado e a bola, para outro. O homem rastejou de quatro pés procurando respirar. Levantou-se afinal e foi para onde estava Conor, sacudindo o punho fechado, brutamontes! Isto é apenas um treino!

Desculpe. Fiz alguma coisa que não devia?

— Se fez alguma coisa que não devia? Quase me matou, está aí o que você fez? — O homem ia saindo, ainda trêmulo. Depois, parou e voltou. — Fiquei um

pouco atordoado, sabe? Meu nome é Pat. Pat Shane.

— Meu nome é Conor Larkin. Não tive a intenção de machucá-lo.

— Sei disso. Vou pagar-lhe uma cerveja em Nick Blaney depois do treino.

Cooey Quinn, treinador do time do Bogside, observou Conor Larkin, que parecia estar pegando o jeito do fogo de minuto a minuto. Cooey estava na AGA desde o início e fora um dos maiores jogadores de futebol gaélico de Derry, um velocista de pernas tortas. Quando deixara de jogar, fizera da equipe uma potência regional. Os seus anos de vida esportiva não lhe tinham dado dinheiro, até porque se tratava de um esporte amadorista, que se praticava por orgulho com uns toques de nacionalismo. Chamou

Conor no momento em que o treino terminou.

— Alô, grandão. Meu nome é Cooney Quinn.

— Já o conheço de nome — disse Conor, ao mesmo tempo que se apresentava.

— Quantas vezes já jogou?

— Três ou quatro no máximo. Jogava mais futebol *association* em Inishowen contra os times protestantes.

— Vai ficar algum tempo em Derry?

— Vou.

— Creio que você dará um bom meio-campo. Se aparecer para treinar, posso-lhe ensinar algumas coisas interessantes.

— Muito gentil de sua parte, mas estou à procura de emprego.

— Não vai encontrá-lo com facilidade

e, portanto, pode aproveitar o tempo treinando. — Cooney examinou o tamanho do Conor com muito interesse e então se aproximou e lhe disse confidencialmente: — Francamente, sempre se ganha algum dinheirinho...

— Como?

— Há apostas entre a assistência e quando ganhamos...

— Não foi decerto essa a maneira que imaginei de ganhar a vida — disse Conor.

— Se não tem coisa melhor para fazer, por que não experimenta?

— Por que não? — disse Conor, encolhendo os ombros.

— Muito bem. Vá até o bar de Nick Blaney para conhecer o pessoal.

O bar de Nick Blaney era o melhor do Bogside, todo ladrilhado, com móveis de

mogno polido e um grande espelho. Nick Blaney ainda se considerava um esportista. Dizia que tinha sido o número 3 no *ranking* dos pesos-médios em todo o Reino Unido. Se não fosse, dizia ele, um golpe de sorte de um adversário que o pegara desprevenido e o pusera nocaute, teria chegado ao título. Havia muitos fregueses no bar, homens empregados e donos de pequenos negócios. Mas Nick tinha predileção pelos esportistas e estava no ponto sempre a encher-lhes de novo os copos.

— Como você é grande! — disse Mick McGrath, que se julgava e era de fato o melhor jogador do Bogside. — Quanto você pesa, Larkin?

— Não tenho certeza. Talvez mais de noventa quilos.

— É disso justamente que precisamos!

— Posso atestar que ele é um carroção de cerveja desgovernado — disse Pat McShane do fundo do bar. Conor olhou para ele e ficou vermelho.

Pat McShane usava um colarinho eclesiástico.

— Maria que me perdoe — murmurou Conor. — Quase arrebento um padre.

Depois de feitas as apresentações, Conor foi procurar o Padre McShane, ainda envergonhado. O padre achou graça e sorriu revelando a falta de dois dentes, o que indicava que alguém já o havia atacado antes de Conor.

— Não compreendo, Padre...

— O quê? Que eu jogue futebol? Li nas Sagradas Escrituras de cabo a rabo e não encontrei uma só palavra que

proibisse um padre de jogar futebol gaélico.

— Mas o Bispo Nugent não fica furioso?

— Fica, mas quando o Bogside perde.

Nunca tendo conhecido um padre assim, Conor continuou a olhar espantado, mas Pat McShane tinha visto outros como Conor chegarem do interior. O padre era feito de outro molde que os entes indiferentes e metediços que enchiam os seminários. Era oriundo de uma família rica do sul e tinha estudado dois anos em Cambridge antes de decidir ingressar na Igreja.

Nos dias seguintes, a camaradagem entre os dois se tornou instantânea porque ambos eram de certo modo estranhos ao mundo de Bogside. Descobriram sem

demora que havia a poesia e a literatura para uni-los. Se os padres do Bogside eram diferentes dos sacerdotes dogmáticos que Conor tinha conhecido, Pat McShane até deles se distinguiu. Era em segredo o orientador da Liga Gaélica e, quando Conor foi convidado para uma reunião, compreendeu que esse fora o dia mais feliz que já passara em Derry.

Colocaram-se vigias em todos os caminhos de acesso ao estábulo abandonado em Lone Moor Road. Só quando os vigias deram o sinal de que não havia perigo à vista, as pessoas começaram a entrar em grupos de duas ou três. Todos eram moços, pobres e mal vestidos e Conor teve a surpresa de ver que havia muitas moças das tecelagens e

das fábricas de camisas. Uma vez no estábulo, subia-se para o sótão, onde um pesado pano escondia a luz para que não fosse vista do lado de fora. A luz era fraca e mal fazia as coisas visíveis. Falava-se em voz baixa, mas não era possível disfarçar um ar de entusiasmo e desafio.

Conor tinha ido até lá em companhia de Mick McGrath e Coeey Quinn e foi recebido com apertos de mão silenciosos e gestos de assentimento ao ser apresentado.

Maud Tully, simpática moça de grandes olhos castanhos, pediu atenção.

— Sentem-se mais perto para não termos de falar tão alto. — As trinta e tantas pessoas que estavam na sala formaram um círculo em torno dela.

— O Padre Pat mandou dizer que foi

chamado para ver um paroquiano que está passando mal.

Houve um murmúrio de decepção.

— Ele disse que viria para cá o mais depressa possível. Sugeriu que, no intervalo, iniciássemos uma discussão sobre o tema desta noite, Theobald Wolfe Tone.

Todos se entreolharam desapontados. Conor tinha posto no bolso a autobiografia de Wolfe Tone quando o Padre McShane lhe falara no tema daquela noite.

— Ninguém sabe alguma coisa sobre Wolfe Tone para começar? — perguntou Maud.

Quando as suas palavras foram de novo recebidas com um murmúrio de decepção, Conor levantou a mão com

alguma hesitação.

— Parece que estamos com sorte — disse Maud. — Nosso novo irmão Conor Larkin, se apresentou. Por que não vem para cá, Conor Larkin?

Ele se levantou e se moveu por entre os assistentes sob um sussurro de curiosidade. A sua altura era ainda mais evidente no recinto acanhado do sótão. Maud apontou para uma espécie de tribuna onde ele se devia sentar e, quando ele se sentou, sentiu naquele instante mágico que todos o olhavam como ele e Seamus tinha olhado outrora para Daddo Friel, ansiosos pelas suas palavras.

— Espero que não me julguem presunçoso — começou ele. — Nunca poderia falar sobre o assunto como um homem culto nas condições do Padre Pat.

Tirou do bolso o pequeno volume intitulado *A Vida e as Aventuras de Theobald Wolfe Tone Escritas por Ele Mesmo, extraídas dos Seus Diários.*

*Editadas Por Seu Filho, William Theobald Wolfe Tone.*

— Para começar — disse Conor — temos na história das nossas aspirações republicanas muitos patriotas de origem protestante. E uma tradição que vem de Robert Emmet, Napper Tandy, Henry Joy McCracken, Thomas Davis e Isaac But ao fundador desta liga, Douglas Hyde. Dois desses protestantes foram tão importantes para a emancipação católica e para os desejos de liberdade dos irlandeses como o próprio libertador Daniel O'Connell. Quero referir-se a Charles Stewart Parnell, cuja perda nunca será recuperada,

e falarei esta noite do pai dos republicanos irlandeses, Theobald Wolfe Tone.

Reinava no sótão um silêncio profundo.

— Wolfe Tone nasceu em Dublin no dia 20 de junho de 1763 — continuou ele com uma voz que não lhe parecia muito de acordo com a sua tarefa.

Entretanto, sentia a comunicação instantânea daqueles que estavam reunidos em torno dele. Da inquietação inicial passou para uma estranha sensação de poder, pois os olhos de todos estavam cravados nele e ele lhes estava ganhando os espíritos. De repente, todos os anos em que escutara as histórias de Daddo, as suas conversas com Andrew Ingram e todos os livros que lera nos campos ou à

luz da vela, tudo isso começou a tecer nas suas palavras uma magia irlandesa única e ele se entregava a toques de fantasia, de interesse e de humor. Conor se tornou de repente o shanachie e as palavras lhe saíram da boca tal como se ele tivesse estado presente a tudo.

Traçou em linhas, versículos e capítulos a turbulenta carreira do primeiro dos grandes patriotas: o juramento que fizera em Belfast de unir a Irlanda, a fuga para os Estados Unidos, a influência da Revolução Francesa, tudo o que fizera em Paris para conseguir apoio, a tempestade que destruía a frota francesa, a segunda tentativa inútil de invasão em Foyle, a captura, a condenação à morte... o suicídio...

Os olhos dos ouvintes de Conor

estavam úmidos.

Houve durante algum tempo um silêncio profundo.

— Muito bem!

Todos se voltaram para ver o Padre McShane, que voltara sem ser visto e assistira ao final do notável desempenho de Conor.

— Mais uma rodada, sim, amigos? — disse Nick Blaney.

Conor queria conversar a noite toda com o Padre Pat, mas Cooey Quinn e Mick McGrath o interrompiam a cada momento para bater-lhe nas costas e apresentá-lo a alguma pessoa, falando sem parar.

— Foi uma noite maravilhosa! — disse Cooey talvez pela centésima vez. —

Todo o mundo ficou entusiasmado. Se você soubesse jogar futebol como tem o dom da palavra, seria o prefeito não-oficial do Bogside, Conor Larkin.

— Sem dúvida alguma — disse Mick.

— Espero que não. É uma maldição em minha família — disse Conor.

Os quatro saíram do bar e mergulharam nos cheiros e nos barulhos da pobreza que persistiam em toda a parte como uma erupção incurável. O

Padre Pat parou de repente como se tivesse medo de atravessar mais uma vez tudo aquilo. Um bêbado urinava na base das sagradas muralhas e o som vil de rancores domésticos se espalhou no ar, trazendo o choro discordante de uma criança que devia estar não apenas com fome, mas com pavor. Era no escuro que

faziam filhos, mais filhos em relação à população do que em qualquer outro ponto do reino. Os filhos comiam restos de carne de porco, trabalhavam na fábrica de camisas, batiam moedas contra a parede e cresciam para esperar a morte em cubículos nus como celas monacais.

O Padre Pat agarrou o braço de Conor para firmar-se.

— Se pudéssemos fazer alguma coisa...

— Um dia, ainda vou sair daqui — murmurou Mick.

Conor assentiu.

— Eu sei. É o que todos dizem — declarou Cooney.

— Você vai ver...

— Vai conosco, Padre? — perguntou Conor.

— Tenho de ir ver o meu paroquiano. Não creio que ele passe desta noite.

Conor e Mick viram Cooey e o Padre Pat desaparecerem na rua lamacenta com filas de casas que pareciam feitas para bonecas e um coro de gatos famintos que gemiam o seu descontentamento. Levantaram as golas por causa do frio e subiram Lecky Road. As muralhas de Derry se levantavam acima deles, ostentando a sua onipresente coluna e a estátua do Reverendo George Walker com o dedo apontado para a lua crescente.

Era o guardião constante que desprezava a ralé do Bogside.

— Cooey pensa que eu vou apodrecer aqui. Ele não sabe de nada. Meu único problema é que não há nada que eu saiba fazer.

— Não aprendeu nada, Mick?

— Fui aprendiz de açougueiro uma vez, só isso. Esperei quatro anos uma oportunidade nas construções... e nada. Mas ouça o que eu estou dizendo, não vou ficar aqui.

Mick olhou rapidamente para trás.

— Que diabo, Conor! Estamos sendo seguidos desde que saímos do bar de Blamey.

Conor olhou para trás. Dois policiais atrás deles retardaram o passo e então marcharam para onde eles estavam.

— Alguém já apontou o dedo para você — disse Mick.

— Por quê?

— A sua fala desta noite. Talvez pensem que você é um agitador de Dublin. Escute, vamos chegar ao fim da quadra,

separar-nos e correr.

— Não podemos — disse Conor.

Mais dois homens vinham à frente deles, carregando porretes.

Estavam encurralados. Mick tirou o cinto e enrolou-o no pulso, deixando a grande fivela de metal pendurada como a ponta de um chicote, ao mesmo tempo que se inclinava e pegava uma pedra no chão. Deu uma cotovelada em Conor e os dois atacaram juntos os homens em frente, os quais foram colhidos de surpresa.

Conor bloqueou o porrete com o braço e Mick bateu com a fivela do cinto no rosto de um polícia. O homem gritou, levando a mão ao ferimento, e caiu de joelhos. Mick o pôs fora de combate com a pedra.

O outro polícia saltou em cima de

Mick e o atingiu com o seu porrete uma, duas, três vezes. Conor o derrubou com um soco entre os olhos.

Tentou tirar Mick da confusão dos corpos estendidos no chão, mas nesse momento foram alcançados pelos outros dois.

— Fenianos imundos!

Quando Mick tentou levantar-se, levou um pontapé no estômago que lhe tirou o fôlego. Caiu de novo, vomitando. Conor cambaleou, tentando livrar-se da chuva de pancadas que lhe atingiam principalmente o rosto e as costelas. Recuou, mas quando eles se voltaram contra o caído Mick, encheu-se de raiva e deu um soco na barriga do atacante com tanta força que levantou o homem do chão. Ajudou Mick a levantar-se. As roupas do rapaz estavam

cobertas de vômitos e de sangue. Conor passou o braço pelo corpo dele para sustentá-lo e deu um soco de advertência no polícia restante. O homem olhou para os seus três companheiros desacordados, fez menção de atacar e então saiu correndo.

Houve gritos, luzes acesas e num instante o Bogside ficou cheio de apitos da polícia.

A polícia tentou abafar o caso, como sempre fazia em tudo que se relacionava com suspeitos da Liga Gaélica, mas a hospitalização dos três polícias foi conhecida em todo o Bogside. Foi tremendo o sortimento de narizes quebrados, costelas partidas e dentes arrancados nos três minutos do encontro. Inventou-se uma história menos

desmoralizante de que os polícias tinham sido atacados por uma quadrilha de doze malfei-tores.

Assim, para as autoridades o caso foi encerrado, mas o povo do Bogside não deixou de saber o que realmente havia acontecido.

# 5

Durante vários meses, depois da volta de Kevin O'Garvey, houve um florescimento de novos negócios financiados por empréstimos de uma Associação do Bogside subitamente revitalizada. Uma padaria, dois bares, uma empresa de carretos, uma fábrica de cordas, uma tipografia e uma loja de artesanato logo se inauguraram com muita solenidade.

Por outro lado, uma dúzia de novos lugares de aprendizes ficaram de repente disponíveis nos estaleiros, na indústria de pesca e no pátio ferroviário. Esses lugares eram pela primeira vez vendidos a católicos e financiados pela Associação

do Bogside. Um raio de luz tinha penetrado as trevas e, tanto quanto alguém podia lembrar-se havia alguns homens que começavam a andar de cabeça erguida.

Frank Carney, dinâmico participante da diretoria de três homens da Associação, estava radiante no seu papel de benfeitor. Era o católico mais próspero de Derry, dono de uma fábrica de cerveja e muito influente na política municipal. Ostentava o seu sucesso com coletes de fantasia, bigodes encerados e uma abundância de ouro no relógio e na cadeia do relógio, nos botões de punhos, nos anéis e nos dentes. A vaidade em Carney era profunda, o que parecia desculpável porque ele tinha subido no Bogside, vindo de baixo. Embora muitas das suas transações fossem discutíveis, ele se

mantinha leal aos seus e era devotado à sua Igreja.

O Padre Pat McShane, o homem mais moço da diretoria, limitava-se a abençoar as novas empresas do Bogside e as encaminhava na direção certa, deixando a parte externa da propaganda e valorização para Carney.

O mais ardente campeão do Bogside era Kevin O'Garvey, do mesmo modo que tinha sido o mais incansável propugnador da Liga Rural.

Entretanto, Kevin parecia sentir pouco prazer naquela febre de atividade.

Conor notara que, exatamente durante a sua última ausência em Londres, alguma coisa se transformara em Kevin e ele deixara de ser um homem comunicativo, quase extrovertido, para se tornar cada

vez mais reservado.

Conversou sobre isso com o Padre Pat e ambos chegaram à conclusão de que o desgaste dos anos de luta afinal se fazia sentir e que Kevin estava ficando velho, coisa em que eles não queriam acreditar. Conor não tinha certeza da verdadeira causa, mas sabia que seu amigo já não era o mesmo.

Quando Conor for chamado pela Associação do Bogside à Sala Celta e recebeu a recomendação de preparar um orçamento para o financiamento de uma forja, considerou isso um verdadeiro milagre, pois já estava disposto a sair de Derry. Depois do seu espanto inicial, entregou-se de corpo e alma à tarefa. Chegou à conclusão de que o estábulo abandonado em Lone Moor Road era

muito conveniente e barato e convenceu-se de que podia conseguir grandes economias, fazendo a maior parte de suas ferramentas.

Havia, porém, um problema. Conor queria um empréstimo várias vezes maior do que os concedidos a outras novas oficinas. Havia grande necessidade de uma forja de primeira ordem no Bogside e ele não queria uma ferraria qualquer. Desejava não só uma casa que pudesse fazer todos os trabalhos comuns com ferro, mas fosse capaz também de lançar-se no ramo de objetos decorativos.

O Padre McShane e Kevin O'Garvey concordaram depois de algumas discussões e de pequenas reduções do orçamento apresentado. Foi Frank Carney quem se mostrou entusiasmado. Era havia

muito patrocinador das equipes de hóquei e de futebol gaélico e Conor Larkin era um herói esportivo em ascensão. Esperava que a forja se tornasse uma das coisas notáveis do Bogside e, assim, o empréstimo foi aprovado.

Tudo correu bem desde o início. Mick McGrath e mais dois rapazes da equipe tiveram os primeiros empregos de sua vida como aprendizes.

Conor estava ansioso por começar a trabalhar em grande escala, mas via-se tolhido porque os homens eram novatos e havia total falta de católicos que soubessem trabalhar com ferro. Procurou então do outro lado do rio Foyle e contratou um protestante, Tippy Hay, como seu contramestre para superintender as coisas e treinar os aprendizes enquanto

ele dedicava todo o seu tempo aos produtos.

Tippy era um excelente artífice, muito velho e descansado para trabalhar em horário integral no Dique Seco de Caw & Train, onde fora empregado durante trinta anos. O homem recebia lá apenas o trabalho suficiente para se manter nas temporadas de mais atividade. Chegara, porém, a uma situação difícil e dera para beber. O homem ficou tão grato à oportunidade que lhe deu Conor que moderou a bebida, pôde dar um dia de trabalho decente e se revelou um excelente instrutor.

Tippy foi chamado de volta a Caw & Train numa das emergências periódicas de um navio quase destruído numa tempestade, e disse ao contramestre, Roy

Bardwick, o que podia fazer com o emprego.

Poucas semanas depois, foi encontrado sem sentidos na rua e teve de ser hospitalizado. Falou-se a princípio que tinha sido afinal vítima do demônio da bebida, mas, como os sinais de violência física eram indiscutíveis, mudaram a explicação para dizer que tinha sido uma turma vingativa de desordeiros católicos. Tippy não queria revelar a identidade dos seus atacantes. Só vários meses depois, declarou, num momento de bebida, que seus velhos companheiros em Caw & Train e seus antigos irmãos da loja de Orange tinham-no intimado a deixar a oficina de Conor.

Quando ele se recusou, resolveram dar-lhe uma surra que servisse de

exemplo. Proclamava-se assim que Conor Larkin só seria tolerado enquanto se conservasse no seu lugar.

Sem poder encontrar um bom substituto, Conor dobrou a sua carga de trabalho, chegando a fazer dezoito horas por dia, e acabou produzindo toda uma linha de artigos: martelos, grosas, limas, facas, machados, enxós, puas, brocas, mandris, dobradiças, pregos, fechaduras, ferrolhos, maçanetas de porta, cata-ventos, material para carros e navios, pás, tenazes, guindastes e utensílios para cozinha. A qualidade era a melhor em Derry e o preço mais baixo, mas Conor não conseguia colocar os seus produtos nas casas retalhistas fora do Bogside. Vendia no bairro e, a despeito de um tácito boicote, os protestantes começaram

a aparecer porque economizar dinheiro é uma atividade não-sectária e, além disso, uma qualidade escocesa.

— Procure em Larkin. Talvez encontre lá.

— Larkin faz qualquer coisa por encomenda e não cobra caro.

A simples qualidade expandiu a sua reputação e a freguesia cresceu muito. Havia alguma desconfiança em relação a esse mesmo Conor Larkin, que se envolvera numa conhecida atividade feniana e tivera um encontro com a polícia, mas seu sucesso foi crescendo moderadamente.

Ao fim do seu primeiro ano de atividade, Mick McGrathe os outros dois aprendizes tinham subido de categoria e já podiam assumir a responsabilidade por

alguns aspectos menos especializados do ofício. Dos dois outros ferreiros que havia no Bogside, um morrera e o outro, o velho Clarence Feeny, calculou que poderia ganhar mais como contramestre de Larkin do que trabalhando por conta própria. Quando isso aconteceu, Conor herdou todo o serviço da cervejaria de Frank Camey, que compreendia as cocheiras, os carros de entregas e todo o trabalho de barris. O filho de Clarence Feeny logo se tornou um dos dois novos aprendizes e, dentro em pouco, doze homens trabalhavam na forja, inclusive um vendedor e um encarregado do serviço de entregas.

Depois que o velho Clarence se encarregou de dirigir o trabalho quotidiano, Conor ficou livre para

dedicar-se, como desejava, ao campo do ferro forjado.

Frank Carney abriu a lista de seus fregueses encomendando uma grade e um portão para a capela particular que ia doar à Catedral de Santo Eugênio. O trabalho saiu tão belo que o Bispo Nugent encomendou um púlpito de ferro forjado, o primeiro naquela parte da Irlanda. Seguindo o exemplo do Bispo Nugent, houve uma série de encomendas de igrejas de Limavady, a leste, até Ballyshannon, a oeste. Conor não gostava de trabalhar para as igrejas, pois imaginava uma porção de vigários como o Padre Lynch tirando o dinheiro chorado dos seus paroquianos, mas não podia recusar esse trabalho.

Entrando no seu segundo ano, a forja

tinha feito um pequeno mas bem definido progresso. Esse progresso era ainda mais evidente porque alguns outros negócios da Associação do Bogside tinham falhado.

A vida em Derry era tolerável para Conor Larkin. Entrou para um pequeno grupo selecionado e não-sectário de intelectuais que se concentravam em torno de Andrew Ingram, do Padre Patrick McShane e dos professores do Magee College. Uma vida cultural relativamente decente era importada sob o patrocínio da Condessa de Foyle, Lady Caroline Hubble.

No Bogside, Conor se tornara uma figura bem conhecida na Liga Gaélica e nos campos de jogos da AGA. Depois das rudes técnicas iniciais, Coeey Quinn e Mick McGrath tinham feito dele um

jogador combativo e eficiente, cujo copo nunca se esvaziava no bar de Nick Blaney. Quando Conor Larkin estava no meio do campo e a bola flutuava na sua direção, as suas mãos tinham um controle de ferro e a sua presença física intimidava.

Quando um contrário caía em seu poder, o castigo era certo. Os torcedores apostavam fortemente nele e uma fonte de renda pequena mas constante ia ter-lhe às mãos juntamente com a cerveja gratuita.

Conor se preocupava com isso como se tinha preocupado com as encomendas das igrejas, mas Pat McShane lhe assegurou que a presença dele como um símbolo dos homens abandonados era uma compensação mais que justa. Na lama do Bogside, os homens jogavam e bebiam para atenuar a realidade. Apostavam com

dinheiro e sem dinheiro. Jogar era, como perder e procurar os agiotas, uma maneira de viver. Atrasar os aluguéis e os impostos era uma maneira de viver, como o era o trabalho de uma velha. Os homens perdiam o seu orgulho e se esgotavam em sonhos vagos. Conor Larkin e Mick McGrath eram heróis numa paisagem à míngua de heróis.

No momento, ele parecia em paz e chegou até a pensar num relacionamento permanente. Havia na Liga Gaélica Maud Tully, que tinha o espírito mais vivo entre todas as mulheres que havia conhecido, e Gillian Peabody, uma professora protestante, que tinha toda a polidez e todo o encanto de uma mulher de alta classe. Uma ou outra era em geral quem o acompanhava aos acontecimentos

culturais. Havia outras, que eram, todas, possibilidades no momento. Conor Larkin deixava-se às vezes crer que dominara o Bogside e o sistema de Derry.

O sucesso de Andrew Ingram correu paralelamente ao de Conor, quando ele foi nomeado superintendente distrital das escolas nacionais de Strabane, ao sul, até Dungiven, a leste.

Na noite de estréia de um festival shakespeareano de dez dias, Enid Ingram recebeu Conor à porta de sua casa em Academy Road com um ar de desespero.

— Parece que hoje você terá de se ocupar com uma velha mulher casada — disse ela. — Andrew está cheio de trabalho até o pescoço.

— É uma pena. Mas vão levar *O Rei*

*Lear* de novo ao fim do festival.

— Espero que a essa época ele esteja mais desembaraçado. Às vezes, fico sem saber por que foi que ele aceitou o novo cargo. Antes que eu me esqueça, quando soube que você ia sozinho, dei a entrada de Andrew a Gillian Peabody. Espero que não se importe.

Conor sorriu para ela.

— Será que está com segundas intenções?

— Claro que não. Mas acho que você poderia fazer escolhas piores — disse ela, batendo à porta do marido e entrando.

O acúmulo de serviço do novo cargo era visível na fisionomia cansada de Ingram. Falou com eles, reclamando das exigências do trabalho administrativo.

— Tenho de rever o orçamento anual

e uma porção de contratos. Bela maneira para um intelectual passar o fim de sua vida!

A campainha da porta foi tocada.

— Deve ser Gillian — disse Enid e saiu para deixar Andrew e Conor a trocar olhares significativos.

— Enid é mulher. A presença de um homem solteiro feliz faz o sangue dela ferver. Escolheu um cavalo no Grande Prêmio Conor e está apostando tudo nele.

— Gillian é uma boa moça — disse Conor — mas eu já a vi esta semana. Mas não se preocupe que tudo correrá bem.

— Tenha calma, Conor. Está em condições de escolher o seu veneno. É claro que poderia escolher uma pessoa pior do que ela.

Ouviram a conversa das mulheres no

vestíbulo.

— Conor, antes que elas cheguem..

— Sim?

Andrew tirou os óculos e esfregou os olhos.

— Quer passar por aqui depois do espetáculo? Devo estar trabalhando ainda. Quero conversar sobre uma coisa com você.

Andrew Ingram levantou os olhos quando Conor abriu a porta do seu escritório. Passava de meia-noite. Fez sinal a Conor de fechar a porta e ficar à vontade. Quando Conor tirou o paletó e o colocou nas costas da cadeira, uma garrafa de uísque e dois copos apareceram em cima da mesa.

— Quero que você olhe isto — disse

ele, empurrando sobre a mesa um maço de papéis.

— Que é isso?

Trabalhos de ferro necessários para as escolas do distrito nos próximos dois anos. Carteiras quebradas, cercas, materiais de reparos, mastros de bandeira, gradis. Como superintendente do distrito, faço parte também do Conselho de Londonderry. Esse segundo maço de papéis compreende os trabalhos de ferro da cidade, postes, bancos de jardim *etc.*

Inclui também as cocheiras da Prefeitura e da Polícia.

Fez uma pausa e tomou um gole de uísque.

— Tenho a impressão de que, se eu tocar nesses papéis, nunca mais me livrarei deles — Disse Conor.

— Quero que veja mais alguma coisa — disse Ingram, entregando-lhe um terceiro maço de papéis. — Esta é a concorrência apresentada há dois anos pela firma de Caw & Train para fazer aproximadamente a mesma quantidade de trabalho do presente contrato.

Conor examinou demoradamente a velha concorrência. Andrew aumentou a luz do candeeiro, projetando a sombra de Conor na parede do fundo do escritório. Conor largou afinal os papéis.

— Então?

— Foi tudo um pouco alto.

— Um pouco?

— Que é que você quer saber, Andrew?

— Mais alto até que ponto?

— Para dizer a verdade, eles estão

roubando feio — disse Conor.

— Foi até à janela em que havia uma cortina de renda e viu uma carruagem passar.

— Quanto?

— Se os preços no resto são os mesmos das páginas que eu já vi, os preços estão aumentados em mais de cinquenta por cento.

— Quer examinar o resto?

Conor sacudiu negativamente a cabeça.

— Caw & Train estão em atividade desde 1855. Têm feito todos os trabalhos para a Prefeitura e para os distritos escolares do oeste do condado sem que nunca em quarenta anos fosse apresentado outro licitante à concorrência.

— Deixe-me adivinhar o que você

está pensando — disse Conor.

— Quais são as condições de sua foija?

Conor encolheu os ombros.

— Pode fazer esses trabalhos ou não pode?

— Não é disso que se trata, Andrew, e você sabe muito bem disso. Eles subempreitam mais de metade do trabalho às pequenas oficinas do Waterside. Qualquer pessoa pode fazer isso. Mas vale a pena eu me meter nisso? Estou vivendo muito bem assim como vou.

— Vou lhe expor as coisas de outra maneira. Posso abrir uma nova escola em Dunnamanagh com o que economizar nesse contrato. Há oito anos que esperam ali por essa escola. Eles têm um padre esclarecido e ele me prometeu quarenta

alunos matriculados desde o início.

— Escute, estou endividado até o pescoço com a Associação do Bogside. Nunca poderia meter-me num negócio desses sem discuti-lo com Kevin O'Garvey e ele no momento está em Londres.

— Que bom para você...

— Tenho doze homens e suas famílias para sustentar. Você se dá com Lady Caroline. Por que não pede a ela que se interesse pela nova escola?

Andrew fechou o rosto e se inclinou sobre a mesa, pegando uma régua como um professor.

— Os Hubbles não se interessam por educação. Além disso, uma escola nova não deve ser objeto de conspirações. Tudo ali cheira a transações feitas a

portas fechadas.

— Pelo amor de Deus, Andrew, agora é que eu estou conseguindo equilibrar-me.

— Desculpe ter tratado do assunto.

— Você bem sabe que eu não sou covarde, Andrew.

— Não é preciso explicar nada, Conor. Uma coisa é sonhar com a insurreição no ar de montanha de uma casa de pastoreio. Aqui você está caminhando para ser um grande homem...

— Pense também em sua carreira, Andrew.

Ingram se recostou na sua cadeira e encolheu os ombros.

— A carreira é minha, Conor. E só sei que todas as crianças neste país poderiam ter tido uma educação decente com o dinheiro que eles têm roubado para criar

uma falsa prosperidade e para pagar e manter a lealdade dos súditos fiéis de Londonderry. Isso é ulsterismo da pior espécie, Conor Larkin. É claro que eu não sou como você um idealista da Liga Gaélica ou um revolucionário irlandês de cervejaria. Sou apenas um simples e velho mestre-escola.

— Não tem o direito de falar comigo assim!

— Acho que não. Talvez um ano de conforto possa atenuar a revolta que se sente diante das injustiças.

Conor acabou de tomar o seu uísque e olhou para o homem obstinado, ofensivo e ofendido que estava diante dele. Serviu-se de outro uísque, bebeu-o num instante, foi para o centro da sala e tentou uma, duas, três vezes argumentar, mas as palavras

não lhe vinham aos lábios.

Voltou para a mesa, apanhou os papéis, sentou-se e pegou um lápis.

Disse então: — Nossa Senhora que nos proteja.

## 6

Desde o momento em que Conor apresentou a sua proposta à concorrência, estabeleceu uma vigilância constante na forja, fazendo rodízio dos aprendizes como guardas. Instalou-se um dispositivo de alarma simples mas eficiente que faria soar um apito a vapor se alguém tocasse nas janelas ou nas portas. O apito poderia ser ouvido na Sala Celta e nos campos de esporte onde havia sempre um pequeno grupo sem ter o que fazer.

O apito tocou pela primeira vez no meio da noite, algumas horas depois que o Conselho de Londonderry abriu as propostas lacradas de concorrência. Frank Carney tinha tentado entrar na forja e

estava muito nervoso. Quando a calma se restabeleceu, Frank subiu a escada para o sótão onde Conor vivia.

— Por que não me avisaram desse maldito apito? — perguntou ele.

— Eu o teria desligado se soubesse que você viria fazer-nos uma visita às duas horas da madrugada — respondeu Conor.

Frank estava furioso dentro do sótão cheio de livros. A sua habitual ostentação de ouro e de boas maneiras não era visível, uma vez que Carney estava exasperado e descabelado.

— Palavra que eu pensei que você fosse inteligente! Tinha lá de fazer o que fez? Passei quatro horas inteiras falando com a gente de Caw & Train e com o pessoal do Conselho! Quem você está

pensando que é?

— Só sou culpado é de ter surpreendido um ladrão em flagrante — disse Conor.

— Espere aí! Você está falando comigo, Frank Carney, ouviu? Temos de viver com essa gente. É preciso desfazer o mal que já foi feito. Você tem de cancelar a sua proposta.

— Não vejo por quê.

— Não seja idiota! Onde andou metido esse tempo todo? Você violou todas as regras!

— As regras não são minhas e não pretendo observá-las.

— É mesmo?

— Exatamente.

— Meta então o que lhe vou dizer nessa sua cabeça dura. Você está em

débito com a Associação do Bogside e não pode entrar em concorrências sem a nossa aprovação. Podemos fechar-lhe as portas do mesmo modo que as abrimos.

— Espere um pouco, Frank — disse Conor calmamente. — Se eu soubesse que havia condições que me proibissem de fazer alguma coisa com o empréstimo que me concederam, eu não o teria contraído. Se você está dizendo que podem fazer transações com minha forja sem eu saber de nada, é melhor que me fechem mesmo as portas.

— Juro que não acredito em você! Toda a vida no Bogside é uma grande transação. Como pensa você que eu consigo fazer funcionar a minha cervejaria? Acha que me permitem ter sete bares do lado protestante do rio

porque gostam dos meus belos olhos de irlandês? Não é preciso decerto explicar. É assim que se vive aqui e só quem é esperto consegue vencer.

— Nunca me acusaram de ser esperto — disse Conor.

— Conversa! Você quer ser um herói com as suas falas na Liga Gaélica e quer ser um herói agora com a sua proposta de concorrência. Mas fique sabendo de uma coisa, Larkin! Não vou deixar que me façam perder a minha situação, e os meus negócios por sua causa! Não quero voltar para o lugar de onde eu vim!

— Por que não passa a mão pela cabeça de dois órfãos, não dá dois castiçais de ouro ao Bispo e não mostra assim que bom católico você é?

— Patife sem-vergonha! — exclamou

Carney, avançando para Conor.

Este se esquivou facilmente aos seus socos e, então, pegou-o pela gola com a força suficiente para que o outro parasse e disse: — Está fora de forma, Frank. Não deve fazer um esforço desses.

Carney recuou e disse, resfolegando: — Estão contando comigo para desfazer essa encrenca. Vou falar pela manhã com a gente de Caw & Train e é melhor não me contrariar. Ou entra na linha ou acabamos com você!

— Tenha cuidado quando descer a escada, Frank. Se você cair, a perda poderá ser desastrosa.

Conor Larkin viu esgotar-se a noite passando por diante dos sagrados baluartes. Depois, foi até à margem do rio Foyle. Parou por um momento, como

sempre fazia, diante do posto da alfândega e se lembrou do dia em que seu apavorado irmão tinha embarcado, pensando com mais amargura do que nunca que talvez fosse esse o fim de todos eles. Depois de Magee College, abria-se a estrada que levava a Ballyutogue. A manhã foi encontrá-lo na Praia da Madame, entre os faróis de Pennyburn e Crook, na última curva do rio. Derry dali parecia uma cidade tranquila no ritmo ondulado dos seus tetos de ardósia plantados de chaminés.

O relógio de quatro faces da Prefeitura foi ouvido ao longe anunciando o meio-dia quando ele continuava a olhar vagamente num banco de jardim perto da Praia da Madame.

— Bom dia.

Conor olhou para o lado e viu o Padre Pat McShane, que se sentava na outra ponta do banco.

— Encontrei você aqui uma vez e julguei que o encontraria de novo.

Todos nós temos nossos lugares favoritos de meditação.

— Tudo daqui parece tão tranquilo. Como vai Frank?

— Está numa movimentação louca. Na diretoria da Associação do Bogside, a votação por enquanto está empatada. Um voto a favor e um voto contra a imprudente proposta de Conor Larkin. Frank compreende que Kevin votará comigo, de modo que está discutindo o caso com Caw & Train, tentando salvar a pele.

— Eu devia saber o tempo todo que

ele estava tentando comprar a peso de ouro o seu caminho para o céu.

— Frank é o sinal da extrema corrupção do sistema. Os nativos tomarem os lugares dos colonizadores é contrário ao dogma fundamental do ulsterismo e a todas as regras civilizadas. É evidente que você sabia o que estava fazendo e Frank não se vai sacrificar por sua causa.

— Que é que acha de tudo isso, Padre?

— Votei a seu favor.

— Não foi isso que perguntei.

O padre pensou um pouco e respondeu: — Minha primeira reação foi de resignada tristeza. Havia necessidade disso, quando as coisas já estão bem ruins? Mas esse momento passou.

Isso tinha de acontecer mais cedo ou

mais tarde e eu sempre esperei que você fosse o primeiro que se levantasse contra eles.

Levantaram-se e começaram a andar por entre os canteiros de rosas.

— Está preocupado com Andrew Ingram? — perguntou o padre.

— Claro que não. Ele calculou tudo isso há muito tempo. Tenho pensado a noite toda que ele é como meu pai. Já vi meu pai fazer isso uma porção de vezes. Lembro-me ainda do dia em que ele atravessou sozinho a praça de Ballyutogue para depositar na urna o primeiro voto que houve lá em nossa vida. Tomas sempre fez essas coisas sem se vangloriar nada.

Vive a revolução à sua maneira, numa base de dia para dia. Estou preocupado é

comigo mesmo. Toda a minha vida me preparei para um certo momento em que faria alguma coisa que estivesse ao meu alcance.

Quando o momento chegou, tive medo. Disse a ele que fosse rastejar diante de Lady Caroline, mas não me envolvesse. Uma concorrência não era o tipo de insurreição que eu sonhava. Ele não se enganou comigo.

Padre Pat. Não passo de um patriota de cervejaria, um dos muitos irlandeses que só sabem falar...

— Eu lhe disse que fiquei triste quando soube da concorrência — disse o padre. — Foi a mesma coisa que você sentiu. Todos nós deixamos de ver quem somos e por que estamos aqui. Às vezes, depois de alguma cena de brutalidade no

Bogside, volto para o meu quarto, olho para tudo e penso como gostaria de ser um homem comum contente com prazeres comuns.

— Só está dizendo isso para me ser agradável...

— Nada disso! Não sou uma imagem de Cristo e nem mesmo uma pálida cópia em papel carbono. Pensa então que a ideia de uma mulher nunca me passou pela cabeça?

Conor sentiu de súbito a realidade dos infernos por que o homem tinha de passar e a estranheza dessa realidade o aterrou.

— Não é pecado, nem fracasso enfraquecer num momento de ansiedade — continuou McShane. — O único fracasso é não reconhecer o que se fez e esquecer que se fez. Frank Carney está

promovendo uma reunião entre você e Roy Bardwick, um dos diretores de Caw & Train. Vai comparecer?

— Tenho de saber se alguém na Associação entrou em alguma combinação relativa à minha forja.

— Eu não entrei. Não creio que Kevin tenha entrado. Assim, só resta Frank, por quem não meto a mão no fogo.

— Não adianta nada o meu comparecimento a essa reunião.

— Não lhe fará mal algum também. A sua posição agora é igual à deles e não creio que deva começar fazendo com eles o que sempre fizeram conosco.

Roy Bardwick não parecia muito à vontade ao entrar na capela de Frank Carney na catedral. A sala estava cheia de

estátuas pintadas que atestavam o paganismo de Roma. O Padre Pat abriu o portão de ferro, deixou Conor passar e então saiu. Os dois se estudaram durante algum tempo. Bardwick era um homem grande, quase do tamanho de Conor, e pareceria forte se os setenta anos que tinha não o fizessem encurvar-se um pouco. A cabeça estava branca, mas o seu aperto de mão era firme. Por um momento, Conor se lembrou dos encontros de seu pai com Luke Hanna para discutir alguma pequena vantagem para o seu povo. Roy Bardwick era velho, mas muito calmo e seguro de si mesmo.

— Já o conheço, Larkin. Não é a primeira vez que o vejo.

— Trabalhei no dique seco há cerca de um ano durante algumas semanas numa

situação de emergência.

— Já sei! Foi quando os dois cargueiros canadenses foram colhidos por uma tempestade. Nunca me esqueço de uma cara. Mas vamos ao nosso caso. Frank Carney me convenceu de que ele desconhecia totalmente a sua proposta na concorrência.

— Frank está dizendo a verdade.

— Tudo se passou então entre você e Ingram?

— Talvez. E já que estamos começando a falar as coisas com sinceridade, que é que me diz de Tippy Hay?

— Não tive culpa nisso, Larkin. Gosto até pessoalmente do velho Tippy. Em tais assuntos, as coisas são bem compreendidas. Não é preciso dar ordens

por escrito.

— Por outro lado — disse Conor — nada fez para impedir que isso acontecesse.

— Por que iria fazer isso? — respondeu Bardwick, manifestando a sua inflexibilidade.

— Está aqui falando em nome de quem?

— De todos, a começar por mim. Estive pensando enquanto o esperava aqui. Como é que vou agir? Não adianta fazer ameaças porque, se ele fosse capaz de ter medo de ameaças, nunca teria participado da concorrência. Cheguei à conclusão de que devemos falar com toda a franqueza.

— Pode começar.

— Sei o que você deseja e o que

Ingram deseja. Agora, vou-lhe dizer o que eu desejo pessoalmente. Tenho setenta anos e devo aposentar-me com todos os vencimentos dentro de dois anos. Trabalho há quarenta anos no dique, isto é, desde o dia em que foi construído. Se eu abrisse mão da concorrência, poria tudo mais em perigo, não pelo dinheiro, mas pelos princípios. Compreende?

— Perfeitamente.

— Quanto a Ingram, o Conselho está disposto a efetuar uma revisão no orçamento dele no que se refere à criação de novas escolas. No ano que vem, ele terá a sua escola em Dunnamanagh.

— Assim, só resta o caso de Caw & Train comigo.

— Aceitando a declaração de Carney de que foi você que fez tudo e de que é

obstinado, todos nós discutimos o caso e chegamos a uma solução que nos parece razoável. Alguns dos nossos queriam abertamente a guerra. Fui contrário. Talvez esteja iminente uma nova ordem de coisas e nós não estamos preparados para ela. Meus companheiros ficaram muito nervosos com tudo isso. Partindo da premissa de que a guerra não iria fazer bem nem a um lado nem a outro, vamos fazer uma proposta.

Desejamos que cancele a sua proposta ou não conteste a decisão que a declarar nula. O Conselho encontrará alguma razão técnica, como falta de instalações ou qualquer outra. Nesse caso, a proposta de Caw & Train será aprovada. Como sabe, a maior parte do nosso trabalho é feita numa base de subempreitada. Todas as

pequenas forjas do Waterside dependem da renda dessas subempreitadas há trinta anos e não podemos abandonar essa gente.

— E minha parte?

— De todo o trabalho restante feito no dique, um total de vinte por cento será subempreitado à sua forja.

Conor olhou para o Cristo ensanguentado nos braços de uma Virgem de olhos de corça. Traçou com a mão o desenho de um sarcófago. Ali estava a fuga! Ganharia muito dinheiro sem o menor risco. A lógica do princípio de viver e deixar viver era muito aceitável e de qualquer maneira aquilo tinha de ser considerado uma vitória e uma infiltração nas linhas inimigas. Ao fim de tudo, a proposta com os preços majorados seria aprovada. E quem teria de pagar por isso

senão o seu povo, que já enfrentava um padrão subumano de vida? Seria outra conspiração feita às escuras. Embora tivessem cedido com relutância uma polegada, o sistema persistia em toda a sua hediondez.

Bardwick tirou o lenço e assoou fortemente o nariz.

— Como lhe disse, Larkin, não vou tentar intimidá-lo, mas não pense que tudo lhe correrá bem, se recusar. A minha ideia é que deve temporizar durante algum tempo, enquanto o meu povo se habitua à ideia de competição.

— Durante dois anos, até você se afastar?

— Pouco me interessa o que acontecer depois que eu me aposentar.

— Quando eu era garoto, tínhamos um

velho *squire* em nosso distrito — disse Conor. — Havia várias gerações, a família dele ocupava a cadeira do distrito na Câmara dos Comuns. Pode imaginar as ameaças e os protestos que houve quando a Liga Rural resolveu disputar a eleição?

“Precisamos de tempo para nos habituarmos a isso” dizia ele com as suas intimidações. Mas estava na hora de uma mudança, a Liga Rural venceu e a vida continuou. Sinto muito, Sr. Bardwick.

O velho, que já havia enfrentado na vida muitos desafios, enfrentou mais esse sem raiva, nem ameaças. A experiência lhe dizia o que tinha de fazer. Tentara evitar, mas não fora possível.

— Sinto muito também — disse ele.

Quando as propostas foram publicadas e o contrato assinado, Conor

passou a exercer ainda mais rigorosa vigilância. Transcorreram semanas e depois meses de árduo trabalho para atender às necessidades municipais e escolares em matéria de ferro. As forjas protestantes do Waterside receberam o mesmo trabalho que tinham anteriormente feito nas subempreitadas de Caw & Train e os seus receios se atenuaram. Só no dique seco e nas lojas de Orange filiadas o rancor não diminuiu. A memória curta não era uma das características da vida do Ulster.

S. Sinell tinha particular importância no Bogside de Derry. No Dia de S. Sinell, havia sempre uma longa peregrinação ao Lago Erne, no condado de Fermanagh, em honra de um dos doze apóstolos da Irlanda. Acontecia que nesse mesmo dia a

equipe de futebol gaélico do Bogside viajava para Enniskillen, a fim de participar do grande jogo tradicional da temporada.

Como os dois acontecimentos se realizavam mais ou menos no mesmo local, havia um trem especial que quase esvaziava o Bogside.

O filho mais velho de Clarence Feeny, Ahern, foi o aprendiz escalado para vigiar a forja naquele dia. O contramestre tinha notado o aborrecimento do filho durante a semana. Clarence se atrasara numa encomenda de igreja e, na sexta-feira, deu a Ahern a boa notícia de que ele poderia viajar com a equipe. Clarence ficaria vigiando a forja.

O incêndio foi breve. A forja de Conor Larkin foi inteiramente destruída

minutos depois de ter começado o incêndio. O alarma nunca chegou a soar. Um perito em incêndios importado de Belfast deixou de ver qualquer coisa que sugerisse um incêndio criminoso, embora as provas disso fossem abundantes. Quando foram procuradas entre as cinzas, centenas de pequenas ferramentas que não poderiam queimar-se deixaram de ser encontradas. Muitas das ferramentas maiores tinham sido destruídas, mas não pelo fogo. O relatório da polícia concluía que Clarence Feeny provavelmente dormira depois de atear acidentalmente o fogo e fora envolvido no mesmo. Era de suspeitar que, como bebia muito, estivesse embriagado na ocasião. Embora o corpo estivesse quase destruído, o relatório omitiu a circunstância de que o

crânio estivesse fundamentalmente fraturado em quatro pontos.

Uma semana depois, todos os trabalhos que restavam sob contrato com o Conselho de Londonderry e com o distrito das escolas nacionais foram transferidos para Caw & Train.

Um ano de penitência não ajudara muito a sarar o ferimento no coração de Kevin O'Garvey. Dizia-se que ele nunca mais conseguira recuperar-se depois da morte de Parnell. Mas, na verdade, o que produzira a transformação continuava a ser um segredo e havia ocasiões em que somente o Padre Pat e Conor conseguiam aproximar-se dele.

Kevin deplorou o seu trato com Maxwelll Swan quase imediatamente depois de tê-lo feito. Quando andava pelo Bogside à noite, nunca deixava de passar pela fábrica de camisas de Witherspoon & McNab e um sentimento ácido de culpa lhe corroía o íntimo. O seu arquivo de

queixas e apelos dos operários era cada vez maior e nada tinha resposta porque ele lhes fechara esses caminhos de protesto.

Tinha feito em termos comerciais um péssimo negócio, porque poucas empresas montadas pela Associação do Bogside tinham prosperado. A maior parte falira. Os lugares de aprendizes comprados não tinham causado impacto na situação de desemprego crônico do Bogside, nem qualquer melhoria econômica.

Kevin entrou na mansão georgiana de Abercorn Road, que servia de sede às empresas do Conde de Foyle. O seu passo era visivelmente mais lento. Parou, como sempre, para lançar um olhar revoltado, mais abaixo na rua, aos sete andares sem ar, sem luz, cheios de sujeira e perigo da

fábrica de camisas e o peso em seu coração se tomou mais opressivo.

O andar térreo da mansão continha filas e mais filas de homens de camisa branca e pala verde sobre os olhos e de mulheres de saias compridas. Um assistente levou-o para o andar de cima, até um escritório onde o Brigadeiro Maxwell Swan estava sentado numa cadeira de couro.

Trocaram pequenas amabilidades. Kevin olhou da janela para a vista do rio. Como tantas coisas no Donegal, tudo era pitoresco visto de longe. Era uma bela cidade, numa encosta à beira de um rio sinuoso. Daquele ponto de observação, a perspectiva mudava, pois a sujeira estava em toda parte e as falhas eram ostensivas como numa velha prostituta sem

maquilagem.

Voltou-se para o escritório, limpando os óculos, e se sentou cansadamente diante de Swan.

O Brigadeiro tinha tido muitas horas de dúvidas a respeito da combinação que fizera com O'Garvey. Poucos homens tinham sido capazes de intimidá-lo, turbulentos líderes trabalhistas, fenianos ou rebeldes coloniais. Tinha abatido muita gente e era a única pessoa capaz de enfrentar Frederick Weed cara a cara. Entretanto, O'Garvey o preocupava. Talvez tivesse julgado erradamente, talvez tivesse feito um erro de cálculo. A vida de O'Garvey mostrava a sua completa indiferença a ameaças, castigos físicos, prisões e até excomunhões de sua igreja. Nada havia curvado a vontade do homem,

nem o fizera mudar de direção...

salvo aquele suborno.

Maxwell Swan se julgara extremamente hábil em perceber uma falha em O'Garvey, que derramava sinceras lágrimas pelos homens do Bogside, e explorara essa falha, concedendo algumas migalhas à Associação do Bogside. Cometera um erro? Embora não tivesse havido repercussões e O'Garvey tivesse afastado de Derry a comissão parlamentar, não deixava de sentir que o caso não fora resolvido satisfatoriamente. Era evidente que escrúpulos de consciência continuavam a atormentar o homem que conspirara com ele. Os tormentos de O'Garvey eram visíveis no abatimento do seu rosto. Maxwell Swan não estava

satisfeito com o que via.

— Quem foi, Swan? — perguntou Kevin. — O chefe de uma das suas mais temíveis quadrilhas de desordeiros de Belfast foi visto do outro lado do rio dois dias antes do incêndio.

— Não sabia que, além de tudo mais, você era um detetive.

— É preciso ser, quando se sabe que você tem delegados de polícia e pretensos peritos em incêndios em sua folha de pagamentos.

Swan aprumou o corpo no seu melhor estilo militar, a sua voz rolou como se estivesse dando ordens num campo de batalha e os olhos mostraram a frieza de lâminas de aço.

— Que importância tem isso? Sabe muito bem que não podíamos permitir que

se estabelecesse em Londonderry o precedente de Caw & Train perderem um contrato. Você é em grande parte o culpado, O'Garvey.

Devia ter dito aos seus homens quais eram as regras quando lhes concedeu os empréstimos.

— Ora, muitos deles sabiam quais eram as regras. Foi por isso que faliram.

— Não posso ser culpado se a sua gente é incapaz até de dirigir pequenos negócios.

— É claro que são incapazes! Tornaram-se incapazes depois de séculos de subjugação. Menti a esses homens. Entreguei-lhes algumas libras e disselhes que podiam levantar a cabeça. Mas nunca tiveram uma chance, pois, de um lado, lutavam com a própria ignorância e, do

outro lado, tinham você pronto a cortar-lhes o pescoço ante a menor veleidade de competição. E menti ainda mais àquelas pobres mulheres que trabalham naquela arapuca do outro lado da rua. Tenho chorado de vergonha sempre que passo pelas ruas do Bogside. Devia ter gritado o meu protesto com toda a força de meus pulmões enquanto estava em meu poder fazê-lo.

Swan sorriu.

— Não sou responsável pelos seus sentimentos mórbidos e, no fim de contas, nada vai mesmo mudar aqui.

— Talvez não, mas eu tenho condições de levar você para o inferno comigo!

— Creio que deve ter cuidado.

— Para quê? Para ver o trabalho de

minha vida terminar num trato imundo com um animal como você?

Swan conseguiu dissimular a sua reação mas, nunca tendo conhecido antes a fria garra do medo, as palavras de Kevin enchiam-no de terror.

Sentia a mesma secura apavorada que já fizera sentir a milhares de homens. Queria beber água mas, se pegasse num copo, revelaria a sua mão trêmula. Conseguiu encolher os ombros.

— Faça o que bem quiser.

— E vou fazer — disse Kevin, levantando-se.

— Vamos conversar — disse Swan, atônito com a sua própria fraqueza.

— Nosso pequeno plano, seu e meu — disse Kevin — deu dignidade a alguns homens. Agora, que a conheceram, em

grau mínimo embora, você não vai esmagá-lo. Quebramos o seu poder pela primeira vez. Houve um homem, chamado Cónor Larkin, que disse aos outros: “Vejam o que podemos fazer! Tenham orgulho de si mesmos!” Você então tratou de destruí-lo. Mas vai ter de reconstruir a forja dele e de restabelecer-lhe os contratos.

— Do contrário?

— Ah, sim... Os conspiradores sempre têm alguma coisa escondida nos bolsos. — Jogou em cima da mesa um envelope que continha a história da transação que fizera de aceitar um suborno para afastar da fábrica de camisas a comissão parlamentar. — Gostaria de ter meia hora para ler o que está escrito aí?

— Não é preciso. Já sei de que se trata.

— Sabe também onde está o original?

— Deve estar com algum jornalista em Londres com instruções-sobre o momento em que deve abrir e publicar o conteúdo do seu envelope.

— É bom trabalhar com um homem como você. Poupam-se tempo e explicações.

Swan ponderou tudo febrilmente. Tinha certeza de que O'Garvey estava disposto até a ir para a prisão pelo papel que desempenhara na transação. Que perigo poderiam correr os Hubbles e os Weeds? Nada havia por escrito sobre a transação entre ele, Lorde Rogers e Sir Frederick. Se o caso viesse a furo, ele teria de assumir toda a culpa para salvar

seus patrões. Estaria liquidado, se tentasse envolvê-los. Além disso, tinha participado de muitos castigos e sabia o que Weed faria, se ele desse com a língua nos dentes.

O verniz brilhantemente polido de Maxwell Swan se rachou e o ferro de sua personalidade se transformou em poeira. Tinha conhecido muitos fanáticos que marchavam sem emoção para o muro de fuzilamento, mas nenhum deles levava tão friamente nas mãos uma ameaça que o atingiria.

O'Garvey parecia ter prazer na própria destruição, contanto que assim purificasse a sua alma.

Que golpe errado o fizera procurar O'Garvey afinal de contas? No fim, pudera salvar a fábrica de camisas e

conservar algumas das mazelas industriais, mas por outro lado, abraira Londonderry à concorrência.

Se aquela coisa estourasse, o escândalo subsequente às revelações movimentaria o Parlamento e produziria a mesma legislação que ele tentara evitar. Era certo que o estabelecimento de Witherspoon & McNab seria quase imediatamente submetido a investigações.

Não devia facilitar com O'Garvey porque homens como ele gostavam de sofrer por suas pequenas causas mesquinhas. Swan, o manobrista, manobrara para colocar o pescoço num laço.

— A forja de Larkin será reaberta e os seus contratos, restituídos.

Quero esta pequena obra-prima em

meu poder com todas as cópias e a sua palavra de que não redigirá outra.

— É um prazer fazer negócios com o senhor, Brigadeiro Swan — disse Kevin, pondo o chapéu na cabeça.

Swan sentiu uma excepcional onda de raiva.

— Sabe o que acontece a pessoas que não cumprem a sua palavra?

— Calculo...

— Sabe que, se tentar trair-me, isso equivalerá a perder a vida.

— Sei disso.

— Parece muito ansioso em perder a vida, de modo que eu tenho também de lhe dizer que Larkin e alguns dos seus outros amigos não veriam o fim natural de seus dias.

— Sei disso.

— E de agora em diante mantenha os seus homens do Bogside no lugar deles!

— Talvez eles não me ouçam. Bom dia, Brigadeiro.

Swan deixou-se cair violentamente na cadeira e perguntou com voz trêmula: — Por que diz isso, O'Garvey?

— Por quê? Ora, meu pai, a quem não cheguei a conhecer, foi partidário de Daniel O'Connell, nosso libertador. Foi partidário dele com a mesma adoração com que eu fui de Parnell. O'Connell e Parnell foram homens pacíficos, sem uma sombra de violência no coração. O que ganharam com isso foi uma série de traições e a destruição final por um Parlamento imundo e mentiroso. Desse modo, Brigadeiro, cheguei a compreender que joguei toda a minha vida um jogo de

cartas marcadas em que nunca poderia ganhar, pois jogava nos seus tribunais e dentro de suas regras. Oh, sim, cedem um pouco aqui e ali quando as coisas se tornam difíceis, mas é a perfídia britânica que acaba por prevalecer. Por isso, tem de haver um levante. Compreendo agora que é a única maneira de dar-lhes um pontapé no rabo e botá-los para fora da Irlanda!

# 8

## 1897

Quando os aldeões de Ballyutogue expiravam o ar, gemiam de pesar.

Entretanto, quando o aspiravam, davam um suspiro silencioso de alívio. O bendito Padre Lynch tinha sucumbido a um súbito e fatal ataque cardíaco.

A manifestação de pesar da população atingiu proporções lacrimosas quando o Bispo Nugent, também já encarquilhado pela idade, foi até lá rezar a missa de *requiem*. Depois que o seu padre durante quarenta anos foi enterrado, uma grande nuvem negra se dissipou sobre a paróquia

e flutuou sobre o Foyle, na direção da Escócia.

O Padre Cluny, que fora elevado de coadjutor a vigário, era um homem infinitamente mais gentil e, como o Padre Lynch não existia mais para espicaçá-lo a uma tirania mesquinha, uma paz abençoada reinou sobre o lugar.

Brigid Larkin se aproximava do seu vigésimo aniversário, o que significava que não estava longe o vigésimo primeiro, o qual era um tempo de inquietação para a maioria das moças. Uma vez que uma moça passava do vigésimo primeiro aniversário, era considerada solteirona e o número de solteironas era cada vez maior na aldeia. Não era mais objeto de quaisquer projetos ou planos. A sua batalha de vontades com Finola assumia

aspectos que marcavam a teimosia dos Larkins e mostravam a circunstância desagradável da vida comum em silêncio. O seu caso com Myles McCracken se estagnava de um triste encontro para outro.

De vez em quando, Myles se cansava, zangava-se e fugia dos encontros, ou então ameaçava sair de Ballyutogue e Brigid ficava transida de medo. A única maneira que tinha de acalmá-la era permitir-lhe alguns momentos incontrolados de paixão, que eram, porém, abruptamente freados quando se aproximavam do limiar do mais mortal de todos os pecados. Cada uma dessas cenas era seguida de dias de corrosiva frustração.

Brigid estava cada vez mais nervosa e irascível, sujeita a súbitos acessos de

semi-histeria. Finola dizia que isso era obra dos maus espíritos e que Brigid vivia dominada por eles. Ao fim de algum tempo, Brigid começou a acreditar nisso e a duvidar de que estivesse em seu juízo perfeito.

Enquanto o Padre Lynch era vivo, ela sentia verdadeiro pavor de confessar os pecados que havia cometido com Myles. Isso lhe aumentava a infelicidade e foi ela uma das pessoas que respiraram com mais alívio quando o velho padre morreu. Afinal, podia ir confessar-se com o Padre Cluny.

Escolheu deliberadamente o dia de sua confissão e, no dia marcado, tomou o caminho da igreja de S. Colombano. Depois de ter entrado na igreja, sabendo que não ia voltar atrás, tremia da

gravidade do que fizera, ocultando os seus pecados. Rezou para que não ficasse louca, de acordo com o que dizia sua mãe, e para que o céu operasse algum milagre em favor dela e de Myles. Ao fim de uma longa lista de pedidos, suplicou também que lhe fosse dado abster-se de sexo até que ela e Myles estivessem casados.

“Ó Santa Virgem Maria, Mãe de Deus, meu querido anjo da guarda e todos os anjos e santos do céu, orai por mim para que eu possa fazer uma boa confissão e, de hoje em diante, ter uma boa vida, para que eu possa no fim ir para o céu louvar o Senhor para sempre. Amém.”

Banhada em lágrimas, rezou duas vezes o ato de contrição por haver ofendido a Deus. Rezou até quase ficar em transe e foi assim que entrou no

confessionário.

O postigo se abriu.

— Perdão, Padre, porque pequei. Perdão, Padre, porque há três anos vivo em pecado!

A voz estridente do Padre Cluny fez-se ouvir então.

— É uma coisa grave que está dizendo. Qual é seu pecado, minha filha?

Depois de um desesperado período de silêncio em que a ideia de abandonar tudo e fugir lhe passou pela cabeça, ela se aproximou mais do postigo e murmurou: — Por favor, compreenda, Padre. Tenho confessado todos os meus outros pecados regularmente. Confessei tudo menos os meus pecados neste caso particular.

— Compreendo, minha filha.

— Padre, Padre...

— Sim, minha filha?

— Padre, há três anos tenho olhares e contatos impuros com um rapaz. Beijeio... e abracei-o.

— Fez isso com um só rapaz?

— Claro que foi com um só rapaz!

— Agora, quantas vezes fez essas coisas com esse rapaz?

— Antes de vir para cá hoje, fiz tudo o que era possível para me lembrar. Devo ter-me encontrado com ele umas cem vezes. A metade em lugares secretos. Se não estou enganada, beijei-o pelo menos vinte vezes em cada um desses encontros secretos.

— Deixe ver, minha filha. Devem ter sido mil beijos, mais ou menos.

— Mais ou menos — disse Brigid, aceitando o cálculo do Padre Cluny.

— Escute, minha filha. Os beijos eram apaixonados?

— Sim, muito apaixonados. E eu vinha dando olhares impuros para ele, antes de deixar que me beijasse.

— É essa toda a extensão dos seus pecados?

— Oh, não... Ele tocou em meu corpo algumas vezes... vinte ou trinta no máximo... e por muito pouco tempo... E eu... e eu... também toquei no corpo dele... duas ou três vezes...

— Só?

— Tive também pensamentos impuros sobre ele, tantas vezes que perdi a conta...

— Quando teve pela última vez pensamentos impuros sobre esse rapaz?

— Para dizer a verdade, a última vez foi quando vinha para cá me confessar.

Na meia hora seguinte, Brigid revelou tudo, inclusive de rolar pela relva e pelo feno em companhia dele, apertar deliberadamente o corpo contra o dele e levar tudo ao ponto de permitir certas liberdades com os seus seios e, por três vezes, entre as pernas dela, embora nessas ocasiões estivessem ambos inteiramente vestidos.

Depois da morte do Padre Lynch, o Padre Cluny vinha ouvindo um grande número de confissões retroativas. Algumas eram mais graves do que aquela, outras eram piores. Tinha pensado em declarar um perdão geral em lugar de submeter a paróquia a rigorosas penitências. As safras poderiam apodrecer nos campos com tantas preces.

Apenas dois dias antes, ouvira a

confissão de um jovem que evidentemente se ajustava àquela que estava ouvindo e juntou o que tinha sabido por intermédio de Myles McCracken e de Brigid Larkin. Era muito interessante meditar depois sobre todas essas confissões. De qualquer maneira, a vida não seria muito monótona durante algum tempo no confessionário.

Tomas Larkin estava sozinho na granja e dependia de Brigid em grande parte do trabalho. Um novo século se aproximava, trazendo muitas esperanças, mas isso pouco interessava a Tomas Larkin. Seus filhos tinham saído de casa e seus amigos, um por um, haviam sido enterrados no cemitério de S. Colombano. Quase todos os moços tinham partido e quase todos os velhos estavam cansados. A morte pairava

acima do simples desaparecimento das pessoas. Impregnava toda a aldeia e se fazia sentir até na terra, tão velha e cansada quanto eles.

Durante o dia, Tomas, que trabalhava nos campos, olhava mais de cem vezes para trás, como se esperasse ver Conor, ou mesmo Liam, aparecer no caminho. Lembrava-se muito bem da mão de Conor pousada na sua e nos olhos de Conor fitos alegremente nele com respeito e amor.

Tinha o andar mais lento. Cada vez gastava mais tempo para ir até ao suadouro afugentar os demônios do reumatismo que lhe endureciam as mãos e lhe faziam doer as costas.

Um dia, um rumor se espalhou pela turfeira, anunciando a presença de um intruso. Embora o Padre Cluny

difícilmente pudesse ser considerado um intruso, a única vez em que fora visto até então na turfeira tinha sido por ocasião de uma emergência. O padre percorreu a turfeira até ver Tomas, que levantou o corpo, largou a enxada e foi com o sacerdote para a sombra de alguns carvalhos anões, onde ninguém poderia ouvir o que dissessem.

— Obrigado por ter vindo, Padre Cluny!

— Creio que a frase correta neste momento é dizer que a montanha veio a Maomé.

Tomas riu. Tinha começado a simpatizar com o padre desde que o Padre Lynch fora afastado de cena e considerava-o um homem estimável.

— Minha presença aqui a seu

chamado pode provocar toda espécie de boatos, Tomas, e eu devo dizer que não deixo de estar curioso.

— Ora, com o devido respeito, não me parece que seria inteiramente correto para mim entrar na igreja e, de qualquer maneira, o dia está muito bonito para um passeio.

— E o local parece perfeitamente neutro — disse o padre.

— Veja bem, Padre, quero apenas conversar. Não me estou confessando, mas preciso de uma opinião e o senhor me parece um homem adequado e piedoso.

O Padre Cluny sentiu grande satisfação, pois aquele era um passo bem difícil para Tomas Larkin. Devia mostrar-se compreensivo e tolerante.

— O caso é o seguinte, Padre. Cometi

muitos erros e armei uma tremenda confusão. Tenho de corrigir algumas coisas, antes que chegue a minha hora.

— Que coisas deseja corrigir, Tomas?

Os olhos de Tomas se marejaram de lágrimas e ele disse: — Creio que até eu já sei que Conor não vai mais voltar. Está na hora de deixar de me iludir. Há coisas para corrigir, sem dúvida. Meti-me a governar a vida de meus filhos e os resultados foram desastrosos. O que lhe vou dizer agora deve ser ouvido em grande confiança.

— Pode contar com o meu silêncio.

— Tenho sentido ultimamente vertigens que me deixam quase cego.

Tenho conseguido esconder isso até agora de Finola e de meu amigo Fergus O'Neill.

— Não acha que seria bom ir procurar o Dr. Cruikshank?

— Isso não tem importância. O que tiver de acontecer comigo, acontecerá. O importante é consertar as coisas. Quero que Liam volte para casa e quero que ele fique com a terra. Quer escrever uma carta a ele para mim?

O Padre Cluny levantou-se desajeitadamente, pois era um homem corpulento e com pouca agilidade. Olhou para Tomas, que continuara sentado no chão. Perguntou então: — E Brigid?

— Estou fazendo isso também para o bem de Brigid. Finola viverá com certeza mais do que eu e nunca vai aceitar Myles McCracken.

Entretanto, quando Liam voltar e tomar conta da granja, Brigid terá de

desistir de suas ambições a respeito dela. Bem, consegui economizar algumas libras e Conor está ganhando bem em Derry. Nós dois poderemos pagar a passagem de Brigid e do namorado para que os dois possam casar-se e sair daqui.

O Padre Cluny tentou acompanhar o raciocínio. Tudo parecia muito simples, mas...

— Não sei, Tomas. É um plano incerto. Tantas coisas podem acontecer...

— Que posso fazer senão isso, Padre?

O padre, que não era o mais imaginoso dos homens, não pôde pensar em nada melhor.

— Vou escrever a carta para Liam. Não fará mal algum e pode ser que dê certo.

— Mostra com isso a sua bondade. Eu

gostaria de estar na Nova Zelândia quando o padre de lá ler a carta para ele. Vai-se sentir muito feliz.

Tomas levantou-se com dificuldade e, nesse momento, o Padre Cluny percebeu a transformação que se operara nele. Tomas Larkin parecia estar envelhecendo de minuto a minuto. Olhou cansadamente para a turfeira, onde a pá o esperava. Convencera-se de que devia continuar a trabalhar até que Liam voltasse. Depois disso, talvez tratasse de descansar um pouco.

— Quero também mostrar minha amizade por Dary, Padre. O senhor está mais com ele do que eu. É um bom rapaz, apesar de certos problemas com a sua criação. Compreendo que ele vai ser padre, um bom padre, segundo espero.

Esse inesperado apoio à Igreja surpreendeu o Padre Cluny, que olhou para Tomas com desconfiança. Tomas tinha mais para dizer, mas se calou e, durante alguns minutos, houve um silêncio constrangido entre os dois homens. Por fim, Tomas decidiu-se.

— Há mais uma coisa. Falando ainda há pouco de Dary, me lembrei.

Não sei como lhe dizer isso, Padre, mas se me acontecer alguma coisa...

Não, vou dizer de outra maneira. Finola viveu comigo a meu lado e, ainda que as coisas não tenham corrido bem entre nós há algum tempo, a vida com ela foi às vezes muito boa. O mínimo que poderei fazer por uma mulher que dormiu na mesma cama comigo e foi mãe dos meus filhos é procurar absolvição dos

meus pecados. Assim, já sabe. Quando eu cair doente, faça tudo o que tem de fazer.

— Tomas Larkin, você não me está dizendo a verdade.

— Por que diz isso? É a inteira verdade.

— Não tem outros motivos para desejar a absolvição?

— Bem, eu gostaria de descansar ao lado de Kilty.

— Desculpe, Tomas, mas não posso fazer uma transação dessas.

— Deixe disso, Padre. Tem o dever de me dar a absolvição.

— Claro, mas dar-lhe-ei a absolvição desde já e você terá de ir à igreja pelo resto dos seus dias.

— Ah, Padre Cluny, todos vocês são iguais. Agora, está querendo aproveitar-se

de mim e apresentar-me como um exemplo para os outros.

— Bem sabe que não é essa a minha intenção...

— Por que não espera então até eu estar para morrer?

— Em primeiro lugar, não me está dizendo toda a verdade a respeito dos motivos por que deseja absolvição. Depois, não quero que Conor se exaspere comigo como você ficou exasperado com o Padre Lynch por ocasião do enterro de Kilty.

Tomas coçou o queixo e murmurou: — Estou compreendendo...

— Muito bem, então. Passe a ouvir missa regularmente. Não quero que ninguém diga que eu forcei você no seu leito de morte.

— Isso também eu compreendo. Agora, deixe-me pensar um pouco mais no assunto.

— Pode pensar, não há pressa. Apareça lá em casa esta noite para escrevermos a carta a Liam.

# 9

Conor estava inconsciente quando foi bater no chão. Coeey Quinn correu para o campo com os padioleiros enquanto o nervosismo na assistência chegava a alturas colossais. Conor foi colocado na padiola, cuja lona, muito velha, imediatamente se rasgou, jogando o corpo de novo ao chão. Sob as ordens frenéticas de Coeey, homens presentes agarraram o corpo de Conor pelos braços e pelas pernas e o levaram para fora do campo.

Mick McGrath, que também tomara parte na colisão, rastejou de quatro pés, gemendo. Foi agarrado por baixo dos braços por dois companheiros de equipe e levado para fora do campo, ao lado de

Conor.

Mick tentou levantar-se, mas caiu de rosto na lama.

— Vamos continuar o jogo! — gritou o juiz acima da confusão.

— Santa Mãe de Deus! — gritou o juiz acima da confusão.

— Santa Mãe de Deus! — exclamou Cooley, chegando um vidro de sais ao nariz de seus dois jogadores. — Acordem, meus filhos! Acordem quem está pedindo é Cooley! Dêem um pouco de espaço para eles respirarem, sim?

Mick abriu os olhos, sacudiu a cabeça e estava conseguindo livrar-se do barulho nos ouvidos, quando Cooley lhe bateu com força no rosto.

— Quem sou eu?

Mick limitou-se a gemer.

Os pés tropejantes dos jogadores se aproximaram perigosamente dos guerreiros caídos. Coeey ficou diante deles, a fim de protegê-los.

Mick recobrou os sentidos, com os olhos parados. Procurou levantar-se e o sangue lhe encheu a boca. Cuspiu o sangue juntamente com um dente. Depois, olhou para Conor e começou a retomar o contato com as coisas.

Dentro em pouco, Conor reagiu aos saís e levantou o corpo apoiado nos cotovelos. Ambos receberam baldes de água no rosto. Coeey corria de um lado para outro perto do campo, gritando com o juiz, gritando com a sua equipe e voltando para onde estavam Conor e Mick.

Conor, em dado momento, conseguiu

levantar-se e puxou a camisa de Mick a tempo de ver o time dos Strabane Eagles marcar um gol contra o Bogside.

O Dr. Aloysius Malone passou pelo meio da multidão e olhou para os olhos de Conor e de Mick. Fez uma porção de perguntas. Enquanto isso, o galo da cabeça de Conor cresceu e os seus olhos se apertaram. Strabane estava jogando bem na ausência dos astros do Bogside.

— Que é que você diz, Mick? — perguntou Conor.

Mick sorriu e o sangue lhe aflorou à boca. Os dois entraram então no campo e as arquibancadas pareceram vir abaixo. Cooley dava gritos de alegria ao mesmo tempo que recomendava aos dois que tivessem cuidado.

Os reanimados homens do Bogside

reagiram, mas o jogo terminou empatado.

O bar Nick Blaney estava cheio de esportistas e jogadores, reunidos ali para comemorar antes do banquete da AGA que marcava o fim do campeonato de Derry.

Cooley Quinn aproximou-se de Conor e Mick em companhia de um homem bem vestido, mas de cara tão fechada como se tivesse visto uma *hanshee*.

— Este aqui é Derek Cravvford — disse Cooley, contrafeito. — Quer falar com vocês dois.

— Podemos ir a algum lugar para uma conversa em particular? — perguntou o homem. Saíram do bar de Nick Blaney, depois de receberem alguns abraços, e seguiram pela rua para a forja recém-construída de Conor. Ali, Conor mandou

embora o guarda e examinou a boca de Mick.

Derek Crawford olhou tudo e descansou os pés numa bigorna baixa.

— Grande jogo — disse ele. — Cooney já disse a vocês quem sou eu?

— Não.

— Derek é o gerente dos Boilemakers, de Leste Belfast.

A menção do time de *rugby* de maior prestígio do Ulster foi recebida com o efeito desejado. Era a equipe das Oficinas Weed, a única equipe de profissionais da Irlanda e tão ilustre quanto a própria equipe nacional.

— Vou entrar diretamente no assunto, rapazes — disse Crawford. — Estou fazendo uma excursão pela província à procura de bons jogadores.

Já contratamos três elementos da equipe nacional, a mesma que ganhou para a Irlanda a tríplice coroa, derrotando na mesma temporada a Inglaterra, a Escócia e o País de Gales. Não é preciso dizer que a Liga dos Amadores protestou e não é preciso dizer qual a equipe que vamos botar em campo no próximo campeonato. Estou aqui para convidá-los a fazer um teste no time e estou apostando que vocês vão fazer parte da nossa equipe.

— Santa Mãe! — murmurou Mick.

— Não somos jogadores de rugby — disse Conor.

— Quem joga futebol gaélico, pode aprender *rugby*. Temos um time amadorista de principiantes, mas há toda a probabilidade de que vocês dois estejam no time principal antes do fim do

campeonato.

— Santa Mãe! — tomou Mick a exclamar.

Derek Crawford pintou ótimas perspectivas. Teriam um emprego fixo nos estaleiros, com um salário mínimo de uma libra por semana e uma gratificação sigilosa de um *shilling* por jogo. Mais tarde, quando passassem para a equipe principal, receberiam uma libra por jogo com prêmios por vitória.

Mick, cuja cabeça não funcionava bem desde a colisão, quase desmaiou com a extensão da oferta. Crawford continuou, elogiando Sir Frederick Weed e a sua determinação de ter o maior clube do mundo, apresentando no final com cores bem vivas a excursão anual do time pela Inglaterra. Bastava dizer que viajavam

num vagão particular do Expresso da Mão Vermelha. Conor não fazia qualquer comentário e Cooley mostrava a sua inquietação.

— É uma proposta maravilhosa! — exclamou Mick.

— Muito bem. E que é que me diz de católicos trabalharem nos estaleiros? — perguntou Cooley.

— Nós, nos Boilemakers, só temos uma religião, vencer. Quase cinquenta por cento dos nossos rapazes são católicos. Essa coisa de sectarismo não vigora comigo e, depois que vocês estiverem no time e tiverem um emprego decente, não terão problemas nos estaleiros. E o que é mais, dentro de alguns anos poderão aposentar-se com todos os problemas resolvidos. Sir Frederick sempre teve

estilo nessas coisas.

Conor agarrou Mick pelo braço antes que ele pudesse concordar.

— Temos de conversar sobre isso com Cooley — disse ele.

— Está certo. Estou na Donegal House até amanhã de manhã. Mas, pelo amor de Deus, não percam essa oportunidade de ouro. Seria um erro muito grande de vocês.

No banquete, no salão social da Sala Celta, dois rapazes dos Strabane Eagles e Mick e Conor, do Bogside, foram escolhidos para a seleção do condado de Derry. Cooley foi escolhido treinador da seleção, tirando-se a sorte em cara ou coroa. Tudo correu bem até que chegou a hora do último trem para Strabane e a sala ficou vazia.

Conor fez sinal ao Padre McShane, que fechou a porta. Mick tentou sair também, mas teve os seus passos impedidos.

— Não vou ficar aqui e falar, se Cooley está pensando que eu sou um traidor.

— E você não é outra coisa — disse Cooley. — Talvez não tivesse prestado atenção ao que o Padre Pat disse esta noite sobre o sentido dos nossos jogos. Olhe para as fotografias nas paredes desta sala, Mick McGrath. Esse é o sentido de nossa luta. Estamos praticando esporte em nossa terra e não participando de jogos de merda na Inglaterra... Desculpe as minhas palavras, Padre, mas acontece que estou indignado.

— Conversa fiada... — disse Mick.

— Conversa fiada diz você? Além de insultar os ideais da AGA, ainda abandona os seus companheiros quando podem ganhar o campeonato da Irlanda. É traição e você sabe muito bem disso!

— Vou quebrar-lhe a cabeça, ouviu?  
— gritou Mick.

— Calma, calma — disse o Padre Pat.  
— Está-se excedendo um pouco, sabe, Cooey?

— Acha, Padre? Devia ter ouvido a conversa mole do tal Derek Crawford. Já tirou dois homens do time de Strabane e não sei quantos da seleção do condado. Não liga a mínima a nenhum de nós. Pedi-lhe que adiasse a contratação dos rapazes até depois do campeonato e a resposta que ele me deu foi acenar com as vantagens dos empregos que vocês nunca

vão ver.

— Já apurei algumas coisas, Cooley — disse o Padre Pat. — Trata-se de uma equipe profissional e é evidente que não podem treinar os novos elementos durante o inverno. Não daria a Mick uma passagem para Belfast se não estivesse acreditando nele.

— Essas passagens não lhe custam nada. O patrão dele é o dono da estrada de ferro.

— Espere, aí, Cooley — disse o Padre Pat. — Que é que você acha, Conor?

— Isso não me interessa. Não posso sair de Derry.

— Graças a Deus, alguém tem um pouco de lealdade! — exclamou Cooley.

— Não é por lealdade — retrucou Conor. — Tenho o meu negócio e não

posso sair daqui.

— E eu? — perguntou Mick.

Conor encolheu os ombros.

— Bem, responda-lhe, Conor — disse o padre.

— Estava pensando em fazer de Mick contramestre da forja dentro de um ano ou dois. Mas, se a conversa fosse em particular entre nós dois, eu diria a Mick que penso que ele deve ir. O lugar ficará à espera dele, se ele não conseguir ajeitar-se nos Boilemakers.

O sangue fugiu do coração de Cooney Quinn. O gordo Cooney tinha trinta e sete anos e estava além da idade dos sonhos. Ainda que ele estivesse nas melhores condições, ninguém lhe ofereceria um lugar nos Boilemakers. O futebol gaélico era um esporte de gente pobre, jogado em

campos mal gramados em troca de pouco dinheiro. Cooney continuaria a dirigir um carroção de cerveja e sua mulher e seus filhos trabalhariam na fábrica de camisas até que emigrassem ou morressem. Entretanto, a equipe do Bogside era o orgulho de sua vida. Melhor ainda, era a única coisa de sua vida. Ele é que havia feito de homens como Conor e Mick grandes jogadores. Ele é que lhes tinha dado a identidade irlandesa, que eles se dispunham a abandonar ante a primeira oferta de um estrangeiro.

— Por que é, Padre Pat, que toda vez que conseguimos ter um homem de importância em Derry, ele tem de sair daqui? — perguntou ele.

— Porque em Derry o máximo que um homem pode esperar é chegar ao nível

mais alto da estagnação.

Cooey parecia aniquilado e Mick começou a chorar. As lágrimas eram duplamente tristes, pois vinham de um homem resistente que poucas lágrimas tinha derramado na vida. Conor tentou consolá-lo, mas Mick continuou de costas, a dar socos na parede.

Em dado momento, voltou-se.

— Olhem para mim! Tenho quase trinta anos e só comecei a trabalhar em toda a minha vida há dois anos, quando Conor abriu a sua forja.

Deixem-me tentar! Não têm o direito de fazer com que eu me sinta um traidor!

— Cooey Quinn — disse o Padre Pat — os sonhos são todos desbaratados aqui. Não pode negar a um homem uma chance de conquistar um lugar ao sol.

— Fala nos sonhos dos outros, Padre. E os meus? — perguntou Cooney.

Em seguida, aproximou-se de Mick e deu-lhe um soco de brincadeira nas costelas.

— Como disse Conor, seu lugar ficará à sua espera. Vamos, Mick.

Vamos até Donegal House para ver o tal Crawford.

O Padre Pat e Conor se encolheram instintivamente com o frio quando saíram na direção do bar de Nick Blaney.

— E você, Conor?

— Não sei, Padre. Tudo não pode terminar aqui, pode?

— O Bogside nos prende a todos, mais cedo ou mais tarde. Mas faz parte da Irlanda. Talvez seja a Irlanda.

Todos acabavam saindo, todos os

homens que tinham um pouco de energia e não se conformavam com o mais alto nível de estagnação. As cartas de Seamus O'Neill tinham sido uma porta aberta para o mundo exterior e viviam a atormentá-lo. Tentara conservar a paz que havia encontrado, mas o padrão de vida do Bogside continuava a repeli-lo.

Aquelas filas de casas arruinadas, as ruas lamacentas, o esforço para evitar o naufrágio final, o desespero que minava qualquer entusiasmo pela vida. Fora derrotado pelo próprio sucesso e cada sinal desse sucesso agravava o peso da carga que o oprimia.

Mick sairia dali e talvez voltasse com um pouco de glória suficiente para durar-lhe pelo resto da vida. Derry seria realmente toda a Irlanda?

Seria o fim de tudo?

Parou por um momento e olhou para sua forja, reconstruída numa sólida estrutura de tijolos.

— Conor? — perguntou o aprendiz que estava de guarda.

— Sim.

— Foi muito bom ter chegado.

Quando ele entrou, sua irmã se jogou em seus braços e exclamou: — É Papai, Conor!

# 10

Não era apenas a pequenez de Ballyutogue que impressionava, mas também o desaparecimento de todos os vestígios da passada beleza. A aldeia envelhecera subitamente. Até a vila e as grandes propriedades dos protestantes mostravam sinais de erosão.

Conor Larkin subiu da praça da vila pelo caminho tantas vezes trilhado na infância, com o coração confrangido pela memória pérfida. A escola nacional estava fechada. A ferraria que fora de Lambe era um terço da que ele tinha em Derry e só produzia obra de carregaçãõ sob a direção de um estrangeiro, que viera do outro lado do mar. A árvore dos

enforcados estava morrendo. Dooley McCluskey tinha envelhecido tanto que chegou a conversar alguns minutos com ele antes de reconhecê-lo.

Brigid tinha dito a Conor que era conveniente falar com o Padre Cluny antes de ir à casa deles. O padre lhe disse que devia preparar-se para uma transformação enorme no velho Tomas e depois foi buscar uma carta.

— Recebemos esta carta em resposta a uma que eu escrevi a pedido de Tomas. Como pode ver, a resposta levou vários meses para chegar.

Poucos dias depois de lê-la, seu pai caiu quando trabalhava no campo.

Quando Conor abriu a carta, o Padre Cluny saiu da sala.

“Christchurch, Nova Zelândia 3 de

maio de 1898.

Papai: Levei algum tempo para responder a sua carta, que chegou há alguns meses, porque o padre mais próximo mora em Christchurch, que é muito longe do lugar onde eu estou.

Trabalhei para pagar minha passagem numa grande fazenda perto de Dunedin. Pensei que ia trabalhar no mínimo dois anos, mas Conor me tem mandado algum dinheiro e eu pude pagar tudo muito antes disso. Comecei a economizar dinheiro sem demora. As coisas aqui são diferentes porque o governo está querendo bons fazendeiros e vende terras a baixo preço e ainda concede empréstimos. Já disse que tudo é muito diferente daí. Não só não temos proprietários, nem agentes, mas também ninguém, à exceção dos

imigrantes irlandeses, ouviu falar em agiotas. Há por aqui muitos ingleses, mas não agem como ingleses e são muito simpáticos. Eles e os nativos, que têm pele escura, se dão muito bem.

Ao fim da última temporada, pude fazer um pagamento por um pouco de terra e consegui um empréstimo para o resto. Não sei se vai acreditar nisso, mas o governo me emprestou dinheiro para criar carneiros. Talvez não acredite, mas tenho agora 250 hectares de terras e quase mil cabeças.

Fiz uma casinha, tenho meus pagamentos em dia e dentro de oito anos serei dono de minhas terras.

Às vezes, a terra me lembra Inishowen, pois é muito verde, mas o solo é melhor e não há tanta gente. Há uma

família católica a cerca de vinte e cinco quilômetros. São ingleses, mas bons católicos, e têm uma filha única chamada Mildred. Estamos namorando e eu já falei com a família dela.

Vamos casar-nos logo que acabar a tosquia dos carneiros. É um pouco esquisito porque, ainda que seja maio, o inverno está começando. As coisas aqui são ao contrário. Mildred se educou num convento em Auckland. Quando nós nos casarmos, ela escreverá mais cartas para mim.

Cheguei a chorar quando recebi sua carta. Muito lhe agradeço que queira dar-me as terras, mas não quero jamais deixar a Nova Zelândia.

Diga a Mamãe que eu rezo o terço todas as noites e a oração da Ave-Maria.

Quando eu e Mildred nos casarmos, teremos um lar católico e quanto a isso ela não deve ficar preocupada. Dê lembranças a todos os meus velhos amigos. Lembranças muito especiais para Brigid e Dary.

Paguei a Conor um pouco do dinheiro que ele me mandou e mandarei mais depois da tosquia. Esse dinheiro é para o senhor. Pode trocar por dinheiro irlandês na agência do correio.

Do seu filho, Liam”

Tomas estava mergulhado num sono profundo. Embora estivesse preparado para o pior, Conor se entristeceu com o que viu. Abraçou o pai com cuidado para não acordá-lo.

Um velho primo solteirão de Finola,

chamado Rinty Doyle, fora contratado para trabalhar nas terras e dormia no estábulo. Rinty falava pouco, procurava atrapalhar o menos possível e parecia também uma casa prestes a cair. Selou um cavalo para Conor, que foi à vila procurar o Dr.

Cruikshank.

Era diabetes, disse o médico. Os exames de laboratório pintavam um quadro sombrio. O estado era evidentemente fatal, pois não se conhecia qualquer medicação capaz de alterar o desequilíbrio que estava destruindo o organismo de Tomas. Ao que Cruikshank pudera apurar, a doença se manifestara havia um ano e era um milagre que o doente ainda não houvesse caído em coma mortal.

Tomas poderia ser mantido vivo, talvez durante anos, mas para isso seria preciso interná-lo num hospital em Derry, onde seria submetido a rigoroso regime. Graças a Deus, pensou Conor, ele e Liam tinham dinheiro suficiente para tratar disso.

— É preciso você saber — disse Cruikshank — que essa doença é praticamente incurável e expõe a vítima a infecções que seu organismo é incapaz de combater. Até aqui, ele tem resistido intransigentemente à ideia de sair de casa.

— Que é que pode acontecer?

— Cegueira, perda de um braço ou de uma perna e afecções do coração ou dos rins. Tomas Larkin não deve morrer assim. Convença-o a ir para Derry.

— Vou fazer o possível — disse

Conor.

Rinty Doyle preparou um bule de chá para Conor, que estava sentado ao lado do pai. Rinty era uma boa alma, que parecia mais do que contente em trabalhar por casa e comida. Tinha cinquenta anos, mas ainda podia trabalhar bem, com a ajuda de Brigid e Finola. Além disso, Fergus e os outros vizinhos nunca deixavam de dar algum auxílio.

Quando Tomas se moveu na cama, Rinty saiu do quarto. Tomas murmurou alguma coisa no sono. Conor puxou um pouco as cobertas quando seu pai começou a transpirar. Os braços de Tomas estavam cobertos de bolhas e de uma erupção generalizada. Estavam magros em consequência de sua falta de apetite e o hálito cheirava a acetona.

— Conor?

— Sou eu, Papai.

— Não estou enxergando bem. Dê-me sua mão.

A mão outrora tão forte era frouxa e frágil.

— É mesmo você, Conor, ou é outra de minhas fantasias?

— Sou eu mesmo, Papai.

— Como vão as coisas em Derry?

— Muito bem.

— Já soube da carta que recebi de Liam?

— Já, sim.

— Duzentos e cinquenta hectares Liam já possui. É quase o domínio de um barão. Quem havia de dizer? E você tem sido um bom irmão, procurando sempre ajudá-lo... Estou com tanta sede — Quer-me dar um

pouco de água?

Conor levantou e sustentou o corpo do pai. Este sentiu um princípio de náusea depois de beber a água.

— Ê a doença, meu filho... Tudo por dentro está enferrujado de tanta água que bebo. — Tomas se recuperava pouco a pouco e de vez em quando um sorriso lhe aparecia nos lábios. — Sabe que Finola chamou Rinty Doyle?

— Sei...

— É um bom velho, mas palavra que eu não posso compreender como é que um homem se conforma em ser mandado por uma mulher e em dormir pelo resto da vida num estábulo. Olhe para mim... Escapei à Grande Fome e agora vou morrer de uma doença de mulher.

— Vê lá se eu acredito nisso. Ainda

vai ver cortarem muito feno no novo século.

Tomas disse com os olhos ao filho: “Se eu quiser...” Depois de beber mais um pouco de água começou a falar.

— Vi uma coisa horrível acontecer na terra antes que essa doença me derrubasse. Vi uma máquina a vapor ser experimentada em Ballyutogue por gente do conde. Pode imaginar uma máquina arando os campos?

Estava fazendo o trabalho de vinte homens e dizem que é capaz de fazer ainda outras coisas.

— Não há máquina que possa plantar uma leira de batatas tão bem quanto um homem, Papai.

— Em todo caso, há máquinas que podem fazer o trabalho dos homens.

Talvez eu esteja morrendo na hora certa. Que é que isso significa realmente?

— Não lhe sei dizer, Papai — respondeu Conor, que já havia debatido o assunto demoradamente com Andrew Ingram.

— Pois eu acho que sei, Conor. Será mais tarde ou mais cedo o fim de todos nós.

— Como assim?

— Não pode ser de outra maneira. Se uma máquina faz o trabalho de vinte homens, então dezenove devem abandonar as terras e ir para as cidades. Os que se mudarem para as cidades não poderão, como nós, fazer o pano para as suas roupas, nem construir as suas casas, nem plantar a comida que comerem. Terão de comprar tudo e para ganhar o dinheiro

necessário trabalharão em fábricas onde outras máquinas farão as coisas que eles terão de comprar. Ê horrível, Conor, mas as máquinas na terra serão a morte para todos nós. Tudo por que lutamos aqui desaparecerá. A máquina fará o que a fome e os ingleses juntos não conseguiram fazer. E

as cidades serão maiores, mais feias e mais sujas.

— Está falando demais e vai-se cansar, Papai.

— Há três anos que estou querendo falar e, se esperar muito mais, vou acabar de falar no céu. Quero dizer-lhe uma coisa muito importante, Conor.

— Que é, Papai?

— O Padre Cluny é um homem bom, piedoso e espiritualmente correto. É hoje

o meu melhor amigo depois de Fergus.  
Conor... Conor...

pedi a ele que me absolvesse.

— Tem certeza, Papai? Foi mesmo assim?

— Foi, Conor. A gente vê as coisas de maneira diferente-quando chega ao fim do caminho.

Conor correu os olhos pelo pequeno quarto onde nascera com todos os seus irmãos. A tarde caía e tudo estava mais escuro. Abriu a janela para deixar entrar um pouco de ar e as novas cortinas de rendas de Finola foram agitadas pelo vento.

— Por que fez isso, Papai?

— Não disse exatamente a verdade ao Padre Cluny. Ele vai continuar vivo depois de mim e eu não queria aumentar

os seus problemas.

— Por que fez isso, Papai?

— Fiz isso em favor dos meus vizinhos. Viemos ao mundo juntos e vivemos juntos. Houve algumas alegrias, mas para os que ficaram, rolamos de desespero em desespero. Todos eles estão morrendo. Se eu puder mostrar-lhes agora que vi Deus, deixarei para todos eles um legado, alguma coisa a que se poderão apegar. Poderá facilitar um pouco a caminhada deles até ao fim... Não posso deixá-los sozinhos e sem esperança...

— Compreendo, Papai. Só não concordo é com essa sua ideia de que está para partir. Vai ver que não é assim...

— Ian Cruikshank é um bom homem, mas não sabe mentir. E já que estamos falando nisso, é bom saber que não irei

para nenhum hospital em Derry.

— Não sei o que foi que Cruikshank lhe disse, Papai. Mas o senhor não está tão doente quanto pensa. Está muito pior.

— Ora, Conor, você pensa que eu não sei como estou doente?

— Pare então de fazer tanto barulho. Eu estarei em Derry e irei vê-lo todos os dias.

— Só isso já é uma tentação...

— Irá então?

— Ah, Conor, quer ver seu pai metido numa escura enfermaria de hospital? Não posso abandonar minha terra, nem meus amigos.

— O senhor tem de me ouvir, Papai. Se não for para Derry, sabe como é que vai acabar? Caindo aos pedaços! É isso que o senhor quer? Pois não é o que eu

quero!

Tomas estendeu a mão para ele e tornou a sorrir.

— Nós dois estamos dando voltas como uma galinha que acaba de pôr um ovo. Não posso ir. Você sabe disso, não sabe?

— Sei.

— Então, está resolvido. Pode ficar ainda algum tempo aqui?

— Posso, Papai.

Tomas nada mais disse. Estava em paz. Sabia, em vista de ordens rigorosas do Dr. Cruikshank, que seria fatal para ele beber álcool. Entraria num estado de coma do qual nunca mais se recobriria. Tomas tinha uma garrafa de *poteen* escondida debaixo do colchão, justamente para essa eventualidade. Pensou em

receber absolvição e então envenenar-se deliberadamente, pois o suicídio era um grave pecado. Calculava que passaria muito tempo no purgatório, mas, uma vez lá, poderia alegar as suas razões e defender seu caso. Mas não precisava preocupar-se com essas coisas no momento, pois Conor estava com ele e ia ficar.

Os dias foram passando. Conor e Dary ficavam quase sempre à cabeceira de Tomas e, durante essas longas horas, Conor contou ao irmão toda a história de Tomas e de Kilty. Dary estranhava a existência de certo alheamento entre ele e Tomas, mas, apesar disso, amava o pai e sempre se considerara responsável pelo que havia. E assim, no momento, houve

um renascimento do amor e dos laços de família que tinham feito os Larkins excepcionais.

A princípio, Conor se afligira com a absolvição procurada por Tomas.

Depois, abrandou-se. Tivera íntima amizade com o Padre Pat e chegara a conhecer outras espécies de padres, padres do Bogside, padres envolvidos em atividades secretas da Liga Gaélica. Muito do seu ressentimento em relação à Igreja se modificara. As constantes visitas que o Padre Cluny fazia a Tomas aumentavam a sua tolerância. Por fim, Conor acatou os desejos do pai, mas teve a certeza de que nunca procederia como ele.

Percebeu imediatamente a guerra surda entre Brigid e sua mãe, pois a

transformação de Finola tinha sido quase tão acentuada quanto a de Tomas. Acreditava sem a menor hesitação que os maus espíritos haviam tomado posse de Brigid e que a filha estava fazendo noite e dia planos para roubar-lhe a terra e jogá-la fora.

Durante as horas de vigília de Tomas, ele nunca deixava de encarecer a Conor a necessidade de tirar Brigid e Myles McCracken de Ballyutogue para assim atenuar um pouco do mal que fizera aos filhos. Conor conversou sobre o assunto com o Padre Cluny, mas este se mostrou muito vago a esse respeito, temendo, por um lado, que alguma coisa que dissesse viesse a ser violação do segredo da confissão e, pelo outro, que participasse de uma solução errada.

Quinze dias depois de sua chegada, Conor viu uma manhã Brigid sair na direção da torre normanda, local de encontros perto da ponte que ele conhecia desde a infância. Encarregou Dary de cuidar do pai e seguiu-a.

Brigid esperava nervosamente a chegada de Myles quando Conor atravessou a ponte e apareceu inesperadamente.

— Tudo bem? — disse ele.

Brigid olhou-o assustada e fez menção de fugir. Mas Conor embargou-lhe os passos.

— Calma, Brigid. Quero ajudá-la ou, melhor, quero ajudar você e Myles.

— Você não pode aparecer depois de três anos de ausência e tentar dirigir a vida de todo o mundo.

— Somos ainda uma família e o tempo numa família não se conta pelo relógio ou pela distância.

— Estou louca. Ainda não sabe disso? Os maus espíritos tomaram conta de mim.

— Mamãe é que não está em seu juízo perfeito. Está procurando fazer você pensar que está desequilibrada. Mas você só está assim nervosa porque se está abstando de desejos perfeitamente normais.

— Não são normais! São pecaminosos e eu estou sendo punida.

A modificação da atitude de Conor em relação à Igreja reverteu de novo à indignação e à revolta.

— Escute, Brigid! Você é um ser humano normal, decente e sadio e tem os desejos normais de qualquer mulher de

vinte anos. Quer fazer amor com o seu namorado. Quer dormir com ele. Não há nenhum pecado nisso!

— Não quero ouvir o que você está dizendo!

Ainda chorando nos braços do irmão e ansiosa por acreditar nas palavras dele, Brigid não conseguia fazer a menor moessa na sólida fortaleza que excluía a razão e favorecia o sentimento de culpa. Afinal, dominou o seu choro.

— Você pensa que eu estou louca, Conor?

— Não penso nada disso, Brigid. Você está perfeitamente em seu juízo.

Ela ficou tranquila, tomou a mão do irmão e os dois atravessaram a ponte, aproximando-se do grande rochedo onde ela havia ficado tantas vezes em

companhia de Myles.

— Brigid, você tem de dar fim a esse jogo com Mamãe. Do jeito que ela está agora, não poderá proceder de uma maneira sensata. Se você insistir, acabará por se destruir. Pelo amor de Deus, é Colm O'Neill que você quer?

— Não posso mais suportar nem a presença de Colm O'Neill!

— E tem toda a razão! Você tem um rapaz bonito e forte que a ama e que vale mil vezes mais para você do que toda essa terra cheia de pedras.

Estou disposto a levar vocês dois para Derry. Ensinarei Myles a trabalhar como ferreiro.

Brigid afastou-se do irmão e sacudiu negativamente a cabeça.

— Por que não quer? Que tem a

perder senão uma batalha desagradável com uma mulher velha e desequilibrada?

— Detesto Derry — disse ela. — O sol lá não tem calor algum. Não beija a gente como o sol de Ballyutogue. Quando está quente, queima a pele das costas e derrete o sangue. Depois da chuva, não se sente doçura.

Os pés ficam presos na lama e o ar fica parado sobre o Bogside como uma nuvem de tempestade. Tenho medo de Derry, tenho medo das fogueiras e dos tambores no Waterside, das brigas constantes, das mulheres que gritam umas com as outras, das crianças cobertas de feridas e da eterna tristeza de tudo aquilo. Sei que suas intenções são boas, Conor, mas chegará o dia em que não haverá trabalho nem para você, nem para Myles e

ele ficará à toa, enquanto eu irei trabalhar na fábrica de camisas ou limpar a latrina de alguém, e então toda a honra e virilidade desaparecerão dos olhos de Myles.

Conor abriu os braços. Ela tem toda a razão, pensou ele.

— Se é terra que você quer, Brigid, há terra de sobra na Nova Zelândia e Liam já está lá para orientar vocês dois. Mas saia daqui enquanto ainda há uma chance.

— Não, Conor. A granja de Papai pode não ser suficiente para quem é como você, mas já serviu para três gerações de Larkins e, pela Santa Virgem, eu sou uma Larkin como qualquer de nós.

Ele lhe tomou o rosto entre as mãos.

— E isso compensaria a perda do seu namorado?

— Por que não pode compreender que nem todos no mundo são como você, que não tem medo de enfrentar a sombra e o desconhecido? Não tenho a sua cabeça para aprender as coisas, nem o seu encanto pessoal ou a sua força. Sou uma alma simples e adoro todos os cantos da nossa velha casa. Esse é que é o meu lugar. O mundo fora de Ballyutogue me amedronta. Quero todas as noites dormir em nossa casa, protegida por ela.

Conor beijou o rosto da irmã e, em seguida, voltou para a aldeia sozinha.

Daí a um momento, Myles apareceu e os dois ficaram durante algum tempo a olhar-se em silêncio.

— Ouvi tudo — disse afinal Myles.

— Então ouviu.

— Talvez Conor tenha razão. Se eu

pudesse ir para Derry e trabalhar alguns anos, economizando um pouco e aprendendo um ofício, poderia voltar como alguém.

— Não — disse ela. — Ninguém nunca volta para Ballyutogue.

— Oh, Jesus! — disse Myles. — A nossa situação lá em casa é de desespero. Eu estou na fila para emigrar. Meus irmãos nos Estados Unidos mandaram minha passagem. Já não posso ficar muito tempo. Ficando aqui, vou acabar como Rinty Doyle. Sei que não sou forte como Conor, mas não me alugarei a ninguém. Tenho de sair daqui, compreende, Brigid?

Ela se encostou ao rochedo, com o rosto contorcido, como o invadisse a sombra da loucura.

— Vou falar com Conor — disse

Myles. — Irei com ele para Derry e aprenderei. Se eu estiver em Derry, não precisarei de viajar para longe e poderei vir ver você de vez em quando.

— Oh Myles, Myles... — murmurou ela, chorando.

— Você vai ver. Venceremos tudo. Dentro de um ano ou dois haverá alguma terra à venda e eu terei o dinheiro para comprá-la. Você vai ver.

Quando Conor saiu da casa, Tomas estava dormindo. Logo depois, acordou. A sua visão estava reduzida a sombras vagas e o pé esquerdo lhe doía cruciantemente.

— Conor?

— Conor saiu um instante — disse Dary. — Eu estou aqui, Papai.

— É você, Dary?

— Sim, Papai. Não me está vendo?

— Claro que estou. É apenas um pouco de areia em meus olhos. — A dor lhe subiu pela perna como se lhe tivessem aplicado um ferro em brasa.

— Dary, quer ir chamar o Padre Cluny? Quero falar com ele.

— Está bem, Papai.

Quando o filho saiu, Tomas Larkin reuniu o resto das suas forças e meteu a mão por baixo do colchão para pegar a garrafa de *poteen*.

Conor voltou à casa no momento em que o Dr. Cruikshank desmontava do cavalo. Os camponeses mais velhos se agrupavam em frente à casa, num medo silencioso porque, se Tomas Larkin

morresse, a hora próxima deles seria marcada com terrível clareza. Na sala, todos estavam de joelhos e rezavam em voz baixa.

Finola, Dary e o Padre Cluny rodeavam a cama. Conor e o Dr.

Cruikshank viram no mesmo instante a garrafa vazia. O médico apanhou a garrafa e os dois se olharam. Quando o médico saiu do quarto, Conor dirigiu-se para o estábulo.

Ian Cruikshank foi encontrar-se com ele e os dois caminharam juntos pela estrada até chegarem ao ribeiro que passava além da aldeia.

— Quanto tempo ainda resta? — perguntou Conor.

— Talvez horas, talvez um dia ou dois.

— Que foi que aconteceu?

— Ele sabia que seria fatal para ele. Avisei-o repetidas vezes. Mas suspeitava de que ele escondia uma garrafa.

— Por que não procurou a garrafa?

— Creio que conheço Tomas.

— Deixou então que ele se matasse?

— exclamou Conor, com a voz alterada.

— Pode suportar o que eu lhe vou dizer, Conor? — perguntou o médico.

Conor deu um passo atrás, tremendo.

— Seu pai ficou cego hoje de manhã. Vou ter de voltar lá agora e amputar-lhe o pé.

— Desculpe, Dr. Cruikshank.

— Fique descansado. Procurarei fazer que tudo seja tão pouco doloroso quanto possível.

Conor ficou olhando até o Dr.

Cruikshank desaparecer. Começou então a andar sem rumo, até que caiu de joelhos e vomitou no caminho.

— Papai! — exclamou no seu tormento. — Papai!

Durante dezesseis dias, Tomas Larkin, filho de Kilty, ficou em estado de coma. Inishowen tremia. Os camponeses e Fergus O'Neill tinham medo ante a perspectiva de enfrentar a vida sem Tomas Larkin. O seu vigoroso coração se negava a ceder, como se repudiasse o que ele fizera a si mesmo.

No décimo sétimo dia, o gigante caiu.

# 11

Caroline Hubble parecia ficar mais bela à medida que passavam os anos. Elegante e bem cuidada nos seus trinta e poucos anos, firmara posição como figura central da cultura do Ulster Ocidental na Mansão Hubble. Os Hubbles nunca deixaram de ser objeto de comentários. Diziam que a humanização social do Roger era a sutil obra-prima de Caroline, e a domesticação de Caroline era apontada como uma proeza dele. Eram considerados um casal mágico, em que um só espírito agia em dois corpos em total e constante comunicação.

Não faltavam insinuações reservadas nos círculos mais estreitos da sociedade

irlandesa a respeito das longas visitas dos dois a lugares exóticos. Falava-se de festins de ópio e de outros excessos, bem longe dos limites puritanos do Ulster. Havia ainda sussurros a respeito de um pavilhão de caça nas Montanhas Hurris, que se diz modelado por uma fantasia erótica, e de um apartamento cheio de espelhos e armado com uma tenda na Mansão Hubble. A vida pública do casal permanecia perfeita, mas a vida privada era misteriosa e tantálica.

Roger era reconhecido como uma espécie de gerente político do Ulster. Dentro de suas empresas, procurava incessantemente reduzir as terras, converter as outras em pastagens e plantações de linho, bem como no que fosse necessário como matéria-prima para

abastecer o seu complexo industrial. Uma série de acordos interfamiliares com Weed solidificara os bens de tal maneira que não se sabia onde começavam os de Hubble e terminavam os de Weed. Tudo o que faziam era concretamente calculado dentro do plano de separação do Ulster das outras três províncias, caso se tornasse iminente a pressão para a libertação da Irlanda.

O casamento produziu dois herdeiros, Jeremy, que se tornou Visconde Coleraine logo que Roger assumiu o título, e Christopher, que nasceu um ano depois. Eram diferentes e se completavam, preenchendo todos os sonhos do avô. Jeremy, o preferido de Sir Frederick, era um menino da velha cepa que logo se tornaria um homem da antiga estirpe.

Christopher tinha herdado o espírito sistemático do pai, de modo que o contraste entre os dois seria perfeito para dirigir o império da família.

Com a questão dos herdeiros resolvida, o cavernoso apetite de expansão de Sir Frederick se reduziu. Dali por diante, trataria da consolidação dos bens, da execução do plano do Ulster e do treinamento de seus netos. Sir Frederick iniciou então uma campanha para chegar à Câmara dos Lordes. Elaborou um programa de que constava atender a corretas caridades, comparecer às conferências corretas, servir nas comissões corretas e prestar o serviço público correto.

Via-se como Barão de Holywood, talvez até como Visconde Holywood.

Este último não estava inteiramente fora do seu alcance. Uma cadeira na Câmara dos Lordes seria bem merecida. Weed estava contente. Caroline tinha feito o seu casamento funcionar brilhantemente e Roger era como se fosse seu filho.

A remodelação da Mansão Hubble tinha levado quase seis anos e custara calculadamente mais de trezentas mil libras.

Restava em tudo um único defeito, uma coisa que resistira a todas as remodelações. Tratava-se da grade de ferro forjado, na entrada do Salão Comprido. Enquanto a mesma ficava incompleta, era um desafio permanente. Em duas ocasiões, Caroline importara homens peritos em trabalhos de ferro da

Itália e da Alemanha. O italiano sucumbiu ante o mistério da grade e desistiu do trabalho ao fim de vários meses. Quando ele saiu do Ulster por entre uma saraivada de pragas, Caroline descobriu Joachim Schmidt, que tinha a reputação de ser o maior nome da Europa em matéria de restaurações. A grade continuou a guardar os seus segredos e zombou dos seus ataques metódicos de lógica histórica. Quando Schmidt saiu de cena derrotado, Caroline teve a tentação de substituir a grade por um pára-vento de madeira. Seria reconhecer a derrota, mas uma obstinação herdada de seu pai exigia coisa diferente.

Gary Eagan, o novo aprendiz, meteu a cabeça dentro do escritório de Conor com os olhos arregalados e apontou para a

oficina com o polegar.

— Que é que há, Gary?

— Há uma senhora elegante lá fora. Chegou numa carruagem com cocheiro e lacaios e quer falar com o senhor.

— Faça-a entrar então.

Todos pararam o trabalho na forja quando Lady Caroline levantou as saias do chão enegrecido e passou.

— Sr. Larkin? — perguntou ela da porta do escritório.

— Sim — respondeu ele, levantando-se. Correu os olhos pelo escritório atravancado. — Gary, vá até meu quarto e pegue uma cadeira limpa para a senhora.

Estendeu então a mão para a visita, mas logo a recolheu, pois estava muito suja.

A cadeira chegou, trazida por Gary,

com a ajuda de dois ferreiros, mas no escritório não havia lugar para ela. Conor fechou a cara e disse: — Ficaria muito aborrecida se fôssemos conversar no bar de Nick Blaney? Disponho de pouco espaço aqui.

— De modo algum.

Quando passou com ela pela forja, todos interromperam de novo o trabalho. Ele parou à porta e disse para os trabalhadores: — Estão pensando que é o dia do aniversário de O'Connell?

No bar, Conor pediu cerveja para ele e um copo de xerez para a senhora.

— Gostaria de conversar com o senhor a respeito de um trabalho.

Mas, antes, tenho de me apresentar.

— Só um imbecil não sabe quem é a senhora. Para dizer a verdade, já a

conheci pessoalmente numa ocasião, mas não creio que tenha tomado conhecimento de mim.

— Foi mesmo? Quando?

— Por ocasião do Festival de Shakespeare, há um ano. Minha oficina patrocinou modestamente o festival e ainda a temporada de ópera e de concertos.

— Que interessante! E costuma frequentar os espetáculos?

— Sim. Não perco nenhum. Sei que está estranhando a presença de um ferreiro num concerto, não é mesmo? É bem sabido que S. Patrício era um romano que vivia na Inglaterra e foi trazido para a Irlanda pelos piratas. Um fato menos conhecido, mas também verdadeiro é que Shakespeare fez uma viagem secreta à

Irlanda antes de iniciar a sua carreira, a fim de aprender o uso correto da língua inglesa. Desde que um *shanachie* me contou essa história autêntica, que estou interessado em Shakespeare.

— Continue, Larkin — disse Caroline, rindo. — Você é formidável.

— A questão não é saber como eu a conheço, Condessa, mas como veio a saber da minha existência?

— Vi a sacada que fez para Andrew Ingram como um presente de aniversário e ele me mostrou outros trabalhos seus.

— Ah, Andrew... Eu devia ter sabido. Em vista disso, quer que eu vá à Mansão Hubble e veja se é possível fazer alguma coisa com a grade do Salão Comprido?

Caroline sorriu e balançou afirmativamente a cabeça.

— Bem, Condessa, a senhora é uma figura pública e, desde que eu trabalho com ferro, tenho ouvido histórias sobre a sua grade. Estava esperando o momento em que a senhora chegasse ao fim da corda e me procurasse.

Caroline não gostou. Uma coisa era tratar amavelmente os artesãos e outra coisa era permitir que eles esquecessem o seu lugar, e aquele homem estava positivamente gozando o dilema em que ela se via.

— Diga-me uma coisa, Sr. Larkin — disse ela com uma ponta de aspereza na voz. — É sempre tão impertinente assim?

— Sempre, não. Só quando encontro um freguês que deseja muito uma coisa que eu tenho. Compreenda que eu não seria humano se não me alegrasse com o

fato de que a senhora veio procurar aqui, bem no centro de Derry e do Bogside, o que não conseguiu encontrar em toda a Europa.

Caroline teve vontade de levantar-se e sair. Mas lidava havia muito com artistas e sabia que eles se arrogavam certos direitos que era preciso respeitar. Não podia verdadeiramente considerar um católico irlandês dentro da categoria de um artista. Mas aquela grade era uma obsessão para ela havia alguns anos. No fundo, não acreditava que Larkin fosse capaz de fazer alguma coisa num caso em que Joachim Schmidt havia falhado, mas não custava nada tentar.

— Posso esperá-lo amanhã antes do meio-dia na Mansão Hubble?

— Sinto muito, Condessa, mas a

oficina está com muito serviço atrasado. Só poderei pôr o pé fora daqui na semana que vem.

Ora, pensou Conor, por que foi que eu disse isso? Sabia que havia indiscutível prazer para um dos rendeiros do condado em mostrar-se importante diante da Condessa de Foyle. Ou era porque, além de tudo, ela era uma bela mulher? Ou seria pelas duas coisas?

Caroline levantou o copo de xerez com estudada frieza. Conor sabia que ela lutava com a grade, havia mais de dez anos e só o fora procurar em último recurso. Estaria ele estabelecendo o primado do seu eu masculino, a superioridade do artista ou alguma base de igualdade futura? Era um belo homem e com toda a certeza sabia disso. Era

curioso que também tivesse tendências culturais. Está bem, menino, pensou ela, divirta-se à vontade.

— Na semana que vem, estará muito bem — disse ela.

As imponentes portas de bronze do Salão Comprido se abriram.

Conor atravessou o vestíbulo em direção à grade com a reverência de um monge que se aproximasse do Papa. Perguntou a Lady Caroline se podia ter mais luz e se ainda havia alguns dos esboços originais da grade.

— Creio que todos os esboços se perderam nesta ou naquela guerra — disse ela. — Tenho as plantas da recente restauração do salão e alguns desenhos de Joachim Schmidt e Tustini antes dele.

— Eu poderia usar tudo isso. Gostaria

também de uma escada grande e de uma hora mais ou menos para estudar tudo. Espero poder depois dizer-lhe alguma coisa.

Depois que Caroline saiu, Conor aproximou-se do que era, depois de iluminado, um delicado concerto em ferro. Cada junção soldada era coberta de folhas e volutas, num exemplo clássico de relevo em ferro batido. O que restava da grade era talvez um terço do original. Em seu pleno esplendor, o trabalho devia ter doze metros de altura, com uma largura correspondente. Devia estar entre as três ou quatro melhores obras do gênero já executadas.

— Que beleza! — murmurou Conor Larkin. — Que beleza!

Lady Caroline voltou duas horas depois em companhia de um criado com uma bandeja de chá. As plantas que ela mandara entregar antes estavam abertas numa mesa de carvalho do refeitório que Conor transferira para diante da grade. Os desenhos que ele fizera achavam-se misturados com os outros. Estava curvado sobre eles quando Lady Caroline espiou curiosamente por cima do seu ombro.

Sentindo a presença dela, Conor largou o lápis e teve uma expressão que mostrava que para ele ver uma obra como aquela equivalia a uma experiência religiosa. Continuou com os olhos fitos na grade como uma amante que adorasse a visão da amada nua.

— Tijou — murmurou Conor. — Jean Tijou.

Nesse instante, Caroline perdeu o entusiasmo. Tinha esperado que ele correspondesse às suas expectativas ocultas. Ele tinha sido tão arrogante. Era evidente que era incapaz de distinguir entre o trabalho de um mestre e o de um bom imitador. Apesar disso, era preciso ser gentil.

Seria má educação ofender um operário católico.

— Sim, eu sei — disse ela. — Todo o mundo acreditava que isso fosse um trabalho de Tijou. Schmidt também assim pensou a princípio. Mas não é um trabalho de Tijou.

— É Tijou — repetiu Conor calmamente.

Caroline perdeu a paciência. Não se queria envolver numa longa discussão

sobre o assunto.

— Não é possível — disse ela. — Investigamos o assunto até com um historiador de Oxford.

— Que conhece a senhora sobre Tijou? — perguntou Conor.

— Jean Tijou foi um protestante francês que se refugiou em Orange, na Holanda. Sabemos que veio para a Inglaterra em 1690 com o Rei Billy e viveu na corte de Guilherme e Maria. A sua obra foi realizada entre 1690 e 1710. Não há registro algum de que tenha vindo ao Ulster.

— Mas veio.

— Sr. Larkin, temos cartas que provam que essa grade foi feita cerca de sessenta anos antes da época de Tijou e essas cartas são irrefutá-

veis.

— Isso não correto — disse Conor categoricamente. — A senhora coligiu informações erradas.

Caroline se empertigou toda ao ouvir isso e olhou para Conor, que estava diante da grade numa euforia meio alheada.

— Gostaria de saber de que é que está falando, Sr. Larkin!

Conor voltou à mesa e tomou um gole de chá depois de agradecer-lhe a consideração. Conferiu os desenhos, esboçou alguma coisa e, como alguma coisa do segredo da grade se revelou, ele sorriu e largou o lápis.

— Daddo Friel sabia provavelmente mais sobre este castelo do que a maioria dos condes que viveram aqui.

— Quer-me dizer quem é esse Daddo

Friel?

— Quem foi — disse Conor. — Foi um *shanachie*, isto é, um contador de histórias. Meu melhor amigo e eu éramos dois dos seus favoritos.

Passava horas e até dias junto conosco.

— E ele lhe disse que os piratas trouxeram Tijou da Inglaterra para cá?

Conor riu.

— Não a censuro por ter dito isso. As histórias de Dado se mostraram infalivelmente exatas quando se tratava de cercos e levantes locais.

Caroline teve a impressão de que um pouco de encanto irlandês estava sendo gasto com ela, mas estava tão interessante que não quis interromper a conversa e bastante embaraçada diante de Larkin, que

parecia tão seguro a respeito do que dizia.

— Durante o Levante dos Camponeses de 1641, o Conde de Foyle comandou as forças repressoras de Cromwell, como deve saber. Numa fase da luta, ele prendeu quinhentos reдеiros e trancou-os no Salão Comprido, logo atrás da grade. Não preciso entrar nos detalhes subsequentes da tortura, morte pela fome e massacre desses prisioneiros.

— Nunca soube desse fato — disse ela.

— Tenho uma obra em dois volumes sobre a insurreição no Oeste do Ulster, pelo historiador inglês Wycliff, publicada há um ano pela Universidade de Oxford. As afirmações dele são espantosamente próximas das de Daddo Friel.

— Continue — disse ela.

— O importante é que a grade se tornou um símbolo odiado. Ainda faz parte do vocabulário de minha aldeia. Quando uma mãe quer assustar um filho rebelde, ameaça-o de colocá-lo atrás da grade do Conde.

Caroline conseguiu sorrir, esforçando-se ao mesmo tempo para não ser envolvida por completo.

— Por ocasião do cerco de Derry em 1690, a Mansão Hubble foi atacada pelas forças de James, que tinham como objetivo principal a grade. Esta foi completamente destruída como, de resto, grande parte do Salão Comprido e do castelo original.

Caroline pensou que o folclore e a história se ajustavam até esse ponto.

— Em sinal de gratidão ao Conde de

Foyle pelo serviço prestado à Coroa, o Rei Billy mandou Jean Tijou à Mansão Hubble com a missão de substituir a grade destruída.

A complacência de Caroline se desvaneceu. Estava confusa. Era lógico dizer que o original fora destruído. A época e os fatos indicavam que a grade era mais recente do que ela pensava e podia ser da autoria de Tijou.

Entretanto, havia muita fantasia irlandesa entretecida na história e todos sabiam que os *shanachies* podiam ser tremendos mentirosos.

— Houve um breve levante local em 1722 — continuou Conor. — O

Salão Comprido foi de novo destruído e, quando o teto caiu, dois terços da grade de Tijou foram danificados. O restante é o

que temos neste momento diante de nós.

— Está dizendo, porventura, Sr. Larkin, que o *shanachie* de sua aldeia tinha conhecimento de Jean Tijou?

— De nome não, mas eu o ouvi falar no “Francês” nas histórias que contava sobre o levante daquela era. Minha aldeia tem acentuado orgulho das suas tradições e sempre houve o costume de que o padre local escrevesse um registro diário da história da paróquia. Depois que a senhora me procurou na semana passada, fui até minha aldeia e consultei o volume relativo àquele ano. As referências são escritas em gaélico, mas fala-se de trinta dos nossos homens que foram até ao Castelo Hubble, como era chamado naquele tempo, para trabalharem na restauração do Salão Comprido, onde uma

soberba grade de ferro estava sendo construída sob a direção de um francês.

Caroline Hubble viu-se reduzida ao silêncio.

— Aceito o seu cepticismo, Condessa — continuou Conor. — Os fragmentos se ajustam, mas a prova final e decisiva está aqui, bem à nossa frente. Todo artista deixa o seu toque pessoal no que faz e Jean Tijou não foi exceção. Posso ver Tijou nesta grade tão claramente quanto a senhora pode identificar um pintor impressionista. Esta grade não podia ter sido executada sessenta anos antes da época de Tijou. O trabalho naquele tempo era muito pesado, muito compacto. Foi ele o primeiro que soube fazer um rendilhado em ferro e executar folhas que pareciam estar flutuando num rio.

Conor folheou as plantas recentes da restauração, achou o que procurava e estendeu a planta em cima da mesa. Eram os detalhes arquitetônicos de reforço das vigas e das fundações do Salão Comprido para manter a grade no lugar.

— Essa nota embaixo está escrita em francês.

É verdade. A recente restauração do salão foi feita por franceses da escola de Le Duc.

— Não posso ler bem a nota, mas por acaso não diz que certos parafusos e outros dispositivos foram encontrados de espaço em espaço, sem qualquer relação com a presente grade?

Ela virou as plantas, colocou o *pince-nez* e olhou para ele, espantada.

— Sim, diz exatamente isso.

— Não é de crer então que esses parafusos tenham servido para prender uma grade anterior?

— A que foi destruída durante as guerras de Cromwell? Isso quer dizer que Tijou fez mais tarde outra grade.

— É essa a minha opinião, Condessa.

— Creio que lhe devo desculpas, Sr. Larkin. Estava um pouco céptica, pois o assunto foi objeto de muitas pesquisas.

— Bem, os pesquisadores não contavam com Daddo. Agora, que é que vamos fazer?

— Acha que pode fazer uma restauração completa?

Conor abanou a cabeça.

— Tenha a bondade de vir até aqui, Condessa, que eu quero mostrar-lhe uma coisa.

Ficaram tão perto da grade quanto era possível e Conor passou o dedo sobre uma barra retorcida que se estreitava num desenho circular para acabar brotando numa vegetação de ferro, num feitiço repetido.

— Aqui neste ponto a senhora pode ver com seus olhos onde termina o trabalho de Tijou e começa o do mestre alemão Schmidt. Não só as ferramentas usadas e o tamanho do material fundido são diferentes, mas a própria composição do ferro não é a mesma. Como as tintas de um quadro ou o mármore de uma escultura, há tipos de ferro que têm uma característica única. Entretanto, a diferença mais importante é que um mestre não pode penetrar o espírito de outro. Schmidt é grande, mas Cézanne

poderia fazer uma imitação perfeita de Renoir?

— Compreendo o que quer dizer.

— Tijou deve ter sabido que estava criando uma obra-prima, da mesma classe do gradil que fez para a fonte de Hampton Court. Plantou armadilhas para ter certeza de que o seu trabalho nunca seria reproduzido. Está vendo essas volutas no canto? É quase certo que Tijou mandou um ferreiro canhoto executá-las. Quanto à restauração italiana da parle superior, há nela a mesma diferença que há entre Verdi e Wagner.

Caroline nada mostrara ou dissera a ele que indicasse que um italiano trabalhara no biombo, mas ele podia ler na obra como num livro aberto e ela não pretendia mais discutir-lhe a competência.

Estava cheia de satisfação com o fato de tratar-se mesmo de uma obra de Tijou e, portanto, um trabalho imortal no seu gênero.

— Que devo fazer, Larkin? — perguntou ela, mas teve logo a suspeita de que ele queria insinuar-se na confiança dela e ganhar uma encomenda que lhe assegurasse uma reputação nacional. — Que é que recomenda?

— Se a grade fosse minha, eu não teria a menor dúvida — respondeu Conor. — Jean Tijou significa tanto para mim quanto Leonardo da Vinci para a senhora. Um terço de Tijou vale tanto quanto cem coisas que pudesse fazer Conor Larkin. Eu deixaria tudo como está. Há necessidade apenas de fazer uma cuidadosa restauração para remover as excrescências

italianas e alemãs.

— Pode encarregar-se desse trabalho?

— Gostaria de tentar.

Foi feito um acordo, segundo o qual Conor iria à Mansão uma vez por semana para fazer o trabalho no local.

— Desculpe, mas estou curiosa de saber onde foi que estudou.

— Ora, em vários lugares incríveis. Numa forja que havia em minha aldeia com um mestre excelente, à sombra de uma árvore...

— De uma árvore?

— Sim. Era onde eu fazia a maior parte de minhas leituras. Há também um homem que lavra pedras em Derry, a meio caminho para a escultura.

Creio que a arte do canteiro é uma das profissões mais antigas do mundo.

Ê anterior à escrita e aos trabalhos de ferro, a uma distância de milhares de anos, de modo que os que a praticam devem saber alguma coisa.

Quando lhe pedi que me explicasse o segredo do trabalho com a pedra, ele me disse que estudasse as folhas. “Não há duas folhas iguais, Conor”, disseme ele.

— Por isso, Tijou é Tijou e Schmidt é Schmidt.

— Mais ou menos.

Caroline deixou-o a fazer mais alguns desenhos e retirou-se para o seu quarto. Foi atraída para a janela pelo barulho das crianças que brincavam lá fora. Jeremy, Christopher e alguns visitantes da Inglaterra estavam empenhados num jogo de rúgbi no vasto gramado à frente da Mansão. Caroline viu então Larkin sair do

Salão Comprido.

Era um tipo de homem de excelente constituição, como outrora ela admirara em pugilistas e outros homens fortes, mas a força nele era atenuada pela pasta de desenhos que levava debaixo do braço. Era completamente irlandês com o seu boné de banda e a sua fala mansa, mas terrivelmente digno de ser conhecido. De repente, a bola veio pelos ares na direção dele e Conor deteve-a agilmente com o pé, apanhou a e chutou-a. A bola subiu para o céu e pareceu flutuar indefinidamente.

Depois de admirarem o chute, os garotos correram para ele e lhe imploraram que participasse durante vinte minutos de jogo.

Roger sempre levava a papelada em que tinha de trabalhar à noite para os aposentos de Caroline, onde se sentavam a mesas de trabalho uma defronte da outra e trabalhavam durante algum tempo. No meio de uma pilha de correspondência, Caroline deu sinal de que estava na hora de conversarem.

— Creio que chegamos a uma solução a respeito da grade — disse ela.

Roger largou o que estava fazendo e preparou-se para saber que tinha sido encontrado um mestre húngaro, que dentro em breve estaria passeando o seu temperamento pelos corredores da Mansão.

Caroline contou a história de que o Rei Billy tinha encomendado uma grade para substituir a que fora destruída. Roger

rebuscou a memória, mas não pôde acrescentar coisa alguma.

— Não me desagrada a ideia de restaurar e conservar a velha grade — disse ele.

— Nem a mim.

— Esse camarada deve ter tido muito boa educação para saber de todos esses detalhes históricos.

— Pois fique sabendo que se trata de um católico e daqui de Londonderry mesmo.

— Você está brincando...

— É verdade, querido. Ê o mais alto de sua classe que já tivemos por aqui, de modo que achei melhor avisá-lo.

— Acho que podemos suportar isso. Como é mesmo o nome dele?

— Conor Larkin.

— Larkin? É um ferreiro? Em Londonderry?

— Exatamente.

— Larkin? A família vive aqui há muitos anos. Fenianos, se não estou enganado. Swan teve um caso desagradável com ele há coisa de um ano.

Alguma coisa relacionada com Caw & Train.

— Não vai proibir que eu o contrate, não é mesmo?

— Claro que não — disse Roger. — Francamente, não me lembro dos pormenores do caso. De qualquer modo, não tem importância. Mas acho que deve mandar fazer uma investigação sobre ele. Você sabe como essa gente é incapaz.

— Tenho a impressão de que tudo correrá bem com ele — respondeu

Caroline.

# 12

O Padre Cluny chegou à casa dos Larkins muito nervoso, pois acabava de receber uma carta de Liam com vinte libras e o pedido de que mandasse fazer a mais bela sepultura possível para Tomas.

Conor conseguiu de seu amigo, o escultor em pedra de Derry, que criasse um belo mausoléu e acrescentou um pouco do seu dinheiro para que fosse feita uma sepultura mais condigna para Kilty. Quando tudo ficou pronto, ele levou as pedras para Ballyutogue, juntamente com um gradil de ferro para separar as sepulturas dos Larkins.

As sepulturas tinham sido sempre cuidadas com devoção por Brigid, Dary e

Finola. Agora, tinham a distinção de belas pedras tumulares doadas por filhos que tinham prosperado no exterior e não se tinham esquecido dos seus.

A carta de Liam dizia também que ele estava casado com a inglesa, Mildred, e que ela estava grávida. Quando um novo Larkin se preparava para entrar na vida do outro lado do mundo, outro Larkin em Ballyutogue estava prestes a deixar a casa. Quando Dary completou quatorze anos, chegou o momento de sua entrada no seminário diocesano. Embora isso fosse uma coisa decidida desde muitos anos, o momento da partida foi cheio de tristeza.

Mais uma vez, Finola arrumou a escassa bagagem de cada um dos seus filhos numa velha mala comprada havia alguns anos numa feira esquecida.

Movimentou-se pela última vez em torno dele, dando-lhe toda espécie de conselhos, ao mesmo tempo que conseguia conter as lágrimas.

Quando o Padre Cluny chegou, ela segurou a mão de Dary e desceu o caminho com ele, deixando todas as portas da casa abertas, para transmitir mais uma vez as palavras de despedida.

— Deus o proteja, Dary.

— Deus a proteja, Mamãe.

A família levou um grupo de mulheres de xale preto à igreja para acender velas e rezar, depois do que Dary foi sozinho até ao cemitério para despedir-se de um pai a quem realmente não conhecera. O rapaz parou na encruzilhada e tomou a maleta das mãos da irmã.

— Farei o resto do caminho sozinho

— disse Dary, repetindo um adeus de Ballyutogue. Finola abraçou brevemente o filho.

— Adeus, Brigid — disse Dary.

O rapaz sorriu e seguiu pelo caminho.

— Ele é tão pequeno e tão fraco! — disse Finola por entre lágrimas.

Nesse momento, Brigid teve vontade de consolar a mãe, mas desistiu antes de tocar nela. O Padre Cluny observou as duas mulheres e sentiu uma pena infinita de ambas. O padre mal conseguia conter o impulso de ordenar a Brigid que partisse. Myles McCracken tinha ido trabalhar em Derry com Conor e a casa dos Larkins ia tornar-se um mausoléu, mas o Padre Cluny resolveu ficar calado. Havia muito, aprendera a compartilhar em silêncio dos intermináveis sofrimentos dos seus

paroquianos.

Um vácuo fantástico cobria a casa Larkin e cada pessoa vivia na sua célula separada. Finola vivia no quarto, onde dormira com Tomas e onde todos os seus filhos tinham vindo ao mundo. Brigid passava quase todo o tempo no sótão, onde dormira com os irmãos, e Rynty Doyle se conservava no estábulo procurando aparecer o menos possível. Como se cada qual tivesse feito um véu monástico de silêncio, faziam as suas tarefas com o mínimo de palavras indispensável.

Como Myles McCracken estava fora de cena, alguns dos receios de Finola se atenuaram. Qualquer quebra do silêncio dava margem a tiradas nervosas em que Brigid era conclamada a casar-se com

Colm O'Neill.

Brigid ouvia calada até o momento em que não aguentava mais e explodia com uma violência verbal tão intensa que Finola tinha medo e se calava.

Até o caso de Colm se juntava aos outros sobre os quais se mantinha silêncio.

Brigid nunca fora bonita, mas tinha conseguido manter uma aparência de simpatia e frescura enquanto Myles andava por perto.

Tornou-se desleixada. Não conseguia livrar-se do pensamento persistente de que sua vida seria muito melhor se a mãe morresse. Confessava repetidamente esse pensamento. Depois de cada confissão, o rancor que sentia por Finola era mais profundo.

O ciclo de desejar a morte da mãe, confessar-se e fazer penitência se transformou numa rotina em sua vida. Ao fim de algum tempo, começou a esquecer-se de como era realmente Myles. Esqueceu a doçura e o sofrimento das sensações que brotavam nela quando atravessava a ponte e se lhe jogava nos braços. Tudo isso se foi esmaecendo, com se Myles nunca houvesse existido. Por fim, ao mesmo tempo que se desvaneceu o seu amor, desvaneceu-se também o ódio a sua mãe.

Brigid Larkin se resignou inteiramente ao seu papel de solteirona, não sentindo mais grande fervor nem para amar, nem para odiar.

A quinze quilômetros de Derry, no

ponto em que a ponte atravessava o rio Burntollet, uma estrada levava a um morro coberto de vegetação, onde ficava cercado de muros o seminário do Sagrado Coração, da Santa Ordem dos padres de S. Colombano.

Dary Larkin foi um dos oito noviços que transpuseram os portões da instituição. Na sua maioria, tinham rosto e mãos macias, o que indicava que tinham sido mimados por mães que os adoravam. Alguns tinham ido para lá ansiosamente, como Dary; outros só estavam lá porque as famílias os haviam obrigado a isso. Alguns fariam uma viagem muito curta, um simples passeio; outros continuariam a viajar durante doze anos até chegarem ao sacerdócio.

Dary fez entrega de tudo o que

possuía, salvo as contas do seu rosário, e foi designado para um quarto exíguo no prédio isolado que abrigava mais vinte noviços. Seria aquele o seu lar nos quatro anos seguintes: simples, mal acabado, escuro e com o chão de pedra, tendo apenas por companhia um crucifixo e uma estampa desbotada do Sagrado Coração.

No seu primeiro dia, os noviços ficaram conhecendo os irmãos já ordenados que lhes serviriam de professores. Receberam uma ordem enérgica de se ajoelharem quando o Monsenhor que dirigia o seminário entrasse no salão de reuniões. O encarquilhado Monsenhor discorreu sobre o que se esperava deles numa voz monótona e sem o menor calor, deixando realmente de ver o brilho ou a apreensão

dos rostos que se voltavam para ele. Os dogmas de pobreza, castidade e obediência foram inculcados com a mesma ausência de paixão e as regras, uma fileira de longas horas e completa devoção, foram recitadas.

O mecanismo que fazia funcionar o seminário era dirigido com poucas palavras e essas eram comunicadas em voz baixa. Os acenos e os gestos lentos davam a tudo na casa uma aparência de flutuação.

O rosário era rezado fervorosamente, a comida variava de acordo com as estações e era sempre ruim, as horas de ensino clássico eram um teste de resistência e a humildade era total. Faziam-se súplicas a Deus em estado de prostração com os pés descalços, por

entre preces ilimitadas e tarefas e deveres da variedade de limpeza dos vasos sanitários.

Dary parecia à vontade, embora houvesse nele muitas lágrimas ocultas entre as muitas dos outros que se abandonavam ao temor e à solidão. Desde o primeiro instante, Dary foi considerado um forte, pois se havia evidentemente preparado para aquilo desde que se entendera por gente.

Myles McCracken e Conor se tornaram grandes amigos. Myles mergulhou com prazer no ofício de ferreiro. Era uma oportunidade que nunca pensara pudesse existir para ele.

Fora da forja, Conor, Mick e Cooey Quinn conseguiram treiná-lo até um certo nível de eficiência no futebol gaélico e

ele se dedicou também ao hóquei. Myles foi bem recebido na AGA e também na Liga Gaélica, onde se esforçava por conhecer as suas raízes irlandesas.

A pressão que havia vinha da parte das mulheres, pois Myles tinha a melhor das qualidades de um bom marido, um trabalho fixo. Era quase tão grande e bem-apeçoado quanto Conor, sabia cantar com ainda maior doçura e o seu sorriso era encantador. Tendo vivido até então pobre e desprezado, sentia-se radiante em ser assim um centro de atenções.

Ficaria naturalmente fiel a Brigid, aprenderia o seu ofício, voltaria como um homem de meios e pediria o que não pudera pedir anteriormente. Era esse o plano. Não iria visitar Brigid até essa época, pois a dor que sentiria seria muito

grande. Mas, quando tivesse dinheiro no bolso, as coisas seriam muito diferentes!

No começo, Myles dormia num canto da forja. Depois, mudou-se para o andar de cima, com Conor. O dinheiro da passagem que ele não usara foi dado ao irmão logo abaixo dele, que havia emigrado, de modo que só restavam três irmãos McCracken em Ballyutogue. O mais velho herdaria as terras e os irmãos que já haviam saído de Ballyutogue mandariam dinheiro para a passagem dos outros dois. Boa parte do salário de Myles era gasta nisso. Ficavam ainda algumas moedas em seu bolso, fato que a princípio ele não podia compreender. Quando teve o primeiro aumento de salário, Myles alugou um quarto, o primeiro que teve em toda a sua vida.

Conor ficou um pouco preocupado. Embora Myles não mostrasse qualquer esmorecimento nas suas intenções a respeito de Brigid, não parecia muito capaz de afastar-se das moças.

— Estou falando para seu bem, Myles — disse-lhe um dia Conor. — As mulheres estão preparando armadilhas para você. Veja se consegue andar com essa braguilha abotoada, senão dentro em pouco será um homem casado no Bogside.

— Nem pense nisso, Conor — respondeu Myles. — Eu sou fiel a Brigid.

— Talvez seja em seu coração, mas esse troço que você tem aí entre as pernas não tem coração, nem juízo. Todos sabem que as moças não lhe dão sossego.

— Ora, estou apenas me divertindo, sabe como é?

— Foi isso o que todos esses infelizes que estão por aí casados disseram.

— Não se preocupe que eu saberei livrar-me de tudo.

As palavras de Myles não correspondiam aos seus atos. Vivendo na cidade grande, longe da disciplina e da pobreza da comunidade, procurado pelas mulheres, a situação se tornou irresistível para ele. A preocupação de Conor aumentou.

— Se você precisa mesmo de mulher, não procure as católicas, Myles.

Com todas as ave-marias, todos os prantos e todo o sentimento de culpa, não poderá ter grande alegria com elas. Além disso, todas elas têm intenções muito claras.

Myles tornou a dar desculpas.

— Conheço algumas boas pequenas protestantes de Claudy e Dungiven. Querem também é divertir-se e não fazem exigências de espécie alguma. Não procure mais as pequenas católicas!

Apesar dos conselhos e das boas intenções de Conor, os olhos de Myles McCracken vaguearam de moça em moça até se fixarem em Maud Tully. Tinha-se falado de algum interesse entre Maud e Conor, mas isso acontecera havia mais de um ano. Quando ela quis partir para coisas mais séria, Conor se afastou. Apreciava muito a companhia dela, especialmente nos espetáculos culturais, mas as intenções dela eram muito francas para que ele se deixasse envolver. Além disso, tinha certa predileção por Gillian Peabody.

Maud Tully era uma moça inteligente, bela e cheia de vivacidade, de dezenove anos, que trabalhava na fábrica de camisas de Witherpoon & McNab desde os dez anos de idade. Fazia parte de uma família de onze filhos, oito dos quais sobreviveram à infância. Nenhum dos seus cinco irmãos jamais tivera um emprego fixo. O pai tinha sido desempregado havia trinta anos, salvo durante breves períodos. Quando seus filhos emigraram, Henry Tully se tornou um bêbado manso, avelhantado e sem dentes, que parecia vinte anos mais velho do que realmente era e nunca emergia totalmente do seu torpor alcoólico. A mãe e duas irmãs de Maud trabalhavam na fábrica de camisas, fazendo trabalho por peças e ganhavam em média quatro *pence*

por hora.

Maud Tully estava fervorosamente empenhada em evitar o destino do Bogside. Encontrara a primeira brecha de esperança na Liga Gaélica e na sua perspectiva de renascimento irlandês. Era verdadeiramente apaixonada na sua determinação de aprender a ler, escrever e estudar a língua antiga e tinha a cabeça cheia de ideias sobre política, poesia, nacionalismo e desejos humanos.

Mulheres desse tipo não existiam em Ballyutogue e Maud fascinou totalmente Myles McCracken. Quando passeavam juntos aos domingos pela beira do rio fora da cidade, Myles começava de repente a cantar, sem motivo. Iam para a sombra de uma árvore e ela lia livros para ele e falava de coisas que um homem nunca

poderia conhecer em Ballyutogue, a não ser que fosse inteligente como Conor ou Seamus O'Neill. Myles não tinha a intenção de comparar Maud com o seu velho amor, Brigid, mas não podia deixar de perceber as diferenças entre as duas. Quando estava na companhia de Brigid, ficava sempre triste ou delirante. Maud fazia-o rir.

A noite de agosto estava tão quente que o calor estofava o pó nas pedras das muralhas de Derry. Conor estava nu da cintura para cima e transpirava profusamente enquanto trabalhava numa nova encomenda de castiçais para a igreja de Bunrana.

Myles apareceu de repente. Estava muito pálido. Conor levantou a vista e

ficou alarmado. Myles parecia doente, tanto mais que resmungava e parecia ofegante.

— Que é que há com você, rapaz?

Myles torceu as mãos. Grandes lágrimas lhe rolavam pelo rosto torturado.

— É Maud Tully — disse ele. — Está esperando um filho.

Conor deu um soco no rosto de Myles e o fez cambalear de costas, até cair em cima de uma bigorna. Ficou sentado onde caíra, calado e com a cabeça a rodar. Olhou para Conor e passou as costas da mão pela boca, limpando na camisa o sangue que corria dela.

Conor abriu os punhos, voltou para o seu escritório, sentou-se na sua cadeira e cobriu o rosto com as mãos. Myles levantou-se ainda cambaleante e

encaminhou-se para a porta da rua.

— Não saia — disse Conor.

Myles voltou-se, entrou no escritório e os dois se encararam por um tempo que parecia sem fim.

— Desculpe— murmurou Conor.

— Ora, você tinha o direito até de me matar.

— Está enganado, Myles. Não tenho esse direito.

— Você não pode saber como eu me sinto de proceder assim depois de tudo o que você fez por mim, só por amor a sua irmã.

— Não diga isso. Vivemos todos aflitos com tanta gente querendo mandar em nossa vida. Não tenho motivo para mandar em sua vida.

— Está com ódio de mim, Conor?

— Nada disso, Myles. Você ama Maud?

— Amo, sim. Pode ser que depois eu mude, mas agora amo Maud.

— Temos de ir falar imediatamente com o Padre Pat.

Maud Tully não era a primeira moça de Bogside que se casava grávida, de modo que a consciência disso não duraria muito. A festa que se realizou depois do casamento na Sala Celta foi particularmente cheia de alegria e de esperança, pois aquela moça pelo menos conseguiria livrar-se do Bogside.

Conor calculava que Myles ainda precisaria de dois anos até ser um ferreiro completo, capaz de trabalhar por conta própria. Havia dois caminhos possíveis:

emigrar, pois havia sempre trabalho para um ferreiro em qualquer canto do mundo, ou encarregar-se de uma forja em algum ponto de Derry. Maud queria ficar na Irlanda, mas a outra perspectiva não deixava de ser agradável. A determinação dela de erguer Myles era firme e profunda. Muitas mulheres tinham feito no dia do casamento a promessa de lutar pela elevação de seus maridos, mas quem conhecia Maud sabia que ela teria êxito, embora as outras houvessem falhado.

Fez Myles sair do quarto onde morava e mudar-se para o casebre da família a fim de economizar o aluguel. A casa vivia cheia de gente e eles tiveram de morar num compartimento na cozinha que se tornava à noite um quarto, fechado por um cobertor. Ela continuaria a trabalhar na

fábrica de camisas até o momento do nascimento do filho e até lá todo o dinheiro seria depositado no banco.

O medo inicial do casamento desapareceu para Myles com aquela bela mulher ao lado dele. Jurou corresponder aos sacrifícios dela com os seus sacrifícios, trabalhando mais tempo na forja e cortando todos os luxos e prazeres, pois sabia que tinha ganho alguma coisa preciosa. Dois anos não queriam dizer nada. O tempo iria passar rapidamente e então os dois poderiam andar de cabeça erguida pelo resto dos seus dias.

# 13

Todas as semanas, às terças-feiras, Conor saía de Derry a cavalo antes de amanhecer o dia e estava na forja e nos andaimes da Mansão antes que houvesse movimento na casa. O interesse de Lady Caroline pelo trabalho era intenso. Dava instruções à sua secretária particular no sentido de que ela não estaria disponível para atividades externas naquele dia. Depois do *breakfast*, aparecia no Salão Comprido, onde Conor lhe expunha os planos para o dia, e voltava à tardinha com uma xícara de chá para inspecionar o que fora feito.

Depois de levantar os andaimes, Conor limpava dois séculos de lixo,

ferrugem e fuligem dos incêndios com ácidos, escovas de arame e esmeril, descobrindo pouco a pouco os segredos de Tijou. O mestre construía a grade em secções, juntando-as por solda de tal maneira que só outro mestre seria capaz de perceber o ponto de junção.

A idade e o abandono eram apenas parte do problema. A grade tinha sido retorcida e enfraquecida pelos bombardeios, pelos incêndios e pelo desabamento do teto em várias ocasiões. Tudo isso exigia uma decisão minuciosa quanto ao que devia ser substituído, quanto à maneira de fortalecer o que ficara e quanto à reprodução dos antigos ornamentos de rendilhados, folhas e vegetação.

A medida que as semanas passavam, a

obra começou a tomar um aspecto distinto. Conor tinha profundas reservas sobre a conveniência do trabalho na Mansão Hubble, enquanto Caroline compreendia que ele era um caso especial. Conor procurou livrar-se de um ódio que vinha de algumas gerações. A grade, como uma obra de arte, exigia o melhor da sua competência profissional e ele sabia que a oportunidade nunca mais se repetiria em sua vida, passando a absorvê-lo inteiramente.

Conor se afastava da vida da Mansão e evitava por todos os meios o interesse evidente de toda a criadagem feminina da casa. Quando fazia bom tempo, almoçava do lado de fora à sombra de uma árvore; quando chovia, permanecia no Salão Comprido.

A única amizade que estabeleceu nessa época foi com o jovem Jeremy, Visconde Coleraine, que parecia muito mais interessado em balançar-se dos galhos da árvore e em cuspir mais longe que qualquer outra pessoa do que na sua aristocracia e no seu título. Jeremy de vez em quando aparecia sob a árvore com uma bola e uma dúzia de camaradas para solicitar a participação de Conor num jogo rápido. Quando o tempo era mau, ele aparecia no Salão Comprido, privilégio nem sempre concedido a Lady Caroline, e se ocupava em ir buscar ferramentas e em fazer trabalhos de aprendiz.

Quando os preconceitos de Larkin contra os Hubles se abrandaram, ele teve de reconhecer que gostava da maneira pela qual Lady Caroline abria os braços

para a família e procedia no seu relacionamento com o marido. Os boatos eram um mar em que todas as casas nobres flutuavam e Conor não podia deixar de ouvir o que se dizia sobre a posição da Condessa diante do marido e do pai, contrária à ida dos filhos para serem educados na Inglaterra, preferindo que eles ficassem no Ulster.

Conor começou a ficar ansioso nas terças-feiras e sabia que a única razão não era o trabalho na grade. Isso o aborreceu tanto que lhe perturbou a concentração e o fez ser rude com Jeremy e mandá-lo sair.

Quando a ruptura se tornou mais profunda em seu espírito, ele procurou deliberadamente aumentar a distância que o separava da família Hubble.

Caroline observou esse

desenvolvimento com pesar. Mas Jeremy estava evidentemente numa fase de culto dos heróis e não podia ser mantido a distância. Numa terça-feira, ela olhou da janela de seus aposentos e viu Conor sentado à sombra da árvore quando Jeremy se aproximou dele com uma bola na mão.

— Não tenho tempo hoje — disse bruscamente Conor.

— Vamos, Conor. Por favor.

Conor levantou-se encolerizado, tirou a bola das mãos do garoto, chutou-a para longe e disse: — Agora, vá procurar sua bola e não me aborreça mais.

Jeremy ficou parado. Depois, começou a chorar e saiu para ir apanhar a bola. Conor ficou a olhá-lo, arrependido do que fizera, e saiu.

Devia falar com ele ou fechar os olhos ao que acontecera? Não seria isso dar muita confiança a um homem que a servia? ou a situação especial de Larkin exigia um tratamento especial? Enquanto ponderava, Carolina viu que ele deixara o livro que lia em baixo da árvore e resolveu pegá-lo e levá-lo para ele. Com o volume na mão, uma viva curiosidade prevaleceu sobre a indiscrição de ir observar Conor em seu santuário de trabalho e ela voltou para os seus aposentos. Sentou-se numa poltrona. Estranhou o título. *O Kalevala*, de Elias Lönnrot. Era um poema épico finlandês, uma extensa lenda popular que tinha afinidades com as histórias celtas. Havia várias folhas de papel metidas dentro do livro. Algumas tinham desenhos,

evidentemente relacionados com a grade, mas as outras estavam cheias de versos escritos à mão. Hesitou e então começou a ler:

*Os bispos fizeram chover A  
condenação eterna, O Parlamento  
deplorou a tentação.*

*Quiseram matá-lo três vezes Com a  
moral vomitada de lábios venais  
Exigindo sacrifícios.*

*Parnell morreu Parnell morreu E a  
alma de Erin está em sua sepultura.*

*Detesto a sujeira sob os muros de  
Derry E gostaria de fugir do imundo  
Bogside.*

*Mas seria possível encontrar paz  
Como um imigrante em terra estranha?*

*Uma vez, longe, nunca mais sofreria.*

*De ver os muros tristes de Derry.*

*Mas devo sair para sempre Ou viver  
como um pária na minha terra?*

*Não há ceildhe, feira ou prazer no  
mundo Igual ao prazer da semana das  
algas, Quando o sal do mar esmalta a  
boca E se é tão livre quanto a gaivota.*

*Vendo as moças molhadas dos  
sargaços Que mostram rindo os seus  
seios em flor.*

*Padre Lynch, Curvar-se, ajoelhar-se,  
prostrar-se.*

*Ato de contrição.*

*Abalar com submissão.*

*Culpa, medo, penitência,  
Acompanhemos o cego Que é de espírito  
vazio.*

*Confessar, arrepender-se, ser  
absolvido, A vida é triste e vazia, A  
morte é segura e calma.*

*Um Passeio em Derry*

*Casas caídas, Muros da fome, Bocas  
verdes que comem capim, Somos cavalos  
ou somos vacas?*

*Ventres inchados, Hospitais da fome,  
Navios de morte, de porões infectos,  
Somos cavalos ou somos vacas?*

*Montões de mortos, Piras comunais...  
Deus salve nossa nobre rainha...*

Havia ainda um soneto inacabado e místico à memória do pai e outros escritos sobre as emoções do esporte, sobre um amigo chamado Seamus O'Neill e sobre um professor ambulante.

Caroline fechou o livro e voltou para o gramado. Conor havia também voltado e procurava o seu livro. Ela lhe entregou e disse: — Confesso que sou culpada de ler o que não devia.

— Não se preocupe com isso. Todos nós somos iguais. Acho que a única coisa de que a Irlanda não precisa mesmo é de mais um mau poeta.

— Sr. Larkin, quer-me dizer sinceramente se tem escrúpulos quanto ao fato de estar trabalhando aqui?

Conor olhou para as mãos. A fuligem

da forja nunca estava ausente delas, como o pó de carvão dos pulmões de um mineiro.

— Tenho muita simpatia pessoal pela senhora — disse ele, de uma maneira evasiva, tipicamente irlandesa. — Tenho sido bem tratado por Lorde Hubble e gosto muito de Jeremy e também do jovem Christopher.

— Evitou a minha pergunta com muita habilidade.

— Bem, as minhas emoções variam...

— Está disposto a acabar a grade?

— Fizemos um trato.

— Mas é uma coisa que não deseja...

— Quero acabar o trabalho por dois motivos — disse ele. — Seria um crime saber que se é capaz de fazer um trabalho como esse e deixá-lo incompleto. Sou

bastante pretencioso para pensar que a senhora não encontrará outro igual a mim.

— Concordo inteiramente. Qual é o outro motivo?

— Pode ser que, quando nos virmos ou soubermos um do outro no futuro, as coisas não sejam tão agradáveis quanto são agora. Tem sido um relacionamento fora do comum e muito belo. Gostaria de que a senhora e Jeremy sempre tivessem bons pensamentos a meu respeito. Não sei por que isso, de repente passou a ser tão importante para mim, mas passou.

— Obrigada pelo que acaba de dizer — murmurou Caroline.

Quando o trabalho chegou ao fim, Caroline Hubble pensou em fazer uma encomenda que conservasse Larkin a trabalhar na Mansão, mas desistiu da

ideia. Havia nela algumas coisas que era melhor deixar em paz.

Um dia, a grade ficou pronta e ele se despediu.

Um dos segredos da solidez do casamento dos Hubbles era a compreensão de que duas pessoas podem amar-se com inteira devoção e, apesar disso, ter admiração, amor e até desejo físico por outra pessoa.

Enquanto Caroline e Roger tivessem liberdade para ter tais pensamentos e enquanto os dois falassem abertamente sobre isso, não haveria necessidade de nenhum deles dar vazão aos seus desejos em segredo.

Roger não precisou de uma intuição especial para compreender que sua mulher estava interessada no tal Larkin,

provavelmente de todas as maneiras. Caroline nunca havia abandonado a sua admiração pelos trabalhadores musculosos e suarentos e Larkin, sem dúvida alguma, preenchia as condições. Quando Caroline ou Roger tinham tais sentimentos, isso sempre dava causa a conversas pilhéricas e até um pouco livres. O que aborrecia Roger no caso de Larkin era o fato de que Caroline nunca o mencionara. Era como se pela primeira vez ela quisesse guardar para si mesma uma fantasia. Entretanto, diante da liberdade e da confiança que havia entre eles, seria um erro investir contra Larkin como um touro enciumado. Apesar disso, não pôde deixar de sentir-se mais tranquilo quando a grade foi terminada.

Na noite em que Conor partiu, Roger

desceu para o jantar, perturbado.

— É melhor ir ver Jeremy, Caroline. Está metido no quarto em prantos.

Mais tarde, Roger interrompeu um longo silêncio enquanto jogavam bilhar.

— Parece que há tristeza em toda a casa. Larkin teve casos com muitas de nossas empregadas?

— Eu seria a última a ser informada disso.

— Chegou a conhecê-lo bem? — perguntou Roger.

— Não. Ele sempre manteve distância.

— Bem, certamente ele impressionou Jeremy.

— Por causa do rúgbi e dessas coisas. Devo ou não devo? pensou Roger enquanto concluía uma tacada.

Decidiu favoravelmente.

— Você o achava terrivelmente atraente, Caroline?

— Creio que sim.

— Podia ter-me dito isso...

— Eu o achava muito atraente, mas comedidamente. É um homem forte e inteligente e eu tenho a impressão de que ainda ouviremos falar dele. Deu-me uma oportunidade de conhecer melhor os nossos inimigos.

Sente-se um pouco de temor ao pensar que este é um país repleto de gente como ele.

— Ê verdade — disse Roger. — Papai se queixou disso no seu leito de morte. Bem, enquanto o Brigadeiro Swan estiver vigilante, tudo estará em ordem até o fim dos nossos dias.

— E quanto a Jeremy e Christopher?

Roger riu, guardou o taco no lugar e abraçou a mulher.

— A grade está formidável — disse ele. — Estou contente de que o caso esteja resolvido de uma vez por todas.

Ao fim de seis meses, Dary pôde receber uma visita num domingo e teve permissão para deixar o recinto do seminário. Além da ponte sobre o rio Burntollet, havia um agradável bosque chamado de Ness, no qual se encontrava uma cachoeira, chamada Salto de Shane, em honra de um lendário Robin Hood de Derry, que se acreditava tinha outrora fugido por ela dos seus perseguidores.

Dary e Conor fizeram ali um piquenique e em breve os esquilos vermelhos e os pássaros andavam em

volta deles à procura de comida.

Conor sorria para o irmão. Achava muito natural que o irmão estivesse ali alimentando os pequenos animais sem sentir o menor medo. Sempre tivera pena de Dary, para ele uma criatura bela, pequena e delicada, dificilmente capaz de enfrentar as tristezas da vida. Entretanto, ele ali estava plenamente senhor de si mesmo e no amplo florescimento de sua paz interior.

Dary sabia que o irmão estava fervendo a ponto de explodir. Tinha lido as ansiedades de Conor nas palavras de seus novos poemas e durante o dia o irmão se movimentara sempre à beira de suas frustrações. Havia sempre da sua parte a reprovação do sacerdócio e as pilhérias habituais em torno da falta de

liberdade do irmão.

— Escute aqui — disse Dary em dado momento. — Eu sou feliz. Os portões do seminário não estão trancados. Por que é que sempre se pensa que é uma tragédia a entrada de um irmão no seminário para ser padre?

Talvez você tenha razão, Dary, pensou Conor, se você chegar a ser um padre como Pat McShane. Mas já tenho visto o espírito desaparecer dos olhos de Pat e já vi neles momentos passageiros de sofrimento e desejo humano. Você também sofrerá e sentirá fomes.

— Ainda não houve um padre que não tivesse de combater as tentações — disse Dary, como se estivesse lendo os pensamentos de Conor. — Não posso crer que eu vá ser o primeiro, nem o último.

— Você parece sabido demais para sua idade, garoto.

— Você está a ponto de explodir, Conor. Diga-me o que está havendo com você.

Libertado do compromisso de silêncio que se impusera, Conor começou a falar.

— Não sei bem, Dary. Talvez tenha sido a grade que eu consertei na Mansão Hubble. Era uma situação bem estranha. Lá estava eu trabalhando com entusiasmo numa casa e numa coisa que para mim simbolizam uma injustiça total. Creio que gostei dos garotos e gostei da mulher mais do que quero confessar a mim mesmo. Trabalhava naquela grade como se estivesse sonhando. Ficava impaciente para que chegasse a terça-feira e eu pudesse ir para lá. Agora, já acabou e eu

estou vazio e com raiva de mim mesmo.

— Você acendeu alguns fogos que teria preferido que ficassem apagados. Não queria ver nada de bom em gente que nasceu para odiar.

Gostou deles sem querer. Era melhor que fossem inteiramente maus para você confirmar o seu ódio.

— Que coisa, Dary! Chega a meter medo a maneira pela qual você vê o íntimo das pessoas.

— Você é meu irmão, Conor. Não são os Hubbles que o afligem e não é a grade...

— Você vai dar mesmo um padre completo — disse Conor, subitamente privado das suas defesas racionalizadas.

— Que é então, Conor?

— Se quer saber, Dary, deve um dia

dar um passeio comigo através do Bogside. Deve olhar para os olhos suplicantes dos meninos magros e envelhecidos, pequenos velhos de dez e onze anos e ver a expressão vazia dos olhos de seus pais derrotados, olhar para os moços encolhidos sob a chuva com as mãos nos bolsos, esperando que os dias passem e sonhando com a fantasia final da emigração para os Estados Unidos. E deve ver as filas das moças das fábricas que se arrastam para as casas tão cansadas que não podem mais cantar, amar, nem ter qualquer alegria. Tratam apenas de encher as barrigas até que ficam tão obesas que perdem toda a esperança. E os homens nas sarjetas, lutando, gritando e descarregando uns nos outros as suas frustrações como animais.

E lá em cima a gente da Mansão Hubble tomando providências para que os macacos irlandeses sejam capazes apenas de limpar os seus esgotos. Eu traí Conor Larkin, está aí o que aconteceu. A gordura cresce em torno do meu corpo e eu tenho dinheiro de sobra para comprar bebida e vivo tão satisfeito comigo mesmo que não tolero mais ouvir choros. E não ouço porque não quero ouvir.

Quero paz, mas a paz não é possível. Sabe por quê? Há uma maldição sobre mim como há sobre o nome de Larkin! A maldição se repete e me atormenta! Ronan! Kilty! Tomas! E agora eu! Que são os irlandeses entre os homens? Somos leprosos? Somos uma praga? Haverá algum dia fim para as nossas lágrimas?

Ouviram então o toque do Ángelus,

sinal de que o dia que tinham passado juntos chegara ao fim. Dary jogou para os esquilos as últimas migalhas. Atravessaram a ponte, subiram o caminho do seminário e se despediram diante do portão, sabendo que outra visita só seria possível daí a muito tempo.

— Não creio que isso faça muito bem, mas de vez em quando reze por mim, Dary.

— Nunca deixo de rezar.

— Sei disso. Você sabia rezar antes de aprender a andar. Você sempre guardou silêncio a respeito dessas coisas. Qual é a prece que você faz por mim?

— Faz alguma diferença?

— Diga. Acho que tenho de saber.

— Rezo para que meu irmão Conor não caia trucidado pelas armas dos

ingleses.

# 14

Ninguém sabia ao certo que eram quatro e meia da madrugada, mas quando a hora chegava o movimento começava na casa, seguindo uma ordem invariável. A casa de vila em Sparrow Lane, construída no século XVIII e com um só quarto, vivia menos atravancada depois que apenas duas filhas restavam dos oito filhos dos Tullys. Henry e Bessie, sua mulher, dormiam no quarto. Peg, a irmã mais velha, dormia na sala com o marido e os quatro filhos.

Pelo privilégio de dormirem num desvão da cozinha fechado por uma cortina, Maud e Myles eram os primeiros que se levantavam. Passavam a noite

abraçados e esperavam até o último instante, com o filho a dar furiosos pontapés já no sétimo mês de gravidez. Maud sentava-se no colchão e parecia ter apenas metade do seu tamanho, com os braços magros e os seios pequenos acentuados pela enormidade da barriga.

Vestiam-se em silêncio com os movimentos treinados de pessoas que moravam num pequeno espaço e acordavam quando ainda estava escuro.

Myles enrolava a roupa de cama no chão e a guardava embaixo da escada, enquanto ela ia para o quintal, iniciando as visitas à privada e à bomba de água do poço no frio da madrugada.

Um *breakfast* de carne de porco picada e batatas era comido por Bessie, Peg e Deirdre, a filha de Peg que já estava

trabalhando na fábrica.

Comiam com os olhos vermelhos de sono e num torpor matinal orquestrado por Henry Tully, que cozinhava a sua perpétua bebedeira com um bombardeio de roncos. O marido de Peg ficava também na cama com os três filhos restantes, todos encolhidos num só colchão.

Quando elas acabavam, Maud e Myles ocupavam a mesa para comer um dos dois ovos com que se regalavam todas as semanas. Um lanche de uma salsicha, uma batata, uma maçã e chá era arrumado na pequena bolsa de compras de Maud. Ela acendia a sua lanterna e os dois saíam para a escuridão, com a respiração a escapar como fumaça da boca de Maud.

Myles sempre levava a mulher até à fábrica, embora a forja só se fosse abrir

daí a duas horas. Passava o tempo fazendo algum trabalho extra ou ia para o escritório de Conor e estudava gaélico ou lia alguma coisa da coleção de obras sobre ferro fundido.

Pelas ruas do Bogside, brilhavam as lanternas das mulheres que se dirigiam numa triste procissão para a fábrica de Witherspoon & McNab e as outras, onde o trabalho começava pontualmente às seis horas. A sobrinha de Maud, Deirdre, que acabava de fazer onze anos, se encaminhava para o trabalho com centenas de outras crianças tragadas desde a infância pelas fauces negras das fábricas de Londonderry.

Myles passou o braço pelo corpo da mulher para atenuar o impacto do frio. Ia ser um dia particularmente difícil porque

a fábrica não tinha aquecimento salvo nos fogões das passadeiras, no terceiro andar, os quais ficavam muito longe para que se chegasse a sentir alguma coisa. O inverno agravava a crueldade de tudo. Maud raramente via a luz do sol exceto aos domingos. Acordava e voltava do trabalho na escuridão como um mineiro que trabalhasse acima do Círculo Ártico.

Estava tremendamente cansada, mas não queria entregar-se. O verão chegaria e haveria luz. Um ano e meio passaria depressa e eles deixariam para sempre o Bogside. Pararam diante da fábrica e olharam enquanto as portas engoliam a sua ração de carne humana. Os bicos de gás foram acesos lá dentro e o seu débil reflexo se coou através das janelas sujas, lançando na rua uma luz amarelada. Maud

subia para o sexto andar mais lentamente de dia para dia, cedendo relutantemente ao peso em seu estômago.

— Odeio esse lugar porque me rouba você e pelo que lhe faz.

Trabalharei como um louco até livrar você disso.

— Às vezes, Myles, tenho raiva de mim por querer você a qualquer preço e por estar usando você para me tirar de Derry.

— É só o seu estado que faz você falar assim. Isso passará como um pesadelo, Maud. Olhe para a frente, sim? Temos uma reunião da Liga esta noite, quando vai falar o Padre Pat. No domingo, vamos tomar o trem para Convoy para ver a forja que está à venda.

— Acha que o homem vai esperar até

que você esteja pronto?

— Prometeu esperar e, se não esperar, que é que tem? Há outras forjas para comprar.

Ela se preparou para entrar e Myles apertou-lhe os ombros.

— Tenho vinte e três anos de idade e nunca tive outra coisa na vida exceto o seu amor. Sem você, não sou nada. Com você, eu sou tudo.

— Siga seu caminho — disse ela, forçando um sorriso. — Lá em cima, as coisas não são tão ruins assim. Vou pensar em você o dia inteiro.

As moças riram ao passarem de ver Myles e Maud de mãos dadas e aos beijos, como faziam todas as manhãs. Até parecia que ainda se estavam namorando, embora ela já estivesse quase no oitavo

mês de gravidez. Myles quase não podia vê-la desaparecer naquele lugar sombrio.

Voltou-se imediatamente e sumiu dentro da escuridão. Deirdre correu para junto da tia. Maud levantou os olhos para o sexto andar e disse: — Vamos, minha querida. Vamos dar aos senhores a sua libra de carne.

Os homens do Conselho de Londonderry pensaram que Angus Witherspoon e Simon McNab estivessem um pouco desequilibrados quando revelaram os seus planos de montar uma fábrica de camisas em Abercorn Road. Estavam em 1870 e os dois imigrantes escoceses tinham prosperado muito. As camisas eram feitas graças a um conjunto de pequenas oficinas e trabalhos por

peças realizado principalmente em casa sob o título de “indústria artesanal”. Antes das leis de reforma os ardilosos homens utilizavam o trabalho dos orfanatos, dos asilos de velhos, das prisões e das escolas correcionais. Em 1870, a situação do linho nunca parecera melhor. O mercado mundial do algodão tinha caído e se desmantelara em consequência da Guerra Civil nos Estados Unidos e o linho estava em plena expansão.

A ideia de juntar todos esses pequenos elementos esparsos num grande edifício moderno planejado para a produção em massa fora revolucionária. Ainda mais revolucionário fora o próprio edifício. O que se ergueu sob os céus de Londonderry em 1873 foi um monólito de sete andares, a mais importante realização arquitetônica

que já se vira naquela parte da Irlanda. A estrutura só foi possível graças ao uso de grandes colunas de ferro fundido de tubos ocos. Cada um dos sete andares foi planejado como parte de um plano único de fazer camisas numa base de linha de montagem.

O andar térreo em Abercorn Road abria espaço aos escritórios da companhia. Logo atrás deles, à esquerda do edifício, ficava o departamento de recepção, onde o linho era descarregado. O lado direito era o lugar para onde as camisas desciam depois de prontas para serem despachadas. Havia assim nos fundos do edifício um constante movimento de carroções e grandes cocheiras.

As peças de linho branco e tingido

subiam para o sétimo andar por um elevador à esquerda que funcionava à mão por um sistema de corda e roldanas. No último andar do edifício, ficava a sala de corte, onde podia ser utilizada nas melhores condições a luz natural. Simon McNab, o gênio da produção na sociedade, projetou enormes mesas de corte e as chamadas “tesouras McNab” com lâminas de quarenta centímetros que podiam cortar sete camadas de linho e assim fazer sete peças com um só corte.

Os cortadores eram todos homens. Era mais difícil trabalhar com linho do que com algodão e havia necessidade de muita força para cortar o número mágico de sete camadas de linho. Quando sete jogos de mangas, bolsos, frentes e costas estavam cortados de acordo com os moldes, o

cortador embrulhava e rotulava tudo, marcando a cor, o tamanho e o estilo.

— Portadora! — gritava ele. — Embrulho!

Meninas de nove a quatorze anos de idade faziam uma fila constante a entrar e sair da sala de corte, cada qual com dois embrulhos debaixo dos braços, num total de quatorze camisas cortadas. Descendo por um elevador semelhante ao primeiro no lado direito do edifício, as meninas levavam os embrulhos para o sexto, para o quinto e para o quarto andar. Cada um desses andares continha uma bateria de duzentas máquinas de costura de pedal e um número muito menor de pregadores de botões.

Cada um dos embrulhos era entregue a uma das seiscentas máquinas que

estivesse precisando de serviço no momento e a menina voltava à sala de corte pelo elevador da esquerda num ciclo interminável de movimento.

As mulheres das máquinas de costura tiravam dos embrulhos os rótulos especiais. Um rótulo por camisa, um *penny* por camisa. Cosiam de três a cinco camisas por hora.

Os pregadores de botões em cada um desses andares pregavam então à mão os botões e cosiam os colarinhos. Eram operários de elite e ganhavam um salário fixo de uma libra e dois *shillings* por semana.

A camisa assim preparada seguia para o terceiro andar, onde era passada a ferro. Vinte e cinco fogões de carvão se espalhavam pela sala quadrada perto das

mesas de passar. Os folhos e pregas exigiam a mão de uma mulher no ferro. Eram mocinhas de quinze e dezesseis anos, promovidas da função de portadoras. Cinco aprendizes, futuros cortadores, mantinham o fogo aceso nos fogões. O terceiro andar de Witherspoon & McNab era um prelúdio do inferno, onde a resistência humana estava sempre a um passo da ruptura, no inverno ou no verão. As passadeiras ficavam na sua função durante um ano ou dois até que houvesse vaga numa máquina de costura em um dos andares superiores.

O segundo andar se destinava à rotulagem e embalagem das camisas e disso se encarregavam as velhas que não eram mais capazes de trabalhar dez horas nas máquinas. Podiam assim terminar seus

dias sem maiores distúrbios do corpo ou do espírito, mas ganhando apenas metade do que ganhavam anteriormente, onze *shillings* por semana.

No andar térreo, o produto pronto, cerca de trinta mil camisas por dia, era levado para as docas, para os depósitos, para a estação da estrada de ferro, para a remessa aos mercados da Irlanda, da Inglaterra e do mundo.

Quando Simon McNab projetou e executou a sua fábrica, levou em consideração todos os fatores, menos a circunstância de que as mil e cem mulheres, os trezentos homens e as duzentas crianças que trabalhariam nela seriam seres humanos.

Semanas depois, conseguiu melhorar o rendimento da linha de produção. Mas não

havia um sistema regular de manutenção, salvo no andar térreo, onde ficavam os diretores, os guarda-livros, os vendedores e os projetistas. Na fábrica, esperava-se que cada homem e cada mulher mantivesse limpa a sua área, o que era uma coisa impossível. Camadas de sujeira cobriam o chão, emporcalhavam as colunas e enegreciam as janelas.

Os cortadores estavam em melhor situação, pois as deles eram as únicas janelas que se limpavam desde que o uso da luz natural aumentava a produção. Nas outras janelas da fábrica, a sujeira era tanta que nada se podia ver do outro lado. Havia uma única privada em cada andar, para uso de duzentos trabalhadores, homens e mulheres. As privadas também não se limpavam e os encanamentos e as

pias se quebraram em pouco tempo, de modo que não havia também água corrente. O mau cheiro da urina e das fezes era tamanho que impregnava toda a área de trabalho, e havia homens e mulheres que se continham até quando não era mais possível só para não entrar nas privadas.

O projeto de MacNab nunca fez que a circulação da matéria-prima se processasse normalmente e, por isso, havia sempre grande quantidade de peças de linho amontoadas nos corredores, patamares e escadas, impedindo a passagem e agravando o atravancamento geral.

Dentro de um ano, as janelas estavam tão cobertas de sujeira que não havia circulação do ar e fiapos de linho e poeira

eram aspirados a cada inalação.

As salas de trabalho eram iluminadas por bicos de gás que nunca eram abertos de todo, por medida de economia, de modo que só havia uma luz cinzenta, insuficiente para um trabalho em que se apurava tanto a vista. A competição entre os contramestres dos três andares do trabalho por peças era violenta. O que conseguia maior produção era gratificado.

Os outros sofriam terríveis pressões dos diretores e eram forçados a exigir o máximo do seu pessoal.

Havia destroços humanos dentro de poucos anos. Dez horas de trabalho por dia, seis dias por semana numa máquina de pedal produziam tensões tremendas no corpo, e poucas mulheres se livravam de dores violentas nas costas e no pescoço,

ao mesmo tempo que sofriam irremediavelmente da vista. Tinham terríveis acessos de tosse em consequência da falta de ar puro e da aspiração de pó. A tuberculose flagelava o Bogside. A inchação reumática das juntas entrevava muitas pessoas durante os longos invernos úmidos e sem aquecimento.

O verão era pior. O calor dos fogões e dos ferros no terceiro andar elevava a temperatura naquele andar a quarenta e cinco graus, sendo a mesma transmitida aos andares superiores pelas colunas de ferro, transformando toda a fábrica numa verdadeira fornalha.

O barulho das máquinas, que prejudicava a audição de todos os operários, só parava durante vinte e cinco

minutos por dia, que eram o período do almoço. As escadas atravancadas não permitiam deixar a fábrica e as refeições eram feitas junto às máquinas.

Ainda assim, a situação era melhor do que nos velhos tempos, antes das leis de reforma, quando a maior parte dos operários provinha de fontes públicas, das prisões e dos orfanatos, em alguns casos, do trabalho em casa. Naquele tempo, os salários eram em média de seis pence por dia.

Quando precisavam de moças de fora, eram elas obrigadas a viver em dormitórios dentro da fábrica, só podendo sair de lá para ver as famílias aos domingos. De fato, as coisas tinham melhorado.

Maud chegou ao sexto andar, sofrendo a cada passo, e teve de apoiar-se no corrimão, ofegante, esperando que passasse a violenta palpitação que sentia no peito. Peg passou o braço pelo corpo dela e levou-a para trás de uma pilha de peças de linho.

— Estou bem, Peg.

— Está bem coisa nenhuma. Está com a pele em cima dos ossos. Esse é o seu primeiro filho e você tem de se cuidar mais. Vou conversar com Myles hoje à noite.

— Não vai fazer nada disso, Peg.

— Que é que há? Seu marido está trabalhando e ganhando dinheiro.

— Nós precisamos do dinheiro, senão nunca sairemos daqui.

— Pouco lhe vai adiantar o dinheiro

se com isso você se matar.

— Não fale com Myles.

— Vou falar, sim.

— Prometo que sairei daqui dentro de poucas semanas.

Passou pela irmã e entrou na sala de trabalho. Sentiu a vista turva.

Duzentas mulheres... duzentas máquinas. A luz do gás tão baixa que quase não se enxergavam as coisas. Encaminhou-se devagar para a cadeira diante da máquina, como já fizera mais de duas mil vezes... Agora, serão poucas vezes mais até o bebê chegar... O contramestre passava entre as máquinas na sua habitual conversa do início do trabalho. O sexto andar tinha caído de produção em relação aos outros dois andares naquela semana. Seriam feitas

modificações radicais se não tratassem de trabalhar mais! Maud abotoou o suéter, pois estava sentindo frio. Dentro em pouco, chegaria algum calor pelas colunas, vindo do terceiro andar. Felizmente, ela trabalhava perto de uma das colunas. Seria bem melhor que não tivesse que trabalhar perto dela no verão também.

Os dedos tinham sido cortados das luvas de lã para que fosse possível ter as mãos quentese, ao mesmo tempo, trabalhar com a máquina.

Havia um embrulho de sete camisas ao lado de sua máquina. Cortou o cordão e tirou os rótulos, que guardou no bolso do avental. Sete pence por sete camisas. Sete pence para a liberdade. Sete pence mais para comprar a forja em Convoy.

Trabalhar no sexto andar não era tão ruim assim. O pior era ter de subir aquela escada interminável. O frio do inverno era mais que compensado pelo fato de que, durante o verão, o calor do terceiro andar não chegava ali com toda a sua força. Peg trabalhava na máquina ao lado dela e Deirdre era portadora entre a sala de corte e o andar delas.

Pobre Deirdre... Dentro de alguns meses, estaria começando os seus terríveis dois anos como passadeira no terceiro andar. Depois disso, passaria a ganhar um *penny* por camisa. Sua sobrinha, Deirdre, e sua mãe, Bessie, a velha e a moça. Bessie era uma mulher já alquebrada aos quarenta e quatro anos, e acabava os seus dias, trabalhando na embalagem, no segundo andar.

Deirdre apareceu entre Maud e Peg e entregou um embrulho à mãe.

— O sol já nasceu — disse ela. — Parece que vai fazer um dia bonito.

Talvez possamos ir almoçar no terraço.

Depois desse pensamento agradável, ouviu-se soar estridentemente o apito das seis horas.

Depois de uma hora de dores e do desconforto do trabalho, Maud pensou no almoço, no filho, no barulho, na confusão e se esqueceu de tudo. Maud estava no Donegal, em Convoy, onde as colinas ondulavam suavemente. Estava à porta da oficina de Myles, com um filho nos braços e outro agarrado às suas saias. Myles, suarento e sujo de fuligem, interrompia o trabalho, sorria para ela, lavava o rosto e

as mãos antes de beijá-la e então os dois iam abraçados, como sempre faziam, até à grande árvore entre a forja e a casinha deles, onde o almoço já estava na mesa...

Angus Witherspoon, o encarregado da parte comercial da firma, sentia uma redução no mercado do linho enquanto o algodão se recuperava. Ele e Simon McNab eram velhos, não tinham herdeiros diretos e dispunham de mais dinheiro do que poderiam gastar enquanto vivessem. Quando um comprador qualificado apareceu na pessoa do Conde de Foyle, era evidente que estava na hora de se aposentarem.

MacAdam Rankin, representante de Lorde Arthur Hubble, encarregou um respeitável escritório de arquitetura de

examinar os bens materiais e os arquitetos apresentaram uma lista de falhas gritantes. Essa lista forneceu a Rankin uma boa arma para as negociações. Argumentou que um mínimo de duzentas mil libras seria necessário para colocar a fábrica em condições. Contrariando a alegação de que o edifício era à prova de fogo, os arquitetos afirmaram que as colunas de ferro ficariam superaquecidas em caso de incêndio e, se recebessem jatos de água nessas condições, se romperiam. Isso poderia causar o desmoronamento de todo o prédio.

Além de uma estrutura de aço para substituir algumas das vigas, haveria necessidade de um sistema de chuveiros automáticos e de saídas de incêndio. Por outro lado, devia ser construído um

depósito adicional para impedir o atravancamento das passagens com material. Por fim, era necessária uma renovação completa, com a substituição de quase todas as janelas por sistemas de ventilação e aquecimento e com a remodelação das cadeiras das mulheres, tudo isso no intuito de conseguir o máximo de produção.

MacAdam Rankin fez uso de tudo isso com muita habilidade durante as negociações para fazer cair o preço da fábrica. Logo Witherspoon e McNab fecharam o negócio e vendera, as propostas dos arquitetos foram arquivadas e nunca mais se falou nisso. O velho edifício continuou tão sombrio quanto dantes, ficando de ano para ano mais imundo e mais perigoso.

Quando Rankin saiu de cena e Lorde Roger assumiu o controle, o linho estava de novo em alta e a fábrica, em plena produção. Fez uma única inspeção do edifício e nunca mais passou do andar térreo. Com o seu controle das plantações e das fábricas de linho, a fábrica de camisas começou a produzir lucros enormes, cerca de meio milhão de libras por ano, e foi esse dinheiro que em grande parte financiou os empreendimentos de Lorde Roger em ferrovias, navios e outras atividades. De vez em quando, falava-se na remodelação do edifício, mas tudo não passava daí. Nada foi feito sob a alegação de que o linho podia baixar novamente de preço. Tornou-se uma política básica das Empresas Foyle explorar a fábrica de camisas até fazê-la secar.

Afastada a ideia de remodelar o velho edifício ou de construir um novo, o grande problema era manter a distância os organizadores sindicais. Maxwell Swan tinha mostrado a sua eficiência nesses assuntos em relação às Oficinas Weed em Belfast. Depois de estabelecer pessoalmente uma rede de espionagem na fábrica, designou seu primeiro assistente, Kermit Devine, para ficar em Londonderry com Lorde Hubble.

Embora Devine fosse católico, era havia trinta anos um servidor leal da Coroa quando Swan o comprou do Castelo de Dublin.

O sistema de espionagem de Devine não era apenas igual ao das Oficinas Weed. Conseguiu ele organizar um esquadrão de ação especial fanaticamente

leal ao Conde. Esse esquadrão estava constantemente pronto a aplicar as suas práticas de esmagamento das atividades sindicais em qualquer nível, em qualquer missão, em qualquer tempo. Apesar disso, a paz trabalhista em Witherspoon & McNab foi sempre provisória. A fábrica era quase totalmente católica, muito diferente do operariado leal que havia nos domínios de Sir Frederick em Belfast, e a vigilância contra a anarquia tinha de ser constante.

Lorde Roger chegou às Empresas Foyle precisamente às nove horas. A mansão georgiana de Abercorn Road ficava a uma quadra da fábrica de camisas e podia ser vista das janelas mais altas. Ir ao escritório era muito divertido naquela

época, pois seu sogro tinha sempre um novo brinquedo impressionante para apresentar.

Desde alguns anos, havia na Inglaterra um dilema a respeito do telefone. A companhia nacional era de propriedade particular e o poder público a considerava uma ameaça ao sistema telegráfico, que constituía um monopólio do Estado sob a administração da Repartição Geral dos Correios. Enquanto o Parlamento discutia a questão e as comissões de inquérito entravam em ação, o desenvolvimento dos telefones era prejudicado. Faltavam linhas novas nas cidades em toda parte e os fios estendidos de casa para casa eram desgraciosos e insuficientes, mas o governo relutava em permitir o estabelecimento de cabos

subterrâneos.

Os pedidos de linhas telefônicas entre as cidades também eram negados.

Sir Frederick entusiasmou-se pelo telefone desde o primeiro momento e contribuiu consideravelmente para a subsidiária no Ulster da companhia nacional, que estabeleceu a primeira mesa telefônica de Belfast para os assinantes locais. Era mais fácil manobrar as coisas da Inglaterra e, depois de anos de lutas, Sir Frederick pôde estender uma linha de Belfast a Londonderry, seguindo o traçado da estrada de ferro.

O sistema interurbano no Ulster começou numa mesa telefônica nas Oficinas Weed e terminou nas Empresas Foyle, o que foi outra realização do dinâmico Sir Frederick.

Lorde Roger ia ao seu escritório duas vezes por semana, às segundas e às sextas, para abrir e encerrar os negócios da semana. Deplorava que o absenteísmo do tempo de seu pai houvesse abandonado tudo nas mãos de subordinados, determinando conseqüentemente uma deterioração dos bens.

Com o seu assistente pessoal, Ralph Hastings, Kermit Devine estava constantemente ao lado de Roger e servia diariamente de correio para a Mansão. Devine não chegava à categoria de um Swan, mas conhecia intimamente as coisas que os sindicatos procuravam perturbar. Era um homem de quase sessenta anos e de uma lealdade absoluta. O seu esquadrão executava a parte desagradável de espancamentos, raptos,

ou o que fosse necessário para manter a paz trabalhista.

Depois da ronda matinal das reuniões com os diretores das fábricas e usinas, das ferrovias e das empresas de navegação, bem como com os solicitadores, o brinquedo entrava em ação. Lorde Roger conversava extensamente com Sir Frederick duas vezes por semana, em geral ao meio-dia. Além disso, Caroline e as crianças vinham às vezes a Londonderry para falar com o avô. Era uma coisa admirável o telefone!

Naquela sexta-feira, faltavam dez minutos para o meio-dia quando Lorde Roger telefonou. Foi precisamente nessa hora que o incêndio começou.

Terry Devlin acabava de fazer

dezesesseis anos e completara cinco anos de trabalho como aprendiz no terceiro andar. Estava no ponto mais alto da sua escala de salários, pois ganhava nove *shillings* por semana e era o primeiro na fila para passar para a sala de corte. Seria um dia maravilhoso, que marcaria a sua passagem para a virilidade. Teria um emprego, essa coisa rara no Bogside, a poderia começar a beber nos bares com um *shilling* ou dois nos bolsos. Terry trabalhava entre as mocinhas, as passadeiras que eram mais ou menos de sua idade. Tinha tido desejos secretos por algumas delas, mas não estava em condições de externar seus sentimentos. Antes que ele pudesse realmente fazer amizade com alguma, ela era transferida para as máquinas de costura. Sendo

cortador, ele poderia começar a namorar, se quisesse.

O trabalho tinha sido longo e cruel e ele chegara a pensar durante o verão que não resistiria ao calor, mas tudo tinha valido a pena, pois agora estava na iminência de ser promovido. O seu trabalho no terceiro andar antes do meio-dia era limpar as cinzas dos fogões onde se aqueciam os ferros e ir jogá-las nos depósitos do lado de fora. Terry Devlin abaixou-se diante de cada um dos fogões confiados aos seus cuidados, abriu a porta abaixo da grelha, jogou as cinzas com uma pá em dois baldes. Quando os baldes ficaram cheios e muito pesados, saiu com eles da sala das passadeiras.

Procurou prontamente ajustar a vista à súbita escuridão, pois a luz do gás no

corredor era sempre bloqueada por enormes pilhas de caixas de camisas. Naquele dia, quase não havia espaço para passar. Sentiu uma ponta de medo. Na escuridão, era difícil ver o poço do elevador, que não tinha nem porta, nem grade. Várias pessoas já tinham caído nele e morrido, inclusive seu melhor amigo. Outros tinham sido imprensados entre a abertura do poço e o elevador que descia.

Começou a caminhar com todo o cuidado, mas bateu com o pé numa caixa de camisas que não vira, tropeçou e derramou o conteúdo dos dois baldes.

A sua primeira ideia foi ter sujado as camisas. Que devia fazer?

Limpar as cinzas das camisas e sair dali sem que ninguém o visse? Tentar

aumentar um bico de gás para ver melhor?  
Não, alguém poderia vê-lo.

Abrir a porta da sala das passadeiras?  
Aí então seria visto na certa e perderia a  
sua promoção a cortador...

Ficou um instante ali parado, trêmulo  
de medo e mordendo os dedos.

Arregalou os olhos ao ver uma brasa  
que ainda não virara cinza queimando uma  
pilha de camisas. O círculo vermelho do  
pano aumentou e um pouco de fumaça  
começou a subir dele. Correu por entre as  
pilhas de caixas de camisas e foi até uma  
prateleira perto do lavatório, onde havia  
um balde de água guardado para essas  
emergências. O balde estava vazio e com  
o fundo apodrecido. O rapaz ficou  
inteiramente confuso. Saiu correndo sem  
direção certa, mas as caixas de camisas

caíram sobre ele.

Estendeu as mãos para afastá-las, recuando um pouco e escorregou na borda do poço do elevador. Terry Devlin mergulhou no poço, dando um grito de pavor, mas o seu grito não foi ouvido, pois nesse instante soou o apito do meio-dia.

Peg e Maud deixaram as suas máquinas no momento do apito e Deirdre se juntou a elas. Se tivessem sorte e não houvesse muita coisa nas escadas, poderiam chegar ao terraço em quatro minutos. Levariam outros quatro minutos para voltar e poderiam, portanto, ficar dezessete minutos lá em cima.

Os cortadores no último andar deixavam o terraço para as moças nos dias de bom tempo. Tinha a vantagem de

trabalhar com luz natural e ventilação. Tantas moças procuravam subir pelas quatro escadas de ferro através da porta de alçapão, que seria injusto aumentar a confusão, a não ser que se estivesse namorando alguma pequena e então aproveitariam alguns minutos juntos.

Cada mulher teve uma exclamação de prazer quando chegou à luz e ao ar do terraço. Dentro em pouco, havia ali sessenta ou setenta mulheres, conversando, comendo o seu almoço e olhando e bela vista da curva do rio que se descortinava dali.

Só Maud McCracken olhava para o Bogside. Dali podia quase ver a forja em Lone Moor Road. Graças a Deus, a semana já estava quase no fim.

No domingo, tomariam o trem para

Convoy, onde veriam a nova forja.

Pensou toda contente na sua saída. A semana tinha sido muito difícil e não iria melhorar. Quase não tinha podido subir as escadas de manhã e, ao meio-dia, estava a ponto de perder os sentidos. Peg tinha razão. Ela devia parar. Iria agravar as preocupações de Myles se desmaiasse e tivesse de sair dali carregada. Seria ótimo se ela acordasse na segunda-feira e não tivesse mais de voltar até o filho nascer.

— Peg — disse ela impulsivamente — talvez amanhã seja meu último dia aqui.

A irmã sorriu e lhe bateu na mão.

Durante os últimos quinze minutos da sua ligação com Belfast, Lorde Roger foi interrompido por alguma agitação ou outra do lado de fora. Tudo começara com o

apito do meio-dia. O seu escritório ficava nos fundos e ele não podia ver o que estava acontecendo. A comunicação telefônica falhava de vez em quando e isso lhe aumentava a irritação. Vinte e cinco minutos depois do meio-dia, qualquer intenção de continuar a conversa foi cortada pelo barulho dos carros dos bombeiros a correr por Abercorn Road. Disse a Sir Frederick que falaria depois que as coisas se tivessem acalmado e desligou.

Nesse momento, Kermit Devine abriu a porta e entrou.

— Que é que está havendo lá fora, Devine?

— Um incêndio na fábrica — disse Devine, abrindo as portas da sala de conferências, de onde se podia ver uma

boa extensão de Abercorn Road, inclusive o edifício de Witherspoon & McNab.

Carros de mangueiras e carros com substâncias químicas, puxados por cavalos, chegavam de direções diferentes, logo seguidos pelos carros com escadas e pelas máquinas a vapor. Pelos dois portões da fábrica saía um fluxo contínuo de gente, que a polícia, que acabava de chegar, começou a regular e encaminhar.

— Não parece muito grave — disse Roger, apontando uma espiral de fumaça que saía do terceiro andar.

— No terraço, *m'lord!* Veja!

— Meu Deus! — exclamou Roger, agarrando-se às cortinas. Sentiu a vista turva, mas prontamente recuperou o controle. Havia mulheres lá em cima que gritavam. Se acontecesse mesmo alguma

coisa séria, seria uma calamidade. Tinha de pensar nas soluções. Não era possível perder a cabeça numa hora assim.

— Devine, vamos pensar em tudo o que podemos fazer.

— Sem dúvida.

— Os seus homens estão à mão?

— Estão.

— Muito bem. Podemos ter de realizar algumas missões especiais, se esse incêndio não for dominado imediatamente. Deve lembrar-se de que já tivemos alguns problemas desagradáveis com Kevin O'Garvey por causa daquele prédio.

— Lembro-me, sim. Felizmente, O'Garvey neste momento está em Londres.

— Graças a Deus! Quero que você

desça, fale com o comandante dos bombeiros e procure ter um quadro da situação tão completo e exato quanto possível. No caminho, fale com a telefonista para me ligar com Sir Frederick. A linha deve ficar aberta até que ele seja encontrado.

Devine saiu. Roger viu a coluna de fumaça do terceiro andar engrossar, ao mesmo tempo que mais gente continuava a evacuar o prédio. Olhou para o terraço e a ideia de Kevin O'Garvey lhe pareceu ainda mais cheia de possibilidades sinistras. Se houvesse mortos no incêndio, Kevin O'Garvey iria abrir a boca no mundo e dessa vez os resultados seriam catastróficos. Arrependia-se de não ter seguido a sugestão de Swan e de não se ter desembaraçado de O'Garvey quando

havia essa possibilidade.

Agora, era muito tarde. Se O'Garvey não fosse interceptado e liquidado, revelaria tudo sobre a velha transação. Do contrário, poderia até ser acusado de homicídio. Os reformistas dominavam o Parlamento e o escândalo seria estrondoso... Todos eles seriam arrastados para o banco dos réus.

Quando as primeiras labaredas surgiram no edifício, Roger voltou para o escritório e pegou o fone.

— E meu telefonema para Sir Frederick?

— Desculpe, *m'lord*, mas há muita confusão por aqui.

O velho Ben Haggart, antigo contramestre dos cortadores, passou pela porta de alçapão que dava para o terraço

com alguns homens logo que os primeiros rolos de fumaça começaram a dançar lá em cima.

— Moças! Moças! — gritou ele e logo levantou as mãos para impedir uma torrente de perguntas. — Tenham a bondade de descer calmamente.

Parece que há um princípio de incêndio no terceiro andar. Os bombeiros já chegaram e tudo deve acabar dentro de alguns minutos. Não há perigo de espécie alguma.

Houve um grande murmúrio de satisfação, mas ele pediu de novo silêncio.

— Vamos fazer uma evacuação em ordem. Não adianta nada empurrar e querer passar à frente. Acima de tudo, nada de pânico. Meus homens têm

lanternas e levarão todas para baixo. Devem estar na rua dentro de dez minutos. Façam fila e vão descendo.

Enquanto Ben Haggart falava, Maud foi a única que penetrou o disfarce da calma do homem e compreendeu a catástrofe iminente.

Talvez tudo fosse um sonho, mas naquele momento ela soube que ia morrer. Enquanto Ben falava, ela levou Deirdre para junto da escada, que era o caminho possível da fuga. A pobre Deirdre era uma imagem do que ela fora oito anos antes. Deirdre nunca tivera na vida um momento de alegria e, se alguém tinha de fugir, era ela. Maud tivera alguns bons momentos, a chispa de esperança da Liga Gaélica, alguns casos com alguns rapazes, um toque de riso de vez em quando. Com

Myles, tinha havido noites de encanto mágico, não só por ele, como pelo sonho que tinham em comum.

Deirdre não tinha tido nada.

Ben Haggart muito se esforçara para manter a ordem e, com a ajuda de seus homens, começou a descer a escada. Maud deu um empurrão na sobrinha.

— Desça, querida. Vou esperar um pouco. Com esta barriga assim, sei que vou atrapalhar todo o mundo.

— Vou esperar aqui ao seu lado, Tia Maud — disse a menina.

Maud bateu-lhe com força no rosto.

— Faça o que estou mandando!

— Não ouviu sua tia? — disse a mãe dela. — Desça que eu vou ficar aqui esperando com ela.

— Por que foi que me bateu?

— Desça!

Peg segurou a mão da irmã e as duas desapareceram no terraço. O

barulho lá em baixo aumentou quando uma rajada de vento veio do rio e soprou um funil de fumaça sobre o terraço.

Roger andava desesperadamente entre a sala de conferências e seu escritório, vendo as chamas se alastrarem pelo edifício rapidamente, sem que nada as impedisse. Pegou o telefone inúmeras vezes, sem conseguir ligação. A algazarra lá fora aumentara. Afinal, Kermit Devine reapareceu.

— Infelizmente, a situação não é nada boa.

— Pode falar.

— Tanto quanto pude saber, o fogo começou num dos andares inferiores e

está-se alastrando pelos poços dos elevadores e pelas escadas.

— E as mulheres do terraço? Quantas estão lá?

— Não sabemos. Duas perderam a cabeça e saltaram. Os bombeiros prepararam as suas redes, mas elas foram espatifar-se no chão.

— Meu Deus! Esse chefe dos bombeiros é um incompetente ou o que é? Por que não coloca as escadas?

— Elas só vão até o quarto andar.

Roger controlou-se da melhor maneira possível. Nesse momento, o assistente de Roger, Ralph Hastings, apareceu.

— Não quero alarmá-lo, *m'lord*, mas os bombeiros sugeriram que evacuássemos este prédio. Não há perigo imediato, mas convém não facilitar.

— Está bem, Hastings. Tome todas as providências. Ainda vou ficar um pouco...

— Desculpe, *m'lord*, mas tenho de insistir...

— Vá-se embora, Hastings! — gritou Roger, empurrando o homem para fora e fechando a porta. Voltou então para a sua mesa na mais completa calma.

— Quais são suas ideias, Devine?

— Meus homens estão de sobreaviso, aguardando suas instruções. Já mandei um deles ao comandante da área, solicitando a remessa de tropas para a Mansão, para a proteção da Condessa e de seus filhos.

Roger fez um sinal de assentimento.

— Solicitei também que o restante das tropas de Londonderry e Donegal fique de prontidão para bloquear o Bogside, no caso de uma desordem civil. A chave de

tudo é O'Garvey. Se ele estivesse aqui, meus homens fariam o serviço.

— Vamos ter de impedir que a notícia do incêndio saia de Londonderry até que eu possa falar com Sir Frederick. Quero que todas as linhas telegráficas deixem de funcionar no Correio Geral e que todo o movimento de trens cesse. Pode conseguir isso, Devine?

— Posso.

— Muito bem.

Quando Kermit Devine saiu, Roger voltou à sala de conferências e viu todo o edifício explodir em chamas!

Deirdre voltou para o terraço, gritando pela mãe e pela tia. Metade das mulheres estavam de joelhos, chorando e rezando, e as outras corriam de um lado para outro, gritando histericamente.

Enquanto os rolos de fumaça enegreciam o céu, o calor das chamas que se aproximavam transformava o terraço numa verdadeira grelha.

Maud abraçou a sobrinha, que contou uma história semicoerente, segundo a qual algumas mulheres tinha passado, mas depois as escadas se desmoronaram, fazendo as outras voltarem. O desespero dominou tudo quando as primeiras chamas apareceram no terraço e começaram a acuá-las num canto. Peg gritava e corria, tentando apagar as chamas mais próximas, num desespero total. Uma língua de fogo atingiu-lhe a saia, e, num acesso de horror, ela se jogou do terraço. Maud desviou da cena os olhos de Deirdre.

“Ave Maria”, disse ela, caindo de joelhos, “bendita sois vós entre as

mulheres... Rogai por nós agora e na hora da nossa morte”.

Roger tossiu quando a fumaça lhe chegou ao nariz. Gritou pelo telefone, sem resultado. Podia já sentir o calor que se aproximava. Tirou o paletó e afrouxou o colarinho. Teve a ideia de desistir do telefonema, mas compreendeu que isso poderia ser o fim deles todos.

— Alô! Alô! — gritou uma voz fraca mas agradável como se quisesse fazer-se ouvir por toda a extensão do Ulster.

— Graças a Deus, Freddie! Quem está na mesa?

— Eu, Devine.

— Foi bom você ter telefonado de novo, Roger...

— Estamos numa grave emergência.

Escute com todo o cuidado.

— Pode falar.

— A fábrica de camisas pegou fogo.

Ouviu bem?

— Ouvi. Continue.

— Deve haver muitas mortes. Você bem sabe qual a reação que pode haver.

— Escute, Roger! Quero que tire daí imediatamente Caroline e as crianças.

— Nada disso. Não estamos correndo nenhum perigo pessoal. Uma unidade militar está na Mansão para protegê-la dentro de uma hora. O que me preocupa é Kevin O'Garvey. Está-me compreendendo, Freddie?

— Ê mesmo... Tem toda a razão!

— Exatamente. Uma vez, ele quase quebrou o silêncio a nosso respeito. Depois disso, pode até derrubar-nos. Alô,

Freddie... Alô! Ele está em Londres agora...

— Compreendo perfeitamente o que quer dizer, Roger. Estamos com sorte, pois o Brigadeiro também está em Londres. Mas, ainda que tudo corra bem desse lado, levaremos algumas horas para conseguir falar com Swan. Até lá, todo o mundo já deve ter tido notícia do incêndio.

A ligação caiu enquanto uma lufada de ar quente fez estremecer as vidraças, seguida por uma nuvem de fumaça. Roger ficou meio cego e banhado de suor. Teve então, um acesso de tosse.

— Alô, Roger. Alô!

— Sim, estou ouvindo, Freddie. Todas as linhas telegráficas e telefônicas, bem como todos os trens de Londonderry

deixaram de funcionar. Teremos provavelmente tempo até amanhã de manhã.

— Já estou tomando providências. Acho que deve levar Caroline e as crianças para o pavilhão...

A linha foi interrompida, mas Roger continuou a falar. Nesse momento, Hastings reapareceu.

— Tem de sair daqui imediatamente, Lorde Roger!

Agarrou Roger e levou-o para fora do escritório.

Quando chegou ao patamar, Roger deu uma ordem a Devine para deixar a mesa telefônica e desligar todas as linhas. Saíram então os três para a rua.

A fábrica de Witherspoon & McNab estava inteiramente perdida e era

consumida como uma gigantesca pira.

Conor Larkin e Myles McCracken chegaram ao cordão de isolamento estabelecido pela polícia quando uma chuva de corpos caía do terraço.

Nesse instante, a água das mangueiras que tinham chegado ao terceiro andar atingiram as colunas de ferro fundido, as quais se despedaçaram, uma por uma. A princípio lentamente, o prédio retorceu-se e tremeu. Depois, os pavimentos se romperam e se racharam como num terremoto e os andares rolaram uns sobre os outros, numa avalanche.

# 15

O Brigadeiro Maxwell Swan tinha fichas completas e atualizadas de seus inimigos, dos inimigos potenciais, dos anarquistas e dos competidores. Isso era tão natural para ele quanto respirar. Os anos que passara combatendo a insurreição é que o tinham tornado tão valioso para Sir Frederick. Os movimentos diários, os hábitos e os traços pessoais de uma pessoa tão importante quanto Kevin O'Garvey, tudo isso estava devidamente arquivado não só em fichas, mas também na cabeça de Swan.

Quando Sir Frederick falara com ele, tinha parecido um golpe de sorte que tanto ele quanto O'Garvey estivessem em

Londres e que Lorde Roger tivesse tido a presença de espírito de impedir que as notícias do incêndio saíssem de Londonderry.

Swan dispunha de algumas pessoas em Londres a quem podia recorrer num caso de emergência. Alguns desses homens eram ex-oficiais e espiões. Outros eram católicos irlandeses que tinham trabalhado para ele em operações secretas no Castelo de Dublin e depois tinham atravessado o mar e estavam em boa situação na Inglaterra. Esses homens estavam em dívida para com ele. Swan começou a trabalhar no mesmo instante para encontrar os homens que lhe convinham.

Seis horas depois de ter recebido a informação de Sir Frederick, Swan

chegava ao seu endereço em Londres, o Clube Colonial, onde o gerente Tompkins recebeu-o no vestíbulo.

— Boa noite, Brigadeiro — disse Tompkins, no sussurro que era a regra do clube, ao mesmo tempo que lhe tomava o chapéu alto, a capa e a bengala. Já soube da notícia?

— Não. Estive muito ocupado.

— Um incêndio terrível em Londonderry. Teme-se que haja muitos mortos. Se não estou enganado, foi numa das fábricas de Lorde Hubble.

— Horrível isso — murmurou Swan.

— Sir Frederick tentou falar com o senhor pelo telefone há quarenta minutos. Tomei a liberdade de verificar a hora da sua mesa reservada para o jantar e combinei uma ligação para essa hora.

— Muito bem, Tompkins. Vou tomar o meu xerez na Sala dos Oficiais e atenderei ao telefone de lá.

— Muito bem, Brigadeiro.

Swan, que não tinha muitos amigos mesmo no seu círculo de oficiais, acomodou-se na sua poltrona habitual por trás de uma coluna e abriu os jornais do dia, à espera do telefonema.

— Alô, Freddie. Fala Max.

— Alguma novidade em Londres? — perguntou Weed.

— Estão dizendo que houve um incêndio em Londonderry. As primeiras notícias chegaram há coisa de meia hora. Foi grave?

— Sem dúvida alguma. Algumas dezenas de mortos, creio. Só se saberá a extensão do sinistro dentro de um dia ou

dois.

— Horrível!

— Pôde cumprir sua missão, Max?

— Sim, tudo correu extremamente bem. As negociações se desenvolveram sem o menor contratempo. A transação está fechada e selada. Compareci pessoalmente à reunião de encerramento.

— Ótimo. Como vai a temporada teatral?

## CONHECIDO PARLAMENTAR IRLANDÊS DESAPARECE

(Londres, 5 de dezembro de 1899 — Reuters) A Scotland Yard comunica que o Sr. Kevin O'Garvey, deputado pelo Partido Irlandês, por Donegal Leste, está desaparecido há quatro dias de sua residência em Londres, em Jamaica Road,

Southwark. A polícia, atendendo a um pedido de assistência da Sra. Midge Murphy, proprietária da casa onde ele mora, procedeu a uma investigação completa de todas as pessoas que o conheciam, dos lugares que costumava frequentar e da sua residência em Londonderry, não tendo obtido quaisquer indícios ou apurado quaisquer motivos para o desaparecimento.

O'Garvey foi visto pela última vez no bar de Clancy, em Neptune Road, Southwark, cuja freguesia é formada principalmente por estivadores, trabalhadores sazonais e imigrantes irlandeses. O Sr.

O'Garvey era bem conhecido no estabelecimento, aparecendo ali várias vezes por semana a fim de assistir os seus

constituintes irlandeses. O Sr.

Enda Clancy, proprietário do bar, viu O'Garvey sair de lá aproximadamente às seis horas da tarde em companhia de um homem jovem que o fora procurar. Essa pessoa não era conhecida no estabelecimento, mas, pela sua fala e pelas suas maneiras, Clancy e os outros chegaram à conclusão de que se tratava de um homem de origem irlandesa. Entretanto, o tempo decorrido entre a sua chegada e a sua saída foi tão breve, que uma descrição mais precisa do mesmo era impossível.

Respondendo às perguntas do Inspetor Arnold Sheperd, da Scotland Yard, Clancy declarou que nada vira de anormal no fato. “Kevin O'Garvey era quase como um padre ou um médico”, disse ele.

“Estava sempre atendendo a chamados de emergência”. Isso foi confirmado pela Sra.

Murphy, que depôs sobre as frequentes idas e vindas de O’Garvey para atender aos que dele precisavam.

Quando foi interrogada sobre a saúde e o comportamento de O’Garvey nos últimos tempos, afirmou ela que “nada de anormal fora notado”. O’Garvey era extremamente metódico, disse o Inspetor.

Atravessava em geral o Parque de Southwark entre o bar e sua casa, mas “uma completa busca no parque nada revelou”, afirmou ainda o Inspetor Sheperd.

O’Garvey foi eleito pela primeira vez para o Parlamento há quinze anos na grande eleição de Pamell e é conhecido

pelas suas atividades “republicanas” na Irlanda. Sheperd acrescentou: “A sua longa história de tendências fenianas é bem conhecida e isso lhe poderia granjear inúmeros inimigos. Era facilmente acessível e, portanto, a hipótese de alguma ação criminosa não está fora de cogitações”.

Lorde Roger e Sir Frederick puseram as suas forças em ação integralmente. Queriam um inquérito rápido e definitivo, tão abafado quanto fosse possível, embora a imprensa inglesa tivesse mandado uma pequena multidão de repórteres para Londonderry. Eram muitos os rumores de que o incêndio fora obra dos fenianos ou dos anarquistas, tese essa que foi prontamente veiculada pelos jornalistas.

Começando a trabalhar com a devida pompa e solenidade, a comissão de inquérito examinou as leis relativas a incêndios, segurança e trabalho, chegando à conclusão de que nenhuma delas fora violada. Um desfile espetacular de “peritos” testemunhou que o edifício não poderia ter-se incendiado senão pela ação de incendiários, o que veio corroborar a hipótese da intervenção dos fenianos ou dos anarquistas para a imprensa ansiosa. Além disso, quase todos os mortos estavam no terraço e o acesso àquele local era proibido por uma regra de segurança da companhia.

Nenhum dos peritos teve as suas afirmações discutidas de maneira significativa e as pessoas que trabalhavam na fábrica não foram consideradas

autoridades ou peritas em matéria de incêndios e não tiveram permissão para depor sobre questões que foram afastadas como irrelevantes. A conclusão ao fim do primeiro dia foi que o prédio era absolutamente seguro e protegido contra incêndios em condições normais no dia em que ardeu por completo. Ninguém disse porque as mulheres corriam para o terraço na hora do almoço, nem se discutiu se alguém sabia da existência da tal regra de segurança.

No começo do segundo dia do inquérito, a comissão teve a surpresa da presença do comandante da polícia, que pediu permissão para interromper os trabalhos e ler uma confissão assinada pelo incendiário.

Tratava-se de um tal Martin Mulligan,

“conhecido feniano e republicano”, que assinara a sua confissão perante três testemunhas na sua cela na prisão de Londonderry. Infeizmente, comunicava o chefe, acabavam de descobrir o corpo de Mulligan. Suicidara-se, evidentemente enforcando-se com o seu cinto, logo depois de assinar a confissão.

Numa manifestação de espantosa eficiência, a confissão foi confirmada por uma bateria de testemunhas, que afirmaram que Mulligan trabalhara durante pouco tempo na fábrica, tendo sido despedido por embriaguez. Mais tarde, fora ouvido em vários bares quando fizera a ameaça de um dia tocar fogo na fábrica. Tinha-se também gabado publicamente de numerosas proezas fenianas e republicanas de natureza ilegal.

O que ninguém disse foi que Martin Mulligan era conhecido como um velho idiota inofensivo, que nunca fora visto a não ser em estado de embriaguez e que frequentemente se apresentava voluntariamente à polícia para passar uma ou duas noites na cadeia, antes de voltar à sua verdadeira profissão de vagabundo. Não houve uma só testemunha que falasse das inúmeras outras fantasias do velho Mulligan, como era natural nas divagações de um alcoólatra inveterado. Ninguém disse tê-lo visto nas vizinhanças da fábrica no dia do incêndio, nem se incomodou em explicar por que o fogo não fora ateado à noite. Ninguém disse que ele, em vez de cinto, usava suspensórios e que o seu suicídio era muito discutível.

Entretanto, apesar de todas essas falhas e fragilidades, não houve pessoa alguma que tentasse dar ao menos um pouco de verossimilhança a todo o caso. Kevin O'Garvey, o campeão do Bogside, estava ausente. Se ele estivesse ali, a farsa não teria chegado ao fim, pois ele dispunha de muitas provas contra o prédio e grande conhecimento de tramóias daquele gênero para tolerar aquela caricatura de justiça. Mas ninguém sabia onde estava Kevin O'Garvey.

Tudo foi concluído quando três homens depuseram sob juramento que tinham ouvido Mulligan fazer a confissão. Dois homens que ouviram foram o comandante da polícia e um homem que era advogado dos Hubbles e fazia parte do Conselho de Londonderry. Embora

esses dois homens e os seus motivos pudessem ser considerados suspeitos, seria impossível não aceitar o testemunho do terceiro, que era um dos mais respeitados católicos de Londonderry.

Frank Carney jurou que ouvira Martin Mulligan confessar o seu crime.

A confissão foi aceita e o inquérito se encerrou oficialmente antes do Natal.

# 16

Seguiu-se um macabro período de horror. Quando as cinzas do incêndio esfriaram, cavaram-se os destroços e o número de vítimas aumentou, agravando a desolação geral. Os que tinham entes queridos desaparecidos apegavam-se à esperança insensata de que um santo houvesse intercedido com um milagre em favor deles, mas não foi assim.

Os desaparecidos estavam mortos e ninguém teve mais dúvidas.

A maioria das quarenta pessoas que se tinham jogado do terraço estavam desfiguradas a ponto de serem irreconhecíveis e seus corpos foram depositados numa fila sinistra no

necrotério, onde, entre gritos e prantos, as famílias apavoradas reconheciam uma peça de vestuário, um anel ou os sapatos. Os cadáveres retirados dos destroços desmoronados estavam em pior estado. Não era possível reconhecer os corpos carbonizados. A contagem dos mortos passava de cem e outras cem pessoas estavam internadas com queimaduras e ferimentos graves no hospital.

No total dos mortos estavam incluídas setenta e duas mulheres que tinham violado uma regra da companhia, indo procurar um pouco de ar e de luz no terraço. Umas vinte dessas mulheres estavam grávidas.

Dez cortadores, muitos dos quais tinham tentado auxiliar a evacuação das mulheres, haviam sido asfixiados ou

esmagados no desabamento do prédio e cinco bombeiros tinham sido mortos quando as colunas se despedaçaram.

Os outros mortos eram crianças, dezoito ao todo, dos nove aos quinze anos.

A família Tully perdera três mulheres. Outras tinham perdido tanto ou mais. Não houve indenização ou assistência médica para os que tinham sofrido queimaduras e os mortos não-identificados foram sepultados numa vala comum.

Durante esse tempo, um inquérito fora aberto e encerrado e o Natal passou de maneira sórdida. O século XX começou e foi um símbolo de esperança comemorado em todos os outros lugares do mundo.

Durante semanas, o Bogside foi incoerente na sua tristeza. Os músculos e a

fibra já enfraquecidos ficaram ainda mais desgastados. O

resultado do inquérito sobre o incêndio não causou surpresa, pois a memória de ninguém alcançava um ponto em que tivesse havido justiça naquela terra. As comissões da Coroa tinham feito isso várias vezes e tornariam certamente a fazer. A paixão para acusar os opressores e atormentadores estava exausta. Explosões de dor e de raiva por ocasião dos funerais dissiparam-se no cemitério e só partiram de sobreviventes alucinados. Quando a alucinação morreu, a velha apatia, a velha aceitação da tragédia atirou todos mais rapidamente na evasão das preces, das bebidas e das drogas. O Bogside era o Bogside e continuava a ser o Bogside.

Quatro meses decorreram antes que alguma coisa semelhante à normalidade voltasse à voz e aos movimentos do Bogside. Foi então que a dor começou a atenuar-se. Durante todo esse tempo, o povo esteve muito atordoado para compreender que Kevin O'Garvey não estava mais ao seu lado. Nenhum vestígio dele fora encontrado. Quando a agonia da Sexta-Feira Negra começou a diminuir, uma nova agonia, o desaparecimento do defensor do Bogside, caiu com retardado impacto na consciência de todos.

Durante aqueles meses, a noite em que vivera Conor Larkin fora interminável. Era forte e os outros eram fracos, mas ele estava exausto, com o espírito vazio e os olhos vermelhos. A energia lhe fugiu do corpo vigoroso, os poemas não mais lhe

nasceram no coração, nem o canto nos lábios. Escorregou até juntar-se a todos os seus irmãos bêbados do Bogside, tendo uns poucos momentos de atormentado repouso quando ensopava o cérebro de gim. Arrastava-se todos os dias pelo Bogside, quase sem responder aos que o cumprimentavam como um herói e desprezando-os por essa admiração. Não tenho soluções, gostaria de dizer a todos. Não sei as soluções.

Só o que parecia livrá-lo do colapso total era o esforço desesperado de impedir o colapso de Myles McCracken. Fazia-lhe companhia, escutava as suas incessantes lamentações, assistia-o no desespero e nas lágrimas, vestia-o, dava-lhe comida e falava com ele às vezes a noite inteira. Por mais profunda que fosse

a lesão, Myles parecia encontrar na bebida uma resposta mais simples. Bebia do atordoamento à insensatez e ao torpor completo, num ciclo que nunca terminava. Conor pensava que não era tempo de afastar Myles da bebida, pois então ele poderia naufragar por completo. No momento, precisava da bebida como quem precisa de ar.

Talvez, quando a dor se embotasse, fosse possível agarrar Myles pelos ombros e fazê-lo voltar à sua condição de homem. Agora não. Era preciso esperar pacientemente que o processo de cura começasse. Conor rezava para que um dia isso pudesse acontecer a Myles, mas por enquanto a recuperação parecia infinitamente remota.

Mas não era só Myles McCracken. A

depressão de Conor refletia a de todo o Bogside. A confusão lhe dominava o cérebro até que os pensamentos perdiam todo o valor e, depois do sono, não tinha vontade de acordar e, sim, de dormir de novo. Mas até o sono deixava de ser descanso, pois evocava feridas cheias de pus e bombas de fogo humanas contra as muralhas de Derry e, do alto dessas muralhas, grandes caldeirões de óleo fervente derramados, afogando velhos mendigos, gatos magros arrancando os olhos das crianças e tambores a soar à frente de filas intermináveis de homens vestidos de preto que marchavam numa cadência fúnebre, empunhando cruces de Orange, e campos cobertos de batatas podres, mulheres presas enquanto o fogo se alastrava e elas não podiam passar por

uma grade de ferro batido.

O Bogside o estava devorando e estripando-o vivo. O Bogside estava, vencendo.

O Bispo Nugent morrera aos oitenta anos. Fora um príncipe da Igreja sem qualquer inspiração, cujo reinado de trinta anos trouxera a marca da mediocridade. Era um padre comum de Derry que falava bem e compreendia a política da Igreja e governava de vacilação em vacilação, até convencer-se de que estava do lado certo em todas as questões. A podridão e a ruína do Bogside nunca lhe inspiravam mais do que orações sem fervor.

Nos seus últimos dez anos de vida, a sua velha indecisão havia degenerado numa incapacidade de ver as coisas com

qualquer clareza e a diocese descambara para uma espécie de limbo teológico. Partidários de uma severa disciplina eclesiástica rodeavam o bispo e traçavam planos para uma nova era de poder sem contraste com a Igreja.

O Bogside sempre tinha sido um pomo de discórdia. As condições ignóbeis que ali prevaleciam tinham suscitado o aparecimento de padres liberais, que agiam com liberdade e faziam um juízo mais esclarecido da lei da Igreja. Quando o espírito do Bispo Nugent começou a desgarrar-se, um pequeno grupo de jovens turcos, tendo à frente o Padre Patrick McShane, insistiu nas suas ideias e ampliou as regras de acordo com as suas necessidades e as necessidades de seus rebanhos sitiados. Esses padres apoiaram

a Liga Gaélica, a fim de reviver a língua e a cultura irlandesas, numa atitude contrária tanto à Igreja quanto aos senhores britânicos.

Enquanto Nugent agonizava, a sua guarda palaciana cerrou fileiras e apresentou a candidatura de Charles Donoghue ao Cardeal em Armagh, como sucessor de Nugent. Donoghue foi escolhido.

Difícilmente qualquer poder seria mais total na Irlanda do que o de um bispo autocrático que estivesse nas boas graças dos ingleses. O novo Bispo Donoghue afirmou imediatamente a sua autoridade com uma série de atos destinados a reduzir os jovens turcos do Bogside. A doutrina pregada era uma adesão incondicional à mais rígida interpretação

do catolicismo. A humildade dos padres e dos leigos passou a ser a nova ordem. O liberalismo do Bogside estava terminado.

Nas semanas seguintes à Sexta-Feira Negra, uma erupção de organizadores do trabalho, reformadores e republicanos desceu sobre Derry e os jovens turcos se identificaram com eles. Isso era intolerável para todo o estabelecimento, fosse ele constituído pelos homens de Orange, pelos protestantes, pelos ingleses, pelo Conde ou pelo novo Bispo Donoghue. Este aproveitou a ocasião para reajustar violentamente as coisas.

O Padre Pat entrou na forja no momento em que o carro de entregas se preparava para sair com Conor na boléia. O padre ficou satisfeito em vê-lo

barbeado, vestido com roupas limpas e com os olhos mais ou menos claros. Sentou ao lado de Conor enquanto este soltava os freios, e viajaram sem conversar até à cidade murada, onde foi feita a entrega. O padre sugeriu a necessidade de conversarem em particular. O cavalo foi amarrado ao longo da Grand Parade e os dois seguiram a pé até às muralhas. Dali do alto, o Bogside não tinha tão mau aspecto. Havia uma certa beleza estranha nas filas perfeitamente ligadas de tetos de ardósia a ondular simetricamente e nas chaminés, de onde subiam fios tênues de fumo de turfa. O cheiro da fumaça era sempre agradável. Descobriram um canto onde não poderiam ser importunados.

O Padre Pat, do mesmo modo que

Andrew Ingram, tinha desistido de chamar a atenção de Conor durante aqueles longos meses de depressão, sabendo que ele recomeçaria a subir quando não pudesse descer mais. Era evidente que a ascensão já havia começado.

— Aquilo lá embaixo já está recomeçando a dar sinais de vida — disse o Padre Pat. — O mesmo acontece com você.

— Só vou viver porque não quero morrer — disse Conor. — O Bogside está morto. Já estava morto antes da Sexta-Feira Negra e antes do desaparecimento de Kevin O'Garvey. Nunca mais se levantará da lama.

Estou preocupado é com Myles. Não estou conseguindo nada com ele, Padre Pat.

— É tempo de você desligar-se dele, Conor, senão ele o arrastará na queda.

— Não posso fazer isso. Não posso mesmo.

— Myles McCracken nasceu fadado à derrota, Conor. Duas vezes na vida ele teve a coragem de amar e nas duas vezes tudo terminou em desastre. Nunca mais terá coragem de reagir e dar o coração. Está aterrado demais.

— Mas ele tem de levantar-se e viver... Ele tem de fazer isso, Padre Pat.

— Alguns homens podem superar a tragédia e há até homens que atingem a grandeza nesse esforço. Mas a maioria dos homens não pode e o Bogside está cheio deles.

— Compreendo o que está dizendo porque isso também já me passou pela

cabeça... mas que é que vai ser dele?

— Ele tem medo de voltar e medo ainda maior de seguir em frente.

Ficará parado, portanto. Será tragado pelo Bogside e com o tempo se vai tornar um ébrio habitual e inofensivo, que conservará um estado de torpor alcoólico para livrar-se dos seus pesadelos.

Conor sabia que a previsão era cruel mas verdadeira e compreendeu que evitara por piedade chegar à mesma conclusão. Era isso mesmo. Os fracos ficam para trás e definham, como sempre acontecia na Irlanda.

— Vou-me embora daqui, Conor — disse de repente o Padre Pat.

Conor levou um choque, fechou os olhos e não fez esforço algum para dissimular as lágrimas. A amargura

daqueles últimos meses voltou a invadi-lo. Olhou para o amigo com o coração sangrando.

— Parece que eu, o Padre Eveny, o Padre Keenan e o Padre Mallory esgotamos a razão de pecados que nos era permitida — disse o Padre Pat, numa tentativa de suavizar as coisas.

— Jesus! Não é possível isso, além de tudo mais!

— É assim mesmo, rapaz! Não há nenhum contrato com Deus nesses assuntos.

— Não meta Deus nisso. Quem o está mandando embora é esse cachorro do novo bispo!

— Prefiro não entrar com você num diálogo jesuístico a respeito da vontade de Deus. Fui transferido e tenho de ir,

simplesmente.

— Para onde? Quando?

— Tenho de passar algumas semanas de meditação num seminário para purificar-me e reeducar-me. Provavelmente, vou-me encontrar com seu irmão Dary. Depois, vamos dizer a verdade, eu sempre quis sair do Bogside.

— Para onde vai, Padre?

As luzes a gás se acenderam nas ruas, interrompendo a escuridão iminente. O Padre Pat encolheu os ombros juvenilmente, mas não pôde livrar-se da insistência de Conor.

— Ora, há um padre bem velho, o Padre Clare, que não tem mais forças para cuidar de sua paróquia. Esta é muito pobre e ele não tem bastante dinheiro para aposentar-se e, como sabe, não há

dispositivos para dar assistência aos velhos padres.

— Onde?

— Nos confins dos domínios do Bispo Donoghue. Bem ao norte de Carrigart, na península de Rosguill.

— Não é possível! Na posso vê-lo como um coadjutor, rezando ladainhas ao vento em igrejas quase vazias, entre místicos celtas agonizantes!

— Sinto muito, Conor, mas eles também têm direito a um padre. Se não for para lá, terei de emigrar para os Estados Unidos, mas não quero sair da Irlanda tanto quanto você não quer. Além disso — concluiu, rindo — acho que é uma coisa de que não estão precisando muito nos Estados Unidos, de mais um padre irlandês.

Os dois ficaram longo tempo em silêncio e, por fim, o Padre Pat disse: — Preciso me confessar.

— Não estou entendendo...

— Disse que precisava de me confessar. Quer ouvir-me, Conor?

O Padre Pat caminhou alguns passos ao lado da muralha até onde se podiam ver os destroços de Witherspoon & McNab.

— Frank Carney e eu nos unimos numa conspiração de silêncio.

Quando você chegou a Derry, a Associação de Bogside estava insolvente, praticamente morta. De repente, começou a entrar muito dinheiro para a Associação por intermédio de Kevin O'Garvey. Sua primeira forja foi financiada com esse dinheiro. Frank e eu nunca perguntamos de

onde tinha vindo o dinheiro porque realmente não queríamos saber. Mas sempre suspeitamos de que Kevin foi subornado por Lorde Hubble para não realizar uma investigação naquela fábrica.

— Meu Deus! Não quero saber mais nada disso!

— Vai ter de ouvir, Conor!

— Não! Kevin não faria uma coisa dessas, nunca! Não!

Então, parou de súbito. Começou a ter dúvidas... Kevin fizera realmente isso? E pediu com os olhos ao padre que não fosse levado a acreditar.

— Não temos provas — disse o padre. — Trata-se apenas de uma suspeita. Kevin me falou não uma vez, mas mais de cem, do ódio que tinha à fábrica e ficou exultante quando afinal

teve uma oportunidade de efetuar a investigação. De repente, mudou de ideia. Mas todos nós no Bogside fazemos os nossos pactos com o diabo. Frank fez um pacto assim na comissão de inquérito do incêndio. Não é difícil calcular quem o procurou e por que ele deu o depoimento que deu. Eu tenho feito pactos.

Kevin também fez.

— Não!

— Só fez isso com certeza para ver alguns sorrisos uma vez na vida em volta de si. Não se pode condenar um homem por isso. Algumas vezes, deixei-me levar tanto pelo desespero que pensei em deixar a batina e até em acabar com a minha vida. Afinal Kevin O'Garvey fez o que fez pelos outros. E nunca se esqueça de que fez isso por você também.

— É verdade — murmurou Conor. — E eu seria capaz também de fazer o mesmo por ele.

— Como vê, somos apenas homens. Os Hubbles e os ingleses nos dominam tão completamente que não só nos fazem responsáveis pelas nossas tristezas, mas também racionam as nossas escassas alegrias. Foi isso o que Kevin comprou, um momento de alegria para algumas pessoas.

Os ingleses têm até o poder de controlar as nossas esperanças?

— Escute, Padre. Acha que mataram Kevin?

— Não. Foi o Bogside que o matou. Talvez ele tenha sabido do incêndio, talvez não. De qualquer maneira, não teria vivido muito depois disso.

— Estou cansado, Padre Pat. Tenho a alma esgotada. Estou cansado.

— Não se pode mais dar a esse luxo. Cada vez vão depender mais de você.

— Não, não. Não é possível. Não sou o Padre Pat e não sou Frank Carney. Não posso entrar em acordo com meus inimigos. Não posso passar por entre almas perdidas do Bogside, fazendo as minhas orações em silêncio. Não posso, depois de esbofeteado, oferecer a outra face. Não posso fazer o impossível. Tenho de achar o meu caminho. Vou-me embora também, Padre.

— Para onde, Conor?

— Dizem que a Irmandade se está organizando de novo em Belfast e Dublin.

— Sabe que não posso lhe dar a minha bênção.

— Não a estou pedindo.

— Creio que é impossível convencê-lo de que esse é o caminho errado.

— Olhe lá para baixo, Padre, e me diga se o seu caminho ou o de Kevin foi melhor. Houve um momento em que Kevin olhou para mim e disse: “No fim, tem de haver um levante. Não há outro recurso”. Estamos no século XX, Padre. Alguma luz tem de brilhar nesta terra. Não é mais possível andarmos na escuridão.

Conor desceu a escada de seu quarto e olhou para o Padre Pat, sacudindo a cabeça. Myles estava lá em cima desacordado e num terrível estado.

— Vou tentar fazer alguma coisa com ele amanhã — disse Conor. — A melhor solução é levá-lo para um hospital, se ele não parar.

Atravessou a oficina, olhando ora uma coisa, ora outra e baixou a luz da lâmpada no seu escritório, todo cheio de projetos e desenhos.

— Engraçado, acabei de fazer o meu último pagamento. Sou agora dono desta espelunca.

Os dois homens caminharam com a cabeça baixa e as mãos nos bolsos pelos caminhos da miséria de Bligh Lane e de Stanley's Walk, mal ouvindo o coro que os acompanhava de “Boa noite, Padre Pat. Boa noite, Conor.”

Conor esperou do lado de fora que o padre fizesse a sua última visita e então os dois se dirigiram para o bar de Nick Blaney. Ao se aproximarem, ouviram uma voz que cantava. Havia muito tempo que ninguém cantava no Bogside. Não era uma

voz suave como a de Myles McCracken, mas não deixava de ser uma voz e uma canção.

O Danny, as gaitas estão tocando De vale em vale e além das montanhas.

A entrada dos dois foi acolhida como sempre com alegria, mas a aparência de ambos era tão carrancuda que todos se calaram e lhes deram lugar no fundo do bar.

*Ó Danny, as gaitas estão tocando De vale em vale e além das montanhas.*

*Volta quando o verão brilhar nos campos Ou quando tudo estiverem silêncio e coberto de neve...*

Conor e Pat pediram repetição de suas

doses.

*Podes esperar-me, faça luz ou faça sombra.*

*Porque Danny, eu te amo, eu te amo, Danny.*

Todo o bar chorou. Aquilo era tão bonito!

— Você é Conor Larkin? — perguntou um rapaz bem vestido.

— Sou, sim.

— Quem está falando com você é Sammy Meehan, de Cleveland, Ohio.

Estou de visita à Irlanda para conhecer a terra de meu pai e de meu avô.

Posso apertar-lhe a mão e pagar-lhe um drinque e ao bom padre também?

O homem recuou um pouco, espantado

com as lágrimas que rolavam pelas faces de Conor. Este estendeu as mãos vigorosas, agarrou Samy Meehan por baixo dos braços e sentou-o no balcão, como se ele não tivesse peso.

— Vou cantar para nosso amigo Ianque um pequeno canto de insurreição!  
— anunciou Conor.

*A sua voz era desafinada e se alteava no silêncio do bar.*

*Quero saber, Sean O'Farrell, onde é a reunião?*

*Naquele ponto do rio que conhecemos tão bem?*

*Vamos todos marchar ao som da música Com nossas lanças, ao nascer da lua!*

Conor bebeu outro copo e perguntou, quebrando o copo contra a parede: — Como é? Vou cantar sozinho?

Houve um silêncio cheio de medo e Nick encheu outro copo. O Padre Pat fez um sinal para o flautista e para o acordeonista, pousou as mãos nos ombros de Conor e cantou junto com ele:

*Muitos olhos nos seguem pela noite  
E corações viris querem a luz, Há vozes  
como gritos de banshees Brilham  
espadas ao nascer da lua!*

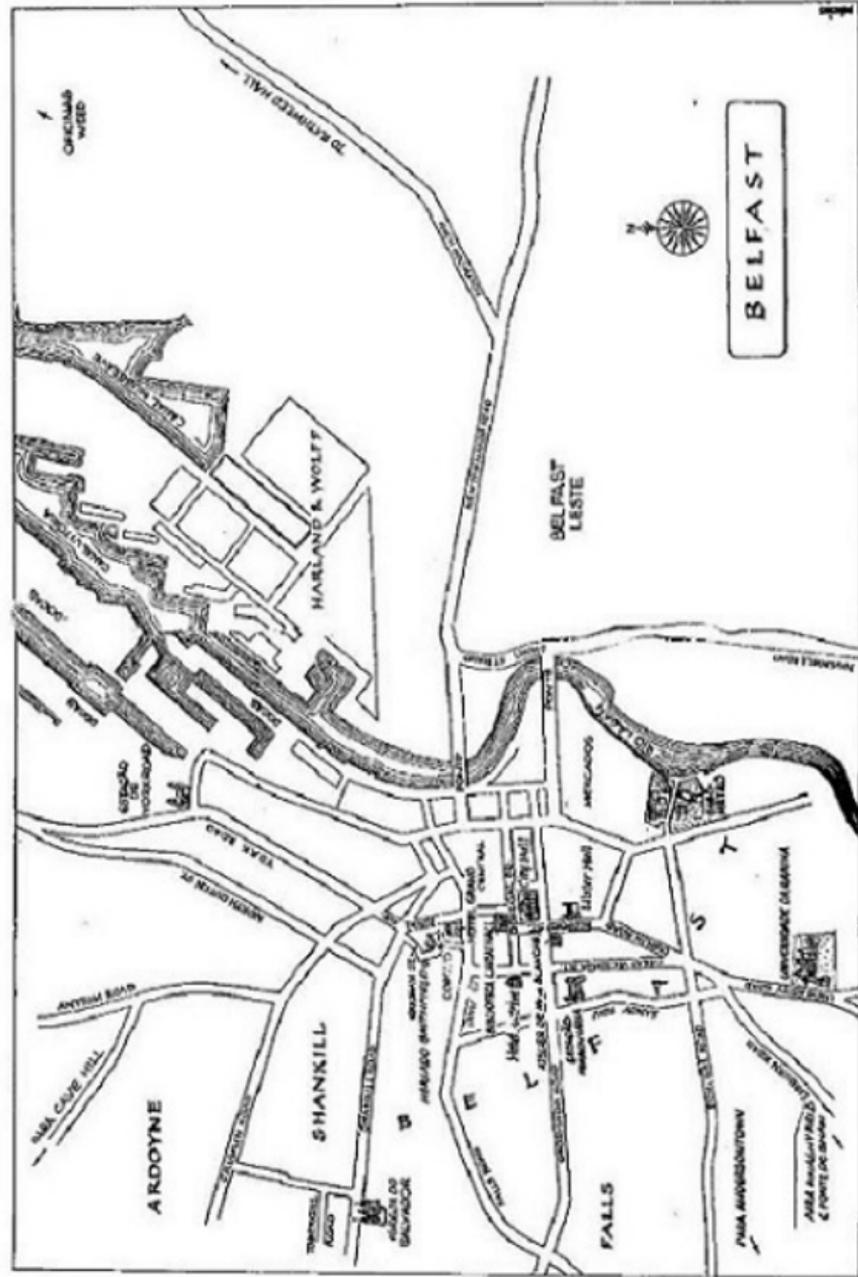
Uma a uma, as vozes se uniram às deles, vencidas, altivas, sem esperança e em desafio.

*Pela Irlanda lutaram e caíram  
Aqueles homens de noventa e oito.*

*Graças a Deus, nos resta ainda um  
coração Para acompanhá-los ao nascer  
da lua!*

# **Quinta Parte**

## **- Campânulas Azuis -**



**BELFAST**



BELFAST  
LESTE

HARLAND & WOLFE

SHANKILL

FALLS

ARDOYNE

UNIVERSITY OF  
MAINE

ARDOYNE  
FALLS  
& PENOBSCOT

TO KENNEBEC FALLS

YORK ROAD

MARKET STREET

MAIN STREET

WATER STREET

FRONT STREET

REAR STREET

WATER STREET

FRONT STREET

REAR STREET

# 1

Nasci baixo e jamais cresci muito e não fui nem um dos melhores, nem um dos piores nos esportes, no Queen's College. Havia numerosos O'Neills espalhados em Belfast, o que era suficiente para me dar cama e comida. Queen's College mantinha o seu habitual número simbólico de alunos católicos, mas encontrei no *campus* o

santuário liberal que era possível esperar. Era um espelho de inquietações da sociedade e muitas vezes uma indicação dos seus rumos e foi assim que vim a saber que um dia o Queen's College seria uma fonte de aspirações republicanas.

Creio que a divisa heráldica da família Hubble descrevia bem a atmosfera política predominante no fim do século XIX. Constava do vitral com o brasão da família na biblioteca da Mansão Hubble e, traduzida do latim, dizia o seguinte: “Mais Uma Carga Pela Glória da Coroa”. A velha Vitória, no Palácio de Buckingham, tinha oitenta anos e marcava com seu nome a sua era como o zênite da aventura imperial. A volta ao poder dos seus ministros conservadores acontecia justamente a tempo das comemorações do

seu jubileu de diamante no trono.

O jubileu era repugnante para os irlandeses. Todas as banalidades do Império eram ampliadas pelo acontecimento e nos recordavam que éramos um povo subjugado, o primeiro a ser colonizado e reduzido a uma cidadania servil. Durante as grandes comemorações, muitos irlandeses fizeram saber timidamente que o velho ressentimento não tinha morrido e que nossa longa hibernação republicana iria em breve chegar ao fim.

Sob a liderança da Associação Gaélica de Atletismo e da Liga Gaélica, o espírito nacionalista estava em ascensão e o renascimento celta prosseguia com pleno ímpeto. O Dr. Douglas Hyde, fundador da Liga, era como Emmet, Wolfe

Tone e Parnell, de origem protestante, mas nem por isso menos celtófilo e republicano.

O jubileu de diamante de Vitória foi empanado nas suas comemorações em Londres pelo boicote do Partido Irlandês e, na Irlanda, por uma série de distúrbios e por uma retórica que não deixava dúvida de que se estava escrevendo mais um capítulo da “questão irlandesa”.

Durante trinta e cinco anos, a velha rainha lamentara a perda do marido, continuando a dormir abaixo de uma fotografia dele em seu caixão mortuário e fazendo todas as manhãs os empregados prepararem as roupas dele. A Irlanda não era muito diferente do cadáver do Príncipe Alberto. Qualquer recuperação republicana que tivéssemos feito depois

da Grande Fome e do fracassado levante feniano fora demolida pela morte de Parnell. Mas quando o Império se aprestava para “mais uma carga pela glória da coroa”, nós nos levantávamos dentre os mortos e pensávamos em “MAIS UMA CARGA PELA IRLANDA”.

Não havia grandes oportunidades de emprego a esperar-me depois da formatura, no começo do século. Fazia parte do pequeno grupo de católicos educados que não eram inteiramente aceitos pelos ingleses e eram olhados com desconfiança pelo seu povo, em vista da sua instrução liberal e protestante. Conservei corpo e alma intactos, trabalhando como jornalista num pequeno e pobre jornal católico de Belfast e fazendo alguns bicos como professor

particular. Escrevia também um pouco alguma poesia, algumas peças e alguns ensaios. Nem os ingleses, nem os irlandeses reconheceram a força da minha pena, mas eu conseguia atender às minhas tendências celtas.

A bazófia trombeteada durante as comemorações do jubileu saturara a arrogância dos imperialistas, levando-os a um estado de euforia. O

apetite aquisitivo britânico era insaciável e o ópio da conquista cegava a Inglaterra para todos os sinais de descontentamento e subversão que ladravam entre os povos dominados.

As manchetes do jubileu foram substituídas por outro avanço imperial, que estava destinado a ser uma

encruzilhada épica histórica. Era uma aventura espetacular e dispendiosa, provocada pela antiga cobiça, mas que abriu as primeiras brechas nos ilimitados domínios da Grã-Bretanha. Cecil Rhodes, resumo e modelo do homem do Império, não se contentava em controlar a cornucópia de diamantes, ouro e outras riquezas provenientes da Colônia do Cabo e de outras possessões na África do Sul. Cobiçava o Transvaal e elaborou uma rude e ostensiva demonstração de força para anexar o vizinho estado a uma grande “união”

britânica.

O Transvaal tinha sido colonizado principalmente pelos bôeres, uma raça enérgica de origem holandesa. Quando se viram forçados à guerra, os bôeres

surpreenderam os ingleses com táticas de guerrilhas baseadas em movimentos rápidos e emboscadas. Com sua tradicional solidez e as suas manobras arcaicas, as forças inglesas sofreram uma série de derrotas ignóbeis diante do entusiasmo e da sutileza inesperados dos bôeres.

O Ministério da Guerra acordou para o espantoso fato de que os ingleses, na sua marcha para o império, não tinham, desde muitos anos, um exército moderno, branco e bem armado. A reação foi pôr em ação mais de meio milhão de soldados, de unidades espalhadas através do Império. A Irlanda contribuiu com os Reais Fuzileiros Irlandeses, os Atiradores do Ulster, os Inniskillings e o regimento do condado de Hubble, os Atiradores de

Coleraine. Estávamos mais uma vez cumprindo o nosso velho destino de provar a nossa capacidade de luta em uniformes que não eram irlandeses, longe da pátria e numa guerra que nos era alheia.

Sempre que os ingleses se empenhavam numa guerra, uma espécie de força irlandesa simbólica nunca deixava de aparecer para lutar do outro lado. A Guerra dos Bôeres não foi exceção. Alguns soldados da fortuna, na sua maioria irlandeses americanos, alguns remanescentes das lutas fenianas e alguns republicanos novos em busca de orientação formaram uma Brigada Irlandesa para lutar ao lado dos bôeres. Embora nunca tivessem passado de algumas centenas, a presença deles teve

um grande valor de propaganda. Em Baltimore, Boston, Filadélfia e Nova York, houve tamanha mobilização da consciência irlandesa como não tinha havido desde a Grande Fome. Em Dublin, um Comitê do Transvaal foi aberto bem no meio da cidade, dirigido pelos novos republicanos e alimentado pelas fogueiras cada vez mais altas do renascimento celta.

É nesse ponto que eu entro.

Trabalhava num setor pequeno, mas barulhento do Comitê do Transvaal, em Belfast, e minha pena não tinha descanso. Em meados de 1901, fui procurado por um sindicato de jornais irlandeso-americanos que queriam que eu fosse para a África do Sul, na qualidade de correspondente de guerra.

Quando cheguei ao Transvaal, o

grosso da luta havia terminado. A superioridade numérica dos ingleses gastara simplesmente a capacidade de tenacidade e valor dos bôeres. Estes continuavam a resistir em pequenas operações simbólicas, mas esparsas e sem o impacto anterior.

Entretanto, estava acontecendo, quando cheguei, uma coisa tão chocante e repugnante que iria transformar a anexação britânica numa vitória de Pirro. Cem mil ou mais bôeres, homens, mulheres e crianças, foram cercados e tangidos para o que os ingleses chamavam de “campos de concentração”. Cerca de trinta mil soldados bôeres estavam em campos de prisioneiros de guerra. As suas terras tinham sido confiscadas e as suas casas e fazendas, inteiramente queimadas.

Enquanto o Parlamento Britânico impunha outro “Ato de União”

patenteado (como tinham feito um século antes com os irlandeses), milhares de bôeres morriam atrás das cercas de arame farpado dos campos. Morreram mais de trinta mil pessoas nos campos de concentração ingleses, inclusive vinte mil crianças.

Consegui entrar e sair por meio de suborno no mais infame desses campos, em Bloemfontein, e escrevi uma série de vinte comunicados sobre as condições ali encontradas. Meus comunicados ultrapassaram o pequeno âmbito dos jornais para os quais eu escrevia e foram reproduzidos não apenas na Irlanda, mas também através da Europa e na própria Inglaterra. Vários outros jornalistas e a

escritora *quaker*, Emily Hobhouse, colaboraram comigo em desmascarar o horror dos ingleses.

Enquanto os generais ferviam de raiva, o público inglês, que havia delirado com as conquistas durante o jubileu, mudou de ideia de repente em face das revelações. Meio século antes, a fome irlandesa das batatas tinha deixado esse público indiferente. Ele agora se revoltava com o tratamento dispensado aos bôeres.

Creio que no Transvaal foi plantada uma semente e que os frutos da árvore que dela vão crescer espalharão o descontentamento através de todos os planos imperiais. Alguma coisa magnificamente humana ameaçava os antigos ritos de conquista e escravização

dos povos. Não podia deixar de acontecer no século XX alguma coisa que derrubasse a ordem secular.

E eu sabia que, de algum modo, a Irlanda e o povo irlandês seriam os primeiros a concretizar essa ameaça.

Meu pai, Fergus O'Neil, morreu enquanto eu estava no Transvaal. Eu o havia visto pela última vez durante o velório de Tomas Larkin e compreendi, pela tragédia que havia em sua alma, que ele também não demoraria muito. Tinham trabalhado juntos e atravessado juntos as alegrias e as tristezas de meio século. Não podia ser de outro modo.

Fergus tinha seguido Tomas durante toda a sua vida e iria segui-lo no cemitério de S. Columbano.

Restavam as velhas, Finola e minha mãe Mairead, juntamente com as pessoas mais fracas de nossa raça, Brigid e Colm.

Não ganhei qualquer concurso de popularidade na Inglaterra pelos meus artigos sobre o campo de concentração de Bloemfontein, mas é preciso reconhecer que, em certos pontos, os ingleses são honestamente justos. Não tinham maneira de processar um jornalista legítimo, no legítimo exercício de sua profissão. Minha volta para a Irlanda me encontrou bem incluído em certas listas de inimigos do Castelo de Dublin, mas também considerado um pequeno herói no incipiente movimento republicano.

Dublin estava em plena vibração. As palavras que saíam aos milhões das penas

irlandesas agitavam as antigas esperanças. Fora fundado um teatro nacional. Os escritores estavam transformando a cidade numa nova Atenas. Acomodei-me a esse ambiente com muito entusiasmo.

As indagações que fiz a respeito de Conor Larkin foram infrutíferas.

Sabia-se que ele tinha saído de Derry logo depois do incêndio da fábrica de camisas e do desaparecimento de Kevin O'Garvey. Algumas pessoas tinham visto Conor vagar pela Irlanda como uma alma penada. Depois, desaparecera e eu não sabia onde. Sentia o coração confrangido com isso.

A coisa de que a Irlanda menos precisava era de outro dramaturgo, mas a única maneira à minha disposição de dar vazão à minha tristeza era pegar da pena

com vontade e escrever sobre a nossa infância em Ballytogue.

Escrevi uma peça sobre o verão que havíamos passado na casa do pastoreio e cada palavra minha foi um apelo lançado na escuridão para ele.

Um dia, meu apelo teve uma resposta. Recebi uma carta de Liam, que estava na Nova Zelândia. Recebera um telefonema de Conor, de Xangai.

Conor estava a bordo de um navio, a caminho de Christchurch.

## 2

Os sinos de Belfast soaram e a cidade à margem do rio Lagan que cultuava o Evangelho se pôs em movimento para celebrar o Dia do Senhor e toda a santidade correspondente. No Shankill, ao longo de Sandy Row, em Belfast Leste e nos outros baluartes de Calvino, Lutero e John Knox os bares foram fechados de má vontade e as portas das casas do Senhor abertas à contragosto.

Dessa vasta frota de igrejas, navios-capitânea da Reforma, cantatas tristes se elevaram, como o movimento fúnebre de uma sinfonia trágica.

Mãos calejadas pelo trabalho empunhavam velhos hinários e as vozes

seguiam independentemente o seu caminho acima, abaixo do coro e contra ele:

*“Vinde, pecadores, pobres e necessitados, Fracos e feridos, doentes e doridos, Jesus está disposto a salvar-vos, Cheio de piedade, de amor e de poder, Jesus pode, Jesus quer, Não duvideis mais”.*

Em Andersontown, nas Falls e em Ballymurphy, os católicos resolviam o seu caso com Deus em missas rápidas, que duravam quarenta minutos.

O protestantismo em Belfast era um assunto mais sério entre os ingleses e seus irmãos escoceses, porque era a linha de combate entrincheirada e resistente da sua fé “assaltada” e em parte alguma eram Deus e Seu Filho mais gloriosa e

zelosamente proclamados.

Lucy MacLeod acordou tremendo. Depois de contar as semanas, tinha passado a contar os dias e agora contava as horas. Mais um domingo e ela poderia estender a mão pela cama quando os sinos tocassem e encontrar de novo o seu Robin ao lado dela, quente, sonolento e belo.

A excursão de Robin de doze semanas com a Liga de Rúgbi do Norte pelas Midlands estaria terminada e ele de novo se encontraria em casa. Ela temera a partida anual, desde que ele já fazia parte do time havia seis anos, mas uma só palavra de queixa não lhe saiu dos lábios. Robin fazia parte dos Boilermakers de Belfast Leste, o que era uma posição muito importante e o que ele ganhava a conservava afastada das fábricas.

Enquanto Lucy se vestia, admirava o que era feminino em seu corpo.

Não era um corpo delicado ou pálido, mas um bom corpo sólido e robusto como Robin adorava. Seios grandes com bicos rosados e que nada tinham perdido da sua firmeza. Sentou-se em frente ao espelho e imaginou como era seu costume, que estava sentada diante de Robin. Ele estaria deitado na cama com o corpo levantado e com os olhos brilhantes. Ela sabia exatamente o que iria usar, como estaria perfumada e com que coisa iria surpreendê-lo.

O devaneio de Lucy foi interrompido pelo incessante tique-taque do relógio. Depois de bem espargida, abotoou um vestido estampado pelo corpo de amпуheta e alegrou-se de ver-se ainda

bela, ao mesmo tempo em que punha à cabeça um chapéu de abas largas, cheio de fitas, plumas, flores e um véu.

— Matthew — disse ela, chamando o filho.

Ele apareceu com seus dez anos, um homezinho condenado. Ela o examinou e declarou que estava em condições de ir à igreja.

— A que horas vai chegar o navio de papai?

— Você sabe tão bem quanto eu — disse ela. — Na sexta-feira, ao meio-dia.

— Posso deixar de ir à escola, Mamãe?

Ela lhe torceu a orelha delicadamente, mas com uma ponta de firmeza.

A pequena casa deles em Tobergill Street era exatamente igual à casa vizinha,

que pertencia ao Avô Morgan e à Avó Nell. Encaminharam-se para lá, como tinham feito durante uma eternidade de domingos. Trocaram os cumprimentos do Dia do Senhor e manifestaram a sua alegria de que Robin estivesse de volta dentro de poucos dias.

O avô Morgan era uma figura imponente. Era tão nobre como as fotografias da realeza, com seu fraque cinza bem talhado, o chapéu alto e as mãos um tanto grosseiras metidas nas luvas brancas. Tirou do bolso do colete o relógio de ouro e acionou a mola que o abria. Morgan MacLeod tinha ido trabalhar nas oficinas Weed no mesmo dia da inauguração, em 1878, e nos vinte e cinco anos seguintes nunca faltara um só dia por motivo de doença. Dizia-se dele

que seria capaz de trabalhar no dia de seu enterro. Todos respeitavam Morgan. Era conhecido de ponta a ponta do Shankill e em muitos outros pontos de Belfast. Era diácono de sua igreja, grão-mestre de sua loja de Orange e contramestre dos operários no dique seco Big Mabel.

O único senão na vida piedosa de Morgan era a Tia Shelley de Matthew. Tia Shelley era a única pessoa que resistia com êxito ao Avô Morgan, a todos os reverendos (e eram muitos), aos comentários dos vizinhos (estes tinham morrido) e a qualquer pessoa que quisesse ameaçar a sua independência sem precedentes.

À sua maneira, era quase tão firme quanto MacLeod e quanto o pai e o avô deste, coisa muito de espantar. O próprio

Robin vacilava diante de Morgan. Tia Shelley não fazia segredo algum do fato de que fumava cigarros de vez em quando, lia livros proibidos e desaparecia durante longos fins de semana, sem se dar ao trabalho de explicar a ninguém aonde fora e com quem. Matt a achava bonita, mais até do que sua mãe. O

avô Morgan parecia resignado, mas ainda assim, persistia no seu pequeno jogo, na esperança de que, um dia, um pouco de piedade penetrasse na filha.

Morgan afagou a cabeça de Matt, como fazia todos os domingos e às vezes no meio da semana. Entretanto, o gesto dos domingos tinha uma significação especial. Uma vez mais, o relógio foi tirado do bolso do colete e houve uma demonstração de impaciência pela

demora da Avó Nell.

Estavam todos reunidos quando afinal Nell desceu as escadas tão espartilhada e enfeitada de fitas quanto a nora.

Os MacLeods saíram então para a rua e se incorporaram à marcha etérea dos piedosos. Era como se tivessem tirado todo o sangue de Belfast antes do seu embalsamamento dominical. A piedade impregnava tudo, a barba do avô e seus sapatos rangedores de oleado. Cumprimentavam rigidamente e ao mesmo tempo, quando passavam pelos vizinhos, que também cumprimentavam rigidamente e ao mesmo tempo. O peso da religião pairava sobre eles como um pesado albatroz que cravava as garras nos rostos carrancudos.

*Há uma fonte cheia de sangue Vindo das veias de Emanuel Quem se banha nessa fonte sagrada Perde todas as manchas do pecado*

*Acredito e quero acreditar Que Jesus Cristo morreu por mim E derramou na Cruz seu sangue santo Para livrar-me do pecado para sempre*

O Reverendo Bannerman cumpria os seus deveres. O seu rebanho o escutava de maneira variada. Até a riqueza verbal do Evangelho era proferida por ele invariavelmente do jeito de um homem que não tivesse na sua personalidade mais que um fundo de virtude automática. Levando em conta a mediocridade do Reverendo Bannerman e de um pequeno exército de pregadores seus colegas, os fiéis enchiam a igreja, cantavam

monotonamente os hinos e cochilavam durante os sermões como cativos que tivessem medo de ser mandados para outro lugar.

Matthew MacLeod estava encerrado numa sinistra prisão de madeira escura envernizada. As costas lhe doíam através do ralo acolchoado de veludo verde, uma cor que lhe causaria revolta pelo resto da vida naquele matiz especial. Logo acima dele, havia um oceano de chapéus floridos, colarinhos engomados e bigodes encerados.

“Não fiquéis entre os bebedores de vinho”, dizia sem qualquer entusiasmo o pregador. “Não olheis para o vinho quando está vermelho...”

Tossiu forte como se quisesse expectorar e continuou: “O vinho morde

como a serpente e pica como a víbora”.

Matthew contou as flores dos chapéus, contou depois as volutas nas colunas de madeira e passou a descobrir caras na madeira do banco à sua frente. Descobriu uma raposa, um palhaço e talvez, com um pouco de imaginação, um chapéu de mulher.

O reverendo Bannerman tinha levado até ao tépido os seus limites de raiva e atacava as pessoas que não observavam a temperança, onde quer que estivessem.

Matthew inclinou-se com a maior cautela para a frente tanto quanto pôde, diante da grande fila de bustos grandes, e grandes barbas. Quase na ponta do banco, uma cabecinha toda enfeitada de fitas também olhava.

Matt sacudiu o dedo e foi arremedado

pela menina. Fez uma careta e houve uma careta igual do outro lado. Botou a língua para fora e ela fez o mesmo. De repente, a mão do avô, pesada de autoridade, se abateu sobre o seu cangote e recolocou-o na linha.

*Sangue precioso de Jesus Derramado  
no Calvário Pelos Rebeldes, pelos  
pecadores Derramado por Ti*

Os versos do hino seguiram por aí afora e os pulmões perdiam o vigor a cada novo verso. Matt podia ouvir do lado de fora vozes longínquas de crianças que cantavam *Campânulas Azuis*.

Seguiu-se um recitativo em que se lembraram bazares, abelhas, coletas, serviços especiais, piqueniques, clubes de homens, auxiliares femininas, doentes que

tinham que ser visitados e acontecimentos orangistas...

O órgão foi tocado. Seguiu-se um horrível solo de canto pela mulher do homem que mais contribuía para a igreja. Tratava-se de uma homenagem mista a Cristo em que a letra atentava contra a beleza da “Ária de Londonderry”. Matt coçou um cotovelo cuidadosamente... depois o outro e, como se correntes elétricas lhe estivessem correndo pela espinha, começou a balançar o corpo. Balançou cada vez com mais força até que o Avô Morgan o olhou, furibundo, e ele teve que parar.

*“O ébrio cairá na pobreza... e a embriaguez cobrirá um homem de andrajos... Todo homem receberá de acordo com o que tiver feito”.*

Variação sobre o tema capital do Ulster, a santidade do trabalho. Já aos dez anos, Matthew MacLeod sabia que os protestantes eram mais trabalhadores que os católicos e que os presbiterianos eram mais trabalhadores que os anglicanos ou os batistas. A Bíblia era um verdadeiro catálogo de exaltação do trabalho e da condenação do pecado e da corrupção da preguiça, mal que, sabidamente, ao lado da bebida, afligia os católicos. Pouca dúvida podia haver de quem estava ao lado de Deus e do lado de quem Deus estava.

No meio da segunda hora de culto, Matthew foi acordado com uma cotovelada e levantou-se automaticamente.

*Quem pode lavar-me dos meus pecados?*

*Só o sangue de Jesus!*

*Quem pode fazer-me de novo íntegro?*

*Só o sangue de Jesus!*

*Oh, como pode ser precioso o sangue  
Que me torna mais branco do que a neve!*

A reunião social no vestíbulo da igreja era muito mais que uma formalidade. Morgan MacLeod era um homem muito estimado. A conversa daquele dia girou em torno da volta de seu famoso filho, Robin. Com a mão firmemente segura pela do avô, Matthew teve de sujeitar-se a mais afagos na cabeça, beliscões no rosto e a

exclamações de “como ele é parecido com Robin”.

Algumas vezes, Morgan era chamado para um canto e tinha de ouvir um pedido para salvar o emprego de alguém ou para interceder a favor de uma promoção. Como grão-mestre de Orange, Morgan era investido desse poder especial no sistema de Belfast.

A luz do sol! Afinal a luz do sol!

Ainda preso pela mão do avô, olhava com os olhos compridos as crianças pagãs que brincavam de “chutar a lata” e de “bandeira do Ulster”

ou pulavam corda, cantando *Campânulas Azuis*.

Para que ninguém esquecesse a mensagem do sermão do Reverendo Bannerman, Morgan, durante o almoço

dominical, reiterava e repetia as palavras do pregador.

Mas nada mais tinha sabor para o garoto. Era advertido para não comer demais e para não sujar as roupas, pois o dia ainda estava muito longe de acabar.

O encontro seguinte com Deus era objeto de longa discussão entre o avô e a avó. Nas cerimônias da tarde, a avó Nell preferia comparecer à grande, nova e brilhante igreja do Salvador, no Shankill, e ouvir o Reverendo Oliver Cromwell MacIvor. Pelo menos, Matt sabia que não iria se aborrecer. Por outro lado, o Reverendo MacIvor o amedrontava. Quando ele ficava com a boca cheia de espuma, muita gente desmaiava dentro da igreja; outras pessoas se levantavam, gritavam e se contorciam e havia até quem

se atirasse aos pés do púlpito.

O avô tinha muitas dúvidas a respeito de MacIvor e nesse domingo fez prevalecer a sua opinião. O cavalo deles era guardado duas ruas adiante e Matthew o acompanhou para ajudar a atrelar o animal.

Firmemente contido entre a mãe e a avó, com todos os seus espartilhos, Matthew foi de carro pela beira do rio até os arredores da cidade, onde havia uma porção de barracas e de gente empenhada numa reunião evangélica em que era pregado um evangelho fundamentalista, com frequentes alusões aos trovões e ao inferno.

Esses pregadores de barracas apareciam em ondas sucessivas. Quem tivesse o dom da palavra podia comprar a

ordenação em alguma pequena ordem e lançar-se ao negócio. Nunca deixava de haver fregueses nessas perpétuas campanhas religiosas.

Depois de uma leitura final da Bíblia pelo Avô Morgan, Matthew voltou para sua casa em companhia da mãe. O pai estaria em breve em casa e o domingo seria diferente. Havia toda espécie de igrejas em Belfast e seu pai escolhia uma especializada em cultos rápidos e simples. A frequência era sempre muito grande. Depois da igreja, passavam o resto do dia a divertir-se.

Depois, seu pai partiria de novo em excursão com a equipe de rúgbi.

Matthew MacLeod rezou pela primeira vez naquele domingo. Pediu a Deus que ele pudesse ir para a cadeia nos

domingos em que seu pai estivesse na Inglaterra, para livrar-se de toda aquela religião.

CHRISTCHURCH,  
ZELÂNDIA, 1904

NOVA

O trem diminuiu a marcha ao atravessar o rio nos limites do norte de Christchurch e contornou o Jardim Botânico. Liam tentava sem resultado parecer bem vestido. Havia uma senhora um pouco gorda que ostentava um amplo sorriso e devia ser Mildred, a mulher dele. Ao lado, os quatro filhos, dois meninos e duas meninas, com buquês de flores nas mãos.

Todos eles pareciam duros de medo.

O aperto de mão meio constrangido se dissolveu num abraço e a tensão

desapareceu quando Conor levantou nos braços as duas sobrinhas e deixou que lhe rebuscassem os bolsos. Havia colares de pedras semipreciosas para as meninas e relógios que funcionavam para os meninos. Foi um grupo muito feliz que se dirigiu para outra estação a fim de esperar o trem do interior.

Liam notou os toques grisalhos nas têmporas do irmão.

— Você tem viajado muito, Conor. Deve ficar por aqui e descansar um pouco.

— Isso seria ótimo — murmurou Conor.

Ballyutogue, a fazenda de Mildred e Liam Larkin, ficava oitenta quilômetros para o interior, bem no centro da ilha. Em Kowi Bush, continuaram de carro até um

lugar no sopé dos Alpes Meridionais, onde o rio Waimakariri descia para o mar. A terra tinha toda uma gama de cores do verde, do iridescente ao ultramarino. Não foi uma casa de teto de terra que Conor encontrou, mas uma estrutura de dois andares melhor do que a de qualquer granja protestante de Innishowen. Liam Larkin era como um *squire* com quatrocentos hectares de prados e terras de lavoura, tudo com uma funda camada de húmus. Dois empregados trabalhavam para ele em regime de tempo integral.

Durante uma semana, os filhos, Spring e Madge, Tomas e Rory, ouviram de Conor histórias empolgantes do mar e, depois, canções maravilhosas. Mildred, as moças das fazendas vizinhas e os homens ficavam embevecidos com o canto

de Conor.

Conor e seu irmão conversavam até tarde da noite. Pareciam conversar de tudo, exceto de Ballyutogue, de Kevin O'Garvey, de Finola e da Irlanda. Falavam muito, mas pouco diziam. No fim, Liam ficou sabendo pouco mais além do fato de que Conor passara quinze meses na Austrália e o resto do tempo no mar.

Liam deixou-se cair diante da mesa redonda de carvalho e Mildred lhe deu uma xícara de café, colocando outra à frente dela.

— Falou com ele? — perguntou Mildred.

— Ainda não.

— Ele já está aqui há quinze dias, meu bem.

Liam olhou para a toalha da mesa e enxugou com o dedo uma pequena lágrima. Mildred bateu-lhe na mão e os dois tomaram o café juntos.

— Não adie mais a conversa com ele, Liam. São cento e vinte hectares da melhor terra que há por aqui e os Smiths querem vender quase de graça. Você bem sabe que estamos em condições de financiá-lo.

— A questão não é apenas essa, Millie.

— Isso é o que você pensa. Por que é que ele fica daquele jeito triste quando olha para as montanhas? Eu sei quando um homem está com vontade de possuir alguma terra.

— Todos nós ficamos assim logo que chegamos. Isso acontece porque nos

lembramos de nossa terra.

— Acha então natural que um homem bom como Conor passe três anos vagueando pelo mundo, desaparecendo de casa sem dizer nada a ninguém?

— Para meu irmão, é muito natural. Ele é um homem diferente, Millie, com um lado estranho que nunca ninguém chegou a conhecer. Quando soube que ele vinha para cá, fiquei com medo. Tenho vivido o tempo todo à sombra dele. Quando o vejo sofrer, talvez sofra mais do que ele. Não sei se ele jamais encontrará o que temos aqui.

Mildred foi até o fogão de lenha, colocou novas achas no fogo e mexeu as panelas. Os dois eram irmãos, mas não inteiramente irmãos.

Conor havia dado alegria a eles, mas

revelara uma tristeza fundamental dentro de si mesmo. Levara cinco anos reprimindo as suas emoções. Que espécie de homem seria capaz de fazer isso? Voltou à mesa e encontrou Liam com uma expressão desolada, como se quisesse indicar que Conor estava fora do alcance dele.

— Talvez depois de ele passar mais algum tempo aqui — disse Mildred com mais esperança do que senso prático, mas sem abandonar os seus cálculos femininos — a beleza e a tranquilidade disto aqui impressionem o coração dele, como aconteceu com tantos irlandeses.

Liam sacudiu a cabeça.

— É melhor não fazer planos.

Passou uma semana e mais outra. Uma noite, Conor disse que ia a Christchurch

para saber se havia lugar para ele em algum navio que passasse. Havia sempre falta de ferreiros a bordo e alguma coisa teria de aparecer mais cedo ou mais tarde. A tristeza caiu sobre toda a casa.

Liam subiu com o seu cavalo por uma encosta florida até o lugar onde se estendia um copado carvalho. Tinha ido àquele lugar mais de quinhentas vezes, quando comprara o seu primeiro pedaço de terra, quando estava namorando Mildred, em companhia de seus filhos. De vez em quando, pescava mais abaixo do rio, mas nunca se atrevia a pensar que tudo o que sua vista alcançava lhe pertenceria um dia. Amarrou o cavalo e olhou para o cesto de pesca de Conor.

— Você não está tendo muito sucesso,

Conor.

— Talvez os peixes daqui sejam mais sabidos do que os da nossa terra.

— Você não encontrará um rio melhor para pescar trutas do que este, nem mesmo na Irlanda. Vamos ver...

Examinou as moscas, entrou na água e, minutos depois, fisingava uma truta arco-íris.

— Muito bem.

Liam riu contente e os dois se sentaram contra o tronco de carvalho.

— Tome um gole — disse Liam, passando uma garrafa às mãos de Conor.

Liam era a própria imagem de um homem feliz e Conor não pôde deixar de sorrir.

— Posso-lhe dizer coisas agora que muito me fizeram sofrer, Conor.

Invejei você quando saía com Papai ou com Seamus O'Neil e se sentava assim debaixo das árvores. Tendo hoje uma árvore minha e um rio meu, sinto-me bem. De certo modo, trocamos de posição, eu e você.

— É bom ouvir você dizer isso, Liam.

— Não queremos que você saia daqui, Conor. O sentimento de inveja que eu tinha por você não existe mais. Quero que você seja feliz como eu sou. Quero que você fique.

— Não creio que isso me convenha, Liam.

— Para onde é que você pode ir?

— Conor não respondeu, mas seu silêncio foi eloquente.

— Devo tudo a esta terra — disse Liam. — Decerto, minha mulher é inglesa

e meus filhos são neo-zelandeses. Sem dúvida, festejo o aniversário do Rei, mas que importância tem isso? Amo esta terra.

Engraçado, todo o mundo ama os irlandeses, fora da Irlanda e da Inglaterra.

— É essa a história de nosso povo — disse Conor.

— Se quer saber mesmo, a Irlanda pode ir para o inferno. Que foi que ela já deu a qualquer de nós senão sofrimento?

Um impulso de cólera fulgurou na alma de Conor e desapareceu.

Estava certo para Liam e para todos os que tinham abandonado a Irlanda.

Para ele, não. Há cinco anos tentava livrar-se da Irlanda, mas isso não tinha feito diferença de espécie alguma. Conor levantou-se com a fisionomia muito alterada. Liam ficou um pouco assustado.

— Eu não estava falando a sério, Conor.

— É essa a história do nosso povo — repetiu Conor.

— Espere um pouco, Conor. Tenho uma coisa para lhe dizer. Fiz o que não devia. Durante todos esses anos, tenho tido notícias de Seamus O'Neill, que tem procurado você pelo mundo inteiro. Prometi que, se você aparecesse por aqui, mandaria dizer a ele. Essa carta chegou antes de você. Depois de ver você, de compreender como precisava de descanso e de paz, eu e Mildred resolvemos não lhe entregar a carta, pois ela podia conter alguma coisa que o enchesse de novo de tristeza. Continuamos a guardar a carta na esperança de que você resolvesse ficar. Mas, já que você está disposto a ir

procurar um navio, aqui está a carta. Desculpe, se puder.

Conor olhou a carta sem abri-la, como se já soubesse o que ela dizia.

Liam desamarrou o cavalo e deixou o irmão sozinho.

“...De dia para dia, o espírito anima mais Dublin. Há teatros, reuniões, associações e panfletos. É uma onda impetuosa que se pode ver agora a olho nu. Estou no centro dessa onda e todos os dias surgem pessoas mais brilhantes e mais dedicadas. Posso dizer pela primeira vez na vida que tenho orgulho de ser irlandês na Irlanda...

Está para chegar, Conor. Pode durar ainda alguns anos, mas nada conseguirá deter a onda.

Lembro-me da casa do pastoreio e de

todas as coisas que dissemos naquela ocasião. O momento está iminente, Conor. Poderá você estar ausente quando ele chegar?

A Irmandade tornou a organizar-se. Decerto, ainda é pequena e fraca, mas está crescendo. Pode você proferir essas palavras, Conor, a Irmandade Republicana Irlandesa, sem se sentir emocionado?

Pelo amor de Deus, Conor, volte para a pátria”.

# 4

Tínhamos conversado a noite inteira, mas Conor apenas falara em linhas gerais sobre a sua odisséia. Fizemos uma pausa enquanto a primeira luz da manhã irrompia sobre os telhados planos da Dublin Georgiana.

Meus alojamentos em Cormarket High Street tinham sido instituídos como um quarteirão de escritores e atores entre o segregado Castelo de Dublin e a cervejaria da Porta de St. James, de Guinness, e perto das Liberties, que eram um dos mais horríveis bairros de miséria da Europa.

As Liberties eram um antigo foco de insurreição. Dentro do meu triângulo

ficavam, pois, a onipresença da Coroa, um berço de insurreição e inúmeros barris de cerveja. A situação era excelente para qualquer eventualidade.

Conor deixou a cortina da janela cair. Eu tinha esperado pacientemente que ele quisesse abrir o peito. Um dia e uma noite de bebida e tateios tinham-no posto novamente me forma. Com a luz da manhã se tornou lúcido e menos receoso de reduzir a palavras tudo o que sofrera.

— Depois do incêndio, quando o padre McShane me falou da transação que Kevin O'Garvey devia ter feito, não me foi mais possível ficar em Derry. Toda a sua vida, Kevin tentara lutar dentro das regras estabelecidas pelos ingleses, nos tribunais e no Parlamento deles, como tinham feito Parnell e O'Connell. No fim,

foi ludibriado pelos ingleses, como todos nós temos sido. Não resta dúvida de que usam palavras bonitas e são uns chantagistas de espírito elevado, mas não deixam de ser chantagistas. Compreendi com absoluta clareza que os Parnell e os O'Garvey só nos podem conduzir até determinado ponto da estrada. A insurreição armada é a única realidade que os ingleses compreenderão.

Deixei Derry para ir procurar na Irlanda algum canto onde a Irmandade Republicana ainda vivesse.

“Durante todo um ano, percorri as estradas de Donegal a Cork, de Galway a Dublin, de Belfast a Kerry, de Wexford a Sligo. Não havia mais a Irmandade Republicana Irlandesa.

“Do mesmo modo que nos despojara

de nossa virilidade, destruía nossos sonhos e dispersara nossa mocidade, a fome continuava a pairar como uma nuvem negra sobre outra geração. Eu via o povo irlandês sem ânimo nem vontade de protestar, obediente, dominado, quase cômico.

Queria agarrá-los, sacudi-los, gritar para que fossem homens, mas tinham virado cães. Agiam como cães, querendo mostrar uma coragem que já não possuíam. Como cães, contentavam-se em farejar os campos à procura de restos e mandavam os filhos para as cidades como mendigos. Não havia educação, não havia esforço, não havia nem raiva. Viviam dentro de uma visão enevoada das coisas.

“Já não havia Irmandade, Seamus, porque não havia mais possibilidade de

ódio. Fiquei tão abatido com tudo isso que fiz o que jurara que nunca havia de fazer e deixei a Irlanda. Não foram os ingleses que me expulsaram, mas a apatia do meu povo”.

Conor se sentara na borda de minha cama e olhava para o chão com os ombros encurvados. Por um momento, levantou a cabeça e correu os olhos pelo quarto como se ainda estivesse esperando um milagre. Apaguei o bico de gás e deixei entrar a luz cinzenta da manhã.

— Toda a Irlanda virara um vasto Bogside. Eu não podia mais gritar do alto das montanhas para ouvidos surdos. Tinha que sair daqui.

Compreende que eu tinha de sair daqui, não compreende, Seamus?

— Perfeitamente.

— E fui encontrar de novo o nosso povo no exterior... Éramos limpadores de esgoto do mundo, combatentes em guerras alheias, eternos caminhantes pelo universo, metidos em pequenos Bogsides sobre a face da terra, um povo estranho, uma raça maldita, tão cara, tão gentil, tão boa e, entretanto, tão exausta e vencida.

“Vi muitos Bogsides criados pelos colonizadores, Bogsides negros na África, Bogsides vermelhos no Caribe, Bogsides amarelos na Ásia, Bogsides morenos na Índia. Éramos eles e éramos nós. Por quanto tempo ainda viveríamos nas garras sangrentas da arrogância inglesa? E eu então corria para o mar com o cérebro em fogo.

“Passei algum tempo na Austrália. É um país bem decente. Tive lá um pouco de

conforto e paz. Mas, de vez em quando, sentia o cheiro da turfa a queimar e ouvia cantarem no bar de Dooley McCuskey e acordava banhado de suor no meio da noite. Tentei, Seamus, juro que tentei, mas o mundo não foi suficientemente grande para apagar a minha visão da Irlanda ou para lavar de minha alma a maldição de ser irlandês. Tinha-me tornado um traidor a mim mesmo e voltava para o mar.

“Quando estava a bordo, fazendo o último quarto, sozinho, tinha de repente a sensação de estar parado e voltado para mim mesmo, enquanto o mundo além do horizonte enlouquecia.

Foi até a janela e abriu as cortinas.

— Não posso dizer que não odeio isto aqui de muitas maneiras, mas afirmo que nunca mais sairei da Irlanda!

— A Irmandade é atualmente tão pequena que é difícil vê-la, mas os homens que a compõem têm sentimentos tão profundos quanto os seus.

Tudo pode levar anos, mas eu lhe juro, Conor, que estamos subindo nas asas de uma fênix dourada.

Barrymore era do condado de Cork. Butler era de Clare. O’ Bourne e Nolan eram dublinenses e Gannon vinha de Kerry. Madigan era do condado de Kildare e Conor e eu éramos do Ulster. Tínhamos sido convocados com dificuldade e estávamos reunidos numa sala por cima da padaria em Marrowbone Lane, no coração das Liberties. A sala era intensamente revolucionária.

O homem que estava diante de nós

tinha sido um gigante, um pequeno herói popular e uma relíquia do levante dos fenianos. Em 1867, fora capturado por ocasião de um assalto a um quartel de polícia. Tinha nessa época, apenas dezesseis anos, mas era bem crescido e, apesar da idade, foi encarcerado na prisão de Brixton, na Inglaterra. Depois de fugir e de ser capturado de novo, esteve me meia dúzia de prisões como hóspede da Coroa e, durante quase vinte anos sofreu toda espécie de humilhações. Lembro-me de ter visto, quando estudava em Queen's, desenhos que o mostravam a comer de quatro como um cachorro, com os braços algemados nas costas.

Depois de solto e exilado, aparecia de vez em quando onde dois, três ou cinco velhos fenianos queriam escutá-lo, no

Canadá, na Austrália, na Inglaterra e, por fim, nos Estados Unidos, onde havia dois milhões de irlandeses natos.

Era um revolucionário completo. Desdenhara o amor das mulheres, se alguma vez ele lhe passara por perto, e não tocava em bebida porque queria que o espírito ficasse claro a fim de que ele pudesse manejar homens, explosivos e decisões. As realidades das prisões e das salas furtivas como aquela tinham-no feito inimigo de *slogans* e banalidades.

Entretanto, havia sempre um crucifixo acima da cabeceira das camas onde dormia como uma relíquia da infância, para não quebrar o último laço com uma religião que ele tinha denunciado e que o repelia. Ele era a realidade na revolução e sua presença em Dublin marcava o

esforço pela ressurreição da Irmandade Republicana Irlandesa.

Chamava-se Long Dan Sweeney.

Os cabelos de Long Dan tinham ficado completamente brancos desde os vinte e cinco anos. A pele tinha uma palidez avermelhada e doentia como de um homem a quem tivessem negado a luz do sol. O rosto era cheio de rugas e depressões. O tempo e os ingleses tinham-no flagelado tanto que ele, às vezes, se entregava a pequenas excentricidades sem sentido. Mas nós o ouvíamos, pois ele era a revolução.

— Espero que não estejam com pressa — disse ele numa voz quase despida de vibração. — Embora o nosso irmão Seamus O'Neill e alguns dos escritores e políticos seus companheiros estejam

soprando mais palavras que um vento de tempestade nas Ilhas Aram, isso não quer dizer que o povo irlandês esteja disposto a ir para rua e lutar. O povo irlandês é quase tão nosso inimigo quanto é o povo inglês. Vive subjugado já há muito tempo. Quando saírem desta sala, devem levar a convicção de que a maioria do povo irlandês os odeia e odeia a tudo o que estão tentando fazer. Os ingleses sempre foram mestres exímios na arte de manobrar irlandeses contra irlandeses.

Estendeu a mão para a cama e apanhou embaixo do travesseiro um revólver que agitou diante de nós.

— Os delatores são a praga da nossa existência. Olhem bem uns para os outros e não confiem em mais ninguém.

Engatilhou o revólver, fez pontaria e

puxou o gatilho.

— Os delatores devem ser destruídos sem a menor piedade.

Todos nos abaixamos quando ele puxou o gatilho, mas o revólver estava sem balas. Ele o jogou em cima da mesa e repetiu: — Sem a menor piedade.

“Somos um povo de notória coragem nas conversas de bar. Os que vivem do outro lado do mar julgam-se irlandeses porque se vestem de verde no dia de São Patrício e saem marchando cheios de empáfia pelas avenidas do mundo. Não trepidam em manifestar o seu choroso amor pela velha terra. Mas eu pergunto aos que têm irmãos nos Estados Unidos...

eles fazem realmente alguma coisa por nós além de derramar essa lágrima simbólica anual? Estamos sós, vocês e eu.

Sós aqui e só lá.

Long Dan Sweeney não estava exaltado, nem frio, nem amargo, nem entusiástico. Estava apenas dizendo a verdade.

— Temos algum apoio dos Estados Unidos, um punhado de elementos leais que nos mandam contribuições. Se não fossem eles, estaríamos perdidos. Graças a eles, há algumas coisas que poderemos fazer. O que devemos fazer é construir uma espécie de organização e preparar alguns planos de emergência, prontos para o dia em que o povo irlandês julgar que já chega. Alguns dos que estão aqui presentes podem viver para ver o dia do levante, mas nenhum deve contar muito com isso. E não queiram peidar mais alto do que o nosso rabo. Somos, nesse

momento, um grupo totalmente ineficiente, representando um povo totalmente ineficiente.

Ninguém é tão desorganizado quanto o irlandês. Arrancam-se os cabelos quando sem tenta executar o mais simples dos planos.

“Podem então estar querendo saber por que estamos aqui, perdendo o nosso tempo. Com que é que podemos contar? Afinal de contas, somos um povo fraco, subjogado, desorganizado e informe. Mas vou dizer com que é que nós contamos. Contamos com o ódio dos ingleses. E eles nos temem tanto quanto nos odeiam. Por quê? Porque, enquanto um único feniano continuar a mostrar-se inquieto, enquanto três homens como nós se reunirem em salas como esta, o Império deles não

estará inteiramente em segurança. Os ingleses sabem que os irlandeses serão os primeiros a se levantarem contra eles e que, portanto, devem ser os primeiros a ser combatidos. Nós, vocês, eu e a Irmandade Republicana Irlandesa, somos a ponta de uma lança envenenada e, se rasgarmos a pele britânica, nossa luta e nossas ideias se espalharão pelas suas colônias no mundo inteiro. É

com isso que contamos.

Enquanto nós tonteávamos diante dos seus poderosos pensamentos, ele esfregou as mãos. Estas se mostravam também tão tomadas pela velhice prematura quanto seus cabelos brancos, mas ainda tinham o seu tamanho lendário, pois mediam quase vinte e cinco centímetros do pulso à ponta do dedo médio.

— O inimigo fica nas suas salas com móveis de mogno e faz as regras.

Graças a essas regras, declara que tem o direito legal de colonizar povos que não querem ser colonizados, regras para fazer guerras, regras para deixar gente morrer legalmente de fome, regras para fazer tudo o que quer fazer. Dizem os ingleses com muito orgulho que essas regras vêm da Mãe dos Parlamentos e, por isso, estão certas, estando errados todos os que se opõem às mesmas. Esperam que nós, como um povo subjugado, aceitemos as suas regras, lutemos pelas suas regras e obedeçamos às suas regras.

Mas nós não temos um exército, nem armas e não podemos lutar de acordo com as regras deles e, à medida que essa luta se desenvolver, teremos de fazer as

nossas regras. Por isso, de acordo com as regras deles, seremos assassinos, depravados, fanáticos, anarquistas, pistoleiros e quaisquer outros nomes que nos queiram chamar e, portanto, aptos a ser destruídos pela autoproclamada legalidade deles.

“Os ingleses não se limitam a possuir o livro das regras, mas também têm à sua disposição a imprensa e os jornalistas para nos atacarem perante o mundo como dementes e nós não temos meios de responder-lhes. Devemos estar preparados para aceitar as denúncias e a reação de indignação não só do nosso povo, mas do mundo em geral. A imprensa deles nos atacará veementemente e sem piedade. Gritará que não estamos agindo de acordo com as regras deles.

Inclinou-se sobre a mesa e bateu nela com o punho fechado na sua primeira manifestação de emoção.

— Se não se lembrarem de mais nada, lembrem-se disto. Nenhum crime que um homem cometa pela sua liberdade pode ser maior do que os crimes cometidos pelos que lhe negam a liberdade. Não mataremos ingleses de fome, não espalharemos seus filhos pela terra, não lhes negaremos a propriedade da terra inglesa. Nossos exércitos não patrulharão as ruas de Londres. Os nossos tribunais não mandarão os ingleses para a força.

“Faremos uma luta que será vulnerável à propaganda mais insidiosa e que não despertará o entusiasmo da maioria do nosso povo. Deus e só Deus poderá decidir qual o lado que é justo nas

suas aspirações e qual o que é errado e perverso.

“É certo que nenhum dos que aqui estamos verá o dia em que poderemos enfrentá-los em batalha declarada com igualdade de armas.

Devemos, portanto, esperar que denunciem as nossas táticas como covardes. Mas não estamos desarmados. Lembrem-se de que os ingleses nada têm nos seus arsenais ou em todo o seu poderio imperial para enfrentar um único homem que se negue a ser vencido. As palavras irlandesas, o sacrifício irlandês e, por fim, o martírio irlandês serão as nossas armas. Devemos ter tamanha capacidade de suportar a dor que eles afinal perderão a capacidade de infligir dor. Isso e só isso acabará por vencê-los.

Martírio.

Sei que ele nos estava avaliando. Queria saber quem poderia ceder, quem poderia delatar, que poderia falar sem agir, quem tinha as armas do martírio.

Teve então um sorriso.

— Esta foi a nossa primeira e última reunião — disse ele. Sei agora que estão ansiosos por tomar conhecimento do falado esconderijo de armamentos que temos na Inglaterra. É uma verdade.

Long Dan contou uma história que falava de navios de volta da Guerra dos Bôeres, os quais tinham quase todos aportado a Liverpool. Um deles trazia uma carga de armas curtas e fuzis e tinha chegado a Liverpool por ocasião de uma greve dos estivadores. Uma unidade do exército fora designada para descarregar

o navio, devendo colocar o armamento em vagões ferroviários que esperavam junto ao cais. Numa confusão burocrática típica, o regimento dos Fuzileiros Irlandeses foi escolhido para fazer o trabalho de estiva e alguns deles transmitiram a notícia à Irmandade na Inglaterra.

O trem deixou Liverpool com uma pequena escolta para um arsenal no interior. A composição sofreu um descarrilamento em pleno campo, o maquinista, a tripulação e os guardas foram suprimidos e os vagões, descarregados em carroções que esperavam. Quando o trem ficou limpo, tratou-se de dinamitá-lo para dar a impressão de que tinha havido um acidente. As armas foram levadas para

uma mina abandonada e mais tarde transferidas para outros poços de mina mortos. Houve um mínimo de publicidade para não causar embaraços ao Ministério da Guerra. O trem foi totalmente destruído e nunca se soube se os ingleses tiveram conhecimento ou não do desaparecimento das armas.

— Foi uma dessas raras ocasiões — disse Dan Sweeney, com um sorriso contorcido — em que conseguimos realizar alguma coisa sem estragar tudo.

“Nossa mais urgente missão é transferir essas armas da Inglaterra e escondê-las na Irlanda. Daqui a três ou quatro anos, quando a Irmandade tiver desenvolvido entidades operacionais, os ingleses exercerão rigorosa vigilância para impedir o contrabando de armas.

Neste momento, não suspeitam de coisa alguma e, portanto, esta é a hora de transportar as armas e escondê-las em solo irlandês. Quero que cada um de vocês estude bem as condições locais e elabore alguma espécie de plano.

Long Dan apanhou a pistola em cima da mesa.

— E não se esqueçam do que eu disse a respeito dos delatores.

# 5

Não tínhamos jeito algum de enfrentar as armas inglesas num campo de batalha. Nossas armas eram as armas dos povos conquistados: uma obstinada capacidade de resistir e de resguardar a nossa cultura, o senso de humor e, principalmente, palavras. Nunca nos faltaram palavras e lançávamos um fogo de barragem verbal na euforia do renascimento gaélico.

Foi essa a ocasião em que mais se editou em Dublin desde *A República dos Trabalhadores*, de Connolly, até ao *Irlandês Unido*, de Arthur Griffith, assim intitulado em honra da insurreição de um século antes. Arthur Griffith estivera no Transvaal e voltara com visões de glória.

Uma celebrada beleza de raça irlandesa, Maud Gonne, organizou as Filhas da Irlanda e percorreu o interior, advogando a causa dos camponeses e a dos habitantes dos bairros pobres da cidade. Sociedades de Jovens Irlandeses e clubes Wolfe Tone alastraram-se como um incêndio numa floresta. Nos Estados Unidos, o Clã dos Gaélicos terminou a sua hibernação.

Na frente política, a questão da Autonomia estivera adormecida por mais de dez anos durante a última ofensiva dos conservadores. John Redmond, que herdara o Partido Irlandês de Parnell, cometera muitos erros. Cansado de tanta inépcia, Arthur Griffith fundou um novo partido, o Sinn Fein, que quer dizer “Nós Sozinhos”.

Nessa ocasião, o Sinn Fein era tão fraco quanto a incipiente Irmandade, mas muitos dos melhores espíritos foram atraídos para ele e, dentro em pouco, o partido era a voz autorizada do republicanismo. Eu não tinha dúvida de que o Sinn Fein sustentaria a guerra das palavras, do mesmo modo que a Irmandade sustentaria a guerra das balas.

Naqueles dias de vibração, a essência do renascimento foi proclamada num manifesto que trazia as assinaturas de William Butler Yeats, Lady Gregory e um homem chamado Edward Martyn.

Dizia o manifesto: “Pretendemos promover em Dublin, todos os anos, na primavera, a representação de certas peças celtas e irlandesas que, independentemente do seu grau de

excelência, serão escritas com grande ambição para assim formar uma escola celta e irlandesa de literatura dramática... Mostraremos que a Irlanda não é uma terra de farsa e de sentimentalismo fácil, como se tem querido apresentá-la, mas a sede de um antigo idealismo. Confiamos no apoio de todo o povo irlandês, cansado das interpretações erradas, para a execução de uma obra que transcende todas as questões políticas que nos dividem”.

Assim nasceu o nosso teatro nacional. Eram irlandeses que faziam o que havia neles de melhor, dando-nos uma vigorosa voz, plena de altivez.

Era o dramaturgo contra a Coroa, o ator contra a artilharia e as baionetas da Coroa.

Na primavera de 1905, minha peça *A Casa do Pastoreio*, foi encenada no Teatro do Instituto dos Mecânicos, em Abbey Street. Receberam-na com respeito. Posteriormente, o teatro foi conhecido como Teatro Abbey, o teatro nacional da Irlanda, nossa melhor realização como povo.

Uma noite depois da estréia, Conor Larkin foi designado pela Irmandade Republicana Irlandesa para Belfast, o ponto mais sombrio do país. Recebeu ordem de viver ali normalmente e abster-se de atividades republicanas externas. Devia observar as coisas, organizar uma planta completa da cidade, frequentar os bares e escutar. Mais tarde, entraria em contato com alguns fenianos sólidos da linha antiga e procuraria cuidadosamente

elementos novos, descobrindo casas que fossem esconderijos seguros e caminhos de fuga.

O mais urgente era ver se Belfast tinha possibilidade de tornar-se um caminho para contrabandear da Inglaterra as nossas armas.

Graças aos anos que havia passado no Queen's College, vim a conhecer Belfast como uma cidade estranha em terra irlandesa. Se havia um renascimento no sul, bem pouco do seu impacto atingia a cidade.

Havia um pouco de fraca atividade na frente trabalhista e algumas publicações tais como *Shan Van Vocht* (A Antiga Mulher da Irlanda), mas de um modo geral os interessados eram poucos e a causa republicana era impulsionada em sedes

improvisadas e com o emprego de poucos recursos.

Na verdade, Belfast era o coração da colonização protestante. Os condados de Down e Antrin nunca tiveram uma grande percentagem de população católica nativa. Quando os presbiterianos chegaram como colonos, em 1600, Belfast nasceu num pântano. Quase toda a população original provinha de granjas nos dois condados vizinhos. A vida comunal e o trabalho em comum, uma tradição agrária levada para Belfast, contribuía para dar à cidade um aspecto de várias aldeias conjugadas.

O sistema de arrendamento de terras veio do interior para a cidade e Lorde Donegal tornou-se um dos grandes proprietários urbanos nas Ilhas Britânicas, sendo o pai dos futuros *slums* e

estabelecendo o tom monótono das construções de tijolos vermelhos. No fim, recebeu o que merecia, arruinando-se com suas dívidas de jogo.

Por volta de 1800, Belfast havia ingressado na Revolução Industrial com meio século de atraso e tinha uma indústria têxtil, que era vanguardeira em sordidez em todo o reino. O mau cheiro dos bairros pobres de Belfast subia das sarjetas por onde corriam os esgotos a céu aberto, dos montões de lixo, dos curtumes, das cervejarias e das paredes cheias de urina dos pátios para onde se entrava por becos de menos de dois metros de largura. Dentro dos pátios, a imundície ficava confinada e o ar era excluído. Famílias de doze ou mais pessoas viviam em pardieiros horríveis, sem água e sem

higiene. Algumas casas de banhos públicos não bastavam para combater o impacto da sujeira. Feridas abertas, cabelos empastados e raquitismo faziam parte da aparência dos pobres.

Os teares funcionavam com barulhenta permanência, primeiro com algodão, depois com linho, por meio do trabalho de mulheres e crianças porque, como Derry, Belfast era uma cidade em que a força de trabalho era predominantemente feminina. Enquanto o linho subia e caía em ciclos de recessão, surto e depressão, os poucos *pence* ganhos por semana eram incertos e milhares de fiandeiros e tecelões emigravam para os Estados Unidos.

Nos primeiros dois séculos, não houve uma população católica de importância em Belfast. Logo que os

católicos chegaram, os presbiterianos escoceses liberais conviveram humanamente com eles. Mas os católicos começaram a chegar em grandes ondas, tangidos pelos despejos de terras, pelo desemprego rural e pela fome e então as atitudes mudaram para sempre.

Os católicos passaram a viver em pequenas “aldeias” em torno de uma igreja. A sua grande afluência não era bem recebida, nem desejada.

Chegavam a uma ordem estabelecida da qual não participavam e em que tinham pouca voz. Eram estranhos em Belfast, invasores. Quando o número de católicos aumentou, as suas “aldeias” se concentraram na parte oeste da cidade e se tornaram em outros enclaves isolados. O que fora, a princípio, uma série de

comunidades se transformou em territórios tribais de dois clãs hostis.

Quando o tear mecânico fez explodir o desenvolvimento industrial por Belfast e as localidades imediatamente ao sul, centenas de teares se espalharam pelas avenidas de água corrente. Com o colapso do algodão durante a Guerra Civil dos Estados Unidos, Belfast passou a ser a capital mundial do linho.

Em 1878, Frederick Weed tinha iniciado os seus monolíticos estaleiros juntamente com outros e pela primeira vez milhares de homens tiveram trabalho. Eram quase todos protestantes e vinham principalmente de Belfast Leste e do Shankill, que se tornaram a fortaleza pessoal de Weed.

Nada naquele tempo ou depois

impediria que a poluição industrial contaminasse o ar em torno do braço de mar de Belfast. Em 1870, o horror de tudo isso determinou a ação de comissões de inquérito, que expressaram a grave preocupação de que a poluição do ar e da água de Belfast tivesse um efeito debilitante sobre a população. Esses alarmes não mereceram atenção, pois nada poderia deter o tear, o martelo-pilão e o rebitador.

Os pardieiros protestantes e a beira do cais eram ninhos de crime e desumanidade. Os pardieiros católicos eram uma abominação e a política e até o clero não se atreviam a transpor os seus limites. Cessavam ali quase todos os vestígios da civilização ocidental. Esses pardieiros eram frequentemente sujeitos a

epidemias de cólera e tifo, apresentando uma incidência de tuberculose centenas de percentagens mais altas do que o resto do reino. Destroços humanos sem instrução, devorados pelo escorbuto, leprosos sociais e ruínas físicas se arrastavam pela sua miséria num local de onde a moral tinha desertado. Mendigos, carros de doentes, asilos de pobres, prostitutas, cáftens, assassinatos, roubos, fome, loucura, drogas e álcool eram parte da vida quotidiana. Quando não havia brigas de cães e de galos em que pudessem apostar até os últimos tostões, as mães jogavam na arena os filhos magros para que lutassem até ficarem ensanguentados.

Além dos guetos, os grandes edifícios vitorianos sem imaginação erguiam uma fachada de grandeza para esconder a

podridão. Edifícios para o comércio, a indústria e as repartições continuavam a erguer-se e à beira do mar ostentavam-se as mansões da mais nova costa do ouro do mundo.

A idade do ouro dos distúrbios em Belfast começou com as imprecações dos evangelistas irados que mantinham os protestantes pobres em pé de guerra. Colossais reuniões ao ar livre pelos Reverendos Drew, Cooke, Hanna e outros fizeram explodir ferozes distúrbios nos anos de 1813, 1832, 1835, 1843, 1852, 1864, 1872, 1880, 1884, 1886 e 1898. O derramamento de sangue em Belfast não foi um fenômeno do século XX.

Os pobres eram incitados a combater os pobres, as unidades tribais dos

protestantes em Sandy Row, Shankill e Belfast Leste enfrentavam as unidades tribais dos católicos nas Falls, na Pound e em Divis.

A estrutura dominante era uma estreita aliança do Partido da União, da Ordem de Orange e dos elementos do clero protestante. O objetivo do domínio era a constante exploração da divisão da classe trabalhadora, com a polícia e o dispositivo governamental inteiramente sob seu controle.

Oliver Cromwell MacIvor, que tivera como predecessores Drew, Cooke e Hanna, entrou nesse esquema como o mais temido e temível de todos os pregadores. Instalado agora na sua magnífica igreja do Salvador, no Shankill, dispunha de enorme prestígio e poder.

Fartamente subvencionado por Frederick Weed, MacIvor governara as populações no começo do século. A uma palavra dele, o Shankill mergulharia no delírio ou no desespero ou poderia iniciar a marcha para o que ele considerasse uma cruzada. Era o elemento de comunicação do governo com as massas e a sua missão era clara. MacIvor era o guardião do mito, o satírico da cristandade, porque em nenhum outro lugar uma divindade política de duzentos anos, Guilherme de Orange, mantinha tão infinito poder. MacIvor era seu porta-voz além da morte.

A fim de reforçar o poder espiritual do Reverendo MacIvor, Weed e seus amigos dotavam-no de poderes de ordem prática. Como um dos principais orangistas de Belfast, MacIvor tinha

direitos de contratação e dispensa de pessoal nas Oficinas Weed e em muitas outras fábricas e usinas. Podia à vontade empregar um homem ou transformá-lo num pária social. Por intermédio de suas boas mãos, Sir Frederick mantinha as coisas sob rígido controle no Shankill. Entre Maxwell Swan e a igreja do Salvador, a ambição dos homens se embotava na procura de libertação da servidão industrial. MacIvor, com seu eterno clamor pela “Reforma”, impedia a cultura, a beleza e a liberdade de pensamento. A Igreja do Salvador, no Shankill, era o símbolo e o resumo do ulsterismo.

Com o advento do século XX, Belfast se tornou um fator preponderante no

esquema britânico, um gigante industrial, um centro de receitas que custeavam a colônia leal e perfeita, que policiava os seus dissidentes com prosperidade marginal para alguns e uma farta messe de lucros para a elite. O seu comércio e a sua economia estavam associados ao fato de que era uma cidade inglesa e onde qualquer questão de autonomia irlandesa ou de republicanismo provocava reações de medo e de cólera.

Belfast estava com seu relógio atrasado dois séculos, sendo uma sociedade de estrutura feudal em que os nativos “desleais” continuavam a ser punidos com uma participação diminuta na riqueza, no trabalho e no poder.

A separação dos trabalhadores era o princípio capital para assegurar o fluxo da

riqueza para a aristocracia e bloquear o progresso e o pensamento liberal.

Os colonizadores em Derry tinham estabelecido uma fortaleza murada num posto avançado cercado pelos católicos hostis. Belfast era diferente e deliberada. Nascera como filho mongolóide do imperialismo britânico.

Conor Larkin tinha ouvido de seu amigo Andrew Ingran e, depois, de Long Dan Sweeney, que ele estava destinado a ser um soldado numa batalha dúbia. Quando chegou à selva de tijolos vermelhos de Belfast, nenhum lugar lhe pareceu mais indicado como um campo de tal batalha.

## 6

Ardoyne era uma das pequenas áreas separadas do principal centro católico em Belfast Oeste e cercada pelos protestantes de Woodvale, Cliftonville e Shankill.

Conor saiu do seu quarto em Flax Street e desceu a Crumlin Road. Era sábado e, portanto, noite de frequência aos bares antes do Dia do Senhor.

Homens de forte musculatura, que trabalhavam nos estaleiros ou em outros serviços braçais, enchiam os bares, tomando Guinness e falando no linguajar rápido e sincopado de Belfast. A língua era áspera. O humor era áspero. A aspereza era a marca registrada daqueles homens, a sua marca distintiva, a sua

constante ostentação. Os homens ásperos sentem e respeitam os homens ásperos e Conor passou pelos bares sem ser molestado.

A New Lodge, um pouco afastada, continha outro enclave católico.

Conor passou por um posto de polícia de prontidão para o estado de guerra da noite de sábado nas fronteiras e nos territórios tribais. Entrou então em Sahndon Lane, parando no centro de uma fila de casas de boneca que tinham supercílios de tijolos nas portas e nas janelas. Bateu na porta.

Fizeram-no entrar sem cumprimentá-lo para a sala onde Long Dan Sweeney estava sentado diante de uma pequena mesa quadrada. Long Dan aumentou a luz do candeeiro enquanto falavam sobre um

mapa da cidade.

Pouca coisa parecia estar acontecendo. Houve apenas um exame rápido das áreas católicas de bar em bar, de igreja em igreja, com uma ou outra indagação calma sobre um velho “irmão” ou um conhecido simpatizante antigo. Conor e seus companheiros eram como pequenas células que flutuassem a esmo, à procura de pontos onde se pudessem solidificar.

Tudo estava guardado na cabeça de alguns homens. Enquanto a agitação e a pressão das palavras atingiam ou não o alvo, esses chefes supremos da Irmandade deslizavam nas sombras. Conor já aprendera que a paciência era o óleo essencial da revolução. Não havia palavras que pudessem levar um homem

de barriga cheia, a ir para a rua lutar e não havia lei capaz de impedir que um homem com fome fosse para a rua.

Milagres e decepções tinham passado por ele havia muito tempo.

Planejava tudo como um cirurgião.

A parte católica de Belfast acabaria envolvida em alguma espécie de guerra de rua. As táticas dos bôeres tinham sido cuidadosamente estudadas e permitiriam que pequenas forças móveis, com o apoio da população católica, imobilizassem grandes contingentes de tropas convencionais. Talvez isso não estivesse de acordo com as regras dos escritórios com móveis de mogno, mas igualaria as probabilidades e frustraria e reduziria a paciência de uma força militar de movimentos pesados.

Dentro de quanto tempo? Haveria mais duas eleições, talvez três, e os conservadores perderiam o poder na Inglaterra. Falava-se de novo na apresentação de uma lei da Autonomia, mas a fé em John Redmond e no Partido Irlandês era muito pequena. Redmond tentaria e seria derrotado. O

povo correria para o Partido Sinn Fein, de Griffith. Mais um insucesso nas colheitas, mais uma crise, mais uma decepção causada pelos ingleses e todos começariam a procurar a Irmandade. Esta devia estar preparada, pequena, mas bem organizada, com unidades e planos concretos. Belfast era uma cidade difícil. Long Dan murmurou que estava sempre a um passo da loucura. Sabia que as coisas eram difíceis para Larkin. Em outros

lugares, em Cork, Dublin, Galway, no interior, a população era predominantemente católica. A Irmandade podia sempre encontrar alguma pessoa simpática numa posição importante e, se houvesse um choque, a maioria da população os apoiaria. Em Belfast, tudo era controlado pelos protestantes e ultrabritânico, o governo, as docas, os transportes, a polícia, tudo. Por ocasião de um levante, a Irmandade já teria organizado algumas boas unidades de combate nos bairros católicos, mas o grosso da população seria leal à Coroa. A Irmandade teria muita dificuldade em encontrar alguma autoridade que lhe fizesse o jogo.

Long Dan dobrou o mapa e as outras informações que Conor levara, sem elogios nem comentários.

— Tenho uma ideia a respeito do contrabando das armas — disse Conor.

Dan teve um gesto de assentimento.

— Vou tentar empregar-me nas Oficinas Weed.

Long Dan franziu o sobrecenho.

— Há menos de duzentos católicos nos estaleiros, que têm uma força de trabalho de dez mil homens. Terá tanta chance quanto uma garrafa de gim num botequim de Tipperary. Mas, ainda que consiga entrar, que é que isso vai adiantar?

— Cais particulares — disse Conor.

— Continue.

— Não sei como os portos são guardados em outros pontos da Irlanda. Têm um serviço de vigilância pela alfândega muito fechado e quase

inteiramente protestante.

— É assim em toda parte — disse Dan.

— As oficinas Weed têm uma espécie de serviço particular. O fluxo de material que chega da Inglaterra e para lá vai é quase constante e diário.

Quase não há segurança e os velhos funcionários da Alfândega que lá trabalham raramente inspecionam alguma coisa. O que eu penso é que o pátio pode ser uma porta dos fundos sem qualquer vigilância. Não sei como, onde, quando e por que, mas eu gostaria de espiar lá dentro e ver como são as coisas.

A única fraqueza de Long Dan era o fumo. Pensou durante alguns minutos, envolto numa nuvem de fumaça. Passar com as armas através do mais poderoso

baluarte protestante em toda a Irlanda, as Oficinas Weed, seria uma loucura, mas era muito atraente na sua simplicidade.

— Não custa nada tentar — disse ele.  
— É claro que já deve ter calculado uma maneira de conseguir um emprego lá.

— Sim, tenho algumas ideias a esse respeito.

O ceticismo de Sweeney se desarmou.

— Como é que vai ser?

— Tenho um ou dois velhos amigos.

O velho rebelde pensou um pouco e disse: — Pode tentar.

— Está bem.

A temporada não tinha sido fácil para os Boilermakers de Belfast Leste. Depois de sucessivas derrotas diante de Batley, dos Rochdale Hornets e de Wigan, o

treinador Derek Crawford subsistia apenas graças à ingestão de uma dúzia de remédios contra a colite crônica. Faltava ainda meia dúzia de partidas para jogar em Belfast antes da excursão pela Inglaterra, e os rumores de descontentamento podiam ser ouvidos por toda parte, de Rathweed Hall até aos bares onde se reuniam os torcedores.

No escritório dos fundos do estádio, Crawford estalava nervosamente os dedos, enquanto estudava uma lista de nome dos clubes de amadores nos condados vizinhos. Mas não podia encontrar os reforços que procurava.

— Entre — resmungou ele quando bateram na porta.

Conor entrou no escritório e se aproximou da secretária de tempo

correção.

— Não deve lembrar-se de mim. Tomamos um drinque juntos em Derry há alguns anos. Convidou-me para fazer uns testes aqui no seu clube. Meu nome é Larkin, Conor Larkin.

Crawford apertou os olhos sem reconhecê-lo.

— Bogside — disse Conor.

— Jesus! Isso deve ter sido há mais de um século, — Foi há muito tempo, de fato. Deixei o navio onde estava embarcado e estou pensando em morar em Belfast. Seria bom ter um emprego e um time.

— Bogside? Você jogava futebol gaélico, não era?

— Era. Mas joguei também rúgbi numa equipe da Austrália, há duas

temporadas. Nos Melbourne Outcasts.

Crawford olhou as têmeoras grisalhas e o rosto curtido do marinheiro.

— Que idade tem você, Larkin?

— Trinta e um anos.

O treinador fez uma careta e sacudiu a cabeça.

— Bem, nós não somos os Melbourne Outbacks. Dispensei por motivo de idade três homens neste ano. Todos eram mais moços que você. É um jogo duro demais para velhos.

— Eu sou bastante duro — disse Conor, sorrindo.

Crawford gostava de homens presunçosos. Rebuscou a memória e lembrou-se vagamente de que Larkin o havia impressionado pela sua força. Olhou-o de alto a baixo. Nada na

aparência de Larkin indicava que ele tivesse enfraquecido. Por outro lado, os seus vinte e cinco anos como treinador lhe diziam que não era possível um homem desembarcar de um navio e ir jogar sem mais aquela numa equipe de primeira categoria.

— Qual é sua posição?

— O centro do meio do campo.

Jesus Cristo, pensou Crawford, há muito tempo que não dispunha de um bom homem para a posição. Wilson tinha ocupado o posto durante nove anos e, de repente, não dera mais nada. Nunca mais encontrara quem fosse suficientemente forte para o lugar. Mas, apesar de tudo, um homem não desembarca de repente e...

— Acha mesmo que pode jogar na posição?

Conor encolheu os ombros.

— Não estaria aqui se não achasse. A esta altura da temporada, nada tem a perder, fazendo um teste comigo.

— Está bem, Larkin. Vou fazer um teste com você... mas estou avisando, é melhor não ter muitas esperanças.

— Há também um emprego, não há?

— Se você ingressar no time.

— Eu sou ferreiro.

— É mesmo? Doxie!

O chamado de Crawford foi atendido por um homem gordo que parecia caído de um cavalo com os seus calções de rúgbi. A sua cara irlandesa redonda tinha um nariz torto e achatado e outros sinais de serviço ao esporte.

— Este é Doxie O'Brien, treinador do time de aspirantes e meu assistente. Este

aqui é Conor Larkin, um dos seus de Londonderry. Quer fazer um teste. Jogou gaélico e rúgbi na Austrália... nos Sydney Outhouses ou coisa que o valha. Tome conta dele.

Conor recebeu um convite para ir esperar do lado de fora e Crawford tirou da gaveta uma garrafa de *paddy*.

— Você não devia estar bebendo isso do jeito que está com o estômago.

Crawford não deu atenção ao conselho de Doxie e passou-lhe a garrafa depois de beber.

— Gosto do estado de espírito dele — disse em resposta ao olhar de estranheza de Doxie. — Lembro-me muito bem do camarada. Forte como uma chapa de aço.

— Conversa. Você está desorientado

depois das nossas derrotas e olha cheio de esperanças para todo estivador e entregador de gelo. Mas não se engane. Uma coisa é jogar bem diante de uma turma de irlandeses magros e outra é jogar rúgbi aqui. Que é que acha que temos aqui? Um asilo de velhos?

— Ele jogou na Austrália...

— E que é que entendem do jogo por lá?

— O bastante para Sir Frederick estar pensando em fazer uma excursão por lá. Faça um teste com o homem.

— Pelo amor de Deus...

— Chega, Doxie.

O Estádio dos Boilermakers, com capacidade para dezoito mil pessoas e o primeiro a ter uma estrutura de aço, fora

outro dos prêmios pessoais de Frederick Weed na vida. Tinha sido um jogador destacado de rúgbi em Cambridge. Depois de Cambridge, ganhara oito títulos em jogos internacionais jogando pela seleção nacional da Escócia e mais dois títulos para a seleção da Irlanda depois de mudar-se para o Ulster.

Logo depois de haver aberto os seus estaleiros, fundou os Boilermakers de Belfast Leste, como um desdobramento da sua personalidade e um monumento às suas proezas do passado. Treinou a equipe e jogou na companhia de ajustadores e rebitadores até que as suas atividades e a idade o afastassem da condição de um jogador ativo, sem arrefecer o seu entusiasmo pelo esporte. Weed organizou um clube que era o

orgulho do Ulster, o campeão da Irlanda e era olhado com muito respeito na Inglaterra. Agrupava jogadores a quem ele dava consideração especial, empregos e favoritismo. Isso lhe deu uma vitória fácil quando surgiu a grande questão do profissionalismo no rúgbi.

O amadorismo era olhado com desfavor não só por Sir Frederick, mas pelas Midlands industriais da Inglaterra, onde os jogadores eram mineiros e operários, os quais recebiam dinheiro livremente. Foi então fundada a Liga Profissional de Rúgbi do Norte. Os Boilermakers se filiaram à Liga e se tornaram o primeiro e único time profissional irlandês.

Além do salário, de uma casa própria em Bangor e do uso de um pavilhão de

caça na Escócia, o novo estádio acabou por convencer Derek Crawford, fazendo-o deixar os Brighouse Rangers, onde tinha sociedade. O

estádio ficava ao lado dos estaleiros, era todo pintado de verde e ficava cercado de molhes, rampas de lançamento, diques secos e as quatro grandes chaminés da usina siderúrgica. Adiante, ficava a extensão azul da baía de Belfast. O camarote pessoal de Sir Frederick com uma suíte completa no alto do estádio era único, pois continha uma sala de troféus, um bar e uma sala de jantar.

Eram também excepcionais as instalações para os jogadores embaixo do estádio, com vestiários e banheiros individuais. Havia uma sala de recreio

para os jogadores com poltronas de couro, mesas de bilhar, jogos de dardos e um bar onde sempre se podia encontrar uma garrafa de Guinness.

Não era de admirar que todo rapaz em Belfast sonhasse em jogar nos Boilermakers, pois isso significava um excelente emprego, algum renome local, excursões pela Inglaterra e chances de receber um salário duplicado.

Conor e Doxie O'Brien saíram do túnel no campo no momento em que o apito do pátio tocava, seguindo-se uma marcha compacta de operários pela beira do Canal do Rei Guilherme. Com marmitas nas mãos e a sujeira do dia nos rostos, diminuíram um instante o passo a fim de observar os heróis do rúgbi que

treinavam.

— Não tenha muitas esperanças — disse Doxie por entre os dentes.

— Não é a primeira vez que me dizem isso hoje.

— Escute o que eu lhe vou dizer. Sir Frederick e Crawford não têm nada contra você ou contra mim pelo fato de sermos católicos. Para você, basta que seja bom e possa jogar no clube. Entretanto, já temos muitos católicos por aqui e, para você entrar, é preciso que seja bom de verdade.

— Sou bom de verdade — disse Conor.

Quando os jogadores passavam pelo túnel, olhavam para Conor sem muita simpatia. Conor sabia que o estavam avaliando e que, dentro em pouco, procurariam massacrá-lo de tudo quanto

era jeito, a fim de saberem se ele era digno de estar na companhia deles. Alguns cumprimentaram-no friamente, mas nenhum lhe estendeu a mão.

— Agora me lembro de um rapaz de Derry chamado Mick McGrath, que veio ser experimentado aqui, há uns oito anos. Estive vendo algumas fotografias antigas da equipe e não pude encontrá-lo.

— McGrath de Derry? Católico?

— Isso mesmo.

— Não me lembro bem dele. Nunca passou dos aspirantes. Sofreu uma contusão grave e foi trabalhar nos estaleiros. Se não me engano, já saiu. Procure os padres daqui de Belfast, que devem ter alguma notícia dele.

— Conor! Conor Larkin! — gritou alguém.

— Ora, vejam só! Jeremy Hubble. Por essa é que eu não esperava.

Como vai, garoto?

O Visconde Coleraine estava num estado intermediário entre menino e homem, com os seus dezenove anos.

— Deixe-me olhar para você, Jeremy! Já está fazendo a barba?

— É formidável ver você, Conor!

— É o mesmo que eu sinto em ver você. Como vai sua simpática mãe?

— Vai muito bem. Vai ficar muito satisfeita quando souber que me encontrei com você.

— Como vai seu irmão Christopher?

— Está em Londres estudando. Economia, Direito, essas coisas...

— E você está agora trabalhando com seu avô?

Jeremy teve um sorriso muito parecido com o da mãe.

— Oh, eu estou estudando para ser a ovelha negra da família. No fim do ano, irei para o Trinity, em Dublin, e meu avô e eu estamos fazendo uma conspiração para que eu possa acompanhar a excursão do clube.

Estou na equipe dos aspirantes, sabe? Você está vestido para treinar. Vai jogar pelos Boilermakers?

— É bem provável — disse Conor, com a mão no ombro do rapaz. — Não quero tirar vantagem das amizades antigas, mas se eu entrar para o clube, irei trabalhar nos estaleiros. Neste caso, você talvez possa dizer alguma coisa a meu favor a sua boa mãe...

— Que é, Conor?

— É quase uma tolice.

— Faço questão de que você me diga.

— Sempre tive vontade de trabalhar com trens, desde que tinha a sua idade. Ficaria muito contente se pudesse trabalhar como ferreiro na oficina das locomotivas.

Jeremy sorriu, piscou o olho e desceu o túnel para trocar de roupa.

Conor ficou satisfeito. As coisas estavam correndo como ele queria. Se pudesse fazer a sua parte e entrar no time, Jeremy o levaria bem para o centro das oficinas.

Vários dias depois, ainda estavam chamando Conor para treinar.

Tinham-lhe dado o apelido de Ferreiro e os esforços para mantê-lo

afastado do clube estavam sendo contraproducentes.

Minutos depois dos primeiros ataques, Conor sempre se via de posse da bola e forçado a correr com ela. A bola lhe era lançada devagar e em péssimas condições para dar aos outros tempo de convergir sobre ele. No instante em que agarrava a bola, os corpos dos outros caíam sobre ele com um impacto audível e um completo sortimento de caneladas, pontapés, chaves de braço e joelhadas.

Conor preferia não reagir do mesmo modo. Limitava-se a jogar rúgbi.

Elevava-se sobre um montão de corpos, alguns dos quais ficavam desacordados. O desejo que tinham de devorá-lo era fortemente mitigado pelo instinto de conservação.

Depois que Conor demonstrou a sua capacidade de sobreviver, as outras qualidades de seu jogo se evidenciaram. Tinha um chute bem forte e muita segurança em dar e receber passes. As suas derrubadas eram inteligentes e, uma vez que ele punha as mãos num atacante, este caía. O

aspecto mais brilhante do seu jogo era a capacidade de levar a bola até à linha de gol do adversário, a despeito dos derrubadores que tentavam barrá-lo.

Apesar de sua surpreendente demonstração, Conor ainda estava longe de conhecer os segredos do jogo e cometia erros que o prejudicavam. O que pareceu lógico a Derek Crawford e Doxie O'Brien foi colocá-lo nos aspirantes e esperar que ele se desenvolvesse mais

depressa do que envelhecesse.

Um chamado ao escritório de Sir Frederick nunca deixava de quebrar o frágil equilíbrio gástrico de Derek Crawford. Aproximou-se do edifício como se estivesse marchando por uma prancha para ir cair no mar, de bordo de um navio pirata. O treinador ficou espantado de ver que Sir Frederick não estava de cara fechada e mais espantado ainda de ver Caroline a passar pela sala.

— Derek — disse Sir Frederick sem rodeios — Lady Caroline tem um interesse pessoal por esse novato, Larkin.

— Compreendo, Sir Frederick. Vi isso da maneira por que Lorde Jeremy o tratou. Ele trabalhou durante algum tempo na Mansão Hubble, não trabalhou?

— É verdade — disse Lady Caroline.

— Como vai indo ele? — perguntou Sir Frederick.

Crawford coçou o queixo.

— Ele tem grandes qualidades. Forte como um touro, agarra bem, chuta muito bem, mas, compreenda, o time é o Boilermakers e ele tem mais de trinta anos. Não sei dizer como ele resistirá ao atrito incessante de uma temporada. Depois, há os segredos do jogo. Há necessidade de tempo e de experiência para ficar de posse deles.

— Larkin é um homem extremamente inteligente — disse Caroline, simplificando o problema. — Aprenderá tudo com a maior facilidade.

— Talvez seja, mas eu não quero perder mais jogos só para que ele possa

aprender.

Sir Frederick tamborilou os dedos na mesa e trocou olhares com a filha.

— Que é que você acha de incluí-lo como suplente, Derek?

Até então, Weed tinha sido um pouco gentil e nada autoritário. Mas Crawford compreendeu que aquela sugestão tinha quase o peso de uma ordem.

— Se eu pudesse fazer um treinamento intensivo...

— De que é que você precisa para isso, Derek?

— Bem, devíamos dar-lhe um treinador especial. Para mim, Robin MacLeod é quem entende mais de rúgbi de todos nós. Se Sir Frederick estiver disposto a deixar Robin sair do trabalho mais cedo, ele poderá dar instruções a

Larkin durante duas ou três horas antes do treino regular.

— Está bem comigo. Pode tomar as providências.

Crawford deu um suspiro ao sentir um calor no estômago.

— Há mais um pequeno problema. Já temos seis católicos no clube.

Nunca tivemos sete. Se Larkin entrar para a equipe, ele terá de substituir Bart Wilson. Bart é um veterano e isso poderia ter repercussões desagradáveis. Bart tem muito prestígio na Ordem de Orange. Não seria bem vista em Belfast Leste a substituição de Wilson por um católico no meio da temporada.

— Isso não tem importância — disse Weed, mastigando a ponta do charuto. Pensou um pouco e acrescentou: —

Mande Bart falar comigo. Vou sugerir que ele se afaste pelo bem do clube. Ao mesmo tempo, dar-lhe-ei um lugar de contramestre, de modo que ele não terá diminuição de salários.

— Neste caso — disse Crawford — o senhor verá que ele será inteiramente leal para o bem do clube. Bart se encarregará por si mesmo de desmentir os rumores que porventura surgirem.

Levantou-se então e saiu, evidentemente tranquilizado.

Weed abriu os braços para significar a sua capitulação aos desejos da filha. Caroline lhe deu um beijo no rosto e lhe disse que ele era um amor.

— Já que estamos nisso — disse ela — Larkin quer trabalhar como ferreiro.

— Hummm... É mesmo a profissão

dele, não é?

— Escute, Freddie, ele não é um ferreiro qualquer. Deve ter visto o trabalho que ele fez na Mansão com a grade do Salão Comprido. Numa conversa casual com Jeremy, ele disse que gostaria de trabalhar como ferreiro na oficina das locomotivas.

— Escute aqui, aqueles homens nas oficinas levam a sério os seus direitos de antiguidade... Não posso desorganizar tudo ou preterir quem quer que seja.

— Sabe em que foi que eu pensei? Seria muito bom que Larkin executasse alguma coisa que você pudesse oferecer como uma contribuição para o novo prédio da Prefeitura. Ele estaria assim executando uma encomenda especial e não haveria motivo para as ciúmidas dos

outros, nem para que se sentissem preteridos.

— Deus do Céu, você pensou em tudo. Está bem. É mais do que eu pretendia fazer, mas estou de acordo. Agora, não se esqueça da sua parte do nosso trato. Jeremy terá de excursionar com a equipe.

— Não prometi tal coisa, Freddie.

— Prometeu, sim, e eu acabo de tirar a camisa do corpo para lhe dar.

— Freddie, aquele garoto faz de você o que quer, mas ele tem de estudar para passar nos exames de admissão do Trinity. Não pode abandonar os estudos para ir passear na Inglaterra.

— Não pode por quê?

— Christopher é um ano mais moço do que Jeremy e está mais adiantado nos estudos.

— Uma mão lava a outra, minha querida Caroline. Modifiquei todo o meu sistema nas oficinas por sua causa. Agora, você tem de me fazer a vontade.

— Você não toma jeito, Freddie. Mas quem vai ficar furioso é Roger.

— Roger é seu problema, Caroline. Aliás, você terá um argumento poderoso com esse irlandês no time.

— Como assim? Que é que quer dizer com isso?

— Bem, Larkin e Jeremy são velhos amigos e ele tomará conta do garoto...

Caroline olhou para a cara risonha do pai e compreendeu que ele ia conseguir o que queria.

— Muito bem. Mas deixe-me falar com Roger na ocasião oportuna.

# 7

Matthew MacLeod juntamente com alguns amigos fez pressão contra a janela da cozinha. Lá dentro, o pai dele e Conor Larkin quase enchiam por completo a pequena cozinha.

— É ele! — gritou Matt. — Conor Larkin!

— Está bem, olhem o tamanho dele. Com essa altura, é bem capaz de continuar de pé muito tempo depois de ter sido fuzilado.

— Meu pai diz que ele pode arrebentar um muro na carreira. No treino

de ontem chegou à linha de gol com três homens em cima dele.

As casas contíguas dos MacLeods em Tobergill eram pontos de referência assinalados. Morgan, o patriarca, era um contramestre do dique seco Big Mabel e um baluarte da Ordem de Orange e da Igreja. Robin, seu filho, era um dos melhores jogadores de rúgbi de Belfast. Sempre que Robin trazia para casa um companheiro de time, isso constituía um acontecimento no bairro.

Robin MacLeod gostara do jeito de Conor Larkin desde o momento em que se encontraram no campo. Quanto a Conor, Robin lhe lembrava de muitas maneiras Mick McGrath. Era forte e sólido como Mick, ágil, simpático e com uma cabeça avermelhada e ondulada. Robin era o

cérebro dos Boilermakers e, quando Conor foi designado para estudar com ele, os dois se deram muito bem.

Matt fora mandado para fora, mas Lucy entrava e saía com vários aparecimentos inesperados. Quando os dois começaram a estudar a sério, Morgan apareceu.

— É com grande prazer que o cumprimento — disse Morgan, apertando a mão de Conor.

Nell apareceu então e, depois dela, vieram vários vizinhos. Queriam ver e trocar uma palavra com o novo homem dos Boilermakers para depois terem o que contar no bar. O esporte era uma atividade não-sectária. Era a equipe que importava. Conor foi aceito como um dos homens mais destacados na sua religião, pois

tinha um ofício como eles.

— Se essa gente não parar de entrar aqui, a gente não vai poder trabalhar! — disse Robin a Lucy depois de mais uma interrupção.

— Não seria melhor irmos para meu quarto? — perguntou Conor.

— Não. Eles se acomodarão dentro de poucos dias e então teremos paz.

Robin tinha traçado um programa, dentro do qual Conor ficaria conhecendo a maneira de jogar do clube, os adversários clube por clube, os segredos do jogo e as regras. Ficou muito impressionado com o critério intelectual com que Conor via o jogo. Naquela temporada, os Boilermakers só estavam mesmo atacando impiedosamente o estômago de Derek Crawford. Robin

queria preparar um jogador tão apurado de técnica e de conhecimentos que pudesse integrar o time e participar da excursão às Midlands.

Antes do fim da semana, todo o mundo dentro do raio de dois bares em Tobergill Road fora apresentar seus cumprimentos. Todo o mundo, à exceção de Shelley MacLeod. Todos fizeram Conor sentir-se à vontade com eles, mas lhe fizeram compreender que a irmã de Robin era uma criatura diferente, talvez um pouco esnobe.

Sabendo que o irmão estava preparando outro novo jogador, Shelley evitava escrupulosamente entrar em casa. Era uma pequena do Shankill e podia ser atraída numa noite de sábado para conversas em torno de uma garrafa de

Guinness, mas também vivia como uma estranha em seu meio e passava longos períodos sem que ninguém soubesse dela. Os companheiros de Robin, embora decentes, eram um tanto primitivos de inteligência e de desejos. Outro jogador tinha poucos atrativos para ela.

A despeito da aversão de Shelley, a aura especial das visitas noturnas de Conor Larkin custou a esmaecer. A família parecia encantada com ele.

Havia uma vibração sensível entre as duas casas que tornava a sua presença um acontecimento. Depois de quinze dias de cuidadosa evasão, a curiosidade de Shelley tinha de ser satisfeita.

Anunciou então que estaria presente num jantar de sábado para o qual Conor Larkin fora convidado. Ela o considerou

impressionante, se apenas se levasse em conta a aparência física, porque ele era um pouco mais alto que Robin e bem mais alto do que ela. Shelley murmurou um “alô” desajeitado enquanto ele continuava a apertar-lhe a mão e estudá-la em silêncio. Conor olhou para os longos cabelos vermelhos dela e parou nos seus incríveis olhos verdes. Sentia-se tomado de uma estranha espécie de fome, que não chegava a ser desejo. Era mais a satisfação de quem encontrou alguma coisa que havia muito procurava. Ficaram assim a olhar um para o outro até que Matthew foi chamado da rua e chegou reclamando e pondo fim ao transe.

Morgan abandonou a sua posição de temperança por um instante e tomou um gole com os rapazes. Depois, voltou à sua

pompa costumeira, quando se sentou cerimoniosamente à cabeceira da mesa. Colocou os óculos, embora não precisasse disso, pois tinha toda a Bíblia de memória.

Depois de abrir o livro que já estava na família havia cinco gerações, tossiu para que as cabeças se curvassem.

“São estas as coisas que deveis fazer: Falai a todos os homens a verdade sobre os vizinhos, executai o julgamento da verdade e da paz dentro das vossas portas. Não deixeis que se crie o mal dentro dos vossos corações contra os vossos vizinhos e não ameis os falsos juramentos, pois todas essas coisas eu detesto, diz o Senhor.”

Tendo assim declarado a sua aceitação de Conor Larkin, fechou o livro

e baixou a cabeça. Nesse momento, viu de relance sua filha e Conor olhando um para o outro por cima da cabeça de Matthew e compreendeu, graças à sua idade, que a mais velha e mais explosiva das situações humanas se verificava ali em sua casa. Nunca vira Shelley tão rapidamente interessada em coisa alguma e duvidara até então de que ela tivesse a capacidade de interessar-se. Shelley sempre controlava inteiramente a Shelley.

— Nós vos agradecemos, Senhor, estes frutos da vossa magnanimidade e a presença de um novo amigo que vem honrar a nossa casa.

Esperou que Conor fizesse o sinal-da-cruz ou dissesse alguma palavra, mas não houve resposta e ele acrescentou: — Amém.

Depois do jantar, reuniram-se na sala, em torno da estufa que ronronava. Lucy sentou-se ao piano sem muita vontade e a voz estrondosa e desinibida de Morgan forçou todos a um festival de canto.

Na quarta canção, todo o constrangimento havia desaparecido e Conor galvanizou o momento cantando com uma voz que ninguém esperava uma velha balada do Donegal. Houve um instante de simulação quando Matt disse que queria ouvir alguma coisa de Orange. Isso foi executado rapidamente no piano.

Matthew pegou no sono e Robin carregou-o para casa. Todos desapareceram um por um e Conor e Shelley ficaram sozinhos. A inquietação do primeiro instante em que se tinham visto reapareceu.

— Foi uma grande noite — murmurou  
Conor.

Tirou o boné do cabide e saiu.

Uma longa semana depois, Shelley bateu na porta da cozinha de Lucy e entrou. Conor estava sozinho, arrumando alguns papéis em cima da mesa.

Levantou a vista e disse: — Lucy e Matt já foram dormir. Robin foi ao bar apanhar alguma coisa para bebermos.

— Eu sei. Vi quando ele saiu.

Ficou pregada ali no chão, evidentemente com raiva por ter obedecido ao impulso de entrar para vê-lo e, mais ainda, por haver confessado isso.

— Esperei a noite inteira que você aparecesse — disse Conor. — Fico

satisfeito de que afinal tivesse resolvido entrar.

Shelley tinha até então afastado todos os maus elementos do Shankill com um olhar de desdém. Quis fazer o mesmo com ele e não teve forças. A observação dele era a pura verdade. Ela o tinha evitado e ele esperava. Ela não parecia mais capaz de evitá-lo. A atração durante toda a semana se havia tornado irresistível a ponto de fazer-lhe mal.

— Então? — perguntou Conor.

— Então? — disse Shelley, ainda espantada com o seu procedimento.

— Quando é que nos vamos ver, Shelley?

— Acha que amanhã à noite está bem?

# 8

Sir Frederick apoiou entusiasticamente a ideia de Caroline de mandar fazer algum trabalho em ferro fundido nas Oficinas e oferecê-lo em seu nome ao novo edifício da Prefeitura, em Donegal Square. Larkin foi incumbido de visitar o edifício que estava em final de construção e, depois, apresentar uma sugestão. Poder-se-ia pensar que a pesada estrutura era a sede dos serviços da capital da Irlanda ou, ao menos, de uma província e não apenas o centro municipal de uma cidade de quatrocentos mil habitantes.

No local da antiga Casa do Linho, o edifício tinha proporções enormes e era

encimado por uma cúpula que se elevava mais de cinquenta metros acima de Belfast, como uma ode ao seu progresso industrial.

Conor dominou a raiva que sentia do projeto, pois o mesmo lhe permitia estar exatamente onde queria dentro do conjunto Weed.

Decidiu-se por dois portões do vestíbulo para o Grande Salão, que ocupava toda a fachada leste do edifício quadrangular.

Partindo da premissa de que Belfast era o centro da mentalidade compacta e piedosa do Ulster, Conor chegou à conclusão de que era inadmissível qualquer coisa no estilo rendilhado de Tijou ou dos mestres italianos. Resolveu adotar quase um estilo barroco alemão,

que lembrava o espírito da Reforma. O estilo pesado lhe permitiria abrir espaço nos portões para toda espécie de escudos heráldicos e símbolos do progresso que fossem capazes de acelerar o sangue do Ulster.

Conor sabia que Sir Frederick era um colecionador de objetos de arte e um homem de bom gosto e teve o cuidado de não ofendê-lo. Ao mesmo tempo, os portões tinham de harmonizar-se com o conjunto do edifício, com o tema da terra e com o povo que a governava. Moveu-se com muito cuidado entre uma ironia muito sutil e uma noção de grandeza.

Quando os projetos ficaram prontos, depois de um mês, foi levá-los pessoalmente a Sir Frederick. Este acendeu um charuto, abriu os projetos e

ficou deliciosamente surpreso. Havia soluções brilhantes e o mau gosto fora magistralmente contornado. Tudo estava ali e, entretanto, faltava alguma coisa. Weed estudou Larkin e os desenhos entre divertido e respeitoso. Sabia que o homem era completamente determinado no que estava fazendo.

— Escute aqui, Larkin. Está querendo divertir-se à minha custa?

— Já viu o interior do edifício?

— Recentemente, não.

— Talvez fosse melhor ir ver.

— Bem, os portões significam exatamente o Ulster. Com isso, eu concordo.

— Posso sugerir que consulte as autoridades municipais interessadas e lhes observe as reações?

Weed fez exatamente isso. Ficaram todos encantados. Larkin tinha acertado em cheio e os planos foram aprovados.

Podia-se sempre esperar descontentamento quando um católico invadia os

domínios protestantes das Oficinas Weed.

Esse descontentamento foi reduzido ao mínimo quando Bart Wilson, a quem Conor substituíra nos Boilermakers, foi promovido a contramestre de uma oficina, para aplacar quaisquer reclamações. Wilson apresentou pessoalmente Conor, o que levou a uma aceitação tácita. Os homens do time de rúgbi de Sir Frederick tinham uma categoria especial. Além disso, Larkin não parecia ser uma ameaça ao emprego de ninguém, pois estava

executando uma encomenda especial para Sir Frederick. Prevalecia, contudo, uma frieza mútua e a preocupação de não atrapalhar.

As oficinas das locomotivas se estendiam do lado sul do Canal do Rei Guilherme, começando ao lado da usina siderúrgica. Uma série de oficinas ficava ao lado da usina principal de montagem, onde Conor estava estabelecido numa das forjas. Foi recebido tão bem quanto um leproso, mas deixaram-no em paz.

Tendo liberdade de movimentos, ele analisou minuciosamente o conjunto gigantesco. Algures naquela imensidão, devia estar o ponto fraco, a porta dos fundos para o Ulster, pela qual podiam ser trazidas as armas da Inglaterra. Entretanto, ao percorrer áreas sobre áreas, não

conseguia encontrar a chave que resolveria tudo. Todas as perspectivas promissoras iam terminar em becos sem saída. O que lhe parecera uma operação fácil do exterior, já lhe estava parecendo muito mais difícil do que jamais havia julgado. Tudo, material, cargas, movimento, era submetido a rigoroso controle. Ainda que fosse possível transportar as armas da Inglaterra para as Oficinas Weed e seus cais particulares, que poderia acontecer? Como poderiam as armas ser descarregadas no pátio e transportadas para fora? Mas ele estava lá dentro e em algum ponto não podia deixar de existir a porta dos fundos.

Andava da usina siderúrgica para as rampas de lançamento de navios e para os cais, anotando tudo centímetro a

centímetro na cabeça para mais tarde transportar tudo para o papel. Tinha um calculador automático nos olhos. Pesquisou até ficar desconfiado da própria liberdade de movimentos. Se fosse visto três e quatro vezes no mesmo ponto, observando, isso mais cedo ou mais tarde provocaria indagações.

No começo, procurava ficar perto da oficina das locomotivas, pois lhe parecia o ponto mais central do conjunto. Sentia isso por motivos que só ele conhecia. Ficava um pouco longe da sua forja, mas ele podia entrar e sair várias vezes por dia porque fizera amizade com Duffy O'Hurley, maquinista do trem particular de Sir Frederick.

O maquinista que estava nos controles do Expresso da Mão Vermelha que

quebrou a barreira dos cento e cinquenta quilômetros por hora foi Duffy O'Hurley, do condado de Tipperary, com seu cunhado, Calhoun Hanly, como foguista. Duffy tinha escapado dos riscos primitivos das estradas de ferro, inclusive numerosas falhas de freios e de engatamentos, descarrilamentos e uma monumental colisão. Era um maquinista exagerado e a basta fumaça negra que saía de suas máquinas com um consumo excessivo de carvão e de água visava exclusivamente à velocidade. A dupla de O'Hurley e Hanly se tornara lendária numa profissão própria para a criação de lendas. Embora os dois fossem católicos, Sir Frederick os contratara por pura frustração. Quando Duffy e Calhoun fizeram a reta de Newtonabbey a 160

quilômetros por hora no seu primeiro esforço bem-sucedido, Sir Frederick os promovera como a guarnição permanente de sua máquina particular. Nada podia abalar a lealdade de Weed, nem mesmo as reclamações da filha sobre a maneira exagerada pela qual O'Hurley dirigia as máquinas.

Parte do permanente fascínio do Expresso da Mão Vermelha era a modificação contínua do seu soberbo modelo básico e o esforço de Sir Frederick de valorizá-lo diante do público. Fazia-se dele uma propaganda anual na Inglaterra, associada à excursão dos Boilermakers pelas Midlands.

Todos os anos o modelo mais novo puxava o trem particular com nova publicidade. Na Inglaterra industrial, a

chegada do trem era esperada e acolhida como se se tratasse de uma feira comercial. A máquina, o t tender e os vagões eram pintados com as cores do Ulster e ostentava festões e bandeiras das rodas à chaminé. Sir Frederick recebia os compradores em potencial e lhes oferecia passeios no trem e piqueniques com champanha.

Havia passeios com os garotos da escola, e os vencedores dos concursos em cada localidade tinham o direito a viajar com O'Hurley na máquina.

Nunca deixavam de aparecer na imprensa inglesa fotografias dos últimos modelos que eram o orgulho de Sir Frederick. Muitas pessoas ligadas à realeza afirmavam que essas extravagâncias de Sir Frederick lhe

havam custado o título de lorde. Entretanto, tudo isso estava dentro da flamejante tradição dos construtores da época que eram também os seus grandes vendedores.

Duffy O'Hurley se ajustava muito bem a esse estado de coisas. Era um irlandês de espírito teatral que adorava o seu papel e constituía uma figura pitoresca, sempre com uma pilhéria, uma aposta, um copo de bebida na mão e um grande espírito gregário.

Quando não estava na estrada com o trem particular de Sir Frederick, ficava nas oficinas, especialmente na usina de montagem das locomotivas, como um pai a vigiar a construção do mais novo modelo. Desde que lhe cabia a responsabilidade final pelo desempenho

da máquina, rondava-a fiscalizando todos os detalhes.

E, se não estava na oficina das locomotivas, era certo encontrá-lo no estádio dos Boilermakers, já que, se ele não se tivesse tomado o melhor maquinista da Irlanda, teria sido certamente o maior jogador de rúgbi do país. Sendo um homem rude, grande e de imensa energia, era aceito pelos jogadores como um igual e só ele tinha o privilégio de frequentar a sala de recreio. A sua posição e a sua intimidade com a equipe davam-lhe a condição de herói em qualquer bar em que ele se dignasse entrar.

Não custou muito para que Conor Larkin e Duffy O'Hurley se tornassem amigos. A forja de Larkin ficava perto da

oficina de locomotivas e despertou a curiosidade de Duffy. Larkin era um homem de posição como ele, um artista na sua especialidade como ele era um artista à frente de uma locomotiva, católico também (e às vezes um católico se sentia tremendamente isolado ali) e ambos, por assim dizer, faziam parte dos Boilermakers.

Conor sentiu imediatamente que O'Hurley podia ser um aliado e retribuiu-lhe as visitas, aprendendo o funcionamento da máquina do trem da Mão Vermelha. Duffy se sentia muito satisfeito em explicar tudo repetidamente. Conor teve o cuidado de não pôr à prova a amizade e não entrou nos particulares da vida, do passado ou das simpatias de seu novo amigo.

O que lhe interessou não foi propriamente a máquina, mas o tênder com os depósitos de água e carvão e os movimentos do trem durante o ano.

Um dia depois do treino, Duffy estava no seu lugar habitual, no bar da sala de recreio dos jogadores, muito contente da vida, pois iria experimentar a sua nova máquina dentro de uma semana.

— Que acontece com a máquina depois da excursão? — perguntou Conor.

— Fica a serviço particular de Sir Frederick durante um ano, até estar pronto o novo modelo.

— Faz muitas viagens durante esse tempo?

— Não. Algumas viagens de ida e volta a Derry. Uma viagem ou duas até a residência de verão de Sir Frederick, em

Kinsale. Sai de Dublin e viaja pela Inglaterra talvez quatro vezes por ano.

— Muito bem. E que é que se faz da máquina velha quando aparece a nova?

— Talvez você não acredite, mas a linha de candidatos é enorme.

Todo marajá indiano e todo proprietário de minas de ouro na África do Sul desejam essas máquinas, mesmo usadas. Está pensando em comprar uma, Conor?

— Quem sabe? — respondeu Conor.

A porta dos fundos para o Ulster acabava de entreabrir-se.

# 9

Markets, um pequeno enclave católico, ficava à margem do rio Lagan, entre o gasômetro e um conglomerado de depósitos e fábricas. Era constituído de um grupo de casas do século XVIII, deterioradas a um passo da ruína pura e simples. O calçamento escorregadio de pedras mostrava uma camada de sujeira que nunca fora lavada. Conor entrou ali pisando em ovos. Encontrou a entrada para um pátio sem saída. A tabuleta da rua devia ser ilegível desde muito tempo. Quatro meninas pulavam corda à sua frente, cantando:

*Campânulas azuis nos campos,  
Campânulas azuis nos campos,*

*Campânulas azuis nos campos, Vou ser o seu senhor.*

*Vem comigo a Londonderry, Vem comigo a Cork e Kerry, Vem depressa e muito leve, Pois vou ser o seu senhor.*

*Tan-tan-tan no ombro esquerdo, Tan-tan-tan no ombro esquerdo, Tan-tan-tan no ombro esquerdo Vou ser o seu senhor.*

— Bom dia, minhas filhas — disse Conor quando a corda parou um instante.

— Estou procurando Cyril's Close.

— Cyril's Close é aqui mesmo.

— Sabem onde é que Mick McGrath mora?

As meninas ficaram caladas, o que era um sinal de contato constante com os

cobradores. Conor sorriu.

— Não se preocupem. Não quero cobrar nada. Sou apenas um velho amigo dele de Derry.

As meninas se entreolharam e visivelmente tiveram vontade de correr. Mas a menor delas se aproximou, tomou a mão de Conor, levou-o até o fim do pátio e apontou. Em seguida, saiu correndo.

Conor deu um suspiro ao olhar para os arredores. Um enorme tanque de gás se erguia diretamente acima do pátio, excluindo qualquer possibilidade de luz do sol. Bateu na porta e ouviu movimentos furtivos lá dentro. Bateu de novo com mais força. Pelo canto dos olhos, viu que alguém o espiava pela fresta de uma cortina de janela descida.

Conor tomou a bater.

— Abra que é um amigo!

Um menino chorou dentro da casa. Conor bateu de novo e a porta se entreabriu. Mick McGrath apertou os olhos ante o impacto da claridade.

Não parecia mais o mesmo.

— Quem é? — perguntou com a voz rouca.

— Conor Larkin, de Derry.

A porta se abriu mais um pouco, mostrando os destroços de Mick McGrath. A lembrança lhe acendeu uma sombra de sorriso no rosto.

— É Conor mesmo — murmurou Mick.

Conor empurrou a porta e sentiu um cheiro terrível de mofo e de odores humanos.

— Desculpe não ter aberto logo a

porta — disse Mick. — Os cobradores não me dão descanso. É uma gente sem coração.

Conor entrou e na semi-escuridão viu uma velha numa cadeira de balanço que murmurava sem parar coisas incoerentes.

Uma mulher magra e de olhos parados estava sentada num catre com as costas contra a parede.

— Minha mulher, Elva, que não está passando bem.

O garoto chorou. A mulher pegou-o num gesto automático e colocou-lhe na boca o seio emurchecido. Tossiu enquanto o garoto procurava mamar até que teve um acesso mais forte. Largou o garoto, que recomeçou a chorar, e estendeu a mão para uma garrafa de *poteen*.

— Estou com uma dor de cabeça

terrível hoje — disse Mick. — Tenho a impressão de que a cabeça vai estourar.

Conor recuou até à porta.

— Pegue o que tiver que pegar, Mick. Vou esperá-lo no bar da esquina de Little May Street.

Quando ele fechou a porta e saiu, as quatro meninas que tinham pulado corda cantando *Campânulas Azuis* ficaram num canto a olhá-lo e ele podia sentir por todo o pátio uma fuzilaria de olhares ocultos.

— Adeus — disse ele, passando pelas meninas.

Havia intenso movimento no bar quando Mick chegou e se sentou ao lado dele. Conor passou-lhe a garrafa. Mick bebeu dois copos um atrás do outro, com as mãos trêmulas e derramando um pouco da bebida.

— Como foi que me descobriu?

— Já não sei. Perguntei até encontrar.

— Por que não se mete com sua vida e não me deixa em paz?

— Desculpe — disse Conor, levantando-se do banco do bar. — Pode ficar com o resto da garrafa.

Mick agarrou-lhe o braço.

— Não vá embora.

Sentaram-se em silêncio enquanto bebiam um pouco mais.

— Eu estava jogando nos aspirantes — disse afinal Mick. — Melhorava de jogo para jogo e já estava na bica para ser promovido ao time principal.

Tudo ia muito bem. Ganhava mais de uma libra por semana trabalhando como ferreiro nos estaleiros e o dinheiro me sobrava no bolso. Que foi que adiantou

tudo isso?

A mão de Conor em seu ombro era cordial e a lembrança dos dois jogando juntos pelo time de Bogside lhe encheu o espírito daquela passada glória. Desviou os olhos do espelho do bar para não ver o seu aspecto no momento e continuou: — Estava morando com Elva e com a mãe viúva dela. Foi a velha que você viu lá em casa. De repente, no meu quarto ou quinto jogo...

— Que foi que aconteceu?

— Um pontapé no joelho arrebentou-me a rótula e tudo mais. Acho que o barulho se ouviu em todo o estádio. A dor era tamanha que chorei como uma criança enquanto me levavam para o hospital. Fizeram-me uma porção de curativos, cortando muita coisa, e eu fiquei lá jogado

em cima de uma cama, pensando dia e noite que nunca mais ia jogar e que talvez os médicos me fossem cortar a perna. Um belo dia, não aguentei mais aquela agonia e fugi do hospital.

— Você devia estar escondido no dia em que Deus distribuiu juízo pelas pessoas.

— Foi a dor. Elva e a mãe dela eram muito pobres, mas foram muito corretas comigo. Compravam-me bebida e eu ia conseguindo aguentar o pior. Finalmente, a dor passou... De todo, não. De vez em quando, ainda dói um pouco. Ficou tudo arreventado no lugar do joelho, sabe? E você, Conor?

— Estou andando por aí.

— Soube que você tinha deixado Derry.

— Foi...

— Ainda joga?

— Ainda. Estou em Belfast por algum tempo, trabalhando com os Boilermakers.

— Tem estado então com Doxie O'Brien?

— Tenho, sim.

— Ele é católico também e eu fui procurá-lo para ver se conseguia voltar para o meu lugar de ferreiro nos estaleiros. Ele se interessou muito por mim, aquele Doxie. Você sabe como é. Está muito certo trabalhar ali se você joga no clube, mas Deus tenha piedade de quem não pode mais jogar.

Ainda que você seja aleijado, se jogar pelo clube, isso não fará a menor diferença. Mas você sabe o que pode acontecer a uma pessoa que trabalha numa

forja cheia de metal quente e onde não gostam dela.

Mick arregaçou a manga da camisa e mostrou uma feia queimadura no braço.

— Foi um rebite quente que me jogaram do alto no dique seco. Tenho outra queimadura nas costas.

— Mas, Mick, há centenas de oficinas de ferreiro em Belfast.

As lágrimas chegaram aos olhos de Mick.

— Eu sei. Fui despedido de quase todas elas. Nunca mais me pude aprumar. Quando a mãe de Elva teve o primeiro ataque, achei que devia tomar conta delas.

— Que é que sua mulher tem? — perguntou Conor.

— Ela trabalha como cardadora nas fábricas de linho desde os doze anos.

Você não faz ideia do que são estas fábricas daqui. Algumas têm metade do tamanho do Bogside. As janelas são todas tomadas pela fumaça das máquinas e não deixam entrar a luz do sol. As mulheres trabalham ali descalças, porque o chão é todo molhado, doze horas sem parar. A princípio, o barulho as domina, ataca a cabeça e elas nunca mais ouvem direito. Depois, a umidade sobe para as juntas e elas ficam entevadas de reumatismo. Depois de algum tempo, os pulmões são bombardeados com o pó do linho. Duas irmãs de Elva foram cardadoras antes dela. Morreram antes dos trinta. Todas as cardadoras têm de beber para continuarem a trabalhar.

Conor pediu outra garrafa e bateu com o punho no balcão do bar.

— Pode ainda reagir, Mick? Eu o ajudarei.

A proposta de Conor não o emocionou. Já perdera até a vontade de ter esperança.

— Não seja tolo. Não vamos durar muito. Você nos viu, não viu? O que eu quero saber, Conor Larkin, é como está seu jogo.

— Ainda dá para algumas temporadas.

— Nos aspirantes?

— Vou fazer a excursão à Inglaterra com a equipe principal.

Pela primeira vez, houve uma espécie de satisfação no rosto de Mick.

— A excursão! — exclamou ele, como se acabasse de ver a Virgem Maria. — Dizem que é formidável! Usa-se o

uniforme da equipe, a hospedagem é nos melhores hotéis. Todas as noites, há um grande bife no prato de cada um, com todo o uísque e toda a Guinness que se quiser.

Viaja-se num trem particular e Sir Frederick sempre aposta um bom dinheiro com um *bookmaker*, para dividir pelos jogadores quando se ganha. Sempre sonhei em fazer a excursão.

— É uma grande coisa — disse Conor, levantando-se.

Mick levantou a mão, recusando o dinheiro que lhe era oferecido, embora fosse desesperadamente necessário.

— Não me procure mais, Conor. Faço entregas de carvão para um parente de Eiva. Não ganho muito, mas, em compensação, não precisamos de muito.

— Adeus, Mick.

— Adeus, Conor.

# 10

O passeio que os dois deram no domingo terminou belamente na elegância discreta da tradicional Old Inn, em Crawfordsburn. Tomaram aperitivos na varanda, diante de um jardim desvairado pelo florescimento pleno das rosas do Ulster.

O *maitre d'hôtel* foi ali saber o que queriam jantar.

— Muito bem, cavalheiro. A mesa estará pronta dentro de alguns momentos.

Shelley MacLeod estava estonteante. Trabalhava para uma casa de alta costura e sabia aproveitar-se ao máximo disso. Tinha saído do pequeno quarto da praia dentro da melhor tradição de Cinderela.

Combinara certos matizes de seda verde com o tom de sua pele e ostentava um decote correto. Os dois lado a lado tinham feito cair um silêncio na sala à sua entrada. Conor olhava para ela como fizera muitas vezes naquele dia e antes disso também.

— Sem dúvida alguma, você está mimando o demônio que há dentro de mim, Conor Larkin — disse ela.

— Não quer que eu mime os anjos, não é? — respondeu ele.

Shelley, de vez em quando, se trancara em longos e desagradáveis silêncios naquele dia, ao contrário do que acontecera de outras vezes.

Naquele momento, estava bem nervosa e queria acender um cigarro, mas não tirava as mãos do colo. Uma

renovação do fogo dentro da varanda lhe iluminou o perfil. Tinha sido outro grande dia aquele. O instante de alegria em que ela lhe abrira a porta, com a cesta de piquenique na mão e uma maleta com as roupas ao lado dela, os rostos sorridentes à vista dos dois, a festiva viagem de trem até Helen's Bay, o passeio de barco num mar picado, o concerto da banda em Bangor e agora o jantar com a lenta e cansada viagem de volta a Belfast. Tinha havido muitos desses dias, mas era horrível que estivesse faltando alguma coisa. Estavam cada vez mais unidos, mais a vontade, mais cheios de motivos para conversas intermináveis. Deus sabia que ela não queria perdê-lo, mas havia nele um lado sombrio que ela pretendia descobrir antes que fossem mais adiante.

Conor sentiu as inconfundíveis vibrações e ficou também em silêncio. Provaram os drinques até que ela se decidiu.

— Conor!

— Sim?

— Há alguma coisa errada entre nós. Cada vez isso é mais evidente.

— Como assim?

— Como? Faltam beijos, abraços e tudo mais... É claro que estou terrivelmente aborrecida com você. Já saímos juntos quinze vezes ou mais num mês e eu não compreendo esse roçar sutil dos nossos corpos e os seus olhos compridos e cheios de desejo. Por que você ainda não tentou levar-me para a cama?

— Tentei, sim, ao menos dentro de

mim mesmo e não sei dizer ao certo o que foi que me impediu. Talvez eu não queira ser apenas em sua vida outro malandro do Shankill.

— Você sabe muito bem que há uma grande diferença.

— Vou-lhe dizer uma coisa. Você é uma mulher que intimida. Antes de mais nada, é a coisa mais bela que meus olhos já viram.

— Espere aí, Conor. Não posso acreditar nisso. Você deve ter estado em muitos lugares, deve ter feito muitas coisas e deve ter amado muitas mulheres.

Conor estendeu o copo na direção do garçom, que tornou a enchê-lo.

— Não se iluda com esta cara que eu tenho, Shelley. Somos uma raça atrasada. Alguns homens na minha aldeia só se

casaram depois dos cinquenta anos. Alguns nunca se casaram. Outros nunca amaram ninguém. Creio que nos obrigam a ter um conjunto de prioridades diferente. Sou um irlandês esquisito, apenas porque prefiro mulheres a bebida. Por outro lado, parece que me desprendi de muitas das velhas tradições.

Ela não precisava de perguntar se ele já havia amado. Ela sabia e tinha conhecido homens como ele que, por maior que fosse a virilidade que aparentavam, se congelavam diante do amor.

Conor era tão tremendamente belo, pensou ela, enquanto ele rebuscava as profundezas à procura de alguns restos para atirar-lhe.

Levantou a cabeça tristemente.

— Quando eu era bem moço, vi um dia uma bela mulher. Era uma condessa e eu quis odiá-la pelo que ela era, mas foi impossível. Via-a de tempos em tempos, sempre olhando de longe. Um dia, tornei-me amigo dela. Ela foi a minha ideia secreta do que era perfeito numa mulher. Por onde eu andasse e sempre que olhava para uma mulher, tinha de compará-la com a condessa, mas nunca achei nenhuma que lhe chegasse aos pés. Shelley, é a condessa que não chega aos seus pés e eu estou perdido sem saber o que devo fazer ou como vou agir.

— Não sou de porcelana, Conor. Debaixo deste vestido de seda, não passo de uma moça de Belfast.

Enquanto se olhavam, Conor Larkin viu-se batendo em retirada diante de uma

mulher pela primeira vez na vida. As suas defesas se haviam desmoronado e ele estava em confusão.

— Juro por Deus que eu penso que estou com medo, Shelley. Se eu ficar com você, tudo vai ser diferente. Não poderemos parar na superfície.

Posso querer penetrar no seu íntimo e devorá-la. Estou hesitando tanto porque não tenho certeza...

— No caso de nós dois, Conor, você está lutando é consigo mesmo.

— Escute, menina — disse ele numa última linha de defesa — há coisas a meu respeito que você desconhece.

— Há também coisas em mim que você desconhece — disse Shelley.

Não havia nela nem medo, nem orgulho, nem mágoa. Os seus olhos verdes

cintilavam quando ela pousou a mão na dele. — Disseme que percorreu o mundo inteiro à procura de alguma coisa. Procurava alguma coisa viva e palpitante ou tudo era um jogo íntimo para divertir-se?

Conor sacudiu a cabeça.

— Eu lhe disse que todas as nossas prioridades eram confusas.

Acredita que em toda essa minha procura nunca esteve incluída uma mulher?

— Estenda a mão para mim e me encontrará, Conor.

— Não quero outra coisa.

— Vou-lhe dizer as coisas da maneira mais direta e simples. Tive muitos momentos maus na vida. Nunca me vi diante de um homem como você e não

pretendo perdê-lo por timidez de sua parte. Quero tê-lo e ficar com você, quando nada para ver se há alguma coisa diferente neste mundo e se pode sobrar um pouco para nós dois.

Conor levou a mão dela aos lábios e beijou-lhe as pontas dos dedos.

Levantaram-se e ele colocou o agasalho de Shelley sobre os ombros dela.

Passaram então para a sala, que era cheia de decorações de caça e objetos de estanho.

A volta de trem para Belfast foi dolorosa porque nascera um desejo físico que Conor não podia mais dominar. Fora rudemente abalado do pedestal onde se colocara para dali contemplar os jogos

dos fracos e dos indecisos. Era um homem forte demais para essas tolices. Quando um homem chega a acreditar isso de si mesmo e a realidade lhe vem provar justamente o contrário, o impacto é devastador.

Com o braço passado pelos ombros de Shelley, que se aninhava toda contra ele, sentia os dedos dela por dentro de sua camisa. Tantas outras já o haviam tentado, mas ele sempre tivera o controle de si mesmo.

O contato da pele dela era entontecedor e a paixão que havia nos olhos de Shelley lhe multiplicava as sensações. Fechou os olhos e encostou a cabeça na janela fria, deixando que o balanço do trem a fizesse bater de vez em quando no vidro. Externamente, pareciam

cansados e parados, mas a respiração acelerada dela correspondia à sua, num ritmo todo feito de amor. Abraçaram-se mais ainda. Ele passou os dedos pela sua nuca e lhe sentiu o delicado tremor dos cílios.

O trem diminuiu a marcha. Separaram-se e ajeitaram as roupas.

Conor olhou pela janela e sentiu uma confusão hostil ao ver que passavam lentamente pelas Oficinas Weed.

“Belfast! Belfast! Estação de Queen’s Quay! Fim da linha!”

Os passageiros cansados desembarcavam.

O túluri seguiu por Shankill Road quase deserta. Os corações de ambos batiam apressadamente. Alguns namorados retardatários ainda

conversavam nas portas.

Shelley abriu a porta toda trêmula e puxou-o para o vestíbulo.

Atiraram-se nos braços um do outro. Foi rápido, desvairado e total.

— Leve-me para qualquer lugar, Conor.

Já ia saindo com ela quando a realidade irrompeu na sua euforia. Era muito tarde e o único lugar possível era seu quarto, cheio de desenhos, mapas e papéis referentes aos estaleiros e à oficina das locomotivas.

Parou e abraçou-a com força.

— Meu Deus! Já me ia esquecendo! Tenho um amigo de Dublin que está dormindo lá em casa. Teremos de esperar até amanhã.

— Amanhã — murmurou ela. —

Haverá um amanhã?

— Fique certa disso.

Alguma coisa começara a desagregar-se desde que ele conhecera Shelley. Naquele momento, era o desmoronamento. Não gostava de tê-la deixado. Não gostava daquela caminhada de Tobergill Road para Ardoyne.

Chegou ao seu quarto, depois de ter subido a escada lentamente. A solidão nunca o incomodara. Um livro e, depois de um livro, uma garrafa e não precisava de mais nada. Os seus pensamentos faziam-lhe a melhor companhia. Naquela noite, a solidão era inimiga e cruel. Olhou para a cama vazia e desejou Shelley.

A sua queda tinha sido rápida, arrasadora e total.

Tinha deixado que Shelley lhe invadisse os pensamentos. E isso acontecera durante muitos dias, distraíndo-lhe o pensamento do seu trabalho. Ela agora dominava esses territórios ocultos. Tirou o paletó, arregaçou as mangas da camisa e recorreu aos seus reservatórios outrora inexauríveis de força de vontade e disciplina. Estendeu na mesa os mapas e os planos e concentrou-se neles com toda a sua capacidade.

*Como seria o corpo de Shelley?*

Empurrou os papéis para o lado e passou de um lado para outro até ir acabar no armário da kitchenette, onde abriu uma garrafa de *paddy*.

*Como seriam os seus seios? Como reagiria ela ao seu beijo?*

Conor atirou-se na cama. Num momento, estava a virar-se nervosamente de um lado para outro. Pensou em outras camas em outros lugares. Sentiu o toque de piedade por todas as mulheres que se haviam deitado com ele porque o amavam, sem que ele tivesse retribuído esse amor. Quantas vezes se fingira comovido com as lágrimas delas, ao mesmo tempo que desejava que elas se levantassem e se fossem embora?

Quando começara aquilo? Quase desde o primeiro dia. Nas manhãs em que ele acordava pensando que ia vê-la, passava o dia todo fugindo de si mesmo.

Levantou-se da cama e voltou para sua mesa com renovada determinação. A visão turva da Condessa Caroline lhe surgiu no espírito.

Era sempre turva a visão porque ela era, na verdade, uma princesa de conto de fadas, uma ilusão conveniente. Escolhera deliberadamente o inatingível como o seu ideal. Se ele algum dia encontrasse uma mulher como ela, teria de amá-la. Era esse o jogo, era essa a fraude. Sabia que nunca encontraria uma mulher assim e sentia-se em segurança. Agora, Shelley MacLeod obliterara essas antigas defesas e o reduzira a um homem como todos os outros, sujeito às mesmas fraquezas que ele sempre condenara.

*Ela amanhã estará nua naquela cama. Eu a conhecerei com a boca, com as mãos, com o sexo...*

Como seu próprio desgosto não bastasse, o absurdo do fato piorava tudo. Ele estava na Irmandade, pertencia à

Irmandade e uma coisa assim era incompatível com a sua missão.

*Shelley deitada ali... olhando para ele... com aqueles olhos maravilhosos...*

Ele pensava, sem dúvida, no amor das mulheres. Tinha havido longas viagens sem porto. De vez em quando, sentia necessidade de mulher. Um idílio era bom quando não causava problemas e ele preferia que não causasse. Nunca tinha tido um caso com uma mulher que ele não controlasse e que não pudesse encerrar de um momento para o outro, sem a menor amargura. Nunca havia pensado numa mulher em especial e, ainda menos, a desejara. Podia magoar as mulheres, sem o menor remorso. Era interessante, mas até então nunca dera muita importância ao fato de magoar ou não os outros.

Reconhecia que tinha sido brutal na sua insistência para que todas as outras combatessem o seu fantasma inatingível.

*Shelley, Shelley... Tão delicada que não era nem possível pensar em magoá-la...*

Estava aborrecido com a súbita introdução a essas fragilidades humanas, torturado pelo seu conflito com a Irmandade e enervado de compreender que podia precisar da força de outra pessoa. Sempre considerara possível que isso lhe acontecesse algum dia, mas no íntimo nunca pudera acreditar nessa hipótese. E seus pensamentos voltaram então para ela e para o seu desejo. À medida que as horas da noite passavam, só tinha certeza de uma coisa. Nada o impediria de encontrar-se com ela no dia

seguinte.

Depois que deixou isso assentado, ficou contente com a ideia e começou a antecipar as suas sensações, em vez de combatê-las. Ao amanhecer, estava exausto, mas feliz. Com a capitulação, começou a contar as horas que decorreriam até que a levasse ali para o seu quarto.

Continuou a examinar os seus desenhos e papéis. Long Dan em breve chegaria a Belfast e Conor queria ter uma solução para apresentar-lhe. De repente sentiu-se preso a um croqui de tênder que já olhara mais de mil vezes. Dessa vez, viu alguma coisa diferente! Era a solução do enigma com absoluta clareza. E tudo tão simples! Talvez estivesse com a cabeça ainda perturbada pela noite mal

dormida. Foi até à pia e lavou o rosto com bastante água fria. Voltou à mesa e olhou o desenho. Era exatamente como havia pensado.

— Encontrei a chave! — exclamou, radiante.

# 11

Long Dan Sweeney usava óculos de vidros extremamente grossos.

Olhou para os desenhos e cálculos de Conor. Todos mostravam o tênder em vários ângulos e cortes transversais.

— Muito bem. Explique-me bem devagar o que eu estou vendo.

— Na realidade, tudo é muito simples — disse Conor, apontando com um lápis.

— O tênder carrega seis toneladas de carvão e quatorze mil litros de água. O depósito de carvão fica na frente e tem uma inclinação de quarenta e cinco graus para permitir que o carvão escorregue para a frente pela ação da gravidade.

— Estou vendo.

— O resto do tênder é ocupado por um tanque de água em forma de U, que corre dos dois lados do depósito de carvão e na retaguarda do carro.

É como uma ferradura grossa e envolver o depósito de carvão por três lados.

— Compreendo.

— O esconderijo será o tanque de água. Enche-se por uma abertura localizada nos fundos do tênder. Minha ideia é cortar duas portas de alçapão no alto, cuidadosamente dissimuladas e descer por elas duas caixas impermeáveis com as armas, uma de cada lado do tanque.

— Quer dizer que as caixas viajarão dentro da água?

— Exatamente. As armas estariam nas

caixas. A fim de carregar ou descarregar, bastaria baixar o nível da água no tanque, abrir as portas que mencionei e mandar um homem apanhá-las ou abri-las.

— Escute, duas caixas de armas deslocariam uma grande quantidade de água, não é verdade?

— Isso não teria importância, por vários motivos. Duffy O'Hurley, o maquinista do trem, é conhecido nos meios ferroviários como um homem que tem a mania da velocidade. Com isso, gasta muito carvão e muita água. Teríamos, portanto, de ser modestos e de usar caixas pequenas para que a diminuição do volume de água não chegasse a constituir problema.

— Quantas armas?

— Fiz os cálculos com base no Lee-

Enfield, o fuzil padrão do exército inglês na Guerra dos Bôeres.

— Quase tudo são esses fuzis — disse Dan.

— Em vista do tamanho e do peso, cada caixa poderia conter cinquenta fuzis, o que daria cem em cada viagem.

Long Dean tirou os óculos para tomar o chá. Esfregou os olhos torturados pelo que sofrera na prisão e colocou outros óculos.

— A beleza do plano está em que o trem faz cinco viagens de ida e volta à Inglaterra num ano. Faz a travessia numa das barcas de uma companhia de navegação de Weed e vem desembarcar aqui nas Oficinas. O

trem propriamente dito nunca é inspecionado pela Alfândega. Os fuzis

podem ficar no pátio ou viajar pela Irlanda até haver uma viagem vazia.

— Viagem vazia?

— Isso acontece quando o trem viaja sem carga, nem passageiros, só com o maquinista e o foguista. Faz também inúmeras viagens a Derry, Dublin e Cork. As armas podem ser recolhidas em qualquer ponto desses itinerários. Uma parada de alguns minutos à noite em algum entroncamento poderá permitir uma transferência rápida.

O velho feniano tinha tido uma longa vida de revolucionário e não demonstrava emoção, nem reagia com facilidade. Era difícil proceder assim quando voltou a examinar os planos de Conor. Sem que as armas estivessem na Irlanda, nada poderia ser feito, nem formação de grupos de

combate, nem um treinamento eficiente. Quando assumira a responsabilidade de contrabandear as armas, solicitara uma boa quantidade de planos, de modo que, se algum falhasse, os outros pudessem ser executados sem pôr em perigo a operação em rendimento, a operação em conjunto. A ideia de Larkin era brilhante, mas qual poderia ser o seu rendimento? Quinhentos fuzis por ano, se tudo corresse bem.

Ainda não havia outros caminhos possíveis.

— De que é que vai precisar? — perguntou Sweeney.

— De duas coisas. Em primeiro lugar, pode transferir os fuzis do esconderijo na Inglaterra para Liverpool? É a Liverpool que o trem sempre chega e é de lá que parte.

Dan afirmou com um gesto que era possível.

— Depois, haverá necessidade de uma oficina em Liverpool para modificar o tênder e fazer as caixas.

— Temos um bom homem lá. Organize uma lista do material necessário. Quanto tempo isso vai demorar?

— Algumas horas, no máximo. Abrirei as portas de modo que seja impossível percebê-las a olho nu.

— Para os meus olhos pelo menos — murmurou Sweeney.

O plano de Larkin cobria realmente tudo. Quis externar de algum modo a sua admiração, mas se limitou a bater-lhe de leve no ombro.

Gostava de Larkin e sentia prazer com as suas visitas a Belfast. Gostava de estar

com Larkin. O homem tinha sempre alguma coisa positiva para comunicar. Até então, demonstrara qualidades para ser um bom comandante. Mas muitos anos de disciplina rejeitavam as intimidades.

Todos os homens por quem Dan tivera alguma predileção estavam mortos.

Era um erro gostar de gente que poderia morrer ao seu lado. Continuou a pensar no plano.

— No fim, as duas incógnitas são o maquinista e o foguista. Que sabe sobre eles?

— Muito pouco — disse Conor. — O'Hurley é inteiramente responsável pelo trem da Mão Vermelha. Pode sair com ele em viagens de experiência, solicitar reparos e modificações nas oficinas, *etc.* Em suma, goza de inteira liberdade.

— Tem algum conhecimento íntimo dos dois homens?

— O'Hurley é inconfundivelmente irlandês. É solteiro e é exatamente o que se poderia esperar de um ferroviário, grande, rude e simpático. O

foguista, Hanly, parece seguir nas águas dele. É casado com uma irmã de O'Hurley. São ambos de Tipperary, trabalham para Weed há dez anos, bebem como peixes, mas sempre se apresentam para o serviço no seu juízo perfeito e se orgulham disso. Meu relacionamento pessoal com eles é perfeito.

— Continue com a sua amizade normal com eles — disse Sweeney. — Não faça sondagens sobre os sentimentos deles. Se aparecer naturalmente alguma pista, tanto melhor. Mas não deverá falar

com eles sobre os fuzis em hipótese alguma. Se os homens reagirem erradamente, você estará perdido. Temos alguns contatos no Castelo de Dublin e procuraremos colher algumas informações sobre eles. Ainda precisa destes desenhos?

— Não. Tenho tudo na cabeça.

— Queime tudo então.

— Está bem.

— Tenho de falar sobre isso com outras pessoas. Voltarei aqui logo que tiver as informações sobre O'Hurley e Hanly. Entrarei em contato com você da maneira habitual. Pode ser que eu tenha de ir para outro lugar dessa vez. Este já deve estar chamando a atenção.

Conor reuniu os seus papéis e colocou o boné.

— Não se esqueça de mim em suas preces, Dan. Vou começar a jogar nos Boilermakers na noite de sábado. Reze para que eu não quebre uma perna e seja deixado para trás.

— Tudo correrá bem, Larkin.

Trocaram um breve aperto de mãos. Sweeney já estava examinando outro assunto quando Conor chegou à porta. Dan levantou a vista.

— Conor.

— Sim?

— Bom trabalho o seu.

— Obrigado, Dan. Muito obrigado.

# 12

Faltavam poucas horas para Shelley sair do trabalho. Conor passeou por Gresham Street no novo orgulho da cidade de Belfast, o primeiro dos seus bondes elétricos, desembarcou com espírito festivo. A rua estava cheia de ambulantes que vendiam leite gelado, um amolador de facas tirava faíscas da sua pedra de amolar, um realejo tocava para um pequeno grupo e dois homens-sanduíches passavam por diante das lojas de seleiros, sapateiros e alfaiates. Conor atravessou a multidão e foi até uma loja de animais de estimação logo depois do mercado de Smithfield. Os pombos-correio despertavam muito interesse naquele

tempo e o aniversário de Matthew MacLeod estava próximo.

— Que deseja, cavalheiro?

— Estava querendo um casal de bons pombos-correio.

O dono da loja calculou que Conor fosse um homem de recursos, pois estava bem vestido com um bom paletó de lã e calças de casimira.

Chamou-o reservadamente para os fundos da loja e tirou lentamente o pano que cobria uma gaiola com dois belos pombos brancos.

— Veja! É o que temos de melhor.

Depois de alguma discussão em tomo do preço, Conor pagou, combinou com o homem para que a entrega fosse feita no dia do aniversário de Matthew, saiu e ficou olhando aqui e ali nas casas de

livros usados. O ar foi agitado de repente por um rufar de tambores numa esquina.

— A bebida é a perdição, serve de Satanás, destruidora das famílias cristãs! — pregava um ministro das ligas de temperança, que mostrava bem no alto uma garrafa de álcool com um pedaço de carne dentro. — Querem ficar com o fígado neste estado?

Conor entrou em Royal Street, uma rua larga que levava ao recém-concluído edifício da Prefeitura. A vista do edifício nunca deixava de causar-lhe repulsa. A entrega dos seus portões estava marcada para pouco antes da excursão. A Biblioteca da Casa do Linho, que outrora ocupara o local, fora transferida para o outro lado da rua. Entrou, passou os olhos por jornais e periódicos estrangeiros,

consultou o catálogo e inscreveu seu nome na lista de espera de alguns novos livros anunciados.

Vendo que ainda tinha tempo, encaminhou-se para o Grand Central Hotel, atravessou a portaria e entrou na barbearia.

Encontrou uma cadeira vazia, sentou-se e disse: — Barba e massagem. Tenho apenas vinte minutos.

O barbeiro, logo que viu Conor estendido na cadeira, começou a fazer perguntas. Era de Belfast ou estava em visita? A negócios? De onde era a para onde ia? Afiou a navalha e perguntou: — Como quer que lhe faça a barba?

— Em silêncio — respondeu Conor.

O dia começou ansiosamente para

Shelley MacLeod. Acordara nos braços de Conor Larkin como vinha acontecendo havia várias noites, lembrando-se da sua fria decisão e resolvida a executá-la. Conor deixou-a em casa dela ao amanhecer e continuou o seu caminho para as Oficinas Weed. Shelley chegou ao *atelier* de Madame Blanche, em Beldford Street, visivelmente nervosa.

Blanche Hemming era, além de patroa, a sua melhor amiga. Logo que olhou para Shelley, levou-a da sala de costura para o seu escritório.

Shelley afirmou que não estava doente.

— Esteve com David? — perguntou Blanche. — Houve uma briga?

— Sabe muito bem que David não briga. Às vezes, gostaria que ele fosse

capaz de brigar.

Blanche disse pensativamente: — Não resta dúvida de que você deu a entender tudo a ele. A estas horas, devia estar furioso.

— Esse não é o estilo dele, Blanche. Mas estou disposta a acabar com tudo.

— Tem certeza a respeito de Conor Larkin?

— Não sei. Como é que se pode saber? Foi tudo tão repentino... É tudo uma loucura e um delírio, mas eu não sei se vai durar mais um dia ou um ano. De qualquer maneira, não posso continuar nesse jogo com David. — Olhou-se no espelho e murmurou: — Estou arrasada.

— Fique aqui e procure descansar.

— Tenho uma prova com Lady Dryden daqui a dez minutos.

— Pode deixar que eu me encarrego disso.

Shelley olhou para o telefone alguns minutos antes de se decidir a tirar o fone do gancho.

— Quero 492 — disse ela à telefonista.

— Palácio do Governo, Departamento do Ulster.

— Gostaria de falar com o Sr. David Kimberley.

— É Kimberley quem fala.

— É Shelley, David.

Ele correu os olhos pela sala da repartição, como fazia sempre que ela telefonava, para verificar se a porta estava fechada e não havia ninguém escutando. Baixou a voz quase a um sussurro.

— Que é que há?

— Quero ver você hoje, antes de sua partida para Dublin.

— Vai ser um pouco difícil.

— Mas é muito importante, David!

Kimberley sabia que devia haver urgência, pois ela raramente fazia tais exigências. Consultou a agenda dos compromissos que tinha para aquele dia e perguntou: — Às quatro horas está bem?

— Sim, está muito bem.

Eram nove horas da manhã. Seriam sete horas de espera aflita.

Shelley preparou-se para enfrentá-las.

No seu lado da linha, David Kimberley estava muito pálido. Nas últimas semanas, ela havia desmarcado uma porção de visitas. Era evidente que ela se estava encontrando com outro

homem. Não era a primeira vez que isso acontecia. Tinha um pouco de receio do encontro com Shelley naquela tarde. O tom solene com que ela falara não pressagiava nada de bom.

Nos dias que se seguiram aos seus primeiros encontros com Conor Larkin, Shelley viu a sua plácida existência convulsionada. Ele era uma espécie de pessoa inteiramente nova, não pertencendo nem ao Shankill nem à aristocracia. Na verdade, era impossível classificá-lo em alguma categoria, que não fosse especial e pessoal. A princípio, houve confusão quando ele a convidara para um recital de poesia e ela teve previsões sombrias a respeito de suportar durante duas horas coisas que não lhe interessavam. Foi então que teve o

primeiro vislumbre dele. Antes que entrassem na sala, ele conversara longamente com ela, explicando-lhe os sentidos ocultos, as intenções, as nuances, os trechos aparentemente confusos, os tormentos do poeta. Quando as palavras começaram a derramar-se do palco, passou de repente a haver alguma coisa onde nunca existira nada. O resto, teatros, concertos, conferências abriram novos horizontes ao espírito de Shelley.

Era nessas horas que o mais fácil relacionamento que já tivera com um homem fazia o tempo fluir sem que ela tivesse consciência disso.

Shelley desejava ardentemente absorver os pensamentos dele, mas quase tudo sempre se resolvia em momentos de insensatez, que representavam pura

alegria. Shelley se alegrava quando o via feliz porque compreendia que o riso não era fácil para ele e gostava de fazê-lo rir. Ao mesmo tempo que pareciam cada vez mais abrir-se um para o outro, a ideia de ver um estranho tomava um sentido novo. Ambos estendiam desesperadamente as mãos um para o outro por sobre um vasto espaço vazio e escuro.

Veio então aquele domingo e, depois do domingo, aquela noite e as outras noites. Acreditava que o amor dele a levaria a lugares que ela nunca havia conhecido. Jamais conhecera um homem que pudesse ser tão gentil, tão terno e, ao mesmo tempo, tão dominador. Era o mais impetuoso dos homens, mas com inteiro controle, e podia excitá-la com palavras, com olhares e com contatos. Podia excitá-

la até olhando para o espaço. Fora desde o início uma viagem à Lua e ainda não haviam baixado à Terra.

Shelley era uma das poucas mulheres que tinham escapado do destino da classe trabalhadora de Belfast, condenadas como eram as mulheres ao trabalho nas fábricas ou, na melhor das hipóteses, ao casamento com um homem que tivesse um emprego fixo. Havia algumas mulheres que trabalhavam como professoras, empregadas de escritório, enfermeiras, assistentes sociais e coisas semelhantes, mas, ainda assim, as escolhas eram muito limitadas.

Tinha sido diferente desde a infância. Era reservada, calada e como que entrincheirada nos seus grandes e tristes olhos verdes. Vivia com a ilusão de ser

uma criatura distinta que fora cair por acaso no Shankill.

Quando cresceu, aprendeu por si mesma a falar, libertando-se do horrível sotaque de Belfast e a andar ereta e ter boas maneiras. A ilusão era o fosso de fortaleza que ela opunha à pobreza marginal que pairava sempre sobre ela e ao horror de uma mãe neurótica empenhada em crestar toda a vida que entrasse em contato com ela. O ódio lançado como peçonha da voz de pregadores fanáticos penetrava todas as fibras da mãe, embolorava a casa e fazia sofrer o marido e os filhos. Shelley apegou-se a seu irmão Robin e teve nele o seu melhor amigo nos anos da adolescência.

Tinha pena do pai, que não mostrava

energia diante da mulher demente.

Ser pobre em Belfast destruíra sua mãe desde cedo na vida.

Quando Robin foi ser marinheiro, Shelley não aguentou mais e fugiu para a Inglaterra. Mentiou sobre a sua idade, que era então de quinze anos e chegou a empregar-se numa mansão no Essex. O emprego pouca liberdade pessoal permitia, de modo que a ilusão teve de ser mantida novamente mediante a observação da vida requintada que a cercava e com que ela sonhava desesperadamente no cubículo onde vivia. Shelley viu mais claro dentro de si mesma quando descobriu que pouca dignidade pessoal se esperava dela em razão de sua baixa posição social. Dois episódios extremamente desagradáveis, um com o

mordomo da mansão e outro, com um dos filhos da família, poderiam ter posto a perder uma determinação menos firme. Parte do entrincheiramento que se seguiu resultou da sua determinação de afastar-se do sistema institucionalizado de classes.

Quando a mãe morreu, Morgan foi pedir-lhe que voltasse para Belfast.

O homem se sentia cheio de culpa pela vida que lhe dera e Shelley resolvera voltar. Depois de passado o período de luto, Morgan começou a namorar Nell MacGuire, uma solteirona de quarenta anos, que fazia firmemente parte da congregação da igreja dele. Nell tinha um emprego invejável como governanta dos três filhos do Barão e Baronesa de Ballyfall, Lorde e Lady Temple-Wythe.

Logo que aceitou o pedido de Morgan,

Nell pediu a Lady Temple-Wythe que experimentasse Shelley como sua substituta. Embora ainda não tivesse vinte anos, os anos de auto-educação de Shelley de muito lhe serviram e ela se saiu brilhantemente no novo encargo. Ficou muito ligada à Baronesa e, quando Lorde Temple-Wythe sucumbiu a um derrame, ela se tornou companheira e confidente da viúva. Educou as crianças com firmeza e carinho.

Um novo casamento para Lady Temple-Wythe implicava a mudança para a Inglaterra. Embora Shelley vivesse em grande intimidade com a Baronesa e seus filhos, a ideia de envelhecer como governanta não era muito do seu agrado. Tinha ajudado a sua benfeitora a atravessar um período difícil e se

encaminhara também para a auto-suficiência. Era tempo de tomar outros rumos. Apesar das súplicas da Baronesa, ficou em Belfast.

As casas de alta costura em Belfast podiam ser contadas pelos dedos da mão e, ainda assim, sobravam dois dedos. Quem tinha dinheiro, procurava em geral refazer o seu guarda-roupa em Londres ou por ocasião de uma viagem a Paris. Os poucos estabelecimentos de classe só existiam para a aristocracia e para os novos-ricos. No decorrer dos anos, Lady Temple-Wythe sempre gastara alguns milhares de libras no *atelier* de Blanche Hemming.

Shelley MacLeod se adaptou com facilidade. Ela ostentava um certo encanto pessoal e retinha um pouco de esnobismo

adquirido nas casas por onde passara. Tratava a clientela delicadamente, mas sem bajulação.

Ninguém poderia acreditar que ela tivesse vindo do Shankill. O seu traço predominante era a independência.

Tornou-se amiga de Blanche Hemming e foi guiada para o jogo discreto de ser amável com os cavalheiros que tinham mais probabilidades de abrir a carteira. Os mais vulneráveis e que mais gastavam eram os empenhados em conquistar uma amante. Havia uma viagem anual de compras a Londres, a sua abençoada independência, um pequeno grupo de amigos dos círculos do negócio de modas e uma vida social fora do Shankill.

Mas Shelley tornou a verificar o que já aprendera como criada na Inglaterra.

Os homens da aristocracia atiravam-se às mulheres com não menos vigor e muito mais astúcia do que os homens do Shankill. Ela tinha assustado os prováveis pretendentes em seu bairro e isso tivera bons e maus resultados. Ela não teria de passar as noites de sábado tirando roupas que não eram desejadas ou aborrecendo-se com o mundo esportivo em que vivia este ou aquele homem. Entretanto, havia bons rapazes por lá, alguns com uma simplicidade muito sedutora. Mas não podia ligar-se a sério com eles porque não podia aceitar a vida em Shankill como uma finalidade. Seu pai e seu irmão viviam felizes no Shankill e passavam ali uma existência de pura alegria.

Mas ela era excluída do mundo da aristocracia, salvo talvez como uma

mercadoria. Até na sua intimidade com Lady Temple-Wythe, nunca tinha havido o menor traço de igualdade.

Na casa de Madame Blanche, acabara compreendendo que vivia numa zona neutra entre extremos opostos da gama cultural e social. Para os cavalheiros que frequentavam o atelier em companhia das esposas, Shelley era uma mulher que merecia uma proposta, mas não podia ser levada a sério.

O jogo sempre incluía ofertas para um longo fim de semana num pavilhão de caça ou na própria mansão quando a dona da casa estivesse ausente num passeio pela Europa. Alguns chegavam a falar na montagem de um pequeno ninho de amor na cidade ou em algum ponto da costa ou, na melhor das hipóteses, num cruzeiro

turístico ou em férias prolongadas.

Muitas moças de sua origem e condição consideravam uma honra uma proposta para ser amante. Shelley resistia. Ao menos, os rapazes de Shankill eram mais honestos nos seus desejos. Por outro lado, na aristocracia, havia homens intoleravelmente chatos.

Às vezes, aceitava um caso ou outro, impulsionada pela solidão que sentia. Escolhia sempre homens simpáticos e mais ou menos decentes, mas nunca concordava em representar o papel da amante. Conservava uma independência total, não aceitava nenhum auxílio ou compensação, não fazia exigência, nem provocava cenas. Ia para a cama com um homem porque estava com vontade e procurava tirar de cada breve encontro o

melhor que ele tinha para dar.

Não deu resultado. Havia sempre frustração e um recuo precipitado para dentro de si mesma. Gostaria de ter às vezes o frívolo cinismo de Blanche Hemming, mas não era possível.

A sua posição era fixa, como se em virtude de uma lei matemática, e, depois de breves combustões, tornava-se cada vez mais reclusa no único lugar onde tinha conhecido algum calor humano, a casa de seu pai, com o irmão ao alcance da mão.

Um dia, os Kimberleys chegaram ao *atelier*. David era um homem diferente, extremamente gentil e com uma necessidade absorvente de compaixão. Ela o aceitou porque já estava cansada do jogo e porque precisava também de um pouco de simpatia. Quebrou assim a lei

não-escrita de ter um caso a sério com um homem casado e os dois estabeleceram um santuário onde podiam achar alívio da labuta quotidiana e da solidão que os cercava.

Shelley soube de saída que a situação era insustentável. David pertencia a uma família de banqueiros, estava firmemente casado e integrado na sua casta. Não fora nunca um casamento de amor o dele e David e a mulher continuavam estranhos que viviam sob o mesmo teto e mantinham da melhor maneira as aparências.

David seguia a tradição de família de um estágio no serviço público e administrava os assuntos do Ulster no Castelo de Dublin. Passava a metade do tempo em Belfast. A mulher dele ficava sempre em Dublin ou ia para Londres.

Morgan MacLeod não podia aprovar os conceitos morais da filha.

Entretanto, os conflitos a esse respeito nunca iam muito longe, pois ele compreendia que Shelley controlava a vida dela tanto quanto ele controlava a sua. Dissimulava o seu desgosto e se entristecia de que a filha estivesse levando uma vida mutilada, na melhor das hipóteses. Shelley precisava da casa do pai, especialmente nas ocasiões em que um dos seus casos chegava inevitavelmente ao fim.

O casamento de Morgan com Nell MacGuire tomou-se uma força de afirmação do que era direito dentro de uma família. Era uma boa mulher, que compensava os filhos de tudo o que eles haviam sofrido durante a infância. As

casas, lado a lado em Tobergill Road, tornaram-se um monumento da vida realizada de Morgan.

Tudo que era preciso agora para Shelley era desprender-se de David Kimberley. Era melhor para ela ter aquelas horas em companhia de David do que capitular ante a necessidade de segurança e levar a vida monótona do casamento.

O apartamento em Stranmillis Gardens encerrava quase cinco anos de recordações, com o melhor que um podia dar ao outro, dentro das circunstâncias. Tinham sido tardes de amor, noites cheias de ternura, e um constante alívio dos sofrimentos que causava o mundo exterior. Tudo agora parecia sombrio e estéril.

David Kimberley parecia mais pálido, mais desalentado e mais belo do que nunca, sentado ali como um condenado, com as mãos no colo e a cabeça baixa. Murmurou um longo monólogo de remorso, de culpa, de confusão e de lamentação. Sabia que a havia tratado muito mal, afirmou em pranto. Aproveitara a mocidade dela, deixando-a continuar a trabalhar, e não tivera a coragem de enfrentar a família e a mulher.

Shelley escutou, como sempre escutava a David, com infinita paciência. Sentou-se aos pés dele, descansou a cabeça no seu colo e beijou-lhe as mãos. Quando ele se calou, Shelley se levantou e o encarou na sua habitual atitude determinada.

— Nunca foi como você está dizendo.

Ninguém me forçou a nada e não tenho o menor arrependimento. Queria estar com você todas as vezes em que estivemos juntos.

— Esse é que é o problema. Você sempre foi muito decente. Nunca exigiu nada. Talvez eu pudesse ter enfrentado minha família, se você me tivesse feito exigências.

— Nós ambos precisávamos de um porto seguro, David. Agora, eu quero continuar minha viagem.

Um sentimento de desespero o dominou e ele procurou apegar-se a alguma coisa.

— Você me ama?

— Tudo o que conheci ou senti como mulher foi aqui neste quarto junto com você. Mas tivemos o nosso momento e

este já passou. Já tive tudo de que precisava. O que você tem de dizer agora é que está tudo certo e que você quer que eu vá...

— Algum dia me amou?

— Não pergunte isso, David...

— Mas estou perguntando. Que cheguei realmente a representar para você exceto uma espécie de expediente provisório?

— Tudo o que de fato tivemos em comum, David, foi um quarto, uma cama e um pouco de tempo. Nunca apreciamos juntos a luz do sol, o vento e a chuva. Quando estávamos juntos, tudo foi sempre tão provisório que nunca tivemos tempo de ser nós mesmos. O amor não pode chegar à maturidade dentro de um quarto. É preciso que haja uma participação plena

em tudo, alegrias, aspirações, desânimos. É esse o único caminho real para o amor.

David tremeu, assustado com essas palavras frias e sensatas.

— Que foi que aconteceu?

Ela sorriu e continuou: — Uma noite dessas, acordei rindo. Ri até ter lágrimas nos olhos e uma dor no lado. Nada de parecido jamais me havia acontecido.

Levantei-me no dia seguinte, sentindo alguma coisa estranha em mim.

Quando saí, fui procurar Blanche e lhe falei das coisas esquisitas que estava sentindo. Ela me disse: “Meu Deus, Shelley! O que você está sentindo é felicidade!”

A derrota de David Kimberley passara a ser evidente. Era uma verdade. Ele nunca a fizera verdadeiramente feliz.

Tinha-lhe dado algum prazer de vez em quando, mas o que tinham tido de fato em comum fora a fuga de um desencanto mútuo. Dentro do relacionamento de ambos, tinha havido desespero carnal, mas nunca felicidade.

— Foi muito estranho sentir a felicidade pela primeira vez em minha vida e nem saber o que era... — murmurou Shelley.

— E esse sujeito... você o ama?

— Quero amá-lo. Pode dar certo ou não, mas tenho de tentar. Não posso deixar passar essa oportunidade.

— Eu esperarei. Divirta-se à vontade que eu esperarei...

— Não, David. Tenho de acabar uma coisa antes de começar outra. O contrário seria indecente para todos

nós.

— Ele sabe que eu existo?

— Sabe.

— Compreendo. Ele já andou com você? — perguntou ele, com a voz alterada.

Shelley não respondeu.

— Perguntei se você já andou com ele.

— Para que você vai-se torturar?

— Tenho o direito de saber!

— Está bem, então. Já dormimos juntos.

Ele a esbofeteou. Shelley aceitou a bofetada sem outra reação além de piedade. David Kimberley soluçou e caiu de joelhos, estendendo os braços para ela.

— Não quis fazer isso! Perdão!

— Sei que deve ser horrível para

você.

Cem ondas de desespero se dissiparam. Nem explosões, nem súplicas, nem promessas podiam salvar o que estava morto. A hora tinha chegado. Talvez fosse mesmo um alívio, pois qualquer sentimento de culpa estaria encerrado. Ela sempre fora muito correta com ele e lhe dera tudo o que podia dar. Finalmente, David resolveu agir como um homem.

Levantou-se e disse: — Espero que sua felicidade continue e aumente. Deus bem sabe que você merece.

— E eu espero que você possa encontrar também um pouco de felicidade.

Ele sacudiu a cabeça.

— Infelizmente, não tenho a sua coragem para romper com tudo e tomar

outros rumos. Entre as boas coisas que você me deu, está o fato de que nunca me fez cenas. Sinto muito que hoje lhe tenha feito uma cena.

Agradeço-lhe de todo o coração. Procure-me sempre que precisar de um amigo.

Ela lhe beijou o rosto.

— Sinto muito a dor que lhe estou dando. Fique certo de que chorarei por você.

Conor olhou no espelho o rosto barbeado, pagou ao barbeiro e se dirigiu para o vestíbulo do hotel.

Shelley entrou ofegante no vestíbulo e ficou um pouco aflita de não ver imediatamente Conor. Viram-se afinal e se encaminharam um para o outro... muito

felizes.

# 13

Conor e Shelley contavam os degraus juntos ao subir pelo vale até um cintilante bosque de aveleiras, trezentos metros acima do mar. Subiam pela encosta de Cave Hill e diminuíam o passo para recuperar o fôlego até encontrarem um lugar isolado, afastado dos habitantes de Belfast a passeio e de seus barulhentos filhos. Dali, tinham uma boa vista da cidade e, embora fosse domingo, a fumaça e a névoa dos dias de semana não se haviam dissipado de todo.

Conor estava pensativo. O olho direito estava quase fechado em consequência do jogo da véspera. Tinha-se empenhado muito no jogo para provar

que não tinham errado em contratá-lo e, em grande parte graças a isso, os Boilermakers tinham conseguido a sua primeira vitória da temporada.

Shelley correu o dedo pelo olho machucado, procurando sará-lo com um toque mágico. Os jogos dos sábados tinham sido sempre de grande interesse para a família MacLeod. Shelley comparecia de vez em quando para ser agradável ao irmão, mas considerava o rúgbi um esporte brutal e desinteressante. Nunca se emocionara de verdade com o jogo até o momento em que viu Conor cair e ficar imóvel no chão.

Saiu do seu lugar, foi para trás das arquibancadas e chorou ao sentir uma onda de medo que não podia dominar. Até então, a excursão dos Boilermakers pela

Inglaterra pouco tinha significado para ela, salvo na pena que sentia de Lucy e Matt, que sofriam com a ausência de Robin.

Agora, sabia que também Conor poderia ficar ausente durante doze terríveis semanas.

Shelley estava deitada na relva, com os cabelos vermelhos agitados pelo vento. O sol tornava-lhe a pele quase translúcida. Conor levantou o corpo apoiado num cotovelo e beijou-lhe a face, a testa, a ponta do nariz e os olhos.

— Já lhe disse algum dia, moça, a alegria que sinto de tê-la conhecido?

— Não, nunca — disse ela.

— Está bem. Então vou-lhe dizer. Tenho andado por entre muita gente durante a minha vida. Vi os rostos das

mulheres nas igrejas, enquanto os padres indiferentes cantavam. Vi os homens que vinham do trabalho nos campos cair de joelhos quando tocavam as ave-marias. Estive nas cidades cruéis. E durante todo o tempo só vi olhos estéreis em corações estéreis.

Houve então uma hora em que olhei e vi que era diferente de todas as outras e compreendi que seria o maior dos idiotas se não percebesse que algo havia acontecido e não procurasse fazer alguma coisa a esse respeito.

As lágrimas marejaram os olhos de Shelley.

— Tive muita sorte em conhecer um bardo. Que habilidade que tem seu povo com as palavras!

— Na verdade, somos um povo hábil

e vivo, porque não temos mais que palavras. Mas são seus próprios pensamentos que voltam para você.

Você me faz dizer as coisas que não quero mais esconder e não tenho medo de ouvir minha voz ao dizê-las.

Shelley afastou-se dele, sentou-se, tirou os restos de grama que tinham ficado nos cabelos e no vestido. Descansou então a cabeça nos joelhos e cantarolou baixinho.

— *Campânulas Azuis...* — disse Conor.

— Era o que eu cantava quando saltava corda em menina. Sonhava muito naquele tempo...

— Que é que sua família pensa de nós? Acham que você caiu da panela no fogo?

— Não creio. Vêem que eu estou feliz. Enquanto souberem disso, pouco se incomodarão com o resto. No fundo, por trás da fachada de respeitabilidade, há muito amor neles. Além do mais, Conor, a opinião deles não tem para mim a menor importância.

— Você pode dizer isso, mas sabe que não é verdade. Os MacLeods são muito mais unidos do que você pensa. O que interessa a um interessa a todos.

O sol reapareceu, saindo de trás das nuvens, e houve um pouco de calor. Shelley tomou a deitar-se na relva, espreguiçou-se e exprimiu num murmúrio o seu contentamento.

— Diga alguma coisa indecente. Fico alucinada quando você murmura obscenidades no meu ouvido.

Ele riu, coçou a cabeça e olhou para ela.

— Bem, vou-lhe dizer de saída que você é muito boa na cama, embora seja protestante.

— Continue. É verdade que as católicas costumam espalhar vidro moído entre as pernas?

— Não se iluda com isso, menina. Há muitas católicas fogosas como éguas no cio e que não ouvem uma palavra do que o padre diz. Mas eu não tinha essa comparação em vista. Estava pensando em algumas mulheres que conheci quando andava embarcado.

— Fale em algumas...

— Por exemplo, as mulheres de Bali.

— E que é que elas têm de tão bom assim?

— Em primeiro lugar, a hospitalidade. E a atitude. Depois, as roupas, ou melhor, a ausência de roupas. E a pele morena... E de uma maciez cetinosa como não se encontra em lugar nenhum senão naquelas ilhas. São criadas para servir aos homens e assim é que deve ser. Desde a infância, desenvolvem uma sensualidade, uma delicadeza, uma disposição, uma maneira de acariciar que está totalmente ausente das mulheres ocidentais.

A cabeça fica tonta só de pensar nisso. É fantástico! E não há a menor timidez... Quando duas ou mais estão presentes, especialmente se forem irmãs...

Ela saltou sobre ele. Conor caiu de costas e foi acariciado em todos os pontos vulneráveis.

— Chega! — disse ele. — Você é

forte demais para mim.

Shelley deu um suspiro e sacudiu a cabeça.

— Sabe o que é melhor de tudo?

— Não posso imaginar.

— É o começo. Quando você se aproxima de mim, me faz rolar de um lado para outro e faz toques sutis em todo o meu corpo. O seu toque é muito delicado, mas faz a gente perder a cabeça. Você faz todas as transições, de suavidade a firmeza e de novo a suavidade, sem nunca deixar de encontrar o lugar exato.

— Não faço mais do que seguir a sua orientação. O seu corpo é que me transmite mensagens dizendo o que eu devo fazer.

— Sério?

— Estou-lhe dizendo.

— É uma coisa espantosa. Olhe para mim, Conor! Estou ficando uma mulher inteiramente depravada. Quando passo pela rua, penso que sou uma mulher depravada e, quando os homens olham para mim, só penso é que eles perderiam a cabeça se pudessem saber até que ponto eu sou depravada. Posso até ficar vermelha com esse pensamento. Passo os dias pensando em tudo o que vai acontecer entre nós à noite. E adoro tudo o que acontece.

— Você está absolutamente repulsiva!

— Sei disso e acho magnífico. E você acha que vai parar de melhorar de dia para dia?

— Não. Ao menos, durante alguns dias.

— Como minha vida era chata antes

que eu conhecesse você! Eu pensava que era a mulher mais amorosa do mundo. Como foi que consegui sobreviver, Conor? Sabe que eu tenho uma pena infinita de você?

— Por quê?

— Você nunca poderá saber o que é ser amada por você. É uma vergonha! Você nunca vai saber o que é ter toda essa força derramada dentro de você.

Uniram os rostos e ele murmurou: — Eu estava mentindo. Você é melhor do que qualquer mulher de Bali.

— Onde foi que você aprendeu a amar, Conor?

— Uma coisa é amar uma mulher e outra, muito diferente, é amar Shelley. Aprendi com você.

Estavam ali juntos de mãos dadas e de

repente o espírito de Conor começou a desgarrar-se. Tudo lhe voltou. Voltava sempre. Estava sempre presente. Quando amava, quando jogava rúgbi, quando trabalhava na forja, aquilo pairava sobre ele. Mais cedo ou mais tarde, teria de dizer a ela o sentido dos anos que passara no mar. Mais cedo ou mais tarde, a sua procura da Irmandade teria de ser revelada. Por enquanto, queria desesperadamente ter tudo o que pudesse dela e jogar tudo o mais para um canto. Havia muito encanto em sua vida para que ele pudesse descer do carrossel, mas os seus pensamentos se voltavam sempre para Long Dan Sweeney, para o tênder e para os fuzis.

— Você aí — disse ela.

— Que foi que houve?

— Você me deixou no meio do caminho.

— Estava pensando na excursão e em nossa separação.

Shelley levantou-se de repente e foi até a beira do morro, no ponto em que o mesmo descia quase abruptamente para a cidade, e voltou-se ao sentir que ele se aproximava. O aspecto e a voz dela se modificaram e ela deu a impressão de que não era mais Shelley.

— Sabe o que aconteceu aqui em Cave Hill? — perguntou ela.

— Aqui era o esconderijo do último rei celta, Mac Art...

— Não é disso que eu estou falando. O que aconteceu poderia ter acontecido exatamente neste lugar onde estamos. Theobald Wolfe Tone esteve aqui antes de

sua viagem para os Estados Unidos em 1795 com os seus Irlandeses Unidos e jurou voltar para libertar a Irlanda.

— Por que foi que você falou nisso, Shelley?

— Não é só você que conhece a história irlandesa.

— Por que foi que você disse isso, Shelley?

— Não ando de olhos fechados, como você também não anda. Acha que eu não sei para onde vai de vez em quando o seu pensamento? Acha que eu não tenho algumas ideias sobre o trabalho em que você está empenhado? O que eu não quero é que esse trabalho, tanto quanto minha família, nos afaste um do outro.

— Isso não vai acontecer — disse ele, abraçando-a. — Isso não vai acontecer.

Eu e você sabemos que estamos num lugar de onde nada nos arrancará.

— Tive certeza disso desde a primeira noite em que nos conhecemos.

Você é que levou muito tempo para convencer-se. Você me deu poesia, música e Conor. Estou pronta e disposta a dar tudo de mim.

Conor parou, passou a mão pelos cabelos dela e teve em troca um longo olhar apaixonado. Até então, nunca restituíra esse olhar.

— Teremos uma semana de férias ao fim da excursão. Podemos ir passar essa semana em algum lugar escondido da Inglaterra ou da Escócia.

Um lugar isolado onde só tenhamos à noite a luz da lareira.

— Estarei a seu lado — respondeu

ela.

Conor pegou-a por baixo dos braços e levantou-a do chão. Olhou-a bem nos olhos e beijou-a.

— Como amo você, menina! Como amo você!

O local de encontro mudara, como Sweeney havia dito. O local mudara, mas o quarto era muito parecido com o anterior em Shandon Lane e com o quarto em Dublin. Ficava no fundo do distrito católico de Ballymurphy e seria muito difícil de encontrar.

— Ainda não sabemos muita coisa sobre O'Hurley e Hanly — disse Long Dan. — Sempre houve muitas atividades fenianas na terra dele e entre Tipperari e Limerick, mas não encontramos nada que os ligasse diretamente a sentimentos republicanos. Eram apenas conhecidos como ferroviários até que Sir Frederick Weed os levou para o norte. Recolheu

mais alguma informação?

— Nada que valha a pena — disse Conor.

— De um modo geral, católicos em boa situação como eles não se envolvem em

atividades republicanas.

Há

muitos que são intransigentemente leais à Coroa.

Conor compreendia perfeitamente isso. Como o próprio Sweeney tinha dito, um homem de barriga cheia não ia para o meio da rua rebelar-se. Quanto mais cheia a barriga, menor a tendência à rebeldia.

Sweeney acendeu um cigarro. Raramente se desculpava dessa fraqueza, mas dizia que dificilmente poderia ser um revolucionário se não fumasse.

— Há um pormenor interessante — continuou Sweeney. — O'Hurley vive sempre além de suas posses. Gasta muito e quase sempre a sua conta no banco mostra saldo negativo. Um homem assim pode ser comprado.

— Não é um ponto um pouco perigoso?

— Sim e não. Na verdade, há muito perigo em todo esse caso. O mais importante é que todos gostamos do seu plano. Às vezes, é melhor tratar com um homem que deve. Uma vez que se tenha esse fato a pairar sobre a sua cabeça, ele pode desenvolver de repente um sentimento de patriotismo que nunca soube que possuía.

— Quem vai abordar o homem? — perguntou Conor.

— Você vai ficar fora disso. Durante a excursão, alguém se aproximará de O'Hurley. Quando é que vocês jogam em Bradford?

Conor fechou os olhos para lembrar-se da programação de dezenove jogos da excursão.

— Bradford? Será no fim, um dos últimos jogos.

— Muito bem. Quando você chegar a Bradford, saberá se pode ou não contar com Hurley.

— Por que Bradford?

— O nome de Brendan Barrett lhe lembra alguma coisa?

— Brendan Sean Barrett?

Long Dan fez um sinal de assentimento.

Brendan Sean Barrett era outro dos

pequenos heróis e poetas fenianos conhecidos de qualquer rapaz criado numa casa republicana.

Como Long Dan, Barrett tinha extenso conhecimento das prisões inglesas.

Havia sido professor e fora o escritor, idealista e propagandista do movimento então adormecido, tendo passado alguns anos nos Estados Unidos, no Clã dos Gaélicos, também adormecido. Ficara principalmente famoso por ter sido o primeiro republicano a tentar uma greve de fome na prisão. Chamara a greve de “desafio silencioso”, uma nova espécie de arma de martírio voluntário. Barrett fora atendido nas suas exigências, depois de haver passado vinte e quatro horas a recusar qualquer alimento.

Tinha havido muitas canções sobre a

sua proeza.

— Brendan é o nosso homem na Inglaterra — disse Sweeney — É por intermédio dele que recebemos fundos do Clã nos Estados Unidos e é o homem que guarda o nosso depósito de armas.

Conor fingiu um gesto de calma compreensão, na melhor tradição de Sweeney, mas o coração lhe batia descompassadamente.

— Você o procurará em Bradford e ele lhe dirá se pode ou não contar com O'Hurley. Se tudo estiver certo, ele lhe dará também instruções sobre a melhor maneira de converter o tênder. Terá de ir à casa funerária de Callaghan, em Wild Boar Road, distrito de Wapping, em Bradford.

Callaghan tomará providências para o

encontro. Brendan tem a cabeça a prêmio, de modo que o encontro com ele terá de ser feito com o maior cuidado. Use o seu critério. Se notar que o estão seguindo, espere o fim da excursão para então voltar a Bradford.

— Está certo.

— Mais uma coisa. Brendan lhe entregará um pacote de dinheiro. Não será uma quantia pequena. Três mil libras. Não perca esse dinheiro.

— Terei todo o cuidado. Mais alguma coisa?

— Sim. Terminada a excursão, você terá férias de uma semana. Quero que aproveite esse tempo para fazer alguns contatos para mim em Londres e Manchester.

Conor empalideceu, não podendo

desta vez controlar a sua reação.

— Escute, Dan. Entre os reconhecimentos nas oficinas, o trabalho nos distritos à noite, o rúgbi e o meu trabalho regular, tenho trabalhado até vinte horas por dia. Depois de dezenove jogos em doze semanas na excursão, eu estava planejando tirar umas férias para mim mesmo.

— Mude de planos.

Conor cerrou os dentes e murmurou:  
— Não sei se vou poder.

Os dois homens se encararam rigidamente.

— Mulher?

— Talvez.

— Cancele isso — disse Sweeney.

— Não.

Long Dan empurrou a cadeira para

trás e levantou-se. Meteu as mãos nos bolsos e ficou de costas para Conor durante muito tempo. Só se voltou depois de ter chegado a uma decisão.

— O plano está cancelado. Você está excluído da Irmandade. Pode ir-se embora.

— Não quero sair! — exclamou Conor, alarmado com o tom explosivo das suas palavras.

— Eu disse que está fora da Irmandade e deve dar-se por muito feliz de sair agora. Ainda está tudo no começo e eu não posso considerá-lo um delator. Fique calado sobre aquilo que já sabe. Se fosse um pouco depois, sabe o que lhe aconteceria, não sabe?

— Faço uma ideia — disse Conor secamente.

Sweeney se sentou de novo na cadeira e deu um soco na mesa, apontando depois para a porta.

— Não pode revogar a sua decisão, Dan? Vou procurar a moça e desmarcar tudo.

— Está bem por esta vez. A sua alma pode pertencer à Virgem, mas o seu esqueleto pertence à Irmandade. Sim ou não?

— Sim.

— Quem é a moça?

Conor sentiu-se desalentado diante da primeira derrota que sofria na vida.

— A irmã de um companheiro de equipe.

— Católica?

— Não.

— É melhor desistir dela.

— Escute, Dan. Eu disse que abriria mão das férias, mas não há regra que proíba um homem de ter uma mulher.

— Larkin, quem faz as regras a respeito de sua vida sou eu. Já conheci muita gente viva que pensou que pudesse conciliar as duas coisas e todos nessas condições acabaram mal. Se você gosta mesmo dessa moça, convém pensar antes de mais nada no que vai fazer da vida dela. Vai ser um inferno para ela a cada batida do relógio. Nunca saberá ao certo se você vai voltar ou se vai ter os miolos estourados ao chegar à esquina.

Conor deu alguns passos pelo quarto e se encostou a uma parede.

— Tenho trinta e um anos, Dan. Já esperei tanto... Amo essa mulher.

Só porque você nunca soube o que era

o amor, não me pode condenar por isso, nem vai tirar isso de meu coração. Você não tem sentimentos!

Sweeney replicou, mortalmente pálido: — Tem toda a razão. Tinha dezesseis anos quando fui preso pela primeira vez.

— Sinto muito... Eu não devia ter dito isso. Desculpe...

— Ninguém tem de me pedir desculpas, nem ter pena de mim... Se quer mesmo saber, Larkin, já tive esses sentimentos uma vez, mas foi há tanto tempo que não posso lembrar-me do rosto dela e o nome não tem mais qualquer sentido para mim... Chamava-se Aileen... Aileen O'Dunne.

Não pense que eu não o conheço, rapaz, e não sei tudo por que você passou.

Saiba que Dan Sweeney recebeu esse nome em homenagem a Daniel O'Connell e que escreveu poesias na casa de pastoreio do pai dele.

Não pense que não chorei junto à sepultura de Parnell e não fugi para o mar. Não pense que eu não voltei para a Irlanda com raiva de mim mesmo por haver voltado.

Conor escondeu o rosto nas mãos. Ao olhar de novo para o rosto do velho, estremeceu como se se estivesse vendo alguns anos depois num espelho.

— Pegue a sua pequena e goze as suas férias — disse Dan.

— É melhor não me deixar, Dan. Pode ser que eu não volte.

— Voltará, sim — resmungou Sweeney. — Velhos idiotas como nós

sempre voltam. Goze bem as suas férias com a moça. Talvez quando sua hora chegar, a lembrança dela possa aliviar-lhe os sofrimentos da prisão mais do que os meus foram aliviados.

Conor estendeu a mão por um instante. Depois, recolheu-a e se encaminhou para a porta.

— No futuro — disse Sweeney — não desobedeça a uma ordem. Somos um exército pequeno e mal-amanhado, mas não tenha ilusões quanto à disciplina. Não hesitarei em despedaçar-lhe a rótula com uma bala e sei que você também não hesitará em fazer o mesmo comigo. Vou rezar pelo sucesso de sua missão... e por você pessoalmente. Agora, saia quanto antes daqui!

# 15

A caravana, que constava do Conde e da Condessa de Foyle, do Visconde Coleraine, de Sir Frederick Weed e de vários criados e assistentes, desembarcou de uma fila de carruagens diante do Portão Número Três das Oficinas Weed, em cujo cais o vapor que devia levar o trem durante a noite para Liverpool estava à espera.

No cais, Derek Crawford, Doxie O'Briene os Boilemakers estavam em posição de sentido diante de várias centenas de operários reunidos no intervalo do almoço juntamente com uma banda mista de quatro lojas de Orange. Diante da equipe e de seus proprietários

estavam as autoridades municipais e outros dignitários que tinham ido apresentar as suas despedidas.

Sir Frederick prometia estrondosas vitórias. O capitão Robin MacLeod assegurava que a honra do Ulster seria restaurada. Os dignitários espalhavam abraços. A banda tocava e os operários aplaudiram quando os jogadores embarcaram.

Na coberta do vapor, havia muito nervosismo e uma penca de comentários, pois havia muitas esperanças de uma compensação do desastroso campeonato. A presença de Conor Larkin e a aquisição de dois “cavalheiros” fundamentavam essas esperanças. Os dois “cavalheiros” eram amadores que tinham participado de jogos universitários e da seleção

nacional. Sir Frederick os atraía para os jogos profissionais mediante uma boa gratificação e a afirmação de que era tudo pelo “bem do Ulster”.

Robin e Conor olhavam da amurada o movimento no cais, que foi coroado pela chegada do Expresso da Mão Vermelha todo engalanado.

Estrugiram aplausos. Duffy O’Hurley e Calhoun Hanly agradeceram com toda a solenidade e O’Hurley levou o trem para bordo. Os olhos de Conor não se afastaram um só momento do tênder.

*Quem iria conversar com O’Hurley?  
Quando e onde aconteceria isso?*

*Como os dois homens reagiriam? Ia saber quando chegasse a Bradford...*

*Calma, faltam apenas três meses.  
Calma.*

— Shelley contou tudo a Lucy e a mim na noite passada.

— Que está dizendo? — perguntou Conor.

— Shelley nos contou tudo. Como sabe, ela vai para Inglaterra depois da excursão. Quero que saiba que todos nós estamos muito satisfeitos. Por que está com essa cara?

— Desculpe. Fico contente de que vocês aprovelem. Mas ainda falta tanto tempo...

— Ora, isso passa num instante...

Depois que o Mão Vermelha foi embarcado, outra máquina levou para bordo os vagões particulares de Sir Frederick. Eram quatro ao todo, um para a família, outro para o time, o terceiro para os assistentes e empregados e o último

para os convidados. A secretária pessoal de Lady Caroline, uma mulher antipática de tipo alemão, dirigia o transporte das malas para os diversos camarotes. Jeremy Hubble colocou-se entre Robin e Conor, a banda tocou *Auld Lang Syne* e o vapor desprendeu-se das suas amarras.

— Sr. Larkin?

Conor voltou-se e um dos empregados entregou-lhe um envelope em que havia um bilhete.

“Prezado Sr. Larkin: Gostaria de ter o prazer de sua companhia depois do jantar. Se o tempo estiver bom, ver-nos-emos no convés. Do contrário, tenha a bondade de vir ao nosso camarote.

Caroline Hubble”

Roger Hubble considerava a excursão

anual dos Boilermakers não como alguma coisa que lhe desse prazer, mas como um meio de contentar Sir Frederick e sua esposa. O seu programa vivia sobrecarregado e as exigências sobre seu tempo eram enormes. Roger se tornara uma figura preeminente na vida do Ulster e o mais vigoroso partidário da união com a Coroa no oeste da Irlanda. Comparecia fielmente às sessões da Câmara dos Lordes e tinha participação total nas atividades das empresas Hubble-Weed. Há três anos, servia no Castelo de Dublin como consultor especial sobre o desenvolvimento do Ulster, um encargo adicional, mas que lhe dava boas oportunidades de falar sobre o futuro da província.

Se não fossem as constantes

exigências de Caroline em relação ao seu tempo, Lorde Hubble já se teria tornado uma destacada figura pública e empresarial. Naquele ano, Caroline havia insistido, quase ao ponto da intimidação, para que ele diminuísse um pouco as suas atividades, ao menos o suficiente para que pudessem passar a temporada em Londres.

Roger estava como sempre às voltas com os seus papéis numa mesinha de bordo, quando Caroline chegou do camarote ao lado num robe elegante e lhe afagou os cabelos. Adorava-os desde que eles tinham começado a ficar grisalho. Inclinou-se sobre ele por trás, tendo o cuidado de fazer-lhe a nuca descansar nos seus seios e de envolvê-lo no seu perfume. Quando a mensagem foi bem

clara, Roger tirou os óculos, embora um pouco aborrecido de ser seduzido naquele momento particular. Quando Caroline exigia atenção, tinha de obtê-la. Roger largou a caneta e correspondeu à sugestão.

Caroline encheu um copo de xerez e lhe acariciou a nuca até que ele sucumbiu com um murmúrio.

— Você vai gostar da nossa estada em Londres e vai até tentar gostar de alguns jogos de rúgbi.

— Não vai ser fácil. Nos próximos três meses, vou fazer o impossível para conseguir que Freddie faça alguma coisa. Sabe o que foi que ele fez?

Contratou um fotógrafo e um jornalista para fornecerem comunicados com fotografias à imprensa. Parece uma criança nessas excursões.

— Não adianta você falar. Sabe perfeitamente que ele agora não vai mudar.

— Mais uma coisa. Estou começando a achar que você gosta dessa bobagem de rúgbi tanto quanto ele.

— Dizem que Freddie foi para as Montanhas de Mourne e chorou durante um mês logo que soube que seu primeiro filho era mulher.

Resolveu desde esse dia amar a menina como se fosse um homem e pudesse jogar rúgbi.

Roger lavou o rosto na pia e se ajeitou diante do espelho.

— Vejo que você não joga, mas fica interessada demais nessas excursões.

— Há um lateral direito que é um amor — disse ela. — Deve ter mau hálito,

espinhas, dentes amarelos e cabelos que nunca são bem penteados.

Mas a verdade é que o traseiro e as coxas são absolutamente lindos sob aqueles calções de seda.

— Você está passando da conta, Caroline...

— Mas o que é realmente excitante é vê-los depois de um jogo, suarentos, machucados e com um delicioso mau cheiro.

— Você está piorando com a idade...

— Ouço os comentários, Roger. Eles pensam que eu ainda sou muito bonita.

Roger reagiu a isso, aproximando-se dela e beijando-a. Caroline teve êxito porque, naquele momento, houve perfeita compreensão entre eles.

Quando ele voltou a se vestir,

enfiando uma camisa engomada.

Caroline mordeu os lábios, à espera de uma oportunidade.

— Querido — murmurou ela.

Roger havia captado o sinal e sentou-se ao lado dela, cheio de curiosidade.

— Quero falar-lhe de Jeremy...

— Que é que há sobre o nosso monstrinho?

— Freddie e o garoto ficarão absolutamente decepcionados se ele não acompanhar a excursão. Jeremy sonha com isso há dois anos.

O bom humor de Roger se dissipou visivelmente.

— Não fique assim, Roger — disse ela, assustada com o olhar gelado e distante que era tão próprio de Roger Hubble. — Diga alguma coisa, pelo

menos.

— Estou cheio até aqui — disse ele, levando a mão ao pescoço, — com toda essa conspiração. Graças a Deus, temos um filho que não se interessa por esse aspecto da cultura que é o rúgbi.

— E eu fico tão satisfeita quanto você de que Jeremy Hubble vá ser um jogador grande, cabeludo e malcheiroso em vez de ser um homem de empresa!

Roger voltou para diante do espelho e disse: — É difícil aceitar o fato de que ele, graças à mãe, tenha de ir estudar em Dublin em lugar de ter uma educação decente e adequada. É quase uma tragédia você ter-se descuidado dos estudos dele a tal ponto que até a entrada em Trindade seja para ele uma verdadeira proeza. Quando ele começar seus estudos, não me

incomodo de que ele jogue rúgbi naquela monstruosidade de província, mas nunca deixarei que ele passe metade da sua vida adulta derramando o sangue pelos Boilermakers.

Caroline calou-se. Ele sentiu a decepção dela, fez-lhe um carinho e falou, completamente sério.

— Temos um problema com Jeremy. Não vou compará-lo intelectualmente com Christopher, nem dizer que estou ansioso pelo dia em que meus filhos possam dedicar-se aos negócios. O que me assusta é a mentalidade de Jeremy, a sua atitude indolente, a sua convicção de que tudo irá ter às mãos sem esforço. Acontece que ele tem imensas responsabilidades à sua espera e não pode deixar de assumi-las.

— Jeremy é gentil, encantador e vivo. Que mal há nisso? Conheço um homem que nunca deixou de se queixar do fato de que o pai o fizesse assumir responsabilidades antes que ele estivesse preparado para elas.

— Não é a mesma coisa! Não sou Arthur, nem Jeremy é Roger. Meu pai só fez isso para poder dedicar-se a seus prazeres. Não creio que possa dizer o mesmo de mim.

— Não tive a intenção de dizer nada de desagradável. Só lhe peço que veja que o garoto tem dezenove anos e tem a vida toda para servir a Deus, à pátria, ao Ulster e às empresas. Deixe-o à vontade. Se nós o prendermos demais neste momento, ele poderá ser depois um filho confuso e até hostil. Alguns anos a mais

ou a menos não vão fazer muita diferença.

Roger abriu os braços.

— Muito bem, Madame. Pode tomar nota do meu pedido. Nunca encontrei uma vendedora do seu calibre.

— Diga-lhe que ele pode acompanhar a excursão, Roger.

— Não, diga você a ele. É um presente que você e Freddie lhe fazem.

Ele vai ficar sob inteira responsabilidade de Freddie.

A vitória de certo modo não era completa. Caroline descruzou as pernas e levantou-se da cama.

— Lembra-se de um homem chamado Conor Larkin?

— Lembro-me muito bem.

— Está agora no clube.

— Sei disso.

— Jeremy o adora. Larkin é um homem bom e sensível. Doze semanas em companhia dele poderiam ser uma coisa ótima para o garoto. Há todo um universo de coisas que ele poderia desvendar para Jeremy.

— Está querendo dizer que esse tal de Larkin poderia cuidar melhor de nosso filho do que seu próprio avô?

— Estou apenas dizendo que, quando há um problema assim, uma pessoa de fora pode exercer a melhor influência. Neste momento da vida de Jeremy, ele reagirá bem a um irmão mais velho.

Era essa então a conspiração, pensou Roger. Caroline deixou-o a sós com os seus pensamentos.

Quando Roger vira o projeto dos portões que iam ser doados à Prefeitura

de Belfast, ficou alarmado com o reaparecimento de Larkin.

Aquele homem e Kevin O'Garvey eram insistentes como moscas. O'Garvey ameaçara de renegar a sua transação para que a forja do outro fosse reaberta.

Roger nunca tivera tranquilidade depois do incêndio da fábrica de camisas. Qualquer coisa que se referisse ao mesmo ainda que remotamente lhe despertava desconfianças. Durante mais de um ano, alguns jornalistas tinham estado em ação, tentando desmentir as conclusões da comissão de inquérito. Algumas coisas publicadas sobre as condições do edifício tinham sido muito desagradáveis. Felizmente, Frank Carney nunca deixara de afirmar que tinha ouvido a confissão do incendiário. Carney tinha merecido

muito deles.

Roger comunicou a Freddie os seus receios diante do reaparecimento de Larkin e só então ficou sabendo que Caroline e Jeremy tinham intercedido em favor do homem. Durante duas semanas, Larkin fora submetido à vigilância do pessoal de Swan. Nada fora descoberto de suspeito. Livros, concertos, bares e, então, uma mulher, a irmã do capitão do time. Larkin fora liberado por Swan.

E agora? Roger sabia que, se reagisse violentamente ao pedido de Caroline, o efeito poderia ser contrário. A reação inicial de Caroline seria julgar que o marido estava com ciúmes, sentimento até então ausente da vida conjugal deles. Por outro lado, se exercesse pressão contra Larkin, isso poderia avivar as ideias do

homem a respeito do incêndio e do desaparecimento de O'Garvey. O melhor seria ceder e não aparentar qualquer ressentimento em relação a Larkin.

E o resto?

Quantas vezes na vida desejara alguma comunicação com aquele homem fraco e pouco sério que fora seu pai! Não fora realmente isso que o lançara à conquista do Oeste do Ulster por si mesmo? E Caroline...

Caroline lhe abrira a porta para muitas coisas boas que, sem ela, ele nunca teria conhecido. Caroline era amiga, irmã, amante e esposa. Caroline tinha lutado arduamente contra o sistema inglês, que descartava a responsabilidade graças ao exílio frio e impessoal dos filhos nos internatos, no Exército, nos estágios no

serviço público. Seu próprio pai fizera isso com ele. Christopher aceitava o sistema sem reclamar. Mas Jeremy se estava rebelando.

Roger foi até à porta do camarote da mulher.

— Você está muito empenhada nisso, não está?

— Não estaria se não acreditasse que estava certo.

— Larkin já concordou com o seu papel em relação a Jeremy?

— Não.

— É preferível que você fale com ele e não eu.

— Pode ser — disse ela.

A travessia, excepcionalmente calma naquela noite, proporcionou uma oportunidade de camaradagem artificial.

Os rudes jogadores da equipe procuraram proceder como cavalheiros à mesa do jantar. Por sua vez, os cavalheiros contratados para jogar e os pares presentes fizeram o possível para parecer gente do povo. Nessa subversão da ordem social estabelecida, quase todos se sentiam constrangidos.

Havia destacadas exceções, como Roger Hubble observou naquela noite. O seu sogro estava inteiramente à vontade. Não era a primeira vez que se sentava à mesa com os jogadores. Sua mulher, que tinha vivido em mansardas com artistas bebedores de vinho, nunca perdia o seu instinto plebeu. E seu filho Jeremy, positivamente, exultava com a amizade daqueles homens rudes e fortes... Quanto a Conor Larkin, este era inteiramente

despido dos sentimentos de classe. Sentir-se-ia à vontade em qualquer meio, segundo pareceu a Roger. A demonstração de força da família vencera.

Lorde Roger se sentia mal como se o tivessem surpreendido a cometer o pecado original, e os homens estavam também nervosos na presença dele.

A inquietação da solidariedade forçada se modificou depois que o bar foi aberto. Roger se retirou prontamente para o seu camarote. Dentro de um momento, Sir Frederick e os cavalheiros que iam jogar no time estavam mergulhados numa profunda discussão de estratégia com Derek Crawford e Robin MacLeod. Jeremy ia de um lado para outro, escutando. O líder fora do campo do clube, Duffy O'Hurley, organizou uma

sessão de canto, e o seu cunhado, Calhoun Hanly, ancorou numa mesa. Doxie O'Brien tocava piano tanto quanto lhe permitiam os dedos quebrados e canções, nem orangistas nem republicanas, fluíram neutramente numa demonstração de fraternidade não-sectária.

A travessia era feita com um mar muito calmo. Caroline sentou-se numa cadeira do convés, cobriu o colo com uma manta e começou a escutar os cantos que de certo modo se harmonizavam com a noite tranquila.

Conor chegou ao convés, viu-a e sentou-se na borda de uma cadeira junto dela.

— Como vai a grade do Salão Comprido, Condessa?

— Em condições de durar alguns

séculos, desde que não haja insurreições. Esteve ausente durante muito tempo. Que estava fazendo e onde?

— Estava dando uma espiada no mundo com olhos de poeta. Não aprendi nada de muito valor, a não ser que a Irlanda não é tão ruim quanto parece.

— É uma sorte para a Irlanda. Há alguma mulher que tenha sorte também?

— Não posso dizer se ela tem sorte ou não.

— Fico contente por sua causa.

— Levei muito tempo fora — disse ele, mudando de assunto. — Disse que queria falar comigo. É sobre Jeremy, não é?

Ela fez um sinal afirmativo.

— Foi o que calculei.

A lua os levou até à amurada e Conor

continuou: — Tenho de agradecer-lhe o interesse que teve quando eu quis entrar no clube e também o fato de ter uma encomenda e uma forja à minha disposição...

— Apenas um gesto que um velho amigo merecia — disse Caroline. — E quero acrescentar que você teria conseguido tudo isso sem a minha ajuda.

— Jeremy treina todos os dias — disse Conor. — Nós dois temos um bom relacionamento, muito sincero. E eu creio que tenho uma ideia do problema.

— Ele ainda tem de fazer muitas extravagâncias na vida, como eu e como meu pai. Não temos pressa nenhuma de vê-lo arregimentado.

— É uma felicidade que saiba disso. Quando se tem a sorte de amar, tudo é

diferente. Ao contrário, tudo o que aconteceu comigo de verdadeiramente belo foi minha infância. É isso o que sustenta pelo resto da vida. O amor enfeita a vida... Mas, quando não se encontra amor, é preciso recorrer às lembranças da infância para ter um pouco de felicidade. No caso de Jeremy, os anos que ele está vivendo lhe são tão necessários como um lugar para construir...

— Sabe que o garoto o adora?

— Ora, os garotos sempre transformam os adultos em heróis até o momento em que os encontram caídos bêbados no meio da rua.

— Vai tomar conta dele?

— Posso ser franco?

— É claro.

— Não pense que iremos beber e procurar mulheres até às seis horas da manhã. Mas o garoto vai tolher um pouco o time. Não ligo muito a isso, vivo quase sempre sozinho e poderia conservá-lo e a mim mesmo livre dessas coisas, mas acontece que não somos do mesmo meio. Seria cômico eu proteger um visconde através dos bairros irlandeses de algumas de nossas feias cidades.

— Não acha que o conhecimento dessas coisas será bom para ele, desde que ele vai ser um dia o Conde de Foyle?

— A senhora fala sabiamente. Mas há a possibilidade de Jeremy ser mordido por algumas pulgas republicanas.

— Eu me arriscaria a isso se ele pudesse adquirir algumas outras coisas de Conor Larkin.

Ele riu.

— Quem é que está empregando agora a lúbia irlandesa?

— Vai então tomar conta dele?

— Creio que um dia a senhora devia saber o que é uma decepção.

Consegue tudo o que quer.

— Nem sempre, Sr. Larkin — disse ela, encarando-o bem nos olhos.

Conor sentiu-se confuso. Resolveu ficar calado e agarrou a amurada para não estender as mãos para ela. Caroline ficou no mesmo lugar e não fez o menor esforço de corrigir as suas palavras ou retirar-se.

— Imagino que tenha andado durante anos pelo tombadilho dos navios. Pensou algum momento em mim? — perguntou ela.

— Quando se está sozinho a bordo de

um navio, noites seguidas, acaba-se pensando em tudo, mais cedo ou mais tarde.

— Não foi isso o que eu perguntei.

— Sim, pensei na senhora.

— E o que foi que pensou?

Conor sorriu.

— Não lhe poderia dizer por que esses pensamentos não tinham a menor possibilidade de concretizar-se.

— Ora, só porque pôde andar pelo convés de um navio à noite, não quer dizer que tenha o direito exclusivo de sonhar. Eu também tive alguns pensamentos a seu respeito...

— Oh...

— Mas também não lhe devo falar sobre eles. Nem mesmo Conor Larkin poderia concretizar as minhas fantasias...

— Bem — disse ele com voz trêmula — acho que está na hora de irmos dormir.

— Um minuto, Conor. Permita-me dizer que é um dos homens mais dignos de ser amados que já conheci na vida. Posso dizer isso porque nada vai acontecer. Mas não hesito em dizer que tenho por você os mesmos sentimentos de Jeremy. Boa noite, Conor.

— Lady Caroline.

— Sim?

— Pode ficar descansada que eu tomarei conta do garoto.

— Sei disso — disse ela e afastou-se.

Conor olhou para o mar durante algum tempo e sentiu descer dentro do peito o desgosto de si mesmo. Tinha explorado com perfeição a amizade com ela e com Jeremy. Tinha atraído o garoto para a

excursão e para uma posição de intimidade com ele. Antes disso, tinha usado a amizade de ambos para ter acesso às oficinas, para entrar no time e para ter liberdade de movimentos. Agora, tinha uma proteção a mais como o guardião de um aristocrata britânico. Tudo isso afastaria qualquer suspeita que pudesse haver sobre suas atividades. A afeição pelos inimigos não fazia parte do código de Dan Sweeney. Ele se indignaria, se soubesse dos sentimentos dele em relação àquela gente.

Conor olhou para baixo e viu a locomotiva do Expresso da Mão Vermelha bem amarrada nos cabos, a subir e a descer com o balanço do vapor. Desceu e se aproximou do tênder, tocando-o.

— Olá!

Conor voltou-se assustado. Duffy O'Hurley, que sempre mancava um pouco quando bebia, aproximou-se.

— Que está fazendo por aqui, Conor?

— Andando por aí para descansar a cabeça de tanta agitação.

— Tem razão. Essa é a sua primeira excursão. Mas olhe esta beleza. A melhor máquina que já se fez aqui. Pode parecer que eu sou um sentimental, mas nunca vou dormir sem dar boa noite a minha máquina.

Conor só estava pensando em qual seria a resposta de O'Hurley quando lhe fizessem a pergunta. Ainda teria de esperar muito tempo por Bradford e por Brendan Sean Barrett.

# 16

Dos irmãos Larkin, só Dary tinha vindo do Seminário de Maynooth.

Conor encontrava-se na Inglaterra e Liam estava, naturalmente, longe demais.

Brigid ficou diante da casa dos Larkins pelo que parecia uma eternidade. A longa espera terminara. O montão de pedras estava colocado sobre a sepultura de sua mãe e as últimas preces tinham sido murmuradas. Aquela casa e as terras eram dela agora. Encaminhou-se lentamente para a porta. Empurrou-a bem devagar, como se estivesse entrando na casa pela primeira vez. Tudo era exatamente a mesma coisa, mas havia uma grande diferença. Correu os olhos pela

sala. A cadeira perto do fogo seria dela agora e todas aquelas grandes panelas, que seriam agora areadas como nunca tinham sido. Os tamboretos, os bancos, a bateadeira de manteiga, tudo o que ela via lhe pertencia. No dia seguinte, sairia pelos campos, arrolando tudo o que era dela.

Andou de peça em peça, alisando tudo o que era dela, limpando a poeira das colchas. Iria arrumar tanto aquela casa que não haveria outra igual.

Chegou à porta do quarto. Olhou para a cama onde ela e todos os seus irmãos tinham nascido. A cama de Tomas e de Finola. Sentou-se na borda como fazia quando eles estavam doentes e, em seguida, estendeu-se na cama macia, fechando os olhos cheios de lágrimas.

De volta à sala, atijou o fogo como só as mulheres da casa sabiam fazer e colocou mais turfa na lareira. Depois disso, preparou a primeira refeição, pondo a mesa para ela e Rinty Doyle. Colocou o seu prato no lugar que tinha sido de Finola. Depois, mudou de ideia e levou o prato para o lugar onde Tomas se havia sentado, como o chefe da casa.

— Rinty! — gritou ela na direção do estábulo. — Onde está você, Rinty?

Não conseguiu vê-lo em parte alguma. Jogou o xale nos ombros e marchou firmemente para a encruzilhada, irrompendo no bar de McCluskey.

Os homens que estavam no bar tiraram os bonés a um só tempo em respeitosa homenagem à sua santa mãe. O velho McCluskey quase não enxergava mais e

ouvia muito menos. O pequenino Rinty estava encolhido num canto a beber uma garrafa de Derryale.

— Ah! Você está aí! Quero saber quem foi que lhe deu licença para se embebedar?

— Embebedar? Mulher, estou mais no meu juízo do que o Padre Cluny. Estou apenas bebendo cerveja em memória de sua santa mãe. Que Maria lhe salve a alma.

— Deus lhe dê descanso — disse Billy O’Kane no balcão.

— Deus proteja a todos aqui — disse Rinty, levantando o copo.

— Venha imediatamente para casa, do contrário não vai tomar chá esta noite!

Rinty olhou mortificado para os homens que estavam no bar. Olhou ainda

para o copo, como se quisesse tomar o último gole, mas capitulou e seguiu apressado pela estrada atrás de Brigid.

— Que mulherzinha braba essa aí — murmurou McCluskey.

— Eu não suportaria nem a metade disso.

— Jesus! Até parece que os dois são casados!

Chegando à casa, Brigid bateu a porta e se voltou irada para Rinty.

— Fique sabendo que eu nada tenho contra um homem tomar o seu copinho de vez em quando, mas não vou ficar aqui como uma escrava cuidando de tudo para você nem aparecer na hora da comida. Que é que você prefere: McCluskey ou a morte? Está entendendo?

— Estou.

— Então vamos rezar o rosário.

Rinty coçou a cabeça, enchendo-se de coragem para protestar.

— Podemos conversar como bons amigos?

— Pode ir falando.

— O que eu quero dizer é que agora somos duas pessoas nesta casa.

Todos nós temos os nossos direitos. Se, por exemplo, eu, que sou uma das pessoas da casa, acho consolo num copo de cerveja, por que não pode a outra pessoa da casa, que é você, achar consolo no rosário? Assim, cada um cuidará de suas necessidades.

— Deus tenha piedade de você, Rinty Cole!

— Sou um homem e tenho os meus direitos.

— Você pôde afastar-se de Deus porque minha pobre mãe já estava tão doente no ano passado que suportou um pagão dentro de sua casa.

— Eu tenho meus direitos, sabe? Tenho meus direitos.

— Enquanto você viver debaixo deste teto, terá de rezar o rosário e de ir à missa. Vou deixar que você se mude para o sótão, mas ficará no estábulo até que pague as suas dívidas a Nosso Senhor Jesus Cristo. Agora, de joelhos, Rinty Cole!

Rinty levantou os olhos para o céu, mas dali não lhe veio nenhum socorro. Abriu os braços e ajoelhou-se, resmungando, ao lado de Brigid.

Os dois continuaram a viver como se

Brigid fosse dona de uma grande propriedade e uma verdadeira baronesa. As preces nunca principiavam nem terminavam. Continuavam apenas. Nenhuma casa na Aldeia Alta era mais bem tratada, polida e arrumada. Todo pó era como um intruso que tinha de ser banido, todos os metais tinham de brilhar, todos os panos tinham de estar rigorosamente no lugar. Sapatos sujos, cinzas de cigarro e outros vestígios da sujeira masculina eram escorraçados, bem como os homens que os haviam produzido.

Era uma pena que Brigid não se mantivesse tão bem quanto a sua casa ou os seus campos. Engordou e qualquer encanto da mocidade que ela pudesse ter tido desapareceu no limiar dos seus trinta

anos. Beleza nunca tivera tanta importância em Ballyutogue quanto a terra, e a granja dos Larkins ainda era a melhor de todas. Os solteirões de quarenta anos começaram a se movimentar, mas eram uma triste gente mesmo e ela os correu a todos pela porta afora. Os bebedores logo procuraram manter distância dela.

Nos meses seguintes, Brigid impressionou a todos com a maneira pela qual geria os seus negócios. Depois de quase levar Rinty Doyle à sepultura exigindo o máximo de trabalho dele, contratou outro primo distante como seu segundo empregado. Organizou uma indústria em casa, trabalhando o linho por um preço mais alto que o habitual, e tudo isso mostrou que ela tinha um pouco da

força e da inteligência da família Larkin.

Liam e Conor mandaram o dinheiro para a sepultura de Finola. O

irmão mais moço, que tinha prosperado muito na Nova Zelândia, mandou dinheiro para a reforma do teto da casa. Liam foi também o primeiro filho de Ballyutogue que mandou fazer um vitral para a igreja em nome da família.

Depois de obrigar os dois homens às preces finais do dia, Brigid fazia uma inspeção final da casa e corrigia tudo que estava malfeito ou fora do lugar. Em seguida, abria a gaveta do armário e tirava de lá uma carta já amarelada que ela recebera havia muito tempo de Conor. Era a carta em que Conor lhe comunicava que Myles McCracken nunca mais voltaria para Ballyutogue. Eram poucas as

palavras e ela conseguira ler tudo por si mesma, mas a carta já a sabia de cor e o papel estava amarelado e gasto de tanto ser aberto e dobrado.

“Em virtude de várias circunstâncias, Myles vai-se casar em Derry”.

— Que são “várias circunstâncias”? — tinha ela perguntado ao Padre Cluny, mostrando-lhe a carta.

O padre disse que não sabia, mas que, de qualquer maneira, Myles passara a ser um homem casado e Brigid não devia mais vê-lo.

Sentiu uma grande dor no coração por causa de Myles, quando soube do incêndio e foi procurar de novo o padre, pedindo-lhe que escrevesse a Conor. Talvez ela pudesse fazer uma visita a Myles depois de um ano. Mas Conor saíra

de Derry e ninguém sabia para onde fora. O Padre Cluny fez uma viagem a Derry, a pedido dela. Voltou com a triste notícia de que Myles fora internado num asilo de loucos.

O ritual da carta era tão regular quando a recitação do rosário. Brigid tornava a guardar a carta na gaveta, apagava a luz e deitava-se na cama que tinha desejado toda a sua vida.

“Você foi um tolo, Myles. Se tivesse esperado mais oito anos, estaria agora deitado junto de mim...”

Fechava os olhos e dormia, cansada do trabalho na granja e de tanta reza.

Em virtude de várias circunstâncias, Myles vai-se casar em Derry...

A excursão!

Uma visita real não poderia causar maior tensão e ambiente mais festivo do que aquele delírio anual do rúgbi. Os Boilermakers, de Belfast Leste, estavam entre as poucas coisas importantes que aconteciam naquela negra cadeia industrial do Lancashire e do Yorkshire. Havia a crença de que o time era formado de rudes desordeiros irlandeses.

Grandes faixas nas ruas davam as boas-vindas aos Boilermakers.

Autoridades e bandas faziam recepções, os *bookmakers* se movimentavam e a imprensa local, sempre à míngua de notícias, devorava o

acontecimento. Os irlandeses eram sempre matéria de primeira página e nunca deixava de haver uma alusão a escândalos inexistentes ou rumores de possíveis desmandos sexuais. Os bares escancaravam e certas mulheres se colocavam estrategicamente em evidência.

A propaganda de Sir Frederick jorrava ininterruptamente e ele, em plena glória, proclamava confidencialmente que sua nova máquina da Mão Vermelha, com Duffy O'Hurley como maquinista, podia fazer cento e setenta quilômetros por hora. Ele, Duffy e Calhoun Hanly deliravam ao ver as filas de colegiais ansiosos por uma visita aos famosos vagões particulares. Weed discorria incessantemente perante grupos cívicos e clubes particulares sobre

o poderio industrial do Ulster, sobre o seu rúgbi, sobre as suas obras de beneficência e sobre a política de união com a Coroa. Dava festas regadas a champanha com acompanhamento de caviar aos seus clientes e aos possíveis compradores, ao mesmo tempo que tornava realidade já pela segunda década os sonhos de infância de cada qual.

Nos dias e semanas seguintes, Conor muitas vezes desejou que Mick McGrath houvesse participado ao menos de uma excursão. Se isso tivesse acontecido, ele não levaria o resto da vida a lamentar a sua ausência. Na verdade, a excursão era uma grande ilusão.

Tirando as cidades maiores, Bradford, Leeds, Hull e a série dos subúrbios de Liverpool, o resto eram lugares de 50.000

e 100.000

habitantes espalhados num conglomerado têxtil compacto de casas horrendas e monótonas, muito parecidas em cheiros, cores, sujeira e poluição com as de Belfast. Os bifes suculentos que McGrath imaginara eram pequenos, salgados e esturricados e os magníficos alojamentos se transformaram numa enfiada de quartos velhos, sujos e manchados de fuligem nos piores hotéis à beira da estrada de ferro. O cansaço e a saudade eram companheiros constantes depois dos jogos, juntamente com os machucados.

Dia de jogo!

Saíam do hotel com suas camisas com as cores verde, laranja e branco, tendo a bandeira do Ulster pintada nas costas e o

Expresso da Mão Vermelha no peito. As arquibancadas quase vinham abaixo com os aplausos. Bons campos eram os de Batley, Halifax e Swinton. O resto não passava de terrenos com alguns raros farrapos de grama, cercados de velhas arquibancadas de madeira, onde dez a trinta mil pessoas se comprimiam num estado de semilevitação. Os *bookmakers* recebiam apostas e os garotos pediam que os passassem por cima da cerca para que pudessem ver melhor o jogo.

*God Save the King.*

A confusão começava no campo e nas arquibancadas.

O jogo profissional é inteiramente livre. Homens que correm, corpos que se chocam, braços e pernas misturados, alguns jogadores estendidos no campo e

que pouco a pouco se movem recuperando a consciência, a bola que voa e vai cair num grupo compacto, duas paredes que colidem, a derrubada violenta de um jogador que corre, os passos trôpegos, as agonias e as frustrações.

A agonia de Derek Crawford nunca varia, exceto quando uma dor nova lhe explode no estômago. Doxie O'Brien corre de um lado para outro junto às linhas de fundo, gritando jogadas, insultando os árbitros, desafiando a torcida.

Os exames depois dos jogos se fazem nos vestiários de teto alto sob as arquibancadas onde o lixo acumulado é de um constante cinzento mórbido. Os bancos de madeira cedem sob o peso dos homens e o cheiro de uma geração de suores fortes acumulados impregna para sempre

o ar.

Há alguns chuveiros de água fria e toalhas que parecem guardanapos.

Doxie O'Brien passa por entre os jogadores e conta os dentes quebrados, os cortes que precisam de pontos, as torções, os narizes esborrachados, as costelas atingidas, os joelhos contundidos e os descoramentos alarmantes.

— Bom jogo, rapazes — diz Sir Frederick, aparecendo no lugar que parece um necrotério.

Um guinéu ou dois por cabeça são distribuídos, havendo mais algum dinheiro das apostas ganhas por Sir Frederick. Grande proprietário de clube! Não há nenhum que chegue aos pés dele.

E a confraternização depois... Depois de fazerem tudo o que era possível para a

ruína recíproca, os jogadores caíam nos braços uns dos outros para uma longa noite de bebedeira. Beber para disfarçar o assalto constante da dor.

E havia as mulheres... Sair com uma pequena antes que a rigidez cadavérica se manifeste e cancele a última atuação do dia.

Com o ferreiro Conor Larkin, dando conta do recado, e os dois “cavalheiros” mostrando a sua classe de seleção nacional, os Boilermakers recuperam parte do seu legendário prestígio no Lancashire, derrotando Leigh, Oldham Salford e Runcorn no espaço de quinze dias. Seguem então para um jogo decisivo em Wigam.

Wigam, um dos menores centros da Liga de Rúgbi do Norte, tinha uma equipe

de primeira ordem. Quando as camisas cereja e brancas enfrentaram as camisas verde, laranja e brancas, o resultado foi um empate em quase oitenta minutos de uma das partidas mais violentas de que havia lembrança.

Nos minutos finais, o preparo físico dominava tudo. Os rapazes de Wigam tinham feito um bom trabalho e era de esperar que os Boilermakers estivessem em melhores condições físicas. Mas os seus longos dias de treino e de trabalho pesado, agravados pelas noites de excessos e grandes quantidades de Guinness anularam tudo. Só o ferreiro teve bastante energia para marcar um ponto com um dos seus inimitáveis mergulhos.

A bandeira do Ulster flutuou sobre o

Lancashire. O Yorkshire perdeu o fôlego e tremeu.

Argyle Dixon, um javali solto, dividia com o Ferreiro a tarefa de tirar todo o pensamento de jogo sujo da cabeça dos adversários. Uma jogada violenta contra um Boilermaker determinava imediatas represálias.

Espalhou-se pela liga que Argyle Dixon tinha um companheiro e que era preciso agir com muito cuidado. Quando o time chegou a Hull, estava à frente em vitórias, faltando ainda seis jogos. Derek Crawford estava reabilitado e Sir Frederick exultava.

O grupo dos Hubbles se dividiu depois de alguns jogos. Lorde Roger julgou que havia cumprido os seus

deveres de família e partiu. Algum tempo depois, Caroline tomou o caminho de Londres. Roger permanecia o tempo todo em Londres, mas Caroline quase sempre tomava um trem para o norte, a fim de assistir ao jogo dos sábados.

Durante esse tempo, Jeremy se esforçou ao máximo para seguir a orientação de Larkin. Conor o tratava como um filhote de águia, sem permitir nunca que ele se afastasse perigosamente do ninho. Conor dormia no mesmo quarto de Robin MacLeod, mas sempre perto do quarto de Jeremy. Um pouco de bebida era permitido ao rapaz, mas ele era mantido sempre distante dos lados menos confessáveis da vida noturna dos jogadores. Com isso, Jeremy podia entrar nos bares e ter algumas conversas

arrojadas com os jogadores, mas certamente ficava livre de problemas. A conversa sobre mulheres, bebidas e rúgbi lhe dava a ilusão de virilidade e o rapaz se contentava com isso.

Conor fez um bom trabalho com o rapaz, aplicando-lhe sutilmente doses do seu próprio amor pela palavra escrita e pelos pensamentos elevados. Jeremy tinha tamanha admiração por Larkin que racionalizava tudo ao ponto de achar que, se Conor tinha admiração pelos livros, estes não podiam deixar de ser uma grande coisa. Tinham tempo de sobra e mantinham longas conversas enquanto bebericavam cerveja. Conor lhe falava então de peças e concertos. Jeremy ficava encantado com as descrições que Conor lhe fazia da beleza e da alegria de Dublin,

procurando cercar de interesse os estudos do garoto em Trinity College.

Lady Caroline se alegrava com as mudanças pequenas, mas significativas, que se vinham operando no filho. Foi esse o verão de Jeremy Hubble na casa do pastoreio.

Huddersfield perdeu para os arrasadores Boilermakers e Brighouse, o velho time de Derek, também. Era uma vitória sempre satisfatória.

De repente, fez uma manhã fria e úmida, embora ainda se estivesse no fim do verão. Era uma dessas manhãs em que se enxergava a própria respiração como uma nuvenzinha branca. O trem particular atravessou o preguiçoso rio Ayre e chegou à estação da cidade de Leeds. Não havia música, nem recepção, pois ainda era

muito cedo. Os jogadores desembarcaram meio encurvados e sonolentos para fazer o breve percurso da estação até ao hotel.

Os olhos de Conor estavam úmidos dentro da névoa penetrante.

Sentia-se entorpecido, mas não de frio. Durante dez semanas procurara não pensar em Bradford. Cada vez que lhe ocorria a ideia, ele procurava distrair-se, contando as semanas que ainda faltavam — oito, sete, quatro e, afinal, quinze dias.

A parada seguinte seria Bradford.

Brendan Sean Barrett estaria em Bradford e lhe diria o que fora conseguido com Duffy O'Hurley.

Estava acontecendo algo de estranho dentro dele. O plano de contrabando das armas não lhe despertava mais o antigo entusiasmo. Era duro de reconhecer, mas

intimamente desejava que o plano falhasse.

Quem sabe se O'Hurley não teria rejeitado toda e qualquer participação?

Talvez Barrett estivesse ausente de Bradford e não fosse possível o encontro com ele. Talvez Barrett o mandasse embora sem uma decisão.

Tudo estaria resolvido, então.

Que é que estaria resolvido? Que era que ele queria que fosse resolvido?

Todo aquele tempo em que sonhara com a sua participação na batalha pela libertação, todas aquelas noites de meditação nos tombadilhos de navios pelos mares do mundo teriam a sua coroação em Bradford. No momento em que apertasse a mão de Brendan Sean Barrett assumiria um compromisso pelo

resto da vida e esse momento marcaria para ele o início do levante. Por que então o seu espírito se afastava de tudo isso?

Leeds... depois Bradford. Não era mais a Mãe Irlanda que dominava a cabeça de Conor Larkin. Era Shelley MacLeod.

Chovia. Conor entrou no quarto de hotel, sacudiu a capa molhada, abriu a porta de comunicação e olhou.

— Onde está Jeremy?

— Está com o avô — disse Robin MacLeod, levantando os olhos do romance que estava lendo, *Os Amantes de Letty Hyde*, de James Grant.

— Ele não me disse que ia sair.

— Você vigia aquele garoto como se ele fosse um débil mental.

Conor sentou-se numa velha poltrona, passou uma perna sobre o braço da mesma e pegou um livro para ler.

— Você deve ter cuidado com Alfie Newton — disse Robin, referindo-se a um

jogador dos Loiners, de Leeds, que atuava na mesma posição de Conor.

— Já sei, já sei...

— Trata-se de um verdadeiro monstro. É o único homem de quem Argyle não pode dar cabo sozinho. É impossível fazê-lo parar, mesmo com um golpe de judô.

— Argyle me falou sobre ele. Doxie me falou sobre ele. Derek me falou sobre ele. Todo o mundo há uma semana não me fala em outra coisa que não seja Alfie Newton.

Levantou-se nervosamente, foi até o espelho por cima da pia e olhou para uma cicatriz ainda não de todo fechada no rosto.

— Não deixe Alfie Newton ver isso — murmurou Robin.

Conor resmungou alguma coisa e olhou pela janela como se algum milagre pudesse fazer a chuva parar. Até a chuva parecia negra.

Derramava-se oleosa sobre as pedras da rua e caía sobre as filas tristes de casas de tijolos vermelhos e tetos de ardósia. Tudo lá fora parecia repulsivo e miserável. Conor voltou para a poltrona e pegou no livro, mas sentiu o nervosismo de Robin. Esperou pacientemente.

— Você tem que me dar cobertura esta noite — disse afinal Robin.

— Está certo. Aqui ou na casa dela?

— Aqui. Ela é casada.

— A que horas?

— Às oito e meia. Acha que sou um cachorro, não acha?

— Não acho nada.

Robin começou a passear pelo quarto e disse: — Você tem de saber. Adoro Lucy e quando estou em casa sou incapaz de uma coisa dessas. Mas aqui, depois de dez semanas desse corre-corre...

— É melhor calar a boca. Não estamos num confessionário.

— Escute, tenho de lhe explicar tudo. Você de certo modo já é da família e eu não quero que tenha ideias erradas a meu respeito.

— Não tem nada que me explicar, Robin.

— Sinto-me mal...

— De quê?

— De ser casado e proceder dessa maneira, vendo como você procede corretamente, esperando por Shelley. Você age com a maior honestidade com ela. E

eu não posso deixar de ver como estou errado...

— Não se atormente. Cada pessoa tem necessidades diferentes. Sei muito bem como você gosta de sua mulher e de seu garoto.

— Tem toda a razão, Conor. Fiquei doente quando soube que ia ficar no mesmo quarto com você que, além de católico, é solteiro. Nas outras excursões, sempre tive como companheiros homens casados. Dávamos cobertura uns aos outros e, por isso mesmo, nunca pensei muito no que estava fazendo. Sabe como é. Isso é o que mais gosto em você, Conor, ver como você é direito.

— Não se preocupe, Robin.

Robin foi até à janela.

— Chuva mais chata...

— É mesmo.

— O pessoal todo está ficando nervoso. Dez semanas fora de casa e essa chuva que não pára. Daqui a pouco, vão começar as brigas.

Felizmente, você é calmo.

— Talvez — murmurou Conor e pensou que Robin não sabia de nada.

— Você pensa muito em Shelley, Conor?

— É difícil não pensar nela.

— É mesmo. Depois de Lucy e Matt é nela que penso mais. Você é um sujeito de sorte. Basta ter Shelley. — Estendeu-se na cama, cruzou as mãos sob a nuca e começou a lembrar-se. — Não sei como foi que uma bela mulher pôde sair de uma menina tão esquisita. Não sei se você sabe, mas eu fugi de casa e andei algum

tempo embarcado.

— Shelley me disse.

— Fiz isso no desespero. Quem é pobre em Belfast, é pobre de verdade.

— É claro que nós não temos o monopólio da pobreza — murmurou Conor. — Mas, quando a gente se cria no campo, alguns dos aspectos mais terríveis da pobreza são atenuados. Aprendi isso depois que fui para Derry. Lá no campo, sempre tivemos vizinhos e a tradição de muitos séculos de nos ajudarmos uns aos outros. Há sempre alguma coisa para plantar e, quando não dá certo, há sempre alguma coisa para caçar. Na cidade, as coisas acontecem de maneira diferente, deixando-nos totalmente indefesos.

— De fato. Não se pode comer a calçada. E quando a pessoa não tem

campos verdes, é preciso inventá-los...

— Campos de campânulas azuis...

— É claro. Shelley lhe falou nisso.

Ela gostava muito de cantar essa música. Quando eu e Shelley ficamos mais crescidos, talvez com nove ou dez anos, saíamos à aventura. Tomávamos o bonde num canto cheio de gente e, quando o condutor chegava, dizíamos que nossos pais já tinham pago a nossa passagem antes de sair do bonde. Quando chegávamos ao fim da linha em Malone, pedíamos passagem em algum carro com cavalos que passasse e íamos para o campo. Como tudo era verde! Era uma coisa que alegrava o coração. Íamos até Shaw's Bridge, uma ponte de pedra sobre o rio Lagan, no meio dos campos mais verdes que se podem imaginar. Era o

nosso lugar predileto e as nossas iniciais, minha e de Shelley, ainda devem estar no parapeito da ponte. Meu Deus, como estou falando!

— Gosto de ouvir coisas sobre Shelley.

Robin sorriu.

— Eu e Shelley mergulhávamos de cima da ponte, vestidos com as nossas camisas. Era muito perigoso, mas naquele tempo, antes da poluição, a água era clara, fresca e funda. Logo, passava por ali alguma barcaça e nós embarcávamos e fazíamos alguns serviços a troco de algumas moedas. O pessoal da barcaça sempre tinha alguma coisa para comer e nunca deixava de nos dar um bocado.

“Num dia bom, fazíamos até cinco *pence* e tratávamos de voltar para casa.

No momento em que chegávamos ao Shankill, corríamos para o mercado de frutas no fim de nossa rua e comprávamos até quinze ou vinte frutas machucadas, que íamos comer em segredo. É estranho, mas as nossas recordações mais vivas sempre se relacionam com comida...

“Um dia, Shelley quase morreu afogada quando saltamos da ponte. Só pela graça de Deus, consegui salvá-la. Ainda a vejo na margem do rio, com os cabelos molhados espalhados pelo rosto e imóvel. Estava em péssimo estado quando consegui trazê-la para casa e a levamos para o hospital.

Você conhece Morgan. É um homem de coração grande que não tem mais tamanho mas, quando fica zangado, é melhor sair de perto. Quando o médico

pôs Shelley fora de perigo e ela voltou para casa, Morgan me deu a maior surra de toda a minha vida... Shelley já lhe disse porque eu fui para o mar?

— Disse.

— E você, Conor? Por que andou pelo mar?

Conor não respondeu.

— Viver em Belfast era difícil — disse Robin. — Fomos sempre gente do Shankill e trabalhamos nos estaleiros. Morgan trabalhava nas Oficinas Weed desde o dia da inauguração e meu avô trabalhava antes dele em estaleiros menores. Quando havia trabalho, a vida podia ser tolerável, a não ser nos domingos com todas aquelas exigências religiosas. Quando não havia trabalho, o desespero era enorme. Via-se o medo nos

olhos dos homens. A dor de voltar para casa com as mãos vazias lhes transtornava o juízo e eles se voltavam uns contra os outros. Nossos empregos tinham ainda maior importância, porque vivíamos sob a constante ameaça de perdê-los, com um punhal sempre cravado em nossos pescoços. Foi sempre isso que gerou ódio e desconfiança entre seu povo e o meu.

Robin MacLeod só se lembrava da mãe com toda a severidade da religião estampada no rosto. Quase só abria a boca para rezar.

— O rosto dela parecia uma noite de inverno e o coração ainda era pior. Nos tempos difíceis, sempre atribuiu as nossas dificuldades a um castigo pelos meus desmandos e os de Shelley.

“O imenso orgulho de Morgan nunca

permitiu que nem eu, nem Shelley fosse trabalhar nas fábricas. As discussões se tornaram tão violentas que saí para o mar e Shelley fugiu para a Inglaterra.

“Graças a Deus, minha mãe foi aliviada das misérias terrenas e rezou e cantou aleluias até o último suspiro. Mais tarde, Morgan se casou com a querida Nell, uma das melhores mulheres que já viveram no Shankill. Ele pediu que nós dois voltássemos, alegando que, se não fossemos uma família, não seríamos nada. Acho que toda a gente de Belfast é assim. É

melhor viver naqueles cochicholos do que dispersar-se pelo mundo e morrer. Liam partiu, eu parti, Dary partiu. Nossa raça se espalhou pelo mundo e se

enfraqueceu...

A porta se abriu e Jeremy Hubble entrou impetuosamente e todo molhado. Conor olhou para o seu relógio. Passava das sete horas.

— Enxugue-se e vamos comer alguma coisa — disse Conor ao rapaz.

— Só vão botar a mesa para os jogadores daqui a uma hora.

— Não. Hoje, quero comer alguma coisa que preste. Depois, estão levando no teatro daqui *O Cerco de Ladysmith*.

— Ótimo! Você vem, Robin?

— Não. Tenho de fazer alguns planos para o jogo com Doxie e Derek.

Jeremy olhou para um e para outro e disse: — Gostaria de que deixassem de me tratar como uma criança!

A vitória sobre os Loiners, de Leeds,

foi doce como néctar e se desenrolou dentro da lama perante vinte e seis mil espectadores encharcados. Logo que o jogo começou, o temível Alfie Newton (e que rinoceronte humano era ele!) fez pontaria para o corte no rosto de Conor e avançou pelo outro lado. Conor foi avisado a tempo por Argyle Dixon.

Conor se voltou, baixou a cabeça e acertou o impetuoso Alfie com uma cabeçada entre os olhos, machucando o nariz que já devia ter sido machucado inúmeras vezes.

Alfie voltou ao campo depois de medicado, mas nunca mais foi o mesmo. Argyle e Conor seguiram-no como sombras, sem lhe dar tempo sequer de respirar. Antes de terminar o meio tempo, Alfie saiu de campo pela primeira vez em

dez anos. Os Boilermakers tomaram conta do campo depois disso e o escore final, Belfast Leste, 24 e Leeds 2, foi o maior de toda a temporada.

Quando terminou o jogo, Conor ficou sentado por muito tempo a aplicar um pano molhado na testa, que se contundira durante o golpe em Alfie. Mas não era na contusão que pensava. Era no fato de que, depois disso, Bradford e Brendan Sean Barrett esperavam.

Um por um, os companheiros de time saíram, depois de bater-lhe num ombro. No fim, só Jeremy e Robin ficaram.

— Podem ir que já os alcanço — disse Conor.

Os dois saíram e ele continuou sentado com o rosto entre as mãos. O encarregado do vestiário, um velho já

bem encarquilhado, apanhava as toalhas e varria o chão.

Conor foi para o chuveiro e deixou a água fria cair-lhe no corpo.

O velho olhou então para ele e viu a contusão na testa.

— Isso aí está bem feio, companheiro — disse ele. — Você é o Ferreiro, não é?

— Sim, sou o Ferreiro.

Conor chegou às festas que se realizavam no bar da Casa da Índia e se deixou envolver pelos elogios e pelas bebidas. As canções se sucediam dentro do bar. Eram canções de Leeds e de Belfast, canções obscenas, canções de mineiros, canções sentimentais irlandesas.

Depois, como sempre, os católicos se encaminharam para os bairros irlandeses, que existiam dentro de um núcleo de

miséria. Os bares de Chapel Town e Quarry Hill estavam abertos para os seus heróis.

Jeremy Hubble protestou em vão o tempo todo enquanto era levado para o hotel e Conor foi para o bar de Tooley a fim de receber os abraços dos seus compatriotas. A visita do Ferreiro seria lembrada durante muito tempo como um marco na sordidez de suas vidas.

Duffy O'Hurley, Doxie O'Brien e Calhoun Hanly se destacavam num canto do bar. Duffy estava estranhamente sossegado naquela noite, sem a sua habitual extroversão. Ao olhar para Conor, ergueu o copo em saudação.

**BRADFORD**

Robin tateou na escuridão, encontrou o candeeiro e acendeu-o. Conor continuou perto da porta, abotoando seu jaquetão de lã. Robin sacudiu a cabeça para afugentar o sono e olhou para o relógio.

— Vou tomar um pouco de ar — disse Conor.

— Escute, já passa das onze horas e temos um jogo amanhã.

— Sei disso. Não vou demorar.

Robin afastou as cobertas e sentou-se na cama.

— Que é que há com você, Conor? Há

três dias que você não é o mesmo homem.

— Deite-se e trate de dormir.

— Alguma notícia ruim na carta que você recebeu de Shelley hoje?

— Não...

— Mas então?

— Não é nada. Estou apenas um pouco nervoso.

— Bem, não volte tarde. O jogo de amanhã vai ser difícil.

Um túlburi estava à porta do hotel e tanto o cocheiro quanto o cavalo pareciam dormir. Conor tocou o homem. O cavalo resfolegou.

— Para onde vamos?

— Para o distrito de Wapping.

— A qualquer lugar em Wapping?

— Não. Deixe-me num bar quase no fim de Boulton Road.

Robin observava da janela do quarto no terceiro andar. Saiu da janela e sacudiu a cabeça. Não tinha positivamente nada com o caso. Não acreditava que ele fosse enganar Shelley procurando outra mulher. Os católicos eram engraçados com os seus costumes. Apagou a luz, meteu-se na cama e puxou as cobertas.

Conor saltou do carro no ponto em que Boulton Road chegava a Cheapside e continuava. Seguiu a pé pelo bairro irlandês. Os irlandeses tinham fugido para Bradford por ocasião da Grande Fome, fugindo de um lugar ruim para outro. Tinham sido arrumadeiras, lavadeiras, vendedores ambulantes, mineiros, mendigos, cardadores de lã e trabalhadores de estrada de ferro.

Um guarda apareceu na rua e Conor

falou com ele.

— Pode dizer-me onde fica Wild Boar Road?

— Cinco quadras à direita.

— Muito obrigado.

Conor seguiu dentro do silêncio e em companhia de lampiões da rua.

Chegou à pequena rua, parou e descansou um pouco, olhando mais uma vez para trás. Havia algum movimento na rua, luzes e algumas pessoas.

Recomeçou a andar e foi parar diante da casa funerária de Callaghan.

Algumas mulheres de xales e lenços pretos à cabeça entraram na casa.

Conor atravessou a rua e entrou.

As mulheres estavam de joelhos, rezando em torno dos restos mortais de Vincent O'Cooney, do condado de Cork,

que morrera num poço de mina aos trinta e dois anos, deixando uma viúva, Mary, e nove filhos.

A luz das velas iluminava o rosto das mulheres que rezavam e enchia os cantos de sombras. Um velho padre estava presente. Havia pouco choro. Estavam todos muito cansados.

— Era amigo do finado?

— Conheci-o ligeiramente — disse Conor.

Procurou adivinhar quem era Callaghan. Depois, caiu de joelhos e participou das rezas. Continuou a prestar atenção a todos os presentes.

Quando a reza acabou, uma porta dos fundos se abriu, como se obedecesse a um sinal, e um homem apareceu. Tinha um fraque esgarçado na gola e calças

listradas em condições apropriadas à pobreza do bairro.

Quase todos saíram, deixando apenas a viúva para continuar o velório. Vendo a sala quase vazia, Conor levantou-se, enxugou o suor do rosto e se aproximou do homem.

— Sr. Callaghan?

— Sim. É desconhecido aqui, não é?

— Fui algum tempo amigo do morto. Tive um choque quando soube.

Estou de passagem em Bradford... e soube do triste fato num bar...

— Não quer ir para os a sala dos fundos e descansar um pouco?

Parece muito abatido...

Conor sentiu os lábios secos. Pela primeira vez na vida, sentiu uma fraqueza estranha, como se fosse desmaiar...

Callaghan pegou-lhe o braço a fim de levá-lo para a sala dos fundos.

Conor parou. Virou-se e saiu dali quase correndo.

## 20

Eram muitos os galeses que jogavam em vários times da União de Rúgbi do Norte, mas não tinham uma equipe profissional própria. Depois da temporada regular, Sir Frederick combinava dois ou três jogos amistosos entre os Boilermakers e os jogadores galeses, reunidos como numa seleção.

Os encontros foram chamados de Irlanda X Gales e se realizaram em Swansea e Cardiff perante um público enorme e delirante. Embora os galeses fossem individualmente superiores, os Boilermakers tinham um conjunto de grande experiência e venceram em jogos muito disputados.

A temporada fora um triunfo. Sir Frederick fazia planos para excursões profissionais à Austrália, à Nova Zelândia e à França e argumentou com o seu jeito convincente que o País de Gales devia filiar-se à Liga de Rúgbi do Norte com equipas próprias.

Com a temporada encerrada e diante da semana de férias, Sir Frederick promoveu uma comemoração final. As festas, com a participação dos galeses, se realizaram numa casa de luxo conhecida como Mumbles, entre Thistleboon e Oystermouth, na baía de Swarsea.

Conor saiu da festa logo no início, pois tinha de tomar o trem bem cedo na manhã seguinte a fim de esperar o vapor de Shelley, em Liverpool. Deixou Lorde Jeremy aos cuidados de Robin MacLeod.

Às cinco horas da manhã, acordou com as batidas sucessivas na porta do seu quarto. Foi abrir ainda tonto de sono e arregalou os olhos de espanto. Robin estava diante dele, todo machucado. Conor fê-lo entrar rapidamente e trancou a porta.

— Uma pequena discussão — murmurou Robin com os lábios inchados e visivelmente alcoolizado.

Conor levou-o para o lavatório, fê-lo lavar o rosto e examinou detidamente a extensão dos estragos.

— Que foi que aconteceu?

— Bem, acho que você saiu da festa por volta da meia-noite, não foi?

— Exatamente à meia-noite.

— Deixe ver se me lembro direito... Depois houve uma festa especial numa

das melhores casas do lugar... no centro de Thistleboon, sabe?

Fomos para lá com um grupo de galeses. Fomos eu, Argyle, Big Brett, O'Rourke Clarke... Estávamos-nos divertindo muito e de uma maneira muito distinta e educada...

— Bem posso calcular...

— Ora, Brett estava com uma pequena que era uma verdadeira beleza, mas, em algum momento, deve ter dito ou feito alguma coisa suja, porque os galeses não gostaram. De repente, o mais rasteiro e feio nacionalismo estragou uma festa decente. E, embora Big Brett seja mesmo um cachorro, tivemos de defendê-lo pelo bom nome da Irlanda...

— Houve então uma briga?

— Pusemos tudo de pernas para o ar e

quebramos cabeças e cadeiras enquanto as mulheres gritavam. Foi uma das noites mais divertidas que já tive em toda a minha vida. Felizmente, consegui sair pelos fundos sem ninguém ver, antes que a polícia chegasse. Os outros ainda devem estar na polícia.

— Bem, isso é problema para Sir Frederick.

— Tenho uma coisa muito importante para lhe dizer — murmurou Robin, baixando a cabeça.

— Que foi que houve mais?

— Ora, como é que lhe vou explicar isso? Havia mais alguém conosco...

Conor correu para a porta do quarto vizinho e abriu-a. Jeremy não estava lá!

— Isso era coisa que você fizesse, patife?

— Espere aí, Conor. Calma...

— Cachorro!

— Tenho de dizer, com toda a sinceridade, que tive orgulho do garoto. Deu uns bons socos naqueles imundos galeses e estava todo metido com uma louca que era um espetáculo...

— Vou matá-lo, Robin!

— Ora essa, Conor, sou seu amigo. Somos quase irmãos. Acalme-se, ouviu, acalme-se!

— Onde está ele?

— Se você se afastar um pouco e se acalmar...

“Preso o Visconde Coleraine Numa Briga Num Bordel” — leu Caroline, trêmula de raiva. Jogou o jornal no chão e continuou a ler os títulos de outros empilhados em sua mesa. — “A Farra do

Jovem Lorde. O Herdeiro do Conde de Foyle Perdeu Alguns Dentes numa Briga por Mulheres”.

“Lorde Jeremy Derruba os Adversários Lutando pelos Companheiros”.

Sir Frederick estava estranhamente calado, encolhido num canto da sala da suíte do hotel, enquanto Caroline quase lhe esfregava os jornais no rosto.

— Veja esse lixo! Todas as folhas de escândalos nas Ilhas Britânicas estão tendo um dia cheio!

— De fato, é um jornalismo revoltante esse...

— Freddie, estou falando do procedimento revoltante de seu neto!

— Você está fazendo uma tempestade num copo de água — murmurou Weed sem

muita convicção.

Ela se voltou para Jeremy, que estava num canto da sala.

— Quero que você me diga exatamente o que aconteceu! Não tente mentir! Seu pai já deve ter chegado e virá imediatamente para cá! A verdade, Jeremy, a verdade!

Quando Jeremy abriu a boca, Lady Caroline fez uma careta ao ver que lhe faltavam os dois dentes da frente. Havia ainda um olho arroxeadado e arranhões e cortes generalizados pelo rosto e pelo pescoço.

— A verdade! — tornou ela a gritar.

— Bem, estávamos todos jantando com alegria e na melhor das camaradagens quando alguém disse que tinha providenciado para que tivéssemos

uma companhia mais agradável...

— Prostitutas, não foi?

— Bem, mais ou menos... Quando o jantar terminou, Conor, isto é, o Sr. Larkin, disse: “Vamos, Pequeno...”

— Ele chama você de Pequeno?

— Chama, sim... É um nome de amizade que ele me dá. Bem ele disse: “Pequeno, está na hora de ir para casa...”

— Continue — disse Caroline.

— Aí então eu disse a ele que não me separaria de... de outro elemento do time...

— Quem?

— Não me peça que seja um delator.

— Perguntei quem foi?

— O capitão do time, Robin MacLeod.

— Quer dizer que Robin MacLeod o

levou para a tal festa, não foi?

— Mais ou menos... Descobri que ia ser a tal festa, voltei ao hotel, abri a porta do quarto de Conor, dei-lhe boa noite, depois saí e fui para onde estavam os outros.

— E mais tarde foi levado pela polícia como um criminoso comum às quatro horas da madrugada, sem calças e ensanguentado da cabeça aos pés. Ao menos, devia ter saído de lá logo que essa horrível briga começou.

— Ora, mamãe, não é possível abandonar os companheiros.

Caroline voltou-se para Freddie, que continuava encolhido na sua cadeira.

— Ele está mentindo para inocentar Conor Larkin!

— Não estou mentindo, Mamãe.

Conor jamais toleraria que eu fizesse tal coisa.

— Soube também que Conor Larkin permitiu que você andasse em companhia de uma prostituta em Hull e até que a transportasse para Hallifax. É verdade ou não é?

— Não é exatamente a verdade. Pode-se dizer que foi mais ou menos assim — murmurou Sir Frederick.

— Conor Larkin não permitiu que você convivesse com uma prostituta por um período de sete semanas?

— E verdade — disse Weed. — Larkin me procurou e disse que Jeremy se dizia infantilmente apaixonado por uma mulher. Discutimos o assunto e chegamos à conclusão de que o melhor era deixar o caso seguir a sua marcha natural. Se tudo

fosse interrompido violentamente, teríamos criado toda a espécie de problemas com o garoto.

— Vovô tem razão — disse Jeremy.

— Pensei que estivesse gostando da mulher. Conor me mostrou que eu era apenas um idiota.

— Bem, tenho de reconhecer que essa excursão foi maravilhosa... Ele não deixou também você beber em todos os bares da Inglaterra?

— Mamãe, não posso concordar em que Conor tenha sido culpado de alguma coisa errada. Que era que eu bebia? Duas garrafas de cerveja por dia, no máximo... E ele certamente não é responsável pelo fato de eu ter saído do hotel às escondidas dele, que era em geral o que eu fazia...

— Mande chamar o Sr. Larkin!

Larkin atendeu ao chamado, indo diretamente para onde estava Jeremy e examinando os ferimentos do garoto. Jeremy baixou a cabeça, desconcertado.

— Que vergonha, Jeremy — murmurou ele.

— É assim que se responsabiliza por um menor? — perguntou Caroline com uma voz que tremia de cólera.

Conor encolheu os ombros.

— Espere aí, Caroline! — disse Sir Frederick. — É evidente que Larkin não teve culpa alguma nesse incidente.

— Estou entendendo. É a eterna maçonaria dos homens.

— Se quer saber da verdade — continuou Weed — fui eu que tomei as providências para... as comemorações...

— Freddie, você é desprezível.

Quanto ao senhor ainda tem de explicar algumas coisas, Sr. Larkin.

— Não espera respostas exatas. Como bem sabe, todos nós somos mentirosos mórbidos. Portanto, se me der licença...

— Não dou licença!

Caroline encaminhou-se para ele, levantou a mão e desferiu a bofetada. Antes que esta o alcançasse, Conor agarrou-lhe o pulso e apertou com tanta força que ela se convenceu de que não conseguiria o seu intento.

— Se tornar a tentar isso, vou-lhe dar umas palmadas bem aqui em frente de seu pai e de seu filho.

— Bravo, Larkin! — exclamou Sir Frederick.

Largou o pulso de uma mulher francamente espantada. A expressão de

raiva desapareceu e foi substituída por um riso incontrolável.

— Oh, você é formidável, Larkin! — disse ela, rindo.

Sir Frederick se levantou e foi rir juntamente com ela. Jeremy balançou o corpo ora num pé, ora no outro, abriu um sorriso a que faltavam dois dentes, rindo depois ao lado de Conor.

Caroline passou os braços pelo pescoço do filho e chorou.

Nesse momento, Roger Hubble, apareceu em cena. Os risos cessaram enquanto ele olhava, com um desprezo incontido, da porta. Olhou para todos os presentes, conseguindo mostrar o seu desdém a cada qual. Sem dizer uma palavra, fez menção de retirar-se.

— Pai! — gritou Jeremy e atravessou

a sala correndo. Chegou junto ao pai e ergueu os olhos para ele.

— Papai! Papai!

Roger olhou para ele, deu-lhe uma bofetada e saiu.

— Jeremy! — exclamou a mãe dele.

— Ele não devia ter feito isso! — disse Sir Frederick, indignado.

Foi em Conor Larkin que o garoto foi procurar consolo. Conor abraçou-o e confortou-o.

— Não tem importância, Pequeno! Não tem importância...

# 21

Blackpool estava inteiramente sem vida e Shelley e Conor se viam virtualmente sozinhos no longo passeio à beira-mar, com a areia, com o mar, com os gritos roucos das gaivotas e com as batidas rítmicas das ondas. Todas as incertezas que haviam surgido durante a separação desapareceram no momento em que se viram.

O que havia começado em Belfast criou asas etéreas na fria praia cinzenta. Não estavam nem vivos, nem mortos, mas pairavam infinitamente num vasto espaço intemporal.

Compreenderam imediatamente que poderiam continuar naquela jornada para

sempre.

Poderiam explorar tudo juntos, sem nunca ter necessidades de voltar sobre seus passos, pois o que tinham pela frente era o ato do amor, novo a cada instante, de cada vez inteiramente diferente. Talvez estivessem fazendo a mesma coisa com os seus corpos, mas o espírito interpretava tudo de maneiras inéditas e várias.

Estavam diante de uma gruta, cuja entrada era selada por um grande rochedo que se abria diante deles. Entravam juntos, pois era somente aos pares que se podia entrar. A eternidade se desvendava e eles compreendiam que tinham alcançado a bênção da regeneração constante e completa. Era uma flutuação como de uma nuvem que sempre e sempre os arrastava. Era terrível que tivessem

descoberto o nirvana.

Para Conor Larkin, amar Shelley MacLeod era um tempo de ajustamento. Chegara à beira da região que proibia esse tipo de amor e havia recuado no instante final. Tinha fugido da casa funerária de Callaghan. Tinha de encontrar-se primeiro com Shelley, vê-la uma vez mais, antes de assumir o compromisso definitivo, para saber se o que sentia tinha alguma realidade ou era apenas uma ilusão lírica.

Desde o começo, Shelley lhe havia suscitado dúvidas sobre a orientação que estava dando à sua vida. Não sabia se o que verdadeiramente desejava era o amor de uma mulher. Talvez nunca tivesse compreendido isso, se ela não lhe aparecesse. No calor do seu corpo, ele

pela primeira vez encontrara paz na sua virilidade e essa paz era infinita. Ela conferia paz e as suas dúvidas o mantinham em guerra.

Não poderia dar o passo definitivo para dentro daquela sala enquanto não visse Shelley.

Cada noite e cada dia, os dois entravam na gruta e abriam as asas para um mundo onde havia dezenas de bilhões de galáxias que exploravam dentro de uma teia de milagres. Quando alcançavam o nirvana final, descobriam que havia outro e mais outro... ainda mais emocionante.

À medida que passavam as horas de Blackpool, os pensamentos de Brendan Sean Barrett, de Dan Sweeney, da Irmandade e do tênder tornavam-se cada vez mais distantes.

O hotel estava vazio, com apenas um ou outro hóspede desgarrado.

Um dia, uma tempestade tardia de desencadeou, erguendo grandes ondas na praia e enchendo o céu de relâmpagos. Os dois ficaram na varanda, empolgados pelos clarões súbitos que iluminavam até distâncias enormes o mar enfurecido.

A decisão chegou rápida e súbita. Conor pegou-a pelos ombros e disse: — Quero levar você para bem longe. Está disposta a ir?

— Tenho estado de malas arrumadas toda a minha vida. Sei o que você vem debatendo dentro do coração há doze semanas. Posso parecer ingênua, mas você tem certeza, Conor? Tem absoluta certeza?

— Com você a meu lado, tenho,

Shelley.

Dormiram pouco naquela noite, pois havia uma coisa ainda mais delirante para descobrirem. Quando afinal descansaram, foi o tempo dos contatos longos, de confirmação da decisão tomada. Ao amanhecer, a tempestade passara e os dois amantes estavam exaustos e tranquilos como o mar.

Conor falava, todo feliz.

— Quanto mais penso, mais me convenço de que devemos ir para a Austrália. Poderemos fazer lá o que quisermos, enquanto eu tiver estas duas mãos.

— Isso você pode fazer em qualquer lugar...

Conor lhe cobriu as costas de beijos e acariciou-a de uma maneira que nunca

deixava de empolgá-la.

— Será tão bom, Shelley! Podemos casar-nos ainda aqui na Inglaterra e já desembarcaremos na Austrália como marido e mulher.

Shelley chorou de felicidade. Pegou um lenço para enxugar os olhos e ele se estendeu na cama, com as costas contra a cabeceira, dando largas à imaginação.

— Embarcaremos num dos primeiros navios que partirem, daqui mesmo da Inglaterra. Irei a Londres para tratar das passagens e dos papéis necessários. Você voltará a Belfast, arrumará nossas coisas e fechará a minha conta no banco.

— Você não vai voltar?

— Não, não quero voltar à Irlanda. Não tenho mais nada lá...

Ela levou os dedos aos lábios dele

para fazê-lo calar-se.

— Não diga mais nada, Conor. Diga apenas que me ama.

— Eu? Amar você? Quem lhe deu essa ideia maluca? Você tem peitos muito pequenos, canta desafinado, tem pés chatos, não sabe beber e reza sem se ajoelhar.

Passaram o dia passeando pela praia, falando sobre os seus projetos e sem se afastarem um só momento um do outro. Depois do jantar, olharam-se apaixonadamente, num prelúdio do amor daquela noite.

Conor acendeu o fogo e ela se ajeitou no sofá. Discutiram mais uma vez os seus planos. Depois, Conor se sentou à mesa e começou a escrever cartas a Robin, Seamus O'Neill e Jeremy. Foi

interrompido por uma batida na porta. Era o proprietário do hotel, Sr. Thornton.

— Desculpe interrompê-lo, mas há um homem lá embaixo que quer falar com o senhor.

— Comigo?

— Perguntou por Conor Larkin.

Conor deu de ombros e disse a Shelley que devia ser alguém do lugar que gostava de rúgbi e queria conhecê-lo pessoalmente.

— Deve ser isso. Ninguém mais sabe que estamos aqui. — Vestiu o paletó e beijou-a. — Só alguns minutos, meu amor. Daqui a pouco, estarei de volta.

O homem do hotel apontou a comprida varanda voltada para o mar.

— O homem o está esperando ali, Sr. Larkin.

Conor saiu para a varanda, sentiu o impacto do frio e olhou para o outro extremo da varanda, onde um homem de baixa estatura olhava o movimento das ondas. Aproximou-se dele.

— Quer falar comigo?

O homem se voltou e Conor ficou estarecido. Parecia que era... não, não podia ser. Chegou mais perto, pensando que estivesse sendo vítima de uma alucinação. O homem era bem velho e encurvado, mas parecia...

Conor sacudiu a cabeça em extrema confusão... Seria possível?

— Kevin O'Garvey? — perguntou com voz rouca.

— Sou eu, sim.

Podia haver dúvida sobre tudo, menos sobre aquela voz!

— Deve haver alguma espécie de confusão...

— Não há confusão nenhuma. Sou eu mesmo. Eu sabia que isso devia ser um choque terrível para você. Infelizmente, não pude avisá-lo antecipadamente.

— Espere um pouco — disse Conor. — É difícil de acreditar.

— Sei que mudei muito, mas olhe bem para mim e acalme-se que eu lhe explicarei tudo.

Conor ficou rígido ao mesmo tempo que procurava passar em revista todos os fatos relacionados com o desaparecimento de O'Garvey. Era difícil, pois naquele tempo ele também estivera confuso e apavorado.

— Jesus! Não sei nem o que pensar...

— Compreendo... Vamo-nos sentar e

conversar?

Conor sentou-se numa cadeira enquanto Kevin puxava outra.

— Não sei como começar, mas vamos ver. Por motivos que você compreenderá dentro de poucos minutos, não procurei ninguém em Derry, depois do meu desaparecimento, exceto o Padre Pat, a quem pedi o mais absoluto segredo. O Padre Pat me escreveu depois de ter sido transferido do Bogside e me disse que se vira forçado a informar você das suspeitas dele de que eu tinha feito alguma espécie de transação com os Hubbles para que a investigação parlamentar não atingisse a fábrica de camisas.

Conor fez um gesto de assentimento, procurando ainda desanuviar o espírito.

— Deve ter sido um golpe terrível

para você.

Conor voltou a assentir.

— Bem pode compreender o que senti quando soube do incêndio.

Julguei-me tão responsável por aquelas mortes como se tivesse tocado fogo no prédio com as minhas próprias mãos. O horror da catástrofe quase me arrasou. Além disso, era evidente que minha vida tinha sido um insucesso. Pensei em voltar para Derry e lutar, mas não consegui, não tive energia para tanto, Conor. Fiquei em estado de choque, numa depressão profunda. Compreende?

— Foi quase o mesmo o que aconteceu comigo. O sofrimento me fez finalmente sair de Derry. Imagino o que deve ter sofrido.

— Fugi também — disse Kevin.

Conor levantou-se.

— Não acredito no que estou ouvindo. Tudo isso é uma loucura. Se não estou sonhando, como você podia saber que eu estava aqui? Ninguém sabe que estou em Blackpool.

— Foi Brendan Sean Barrett quem me disse.

— Não falei com ele. Como foi que ele soube?

— Pelo amor de Deus, Conor, os homens da Irmandade não são idiotas. No momento em que você pôs os pés na Inglaterra, começou a ser vigiado. Em todas as cidades compreendidas na excursão, os homens da Irmandade o observavam. Callaghan estava na estação quando você saltou do trem em Bradford... Parece que ainda está

duvidando de mim. Diga-me então, não esteve há duas semanas na casa funerária de Callaghan, em Wild Boar Road e não saiu sem estabelecer contato?

Conor estava espantado. Não podia ser um fantasma. Apesar do rosto emaciado, era indiscutivelmente Kevin O'Garvey.

— É verdade então...

— Claro que é verdade.

— Como foi que soube que eu estava em Blackpool?

— Parece esquecer que eu pertenço à Irmandade desde o tempo dos fenianos. Nunca deixei de manter contato, até quando a Irmandade esteve mais inativa. Quando fui eleito para o Parlamento, ajudei a reorganizar as coisas em Londres.

— Continue — disse Conor num sussurro.

— Brendan Sean Barrett recebeu uma carta de Dan Sweeney quando você iniciava a excursão. Ele nos aconselhava a manter rigorosa vigilância sobre você. Falou numa mulher. Verificamos as suas passagens de trem e reservas de hotel quando você partiu de Swansea.

— Isso quer dizer que sou suspeito para a Irmandade?

— Você mesmo disse a Sweeney do seu interesse profundo por essa mulher. Ele se limitou a tomar as precauções necessárias.

— Teve razão. E você? Esteve esse tempo todo escondido na Inglaterra?

— Na Inglaterra, não. Depois do incêndio e da minha decisão de fugir, o

peçoal encontrou um país que em que havia segurança para mim. É um lugar onde um advogado pode exercer a sua profissão e ganhar a vida sem que lhe façam perguntas.

— Para onde você foi?

— Para o Paraguai. Levei três anos para voltar a uma aparência de normalidade. É claro que nunca perdi contato com a Irmandade. Usando o Paraguai como base, comecei a viajar para a Irmandade. O meu passaporte me permitia a entrada nos Estados Unidos e na Inglaterra sem a menor dificuldade.-

— E durante todo esse tempo nunca revelou a nenhum de nós que estava vivo!

— Só disse ao Padre Pat. Como padre, ele podia dar-me notícias da Irlanda e de meus amigos. Se eu fizesse

alguém mais saber, só poderia causar tristeza e problemas.

— E sua mulher?

— acredite que derramei muitas lágrimas por causa dela. Mas Teresa sabia que eu era um feniano no dia em que se casou comigo. Compreendeu sempre que havia coisas mais importantes que nossa vida em comum. O

povo me considerava o pioneiro das ligas rurais, um advogado que sempre lutara pelo seu povo. Eu era um homem respeitado, talvez até amado. Só conseguiria destruir essa imagem com a revelação de que eu estava vivo.

— Por que veio procurar-me?

— Cheguei à Inglaterra trazendo dinheiro mandado pelo Clã dos Estados Unidos. Três mil libras. Entreguei o

dinheiro a Brendan Sean Barrett para ser passado às suas mãos. Quando os homens verificaram que você estava procedendo de maneira estranha, saindo como saiu da casa de Callaghan, fizemos uma reunião. Convencios de que você seria sincero comigo, pois éramos velhos amigos.

— E vou ser inteiramente sincero com você. Diga a Barrett que não quero mais participar. Você me conhece bastante para afiançar a minha integridade. Espero que ainda confie em mim suficientemente para acreditar que de mim ninguém nunca saberá nada a respeito da Irmandade.

— Espere aí, Conor. Ninguém deduziu do seu procedimento que você pudesse ser um delator. Todos nós sabemos da existência da mulher.

— Então está bem, Kevin. É uma

ruptura completa e ninguém deve nada a ninguém.

— Você então quer realmente afastar-se. E a mulher?

— Que é que tem a mulher?

— Você a ama tanto assim?

— Que é que você acha?

Kevin suspirou tristemente.

— O caso foi muito diferente com Teresa. Ela era uma das nossas, católica. Sabia que eu era um feniano e nunca deixaria de ser. Desse modo a Irmandade nunca poderia ser um obstáculo entre nós.

— Não é ela, Kevin. Quem está tomando a decisão sou eu. Ela fará qualquer coisa que eu lhe pedir, mas descobri que há alguma coisa que eu amo mais do que a agonia da Irlanda.

— É um direito que você tem, decerto.

À Irmandade sentirá muito. Os veteranos faziam muito bom juízo de você.

— Amo essa mulher de um jeito que você nunca poderá compreender!

— É o que parece...

— Que diabo, Kevin! Veja o que o amor da Irlanda fez de sua pessoa!

— Talvez você tenha razão. Cheguei a uma idade em que a gente dispõe de muito tempo para pensar na vida. Sei hoje que cometi dois erros imperdoáveis. O primeiro foi tentar fazer um pacto com o diabo na pessoa de Roger Hubble. O outro foi fugir. Deveria ter voltado para Derry e enfrentar as consequências do que eu tinha feito, ainda que isso pudesse levar-me à prisão e à desmoralização diante do meu povo. Tenho vivido no limbo, Conor, e o limbo não é lugar para

ninguém viver. É uma vida que parece morta e é pior do que a morte, porque obriga a se rezar continuamente pela morte.

— O lugar para onde eu vou não é o limbo, Kevin.

— Eu sei... Você deve ter calculado tudo...

Conor agarrou-lhe o braço.

— Você pensa que eu sou um traidor, não pensa?

— Como posso pensar numa coisa dessas? Tive-o nos braços quando você era um garotinho. Acompanhei todos os momentos de sua vida.

Como poderia o filho de Tomas ser um traidor? Nunca! Você não nos pode trair. Isso não está em sua natureza. Mas você pode trair a si mesmo e, pior ainda,

pode trair essa mulher. Vai para a Austrália, não é?

— Como é que sabe?

— Sei que você já passou um ano na Austrália. Fica do outro lado do mundo em relação à Irlanda. Espero que seja bastante longe e que você nunca mais ouça o nome da Irlanda, como eu ouvi. Lembranças, cheiros, visões, rostos que passam, palavras... tudo isso não sai da consciência e pode acabar destruindo a pessoa. Desejo que, quando houver o levante, você não tenha a menor notícia dele. Isso o matará na certa. Mas... eu bem disse a Brendan Sean Barrett que não adiantava vir falar com você. Disse que Conor Larkin era um homem de convicções. Não se preocupe. Vamos levar as armas para a Inglaterra de

qualquer maneira. Bem já me demorei aqui mais do que devia. Deus o acompanhe. Conor.

Conor meteu as mãos nos bolsos e curvou de leve a cabeça, sem mostrar o menor desejo de uma despedida afetuosa, querendo apenas que Kevin compreendesse a sua decisão e o deixasse em paz. Kevin atravessou a comprida varanda. Em lugar de encaminhar-se para o vestíbulo do hotel, desceu os degraus que levavam à praia. Arrastava os pés pela areia e se dirigiu para a arrebentação das ondas.

— Espere! — gritou Conor. Não é esse o caminho!

Kevin não deu mostras de tê-lo ouvido e continuou a marchar, entrando diretamente na água.

— Espere! — gritou Conor, correndo atrás dele.

De repente, não pôde mais andar. A areia prendeu-lhe os pés e ele ficou ali incapaz de mover-se e vendo Kevin avançar por dentro do mar!

— Espere! Espere!

Kevin O'Garvey continuou com passo firme. A água lhe chegou à cintura, ao peito, cobriu-lhe o rosto e Kevin O'Garvey desapareceu.

— Espere! Espere! Espere!

— Acorde, Conor! Acorde!

Levantou a cabeça do travesseiro como se este fosse uma pedra. A luz do sul invadia o quarto e um vento firme e quente agitava as cortinas.

Tinha as mãos crispadas e sentiu o desespero do corpo de Shelley colado

contra o seu.

— Conor! Conor!

Tornou a descansar a cabeça no travesseiro e esperou, ofegante, que o coração deixasse de bater tanto. Por fim, conseguiu levantar-se e olhou um instante para o rosto conturbado de Shelley.

Havia duas cartas em cima da mesa. Uma terceira estava escrita pela metade. Ele tinha parado de escrever quando Shelley se aproximara dele.

Tinham-se amado e ele adormecera.

Não disse uma palavra. Vestiu-se, mal tocou na comida e disse que ia andar sozinho pela praia.

Voltou, pouco mais de uma hora depois, tendo libertado o espírito de todos os resquícios do pesadelo. Ao passar pelo vestíbulo, teve uma surpresa. As malas de

Shelley estavam na portaria. Subiu correndo as escadas e abriu a porta. Shelley estava sentada numa poltrona, vestida para viajar.

— Que quer dizer isso, Shelley?

— Daqui a uma hora há um trem que vai para Liverpool. Chegará a tempo para que eu possa tomar o vapor para Belfast.

— Mas não estava combinado que você só iria amanhã? É claro que, se você sair daqui mais cedo, teremos mais tempo de preparar tudo para a nossa viagem.

O silêncio dela lhe disse tudo o que era preciso saber. Só então lhe viu os olhos vermelhos de chorar e teve tanto medo que a princípio não conseguiu dizer coisa alguma.

— Não dê importância ao que houve — murmurou por fim. — Foi apenas um

pesadelo...

— Não, Conor. Foi apenas o primeiro pesadelo...

— Escute, Shelley, minha querida. Estive pensando muito lá fora e estou decidido. Duas pessoas que se amam são a coisa mais importante do mundo. O resto não vale nada. Que é que se ganha ao fim de tudo quando não se tem o amor de uma mulher? A única coisa que pode anular a dor e as misérias do mundo é o santuário inviolável que duas pessoas criam com o seu amor.

— Não poderemos viver dentro de um santuário. Os que o tentaram se anularam por completo, Conor.

— Shelley...

— Deixe-me acabar. Um homem tem de fazer o que lhe cabe fazer.

Uma mulher, também. O que tem de ser feito deve ser feito, por mais dificuldades e sofrimento que acarrete. Só então se tem o direito de encontrar um santuário na pessoa amada, onde é possível um refúgio nas horas sombrias. Meu amor, quando chega a hora, é preciso sair do santuário e enfrentar tudo com toda a dor e todas as misérias.

— Não, Shelley. Não posso fazer isso com você. No fim, teria de ficar contra a sua família. Serei inimigo de seu pai e de seu irmão. Se eu a levar para a Irlanda, será uma morte lenta para você.

— E, se fugirmos, será uma morte lenta para nós dois.

— O que nós dois temos é uma coisa nova, Shelley, pois pensamos que nunca estaria ao nosso alcance. Pode ser terrível

romper com tudo e matar o passado, mas nós temos força para isso, pois o nosso amor nos dará energia.

Shelley MacLeod ficou impassivelmente calma. A sua serenidade em meio àquele turbilhão de sentimentos tornava-a ainda mais bela.

— Será que você não sabe, Conor, que eu sou capaz de enfrentar tudo, menos os sonhos de um irlandês? Esses sonhos nos perseguirão onde quer que tentemos esconder-nos. O que descobrimos aqui perderá todo o encanto e, à medida que você se tornar mais amargo, voltar-se-á violentamente contra nós. Quanto tempo poderemos resistir, Conor?

Quanto tempo poderemos nós dissimular a verdade? Um ano, talvez dois, talvez três. Mais cedo ou mais tarde,

seremos alcançados e não teremos mais capacidade de lutar. Que vai acontecer então?

— Não quero voltar para Belfast, Shelley! Não quero mais viver assim, com essa maldição sobre minha cabeça! Venha comigo...

— Para vê-lo morrer? Como seu pai? Pensa que o amo tão pouco assim?

— Estou-lhe pedindo, Shelley...

Ela se afastou um pouco dele e perguntou?

— Quem é Kevin O'Garvey?

Conor teve um sobressalto.

— E quem é Brendan Sean Barrett? Oh, Conor, durante alguns dias deliciosos, eu me enganei e pensei que iríamos conseguir. Mas, todo o tempo, sob a impetuosidade de seu amor, senti o que

estava fervendo dentro de sua cabeça. Conor, amo tanto você que sou capaz de fugir de seus braços...

Como seu pai antes dele, Conor sentia-se indefeso diante das forças que o tinham levado àquela situação... Não podia gritar... e quase não podia chorar...

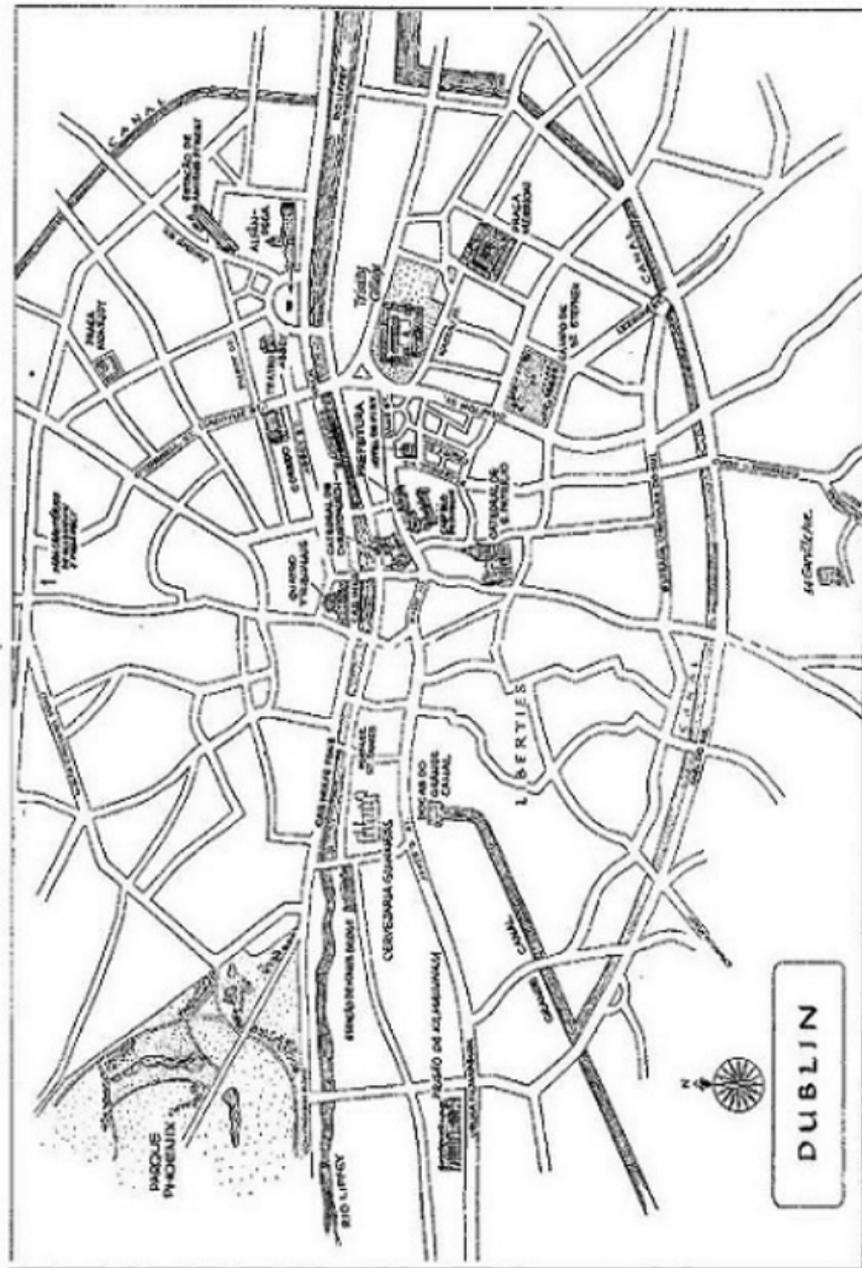
— Irei para Belfast. Você também irá. Faça o que tem de fazer. Se as coisas piorarem muito, se você se sentir sozinho ou apavorado, irei procurá-lo. Sempre, sempre irei para você. Se eu fosse casada, deixaria a cama de meu marido para ir para onde você estivesse.

Conor apoiou-se no umbral da porta, com o corpo todo a tremer.

Ouviu os passos dela que se afastavam. Quando se voltou, Shelley havia desaparecido.

**Sexta Parte**

**- Sixmilecross -**



# 1

## 1905

Duddley Callaghan, o agente funerário, fez contato com Conor no distrito de Goit Side, em Bradford. Os dois esperaram que anoitecesse e foram a pé para a carvoaria de Braddock, em Pool

Alley. A porta da pequena casa vizinha foi aberta por uma mulher calada e de cara zangada, que os levou por um breve corredor para uma pequena sala. Callaghan encostou-se a uma parede. Conor sentou-se numa das duas cadeiras da sala, a qual estalou com o seu peso. Ficaram esperando. Passou uma hora sem que tivessem trocado uma só palavra.

Um barulho no pátio os fez olhar para fora e ver um vulto que se aproximava da casa. A porta se abriu pouco depois e Brendan Sean Barrett entrou. Olhou para Callaghan e fez sinal para que ele saísse.

Era um homem pequeno e pálido, com olhos que deviam sofrer de uma vermelhidão constante. As roupas pareciam de um professor, mas deviam ter dez anos de idade e não estavam

passadas. Tanto o homem quanto o terno estavam puídos de velhice. Parecia estar nervoso, como o atestavam os dedos manchados de cigarro. Era um poeta cujos sonhos tinham fugido.

Era deliberadamente antipático, pois era essa a sua natureza.

Tratava-se de um intelectual fracassado que continuava a desprezar o público. Ressumava desdém e desconfiança. Antipatizava com todos, inclusive com os homens novos que iam fazer prosseguir o movimento.

Colocou-se diante da mesa como se fosse algum governador, com o cigarro onipresente escondido no côncavo da mão.

— Callaghan comunicou que chegou ao estabelecimento em Wild Boar Road e

saiu sem fazer contato.

— É verdade.

— Por quê?

Conor preparou-se para tratar com um homem que fazia pressão sobre ele e já o fazia sentir-se inquieto.

— Dan Sweeney me recomendara que tivesse cuidado. E eu tive a impressão de que me haviam seguido.

— Por que pensava assim?

— Eu tinha sido vigiado nos dois primeiros meses do meu trabalho nos estaleiros de Belfast. Estou jogando no clube de Weed. Tinha havido uma briga em Swansea e isso causara alguns ressentimentos. Por outro lado, não quis fazer contato com Callaghan numa sala cheia de gente.

Qualquer espião podia estar presente

entre os que rezavam pelo morto.

— Mais alguma coisa?

— Eu tinha alguns problemas pessoais. Não sei se sabiam disso ou não. De qualquer maneira, esses problemas foram resolvidos.

— Como assim?

— Tratava-se de uma mulher. Isso está encerrado.

Brendan Sean Barrett olhou-o com a sua expressão fixa de indiferença. Depois, desabotoou o paletó, tirou um cinto com dinheiro da cintura e jogou-o em cima da mesa.

— Entregue isso pessoalmente a Dan Sweeney.

Conor apanhou o cinto, abriu a camisa e afevelou-o na cintura.

— São três mil libras. É melhor

contar o dinheiro.

— Não é preciso. Temos confiança um no outro e isso vale muito mais que dinheiro.

Barrett levantou um pouco os cantos da boca.

— Vamos prosseguir com o transporte das armas. O'Hurley e Hanly foram abordados e estão de acordo.

Conor pensou um instante, sentiu uma espécie de desânimo e voltou a enfrentar o olhar inflexível de Barrett.

— Quanto foi que tivemos de pagar aos dois?

— Por que acha que isso foi necessário?

— Porque não sou idiota. Não conheço muito os dois homens, mas sei que eles nada têm de republicanos. Vivem

muito bem e gostam da posição que ocupam.

Barrett acendeu um cigarro com a ponta do cigarro que fumara e coçou as costas da mão sempre a ponto de sangrar de coceira.

— Tem toda razão. Tivemos de comprá-los. Uma libra por fuzil, cem libras em cada entrega.

— Que ladrões! — exclamou Conor, indignado. — Isso é metade do preço das armas.

— Bem, podemos dizer que não nos custaram nada. Talvez da próxima vez possamos encontrar uma revolução a preços de liquidação para você seguir. Escute as instruções que lhe vou dar e depois trate de repeti-las. Vá para Liverpool esta noite... Hospede-se no

Hotel Moorfields, defronte do depósito de cargas da estrada de ferro, na esquina de Pall Mall e Titheborn...

— Conheço o hotel.

— Muito bem. Não saia do seu quarto. Será procurado por Owen O'Sullivan ou por um dos filhos dele, Brian ou Barry. Quem o procurar se identificará tendo na mão um exemplar do meu panfleto, "A Tirania Final".

Você se identificará dizendo as palavras: "Ah! Foi esse o livro que ele escreveu na Prisão de Strangeways". Além disso, eles sabem quem você é e você saberá quem eles são. Merecem absoluta confiança.

— Duffy O'Hurley sabe que eu estou metido nisso?

— Não, ainda não sabe. Poderia fazer

abortar tudo. Pode haver alguma dificuldade em levar o trem para a fundição de O'Sullivan. Se tudo estiver resolvido quando você chegar a Liverpool, você será levado às oficinas de O'Sullivan, na esquina de Waterloo Road com Boundary Street, amanhã às seis horas. Há um desvio que leva diretamente às oficinas. Os fuzis e todo o material que você exigiu para fazer a conversão estarão preparados.

Conor repetiu todo para satisfação de Brendan Sean Barret e levantou-se.

Conor queria saber mais detalhes. Queria saber também alguma coisa sobre o homem à sua frente. Gostaria de saber dos feitos heróicos de Barrett, dos seus escritos, da sua greve de fome, mas o homem à sua frente era uma sombra, que

não fazia o menor esforço para ser delicado e, muito menos, amistoso.

— Não faz mal você saber, Larkin. Não tenho muita confiança no plano.

— Por quê?

— Tudo o que temos tentado nessa linha não tem dado certo. O

resultado poderá ser mais prejudicial do que bom, se o preço desses fuzis implicar alguma ameaça a homens como Sweeney. Mas acontece que Sweeney é o chefe do estado-maior do nosso exército inexistente e vê as coisas de uma maneira. Eu as vejo de outra. Entretanto, represento apenas um voto no Supremo Conselho. Vou sair agora. Espere dez minutos depois da minha partida.

E Barrett estendeu a mão como um bispo completamente desinteressado que

lhe beijassem o anel.

Conor viu-o atravessar o pátio da carvoaria e desaparecer dentro da noite. Callaghan voltou.

— Ele é sempre tão desagradável assim? — perguntou Conor.

— Ele é um homem inteiramente esgotado. Já tive nas mãos defuntos com mais vida do que ele. Tudo nele está morto, exceto a cabeça. Não quer deixar de trabalhar. Dantes era um homem capaz de inspirar simpatia. Sinta-se honrado de ter-se sentado diante dele e de tê-lo ouvido falar.

Esperaram os dez minutos recomendados e, depois, cada qual partiu numa direção. Callaghan foi tirar os primeiros cem fuzis do esconderijo e prepará-los para a remessa para

Liverpool. Conor partiu para essa cidade no último trem da noite.

Caixões de defuntos destinados à Irlanda não eram raror nos cais de Liverpool. Mais de metade dos clientes de Callaghan eram devolvidos à Irlanda para sepultamento na velha terra e o mesmo acontecia em outros bairros irlandeses das cidades inglesas.

No expresso daquela noite, dois caixões, cada um com vinte fuzis Lee-Enfield, chegaram ao depósito de cargas da estrada de ferro. Mais três caixões chegaram no trem da manhã, consignados à Fundação O.

O'Sullivan, para acréscimos decorativos e transporte para a Irlanda. O grande número de caixões fora decidido com o intuito de que cada caixão

não ultrapassasse o peso médio de um defunto, evitando assim suspeitas.

Mais tarde, quando tudo estivesse firmemente estabelecido, os caixões de Callaghan chegariam com intervalos frequentes para serem guardados em Liverpool.

Brian e Barry O'Sullivan, que tinham pouco mais de vinte anos, receberam os caixões no depósito da estação e os levaram em dois carros para a fundição, que ficava perto dali.

As horas passavam angustiosamente para Conor Larkin. Aquela era a parte desagradável da ação, a solidão no quarto vazio. O rasgão na cortina, a cama desconjuntada, a vida na penumbra. Dali por diante, viveria com a solidão e com a

espera como suas constantes companheiras. Os limites da disciplina que se impunha estavam em afastar todos os pensamentos e todos os desejos dela. Se ficasse a revolver-tais coisas da memória, ficaria arrasado. Tinha anos disso pela frente... e era preciso aprender. Devia ser um bom discípulo de Sweeney e Barrett. O rochedo fechava de novo a entrada da gruta na qual ele nunca mais tornaria a entrar.

Não adiantava muito passear para baixo e para cima no quarto, olhar a rua de dois em dois minutos ou consultar o relógio. Disciplina. Solidão.

Espera.

Pegou o folheto “A Tirania Final” que encontrara num sebo. Estava a cair aos pedaços de velhice. Brendan Sean Barrett

era ainda muito arrogante para perguntar se ele tinha lido o livro, mas tinha ainda vida bastante para dizer: “Leia isso, rapaz. Eu era assim por direito próprio”.

Por Brendan Sean Barrett, *Prisão de Strangeways*, Manchester, 1880.

“A subjugação da Irlanda pela Inglaterra constitui a mais execrável de todas as ocupações. Em alguns aspectos, foi ainda mais cruel do que a ocupação pela Espanha do grupo da Hispaniola (Cuba, Porto Rico, São Domingos e Haiti). Os espanhóis destruíram sistematicamente dois milhões de índios nativos e os substituíram por escravos negros importados, suprimindo assim de um só golpe a cultura dos índios. Do mesmo modo, os espanhóis destruíram as três culturas americanas originais, a maia,

a inca e a asteca.

A conquista inglesa em áreas como a Índia e as Antilhas mostra uma intenção diversa. Os ingleses governaram nesses lugares mediante pactos com os governadores locais, os marajás e as alianças tribais que declarassem a sua lealdade à Coroa. Embora muito das leis, da educação, da língua e das práticas de governo dos ingleses fosse adotado pelos nativos, a Coroa guardou distância deles e cada povo pôde continuar com a sua cultura própria.

A conquista da Irlanda mostra um retrocesso ao tipo de colonização espanhola, em que tudo o que era velho foi destruído. Os espanhóis se limitaram a assassinar os velhos e substituí-los por novos elementos. Os ingleses tentaram

superpor o novo ao velho, deixando os nativos sobreviverem ou morrerem, de acordo com as conveniências econômicas inglesas.

A intenção britânica foi não apenas ocupar, governar e explorar a Irlanda, mas também erradicar a cultura celta e superpor-lhe uma cultura anglicana, impondo-a a um povo que era totalmente estranho à mesma. Por meio de perfídias, das armas, de coação e de manobras aparentemente legais, os ingleses tentaram despojar os irlandeses de sua língua, de sua religião, de seu folclore, de sua tradição e de seus costumes. O objetivo final foi, portanto, esterilizar primeiro o povo irlandês, para depois transformá-lo em anglicano...”

O relógio da Prefeitura bateu as horas ao mesmo tempo que batiam na porta. Conor abriu a porta e viu um rapaz simpático de feições irlandesas.

— Larkin?

— Sim?

— Barry O’ Sullivan — Entre, Barry.

— Trouxe-lhe um exemplar de “A Tirania Final”, mas estou vendo que já está com um.

— Foi um livro escrito por ele quando estava na Prisão de Strangeways.

Em seguida, os dois apertaram cordialmente as mãos. As malas de Conor estavam prontas, pois ele, a rigor, não as abrira. Barry pegou uma delas e Conor fechou a correia da outra. Lançou um olhar pelo quarto e os dois saíram.

Quando chegaram à beira da água em

New Quay, Conor começou a fazer cálculos baseados nas distâncias e nos possíveis obstáculos.

Estavam nas Docas do Príncipe, onde ficava a estação ferroviária de Riverside e de onde partiam os trens para o vapor de Belfast. O Expresso da Mão Vermelha ficava sempre ali, quando estava em Liverpool. Os trilhos continuavam a correr paralelamente a Bath Street que, depois de algumas quadras, tinha o nome de Waterloo Road. Fizeram alto em Boundary Street. Estavam diante de uma grande construção dentro de um terreno murado. Um cartaz dizia: “O. O’Sullivan & Filhos — Fundação e Reparos”.

Dois homens os esperavam à porta.

— Meu irmão Brian, meu pai Owen.

Conor Larkin.

Brian parecia irmão gêmeo de Barry, embora fosse alguns anos mais moço. O pai de ambos era um homem de Kerry, com um sorriso fácil e o ar de quem não tinha sido senão republicano durante toda a sua vida. A oficina principal da fundição era enorme e ostentava uma série completa de moldes de sinos para estradas de ferro, para navios e para torres.

Faziam-se também ali muitos reparos, principalmente nas locomotivas auxiliares das docas. Havia uma força completa, encimada por guindastes e roldanas.

— Magnífico o seu estabelecimento, Owen. A que horas parte o nosso trem?

— Às oito e meia.

— Venha, Larkin. Quero mostrar-lhe o que foi que fizemos.

Quando passaram para o pátio, Owen O'Sullivan falou de sua dedicação à causa da Irlanda, afirmou que devia tudo o que era ao seu próprio esforço e procurou de todos os modos realçar a sua imagem diante do recém-chegado. Era na verdade um dos milhares de irlandeses republicanos em estado de hibernação nos bairros irlandeses da Inglaterra e que na própria Irlanda seriam interceptados de uma maneira ou de outra.

Conor tinha sabido da existência dessa gente durante a excursão.

Entraram num grande depósito. Os metros de oleado e as latas de graxa que Conor pedira ali estavam. Estava também pronta a chapa de aço que ele pedira para ocultar o corte que fizesse no tanque de água do tênder. Estavam também

preparadas duas caixas de bronze para o transporte das armas, absolutamente à prova de água.

— Mas, Owen, estas caixas são verdadeiras obras de arte. Não esperava nada de parecido. Estas poderiam transportar o corpo de um rei.

— Ora, faz-se o que se pode pela Irmandade. Fiz os moldes e meus dois rapazes trabalharam nas chapas depois que todos os operários saíram das oficinas.

Foi até aos fundos do depósito e apontou cinco caixões mortuários no chão.

— Ali estão os corpos.

— De Callaghan?

— Sim, de Callaghan. Mandou-nos como defuntos que tivessem querido repousar para sempre na Irlanda. Dê-me

uma barra de ferro, Barry.

A tampa foi retirada e as armas apareceram. Os quatro homens as olharam em silêncio.

— Devíamos dizer alguma coisa solene — disse afinal Owen.

Conor apanhou um dos fuzis. Examinou-o do cano à coronha, acionou o ferrolho, puxou o gatilho, levantou a alça de mira, fez pontaria e, então, entregou o fuzil a Owen O'Sullivan. Depois, limpou os dedos do pé de carvão que os cobria. Calculou que as armas tivessem sido escondidas em poços de minas de carvão abandonadas perto de Bradford.

— Estão em péssimo estado. Não sei onde vão ser depositadas na Irlanda ou o tempo que teremos à nossa disposição para limpá-las. Mas temos de protegê-las

da melhor maneira possível aqui. Vi que você tem vapor nas oficinas.

— Tenho, sim.

— Vamos trabalhar com seus filhos. Temos de puxar os ferrolhos e vamos precisar de sabão, água e depois vapor. Por último, cobriremos os fuzis de graxa e os embrulharemos no oleado, — Compreendeu, Barry?

— Compreendi, Pai.

As caixas de bronze, a chapa de proteção e os fuzis foram levados para a oficina. Às oito e meia, a operação de limpeza prosseguia a toda velocidade e Brian saiu para espiar o trem. Nada à vista. Seria difícil que chegasse pontualmente na hora. Desde que a limpeza estava bem adiantada, Conor disse ao rapaz que continuasse a vigiar o

trem.

Nove horas. Nada.

À medida que os minutos passavam, a tensão aumentava. A limpeza dos fuzis terminou. A primeira caixa de bronze foi colocada num guindaste, pronta para ser levada para o tênder da máquina.

Nove e meia.

— Que é que você acha que devemos fazer? — perguntou Owen, dando o seu primeiro sinal de nervosismo.

— Vamos esperar mais dez minutos e então teremos de retirar as armas daqui, pois pode ser que o caso tenha sido descoberto por quem não devia. Você tem algum esconderijo, Owen?

— Dá-se um jeito.

— Dez minutos — disse Conor. — Depois disso, vamos esconder tudo e

esperar O'Hurley. Calma, Owen, as coisas não são tão ruins assim.

— Eu não estava contando com isso. Callaghan disse que o trem tinha sido providenciado.

— Talvez a explicação do atraso seja muito simples.

Cinco minutos passaram. Dez. Quando Conor já ia tratar da remoção das armas, Brian entrou correndo.

— Já vem aí!

As portas foram abertas e o Expresso da Mão Vermelha entrou no pátio das oficinas. Duffy O'Hurley estava sozinho na máquina e desceu sem muita firmeza. Tinha os olhos vermelhos e no seu hálito havia uma mistura de várias marcas de uísque irlandês. Conor apareceu diante dele.

— É você, Conor? Eu sabia que você devia andar metido nisso...

— Onde era que você estava?

O'Hurley engrolou então uma história segundo a qual Sir Frederick o mandara fazer uma viagem de última hora com a máquina. Não conseguira fazer contato com O'Sullivan a fim de informá-lo. Conor compreendia o que havia realmente acontecido... medo na última hora. Era preciso aceitar a explicação ou desistir do plano. O'Hurley só estava ali escorado na coragem produzida pelo álcool. Com certeza, achava que mesmo a cem libras por viagem era um mau negócio, pois era muito perigoso.

— Onde está Calhoun? — perguntou Conor.

— Achei que ele não era necessário e

deixei-o num bar...

— Estamos com pouca gente aqui e já estamos atrasados. Onde está ele?

O'Hurley tentou lembrar-se, mas foi inútil.

— Que é que vocês vão fazer com minha máquina? — perguntou ele, inquieto.

Conor pensou rapidamente e chegou a uma decisão.

— Brian, leve este camarada daqui e dê-lhe café bem forte. E não toque numa gota!

— Mas você não disse que estavam atrasados e era tarde demais — murmurou O'Hurley.

Conor agarrou-o pela camisa e disse com uma energia que nunca pensou que tivesse: — Agora está metido nisso,

Duffy, e é melhor ficar sabendo que não vai sair!

O'Hurley limitou-se a gemer.

Conor subiu para o tênder e abriu a tampa do tanque de água.

— Está tudo cheio de água e de carvão. Com todos os diabos, Duffy, não lhe disseram que devia trazer isso quase vazio?

— Foi mesmo! Desculpe... Eu me atrapalhei...

— Leve o trem mais para fora no pátio e esvazie o tanque de água.

Depois, vá procurar o seu maldito foguista. Brian e Barry, preparem-se para tirar um pouco do carvão.

— Que é que você vai fazer com minha máquina?

— Cale essa boca. Avance um pouco

com o trem e jogue essa água fora.

Depois que o trem se moveu, Owen colocou a mão no ombro de Conor.

— Faremos tudo em tempo. O homem está com medo. Já tenho visto muitos homens com medo. O que acontece é que precisamos desse aí e não temos outro para substituí-lo.

— Estou pensando... Não seria melhor desistir de tudo?

— Já esperamos demais, Conor. E há mais uma coisa. Estaremos lidando com homens ainda mais apavorados até chegarmos ao fim. É melhor acalmar esse aí.

— Só me dá vontade de bater nele!

Olhou então para Owen e compreendeu que ele era um líder. Dava ânimo a tudo num momento em que Conor

vacilava entre a raiva e a indecisão.

— À medida que prosseguirmos nisso, encontraremos mais homens indecisos e receosos. É melhor não julgar nada e fazer o serviço que tem de ser feito.

— Acho às vezes que levei muito tempo sozinho — murmurou Conor.

Depois que o tênder ficou vazio, Conor e O'Sullivan fizeram uso dos seus maçaricos como se fossem instrumentos cirúrgicos. Depois que a parte superior do tanque foi cortada, as caixas de bronze foram descidas e presas no fundo do tanque e os fuzis foram depositados nelas. Feito isso, a chapa de aço foi colocada no lugar para esconder qualquer marca e tornou-se a encher o tanque.

Os receios de O'Hurley diminuíram pouco a pouco quando ele viu a perfeição

do trabalho que estavam fazendo. A não ser que alguém soubesse e procurasse com muito cuidado, seria impossível perceber alguma coisa.

Uma hora antes do amanhecer, o Expresso da Mão Vermelha partiu da Fundação O'Sullivan para a barca de transportes ferroviários de Sir Frederick, ancorada nas Docas do Príncipe, que ia seguir rumo a Belfast.

Os Boilermakers se haviam reunido para o seu regresso triunfal ao Ulster, mas não teriam dessa vez a companhia da família Hubble. Lorde Jeremy fora mandado às pressas para o Trinity College, de Dublin, e o Conde de Foyle declarara categoricamente que não teria mais qualquer espécie de relacionamento com a equipe de rúgbi.

Durante uma semana, o trem ficou no seu barracão nas Oficinas Weed. No oitavo dia depois de sua volta, Duffy O'Hurley, que passara a ser um modelo de calma, foi procurar Conor na sua forja e informou-lhe que fora marcada uma viagem.

O trem apanhou Lorde Roger em Derry e levou-o para a sua conferência econômica mensal no Castelo de Dublin. Enquanto Lorde Roger ficava em Dublin, o trem voltou vazio para Belfast. No caminho, entrou por um desvio perto de Drogheda, onde um caminhão e quatro homens da Irmandade estavam à espera. A chapa de aço foi retirada e as caixas de bronze foram esvaziadas do seu conteúdo dentro de meia hora.

Pela primeira vez no século XX, a

Irmandade Republicana Irlandesa recebia  
armas.

## 1906

O ambiente do Partido Unionista era sombrio e sufocante. Depois de uma noite cheia de telefonemas preocupados, o telégrafo transmitira de Londres as arrasadoras notícias. O Partido Conservador, juntamente com os seus aliados do Ulster, fora esmagadoramente derrotado nas eleições.

Quinze anos de governo de mentalidade imperial chegavam ao fim.

Sir Frederick e Lorde George saíram da sala do conselho para o salão onde estavam reunidos alguns dos elementos

fiéis derrotados. Weed murmurou algumas palavras para dizer que o Ulster continuaria a combater a Autonomia, apesar da vitória absoluta dos liberais. Houve alguns fracos aplausos.

Saíram os dois para o ar frio da manhã cinzenta. Seguiram por Great Victoria Street e só a batida de suas bengalas e dos cascos dos cavalos das carruagens que os acompanhavam quebravam o silêncio. Quando chegaram ao Hotel Antrim, foram imediatamente para o apartamento de Sir Frederick. Pouco depois, apareceu ali o Brigadeiro Swan e os três debateram juntos a extensão dos prejuízos.

Não parecia provável que o país caísse de repente em novo acesso de fervor republicano, mas certamente a

questão da Autonomia estaria de novo em foco. Que benefícios poderia auferir disso o novo partido nacionalista Sinn Fein?

A agitação em torno da Autonomia sempre fazia tremer a estrutura industrial do Ulster. A sua posição de competição dependia em grande parte de manter a província com dez anos de atraso em salários e condições de trabalho em relação à Inglaterra. Swan, Hubble e Weed compreendiam perfeitamente essa ameaça.

As eleições tinham apresentado, entretanto, um estranho fator favorável. Das outras vezes, o Partido Liberal tinha dependido do Partido Irlandês para formar um governo de coligação. Em troca do seu apoio, os irlandeses tinham sempre exigido a promessa do debate

sobre a Autonomia. Dessa vez, a vitória dos liberais era tão completa que eles teriam a maioria sem os irlandeses e não precisariam deles. Os liberais já haviam demonstrado que, espontaneamente e livres de pressões dos irlandeses, não tinham pressa alguma de fazer passar a Autonomia. Sem dúvida, a última linha de proteção dos unionistas continuava a ser o veto da Câmara dos Lordes.

Roger estava pensativo e pouco falava.

— Você me parece um pouco fúnebre — disse Sir Frederick.

— No fim de tudo, talvez tenhamos de pôr em jogo a carta de Orange.

Muitas vezes talvez.

Essa opinião sombria foi recebida em silêncio. Nesse momento, o mordomo

apareceu.

— Perdão, Sir Frederick, mas o Reverendo MacIvor está aí e deseja vê-lo.

— Que diabo! — exclamou Weed. — E a ultima pessoa que eu quero ver hoje. Diga que estou indisposto.

— Não, espere um pouco — disse Roger. — Vamos ver o que o homem tem para nos dizer.

Oliver Cromwell tinha prosperado através dos anos muito além das generosidades do seu benfeitor. Com a sua Igreja do Salvador no Shankill sempre repleta e não mais necessitado da caridade de Sir Frederick, ele havia ampliado os seus desígnios e ambições. Por força de um decreto pessoal, fundara uma nova seita, a Igreja Presbiteriana

Universal, que era uma versão protestante de um estado quase papal.

Em apoio de sua nova igreja, fora fundado o Centro Missionário e Teológico Presbiteriano Universal, anexo ao seu templo, no Shankill. Já havia igrejas da nova fé em Londonderry, Larne, Belfast Leste e Dungannon, havendo planos para algumas outras. Uma editora divulgava o evangelho fundamentalista de MacIvor, orientado para as massas com a mão direita, ao passo que com a esquerda condenava Roma.

Enquanto o seu poder sobre as massas se expandia, MacIvor insinuou-se na Ordem de Orange, onde atingiu uma posição exaltada, e farejava o perímetro do Partido Unionista. Através da sua ascensão, a linguagem desabrida de

MacIvor e os seus incitamentos aos distúrbios eram tolerados pelas autoridades porque se articulavam com os pontos capitais do plano do Ulster. Roger várias vezes advertira Sir Frederick de que a independência cada vez maior de MacIvor representava uma ameaça, mas Weed não dava importância a isso, pois calculava que a qualquer momento poderia controlar o homem.

Oliver Cromwell MacIvor deu entrada na sala. Nunca deixava de exercer o seu magnetismo pessoal. A oferta de um chá era esperada e foi aceita.

— Estamos todos exaustos depois de duas noites de vigília e preces — disse o pregador. — O dia de hoje é trágico para os cristãos.

Começou a sorver o chá de uma

maneira que causou repugnância a Weed.

— Ê claro que estamos um pouco decepcionados — disse Sir Frederick — mas creio que de um modo geral não devemos esperar transformações violentas. Estamos convencidos de que a legislação vigente sobre a Autonomia ainda demorará alguns anos. E, ainda nessa época, poderemos sempre contar com o veto da Câmara dos Lordes.

MacIvor depositou a xícara de chá numa mesa e desferiu o olhar entendido e repassado de unção que dominava os seus fiéis, mas que pouco efeito teve naquela sala.

— O Ulster entrou no vale das trevas. Não é tempo de fazer jogos de palavras com a população protestante desta província, cuja própria existência está em

perigo.

Roger estudou atentamente o homem. Era evidente que fazia sondagens para conseguir um lugar no jogo do poder. Qual seria a posição que ele se atribuía? Qual seria o seu trunfo?

— Na minha opinião, Reverendo — continuou Sir Frederick — um excesso de reação a esta altura poderia voltar-se contra nós. Estou em contato com muitos elementos liberais e posso dizer que uma coisa é prometer a Autonomia irlandesa durante uma campanha política e outra, muito diferente, é o cumprimento dessa promessa. Não penso, francamente, que devamos ficar alarmados. Vamos esperar para ver quais são as disposições. Na minha opinião, a Autonomia continuará no rol das coisas arquivadas.

Essas palavras fizeram MacIvor levantar-se deliberadamente.

— Não compreendo como o senhor pode deixar de ver as palavras escritas no muro. Escapa ao meu entendimento que possa permanecer inerte com um punhal voltado para os nossos pescoços.

É claro, pensou Sir Frederick, que essa maneira de falar profética, a apontar perigos e desgraças, fazia parte do combustível com que ele aquecia suas fornalhas. Entretanto, é evidente que o seu tom e as suas maneiras mudaram. Parecia naquele momento transformado de subalterno em superior. A ficção da espontaneidade era um truque do homem para os seus fiéis, mas Weed sabia que ele nunca era espontâneo, não passando de um frio calculista. Desde quanto tempo

estaria ele esperando um desastre político? O choque das eleições não fora ainda sentido e alguma coisa nova parecia a caminho, do jeito que tudo costumava acontecer no Ulster.

— Podem continuar a procrastinar — disse MacIvor — mas eu estou preparado para reagir ao desastre que caiu sobre nós, graças a uma revelação de inspiração divina. Vou pregar a cruzada em toda a província na qual organizaremos todos os cristãos, homens, mulheres e crianças para defender a sua liberdade e a sua tradição britânica.

Swan e Roger se entreolharam quando viram Sir Frederick dominar a sua vontade de explodir. Weed pegou um charuto com deliberada lentidão, acendeu-o sem pedir licença a MacIvor e disse no

tom de quem dava uma ordem: — Sugiro que deve agir sem precipitação.

— E eu sugiro que não preciso dos seus conselhos nesse assunto — respondeu MacIvor.

Era isso então! O corte do cordão umbilical...

— O problema — continuou MacIvor — é a sua complacência. Deixou em várias ocasiões de reconhecer os crescentes perigos. Reagiu às satânicas maquinações dos papistas com tentativas de pacificação. Nestes últimos três anos, ficou de braços cruzados enquanto a Coroa comprava milhares de hectares de terra protestante para dá-los quase de graça a essa mesma gente que jurou destruir-nos.

A paciência de Weed de estreitou.

— Escute aqui. A Lei das Terras limitou-se a tomar terras oneradas e inúteis das mãos de proprietários endividados.

— Para dá-las aos papistas!

— Senhores — disse então Swan — todos nós ficamos abalados pelo resultado das eleições. Devemos, segundo penso, esperar que as coisas se acomodem e então debater os fatos quando as nossas ideias estiverem claras, para que então possamos reorganizar a nossa estratégia.

— Talvez os interesses que os senhores representam e os interesses do povo desta província estejam irremediavelmente separados — disse MacIvor.

— Devo compreender que isso equivale a uma ruptura entre nós.

Reverendo? — perguntou Weed.

— O que pode compreender, meu caro senhor, é que não estou mais sujeito às suas opiniões e decisões. Dentro em pouco, deverá ver aumentar do Shankill a Londonderry o número de homens comuns que não estão contentes com o fato de lhes ter sido roubada a sua liberdade e que tomarão novos rumos quanto à liderança que seguirão.

— Há muito tempo você vem planejando isso, não é? — disse Sir Frederick, calmamente. — Há quinze anos, vem-se beneficiando com a adversidade e esperando a queda dos conservadores. Bom dia, Reverendo MacIvor.

Antes que o pregador pudesse dizer mais alguma coisa, Swan pegou-o pelo

braço e levou-o até à porta. Era estranho que Sir Frederick não tivesse tido uma explosão em face das afrontas. Estava abalado.

— Que é que acha disso, Roger?

— É evidente que estamos diante de um pedido de divórcio.

— Besteira! Eu ainda emprego metade da população de Belfast. Se não sabem quem passa manteiga no pão deles, vão saber.

— Como não? Não pense que vai ser fácil. Seria capaz de ir até à igreja desse reverendo e discutir com ele do púlpito? Escute, Freddie, está acontecendo aqui a mesma coisa que aconteceu há quarenta anos na Inglaterra. Gladstone apareceu com todos os seus planos de reformas e fez a sua campanha longe do seu

eleitorado. As massas deram-lhe crédito e pela primeira vez na história inglesa o povo rejeitou a sabedoria das classes dirigentes e da aristocracia e transferiu a sua lealdade para reformas e políticos populistas que lhe eram mais chegados.

Sir Frederick sabia que Roger estava certo. O Ulster tinha sido deliberadamente mantido à retaguarda da Inglaterra. Enquanto os liberais de Gladstone lutavam pelas reformas, a Irlanda e o Ulster se trancavam numa luta nacionalista. Um partido defendia a Autonomia e o outro a combatia. A Irlanda continuara atrasada em matéria de reformas sociais e se criara um vácuo. Diante da derrota dos conservadores, o Ulster estava avisando que rejeitava também o velho governo da aristocracia e

procurava vozes populistas próprias.

— Não podemos mais esperar que o povo daqui nos siga automaticamente e às cegas — disse Roger.

Sir Frederick empalideceu, diante da verdade dessas suposições.

— MacIvor calcula que dispõe de força suficiente para preencher o espaço vazio. Atrairá toda a velha raça do Ulster e procurará comandá-la politicamente.

— Vou arrebentar o patife, ainda que não faça mais nada neste mundo! — exclamou Weed.

Roger Hubble, que nunca deixava de ser prático, se mostrou céptico.

— O problema é que nós criamos deliberadamente MacIvor e muitos outros MacIvors menores como transmissores de nossas ideias para as massas. O povo foi

condicionado para escutá-los. Criamos um monstro e não temos qualquer meio hábil de comunicação com o Shankill senão por intermédio desse monstro.

A cinza do charuto de Weed caiu. Ele limpou as calças distraidamente.

— Você me disse várias vezes que era isso que ia acontecer.

— Sempre esperei que em dado momento pudéssemos abandonar MacIvor e sua cambada. Estávamos tão empenhados na luta pela Autonomia que tivemos de conservá-lo. Venho trabalhando pessoalmente com os irlandeses no Castelo de Dublin e posso dizer que de um modo geral eles são sujeitos decentes. Chego às vezes a acreditar que poderíamos entrar num acordo e cooperar em certas coisas com

eles. Mas há sempre entre nós e eles o grande espantinho de Orange, que nós criamos. Creio que ingleses e irlandeses sempre conseguem fazer sobressair o que há de pior nuns e noutros.

— Quer dizer que aquele patife pensa que pode substituir a classe dirigente da Irlanda. Graças a Deus, a Coroa não pensa assim. Num ajuste de contas, creio que até os liberais ficariam do nosso lado.

— Atualmente ficariam. No momento em que o balanço do Ulster acusar um déficit, a Inglaterra nos abandonará.

— Pensa mesmo assim, Roger? Sinceramente?

— Estamos aqui para dar lucros, você e eu. Não sei o que vai acontecer quando não formos mais rendosos.

— Como é que vamos combater

MacIvor?

— Por enquanto, não devemos fazer coisa alguma. Ao fim de algum tempo, ele mesmo compreenderá que não pode andar sozinho e virá procurar-nos para um acordo.

— Nunca entrarei em acordo com aquele sujeitinho, nunca!

— Ora, Freddie, não seria tão mau assim. Pode haver uma transferência de poder, mas MacIvor ainda está defendendo a nossa causa.

Pode imaginar por um instante a desgraça que seria se MacIvor fosse um Gladstone? Que pensa que sucederia se nos víssemos de repente diante de uma voz que encontrasse eco no povo e pregasse reformas sociais e trabalhistas? Podemos estar agradecidos de que ele

tenha feito o seu serviço mantendo a gente do Ulster com o espírito voltado para a Reforma.

Trata-se de um cachorro que só sabe um truque. Ele manterá as massas católicas e protestantes separadas e em luta entre si. Com isso, ganharemos tempo.

### 3

Domingo de ordenação. Chegara o grande dia para Dary Larkin vários anos antes do bempo, graças à sua herança da capacidade intelectual da família. Tinha sido promovido várias vezes nos seus estudos e era um dos padres mais moços já ordenados no Colégio S. Patrício, em Maynooth.

A Irlanda exportava muitas coisas em quantidades modestas, à exceção de emigrantes, *tweed* do Donegal, cristais de Waterford e padres.

Esses padres iam cuidar dos exilados irlandeses no mundo inteiro e iam, como missionários, a lugares onde só um padre irlandês se atrevia a penetrar. Dary Larkin

escolhera uma ordem missionária.

O seu progresso final fora rápido, depois que ele se decidira pela ordem. Um novo curso fora inaugurado no University College de Dublin, que era administrado pela Igreja. O curso era de línguas africanas e um pequeno grupo selecionado de padres fora escolhido para o mesmo.

Depois de Dary ser admitido no curso, o seu bispo obtivera licença para a sua ordenação, mediante petição ao Papa.

O sacerdócio era um grande acontecimento na vida de uma família irlandesa. A despeito das ideias pessoais que Conor e eu tínhamos, havíamos conhecido muitos padres imbuídos do espírito republicano de Wolfe Tone e o entusiasmo do dia nos atingiu também.

Na véspera da ordenação, encontrei-me com Conor na estação de Dublin. Era a primeira vez que o via depois de muitos meses. Era um homem completamente (diferente, pois todos os vestígios da mocidade tinham desaparecido nele. Não vira Shelley MacLeod, a mulher que amava, desde que voltara para Belfast e a tristeza que isso lhe causava era tão evidente que não deixei de percebê-la. Embora Conor tivesse encontrado uma solução, eu tinha a impressão de que ele jamais se conformaria com a perda da mulher. Continuar a viver em Belfast, perto da casa dela, devia ser para ele um sofrimento constante, mas Conor era Conor e eu não esperava que ele falasse dela comigo.

Tenho certeza de que Conor queria a

esse tempo sair de Belfast, mas podia dizer-se que ele era vítima do próprio sucesso. Graças às suas proezas no rúgbi, era muito prezado por Sir Frederick e continuava no seu relacionamento com Jeremy Hubble como uma espécie de irmão mais velho.

Embora Conor fosse designado para uma das oficinas de ferreiro dos estaleiros, gozava de muita liberdade e trabalhava principalmente em projetos e encomendas especiais. Fazia às vezes trabalhos em ferro fundido em Rathweed Hall, residência de Sir Frederick.

Para nossos objetivos, a situação dele era absolutamente perfeita.

Minha segunda peça estava sendo levada no Teatro Abbey. Conor prometeu ficar em Dublin alguns dias depois da

ordenação de Dary e ir ver a peça. Ora, sempre que eu podia passar uma noite inteira conversando com ele, isso constituía um grande acontecimento em minha vida. Havia semanas que eu sonhava com isso. Entretanto, quando chegou o momento, achei-o terrivelmente reservado.

Esperei pacientemente a explosão que em geral ocorria depois de termos bebido metade da garrafa, mas, dessa vez, ele nessa ocasião ficou ainda mais sombrio. Falamos principalmente do êxito contínuo da Irmandade e da operação do contrabando de armas. O trem particular de Sir Frederick fizera quatro viagens para a Inglaterra depois da excursão do time de rúgbi e voltara com duzentos fuzis, cem carabinas e dez mil cartuchos

de munição. Tudo tinha corrido da melhor maneira possível. A única preocupação de Conor era o procedimento irregular de Duggy O'Hurley, que se mostrava ora frio, ora quente.

Conor tinha elaborado outro plano para esconder as armas através do país. A Irmandade contava com muitos padres simpatizantes em Belfast, Dublin, Cork, Derry, Newry, Waterford e Mallow, que ficavam ao longo do percurso mais comumente seguido pelo trem de Weed. Depois de desembarcadas, as armas eram colocadas em caixões mortuários e os "corpos" eram enterrados nos cemitérios ao lado das igrejas com a ajuda dos padres. As pedras tumulares que traziam os nomes de Carrick, Cassidy, Conroy, Coughlin, Concannon ou Considine

marcavam os esconderijos das armas. O primeiro nome de Elva, 1879-1904, com a inscrição “Uma verdadeira Filha de Erin”, continha um desses depósitos de armas.

Bem cedo na manhã seguinte, Conor e eu nos dirigimos para a estação de Amiens Street, para aguardar a chegada de Brigid. Ela desembarcou e falou conosco desajeitadamente, pois aquela fora a viagem mais longa que já fizera e Dublin era a cidade maior que já vira.

Ora, não se podia dizer que ela estivesse envelhecendo com alguma graça. Vestia roupas compradas de segunda mão em Derry e que talvez nunca mais fosse usar. Ela e o que usava eram completamente estranhos entre si e não se ajustavam absolutamente. Mancava um

pouco, talvez porque os sapatos novos lhe apertassem os pés. Apesar das aparências, os cumprimentos foram demorados e cordiais.

Fomos dali para a estação de Westland Row, para a breve viagem até Maynooth, no condado de Kildare, onde o Colégio de S. Patrício ficava num cenário de esplêndida serenidade, no local de um antigo castelo.

Ao meio-dia, famílias vindas de todos os pontos do país se reuniam no gramado em frente à capela. Mais da metade das pessoas pareciam tão deslocadas quanto Brigid. A capela era verdadeiramente monumental. Era uma maravilha gótica, que levava trinta anos para ser construída e fora literalmente feita à mão em mármore, madeira e mosaicos. O

sentimento de tensão e regozijo aumentou quando entramos na imponente igreja, cujo teto se perdia nas alturas.

As cerimônias começaram com o ritual da lavagem dos pés e das mãos dos candidatos, que entraram então na nave, ao som estrepitoso do órgão. Atravessaram majestosamente o centro da igreja, todos de branco nos seus amictos, alvas, casulas e estolas.

E ali estava o pequeno Dary, que ainda era o menor de todos, mas não parecia o menos esperto. Trocamos todos sorrisos quando ele nos viu e Brigid entrou para o pelotão das mulheres que choravam.

O bispo chegou entre dois padres e se sentou no seu trono.

— Aproximem-se os que vão ser

ordenados sacerdotes — disse um diácono e começou a fazer a chamada. — Martin MacRannall.

— Presente e pronto.

— Edwin O'Meagher.

— Presente e pronto.

— Dary Larkin.

— Presente e pronto.

— Pearse MacSheehy...

E os vinte candidatos foram todos chamados.

— Sabe se eles são dignos? — perguntou o bispo, depois que todos estavam alinhados diante dele, como um bando de carneiros tosquiados.

— Atesto que, dos inquéritos feitos entre o povo de Deus e mediante proposta dos que se encarregaram da sua preparação, foram considerados dignos.

O bispo falou de memória sobre a vida e os deveres que os esperavam, interrogou-os para saber se se julgavam dignos e fê-los prestarem um juramento de obediência. Depois, todos se prosternaram no chão de mármore.

Após terem sido apresentados, escolhidos, instruídos, examinados e convidados a prestar votos e a rezar, a celebração chegou à Ladainha de Todos os Santos.

“Senhor, tende piedade de nós Senhor, tende piedade de nós Cristo, tende piedade de nós Cristo, tende piedade de nós Senhor, tende piedade de nós Senhor, tende piedade de nós Santa Maria, Mãe de Deus

Rogai por nós São Miguel

Rogai por nós Santos Anjos

Rogai por nós São José

Rogai por nós São João Batista

Rogai por nós São Pedro e São Paulo

Rogai por nós Santo André

Rogai por nós São João

Rogai por nós Santa Maria Madalena

Rogai por nós Santo Estêvão

Rogai por nós São Lourenço

Rogai por nós Santo Inácio de

Antioquia Rogai por nós Santa Inês Rogai  
por nós Santas Perpétua e Felicidade  
Rogai por nós São Gregório Rogai por  
nós Santo Agostinho Rogai por nós Santo  
Atanasio Rogai por nós São Basílio Rogai  
por nós São Martinho Rogai por nós São  
Bento Rogai por nós São Francisco e São  
Domingos Rogai por nós São Francisco  
Xavier Rogai por nós São João Vianney  
Rogai por nós Santa Teresa Rogai por nós  
Santa Catarina Rogai por nós”

Era um ritual desconcertante e Conor e eu éramos suficientemente amigos de Dary para deixar de lado os nossos ressentimentos com a religião e compartilhar de sua glória.

Entretanto, enquanto todos os santos irlandeses eram invocados, de Abben a

Nossa Senhora do Youghal, aquele velho sentimento de náusea me assaltou. Eu nunca mais rezara o rosário desde que saíra de Ballyutogue.

Através de todos os santos irlandeses, de todos os santos irlandeses na Escócia, de todos os santos irlandeses na Inglaterra e de todos os santos irlandeses na Europa, tive muito trabalho em manter-me calmo.

Apenas algumas semanas antes, eu escrevera um ensaio no qual perguntava se duzentos e dezessete santos atuando como semideuses não eram paganismo, que eram então? Nosso povo caía de joelhos diante de ídolos, num culto dos santos que condenaríamos como paganismo num preto de uma tribo africana.

Não era paganismo pedir a uma

estátua a fertilidade dos campos e de um útero, pedir chuva quando há seca e sol quando há mofo? Jogar fora muletas diante de altares cheios de santos, pedir a um santo a vitória nos esportes, a derrota de um inimigo, a descoberta do ouro e a conservação da manteiga sem ficar rançosa?

Quanta luz, quanta verdade temos destruído com a nossa obediência cega? Ou poderíamos ter suportado a verdade da nossa pobreza e da nossa servidão? Tínhamos necessidade de falsas esperanças para aliviar os sofrimentos da vida?

Em toda aquela imponência e esplendor, eu só pensava no domínio, naquele terrível e misterioso domínio sobre pessoas em tudo mais esclarecidas.

Há na maioria das pessoas uma fraqueza inerente que torna necessário um mistério para que possam viver?

“São Turnino

Rogai por nós São Tutilo

Rogai por nós São Craik Ultan

Rogai por nós São Fosses Ultan

Rogai por nós Santo Ursino

Rogai por nós Santo Aosta Ursus

Rogai por nós Santos Wiro e Plechelm

Rogai por nós Nossa Senhora do

Youghal

Rogai por nós

Nossa Senhora do Youghal! Eu  
chegara ao fim!

Todos os santos de Deus  
Rogai por nós Senhor, livrai-nos

livrai-nos, Senhor De todo o mal

livrai-nos, Senhor De todos os  
pecados

livrai-nos, Senhor Da morte eterna

livrai-nos, Senhor Pelo mistério da  
vossa encarnação livrai-nos, Senhor Pela  
vossa morte e ressurreição livrai-nos,  
Senhor Pela graça do Espírito Santo

livrai-nos, Senhor Misericórdia para  
nós, pecadores ouvi-nos, Senhor Guardai

a vossa Santa Igreja ouvi-nos, Senhor Conservai o Papa e todo o clero fiéis à religião ouvi-nos, Senhor Concedei paz e unidade a todas as nações ouvi-nos, Senhor Fortalecei-nos e conservai-nos em vosso serviço ouvi-nos, Senhor Abençoi estes eleitos ouvi-nos, Senhor Abençoi estes eleitos e fazei-os santos ouvi-nos, Senhor Abençoi estes eleitos, fazei-os santos e reservai-os para os sagrados deveres ouvi-nos, Senhor Jesus, filho de Deus vivo, Cristo, ouvi-nos Cristo, ouvi-nos”

Quando a suave luz banhou a imponente igreja e o momento se aproximou, o bispo proferiu a sua prece longa, severa e antiga, depois tocou as cabeças e as mãos dos novos padres,

paramentou-os cerimonialmente e deu-lhes o beijo da paz.

Fora, no gramado, ao ritmo da alegria e das lágrimas, os fotógrafos tiveram muito trabalho diante da torre altaneira, batendo a fotografia que se encontra em cinquenta mil lares irlandeses. Aqui e ali na reunião, florescia a venerada palavra, “Padre”.

— Padre Dary — murmurava Brigid, chorando. — Padre Dary.

## 4

Minha peça, *A Noite do Peregrino*, não foi nem sucesso, nem fracasso.

Tinha alguns momentos empolgantes, inclusive um apaixonado monólogo quase no fim do último ato, uma fala do banco dos réus, nada menos, que nunca deixava de umedecer os olhos irlandeses que o vissem.

Se havia alguma coisa excelente em *A Noite do Peregrino*, era Atty Fitzpatrick, que desempenhava o papel principal. Quando ela aceitou o papel, podia ouvir-se até em Tralee o cantar do meu coração.

Dublin era particularmente um mundo masculino com os seus bares e os seus esportes. Nossas boas moças católicas

aprendiam o catecismo, tinham filhos e se alheavam de tudo o que não se referia ao lar. Entretanto, o ressurgimento irlandês estava dando origem a muitas mulheres extraordinárias de outra espécie. Essas mulheres, na maioria de origem britânica, indignavam-se com os séculos de desmandos dos ingleses.

Nenhuma delas era mais bela e mais volátil do que Atty Fitzpatrick, uma espécie de Joana d'Arc irlandesa. O próprio Long Dan Sweeney considerava-a a melhor combatente da Irmandade e costumava dizer que ela era às vezes o único homem presente no Conselho Supremo.

Viera a este mundo como filha de Lorde e Lady Royce-Moore, uma instituição proprietária de terras no

condado de Galway. Quando Atty Royce-Moore chegou aos vinte anos, tinha atravessado temporadas de festas sociais e de educação em Londres e no continente europeu. Ficara impressionada com a situação dos camponeses e, antes de completar vinte e um anos, renunciara à classe em que nascera.

A primeira notícia que a Irlanda teve de Atty foi quando ela se tornou a herdeira única dos bens da família. Loteou imediatamente as suas propriedades e vendeu os lotes por preços ínfimos aos camponeses que trabalhavam nas terras desde tempos imemoriais. Esse gesto fez tremer até às suas raízes imperiais a aristocracia e os ingleses, mas também a tomou cara aos olhos do povo.

Atty estava sempre em ação. Se a

renda das terras subia em Wexford ou Waterford, se uma epidemia atacava o bairro das Liberties, em Dublin, ou se os despejos se multiplicavam no Oeste, ela estava sempre à frente dos protestos. Fora presa duas vezes pelas suas atividades e proclamava que tinha a intenção de ser hóspede da Coroa em todas as prisões da Irlanda antes que se desse por satisfeita. E era uma simples mulher.

Bem, não era exatamente assim. Era uma beleza esbelta e escultural, mais alta do que a maioria dos homens e projetava uma imagem apenas ligeiramente menor do que a da própria Mãe Irlanda.

O seu casamento com Desmond Fitzpatrick pareceu uma coisa tão natural quanto a urze nas montanhas. Fitzpatrick era descendente de uma velha família

católica normanda que participara do grupo que conquistara a terra para os ingleses no século XII. Algum tempo depois, os normandos se integraram tão completamente que se tornaram mais irlandeses do que os irlandeses. As velhas famílias, os Morris, os Fitzgeralds, os Barrys, os Roches, os Burkes, os Plunketts, os Joyces, os Fitzgibbons e os Fitzhughs, prosperaram mais que os rendeiros através das idades. Antes da sua integração, tinham sido os poderosos condes da Irlanda. Quando os católicos emergiram da sua Idade Média, a nossa classe média e a classe alta não-inglesas eram em grande parte de origem normanda.

O jovem Desmond Fitzpatrick fora um antigo seguidor de Parnell, um advogado

que defendia nos tribunais a causa dos camponeses com espantoso sucesso. Quando se casaram e foram morar em Dublin, aderiram ao ressurgimento gaélico num fervor sem limites. Atty converteu-se ao catolicismo e, nos intervalos de dar à luz e criar os seus três filhos, prosseguia infatigavelmente no seu trabalho. Eram patronos do incipiente teatro nacional e Atty de vez em quando representava, principalmente para ajudar os dramaturgos novos.

Os Fitzpatricks identificaram-se imediatamente com Arthur Griffith quando este formou o partido político do Sinn Fein e figuraram entre os primeiros membros secretos da renascida Irmandade Republicana Irlandesa.

Desmond Fitzpatrick morreu de

repente, aos trinta e oito anos, quando defendia um réu no tribunal. Eu estava presente quando isso aconteceu.

Nós que admirávamos Atty esperávamos uma tragédia acabrunhante.

Em lugar do esperado retraimento, Atty combateu o seu pesar com uma devoção fanática ao movimento. Desmond Fitzpatrick tinha sido um dos primeiros dos nossos novos mártires e sua viúva demonstrava verdadeira veneração por ele. Entretanto, cheguei muitas vezes a meditar se havia mesmo um amor profundo entre os dois. A minha conclusão foi que a união de ambos se baseava no republicanismo que os inspirava e que isso era mais importante para eles na sua vida conjugal do que serem marido e mulher.

Tudo isso significa que minha peça teve um impulso favorável quando ela aceitou o papel alguns meses depois de sua viuvez. Eu estava nervoso como uma prostituta no Vaticano, na noite em que Conor foi ver *A Noite do Peregrino*, mas fiquei reconfortado quando, depois do último ato, ele me deu um grande abraço de aprovação.

Fomos à caixa do teatro falar com Atty e combinar um encontro depois no bar do Jury's Hotel, predileto da gente de teatro e de jornal.

Nenhum era desconhecido para o outro. Todo o mundo conhecia Atty Fitzpatrick. Sendo a única mulher no Conselho da Irmandade, estava completamente a par de que Conor era o autor do plano de contrabando de armas,

um artífice notável e um homem destacado nas proezas esportivas.

No momento em que foram apresentados, percebi que alguma coisa se estabelecera entre eles. Conor estava havia muito tempo sem uma mulher de verdade e era evidente que gostava do que seus olhos viam. Ela era viúva por um tempo suficiente para ter pensamentos semelhantes.

Vendo que a minha presença não era desejada, lembrei-me de repente de um trabalho que tinha para fazer e marquei encontro com eles pouco depois no bar do Jury's.

Quando Atty Fitzpatrick entrava numa sala, raramente passava despercebida. Ela e Conor sentaram-se a uma mesa e receberam as habituais homenagens.

Provaram os seus drinques e a ausência de Seamus O'Neill se tornou ostensiva.

— Que terá havido com ele? — perguntou Atty.

— Creio que ele foi gentil bastante para compreender que eu queria conversar a sós com você.

Atty gostou imediatamente disso. Quase todos os homens, quando a conheciam, procuravam exagerar a própria importância ou então se encolhiam cheios de timidez.

— Era isso que você queria? — perguntou ela.

— Não tenho muita certeza. Tenho sentido a mesma solidão que você está sofrendo. Não posso dizer que meu caso seja tão grave quanto a perda de um marido, mas não deixa de ser muito

penoso. Qual é o melhor momento de dar fim a uma situação assim? Creio que é natural pensar nessas coisas quando se conhece alguém como você.

Atty pesou as palavras, o homem e a situação. Ninguém sabia realmente quanto fora terrível para ela a perda de Desmond. Alguns a julgavam corajosa; outros consideravam-na insensível. Ela tivera contato com homens, no meio deles, durante toda a sua vida. Era excepcional, pois tudo sempre havia acontecido dentro das condições por ela impostas.

Raramente tinha havido um relacionamento que ela não pudesse dominar e dirigir desde o início. Aquele homem enorme era curioso, repousante e inteiramente destituído de atitudes falsas. Além do mais, intimidava um pouco.

— Estou sozinho, Atty — disse Conor, encarando diretamente os olhos castanhos diante dos quais metade de Dublin se emocionara.

Atty fez repousar a mão sobre a dele e disse: — Eu também.

Na noite seguinte, não houve espetáculo e ela o convidou à casa onde morava, no subúrbio de Rathgar, numa breve viagem de bonde ao sul de Dublin. A casa de Atty Fitzpatrick era em estilo georgiano e ficava na Avenida Garville, 34.

As tendências proletárias de Atty terminavam à sua porta. Era uma casa irrepreensivelmente cuidada, onde havia uma seleção de belezas e elegâncias. Os filhos dela se mostraram satisfeitos.

Pareciam habituados às idas e vindas de pessoas estranhas, bem como às longas ausências dos pais, reclamadas pelo movimento. Depois de um jantar, durante o qual Conor procurou tornar-se simpático às crianças, desapareceram como por encanto, cientes de que a mãe e o estranho tinham assuntos republicanos de que tratar.

— Venha — disse ela, abandonando a sala de visitas. Levou-o para o último andar e abriu a sala da frente. Era uma combinação de sala particular, biblioteca e escritório e tinha sido um retiro para ela com seu falecido marido, ao lado do seu quarto. Era agora quase um museu, cheio de escritos e dos livros de direito dele, das fotografias e dos vestígios das atividades de ambos em favor do

movimento. Nos primeiros dois meses depois da morte de Desmond, Atty, raramente, saía daquela sala. Depois disso, só naquele momento voltava.

Na pequena lareira sob um consolo de mármore, Conor acendeu um fogo de turfa com a perícia de um homem criado no campo. Ficou imediatamente dominado pelas recordações quando sentiu o cheiro da turfa. Conversaram então sobre a situação dos camponeses no Oeste do Ulster, a Liga Rural, grades de ferro fundido e prisões. Conversaram sobre o dinamismo da vida em Dublin naqueles dias e sobre as terras que ficaram além da Irlanda. Falaram de armas, da Irmandade e do esquivo sonho republicano.

Chegou afinal a hora em que Conor se sentiu pouco à vontade.

— Está ficando tarde, Atty. Tenho de ir-me embora.

— Parece que nem começamos a conversar — disse ela. — Creio que falo demais. Falo nas reuniões do Conselho e nos discursos que faço como se estivesse obcecada. Dan Sweeney em mais de uma ocasião me disse que eu devia calar a boca. O interessante é que eu raramente falo assim com uma só pessoa. Às vezes, converso assim com Seamus, mas sempre quando estamos num bar e alguém vem falar conosco a cada instante ou então quando estamos jantando às pressas para pegar uma reunião ou a hora do teatro. Des e eu conversávamos às vezes a noite inteira e ficávamos espantados quando víamos a luz do dia entrar pelas janelas.

— Compreendo. Você estava com a

peessoa amada, que era também o seu melhor amigo, e o mundo inteiro se concentrava para os dois nesta sala.

— Oh, estou de novo fazendo o papel da viúva inconsolável e, se há uma coisa que eu detesto, é provocar piedade.

— Não se preocupe, mas creio que está na hora do último bonde para Dublin.

— Ponha mais turfa no fogo, Conor. Se você perder o bonde, há uma cama lá embaixo, perto do quarto das crianças. Entre a segurança da casa e as reuniões que duram toda a noite, estão muito habituadas a ver estranhos ali quando acordam.

— Está bem — disse ele, servindo-se de mais um pouco de conhaque.

— Você é uma mulher notável, Atty, e dentro em pouco terá deixado todas as

suas tristezas para trás.

— Por que diz isso?

— Porque a coisa que você mais ama no mundo é a sua força. E eu não sei se alguma coisa seria capaz de quebrá-la.

Ela ficou sem saber se isso era um elogio ou uma censura.

— E você?

— Estou passando um período terrível, vivendo sozinho. Nunca me importei de viver sozinho até Shelley aparecer. Depois que ela se afastou, detesto todos os meus momentos de solidão.

Conor sentou-se no chão e fixou os olhos no fogo da lareira. Atty fez o mesmo e ambos se contentaram durante algum tempo em entregar-se aos seus pensamentos separados. Atty começou

então a analisar Conor.

Era um homem que intimidava. Ao contrário de quase todos os homens que conhecera, ele não tinha medo de suas fraquezas e pouco esforço fazia para ocultá-las ou para afirmar a sua masculinidade. Desde que ele estava ali na sala, parecia inevitável compará-lo com Desmond.

Larkin era um homem profundo e tranquilo. Seamus tinha dito que ele de vez em quando se abandonava a cóleras monumentais de poeta, mas essas explosões levavam quase sempre anos de acumulação para que se verificassem. Não havia decerto nada de auto-afirmação e da exuberância de Desmond. Desmond amava a si mesmo, amava os seus truques de tribunal, amava o som de sua voz num

discurso, amava em particular o que fazia pela Irlanda, porque isso se refletia na sua glória pessoal.

A sala era quente e vibrante como sempre tinha sido, mas essa vibração provinha, não de Des e Atty, mas do movimento. Não era o que ela e Des realmente queriam? Trabalhando pelo movimento, estavam fazendo o que lhes pedia o coração. Ela havia pensado muito nisso depois da morte dele. Era estranho, mas nunca tinham sentido desejo um pelo outro naquela sala. Seria o movimento um escudo que os protegia um do outro? Ou acontecia que todo o amor que eram capazes de dar e receber fora dada ao movimento?

Tudo o que ela sabia de Conor Larkin indicava que ele não era menos dedicado

à causa. Tinha, entretanto, a capacidade de voltar-se para o seu interior a fim de pensar na mulher que amava. Des lhe havia dado a independência que ela havia exigido dentro do casamento. A necessidade que ele tivera dela fora apenas nominal, pois Des vivia feliz dentro do seu próprio eu. Conor Larkin possuía uma mulher e só ela brilharia diante dos seus olhos. Atty sabia disso.

Poderia ela enfrentar uma situação assim? Quantas mulheres, ao sentir essa intensidade em Larkin, tinham fugido dele? Quantas tinham desejado conhecer essa intensidade e tinham sofrido um insucesso? Era possível conhecer um homem assim num relacionamento artificial? Ou seria ele tão forte a ponto de fazer as mulheres transformarem-se

psicologicamente a fim de prendê-lo?

Era amedrontador, mas também terrivelmente atraente. Que sentiria ela ao conhecer o primeiro homem capaz de dominá-la?

— Quero tornar a vê-lo — disse ela de repente. — As representações da peça vão terminar dentro de algumas semanas. Poderei então ir fazer-lhe uma visita em Belfast...

Tinha dito isso algumas vezes a homens a quem queria, mas dessa vez era diferente...

— Seria uma honra para mim, Atty, mas creio que a sua fama a precederia e você teria de posar como a bela estátua que é. Francamente, Dan Sweeney e o Conselho seriam contrários a que você se ostentasse em público, principalmente em

Belfast.

— Não pensei nisso. Você poderia vir a Dublin?

— Não me posso ausentar com muita facilidade e, para dizer a verdade, não me sentiria muito à vontade entre os intelectuais que a cercam, excetuando naturalmente Seamus O'Neill.

— Não há neles senão conversa. Todos falam interminavelmente, Arthur Griffith, Yeats, Seamus O'Neill, Atty Fitzpatrick.

— As palavras são nossas balas, Atty.

— Não faça tão mau juízo de você. Quando todos os conversadores esgotarem a sua munição verbal, a Irmandade terá de depender de homens como você para fazer o que tem de ser feito. E você não é assim tão destituído de

palavras. Já li alguns dos seus poemas.

— Seamus não devia mostrar meus poemas a ninguém. Há muito tempo que não escrevo.

— Devia escrever.

— Ora, Dan diz que eu terei tempo de sobra depois que for preso.

Estabeleceu-se entre eles uma nova onda de constrangimento.

— Curioso — murmurou Atty. — Sempre me prezei de ser uma mulher desejável e de minha capacidade de recusar-me. A situação é um pouco difícil para mim, Conor. Até hoje, nunca pedi a um homem que me levasse para a cama.

Conor levantou-se, estendeu os braços para ela e abraçou-a com força. Depois, afastou-a de si.

— Creio que devemos ficar por

enquanto nisso.

Atty empalideceu e lágrimas de mágoa lhe afloraram aos olhos.

— Procedi como uma leviana.

— Você se sente sozinha, quer um homem e nada há de errado nisso.

Você é também uma grande mulher, Atty, e eu não lhe farei a afronta de amá-la ligeiramente.

Ela teve um riso forçado.

— Isso é um fato novo em minha experiência.

— Entenda bem que não a estou rejeitando. Pensei em amá-la no momento em que nos conhecemos. Mas percebo como seria injusto para você amá-la enquanto ainda estou chorando a ausência de Shelley. Pode compreender isso?

Ela compreendeu nesse instante, se

não havia compreendido antes. O

preço do relacionamento com aquele homem seria a destruição de suas barreiras, o desmoronamento da reserva e da satisfação que ela conseguira manter através de um casamento bem-sucedido e do nascimento de três filhos. Ele a levaria a lugares de seu ser onde ela mesma nunca havia penetrado. Por um instante alucinado, teve vontade de levá-lo para o quarto, que ficaria às escuras, e dizer-lhe que fingisse, se quisesse, ou então que chorasse no seu seio. Mas tinha medo porque nunca dera tanto a um homem.

# 5

Nos meses que se seguiram às eleições, Oliver Cromwell MacIvor aproveitou o pânico de outra ameaça da Autonomia para desenvolver planos, que se haviam tornado para ele sangue, luz e ar durante quinze angustiosos anos de espera. Usando as suas igrejas como caixas de ressonância através da província, deixou-se arrastar pelas ondas dos antigos temores do Ulster.

“Quando o Senhor teu Deus te fizer entrar na terra que vais possuir e quando o Senhor teu Deus entregar os teus inimigos diante de ti, procura feri-los e destruí-los por completo, sem mostrares misericórdia... porque és o povo santo aos

olhos de Deus, o povo eleito para ser um povo especial, acima de todos os povos...”

Roger Hubble tivera razão em supor que os seus interesses seriam servidos por MacIvor apesar da ruptura entre eles. O pregador acrescentava pouca coisa nova a uma situação ansiosa pelas reformas sociais, aquecendo e servindo o mesmo velho prato. Os protestantes do Ulster tinham tido essas coisas marteladas neles ao longo de três séculos, a tal ponto que tudo se tornava parte integrante de sua mentalidade desde o berço. Eram um lado da trindade irlandesa juntamente com os senhores ingleses e os nativos e continuavam a ser afastados da questão real, que era a da melhoria da vida humana para o homem comum.

Uma vez mais, eram envolvidos pela afirmação de que eram iguais aos antigos hebreus e que deviam ter a terra prometida como um povo privilegiado aos olhos de Deus. De novo havia apenas o primeiro passo para o abandono de uma velha tradição automática de acompanhar politicamente a aristocracia. Tudo o que estava realmente acontecendo era uma sutil mudança de guarda. Contudo, MacIvor hipnotizava as multidões e, por sua vez, se tornava cada vez mais convencido da sua visão de poder messiânico. Quando não havia igreja, realizavam-se reuniões de campanha religiosa em barracas e havia enormes assembléias ao ar livre quando não havia barracas.

Dez anos antes, ele havia organizado

os Cavaleiros de Cristo, um grupo de elite, um núcleo de elementos ultrajustos. O verdadeiro objetivo do grupo, que era constituir o centro de uma tropa de ataque, tinha sido mantido em sigilo até o momento propício.

Quando os seus fogaréus evangélicos se espalharam pelo Ulster, MacIvor transformou sutilmente os Cavaleiros de Cristo numa vanguarda para “a defesa da fé protestante dos ataques dos satanistas, papistas e traidores”. Como a Ordem de Orange estivesse já em campo com o mesmo objetivo, o plano de MacIvor reclamava um exército particular. Usando ex-oficiais do exército e numerosos elementos da polícia licenciados, tratou de preparar os Cavaleiros em técnicas de desordem. Embora estivesse pisando em

terreno legal perigoso, as autoridades vacilavam e fechavam os olhos. Dentro de alguns meses, fora criado um grupo destinado a explorar situações locais, promover desordens e perturbar certas reuniões de pregadores dissidentes, desde que não havia outro evangelho além do verdadeiro evangelho pregado por Oliver Cromwell MacIvor.

Novas igrejas presbiterianas universais surgiram quase da noite para o dia em Armagh, Lisburn, Carrickfergus, Coleraine, Bangor e Lurgan.

Essas igrejas eram guarnecidas por um clero que fazia um curso intensivo de quatro meses na escola teológica de MacIvor que, com o título de Moderador, o ordenava.

No início de 1907, houve distúrbios

instigados pelos Cavaleiros de Cristo na zona católica de Downpatrick, em vista da contratação de três professores católicos para uma nova escola pública. Tendo dado o resultado esperado, o incidente serviu de aviso para coisas mais importantes que ocorreriam em Belfast e Derry no decurso do ano.

Com suas tropas a postos e as suas instituições espalhadas por toda a província, Oliver Cromwell MacIvor desferiu o seu golpe. Dirigiu-se para Londres a fim de ter a maior publicidade possível, convocou a imprensa para uma entrevista coletiva e anunciou a formação do Partido Legalista.

“Temos seguido a velha ordem obedientemente e temos sido levados por um caminho sedutor, mas perigoso. O

simples povo cristão do Ulster cujas vidas são mais afetadas pretende agora tomar as decisões que lhe interessam e ao futuro de sua província. O novo partido é um partido do povo. A era da subordinação à velha classe dirigente chegou ao fim”.

Revelou então o lema do Partido: “Nosso Crime Único é a Lealdade”.

O grande plano estava, pois, revelado. A Igreja Presbiteriana Universal de Oliver Cromwell MacIvor, os Cavaleiros de Cristo de Oliver Cromwell MacIvor, o Partido Legalista de Oliver Cromwell MacIvor, padre, filho e espírito santo... uma trindade ímpia.

O ano de 1907 chegou com inquietações. Muitas reformas se tinham verificado na terra e, com elas, houve um

período de relativo bem-estar. O

foco da pobreza estava arraigado nas cidades, que se achavam num estado de sórdida miséria. Só em Dublin, metade da população morava em casas de uma só peça para toda a família. Em metade desses casos, seis pessoas moravam nessas casas. A degradação humana era generalizada e pouco havia que pudesse ser feito por um investimento britânico para atenuar a situação, salvo nos condados leais de Antrim e Down.

Quando o movimento trabalhista começou a ser ouvido e a fazer incursões nos espíritos, a classe operária protestante do Ulster examinou a situação e descobriu que ela não era tão exaltada quanto parecia. O

operário protestante começou a

compreender que a sua classe fora usada.

Era uma situação que só podia ser corrigida mediante uma união com a classe operária católica.

Irromperam greves e, pela primeira vez na história sórdida de Belfast, houve diálogo entre operários católicos e protestantes.

Os círculos unionistas e orangistas contra-atacaram com plena força.

Oliver Cromwell MacIvor, que não tinha qualquer programa próprio salvo o de um abutre a alimentar-se de uma carcaça doente, sobrepujou a todos na batalha para manter a classe operária dividida. Roger Hubble demonstrou mais uma vez o acerto da sua predição de que o pregador continuaria a trabalhar inadvertidamente para eles.

Apesar da inquietação generalizada e dos crescentes problemas trabalhistas, Sir Frederick Wedd prosseguiu na sua tarefa de ser humanitário e benfeitor dentro de suas próprias condições. O seu projeto mais novo era dar à província um Museu Marítimo e Ferroviário do Ulster, que seria construído perto do estádio dos Boilermakers.

Depois da excursão, Conor Larkin fora designado para o reparo de locomotivas que deveriam figurar nas exposições permanentes do Museu.

Nesse intervalo, o Expresso da Mão Vermelha fizera mais duas viagens à Inglaterra para levar Lorde Roger para a reunião da Câmara dos Lordes e trazê-lo de novo para a Irlanda e, de outra vez, para uma viagem comercial de Sir

Frederick. Em ambas as ocasiões, O'Hurley levara o trem para a fundição de O'Sullivan e trouxera mais dois carregamentos de armas.

Como o contrabando de armas corria sem tropeços, Conor começou a pensar em meios de aumentar as cargas, escondendo mais fuzis nos vagões e na máquina, além do tênder. Havia inúmeras possibilidades de fazer paredes falsas, esconderijos no chão e até prender caixas aos truques das rodas.

Desde que o mais novo modelo da Mão Vermelha já saíra da fase dos projetos e ia entrar em linha de produção, Conor formalizou as suas ideias e dispôs-se a ter um entendimento com Duffy O'Hurley para introdução das modificações enquanto a locomotiva e o

tênder fossem construídos.

Fora um tempo terrivelmente longo e solitário, durante o qual não vira uma só vez Shelley MacLeod. Muitas noites rezara para que Dan Sweeney o transferisse de Belfast, mas bem sabia que isso era impossível enquanto durasse o contrabando das armas. Ansiava pelo dia em que Sweeney o mandasse organizar algumas pequenas unidades da Irmandade, pois ao menos teria uma relação de trabalho com homens que pensariam e falariam as mesmas coisas.

— É muito cedo para começar a organizar os grupos — dissera Sweeney. — A paciência é o elixir da revolução.

Conor perdera o seu gosto pelo teatro e pelas outras coisas que lhe haviam consumido outrora a insaciável

curiosidade. Uma vez fora deliberadamente a Dublin para fazer uma visita a Atty Fitzpatrick, mas isso pouco adiantara porque não conseguira livrar-se de Shelley MacLeod.

No começo, a ideia dos treinos da primavera do rúgbi lhe deu alguma satisfação. Ficaria ao ar livre, ao lado dos seus velhos companheiros de equipe e esquecendo algumas das suas frustrações. No primeiro dia em que entrou no campo, a realidade de trinta jogos renhidos pela frente começou a pesar-lhe. Tinha quase trinta e cinco anos. Ao fim da última temporada, sentira um pouco de dificuldade em levantar-se e levava mais de um dia para deixar de sentir dores no corpo.

No ano anterior, tinha havido o

alvoroço do amor de Shelley, a amizade com Robin e a exuberância juvenil de Jeremy Hubble. Tudo isso havia desaparecido.

Jeremy mantinha uma correspondência semanal com Conor, em que dava largas a toda a sua mocidade. Tinha passado nos exames de admissão do Trinity College, ganhara alguns quilos de peso e devia entrar para a equipe principal do Trinity. Sonhava em jogar na seleção nacional como seu avô, mas sabia que novas excursões com os Boilermakers seriam impossíveis.

Conor e Robin se cumprimentavam quando passavam um pelo outro nas oficinas, mas não trocavam palavra. No primeiro dia dos treinos da primavera, foi

Robin quem procurou Conor.

— Creio que devemos ter algumas palavras, Conor.

Foram então para um ponto atrás das arquibancadas.

— Sei que tudo isso é muito desagradável para nós dois — disse Robin. — Mas temos de viver em estreito contato durante seis meses e será bom para nós e para o time nos entendermos melhor.

— Penso da mesma forma — disse Conor.

— Era o que eu esperava do você.

— Como vão Lucy e Matt, seu pai e Nell?

— Vai tudo bem. Matt está muito crescido e sente muito a sua falta.

Para dizer a verdade, o mesmo

acontece comigo.

— Não sei o que foi que Shelley lhe disse, Robin, mas os nossos problemas nada têm que ver com a família.

— Ela não disse uma palavra sobre o caso, nem sobre qualquer coisa.

— Como vai ela, Robin?

— Mal.

— Sabe se ela voltou para o tal Kimberley?

Robin abanou a cabeça.

— Não. Escute, não sei o que foi que aconteceu, mas está sendo horrível para vocês dois.

— Certas coisas não podiam dar certo. Fomos errados em tentar o contrário.

— Será que foi porque... — murmurou Robin. — Não, não tenho nada com isso.

Escute, Conor, nada tenho de pessoal contra você, mas estive conversando com Derek e disse a ele que, em vista de certas circunstancias, não seria conveniente que fôssemos companheiros de quarto neste ano.

— Compreendo perfeitamente.

— Bem, vamos entrar e começar a ouvir os discursos.

O primeiro encontro da equipe sempre se realizava no salão particular de Sir Frederick, no alto do estádio. Entre os troféus de vitórias passadas, que representavam quase um tesouro de ouro e prata, a cerimônia anual transcorreu fácil e calma. Depois da apresentação dos novos jogadores, que tinham sido aprovados depois de quase desancados, houve uma extensa referência à história do

clube e tudo foi dito sem a menor reserva. Em seguida, o treinador disse que o time tinha todas as condições para ganhar o campeonato naquele ano e seu assistente declarou que os aspirantes nunca tinham sido tão bons quanto naquele ano. Parecia que os três, Weed, Crawford e O'Brien, se haviam transformado em bons irlandeses, pois só contavam vantagens. Sir Frederick deixou o melhor para o fim e prometeu uma excursão pela Austrália, se o time levantasse o campeonato.

Quando passaram para o salão dos jogadores, encontraram Duffy O'Hurley a beber Guinness no bar. Conor não o via havia várias semanas, desde que começara a elaborar os seus planos para a expansão do contrabando de armas.

— Ah! Parece que o time está muito

bom este ano — disse Duffy. — Olhe lá, Doxie, para ganhar o campeonato, não podemos perder tanto no início quanto no ano passado.

— Fique descansado — disse Conor.

— Estou ansioso por conhecer a Austrália. Como vou correr com minha máquina por aquelas planícies!

— Espero não estar a bordo, Duffy — disse Conor. — Escute, sabe que há muito tempo não nos vemos?

— Quase não tenho parado. Há quinze dias, não tenho passado nem uma noite em Belfast.

— Quer jantar comigo esta noite e depois tomar algumas cervejas?

— Ótimo, Conor. Está combinado.

Duffy O'Hurley estava hospedado no Hotel Balmoral, no que era considerado

um bairro misto. Duffy era um homem que vivia acima de distinções sectárias. O hotel ficava perto da casa de sua irmã e de seu cunhado, Calhoun Hanly, e de seu melhor amigo, Doxie O'Brien.

Conor ficou inquieto no momento em que Duffy lhe abriu a porta do apartamento. Os olhos do maquinista mostravam que ele já havia bebido muito, embora fosse ainda sete horas da noite. Havia uma garrafa quase vazia em cima da mesa e o seu nervosismo era evidente.

— Há muito que quero falar com você, Conor, mas Sir Frederick não me tem dado descanso. Vive em constante contato com o Castelo, aflito com as greves.

— Que é que você quer-me dizer, Duffy?

— Em primeiro lugar, não quero que ninguém da Irmandade fique zangado comigo. Tenho feito tudo o que me pediram. Mas estive conversando com Calhoun e achamos que, com o novo trem e uma nova excursão em projeto, essa coisa que estamos fazendo tem de parar. Um ano disso chega e sobra.

— Houve alguma coisa?

— Não houve nada. Só o que eu lhe estou dizendo.

— A ocasião não é boa para parar. O plano vem correndo sem obstáculos e nós ainda temos uma porção de armas para transportar.

— Do jeito que as coisas vão indo, precisaremos de dez anos mais ou menos para transportar tudo.

— Está precisando de mais dinheiro?

— Não é isso. Todo o dinheiro que recebo gasto em bebida e em jogo.

O ruim é a tensão em que vivo. Passo dias e noites pensando em pretextos para levar o trem para um lado e para outro. Às vezes, quando eu penso que tudo está certo, aparecem dois ou três diretores. Outra coisa que não aguento mais é levar o trem para a fundição de O'Sullivan. Pior ainda é andar para baixo e para cima na Irlanda com aquelas armas no tênder da minha máquina. Fique sabendo que tudo isso está acabando comigo.

— Tem que aguentar mais algum tempo, Duffy. Tenho planos para aumentar o número de cada carregamento para cerca de mil fuzis.

— Nunca! Eu tinha ideia de que você queria mexer nos vagões e disse isso

mesmo a Calhoun. Não! Quero parar com isso antes que o novo trem esteja pronto! E, se você tem qualquer ideia de modificar os vagões nas oficinas, tire isso da cabeça. Será o mesmo que botar a corda em nosso pescoço!

Duffy tomava um trago de vez em quando. Conor chegou à conclusão de que nunca vira um homem em tal estado de nervosismo. Seria um erro exercer no momento qualquer pressão sobre ele. Naquele estado de espírito e com o seu temperamento, seria capaz de perder toda a calma e contar tudo.

Conor serviu-se de um pouco de uísque, enquanto observava o maquinista, tomado de verdadeiro terror. Conor bebeu o uísque e levantou-se.

— Bem, tenho de conversar isso com

algumas pessoas.

— Pelo amor de Deus, não pense que eu vou fazer seja lá o que for contra a Irmandade. Depois que aquelas caixas saírem do tênder, guardarei segredo absoluto de tudo. Tem que dizer isso a eles.

— Acalme-se, homem, acalme-se.

Duffy deixou-se cair numa poltrona e respirou fundo, livre já da angústia que lhe pesava sobre a consciência, pois dissera tudo.

— Quero saber é de uma coisa com certeza e não me venha com rodeios — disse Conor.

Duffy levantou o olhos, de novo cheios de medo.

— Alguém mais sabe disso, além de você e Calhoun Hanly?

Nesse instante, Duffy revelou tudo com a sua hesitação. Desviou os olhos de Conor e procurou controlar-se.

— Não.

— Nem mesmo sua irmã?

— Por que está perguntando isso?

— Porque você está com tanto medo que dá para beber e, quando você bebe, solta a língua. Doxie O'Brien é seu melhor amigo e você conversa muito com ele. Doxie sabe?

— Juro pela alma de minha mãe que não sabe.

— Espero que isso seja verdade, tanto para seu bem quanto para o bem de Doxie.

— Tem de acreditar no que eu lhe estou dizendo, Conor.

— Não tenho certeza. Daqui a alguns dias, voltarei a procurá-lo.

Oliver Cromwell MacIvor continuava a aumentar as paradas e a demonstrar a sua audácia e o seu franco desdém pelos seus antigos senhores. Se havia um ponto central no seu ódio, este poderia ser encontrado no fato de que a aristocracia o detestava, não o aceitava como um igual e não lhe dispensava o respeito pelo qual ele ansiava. MacIvor pretendia fazer os nobres pagarem caro por esse constante desdém.

Houve necessidade de uma decisão quando se convocou uma eleição suplementar para preencher uma vaga aberta no Conselho de Belfast, uma cadeira do distrito do Shankill que fora ocupada por um dedicado unionista de Weed, até que a sua morte abriu a vaga.

A primeira ideia de MacIvor foi candidatar-se à cadeira do Conselho, mas logo percebeu que o jogo era muito arriscado. Se perdesse, o golpe seria irrecuperável para o seu incipiente Partido Legalista. Escolheu por isso o único homem entre os seus adeptos que tinha alguma posição, estava um pouco acima das massas e seria uma resposta à altura ao esnobismo da aristocracia.

Esse primeiro representante do Partido Legalista seria o Tenente-Coronel Howard Huntly Harrison, oficial do Exército reformado e comandante titular das tropas de MacIvor. HHH, como todos lhe chamavam, era um homem amargo que nunca deixava de falar sobre as preterições de que fora vítima no exército e na designação para a lista de nobres da

Coroa. Exercia a sua vingança, brincando de soldado à frente das tropas de MacIvor.

A eleição suplementar para o distrito do Shankill tornou-se um dos focos da luta. MacIvor sentiu que a posição de Weed passara a ser vulnerável quando uma greve geral sacudiu Belfast, ultrapassando as barreiras sectárias, pois os operários católicos e protestantes uniram-se no movimento. O Brigadeiro Swan tinha muito que fazer naquele tempo com os problemas trabalhistas e, para que as coisas fossem mais difíceis para ele, a gente de MacIvor fazia abertamente campanha em favor de HHH

nas oficinas. Desde que não havia qualquer restrição, os Cavaleiros de Cristo promoviam reuniões com preces na

hora do almoço dentro das oficinas, usando processos de intimidação para conseguir a presença dos operários. A tática era simples. Que caminho mais fácil poderia haver para desafiar Weed e desmoralizá-lo dentro dos seus próprios domínios? As turmas especiais de espiões de Swan passaram a ter a missão adicional de acompanhar de perto as atividades de MacIvor.

A época dos desfiles se aproximava e os tambores Lambeg foram preparados nas lojas de Orange de toda a província, ao mesmo tempo que milhões de bandeiras surgiam como uma erupção de flores silvestres. As oficinas de Weed eram quase uma bomba prestes a explodir.

— O'Hurley está ficando com medo

— disse Conor. — É um homem pouco inteligente e o foguista dele é mais bronco ainda. Não tenho provas, mas creio que já contaram tudo a Doxie O'Brien.

Long Dan Sweeney tinha passado a vida a ver as paredes desabarem em torno dele, mas nunca pudera ser indiferente a isso.

— É natural — murmurou ele. — Agora, não posso ver outro caminho senão encerrarmos a operação.

— Ainda não — disse Conor. — Devemos insistir mais um pouco. Já fiz todos os planos. Se o trem continuar nas oficinas mais algumas semanas, sei que posso fazer as conversões. Weed vai fazer ainda uma viagem à Inglaterra antes de vender a velha máquina. Em troca de desligarmos O'Hurley e Hanly de todos

os compromissos, podemos obrigá-los a transportar uma última carga.

— Quantos fuzis?

— Certamente mil. Talvez mais.

— Que é que eu posso dizer, Conor? Você sabe o que isso significa para nós e está também a par dos riscos.

— Acho que devemos tentar. O trato será esse. Mais uma viagem com mil armas e a operação estará encerrada.

Dan tamborilou com os dedos na mesa.

— Não estou fugindo das responsabilidades, mas a decisão neste caso terá de ser exclusivamente sua.

— Combinado! — Disse Conor.

— Outra coisa. Quero que você deixe as oficinas de Weed logo que fizer as conversões. Há coisas mais importantes

para você fazer do que ficar jogando rúgbi.

— Para dizer a verdade, nada me agradará mais. Aquilo ali está ficando intolerável com preces, vigílias, boatos.

— Belfast é sempre Belfast — disse Dan, rindo.

O plano final de Conor abrangia mais duas caixas de bronze no tanque de água e uma no depósito de carvão, duas menores na máquina e uma série de chapas de aço na parte inferior dos vagões, criando uma série de fundos falsos. O objetivo era o transporte de mil fuzis.

— É isso, rapazes — disse Conor, falando a Duffy O'Hurley e a Calhoun Hanly. — Não quero conversas sobre o caso, a não ser que deparemos com dificuldades técnicas. Do contrário, vocês

transportam as armas ou enfrentam as consequências.

O foguista fez um gesto de aquiescência.

— Duffy?

— Mas, escute, você jura que será o último transporte, jura mesmo?

— Dou-lhe minha palavra.

— Então está bem.

— Vamos fazer todas as conversões que pudermos nas oficinas. O resto será feito em Liverpool.

Conor levantou-se e jogou em cima da mesa um grande maço de dinheiro.

— Pronto! Aí está metade do que vocês vão ganhar. Esse adiantamento é uma prova de boa fé. A Irmandade cumpre o que diz em todos os casos. Entenderam bem? Em todos os casos.

## 6

Quatro de julho, Dia da Independência dos Estados Unidos. Do mesmo modo que os homens do Ulster se comparavam com os antigos hebreus que haviam chegado à Terra Prometida do Ulster, identificavam-se com a mesma convicção com a emigração de escoceses e irlandeses para os Estados Unidos.

Além disso, qualquer oportunidade de fazer tocar as bandas era aproveitada. A época dos desfiles se aproximava rapidamente. As oficinas Weed estavam repletas do vermelho, do branco e do azul das Union Jacks e de toda uma coleção de faixas com *slogans* orangistas.

Era também tempo de boatos. Estes

fluíam das línguas soltas, pontilhados pelo ronco dos tambores. Falava-se de uma traição do Parlamento Britânico, de planos papistas, de uma conspiração dos católicos para conseguir a igualdade na Irlanda por meio de greves e de uma crise iminente.

Estava marcada para o meio-dia a reunião anual ao lado do dique seco Big Mabel. As bandas orangistas tocariam e haveria discursos em comemoração à data. Desde que as eleições suplementares estavam próximas, o Partido Legalista exigiu que o Tenente-Coronel Howard Huntly Harrison pudesse falar aos operários, em pé de igualdade com o candidato unionista já designado para essa missão. Quando o pedido foi recusado, houve rumores de que os

Cavaleiros de Cristo iam promover desordens.

Conor dividia o tempo entre os reparos nas locomotivas e os trabalhos de restauração no Museu Marítimo e Ferroviário, em andamento numa das extremidades das oficinas. Naquele dia, estava ocupado na montagem de uma velha locomotiva produzida em 1850. Perto do meio-dia, ele se viu sozinho, pois todos os outros tinham ido assistir às comemorações perto do Big Mabel. Ergueu os olhos das peças espalhadas da locomotiva e viu Robin MacLeod entrar ofegante, como se tivesse corrido.

— Alo — disse ele com alguma curiosidade.

Quando percebeu a expressão preocupada de Robin, a primeira ideia

que lhe ocorreu foi que havia acontecido alguma coisa a Shelley.

Robin olhou em torno para ver se não havia mais ninguém capaz de escutá-lo e disse: — Tenho de lhe dizer uma coisa. Procurei você por todos os cantos...

— Que é que há?

— Não faça perguntas, mas não volte às oficinas.

Podia ouvir-se o som das bandas a quase meio quilômetro de distância do Big Mabel. Conor compreendeu imediatamente. Desordens!

Quase todos os duzentos católicos das oficinas, inclusive os que jogavam nos Boilermakers, trabalhavam na usina de cobre perto das oficinas das locomotivas. Por alguma estranha razão, o trabalho com o cobre era uma das raras técnicas que

não tinha sido importada da Escócia. Sempre que havia problemas nas oficinas, a usina de cobre era o primeiro ponto atacado. Conor então se lembrou. Duffy O'Hurley e Calhoun Hanly estavam naquele dia trabalhando nas oficinas das locomotivas!

— Acha que vai haver desordens?

— Não me faça perguntas. Vá saindo!

— Os tais Cavaleiros de MacIvor...

— Escute, você tem de sair daqui!

— Tem certeza?

— Tenho, sim. Morgan ouviu tudo na igreja.

— Que igreja!... Já avisou os outros rapazes?

— Não posso, Conor. Pouco me interessa o que me possa acontecer, mas podem descobrir que foi Morgan quem me

contou e Morgan estará perdido!

— São seus companheiros!

— Não posso escolher entre eles e meu pai. Os rapazes do clube que se arranjam. Mas... não podia deixar de vir avisar você.

— Saia da minha frente — disse Conor.

— Não vou deixar você voltar lá. Não me importo com os outros, mas você é como um irmão para mim, Conor.

— Irmão coisa nenhuma! Tinha vontade de vomitar todas as vezes que ia à sua casa e via aquelas bandeiras de Orange penduradas por todos os cantos! Deixe-me passar!

Robin recuou um pouco e disse com a mão espalmada no peito de Conor.

— Não vou deixar você passar.

Quando Conor tentou empurrá-lo para o lado, Robin deu-lhe dois socos no rosto, mas estes não fizeram efeito e não detiveram o ímpeto de Conor. Com suas mãos fortes, Conor agarrou Robin e atirou-o ao chão como se fosse um saco. Quando ele ia passando, Robin atirou-se aos seus joelhos e derrubou-o no melhor estilo do rúgbi. Os dois rolaram pelo chão, engalfinhados.

Conor foi o primeiro a conseguir levantar-se. Tornaram a enfrentar-se e Robin recuou ante uma saraivada de socos. Deu alguns passos incertos, meio atordoado. Conor deu-lhe uma vigorosa gravata até vê-lo rolar os olhos e desmaiar. Soltou-o e ele rolou pelo chão.

Depois de abrir a porta, Conor resolveu atravessar em diagonal o campo,

tomar a estrada do canal e passar pela ponte para o lado da usina siderúrgica.

Mas Robin MacLeod conseguiu levantar-se e alcançá-lo. Começou a bater-lhe na base do pescoço. Conor voltou-se e, quando Robin tomava impulso para mais um ataque, acertou-lhe um golpe no queixo, seguido de um soco devastador no estômago. Quando Robin caiu de joelhos, Conor deu-lhe um pontapé e desfechou o soco que o deixou inconsciente.

O apito do meio-dia tocou!

Correu pelo gramado e mal viu as arquibancadas. Desceu ao lado do Canal do Rei Guilherme até chegar à ponte. Subiu os degraus e parou um instante no meio da ponte.

— Meu Deus!

Várias centenas de homens congregados numa turba enfurecida se moviam em sua direção, brandindo paus com pregos, barras de ferro, chaves inglesas e rebites. Conor correu pela ponte, desceu a escada e se encaminhou para as oficinas, entre as quais ficava a usina de cobre.

— Motim! — gritou ele. — Os católicos devem sair pelo portão do leste! Motim! Motim! Fugam, católicos!

Enquanto quase todo o pessoal corria para a porta dos fundos a fim de fugir, Conor voltou para a entrada e viu a turba que atravessava a ponte. Olhou para trás. Os homens estavam fugindo, mas tinham de andar depressa.

“Oficina das locomotivas”! pensou ele.

Correu encostado aos prédios e chegou a um terreno aberto, à beira do qual se preparou para uma carreira, ao mesmo tempo que os homens amotinados chegavam à usina de cobre.

— Cães papistas!

— Morte aos papistas!

— Vamos matar todos!

— O Papa que vá para o inferno!

— Traidores!

Conor começou a correr.

— Lá está um!

Passando por entre as locomotivas com a rapidez que lhe assegurava o seu conhecimento do local, Conor encontrou Duffy e Calhoun calmamente sentados na sala do contramestre, ignorantes da confusão que havia do lado de fora. Agarrou-os e levou-os para fora da sala.

— Está louco?

— Está havendo um motim nas oficinas!

— Jesus!

Conor procurou desesperadamente um caminho para a fuga e não encontrou. Do lado de fora, as imagens confusas dos amotinados apareciam junto às vidraças, cercando o prédio.

— Subam para a máquina, depressa!

— ordenou Conor. — Escondam-se dentro da caldeira!

— Venha conosco.

— Não! Eles sabem que eu estou aqui. Arrebentarão tudo até me encontrarem e descobrirão vocês também. Vão logo!

Enquanto os dois se acomodavam na segurança relativa do seu esconderijo, Conor respirou fundo algumas vezes e, em

seguida, encaminhou-se para a porta principal das oficinas no momento em que a mesma era arrombada. Vendo-o calmo e desarmado, a turba parou.

Vessey Bain, um homem que odiava os católicos alucinadamente e era um dos mais destacados Cavaleiros dentro das oficinas, estava furioso mas, ainda assim, sabia que um ataque a Larkin poderia ter consequências desagradáveis.

— Saia da frente, Larkin! — gritou ele. — Há católicos aqui e nós queremos pegá-los!

Conor não se afastou um centímetro de onde estava.

Papista miserável! Fique sabendo que não tem privilégios aqui dentro!

— Lambe as botas de Weed esse patife!

— Vamos acabar com ele!

Antes que Vessey pudesse tomar uma decisão, meia dúzia de rebites foram lançados contra Conor. Um deles o atingiu numa das têmporas e Conor perdeu os sentidos.

Recuperou a consciência depois que lhe jogaram em cima um balde de água. Estava amarrado com os braços abertos à roda de uma locomotiva.

Frustrados por não terem encontrado católicos graças ao alarma de Larkin, os desordeiros queriam descarregar nele toda a sua fúria. Vessey Bain cuspiu-lhe no rosto e deu-lhe alguns pontapés nas pernas, gritando e quase sufocado de raiva. Os outros gritavam para que ele o matasse, mas o instinto de conservação falou mais alto no espírito de Bain.

— Matá-lo será bom demais para ele — resmungou. — Vamos dar uma oportunidade a Joey Hooker!

Hooker tinha sido um pugilista razoável até que um nocaute em circunstâncias especiais o deixara meio fora do juízo. Sir Frederick lhe dera um emprego de pena dele. Vessey Bain o tinha arrolado como um dos Cavaleiros de Cristo, confiante na força do seu soco.

O homem sorria imbecilmente ao ver aquele camarada amarrado diante dele. Deu um direto no rosto de Conor, logo seguido de um *jab* no estômago.

Joey Hooker resfolegava do esforço que lhe custava cada soco.

Sentiu os aplausos da multidão enquanto dominava o adversário no ringue. Estava mais certo do que nunca de

que ia vencer o campeonato dos pesos-médios do Ulster. Mais um soco... e a casa pareceu vir abaixo... mais um soco... um soco...

Calhoun Hanly encostou Conor à parede, enquanto Duffy OsHurley lhe rebuscava os bolsos. Encontrou afinal a chave. Quando a porta se abriu, Conor tentou entrar sozinho. Atravessou o vestíbulo cambaleando, mas caiu no pé da escada.

Os dois homens levantaram-no, passaram os braços de Conor pelos ombros deles e subiram com ele a escada. A cada movimento, ele se contorcia em dores. Conseguiram com muito esforço chegar com ele ao patamar. Quando Duffy se voltou para abrir a porta do apartamento, Conor caiu de joelhos. Agarrou-se então à balaustrada da escada

e conseguiu levantar-se. Arrastou-se para dentro do apartamento, caiu de novo e rastejou até à cama, onde se deixou cair, jogando as cobertas no chão.

Calhoun riscou um fósforo e acendeu o bico de gás. Os dois homens foram ajudar Conor.

Shelley entrou no apartamento e foi para onde ele estava. Os olhos dela estavam apertados, o rosto se mostrava muito pálido e ela franzia a boca num esforço para conter as lágrimas e a náusea.

— Levantem um pouco o corpo dele para que eu possa tirar-lhe a roupa — disse ela.

Hanly tirou a camisa e as calças de Conor. O corpo estava todo cheio de equimoses e contusões das coxas até aos

ombros.

Ela escondeu o rosto entre as mãos e Duffy teve de segurar-lhe os ombros para que ela não caísse.

— Como está ele?

— Bem massacrado. Levou pontos por dentro da boca, está com algumas costelas quebradas e tem algumas pequenas fraturas no rosto. O

médico fez uma radiografia do crânio e graças a Deus não há fraturas.

— Por que não o deixaram no hospital?

— A multidão ainda anda por aí e poderia entrar no hospital. Houve um instante em que ele voltou a si e disse que queria sair de lá. Telefonei para alguém em Dublin a pedido dele. Vêm aí alguns homens armados para tomar conta dele...

Não me pergunta mais nada.

— Vou cuidar dele.

— Está bem, moça.

Duffy abriu um embrulho de remédios em que havia algumas doses de morfina e uma seringa de injeção. Seguindo as instruções do médico, acomodaram-no na cama e deram-lhe uma injeção.

— Obrigada por tudo — disse Shelley.

— Não tem nada que agradecer. Se não fosse ele, eu poderia estar morto a estas horas. Cuide bem dele, sim?

— Fique descansado.

Shelley trancou a porta depois que eles saíram, foi prontamente ao lugar que ele havia arrumado debaixo da pia, pegou a pistola dele e se sentou ao lado da cama para velá-lo, com a pistola no colo.

Vinte horas depois, a exausta Shelley deixou entrar alguma luz no quarto. Abriu as cortinas e olhou para o passeio, onde dois homens estavam encostados à parede, com as mãos nos bolsos. Um deles chamou a atenção do outro. O primeiro levou a mão ao boné, olhando para ela, como para dizer-lhe que o lugar estava bem guardado.

Conor abriu os olhos, tentou mover-se e gemeu, sentindo dor.

Procurou então pensar no que havia acontecido e recordar os fatos.

Levantou lentamente a mão e levou-a às bandagens nas orelhas e na cabeça. A dor que sentia tornava qualquer movimento quase impossível e até respirar era uma dificuldade.

— Shelley...

— Estou aqui.

— Shelley...

— Procure não falar, meu amor. Você passou por uma provação terrível. O médico já esteve aqui. Disse que outra qualquer pessoa poderia ter morrido. No mínimo, ficaria aleijada. Levará algumas semanas para levantar-se e alguns meses para deixar de sentir dores, mas vai ficar inteiramente restabelecido.

— Água.

Ela o ajudou a levantar metade do corpo e metade da água lhe escorreu pelo queixo e pelo pescoço.

— Robin foi correndo até lá em casa, depois correu à casa de Blanche e disse que você tinha sido colhido pelo motim. Vim para cá e fiquei esperando. Os dois homens do trem o trouxeram. Conor...

nunca mais vou deixar você.

Quando ela tornou a deitá-lo, as lágrimas correram dos cantos dos olhos de Conor.

— Que é isso? O jeito que nós nos encontramos não foi bom. Prefiro morrer a tornar a passar nove meses como os que passei.

O choro dele a fez chorar também.

— Não adianta me botar para fora, porque todas as vezes que fizer isso, eu voltarei. Pouco importa o que você está fazendo. Para mim, não faz diferença de espécie alguma. Do mundo não quero nada. Da vida, só quero o tempo, qualquer que ele seja, que possamos passar juntos. Não quero mais nada.

— Vou arruinar a sua vida, Shelley...

— Já arruinou... Ficar separada de

você é a maior ruína que eu posso aguentar. Escute o que eu vou lhe dizer. E só vou dizer porque tenho absoluta certeza. Quando você sair por aquela porta, nunca lhe perguntarei para onde vai, nem o que pretende fazer. Nunca lhe pedirei um minuto de seu tempo que você não possa livremente me dar. Mas, depois que o seu trabalho do dia estiver feito e você procurar uma cama para dormir, é nessa cama que eu estarei de hoje em diante...

## 8

A reação de Frederick Murdoch Weed e do Brigadeiro Maxwell Swan ao motim foi surpreendentemente rápida! A turba se reuniu no Canal do Rei Guilherme na manhã seguinte e as lutas começaram quando os católicos chegaram para trabalhar. Não se tendo contentado com os resultados do primeiro dia, os Cavaleiros de Cristo queriam mais. Um católico foi morto e outro ficou gravemente ferido.

As turmas especiais de Swan identificaram os cabeças do movimento e durante o dia vários mandados de prisão foram expedidos. Naquela noite, Vessey Bain, Joey Hooker e mais vinte Cavaleiros foram capturados, indiciados e

presos na cadeia de Crumlin Road sem direito a fiança, acusados de incitação à desordem, prejuízos materiais nas oficinas e morte de um operário católico.

Os outros operários foram avisados de que estavam sob suspeita e assim ficaram até que a inocência deles pudesse ser provada. Foram proibidas preces e reuniões dos Cavaleiros de Cristo dentro das oficinas, sob pena de demissão sumária.

O Reverendo MacIvor, que estava em Cookstown, voltou imediatamente para Belfast. Anunciou sem demora um comício de protesto nas escadarias da Prefeitura. Chamou o Tenente-Coronel Harrison e os diretores principais dos Cavaleiros de Cristo para traçarem os planos, que deviam abranger uma marcha,

depois do comício, até à prisão de Crumlin Road.

O comício foi interrompido pela súbita presença de um representante do Procurador-Geral, que informou que a licença requerida para o comício fora negada e que, portanto, a reunião era ilegal e capaz de acarretar graves consequências, se a ordem fosse desobedecida.

Quando as linhas de batalha começavam a organizar-se, chegou ao conhecimento de MacIvor que os quartéis do exército em Hollywood, Lisburn e Bainbridge estavam de prontidão e que contingentes da polícia tinham sido convocados para marchar sobre Belfast, caso MacIvor pretendesse desrespeitar a proibição.

Antes disso, formalidades como licenças para a realização de comícios não eram levadas muito a sério nem pelos que as requeriam, nem pelos que as concediam. Os motins tinham sido anticatólicos e eram considerados uma ação legítima destinada a atenuar as tensões e os receios dos operários protestantes. Se um deles fosse particularmente severo, nomeava-se uma comissão de inquérito que em geral condenava o procedimento, mas não culpava ninguém.

Dessa vez, o motim fora perpetrado contra Frederick Murdoch Weed e a marcha seria dirigida contra uma instituição penal da Coroa. Isso alterava as regras do jogo. Oliver Cromweil MacIvor poderia ter atraído a atenção das

massas populares, mas a sociedade Weed-Hubble tinha, havia algumas gerações, estreitas relações com o Castelo de Dublin, havendo amizades pessoais entre a mesma e os comandantes militares, bem como uma aliança comprovada com o sistema judiciário e legal.

Nas horas seguintes MacIvor e seus homens tiveram de pesar as diferenças entre aterrorizar um enclave católico quase indefeso e atacar a Coroa. MacIvor recuou do confronto, citando as revelações divinas como a sua razão para evitar maior derramamento de sangue.

O tempo dos desfiles era tradicionalmente uma época de atividades retardadas nas Oficinas Weed. Muitos dos operários queriam folgas de meados de julho a meados de agosto, a fim de

poderem participar da pletora de atividades orangistas. Chegava-se ao auge no glorioso dia Doze de Julho com uma concentração de lojas e bandas de toda a Irlanda, o desfile pelas ruas de Belfast e a reunião no Campo de Finaghy. Havia no dia seguinte outra imensa reunião no Castelo de Scarva, para a reconstituição anual da Batalha do Boyne. Os pés orangistas ficavam em movimento durante todo um mês e tudo culminava com o Dia dos Aprendizes em Londonderry.

Durante essa época do ano, era cada vez mais popular conceder férias aos operários. As agências de turismo, instituição que vinha funcionando na Inglaterra havia alguns decênios, estavam expandindo os seus negócios no Ulster e ofereciam excursões a preços especiais

pela Inglaterra e pelo Sul da Irlanda.

Para atender a tudo isso, a força de trabalho funcionava em rodízio e metade folgava, enquanto a outra metade trabalhava. Naquele ano, houve a espantosa notícia de que, a partir de 10 de julho, as Oficinas Weed fechariam completamente as suas portas e assim permaneceriam até nova ordem. Com essa providência, Sir Frederick tinha ido diretamente no âmago da situação. Por mais velado que isso fosse, tratava-se de um *lock-out* econômico, sendo a culpa da sua provocação apontada diretamente para Oliver Cromwell MacIvor.

A 8 de julho, dois dias antes do marcado para o fechamento das Oficinas, toda Belfast foi acordada às três horas da madrugada pela explosão de uma bomba

no Shankill que despedaçou vidraças num raio de um quilômetro e fez surgir uma claridade ofuscante dentro da noite.

Quando a poeira assentou, todos viram que o Centro Missionário Teológico Presbiteriano Universal e as instalações editoriais vizinhas não existiam mais.

Embora a bomba fosse atribuída a agitadores trabalhistas, a sediciosos e papistas, a maioria pensava de outra forma. A breve guerra pareceu então convergir para um único ponto, as próximas eleições suplementares para a cadeira vaga do distrito do Shankill. Se o Tenente-Coronel Howard Huntly vencesse, isso marcaria o sucesso de um candidato populista e uma advertência de que uma nova ordem pretendia firmar-se a

despeito das severas medidas de repressão da ordem estabelecida.

É claro que o candidato unionista de Weed predominou e o longo sonho de MacIvor sofreu um pesado contratempo.

A confortável casa de Doxie O'Brien era situada perto da Universidade e do Jardim Botânico, numa bela zona de Belfast, onde os católicos ricos eram aceitos. A proximidade da universidade dava ao bairro um toque de liberalismo e de afastamento do sectarismo que dominava o resto de Belfast. Os professores, advogados e médicos católicos que moravam ali tinham, como Doxie O'Brien, a convicção de que pertenciam a um grupo de elite.

O melhor amigo de Doxie, Duffy O'Hurley, residia como Calhoun Hanly a

algumas quadras de distância. Era um bom lugar para criar os filhos.

Um mês depois do motim das Oficinas, Conor pôde levantar-se. As costelas ainda estavam cheias de bandagens, mas os outros ferimentos já estavam dentro de limites suportáveis.

Doxie ficou muito satisfeito enquanto mostrava a casa a Conor e o apresentava a seus inúmeros filhos, um dos quais tinha o nome de Frederick ao passo que uma menina era chamada Victoria, em honra da falecida rainha. Foram sentar-se no escritório de Doxie, cheio de fotografias, e uma garrafa de uísque foi aberta, não sem que antes Doxie lhe elogiasse a qualidade, como fizera com tudo mais na casa, dos filhos aos móveis.

— Que é que há, Doxie?

— Como você sabe, embora as Oficinas estejam fechadas, Sir Frederick continua a pagar o salário de todos os jogadores do clube, e a maioria está calmamente trabalhando em Ratweed Hall.

— Ouvi dizer.

— Derek e eu fomos informados confidencialmente de que ele pretende realizar a excursão este ano. Seria uma pena cancelá-la. Acho que temos uma boa chance no campeonato deste ano. O que eu lhe quero dizer é que tomei a liberdade de consultar o médico e ele é de opinião que dentro de seis semanas você estará em condições de jogar de novo.

Conor não fez qualquer comentário. Doxie tinha sido um bom jogador e era um técnico excelente, mas não era muito hábil

em dissimular as suas intenções. O treinador tomou mais alguns goles de uísque e deu alguns passos pela sala, visivelmente preocupado.

— Como talvez saiba, nenhum dos jogadores católicos se apresentou até agora para treinar.

Era isso então. Conor não sabia por que Sir Frederick tinha escolhido Doxie como emissário. Tinha um bom relacionamento pessoal com Sir Frederick. A única razão possível era a questão católica e ele a poderia discutir melhor com Weed do que com Doxie. Conor pensou então no que já sabia. Os ingleses não conheciam nada sobre os irlandeses, embora estivessem havia séculos em contato com eles.

— Não é de admirar que eles não se

tenham apresentado — disse Conor. — Estão todos arriscados a acabar como eu acabei.

— Sem dúvida — disse Doxie. — De qualquer maneira, falei pessoalmente com eles. Você sabe, somos todos da mesma religião e Sir Frederick me confiou a responsabilidade de reunir de novo a família, por assim dizer. Ele está muito interessado nisso e eu então nem se fala. Não podemos esquecer a excursão pela Austrália.

O silêncio de Conor começou a aborrecer Doxie.

— Bem, a coisa é esta, Conor. Se você reunir os jogadores católicos e falar com eles, dando a sua palavra, eles voltarão. Sir Frederick me pediu que lhe dissesse que você continuará no time,

embora não possa jogar.

— Vou pensar — disse Conor, levantando-se e demonstrando a sua disposição de ir-se embora.

— Conor, você está agindo de maneira muito esquisita — disse Doxie desesperadamente, pois precisava de uma resposta. — Afinal de contas, você deve alguma lealdade a Sir Frederick!

— Por quê?

— Ora essa! Ele não mandou Vessey Bain e Hooker para a cadeia? E a irmã de Robin não teve duas semanas de férias em Bantry Bay? E toda a família, Jeremy, e a própria Lady Caroline, não lhe pediram pessoalmente desculpas? Onde está o seu senso de lealdade, rapaz?

— Um dia depois que me atacaram, os protestantes voltaram e mataram Nappy

Flynn. Ficou tão desfigurado que a mulher e os oito filhos não puderam reconhecê-lo. E Dick Talbot, depois de ter trabalhado vinte anos nas Oficinas, terá de passar o resto da vida numa cadeira de rodas.

Nem uma só libra de ajuda saiu dos bolsos de Sir Frederick!

— Espere aí! Sir Frederick não pode sustentar todas as viúvas e todos os aleijados de Belfast! Isso criaria um precedente muito perigoso. Cada qual tem de cuidar de si mesmo, nem mais, nem menos!

— Claro! Ele só é generoso para os que vivem a adulá-lo. E tire da cabeça a ideia de que ele mandou Hooker e Bain para a cadeia por minha causa. As contas entre Larkin e Weed estão certas. Dei-lhe

algum serviço em troca do dinheiro que me pagou e a lealdade não entra em nada disso.

Doxie torceu as mãos. O que não podia dizer era que tinha de fazer a excursão pela Austrália. Weed e Crawford tinham-lhe prometido colocá-lo como treinador do novo time de Sydney. Não podia deixar de reunir os jogadores católicos.

— Você está inteiramente errado, Conor. É essa agitação dos radicais e anarquistas que faz os protestantes perderem a cabeça e se amotinarem.

Weed construiu os seus estaleiros com as próprias mãos.

— Claro, Doxie. É bom que alguns católicos compreendam isso tão bem quanto você.

Doxie ficou vermelho e então começou a gaguejar.

— Você pode censurar a minha lealdade. Eu era um miserável irlandês com um pé na sarjeta e o outro na sepultura quando ele e Derek me ajudaram. Tem toda a razão quanto à minha lealdade e eu queria que os outros católicos do time a quem ele trata tão bem tivessem a mesma consideração por ele. Ele me disse pessoalmente que a coisa que mais deseja na vida é o campeonato deste ano. Temos de conquistá-lo para ele!

— Escute, Doxie, quando é que você vai receber a sua faixa e o seu chapéu de Orange?

— Vá para o diabo, Larkin! Eu sei em que é que você anda metido!

Logo que disse isso, levou a mão à boca e arregalou os olhos.

— Em que é que eu ando metido? — perguntou calmamente Conor.

— Não sei... Falei por falar...

— Fale! Em que é que eu ando metido?

— Nada, nada... Só quis dizer que não posso tolerar qualquer deslealdade a Sir Frederick.

Conor colocou a mão no ombro de Doxie e disse.

— Cuidado! Não vá fazer nenhuma tolice...

## 9

— O trem partiu para a Inglaterra ontem à noite — disse Conor a Sweeney. — Duffy e Calhoun são dois sujeitos curiosos. Vieram procurar-me como dois garotos, pois ainda se julgam em dívida comigo por eu lhes ter salvo a vida. Dormem no segundo vagão de que têm as chaves e os cadeados. Querem encher o quarto deles de armas e não cobrarão nada por elas.

— Que sorte! Qual será então o carregamento?

— Com as caixas a mais que Owen está fazendo, com as adaptações que eu fiz e com o que virá no quarto deles, creio que teremos uns dois mil fuzis e vinte mil

cartuchos.

Sweeney largou o lápis que tinha na mão, deu um assobio, meteu as mãos nos bolsos, deu alguns passos pela sala, acendeu um cigarro e fumou-o em meia dúzia de baforadas.

— Dois mil fuzis! — disse ele como se tivesse encontrado um tesouro de piratas. — Chega a dar arrepios...

Conor nunca o vira tão exaltado. Sweeney, depois de um momento dessa exaltação, voltou a tratar de coisas práticas.

— Tem certeza de que O'Brien sabe?

— Duffy diz que não, mas eu acho que sabe.

— Ficaré calado?

— Só com o tempo se saberá.

— Dois mil fuzis. A margem de

juízo é por demais estreita.

Tenho de dizer de novo, Conor, que você é que está lidando com essa gente e, portanto, todas as decisões terão de ser suas.

— Se Doxie sabe de alguma coisa, deve saber também que será esse o último carregamento de armas. Ele tem certeza de que eu suspeito dele. É

verdade que eu convenci os católicos a voltarem para o time e lhe dei de presente a excursão à Austrália. Em resumo, se ele sabe, tem interesse em calar a boca. Por outro lado, posso estar completamente enganado.

— Sim ou não, Conor?

— Por dois mil fuzis, vale a pena nos arriscarmos.

Dan fez um gesto de assentimento.

— Vou comunicar-me com Owen O'Sullivan e dizer-lhe que prossiga com o serviço. Ele telegrafará para Seamus quando as armas estiverem embarcadas. Quanto tempo Weed vai ficar na Inglaterra?

— Alguns dias, apenas. Deverá estar em Derry para as comemorações do Dia dos Aprendizes.

Conor se contorceu ao sentir uma pontada de dor nas costas.

— Como vai indo dos ferimentos?

— Melhor do que eu esperava.

Sweeney teve um breve riso e disse: — Estão dizendo que Bain e Hooker vão ser soltos sem mais formalidades. Quer fazer alguma coisa neste caso?

Conor olhou desconfiado para Sweeney e sacudiu a cabeça

negativamente.

Era a espécie de pergunta que Dan fazia deliberadamente, para sondar as pessoas. Pensava intensamente em Larkin. Queria tirá-lo dentro em pouco de Belfast. Até então, tinha dado mostras de ser um líder. Dan queria levá-lo para o Conselho, mas precisava de ter certeza de algumas coisas. Poderia Larkin puxar o gatilho mesmo contra aqueles que o tinham deixado quase morto? Seria a ausência de um desejo de vingança da parte de Conor prova de critério ou apenas fraqueza?

— Lembro-me de quando eu e Brendan Sean Barrett estávamos na prisão de Strangeways. Naquele tempo, tudo era um verdadeiro inferno para os fenianos. Deram-lhe para comer tripas de cachorro e gato durante todo um mês. Ele se

limitava a olhar para eles e sorrir, a ponto de enlouquecê-los. Acabou iniciando uma greve de fome, encheu-os de problemas e fê-los recuarem. Anos depois, encontramos nos Estados Unidos o diretor da prisão.

— E então?

— Ele continuou a sorrir.

Dan espreguiçou o corpo enorme e acendeu o eterno cigarro.

— Comigo aconteceu coisa semelhante. Houve uma briga na prisão, um homem morreu e eu fui um dos acusados do assassinato, tendo sido transferido para a cela da morte. Vi dali armarem a forca. Quando ela ficou pronta, o diretor, Harold Barr era o nome dele, fazia-me caminhar até ao cadafalso todas as noites, amarrava-me as pernas e me

jogava de cabeça pela porta do alçapão. O comprimento da corda era calculado para que a minha cabeça chegasse a um palmo do chão de pedra onde se arrebentaria.

Barr só me soltava depois que eu lhe cantava alguma música irlandesa ou perdia os sentidos.

— E então?

— Encontramo-nos por acaso. Ele estava de férias pescando no lago de Derg, perto do rio Shannon.

— Sorriu então?

— Eu? Estrangulei-o e joguei o corpo dentro do lago.

— Por que me está contando isso, Dan?

— Você vai sair de Belfast, como sabe. Mas ainda não sei para onde é que

vai. Gostaria de levá-lo para o Conselho e sei que missões quero confiar-lhe.

— Quais são?

— Em primeiro lugar, exigiriam muita atividade da sua parte.

— E eu teria de decidir entre estrangular gente e sorrir?

— Mais ou menos. Se eu lhe der a missão que tenho em vista, isso lhe poderá criar muitos problemas.

— Fale francamente comigo, Dan.

— Fiquei muito satisfeito quando você voltou da Inglaterra no ano passado. Por um momento, cheguei a pensar que iríamos perdê-lo. O que lhe vou dizer agora é a opinião de um velho experimentado. Senti muito ver você voltar para aquela mulher. Se você subir de posto como eu desejo, será um desastre

absoluto continuar a viver com ela. Decida-se, Conor!

— Não — disse Conor. Pegou a mesa por duas pernas e arremessou-a contra a parede, despedaçando-a. — Sabe qual é a minha intenção, Dan!

Havia, sem dúvida, momentos assim. Eram momentos em que um comandante tinha de lançar um desafio. Larkin era contraditório e o desnorteava... Era tão bravo e enérgico em tantas ocasiões, mas não deixava de ter as suas fraquezas humanas. Seria um homem capaz de estrangular o seu maior inimigo? Seria capaz de fazer todos os sacrifícios pessoais necessários? Ou seria ele um individualista como Brendan Sean Barrett, que vacilava na hora do desafio, metia de repente as mãos nos bolsos e desviava os

olhos do homem feroz e odiado que estava diante dele?

— Sim, Conor, sei a sua intenção. E não falarei mais no nome dela.

# 10

A crise que tinha começado para Frederick Weed com a queda do governo conservador estava terminada. A inquietação trabalhista, a greve geral, as ameaças dos sindicatos, tudo isso estava resolvido. No fim, como os operários tinham vivido por muito tempo espezinhados e como havia muita desunião entre católicos e protestantes, faltava-lhes pura e simplesmente energia para a vitória.

Na sua guerra pessoal com Oliver Cromwell MacIvor, os resultados pareciam igualmente decisivos. A prisão imediata de Vessey Bain e de outros amotinados, o fechamento das Oficinas e a

explosão da bomba no seminário de MacIvor haviam abalado o Shankill e Belfast Leste. O

entusiasmo pela temporada dos desfiles caiu muito e o tom dos discursos passou de virulento a moderado. Quando os desfiles se encerraram, a maior preocupação era saber se Weed iria reabrir as Oficinas.

A vitória final de Weed se verificou por ocasião das eleições suplementares do Shankill, quando o candidato unionista esmagou o Tenente-Coronel Howard Huntly Harrison por uma maioria de 80 por cento dos votos. O povo podia estar desencantado com a aristocracia, mas não queria associar seu destino nem a MacIvor, nem às ideias liberais que acabariam por fazer vingar a Autonomia.

Oliver Cromwell MacIvor deixou sararem as suas feridas, engoliu o seu orgulho e, a fim de salvar um prestígio que declinava, solicitou uma audiência a Sir Frederick.

Weed fez MacIvor esperar uma semana e, por fim, chamou-o a Oxford, onde estava fazendo uma série de conferências de verão no Magdalen College para homens de negócios.

Quando os dois se encontraram no apartamento que dava para o rio Cherwell, a situação foi muito diferente da que se verificara no último encontro de ambos. Sir Frederick enfrentou o reverendo fumando um charuto e bebendo uísque, coisas proibidas pelos princípios religiosos de MacIvor.

O pregador começou declarando que

tinha havido um grande mal-entendido. Eximindo-se de toda a responsabilidade pelo motim, atribuiu o que tinha havido a excesso de zelo de alguns Cavaleiros de Cristo que, quando nada por piedade cristã, deviam ser perdoados.

Quanto ao seu Partido Legalista, disse que nunca tivera intenção de desafiar os unionistas. Fora todo um desejo de maior identificação com o povo em questões puramente locais. Disse, por fim, que desejava saber quando Sir Frederick pretendia reabrir as Oficinas. O medo do desemprego e da fome se estendia pelo Shankill e por Belfast Leste. Havia uma possibilidade de harmonizar tudo e mostrar a antiga unidade para revigorar o ânimo do povo?

Weed ouviu friamente a dissertação de

MacIvor. Disse então: — Você cometeu um grande erro. Quis tomar conta do poder e caiu sentado, de rabo no chão.

— Não sei o que o faz chegar a essa conclusão — murmurou o pregador.

— Vamos deixar de conversa fiada — exclamou Weed. MacIvor empalideceu, mas não deu maiores demonstrações de raiva, porque lhe faltavam elementos para isso. — Talvez daqui a cinquenta anos, os populistas de Gladstone possam atingir as massas do Ulster. Pode ser que nesse tempo sigam infelizmente um homem como você. Por enquanto, as decisões continuarão nas mãos de pessoas competentes para tomá-las.

Entendeu bem?

— Venho procurá-lo animado pelo espírito de conciliação — disse MacIvor.

— Você só me vem procurar porque está derrotado. Infelizmente, ainda temos alguns interesses comuns e alguns anos difíceis pela frente.

Embora você seja detestável e apesar do meu desejo de desembaraçar-me de sua pessoa, há uma função necessária que você pode desempenhar.

Espero que daqui por diante procure exercê-la sem criar problemas.

Pela primeira vez em sua vida, Oliver Cromwell MacIvor ficou sem ter o que dizer. Sentia a cabeça vazia e sem qualquer energia, mas achou que tinha necessidade de agradecer a Sir Frederick o seu perdão.

— Muito obrigado por termos encontrado a base de um novo entendimento — disse ele.

— Muito bem. Vá para Liverpool e me espere lá. Devo chegar àquela cidade dentro de poucos dias. Seguiremos para Londonderry para assistir às comemorações do Dia dos Aprendizes e, nessa ocasião, espero que você declare que apóia integralmente os princípios unionistas em matéria de política nacional. Alguns domingos depois, aparecerei na sua igreja e você dirá então do púlpito que, graças à minha generosidade, aquela sua gaiola teológica poderá começar a ser reconstruída. Se fizer tudo isso a meu contento, eu anunciarei a reabertura das Oficinas, mas nunca antes. E continue mantendo os Cavaleiros de Cristo longe das minhas oficinas.

Voltou para a sua mesa, soprou uma

baforada de fumaça na cara do pregador e disse: — Pode sair.

MacIvor foi saindo apressadamente. Já estava com a mão na maçaneta da porta quando Weed se levantou e deu um murro na mesa.

— MacIvor!

O pregador parou.

— Quem foi que lhe meteu na cabeça a ideia de que um insignificante aventureiro evangélico poderia sobrepujar trezentos anos de experiência imperial e usurpar o lugar dos Weeds no Ulster?

No dia 8 de agosto, Seamus O’Neill recebeu o seguinte telegrama, passado de Liverpool por Owen O’Sullivan; “Feliz aniversário. Que a sua vida chegue a dois

mil anos. Todo nosso amor. A Família.”

No dia seguinte, Conor encontrou-se com Duffy O’Hurley para almoçarem num hotel. Pareciam bastante calmos enquanto conversavam num tom abaixo do silêncio da sala.

— Como está o trem?

— Trem? Aquilo parece mais um arsenal. Só ficarei descansado quando estiver livre de tudo isso.

— Eu também. Tudo correu bem com O’Sullivan?

— Tudo. O homem é um artista. Tudo está bem escondido. Apesar disso, não quero rodar por aí com aquilo durante muito tempo.

O garçom interrompeu-os.

— Como é que está passando agora, Conor?

— Estou bem melhor. Treinei ontem um pouco, mais para dar moral ao time.

— Acha que vai jogar nesse campeonato?

— Não sei ainda. Já fui convidado para acompanhar o clube na excursão. O pessoal ainda está abalado com o motim.

Pediram os pratos e o garçom se afastou.

— Vou partir de Belfast amanhã — disse Duffy. — Tenho de levar Sir Frederick e a comitiva dele para as comemorações em Derry. No momento, há uma chance de que eu volte sozinho para Dublin pela Estrada do Norte.

— Deixe ver... Strabana... Omagh... Portadown... Newry...

— Ê isso.

— Nunca fizemos uma descarga nessa

zona até hoje. Vou ver se posso organizar as coisas numa base de emergência. Quando é que você vai ter certeza?

— Quando chegarmos a Derry, perguntarei a Sir Frederick quais são os planos dele para o trem. Devemos chegar no fim da tarde.

— Vou esperar um telefonema seu das cinco horas em diante no Correio Geral. Isso me dará o resto do dia de hoje e metade do de amanhã para organizar as coisas.

— Pelo amor de Deus, tire quanto antes aquelas caixas do meu trem!

— Vou fazer tudo o que for possível, Somos da mesma opinião quanto à urgência de fazer isso.

— Conor?

— Que é?

— Sei que fiz tudo isso por dinheiro, mas depois do que você fez por mim e pelo meu cunhado, estou contente com o que fiz!

10 DE AGOSTO DE 1907

Conor lia pacientemente uma revista e olhava de vez em quando para o grande relógio na parede da seção telegráfica do Correio Geral, na esquina de Royal Avenue e Berry Street. Eram oito horas.

— Sr. Larkin.

Fechou a revista e aproximou-se do balcão.

— Afinal, o seu telefonema de Londonderry. Cabina número quatro.

— Alô?

— Alô. Sou eu. Fiz boa viagem. Desculpe que não tivesse podido falar

antes.

— Não tem importância. Que é que há?

— Vamos sair daqui amanhã à noite, por volta das nove ou dez horas, seguindo sobre o itinerário sobre que já conversamos.

— Estarei à sua espera.

Conor ouviu um suspiro de alívio.

— Ficaremos à espera de dez e meia em diante. O sinal será entre Beragh e Pomeroy. Sabe qual é o ponto, não sabe?

— Perto de Sixmilecross?

— Exatamente. Sixmilecross.

# 11

A morte do velho Rinty Doyle foi triste. Quase não aparecia mais no bar ou na taverna e, ainda menos, nos campos para trabalhar. Vivia a queixar-se de dores pelo corpo todo, dos dentes estragados às juntas inchadas. Depois que caiu de cama com pneumonia e a febre tomou conta dele, tudo passou para a cabeça. Uma noite antes da lua cheia, ele desceu do sótão, fugiu da casa na sua camisa de dormir e começou a andar pelos campos, a delirar.

Os trabalhadores que saíram para o campo foram encontrá-lo na manhã seguinte com o vento a agitar-lhe as fraldas da camisa, de porrete em punho, a

bloquear a entrada para o pasto comunal.

— Fora de minhas terras! — gritava ele. — Fora de minhas terras!

Quem conhecia Rinty sabia que ele nunca tinha possuído nem um par de cordões de sapatos, quanto mais terras, e compreenderam que tinha perdido de todo o juízo.

Foram chamar Brigid, que se livrou por pouco de levar uma cacetada na cabeça quando se aproximou dele. Os homens tentaram cercá-lo e ele correu encosta acima, jogando pedras e continuando a gritar: — Fora de minhas terras!

Não querendo machucar o pobre velho se o agarrassem à força, foram chamar o Padre Cluny. Rinty também não reconheceu o padre. Depois de longas

discussões, um grupo foi até à vila e voltou com o Dr. Cruikshank.

Rinty se escondera mais acima nas grutas. Procuraram-no inutilmente durante o resto do dia e à noite tiveram de deixar as buscas para o dia seguinte. Entretanto, ouviram-no durante toda a noite e viram-no à luz da lua cheia a passear pelas alturas acima da casa dos Larkins e a gritar: — Saiam de minhas terras!

Na manhã seguinte, encontraram-no morto. Embora tivesse sido exigente com o pobre homem, Brigid fora também muito bondosa para com ele, permitindo-lhe continuar na casa quando não podia mais trabalhar, alimentando-o e dando-lhe dinheiro suficiente para que ele pudesse tomar a sua cerveja de todas as noites. Na verdade, deu tanta importância a Rinty

que permitiu que ele fosse enterrado junto das sepulturas da família, embora ele não passasse de um parente distante.

Todos os que conheciam as sepulturas da família Larkin sabiam que eram as mais bem cuidadas de Inishowen e que o sepultamento de Rinty junto delas era na verdade uma grande honra para um homem de tão pouca importância.

A necessidade de um homem forte para trabalhar nas terras havia muito era sentida e Brigid, depois de despachar Rinty para o purgatório, tratou de tomar providências nesse sentido, quando o destino interveio no caso de maneira imprevista.

Mairead O'Neill foi também libertada uma noite do peso dos seus muitos anos, deixando seu filho Colm privado das

atenções de uma mulher. Quando a mãe de Colm morreu, o coração de Brigid se abrandou.

Ela e Colm tinham vivido ao lado um do outro durante muito tempo, mas ela via pouco para admirar nele. Colm era uma negação em matéria de beleza e a sua personalidade não ficava muito atrás.

Viver com fantasmas e recordações se tornara a segunda natureza de Brigid. Lembrava-se sempre do jovem e belo Myles McCracken, cujas qualidades cresciam de ano para ano aos olhos dela. Não podia esquecer a sua batalha épica com Tomas e Finola (Deus lhes dê paz às almas) quando tentaram casá-la com Colm. Não se esquecia também da outra batalha que sustentara para afirmar os seus direitos às terras. Passara a ser

protetora das cinzas da família.

Por sua vez, Colm não tinha muitos pensamentos sobre coisa alguma.

Desde que nascera até à morte de sua mãe, nunca tomara a iniciativa de levantar um dedo dentro de casa. Na presença de Mairead, nunca aprendera direito nem a passar manteiga no pão.

É preciso saber que Colm não ficara de repente bonito ao envelhecer, mas apenas deixara de ser tão feio. As casas e as terras eram vizinhas e isso determinava inúmeras discussões de interesse mútuo sobre negócios com os cavalos, venda dos produtos, cultivo das terras e assim por diante.

Depois da morte da mãe de Colm e do seu estado de completa confusão, Brigid não podia deixar de tratá-lo com um

pouco de piedade cristã. Colm passava agora a maior parte do tempo na cozinha dos Larkins e Brigid varria a casa sempre que ele estava presente e se queixava de ter um inquilino que não pagava pensão.

De vez em quando, permitia a Colm o conforto de sua lareira. Na realidade, ele não dava muito trabalho. Contentava-se em fumar o seu cachimbo em silêncio e era claro que, às vezes, havia assuntos comuns das terras para discutir.

Isso não queria dizer que Brigid estivesse completamente sem pretendentes e estes apareciam em todas as oportunidades. Mas eram todos homens pelo menos vinte anos mais velhos do que ela e os olhos deles só brilhavam depois que viam a casa e os campos bem cuidados.

Eram um bando lamentável, na sua maioria viúvos com muitos filhos que só queriam mesmo uma mulher que trabalhasse como escrava para eles.

Quando havia um *ceilidhe*, um casamento, uma feira ou um velório, parecia natural que Brigid e Colm, como vizinhos, comparecessem juntos, mas nunca como um casal de noivos.

O velho desprezo de Brigid por Colm se atenuou e chegou ao ponto da tolerância. Ela passara a ver algumas qualidades favoráveis nele. Era um bom lavrador e negociante. Pagava as suas rendas e as suas dívidas nos dias certos. Bebia dentro de limites aceitáveis. Além disso, rezara o terço durante todos os dias de sua vida em companhia de sua santa mãe e nunca deixara de ir à missa aos

domingos.

No decorrer dos meses, das estações e dos anos, Colm O'Neill chegou a ser aceito como um ser humano razoável, cujas boas qualidades eram admiradas e cujos defeitos não eram tão graves quanto Brigid outrora receara. Julgava que, nos seus relacionamentos diários, Colm não era exatamente o que se poderia chamar de um homem áspero. Nunca dava socos na mesa, como tinham feito Tomas e Conor. Fazia o que ela mandava, desde que estivesse bem alimentado, o fogo estivesse aceso e as suas vacas ordenhadas. Nunca elevava a voz e nunca levantara a mão para ela, cheio de cólera. Tudo isso era altamente louvável.

Havia outro ponto a levar em consideração, a cama. Continuava

tristemente vazia. A ideia de compartilhá-la com Colm ainda lhe era extremamente desagradável. A bem dizer, ele era menos que melhor que nada. Era a cama que a enchia de apreensões. Julgava-se desajeitada, inexperiente e, na melhor das hipóteses, seria difícil para ela. Com Colm, seria impossível.

Se, entretanto decidisse casar-se com ele, não poderia entrar na igreja e fazer o juramento sagrado, sem ter no coração a vontade de cumpri-lo.

Todo homem tinha direito às suas noites e toda mulher tinha o sagrado dever de ter filhos. Seria capaz de uma coisa dessas?

Uma longa visita que fez ao Padre Cluny forneceu alguns esclarecimentos. O Padre declarou que Brigid não seria a

única mulher de Ballyutogue que achava o ato sexual com o marido uma parte de sacrifício na vida. Disse o padre que Deus jamais quisera fazer da união sexual um dos prazeres do matrimônio. O deleite carnal por si mesmo era um terrível pecado e toda boa esposa católica devia saber que isso não podia representar qualquer papel num casamento.

O importante era compreender que Brigid amava mais Jesus e Maria do que detestava a ideia de cumprir a sua função cristã de esposa e mãe.

Desde que compreendesse que o amor de Deus era o que prevalecia, poderia aceitar o desconforto do sexo.

O Padre Cluny era de fato um homem sábio e deu a Brigid muito que pensar. Depois de muitas meditações e muitas

preces, chegou ela à conclusão de que amava Deus suficientemente para suportar o que lhe causava repulsa. Afinal de contas, não era o que quase todas as mulheres de Ballyutogue sentiam?

A colheita estava concluída e fora muito boa. Os dias e as noites eram longos nessa época do ano e não havia muito que fazer. Por isso, Colm passava cada vez mais tempo na casa de Brigid. Apesar do seu amor a Deus, Brigid ainda não aceitava a ideia de dormir com o homem.

E numa noite de inverno ele estava sentado diante da lareira como um fidalgo na sua mansão, jogando *glink* com seu amigo Muggins Malone...

E o que devia acontecer não tardou

muito...

— Ficaria muito agradecida se me fizessem o favor de não trazer quase toda a lama da vila para dentro de minha casa!

Diante disso, Muggins saiu em silêncio e tomou o caminho do bar de Dooley McCluskey.

Colm ficou sozinho, coçando a cabeça e procurando no chão a lama de que Brigid reclamava.

— Não estou vendo lama no chão — disse ele. — Ê claro que limpamos os pés no estábulo antes de entrar na casa.

— Bem, talvez desta vez tenha acontecido isso — disse Brigid. — Mas a verdade é que eu passo metade do meu tempo limpando o que Vossa Graça suja e cuidando das suas necessidades.

Colm coçou mais um pouco a cabeça,

levantou-se, sungou as calças e tomou o caminho da porta.

— Aonde pensa que vai, Colm O'Neill?

— Para casa.

— Ou para o bar de Dooley McCluskey?

Ora, é preciso compreender que Colm era um sujeito dócil e recebia com facilidade qualquer pensamento que lhe inculcassem. Aquele era um deles.

— Posso ir aonde eu quiser — murmurou ele. — Acontece que não somos casados.

Sem dúvida Brigid havia atendido a várias necessidades dele desde a morte de sua querida mãe, mas a verdade era que ela também estava cerceando a liberdade dele. Era uma liberdade que Mairead lhe

assegurara desde que ele nascera e que tinha resistido a qualquer desejo dos encargos de uma esposa. Brigid Larkin demonstrava naquele momento os males do matrimônio. Por que não podia ele ir beber no bar de McCluskey? A colheita estava feita. As rendas estavam pagas. Por que não?

Alguns pensamentos surgiram na cabeça de Brigid com a mesma clareza. Havia certas concessões malucas que os homens reclamavam e que ela teria de atender se queria aquele homem como marido.

— Deixe disso, Colm — disse ela com a sua voz mais doce. — A chaleira está no fogo e o chá ficará pronto dentro de um minuto.

— Não quero chá — disse ele. —

Quero é sair.

Ela o apaziguou com uma garrafa de *poteen* e disse que vivia preocupada com o bem-estar dele desde que sua santa mãe morrera. A isso se seguiu uma discussão estratégica do desperdício que era manter duas casas, dois campos e o dobro de tudo. O dinheiro que poderiam economizar com uma só despesa era uma coisa monstruosa.

Colm ouviu isso pela metade porque havia descoberto o fato novo da sua autoridade e tomou vários tragos de *poteen* para elevar o nível da sua coragem. Levantou-se um pouco incertamente, tomou fôlego e fez sentir o peso da verdadeira masculinidade.

— Vi como você tratava Rinty Doyle. O pobre homem parecia um cachorrinho

aos seus pés. E, por falar em cachorros, não virei mais aqui enquanto meu cachorro não tiver o direito de gozar o calor do fogo ao meu lado. A verdade, mulher, é que você quer esta casa limpa como um hospital. Até as vacas têm medo de fazer cocô no estábulo.

— Virgem Maria! Cuidado com essa língua, Colm!

— Que foi que eu disse? Fazer cocô no estábulo? *Fazer cocô no estábulo!*

— Pode retirar-se, quando quiser.

— E é o que eu vou fazer. Não suportarei mais nada de você. Mais nada, está ouvindo?

— Depois não me apareça de rastros!

— Só voltarei se meus amigos e meu cachorro forem aceitos dentro desta casa. E fique sabendo que Fanny O'Doherty não

me acha tão desinteressante assim...

— Ê mesmo?

Brigid começou a chorar inconsolavelmente depois que ficou sozinha. Estava reduzida a si mesma e a ninguém mais. Valia tão pouco que nem Colm O'Neill a queria.

Durante uma semana, ele não apareceu. Todas as noites, ela ia de quarto em quarto, estudando o mundo esterilizado que criara. Graças a Deus, não havia mais homem algum para sujar as coisas... Tudo poderia ficar limpo até o fim... se ela quisesse...

Não houve muita festa quando Colm e Brigid se casaram. Os solteirões velhos e os homens casados cheios de filhos sacudiram as cabeças na certeza do que ia acontecer. Colm conseguiria algumas

concessões, mas quanto tempo se passaria até que ela retomasse a sua mania de limpeza? Logo depois do casamento, ela começou a pensar na glória da maternidade. Entretanto, apesar de todas as ansiedades por si mesma, ela pouca ansiedade tinha por Colm. Ele era quase tão inexperiente quanto ela. Além disso, era tímido e com bem pequena capacidade de adaptar-se à nova situação.

Havia noites e noites em que eles se despiam separadamente e se metiam rapidamente debaixo das cobertas para não serem vistos e ficavam deitados muito quietos, de costas um para o outro, sem se falarem, sem se tocarem e sem saberem ao certo o que deviam fazer.

Depois de algum tempo, o trabalho do dia e alguns drinques à noite se fizeram

sentir e Colm atenuava a tensão, anunciando que o sono tinha chegado com um sonoro ronco.

Dentro de alguns meses, Brigid deixou de se importar com certas coisas, como o fato de Colm e seu cachorro saírem, trocando a lareira dela pelo bar de McCluskey. Era até melhor, pensava ela, pois podia preparar-se para a cama sem o constrangimento da presença dele.

Como os meses do ano começaram a chegar e passar sem que Brigid anunciasse sua gravidez, as comadres de Ballyutogue principiaram a dizer que a herança dos Larkins havia chegado ao fim.

# 12

Shelley leu as mensagens tácitas. Sabia, baseada na sua experiência, que Conor ia entrar em breve naquele mundo misterioso de que ela não participava. A primeira sugestão foi a distribuição do seu tempo. As Oficinas ainda estavam fechadas, mas ele ia todos os dias a Rathweed Hall para treinar a equipe. Dessa vez, preparou-se para uma ausência de três dias, a mais longa que já tivera.

Naquele dia e naquela noite, não tocara numa gota de álcool, o que mostrava que ele não queria nada que lhe perturbasse o espírito. Deixava sempre de beber quando partia sozinho.

Outro indício fora a maneira pela qual

ele a amara naquela noite. Fora um amor sem violência, num estado incerto entre a vigília e o sono, como se quisesse fazer uma afirmação que se estendesse, além dos minutos, pelo tempo sem fim...

O despertador os arrancou em sobressalto para a realidade e eles continuaram vários minutos deitados, antes de porem o dia em movimento.

Apesar da aparente placidez de Shelley, ambos estavam totalmente absorvidos um no outro, partilhando a mesma apreensão. Conor percebeu o medo dela, enquanto Shelley esperava que ele lhe dissesse alguma coisa.

Shelley não falara a ele das cartas anônimas que tinha recebido.

Tinham sido três e cada qual era mais virulenta, chamando-lhe a mais baixa das

prostitutas pelo fato de viver com um católico. Todas as ameaçavam de morte pelo seu imperdoável crime.

Antes disso, tinha havido o trauma da ruptura com sua família.

Ninguém se incomodara quando ela tivera um caso clandestino de mais de um ano com um homem casado, mas viver abertamente com um católico era demais. Morgan proibira a família de procurá-la e de pronunciar-lhe o nome dentro de casa. Robin fora o único a desobedecer e a manter relações não muito estreitas com a irmã. Os outros obedeceram. Shelley e Conor tinham-se mudado do seu apartamento em Flax Street para uma zona menos acessível perto de Cavendish Road, mas parecia não haver lugar suficientemente afastado dentro de

Belfast.

— Quero que você vá ficar em casa de Blanche — dissera Conor. — Desta vez é muito importante. Vou ficar ausente durante vários dias. Pode haver um pouco de risco. Portanto, mande dizer a Robin que você está em casa de Blanche, pois, se houver alguma coisa, você poderá ter de deixar Belfast às pressas. Convém Robin saber. Vá para Dublin e procure Seamus ou Atty Fitzpatrick.

Ela esperou que ele desse as costas para ter um tremor. Era a primeira vez que ele lhe dava instruções dessa natureza. Era evidente que havia muito perigo. Conor voltou com uma pistola e colocou-a em cima da mesa.

— Fique com isso.

— Não é você que deve levar a

pistola?

— Tanto faz como tanto fez. Para mim é indiferente.

Shelley olhou para a pistola e disse: — Não, eu nunca poderia usar isso.

— Mas você não estava armada quando ficou à minha cabeceira, tomando conta de mim?

— Aí era muito diferente.

Conor passou um coldre pelo ombro e colocou a pistola nele.

— O mesmo se dá comigo, Shelley. Não sei se serei capaz de puxar o gatilho. Meu comandante tem conhecimento disso.

— Prefiro ver você assim armado — disse Shelley.

Conor olhou para o seu relógio e sorriu.

— Acho que devemos deixar Belfast

de vez, quando eu voltar desta viagem. Ficarei satisfeito. Sempre que chego a esta cidade, tenho a impressão de estar entrando num asilo de loucos.

Shelley nada contara a ele do sonho que passara a ter quase todas as noites. Via-se sozinha e todas as ruas estavam completamente às escuras.

Caminhava incessantemente por entre filas intermináveis de casas de tijolos vermelhos, por labirintos e becos sem saída, sem ver uma só pessoa. Acordava angustiada e certa de que se tratava de um presságio de morte.

Conor acabou de tomar o chá, vestiu o paletó, pôs o boné e lançou por tudo um demorado olhar. Seria muito bom sair de Belfast. A cidade não era um bom lugar para um católico e uma mulher

protestante.

Os desordeiros de Sandy Row tinham contas a ajustar depois da prisão de Vessey Bain e Joey Hooker. Não iriam esquecer-se disso, como não esqueciam a batalha do Boyne ou as muralhas de Derry.

E as fiéis de Oliver Cromwell MacIvor tinham também contas a ajustar com Shelley pela vergonha de que ela cobrira sua boa e piedosa família.

Conor e Shelley beijaram-se no rosto.

— Aconteça o que acontecer, foi tudo como eu queria — disse Shelley.

— Aconteça o que acontecer — disse Conor e saiu.

Long Dan Sweeney chegou a Belfast no momento em que foi recebido o

telegrama de Owen O'Sullivan que dizia que as armas estavam a caminho. Quando Conor lhe comunicou o itinerário do trem, Sweeney mandou chamar Kelly Malloy em Dungannon.

Kelly vivia de plantar roseiras e conseguira algumas variedades das esplêndidas rosas do Ulster, o que lhe dava certa notoriedade na parte leste da província. Era presidente honorário dos clubes de Dungannon, que brotaram na região com o ressurgimento gaélico. Os clubes se derivavam das sociedades Wolfe Tone e de outros grupos de orientação republicana do norte.

Fazia parte também da Irmandade Republicana Irlandesa.

Os seus negócios exigiam vários carros, bem como um relacionamento

estreito com os lavradores das montanhas da região, onde estava sempre a analisar solos, condições de água e adubos, usando algumas terras deles para cultivar rosas destinadas à exportação.

Kelly calculou que poderia organizar o recolhimento das armas nas trinta e poucas horas à sua disposição. Isso implicava o recrutamento de alguns simpatizantes e a descoberta de um bom esconderijo temporário.

As montanhas em torno de Omagh tinham muitas casas de pastoreio abandonadas, além de subterrâneos e galerias de minas. Sixmilecross era indicado como o melhor desvio num canto da floresta.

Depois que Kelly saiu, Sweeney viu que Conor estava de mau humor.

— Que é que há, Conor?

— Você deve saber. Cinco minutos antes de Kelly chegar, eu disse que havia no caso um elemento de risco acima do normal. Sabe muito bem que podemos estar provocando um delator. Kelly devia saber disso. Estou disposto a me arriscar, mas ao menos sei que o perigo existe.

Long Dan olhou para Conor, continuando com as mesmas noções complexas a respeito dele. Todas as vezes que pensava em promover Larkin ao Conselho, era assaltado de dúvidas. Larkin continuava a fugir dele como um homem e era muito difícil apurar alguma coisa numa situação de crise.

— Cabe a um comandante informar seus homens — disse Conor. — Julga que um oficial inglês não explicaria isso a

uma patrulha?

— Já lhe disse mais de uma vez, Conor, que não podemos agir de acordo com as regras inglesas. Como pode ter notado de nossas conversas, temos quatro homens da Irmandade entre Dungannon e Omagh. Quatro homens, veja bem. É o total deles. Antes que essa guerra chegue ao fim, talvez tenhamos de mandar dezenas de vezes alguns homens para a morte sem que eles saibam disso... se você tiver capacidade para fazer isso...

— Talvez não tenha.

— Talvez não tenha mesmo. A decisão tem de ser tomada aqui. O

resto é retórica inútil... Fique sabendo que esses fuzis são mais importantes do que Kelly Malloy, do que os homens que ele recrutar e do que Conor Larkin até.

Conor desembarcou do trem de passageiros no fim da tarde em Sixmilecross, examinou a área e ficou satisfeito. Além da vila, de uma só rua, o lugar nada tinha que o distinguisse e havia ali um desvio entre as árvores, como dissera Kelly Malloy. O ramal continuava diretamente para as montanhas rumo a Ballygawaley e uma série de casas de pastoreio e minas abandonadas.

Continuou a pé para Carrickmore, perguntando o caminho até encontrar a granja de Sterling McDade.

Durante a tarde, os carros tinham chegado separadamente das plantações de Kelly Malloy em Dungannon, de Coalisiand, de Pomeroy e de Ballygawley. Às sete da noite, estavam todos reunidos. Havia os quatro irmãos e

mais seis simpatizantes, inclusive Kelly e Conor, e seis carros. Um mapa mal acabado foi passado de mão em mão. Nele estavam marcados os pontos de esconderijo. Sterling McDade, o mais feio dos irlandeses, era quem mais conhecia a região, pois a percorrera no verão de ponta a ponta durante os cinquenta anos de sua vida. Missões e itinerários específicos foram atribuídos a todos à luz dos candeeiros.

Conor calculava que, com a abertura das caixas e tudo mais que era necessário, toda a operação duraria duas horas. Se o trem chegasse ao cruzamento antes da meia-noite, tudo estaria terminado antes de nascer o dia.

Enquanto os planos eram discutidos, Conor olhou-os. Eram rostos semelhantes

aos de Ballyutogue, o mesmo rosto duro e curtido de homens que realmente não precisavam de uma explicação sobre o que estavam fazendo. Eram os Kilty, os Tomas Larkin e os Fergus O'Neill de suas aldeias que tinham sofrido privações, à sombra dos delírios de Orange e da arrogância dos ingleses. Resistentes e decididos todos eles. Eram irlandeses.

Às oito e meia, cada homem disse em voz alta o que tinha de fazer, deixando Conor satisfeito. A mulher de McDade, um flagrante contraste com ele, e as filhas do casal puseram na mesa um bom ensopado.

Fumaram os seus cachimbos e olharam para o fogo enquanto os minutos do encontro se aproximavam. Kelly Malloy saiu e voltou às nove e meia

dizendo que o agente da estação de Omagh tinha comunicado pelo telégrafo que o Expresso da Mão Vermelha passaria por lá às onze horas. A chegada a Sixmilecross podia ser calculada para meia-noite e um quarto.

Embora a notícia fosse mais ou menos esperada, não deixou de causar um choque. Conor esperou que todos se preparassem ainda alguns minutos e então deu ordem de partida.

— Querem um gole antes de enfrentar a noite, rapazes? — perguntou Sterling McDade.

— Nada de bebida — disse Conor. — Todos nós temos de estar com a cabeça clara. Vamos deixar as comemorações para amanhã de manhã.

Às dez menos um quarto, os carros

começaram a partir da casa de McDade para uma área perto de Sixmilecross, com intervalos de poucos minutos de um para outro. Conor chegou à frente e inspecionou o local.

Tudo parecia em ordem. Os carros que foram chegando colocaram-se em pontos ocultos, previamente escolhidos e os homens se reuniram perto dos trilhos. À meia-noite menos dez minutos, tudo estava preparado. Os cavalos receberam embornais de ração para ficarem quietos.

Meia-noite. Conor olhou para o céu e se alegrou de que as nuvens estivessem cobrindo a lua e escurecessem ainda mais o local. Fez um sinal para Sterling McDade, que acendeu uma lanterna e se aproximou da linha para fazer sinal ao trem.

Meia-noite e dois minutos. Dois bêbados que vinham do bar da vila apareceram no cruzamento e resolveram sentar-se para descansar um pouco. Logo em seguida, começaram a cantar.

Conor olhou-os desesperadamente e voltou-se para os homens que estavam junto dele.

— Alguém os conhece?

— Eu conheço — disse Adam Sharkey.

— Pegue-os no seu carro e tire-os daqui.

— E minha carga?

— Teremos de fazer tudo com menos um carro. Cada um de vocês pegará mais cem fuzis e mais duas ou três caixas de munição. Entendido?

— Claro! — disseram todos, enquanto

Sharkey emergia do seu esconderijo. Tirou os embornais dos seus cavalos e subiu no carro, levando-o para junto dos bêbados.

— Boa noite para você, Jerry Hayes, e para você, George Gleeson.

— Epa! Ou é Adam Sharkey ou um fantasma bem apanhado dele... Que é que você anda fazendo por aqui a estas horas da noite?

— Briguei com a patroa. Não aguentei mais o beijo que ela estava fazendo. Será que o seu estábulo tem um lugar onde eu possa passar a noite, Jerry?

Sharkey desceu do carro e fez os dois homens levantarem-se.

Levou-os com muita dificuldade para o carro.

A lanterna de McDade fez sinal junto

aos trilhos!

— Subam, rapazes... Durmam um pouco até chegarem a casa.

Ouviram-se em Sixmilecross quatro leves apitos, ao mesmo tempo que Adam Sharkey se afastava no carro com os seus dois passageiros que, de repente, recomeçaram a cantar.

— Atenção, pessoal! — disse Kelly Malloy.

A lanterna da McDade continuou a fazer sinais para o trem, movendo-se de um lado para outro. Começava-se a ouvir perfeitamente o barulho do trem na linha. Em dado momento, diminuiu a marcha. Os oito homens estavam cheios de tensão. Quando o trem apareceu, depois de uma breve curva, Conor ordenou que os homens fossem para os carros. O

trem chegou mais perto. Os freios foram aplicados com uma nuvem de vapor e a composição quase parou. McDade correu um pouco à frente, movimentou a agulha e o trem entrou para o desvio.

— Vamos! — ordenou Conor.

Os carros se aproximaram em fila da linha.

— Esvaziem o tanque de água! — continuou Conor. — Darren e Carberry, peguem as armas que estão no tanque! Kelly, pegue as suas ferramentas e tire as chapas debaixo dos vagões!

Quando Kelly Malloy deslizou por entre as rodas para debaixo do trem, acendendo sua lanterna, Conor foi até à locomotiva para falar com o maquinista.

Lá dentro, estavam homens desconhecidos!

— Fugam! — gritou Conor, saltando para o lado. — Ê uma emboscada!

Nesse instante, ouviu-se o barulho de duzentos pares de botas quando os soldados começaram a sair dos vagões.

— Estão todos presos!

Conor jogou-se ao chão e rolou para debaixo do trem, onde estava Kelly Malloy. Viu de relance a estrada, pela qual estavam chegando mais soldados transportados num caminhão.

— Atenção! Atenção! — dizia o comandante das tropas por um megafone. — Não há possibilidade de fuga! Estão presos! Qualquer pessoa que se mover levará bala!

— Mãe de Deus!

— Emboscada!

— Atenção! Atenção! Não resistam!

Levantem as mãos e venham para perto da máquina!

Os soldados logo estabeleceram um cordão de isolamento. Estavam todos agrupados do lado esquerdo, onde se achavam os carros. Conor apontou o outro lado para Kelly, que aquiesceu. Rolaram pelo lado direito desguarnecido até chegarem ao fim do trem. Havia um breve espaço aberto e alguns metros adiante estava o mato.

— Lá vão dois!

— Parem!

— Não ouviram? Parem!

— Abram fogo!

No momento em que alcançavam o mato, a noite foi despedaçada pelos tiros. Kelly Malloy deu um grito e caiu para a frente. Conor se arrastou... Uma sensação

esquisita... As pernas não lhe obedeciam...

Procurou esconder-se no mato...

Shelley sentou-se na cama e gritou, com o coração a bater precipitadamente e o rosto banhado de suor. A porta foi escancarada.

Blanche Hamming entrou correndo, acendeu a luz do quarto e abraçou a amiga.

— Conor! Conor!

— Acalme-se, Shelley. Foi apenas um sonho...

— Eu o vi, Blanche! Estava todo ensanguentado!

— Calma... Calma... Shelley...

— Chame Robin, Blanche... Chame Robin... Tenho de sair de Belfast neste

momento...

# 13

Esperávamos, meio desorientados, alguma notícia do desastre em Sixmilecross. Primeiro, Shelley MacLeod chegou com o irmão e eu a levei imediatamente para uma casa de confiança.

Então soubemos.

Kelly Malloy estava morto. Conor Larkin ficara gravemente ferido.

Sterling McDade e os outros lavradores, Carberry, Darren, McGovern, Gorman, Gilroy e McAulay estavam na prisão de Mountjoy. Do outro lado do mar, Owen O'Sullivan e seus dois filhos, Barry e Brian, bem como Dudley Callaghan estavam encarcerados em

Brixton. Parecia que um dos lavradores escapara de ser capturado. Tudo estava em ruínas e a catástrofe para a Irmandade era completa.

Quando lemos os jornais um dia depois, quase não pudemos acreditar. No seu zelo fervoroso, os ingleses tinham cometido um tremendo erro. O serviço de informação da Coroa se vangloriava da destruição de uma “bem organizada quadrilha de contrabandistas de armas da Irmandade Republicana Irlandesa que estava em funcionamento desde muitos meses”. A notícia prosseguia com uma descrição completa da maneira pela qual o trem particular de Sir Frederick Weed tinha sido utilizado no complô.

Durante anos, o Castelo de Dublin se negara a reconhecer a existência de uma

Irmandade Republicana Irlandesa. Em várias oportunidades, afirmara-se que essa organização só existia na cabeça de alguns velhos fenianos caducos. Ora, como poderia uma organização inexistente contrabandear armas para a Irlanda? O que os ingleses proclamavam, na sua ânsia de soltar foguetes para celebrar o êxito alcançado, era que a sua propaganda organizada durante anos e anos não passava de uma mentira.

Por isso, a catástrofe de Sixmilecross assumiu uma dimensão nova. A audácia do plano era a espécie de insensatez capaz de arrebatrar os corações irlandeses e foi recebida com uma disposição de espírito que nós compreendíamos perfeitamente, mas os ingleses nunca seriam capazes de entender. O país

explodiu numa estrondosa gargalhada. O Castelo de Dublin compreendeu tarde demais o que havia feito e se sentiu terrivelmente humilhado. Confessando a nossa existência, havia-nos dado uma notoriedade que não tínhamos conseguido conquistar por nós mesmos.

Os cães irlandeses recusavam-se, portanto a deitar-se calmamente num canto e a velha Irmandade estava mais viva do que nunca. A perplexidade substituiu a arrogância (e os encarregados do serviço de informações foram substituídos também). Ao mesmo tempo, a notícia do nosso renascimento chegou a todos os cantos do país. O Castelo de Dublin se tomou o nosso grande centro de recrutamento e a derrota de Sixmilecross se transformou estranhamente numa

vitória. Tínhamos perdido as armas, mas ganhamos a consciência da nação e, talvez, milhares de homens dispostos.

Robert Emmet McAloon, velho e experimentado advogado que tinha sido amigo íntimo de Desmond Fitzpatrick, herdou toda a responsabilidade da defesa legal dos interesses republicanos depois da morte do amigo. Entrou em ação no caso de Sixmilecross e foi esbarrar diante de um muro de pedra.

O diretor da prisão de Mountjoy declarou-lhe que tinha ordem de manter incomunicáveis os prisioneiros de Sixmilecross, os quais não podiam receber visitas de ninguém, nem mesmo de seus advogados. O

paradeiro de Conor Larkin era conservado em segredo. Sabíamos apenas

que estava vivo e a única informação que tivemos permissão para transmitir-lhe foi que Shelley tinha deixado Belfast e estava em segurança.

Robert Emmet McAloon era um tático de grande acuidade, um veterano na luta contra os meandros das leis antiirlandesas e não se deixou desanimar. Durante três semanas, a justiça não tomou conhecimento das suas petições. Diante da sua insistência, as Quatro Cortes, centro da justiça inglesa na Irlanda, lhe comunicaram que o habeas-corpus não seria admissível no caso. Citaram vários de mais de uma centena de tais atos arbitrários que tinham castigado os irlandeses no século XIX.

O advogado adotou então uma tática diferente. Os ingleses ainda estavam

ressentidos com o incidente e procuravam recuperar a sua dignidade. Os homens do Conselho da Irmandade ocupavam também altos cargos no partido Sinn Fein, que era legalmente aceite, e apresentaram planos para usar o Sinn Fein como uma fachada para desencadear uma plethora de oradores para fazer barulho, agitar tudo, levantar fundos e atrair a atenção nacional, despertando indignação e simpatias pelos homens de Sixmilecross. Como oradora de esquina, Atty Fitzpatrick tinha poucas pessoas que se comparassem com ela e estava inteiramente pronta a entrar em ação.

Logo depois que o Sinn Fein anunciou uma série de comícios de protesto, Sir Lucian Bolt chegou da Inglaterra investido das funções de procurador *ad hoc* no caso

de Sixmilecross. Bolt não era amigo dos irlandeses e fora autor de algumas das leis mais opressivas contra nós quando estivera na Câmara dos Comuns. A sua nomeação despertou receios nos círculos republicanos. McAloon calculou que o governo tinha afinal assentado uma política sobre o caso e que Lucian Bolt dentro em pouco procuraria estabelecer contato... Tinha razão, como sempre.

Brendan Sean Barrett voltou para a Irlanda, onde estaria mais em segurança, e juntamente com Dan Sweeney, Atty e eu se tornou um elemento de ligação com McAloon no caso de Sixmilecross. Depois do primeiro encontro de Robert com Sir Lucian, nós nos reunimos na elegante biblioteca de uma casa de confiança em Ballsbridge. Robert Emmet

nunca se julgava muito longe de um tribunal e conversou conosco, passeando de um lado para outro, como se estivesse diante de um júri.

— Concordei em suspender por enquanto os comícios — disse ele de saída.

Atty murmurou o seu descontentamento.

— Sir Lucian está evidentemente ansioso por um acordo. Antes de vir para cá, tive permissão para visitar, em caráter particular, os sete homens presos em Mountjoy. Não é de admirar que não quisesse que nós os víssemos. Os prisioneiros foram barbaramente torturados.

Brendan Sean Barrett e Long Dan não mostraram qualquer emoção diante da

revelação. Aquilo para eles era uma velha história.

— Tiveram a cabeça coberta por um capuz e foram forçados a ficar encostados a uma parede com os braços abertos por períodos até de vinte horas sem comida, sem água e sem lugar onde atender à suas necessidades. Gorman apresentava algumas feias queimaduras de cigarro.

Tinham urinado várias vezes em Gilroy e McDade fora forçado a caminhar descalço por um corredor cheios de cacos de vidro. Todos eles disseram que lhes tinham dado para comer alguma coisa que causava vômitos e alucinações.

— Os métodos antigos mas eficazes deles — comentou Sweeney.

— É claro que procuraram jogar uns contra os outros. Os homens não tinham,

porém, informações alguma para dar, a não ser o nome do único que parece ter escapado. Nada sabiam senão que Kelly Malloy os recrutara para o serviço e que Kelly tinha morrido.

McAloon descansou os seus setenta anos numa poltrona muito confortável.

— E quanto a Conor Larkin? — perguntei-lhe.

— Não parece estar em Mountjoy. Prometeram que me deixariam falar oportunamente com ele. Foi por isso que prometi que por enquanto você guardaria silêncio com a sua pena, Seamus, e você, Atty, com os seus discursos.

— Na sua opinião, que é que o governo pretende fazer? — perguntou Sweeney.

Robert Emmet MacAloon curvou o

corpo para a frente e disse: — Creio que o governo inglês quer abafar o mais possível o caso e evitar a indignação pública, por três motivos. Primeiro: nada será mais proveitoso para a Irmandade do que um julgamento público ruidoso e uma longa sentença de prisão para os implicados. De acordo?

Todos nós concordamos.

— Segundo: a situação na Europa. Que é que acha, Brendan?

Brendan Sean Barrett continuou: — A guerra no continente europeu é inevitável. A Inglaterra acaba de entrar na Tríplice Entende com a Rússia e a França para contrabalançar a aliança da Alemanha com a Áustria-Hungria. Como sabemos, umas das velhas justificações dos ingleses para a ocupação da Irlanda é que nós

dominamos as rotas marítimas deles e que a nossa posição geográfica torna a Irlanda necessária para a defesa da Inglaterra.

— Exatamente — disse McAloon. — Pode ser uma fobia deles, mas o fato é que vêm como um pesadelo uma Irmandade Republicana Irlandesa a lutar ao lado dos alemães para conseguir armas.

— Qual é a diferença? — disse Barrett. — Iremos para o lado dos alemães quando chegar a ocasião, quer eles queiram, quer não.

MacAloon abriu os braços.

— De qualquer maneira, continuam a discutir a situação, negando-se a reconhecer a inevitabilidade do processo e procurando retardá-lo ao máximo.

— Qual é o terceiro ponto? —

perguntou Atty.

— Esse pode ser o mais objetivo de todos. Como sabemos, os protestantes do Ulster vêm-se armando há anos. É claro que os ingleses confiam muito nisso. A defesa desse flanco vulnerável estaria a cargo de súditos leais, não é mesmo? Ora, não podem aprovar abertamente o contrabando de armas no Ulster sem dispensar o mesmo tratamento ao sul da Irlanda. É uma aprovação tácita, que os faz fechar os olhos para o que acontece no Ulster. Querem o Ulster protestante armado para ser um baluarte numa crise da Autonomia e no caso de guerra na Europa. No momento, querem dar a impressão de que fazem o jogo da equidade. Se condenarem a penas muito severas os homens de Sixmilecross, terão

de enfrentar exigências para que haja um rigor semelhante contra os contrabandistas de armas do Ulster.

— Por outras palavras — disse Atty — impedem os nossos esforços, mas deixam que o contrabando passe livremente pelo norte.

— Ê exatamente isso — disse Robert Emmet McAloon. — Na minha opinião, Sir Lucian Bolt está disposto a aceitar sentenças brandas de prisão por alguns anos, desde que nos caemos sobre a condição dos prisioneiros e desistamos de fazer comícios.

Um longo silêncio de meditação caiu sobre a sala. Atty seria privada, com o cancelamento dos comícios, de um momento de glória. Da minha parte, estava mais que disposto a poupar a

Conor vinte anos atrás das grades. A carga mais pesada recaía sobre Dan Sweeney, que tinha de cuidar da organização da Irmandade. À primeira vista, parecia que ele queria incrementar os protestos públicos e conseguir uma afluência de novos recrutas. Entretanto, foi Sweeney quem mais defendeu que agíssemos com todas as reservas no caso. Um recrutamento muito grande naquela etapa do desenvolvimento da Irmandade a faria ficar terrivelmente vulnerável. Ainda não estavam formados comandos e unidades. Não havia processos estabelecidos para a investigação dos candidatos. Seria muito simples para os ingleses infiltrar delatores em nossas fileiras.

Que poderíamos fazer com alguns

milhares de homens a essa altura?

Não tínhamos armas para a instrução deles e nem sequer lugares seguros para ministrar essa instrução. Dan foi convincente na sua exposição.

Ficaríamos muito vulneráveis se aceitássemos novos contingentes antes de contar com uma base certa para recebê-los.

— Temos de construir a nossa força lentamente, de homem a homem — disse ele. — Cada novo recruta deve ser uma peça valiosa em nossa organização. Quando tivermos dez homens de confiança em Cork, dez em Derry e dez em Galway, poderemos tratar de formar unidades. Por enquanto, penso como McAloon e acho que devemos entrar em acordo com Lucian Bolt.

Desde que Atty, Dan e eu éramos da mesma opinião, voltamo-nos para Brendan Sean Barrett, que ficara a maior parte do tempo em silêncio.

— É evidente que eu sou voto vencido — disse ele.

— Qual é sua opinião, Brendan? — perguntou Dan.

— O país está inteiramente desorientado. É evidente que as greves falharam porque estamos muito caídos e desanimados para tomar posição. Há uma necessidade urgente de despertar as consciências. Talvez não haja tão cedo um momento tão oportuno quanto este.

— Ainda acho que será prematuro — disse Sweeney. — Se abrirmos as nossas fileiras, os ingleses se infiltrarão e nos esmagarão no espaço de um mês.

Brendan Sean Barrett abriu as mãos num gesto de renúncia enquanto nós concordávamos em que McAloon fizesse um acordo com Sir Lucian Bolt. A vida de Barrett tinha sido tão cheia de derrotas que mais uma não tinha importância. Levantou-se a caminho da porta e em dado momento parou.

— Quero saber onde foi que vocês, Robert e Dan, aprenderam isso.

— Aprenderam o quê?

— A tratar com ingleses sem ser logrados.

# 14

Enquanto Robert Emmet McAloon ia conferenciar com Sir Lucian Bolt, procurei reconstituir os fatos que tinham determinado a emboscada de Sixmilecross. Não tive de esperar muito.

Terry O'Rourke, companheiro de time de Conor nos Boilermakers, apareceu um dia no jornal à minha procura. Terry era de uma família republicana de longa tradição e sabia da minha amizade com Conor.

Conor era o líder admirado entre os elementos católicos do clube e, depois de Sixmilecross, eles se reuniram para calcular o que havia acontecido. Quando chegaram a uma conclusão, mandaram

Terry procurar-me. Minhas tendências republicanas não eram segredo para ninguém. Sem dizê-lo expressamente, Terry pensava que eu transmitiria tudo à Irmandade.

Doxie O'Brien e também Duffy tinham sido os delatores. Duffy O'Hurley revelara tudo por ocasião de uma de suas habituais bebedeiras.

Doxie e outro católico da equipe o tinham ouvido. Em outra ocasião, Terry ouvira Duffy e Doxie discutirem sobre a continuação da participação do primeiro.

Doxie tinha uma chance única na vida de conseguir fama e fortuna se fosse escolhido para dirigir a equipe de rúgbi de Sydney. Isso dependia consideravelmente de que os Boilermakers jogassem bem e

principalmente de que fosse realizada a excursão à Austrália. Doxie estava ansioso para conseguir o lugar, mas sabia que tudo estava em função do capricho do patrono do time, Sir Frederick Weed. A tentação era tão grande que Doxie estava disposto a tudo para merecer os favores de Sir Frederick.

Segundo tudo indicava, Doxie fora a Derry e fizera um ultimato a Duffy. Acabou convencendo-o a ir falar com Sir Frederick e contar-lhe tudo em troca de concessões especiais.

Tudo isso parecia lógico, tanto mais que Doxie fora colocado sob proteção especial e sua família já se mudara para a Austrália. Parte do acordo entre McAloon e Sir Lucian Bolt era um compromisso da parte da Irmandade de não exercer

vingança.

Enquanto os outros homens de Sixmilecross esperavam na prisão, Duffy e Calhoun tinham entrado em juízo com alegações de culpa e receberam sentenças inferiores a um ano de prisão. Era claro que seriam depois reajustados em algum lugar remoto.

O acordo final foi estabelecido dentro dos moldes que McAloon calculara. Excluindo Conor, com quem ainda não tinha havido contato, os homens de Sixmilecross alegariam culpa e receberiam sentenças de um a dois anos de prisão. Em troca, a Irmandade não procuraria fazer agitação pública, nem se vingaria dos delatores, e isso abrangeria um compromisso de minha parte de não escrever sobre o caso.

De certo modo, isso era um elogio indireto à minha pessoa. Os ingleses nunca me haviam perdoado os artigos sobre o campo de concentração na Guerra dos Bôeres. Ninguém sabia ao certo se eu fazia parte da Irmandade, mas as minhas simpatias eram inconfundíveis.

Tinham tanto respeito pela minha pena que queriam o meu silêncio. É

claro que Conor era mantido como refém para assegurar esse silêncio.

Por enquanto, os dois lados pareciam satisfeitos. A existência da Irmandade era do conhecimento público e ambas as partes ganhavam o tempo que desejavam. Brendan Sean Barrett tinha razão numa coisa.

Entraríamos em entendimento com os alemães para conseguir armas quando

estivéssemos prontos e os ingleses se deixavam embalar, como no passado, pela crença de que o problema irlandês desapareceria.

Fomos convocados de novo por McAloon e fomos encontrá-los às voltas com um dilema. Tivera permissão para falar com Conor Larkin, mas este se negara a vê-lo. Era um obstáculo ao acordo e ninguém sabia qual era exatamente o motivo.

Dan foi aborrecido e externou as suas dúvidas a respeito de Conor.

— Sem dúvida é um bom homem — disse Sweeney — mas é muito individualista e tem outras fraquezas que muito me preocupam.

— Espere um pouco, Dan — disse eu. — Se ele tem alguma ideia a respeito de

tudo isso, pode ficar certo de que é produto de muita reflexão.

— A Irmandade lhe mandou um advogado e ele recusou vê-lo. Isso é desobediência da pior espécie. Ele não tem o direito de tomar decisões pessoais como essa. Gostaria de saber o que é que está acontecendo.

— Todos nós fazemos uma ideia daquilo em que ele está pensando, não é mesmo, Dan? — disse Brendan.

— Faço uma ideia, sim, mas sei que ele nos prejudicará a todos se quiser fazer alguma coisa por sua cabeça. Não me venha com suas conversas, Barrett. Isto aqui é uma organização com um código e uma disciplina a que ele tem de obedecer!

— Muito bem, estamos diante de um problema — disse eu, interrompendo-o.

— Foi você mesmo, Dan, quem disse alguma coisa que queríamos ouvir e em que acreditamos desde garotos. Você passou isso pelos nossos corações com a mesma abundância com que a mãe de Conor passava manteiga em nosso pão. Ela costumava dizer que não devíamos ter medo da manteiga... Agora, Dan, será que você está com medo da crença que espalhou? Você disse que a capacidade de resistir de um homem vale todo um exército. Era o monólogo do martírio. Vou citar Long Dan Sweeney, nosso ídolo: “Os ingleses nada têm em seu arsenal ou no seu poder imperial capaz de enfrentar um só homem que se negue a ser dominado, *etc. etc.*”.

— Estou entendendo, Seamus. Você sabe muito bem que eu tenho de

desempenhar várias funções nesta organização. Às vezes, quando me defronto com homens novos, tenho de fazer um esforço para inspirá-los, para enchê-los de entusiasmo. Mas, na vida prática de todos os dias, sou o organizador pragmático de um exército secreto. Já tivemos mártires de sobra. Neste momento, não temos condições de iniciar uma luta.

— Claro que eu sei de tudo isso — disse Brendan antes que eu pudesse replicar. — Você está dizendo, Dan, que vai começar a luta quando tiver todos os seus corpos organizados, armados e treinados e quando todos os seus planos estiverem elaborados. Nesse momento, você apertará um botão mágico e proferirá as palavras imortais: “Rapazes,

vamos começar o levante”. Mas não foi assim que o levante dos fenianos começou, foi, Dan?

— Sei muito bem como começou e como terminou para nós dois.

— Por que pensa que será diferente desta vez? Apesar de todos os seus sonhos, planos, encontros secretos e contrabandos de armas, não poderemos levar para as ruas mais que alguns milhares de homens. Não vamos fazer isso sem a arma que um único homem leva no coração. É isso que estamos enfrentando no caso de Larkin e é disso que temos medo.

Vou-lhe dizer quando o levante vai começar, Dan, nem antes, nem depois.

Começará quando um homem achar dentro do seu coração que basta.

Ouvimos isso, trêmulos. Sweeney passou as mãos pelos cabelos brancos num gesto característico de nervosismo e ouvíamos apenas Robert Emmet McAloon a bater com as hastes dos óculos nos dentes, à espera de nossa decisão.

— Atty? — perguntou Dan.

— Parece-me que os ingleses conseguiram um bom acordo para eles, reduzindo-nos ao silêncio. Concordo com Brendan. Sou de opinião que nos devíamos levantar e gritar, enquanto temos uma oportunidade e o povo está ansioso por ouvir.

Dan olhou de um para outro, sentindo-se completamente derrotado.

Fechou os olhos e esfregou-os com as mãos enquanto falava.

— Agradeço as opiniões que

externaram. Como chefe da organização, não posso tomar uma posição contrária ao que considero a segurança da mesma. Minha decisão é pedir a McAloon que consulte os ingleses para saber se eles aceitarão uma visita de Seamus a Conor, no papel de um velho amigo. Seamus transmitirá a nossa mensagem de que Larkin deverá alegar culpa como o resto dos seus homens. Se ele recusar, a Irmandade não se considerará mais ligada a ele, nem responsável por ele. Estão de acordo com a minha decisão?

Hesitamos um pouco, mas aceitamos o ultimato sem mais discussões.

— Muito bem, McAloon. Diga a Sir Lucian que nós concordamos.

Vamos fazer uma tentativa para convencer Larkin. Se ele não aceitar,

ficará fora do acordo.

Um carro militar me levou de Dublin para o lugar secreto onde Conor estava preso, no condado de Kildare. Em pouco mais de uma hora, passamos pelo posto da guarda do campo militar britânico do Curragh.

Depois de uma revista pessoal, fui levado para uma sala vazia e fiquei esperando. Já eram passadas seis semanas de Sixmilecross.

Quando a porta se abriu e Conor foi empurrado para dentro da sala, meu coração vacilou entre lágrimas de satisfação e lágrimas de tristeza.

Ele estava manietado do pescoço aos tornozelos.

— Olá, Pequeno — disse ele, arrastando-se com a perna atingida por

uma bala.

O braço e o ombro esquerdos ainda estavam cheios de curativos numa tipóia. Outras balas lhe tinham entrado pelas costas. Os olhos estavam sumidos dentro das órbitas, a barba e os cabelos se mostravam empastados e embaraçados e os ossos do rosto estavam todos salientes.

Tinha emagrecido assustadoramente.

Abracei-o e chorei descontroladamente. Conor se virou para o lado, deixou-se cair num banco encostado à parede e olhou para o jovem oficial que comandava o destacamento que o trouxera.

— Eu o chamarei se tiver necessidade de seus serviços — disse Conor.

O oficial teve um resmungo de raiva e saiu, fechando e trancando depois a porta

da sala.

— Podemos falar à vontade? —  
perguntei.

— Claro que podemos. Os ingleses  
podem torturar, mas não recorrerão a uma  
coisa tão baixa quanto ouvir as conversas  
alheias. Como vai Shelley?

— Muito bem. Quanto a você, creio  
que colhíamos batatas melhores ao tempo  
da Grande Fome.

— Creio que não poderei jogar rúgbi  
este ano — disse ele, levantando a  
camisa.

Fechei os olhos diante do corpo cheio  
de equimoses. Aproximei meu banco e lhe  
falei ao ouvido. Foi assim que ele soube  
que Kelly Malloy tinha morrido e que  
Owen O'Sullivan e os filhos tinham sido  
presos.

Em seguida, expliquei-lhe o resto. Ele já suspeitara da traição de Doxie O'Brien e das negociações secretas com os ingleses. Declarei a minha satisfação pessoal ante a ideia de que ele ia receber uma pena leve.

— Compreendo muito bem os problemas da Irmandade — disse Conor. — Mas compreendo os meus problemas pessoais ainda com maior clareza. Compreendo tudo, os dias e as noites que passei lendo, as minhas peregrinações e as minhas meditações. Compreendo todos os meus anos de procura.

— Que é que você vai fazer? — perguntei, amedrontado.

— Não tenho muita certeza. Não sei ainda o que é que vou fazer.

Entenda, Pequeno, não se pode ficar à

espera de que os astros se coloquem numa posição certa para fazer seja o que for na vida, casar, plantar, ter filhos ... ou desfechar um levante. Podemos iludir-nos e dizer que vamos esperar até que todas as coisas nos sejam favoráveis, mas acontece que eles podem esperar mais que nós. Podemos entrar em negociações com eles, mas eles acabarão nos logrando. Depois de trezentos anos de viver com o rosto enterrado na lama e de passar trezentos anos falando a esmo, está na hora de tomar posição e provar a nossa fibra como um povo.

Compreenda, nós nem provamos ainda que somos dignos da liberdade.

Podemos não ter o que é preciso para isso. Mas temos de experimentar e ver. Talvez eu não seja um bom elemento para

a Irmandade porque não posso mais dominar a raiva que sinto dentro de mim, sejam quais forem as ordens que me derem.

— Conor, você não está raciocinando bem. Foi tão maltratado que ficou com o juízo meio transtornado. Confie em mim e na minha orientação ao menos desta vez, Conor.

Ele me olhou cheio de tristeza e disse: — Olhe para mim. Olhe para mim e diga se eu não sei de que é que estou falando. Sou Conor Larkin. Sou irlandês e já sofri que chegasse.

Senti uma imensa vergonha. Na minha ânsia de salvá-lo, tinha esquecido muitas coisas. Estava quase disposto a renunciar aos próprios princípios que me tinham norteado a vida. Sabia também que a

partir desse momento teria de encontrar meios de quebrar o meu compromisso de silêncio...

As batidas na minha porta persistiram até me arrancarem de um sono profundo. Levantei-me, murmurei que já ia, acendi a luz e vesti meu roupão de banho. Já havia uma claridade que anunciava o amanhecer e eu presumi que fosse alguém da parte da Irmandade.

Foi uma agradável surpresa quando abri a porta e vi diante de mim o vulto elegante de Atty Fitzpatrick.

— Vista-se — disse ela. — Tenho um carro esperando lá embaixo.

Não me deu mais informações, nem eu as pedi. Eram quatro e meia da manhã. Enquanto eu me aprontava, Atty pôs a chaleira no fogo. Tomamos uma xícara de

chá com o resto do que havia no meu armário de homem solteiro e saímos para encontrar um frio cortante.

O chofer era um homem da Irmandade que entendia de mecânica. Eu e Atty nos sentamos no banco de trás e o carro seguiu pelas ruas desertas, rumo ao sul.

— Recebi um telefonema de Robert Emmet McAloon há coisa de uma hora — disse então Atty. — Os ingleses vão indicar Conor e os outros homens hoje de manhã.

— São cinco horas da manhã e hoje é domingo. Para onde é que vamos agora?

— Não sei ao certo. Parece que instalaram um tribunal em algum ponto dos Montes Wicklow.

— Isso é sujeira — murmurei.

Segundo eu entendia o acordo, os

ingleses iriam indicar os homens em alguma pequena e obscura vila do interior, onde o caso não chamaria a atenção e estaria encerrado antes que pudesse haver qualquer protesto.

Mas eles estavam recorrendo a um truque e realizando uma audiência quase em segredo de justiça.

Atty disse que McAloon só havia concordado depois que os ingleses tinham consentido em ter Atty e a mim presentes na qualidade de observadores. Nisso também, os ingleses tinham feito um bom acordo.

Nós dois éramos as pessoas comprometidas a guardar silêncio.

— Isso não me agrada de modo algum — disse eu, descontente.

Depois do último subúrbio de

Dundrum, continuamos rumo ao sul e dentro em breve chegávamos ao sopé dos Montes Wicklow, passando por Enniskerry, que ainda dormia em silêncio. Em Enniskerry, ficava Powerscourt, imponente solar de granito de Wicklow, destruído e reconstruído muitas vezes durante as guerras e ultimamente cedido a Richard Wingfield, servidor leal da Coroa. Os seus milhares de hectares igualavam as propriedades dos Hubbles. Quando se adicionava a isso mais uma centena de baronatos e condados, podia ter-se uma ideia de quem era que possuía a Irlanda.

Era aquele o portão de entrada para os maravilhosos cenários das montanhas. Embora a nossa viagem se fizesse sob constrangimento diante do que nos

esperava e sob intenso frio, não foi possível deixar de admirar o nascer do dia sobre as florestas, as cachoeiras e os rios numa terra de gente miserável. Atty e eu admiramos a sucessão de belezas que se seguiram a Great Sugar Loaf, a Roundtree e ao alto reservatório do abastecimento de água de Dublin.

Seguimos o curso do rio Avonmore até o seu encontro com o rio Glenmacnass no vale de Clara, a um passo das antigas ruínas místicas do mosteiro celta de Glendalough, que tinha sido o domínio de S. Kevin.

Um quilômetro depois, Atty deu instruções ao chofer para entrar numa velha estrada militar que cortava os cabeços dos montes de leste para oeste. Fora aberta pelos ingleses depois do

levante de Wolfe Tone, para impedir que futuras gerações de rebeldes se refugassem nas florestas das montanhas. Pouco depois, tivemos de parar diante de uma barreira.

Um capitão inglês, muito gentil, exigiu nossa identificação, depois do que fomos revistados. O carro e o motorista tiveram de ficar ali, enquanto Atty e eu seguimos num caminhão do exército a estrada que coleava à sombra de Lugnaquilla, a montanha mais alta da Irlanda. Paramos num ponto onde o rio Ow descia depois de passar por Aghavannagh.

Havíamos chegado a um velho quartel, construção retangular de três andares que ainda servia de alojamento a um contingente de tropas que patrulhava a região. Por estranha coincidência, Charles

Stewart Parnell tinha possuído um pavilhão de caça em Aghavannagh, que ainda era usado pelo então chefe do Partido Irlandês, John Redmond. Apesar dessa circunstância, não poderíamos estar mais longe e afastado de tudo.

O quartel estava cercado de tropas em formação e equipamento de combate e houve necessidade de nova identificação e nova revista para que pudéssemos entrar. Um tal Major Westcott nos escoltou até um depósito de armas abandonado que tinha sido transformado num tribunal improvisado.

Atty e eu ficamos sozinhos durante mais de duas horas, sob a vigilância do Major Westcott e de um destacamento dos seus homens. Um pouco antes do meio-dia, começaram a chegar outras pessoas.

O primeiro a aparecer foi Robert Emmet McAloon, mais desalinhado do que nunca depois de uma noite mal dormida. Deixou livros e papéis em cima de uma mesa e cumprimentou-nos rapidamente em voz baixa.

Foi então a vez de Sir Lucian Bolt. Parecia feito de gelo e de pedra, com dois olhos como se plantados por acaso na cara.

Os prisioneiros, com exceção de Conor, entraram na sala algemados e acorrentados uns aos outros, sob a guarda de doze soldados de baioneta calada. Foram colocados num banco comprido num dos lados da sala.

Aqueles lavradores das montanhas tinham um aspecto triste e pareciam intimidados. Nascidos em constante luta,

tinham cometido o crime de prosseguir dentro das mesmas linhas que seus pais tinham adotado. Lutar contra os ingleses não suscitava problemas morais, pois era a essência mesma da vida para todos os que viviam nas pequenas Sixmilecross espalhadas pela Irlanda. Ainda nas ocasiões mais propícias, não eram um grupo de boa aparência e, naquele momento, depois de todo o mau tratamento concedido aos republicanos, pareciam um bando de animais ferozes.

Vi então Conor entrar, barbado, abatido e manco. Teve para nós a sombra de um sorriso. Olhei então para Atty e vi que todo o amor de que ela ainda era capaz pertencia a ele. Estendeu para mim a mão molhada e trêmula, pois era evidente que tinha necessidade de algum

contato humano. Conor ficou separado dos outros, sendo acorrentado a grandes argolas cravadas na parede, como se houvesse lá fora um exército dispostos a invadir a sala e libertá-lo. Pelo silêncio dos movimentos em torno dele e pelo jeito com que Sir Lucian Bolt o olhava era claro que os ingleses respeitavam a força daquele homem, o único que não se declarara arrependido.

A sala de pedra, os prisioneiros acorrentados, a preponderância de soldados, tudo isso tornava o cenário mais semelhante a um tribunal da Revolução Francesa do que a uma corte de justiça inglesa. Só faltavam mesmo a turba nas galerias e a guilhotina do lado de fora.

— Levantem-se todos!

Sir Arnold Scowcroft, com um manto digno da coroação de um rei, entrou com o seu séquito e sentou-se à mesa da presidência do tribunal.

Tudo aconteceu em questão de minutos. As acusações foram lidas, num libelo constante de quinze artigos, que iam do roubo de material pertencente ao governo e do transporte ilegal do mesmo até à filiação a uma organização ilegal e à violação de vários parágrafos de leis coercitivas. Conforme o que fora previamente combinado, Robert Emmet McAloon alegou culpa em dois itens do libelo, os quais foram aceitos pela acusação. Treze itens deixaram de ser tomados em considerações em virtude de consentimento mútuo e os prisioneiros foram consignados a uma instituição penal

não especificada, onde receberiam posteriormente sentença. Em seguida, foram retirados da sala.

— Temos ainda o caso do réu Larkin, Excelência — disse Sir Lucian Bolt.

— Seja trazido o prisioneiro para o banco dos réus — disse o juiz.

Tentou rir. — Bem, como aqui não temos bancos dos réus, seja o prisioneiro trazido para diante de minha mesa.

Conor foi desacorrentado da parede e levado à presença do juiz.

Embora estivesse manietado e em andrajos, era uma figura impotente, sendo inconfundível a sua atitude de desafio. Tive muito medo do que lhe pudesse acontecer.

— Segundo entendo, Sr. McAloon, o prisioneiro recusou um defensor legal.

— É essa a situação, Excelência.

Scowcroft olhou Conor com o desprezo que só um lorde inglês é capaz de mostrar por um rendeiro irlandês.

— Proceda-se à leitura do libelo.

As acusações foram enumeradas, constituindo um caso de alta traição.

O juiz tornou a olhar Conor com desprezo e disse num tom ameaçador: — Compreende as consequências de sua insistência nessa farsa de ser julgado sem advogado?

Conor correu os olhos pela sala e disse com voz firme: — Tenho plena consciência de que se está desenrolando uma farsa.

Um profundo silêncio lhe acolheu as palavras.

— Qual é a sua alegação no

juízo? — perguntou afinal o juiz.

Conor continuou calado.

— Faça uma alegação de inocência — disse Scowcroft, orientando-o.

— Não é essa a minha alegação — disse Conor.

— Quer explicar-se perante o tribunal?

— Quero — disse Conor. — Não reconheço a existência e, muito menos, a legalidade deste tribunal.

McAloon olhou para nós surpreso, mas interessado. Depois de um momento de reflexão, Arnold Scowcroft sorriu. Chegou à conclusão de que, depois de ter viajado tanto para chegar àquele lugar remoto, e depois de ter resolvido os outros casos com tanta presteza, poderia bem divertir-se um pouco. Recostou-se na

sua cadeira e desafiou Conor a explicar-se.

— Este tribunal tem interesse em saber como foi que o prisioneiro Larkin chegou a essa conclusão.

— Este tribunal é ilegal porque a vossa presença em solo irlandês é ilegal.

— Em que o prisioneiro baseia essa presunção?

— Baseio-me no direito inglês.

O que posso dizer é que, quem quisesse escutar bem, poderia ouvir Charles Stewart Parnell e Daniel O'Connell bater palmas nas suas sepulturas.

— Levem-no! — disse Scowcroft com um gesto enérgico.

McAloon levantou-se imediatamente.

— O prisioneiro tem o direito de fazer

a própria defesa — disse ele, citando um dos pontos fundamentais da justiça inglesa. — A não ser, é claro, que o tribunal se contente em consignar nos autos que o prisioneiro teve cassado esse direito e foi reduzido ao silêncio.

Sir Lucian Bolt acorreu prontamente em auxílio do juiz.

— A Coroa nada tem a opor.

— Estou disposto a deixar o prisioneiro Larkin falar — disse o juiz — mas quero adverti-lo de antemão de que estamos num tribunal de justiça e que os seus argumentos devem limitar-se às questões em jogo e só a elas.

Pode falar, Larkin.

Conor deu alguns passos na direção do juiz e começou a olhar constantemente para este e para Sir Lucian Bolt.

— Há milhares de precedentes no direito inglês de casos em que um vizinho forte usou de força de um modo ou de outro para impor a sua vontade a um vizinho mais fraco. Esse uso da força como um método de posse sempre foi considerado ilegal pelos tribunais ingleses. Sem dispor no momento de livros que possam apoiar meus argumentos, posso, entretanto, citar uma dezena ou mais de casos famosos que sem dúvida são bastante conhecidos.

Conor iniciou então a mais magnífica dissertação de improviso que eu ou qualquer outra pessoa dentro daquela sala decerto já tinha ouvido.

A princípio, ninguém podia acreditar que aquela linguagem partisse de um homem manietado e andrajoso, mas em

breve ficamos todos inteiramente empolgados. Citou casos, conhecidos por todos os advogados, de questões em que o uso da força fora declarado ilegal entre vizinhos nas cidades, nos campos, entre grandes proprietários limítrofes, entre municipalidades, entre condados e até entre províncias inglesas, Gales contra Inglaterra, Escócia contra Inglaterra. Continuou citando dezenas de decisões dos tribunais coloniais em casos de disputa entre tribos em guerra, e entre clãs e províncias dentro de uma colônia. Passou então a citar questões internacionais submetidas à arbitragem da Inglaterra e em que, de acordo com o direito inglês, o uso da força da parte de um vizinho mais forte contra um vizinho mais fraco não tinha validade legal.

— O que os ingleses têm afirmado através do seu direito é que eles desejam coexistir com seus vizinhos num país e num mundo onde a força não é permitida para a solução das disputas porque a força, por si só, não cria um direito. Como nós sabemos, por qualquer definição possível, a Irlanda é vizinha da Inglaterra.

O pasmo era geral. Na minha opinião, o que mais espantava Sir Lucian Bolt, Sir Arnold Scowcroft e os outros ingleses que ouviam as palavras de Conor era que uma teoria tão profunda fosse exposta por um homem, que representava uma raça à qual eles sinceramente julgavam inferior. Eu tinha a impressão de que os juristas sabiam que estavam ouvindo não frases vazias destinadas a morrerem naquela

sala, mas uma afirmação que seria alegada por todos os povos dominados do mundo quando lutassem pela sua libertação. Se o direito inglês era, como eles diziam, uma extensão dos princípios da lei de Deus, os ingleses iam ter muita dificuldade em explicar o seu império.

— Se a Inglaterra adotasse a atitude de dizer que queria a Irlanda porque era mais forte e desejava explorá-la, talvez a presença inglesa fosse mais compreensível. Entretanto, os ingleses se esforçaram ao máximo para ter uma base legal para a sua ocupação da Irlanda. Era evidente que queriam explicar às futuras gerações a sua entrada neste país. Qual foi o instrumento da legalidade inglesa para invasão da Irlanda?

Foi uma bula papal datada de 1154

que vos deu a minha pátria. Quem vos deu a Irlanda? O documento foi emitido por um papa inglês a pedido do rei inglês que queria acumular reinos para seus filhos. Apresentais esse documento no ano de 1908 e dizeis: “É esse o direito que temos à Irlanda”.

Mas o documento era legal mesmo naquela época? Era o Papa dono da Irlanda? E uma invasão armada não anulou a legalidade da bula papal, de acordo com o direito inglês?

— Excelência — disse Sir Lucian, levantando-se — não vejo motivos para este tribunal ser sujeito ao que degenerou numa tirada feniana.

— Nada do que o prisioneiro disse até agora se afastou das diretrizes estabelecidas por este tribunal —

replicou McAloon.

Scowcroft tamborilou com os dedos na mesa. As coisas tinham chegado a um ponto em que ele tinha receio de tomar uma decisão a respeito da tese de Larkin e ele se julgava um jurista extremamente orgulhoso.

— Desejo ouvir o resto do que Larkin tem a dizer.

Conor respirou fundo e deu mais um passo na direção do juiz, apontando o dedo.

— Na presunção de que a presença da Inglaterra na Irlanda se baseou em fundamentos legais, precários, os atos subsequentes de natureza suspostamente legal não têm de fato qualquer base jurídica. Lamento de novo que não tenha a meu dispor uma boa biblioteca, mas posso

citar ainda assim quatrocentas leis decretadas contra o povo irlandês para ajudar, favorecer e expandir a presença inglesa num deliberado esforço de destruir uma antiga civilização por meio de leis contrárias a todos os conceitos de Deus e da democracia e, o que é mais, em contradição com os proclamados desejos britânicos de levar a civilização aos selvagens irlandeses.

Parou um instante e tossiu um pouco para diminuir a secura que sentia na garganta e na boca.

— Decretaram-se leis para destruir o conceito celta do catolicismo, que foi a luz e a flor da civilização ocidental quando a Inglaterra e o continente europeu ainda se debatiam na idade das trevas. Quando os ingleses tentaram impor a

Reforma e falharam, baixaram leis e subornaram vergonhosamente os bispos irlandeses para substituir o catolicismo celta por um anglo-catolicismo, totalmente alheio ao caráter irlandês. Fizeram-se também leis destinadas a erradicar a nossa língua, um avançado regime de governo pelo povo, nossa economia, nossos costumes, nossa tradição. A única base de justificação legal dos ingleses consistiu na convicção de que se imbuíram de que éramos uma raça inferior, incapaz de uma vida equitativa e que, portanto, se queríamos continuar a viver, tínhamos de tornar-nos ingleses. Tentaram provar ao mundo e ao próprio povo inglês que nós somos inferiores e que, por isso, devemos ser tratados como animais. Pior do que animais na verdade,

pois os animais são alimentados e aos irlandeses se deixa deliberadamente morrer de fome na Irlanda. Graças ao precedente de afirmar que o homem irlandês era um selvagem, e que a vossa missão era salvá-lo de si mesmo, conseguistes fundar um império em que estais também salvando de si mesmos homens pretos, amarelos e morenos.

Fez uma pausa e as suas cadeias tilintaram, mas ninguém mostrou qualquer disposição a interrompê-lo.

— Durante esses anos, esses séculos e essas gerações de cômica distorção do direito e da lei de Deus, através desses atos de coação em proveito próprio, através dessas leis baixadas para atender às necessidades do momento, essas falsas uniões impostas a povos que não as

querem sempre foram levadas a efeito com absoluto desprezo pelos selvagens. Nenhum inglês jamais perguntou ao selvagem como ele gostaria de ser governado, pois o direito de governar os outros foi aparentemente concedido por Deus à vossa bela e adiantada cultura ocidental de Mãe dos Paramentos.

“Os homens que dirigem hoje o governo inglês são os mesmos que há alguns anos se sentavam na bancada da oposição do Parlamento e externavam publicamente horror e repulsa diante do tratamento que os ingleses davam aos bôeres. Mas agora esses distintos cavalheiros estão no poder e os seus sentimentos de compaixão e de decência desapareceram estranhamente, como sempre acontece quando se trata dos

irlandeses.

— Deve isso continuar? — perguntou então Sir Lucian.

— Claro que sim! — replicou McAloon.

— Vejo-me num mundo cheio de vozes cada vez mais iradas de homens que não podem mais tolerar que suas vidas sejam manobradas pelos caprichos perversos de homens ambiciosos. Antes que este século XX chegue ao fim, os ingleses estarão arrumando as suas trouxas, em retirada sob desprezo de todos os cantos do mundo. Não passais todos de um bando de malditos hipócritas que vos apresentais ao mundo como sucessores das antigas democracias quando tendes as mãos manchadas de sangue e um Parlamento que ratifica todas

as farsas. A única coisa que realmente vos interessa é o dinheiro!

— Silêncio! Silêncio! — gritou Scowcroft, ao mesmo tempo que cessava a fascinação que o deixara preso às palavras de Conor.

Conor levantou a cabeça e riu enquanto os guardas corriam para ele.

— Mas, Excelência — disse ele — até o mais baixo dos irlandeses tem o direito de usar da palavra quando está no banco dos réus.

— Façam o prisioneiro calar-se!

— De que é que tem medo? Ninguém me ouvirá. Todas as providências nesse sentido foram tomadas.

Quando Conor foi subjugado, o Major Westcott perguntou ao juiz, fazendo uma reverência: — Vossa Excelência quer que

o prisioneiro seja amordaçado?

— Sim, faça logo isso! — exclamou Conor. — Vamos acabar com a ficção de que eu possa obter justiça da mesma gente que decretou as nossas leis penais.

Sir Arnold conseguiu dominar-se e fez um gesto negativo para o Major Westcott.

— Este tribunal já foi por demais generoso. Não há mais necessidade de qualquer declaração ou apresentação do prisioneiro.

— Tribunal? — perguntou Conor. — Não estou vendo tribunal algum.

O que vejo é uma sala encravada no fundo dos Montes Wicklow. Não há livros de direito, não há jornalistas, não há testemunhas, não há espíritos imparciais presentes. É assim que são os tribunais ingleses?

O juiz ficou paralizado de espanto.

— Quer-me dizer que me trouxe a este lugar para fazer justiça ou esta é realmente a justiça que os ingleses reservam para os irlandeses?

Conor se voltou, fazendo baterem as suas cadeias e olhou para todas as pessoas da sala, que não lhe puderam sustentar o olhar.

— Tribunal isto? Trata-se de uma câmara secreta, uma caricatura diabólica da Justiça, um retrocesso infame aos tempos da Inquisição. Está falando sério quando chama isto de tribunal?

Conor se aproximou da mesa do juiz e olhá-lo bem nos olhos e aconteceu que o magistrado desviou o olhar.

— É um estranho em minha terra, meu caro senhor. No fim, a sua falsa

legalidade será desmascarada e terá de sair de rastros da Irlanda, inteiramente desmoralizado!

Seguiu-se um longo e terrível silêncio.

— O prisioneiro — disse afinal o juiz com voz trêmula — será levado para confinamento em prisão solitária, enquanto o tribunal toma uma decisão sobre o caso.

O juiz saiu precipitadamente da sala enquanto o oficial de justiça ordenava: — Levantem-se todos!

# 16

Quando se revelou que o trem particular de Sir Frederick Weed fora utilizado pela Irmandade Republicana Irlandesa no contrabando de armas, ele atravessou um período de grave mortificação pessoal. O seu ressentimento se transformou em raiva quando soube que os homens de Sixmilecross iam receber sentenças leves. Convocando Lorde Roger e o conselho unionista, fez pressão no sentido de uma legislação severa que fosse capaz de deter a Irmandade Republicana Irlandesa.

O homem-chave era necessariamente Alan Birmingham, líder da bancada do Partido Liberal. No momento,

Birmingham se comprazia em deixar a questão irlandesa em banho-maria. Os liberais tinham vencido por uma maioria esmagadora, não precisavam de fazer coalizão com o Partido Irlandês e não tinham intenção de levantar a questão da Autonomia.

Birmingham compreendia que grande parte dos seus correligionários não toleravam aquele periódico casamento à força do partido com os irlandeses e se inclinavam mais para os unionistas do Ulster.

O que convenceu Birmingham da necessidade de novas e severas leis foi a onda de sentimento antiirlandês provocada pelo caso de Sixmilecross. Os guetos irlandeses através do país foram atacados e por toda parte se ouvia o velho

clamor de que era preciso “deportar todos os patifes fenianos”. As tendências vigentes e o conhecimento confidencial que tinha das palavras proferidas por Conor Larkin levaram-no a concordar em reunir-se com a oposição para discutir a legislação necessária.

Foi combinada uma conferência para realizar-se em Rathweed Hall.

Sir Frederick e Lorde Roger estavam presentes pelos unionistas.

Birmingham compareceu em nome dos liberais. Sir Philip Huston, líder da bancada conservadora, representava o seu partido e Sir Lucian Bolt estava presente na qualidade de consultor e observador do gabinete.

Era um grupo poderoso, todo composto de gente que calculava

friamente. A presença de Alan Birmingham mostrava que ele não ia ser negligente em matéria de legislação antiirlandesa. Tinha visto o sentimento antiirlandês derrubar alguns governos no passado e os outros sabiam que ele ia desempenhar o seu papel.

Sir Frederick apontou o seu charuto para a mesa de mogno polida e disse com a voz trêmula de emoção: — Posso fechar os olhos à minha humilhação pessoal. O que não posso é permitir que um exército de traidores seja organizado neste solo com a intenção de arrancar-nos pela força desta ilha que é nosso lar.

— Apoiado — disse Sir Philip Huston. Podia cochilar de vez em quando, mas tinha o espírito vivo. Consultara os conservadores antes da reunião e todos

estavam dispostos a apoiar as medidas mais drásticas em favor da União. — Todos sabem qual é a posição dos conservadores e dos unionistas. É evidente que tudo depende de seu grupo, Birmingham.

Alan Birmingham sabia que tinha de medir tudo na função das consequências imediatas e remotas. As ligações intermitentes com o Partido Irlandês tinham sido basicamente uma questão de interesse. No momento, a coalizão não era necessária e as relações estavam um pouco frias. Entretanto, Birmingham sabia que não podia cortar inteiramente os laços dos liberais com os irlandeses porque a situação no futuro poderia ser bem diferente daquela.

— Não poderei apresentar qualquer

legislação corretiva como uma posição oficial dos liberais. Entretanto, estou aqui porque a urgência da medida é evidente. Por isso, estou disposto a abandonar as minhas prerrogativas de líder e dizer aos meus correligionários: “Escutem, isto para mim é uma questão de consciência e eu apóio o projeto. Devem agir da mesma maneira. Cada qual votará conforme a sua consciência.”

Compreendem o que eu quero dizer?

Todos eles compreendiam muito bem.

— Quantos votos você acha que vamos ter de sua gente, Alan? — perguntou Sir Philip Huston.

— Cem votos, no mínimo. Isso, junto com os votos de vocês, dará ao projeto uma boa maioria.

Sir Frederick sorriu. Birmingham era

um político hábil. Apoiaria o projeto com a mão direita e com a esquerda continuaria a fazer o jogo interpartidário.

— Sir Lucian — disse Weed, voltando-se para o representante da Coroa. — O Primeiro-Ministro reconsiderou a sua opinião quanto a manter uma política branda em relação à Irmandade Republicana Irlandesa?

Lucian Bolt era visceralmente antiirlandês. A decisão ministerial de agir com cautela no caso muito o contrariava. Compreendia de um ponto de vista prático que a Irmandade Republicana Irlandesa recrutaria mais cedo ou mais tarde os efetivos necessários e se entenderia com os alemães para conseguir armas. Por que dar-lhes o tempo de que necessitavam? Isso só serviria para adiar um confronto

que teria de acontecer daí a alguns anos. Se fosse aplicada uma pressão imediata, eles teriam de lutar palmo a palmo. Era a única solução.

A restrição que sentia era a necessidade de proteger a comunidade protestante do Ulster. Os protestantes precisavam de armas. A nova legislação era elaborada no sentido de criar “opções seletivas”. Seria uma questão de critério quem deveria ser processado criminalmente e quem não deveria. Permitiria que o Procurador-Geral não desse tréguas à Irmandade Republicana Irlandesa, deixando ao mesmo tempo que os protestantes do Ulster se armassem à vontade.

— Estou inteiramente disposto a julgar essa gente de Sixmilecross pela

nova legislação no momento em que ela for aprovada para dar a todos a espécie de castigo que merecem.

Weed fez descer o punho fechado sobre a mesa em sinal de aprovação.

— Ótimo!

— Não houve um acordo concluído com Robert Emmet McAloon? — procurou saber Birmingham.

— Em face da atitude de Larkin, o acordo não tem mais validade — respondeu Sir Lucian Bolt.

— Um momento — insistiu Birmingham. — Desejo ficar a par disso com muita clareza. Larkin não foi excluído do acordo feito?

— Creio que McAloon incluiu Larkin no acordo — disse Sir Lucian.

— Pensa mesmo assim? — perguntou

Sir Philip Huston. — Soube que McAloon ficou muito desconcertado com a recusa de Larkin a participar do acordo.

— Foi tudo uma farsa indecente — disse Sir Lucian. — Basta examinar os fatos. Esse tal Larkin é um camponês das montanhas, que não teve instrução de espécie alguma. Foi um embarcadiço da marinha mercante, que jamais conseguiu coisa alguma exceto ser ferreiro. É claro que não poderia desenvolver as teorias que expôs, se não fosse instruído por McAloon.

— Talvez tenha razão nisso — disse Sir Philip. — Mas as atas do que ele disse são por demais interessantes. Há muitos comentários a esse respeito entre os meus colegas. Estava presente, Sir Lucian. Qual foi a sua impressão?

— Foi um tanto divertido, não resta dúvida. Sabem como essa gente é.

Havia no que ele disse coisas suficientemente malucas para virar a cabeça da população de Dublin e, decerto, a intenção era essa. O velho Scowcroft deixou-o falar demais.

Sir Lucian falava aos outros de pé, no seu melhor estilo de advogado.

— É preciso deixar uma coisa bem clara. Só entramos num acordo com McAloon porque a ideia dominante naquele momento era evitar um clamor público. Nossa posição agora se transferiu para um nível diferente.

Vamos elaborar uma legislação mais severa e subsequentemente julgaremos esses homens e lhes daremos a punição que merecem.

Naturalmente, os irlandeses reclamarão, mas o acordo que tínhamos com eles não tem mais validade. Nosso objetivo se modificou do tempo em que fizemos o acordo para cá.

Tanto Sir Philip Huston quanto Alan Birmingham mostraram nas suas fisionomias o espanto que lhes causava essa atitude que só podia ser considerada perfídia e traição.

Lucian Bolt sentiu isso e declarou: — Insisto, aliás, em dizer que foi McAloon quem rompeu o acordo, fazendo Larkin falar como falou.

— Escute, Freddie — disse Sir Philip com desagrado geral. — Você conheceu de perto esse tal Larkin. Que acha dele?

— Quem vai responder a isso sou eu — disse Roger Hubble. — É um

desprezível e pérfido irlandês. Encarna tudo o que há de mau na sua raça.

É mentiroso, conspirador e capaz de cortar o pescoço de seu melhor amigo. Chegou quase a fascinar o jovem Jeremy com as suas façanhas esportivas e levou o garoto para bordéis e bebedeiras, envolvendo-o numa lamentável briga.

Sir Frederick fechou os olhos e, se pudesse, tamparia os ouvidos, enquanto Roger continuava.

— Graças à sua falsa pretensão de apresentar-se como um mestre-ferreiro, ganhou a confiança de minha mulher e todos nós sabemos como ele usou a amizade de três pessoas de minha família para executar os seus planos de contrabando de armas. É um homem esperto, diabolicamente esperto... —

Roger resolveu parar sabendo que todos o observavam e que ele se estava deixando dominar pela raiva... — Ele...

causou muito sofrimento a todos nós...

— Era um grande jogador de rúgbi — disse então Sir Philip. — Vi-o uma vez marcar dois gols em cinco minutos contra Oldham. Tive quase um ataque do coração.

— Não tenho um pingão de vingança em meu coração — disse Sir Frederick — mas confio em Sir Lucian para mantê-lo na prisão.

— É essa a minha intenção.

— Vamos continuar, meus senhores — disse Sir Frederick, batendo na mesa para chamar a atenção de Huston. — Até aqui, estamos de acordo.

Espero que todos aceitem a palavra de

Sir Lucian de que não há acordo entre o Procurador-Geral e a chamada Irmandade Republicana Irlandesa e que, portanto, Sir Lucian tem inteira liberdade de tratar com vigor o caso de Sixmilecross, dentro da nova legislação.

Alan Birmingham e Sir Philip assentiram com alguma relutância, mas assentiram.

— O Partido Unionista não deseja apresentar o projeto de lei, pois isso poderia ser interpretado como um gesto de vingança e Deus sabe que nada está mais longe do meu espírito do que isso — disse Weed. — Consegui convencer Sir Philip a fazer os conservadores apresentarem o projeto. Por fim, temos o seu apoio tácito numa base não-oficial, não é, Alan?

— Exatamente — disse o líder dos liberais — Nós, do Ulster, estamos naturalmente mais preocupados e mais a par da situação — disse Roger Hubble. — Consegui de todos os partidos que me deixassem redigir a minuta do projeto. Para efeito de identificação, denominei-o de Lei de Detenção e Poderes de Emergência. Se me permitirem, vou ler o preâmbulo.

Roger levantou-se, distribuiu cópias a todos os presentes e, enquanto todos se muniam de óculos e os papéis eram folheados, começou a ler: — “Certos crimes extraordinários relacionados com sedição vêm ocorrendo, sem que estejam suficientemente previstos nos dispositivos das leis existentes e dos processos judiciários comuns. Em decorrência desta

lei, o Procurador-Geral terá poderes para identificar tais crimes quando forem cometidos e classificá-los numa categoria tal que possam ser julgados dentro das disposições da presente lei”. — Roger concluiu depois de ler o preâmbulo: — A responsabilidade será exclusivamente do Procurador-Geral.

Os pontos mais interessantes foram discutidos algumas horas depois. Sir Frederick estava radiante ao apertar as mãos dos que se retiravam.

— Bem, fizemos um novo conjunto de regras de ação — disse ele.

Sir Philip, que havia cochilado intermitentemente, comentou que era agradável ficar acordado até tarde num ambiente como aquele. Correu a mão pela superfície polida da mesa.

— Parece mogno *khaya* da Nigéria, mas sei que não é — disse ele, que se vangloriava da sua experiência como autoridade colonial.

— Tem razão, Sir Philip — disse Weed. — Caroline comprou isso há anos. É mogno de Quintana Roo.

— Quintana Roo?

— Sim, é um distrito pouco conhecido do México. O mais belo mogno do mundo, não acha?

Quatro dias depois da reunião de Rathweed Hall, a Lei de Detenção e Poderes de Emergência foi aprovada por grande maioria na Câmara dos Comuns.

Dois dias depois da aprovação da Lei de Detenções e Poderes de Emergência, Conor foi transferido de sua cela no quartel de Arbor Hill, em Dublin. Acorrentado e com um capuz na cabeça, levaram-no à noite para um calabouço nos porões do Castelo de Dublin.

Sentaram-no numa cadeira a que depois o amarraram e colocaram-no diante de uma comprida mesa, sem lhe tirarem o capuz da cabeça.

Observado de fora por um postigo, ficou assim durante várias horas sem comida, sem água e sem o direito de usar instalações sanitárias.

Numa hora que ele ignorava, quatro

homens entraram na sala e o capuz foi tirado. Três deles eram oficiais do exército e se sentaram diante dele, do outro lado da mesa. O quarto homem era Sir Lucian Bolt, que se sentou diante de uma mesa menor. O oficial mais graduado, o Coronel Hibbert, abriu uma passagem para as suas palavras através dos bastos bigodes.

— Prisioneiro Larkin, está agora diante do tribunal, de acordo com o determinado pela Lei de Detenção e Poderes de Emergência. Sir Lucian Bolt está presente na qualidade de promotor especial representando o gabinete do Procurador-Geral. Ele é quem vai lhe explicar as regras do jogo, por assim dizer.

— Para que essa farsa? — disse

Conor. — Digam logo qual é a sentença e deixem-me ir ao banheiro e dormir um pouco.

O Major Disher, à direita, e o Major Young, à esquerda, olharam o perigoso feniano. Tinham dito que ele era um pouco rude e de fato era o que parecia. Felizmente, estava bem acorrentado.

— Isso será feito oportunamente — disse o Coronel. — Aconselho-o a cooperar.

— Coronel, o senhor parece um homem de bem. Como conseguiram arrastá-lo para esta palhaçada? Cumprimento do dever e o mais que se segue, não foi? Pelo menos, o último lugar a que deram o nome de tribunal tinha uma bandeira...

— Peço-lhe pela última vez que

coopere.

— Tremo de alegria só de pensar que vou receber a justiça do Rei...

— Guarda!

A porta se abriu e quatro soldados entraram de pistola em punho.

— Amordacem o prisioneiro! — ordenou o coronel.

A boca de Conor foi tão apertada que sangrou. Conor fez cair a cadeira e rolou pelo chão até ficar de costas para os homens. O coronel ordenou que o levantassem, voltassem-no para a mesa e lhe segurassem os cabelos para que ele fosse forçado a olhar para o tribunal.

— Pode falar, Sir Lucian.

Lucian Bolt pôs os óculos e se levantou, tendo na mão a nova lei, da qual passou a ler os principais artigos.

Só o Procurador-Geral podia determinar quem devia ser submetido a julgamento.

Não havia necessidade de qualquer outra exigência legal.

Qualquer pessoa considerada suspeita podia ser presa e revistada sem mandado judicial.

Qualquer pessoa considerada suspeita podia ser presa indefinidamente sem culpa formada e sem direito a fiança.

Qualquer pessoa considerada suspeita podia comparecer perante um tribunal militar de três homens, a pedido do Procurador-Geral.

Não haveria autos dos processos e só um resumo seria solicitado ao tribunal.

Os réus não podiam apresentar testemunhas; a apresentação de

testemunhas cabia exclusivamente ao tribunal, se o julgasse necessário.

O tribunal tinha poderes para proferir qualquer sentença, da absolvição e da pena de prisão por qualquer duração de tempo até à pena de morte.

Não podia haver apelações. Só as sentenças de morte poderiam ser revistas por uma autoridade superior.

Sir Lucian perguntou aos três oficiais se tudo isso era claro e disse que tais medidas, embora repugnantes à justiça inglesa, eram o único meio de combater a sedição. Os três oficiais concordaram plenamente. Sir Lucian continuou a ler as peças do processo, fez um histórico do caso e então acrescentou as razões da Coroa.

— Em nome da equidade — disse o

Coronel Hibbert — vou pedir à guarda que tire a mordaca do prisioneiro para que o mesmo possa falar em sua defesa. Mas desde já advirto que nenhuma falta de respeito será tolerada, Conor tentou cuspir. A boca estava seca, mas alguma coisa atingiu o rosto do Coronel Hibbert. Este limpou o rosto sem tirar os olhos do prisioneiro. Os três saíram então para deliberar em companhia de Sir Lucian e voltaram daí a três minutos.

— O tribunal de Sua Majestade Britânica, no uso dos poderes que lhe são conferidos pela Lei de Detenção e Poderes de Emergência, julga o réu Conor Larkin culpado de todas as acusações que lhe são atribuídas. Deve ser levado para uma instituição penal a ser indicada posteriormente, onde cumprirá sentença

por um período de cinquenta anos. Este tribunal nota ainda a atitude hostil, provocadora e sem espírito de cooperação manifestada pelo prisioneiro e o condena a receber punição corretiva sob a forma de vinte chibatadas. O tribunal suspende a sua sessão pelo prazo de uma hora, depois do que se reunirá de novo para julgar os outros implicados no chamado incidente de Sixmilecross. Obrigado, senhores, pelo dever que cumpriram. Obrigado, Sir Lucian. Deus salve o Rei.

# 18

“Não deixes o teu coração declinar para os caminhos dela, nem desgarrar-se nos seus passos... A casa dela é o caminho do inferno e desce para as câmaras da morte.”

“Não sabes que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não te enganes: nem fornicadores, nem adúlteros, nem ladrões, nem injuriosos herdarão o reino de Deus.”

Todas as quartas-feiras depois de Sixmilecross, as irmãs do Corpo Auxiliar Feminino dos Cavaleiros de Cristo ouviam uma arenga sobre a devassidão de Shelley MacLeod. Era uma lição tão horrenda e tão clara que não podia ser

esquecida e MacIvor estava empenhado em gravá-la no espírito de todas as mulheres de sua igreja.

Ao fim da reunião semanal das mulheres, MacIvor aparecia no salão para uma prece final e algumas palavras inspiradas.

— Como Sodoma e Gomorra e as cidades que as cercavam se entregavam a fornicções, sendo então escolhidas como exemplo para sofrimento e vingança do fogo eterno, esses seres imundos que conspurcam a carne, desprezam o domínio divino e abraçam o mal...

Ficou em posição de prece, com os braços abertos, os lábios trêmulos e os olhos cheios de lágrimas.

— Mulheres, mães, filhas e esposas cristãs! Fostes aviltadas. A prostituta

fugiu, mas não escapará dos olhos, nem da vingança do Senhor.

Que mãe entre vós não tremerá de horror e de vergonha ante a ideia de sua filha virgem unir a sua carne à de um traidor papista? Não devemos jamais cessar a nossa vigília na procura da prostituta que cobriu de vergonha o nosso povo. Não deveis esquecer essa terrível lição no vosso esforço para a pureza e para a devoção...

Uma marca de Caim invisível fora traçada nas casas dos MacLeods em Tobergill Road. O silêncio, a forma mais cruel da tortura entre vizinhos, fora imposta aos MacLeods e só era quebrado por furiosos ataques materiais. Havia semanas que ninguém dirigia a palavra a Morgan ou a seu filho. Lucy levara

cusparadas, fora bombardeada com legumes e certa vez chegaram a molhá-la com a água de uma mangueira. Matt levava tantas surras dos garotos da vizinhança que tivera de ser levado para um internato. Até a doce Nell recebera um dia um punhado de lixo no rosto.

Durante algum tempo, Morgan e Nell continuaram a frequentar em desafio a Igreja do Salvador, no Shankill, atravessando o campo de gelo dos seus antigos vizinhos. Nessas ocasiões, MacIvor resmungava imprecações de ódio, dando assim o tom para o procedimento dos outros.

Muitos amigos de Morgan de fora do bairro não pensavam que ele tivesse culpa. Os irmãos da loja de Orange dividiam-se em relação ao caso.

Embora Morgan e Robin não pudessem ser considerados culpados pelo que Shelley fizera, era certo que nenhum deles poderia recuperar o seu prestígio na Ordem.

Acontecia o mesmo nas oficinas. Muitos velhos amigos se aproximavam para testemunhar a sua solidariedade. Alguns dos vizinhos tinham a coragem de fazer o mesmo. Não eram muitos, porém, pois receavam receber tratamento semelhante.

A atmosfera infecciosa de ódio que nunca variava no Ulster tomava Shelley MacLeod inesquecível para os Cavaleiros de Cristo e suas mulheres. MacIvor fazia as mulheres saberem que o caso era pior para elas, pois se tratava de uma transgressão feminina e porque talvez

Shelley MacLeod refletisse desejos femininos ocultos, de modo que todas elas tinham a sua parte de culpa.

A dignidade de Morgan MacLeod e de sua família e a sua recusa de bater em retirada produziam um impasse. Tinha havido uma breve discussão, mas eles não eram do tipo que emigrava e não iam ser tangidos de sua terra.

Um dia, nas oficinas, Morgan sentiu uma dor terrível, perdeu o equilíbrio e caiu de uma altura de seis metros, no chão, fraturando as costas.

Oliver Cromwell MacIvor foi tomado da noite para o dia por um sentimento de piedade cristã. No domingo seguinte, disse que o Senhor recebera plena compensação pelos pecados de sua filha transviada e que tinha chegado a hora de

perdoar.

Cheios de vergonha pelo seu procedimento anterior, os fiéis iniciaram uma vigília ininterrupta de preces enquanto Morgan MacLeod se debatia entre a vida e a morte.

O maço de cigarros estava vazio. Robin amassou-o e jogou-o na cesta de papéis. Saiu da plataforma e foi até a janela da sala do agente da estação.

— O trem de Dublin está na hora?

— Na hora, sim.

Robin estava suficientemente nervoso para chamar a atenção do agente da estação. Havia quarenta minutos andava de um lado para outro, murmurava coisas incoerentes, sentava-se, levantava-se, torcia as mãos e fumava sem parar. O velho agente sabia que muitas pessoas iam

a Lisburn para esperar alguém com quem não queriam ser vistas em Belfast. O rapaz era simpático e estava bem vestido. Por conseguinte, devia estar indo esperar uma mulher sem a esposa dele saber.

Robin verificou a hora. Dez minutos. Foi até o café e comprou um maço de cigarros. Voltou para a plataforma, fumando e olhando para os trilhos.

Robin não tinha certeza de ter agido como devia. O primeiro mês depois de Sixmilecross tinha sido um verdadeiro pesadelo. Julgou que seria capaz de suportar a pressão, mas até o time estava dividido.

Primeiro, todos os católicos foram afastados e, quando voltaram, ficaram reunidos em silêncio em pequenos grupos. Não bebiam mais em companhia dos

outros e quase tinham perdido o espírito de equipe. A situação se tornou tão ruim que Sir Frederick cancelou a excursão à Austrália.

Durante todo o tempo em que Shelley e Conor estavam vivendo juntos, Morgan tinha imposto silêncio, ordenando que nunca mais se pronunciasse o nome de Shelley dentro da casa. Entretanto, isso o mortificava e afligia, minando-lhe a vida. Morgan sabia que Robin via Shelley às escondidas, mas nada dizia nem perguntava, não mandava lembranças, bênçãos, nada. Mas Robin sabia que o pai ficava sozinho muito tempo no quarto de Shelley quando pensava que ninguém o estava vendo, demonstrando um pesar profundo.

Houve então o caso de Sixmilecross e,

com ele, o estigma do ostracismo da vizinhança, inspirado pela igreja de seu pai. Robin nunca poderia considerar a irmã uma prostituta. Era a mulher mais bela e mais decente que ele conhecia, tão decente quanto Lucy e quanto Nell. Incapaz de ofender qualquer pessoa, Shelley nunca falara mal de ninguém.

Morgan tentara reuni-los depois de Sixmilecross, mas se estava debilitando visivelmente. Cada noite que lia a Bíblia, escolhia as passagens que falavam em arrependimento e deixavam entrever a luz do amor.

“E quanto menos então naqueles que moram em casas de barro, cujos alicerces estão no pó e que são esmagados antes mesmo que as mariposas? São destruídos da manhã à noite; perecem para sempre

sem ninguém ver... morrem, até sem sabedoria”.

Os vizinhos que vão para o inferno, Morgan, queria gritar-lhe Robin.

Não se preocupe nem em justificá-los, nem em amaldiçoá-los...

Morgan começou então a ler as passagens sobre a morte, sempre a morte. Na noite anterior à sua queda, ele falara da morte numa voz cansada. Fora a última vez em que ele lhes lera a Bíblia.

“Rende glória ao Senhor teu Deus antes que ele cause as trevas e teus pés se transviem pelas montanhas negras e, enquanto procurares a luz, ele a transformará na sombra da morte e fará cair a grande escuridão. Mas, se não ouvires, minha alma chorará em lugares secretos por teu orgulho...”

— *É seu pai, Robin! Caiu do alto do dique Big Mabel!*

Malditos hipócritas que agora vêm chegando com lamentações e preces. Vocês o mataram, malditos hipócritas!

*Nunca tive a intenção, Robin...*

*Rezaremos por ele...*

*Pode apertar minha mão, Robin MacLeod?*

*Demorou muito, Robin...*

*Você e Lucy querem ir jantar conosco?*

*Hipócritas! Malditos hipócritas!*  
**MISERÂVEIS HIPÓCRITAS!**

Robin se assustou com o apito do

trem. Apagou o cigarro e guardou-o no maço por um velho hábito de frugalidade desde o tempo das oficinas e se aproximou enquanto o trem parava diante da plataforma.

Shelley e Robin se abraçaram enquanto os outros passageiros olhavam e desapareciam na noite e o trem prosseguia a sua viagem para Belfast. O agente da estação viu o abraço e convenceu-se de que tinha razão. Aqueles dois se amavam muito.

— Como vai ele?

Robin levou-a para um banco.

— Já lhe vou falar sobre isso.

— Podemos ir para Belfast e vê-lo?

— Hoje à noite, não.

— Providenciou um quarto para mim?

— Escute, lembra-se do velho Cappy

O'Dwyer? É... católico. Jogava pelo clube no tempo em que eu comecei nos aspirantes. Fizemos boa amizade e ele me ensinou muita coisa. De qualquer maneira, o velho Cappy melhorou muito de vida depois que saiu do clube. Parece que ele tem o monopólio de todas as destilarias de *poteen* nas montanhas de Moume. Mora numa grande e bela casa nos arredores de Lisburn. Imagine que ele tem até uma casa de hóspedes. Você estará mais segura lá.

A casa de hóspedes de Cappy O'Dwyer tinha três usos: hospedava portadores de *poteen*, republicanos foragidos e amigos que tinham mulheres diferentes das esposas. A cozinha era acolhedora e farta, com presunto, coelho guisado e outros pratos. Cappy tinha

orgulho da sua habilidade culinária.

— Agora, vou deixá-los — disse Cappy — Sua irmã pode ficar inteiramente à vontade.

Shelley lhe afagou o rosto e agradeceu-lhe.

— Há um botão elétrico ali na parede e outro na cabeceira da cama.

Basta tocar qualquer deles que eu virei correndo lá de casa. Fique à vontade e pelo tempo que quiser.

— Obrigado por tudo, Cappy — disse Robin.

— Não há de quê — disse ele, olhando para Shelley com uma expressão que dizia que a companheira de Conor Larkin era para ele quase como uma santa.

Tentaram comer, mas desistiram. Shelley olhou para o irmão e perguntou:

— Como vai ele? Diga logo!

— Morgan está morrendo, Shelley. Perdeu a vontade de viver, essa é que é a verdade.

— Compreendo. Ele deve odiar-me desde que...

— Está enganada. Tudo mostra que ele adora você. Começou a morrer no dia em que você saiu de casa, mas ficou sem saber como se aproximar de você. Só continua vivo na esperança de tornar a vê-la. Chama por você todos os dias. Se não fosse assim, eu não lhe teria pedido que viesse.

Shelley afagou os cabelos do irmão e sorriu. Mas não teve muito sucesso. O rosto de Robin estava pálido de exaustão e os olhos, avermelhados de tanto que ele tinha bebido. Apesar de toda sua bravura

nos campos de rúgbi, Shelley sabia que o irmão era um fraco e que Morgan era a luz que o guiava. Quando o pai morresse, Robin, mais que qualquer outra pessoa, ficaria arrasado.

— Parece que eu trouxe muito sofrimento para todos — murmurou Shelley.

— Não! — exclamou Robin. — Tudo é culpa da maldita cidade de Belfast! Todos se metem na vida dos outros. Que é que alguém tem com a pessoa de quem você gosta? Ninguém na família culpa você de coisa alguma, Shelley. Confesso que, quando levei você para longe de Belfast, depois de Sixmilecross, amaldiçoei até o dia em que você nasceu.

Amaldiçoei você depois em vista do que estava acontecendo a Lucy, a Matt e a

Nell. Mas Morgan nos fez voltar à razão. Não queria que fôssemos consumidos pelo mesmo ódio que destruía nossos vizinhos. Ele me fez sentir vergonha de que... durante algum tempo... eu tivesse deixado de gostar de você...

— Belfast é uma cidade alucinada, doente — disse Shelley. — Robin, saia quanto antes de lá com Lucy e Matt!

Robin acendeu um cigarro com as mãos trêmulas. Foi ao armário e encontrou uma garrafa de uísque.

— É um verdadeiro inferno, Shelley. Mas, apesar do procedimento dos vizinhos, Morgan perdoou-os a todos. Afinal de contas, são nossos vizinhos... Compreenda, Shelley, sou um homem cheio de medo quando viajo todos os anos para a Inglaterra. Tenho medo até quando

saio do Shankill aos domingos. Nas oficinas, no campo de rúgbi e no Shankill, eu sou alguém. Quando saio de Belfast, não sou mais ninguém. Morgan me ensinou isso... Nunca tive tanto orgulho na vida quanto no dia em que Morgan me inscreveu na sua loja e eu desfilei ao lado dele. Nunca me passou pela cabeça fazer mal aos católicos. Nunca dei ouvidos aos ministros que pregavam o ódio contra eles. Conor disse que tinha vontade de vomitar quando via a minha faixa de Orange, mas eu só a usava para ficar ao lado de meu pai, como se fôssemos o rei e o príncipe do Shankill.

Essa é que é a verdade. Ainda depois de tudo o que fizeram, não posso sair de lá. A própria Lucy fica assustada quando saímos em férias, a tal ponto que nem me

pode amar. Só queremos as nossas casinhas. Ali é que nos sentimos à vontade.

Depois de alguns drinques, o rosto de Robin rebrilhou de suor.

— E você, Shelley? Como é que tem passado?

— Muito sozinha. Com saudades dele. Com saudades de vocês todos.

Olharam-se e ele então segurou desesperadamente a mão de Shelley.

— Nunca fui contra Conor porque ele fosse católico. Não compreendo nem por que estamos lutando uns com os outros. Pergunte aos homens do time! Pergunte a Cappy O'Dwyer! Pergunte a todos se algum dia ouviram uma só palavra minha contra os católicos! Não sei por que Conor brigou comigo e me insultou

quando eu estava procurando salvá-lo. Ele me atacou porque eu uso uma faixa de Orange... Shelley... quando você estiver com ele, quer dizer-lhe que eu quero bem a ele como se fosse meu irmão?

Shelley abraçou-o e lhe embalou no seio, como se ele fosse um menino.

# 19

Heather Tweedey era uma velha figura diferente no bairro. Ela e sua velha mãe tinham vivido quarenta anos na mesma casa em Malvern Street.

Quando a mãe ficou inválida, Heather incumbiu-se do trabalho dela de chapéus de mulher sob encomenda e de abajures de fantasia. Mais tarde, começou a vender a domicílio espartilhos feitos sob medida.

Certa vez, trinta anos antes, tinha havido um pretendente. Era um viúvo, que trabalhava nas oficinas e tinha quatro filhos pequenos. Quando o namoro atingiu uma etapa mais séria, a mãe de Heather sofreu um terrível ataque, o qual exigia a atenção constante da filha. Depois que o

pretendente partiu em busca de terrenos mais propícios, Heather nunca mais teve um namorado que significasse alguma coisa. Além do trabalho e dos cuidados com a mãe no andar de cima, a vida dela passou a gravitar em torno da igreja e do evangelho. Passou a considerar o sexo masculino um adversário, pois tinha aquele instrumento assustador e perverso entre as pernas. Como a mãe antes dela, Heather Tweedey se tornou uma criatura seca e azeda.

Bendito fosse o dia em que, vinte anos antes, Oliver Cromwell MacIvor chegara a Belfast como um salvador, um verdadeiro discípulo de Jesus, puro e repleto de bondade. Heather amou desde o princípio o doce rosto cintilante e sensível, as mãos macias e gentis, a

santidade do espírito. Guardava segredo sobre o seu amor como faziam as outras mulheres da igreja que tinham sentimentos semelhantes.

O pregador sabia muito bem o contraste acentuado que ele representava em relação aos homens rudes que labutavam nas oficinas.

Era como o menino Jesus e procurava despertar não só o instinto maternal das mulheres da congregação, mas também os desejos sensuais que as agitavam. Fazia referências maliciosas a passagens da Bíblia que acentuavam os prazeres da carne. Num dos seus mais famosos sermões, MacIvor descrevia Jesus como se descrevesse um amoroso dominado por uma fantasia sexual levemente velada para o seu rebanho ignorante e excitado...

Heather Tweedey foi desde o começo um dos pilares da congregação de MacIvor, a mais dedicada figura do seu rebanho, a que mais arduamente trabalhava. Visitava os doentes, dava aulas de catecismo e era elemento destacado de todas as reuniões sociais e de levantamento de fundos. O seu trabalho foi recompensado com o título permanente de diretora do Corpo Auxiliar Feminino dos Cavalheiros da Cruz.

Alimentava, havia muitos anos, sonhos com MacIvor, tendo a espécie de pensamentos que não teria coragem de transmitir a ninguém e só com dificuldades confessava a si mesma. Eram segredos escondidos no fundo da carne, muito diferentes dos gemidos que se ouviam através das paredes finas, e neles

não figurava o horrendo instrumento masculino.

Eram prazeres sublimes e belos que se desenrolavam num cenário de nuvens com acompanhamento de harpas e de anjos. Eram sonhos de sensações imaculadas em que o seu amado... era Cristo, na pessoa de Oliver Cromwell MacIvor. Nas horas em que se curvava sobre a máquina de costura, deixava às vezes que esses sonhos a dominassem em plena luz do dia e quase sempre se levantava com uma estranha umidade entre as pernas.

Oliver! Precioso salvador!

Sendo diretora do Corpo Auxiliar, realizava todas as noites de sábado uma reunião em sua casa. Naquele grupo pequeno e íntimo, falava-se incessantemente em Oliver. Ela adorava os sábados. As

outras glorificavam e veneravam o seu amante secreto e ela sabia que, quando fosse dormir naquela noite, teria uma repetição daquelas sensações proibidas.

As outras mulheres eram dedicadas e até fanáticas no seu trabalho.

Heather podia não compreender que pertencessem ao Corpo Auxiliar pelas mesmas razões dela, pois eram todas casadas. Como poderia Oliver significar tanto para elas? Mas significava.

Heather mal podia conter-se quando chegou a hora da reunião daquele sábado. Os maridos das mulheres tinham ido para os bares e elas se dirigiram para a casa dela. Quando as seis componentes da diretoria se achavam reunidas e a mãe estava acomodada para dormir, o chá foi servido. Sem conter o seu nervosismo,

Heather deu a notícia.

— Vi a prostituta — disse ela. — Shelley MacLeod estava no Hospital Victoria.

Quando as outras se refizeram da surpresa, Heather assegurou que não fora vítima de uma ilusão de óptica.

— Eu estava fazendo companhia a Arabella Forbes, na noite passada.

Como o velho Lawrence está tão perto do fim e como eu sou tão amiga de Arabella, as enfermeiras me deixaram ficar até depois da hora das visitas.

Já eram onze horas quando eu saí. Estava descendo pelo corredor e parei um instante para fazer uma prece à porta do quarto de Morgan MacLeod. A porta estava entreaberta e foi por isso que eu a vi com estes olhos, sentada ao lado da

cama, segurando a mão do pai, apesar de impura e maculada como é.

— Que é que acham que devemos fazer? — perguntou Ade Mac-Dougall.

— Devemos ir imediatamente à polícia.

— Não. A imunda cadela não cometeu nenhum crime civil.

— Vamos então procurar o Reverendo MacIvor e pedir-lhe um conselho — disse Mae Duncan.

— Não — murmurou Heather. — É nossa obrigação protegê-lo.

Escutem, sempre anotei todas as passagens da Bíblia citadas por ele. As que se referiam a Shelley MacLeod estão marcadas em vermelho. Se nós as lermos juntas, teremos com certeza uma mensagem muito clara.

A porta da cela foi aberta. Hugh Dalton, um guarda da prisão, entrou e parou junto ao catre de Conor Larkin. Sacudiu-o para acordá-lo.

— Está na hora, Larkin.

Conor abriu os olhos e espreguiçou-se.

— Que pena acordar e ver sua cara, Dalton! Estava tendo um sonho tão bom... Que é que há?

— Tem de vir comigo.

Conor viu cinco guardas postados à porta da cela.

— Estou vendo. A escolta real. Bom dia, amigos. A minha carruagem já está pronta? Para onde vão-me levar? Para o Hotel Russell, em St.

Stephen's Green, para jantar com o

Arcebispo? Ou para a Torre, onde me vão cortar a cabeça?

— É o pelourinho para as chibatadas — disse Hugh Dalton.

— Ah, sim, o pelourinho. Encomendei isso há tanto tempo que pensei que não fosse mais ser atendido.

— Vai-nos criar problemas? — perguntou o guarda.

— Como é que eu posso saber? Ê a primeira vez que levo chibatadas.

Dalton virou-se para os guardas.

— É melhor algemá-lo.

Fecharam as algemas sobre os pulsos já machucados, Hugh Dalton era um homem enorme que envelhecera e engordara trabalhando nas celas. Era um dos poucos guardas católicos da prisão de Portlaoise, um homem valioso para as

autoridades da prisão, pois conseguia controlar os católicos, manifestando-lhes uma simpatia verdadeira ou falsa. Passou às mãos de Conor um pedaço de borracha dura.

— Bote isso na boca e morda. Sempre ajuda.

Quando passaram por outras celas de homens vagamente condenados por crimes republicanos, eles começaram a bater nas portas, gritando palavras de estímulo para Conor e maldições para a Coroa.

O grupo desapareceu nos porões, seguido pelos ecos dos slogans republicanos. O diretor da prisão, Greenleaf, o chefe dos guardas, Hyde, o médico, Dr. Fraiser, e Inch, o guarda que ia aplicar as chibatadas, estavam à espera.

O chefe dos guardas leu o documento oficial que autorizava a punição. O Guarda Inch escolheu e experimentou um chicote. Depois do cabo, o chicote tinha nove correias de couro traçado, com chumbo nas pontas para que não se embaraçassem.

Conor foi empurrado para um pelourinho de madeira com aberturas horizontais na altura da cintura e do peito. Foi colocado em ângulo no mesmo, acorrentado pelos tornozelos e pelas mãos, com uma correia passada pelo meio do corpo. Amarraram-lhe uma coleira de couro ao pescoço para impedir que este se quebrasse.

— Vinte chibatadas. Faça a contagem, Sr. Dalton. Pode começar, Sr.

Inch.

— Uma.

Traços cor-de-rosa apareceram de repente nas costas de Conor.

— Duas.

A cor dos traços se avermelhou.

— Três... Quatro... Cinco...

Quando o chicote batia, as pontas chumbadas eram roladas por Inch de tal maneira que se enroscavam por baixo dos sovacos expostos de Conor e lanhavam a carne como se se tratasse de couve picada. Inch começou a suar e a gemer quando lançava todo o seu peso de oitenta e cinco quilos nas lambadas.

— Nove... Dez...

Inch parou resfolegante quando uma das correias se partiu e ele escolheu outro gato-de-nove-rabos. Nesse momento, os observadores se mantiveram firmes, à

execução do médico, que se curvou sob o pelourinho para ver o rosto da vítima.

— Vá para o inferno! — disse Conor.

— Continue, Sr. Inch!

— A contagem era dez — disse Dalton. — Onze... Doze... Treze...

Conor cuspiu longe o pedaço de borracha.

*“Enforcaram homens e mulheres porque usavam coisas verdes...”*

— Que é que ele está fazendo?

— Pode-se dizer que está cantando, Diretor!

— Se aplicar os seus golpes como deve, Sr. Inch, impedirá que isso aconteça.

*“Quando éramos selvagens e ferozes,  
Tiri-tiri-lolá tiri-lolá A Inglaterra*

*chegou como uma mãe...”*

— Quatorze... Quinze... Dezesesseis...

*“Levantou-nos da lama em que vivíamos, Acabou com bebidas e com crimes...”*

— Dezenove... Vinte...

Uma onda vermelha tinha jorrado, parecendo um campo de sangue, o local de um massacre. O diretor da prisão rosnou o seu desprazer e Inch ficou sabendo que nunca mais iria chicotear um prisioneiro. O médico apressadamente sentiu o pulso de Conor, auscultou-lhe o coração e acendeu uma luz em seus olhos.

Conor Larkin sorriu para ele.

Voltou-se para os outros.

— Podem mandar embora esses padioleiros de merda. Vou voltar com os meus pés.

— Está-se sentindo bem, Inspetor? — perguntou o guarda.

O inspetor Holmes desviou o olhar. Sentia-se fraco e com a vista turva. Encostou-se à parede para não cair e murmurou: — Meu Deus do Céu!

Tinham cortado os cabelos ruivos de Shelley que agora juncavam o chão misturados com o vermelho mais quente do seu sangue. O rosto estava grotescamente inflamado de cem marretadas. Fora encontrada amarrada a um lampião num beco aos fundos do hospital.

— Nunca vi nada de parecido com isso nos meus trinta anos de polícia — murmurou o Inspetor. — Só pode ser obra de um louco; — De um louco só, não — disse o Detetive MacCrae. — Verifiquei ferimentos produzidos por sete ou oito armas diferentes. Contei mais de cinquenta ferimentos. Está bem, vamos desamarrá-la.

Houve terríveis gritos à entrada do beco, onde dez guardas mantinham os curiosos a distância. Um dos guardas veio falar com o Detetive MacCrae.

— Que é que está havendo?

— É o irmão dela que quer passar.

— Pelo amor de Deus, não deixe. Ele não pode ver isso.

Outro detetive veio correndo da outra extremidade do beco.

— Encontramos um braço dela numa lata de lixo.

O Inspetor Holmes olhou as palavras escritas no muro: “Prostituta Papista.”

## Sétima Parte - Uma Beleza Terrível -



## 20

O diretor de prisão, Greenleaf, convocou uma reunião dos guardas no instante em que Conor soube do assassinato de Shelley. Em Portlaoise estavam os outros prisioneiros de Sixmilecross e esperavam-se pressões extraordinárias.

O guarda Hugh Dalton recebeu ordem de exercer constante vigilância pessoal sobre Larkin, de acordo com a lógica habitual de que católicos deveriam ser vigiados por católicos. Nos seus tempos de trabalho na prisão, Dalton vira muitos homens tomarem conhecimento de alguma tragédia ocorrida lá fora. Era uma coisa que desarvorava um homem mais

depressa do que qualquer outra calamidade. Depois da primeira semana de vazio completo, durante a qual o espírito deixava literalmente de funcionar, eliminando o pensamento e a dor, a pessoa começava a dar sinais de sobrevivência ou de morte.

Conor não pronunciou uma só palavra, nem derramou uma única lágrima. Sentava-se na beira do catre, de costas para a porta da cela. O seu único movimento, além das necessidades fisiológicas, era comer uma colher ou duas de comida, beber de vez em quando um gole de água ou deixar-se cair no catre para um breve sono. Esse procedimento nunca variava, dia e noite. Rejeitava todas as visitas, todas as mensagens, todas as ordens. Ficava sentado dia e noite sem

uma palavra, com os olhos parados.

Hugh Dalton tinha visto homens permanecerem assim durante várias semanas e então se desmoronarem por completo quando o controle não era mais possível. Embora Larkin mostrasse sinais de vida mínimos, não dava a menor indicação de que se estivesse encaminhando para uma exploração que o destruiria. Uma semana, quinze dias, três semanas, um mês, dois meses e meio, e ele continuava sentado e de olhos parados. Não havia a menor variação.

O *New Republican*, um jornal de quatro páginas editado no bairro de Liberties, em Dublin, era evidentemente escrito por Seamus O'Neill, embora não houvesse a menor prova disso. A

distribuição foi cuidadosamente organizada para alcançar, partindo de Dublin, todos os cantos da Irlanda e, do outro lado do mar, todos os bairros irlandeses de Manchester a Glasgow e a Londres. Criou um verdadeiro furor.

O jornal reproduzia a arrasadora defesa de Conor no tribunal irregular do Quartel de Aghavannagh. As páginas internas continham uma exposição minuciosa da violação do acordo entre a Irmandade Republicana Irlandesa e Sir Lucian Bolt. A última página dissecava os dispositivos e as intenções da Lei de Detenção e Poderes de Emergência, os sofrimentos de Larkin e a perfídia de que tinham sido vítimas os homens de Sixmilecross.

Ainda bem a tinta não secara em o

*New Republican*, Atty Fitzpatrick comandou um desfile de oradores republicanos nas salas e nas ruas, falando em grandes e entusiásticos comícios em Dublin, Cork, Galway, Derry e Limerick. Estava desafiando todos os poderes e anunciava uma marcha sobre Belfast quando foi presa, ostensivamente para protegê-la, e levada para bordo de um navio-prisão ancorado no porto de Kingstown, ao sul de Dublin.

Enquanto a questão continuava em foco, Greenleaf, o diretor da prisão, estava na obrigação de não deixar que nada mais acontecesse a Conor Larkin. O prisioneiro foi transferido para uma cela isolada do bloco central da prisão e Hugh Dalton foi designado para ser uma espécie

de vigia pessoal do mesmo.

Houve então o assassinato de Shelley MacLeod.

Ao fim do terceiro mês, a situação permanecia inalterada. Conor se recusava a chorar e não havia qualquer indicação de que ele tivesse chegado ao fundo de seu pesar. Nem Hugh Dalton nem ninguém tinha visto nada de parecido com aquilo. Dalton pensou que talvez Larkin tivesse enlouquecido e julgou que tinha de forçar algum contato com ele.

Durante muitos dias, tentou falar com Conor sem obter resposta, mas de dia para dia havia leves indícios de que Conor tinha consciência de sua presença e já o conhecia. Comia mais uma colher, dava um ou dois passos... Eram indícios ainda muito fracos...

Depois de algumas semanas nessas condições, Dalton tentou de novo. Levou uma cadeira para perto de Larkin e olhou-o mais uma vez.

— Você sabe quem eu sou — disse o guarda. — Vejo que já me conhece. Vejo que levanta a cabeça quando me ouve abrir a porta. Sei que está escutando o que eu lhe estou dizendo.

Conor voltou a cabeça para o lado, o que era um bom sinal, na opinião de Dalton.

— Quando soube que a mulher tinha morrido, alguma coisa lhe disse que você tinha de continuar a viver. Se não fosse isso, você já estaria morto. Quem quer morrer, morre. Alguma coisa o livrou de morrer naquele tempo e o está livrando agora. Portanto, se você vai viver, é

melhor começar logo.

Conor deu vários suspiros reveladores.

— Tenho ordem de dar-lhe um pouco de asseio e de levá-lo para passear no pátio. Não se preocupe com os outros. Só nós dois estaremos lá, depois que os outros tiverem voltado para as suas celas. Eu o acompanharei sempre.

Os suspiros se tornaram resmungos. Eram os primeiros sons que se tinham ouvido dele em quase quatro meses.

— Você já teve castigos de sobra. Para que mais? Vai passear comigo no pátio, Conor?

Os lábios de Conor tremeram como se ele fosse falar.

— Diga o que você quer dizer, Conor!

— Dalton — disse ele num gemido,

como se estivesse falando por um tubo —  
estou pronto... Leve-me para o poço...  
Não deixe que ninguém me veja...

Conor Larkin foi prontamente  
removido para uma cela acolchoada em  
prisão solitária, onde foi acorrentado para  
que não pudesse destruir-se.

Só Hugh Dalton o ouvia. Conor Larkin  
deu largas em altos brados ao seu  
tormento durante trinta horas  
consecutivas, repetindo o nome da amada  
em agonia milhares de vezes, forcejando  
contra as correntes que o prendiam e  
quase sufocado com as lágrimas e os  
vômitos.

— Shelley! Shelley!

Hugh Dalton nunca assistira a um  
sofrimento igual. Depois de uma noite e  
de metade do dia seguinte, caiu de joelhos

e rogou fervorosamente a Deus que deixasse Conor morrer.

Mas os gritos continuaram... mais fracos... cada vez mais fracos...

— Shelley... Shelley... Shelley...

Depois de uma noite e um dia, a voz de Conor falhou mas, ainda assim, ele gritava, revivendo depois de chegar à beira do apagamento.

Afinal, caiu num torpor a que se seguiu o colapso. Pura e total exaustão.

No fim da primavera, um resquício de vida reapareceu em Conor Larkin enquanto ele passeava no pátio com o guarda Dalton. Estava um tanto corado e um pouco de sua força se manifestava. Continuava isolado do bloco principal da prisão e não lhe permitiam visitas. O clamor público persistia e as autoridades

não sabiam o que fazer dele.

Ele e Dalton falavam muito pouco durante os seus passeios pelo pátio, mas Conor começou a ficar ansioso quando se aproximava a hora dos mesmos.

— Vão-me tirar da vigilância sobre você — disse Dalton depois de passarem pela última sentinela no pátio de pedra.

Conor nada disse, mas ficou decepcionado. Continuaram em diagonal até à base do muro, voltaram-se e recomeçaram.

— Você vai continuar isolado. Pode querer outra pessoa com quem possa falar de vez em quando. Talvez seja bom você começar a ir à igreja aos domingos.

— Essa conversa não é comigo...

— Você é resistente, Larkin. Durante os meus trinta anos de serviço aqui, só me

lembro de dois como você. Eram naturalmente republicanos. O

velho Long Dan Sweeney era duro e inflexível como pedra. Assim era também Brendan Sean Barrett.

Conor retardou os passos e olhou Dalton com desconfiança.

— Para dizer a verdade — murmurou o guarda — jantei com os dois ontem à noite.

Conor parou e sentou-se num banco. O fato de Larkin e Dalton passearem pelo pátio, conversando e sentando-se de vez em quando era tão comum que as sentinelas não estranharam.

— Estou ouvindo — disse Conor.

— Tivemos de esperar até que eu fosse tirado desse serviço de vigilância sobre você. É preciso deixar passar algum

tempo para que as suspeitas não recaiam sobre mim.

— Ouvi os nomes desses homens de quem você falou, mas não os conheço. Como é que uma pessoa como você tem relações com eles?

— Por intermédio de Seamus O'Neill.

— Não sabia que Seamus conhecia essa gente...

— Pensei que isso era possível — disse Dalton, tirando o boné e enxugando a carneira suada. — Foi uma intuição que eu tive.

— E você acha que eu devo ir à missa?

— Faça um pedido para começar a ajudar missa no domingo que vem.

O Padre Dermott mandará normalmente o seu nome para a diretoria

da prisão.

— Qual a vantagem que terei com isso?

— No primeiro domingo de cada trimestre, a vigilância se relaxa um pouco. Deverá ser no domingo, 5 de julho, daqui a quatro semanas.

— Que acontece nessas ocasiões?

— Algumas centenas de prisioneiros com bom procedimento podem receber visitas. Todos vão à missa juntos, como uma só família. Em cada início de trimestre, há em geral aqui dez ou mais padres de todo o país para visitar presos, levar os recados deles para suas casas, dar conselhos e entregar cartas.

— Interessante.

— A capela é pequena. Nesse dia, talvez oito a dez missas sejam celebradas.

Alguns dos padres visitantes substituem o Padre Dermott.

Outros andam pela prisão, fazendo visitas e aconselhando. Há muito movimento e pouca vigilância. Tudo às vezes fica tão confuso como num velório irlandês. Se você começar a ajudar missa agora, ninguém estranhará que ajude missa daqui a quatro semanas.

— Minha ficha com certeza não diz que eu sou um católico praticante.

— Muitos presos voltam-se para a religião aqui na prisão. Não negarão o seu pedido de ajudar missa.

— Que vai acontecer?

— Receberá novas instruções quando chegar à sacristia para a última missa daquele dia.

— Já ouviu falar da *ley de fuga*,

Dalton?

— Que quer dizer isso?

— Um velho costume espanhol, segundo o qual é lícito matar um prisioneiro no momento em que tenta fugir. É assim que os espanhóis se livram de um peso morto. Quem sabe se não é para isso que você me está levando?

— Seamus O'Neill me disse para lhe dar o seguinte recado: A casa do pastoreio foi visitada neste verão pelo Sr. A.I. e pela Srta. E.L. Acrescentou que o recado era assinado por Pequeno.

— E os outros homens?

— Vão fugir no mesmo dia por um túnel.

— Por que é que está fazendo isso, Dalton?

— Não sei ao certo. Acho que o

sangue sempre me ferveu de ver como tratam os republicanos. Estive pensando. Que foi que fiz durante trinta anos? Nada mais que lamber as botas dos ingleses. Um guarda católico ótimo para manter os irlandeses na linha. Fiquei curioso a seu respeito depois de ver sua fibra. Li um exemplar do *New Republican*. Um dia, fui a Derry, certo de que não seria reconhecido, e ouvi Atty Fitzpatrick falar.

Que é que há de estranho nisso? Sou irlandês. É melhor recomeçarmos a andar.

## **DOMINGO, 5 DE JULHO DE 1908**

Durante o sábado, os trens que paravam em Maryborough deixaram na

estação um número excepcional de passageiros que iam fazer a visita trimestral aos detentos da prisão de Portlaoise.

Os portões da prisão foram abertos às cinco e meia da manhã de domingo, deixando entrar cerca de duzentas famílias e algumas dezenas de padres.

A última missa ia começar ao meio-dia. O prisioneiro Larkin, que estava ajudando missa desde as dez horas da manhã, voltou para a pequena sacristia da capela a fim de ajudar o sacerdote a paramentar-se.

Logo que bateu, foi puxado para dentro e o Padre Dary Larkin lhe tampou a boca. Outro padre trancou prontamente a porta da sacristia.

Conor sorriu pela primeira vez em

muitos meses.

— Este é o Padre Kyle — disse Dary.  
— Concordou em ser a vítima de uma transgressão que vamos perpetrar.

Dary abriu o sacco dos seus paramentos e de lá tirou uma corda, um capuz, uma mordaca e um porrete. O Padre Kyle tirou as roupas. O Plano era evidente e simples. O Padre Kyle, amigo íntimo de Dary, fingiria ter sido atacado por Larkin, que lhe tomara as roupas e fugira vestido de padre.

— Para que tudo pareça autêntico, vou bater com este pau na cabeça de Kyle — disse Dary. — Deus me perdoe pelo que vou fazer.

O outro padre fechou os olhos e preparou-se.

— Faça o que tem de fazer, Dary.

Felicidade para você, Conor.

Dary cerrou os dentes, levantou o porrete e bateu com ele na testa do padre mais alto, num golpe bem calculado.

— Tirei sangue. Está bem, Kyle?

— Um pouco tonto, mas tudo em ordem.

Conor vestiu as roupas do padre e depois ajudou Dary a amarrá-lo e amordaçá-lo. Daí a alguns momentos, o Padre Kyle foi levado para um armário e trancado. Todos os papéis do padre estavam nas mãos de Conor, que os espalhou pelos bolsos. Depois, ajudou Dary a paramentar-se para a última missa do dia.

Ouviu-se o apito que marcava o meio-dia.

— Fique na sacristia — disse Dary.

— Voltarei logo depois da missa.

Depois, iremos reunir-nos aos outros padres e aos visitantes diante da capela.

— Os outros padres não darão por falta do Padre Kyle?

— Os que o conhecem são também meus amigos. Puxe o chapéu para cima dos olhos... Assim. Espero que possa celebrar a missa sem dar sinais de nervosismo. Até já.

A um quilômetro de distância, Sterling McDade emergia de um túnel numa moita cerrada à beira de um rio. Carberry, Darren, McGovern e Gorman, todos de Sixmilecross, acompanhavam-no. Só McAulay e Gilroy tinham preferido ficar na prisão.

Foram imediatamente colocados no fundo falso de um carro de feno e levados

para uma fazenda segura nos arredores de  
Abbeyleix.

Nesse momento, Conor Larkin saía  
pelo portão principal da Prisão de  
Portlaoise no meio de vinte padres.

# 1

O Brigadeiro Maxwell Swan chegou à Mansão Hubble em companhia de Warren Wellman Herd. Depois da troca de cumprimentos, trancaram-se com Lorde Roger na biblioteca, diante da grande lareira de mármore acima da qual ficava o retrato do Rei Guilherme de Orange. Aquela sala tinha sido, através de gerações, teatro de mil ponderações e decisões da família Hubble.

W.W. Herd era uma figura

insignificante, magro e pequeno, não correspondendo com a sua aparência à inegável perícia que tinha na sua profissão de investigador particular. Até ser atraído para as empresas Weed-Hubble, ganhara bom dinheiro, desenredando escândalos para clientes sem escrúpulos. Swan tivera de pagar-lhe boas luvas para afastá-lo de tudo, mas ele compensara todas as libras que lhe tinham sido pagas naqueles sete anos.

Sir Frederick sentira-se muitas vezes irritado e humilhado ao ver competidores passarem à sua frente ou com uma invenção que ele é que devia ter inventado, ou com alguma transação vantajosa. Sir Frederick achava que devia haver algum meio que o habilitasse a inteirar-se de antemão das ideias dos seus

competidores. W. W. Herd resolveu cabalmente esse problema. Instalando uma organização pequena mas terrivelmente eficiente, foi ele o fundador e precursor da espionagem industrial. A organização de Herd passara cinco anos sem ser pressentida e repetidamente deixara atônitos os competidores de Sir Frederick em construções navais e ferroviárias. Lorde Roger conseguira também apropriar-se de várias patentes, especialmente para os seus teares mecânicos.

Quando Swan encarregou Herd de um trabalho aparentemente fácil, o investigador compreendeu que o caso era mais importante do que à primeira vista parecia.

Roger tamborilou nervosamente os

dedos no braço do sofá enquanto W. W. Herd abria a pasta e tirava um relatório de muitas páginas.

— Vai ver que o Sr. Herd foi nesse caso completo como sempre — disse Swan.

O investigador colocou o relatório em cima da mesa.

— Infelizmente, as suspeitas de Vossa Graça estão plenamente confirmadas — disse ele num sussurro.

Roger teve um profundo suspiro de resignação e apanhou o relatório.

Estava datado de 15 de fevereiro de 1909 e tinha as seguintes palavras como títulos na capa: “Atividades do Sr. Jeremy Hubble. Rigorosamente Confidencial. Duas Cópias Apenas.”

Roger largou o relatório na mesa sem

abri-lo.

— Creio que é melhor que Caroline esteja imediatamente presente — disse ele, tocando a campainha e ordenando ao criado que fosse chamá-la.

Caroline percebeu o ambiente no momento em que entrou na biblioteca.

— Querida, quero apresentar-lhe o Sr. Herd, W. W. Herd.

Caroline e o homem cumprimentaram-se.

— O Sr. Herd é nosso empregado há alguns anos — disse Swan.

— Em que funções?

— Exercendo deveres especiais que envolvem relações industriais — disse Swan evasivamente. Caroline sabia que isso podia abranger uma infinidade de pecados.

— Que deveres? — insistiu ela.

— O Sr. Herd é profissionalmente um investigador particular.

— E que foi que ele investigou que o trouxe à Mansão Hubble?

Roger entregou o relatório à esposa. Ela olhou-o e largou-o. Herd conhecia a reputação de Lady Caroline e sabia que podia passar ali a tarde toda.

— Que foi exatamente que Jeremy fez? É um degenerado, um homossexual agressivo, um fumador de ópio, um homem que suborna professores ou tem uma monumental dívida de jogo?

— Não, não, nada disso — declarou Swan.

— Pior — disse Roger. — Está tendo relações íntimas com uma mulher católica, filha de um alfaiate, pai de sete filhos,

todos eles garotos de rua no bairro de Liberties. A mulher é analfabeta, e trabalha como costureira na alfaiataria do pai. Estamos diante de uma situação que pode tornar-se desastrosa. A criatura pode estar grávida. Ninguém sabe quem foi o responsável, mas Jeremy está disposto a assumir a culpa. Como vê, vamos ter agora uma família completa, sem faltar nem bastardos.

Roger levantou-se do sofá e fortaleceu-se com um cálice de conhaque.

— Como foi que descobriu? — perguntou Caroline.

— Fiquei desconfiado com uma porção de coisas — disse Roger. — Sem dúvida, as preferências sentimentais de Jeremy no passado não sugerem coisa diferente. As suas constantes ausências

nos fins-de-semana e feriados, a dispensa do empregado, Donaldson, que eu havia pessoalmente contratado para ele, e outros fatos me fizeram chegar à conclusão de que alguma coisa suspeita estava acontecendo.

— Compreendo — disse Caroline. — Mandou então investigar secretamente seu filho.

— Nosso filho.

— Pensou por acaso que poderia ter falado antes comigo?

Roger cerrou os maxilares. Lá está ela, pensou Roger, defendendo Jeremy, muito embora ele não tenha defesa. Como pode ela fazer uma coisa dessas? Mas como iria, dessa vez, proceder de maneira diferente?

— Lorde Roger ficou extremamente

preocupado — disse Swan. — Não queria afligi-la também enquanto não tivesse absoluta certeza.

Caroline voltou-se então para o investigador.

— Que foi exatamente que apurou, Sr. Herd?

W. W. Herd pigarreou. Dar más notícias a pais arrasados proporcionava-lhe o único momento em que ocupava o centro do palco.

— Compreendo que isso deve ser um choque, *m'lady*.

— Não há choque algum, Sr. Herd, mas apenas curiosidade — disse ela e o investigador compreendeu que nem ele, nem sua profissão eram vistos com bons olhos por ela. — Que foi que descobriu e como descobriu?

Havia na sala uma atmosfera de desconforto e tensão. Herd estava de pé diante do retrato do rei, olhando o pai reservadamente inquieto e a Condessa estranhamente encolerizada.

— O trabalho em si foi fácil — disse ele. — Como sabe, seu filho tem um apartamento em Merrion Square, perto do Trinity College. Sendo muito sociável, seu filho fazia de seu apartamento um centro de reunião para os seus amigos. Quando ele despediu o empregado, Sr. Donaldson, que era leal a Lorde Roger, claro que ele queria... queria...

— Ver-se livre de espionagens? — disse Caroline.

— Talvez. De qualquer maneira, com o afastamento do Sr. Donaldson, certas atividades podiam prosseguir sem

obstáculos.

— Que espécie de atividades? — perguntou Caroline.

— Ora, as atividades habituais para universitários. Sessões de bebida.

Encontros sexuais. Fazendo parte da equipe de rúgbi e sendo muito estimado, Jeremy vivia cercado de amigos. Era generoso em ceder um quarto para encontros, *etc.*

— Que quer dizer com o seu *etc.*? — perguntou Caroline.

— Tudo está exposto minuciosamente no relatório, Condessa.

— Foi o senhor quem escreveu o relatório. Um homem de sua capacidade deve lembrar-se de todas as palavras escritas nele.

W. W. Herd compreendeu que estava

em situação delicada. Ao invés de estar sucumbida, a Condessa o estava interrogando como um advogado hábil diante de um júri. Tornou a pigarrear, dessa vez de pura inquietação.

— Como sabe, Condessa, o apartamento é grande e tem cinco quartos... o quarto de Lorde Jeremy, o quarto do seu empregado, um quarto para as duas criadas. Sobram dois quartos e havia numerosas ocupações noturnas de colegas e amigos com variada companhia feminina. Às vezes, os quartos eram ocupados para fins de coabitação também à tarde. Isso aconteceu cerca de uma dúzia de vezes nos últimos meses.

— Muito interessante — disse Lady Caroline. — Como chegou a essa contagem?

— Foi muito fácil. Depois da dispensa do Sr. Donaldson e da volta do mesmo à Mansão Hubble, fiz amizade com o novo empregado de Jeremy, um tal Wordlock, bem como com as duas criadas.

— Dizendo que fez amizade com essas pessoas quer dizer apenas que elas entraram para a sua folha de pagamento?

Herd olhou para Swan em busca de socorro.

— Exatamente — disse o Brigadeiro.

— E dessa maneira pôde fazer uma contagem exata, não foi? — perguntou Caroline.

O investigador teve um gesto afirmativo.

— E os amigos de Jeremy eram na sua maioria rapazes de boa família?

— Sim, *m'lady*.

— E essas famílias poderiam sentir-se mal se soubessem que seus filhos eram objeto de espionagem?

Herd levantou prontamente a mão para defender a sua honra profissional.

— Posso assegurar-lhe que tudo foi feito da maneira mais secreta possível e que só há duas cópias do relatório.

— E tem igual certeza de que as criadas não discutirão o assunto?

— Oh, não! Juraram guardar segredo.

—• E as mulheres que participavam, vamos dizer, da coabitação?

— Aí é que está o problema — disse Herd.

— Prostitutas?

— Exatamente não, Condessa. Muitas delas eram católicas.

— E isso não o alarma, nem surpreende de qualquer maneira, Sr.

Herd?

— Não tenho opiniões. Limito-me a investigar e comunicar as minhas conclusões.

— Quais foram as suas conclusões?

— Bem, algumas moravam perto do Trinity ou trabalhavam em lugares frequentados pelos estudantes.

— Levianas?

— Algumas são.

— E talvez outras tivessem o seu primeiro caso e estivessem profundamente apaixonadas. E não é possível, Sr. Herd, que alguns dos casais fossem secretamente casados?

O tique que W. W. Herd tinha dominado manifestou-se de repente

depois de dez anos de silêncio e a pálpebra do olho esquerdo começou a bater descontroladamente.

— Tenho de protestar, Condessa. Não tenho interesse pessoal no caso, nem má vontade para com ninguém.

— Não está sendo um pouco severa para com o Sr. Herd? — perguntou Swan.

— Sinto muito — disse Caroline. — O senhor só estava cumprindo o seu dever, não é verdade?

— Isso mesmo, Condessa.

— Vamos recapitular. Nestes últimos anos, Jeremy tornou-se muito estimado pelos seus colegas, oferecia bebidas no seu apartamento e permitia que amigos em situação menos favorável tivessem de vez em quando encontros nos quartos.

— Sim, *m'lady*.

— Parece um procedimento normal da parte de um universitário normal e sadio, nas condições dele.

— Embora não me caiba dar opinião, concordo com isso — disse Herd.

— Acha que se trata de uma casa de jogatina?

— Não, nada disso.

— E, sendo meticuloso como é, naturalmente fez investigações sobre os estudos de Jeremy e descobriu que ele estudava mais ou menos com empenho e não tratava de subornar professores ou de ter os seus deveres feitos por colegas mais preparados.

— Não descobri nada nesse sentido.

Roger observava a conversa com um furor crescente, mas contido. Em alguns momentos, estivera a pique de intervir e

cancelar tudo, mas deixava Caroline prosseguir com o seu jogo. Entretanto, gostaria de que ela mostrasse mais indignação diante do que Jeremy tinha feito e não sentisse tanto prazer em atormentar o Sr. Herd.

— Agora, Sr. Herd — continuou Caroline — gostaria de saber alguma coisa sobre essa moça com quem Jeremy está relacionado.

Nessa altura, Herd quis apelar para o relatório, mas compreendeu que a Condessa não iria concordar com isso. Resignado com o fato de que teria de dizer tudo passo a passo, tirou um caderninho do bolso e botou os óculos.

— Chama-se Molly O'Rafferty. É uma das sete filhas, onze filhos ao todo, de Bernard O'Rafferty, proprietário de uma

alfaiataria em Duke Street, a duas quadras do Trinity.

— De acordo com o que disse, o pai da moça é dono do seu estabelecimento?

— Exatamente, Condessa. A alfaiataria funciona há mais de vinte anos e é muito bem afreguesada, atraindo em geral os moços do Trinity.

— O estabelecimento dá lucros?

— Sem dúvida — disse Herd, folheando o seu caderninho para procurar a base de suas afirmações.

Maxwell não tirava os olhos de Caroline. Conhecia-a desde os tempos de solteira e via-a, com fascinação construir a defesa do filho. Pensou na discussão que se travaria entre ela e Lorde Roger, depois que ela tivesse acabado com Herd. Roger e Sir Frederick poderiam muito

bem vencer a luta contra ela, mas, se provocassem com isso a raiva de Caroline, a vitória seria bem mesquinha.

— Ah, aqui está — disse Herd, encontrando a página que procurava.

— O lucro líquido de O'Rafferty é de mais de três mil libras por ano.

Colocou filhos e filhas como alfaiates e costureiras. A alfaiataria é administrada como uma empresa de família e é bem conceituada, dentro dos padrões irlandeses. É preciso notar que os filhos só começam a trabalhar depois que acabam de estudar.

— Ah, estudam?

— Todos eles, Condessa.

— Embora não tenha qualquer intenção de contradizer meu marido. não são analfabetos então?

— Não.

— Que espécie de educação tiveram?

— Bem, as moças tiveram de quatro a oito anos de escola.

— Particular?

— Sim, Condessa.

— Em colégio de freiras?

— Sim, Condessa.

— E os filhos?

— Um completou o curso no seminário de Maynooth e é hoje padre em Kilkenny. Os outros três... deixe ver... todos eles chegaram à universidade.

— Trabalham todos na alfaiataria?

— Não. Além do padre, há um que tem uma casa de negócios em Londres e outro que emigrou para Chicago e que lá também é proprietário de sua firma. O outro filho, Bernard Junior, é gerente e

herdeiro aparente da alfaiataria em Dublin.

— E as sete moças?

— Cinco delas são casadas e os maridos de duas trabalham também na alfaiataria. Molly e a menor, que ainda está na escola, são solteiras.

— Diante disso, os O'Rafferty são uma família responsável, instruída, próspera e respeitável?

— Não dou opiniões, mas a conclusão não pode ser outra.

— Bernard O'Rafferty não é então um irlandês típico, inerte, indolente, capaz de dissipar o seu dinheiro em bebidas e jogatinas?

— Não, Condessa. Não joga nem nas corridas de cavalos.

— Nem vive numa casa miserável no

bairro de Liberties?

— Ao contrário. Tem uma casa muito boa em Harold's Cross.

Roger levantou-se num repelão da cadeira.

— Compreendo perfeitamente o seu interesse, Caroline, mas não vejo que relação isso pode ter com o problema.

— Mas, querido — respondeu ela com voz calma — quem iniciou a investigação foi você e até agora não sei qual é o problema. Tenha a bondade de continuar, Sr. Herd.

Roger deixou-se cair na poltrona, extremamente pálido. Seria possível que Caroline fosse aprovar uma calamidade daquelas?

— Agora, faça o favor de falar sobre a moça, Sr. Herd.

Nesse instante, ela se abrandou visivelmente e lançou os olhos, depois das estantes cheias de livros, para o grande vitral dos fundos da biblioteca, no seu colorido que a luz do sol realçava.

Herd olhava para o caderninho e para a letrinha miúda em que estava escrita e que muitas vezes nem ele entendia.

— Bem, tem um metro e sessenta e dois de altura. O peso...

— Não, não, isso não interessa. Digame qual seria a sua impressão se ela entrasse aqui na biblioteca, neste momento...

Pela primeira vez, W. W. Herd como que se humanizou e deixou de ser um investigador.

— Seria capaz de dizer que é muito bonita, encantadora mesmo.

— Quando foi que Jeremy a conheceu?

— Há dezessete meses. Há um bar de estudantes às margens do Liffey chamado o Lorde Sarsfield. Molly O'Rafferty canta baladas ali à noite. É

muito aplaudida.

— Boa voz?

— Sim. Condessa. Eu mesmo vou de vez em quando ao Sarsfield só para ouvi-la, — Que idade tinha ela quando conheceu Jeremy?

— Dezesseis anos.

— Tinha reputação de ser uma moça leviana, que andasse com um e com outro?

— Não.

— Investigou isso a fundo e, portanto, deve saber. Era virgem quando meu filho se aproximou dela?

— Tanto quanto posso afirmar.

— E durante os meses em que estão vivendo juntos, dormiu ela com outros homens?

Herd hesitou. Sabia onde estava o seu dever, mas também sabia que não convinha enganar a Condessa.

— Não, *m'lady* — disse ele, sem querer olhar para Swan, nem para Lorde Roger.

— Sei que não gosta de aventurar opiniões, mas julga que Jeremy e Molly O'Rafferty se amam sinceramente?

— Um momento! — exclamou Roger. — Essa espécie de coisa está inteiramente fora da alçada do Sr. Herd. Fui até agora extremamente paciente, Caroline, mas sei exatamente o que você pretende. Na minha opinião, convém que essas coisas sejam

discutidas particularmente entre nós dois. Há de fato alguma coisa mais que tenha de perguntar e que não conste do relatório?

— Só uma coisa mais — disse Caroline. — Há suspeitas de que a moça esteja grávida. Como sabe disso?

Herd empalideceu.

— Posso encontrar essa explicação no relatório?

— Não.

— Estou esperando a sua resposta.

— Prefiro não dar essa informação. O Brigadeiro Swan pode atestar a minha lealdade à sua família, Condessa, mas um investigador particular tem meios de apurar as verdades que devem ficar rigorosamente confidenciais.

— Desejo que não saia daqui enquanto eu não souber.

— Parece-me que deve informar Lady Caroline — disse Swan.

— Sinto muito, mas tenho de recusar.

— Vou-lhe dizer então — declarou Caroline. — Foi procurar o padre confessor da moça e forçou-o a violar o sigilo da confissão sob a ameaça de matar a moça, não foi assim, Sr. Herd?

O silêncio caiu sobre a biblioteca.

— Que coisa! Não fiquem tão escandalizados, nem você, Roger, nem você, Max! É tão estranho em ambos!

— Só queria saber como foi que você soube disso! — exclamou Roger.

— Nosso filho me disse. Foi assim que eu soube.

— Jeremy lhe disse?

— O padre ficou aflito quase que até à loucura pelo que fora obrigado a fazer e

foi pedir perdão a Jeremy, depois do que se acusou perante o seu bispo.

— Quer dizer que você sabia de tudo e fez essa farsa toda!

— Sim, eu sabia de tudo, Roger! Sei tudo a respeito de Molly O'Rafferty desde o dia em que Jeremy a conheceu. Como vêem, senhores, tiveram um trabalho enorme à toa, à toa!

E saiu da biblioteca, deixando-os boquiabertos.

## 2

Atty Fitzpatrick fechou a porta da casa. Atravessou a sala e parou diante da cadeira de balanço, onde Conor estava jogado inerte, como passava a maior parte de suas horas de vigília. Ele a olhou por um instante e então baixou os olhos para o chão.

— Estávamos todos muito preocupados com você — disse ela. — Quase não falávamos em outra coisa.

Conor nada disse.

— Vou passar algum tempo com você.

— Ê melhor ir-se embora daqui, se tiver juízo.

— Isso é uma qualidade de que nunca me acusaram.

— Não perca tempo comigo, Atty. Não tenho necessidade da simpatia.

Procure outro objeto para o seu amor materno. Eu não valho mais o seu trabalho.

— Viva se pode viver, Conor, morra se tem de morrer, o que não pode é ficar nessa apatia.

— Você não sabe o que acontece nesta sala, Atty. A agonia e a morbidez acabariam matando-a, se você ficasse.

Ela insistiu, sem mostrar a menor intenção de retirar-se. Desde a fuga da Prisão de Portlaoise, ele dominava os pensamentos dela. Era estranho, muito estranho. Atty Fitzpatrick tinha sido a incansável lutadora por muitas e muitas causas, mas nunca se dera inteiramente sem reservas a qualquer pessoa. Nunca

esvaziara o seu íntimo para derramá-lo sobre outro ser humano. Mas ansiava por dar-se toda a Conor Larkin sem esperança de retribuição, de realização ou sequer de um agradecimento.

Por quê?

— Não vou deixá-lo afundar-se, fique sabendo — disse ela com energia.

Conor olhou-a, curioso.

Meu Deus, como ele está sofrendo, pensou ela. Um dos seus olhos se voltava desvairadamente em outra direção. Era o olhar de um louco. Tenho de fazer alguma coisa!

— Vou tocar em você, Conor. Não será um contato como o de Shelley MacLeod. Você não tornará a senti-la. Mas o que sentirá emanar de mim será vida. A vida que está dentro de mim

anseia por transmitir-se a você.

Não resista, Conor, por favor não resista.

Estendeu as mãos timidamente para ele e, assustada, lhe tocou a cabeça. Conor aceitou o contato, não demonstrando nem alegria, nem ressentimento. Pouco a pouco, Atty se aproximou. Puxou a cabeça dele e encostou-a no seu corpo.

Durante algum tempo, ele permaneceu rígido. Por fim, fechou os olhos, gemeu e passou os braços pela cintura dela, envolvendo-se na compaixão que se exalava dela por todos os poros.

Dunleer, a propriedade do Barão Louis de Lacy, ficava na paisagem fantasticamente lunar de Connemara, no condado de Galway. As suas terras se

estendiam por milhares de hectares, abrangendo algumas dezenas das centenas de lagos que marcavam a região. A terra se alteava nas Doze Bens, montanhas de rocha nua, Benbaun, Bencorr, Benbrecn, Benbrack e as outras, pairando sobre terras pantanosas e uma costa encantada de enseadas e praias escondidas e de fiordes que avançavam pela terra adentro. Esse domínio místico de De Lacy vivia quase oculto aos olhos humanos, numa maravilha de solidão. Depois das montanhas, um arquipélago inundado se estendia até ao alto mar.

A família de Lacy pertencia à velha aristocracia católica normanda das chamadas “Tribos de Galway” e se tornara cada vez mais excêntrica em séculos de vida nas solidões de

Connemara. O solar de Dunleer fazia parte dessa herança trágica, na terra para a qual Oliver Cromwell exilara os irlandeses.

O barão desse tempo, afetuosamente chamado de Lorde Louie, tinha recentemente encerrado uma carreira brilhante na Marinha inglesa e no serviço consular britânico e fora viver em Dunleer para criar pôneis de Connemara e prosseguir nos seus estudos gaélicos.

Lorde Louie era também um ardente republicano e não guardava segredo disso. Fazia parte secretamente da Irmandade Republicana Irlandesa. Embora ficasse fora do Supremo Conselho, vivia em constante comunicação com Long Dan Svveaney, e Dunleer tinha papel de destaque nos

planos da Irmandade.

No dia em que Conor Larkin fugiu, foi levado para Dunleer e escondido ali. Ferido e enterrado no fundo de si mesmo, a única presença humana que ele permitia ou mesmo reconhecia era Atty Fitzpatrick.

Mas a própria Atty não conseguira alcançá-lo. O contato entre eles bastava apenas para impedir que o sofrimento devorasse Conor. Atty conseguia fazê-lo sair de casa e seguia a alguma distância o cavalo dele até aos contrafortes das Doze Bens, de onde ele contemplava interminavelmente os lagos, as ilhas e as mórbidas planícies de granito e pântanos. Naquela agridoce solidão, ele conhecia lugares defesos a Atty.

Ela nada pedia e dava tudo. Tinha uma paciência sem limites e encontrava a sua

recompensa em pequenos indícios de que ele estava recuperando a vida. Os indícios eram escassos e fragmentários, mas não deixavam de ser indícios.

Embora Conor a tocasse, ficasse deitado ao lado dela e a cingisse nos braços, não mostrava o menor desejo do ato físico do amor. Atty pensava que isso estava morto nele para sempre.

Enquanto Conor lentamente se recuperava, chegou o momento de fazê-lo sair de Dunleer. Lorde Louie foi mandado pelo Supremo Conselho ao embaixador alemão em Londres, com o qual já fora estabelecido contato. Tanto a Irmandade quanto os alemães estavam empenhados em frustrar os planos ingleses e, portanto, tinham motivos para mútua cooperação. Foi combinado então um encontro no mar.

Meses depois, numa noite de outubro de 1908, Lorde Louie de Lacy e Conor Larkin se encaminharam para a aldeia de pescadores de Roundstone, onde estava ancorado o iate *Gráinne Uáile*, do Barão. Quando saíram do porto e dobraram a Ponta de Slyne, tiveram um encontro no mar com um pequeno cargueiro alemão, o *Baden-Baden*.

Duas semanas depois, Conor atravessava a fronteira do Canadá com os Estados Unidos, onde ia procurar Joe Devoy, chefe do Clã Americano dos Gaélicos. A sua missão era levantar fundos para um jornal clandestino e para a compra de armas, dois elementos essenciais da insurreição.

Na ausência de Conor, o

desenvolvimento da Irmandade ficou paralisado, fraco e sem contato com o povo. Tinha apenas um lema e um objetivo, libertar a Irlanda da Inglaterra. Como movimento revolucionário, criava a sua própria legitimidade, infiltrando-se na Liga Gaélica, na Associação Atlética, nos sindicatos trabalhistas, no Partido Sinn Fein, nos escoteiros, nas sociedades culturais e até na Igreja.

Entretanto, a Irmandade ditava a lei para os futuros revolucionários do século e Conor Larkin tinha o nome indelévelmente ligado à mesma. O

seu princípio de não-reconhecimento das instituições britânicas em territórios irlandês e de desobediência às autoridades britânicas tornou-se um conceito básico universalmente aceito

para quebrar o jugo do colonizador.

Foi o domínio da Igreja sobre o povo irlandês que impediu em grande parte que houvesse levantes contra os senhores britânicos. Alguns padres aqui e ali, por iniciativa pessoal, se identificavam com o movimento, mas os bispos tinham tanta raiva da Irmandade quanto o diabo tinha da água benta.

O que a Igreja realmente temia era a liberdade de pensamento que emanava das sociedades urbanas. Dublin era naquela época a cloaca da Europa, pois os seus índices de mortalidade eram os mais altos do continente, vindo em segundo lugar Moscou a grande distância.

Entretanto, a Igreja era inimiga inconciliável dos sindicatos, do ressurgimento gaélico e do

intelectualismo que combatiam esse estado de coisas. Além disso, as cidades fomentavam sociedades secretas cujos membros não eram revelados nos confessionários. A Igreja combatia as sociedades secretas, embora não houvesse nenhuma mais secreta do que a própria Igreja.

As cidades fomentavam ideias perigosas, tais como a libertação da Inglaterra. Era evidente que qualquer movimento que conquistasse a independência da Irlanda procuraria também libertar-se do totalitarismo da Igreja. Para a política da Igreja, os ingleses lhe tinham concedido privilégios e domínios exclusivos que tinham de ser protegidos.

A essência do domínio da Igreja sobre

o povo era associada à economia agrária. Nas pequenas aldeias e vilas, o padre da paróquia podia impor a sua autoridade doutrinária com pouca oposição ou discussão.

Em 1908, o Vaticano aumentou a inquietação na Irlanda com o decreto *Ne Temere*.

Era costume aceitar os casamentos mistos entre católicos protestantes, Desde que os filhos seguissem a religião do pai e as filhas, a da mãe. Depois de séculos de guerras religiosas, inquisições, cruzadas, reformas e contra-reformas, esperava-se que o século XX fosse uma era de luz. Assim não foi, porém.

O *Ne Temere* de um só golpe invalidou todos os casamentos mistos, salvo quando realizados pela Igreja

Católica e com a obrigação expressa de que os filhos fossem educados como católicos. O decreto fez a Irlanda retroceder a uma idade de trevas. O fanatismo do decreto confirmou as mais sombrias predições do clero protestante do Ulster. Os Oliver Cromwell Maclvors não perderam tempo na sua reação e nenhum massacre de S. Bartolomeu poderia ter proporcionado combustível melhor para a paranóia dos mesmos.

Dois meses depois de Conor Larkin haver chegado aos Estados Unidos, verificou-se o primeiro julgamento e execução da Irmandade.

Republicana Irlandesa do outro lado do mundo.

Uma força-tarefa especial na Austrália

localizou, sequestrou e julgou Doxie O'Brien, considerando-o culpado do mais execrável dos crimes irlandeses, a delação. Depois de assinar uma confissão, foi executado com um tiro na cabeça.

### 3

A Mansão Hubble estava em coma havia uma semana. As criadas de quarto que mudavam a roupa de cama comentavam entre si a notícia de que o Conde e a Condessa não tinham dormido juntos durante esse período e que, ao mesmo tempo, não tinham feito juntos as refeições e cancelaram todos os seus compromissos comuns.

Foi Roger quem atravessou a terra-de-ninguém para os aposentos da mulher. Caroline mostrou efeitos confusos desse estado de guerra em silêncio. Repassou constantemente os seus argumentos, justificou a sua indignação e se agitava na cama sem sono, sempre à beira da

capitulação e sempre reagindo em contrário no último instante.

Que diria ela agora? Teria uma explosão contra ele ou adotaria uma atitude conciliatória? Sabia como eram profundos os seus sentimentos. De vez em quando, voltava-lhe a ideia da capitulação. De qualquer modo, era certo que Roger estava calmo demais. Nunca pensava tanto num problema sem se tornar perigoso. Caroline convenceu-se de que devia ter calma também e esperar, sem deixar que ele a provocasse.

— Creio que devemos ter uma conversa, Caroline — disse ele, quando afinal procurou a esposa. — Não devemos esquecer que uma simples fagulha transviada pode fazer tudo explodir. O caso é grave. Caroline, muito

grave, o pior que já nos aconteceu nos nossos vinte e cinco anos de casados.

Caroline levantou-se lentamente da *chaise longue*. Os cabelos estavam corridos, longos e sensuais como ela os usava quando dormia.

Não tinha qualquer pintura no rosto e as rugas da idade se haviam aprofundado naquela semana. Apesar disso, era ainda muito bela.

— Você me humilhou — disse ele. — Deixou-me numa posição inferior não só diante do Brigadeiro e de Herd, mas aos seus próprios olhos.

— É isso então que o está preocupando? O fato de ter ficado em posição de inferioridade?

— De certo modo é. Mas o que mais me dói é ver que você e Jeremy tramaram

contra mim às minhas costas.

— Tramamos contra o quê? Meu filho me escreveu há alguns meses dizendo que estava apaixonado, mas me pediu que não contasse nada ao pai. Disse-lhe que ele tinha de contar tudo a você, mas ele ficou com medo.

Disse que o pai não compreenderia. Isso é claro como a luz do dia. O pai nunca o compreendeu desde o primeiro momento da vida dele. O pai sempre fez questão de não compreender.

— Já acabou?

— Colocou espiões no quarto de seu filho! Por que não ordenou que tirassem fotografias dele na cama com a mulher?

Roger levantou a mão, pedindo-lhe que parasse.

— Não levarei em conta as

insinuações implicadas em suas palavras.

— Não são insinuações, são acusações! Esbirros de segunda ordem prestando atenção ao número de toalhas e lençóis... Foi a coisa mais revoltante que já chegou ao meu conhecimento.

— Jeremy Hubble não é filho de qualquer merceeiro. Nada neste mundo de Deus pode alterar o fato de que ele será o Décimo Segundo Conde de Foyle. É o herdeiro legítimo e lógico de fábricas e terras avaliadas em dezenas de milhões de libras. Tenho não apenas o direito mas o dever de proteger os interesses da família, inclusive de seu pai.

— Talvez, se você tivesse dado ao rapaz um pouco de amizade, ele o procurasse quando tivesse um problema.

Roger riu sarcasticamente.

— É engraçado como você torce tudo para acabar dizendo que eu sou o culpado. Quem sabe se não tenho também culpa de ser pai dele e de que ele tivesse nascido para ser Visconde Coleraine.

— Que relação tem isso com o amor de um rapaz com uma moça?

— Tem tudo, Caroline. O rapaz tem obrigações por toda a sua vida e que excluem essas baboseiras românticas.

— Pobre Jeremy! Não tem culpa, nem nós temos, de que seja o Visconde Coleraine. Infelizmente, ele não é tão atilado quanto o pai dele quando era Visconde Coleraine. Lorde Roger não queria saber de casamento que não fosse sob medida, milimetrado até. Jeremy foi-se apaixonar por uma menina sem título. Muito bem, Roger, ele está apaixonado e

não pediu a permissão do pai. Que é que vamos fazer?

Roger esperou que ela se acalmasse.

— Creio que Jeremy não tem a menor noção do que lhe está acontecendo e não sabe se está apaixonado ou se está simplesmente uivando para a lua como um animal no cio.

— Mais ou menos como a mãe dele — replicou Caroline. — É estranho que você tenha achado minhas estripulias nas águas-furtadas de Paris tão interessantes, mas condene coisa semelhante em seu filho como vulgaridade. Ou quem sabe se você não me quer excluir também da lista?

— Pare de torcer as coisas, Caroline. A verdade é que as saias da mãe protegeram até agora Jeremy de toda e

qualquer responsabilidade.

Encararam-se e compreenderam ambos que a raiva que os dominava tinha chegado a um ponto perigoso e que o resultado poderia ser um prejuízo permanente.

Caroline deu alguns passos, torceu as mãos e as lágrimas lhe afloraram aos olhos.

— Roger, que é que você quer do rapaz? Ele é um moço puro, simples, amável, cujos amigos o adoram. Nada tem de mesquinho ou de errado. Você só se afastou de Jeremy porque tentou sem êxito fazer dele o que ele não é. Não é nem um homem de negócios impetuoso como Freddie, nem um homem do Ulster fiel, nem pretendente a antigos tronos. Não é como o irmão Christopher, que está todo

empenhado em assumir as glórias da família. Por que, pelo amor de Deus, não pode aceitá-lo como é e amá-lo?

Roger olhou da janela para o vasto gramado que se estendia embaixo e então se voltou lentamente.

— Vou-lhe dizer o que é Jeremy. É a repetição do pesadelo que persegue a família Hubble.

— Disse a verdade! — exclamou Caroline. — Jeremy e seu pai, Arthur, são da mesma índole. O velho e caro Arthur, gago, vivendo da pensão que você dava, apavorado com os tambores e os desfiles de Orange, apavorado da vida. Sem dúvida, Jeremy é Arthur.

Roger baixou a cabeça.

— Tenho lutado muito contra isso, mas não vou mais lutar. Sabe o que

significa desistir de um filho? Sei que ele seria capaz de destruir em dez anos o que foi construído através de gerações. E assim terá de ser tutelado por Christopher como meu pai foi por mim.

— Faça um acordo que deixe o rapaz viver em paz — disse Caroline.

— Ele sabe desde já que Christopher vai administrar tudo. Aceitará a situação e não ficará ressentido.

— Ah, se as coisas fossem tão simples assim... Por que o destino foi fazer de Christopher o filho mais moço? Nenhum acordo poderá impedir que Jeremy venha a ser o Conde de Foyle. Compreenda isso claramente, Caroline. Só eu sou responsável pela continuação de nossa linha e não vou permitir que alguma sirigaita com o filho de alguém no

bucho se torne a Condessa de Foyle... e que esse bastardo se torne depois o Conde de Foyle.

— Pare com isso, Roger! Molly O'Rafferty é uma boa e doce menina loucamente apaixonada pelo nosso filho. Não diga mentiras. Fale com ela, passe a conhecê-la, e não diga mentiras.

— É mentira dizer que ela é católica?

— Ela se converterá num minuto.

— Ela se converterá... Quanta magnanimidade da parte dela! Somos por acaso operários dos estaleiros de Belfast, que trocam de esposas, de bairro e de religião?

— O seu coração tem de se abrandar, Roger.

— Não, não e não!

— Roger...

— Ainda que o meu coração se abrandasse, ainda que ela fosse o que você diz, não seria possível!

— Por quê?

— Já entramos na arena para a luta de morte. A guerra por este país estourará sobre nossas cabeças ainda enquanto formos vivos. Acha que eu posso impor a esse povo, cuja lealdade é vital para a nossa existência, uma situação que seria uma zombaria de tudo em que ele crê?

Caroline via realmente o homem com quem se casara pela primeira vez em sua vida. Não havia nele um farrapo de compaixão pelos dois jovens colhidos na sua teia, nem a menor possibilidade de recuo. Caroline sentiu-se apavorada.

— Em algum ponto — murmurou ela com voz trêmula — teremos de fazer paz.

Do contrário, Jeremy, Christopher e seus filhos continuarão nessa batalha. Só conseguiremos ao fim de tudo um adiamento da batalha decisiva e passaremos essa loucura a outra geração. Não poderemos começar a recuperação, permitindo que dois jovens que se amam possam mostrar que, apesar, de tudo, há amor nesta terra?

— Caroline, você está ficando enfadonha...

— Roger, você me assusta!

— E é uma hipócrita, ainda por cima!

— Como se atreve a dizer isso?

— Esse seu tardio liberalismo gladstoniano é muito suspeito — disse ele, levantando-se e abrindo os braços num gesto largo. — Se a memória não me engana Lady Caroline estava entre as

peças presentes no Salão Comprido que nos aplaudiam enquanto Randolph Churchill jogava a carta da causa de Orange. Onde estava você quando seu pai, eu e nossos camaradas dividimos a Irlanda em fatias como se fosse um bolo? Onde estava você quando procurávamos encobrir as nossas sujeiras depois do incêndio da fábrica de camisas? Estava presente, muito contente e satisfeita, pois acreditava no que estávamos fazendo. E por quê? Porque você queria um milhão de libras para remodelar Rathweed Hall e a Mansão Hubble e para adquirir arte e cultura, tornando-se uma ilustre e poderosa dama. Você estava presente, sem dúvida, e muito contente porque seu dinheiro e seu prestígio vinham da mesma experiência imperial que agora faz você

torcer as mãos e gemer... Minha cara senhora, nos seus tempos de esplendor, gastou mais dinheiro numa semana do que todo o dinheiro pago em salários aos operários das Oficinas Weed e da fábrica de camisas juntas. Você e seus católicos não podem absolvê-la dos seus pecados, nem transferi-los para seu marido e seu pai.

Roger havia transposto a fronteira da qual não podia retroceder jamais...

— Que vai fazer? — gritou ela.

— Já está feito.

— Não, Roger...

— O Brigadeiro e o Sr. Herd, a quem você achou tão antipático, foram procurar Jeremy com a alegação comprovada de que dois de seus amigos tinham tido relações sexuais com Molly O'Rafferty.

Caroline começou a tremer descontroladamente. Correu os olhos desvairados pelo quarto e se encaminhou para o telefone.

— Freddie...

— Não se dê ao trabalho de telefonar para ele. Freddie está de acordo comigo. Ela sabia também que você ficaria nesse nervosismo sentimental todo em torno de Jeremy.

— Mas a moça... Molly...

— Vai receber uma compensação adequada.

— E o filho, Roger? É seu neto! Você sabe o que acontece aos enjeitados... Raramente sobrevivem... E Molly! A suave menina... Será condenada como uma prostituta comum e pouco faltará para que seja queimada como feiticeira!

— Se a moça for sensata, aceitará a nossa proposta para que deixe o país e se tomarão providências para que a criança seja adotada por pessoas que não saberão quem é o pai, nem a mãe. Ela terá bastante dinheiro para viver com conforto durante muito tempo.

— Quem é você? Deus? Quem é você para dirigir assim a vida de seu filho como se ele fosse uma espécie de animal bronco? Roger, você é um monstro miserável!

— Serei mesmo, Caroline? O seu querido Jeremy acreditou com a maior facilidade que Molly O'Rafferty lhe fora infiel. Assim é que o amor dele era profundo? Se Jeremy tivesse mostrado que era homem uma vez na vida e nos tivesse mandado a todos para o inferno,

não teríamos outro remédio senão aceitar a moça. Inclua, portanto, Jeremy nesse grupo que você acha tão indecente.

Caroline começou a chorar longa e sentidamente, sem que ele fizesse o menor gesto para consolá-la. Roger era uma estátua de pedra a olhá-la.

— E nós? — perguntou ela afinal.

— Quando compreendi o que tinha de fazer, aceitei o risco que isso acarretava para você e para mim. O que eu sei é que não poderia ser responsável pela destruição de minha família. Depois de tudo o que já passamos, tem realmente alguma importância a maneira pela qual terminaremos o nosso tempo juntos?

As palavras frias e duras do marido impressionaram Caroline.

— Há uma coisa que não compreendo

— disse ela. — Como foi que eu pude passar vinte e cinco anos em companhia de um homem sem nunca sentir a força do ódio que sinto em você agora. Você me odeia e odeia Jeremy. Quero saber por quê.

— Que importância tem mais isso agora?

— Tenho de saber. Que foi que nós fizemos, Roger? Quando e onde?

Ele foi até à porta do quarto e falou como se estivesse em transe.

— Foi aqui neste quarto... naquela cama... Você se contorcia com as dores do parto... Houve então um grito mais forte e Jeremy nasceu... Nesse momento... você chamou por seu pai...

## 4

O fogo de turfa crepitava aromaticamente delicioso, o meu copo estava cheio de bom uísque, e eu tinha Conor Larkin diante de mim. Ao que tudo indicava, entrara na meia-idade com toda a força e beleza que lhe haviam marcado a infância e a mocidade. Nenhuma mulher fugiria dele e poucos homens se atreveriam a enfrentá-lo. Mostrava uma suavidade madura que só chega ao homem depois de enorme sofrimento. Alguma coisa nos seus gestos e em sua voz me

lembravam seu pai, Tomas.

E as suas cicatrizes? Ainda sangravam nas suas horas de meditação?

Os tecidos se haviam recomposto a tal ponto que suprimiam as lembranças desagradáveis? Que defesa se haviam formado para desprendê-lo de nossa terra martirizada? Passara Conor a ser uma nova pessoa, não visível externamente, mas de que haviam fugido a energia, o sentimento poético, a indignação e a sua tremenda força de vontade?

Continuava a ser Conor depois do ano que passara nos Estados Unidos?

— Foi um caminho muito comprido para conseguir alguns sacos de ouro — disse Conor — mas valeu a pena a viagem. Uma terra imensa, Seamus. Pode imaginar um país com quatro fusos

horários e quarenta e seis estados, cada qual maior e mais populoso do que nossas quatro pobres províncias? Oprimia-me o espírito viajar naquela terra e pensar que tinham sido irlandeses os homens que assentaram cada palmo de trilhos. Mas acontece que as aldeias de lata de lá eram melhores do que tudo o que temos por aqui. Depois, o sonho americano se apresenta a todos eles como uma visão sagrada. E todos aqueles figurões irlandeses tentam superar-se oferecendo vitrais a igrejas obscuras em memória de um pai e de uma mãe que eles realmente querem esquecer.

Tornei a encher meu copo de uísque e Conor continuou: — O meu maior problema eram aqueles que se lembravam da pátria e queriam ganhar acesso ao céu

com os donativos que faziam à Irmandade.

Não queriam dar secretamente. Reclamavam publicidade como se, assim, Deus não deixasse de saber do que tinham feito.

— Do meu ponto de vista egoísta, tenho prazer em vê-lo de volta, Conor, ainda que você tenha de viver escondido. O nosso jornal clandestino está saindo duas vezes por semana graças aos fundos que você levantou e a polícia ainda não descobriu onde é impresso.

— Alguém o está escutando, Seamus?

— Talvez. Estamos recebendo ataques de fontes que dantes não tomavam conhecimento de nossa existência. Estamos incomodando alguém, esta é que é a verdade.

Conor mordeu os lábios

pensativamente e perguntou: — Por que me mandaram voltar?

— Dan Sweeney deu ordem para começar a organizar as unidades de combate. Você vai ter de conseguir fazendas amigas através do país e encarregar-se da organização e do treinamento. Você comandará tudo, à exceção da área de Dublin.

Conor deu um assobio de espanto.

— Lorde Louie concordou em deixar-nos usar Dunleer como a nossa base central de treinamento.

— Compreendo tudo, mas por que eu? Há muitos homens mais qualificados do que eu no Supremo Conselho.

— Infelizmente, Conor, aquele corpo não conta nem com soldados competentes, nem com políticos práticos. Na maioria,

não passam de sonhadores, alguns de alto gabarito. Dan se cansa deles em ciclos regulares de quinze dias. Não uma, mas vinte vezes, ele deu um soco na mesa durante a discussão de um problema difícil e desejou em voz alta que você já tivesse voltado para a Irlanda.

Conor deu de ombros e murmurou alguma frase modesta.

— Notei um ar de decepção quando entrei nesta casa hoje — disse eu.

Conor teve um sorriso defensivo.

— Estava esperando que Atty viesse comigo, Conor?

— Está querendo saber demais. Pequeno.

— É curioso, mas Atty tinha a mesma expressão no rosto quando foi levar-me à estação. Quando o trem partiu, pensei que

era muito estranho que ela estivesse assim quando na verdade há seis meses que não recebe uma carta sua.

Ele olhou para o fogo durante algum tempo e disse: — Havia na prisão um velho guarda de nome Hugh Dalton, que estava comigo quando aconteceu aquela desgraça a Shelley. Depois que eu cheguei ao fundo do meu desespero, ele me disse que todos os homens naquele instante de extrema agonia tomam a decisão de viver ou de morrer. Não é uma decisão consciente, mas o nosso espírito a toma, independente de nossa vontade. Ao que parece, eu tomei a decisão de continuar a viver... de uma maneira ou de outra. A questão é a seguinte: o que ainda resta de mim para viver e quanto da minha vida ficou para sempre na sepultura de

Shelley? Não sei...

— Isso é uma coisa que tem de ser apurada, Conor. Teve saudades de Atty?

— Nem calcula como.

— Isso quer dizer alguma coisa, não acha?

— Decerto. Atty e eu enfrentamos uma situação fora do comum e terrível. Ela não quis deixar-me morrer. Viu-me em momentos sombrios e difíceis de passar, para homem ou mulher. De uma forma ou de outra, sou de novo Conor e ela é de novo Atty. Aqui em Dunleer, naquela ocasião, éramos duas pessoas completamente diferentes.

— Ou talvez as mesmas pessoas em outras dimensões. Vocês revelaram um ao outro a sua personalidade total, não uma pessoa estudada que apresenta de si

mesma uma versão calculada ao mundo.

— Pensei muito nela quando estava nos Estados Unidos — disse Conor. — O que Atty achou de atraente em mim no começo foi minha energia e o fascínio que eu exercia sobre ela, como não aconteceu a nenhum outro homem antes de mim. Quando ela veio ficar comigo aqui em Dunleer, encontrou um homem fraco, encolhido e apagado. Tendo-me visto nesse estado, sabe que sou capaz de novos acessos de fraqueza.

Creio que quando Atty sente fraqueza num homem é como se um lobo farejasse o cheiro de sangue num animal ferido. Com o tempo, a minha força teria de competir com a dela. Ainda assim, que há em nosso caso para qualquer de nós? Metade do homem que ela outrora

conheceu? O

fantasma de Shelley a pairar sobre nós?

— Falando do ponto de vista prático — disse eu — as vidas de vocês dois vão ser unidas daqui por diante. Você pensa que ela não sabe que não vai substituir Shelley?

— E que é que você acha disso tudo?

— Conor, você é o único homem que eu conheço capaz de passar de um grande amor para outro. Será um amor diferente, mas, ainda assim, um grande amor. Há muita coisa que liga você estreitamente a Atty, inclusive o fato de saberem que cada momento pode ser o último. Você seria um idiota completo se fugisse disso.

— Talvez eu não fuja...

— Quer que leve algum recado seu?

— Não... Eu saberei quando chegar a hora...

Acabou de beber o uísque, pensou durante algum tempo e começou a falar.

— Estou de volta à Irlanda... De volta e vivo... Mas sabe, Seamus, nada aqui acontece no futuro. Ê sempre o passado que se repete indefinidamente... Nós e os ingleses somos como dois cometas a errar através do universo e deixando um rastro de poeira cósmica de milhares de quilômetros de comprimento... Temos órbitas diferentes através do céu e nos movemos em direções diferentes, mas inevitavelmente nos aproximamos... Tudo indica uma colisão, mas nós apenas passamos perto, tão perto que o pó de nossas esteiras se mistura e rola pelos céus, paralisando os planetas... Mas

passamos sibilantemente, tomando os caminhos infinitos do firmamento. Seguimos então em nossas órbitas separadas, circulando pelo universo até que, depois de intermináveis revoluções, os nossos caminhos voltam a cruzar-se... Que acontecerá desta vez? Vamos apenas roçar um pelo outro ou haverá afinal a colisão?

# 5

Lorde Jeremy Hubble nunca entrara no bairro de Liberties, em Dublin, e teve vontade de prender o fôlego todo o tempo. As pessoas o seguiam insistentemente com os olhos, achando inusitada a sua presença, e a sua inquietação aumentava a cada passo. Saiu de Bridgefoot Street e entrou nos estreitos confins de Tyndall's Alley, com o seu chão irregular sem pavimentação e casebres que de um lado e do outro ostentavam a sua miséria. Como se estivesse pisando em ovos, aproximou-se de um deles e bateu na porta, baixando os olhos para não olhar para dentro.

— Que deseja? — perguntou um homem.

— Quero falar com Molly O’Rafferty.

— Não está.

— Está, sim, e eu quero vê-la.

— Escute aqui, meu chefe...

— Não sou seu chefe.

Jeremy encheu-se de coragem e fez um movimento em direção à porta.

— Vou entrar e não tente impedir-me.

Pegou a porta antes que ela fosse batida e empurrou-a.

— Pode deixar, Finn — disse uma voz dentro da casa. — Diga que eu vou falar com ele.

O homem fez uma cara de zombaria e afastou-se da porta. Um momento depois, Molly O’Rafferty chegou à porta e saiu para a rua. Fazia mais de uma semana que Jeremy não a via. Os últimos dias tinham-no levado quase à beira da demência.

Molly estava linda, apesar do ambiente sórdido. Ele sempre se sentira orgulhoso de levá-la pelo braço.

Jeremy olhou para a barriga dela. Ainda não se notava nada. O único sinal que ele tinha visto da gravidez fora o aumento dos seios, coisa que o havia excitado.

A voz de Molly era doce e pura e, quando ela cantava, fazia desabrochar a primavera, emoldurada pelos grandes olhos e pelos longos cabelos negros.

— Não quero saber como descobriu onde eu estava — disse ela — mas lhe peço que diga o que tem a dizer e siga o seu caminho.

— De quem é esta casa?

— De velhos amigos.

— Escute, podemos ir conversar em

outro lugar? Perto da beira do rio?

O vulto do homem apareceu na janela. Molly pensou durante alguns segundos e disse: — Tudo certo, Finn. Não demoro.

Molly passou um xale pelos ombros e recusou o braço de Jeremy.

Desceram assim separados Bridgefoot Street até chegarem a Usher's Quay, onde se sentaram num banco à beira do rio Liffey. A cúpula esverdeada de cobre dos Tribunais se elevava do outro lado do rio pardacento e tardo.

— Não sei como começar — disse Jeremy nervosamente, torcendo as mãos e tendo de conter as lágrimas. — Chegaram ao meu apartamento com Mal Palmer e Cliff Coleman. Cada um deles jurou que tinha ido para a cama com você, mostrou simpatia por mim e disse que tinha havido

outros.

Alguma coisa dentro de mim se partiu e eu senti um acesso de ciúmes violento. Tudo aquilo me pareceu irreal, como se não estivesse acontecendo e eu não pudesse acreditar no que ouvia. Depois que Mal e Cliff foram mandados embora, o Brigadeiro Swan e o tal Herd começaram a fazer pressão sobre mim. Você tem de compreender, Molly. Eles são mestres em matéria de conversa. Primeiro, falaram na desmoralização de minha família. Depois, falaram na outra coisa... sobre você e os outros.

Ele rangeu os dentes e olhou-a, mas não conseguiu sustentar-lhe o olhar.

— Quando acabaram, meu pai chegou de Londonderry. Disse que eu só lhe tinha dado desgostos desde menino. Afirmou

também que ninguém sabia quem era o pai de seu filho. De qualquer maneira, disseram que procederiam bem com você. Até meu irmão Christopher, a quem recorri em busca de um pouco de compreensão, levantou a bandeira do Ulster diante de mim e vociferou slogans que tenho ouvido desde a infância. Um cachorro!

Molly continuou imóvel, com as mãos no colo e uma grande tristeza no olhar voltado para o atormentado Jeremy.

— Sua família a expulsou de casa, Molly?

— Não. Não me expulsaram de casa, mas estão divididos e a verdade é que os cobri de vergonha. Quando uma moça procede mal, as regras do jogo são muito claras. Tive de sair de casa e

provavelmente lá não se falará mais no meu nome.

— Oh, Molly, agi muito erradamente. Depois que nós discutimos e você saiu, comecei a reconstituir tudo. Sentia muito a sua falta e comecei a compreender o que tinha feito, acreditando neles. Saí, fui procurar Palmer e arranquei a verdade dele.

— Poderia ter-me perguntado, Jeremy. Eu lhe teria dito a verdade.

— Eu sei. Você tentou dizer-me, mas eu estava alucinado. Bem, a verdade é que Mal Palmer e Cliff Coleman foram comprados. Cada um recebeu duzentas libras.

— Sua família é muito generosa, Jeremy. São inesgotáveis na sua bondade. Tomaram também toda espécie de

providências a meu respeito.

— Que providências foram essas?

— Há na Suíça uma clínica muito boa onde cuidam dos filhos bastardos da aristocracia. Asseguraram-me que tudo é feito com todos os rigores da ciência moderna. Quando se insiste em ter o filho por motivo de crenças religiosas, garantem uma esplêndida adoção.

— Pelo amor de Deus, Molly!

— Só estava querendo mostrar como sua família é atenciosa.

— Escute, querida. Estou revoltado. Sinto-me revoltado até comigo mesmo. Não tenho nem o direito de lhe pedir perdão. Mas quero merecer esse perdão e então provarei a você dia e noite quanto a adoro!

— Que é que você pretende fazer,

Jeremy?

Jeremy respirou fundo e bateu no peito para provar a firmeza de sua determinação.

— Papai me ordenou que saísse de Dublin e passasse um ano no serviço público, no Ministério das Colônias, no serviço consular ou em alguma coisa assim. Depois, terei de fazer tempo no regimento da família.

Tudo isso está bem, quero dizer, sempre soube que essas coisas me esperavam.

— Eu sei como são importantes os deveres de família — disse Molly.

— Eu sou um idiota, Molly, um idiota completo. Durante todo esse sofrimento, cheguei a esquecer-me da única coisa real. Sou o Visconde Coleraine. Nada do

que meu pai ou qualquer outra pessoa possam fazer modificará esse fato. A sucessão do título de conde é minha, minha só. Ele pode intimidar-me, pode ameaçar-me, mas não pode tirar-me o meu direito de nascimento. Muito simplesmente, irei procurá-lo e informá-lo que Jeremy Hubble resolveu casar-se com Molly O'Rafferty e, se ele não gostar, coma menos. Viu? Ele não terá outro remédio senão aceitá-la.

Molly teve um breve sorriso.

— Espere aí! Você parece que não ficou muito satisfeita com o que eu disse!

Ela bateu no banco.

— Chegue mais para perto de mim, Jeremy, e segure minha mão.

Ele obedeceu e Molly com a outra mão lhe acariciou os cabelos e o rosto, —

Amo um rapaz bom e gentil, que procura desesperadamente ser homem... mas não consegue. Amo você, Jeremy, pelo que você é como pessoa e por nada mais. Iria com você para qualquer lugar do mundo, menos para o Ulster.

— Que quer dizer com isso, Molly?

— Pouco me importa o que você faça para ganhar a vida: que seja entregador de gelo, que trabalhe de terno num escritório, que seja garçom num bar. Aceitarei você como é em qualquer lugar, mas não em companhia de sua família.

— Você... você quer que eu renuncie ao meu título, que desista da minha herança?

— Não é o que eu quero, mas é a única maneira possível de Jeremy e Molly viverem. Conheço bem o meu querido

Jeremy e saberei tomar conta dele.

— Mas, querida, não creio que você me tenha compreendido. Depois que nós nos casarmos, eles terão de aceitá-la.

— Pouco me importa que eles me aceitam ou não, Jeremy. Eu é que não quero aceitá-los.

— Como?

— São pessoas anormais que vivem num meio anormal. Acha mesmo que poderei viver com eles depois de me terem oferecido dinheiro para fazer abortar meu filho?

— Mas...

— Espera que eu passe o resto de minha vida tentando ser uma mulher que, no fim, acabará destruindo Molly O'Rafferty? Se eu for para lá e adotar os conceitos deles, começarei a odiar.

Ficarei cheia de ódio e de astúcia como eles, esperando que seu pai morra. Acabarei igualzinha a ele.

— Você está-me confundindo, Molly...

— Então vou dizer tudo da maneira mais simples e direta possível.

Sua família é de uma raça muito baixa para unir-se à filha de Bernard O'Rafferty.

— Que é que você quer que eu faça?

— perguntou Jeremy.

— Siga seu caminho, meu caro. Faça a vontade de seu pai. Você não tem energia para nada mais.

Enquanto os minutos se passavam em silêncio, a verdade pesou no coração de Jeremy. Tinha vergonha de olhar para ela. Molly era tão forte...

De onde era que ela tirava isso?

Expusera da maneira mais simples toda a perfídia da família dele. Entretanto, ele carecia de energia para rebelar-se.

Qualquer noção de fugir com ela se adensava em visões de ruas lamacentas e quartos miseráveis.

Apesar de todas as divergências com seu pai, agradava-lhe ser Jeremy Hubble, Visconde Coleraine. Gostava dos tempos feitos em bons alfaiates, dos quais tinha três dúzias. Gostava de viajar no vagão luxuoso do avô e de pagar rodadas no bar para os amigos. Gostava de ser o afável e esportivo Jeremy. Gostava mais disso do que de qualquer outra coisa... até de Molly e do filho que ia nascer... Ficar com ela, fingir que não gostava dessas coisas, seria um desastre.

— Não posso ir com você —

murmurou ele.

Pronto. Não tinha coragem de olhar para ela.

— É claro que você irá para a Suíça...

— Creio que não.

— Mas é preciso cuidar de você!

— Não se incomode com isso — disse ela, levantando-se.

— Eu tenho de saber! — exclamou Jeremy, agarrando-a pelos ombros.

— Não posso ser, além de tudo mais, cúmplice de um assassinato.

Vou ter meu filho e criá-lo.

— Meu Deus! Molly!

— Se está preocupado com você mesmo e com os escrúpulos que possa ter, fique certo de que com o tempo se curará disso e se esquecerá de tudo.

— Mas vai aceitar o dinheiro...

— Por favor, Jeremy...

— Molly...

— Minha família me dará o que for necessário. Sei que os envergonhei, mas não é por isso que deixarão de gostar de mim.

Procurarei ir viver num lugar onde a minha presença não seja um estorvo nem para você, nem para sua preciosa família. Tenho minhas mãos e tenho minha voz para trabalhar. Ter um filho não prejudicará nem uma coisa nem outra.

— Deixe-me ajudá-la. Prometa que me deixará ajudá-la.

— Só lhe posso fazer uma promessa. Você nunca mais vai ver nenhum de nós dois, nem ter notícias de nós.

Molly O'Rafferty, às vésperas de completar dezoito anos, abandonou

Jeremy Hubble às margens do rio Liffey.  
Alguns dias depois, partiu de Dublin e da  
Irlanda para sempre.

## 6

No ano seguinte à volta de Conor Larkin para a Irlanda, ele assumiu o seu novo papel com o mesmo diligente zelo que fizera dele um mestre-ferreiro, um grande jogador de rúgbi e o melhor levantador de fundos para a Irmandade nos Estados Unidos. O objetivo imediato de instalar campos de treinamento em “fazendas amigas” estava cumprido.

Fora da área de Dublin, um local central havia sido estabelecido em cada uma das províncias de Connaught, Munster e Ulster. A fazenda amiga de Dunleer, em Connaught, era a mais importante.

Foi criado um sistema de treinamento

em armas curtas, dinamite, táticas urbanas e emboscadas rurais, bem como sabotagem. Nesse período, Conor só faltou escrever um tratado militar para a Irmandade.

Viajava constantemente com nome suposto, dirigindo os grupos de Cork a Derry, estabelecendo os deveres dos comandantes, uma rede de comunicações, um serviço secreto, e mantendo abastecimentos, suprimentos de armas e de medicamentos e doutrinação política.

Era um exército pequeno, apenas cem homens em cada província, mas o segredo e dedicação tinham sido meticulosamente resguardados.

Esperava-se que o fanatismo compensasse a falta de desenvolvimento.

Conor morava, nos intervalos das suas

províncias, numa casinha escondida nos confins da propriedade de Dunleer. A mansão e as casas da fazenda estendiam-se entre o Lago Ballynahinch e a floresta, onde começavam as Doze Bens. Havia as ruínas de um castelo normando do século XV, inclusive uma torre ainda de pé. Depois de dois quilômetros de floresta, uma reentrância do Lago Fadda ocultava o campo de treinamento da Irmandade e a casa de Conor.

Os homens eram treinados irregularmente e em número incerto, dependendo tudo da possibilidade de irem a Dunleer. Eram alojados num velho mosteiro restaurado à beira do lago e perto da casa de Conor.

Ele instalara uma forja, onde fazia uma cópia aceitável do revólver Webley

do exército inglês. Produzia também a munição para o mesmo.

Encontrava-se com Atty de vez em quando, sempre em reuniões da Irmandade, mas os dois sempre evitavam contatos pessoais.

Uma tarde, no começo do outono, o sinal de comunicação interna da mansão soou na forja, indicando a Conor que uma pessoa de confiança tivera permissão para passar para a área de treinamento.

Conor saiu para a frente do lago e avistou com o binóculo uma pessoa que se aproximava a cavalo. Quando a pessoa contornou a curva do lago pelo bosque de pinheiros e o sol poente avermelhou as águas, ele a reconheceu.

Era Atty Fitzpatrick.

A sua maneira de montar era magnífica e indicava longa prática. De fato, ela fora outrora Lady Royce-Moore, naquele mesmo condado de Galway, e passara boa parte de sua mocidade montando a cavalo através de Connemara.

Quando chegou mais perto, Conor gritou-lhe o nome e ela começou a galopar à margem do lago, com a cabeleira castanha a ondular para trás como uma cascata. Diante de Conor, sofreu o cavalo e saltou.

— Grande espetáculo ao crepúsculo!  
— disse Conor.

— Infelizmente, estou muito fora de forma. Eu era muito eficiente na sela de um cavalo — murmurou ela, ofegante.

— Não se aproxime muito de mim — disse Conor. — Estou impregnado de toda

a fuligem da forja. Mas, antes que me diga o motivo de sua visita, que tal um banho no lago?

— Onde?

— Aqui bem em frente e sem roupa de banho — disse Conor, tirando o avental de couro, a camisa e as calças e, então, correndo para a água com um grito de prazer, na exaltação juvenil que o havia dominado desde que a avistara. Depois de um mergulho, gritou: — Como é? Vem ou não vem?

— Sou capaz de segui-lo seja lá aonde for, Conor, menos nesse lago, gelado.

— Então entre e me pegue uma toalha.

Atty voltou com uma toalha na mão e outra enrolada em torno do corpo. Tirou a toalha e pulou no lago, fazendo espadanar

a água. Tiveram um momento de irrestrita alegria, dando-se as mãos e pulando em gritos satisfeitos. Ele a tomou nos braços e levou-a para a margem. A carne estava arrepiada de frio e Conor friccionou vigorosamente com a toalha o corpo dela e o dele.

— Jesus! — exclamou Conor. — Sempre me esqueço de como é fria a água desse lago.

O fogo de turfa logo foi aceso e aqueceu-os, juntamente com uma boa dose de *poteen*, enquanto o sol mergulhava no mar. Vestiram-se pensando na exaltada alegria que tinham, de ver-se. Ambos haviam pensado muito naquele encontro e sabiam que ele seria cheio de sentimentos de culpa, de evasões e de verdades ocultas.

— Muito bem. Que notícias terríveis traz você? — perguntou Conor enquanto as sombras da noite desciam das Doze Bens.

— Foi Dan Sweeney que me mandou aqui. Queria mandar Seamus, mas Seamus não merece muita confiança quando está com você e os dois se entregam a fantasias célticas.

— Bem, neste momento sou grato a Long Dan.

— Além disso, pedi a ele que me deixasse vir.

O vento entrou pela casa adentro. Conor saiu para olhar o céu, sentindo os primeiros pingos de chuva. Os picos das Doze Bens estavam cobertos por densas nuvens.

— Esse vento não é nada bom —

disse Conor. — É tão rápido aqui quanto era em minha terra, quando vinha da Escócia. É melhor levar você para a mansão antes da tempestade.

— Lorde Louie está em Londres e você não tem homens em treinamento agora aqui. Esta casa tem um quarto de hóspedes?

— Tem.

— Por que não tratamos de ver então se há alguma coisa para comer?

— Certo — disse Conor.

Fechou a porta e as janelas, sem evitar de todo a chuva que descia numa pancada violenta do alto de Benlettery. Atty acendeu o fogo de turfa e aproveitou o que havia no armário e na despensa. Ela sabia movimentar-se numa cabana de camponês, entre outras coisas que sabia fazer

impecavelmente. Conor a vira ali mesmo dois anos antes, mas naquele tempo não tinha noção perfeita das coisas e quase podia dizer que a estava vendo pela primeira vez. Vacilava entre o desejo de tomá-lo nos braços e o sentimento de ter sido colhido numa armadilha.

A comida foi diferente de qualquer coisa que ele já tinha provado desde que voltara dos Estados Unidos.

Lá fora, a tempestade estrondava. Atty sentou-se diante do fogo com os joelhos levantados e os braços passados por eles. Conor estava perto dela, sentado num banco, lubrificando quatro pistolas que fizera naquele dia na forja.

— Dan está muito zangado com você — disse ela.

— É uma situação habitual entre nós

dois.

— Louie combinou um encontro com um cargueiro alemão ao largo da Ponta de Slyne para receber um carregamento de armas. Você cancelou o encontro.

— Cancelei.

— Queremos saber por quê.

— Não quero mais que o iate de Lorde Louie seja usado para esse fim.

— Infelizmente, não compreendemos. Os alemães estão dispostos a fazer entregas regulares de armas em alto mar. Já falaram também em mandar submarino.

Conor apontou a pistola para um alvo imaginário e puxou o gatilho.

— O risco não compensa, Atty.

— Não considero isso uma resposta suficiente.

O contrabando de armas com aquele

iate nesta zona não tardará a levar Lorde Louie ao cadafalso. Com isso, perderemos o melhor e mais secreto campo de treinamento de que a Irmandade dispõe em solo irlandês.

— Desculpe, Conor, mas é impossível aceitar isso. Louie está plenamente consciente do risco e o aceita. Também aceita as decisões do Supremo Conselho um pouco melhor do que você, devo dizer.

— Ele é um cavalheiro decente e aristocrático, e um bom intelectual gaélico, mas está sujeito a alguns devaneios em virtude da solidão de Connemara e de muita união de gente do seu sangue com a Corte de St.

James. Eu tomarei as decisões por Louie, pelo menos as que se referem ao iate e à casa dele.

— Sugiro que isso compete ao Supremo Conselho.

— Pois bem, sugiro ao Supremo Conselho que encomende um discurso a Seamus para Lord Louie pronunciar no tribunal antes de ser enforcado.

— Conor, você está sendo obstinado e desobediente.

Atty se levantou, tirou a pistola da mão dele e jogou-a em cima da mesa.

— Sente-se, Atty, e escute o que lhe vou dizer. Você não está numa reunião do Conselho. Sou o comandante aqui. Há delatores em Roundstone e Clifden que anotam todas as vezes que o *Gráine Uáile* sai do porto e volta. Há vigias em todas as enseadas desta área. O Comandante Weatherton, da Marinha Real, espera apenas o momento de pegá-lo em

flagrante. Há necessidade de uma turma de dez a vinte homens para transportar para terra e desembarcar um carregamento de armas. Pode apostar a sua última libra que dois ou três deles são espiões pagos pelos ingleses.

— Por que diabo você não nos disse logo isso?

— Olhe o tom com que me fala. Você não está numa reunião do Conselho. Se eu sou comandante aqui, vocês têm de permitir que eu use o meu critério. Não vou permitir que Dublin me desconsidere por simples capricho. Têm de convencer-me antes de que minha decisão estava errada.

Do contrário, é melhor que não me aborreçam.

Ela detestava essa arrogância. Ê claro

que ele tinha razão e, se não tivesse interferido, o Conselho depararia com uma tragédia. Conor era um dos dois ou três homens que Atty não conseguira controlar. Depois do impulso inicial de fazer uma cena, ela concordou com tudo com espantosa calma.

— Dan está pensando em mais alguma coisa? — perguntou Conor.

— Está, sim. Mas isso é coisa entre você e Dan. Ele me pediu que falasse com você, porque tem dificuldade em lhe falar pessoalmente. Ele detesta a sua independência, que em muitos casos atenta contra a disciplina da Irmandade.

— Dan é muito capaz de falar isso por si mesmo.

— O que ele não pode decidir-se a fazer é pedir a você que entre para o

Supremo Conselho. Ele precisa de você lá. A independência e a arrogância não têm importância. Ele precisa de você.

Conor juntou as pistolas e embrulhou-as num pano.

— Que iria eu fazer numa discussão com todos aqueles intelectuais de Dublin?

— Você está dirigindo metade da Irmandade atualmente.

— É claro que o Conselho não é para mim, Atty.

— Estamos sobrecarregados de místicos e de intelectuais. Dan costuma dizer que eu sou a única pessoa prática em quem ele pode confiar na maior parte do tempo. Diz também que você aprendeu mais de armas, táticas e treinamento num ano do que ele durante toda a sua vida.

— Eu seria apenas um estorvo para

todo o mundo, Atty. Meu serviço aqui eu conheço bem. Não tenho estômago para tolerar discussões intermináveis que nada resolvem.

— Dan está ficando cansado, Conor. Isso não pode passar daqui, mas ele me disse que está à procura de um sucessor.

— Eu?

— Você.

O vento abriu uma janela. Conor viu-a bater durante vários momentos.

— Eu teria de recusar muito respeitosamente.

— Isso exige uma explicação.

— Vou-lhe dizer uma coisa que também não pode sair desta casa. Para comandar a Irmandade Republicana Irlandesa, eu teria de ser mentiroso e de trair coisas que sei que são a verdade. E a

verdade é... que nós não podemos vencer. Não podemos derrotar os ingleses com armas, nem dentro de cem anos. Nunca poderemos derrotá-los numa mesa de conferências e nunca poderemos reconciliar a população do Ulster. Essas é que são as verdades e verdades que nem a mais desvairada fantasia revolucionária poderá modificar.

Aproximou-se dela e segurou-lhe os braços.

— Tudo a que podemos aspirar é uma gloriosa derrota. Uma derrota capaz de animar a consciência adormecida de nosso povo a derrotas ainda mais gloriosas. Todos os homens da Irmandade devem desafiar, gritar, resistir, morrer ensanguentados para abalar as consciências. Como vê, a verdadeira

missão da Irmandade não é expandir-se para vencer, mas afiar os dentes para morrer com dificuldade.

— Que faria você, Conor?

— Procuraria fazer com que não houvesse uma só morte em silêncio e ignorada. Destruir a vontade inglesa com a nossa vontade. Desse modo, Atty, nunca poderei ser o criador de sonhos, pois não há sonhos e, sim, um pesadelo. Você me compreende, Atty?

Ele se afastou dela, mas Atty o seguiu, tocando-lhe as costas. Conor então se voltou e os dois se encararam.

— Que falta você me fez, homem! — disse Atty Fitzpatrick com a voz trêmula.

— Tive saudades de você também, Atty.

— Errei com você uma vez e isso me

fez muito mal. Estou errando de novo e pouco me importa. Nunca mais servi para qualquer homem desde que conheci você.

— Só posso maltratá-la e fazê-la sofrer, Atty. Às vezes, fico amedrontado por você ser tão forte. Não sei até que ponto estou atingido e o que ainda resta em mim para dar, senão eu já lhe teria dado tudo.

Atty estava pálida e dos seus olhos as lágrimas rolavam.

— Nunca esqueci o que você fez por mim, Atty. Ia todas as noites para aquele quarto no escuro, abria o robe, deitava-se ao meu lado, descansava-me a cabeça nos seios e me deixava chorar. Só graças à sua compaixão é que eu estou vivo. De certo modo, fiquei satisfeito quando me mandaram para os Estados Unidos,

porque já estava envergonhado de minhas lágrimas e de precisar tanto de você.

— Acha que eu fiz isso de compaixão, Conor? De repente, fui capaz de fazer isso por um homem! Saber que eu tinha essa capacidade foi para mim como o primeiro dia de minha vida! E então você me tirou tudo isso.

Sabe o que é dar tanto e ser desprezada pelo homem que tudo lhe revelou?

— Você não devia ter vindo, Atty... Vou magoá-la...

— O fato de Shelley ter morrido não significa que você tenha de matar-me. Estou ansiosa por você!

Ele se curvou sobre a mesa e deu as costas para ela.

— Não sei o que vai resultar disso

nem para mim, nem para você — disse ela, aproximando-se por trás dele. — Mas tenho de saber. Estou cansada de esperar e não quero passar do dia de hoje. Conor... minha porta estará aberta e esta noite sou eu que preciso de você. Se você não vier, nunca mais me abrirei para ninguém.

— Fuja, se ainda tem um pouco de juízo!

— Não!

Conor saiu para a chuva.

Oh, Shelley, gritou ele do fundo do coração, não posso mais guardar você... Quero viver... Deixe-me viver, Shelley... Deixe-me viver...

Abriu a porta do quarto e olhou da porta. A luz da sala caía sobre Atty. Ela desabotoou a blusa e soltou os seios.

Depois, tirou a saia e deixou-a cair no chão. Conor entrou no quarto lentamente...

Dez anos de relativa tranquilidade política foram encerrados repentinamente quando uma crise constitucional provocou duas eleições no ano de 1910.

Herbert Asquith havia assumido a chefia do Partido Liberal no poder e tentou a aprovação de um “orçamento do povo”, que previa pesados impostos sobre a aristocracia e sobre os seus bens. O orçamento foi categoricamente rejeitado pela Câmara dos Lordes. Os liberais haviam compreendido desde algum tempo que a legislação em benefício do povo só poderia ser conseguida se a Câmara dos Lordes tivesse os seus poderes restringidos. O

Ato do Parlamento apresentado com esse objetivo continha um dispositivo segundo o qual a Câmara dos Comuns poderia rejeitar um veto dos Lordes se a lei tivesse sido aprovada nos Comuns durante três legislaturas consecutivas. Para conseguir a vitória nesse ponto, a Câmara dos Comuns ameaçou criar quinhentos pares para a Câmara dos Lordes, de suas próprias fileiras. O fantasma de tantos nobres de origem comum era mais do que poderia tolerar a aristocracia inglesa e, para evitá-lo, os Lordes aceitaram o Ato do Parlamento.

Embora os liberais ainda estivessem no poder, a sua maioria tinha diminuído muito e a história se repetiu. Asquith pediu ao Partido Irlandês, de John Redmond, que formasse um governo de

coalizão, e mais uma vez o preço dessa cooperação foi uma Lei da Autonomia. Redmond tinha nas mãos um bom trunfo mas, quando as linhas de batalha se formaram, vacilou e mostrou disposição a aceitar uma legislação diluída, que previa a continuação da lealdade à Coroa, o que era repugnante para a maioria dos irlandeses.

Se John Redmond tinha uma falha gritante era a de ter ficado muito tempo na Câmara dos Comuns e conhecer o povo irlandês muito pouco.

Escolheu muito mal a sua arena de combate, opondo cem deputados irlandeses a quinhentos e cinquenta do “inimigo”. Embora John Redmond estivesse aliado aos liberais, estes se mostravam um pouco apáticos em relação

às aspirações irlandesas. Entretanto, John Redmond era o melhor que o povo irlandês tinha para seguir, uma vez que as vozes do Sinn Fein e da Irmandade eram ainda muito fracas e estavam muito remotas para serem ouvidas.

Não tão ingênuos assim eram os unionistas do Ulster. Fortes, ricos unidos, sabiam o que queriam e contavam com o apoio fanático de seu povo. Os unionistas tinham dependido durante muitos anos do veto da Câmara dos Lordes como a sua principal defesa contra a Autonomia.

Quando a mesma se tornou impossível, a reação que tiveram foi instantânea e traumática.

Os grandes líderes sempre aparecem em função do tempo em que são

necessários. Poucos homens provaram isso de maneira tão cabal quanto Sir Edward Carson. Era um advogado brilhante, que atuou em algumas das grandes causas judiciárias do seu tempo e tornou conhecido o seu interrogatório de Oscar Wilde como um marco de inquirição impiedosa dentro de um tribunal. Como parlamentar, tinha exercido altos cargos no governo. Embora natural de Dublin e educado no Trinity College, Carson era o perfeito homem do Ulster, símbolo do homem imperial e servidor apaixonado de sua classe aristocrática. Homem sombrio e hipocondríaco, de rosto mirrado, a sua tática inflexível demonstrava as qualidades necessárias a um líder numa luta daquela natureza. Como muitos

grandes homens, era obcecado por uma ideia. A dele era manter a união com a Inglaterra.

Quando o impacto das eleições de 1910 começou a amortecer, surgiu pela terceira vez uma Lei da Autonomia, sem o veto da Câmara dos Lordes para impedi-la. Roger Hubble, que agia melhor quando estava em segundo plano, colocou-se naturalmente ao lado de Carson quando os unionistas cerraram fileiras tão unidos quanto um punho fechado. Lorde Roger foi incumbido de manter contato em silêncio com o líder do Partido Liberal, Alan Birmingham, continuando um relacionamento que já datava de muitos anos. A manobra se destinava a assegurar o acesso ao núcleo do Partido Liberal e, ao mesmo tempo, a liberar Edward

Carson para chefiar a luta pública e parlamentar contra a Autonomia.

O tempo havia desbastado muito da ingenuidade de Alan Birmingham a respeito das intenções, da arrogância e da falta de escrúpulos dos homens do Ulster. Foi Roger Hubble quem organizou e administrou a partir de 1906 o Escritório Unionista de Informações, destinado a “educar”

a classe média da Inglaterra. O Escritório desencadeou uma avalanche de pregadores e oradores antiirlandeses que se sucediam em rodízio nas escolas, nas feiras rurais, nas igrejas e nas prefeituras. Sermões, sessões de lanterna mágica com slides e uma inundação de livros e folhetos foram derramados do Ulster com

uma mensagem reiterada que acabou por saturar o espírito dos ingleses. A velha rabeça tocou a velha música tantas vezes que os ingleses chegaram a acreditar nela como numa verdade do Evangelho. *O Ulster protestante luta pela causa imperial britânica e, portanto, deve ser apoiado. O católico irlandês é desleal e a Autonomia acarretaria a destruição do Império.*

Aí é que estava o problema de Alan Birmingham. O seu partido estava em conúbio forçado com o Partido Irlandês e tinha o dever de apoiar a Autonomia. Apesar disso, muitos liberais e a maioria do povo inglês estavam do lado do Ulster.

O Partido Conservador aproveitou-se dessa divisão, visando aos seus próprios fins. Empenhados na continuação do

Império, os conservadores argumentavam que qualquer parcela de liberdade concedida aos irlandeses poderia determinar uma reação no mesmo sentido através das colônias. Mantinham em ebulição o caldeirão irlandês porque estavam do lado popular da questão e porque esperavam que o Partido Liberal se destruísse a si próprio com ela. No fundo da aliança dos conservadores com os unionistas havia um plano para a retomada do poder, o abandono de todo o liberalismo e a volta da Inglaterra à velha ordem imperial que já parecia esfumar-se de cena.

Quando Alan Birmingham recebeu Lorde Roger em seu gabinete, compreendeu que não era só a Autonomia

irlandesa que estava em jogo. A própria existência de seu partido passara a ser precária e o homem com quem falava era um dos empenhados na sua destruição.

Alan Birmingham era um produto da classe comercial, uma espécie de figura relativamente nova na política britânica que estava reduzindo o monopólio dos aristocratas. Birmingham tinha despertado a atenção do país quando chefiara quase um levante na Câmara dos Comuns contra a política imperial na Guerra dos Bôeres. Era reputado um homem honesto, moderado e suficientemente capaz para impulsionar a reforma social que os conservadores desprezavam.

Uma frieza visível reinava no gabinete desarrumado e cheio de livros de Cadogan Square enquanto os homens

esgrimiam com palavras inconsequentes. Birmingham envelhecera majestosamente. Os cabelos estavam grisalhos e bem assim o bigode bem aparado, e o seu rosto era bem-humorado e livre de desconfianças. Roger gostava de tratar com ele, pois era um bom adversário, com quem se podia lutar e depois ir ao teatro.

— Creio que ficaremos sem contato imediato durante algum tempo em vista da Autonomia — disse Roger. — Mas minha porta estará aberta para você, Alan, e confio em que você procederá da mesma forma.

— Sem dúvida. É uma boa ideia um saber o que o outro pensa — disse Birmingham, tirando um charuto da caixa.

— A atitude pública de Carson deve necessariamente parecer inflexível, mas

nossa ligação pode impedir que as coisas se tornem muito turvas, o que pode acontecer se dependermos apenas do que nos disserem outras pessoas e a imprensa — disse Roger. — Comprendemos perfeitamente que Redmond está com a corda no seu pescoço e que a apresentação de uma Lei da Autonomia é inevitável. Você pode presumir também que a Câmara dos Lordes rejeitará duas vezes a lei e forçará uma terceira apresentação, de modo que alguma coisa só poderá estar pronta para a sanção real daqui a dois ou três anos. Será muito tempo e devemos permanecer amigos.

— Que é que vocês pretendem? — perguntou Birmingham diretamente.

— Ora, o enunciado de qualquer Lei da Autonomia deve excluir o Ulster.

— Todo o Ulster? Até os condados que têm maioria católica?

— Ora, ainda não nos demos ao trabalho de traçar um mapa, mas certamente todo o Ulster por enquanto.

— E claro que nada disso é para mim uma grande surpresa, Lorde Roger.

— Tem razão, Alan. Mas o que desejamos saber é se você concorda ou não com o princípio de um Ulster separado.

Birmingham resmungou e prestou uma atenção excessiva ao seu charuto aceso.

— Winston Churchil decerto não concorda com a divisão da Irlanda e eu posso dizer que o partido está cindido quanto a essa questão. De qualquer maneira, John Redmond faz parte do nosso grupo e eu não posso comprometer-

me em nada que ponha em risco a sua posição para entrar em negociações.

— Ora essa, nós sabemos que vocês não sentem nenhum entusiasmo por isso. Não é melhor compreendermos desde já as intenções uns dos outros?

Era um jogo de raposa com raposa. Na verdade, Birmingham queria saber até que ponto Roger Hubble e Sir Edward Carson estavam dispostos a ir para que fossem atendidas as suas exigências.

— Neste momento, estou preparado para apresentar e defender uma lei da Autonomia. Estou disposto a apresentá-la em três sessões e não pode deixar de ser uma lei que abranja toda a Irlanda. Ê essa a nossa posição. Poderá abrandar-se ou tornar-se mais rígida dentro de um mês ou de um ano. Não sou adivinho.

— E eu posso dizer com toda a sinceridade que, se o Ulster não for excluído da lei, Carson irá criar toda espécie de obstáculos.

— Que quer dizer exatamente com isso, meu velho? — perguntou Birmingham.

Roger curvou-se sobre a mesa e procurou não mostrar muita ameaça nas suas palavras, nem pouca.

— Todos os obstáculos, Alan. Poderá repetir-se o que aconteceu em 1885. Só que desta vez não usaremos fuzis de madeira.

— Guerra civil?

— Não chego a tanto.

— Mas está pronto a dilacerar o país.

Escute aqui, há uma igreja no distrito pelo qual me elejo e que eu costume

frequentar quando apareço por lá. Durante a minha última campanha lá, apareceu um pregador, um camarada de Belfast que tinha chegado por intermédio do Escritório Unionista de Informações que, se não me engano, é dirigido por você. Pois esse sujeito teve a coragem de subir ao púlpito da igreja e denunciar-me como traidor. Eu, Alan Birmingham, com dezessete anos de serviço na Marinha Real, dez anos no Ministério das Colônias e vinte anos no Parlamento, passei de repente a ser um traidor!

— Eu sei como esses homens podem às vezes passar da conta no seu zelo. Por mais que nos esforcemos, acontecem esses episódios desagradáveis, isolados.

— É mesmo? Pois, olhe, esses episódios não são assim tão isolados

quando se trata de homens do Partido Liberal. Não finja tanta surpresa.

Leia um pouco a papelada que vocês editam. Que é que está acontecendo para o partido que está no poder na Grã-Bretanha ser qualificado como um bando de traidores ímpios e insensatos? Por que há tanta difamação política numa democracia? E você ainda tem a coragem de entrar no meu escritório e me dizer sem muitos disfarces: “Escute, Birmingham, ou vocês, que são uns traidores, fazem o que nós queremos ou nós nos rebelaremos contra o Rei porque só obedeceremos às leis que nos agradam”.

Roger ficou muito vermelho e murmurou: — Você está levando isso muito a sério, meu caro...

— Eu o conheço, Lorde Roger, e

conheço Edward Carson. Ainda me arrependo de ter-me deixado envolver por você naquele ignóbil Ato de Detenção e Poderes de Emergência. Vocês todos são sujeitos que costumam virar a mesa em nome de um conceito deformado de lealdade.

Pois é bom ficar sabendo que, quando surgiu esse caso da Autonomia, eu pouco me interessava por ele. Mas agora estou ansioso pelo dia em que possa enfiar essa lei pela goela de vocês todos porque, meu velho, tenho minhas ideias a respeito de quem são os traidores em toda essa história!

Começou a tremer na sua cadeira, porque não era muito dado a explosões dessa espécie.

Roger tinha-se controlado e chegou a

fazer um gesto de compreensão.

— O problema, Alan, é que essa questão nunca deixa de exasperar homens que habitualmente são sensatos. Sugiro que também o sejamos. O

que devemos compreender é a fanática determinação de nosso povo de permanecer na União.

— Escute, Lorde Roger — disse Birmingham, mexendo nos seus papéis sobre a mesa. — Aqui está a nefanda Lei da Autonomia em toda a sua infâmia. Acontece que por ela os irlandeses não poderão ter forças próprias, nem arrecadar os seus impostos. Tratado, comércio, navegação, relações exteriores, patentes, custas judiciárias, tudo isso permanece sob controle britânico. Não só há um juramento de fidelidade ao Rei,

mas Westminster se reserva o direito de anular a legislação aprovada pelo Parlamento de Dublin. É por isso que sua gente está tão irada?

— Correndo o risco de ressaltar a sua ingenuidade, Alan, digo que isso é apenas o primeiro passo. Os irlandeses usarão isso como um trampolim para continuar com as suas pressões.

— Neste caso, eu é que digo que você é ingênuo. Qualquer tático parlamentar primário pode usar isso para tolher os movimentos dos irlandeses durante cem anos. Eles nunca se desvencilharão dos termos dessa lei. Quando é que vocês vão abrir os olhos e ver que, se negarmos ao povo irlandês até essa migalha, estaremos realmente incitando-o a um levante? A lei de Autonomia, como está feita, é o

instrumento mais positivo que se pode imaginar para pacificá-los. Para dizer a verdade, isso nem começa a cancelar a dívida de opressão que temos para com os irlandeses.

— Essa afirmação mostra apenas que você não aprova a nossa determinação de não participar de um parlamento em Dublin.

— Para mim, chega, Lorde Roger. Antes que pretenda afogar-me com os seus sublimes ideais, devo dizer-lhe que o unionismo do Ulster não é senão materialismo protestante. A cobiça de vocês se manteve durante trezentos e dez anos infames de desgoverno típico e injustiça constante.

Vocês sangraram e despojaram a Irlanda. Decretaram impostos absurdos.

Conseguiram fazer do agricultor irlandês o mais miserável do mundo ocidental e o mais mal-remunerado da Europa. Destruíram a vitalidade da terra, deixando-a exposta a fomes cancerosas. Fizeram mais irlandeses fugir de sua terra do que os que atualmente a habitam. Você e todo o seu bando parasitário só se interessam pela libra esterlina. Deixaram seco um grande úbere gordo. Tudo isso foi feito com a Union Jack nas mãos. Amor da Inglaterra, amor das leis inglesas, pois sim. Reforma, pura conversa.

Muito bom dia, Lorde Roger.

# 8

*Cem Mil Pessoas no Comício de Craigavon. Sir Edward Carson Escolhido Oficialmente Líder do Partido Unionista. Qualifica a Lei da Autonomia em Andamento de “Execrável Conspiração”.*

Por Seamus O'Neill Belfast, 23 de setembro de 1911 (Agência Ultramarina Irlandesa)

Mais de 100.000 orangistas e unionistas reuniram-se hoje em Craigavon, propriedade do Capitão James Craigna margem sul da baía de Belfast. Representações das Lojas de Orange, dos Clubes Unionistas e das Associações Femininas de Belfast e do condado de

Antrim marcharam de Belfast para Craigavon numa manhã chuvosa. A multidão reuniu-se no vasto gramado da propriedade, que formava um anfiteatro natural. A reunião foi presidida pelo Conde de Erne e o palanque mostrava uma seleção ilustre de nomes do Ulster.

Tomas Andrews, conhecida figura orangista, apresentou ao povo o novo chefe, Edward Carson, com as seguintes palavras: “Jamais dobraremos os joelhos diante das facções desleais comandadas por John Redmond. Nunca nos submeteremos a ser governados pelos rebeldes que não conhecem outras leis que não sejam a da Liga Rural e das sociedades ilegais”.

Sir Edward Carson, de 57 anos, com aparência grave, aceitou a resolução que

o proclamava como chefe com palavras belicosas: “Concluo neste momento um pacto com todos e com cada um de que, com a ajuda de Deus, derrotaremos a mais execrável conspiração que já foi articulada contra um povo livre.

“Devemos estar preparados... No momento em que a Lei da Autonomia for aprovada, teremos de ser responsáveis pelo governo da província protestante do Ulster... Pedimos vossa autorização para uma reunião do Comitê Executivo Unionista do Ulster, a realizar-se na segunda-feira... de modo que em tempo algum deixemos de ter um governo no Ulster, seja pelo Parlamento imperial, seja por nós mesmos”.

A proclamação de Carson, recebida com aplausos delirantes, foi considerada

pela maioria dos observadores políticos como uma declaração de independência, caso a província não consiga o que deseja.

Outros julgaram, entretanto, que Carson estava preparando o terreno para um monumental blefe. Houve ainda a opinião de que as palavras de Carson equivaliam a um ato de traição.

*Os Unionistas do Ulster Encomendam uma Constituição* Por Seamus O'Neill 25 de setembro de 1911 (Agência Ultramarina Irlandesa)

Depois do grande comício em Craigavon, quatrocentos e cinquenta delegados representando a Comissão Executiva do Partido Unionista reuniram-se no Rosemary Hall, em Belfast. A

reunião foi presidida por Lorde Londonderry e aprovou unanimemente o estabelecimento de um Governo Provisório na hipótese da aprovação da Autonomia.

Outra resolução foi aprovada no sentido da organização de uma comissão “para tomar providências imediatas no sentido da elaboração e apresentação de uma constituição para o Ulster independente”. A comissão será presidida pelo Conde de Foyle, Roger Hubble.

*Sir Edward Carson em Excursão pelo Ulster Faz a Ameaça de Resistência Armada* Por Seamus O'Neill Portrush, condado de Antrim, 30 de setembro de 1911 (AUI)

Excursionando pela província no seu

novo papel de chefe unionista, Sir Edward Carson repetiu a mensagem contrária à Autonomia que vem proclamando há vários dias nos comícios legalistas.

“Não vamos lutar contra o Exército e a Marinha, mas se o Exército e a Marinha, a mando de um governo inglês, vierem tirar-nos daqui, deverão assumir os riscos disso decorrente. Não tencionamos lutar com eles. Deus não permita que qualquer homem leal do Ulster atire ou pense em atirar num soldado ou num marinheiro inglês. Mas creiam que qualquer governo deve pensar muito antes de mandar atirar num protestante leal do Ulster, dedicado ao seu país e leal ao seu Rei”.

*Andrew Bonar Law Sucede a Balfour*

*Como Chefe dos Conservadores — Alia-se a Carson Contra a Autonomia.*

Por Seamus O'Neill Londres, 12 de novembro de 1911 (AUI)

Andrew Bonar Law, natural do Canadá, assumiu hoje a chefia do Partido Conservador da Inglaterra e os unionistas conseguiram um poderoso aliado, há muito dedicado à causa do Ulster.

Law, cujos pais nasceram no Ulster, lutará ativamente, segundo se espera, contra a Autonomia. No caso de uma futura vitória conservadora, Law tem chances de tornar-se o primeiro “*Premier* inglês nascido no exterior”.

*Treinamento Militar “Legalizado” para os Clubes Unionistas Exclusivo*, por Seamus O'Neill Belfast, 25 de janeiro de

1912 (AUI)

Os clubes unionistas do Ulster tranquilamente reativados sob a alegação de “crise” no ano passado por Lorde Templeton, foram autorizados a “legalizar” as suas atividades. Por decisão de dois magistrados de Belfast, esses clubes tiveram licença para “treinar e praticar exercícios, movimentos e evoluções militares”.

Essa estranha concessão de licenças de aparência legal se baseou num obscuro artigo de uma lei que tem um século e meio e que se destinou a permitir a formação de milícias comunitárias durante as guerras camponesas de fins do século XVIII.

Aproveitando o precedente aberto pelos magistrados de Belfast, mais vinte

licenças foram imediatamente concedidas a clubes unionistas através do Ulster na presunção de que “essa autorização será solicitada e usada exclusivamente para formar cidadãos mais eficientes com o objetivo da manutenção da constituição do Reino Unido tal como é agora estabelecida e de proteção dos direitos e liberdades dos mesmos dentro da constituição”.

Embora as licenças fossem concedidas para estabelecer uma base legal para as operações, sabe-se abertamente que unidades paramilitares vêm sendo treinadas há meses em toda a província.

O programa é dirigido pelo Coronel R. H. Wallace, preeminente nos círculos orangistas e ex-comandante de um

batalhão dos Fuzileiros Reais Irlandeses durante a Guerra dos Bôeres. As fileiras dos clubes contam com muitos ex-oficiais e inferiores das forças armadas britânicas.

*Descoberto um Fundo de Armas Unionistas, Secreto, de um Milhão de Libras Exclusivo*, por Seamus O'Neill  
Belfast, 3 de fevereiro de 1912 (AUI)

Este repórter soube que financiadores ricos dos clubes unionistas do Ulster, empenhados atualmente em atividades paramilitares, abriram um crédito bancário de um milhão de libras esterlinas destinado à compra de armas.

Operando sob o título geral de um Fundo de Emergência Provisório, este é promovido por Sir Frederick Weed, preeminente industrial de Belfast e elemento destacado nas diretorias do

Partido Unionista e da Ordem de Orange.

Não deixa de ser curioso que Weed esteja à testa desses financiamentos quando se sabe que o mesmo foi há alguns anos o bode expiatório de um contrabando de armas da Irmandade Republicana Irlandesa, que terminou com o famoso episódio de Sixmilecross. Quando lhe perguntaram se estava querendo vingar-se daquela humilhação, Weed retrucou: “A vingança é estranha à minha natureza.”

Sabe-se que Weed e seu genro, o Conde de Foyle, contribuíram para o fundo com 25.000 libras cada um, que foi também o montante da contribuição de Sir Edward Carson. A relação dos outros contribuintes parece quase uma página do almanaque da nobreza, com grande participação dos conservadores ingleses.

Afirma-se que Rudyard Kipling está entre os que fizeram donativos de 10.000 libras.

Quando lhe perguntaram detalhes do fundo, Weed negou categoricamente que o dinheiro se destinasse à compra de armas.

“Conversa fiada”, declarou Weed. “O Fundo foi criado para atender, no caso de uma guerra civil, a emergências tais como evacuação, hospitais e distribuição de gêneros.”

Apesar dos desmentidos de Weed, alguns fatos reveladores foram apurados. A importação de armas é quase impossível dentro das leis vigentes. Como no caso da “legalização” dos clubes paramilitares, os advogados unionistas encontraram uma brecha legal.

Os clubes de caça e tiro-ao-alvo

autorizado têm direito a importar um número limitado de armas. Um exame dos registros das alfândegas e das prefeituras através da província mostram fatos impressionantes.

Novas licenças para o funcionamento de clubes de caça e tiro ao alvo foram concedidas, aumentando o número dos mesmos numa proporção de 300 por cento desde o início da crise da Autonomia. Em todos os casos, o corpo social desses clubes é o mesmo dos clubes paramilitares unionistas.

Além disso, cerca de uma dúzia de novas licenças e exportação e importação foram concedidas a indivíduos e firmas em Derry, Belfast e outros portos da província com “permissão para receberem carregamentos de armas.”

Embora a instrução militar continue a ser feita com armas de madeira, calcula-se que duzentos a trezentos fuzis por semana (principalmente de fabricação italiana) estão entrando no país.

Ao ser interpelado sobre o fato, Sir Frederick Weed negou-lhe importância.

“Isso quer dizer apenas que o entusiasmo pela caça entrou num período de grande intensidade nesta província”, declarou ele.

Foi-lhe perguntado então o que era que se caçava tanto numa terra de tão poucas florestas e ele retrucou: “Sei lá... Gnomos ou caçadores furtivos.”

Sabe-se que os bancos da província foram avisados de que deviam pagar sem discussão os cheques emitidos pelos clubes paramilitares, ainda que fossem

sem fundos. Os cheques seriam cobertos por dinheiro sacado do Fundo Provisório de Emergência.

Quanto a isso, Weed esclareceu: “Tais clubes desempenham atividades de assistência médica e muitas outras de natureza humanitária na previsão de uma guerra civil. Isso não quer dizer que os cheques sejam empregados na compra de armas.”

Entretanto, os cheques correspondem pelo seu montante aos que têm sido pagos aos importadores de armas recém-licenciados.

*Destina-se a Armamentos ou a Fins Humanitários o Fundo Provisório de Emergência? A Duquesa de Somerset Confirma as Declarações de Sir*

*Frederick Weed.*

Exclusivo, por Seamus O'Neill  
Londres, 4 de fevereiro de 1912 (AUI)

A Duquesa de Somerset declarou hoje que foi fundada uma organização para dar assistência aos protestantes do Ulster em caso de guerra civil. O Comitê Humanitário do Ulster está procurando assegurar um refúgio na Inglaterra para dezenas de milhares de “nossos leais súditos na Irlanda”.

A existência desse comitê foi revelada de repente depois da descoberta de um fundo de um milhão de libras supostamente para a compra de armas e vem corroborar a alegação de Sir Frederick Weed de que o fundo visa a outras finalidades.

## *Winston Churchill Vai Falar no Ulster num Comício em Prol da Autonomia.*

Exclusivo, por Seamus O'Neill 5 de fevereiro de 1912 (AUI)

Este repórter apurou hoje que o parlamentar do Partido Liberal Winston Churchill, atual Primeiro Lorde do Almirantado, aceitou um convite do Partido Liberal do Ulster para falar em Belfast. Os liberais da província constituem uma pequena minoria e têm sido quase reduzidos ao silêncio em vista da ofensiva do Partido Unionista contra a Autonomia.

Lorde Pirrie, construtor naval de Belfast e chefe dos liberais do Ulster, confirmou o convite e declarou: “É de esperar que a presença de Churchill

concorra de algum modo para esclarecer e racionalizar uma situação que se descontrolou em vista da frenética reação em torno de uma legislação bem inocente”.

Disse mais Pirrie: “Creio que o povo da Inglaterra foi levado a acreditar erradamente que todos os protestantes do Ulster falam pela boca dos unionistas. Além dos liberais, há dezenas de milhares de pessoas simples e não-arregimentadas que consideram a Autonomia com um parlamento em Dublin uma ideia viável e desejável”.

O Ulster Hall, de propriedade da Prefeitura de Belfast, será o local do comício. A presença de Churchill completará um círculo de intervenção de sua família nos assuntos irlandeses.

Faz quase trinta e quatro anos que o pai de Churchill, Lorde Randolph, falou da mesma plataforma, defendendo uma opinião diametralmente oposta. Foi nessa ocasião que, jogando a “Carta de Orange”, Lorde Randolph pronunciou o seu famoso discurso do “ladrão dentro da noite” para os unionistas em pé de guerra do século passado.

*Os Unionistas do Ulster Tentam Impedir o Discurso de Churchill* Por Seamus O’Neill Belfast, 7 de fevereiro de 1912 (AUI)

A reação à notícia do discurso de Winston Churchill em favor da Autonomia no Ulster Hall de Belfast foi pronta e violenta nos círculos unionistas.

A diretoria do Partido Unionista,

reunida às pressas em Rathweed Hall, residência de Sir Frederick Weed, votou por unanimidade uma resolução para negar aos liberais o uso do Ulster Hall.

O Coronel R. H. Wallace, chefe titular dos clubes uniönistas paramilitares, advertiu positivamente que seria impossível evitar distúrbio e derramamento de sangue. Ameaçou de ocupar o Ulster Hall com suas forças.

“É lamentável”, disse Sir Frederick Weed depois da reunião, “que esse homem venha deliberadamente a esta cidade leal, sob o patrocínio de John Redmond, para falar de traição e macular a plataforma em que seu pai falou tão gloriosamente em favor da nossa liberdade”.

“A liberdade de palavra”, continuou

Weed, “não pode ser concedida a traidores. Churchill renegou os seus direitos naturais e repeliu o Partido Conservador para unir-se aos que desejam a destruição do Império. É o mais subversivo orador da Inglaterra e o que pretende fazer não é senão arrogância e insulto num lugar onde ainda ressoam as magníficas palavras de seu venerando pai”.

Quando lhe perguntaram se a sua opinião sobre Winston Churchill não era exagerada e produzida pela exaltação do momento, Sir Frederick Weed respondeu irritadamente: “Na minha opinião, meu caro senhor, Winston Churchill não é inglês”.

*Churchill Desiste. O Comício*

*Fracassa* Por Seamus O'Neill Belfast, 12 de fevereiro de 1912 (AUI)

Desembarcando hoje em Larne, cerca de trinta e quatro anos depois de seu pai, Winston Churchill, Primeiro Lorde do Almirantado e principal figura do Partido Liberal, teve uma recepção bem diferente da que foi dispensada ao outro Churchill.

Considerável multidão o esperava numa disposição que só pode ser considerada como ameaçadora. Vaiando e vociferando *slogans* contrários à Autonomia, essa multidão se estende por todo o percurso da estação da Midland Railway até o Hotel Grand Central. De poucos em poucos metros, Churchill deparava com uma faixa insultora ou com um boneco em que ele era enforcado em efígie.

Chegando repetidamente à beira da violência, os manifestantes impediram a cada instante a marcha do seu carro, a insultá-lo, mostrando os punhos fechados, cuspidando sobre ele, jogando pedras e de muitos outros modos a ameaçá-lo. Houve um momento em que a multidão dominou a escolta da polícia e levantou duas rodas do carro, o qual por pouco não virou.

Depois de uma conferência às pressas com Lorde Pirrie e outros liberais locais, resolveu-se, a fim de evitar violências, que o local do comício fosse mudado. Escolheu-se no último momento o Campo Parnell, um estádio de rúgbi no bairro católico de Falls.

*John Redmond Defende a Lei da Autonomia e Faz uma Advertência aos*

*Inglês* Por Seamus O'Neil Dublin, 31 de março de 1912 (AUI)

Sob a crescente pressão do Ulster e do descontentamento reinante em seu partido e em todo o país, John Redmond falou num comício em St.

Stephen's Green, às vésperas da terceira apresentação da Lei da Autonomia.

Falando em gaélico, numa voz repassada de emoção, Redmond expôs a sua posição e articulou o seu futuro político em declínio com uma mistura de apelos e ameaças veladas.

“Há muitos homens aqui que seriam capazes de destruir o Império Britânico, se se unissem... Não desejamos destruir o Império Britânico.

Queremos apenas nossa liberdade.”

Redmond disse em continuação que, pessoalmente, nunca renderia homenagem ao Rei da Inglaterra, mas declarou que a lei em andamento era boa para a Irlanda, embora determinasse a fidelidade à Coroa.

“Se formos enganados desta vez, há pessoas na Irlanda, e eu sou uma delas, que aconselharão os gaélicos a não realizar mais conciliábulos com estrangeiros, mas a responder-lhes com mão forte e a fio de espada. O

estrangeiro deverá compreender que, se formos ludibriados mais uma vez, haverá guerra na Irlanda.”

Em vista do procedimento conciliatório de Redmond em Westminster, as suas “palavras belicosas” são consideradas como exclusivamente

destinadas ao consumo interno, mas com uma ponta de desespero para que os seus aliados liberais não se voltem contra ele.

## BOLETIM

Londres, 14 de abril de 1912

(Reuters)

Depois da aprovação da terceira Lei da Autonomia na Câmara dos Comuns por 110 votos, foi ela imediatamente rejeitada na Câmara dos Lordes por 326 votos contra 69.

Uma segunda votação da lei está marcada para a próxima sessão dos Comuns no fim deste ano ou começo do próximo. Três aprovações são necessárias para derrubar o veto dos Lordes, de acordo com o recente Ato do Parlamento.

*Distúrbios Contra a Autonomia e os Católicos no Ulster* Belfast, 4 de julho de 1912 (Reuters)

Os “confetes de Belfast”, discos de ferro do tamanho de uma moeda de dois *shillings*, tirados das chapas dos navios, apareceram como uma nova arma semimortífera em lutas de rua, quando centenas de operários dos estaleiros invadiram o bairro católico de Ballymurphy, arremessando os discos contra pessoas e janelas. Até o meio-dia, mais de setenta pessoas haviam sido internadas em hospitais.

*Andrew Bonur Law e Sir Edward Carson Atacam a Lei da Autonomia na Mais Vigorosa e Sinistra Declaração Até Agora Feita, no Comício do Palácio de*

*Blenheim* Por Seamus O'Neill Palácio de Blenheim, 11 de julho de 1912 (AUI)

Na maior manifestação realizada até agora em solo inglês de apoio aos unionistas do Ulster, um comício do Partido Conservador realizado no local onde nasceram Winston e Randolph Churchill atraiu mais de cem mil pessoas.

O solar ancestral do Duque de Marlborough estava em plena floração, num cenário acolhedor para a multidão cujas vibrações eram de intensa combatividade.

Bonar Law proferiu o mais vigoroso ataque até agora feito ao governo liberal de Asquith. Referindo-se ao governo liberal como “um comitê revolucionário que assumiu os seus poderes despóticos por meio de fraude”, declarou que os

conservadores não se sentiam obrigados pelas mesmas restrições das leis inglesas que os conteriam numa luta comum.

Bonar Law disse que, se a Autonomia fosse finalmente aprovada, sucederiam “coisas mais fortes do que uma simples maioria parlamentar”.

“Quanto aos protestantes do Ulster”, disse Law, “se tentarem privar aqueles homens dos seus direitos naturais dentro de uma corrupta transação parlamentar, eles estarão justificados em tentar a resistência por todos os meios ao seu alcance, inclusive a força. Não posso imaginar a que limites poderia chegar a resistência do Ulster sem que eu estivesse disposto a apoiá-lo e, comigo, segundo acredito, a esmagadora maioria do povo inglês”.

Quando o interpelaram sobre a natureza sediciosa dessa afirmação, Sir Edward Carson disse: “Se isso é sedição e traição, que seja. Ao menos, o que há de melhor na Inglaterra está conosco”.

*Alan Birmingham Renuncia à Liderança Liberal em Sinal de Protesto Contra o Apaziguamento de Carson e Law* Entrevista exclusiva por Seamus O'Neill Londres, 20 de julho (AUI) Alan Birmingham, há dez anos líder parlamentar dos liberais, entregou hoje à noite o seu pedido de demissão ao Primeiro-Ministro Herbert Asquith em sinal de protesto contra a inércia do governo “diante do procedimento manifestante sedicioso do líder conservador Andrew Bonard Law e do

chefe unionista Sir Edward Carson, citando a frase de Law de “poderes despóticos assumidos por meio de fraude”, proferida em Blenheim, como o cúmulo intolerável.

“Carson e seus desordeiros desembainharam uma espada de puro e simples terrorismo político”, disse Birmingham, exasperado. “Ele e Bonar Law continuam a zombar das leis inglesas e ridicularizar publicamente o Partido Liberal diante da nossa omissão em fazê-las respeitadas. Tudo isso está sendo feito, pouco a pouco, para ver até onde chega a nossa capacidade de ficar de braços cruzados e, por isso, se tornam de dia para dia mais audaciosos”.

“Há na verdade uma conspiração”, disse Birmingham, “mas não é nossa e,

sim, daqueles que procuram destruir o Partido Liberal e fazer a Inglaterra voltar ao governo de classes.

“Se querem tornar-se mártires, podemos fazer-lhes a vontade. Se é guerra civil que desejam, podemos também atendê-los. O que não podemos permitir é a presença da mais deslavada traição sem obstáculos.

Se assim procedermos, asseguro que ainda daqui a cinquenta anos estaremos sofrendo as consequências do que está acontecendo no Ulster.”

## 9

Embora a ninguém agradasse a ideia da volta de Conor Larkin a Belfast, os planos exigiam uma organização e uma capacidade que só ele poderia dar-lhes. Conor era conhecido de vista em Belfast por milhares de apaixonados do rúgbi e por dezenas de velhos amigos. O Conselho relutou muito em deixá-lo ir para Belfast.

Quando Conor apresentou o seu plano ao Supremo Conselho, a primeira reação foi de choque. Mas o plano era tão simples e lógico que em breve todos se convenceram da sua viabilidade.

No princípio do verão de 1912, uma sala foi alugada no segundo andar de um

edifício na Royal Avenue, a principal artéria do centro, perto do Correio Geral. Na porta, havia uma inscrição simples: B.R.I. — *Exportações e Importações*. F. Clarke-McCoy, Despachante Aduaneiro.

B. R. I. (Baptist Revival in Ireland) era uma sigla de Ressurgimento Batista na Irlanda e parecia, à primeira vista, o disfarce ténue de um agente de compra de armas para uma dezena de clubes paramilitares unionistas na região de Inishowen do condado de Donegal. Devia ser um entre uma dúzia ou mais de comissários licenciados como despachantes aduaneiros. Todo o mundo sabia, mas raramente comentava que a única razão para a existência desses comissários era a obtenção de armas para os unionistas.

O escritório dava toda a aparência de ser outro fornecedor dos clubes, desde o seu papel timbrado até o material dentro da sala, que era o necessário a um movimento de evangelização. F. Clarke-McCoy era tratado cordialmente pelas autoridades aduaneiras quando comparecia todas as semanas para apanhar de duas a quatro caixas de fuzis. Os documentos eram conferidos rapidamente e a mercadoria passava automaticamente e sem fiscalização.

O que os homens da Alfândega não notavam era que, invertendo as iniciais de B.R.I. tinham-se as iniciais I.R.B. (Irish Republican Brotherhood — Irmandade Republicana Irlandesa). O plano continuou a desenvolver-se durante semanas sem o menor tropeço. A

preocupação principal era a segurança de Conor. Ele ainda era em todos os sentidos um fugitivo e tinha de fazer rodízio de uma casa de segurança para outra, sem seguir qualquer ordem no tempo, nem no espaço.

Havia um apartamento reservado no bairro misto de Finaghy, que só era usado de vez em quando, nas poucas ocasiões em que Atty podia ir a Belfast. As visitas dela, além de pouco frequentes, eram breves. Os dias de Conor eram na sua maioria vazios e solitários e ele esperava as visitas dela como um banho de chuveiro depois de um dia de calor escorchante.

Ao chegar o outono, o ciclo de distúrbios estava bem amortecido, mas Sir Edward continuava a promover agitações

em vista da branda reação do governo. Os unionistas planejaram meticulosamente encerrar o ano com uma exacerbação do movimento e escolheram o dia 26 de setembro para a realização da maior manifestação política da história das Ilhas Britânicas.

Atty era esperada no dia da manifestação, quando devia chegar também um carregamento de fuzis. O escritório do B. R. I. tinha janelas que davam para toda a extensão da Royal Avenue, por onde devia passar o desfile, e depois de ficar até tarde da noite fazendo o trabalho do dia, Conor estendeu-se numa cama de campanha no escritório. Queria ver os unionistas em ação para tirar as suas conclusões.

Era um tranquilo dia de outono e

parecia um domingo, embora fosse ainda sábado. Havia silêncio em usinas e fábricas por toda a costa de Belfast até o condado de Londonderry. Não se ceifara feno nos campos e as feiras tradicionais do sábado estavam quase vazias, como uma calma santa antes da tempestade dos justos.

As roupas do domingo foram passadas a ferro e os sapatos do domingo foram engraxados. A faixa de Orange, as medalhas por serviço e valor, o chapéu-coco e o guarda-chuva enrolado foram cerimoniosamente preparados em cinquenta mil casas da cidade e cinquenta mil casas rurais.

Todo o movimento fluiu lentamente, atendendo ao apelo dos sinos das igrejas. Naquele sábado fora do comum,

metodistas, batistas, presbiterianos e anglicanos trocaram de pregadores, mas a mensagem era tão velha quanto a presença imperial na Irlanda.

Quem ficasse em Cave Hill, o ponto mais alto de Belfast, e escutasse atentamente, poderia ouvir cinquenta mil vozes em vinte igrejas a cantar um único hino.

*Oh, Deus, nossa ajuda no passado,  
Nossa esperança no futuro, Nosso abrigo  
na tempestade E nossa pátria eterna.*

*À sombra do teu trono, Teus santos  
vivem tranquilos.*

*Teu braço é suficiente E nossa defesa  
é certa...*

O instrumento do extremo desafio ia ser um Pacto de Resistência, um juramento com sangue copiado de um velho costume escocês. A Liga e Pacto Solenes do Ulster, um documento épico, apontava os males da Autonomia, declarava-a uma conspiração e jurava fidelidade a Deus e ao Rei. Depois de haver afirmado essa fidelidade, o Pacto dizia em continuação: “E caso esse Parlamento (o de Dublin) nos seja imposto, nós nos comprometemos solene e mutuamente a não reconhecer-lhe a autoridade. Na mais absoluta confiança de que Deus defenderá o direito, subscrevemos os nossos nomes...”

Homens, professores, pregadores, crianças, que tinham decorado o poema de Kipling, repetiram-no muitas vezes

naquela manhã. Foi lido no Grande Auditório Presbiteriano, a pedido do pastor:

*Sabemos que a guerra está preparada Contra todos os lares pacíficos, Sabemos que os infernos condenaram Todos os que não servem a Roma Terror, ameaças e medo Na feira, na charneca, no campo Sabemos que, ao fim de tudo, Morreremos se cedermos.*

*É preciso crer que não alardeamos, É preciso crer que não temos medo.*

*Estamos prontos a pagar o preço De tudo o que é caro aos homens.*

*Que resposta vem do Norte?*

*Uma Lei, uma Terra, um Trono.*

*Se a Inglaterra nos impele, Não iremos cair sozinhos.*

Com o tom do dia marcado desde cedo, a grande catedral branca e os outros vasos da frota de Belfast pela Reforma se esvaziaram das suas congregações purificadas.

O centro de tudo era a Prefeitura de Belfast, onde uma guarda de honra de duzentos e vinte homens de Orange com varas brancas e mais dois mil e quinhentos homens marchavam solenemente atrás da desbotada bandeira de seda que o Rei Guilherme de Orange empunhara na batalha do Boyne.

No meio de toda essa solenidade, a caravana de Sir Edward Carson, seguida pelos poderosos, Capitão James Craig, Sir Frederick Weed e uma pequena legião de nobres, aristocratas e líderes orangistas, conservadores e unionistas.

Subiram majestosamente a escadaria até à rotunda, precedidos dos portadores de maças. O Pacto sagrado estava colocado numa mesa redonda e acima dele se estendia a maior bandeira inglesa do mundo. Atrás da mesa, via-se a grande grade de ferro que mostrava a grandeza do Ulster e fora projetada e executada por um irlandês chamado Conor Larkin.

O mundo britânico tremeu quando chegou o grande momento.

Líderes de cartola bateram no chão nervosamente com as bengalas de castão de prata enquanto nuvens de pólvora seca explodiam. Nesse momento exato, Carson se aproximou da mesa e assinou o documento. Um por um, os grandes santificaram o Pacto e se retiraram.

As portas foram então abertas ao

povo. Tudo decorreu em ordem e boa organização. Se alguma coisa se demonstrou nesse dia, foi que o Ulster era uno, humilde e semelhante. O povo foi passando. Os corredores da Prefeitura tinham cerca de um quilômetro de mesas, capazes de receber as assinaturas de quinhentas pessoas de cada vez e de mil e quinhentas por minuto.

O primeiro pulso foi aberto e centenas foram abertos nesse dia a fim de que os nomes fossem escritos com sangue.

Todo o Ulster vibrava com o espetáculo.

O Pacto foi assinado em Hillsborough, onde o Rei Billy havia parado para descansar.

Foi assinado em Templepatrick sobre um tambor Lambeg.

Em Derry, a Prefeitura ainda mostrava as marcas dos motins anticatólicos e estava sob a proteção de soldados de baionetas caladas.

Ali, o Conde e a Condessa de Foyle foram os primeiros signatários.

Os doentes e os velhos foram levados em macas ou cadeiras de rodas para assinar o Pacto como se estivessem a caminho de Lourdes.

No Ulster Hall, famoso pela Carta de Orange, as mulheres assinaram uma folha separada do Pacto, com tanto zelo e afluência quanto os seus homens.

Em Shambles, em Monaghan, a bandeira verde e a efígie de Redmond foram atiradas ao mercado dos porcos pelos homens do Pacto.

Ao meio-dia, em Belfast, a disciplina

matinal se desvaneceu quando milhares de pessoas invadiram a Royal Avenue, esperando ter entrada na Prefeitura.

Das janelas do seu escritório, Conor Larkin observava a multidão frenética a gritar pela presença de Carson no Clube da Reforma, que ficava no caminho. Quando Carson, Sir Frederick Weed e Craig chegaram à sacada do clube, houve o primeiro delírio do dia. A bandeira sagrada do Boyne foi hasteada e dez mil cabeças se descobriram em reverência, enquanto homens e mulheres tocavam a chorar desabaladamente.

O ar era cortado pelas buzinas de mil carros que desciam North Street rumo à Royal Avenue, levando legiões de homens de Orange que batiam tambores Lambeg e tocavam gaitas de foles.

Uma coluna descia Howard Street, outra atravessava a ponte dos baluartes de Belfast Leste e ainda outra enchia Dublin Road, como se toda Belfast convergisse para a praça, o centro do universo.

Derramavam-se como uma cachoeira revolta, a mil signatários por minuto, e isso se repetia em todas as vilas e povoados da província.

A cena nas ruas transformara-se em pandemônio com o sinal tribal das fogueiras a erguer-se de Cave Hill, depois de Divis, de Stormont e, então, num colar ininterrupto, em torno da costa, através das colinas, por todo o Ulster. À noite, holofotes riscaram o céu e fogos de artifício iluminaram a baía.

A multidão acompanhava os passos de Edward Carson, de lugar em lugar. As

peças subiam aos lampiões e se aproximavam da beira dos telhados para ver melhor. Puxaram a carruagem de Carson a braços, cheios de ilimitada admiração pelo homem que era o novo Rei Billy e o Cristo de Orange encarnados numa só pessoa. Todas as emoções se desencadearam quando Carson e o seu séquito chegaram ao cais repleto de bandas de música e canhões que davam salvas.

Quando Carson embarcou no navio que devia levá-lo naquela noite para a Inglaterra, tentou gritar para a multidão que conservasse a velha bandeira desfraldada e prometeu voltar para a paz ou para a guerra.

Conor Larkin tinha observado grande parte dessas cenas durante o dia todo,

atônito. Quando o navio se afastou do cais, tudo pareceu explodir, iluminando o céu violentamente e, por um instante, Conor pensou que as portas do inferno se haviam escancarado ou então que estava vendo a mão do Senhor a destruir Sodoma e Gomorra.

## 10

— Atty! — gritou Conor.

Não recebendo resposta, subiu a escada de dois em dois degraus, entrando no apartamento com uma estranha sensação de pânico.

— Atty!

— Estou aqui — disse ela, saindo da cozinha.

Conor teve um suspiro de alívio. Atty o olhou e franziu a testa. Ele parecia nervoso e desorientado, o que não era muito comum nele.

— Que é que há? — perguntou ela.

Conor sacudiu a cabeça, deixou-se cair numa poltrona e Atty lhe deu um copo de uísque. Bebeu-o de um golpe e estendeu o copo, pedindo outro.

— Viu alguma coisa, Atty?

— Tentei chegar ao seu escritório, mas não pude passar pela Royal Avenue. Que é que o governo vai fazer desta vez?

— Que é que o governo pode fazer, Atty? Prender meio milhão de protestantes? Quantos milhares dos que assinaram o Pacto hoje são do exército, da polícia e do próprio governo? Quer outro uísque?... Muito obrigado. Os malditos unionistas foram espertos. Conseguiram ter o povo inglês do lado deles e dividir os que lhes fazem oposição.

Atty se aproximou dele e começou a

massagear-lhe as costas e a nuca.

Embora ele quisesse submeter-se a esses cuidados, havia nele uma muralha que Atty não conseguiu transpor.

Conor agradeceu, afagando-lhe a mão e bebeu mais um copo de uísque.

— Foi tudo uma obra-prima de organização e decisão. O que me apavora é a maneira pela qual meio milhão de pessoas agem como bonecos mecânicos e obedecem às ordens de marchar em filas organizadas ou de entregar-se à histeria coletiva. Por que o nosso povo não reage dessa maneira? Porque somos um povo derrotado, eis por quê. A única ocasião em que podemos reunir gente é em alguma peregrinação a uma montanha sagrada para eliminar as cobras e os espíritos maus do país.

— O povo se reunia em torno de Daniel O'Connell. Ele podia atrair centenas de milhares de pessoas.-

— É verdade, mas isso acontecia antes que o povo irlandês estivesse morto.

— Que é que você quer, homem de Deus? Queria ter como pai a Tomas Larkin ou a um grão-mestre de Orange? Se agíssemos como eles, seríamos iguais a eles. É isso que você quer? Somos irlandeses, confusos, supersticiosos e incapazes de organização... mas, pelo amor de Deus, já soube de algum poeta que tivesse nascido no Ulster?

— Acho que tem razão, Atty. Além disso, se fôssemos nós, os católicos, que tivéssemos marchado hoje em Dublin para assinar um pacto, seríamos metralhado no meio da rua. Cachorros! Cachorros

imundos!

Servia-se de mais um copo de uísque.

— Está muito exaltado e bebendo demais — disse Atty.

— Não preciso de sua opinião quanto aos meus hábitos de beber.

— Acho que precisa, sim. Está ficando muito desagradável.

— Com certeza, está arrependida de ter vindo ver-me.

— Não disse isso, Conor.

— Mas deu a entender...

— Tire as conclusões que quiser. Só Deus sabe como foi terrível aquele bando de animais solto pelas ruas hoje. Acalme-se, Conor.

— Vou fazer o possível...

— Não quer comer alguma coisa?

— Não. Coma você. Estou sem

vontade.

— Vou botar tudo na geladeira.

Foi para a cozinha e voltou daí a alguns minutos, apreensiva.

— É horrível falar em coisas práticas quando você está nesse estado, mas trago ordens para você. Tem de voltar para Dunleer amanhã.

— Quem vai ficar tomando conta das armas?

— O'Leary.

— Ele é muito confuso.

— Tem-se saído bem no papel de F. Clarke-McCoy.

— Mas é muito confuso — repetiu Conor. — tendo de dar-lhe instruções detalhadas todas as vezes em que ele vai à Alfândega.

— Foram essas as ordens que eu

trouxe, Conor. Dan quer você fora de Belfast. Já está aqui há muito tempo. Sabemos que esteve a pique de ser capturado duas vezes nos últimos meses.

— Seamus O'Neill fala demais.

— Você vai criar problemas sobre isso também?

— Não, mas que é que adianta? Por todo fuzil que conseguimos, os protestantes conseguem cem... Que é que adianta isso?

— Quer deixar de falar um minuto sobre os seus problemas?

— Que é que Dan quer afinal? Quer ou não quer as armas? Gostaria de que ele chegasse a uma decisão.

— Se você ajudasse mais Dan no Conselho, talvez ele pudesse chegar com mais facilidade a uma decisão.

— Dan, Dan, Dan... É só em quem se fala. Às vezes, penso que seria melhor ter ficado com Jesus e Maria... Escolhi um deus muito danado...

— O seu deus está com câncer — disse Atty.

Conor a olhou cheio de espanto.

— Que é que está dizendo?

— Exatamente o que ouviu.

Conor levou as mãos ao rosto, fechou os olhos e balançou ligeiramente o corpo.

— Quanto tempo ele ainda tem de vida?

— Quem sabe?

— Como foi que você soube?

— Descobri por acaso. De qualquer maneira, ele me confessou tudo.

Ninguém mais no Conselho sabe.

Conor chegou à janela e olhou para

fora em silêncio, envolvendo-se quase nas dobras da cortina. Atty aproximou-se dele e, quando ele se voltou, tirou-lhe o copo das mãos e ficou na atitude de quem espera um abraço.

— Estou ansiosa por vê-lo de novo em Dunleer, Conor. Tivemos momentos bem agradáveis naquela casinha...

— A terra está caindo aos pedaços e você só pensa é em ir para a cama...

— Está bem. Vou sair para respirar um pouco.

Conor ouviu a porta bater. Voltou para a poltrona e ficou muito tempo ali imóvel, como se estivesse em transe. Finalmente, sacudiu a cabeça e acabou de tomar o seu uísque.

Acordou sentindo um gosto mau na boca e com a cabeça a estalar.

Levantou o corpo com um gemido. Atty conseguira tirar-lhe a roupa e levá-lo para a cama. Ela estava deitada de costas para ele, bem na beira da cama, acordada e imóvel, mas fingindo que dormia.

Conor foi para o banheiro, molhou a cabeça e escovou os dentes.

Olhou-se ao espelho e o seu aspecto não lhe agradou. Olhou para o quarto, fez uma careta de vergonha e voltou. Estendeu-se na cama e se aproximou do corpo dela. Sabia que Atty estava acordada, mas calada e sem derramar uma lágrima. Passou os dedos pelas costas dela e desceu até à curva dos quadris. Nenhuma reação.

— Está zangada comigo e com todo o direito...

Ela continuou ainda por algum tempo

imóvel. Quando ele se afastou, derrotado, Atty estendeu a mão e tocou nele. Voltou de novo para junto dela.

— Muito zangada comigo?

— Um pouquinho só. Muito não.

— Não sei o que é que há comigo — disse ele. — Há três semanas, penso noite e dia no momento de vê-la e, quando você aparece, consigo armar essa confusão toda.

— É natural. Você vive cheio de tensões e procura descarregá-las em mim. Compreendo perfeitamente.

Ele acendeu a lâmpada de cabeceira e abriu os braços para ela. Atty se aconchegou imediatamente a ele.

— Não sei quanto do meu mau gênio vai ter ainda de suportar, Atty.

— Só porque você bebe demais de

vez em quando não vou abandoná-lo. Além disso, quando se trata de você, o meu orgulho desaparece por completo.

— Preciso de um cigarro — disse ele.

— E eu também.

Ela amarrou descuidadamente o cinto do seu robe, mostrando muito do seu corpo magnífico ao levantar-se. Conor juntou também em cima do corpo o roupão de banho e seguiu-a até à sala. Sentaram-se nas poltronas com os cigarros acesos.

— Quando nos amamos pela primeira vez — disse ela ao fim de algum tempo — devo confessar que alguns pensamentos mesquinhos me passaram pela cabeça. O bandido me fez esperar durante anos e, ainda assim, tive quase de pedir-lhe de joelhos. E agora que ele me quer como uma mulher, pensei eu, vou pagar-lhe na

mesma moeda. Mas quem foi que disse que eu pude sequer esboçar minha vingança na batalha dos sexos, vingança que nunca me fugira até então? Não tive ânimo de lutar com você, sabe disso, Conor Larkin? No momento, em que você encostou a mão em mim, tudo se acabou. Nenhum homem sequer se aproximou à distância de anos-luz do que você faz comigo, nem mesmo Desmond Fitzpatrick.

Acontece que eu só comecei de fato a ser mulher no dia em que você chorou em meus braços. Um amor de que eu nem sabia que era capaz se derramou de dentro de mim. Eu estava disposta a esperar até que a lembrança de Shelley morresse dentro de você.

Ela se aproximou dele e lhe acariciava o rosto.

— Ia esperar, metade de minha vida e mais até, se fosse necessário.

Quando você despertou a mulher dentro de mim e não me quis, isso foi quase a morte para mim. Você pode julgar que é apenas meio homem lacerado de fraquezas, mas você é duas vezes mais homem para mim desde o dia em que chorou nos meus braços. De qualquer maneira... você é tudo o que eu quero e não posso lutar com você quando sinto as suas mãos em mim.

— Falta de sorte a sua, Atty. Você merece coisa melhor.

— Conor, você não está pensando em romper comigo, está?

— Não... Enquanto você puder suportar-me.

— Será muito tempo então... Vou-lhe

preparar alguma coisa para comer.

— Não...

— Os acontecimentos de hoje perturbaram-no profundamente, não foi?

— Foi. Acho mesmo que tenho de sair de Belfast. Uma vez fora daqui, é possível acreditar em coisas que não existem ou acreditar que a situação pode mudar. Mas, aqui e em dias como o de hoje, a gente tem de aceitar a realidade do Ulster, como ele de fato é.

Ficaram sentados defronte um do outro em silêncio e Atty esperou até que ele dissesse tudo o que sentia no coração.

— Se Deus existe — disse por fim Conor — e acredito firmemente que exista, creio que ele deve olhar para os católicos e protestantes desta província e sacudir tristemente a cabeça, pois este é o

único lugar no mundo onde o diabo o derrota completamente.

— Sim..

— Sempre acreditei que não havia bem nem mal absolutos e que o bem e o mal vivem lado a lado e entremeados neste mundo, até numa única célula do corpo humano, mas acho que hoje vi finalmente os homens do Ulster pela primeira vez. Deus sabe que a Igreja Católica fez tudo o que podia haver de errado para alimentar os receios que eles têm de Roma, mas foi a aristocracia inglesa que fez verdadeiramente todo o serviço. Criou uma raça de cretinos, de mongoloides. Eles nunca se elevarão do nível da ignorância espontaneamente aceita. Têm na cabeça um vácuo que impede a luz, o ar, as ideias e a beleza.

São fantoches incapazes de ver que são miseravelmente escravizados... Mas estou divagando...

— Continue a divagar, Conor...

— Você me disse que Dan quer que eu assumo o Comando da Irmandade, não disse?

— Disse.

— Bem, não posso.

— O seu receio de não poder vencer não é razão suficiente. No papel de comandante, poderá organizar as derrotas gloriosas que deseja. Creio que Dan compreende isso.

— Não, Atty, não.

— Por que, Conor?

— Porque não deixo de ver as verdades que destroem as nossas ilusões.

— Quais são essas verdades?

— Tampe os ouvidos, mulher, porque eu vou dizer blasfêmias, que são contrárias à estrutura e à forma de todos os conceitos republicanos.

Ainda que seja a verdade, ninguém entre nós se atreve a aceitá-la. A verdade é que há tanta probabilidade de infundir ideias lógicas, muito menos amor, nessa gente que vi nas ruas hoje quanto há de tirar sangue do vento. Enquanto nos apegamos à ilusão de uma Irlanda una e indivisível, os homens do Ulster afogarão essa ilusão em sangue. Oh, estou vendo que a fiz empalidecer...

Conor continuou: — Mas, para que queremos um milhão de fanáticos? Você mesma disse que eles não são nós, nem nós somos eles. Eles são os órfãos trágicos da trilogia irlandesa, os reais

leprosos de Sua Majestade Britânica. Nós, irlandeses, somos um povo civilizado, e um povo civilizado não deixa um milhão de leprosos circular livremente e envenenar-lhe as fontes. O

melhor é emparedá-los na sua maldita colônia de leprosos e deixar que cantem hinos, batam tambores e agitem as suas Union Jacks até que o inferno vire gelo, mas fora de nossa vida... Do contrário, acabaremos contagiados pelo ódio deles. O homem do Ulster é que precisa de uma ilusão para sobreviver. Se os deixarmos de lado, quanto tempo levarão até descobrirem outra coisa para destruir? A quem odiarão depois que desaparecermos? Vóltar-se-ão uns contra os outros, como um mar cheio de tubarões ensanguentados. No fim, atacamão a

aristocracia que os reduziu a essa condição, seguindo então maníacos como esse tal Oliver Cromwell Maclvor. Ah, por que continuamos a alimentar esse sonho falso?

Teremos de abandonar-lhes essa imunda província porque, se não o fizermos, condenaremos o povo irlandês à perdição eterna!

Foi nesse momento que Atty Fitzpatrick teve certeza de que Conor Larkin nunca iria chefiar a Irmandade. Entretanto, quem senão Conor Larkin poderia altear a voz e dizer a verdade acima de um turbilhão de ilusões?

# 11

Eu estava numa constante roda-vida entre Dublin, o Ulster e Londres, quando o ano de 1912 terminou e o governo preparou a Lei da Autonomia para a sua segunda apresentação na Câmara dos Comuns.

Os debates se tinham tornado furiosos e tanto o Primeiro-Ministro Asquith quanto o principal porta-voz liberal Winston Churchill atacavam como antidemocrática a divisão da Irlanda. Sabia-se ao mesmo tempo que o furor e a audácia da tática de Carson tinham desbastado muito da força do que eles diziam. Embora as tentativas unionistas de apresentar emendas desnorteadoras

tivessem amainado, a porta para um acordo fora aberta.

O Partido Liberal continuava na luta porque estava comprometido com o Partido Irlandês e John Redmond se empenhava numa luta desesperada para salvar o seu crédito. Entretanto, havia muita inquietação em torno da Irlanda. Carson, Hubble, Weed e sua turma tinham recebido em silêncio todas as afrontas. Redmond se abstinha de falar na prisão de Carson nas Conferências secretas, pois temia um contragolpe na Irlanda que desfizesse o frágil controle que ele exercia sobre a lei. Já então, os nossos próprios bispos relutantes estavam prontos a admitir que a fachada de imparcialidade do governo era uma farsa.

Sabíamos que os unionistas iam dar

algum golpe dentro em breve e não tivemos de esperar muito. Recebi um telefonema no meu escritório de Belfast que me convidava para uma entrevista coletiva em Rathweed Hall a 15 de janeiro de 1913.

Nada era mais bem recebido pela imprensa do que um convite para ir a Rathweed Hall. Havia em geral a promessa de uma notícia importante, acompanhada de bebidas e de salgados em que entrava muito caviar, ao jeito opulento de Sir Frederick. Meus colegas chegaram bem cedo e estavam bem forrados quando Weed apareceu.

Sir Frederick tinha setenta anos, mas pouco perdera da sua vivacidade ou do seu espírito. Tínhamos eu e ele uma espécie de relacionamento adverso.

Chamava-me de seu “feniano favorito”, fazendo pilhérias sobre o meu partidarismo. Havia ocasiões em que me dava recados para a Irmandade, sempre em tom de brincadeira.

Naquele dia, os olhos dele brilhavam tanto que eu pressenti que os unionistas tinham alguma coisa sensacional para divulgar. Tinha evidente prazer quando agitou um papel diante dos nossos olhos.

— Atenção, meus senhores! Vou ler um breve comunicado.

Colocou os óculos com toda a perícia de um advogado que deseja criar expectativa diante de um júri. Pigarreou, correu os olhos pelos cinquenta jornalistas reunidos diante dele e me escolheu para dizer que eu devia verificar se minha caneta estava à mão.

— A Comissão Executiva Unionista — começou ele — declara formada a partir desta data a Força de Voluntários do Ulster. Nosso objetivo é recrutar um exército de cem mil homens entre dezessete e sessenta e cinco anos de idade sob um comando central unificado, a fim de defender a liberdade desta província.

Weed fez uma pausa para deixar que conscientizássemos isso. Os murmúrios dos jornalistas foram de dúvidas a comentários de espanto.

Sir Frederick bateu na mesa pedindo atenção e continuou a fingir que lia o papel que havia decorado: — Consultamos os cento e setenta clubes unionistas atualmente existentes e temos a satisfação de anunciar que todos esses clubes vão transferir todo o seu corpo

social para a Força de Voluntários do Ulster, o que quer dizer que teremos de saída um efetivo de setenta mil homens. O novo recrutamento será imediatamente aberto. Temos a intenção de ter um conjunto completo de atividades e departamentos, por exemplo, um corpo de transporte, um corpo médico, informações, comunicações e assim por diante. Finalmente, meus senhores, estamos em contato com Lorde Roberts que, como sabem, foi nosso principal general no Exército Indiano. Lorde Roberts e o Coronel H. H. Pain, também do exército indiano, manifestaram ambos a sua intenção de assumir o comando dos Voluntários do Ulster.

Darwin Dwight, do *Times* de Londres, foi, como de costume, o primeiro a

levantar-se.

— Devo compreender, Sir Frederick, que se trata na verdade de um exército particular patrocinado por um partido político?

— Por assim dizer. Entretanto, os unionistas estão apenas agindo de acordo com os desejos da grande maioria da população.

— E essa Força de Voluntários do Ulster vai contratar os serviços de ex-oficiais britânicos? — perguntou Dwight.

— Sim — foi a resposta lacônica.

— Sir Frederick — perguntou Tenley, do *Mail* — e quem deve lealdade a Força de Voluntários do Ulster? A Coroa? Ao Partido Unionista? Qual é o compromisso assumido pela Força e em que ordem de prioridade?

— O compromisso da Força é com a defesa da liberdade do Ulster como parte do Reino Unido que é — respondeu Sir Frederick.

— Mas não é possível, Sir Frederick, que a Força de Voluntários do Ulster seja usada contra o Exército Britânico?

— Deus tal não permita, mas combateremos quem quer que tente negar-nos a nossa herança britânica.

— Por outras palavras — disse eu, levantando-me — o Ulster lutará como o exército britânico para continuar britânico, do mesmo modo que desprezará as leis britânicas que não forem do seu agrado?

— Ah, é o meu favorito pequeno feniano. Por mais estranho que pareça, meu caro Seamus, é essa a situação a que

fomos forçados e eu posso dizer que a grande maioria do povo inglês agirá do mesmo modo a nosso favor.

— Por que então o povo inglês levou ao poder com o seu voto um Partido Liberal que estava comprometido a apoiar a Lei da Autonomia? Não está exagerando um pouco o apoio do povo inglês?

— Calma, Seamus — disse Weed, cheio de cordialidade. — Você sabe muito bem de que lado está o povo inglês. Sabe também que essa lei indecente só foi proposta porque John Redmond e seu grupo fizeram pressão nesse sentido. Mais perguntas?

— Só uma — disse eu. — A legalidade dessa Força de Voluntários do Ulster foi discutida com Sir Edward Carson e com a Comissão Executiva do

seu partido?

— Sem dúvida.

— Então é legal ou não?

— Como sabe, os clubes unionistas e o seu treinamento militar foram considerados ilegais. Com certeza, alguns setores considerarão também ilegal a Força de Voluntários do Ulster. O governo sabe que é ilegal, mas eu suspeito de que não vai fazer coisa alguma quanto a isso.

— Sir Frederick — disseram vários jornalistas ao mesmo tempo.

— Encerraram-se as perguntas, meus senhores — disse ele, levantando-se. — Bom dia a todos.

Quando os jornalistas correram para o edifício do Correio Geral, a fim de transmitir a notícia, Darwin Dwight falou comigo.

— Creio que passaram da conta — disse ele. — O governo tem de agir.

— Quer fazer uma aposta?

— Vale um jantar. Se não pararem Carson desta vez, Asquith vai cair dentro de uma semana.

Houve uma série de furiosas conferências entre o Primeiro-Ministro, o gabinete, o Ministério da Guerra e o Castelo de Dublin. Ao mesmo tempo, milhares que tinham marchado no Dia do Pacto continuaram a marchar para as lojas de Orange e a alistar-se na Força de Voluntários do Ulster.

Tanto John Redmond quanto a imprensa liberal tentaram fazer tudo parecer um blefe e uma loucura de Carson, mas particularmente as preocupações eram grandes. Era cada vez

maior a convicção de que os liberais eram incapazes de governar. Entretanto, uma intervenção mais severa no Ulster implicava o risco de suscitar uma onda de simpatia na Inglaterra e na Escócia, capaz de promover a queda do governo.

Os conservadores pressionaram e Asquith abriu novos caminhos de acordo. Com os gritos de traição dos irlandeses e ressoarem-lhe nos ouvidos e com os Voluntários do Ulster mais ameaçadores de dia para dia, o Primeiro-Ministro convocou finalmente os seus generais a Downing Street. Quando a reunião terminou, o chefe de operações assistente partiu para a Irlanda na qualidade de correio pessoal. Dirigiu-se imediatamente para o Campo Bushy, nos arredores de Roscommon, às margens do rio Shannon,

onde estavam aquartelados os Midlanders do Rei.

*“Ordens:* Colocar os Midlanders do Rei em prontidão permanente para que possam marchar para o Ulster dentro de uma semana.

*Missão:* Ocupar portos, estações ferroviárias, arsenais e pontes.

Reforçar a Real Polícia Irlandesa e proteger todas as propriedades do governo abaixo relacionadas”.

# 12

O General Sir Llewelyn Brodhead andava de um lado para outro na sua sala. Da janela, viam-se os terrenos do secular Quartel Armand Buschy envoltos numa tranquilidade pastoral, no ponto em que o rio Shannon se alargava entre os caniços e os salgueiros do Lago Ree. O velho campo tinha sido um dos mais desejados postos de comando do Império, quando nada pela sua proximidade da Inglaterra.

Brodhead tinha mantido a sua divisão de Midlanders em pé de guerra na hipótese de eventualidades na Europa. Se a guerra viesse, todos ali estariam preparados. Insistira empenhadamente em que os Fuzileiros de Coleraine, excelente

regimento do Ulster, fizesse parte da divisão. A presença do regimento da sede do Conde de Foyle dera vida nova a todo o comando e criara um sentido de competição entre as várias unidades.

Tudo se desorganizava para Sir Llewelyn da noite para o dia. A ordem de marchar para o Ulster era vaga, deliberadamente vaga. Para Brodhead, era quase como uma ordem de invasão da própria pátria. Da maneira pela qual interpretava as ordens, as suas tropas poderiam entrar em choque com os Voluntários do Ulster, principalmente nos postos de polícia. De todos os lados, o silêncio era sinistro e parecia dizer que “o velho Brodhead topara dessa vez com um osso duro de roer”.

Reuniu os seus oficiais e transmitiu as

ordens, mas previa secretamente um bom número de renúncias da parte dos Fuzileiros de Coleraine. Não se enganava. Trinta e quatro dos trinta e cinco oficiais pediram desligamento quando a divisão marchasse para o Ulster.

Que se havia de fazer? Esforçou-se ao máximo para não dar características militares à formatura. Afinal de contas, as tropas inglesas na província indicavam sempre uma visita de velhos amigos. O povo do Ulster compreenderia que os Midlanders estavam apenas cumprindo o seu dever. O que deixou o General Brodhead inteiramente desarvorado foi o fato de que, além dos oficiais do Coleraine, metade dos outros oficiais da divisão renunciaram também.

Desde que a ordem deveria ser

cumprida, dentro de setenta e duas horas, o seu dilema tornou-se simplesmente angustiante.

O Capitão Christopher Hubble entrou na sala do General e fez continência diante da mesa dele. Brodhead estava positivamente pálido quando indicou uma cadeira ao jovem Chris.

Christopher estava preparado para tudo, de um apelo a uma reprimenda do General.

— Estou numa situação bem difícil, Chris. As ordens que recebi são terríveis. Pensei que poderia encaminhar tudo sem problemas.

— Tenho certeza de que o General reconhece a delicadeza do meu caso particular. Afinal, os Coleraines são o

regimento da sede de minha família.

— Compreendo perfeitamente, Chris. Tenho a sua renúncia ali no meio daquela pilha.

— Posso assegurar-lhe, General, que meu ato foi inteiramente espontâneo. Não discuti nada com os outros e não sei ainda quantos tiveram a mesma ideia.

— Chá? — perguntou Brodhead, enchendo o cachimbo.

— Não, muito obrigado, General.

Brodhead riscou o fósforo, acendeu o cachimbo e com os seus penetrantes olhos azuis encarou os penetrantes olhos azuis de Christopher Hubble.

— Não sei se sabe, mas é um pecado capital para um militar envolver-se em política... A não ser, bem entendido, que o Exército seja usado por elementos

radicais como um instrumento contra o seu próprio povo. Concorda comigo, Chris?

— Plenamente, General.

— Vamos falar então com franqueza?

— Perfeitamente.

Llewelyn Brodhead curvou-se sobre a mesa e começou a falar, acentuando as suas palavras com murros secos na mesa.

— Não servi durante trinta e seis anos nas forças de Sua Majestade para me ver numa situação como esta. Há anos vimos observando o Partido Liberal destruir pouco a pouco o Império. Nossas forças imperiais criaram e mantiveram através do mundo um sistema de ordem como o mundo nunca viu igual. Agora, esses cachorros têm o desplante de querer que nos voltemos contra cidadãos britânicos. E tudo isso em favor de um povo que

insultaria a bandeira britânica, destruiria o Império e nos apunhalaria no meio da noite!

Brodhead fez uma pausa.

— Dentro de três dias devemos marchar para o Ulster, a não ser que...

Posso continuar, Chris?

Chris assentiu.

— Vamos supor que até ao meio-dia de amanhã eu tenha recebido a renúncia de todos os oficiais da divisão, sem faltar um só dos cento e quarenta que a compõem. Eu poderia acrescentar a minha renúncia, levar tudo para Londres e fazer o Chefe do Estado-Maior enfrentar o fato consumado.

Chris enxugou o suor que de repente lhe apareceu no rosto.

O General levantou-se e voltou a

andar pela sala de um lado para outro.

— Pode-se chamar isso o que se quiser, insubordinação, motim, qualquer coisa. Mas os liberais têm de saber que, se quiserem fazer as suas sujeiras, terão de procurar tropas de negros para cumprir as suas ordens. Se tentarem submeter-nos a todos a conselho de guerra, isso poderá desencadear uma rebelião generalizada em todos os corpos do Exército. Na melhor das hipóteses, poderemos fazê-los cancelar essa loucura da invasão do Ulster. Na pior das hipóteses, segundo creio, não haverá mais que uma repreensão e a transferência dos Midlanders da Irlanda. Não tenho certeza absoluta das consequências, mas temos bons amigos por toda parte. Acha que pode tratar disso, Chris?

— Acho.

— Muito bem. É claro que eu penso que você é o homem indicado.

— Procurarei não decepcioná-lo, General.

— Não pode faltar um só homem. Cento e quarenta pedidos de demissão até amanhã ao meio-dia. Sem exceções. É a única maneira que temos de vencer. Se alguma coisa não der certo, eu assumirei a responsabilidade.

— Tudo será feito, General.

— Muito bem, Chris. Boa sorte. Vá agir!

Jeremy Hubble nunca mais foi o mesmo a partir do momento em que Molly O'Rafferty desapareceu da Irlanda. Fez uma tentativa desesperada de descobrir-lhe o paradeiro mais ou menos na época

em que a criança deveria nascer, mas foi chocar-se contra um muro de silêncio e de ódio.

Durante algum tempo, viveu melhor quando entrou para os Fuzileiros de Coleraine, mas em breve deparou com as mesmas frustrações de outros tipos de vida que conhecera. Seu irmão mais moço era feito no molde apropriado para aquela vida, sendo ambicioso e atilado. Christopher seguia o pai, da aparência física à mentalidade, quase uma duplicação de personalidades. Dentro em pouco, Christopher foi promovido a capitão e ficou ao lado do General Brodhead, um verdadeiro modelo de ajudante-de-ordens.

Por outro lado, Lorde Jeremy se caracterizava em geral por uma ausência

de qualidades destacadas. Entretanto, Jeremy era apreciado como jogador de rúgbi e entre os oficiais mais jovens. Era bem-humorado, estava sempre disposto a emprestar dinheiro e era certamente o mais simpático dos dois irmãos. Era um homem particularmente indicado para ser o bom companheiro quando tinham licença para sair do campo e ele conservava os camaradas em perpétua festa em Daars, Rathweed Hall ou na Mansão Hubble. Era bom fazer companhia a Lorde Jeremy e gozar boa comida, boa bebida, com muitas pequenas e muitos divertimentos.

Enquanto estava em companhia, sentia-se alegre, mas de vez em quando fugia até Dublin e vagueava por lá numa espécie de trágica nostalgia, frequentando

os bares em torno do Trinity. Passava dias de bebedeira que iam terminar em algum bordel. Jeremy continuava a ser totalmente medíocre. Nunca passou do posto de segundo-tenente, nem havia muita esperança de que ele fizesse qualquer espécie de esforço.

Ao fim de algum tempo, o avô que o adorava convenceu-se muito a contragosto da incompetência de Jeremy. Ele e Roger trataram de cortar tudo que não estivesse na carta original concedida pela Coroa ao condado.

Jeremy ficaria apenas com o título e com as terras originais em torno da Mansão Hubble. Isso não era bastante para a manutenção de Jeremy, de modo que ficou decidido dar-lhe uma pensão enquanto ele vivesse, como Roger tinha

feito com o próprio pai.

Jeremy justificaria a sua vida exercendo funções públicas na qualidade de Conde de Foyle e produzindo um herdeiro para continuar a linha. O resto ficaria nas mãos de Christopher. A única resistência que Jeremy poderia opor seria à possibilidade de casar-se e ter uma família.

Isso significaria o encerramento definitivo da fantasia de Molly O'Rafferty.

Roger e Weed decidiram esperar até que ele terminasse o seu serviço militar e encaminhar tudo para um casamento conveniente.

Christopher e Jeremy não eram amigos, nem inimigos. Aceitavam o estranho fato da inversão de sua ordem de

nascimento e de suas capacidades. Christopher tinha durante algum tempo cobiçado o título, mas chegou a compreender que com a sua habilidade e com a riqueza que teria nas mãos poderia muito bem adquirir um título próprio.

Da família, Jeremy só continuava a manter relações íntimas com Caroline. Mas não via com frequência a mãe, pois esta passara a viver a maior parte do tempo em Londres e longe do Ulster, numa separação de Lorde Roger não-oficial e não-declarada.

Já passava da meia-noite quando Christopher foi procurar Jeremy. O

Capitão Christopher Hubble voltava da sala do General Brodhead, a quem fora entregar as outras renúncias. Alguns

oficiais tinham-se mostrado bem difíceis, mas haviam afinal sucumbido. Só faltava uma renúncia, a do Tenente Jeremy Hubble.

Estava acordado, pois sabia que Christopher iria procurá-lo e bebera muito em antecipação. Estava deitado de costas para a porta quando Chris entrou, olhou-o com desprezo, jogou a garrafa vazia na cesta e puxou uma cadeira para perto da cama.

— Por que está de costas?

— Você vai-se faltar de ver o meu retrato de frente quando ele estiver pendurado no Salão Comprido.

— Vire-se que eu não posso conversar com você assim.

Jeremy sentou-se na cama.

— Muito bem, meu caro Jeremy. Você

me forçou a vir aqui no meio da noite para argumentar com você. Sei que parecerá lindo nos jornais o fato de que o Visconde Coleraine foi o único oficial dos Fuzileiros de Coleraine que não renunciou. Papai e Vovô sentir-se-ão humilhados. Você nos cobrirá a todos de eterna vergonha... mas está tentando enganar a quem, Jeremy? Você não tem coragem de levar isso até ao fim!

— Acha que eu não tenho, é?

— Acho. Seu único intuito é me fazer passar aqui metade da noite, discutindo e pedindo. Quando o dia estiver nascendo, você me entregará sua renúncia. Por que não faz isso logo agora para me deixar dormir um pouco?

— Vá para o diabo...

— Palavra que eu gostaria de deixar

tudo correr assim só para ver como os outros vão olhar você amanhã, Jeremy, o traidor.

— Você não me forçará a assinar coisa nenhuma... Não acredito nisso... Não tenho ódio dos católicos, como você...

— Não acredita? Então o caso é diferente...

— Não, não acredito — disse ele, saindo da cama.

Christopher foi até à porta.

— Está bem. Vou avisar o General Brodhead que faltará um para a unanimidade.

Abriu a porta, mas não a fechou. Jeremy voltou-se em pânico.

— Cachorro!

Christopher tirou do bolso um papel

dobrado, desatarraxou a tampa da sua caneta-tinteiro e disse: — Assine.

O rosto de Jeremy se fechou. Olhou para o papel e depois para o irmão.

— Vou-lhe dizer uma coisa, Jeremy. Se você se mantiver nessa atitude, o pior pode-lhe acontecer. Talvez tenha de ganhar a vida sozinho.

— Não pode compreender ao menos uma vez? — exclamou Jeremy. — Tenho minhas razões... razões muito íntimas...

— Que razões são essas?

— Bem... é como se eu estivesse assinando alguma coisa contra meu próprio filho.

— Molly O'Rafferty nunca mais vai voltar — disse Chris.

— Pare com isso!

— Não vai voltar nem agora, nem

nunca!

— Você não tem sentimentos... miserável...

— Deixe-se de lamentações, Jeremy. Se você pensasse mesmo em seu filho, teria tomado uma atitude há quatro anos. Estou um pouco farto desse seu papel de amante frustrado, que não esquece a mulher amada.

Isso não passa de um artifício a que você recorre, como uma muleta. Sabe muito bem disso, como sabe das consequências de não assinar a sua renúncia. Sabe tão bem quanto eu. Vamos, ande logo com isso!

Jeremy deixou-se cair na cadeira diante da mesa.

— A sua renúncia deve ter sido a primeira.

— Exatamente, Jeremy. Apresentei-me a dois minutos depois de chegar a ordem de ocupação do Ulster.

— Somos assim, não é mesmo? Chris é sempre o número um e Jeremy é o número cento e quarenta. É isso o que nos divide. Assine isto, assine aquilo. Você está sempre à minha frente, dando-me papéis para assinar.

— Diante do dinheiro que vai ter nas mãos, não terá direito nenhum de se queixar.

Jeremy mordeu os lábios, tentando ganhar coragem para um último desafio, suando profusamente, procurando alguma coisa para beber e evitando o olhar de Christopher.

— Se eu abrir a porta outra vez será para ir-me embora e deixar você arcar

com as conseqüências — disse Christopher.

Jeremy começou a fungar e acabou chorando. Levantou os olhos, cheios de frio ódio, apanhou a caneta e assinou a sua renúncia.

— Quem foi, Alan? — perguntou Matilda Birmingham, meio tonta de sono.

— Winston.

— Churchill? Deus do céu, são três horas da madrugada!

— Eu sei disso — disse Alan Birmingham, levantando-se da cama e vestindo o robe.

A mulher levantou-se também, preparou chá e deixou a bandeja com ele no escritório.

Desde que renunciara ao seu posto de líder da maioria, Alan Birmingham tinha

sido um dos mais inflexíveis aparteantes da Câmara, espicaçando incessantemente o seu partido diante da vacilação demonstrada no caso da Autonomia. Na verdade, Birmingham assumira a liderança de um grupo de jovens turcos que ridicularizavam a timidez de Asquith. Embora se tivesse feito muito segredo sobre a amotinação do Campo Bushy, Birmingham tivera notícia dele e sabia que o General Brodhead tivera encontros em Londres com outros chefes militares.

Churchill cumprimentou-o com a maneira grave condizente com um momento de crise e pediu desculpas da hora.

— Temos motivos para acreditar que você sabe do desagradável episódio que se verificou com os Midlanders do Rei —

disse Winston.

— Claro que sei.

— E o gabinete suspeita de que você pretende falar sobre isso amanhã na Câmara.

— Essas suspeitas têm todo o fundamento, Winston.

Churchill resmungou e ajeitou-se na cadeira enquanto Birmingham servia chá.

— Alan, venho fazer-lhe um apelo para esquecer o assunto.

— Não sei se estou compreendendo, Winston.

— Não ocupe a tribuna para falar do caso.

— Pede que eu não faça nada?

— Isso mesmo.

— Cento e quarenta oficiais ingleses, inclusive o general que os comanda,

insubordinam-se contra ordens recebidas do governo. Está sugerindo que nos acumpliciemos com insubordinados, como com tudo mais?

— Não se trata de cumplicidade, Alan. Asquith discutiu isso com o ministério durante vinte horas ininterruptas. Chegamos à conclusão de que, se tentarmos chamar à ordem essa gente, abriremos a porta a consequências imprevisíveis.

— Na minha opinião, vocês não estão abrindo, nem fechando portas.

Estão apenas deixando de vê-las. Quando é que vamos tomar posição diante dessa gente, Winston? Dentro em pouco, estarão fazendo contrabando de armas à luz do dia.

— Também não é assim, Alan.

— Bem, eu posso dizer-lhe o que faria. Prenderia Brodhead e o destituiria de seu comando no mesmo instante, mandaria outro comandante para a Divisão dos Midlanders e daria o prazo de uma hora para os outros retirarem as suas renúncias ou enfrentar um conselho de guerra.

— Houve quem fosse da sua opinião na reunião do Ministério.

— Mas é a única atitude lógica e decente!

— Não é como você pensa...

— Por quê?

— Brodhead foi recebido no Ministério da Guerra não como um insubordinado, mas como um herói.

— É claro — disse Birmingham. — A velha máquina militar do Império está

ansiosa por cortar o pescoço do Partido Liberal. Nós sabemos disso, mas temos de mostrar-lhes quem é que está governando o país, Winston.

— O Chefe do Estado-Maior nos comunicou que, se tomássemos qualquer atitude contra Brodhead e seus homens, poderíamos esperar a demissão de um terço, pelo menos, de toda a oficialidade do Exército.

Além disso, uma dúzia ou mais de generais nascidos no Ulster iriam assumir posições importantes por lá.

— Mas meu caro Winston, isso não passa de chantagem.

— Com a possibilidade de guerra na Europa a qualquer momento, Alan? Isto não é hora de corrermos o risco de perder quase metade da nossa oficialidade.

— Se querem demitir-se, que se demitam. Se não podemos controlar o exército por ocasião de uma pequena crise na Irlanda, como poderemos controlá-lo se houver guerra na Europa?

— Bem...

— Com os diabos, ainda há o certo e o errado. Que aconteceria amanhã se o Partido Conservador resolvesse também organizar um exército particular e, logo depois, nós, os liberais, decidíssemos fazer o mesmo? Numa democracia, os partidos políticos não têm de organizar exércitos particulares!

— Apelo para você, dizendo que em nossa opinião fundamentada não podemos correr esse risco. Isso simplesmente destruiria a nossa política exterior e a confiança dos nossos aliados. Só lhe

posso dizer que nada agradaria mais a Berlim neste momento do que ver metade dos nossos oficiais abandonando as fileiras.

— De fato. Mas você faz uma ideia do que vai acontecer? Se a província do Ulster for excluída da Lei da Autonomia e vocês não vão ter coragem de agir de outra maneira, os unionistas vão estabelecer lá uma verdadeira tirania, com a nossa aprovação.

— Estamos às portas de uma guerra, Alan. É um dever imperioso estarmos preparados para vencer essa guerra. Não podemos arriscar a perder os nossos oficiais em face de uma tempestade num copo de água.

Estamos todos chegando à conclusão de que uma solução da questão irlandesa

terá de ser adiada.

— Compreendo. Pretendem cancelar a ordem de ocupação do Ulster pelos Midlanders?

— Decerto.

Birmingham abanou a cabeça, incrédulo.

— Acumulamos na Irlanda oito séculos de erros. Acabaremos definitivamente afundados no Ulster. Por favor, não me venha daqui a vinte anos dizer que eu tinha razão. Se não tomarmos as medidas enérgicas que o momento exige, ficaremos enterrados na lama até o pescoço e impotentes por tempos sem conta de sair de lá.

Seis horas antes do tempo previsto para os Midlanders do Rei cruzarem a fronteira do Ulster, a ordem foi cancelada.

A divisão permaneceu em serviço no Campo Armand Bushy. O General Llewelyn Brodhead e seus oficiais não foram objeto da mais leve censura.

A Força de Voluntários do Ulster estabeleceu a sua legalidade em vista da recusa do governo a agir e cresceu de tamanho e arrogância. Em meados de 1913, tinha mais de cinquenta mil homens alistados e esse número continuava a crescer mais depressa do que os novos elementos podiam ser absorvidos.

As três províncias católicas da Irlanda observavam isso com crescente ressentimento até que incidentes espontâneos e isolados começaram a surgir através do país.

Em fins de dezembro de 1913, um grande comício foi convocado em Dublin

para a formação de uma força contrária aos Voluntários do Ulster.

A afluência foi enorme. Sete mil pessoas encheram os Jardins da Rotunda, lotaram o auditório ao lado e mais de sete mil pessoas ficaram sem poder entrar. O Exército Nacional Irlandês (Irish Home Army) foi fundado e quatro mil homens se alistaram nesse dia. No centro desse novo grupo, estavam algumas organizações legais com fortes tendências republicanas tais como a Liga Gaélica e a Associação Gaélica de Atletismo. O Castelo de Dublin e as autoridades de Londres bem que gostariam de agir contra esse Exército Nacional e dissolvê-lo, mas nada puderam fazer em vista da existência dos Voluntários do Ulster.

Estava, portanto, a Inglaterra às

vésperas de 1914 com dois exércitos particulares nas suas províncias irlandesas. Não havia muita tranquilidade para Londres no fato de que o exército católico tinha armamento muito deficiente e não contava com os militares profissionais que orientavam os Voluntários do Ulster. Parecia organizado dentro da tradicional improvisação irlandesa.

Mas a formação do Exército Nacional Irlandês foi a chave que abriu uma oportunidade de ouro para a Irmandade Republicana Irlandesa. Esse pequeno grupo clandestino de dois mil homens estava inteiramente preparado. Long Dan Sweeney deu a ordem e os elementos da Irmandade ingressaram no Exército Nacional e em breve chegaram aos altos

escalões, ocupando os postos-chave e os comandos.

O Exército Nacional Irlandês cresceu além da expectativa e Londres ficou alarmada. Só então, Asquith decretou o fim de toda a importação de armas da Irlanda. Os unionistas não protestaram, pois já então, o seu arsenal de armas estava bem abastecido e eles tinham uma superioridade em armas sobre os católicos no Sul de cinquenta contra um.

# 13

## HAMBURGO, MARÇO DE 1914

Herr Ludwig Boch examinou os documentos, cantarolando baixinho.

Verificando que tudo estava em ordem, reuniu os papéis e guardou-os na sua pasta. Depois, consultou o relógio. Havia tempo até ao encontro.

Acendeu um cigarro e fumou com satisfação, vendo a fumaça subir em seu escritório.

Ludwig Boch, homem baixo e gordo de seus sessenta anos, tinha razões de estar contente. Não figurava entre os grandes negociantes de armas, cuja sombra dominava a Europa, mas ocupava

lugar satisfatório e estava a ponto de fechar a maior transação de sua carreira.

Boch tinha a habitual cadeia de contatos entre os militares, no Ministério do Exterior e na Junta de Armamentos. O que ele tinha feito de diferente fora tratar o problema irlandês com excepcional perícia. Mais que qualquer outro negociante de armas, Boch tinha defendido a ideia de que seria vantajoso para a Alemanha fazer entrar armas na Irlanda para ambos os lados e deixar o conflito entre protestantes e católicos cravar-se como um espinho nos flancos da Inglaterra.

Fora tudo uma mina. Ultimamente, os agentes protestantes tinham proposto comprar armas em grandes quantidades e por preços acima do normal. Tudo tinha

de ser feito com rapidez porque aparentemente os homens do Ulster se mostravam fanaticamente leais ao Rei da Inglaterra.

Entretanto, os analistas do Ministério do Exterior confirmavam as suposições de Boch de que as armas fornecidas ao Ulster seriam muito provavelmente usadas contra a Inglaterra. A lealdade que os homens de Ulster professavam era superficial. Berlim acreditava nisso. Tanto melhor para Boch.

O seu único receio era não poder fazer a entrega das últimas encomendas. Os homens do Ulster queriam agora armas automáticas e morteiros, cujos estoques eram escassos, pois a produção passara a ser entregue com exclusividade ao exército alemão. Ficou ao mesmo tempo

encantado e surpreso quando a aprovação chegou de Berlim. Ia ter com isso um lucro líquido de oitocentos mil marcos.

Boch sabia muito bem que as exportações de armas da Alemanha cessariam de repente quando a guerra irrompesse no continente europeu, e a guerra parecia naquele momento inevitável. Ele e os outros homens empenhados no mesmo comércio tinham de atender às encomendas às pressas, antes que os mercados se fechassem.

Depois daquele embarque, ficaria satisfeito.

Fecharia o estabelecimento e iria para a Argentina a fim de viver dos seus rendimentos.

A poucos quilômetros do modesto escritório de Ludwig Boch, no distrito de St. Pauli, perto do cais. Christopher Hubble caminhava de um lado para outro no seu apartamento no Hotel das Quatro Estações. Até àquele momento tudo tinha corrido bem, mas ele estava começando a ficar nervoso. Ainda faltava uma hora para o encontro. Talvez fosse melhor ir dar um passeio. Vestiu o paletó de tweed e o boné da mesma fazenda que o marcavam inconfundivelmente como inglês e saiu do hotel, passando pela margem do Lago Inner Alster e vendo os barcos de vela até que os sinos da Rathaus tocaram a hora. Tomou então um táxi.

— *Schuemans* *Austernkeller,*  
*Jungfernstieg* — disse ele num alemão

aceitável.

Quando Christopher completou o seu tempo de serviço militar, estava promovido a major, um dos mais jovens do exército, e era um favorito do General Sir Llewelyn Brodhead. De acordo com a tradição, foi incorporado à reserva de primeira linha dos Fuzileiros de Coleraine.

Depois de conversar sobre o assunto com o pai e com o avô, houve acordo geral em que o melhor lugar onde Chris poderia servir no momento era o estado-maior dos Voluntários do Ulster e Lorde Roberts recebeu-o de braços abertos.

Chris se revelou um homem no lugar certo por ocasião da crise de 1913, quando o governo proibiu todos os

embarques de armas para a Irlanda. Nessa oportunidade, os efetivos dos Voluntários do Ulster subiam a mais de cem mil homens e os seus arsenais davam para assegurar um fuzil a cada homem. O que faltava a Lorde Roberts eram armas automáticas e artilharia leve na forma de morteiros portáteis. Chris convenceu o comandante a conversar com seu pai e seu avô, apesar da proibição das armas, e eles, por sua vez, conversariam com a comissão executiva unionista.

Chegaram à decisão de conseguir armas, a despeito da ordem em contrário do governo. A compra foi garantida pelos industriais e pelos aristocratas e Maxwell Swan foi à Alemanha a fim de entrar em contato com Ludwig Boch. A princípio, Boch, o fornecedor de mais confiança,

julgou a encomenda impossível de ser atendida devido à prioridade do exército alemão, mas, com espanto para ele próprio, as licenças foram concedidas. O jovem Chris foi então mandado para Hamburgo, a fim de pessoalmente receber as armas e levá-las para o Ulster.

Otto Scheer antipatizou com Christopher Hubble no momento em que o conheceu, mas o dinheiro envolvido era muito bom para que isso tivesse alguma interferência. Pequenos escrúpulos de consciência tinham invadido Scheer, que era oficial da reserva na marinha alemã, um homem de submarinos. Scheer sabia que, se ele e o jovem inglês tornassem a encontrar-se, seria como inimigos e provavelmente sob a mira de uma arma.

Por enquanto, Scheer estava contratado como mercenário, como contrabandista de armas para os mesmos ingleses com quem iria lutar.

Boch dizia que tinha a aprovação do governo alemão. Bem, era esse o mundo louco em que vivia Ludwig Boch. Scheer, velho comandante no Mar do Norte e no Báltico, reunira no cais de St. Pauli uma tripulação variada, atraída pela promessa do dinheiro.

Não aceitou de boa vontade o acordo que faria de Christopher Hubble comandante titular do navio, ainda que ele estivesse sob bandeira alemã.

Examinaram todo o plano das aquisições e manifestos de Ludwig Boch até à rota que seria seguida. Herr Boch ofereceu *schnapps*, que Chris considerava

uma bebida vulgar, para comemorar a conclusão da transação. Apertos de mão não muito sinceros consumaram o acordo.

Espalhou-se em Hamburgo o boato de que um carregamento de armas ia deixar o porto, consignado ao deposto Presidente Diaz, do México, que pretendia retomar o poder, mas ninguém se deixou enganar. Toda a transação cheirava à Força de Voluntários do Ulster a léguas de distância.

Na noite de 24 de março de 1914, Christopher embarcou no vapor de noventa toneladas, *Prinz Rudolph*. Um navio semelhante, o *Prinz Oscar*, estava atracado ao lado. Chris inspecionou a carga de cerca de três mil metralhadoras, mil e duzentos morteiros e vários milhões de balas, e ordenou o fechamento das

escotilhas, indo para o seu camarote sem falar com ninguém, exceto para dar ríspidas instruções a Otto Scheer, dando assim uma demonstração de sua maneira de agir.

Ao amanhecer, o *Prinz Rudolph* saiu do rio Elba, seguido pelo *Prinz Oscar*. Quando os dois navios chegaram ao Mar do Norte, foram avistados e começaram a ser seguidos pelo destróier inglês *Battersea*. Christopher ordenou que os dois navios continuassem no rumo sudoeste através do Canal da Mancha, como se se estivessem dirigindo para o Atlântico.

Quando deu instruções a Scheer para virar para o norte e rumar para o Canal de S. Jorge e o Mar da Irlanda, o alemão recalcitou. Não gostava de Hubble, da

mocidade de Hubble, da carga que levava ou de uma dança na corda bamba à beira das águas territoriais inglesas. Mas o maldito inglês foi inflexível e as mil libras que ia receber eram mais do que tudo o que ele ganhava num ano.

“Alerta. Ao Almirantado. De bordo do destróier *Battersea*. Os vapores *Prinz Rudolph* e *Prinz Oscar* viajam no rumo norte e ainda sob pavilhão alemão. Acredita-se que o *Prinz Rudolph* esteja transportando armas para a Força de Voluntários do Ulster. Pedimos instruções para busca e apreensão.”

O Primeiro Lorde do Almirantado Winston Churchill sabia que cometeria um ato passível de ser considerado pirataria se apreendesse os vapores em águas internacionais. Expediu um comunicado

para que o destróier de observação continuasse a seguir os dois vapores, convocou para uma conferência o Estado-Maior do Almirantado e solicitou uma audiência do Primeiro-Ministro.

A guerra era iminente, mas a posição da Inglaterra em relação aos seus tratados com a França e com a Bélgica ainda não era conhecida publicamente. Havia tremenda pressão contra um ato que poderia fazer a guerra explodir antes que a Inglaterra estivesse preparada. Depois de conferências prolongadas, primeiro no Almirantado, depois em Downing Street, chegou-se à conclusão de que era preferível deixar os homens do Ulster prosseguirem no momento com o seu golpe a correr o risco de um ato hostil à Alemanha naquele momento.

Só um apelo de Churchill manteve o *Battersea* a observar os dois vapores, enquanto ele traçava planos de ação de emergência, caso os dois barcos alemães entrassem em águas irlandesas. O *Prinz Rudolph* e o *Prinz Oscar* continuaram a singrar o Canal do Norte, que separa a Escócia e a Irlanda. Na quarta noite desde a partida de Hamburgo, os navios se aproximaram do Ulster e o momento da decisão chegou.

Otto Scheer bateu ao cair da noite na porta do camarote de Christopher e entrou.

— O destróier ainda nos está seguindo — disse ele.

— Sei disso. Proceda de acordo com os planos.

— A tripulação está ficando muito nervosa, Herr Hubble.

— Não sei por quê. O máximo que pode acontecer é irem parar na cadeia.

Otto Scheer fez uma careta.

— Isso não é nada engraçado.

— Não quis ser engraçado. Não concordou com o plano, Herr Scheer?

Os alemães são considerados notáveis na execução de planos. Estará por acaso perdendo a coragem?

O alemão ficou vermelho.

— No momento em que entrarmos em águas territoriais irlandesas...

— Deixe-se de lamúrias, Herr Scherr. Todos vocês gostaram do dinheiro quando o receberam. Agora, vá tratar do seu serviço...

Scheer olhou com raiva para o inglês,

que tinha a metade de sua idade, e fez continência, batendo os calcanhares.

— Scheer, pode dizer ao seu pessoal que amanhã de manhã não veremos mais o *Battersea*.

— Por que tem tanta certeza assim?

— Estão tentando fazer-nos desistir com um blefe. Mais uma coisa: esse mestre-cuca de vocês... Não, não faz mal. Só vou comer mais uma vez com vocês e me arranjarei...

Ao ver-se sozinho, Christopher deu um prolongado suspiro e derreou o corpo, sentindo-se pálido e trêmulo. Tudo no papel tinha parecido perfeito. A operação toda se baseava no fato de que Sir Edward Carson e a Comissão Executiva Unionista tinham tido êxito então em todos os seus blefes com o governo. Com receio

de enfrentarem alguma ocorrência desagradável e inesperada no mar, tinham tido o cuidado de fazer chegar ao conhecimento da Marinha Real a rota e a carga dos navios. Desse modo, deixavam a decisão nas mãos do Partido Liberal. Esperavam que houvesse conferências apressadas e nervosas em Londres, mas, pela manhã, a escolta deveria ser retirada. Esse pelo menos era o plano.

Deitou-se. Dormiria pouco até ao amanhecer. Depois, quem sabe?

Todas as vezes que adormecia, era despertado por visões de uma prisão úmida.

Não posso deixar que os alemães me vejam neste estado. Tenho de manter a linha...

Foi acordado por muitas vozes que

falavam tão depressa que ele não podia compreender uma só palavra. A luz da manhã entrava pela vigia. Foi até ao lavatório com o coração batendo, escovou os dentes, lavou o rosto, penteou os cabelos e dominou-se.

Saiu para o convés arrogantemente e subiu a escada para a ponte.

Nesse momento, os tripulantes prorromperam em aplausos e vivas. A ilha de Rathlin aparecia, a boreste e não se via nem sinal do *Battersea*.

Chris pôs as mãos para trás.

— Bom dia, Herr Scheer.

Scheer respondeu ao cumprimento, sorrindo.

— Fez contato com o *Prinz Oscar*?

— *Ja*, fiz.

— Vamos seguir então para o ponto de

encontro, de acordo com o plano.

A ilha de Rathlin, um pedaço de terra semideserto em forma de bumerangue, ficava a uma distância visível da costa norte do condado de Antrim. Local de lutas sangrentas ao tempo das invasões inglesas e escocesas, a ilha se tornara um domínio dos Viscondes Gage, caindo depois em declínio, entregue a bandos de aves migratórias que a ocupavam por entre os seus espetaculares penhascos e grutas.

No dia anterior, uma tripulação substituta de homens da Marinha Real alistados na Força de Voluntários do Ulster, fora deixada em Rathlin para esperar o navio de munições.

No começo da tarde do quinto dia desde a partida de Hamburgo, o *Prinz*

*Rudolph* e o *Prinz Oscar* entraram no santuário da baía Church, lançaram as âncoras e se comunicaram com os homens em terra por meio do semáforo. Minutos depois, os homens que estavam em terra se aproximaram num barco a remos e embarcaram no *Prinz Rudolph*.

Numa cerimônia breve mas formal, o navio foi entregue por Otto Scheer. A bandeira alemã foi descida, a bandeira do Ulster hasteada e o navio recebeu o novo nome de *Glória do Ulster*.

Os escaleres do *Oscar* se aproximaram e levaram os marinheiros alemães para o seu navio. O último a sair foi Otto Scheer. Apertou a mão de Christopher com um estranho assomo de afeição.

— Tem coragem, Hubble. Gostei de

ver.

— É, foi um bom serviço. Boa viagem.

Quando os alemães chegaram a bordo do Oscar, o vapor levantou ferros e partiu para Hamburgo, enquanto o *Glória do Ulster* partia para oeste, em direção contrária. À tardinha, ancorou perto da Ponta de Inishowen, onde o Foyle entrava pelo mar e anunciou pelo rádio a sua chegada a Londonderry na manhã seguinte.

Durante a noite, todas as unidades da Força de Voluntários do Ulster estiveram de prontidão, executando um plano de ocupar e guardar pontos-chave através da província, ao mesmo tempo que as unidades do corpo de transportes se dirigiam para Londonderry.

Ao amanhecer, a “captura” de

Londonderry pela Força de Voluntários do Ulster estava terminada, o cais estava fechado e havia uma coluna de setenta caminhões nas docas principais de Caw & Train, O *Glória do Ulster* singrou o rio Foyle sob o comando de Christopher Hubble, passou pelo farol de Pennyburn e atracou ao cais, onde D. E.

Swinerton, capitão-do-porto e oficial da Força de Voluntários do Ulster temporariamente licenciado, o aguardava com toda a documentação necessária. Subiu imediatamente a bordo, olhou o manifesto de carga que falava em “Material Médico e de Comunicações”, assinou e carimbou todos os papéis e daí a dois minutos a descarga começou.

Em plena luz do dia e sem que tropas da polícia ou do exército britânico

estivessem presentes, as armas foram transferidas para os caminhões e seguiram dentro de duas horas para o depósito escolhido.

Mais tarde, Lorde Roberts fez declarações à imprensa nas quais disse que tudo não passara de um exercício para testar a eficiência de certas unidades da Força. Acrescentou que o exercício fora um sucesso absoluto e negou veementemente que o navio houvesse trazido um carregamento de armas.

Os sentimentos republicanos de Lorde Louis de Lacy foram espicaçados. Contra o parecer de Conor Larkin, Louie propôs ao Supremo Conselho da irmandade responder à afronta do *Glória do Ulster* com um desembarque de armas à luz do dia, dessa vez com armas para o

“legítimo” Exército Nacional.

Três semanas depois, transportando a última partida de armas vendida por Ludwig Boch aos irlandeses, um pequeno cargueiro alemão ancorou precariamente diante de Inishowen, a maior das ilhas do arquipélago de Aran, na boca da baía de Galway. Mil fuzis e cem metralhadoras se transferiram para o iate de Lorde Louje, o *Gráinne Uálie*, sem qualquer esforço de manter segredo.

O Comandante do Exército Nacional no condado de Galway deu instruções a algumas unidades para marcharem para o cais em ordem de formatura, descarregar o iate ao som de fanfarras e depois desfilar no centro da cidade.

O General Sir Llewelyn Brodhead, no Campo Bushy, recebeu ordem do Castelo

de Dublin para marchar para Galway “a fim de impedir desordens.” Os Fuzileiros da Divisão dos Midlanders do Rei chegaram ao cais ao mesmo tempo que as unidades do Exército Nacional Irlandês.

Os aplausos e as bandas que haviam acolhido a chegada de Lorde Louie e do *Gráinne Uáile* logo se transformaram em intimidação com um cerco do cais por tropas de baioneta calada sob o comando do General Brodhead a cavalo.

Vaias estrugiram, logo seguidas de pedradas. Quando o iate começou a ser descarregado, houve disparos contra o grupo desarmado. Minutos depois, cinco homens do Exército Nacional Irlandês estavam mortos e vinte, feridos.

O inquérito instaurado apurou que “depois de retirarem as armas do *Gráinne*

*Uáile*, vários elementos do Exército Nacional Irlandês muniram-se delas e abriram fogo contra as tropas. Os Fuzileiros só responderam ao fogo em último recurso e em legítima defesa”.

A 28 de junho de 1914, o Arquiduque Franz Ferdinand foi assassinado em Sarajevo. Cinco semanas depois, a Inglaterra estava em guerra com a Alemanha, a Áustria-Hungria e a Turquia.

A Lei da Autonomia estava pronta para a aprovação final e a sanção real, mas os Lordes tinham conseguido introduzir emendas que mutilavam a lei e lhe suspendiam a vigência por toda a duração da guerra.

Por outro lado, Carson intercalara os dispositivos que excluía futuramente o

Ulster das previsões da lei.

Apesar disso, Redmond ergueu a voz na emocionada Câmara dos Comuns para conclamar os irlandeses a lutarem na guerra da Inglaterra.

Pediu armas para que o Exército Nacional Irlandês pudesse defender o seu país e assim liberar para a guerra as tropas inglesas que estavam em solo irlandês.

Embora muitos acolhessem o discurso com alívio, o Ministério da Guerra teve reservas. Ali não queriam um Exército Nacional Irlandês muito forte.

A lei foi aprovada pouco depois do início da guerra, mas foi imediatamente guardada na gaveta até que acabasse a guerra. John Redmond abandonou a luta

direta e procurou controlar o Exército Nacional como uma garantia futura do Parlamento de Dublin.

Ao mesmo tempo, Sir Edward Carson manobrou habilmente para proteger os interesses unionistas depois da guerra. Ofereceu os Voluntários do Ulster ao exército britânico. Lorde Kitchener e os generais dominantes aceitaram com entusiasmo. Formou-se uma divisão do Ulster, completa, com efetivos, insígnias e bandeira.

Quando Redmond tentou fazer a mesma coisa com o Exército Nacional Irlandês, o Ministério da Guerra não mostrou boa vontade em pôr em ação unidades irlandesas católicas e fez os seus apelos naufragarem em exigências burocráticas. Apesar dessa afronta,

Redmond continuou a recomendar lealdade à Coroa e a estabelecer uma competição para ver quem sacrificaria mais o seu sangue pela Inglaterra a fim de fortalecer as suas posições numa mesa de conferências depois da guerra.

Dezenas de milhares de católicos irlandeses se alistaram no exército britânico e foram aceitos e tratados como soldados de segunda classe, do mesmo modo que tinham vivido como cidadãos de segunda classe em sua terra.

Foram dispersados com um fanatismo deliberado e metódico. O

fervor pela guerra da Inglaterra esmoreceu.

Em meados de 1915, a mensagem republicana começou a encontrar eco. A Irlanda e o povo irlandês não tinham

inimigos entre as nações do mundo, exceto os ingleses, e os irlandeses estavam morrendo aos milhares em uniforme inglês.

A era de Redmond se encerrava em completo insucesso. O dia dos republicanos tinha começado.

# 14

Dan Sweeney tinha emagrecido a ponto de parecer um espantalho.

Fazia meses que não arredava pé de Dublin e a viagem a Dunleer, através de uma cadeia de casas de confiança, cansara-o muito.

Estavam os dois homens sentados à porta da casa de Conor, a pequena distância do lago. A tarde estava quente. Dan acendeu um cigarro e teve uma contração de dor. A doença que lhe flagelava o corpo havia-lhe diluído a acidez. Falava devagar e pensativamente como se tivesse virado o fantasma de Dan Sweeney.

— Na última reunião do Supremo

Conselho — disse ele — declaramo-nos o governo provisório da Irlanda e aprovamos uma proposta para a organização de um levante durante esta guerra.

— Foi decidido por todos? — perguntou Conor.

— Por todos e por mim e Brendan Sean Barrett também.

— É estranho, mas eu sempre pensei que isso seria acompanhado de fanfarras celestiais, com anjos tocando harpas e coros executando velhos hinos celtas.

— Não tenha receio, Conor. Quando o povo irlandês souber de nossa decisão, tenho certeza de que Seamus e nosso novo irmão poeta, Garret O'Hara, celebrarão o momento com cantos condignos.

Dan tossiu e olhou para a garrafa que

estava na mão de Conor. Este a estendeu a Dan, que resistiu.

— Vamos, Dan. Você nunca fez qualquer voto de abstenção que eu levasse a sério.

Dan aceitou a garrafa e tomou um gole, com todo o gosto de um homem que tem bebido às escondidas. Depois do gole, a dor se atenuou e ele indicou com um sorriso que era de uísque que estava precisando.

— Tenho certeza, Dan, de que você não fez essa viagem a Dunleer só para me dizer que faz parte do governo inexistente de uma república que ainda falta ser proclamada.

— De fato. O que nós temos de fazer agora é deter o ímpeto dos protestantes. John Redmond está acabado. Asquith

também. Carson é a rainha do baile. Nada é atroz demais para ele deixar de tentar. Já é tempo de dar-lhes conhecimento de que ainda estamos em atividade.

— Concordo.

— Dentro de um ano mais ou menos, estaremos comandando os nossos homens na execução de um levante. Mas, antes de começar a batalha, é preciso que tenham fé em si mesmos. Têm de saber que são capazes de vencer. Temos necessidade de uma vitória para ganhar força.

Nem poesia, nem retórica, meu caro Conor. Temos de dar um golpe duro em alguém, ingleses ou homens do Ulster. A Irmandade deve saber que se trata de uma boa força.

— Aceito inteiramente esses sentimentos, Dan.

— Mas que é que podemos fazer? Discutimos muito e não chegamos a um acordo. Muitos são favoráveis a um assassinato. Pensamos no Secretário inglês, Augustine Birrell, e nos outros, Carson, Weed, Hubble, Bonar Law e até John Redmond. Falamos na destruição de pontes, em ataques, e até num assalto ao Tesouro.

— Em que pé está a coisa, Dan?

— Bem, aqui estou para falar com você e pedir a sua ajuda. O que nós decidirmos será executado como a minha última ordem de comando.

— Explique-se melhor.

— Durante algum tempo, Atty e eu guardamos segredo de minha morte iminente. Quando o fato se tornou evidente para todos, mandei Atty falar

com você em Belfast. Desde que a chefia lhe foi oferecida três vezes e três vezes você recusou, indiquei Garrett O'Hara como meu sucessor. Não tem qualidades militares, mas é um entusiasta e um intelectual que dará ao levante ímpeto e calor místico. Talvez isso impressione o povo irlandês, quem sabe? Mas, por enquanto, estou aqui com meu velho amigo e adversário Conor Larkin, o único elo de aço em nossa frágil cadeia de comando. Quero que você nos dê a vitória de que tanto precisamos.

— Compreendo — disse Conor.

— Vitória é uma bela palavra e uma bela coisa — disse Dan. — Ainda que seja temporária, crescerá de ano para ano em nosso espírito e nos aquecerá ao longo de dez mil noites. Tivemos tão poucas e

eles tiveram tantas.

Dan teve outro acesso de tosse e jogou fora com raiva o cigarro.

Conor pensou que era estranho ouvi-lo falar como um poeta. Entretanto, era o mesmo velho Dan que sempre fora realista e direto em tudo o que dizia. Naturalmente, não queria morrer sem a alegria de uma vitória para não se considerar um fracasso total.

— Tenho algumas ideias — disse Conor.

— Eu sabia e é por isso que estou aqui.

— Lorde Roberts e os idiotas de seu estado-maior, constituído de ingleses importados, organizaram um verdadeiro exército com a Força de Voluntários do Ulster. Conservaram, porém, alguns

hábitos desleixados dos velhos tempos. Isso acontece em parte porque eles não nos respeitam como uma força combatente. Não tomam conhecimento da Irmandade e desdenham o Exército Nacional.

— Vá direto ao assunto.

— Vou chegar lá. Apesar das suas fanfarronadas segundo as quais os homens do Ulster são a espinha dorsal da força, nem o estado-maior inglês, nem os aristocratas confiam no seu povo por completo. Não vão colocar as armas que conseguiram juntar nas mãos dos seus elementos comuns. Como também não nos consideram uma ameaça, baixaram a guarda.

— Entre no assunto, Conor.

— O assunto é que todo o armamento

que o *Glória do Ulster* trouxe e provavelmente metade do arsenal da Força de Voluntários do Ulster está num só lugar, o castelo de Lettershanbo.

— Claro, o castelo de Lettershanbo — murmurou Dan. — Por que não planeja também um ataque a Gibraltar?

Estavam falando de um baluarte do século XVIII que guardava a entrada do estuário do Foyle. Uma estrada sobre extensas dunas era a única via de acesso e podia ser vista à distância de muitos quilômetros das muralhas do castelo. Essa estrada de acesso era bloqueada com defesas quádruplas. Uma vez dentro do castelo, uma força atacante ver-se-ia diante de muralhas de três metros de espessura, protegidas por metralhadoras e holofotes. Dizia-se que havia ali um

imenso depósito de armas, mas o lugar era inexpugnável para um grupo como o da Irmandade.

— Você é inteiramente alucinado, Conor. Eu lhe pedi alguma pequena vitória, não a de Wellington em Waterloo.

— Você me conhece muito bem agora. Dan, para saber que eu prefiro sempre entrar pela porta dos fundos.

— Dê-me outro gole dessa garrafa. Acho que nós não passamos de dois irlandeses bêbados que deram para sonhar com contos de fadas. Se não me engano, você falou em fazer explodir o castelo de Lettershanbo.

— Escute, há um velho poema que eu aprendi durante as minhas viagens pelos Estados Unidos e que diz que se pode ir sozinho por terra, mas que são precisos

dois quando se vai pelo mar... Eu estou pensando em ir pelo mar...

Os olhos de Long Dan Sweeney brilharam. Encarou Conor durante alguns minutos e disse: — Pode falar que eu escutarei com toda a atenção.

Conor foi buscar dentro de casa um mapa do condado de Londonderry.

— Lettershanbo fica à direita da ponta de Magilligan, na entrada do estuário do Foyle para o alto-mar.

— Eu sei onde é — disse Dan.

— Sei que as defesas não podem ser ultrapassadas pelo lado da terra.

Vamos riscar isso. Aqui, na ponta de Magilligan, o caminho para Inishowen é no seu ponto mais estreito de cerca de um quilômetro e meio. Há enseadas de ambos os lados de onde se pode partir e

encostar.

— Está falando em atravessar atrás do castelo?

— Isso mesmo.

— Como? A costa naquele ponto é cheia de recifes traiçoeiros.

— Bem, você conhece os irlandeses e sabe que eles usam uns barcos absurdos feitos de madeira e alcatrão e que deslizam bem na superfície da água...

— Os *currags*, não é?

— Sim, os *currags*. Há uma torre abandonada onde poderemos guardar os barcos. Fica a cerca de meio quilômetro de Lettershanbo.

— Está muito bem. Atravessamos o canal nos *currags*. Caminhamos até aos fundos do castelo. E aí? Vamos dar volta às muralhas durante sete dias e sete noites

à espera de que o Senhor as derrube?

Conor fechou o mapa e sorriu.

— Minha aldeia teve de arrancar do castelo certos direitos sobre o lago. Naquele tempo, Lettershanbo vivia abandonado. Atravessávamos em barcos, rapazes e moças, e íamos fazer piqueniques junto às ruínas.

Conheço bem aquelas paragens. Um dia, em companhia de outros garotos, descobri uma gruta onde havia um túnel para o castelo. Anos depois, quando eu era ferreiro, Lettershanbo foi restaurado e eu fiz grande parte dos trabalhos de ferro por lá. O túnel ainda existe.

— Deixe ver esse mapa — disse Dan, abrindo o mapa com as mãos trêmulas e olhando cheio de curiosidade para Conor.

— Fique descansado que eu não seria

capaz de enganar um homem como você — disse Conor.

— E eles não sabem da existência do túnel?

— Não devem saber. Está fechado por uma parede e não há acesso visível a olho nu. Só os gnomos poderiam descobri-lo. Vai sair numa lareira no porão.

— Jesus! — exclamou Dan. — Jesus!

Conor revelou então um plano que era uma obra-prima de simplicidade e Dan ficou sabendo por que fora até Dunleer. Fez muitas perguntas, mas Conor parecia saber todas as respostas.

— Por que não nos disse isso há mais tempo?

— Eu sabia que o Conselho pediria sugestões na época oportuna e fiquei esperando.

Dan sacudiu a cabeça, ainda incrédulo. Tornaram a discutir todos os detalhes. Aquilo superava as mais loucas esperanças de Dan! Não só metade das armas e munições da Força de Voluntários do Ulster voaria pelos ares numa única explosão, mas também isso aumentaria extraordinariamente o prestígio da Irmandade. Essa façanha criaria uma espécie de orgulho em todo o grupo e daria a todos um sentimento de vitória. Seria um golpe de que os ingleses nunca se recuperariam de todo.

Seria um feito épico, uma audácia comparável às de Wolfe Tone, mais de um século antes.

— De que você precisa e de quanto tempo?

— De mais ou menos vinte homens

escolhidos e de um mês para prepará-los.

— Vou-lhe dar tudo e serei um dos homens.

— Claro, Dan. Você irá em meu barco.

Houve necessidade de mais uma hora para que a magnitude do plano fosse plenamente conscientizada. Entraram no crepúsculo interminável bebendo e sonhando.

— Você devia ter-nos falado nisso antes — tornou a dizer Dan — Só agora compreendo, Conor, o seu afastamento. Você já sabia quem ia ganhar e quem ia perder e não queria desistir das conclusões sinceras a que havia chegado.

— Foi mais ou menos isso, Dan.

— Mas eu compreendo as mesmas coisas e nunca me afastei. A ilusão de um

levante tem sido tudo para mim na vida. Hoje não sei o que é melhor, se iludir-se, como eu, ou saber que um final vitorioso é impossível, como você. Acho que todos os homens têm necessidade de iludir-se, de apegar-se aos vestígios de um sonho, por mais inconsistentes que sejam... Ou talvez seja mais fácil ser um Larkin, ver tudo com clareza e desligar-se dos sonhadores...

— Tudo o que sei é que nunca pude conscientemente levar homens à derrota.

— Terrível questão, Larkin... O problema do desconchavo entre os irlandeses e a realidade vem da nossa incapacidade inata de analisar as derrotas que sofremos. Bastava John Redmond ter lido a vida de Parnell para saber até onde poderia ir com o Parlamento inglês e qual

seria o seu fim... Entretanto, ao fim de tudo, o opressor consegue unir e provocar os oprimidos. Tão certo quanto eu estar aqui sentado e tonto de uísque, os ingleses vão cometer algum erro que acabará por levantar os irlandeses.

— Já cometeram esse erro e parece que não deu resultado — disse Conor.

— Estou-me referindo a um erro monumental, a um erro clamoroso e revoltante. Quero forçá-los a cometer esse erro, para que nos possamos insurgir...

De repente, Dan deu um grito de dor.

— Toma alguma coisa para isso, Dan?

— Uns comprimidos...

— Quer que vá buscá-los?

— Não. Não costumo tomar remédios.

Anuviam-me o espírito. Ao menos, quando sinto a dor, sei que ainda estou

vivo. Você foi uma de minhas frustrações, Larkin. Teria sido um grande comandante.

— Temos muito que fazer, Dan. Vá dormir um pouco.

— Quem quer saber de dormir? Dentro em breve, dormirei à vontade.

Para sempre.

Conor levantou-se e foi até à beira da água. Pegou um punhado de pedras e jogou-as no lago uma por uma, vendo os círculos que se alargavam. Dan foi para junto dele. O velho estava com uma cara horrível e de repente tremeu.

— Em quem é que você pensa atualmente, Dan?

— Numa mulher. Penso tanto que até já me esqueci do nome dela.

— Aileen — murmurou Conor.

— É isso mesmo. Aileen O'Donne. Ê

curioso você se lembrar. Mas sabe de uma coisa? Apesar de toda essa vida sem amor, da vida de prisioneiro e fugitivo, eu estava presente na noite em que nos declaramos um povo livre. Antes mesmo do nosso ataque e do levante, faço parte da história da Irlanda. Isso ninguém me pode tirar.

— Basta essa certeza, Dan? Basta essa certeza para compensar o vazio que sentimos em saber que não somos homens normais e que nunca poderemos ter uma vida como a do comum dos homens?

— Tem de bastar. Ê só o que eu tenho. Só sei é que homens como você e como eu começamos a caminhar para uma prisão no dia em que nascemos.

— Bem, agora a conversa está ficando sinistra. Vamos olhar o lado positivo das

coisas. Atty pode viajar com os nossos ossos de cidade em cidade, fazendo o nosso elogio e levantando fundos. E minha irmã terá apenas de esperar que Liam e Dary morram para completar o nosso canto no cemitério.

— Conor, vou-lhe pedir um favor pessoal.

— Farei tudo o que me pedir, Dan, contanto que não seja ir pedir a absolvição de um padre.

— Antes de empreendermos a nossa ação contra o castelo, diga alguma coisa amável a Atty. Só eu, além de você, sei do amor que ela lhe tem. Minta, se for preciso, mas não vá sem deixar-lhe alguma coisa com que ela possa viver.

— Prometo que vou fazer isso.

Dan enrijou o corpo à espera de outra

dor que não chegou a manifestar-se e foi até à casa, onde pegou outra garrafa. Quando voltou, Conor continuava à beira do lago, olhando para o infinito. A noite caía num desafio. As Doze Bens e as águas do lago pareciam acobreadas pelo poente.

Conor olhou para Dan com estranheza, como se estivesse vendo outra pessoa de outro tempo e de outro lugar.

— Que foi? — perguntou Dan.

— Por um momento... — murmurou Conor, com uma voz áspera que não parecia totalmente a sua.

— Que foi?

— Como é a morte, Dan?

— Não sei, Conor. Você parece vê-la com mais clareza do que eu. Tem tido mais contato com ela...

— Você não quer voltar vivo do ataque, quer, Dan?

— Não. Diga-me, Conor, o que foi que você viu ainda há pouco?

— Vi meu pai... Tomas... Vejo-o sempre... Ele está descendo para a encruzilhada da aldeia, vindo dos campos... Toma-me nos braços... Dan...

Isso me deixa assustado...

— Conheço muito bem esse sentimento. Somos homens de pouca importância e de ainda menor propriedade. Você outrora foi um homem de posses. Era herdeiro de dez hectares de terras dos Larkins... mas resolveu deixar Ballyutogue.

# 15

Durante cinco semanas, fiz parte de uma força-tarefa selecionada de vinte e dois homens e Atty Fitzpatrick. Éramos treinados em Dunleer para uma missão que não nos fora revelada. Vivíamos no mosteiro, comendo, bebendo, respirando, dormindo e suportando o treinamento que nos dava o nosso chefe, Conor Larkin.

Eu estava entre os escolhidos, não em vista das minhas condições físicas ou das minhas proezas, mas para ser o cronista do acontecimento em preparo. O objetivo era um segredo rigorosamente guardado entre Conor, Dan e Charley Hackett, um homem de considerável perícia como dinamitador.

Treinávamos durante a noite, sempre correndo contra o relógio com uma mochila de quinze quilos às costas e fazíamos travessias de águas agitadas em *currags* juntamente com muitos rastejamentos pelas cavernas das Doze Bens. Havia um sistema de comunicações silenciosas por meio de mímica. Só quando estávamos fora das vistas uns dos outros, a disciplina se quebrava e recorriamos à imitação dos gritos de animais ou dos pios de pássaros.

Só sabíamos do seguinte: Atty estava encarregada de um caminhão que continha um posto de pronto socorro.

Lorde Louie se esforçava pela navegação e manejo correto dos frágeis barcos.

Gilmartin, um veterano da Guerra dos

Bôeres e participante do Supremo Conselho, trabalhava com Dan numa metralhadora. Gilmartin falava muito, mas era quem tinha mais preparação militar entre nós, além de entender um pouco das coisas do mar.

Charley Hackett e seus homens, Jennings e Pendergast, trabalhavam muito em instalações elétricas, ostensivamente destinadas a cargas de dinamite.

Quando nos sentíamos preparados, Conor exigia mais e nos obrigava a recomeçar. Foi intolerável naquelas semanas, reclamando uma perfeição além da conta. Não sabíamos o que Dan e Conor estavam preparando, mas sentíamos que só podia ser alguma coisa gigantesca.

No começo de junho de 1915,

levantamos acampamento e em grupos de dois ou três fomos para Derry, onde procuramos Darren Costello, comandante local da Irmandade, que nos fez desaparecer no vasto abrigo do Bogside. Conor, Dan e Charley Hachett eram fugitivos e precisavam de mais alguns dias para chegar a Derry.

Quando ficamos todos reunidos, ainda nada soubemos. Fomos embarcados em caminhões e levados para uma região que eu conhecia muito bem, pois ficava na direção de Balluytogue.

Logo depois do escurecer, paramos perto de algumas árvores, na estrada da vila de Ballyutogue para a Aldeia Alta e fomos levados para a igreja de S. Colombano, que estava estranhamente deserta. As únicas pessoas da aldeia

presentes eram Boyd McCracken, o irmão mais velho de Myles, que herdara uma das piores granjas da Irlanda, e Tim, filho dele, um garoto de quatorze anos, a quem eu mal conhecia.

Alguns bancos tinham sido afastados e haviam sido feitas camas no chão. Havia uma cozinha improvisada. As janelas estavam cobertas para que não se visse luz do lado de fora. Num canto atrás do púlpito, havia vinte mochilas do mesmo tipo daquelas com que havíamos treinado.

Ficamos por ali, ainda mais cheios de curiosidade e recebemos ordem de não sair da igreja. Houve muitas conversas na sacristia, entre Conor e alguns dos outros. Afinal, fomos chamados.

Um semicírculo de castiçais acesos estava colocado em volta de um quadro-

negro perto do altar. Conor fez a giz uma espécie de mapa e então nos disse: — A partir de agora, todos ficarão dentro de regime da mais absoluta segurança — disse ele. — Durante o dia, deverão permanecer na igreja. À

noite, poderão ir até ao pátio. Há guardas lá fora com ordens de atirar em quem quiser ir mais adiante.

Era de fato Conor Larkin, um comandante militar, quem falava. Não havia em sua voz o menor traço de bom humor ou de cordialidade, mas apenas uma manifestação da autoridade que a situação exigia e contra a qual ninguém reclamava.

— Estamos na aldeia de Ballyutogue — continuou ele. — É a minha aldeia e a de Seamus O'Neill. Quase todos os

habitantes estão recolhendo sargaço no mar, segundo um direito que lhes é concedido anualmente.

Nenhum contato deve ser feito com quem ficou. O Padre Cluny e Boyd McCracken têm usado esta igreja e a casa de Boyd como locais de confiança desde muitos anos.

O som mais alto que se ouvia era o das chamas crepitantes. A igreja estava banhada numa luz suave, que dava um tom alaranjado às imagens da Virgem e de Jesus.

— Todos devem ter presumido a esta altura algumas coisas — disse Conor. — O nosso objetivo fica nas imediações desta área, teremos de atravessar a água para atingi-lo e faremos isso à noite. As três suposições estão certas.

Voltou-se para o quadro-negro e marcou com um círculo um ponto no mapa que tinha feito.

— Vamos destruir o castelo de Lettershanbo.

Meu Deus! *Deus Todo-Poderoso!* Senti o suor correr-me pelas palmas das mãos, ao mesmo tempo que a língua ficava seca e o estômago se contraía num espasmo indisfarçável de medo. Não quis olhar para os outros, mas tive certeza de que estavam sentindo o mesmo que eu.

— Muito bem, atenção! O que nós buscamos é cinquenta mil fuzis, três mil armas automáticas, morteiros, e um depósito de trezentas toneladas de dinamite. Este lugar que estou marcando no mapa é Ballyutogue, nossa atual localização. Amanhã, ao cair da noite,

iremos para a costa em dois caminhões. O primeiro será dirigido por um irmão local e o outro, que terá instalações de pronto socorro, será dirigido por Atty.

Ela fez um sinal de assentimento.

— Iremos até este ponto um pouco adiante de Ballybrack House, uma pequena enseada conhecida como Cova de Ballybrack. Lorde Louie dará a vocês os pontos da bússola ali. Boyd e os irmãos daquela área têm cinco *curraghs* escondidos lá para a travessia. A data de amanhã foi escolhida em função da lua, da maré e das condições do tempo. Alguma pergunta?

Não houve perguntas.

— Lorde Louie e Gilmartin foram avisados da travessia pouco antes desta reunião. Louie?

Continuando a parecer um pouco estranho em nossa companhia, Lorde Louie se levantou.

— Tudo deve correr como correu durante os treinos. Fizemos muitas manobras em águas revoltas e sabemos o que nos espera. Talvez lá o mar seja um pouco mais agitado. Mas, ainda em condições adversas, a travessia não deverá durar mais de meia hora. Prestem atenção à deriva, não tirem os olhos da bússola e vistam os coletes salva-vidas.

— Faremos a travessia com as turmas como foram treinadas e na mesma ordem — disse Conor. — Dan, Seamus, Charley Hackett e eu no primeiro barco. A turma de Gilmartin no segundo barco. Lorde Louie no terceiro e assim por diante. Boyd irá no barco de Gilmartin.

Conor marcou outro ponto no mapa do quadro-negro.

— A nossa direção será esta torre abandonada. O desembarque deve ser semelhante aos que fizeram na Ponta de Slyne, com arrebentação forte, correnteza traiçoeira e fundo de pedras. Puxem os barcos para terra firme, ponto de encontro na torre. Alguma pergunta?

— Há certeza de que a área não é patrulhada?

— Não é — disse Boyd McCracken. — Fiz três viagens por lá, a última na noite passada. A torre está abandonada e o ponto de desembarque não é guardado.

— E a Marinha Real? Não há um barco de patrulha no estuário do Foyle, especialmente para perseguir pescadores furtivos à noite?

— Darren Costello e os rapazes de Derry estarão executando uma manobra de despistamento, destinada a bloquear a Marinha Real no porto e impedi-la de entrar no estuário — disse Conor. — Haverá também uma manobra diversionista contra o quartel de Greencastle, embora a maior parte da tropa esteja em manobras nas montanhas. Desse modo, teremos de enfrentar apenas uma força simbólica.

Murmúrios de satisfação acolheram as palavras de Conor, pois compreendíamos quanto cuidado fora dispensado à elaboração dos planos.

— Como sabem, as torres como essa que está abandonada e perto da qual vamos desembarcar foram construídas pelos ingleses como pontos de defesa da

costa contra uma possível invasão de Napoleão. Embora não possam resistir aos canhões navais de hoje, ainda são notáveis. Dan e Gilmartin estabelecerão lá uma metralhadora para cobrir a nossa travessia de volta.

Foi até o púlpito e apanhou uma mochila.

— As mochilas com que treinaram tinham quinze quilos de pedras. As pedras foram retiradas e substituídas por dinamite. As mochilas são impermeáveis e não há risco de uma explosão espontânea, mas, por favor, não risquem fósforos perto delas.

Houve risos nervosos.

— Da torre, desceremos a margem até este ponto, onde há uma zona de grutas e penhascos. Com a maré baixa, entraremos

em determinada gruta com água pela cintura. Depois de trinta metros dentro da gruta, teremos de andar de rastros, com a barriga no chão, uns cinquenta metros.

Depois disso, há um túnel para Lettershanbo.

Outra onda de comentários fê-lo parar um momento. Enquanto Conor falava, eu me havia lembrado dos tempos em que íamos colher sargaços e andávamos no encalço de uma pequena... como era mesmo que se chamava?

— Calculamos que não levaremos mais de meia hora da entrada da gruta até ao castelo. Eu ficarei na gruta para desenrolar os fios e ligar os detonadores. Charley e Boyd guiarão vocês até o castelo. Quando chegarem ao fim do túnel, encontrarão uma parede de tijolos. Quer

tomar a palavra, Boyd?

— Certo — disse Boyd. — Vivi dentro da gruta e do túnel durante três dias. Conor me encarregou de desbastar a argamassa da parede de tijolos, naturalmente porque eu já trabalhei numa pedreira. Trabalhando em silêncio e apenas com um canivete, pude afastar os tijolos e passar.

Depois de passarmos, chegaremos a uma lareira, numa sala do porão. O

objetivo fica mais adiante num corredor. Pude andar por lá sem ser visto.

O porão parece não ter guarda nem patrulha regulares. Apesar disso, deveremos ter todo o cuidado para não fazer barulho.

Boyd levantou um par de sapatos com solas de borracha para pisarmos nas

pedras escorregadias da praia e no chão de pedra do castelo.

— Temos uma pilha destes sapatos na sacristia. Experimentem um par que lhes sirva.

— Charley — disse Conor.

Charley Hackett, um homem grisalho, apagou o que estava escrito no quadro-negro e traçou um esquema do porão do castelo.

— A sala da caldeira é esta — disse ele. — Na remodelação, instalaram um dispositivo de aquecimento central com canos de ar quente para todos os compartimentos de Lettershanbo. Sou capaz de apostar que esses canos transmitirão a explosão como uma rede telefônica. Se Deus quiser, a dinamite se encaminhará para as trezentas toneladas

de dinamite que a Força de Voluntários do Ulster guarda ali e levará tudo pelos ares.

— E se não der resultado, Charley?

— Teremos esse trabalho todo apenas para despedaçar algumas janelas.

— Que é que você acha?

— Não, não darei a minha opinião.

Entretanto, há um homem que entende de dinamite, cuja opinião prezo muito e com quem concordo plenamente. Ouçam bem: depois de entrarem no castelo, movam-se com rapidez e em silêncio, deixem as mochilas na sala da caldeira e voltem o mais depressa possível para a gruta. Jennings, Pendergast e eu ficaremos para fazer as ligações. Levaremos nisso dez minutos.

Conor tomou a palavra de novo.

— Dois corredores vão dar na sala da

caldeira. Boyd sabe disso.

Seamus estará armado de uma metralhadora portátil, caso apareça alguma companhia indesejável. Lembra-se? Uma noite, tiramos a sorte em Dunleer sem eu dizer para que era. A sorte indicou você, Seamus, para o posto mais perigoso de toda a operação...

— E sempre assim... — não pude deixar de murmurar.

— Você será o último a voltar pelo túnel. Terá de vir correndo porque, depois que você sair, os fios da detonação ficarão sem guarda durante dez minutos. Se os fios forem descobertos e cortados, todo o nosso trabalho será inútil. Se houver um ataque, você terá de proteger os fios.

Não posso dizer que foi aquele o

momento em que senti mais medo em toda a minha vida, porque estava reservando um pouco para o dia seguinte. Eu sabia que, apesar das reservas de Conor sobre o assunto, eu ia ter uma conversa confidencial com Jesus e Maria... Consegui dominar-me, fiz uma pilhéria para atenuar a tensão, mas senti um começo de náusea, que era puro medo.

— Nós nos reagruparemos na torre — disse Conor — e passaremos para este lado de Inishowen, deixando, segundo esperamos, tamanha confusão em Lettershanbo que ninguém pensará em perseguir-nos. Atty e um dos irmãos de Ballyutogue ficarão na Cova de Ballybrack com os dois caminhões. Ela ficará até uma hora antes do amanhecer ou quando tiver certeza de que todos

voltamos. Seremos trazidos aqui para a igreja e depois passaremos para a casa de Boyd.

— Que fica em boa posição no alto da charneca — disse Boyd.

— De lá, o jovem Tim os guiará para as montanhas. Fiquem certos de que não serão encontrados. Atty lhes entregará o dinheiro para as despesas necessárias. Deverão deixar as montanhas separadamente e em direções diferentes.

Conor continuou: — Iremos amanhã. Não poderá haver adiamento. Tudo foi feito para combinar com a ação de Darren Costello em Derry e não temos meios de comunicar-nos com ele. Se encontrarmos um mar ruim e um de vocês cair na água, não vamos parar para socorrê-lo. Se ficarem feridos no castelo a tal ponto que

não possam locomover-se, serão deixados lá. Se necessitarem de cuidados médicos aqui, serão deixados também. Todos se ofereceram voluntariamente sabendo que se tratava de uma missão suicida. Fizemos tudo o que era possível para trazê-los de volta vivos.

Quem for capturado, deverá lembrar-se de que jurou segredo. Se disser alguma coisa aos ingleses e eles não o matarem... a Irmandade matará.

Está tudo claro?

Sim, estava brutalmente claro.

— Dan — disse então Conor.

Long Dan Sweeney tivera força de vontade para não ser uma carga para ninguém durante a viagem, mas era evidente que as dores o estavam acabando diante dos nossos olhos.

— Rapazes e minha menina, nunca pensei que ainda veria o dia em que vinte irlandeses preparassem alguma missão sem criar a mais completa confusão. Entretanto, estamos aqui e dentro em breve entraremos em ação. Não interessa que a explosão que vamos produzir não seja ouvida no resto do mundo. Bastará que seja ouvida em Londres. A guerra foi usada pela Mãe dos Parlamentos para continuar a negar os legítimos direitos do povo irlandês. É inteiramente justo que usemos os processos da guerra para fazer valer os nossos direitos. O êxito de nossa missão poderá ser a realização ou o encerramento dos nossos objetivos para a atual geração de irlandeses. Façam bem o que têm de fazer. Este momento pertence a todos nós e ao povo irlandês também, mas

a alguém em particular. Tem algumas palavras a dizer-nos, Conor Larkin?

Estava assim tudo em volta do universo, em volta do círculo da vida.

Tudo começa e termina no mesmo lugar, não é mesmo? Conor e eu em Ballytogue... Todos nós sempre acabamos voltando para casa. Ali estava ele diante de nós. Não era mais o severo comandante. Parecia mais um rapaz que continha suas emoções... muito afastado de nós... e como era estranho... Cercávamos homens que o idolatravam e uma mulher que o amava mais que com amor. Ele parecia desconhecer tudo. Sentir-se-ia afinal realizado? Teria obtido ao menos uma resposta ao fim de sua longa e dolorosa jornada? Como era bom estar ao lado de Conor naquele momento! Eu não

trocaria aquilo por coisa alguma, nem mesmo pelo dia do levante.

— Se algum entre vocês não voltar, a culpa será minha pois não fui suficientemente competente, nem completo. Querem algumas palavras?

Ora, há muita literatura magnífica e muitas baladas que falam do nosso anseio de liberdade. Que posso acrescentar a tudo isso? Como católicos, aprendemos desde crianças a aceitar mistérios, que não eram mistérios.

Mas há um mistério que desafia todas as tentativas de explicação.

Não há mistério mais profundo do que o amor do homem pela pátria. É um mistério da mais terrível beleza. Não houve maior tragédia para o nosso povo do que ter perdido, através de gerações de

sofrimentos por mãos alheias, esse amor ardente da pátria... Procuraremos amanhã reacender essa chama vacilante!

O ar estava doce e frio em torno da sepultura de meu pai. Sentei-me ao lado dele, imaginando que tinha uma flauta na mão e que tocava uma ária de dança para fazê-lo sorrir.

Pressenti algum movimento perto de mim, no canto dos Larkins, e vi os vultos de Conor e de Atty. Fiquei siderado com a presença deles e cometi o pecado imperdoável de escutar o que diziam.

— Oh, Deus! Abrace-me, homem!

Atty começou a chorar baixinho nos braços de Conor e ele então lhe disse por entre as sepulturas: — Vejo outra verdade, que só me chegou ao espírito

aqui e agora.

Quando se ama a pátria, deve-se procurar viver além do seu próprio e insignificante momento mortal. Aqui estou entre todos eles e talvez dentro em breve venha unir-me a todos. Minha mãe... meu bisavô Ronan...

meu avô Kilty... e meu pai... Estive pensando que nós, os Larkins, tenhamos chegado ao fim da Irlanda. Brigid é estéril, Dary é padre e os filhos de Liam nunca saberão que são irlandeses. Sei que tentei cometer crime de não ousar precisar de você, mas precisei sempre e preciso agora.

Quero voltar e pensar que você está com um filho meu.

— Sou fértil como as planícies do Kansas, mas não tarde muito — disse ela.

— Voltarei, sim, porque agora sei da verdade. Todos os fantasmas, todas as peregrinações e os infernos das dúvidas se resumem em você, Atty... É por você que eu chamarei no momento da morte.

# 16

Nosso equipamento foi conferido duas ou três vezes. Recapitulamos pontos de encontro, itinerários, horários e os deveres de cada qual durante o dia inteiro. De hora em hora, uma informação sobre as condições do tempo nos era dada por um observador, colocado num ponto alto de onde se descortinava todo o estuário.

No fim da tarde, o barco de patrulha inglês foi visto rumando para o sul, na direção da boca do rio e de Derry. Sabíamos que ficaria ali até à noite, quando sairia à procura de pescadores furtivos.

Quase todos nós tínhamos abandonado

a Igreja em vista das nossas tendências republicanas, mas devo dizer que houve muita gente que rezou diante do altar, sem o menor constrangimento, à medida que a hora da ação se aproximava. Tentamos dormir, mas foi impossível conciliar o sono e a última refeição se fez diante de uma falta de apetite geral.

O primeiro choque ocorreu quando Conor nos ordenou energicamente que arrumássemos a igreja e apagássemos qualquer vestígio de nossa presença. Lorde Louie voltou do seu posto de observação do tempo, aborrecido com o fato de que as nuvens se estivessem acumulando no céu. Muitos receberam bem a notícia, pois precisávamos mesmo de uma boa cobertura de nuvens. Mas eu conhecia aquele lugar e Conor também.

Percebi, da maneira pela qual ele recebeu a notícia, que receava que uma tempestade viesse atrás das nuvens.

As primeiras sombras da noite se espalhavam pelo céu. Darren Costello e cinco homens da Irmandade Republicana Irlandesa de Derry tiraram um carro de entregas roubado do seu esconderijo num depósito de batatas abandonado em Quigley's Point, na estrada da costa. Nos dois lados do carro fora pintado de novo o letreiro *Knockdara Livery Company*.

Costello dirigiu o carro, tendo ao lado seu filho Cassidy. Os outros quatro se acomodaram na parte de trás e o carro seguiu para o cais de Derry, no ponto das docas de Caw & Train, onde o *Glória do Ulster* estava atracado.

Desde o seu famoso contrabando de armas à luz do dia, o barco alemão se tornara famoso. Como um novo símbolo dos sitiados, milhares de colegiais e orangistas tinham ido visitá-lo. Edwin Cowley, um homem empreendedor que já fora grão-mestre da Ordem de Orange, transformou o *Glória do Ulster* num navio de recreio, que era alugado para passeios através do estuário por grupos unionistas e orangistas.

O cais estava quase deserto na hora em que o carro de entrega parou ao lado do navio. Costello sabia que deveria haver a bordo apenas um vigia. Ajudado pelo filho, apanhou duas caixas de chá na parte de trás e se dirigiu para a prancha.

— Alô! — gritou Darren. — Alguém a bordo?

Pouco depois, o velho vigia apareceu a uma das janelas da casa do leme.

— Que é que há? — perguntou ele.

— Duas caixas de chá que vim entregar — respondeu Darren.

— Chá? Quem foi que pediu chá?

— O Sr. Edwin Cowley. É para o passeio da Liga de Temperança no domingo.

— E isso é hora de fazer entrega?

— Desculpe. Não vim mais cedo, porque meu carro enguiçou.

— Está bem, deixe as caixas no convés. Cuidarei delas depois.

— Desculpe, amigo, mas preciso que passe o recibo na fatura. Vou levar até aí em cima.

Darren e o filho subiram a escada para a casa do leme. Cassidy encostou

uma pistola na barriga do homem e Darren encostou-lhe à nuca o cabo do cachimbo.

Darren saiu da casa do leme e assobiou. Três dos seus homens entraram no navio e soltaram os cabos, enquanto o terceiro se afastava com o carro.

Minutos depois, o *Glória do Ulster* estava de fogos acesos e descia lentamente o rio Foyle. O Parque de S. Colombano no lado protestante do rio estava cheio de gente. Ao verem o *Glória do Ulster*, muitas pessoas deram vivas e adeuses. Darren tocou o apito do barco em resposta.

Passaram pelas docas navais, onde o barco de patrulha estava recebendo a sua tripulação para o serviço noturno. Quando o rio se alargou depois do farol de Clooney, o vigia foi carregado para a casa

das máquinas. Costello não queria que fosse assim, mas o homem podia depois identificá-los. Foi morto com um tiro de pistola na cabeça.

Cerca de um quilômetro e meio a montante, o rio se estreitava muito num ponto chamado de Boom Hall. Naquele lugar, as forças do Rei James tinham bloqueado a entrada durante o sítio de 1689, impedindo com isso a chegada de abastecimentos pelo mar. Aproveitando-se desse precedente histórico, Darren Costello manobrou o navio até colocá-lo de lado no estreito canal e então abriu as válvulas, fazendo-o afundar no mesmo lugar.

O *Glória do Ulster* afundou nos baixios, impossibilitando a passagem e prendendo o barco da patrulha em Derry.

Remaram para a praia, foram até o carro de entrega que os esperava em Limavady Road e fugiram.

Dez minutos depois, a guarda de três homens no quartel de Greencastle foi pronta e eficientemente suprimida.

No mesmo instante em que o *Glória do Ulster* afundava, os dois caminhões chegaram à Cova de Ballybrack onde os *curraghs* estavam escondidos no mato. Nós os levamos para a beira da água, carregamo-los com o nosso equipamento e esperamos que a noite caísse. Conor nos reuniu para explicar o papel desempenhado por Darren Costello e dizer que podíamos riscar das nossas preocupações o barco da patrulha.

Continuou, consultando o relógio

quase de minuto a minuto e olhando para o mar, cada vez mais inquieto com as suas águas revoltas.

Estava muito picado e das grossas nuvens no alto começaram a cair as primeiras gotas de chuva. Em geral, daquele ponto avistava-se Lettershanbo mas, naquele momento, era impossível avistá-lo.

Eu tinha feito a viagem num pavoroso estado de ânimo, sem me atrever sequer a fazer um movimento. Quando Lorde Louie nos deu os rumos da bússola, senti uma estranha calma. O que me salvou do pânico foi um curioso senso de irrealidade que me pareceu envolver tudo.

Sentia-me desprendido do perigo, numa espécie de euforia que me deixava imperturbado. Teria eu encontrado o

segredo da coragem dos homens sob o fogo?

Conor passou o braço pelo meu ombro e me levou para um canto.

— Desculpe ter sido você o escolhido, Seamus.

— Tinha de ser alguém.

— Bem, procure não acordar a guarda e corra pelo túnel o mais depressa possível.

— Não se preocupe, Conor. Olhe, estou com um peso na consciência.

Ouvi o que você disse a Atty no cemitério esta noite.

— Até hoje, só pude guardar um segredo de você, Seamus — disse ele, referindo-se ao nosso destino durante o período de treinamento em Dunleer. — Ainda assim, quase lhe disse tudo. Ouviu

então?

— Ouvi. Você disse a verdade?

— Quero voltar, Seamus, e quero ter filhos com aquela mulher.

— Magnífico.

Apesar da euforia, olhei para as nuvens negras e meu medo redobrou.

A mão de Conor pousou em meu ombro.

— Você não está sozinho — disse ele.

Curioso, eu nunca pudera imaginar Conor Larkin com medo...

Deixou-me e foi falar com Atty.

— Até mais tarde — disse ele a Atty.

— Estarei aqui à espera — disse ela.

Havia tanto amor nos olhos dela que era evidente que ela o perdoaria, ainda que soubesse que tudo o que ele tinha dito era mentira.

— Pode esperar.

— Todo o meu amor para você,  
Conor.

Eu ouvi as palavras dela, mas Conor não pôde ouvir, pois já estava à beira da água. Deu-me uma palmada e entrou num lado do *curragh*.

Entre, Dan! Vamos, Charley! Segure bem o rolo de fio na saída.

Felicidade, rapazes!

Empurramos o barco para a água, embarcamos rapidamente e tomamos os remos. Até os remos são estranhos nos *curraghs*. Não têm pás e são feitos para roçar as marés e as correntes. Dentro de alguns segundos, a proa erguida fendeu a espumarada de uma onda e desapareceu das vistas de quem estivesse na praia.

A travessia não devia durar mais de

vinte minutos, mas no meio do canal o vento soprava do alto mar e nós fomos açoitados de um lado para outro sobre as ondas. Descíamos e subíamos violentamente a cada instante. Charlie Hackett levava a bússola e retificava de vez em quando o nosso rumo. Dan procurava avistar em vão os outros *currags*. Cada tripulação lutava por conta própria. Eu e Dan começamos a esgotar a água que enchia o *curragh*, ensopados até aos ossos, enquanto o barco dançava nas ondas como um pedaço de cortiça.

Ouvimos no centro do canal gritos apavorados.

— Alguém afundou! — exclamou Charley.

Os gritos continuaram.

— Vamos ver quem foi, Conor! — disse Charley.

— Sente-se e cale-se, Charley! — ordenou Dan. — Sente-se!

— Reme, Seamus! — gritou Conor, rangendo os dentes e não tomando conhecimento dos gritos desesperados de socorro. Uma onda mais forte quase dobrou o barco pelo meio e tivemos muita dificuldade em mantê-lo flutuando. A água entrou pelo costado do barco, ameaçando despedaçá-lo.

— Avance de lado, Seamus!

Rodamos num círculo convulso. Conor me empurrou para o lado e me tomou o remo. Conseguiu controlar o barco, enquanto eu esgotava a água em companhia de Dan e Charley. Conor avançava por entre as ondas, como seu

pai teria feito.

— Estou avistando terra! — disse Charley.

— Cuidado que a chegada pode ser violenta — disse Conor. — Charley e Seamus, preparem-se para saltar quando eu mandar. Segurem a proa e não a deixem bater em terra.

De repente, aproximando-nos da praia no alto de uma onda alta e impetuosa. O barco foi catapultado mais perto... mais perto...

— Já!

Charley e eu entramos na água até ao pescoço e então subimos para levantar a proa e impedir que o barco se despedaçasse. Perdi o pé, mergulhei, tornei a levantar-me. Firmei os pés nas pedras, bebi água e senti dores em todo o

corpo ao embate das ondas. Vi Conor ao meu lado, fazendo força também.

— Corra para a praia! — gritou-me ele.

Avançamos. O *curragh* deslizou ao chegar à areia, como se estivesse escorregando sobre vidro. Dan desembarcou e nós quatro fizemos força, levando o barco para lugar seguro. Tiramos a metralhadora, a caixa de munições, o rolo de fio e a armação para carregá-lo.

Caímos de joelhos, permitindo-nos o luxo de um minuto para descansar o corpo e respirar.

— Muito bem. Dan e Charley, armem a metralhadora. Seamus, leve o barco para detrás da torre.

Tínhamos chegado em terra, a cerca

de cinquenta metros de nosso destino. Conor estava dentro da água, procurando avistar os outros barcos.

Foram chegando. O segundo *curragh* abicou a uns quinhentos metros de distância. Vimos os ocupantes desembarcar cambaleantes. O barco se despedaçou todo na chegada à praia.

Conor encaminhou-os para a torre.

Depois, chegou Gilmartin que, juntamente com Lorde Louie, era o melhor marinheiro. Colocou o seu barco em segurança e então caiu de borco no chão. Conor arrastou-o pela praia com a minha ajuda. Sabíamos que um barco havia afundado, mas faltava um. Conor me mandou levar Gilmartin para a torre.

— Vou voltar para procurar o outro barco — disse Conor.

— Espere... — balbuciou Gilmartin.

— Espere...

— Falta ainda um barco...

— Não. Dois afundaram. Eu vi.

Pendergast foi lançado à água.

Peguei-o quando ia passando. Estava morto.

— O outro...

— Lorde Louie. Quase se chocou conosco. Depois, partiu-se pelo meio...  
Oh, Jesus!

— Cale a boca! — gritou Conor. —  
Vamos para a torre!

Um grupo curioso e cauteloso se aproximou do *Glória do Ulster*.

Constavam dele pessoal da Marinha e da polícia e autoridades do porto.

Uma busca do navio não deu resultado

algum. O vigia morto estava escondido numa parte inacessível, tomada pela água.

Edwin Cowley, o proprietário, chegou afinal ao local. Houve rápidas consultas. Cowley declarou que tudo não podia deixar de ser obra dos desordeiros católicos que moravam do outro lado do rio. Foi também evidente a Cowley que aquilo era um insulto a tudo o que havia de bom no Ulster e na Coroa. Saiu do seu navio semi-afundado, à procura de seus colegas de Orange. Naquela noite, haveria um ataque ao Bogside para compensar tudo.

— Só nos restam cerca de cem quilos de dinamite — disse Charlie Hackett depois de fazer a verificação.

— Será bastante?

— Só saberemos depois da explosão.

— Muito bem — disse Conor. — Carreguem tudo. Vamos todos, exceto Dan. Você, por enquanto, vai ter de tomar conta da metralhadora sozinho.

— Certo — disse Dan, secando os óculos, pondo-os e enxergando muito pouca coisa à sua frente.

— Temos um bocado de tempo para ganhar — disse Conor. — Vamos.

A tempestade, que nos tinha perseguido durante a travessia a ponto de matar alguns dos nossos, passara a ser nossa aliada, com a sua cobertura protetora. Conor modificou o plano original, segundo o qual teríamos de rastejar da praia até às grutas. Ordenou que, ao invés disso, corrêssemos e tão depressa quanto fosse possível.

Conor e Charley Hackett ficaram com a parte pior, tendo de correr com o peso de quase cem quilos do rolo de fio dentro da armação. Boyd McCracken não teve dificuldade em levar-nos à gruta certa. Seguimo-lo patinhando dentro da água, alcançamos a parte mais funda e chegamos de novo ao chão seco, onde nos estendemos para descansar.

Acendeu-se uma vela. Cintilações de rocha revelaram um covil de gnomos. Boyd apontou uma abertura minúscula. Conor amarrou uma corda à armação dos fios e passou-a depois em torno do próprio corpo como um cavalo em arreios. Seguimos Boyd um após outro, arrastando-nos com a barriga no chão. Foi uma verdadeira agonia. Com quinze quilos de dinamite às costas e mais uma

metralhadora portátil e a munição, havia pontos em que o espaço disponível se estreitava a trinta centímetros por trinta centímetros. Rochas pontiagudas me roçavam a carne e a mochila. A escuridão agravava o horror da viagem.

Eu ouvia Conor gemer ao puxar a armação dos fios.

— Desmoronamento — disse Boyd à frente, dentro da escuridão.

Avistei a débil luz de sua lanterna enquanto ficava encerrado na rocha e sentindo um começo nauseante de claustrofobia. Boyd tornou a falar e disse que podia afastar a obstrução com as mãos. Rezei em ação de graças quando a coluna recomeçou a avançar.

O torturante caminho se alargou numa pequena caverna. Não havia tempo para

tornar a descansar. Conor, ainda na passagem, passou a corda às nossas mãos e todos nós puxamos ao mesmo tempo para fazer passar a armação. Toda a nossa força foi necessária. Quando a armação chegou à caverna, estava com a cobertura dilacerada, embora esta fosse constituída de quatro camadas de pano.

Conor acendeu a lanterna na caverna.

— Ê aqui a entrada do túnel — disse ele. — Vamos ter de improvisar algumas modificações. Boyd irá à frente, Charley depois com um minuto de intervalo, em seguida Seamus e depois Pete. Se o fio se prender, o homem que estiver na frente deverá retroceder até encontrar o ponto de obstrução. Eu manejarei o rolo daqui sozinho.

Conor havia mais uma vez escolhido

uma tarefa difícil, que teria cansado dois homens. Firmou-se para sustentar cem quilos nas mãos enquanto Boyd entrava no túnel com o fio. Um atrás do outro, levamos o fio, avançando pelo túnel de quatro.

— Lá está — disse Boyd, iluminando com a sua lanterna a parede de tijolos. — Vou carregar o fio. Siga-me, Charley. Gilmartin, fique aqui e de fio. Há uma curva fechada. Darei três puxões no fio para saberem que eu cheguei à sala da caldeira.

Trabalhando como um arrombador de cofres diante de um segredo, Boyd McCracken retirou alguns tijolos da parede e fez uma abertura que dava passagem para uma pessoa. Boyd tirou a pistola. Seguido pelos outros, passou pela

abertura, curvou o corpo e passou para os fundos de uma lareira, depois do que transpôs a mesma.

Chegamos a uma sala enorme, imersa em escuridão apenas dissipada pela lanterna na mão de Boyd McCracken. Virou a lanterna para os nossos rostos, contando quantos éramos. Faltava apenas Gilmartin, que estava cuidando do fio no túnel. Passamos pelo chão de pedra até uma grande porta de madeira cujo ferrolho foi corrido. Uma luz entrou na sala vinda do corredor quando nos agrupamos atrás de Boyd.

Ele olhou. O corredor estava deserto. Apontou para outra porta a dez metros de distância e seguiu para lá, encostado à parede. Fomos atrás dele e nos reunimos de novo às suas costas atrás da porta da

sala da caldeira.

Boyd entregou a ponta do fio a Charlie Hackett, encostou o ouvido à porta e empurrou-a. Entrou de pistola em punho. Nada. Outro sinal e nós entramos enquanto ele acendia a única lâmpada que iluminava a sala.

Largamos e arrumamos as nossas mochilas diante do maior dos canos e nos afastamos. Como Pendergast sucumbira na travessia, Charley tinha apenas Jennings para ajudá-lo a ligar a dinamite dentro dos canos.

Quando os outros passaram no caminho de volta, Boyd e eu tomamos a nossa posição de retaguarda no ponto de junção dos corredores. Era uma posição perfeita com uma visão clara da entrada única para o porão.

Qualquer pessoa que pretendesse alcançar o fio teria de dobrar o corredor sem ver coisa alguma e cair diretamente sob a mira da metralhadora.

Os momentos correram com brutal lentidão... oito... nove... dez...

quinze... dezesseis... Vamos, Charley, depressa! Jennings passou por mim e fez sinal de que estava quase pronto.

Mais três minutos... Charley apareceu. No mesmo instante, tudo pareceu congelar-se. Uma sombra caía sobre os degraus no fim do corredor. Alguém estava descendo.

Ficamos atônitos. Hesitei uma fração de segundo e compreendi imediatamente o que devia ser feito. Fiz sinal a Charley Hackett e depois a Boyd McCracken para que voltassem pelo túnel.

Gilmartin estava perto da lareira e contava todos os que passavam.

Clurley e Boyd se aproximava no mesmo instante.

— Vamos — disse Charley.

— Onde está Seamus?

— Ele tem de ficar. Há alguém andando por aí.

Gilmartin teve um sobressalto e dispôs-se a voltar pela sala. Boyd agarrou-o.

— Não adianta todos nós morrermos. Entre no túnel, Gilmartin.

Ele vacilou por um momento e depois voltou-se e fugiu com os outros. Enquanto voltavam, lágrimas de agonia lhes corriam pelo rosto ao pensar no homem que tinham deixado a cobrir a retaguarda. Já estavam,

havia vários minutos, na passagem quando ouviram e pararam. Fogo de metralhadora.

— Oh, meu Deus!

— Vamos! Vamos! Temos de voltar para onde está Conor! Vamos!

Curvados e em agonia, precipitaram-se e chegaram à caverna em metade do tempo calculado.

— Faça explodir a carga! — gritou Charley a Conor, que estava diante do detonador.

— E Seamus? — gritou ele.

— Ligue! Ligue!

O corpo de Conor caiu sobre a caixa, com a mão no pistão e os olhos esgazeados.

— Seamus! Seamus! Seamus!

— A munição dele não dá para resistir

mais de um minuto. Faça a ligação antes que cortem o fio!

Charley Hackett aproximou-se do detonador. Conor levantou-se como um alucinado e apontou a pistola para a cabeça de Charley. Deu um passo atrás e fez girar a pistola, ameaçando os outros. Jogou então a pistola no chão da caverna, caiu de joelhos e deu um grito horrível...

— Perdão!

Jogou-se então sobre o pistão e fez a ligação.

Todos se entreolharam num terror mudo. Nada aconteceu. De repente, foram arremessados em torno da caverna como se fossem paus de fósforos.

Os olhos de Dan Sweeney se arregalaram porque ninguém nunca vira

nem a metade daquilo. A terra em torno da Ponta de Magilligan saltou como se tivesse sido despedaçada e arremessada no mar. A luz era uma claridade de mil infernos juntos. Destroços caíram sobre a torre abandonada, como uma chuva de granizo.

Outra explosão... outra... e mais outra...

Os camponeses que apanhavam sargaços na margem fronteira caíram de joelhos, apavorados. A explosão foi vista na costa da Escócia e iluminou o céu em Derry, a trinta quilômetros de distância. O mar foi violentamente agitado com um terrível fragor.

A tempestade tinha passado. Dan Sweeney olhou o campo aberto diante da torre. Minutos depois, ouviu o rumor

distante das sirenas.

Ali! Movimento na praia. Girou a metralhadora.

— Somos nós, Dan!

Dan deixou o seu posto, desceu os degraus e abriu a porta da torre.

Chegaram então cambaleantes Gilmartin, Conor Larkin, Charley Hackett, Boyd McCracken, Jennings e mais quatro, ainda atordoados, mesmo a distância, pelo impacto da explosão de trezentas toneladas de dinamite.

Trataram dos ferimentos, amarraram torniquetes, tomaram injeções de morfina, enrolaram bandagens. Ouviram-se latidos distantes de cachorros e viram-se luzes de lanternas.

— Leve-os todos, Gilmartin — disse Conor, cuja cabeça estava ensanguentada.

— Leve-os.

— Minha obrigação é ficar aqui com Dan.

— Sinto muito, mas as ordens são outras.

— Diga a ele para levar os outros — disse Gilmartin a Dan.

Dan agarrou Conor pelos ombros e sacudiu-o.

— Leve sua gente, Conor.

O sangue escorreu pelo canto da boca de Conor quando ele quis falar.

Limpou o sangue com as costas da mão.

— Pobre Pequeno. Tinha de ser ele. Ele tinha de vir...

— E Atty?

— Isso foi o mais cruel de tudo, acreditar num momento de loucura que

podia haver vida para mim antes da morte. Fiz o que tinha de fazer e basta. Não posso mais.

— Conheço esse sentimento — murmurou Dan, que em seguida se voltou para Gilmartin. — Parta o mais depressa possível e no maior silêncio. Larkin e eu vamos fartar-nos de terríveis belezas.

Quando os primeiros tiros sibilaram na direção da torre, Long Dan e Conor colocaram em posição a metralhadora. Gilmartin atravessou rapidamente a praia, arrastando o *curragh* maior para a água e fazendo embarcar nele os seus homens mais mortos que vivos.

— Somos todos atores absurdos numa peça diabólica — murmurou Conor. — Os ingleses matam os alemães em nome da liberdade dos belgas e nós vamos matar

ingleses em nome de nossa liberdade.

Colocou um foguete na pistola de sinais e disparou. A luz do foguete iluminou todo o campo e expôs o inimigo que avançava. A metralhadora começou a ceifar o inimigo. Mas o avanço continuava.

## GALLIPOLI, TURQUIA

As balas sulcavam o céu e um foguete iluminou de novo o campo de batalha. Christopher Hubble escorregou para o buraco lamacento, pensou um pouco, aproximou-se de rastos do oficial caído e virou-lhe o corpo. Ao clarão da artilharia, pôde ver-lhe o rosto. Era Jeremy. Seu irmão estava morto.

Fechou os olhos por um momento, enquanto o canhoneio erguia à sua frente

barragens sólidas de fogo.

— Major Hubble — disse um sargento, aproximando-se — Eles nos estão fazendo em pedaços. Quais são as ordens?

— Vamos fazer mais uma tentativa.

— Mas, Major, não vamos conseguir chegar àqueles ninhos de metralhadoras.

— Mais uma carga, meu velho, mais uma carga.

Chegou à borda da cratera, olhou para a direita e para a esquerda para ver o que restava do seu batalhão, levantou a pistola. Saltou no campo e avançou. Os outros o seguiram. Os turcos mantinham sobre eles, um fogo cruzado. O massacre continuava.

“O Rei e a Rainha lamentam

profundamente a perda que vós e os Fuzileiros de Coleraine sofrestes com a morte de vossos filhos, o Major Christopher Hubble e o Tenente Jeremy Hubble, em Gallipoli, a serviço da Pátria. Suas Majestades compartilham convosco da vossa dor.

Penburton, Secretário Particular  
Palácio de Buckingham”

A porta da torre foi aberta cautelosamente. Um grupo de soldados invadiu a escada circular, em rígido alerta. Em dado momento, o oficial que os comandava fez sinal para que parassem. Aproximou-se com a pistola voltada para os dois homens e disse com voz trêmula: — Vão chamar o comandante da companhia.

Um momento depois, o comandante da companhia subia a escada e parava ao lado dele.

— Só dois? — perguntou o comandante da companhia.

— Sim, só dois. Esgotaram a munição. O oficial ajoelhou-se primeiro ao lado de Dan Sweeney e, depois, de Conor Larkin.

*“Lá entre as campânulas azuis...  
Lá entre...  
...as campânulas azuis...  
Serei o senhor...”*

— O velho morreu, mas este parece que ainda está vivo...

*“Londondeny...”*

*Cork e Derry...  
Londonderry... ”*

— Veja! Ele abriu os olhos!

— Pode falar, rapaz? — perguntou o comandante da companhia. — Bem, pode estar orgulhoso do que fez. A sua resistência foi um espetáculo!

*“Shelley... Campânulas azuis...  
Shelley...”*

— Vou mandar buscar uma padiola para ele.

O comandante da divisão tocou Conor com a ponta da bota.

— Não é preciso... O pobre-diabo foi cortado pelo meio... Metade das tripas dele está no chão...

*“Papai, Papai, Papai, Papai...”*

— Dê-me sua pistola. Vou acabar com os sofrimentos dele.

*“Papai, Papai...”*

O tiro ressoou surdamente nas muralhas de pedra.

*“Papai, Papai... Atty... Atty... atty... atty... at...”*

## **EPÍLOGO**

Quando os ingleses entregaram os corpos de Long Dan Sweeney e Conor Larkin, o comandante da Irmandade

Republicana Irlandesa, Garret O'Hara, aproveitou a oportunidade.

Desrespeitando uma ordem do Castelo de Dublin, os dois foram colocados em câmara ardente na rotunda da Prefeitura de Dublin. Dan Sweeney era lembrado em casas, bares e escolas como um mártir irlandês do levante dos fenianos no século anterior, Conor Larkin ficara famoso em consequência do incidente de Sixmilecross. Tudo isso fora superado pela grandiosidade da destruição do castelo de Lettershanbo.

Com os seus capacetes sob a cúpula iluminada, doze homens do Exército Nacional Irlandês constituíam a guarda de honra.

Milhares de pessoas desfilaram em homenagem. Ao fim de três dias, o cortejo

fúnebre de Dan Sweeney reuniu cem mil pessoas, que marcharam em passo de cerimônia para o cemitério onde já descansavam Daniel O'Connell e Charles Stewart Parnell. Sweeney só foi enterrado depois que Garrett O'Hara fez um discurso que falava no “inesquecível feniano” e estava destinado a alterar o curso da história irlandesa. Falando na língua antiga, pregou o fim da tirania com extremo ardor. E por toda a terra ouviram-se clamores republicanos havia muito adormecidos.

Conor Larkin foi acompanhado até Derry num cortejo simples de um coche fúnebre e um carro, no qual ia Atty Fitzpatrick. Entretanto, em todos os lugares do caminho o cortejo teve de parar. Crianças depositaram flores sobre

o caixão, mulheres choraram e os homens da Irmandade Republicana e do Exército Nacional escoltaram o caixão até à localidade seguinte. Afinal, o Padre Dary Larkin fez o irmão descansar ao lado do pai, do cemitério de S. Colombano, em Ballyutogue.

Dez meses depois, alguns homens da Irmandade, à frente de algumas centenas de elementos do Exército Nacional Irlandês, organizaram um levante fracassado. Foi na Segunda-Feira de Páscoa de 1916 que se criou uma terrível beleza com uma declaração de independência. Os chefes do levante foram condenados à morte por um tribunal secreto, sendo fuzilados na prisão de Kilmainham, onde tinham sido presos Parnell, Wolfe Tone, Emmet e mais uma

centena de mártires irlandeses. Com a execução desses homens, os ingleses cometeram o erro de insultar o povo irlandês e transformaram o levante na mais gloriosa derrota irlandesa.

Depois de tudo isso, a República veio afinal a nascer entre as tristezas e os trabalhos que nunca abandonaram aquela terra trágica e bela. Porque acontece que na Irlanda não há futuro. Há apenas o passado que se repete indefinidamente...

\*\*\*